shakespearebrasileiro.org

Personagens

Saturnino, filho mais velho do último imperador de Roma, posteriormente proclamado imperador.
Bassiano, irmão de Saturnino.
Tito Andronico, general romano.
Marco Andronico, tribuno do povo e irmão de Tito.

Lúcio
Quinto
Márcio
Múcio
} filhos de Tito Andronico.

O Menino Lúcio, filho de Lúcio.
Públio, filho de Marco Andronico.
Emílio, nobre romano.

Semprônio
Caio
Valentino
} parentes de Tito.

Alarbo
Demétrio
Quirão
} filhos de Tamora.

Aarão, mouro amante de Tamora.
Um capitão, tribunos, mensageiros, um bobo; romanos.
Godos e romanos.
Tamora, Rainha dos godos.
Lavínia, filha de Tito Andronico.
Uma ama e uma criança negra.
Senadores, tribunos, oficiais, soldados e criados.

Cena

Roma e arredores.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Roma. Vê-se o túmulo dos Andronicos. Em cima, os tribunos e os senadores. Depois entra por um lado Saturnino com seus partidários, e por outro, Bassiano em companhia dos dele, com tambores e bandeiras.

SATURNINO · Nobres patrícios, da justiça amparo,
com armas defendei a minha causa!
E vós, meus compatriotas e ajudantes,
com vossos gládios defendei meus títulos
hereditários. Sou o primogênito
do que na fronte carregou por último
o diadema imperial de nosso burgo.
Que a glória de meu pai em mim prossiga,
sem de meus anos se tornar imiga.
BASSIANO · Romanos, companheiros, bons amigos,
defensores de minha justa causa,
se até hoje graça achou ante os reais olhos
da alta Roma Bassiano, descendente
de César, tomai conta da passagem
que vai ao Capitólio, não deixando
que a desonra se achegue ao trono altivo
consagrado à virtude, à continência,
à justiça e à nobreza. Brilhe o mérito
numa eleição honesta. A liberdade,
romanos, defendei com vossa escolha.

(Em cima entra Marco Andronico, com a coroa.)

MARCO · Príncipes, que por meio de partidos
e de amigos, buscais, ambiciosos,
o governo exercer, ficai sabendo
que os romanos, dos quais com muito zelo
defendemos a causa, por unânime
resolução na escolha de seu chefe
a Andronico indicou, chamado o Pio,
pelos serviços leais e numerosos
que a Roma tem prestado. Mais valente
guerreiro, mais nobre homem não se encontra
atualmente entre os muros da cidade.
Pelo Senado à pátria foi chamado
das duras guerras contra os godos bárbaros.
Com seus filhos, dos nossos inimigos
terror constante, subjugou um povo
de valor e adestrado nos combates.
Dez anos já passaram desde que ele,
tomando a peito a causa da alta Roma,
castigou com as armas a arrogância
de nossos inimigos. Recoberto
de sangue, cinco vezes veio a Roma,
dos campos de batalha carregando
em esquife seus filhos valorosos.
Agora, finalmente, carregado
de gloriosos espólios, volta a Roma
o mui famoso Tito, o alto Andronico,
em toda sua glória de guerreiro.
Concito-vos, pela honra de tal nome,
daquele para quem quereis um digno
sucessor, e também pelos direitos
do Capitólio e pelos do Senado,
que pretendeis honrar com deferência,
a retirar-vos, desistir da força,
dispersar vossos homens, para, humildes
e em paz, como compete a candidatos,
defender vossos méritos.
SATURNINO · Que efeito
sedativo em mim teve a bela fala
desse tribuno!
BASSIANO · De tal modo, Marco,
tenho confiança em tua integridade
nunca abalada, e tanto te honro, e estimo
teu nobre mano Tito e seus rebentos,
e aquela a quem meu pensamento acata,
a graciosa Lavínia, alto ornamento
de Roma, que aqui mesmo os meus amigos
devotados disperso e minha causa
a sorte entrego e à proteção do povo,
a fim de que ele a ponha na balança.

(Saem os seguidores de Bassiano.)

SATURNINO · Amigos que ampararam meu direito,
a todos agradeço e vos dispenso,
e ao amor e ao favor de minha pátria
me entrego, como entrego minha causa.

(Saem os seguidores de Saturnino.)

Roma, justa e graciosa sê comigo,
como confiante e bom eu sou contigo.
Abri as portas e deixai que eu entre.
BASSIANO · Como eu, tribunos, candidato humilde.

(Fanfarras. Todos se dirigem para o Senado.)

(Entra um capitão.)

CAPITÃO · Romanos, dai lugar! Eis que Andronico,
patrono da virtude, o mais valente
campeão de Roma, vencedor em todas

shakespearebrasileiro.org

as batalhas, retorna agora, rico
de glórias e fortuna, dos lugares
que ele delimitou com sua espada,
sob o jugo calcando os inimigos.

(Soam trombetas e tambores; depois entram Márcio e Múcio; a seguir, dois homens carregando um esquife coberto de preto; depois, Lúcio e Quinto. Logo após entra Tito Andronico; a seguir, Tamora com Alarbo, Quirão, Demétrio, Aarão e outros godos, prisioneiros. Soldados e povo. Os carregadores depõem o esquife no chão e Tito fala.)

Tito · Salve Roma, no luto vitoriosa!
Tal como o barco que mui longe havia
sua mercadoria transportado,
e com lastro precioso volta ao porto
de que muito antes a âncora soltara:
assim volta Andronico, coroado
com ramos de loureiro, para a pátria
saudar com lágrimas, porém com lágrimas
de verdadeiro júbilo, por causa
de seu regresso a Roma. Oh grande guarda
do nosso Capitólio, lança olhares
graciosos para os ritos que iniciamos.
De vinte e cinco filhos valorosos,
romanos — a metade, justamente,
do número dos filhos do Rei Príamo —,
contemplai os despojos miseráveis,
vivos e mortos. Recompense Roma
com amor os que vivem e com o túmulo
junto dos seus antepassados quantos
eu trouxe para o pouso derradeiro.
Somente aqui os godos consentiram
que eu embainhasse a espada. Por que causa,
tão cruel e indiferente ao próprio sangue,
Tito, consentes que, insepultos ainda,
teus filhos errem pela praia horrível
da Estige pavorosa? Abri caminho
para junto dos manos os depormos.

(O túmulo é aberto.)

Lá recebei a saudação silente
a que os mortos já se acham habituados
e em paz dormi, oh vós que perecestes
em defesa da pátria! Oh consagrado
depósito de minhas alegrias,
doce morada de ânimo e nobreza,
quantos filhos aí dentro vi caídos,
que jamais me serão restituídos!

Lúcio · Dos prisioneiros godos entregai-nos
o de mais alto brio, porque os membros
lhe decepemos e, num monte, as carnes
sacrifiquemos *ad manes fratrum*
ante a prisão terrena de seus ossos,
porque acalmadas fiquem logo as sombras,
sem que na terra venham perseguir-nos,
depois, os seus espectros.

Tito · Aqui te entrego
o mais nobre de todos, o primeiro
filho desta Rainha desgraçada.

Tamora · Parai, irmãos romanos! Vitorioso
Tito, conquistador muito gracioso,
tem piedade das lágrimas que eu verto,
por uma mãe vertidas por seu filho.
Se em algum tempo um filho te foi caro,
oh! não deixes o meu ao desamparo!
Não basta termos vindo para Roma
para dar brilho ao teu triunfal retorno
como tua cativa, e mais: dobrada
sob o jugo romano? É necessário
que na rua meu filho seja morto,
por ter com brilho defendido a pátria?
Se para ti dever sagrado é a luta
em defesa do Rei e da república,
conosco dá-se o mesmo. Não macules,
Andronico, com sangue o monumento.
Se a natureza queres ter dos deuses,
então faze como eles: sê bondoso,
que o penhor da nobreza é a própria graça.
Oh! poupa, Tito, o meu primeiro filho!

Tito · Acalmai-vos, senhora, e desculpai-me.
Os irmãos aqui vedes dos que os godos
viram vivos e mortos. Pelos mortos
eles exigem religiosamente
sacrifício condigno. Vosso filho
foi marcado para isso; morrer deve
para acalmar as sombras que partiram.

Lúcio · Levai-o logo e acendei presto a chama.
Após, com nossos gládios, na fogueira
os membros lhe cortemos, até serem
consumidos de todo.

(Saem Lúcio, Quinto, Márcio e Múcio, com Alarbo.)

Tamora · Oh! que piedade
cruel e irreligiosa!

Quirão · Em qualquer tempo
metade disso foi a Cítia bárbara?

DEMÉTRIO · Não compareis — oh não! — Cítia com Roma.
Alarbo foi para o repouso eterno;
mas nós vivemos para sentir medo
sob a vista de Tito ameaçadora.
Coragem, pois, senhora, mas ao mesmo
tempo esperai, que as mesmas divindades
que à Rainha de Tróia ensejo deram
de, por modo cabal, tomar vingança
do tirano da Trácia em sua tenda,
ajudarão Tamora, a soberana
dos godos — quando os godos eram godos
e Tamora Rainha — a, nos imigos,
vingar-se dos ultrajes sanguinários.

(Voltam Lúcio, Quinto, Márcio e Múcio com as espadas ensangüentadas.)

LÚCIO · Vede, pai e senhor, como cumprimos
os costumes romanos. Decepamos
de Alarbo os membros todos; as entranhas
dele as sagradas chamas alimentam,
cuja fumaça, parecendo incenso,
vai perfumar o céu. Só resta agora
sepultarmos os manos e com altos
cumprimentos em Roma os acolhermos.

TITO · Faça-se desse modo, e que dirija
Andronico a suas almas o adeus último.

(Toque de trombeta; o esquife é depositado no túmulo.)

Em paz e honra repousai, meus filhos,
defensores de Roma valorosos,
ao abrigo ficai aqui das dores
e das vicissitudes deste mundo.
Deste ponto a traição não vos espreita,
a inveja não se exalta, não prosperam
ervas malditas, não há tempestades
nem barulho; só calma e sono eterno.
Em paz e honra repousai, meus filhos.

(Entra Lavínia.)

LAVÍNIA · Em paz e honra viva o senhor Tito!
Viva com glória meu senhor e pai!
Vê como a este sepulcro trago as minhas
lágrimas tributárias, para os ritos
fúnebres de meus manos, e com lágrimas
de júbilo a teus pés ora me ajoelho,
por haveres voltado. Oh! abençoa-me
com tua mão guerreira, cuja sorte
os melhores romanos enaltecem.

TITO · Oh boa Roma, que me preservaste
com carinho o remédio da velhice,
para alegria ao coração trazer-me!
Que à glória de teu pai, e à senectude
sobrevivas, Lavínia, com virtude.

MARCO · Viva bastante o mano, o senhor Tito,
herói gracioso aos olhos dos romanos.

TITO · Agradecido, meu gentil tribuno,
Marco, meu nobre irmão.

MARCO · Sede bem-vindos,
também, sobrinhos, dessa feliz guerra;
os que viveis e os que dormis na glória.
Bravos senhores, sorte igual tivestes
todos quantos os gládios empunhastes
no serviço da pátria. Porém triunfo
mais brilhante é toda esta pompa fúnebre
que à dita de Solão deu cumprimento,
vencendo o acaso deste leito de honra.
Tito Andronico, o povo da cidade,
de que defensor leal sempre tu foste,
por mim te envia, seu fiel tribuno,
este pálio de brilho imaculado
e te convida para concorreres
à eleição para chefe do governo
com os filhos de nosso último monarca.
Sê candidato, pois; veste este manto
e dá cabeça a Roma que, nesta hora,
carece de cabeça.

TITO · A esse glorioso
corpo melhor ficara uma cabeça
que não tremesse de fraqueza e idade.
Por que envergar a toga e incomodar-vos,
ser, por aclamação, hoje escolhido,
amanhã resignar o trono e a vida,
e a todos aprestar novos trabalhos?
Roma, fui teu soldado quarenta anos,
conduzi com vantagem teus exércitos
e enterrei vinte e um filhos valorosos;
todos, no campo feitos cavaleiros,
de armas na mão tombaram como bravos,
a serviço de sua nobre pátria.
Dai-me um bastão, honroso para um velho,
não cetro de comando para o mundo:
soube empunhá-lo o que o empunhou por último.

MARCO · Tito, obterás o império, se o pedires.

SATURNINO · Orgulhoso tribuno, que disseste?

TITO · Príncipe Saturnino, ficai calmo.

SATURNINO · Romanos, sede justos; as espadas,

shakespearebrasileiro.org

patrícios, arrancai, sem que de novo
as embainheis, enquanto Saturnino
não ficar sendo imperador de Roma.
Andronico, antes para o inferno houvesses
ido, do que a tal ponto me privares
do coração do povo.
Lúcio · Saturnino
presunçoso, interrompes o magnânimo
Tito no que de bom te destinasse.
Tito · Calma, príncipe; vou restituir-te
o coração do povo, procurando
de si mesmo aliená-lo.
Bassiano · Não te adulo,
Andronico, mas te honro e hei de fazê-lo
enquanto vivo for. Se reforçares
meu partido com teus amigos certos,
agradecido te serei. Bem sabes
que o reconhecimento, para as almas
generosas, é nobre recompensa.
Tito · Povo de Roma, e vós, tribunos dignos,
peço vosso sufrágio e vosso apoio.
Para Andronico os concedeis de grado?
Tribunos · Para a Andronico sermos agradáveis
e celebrarmos seu feliz retorno,
o povo aceitará seu candidato.
Tito · Tribunos, obrigado. Ora vos peço
que seja eleito o filho primogênito
do imperador defunto, Saturnino,
cuja virtude, espero-o, sobre Roma
há de lançar sua luz como na terra
faz o Titã, deixando sazonada
nesta nossa república a justiça.
Assim, se vos guiais por meus conselhos,
coroai-o e a uma voz gritai comigo:
"Que viva muito nosso imperador!"
Marco · Com sinais de alegria os mais variados,
patrícios e plebeus, nós elegemos
imperador de Roma Saturnino,
gritando: "Viva muito Saturnino!"
(Prolongado toque de trombeta.)
Saturnino · Tito Andronico, pelo teu auxílio
hoje em nossa eleição, como o mereces,
os agradecimentos te apresento,
prometendo pagar-te a gentileza
por meio de atos claros. E de início,
Tito, para exalçar tua família
em tudo nobre, e tua própria fama,
de Lavínia farei minha consorte,
imperatriz de Roma, de meu peito
dominadora, e no Panteão sagrado
prometo desposá-la. Ouve, Andronico:
essa moção te deixará contente?
Tito · Sim, meu digno senhor; com esse enlace
considero-me honrado sumamente
por Vossa Graça. À vista, assim, de Roma,
a Saturnino, Rei e comandante
da república, imperador do mundo,
consagro minha espada, o carro e todos
os prisioneiros, dons em tudo dignos
do senhor imperial da grande Roma.
Recebe-os, pois, como tributos próprios;
aos pés te ponho os meus troféus honrosos.
Saturnino · Muito obrigado, muito, alto
Andronico, pai da minha existência. Quanto orgulho
sinto por tua causa e teus presentes,
Roma virá a saber; e caso eu venha
em qualquer tempo a me esquecer da mínima
parcela destes dons inestimáveis,
romanos, retirai-me vosso apoio.
Tito *(a Tamora)* · Prisioneira, senhora, sois agora
de nosso imperador, que, bem lembrado
de vossa posição e dignidade,
vos dará tratamento em tudo nobre
e a vossos seguidores.
Saturnino · Em verdade,
que dama encantadora! uma beleza
que eu escolhera, se tivesse ainda
de escolher outra vez. Bela Rainha,
clareai esse semblante nebuloso.
Conquanto os acidentes de uma guerra
a alegria te tenham conturbado,
não vieste para Roma a fim de que alvo
possas servir do opróbrio, pois tratada
serás como princesa em toda parte.
Fia-te no que eu digo, não deixando
que a tristeza te abata as esperanças.
Senhora, quem vos diz essas palavras
poderá vos deixar maior ainda
que a Rainha dos godos. Não vos causa
desagrado, Lavínia, quanto eu disse?
Lavínia · Não, senhor, pois uma real nobreza
vos garante as palavras, é certeza.
Saturnino · Doce Lavínia, muito agradecido.

shakespearebrasileiro.org

Vamos, romanos. Sem nenhum resgate,
libertemos os presos. Nosso título
proclamai com trombetas e tambores.
(Fanfarra, Saturnino, por mímica, faz a corte a Tamora.)
BASSIANO · Senhor Tito, com vossa permissão,
esta donzela é minha.
(Apodera-se de Lavínia.)
TITO · Como! Como!
meu senhor! Por acaso falais sério?
BASSIANO · Sim, nobre Tito, e resolvido, ainda,
a defender à força o meu direito.
MARCO · *Suum cuique,* é a justiça dos romanos;
só reclama o que é dele nosso príncipe.
LÚCIO · E há de obtê-lo, se Lúcio tiver vida.
TITO · Traição! traição! Onde se encontra a guarda
do imperador? Traição, senhor! Lavínia
foi surpreendida.
SATURNINO · Surpreendida, como?
Por quem?
BASSIANO · Por quem agora arrebatara
de todo o mundo a sua noiva cara.
(Saem Marco e Bassiano, com Lavínia.)
MÚCIO · Ajudai-nos, irmãos, a retirá-la;
com meu gládio defendo esta saída.
(Saem Lúcio, Quinto e Márcio.)
TITO · Príncipe, ide empós dela, que, de volta,
vo-la trarei já, já.
MÚCIO · Por este lado,
senhor, não passareis.
TITO · Menino à-toa,
como! Queres barrar-me a estrada em Roma?
(Apunhala Múcio.)
MÚCIO · Socorro, Lúcio! Aqui! *(Morre.)*
(Volta Lúcio.)
LÚCIO · Fostes injusto,
meu senhor, mais do que isso, pois matastes
numa querela injusta vosso filho.
TITO · Não, filhos meus não sois, nem vós nem ele.
Nunca meus filhos me desonrariam
por esse modo. Vamos, restituí
Lavínia, biltre, ao nosso imperador.
LÚCIO · Morta, se o desejares, porém nunca
para ser sua esposa, por achar-se
prometida para outro.
(Sai.)
SATURNINO · Não, não, Tito,
o imperador já não precisa dela,
nem de ti, de ninguém de tua estirpe.
Às cegas não confio em quem fez mofa
de mim alguma vez; em ti tampouco,
nem em teus filhos, falsos e insolentes,
que se reuniram para desonrar-me.
Tirante Saturnino, não havia
quem em Roma servisse de brinquedo?
Mui de acordo esses atos, Andronico,
estão com tua afirmativa tola
de que eu pedi de tuas mãos o império.
TITO · Monstruoso! Que censura me assacaste?
SATURNINO · Prossegue assim em teu caminho;
entrega essa mulher volúvel ao que a espada
por ela manejou. Vais ter um genro
muito valente, feito para aliar-se
à malta de teus filhos turbulentos,
que o alvoroto implantaram na república.
TITO · O coração ferido essas palavras
me atingem como acúleos.
SATURNINO · Por tudo isso,
soberana dos godos, admirável
Tamora, que, tal como Febe augusta
entre suas ninfas, na penumbra deixas
as romanas mais belas e galantes:
se concordares nesta minha súbita
resolução, escolho-te, Tamora,
para noiva, criando-te ora mesmo
de Roma a imperatriz. Dize, Rainha
dos godos: não aplaudes minha escolha?
E agora juro pelos nossos deuses,
já que padre e água-benta temos perto,
e os fachos brilham tanto, estando tudo
pronto para o himeneu, que me é impossível
rever de Roma as ruas ou de novo
entrar em meu palácio, se comigo
daqui não te levar consorte.
TAMORA · E ante a face do céu a Roma eu juro
que se elevar até ele Saturnino
a Rainha dos godos, ela escrava
será de seus desejos, amorável
ama e mãe para sua mocidade.
SATURNINO · Bela Rainha, vamos ao Panteão.
Acompanhai, senhores, vosso digno
imperador e sua bela noiva,
mandada pelo céu a Saturnino,
que lhe dará futuro mais risonho.
Realizaremos lá o desposório.
(Saem todos, com exceção de Tito.)
TITO · Convite não me fez para o cortejo.

shakespearebrasileiro.org

Tito, quando ficaste tão sozinho,
desonrado e de ultraje encurvado?
(Voltam Marco, Lúcio, Quinto e Márcio.)
Marco · Oh Tito, Tito! Vê o que fizeste:
numa disputa estúpida mataste
um filho tão virtuoso!
Tito · Não, tribuno
tolo, não é meu filho, como nada
és para mim, nem tu nem nenhum desses
que a ti se uniram para esse ato baixo
que desonrou nossa família toda.
Filhos indignos! Irmão és indigno!
Lúcio · Mas deixai que o enterremos como cumpre:
junto dos manos deponhamos Múcio.
Tito · Traidores, para trás! O corpo dele
não será colocado no sepulcro.
Já tem quinhentos anos este túmulo
que eu mandei refazer com todo o esmero.
Em honra aqui repousam tão-somente
guerreiros e de Roma defensores,
não quem venha a morrer vilmente em rixas.
Sepultai-o onde bem vos aprouver,
que aqui não será posto.
Marco · Isso é impiedade,
senhor, de vossa parte. Os altos feitos
de meu sobrinho Múcio muito o exaltam;
tem de ser sepultado com seus manos.
Quinto e Márcio · Terá de sê-lo, ou então o
seguiremos.
Tito · Terá de ser? Que biltre afirmou isso?
Quinto · Quem o sustentará em toda parte,
menos aqui.
Tito · Como! Estareis disposto,
mesmo, a inumá-lo, embora a meu mau grado?
Marco · Não, nobre Tito; mas te conjuramos
a perdoar Múcio e dar-lhe sepultura.
Tito · Tu também, Marco, me assestaste um golpe
e com esses rapazes me deixaste
estraçalhado o nome. Considero-vos
a todos inimigos. Assim sendo,
cessai de importunar-me e parti logo.
Márcio · Está fora de si, vamos embora.
Quinto · Não me retirarei, enquanto os ossos
não sepultar de Múcio.
(Marco e os filhos de Tito se ajoelham.)
Marco · Irmão, implora
em semelhante nome a natureza...
Quinto · Pai, nesse nome a natureza fala...
Tito · Silêncio, para que eu os outros ouça.
Marco · Grande Tito, metade de minha alma...
Lúcio · Querido pai, substância de nós todos...
Marco · Permite que teu mano Marco enterre
neste ninho virtuoso seu sobrinho
que com honra morreu e na defesa
da causa de Lavínia. És um romano,
não sejas bárbaro, que os próprios gregos,
após conselho, deram sepultura
a Ajaz que se matara, tendo o filho
prudente de Laertes defendido
com calma os funerais. Assim, não queiras
excluir deste sepulcro o jovem Múcio,
teu filho predileto até há momentos.
Tito · Marco, levanta-te. Este é o mais terrível
dia que eu já vivi. Ser por meus filhos
em Roma desonrado! Bem; enterra-o,
e a mim logo depois.
(O corpo de Múcio é deposto no túmulo.)
Lúcio · Querido Múcio,
repousa aí, ao lado dos amigos,
até que te enfeitemos o sepulcro.
Todos *(ajoelhando-se)*.
Ninguém derrame lágrimas no corpo
do jovem Múcio, pois com glória vive
quem morreu pela causa da virtude.
Marco · Senhor, porque a tristeza dissipemos,
como acontece que a sutil Rainha
dos godos tão de súbito tivesse
subido tanto em Roma?
Tito · Não sei, Marco;
só sei que é isso mesmo. Se houve astúcia,
somente o céu dizer nos poderia.
Mas não deve ela obrigações ao homem
que a fez feliz, trazendo-a de tão longe?
Marco · Decerto; e há de premiá-lo nobremente.
(Fanfarra. Entram, por um lado, Saturnino com seu séquito, Tamora, Demétrio, Quirão e Aarão; por outro, Bassiano, Lavínia e outras pessoas.)
Saturnino · Bassiano, assim ganhastes vosso
prêmio; que Deus, senhor, vos dê felicidade
com vossa bela esposa.
Bassiano · E a vós com a vossa,

shakespearebrasileiro.org

meu senhor; não vos digo senão isso,
nem menos vos desejo. E aqui despeço-me.
Saturnino · Traidor, havendo lei em Roma ou
força no nosso braço, tu e teus sequazes
vireis a arrepender-vos deste roubo.
Bassiano · Chamais, senhor, de roubo o apoderar-me
do que é meu mesmo, a que era minha noiva
e ora é minha consorte? Que decidam
sobre isso as leis de Roma, que, entrementes,
de posse fico do que me pertence.
Saturnino · Pois não, senhor. Tratais-nos secamente:
mas, se vida tivermos, haveremos
de vos tratar mais secamente ainda.
Bassiano · Senhor, por quanto fiz, do melhor modo
que possível me for, sou responsável,
embora nisso empenhe a própria vida.
Apenas direi isto a Vossa Graça:
por meus deveres todos para Roma,
este nobre senhor, o nobre Tito
foi ultrajado na honra e no conceito,
pois, tentando Lavínia restituir-vos,
com a própria mão matou seu filho Múcio,
por zelo a vossa causa e de indignado
por contrariado ver-se numa dádiva
tão espontânea e livre. Assim, concede-lhe
o teu favor de novo, Saturnino,
pois em seus atos ele pai e amigo
de ti se mostrou sempre e da cidade.
Tito · Deixa de defender meus atos, príncipe
Bassiano. Desonrado eu fui somente
por ti e esses aí. Roma e o céu justo
podem testemunhar o acatamento
e o amor que votei sempre a Saturnino.
Tamora · Muito digno senhor, se em qualquer tempo
teus olhos reais algum prazer acharam
em contemplar Tamora, então permite
que imparcialmente sobre todos fale:
perdoa, amor, o que passou, te peço.
Saturnino · Como, senhora! Ver-me desonrado
de público, e perdoar covardemente,
sem de nada tomar cabal vingança?
Tamora · Não, meu caro senhor. As divindades
de Roma não consintam que eu me tome
para vós um motivo de desonra.
Mas a honra atrevo-me a empenhar em como
o senhor Tito em tudo está inocente.
A franqueza da cólera é que exprime
seu imenso pesar. Para agradar-me,
portanto, lança-lhe um olhar benigno.
Não percas, por suposições sem base,
um amigo tão digno, nem aflijas
seu gentil coração olhando-o duro.
(À parte, a Saturnino.)
Senhor, deixai que eu vos oriente nisto;
cedei, dissimulai vosso desgosto.
É de temer que o povo, juntamente
com os patrícios, após melhor exame,
se passe para Tito, derrubando-vos,
então, sob o pretexto de que fostes
para com ele ingrato, o que reputa
Roma um dos crimes mais abomináveis.
Concedei-me esse ponto e aos meus cuidados
deixai o resto, que hei de achar o dia
para matar a todos e a família
destruir e seu partido, o cruel Tito
juntamente com seus traidores filhos,
a quem a vida supliquei, embalde,
de meu querido filho. Hei de ensinar-lhes
o que seja ajoelhar-se uma Rainha
em plena rua e suplicar em vão.
(Alto.)
Querido imperador, vem! Andronico,
vem para cá. Levanta este bom velho,
e o coração lhe alegra, que sucumbe
à vista dos bulcões de teu conspecto.
Saturnino · De pé, Tito, de pé, que minha esposa
prevaleceu.
Tito · A Vossa Alteza e a ela,
senhor, muito agradeço. Essas palavras
e esses olhares me dão outra vida.
Tamora · Incorporado a Roma, Tito, me acho,
reconhecida agora felizmente
como romana. Cumpre-me, portanto,
aconselhar o imperador em tudo.
Morrem hoje, Andronico, as rixas todas;
deixai que seja o meu mais belo título,
meu senhor, ter-vos eu reconciliado
com estes vossos amigos. Dei a minha
palavra de honra, príncipe Bassiano,
ao meu marido em como de futuro
vos mostrareis mais dócil e tratável.
Assim, ficai tranqüilos, meus senhores.

shakespearebrasileiro.org

E vós, também, Lavínia. E agora todos,
seguindo meu conselho, arrependidos
ireis ficar de joelho, para a Sua
Majestade pedir que vos perdoe.
Lúcio · Assim faremos, e juramos diante
de Sua Alteza que fizemos tudo
com boas intenções, visando apenas
a honra de nossa irmã e a nossa própria.
Marco · É o que eu também confirmo sob palavra.
Saturnino · Retirai-vos; cessai de incomodar-nos.
Tamora · Não, não, meu caro imperador; teremos
de ser amigos. Marco e seus sobrinhos
vos imploram de joelhos. Impossível
será que indefirais esse pedido.
Vira para o meu lado, coração.
Saturnino · Por teu pedido, Marco, e de teu mano,
bem como pelas súplicas instantes
da graciosa Tamora, minha esposa,
perdôo a falta odiosa destes moços.
Levantai-vos.
Lavínia, muito embora me tivésseis
deixado como a um biltre, tive sorte,
tendo jurado pela morte certa
não me afastar do altar como solteiro.
Vamos; se houver espaço no palácio
do imperador para um noivado duplo,
meus hóspedes sereis, Lavínia, e todos
esses vossos amigos. Hoje o dia
vai ser de amor, Tamora.
Tito · Caso Vossa
Majestade concorde, amanhã mesmo
comigo caçareis pantera e veado.
Com latidos e trompa, muito cedo
vos daremos bom dia.
Saturnino · Pois que seja,
Tito, assim mesmo; muito agradecido.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Roma. Diante do palácio.
Entra Aarão.

Aarão · Tamora já subiu para o alto Olimpo,
fora dos botes da fortuna incerta;
ao abrigo se encontra, entronizada,
do estrondo do trovão e, assim, do fogo
do relâmpago, longe das ameaças
da descorada inveja. Assim como o áureo
sol saúda a manhã e, tendo o oceano
dourado com seus raios e o zodíaco
medido com seu carro esplendoroso,
paira por cima dos mais altos montes:
assim Tamora faz.
Dobram-se ao seu espírito as terrenas
honrarias e, ao cenho seu fechado,
pára e treme a virtude. Aarão, por isso,
reforça o coração e aguça o espírito,
para alcançar tua imperial senhora
na altura em que ela está, já que de há muito
em teu triunfo prisioneiro a trazes,
acorrentada aos elos amorosos,
e ao fascinante olhar de Aarão mais presa
do que amarrado Prometeu no Cáucaso.
Fora as vestes de escravo e idéias baixas!
Luzido querer ser, brilhar com pérolas
e ouro para servir à soberana
recém-casada. Quê! Para servi-la?
Direi melhor: para folgar com ela,
esta Rainha, deusa, esta Semíramis,
ninfa, sereia que encantar vai prestes
a Roma do consorte, conduzindo
para o naufrágio o imperador e o Estado.

(Entram discutindo Demétrio e Quirão.)

Demétrio · Quirão, teus poucos anos mostram falha
de entendimento; teu entendimento
não tem penetração, não tens maneiras
para que te insinues deste modo
junto de quem aceita minha corte
e que, pelo que viste, é conquistável.
Quirão · Demétrio, sempre foste presumido,
como agora te mostras, pretendendo
que com tuas bravatas me intimide.
A diferença de um ou de dois anos
não há de me deixar menos gracioso,
ou a ti com mais ventura. Considero-me

shakespearebrasileiro.org

tão hábil como tu e tão capaz
de alcançar o favor de uma senhora.
Aarão · Aqui! Aqui! Dois namorados brigam!
Demétrio · Menino, se, por imprudência, nossa
mãe vos deu essa espada de brinquedo,
tanto vos exaltais, que contra um próprio
parente arremeteis? Deixai guardada
vossa ripa até terdes aprendido
como deveis brandi-la.
Quirão · Nesse em meio,
senhor, a minha pouca habilidade
te mostrará quanto a fazer me atrevo.
Demétrio · Como, menino! Estais tão exaltado?
(Sacam das espadas.)
Aarão · Senhores, ora! Ousais sacar da espada
tão perto, assim, da casa do monarca,
e defender vossa querela em público?
Conheço bem a causa dessa rixa.
Mas não quisera por nenhum tesouro
que vos ouvisse quem tem parte nisso,
nem vossa mãe por muito mais quisera
vir a ficar tão desonrada em Roma.
Corai do que fazeis. Guardai a espada!
Demétrio · Não, só o farei depois de mergulhá-la
no peito dele e, pela goela abaixo,
ter-lhe empurrado os termos insultuosos
que ele aqui disse para desonrar-me.
Quirão · Para isso estou disposto e preparado,
covardão desbocado, que trovejas
apenas com palavras, sem coragem
teres de fazer uso desse gládio.
Aarão · Para trás, digo!
Agora, pelos deuses que os guerreiros
godos adoram, esta rixazinha
poderá desgraçar-nos num momento.
Senhores, não pensastes, porventura,
no risco que correis, para pisardes
nos direitos de um príncipe? Lavínia
terá caído tanto, ou tão sem brio
Bassiano está, que pelo afeto dela
possam surgir disputas, sem nenhuma
proibição, castigo nem vingança?
Muito cuidado, jovens! Se a Rainha
viesse a saber a causa desta briga,
desafinada a música acharíeis.
Quirão · Que me importa o saiba ela e todo o
mundo?
Amo Lavínia mais que a todo o mundo.
Demétrio · Mocinho, tem cuidado; faze escolha
mais modesta, porque Lavínia é a meta
de teu irmão mais velho.
Aarão · Porventura
ficastes louco? Ignorais, acaso,
como os homens em Roma são violentos
e impacientes, sem nunca permitirem
competição no amor? Senhores, digo-vos
que assim fazendo procurais a morte.
Quirão · Aarão, aceitaria dez mil mortes
para vir a possuir a minha amada.
Aarão · Possuir! De que maneira?
Demétrio · Que te causa esse espanto? Ela é mulher;
pode ser cortejada. Ela é mulher;
pode ser conquistada. Ela é Lavínia;
poderá ser amada. Ora, homem! Ora!
Muito mais água passa pelo moinho
do que o moleiro pensa, e é muito fácil —
sabe-lo bem — tirar uma fatia
de um pão antes cortado. Embora seja
Bassiano irmão do Rei, gente mais alta
já tem usado o enfeite de Vulcano.
Aarão *(à parte)* · Pois não, tão alta como Saturnino.
Demétrio · Então, por que desesperar quem sabe
fazer a corte com olhares meigos,
palavras e presentes? Como! Nunca
te aconteceu matar estranha corça
e carregá-la ante o nariz do dono?
Aarão · Um rapto, ou coisa assim, bem me parece,
melhor vos conviria nesse caso.
Quirão · Oh! conviria.
Demétrio · Aarão, deste no vinte.
Aarão · Prouvera que também houvésseis dado,
porque ora eu não me visse tão cansado
com todo este barulho. Ouvi-me! ouvi-me!
Sois tão tolos assim, para brigardes
por semelhante coisa? Ficaríeis
aborrecidos, se ambos obtivésseis
êxito junto dela?
Quirão · Eu não, decerto.
Demétrio · Nem eu também, se tomar parte nisso.
Aarão · Ora, que opróbrio! Que vos faça amigos
quanto ora vos separa. Com política
e habilidade alcançareis o intento.
Seja este vosso plano; não podendo
levar a cabo o que é do vosso agrado,

shakespearebrasileiro.org

por violência alcançai o que puderdes.
Aceitai meu conselho: mais pudica
do que Lucrécia nunca foi Lavínia,
a esposa de Bassiano. Precisamos
encontrar uma estrada mais direta
do que tantos requebros demorados.
Encontrei o caminho. Meus senhores,
uma caçada esplêndida se apresta.
As romanas gentis tomarão parte.
Espaçosas e grandes alamedas
a floresta apresenta, como passos
em quantidade menos freqüentados,
próprios para a violência ou qualquer crime.
Fazei que para um ponto desses vossa
corça gentil se aparte e dominai-a
pela força, se não por argumentos.
Só assim podereis ter esperanças;
de outro jeito, nenhuma. Contar vamos
a nossa imperatriz esse projeto;
seu espírito agudo, consagrado
a toda sorte de vingança e infâmias,
com seus conselhos mais limados há de
deixar nossos recursos, não querendo
que venhais a brigar. Pelo contrário;
a ambos porá no cimo dos desejos.
Como a casa da Fama é nossa corte:
cheio de línguas, de olhos e de ouvidos
o palácio está sempre, mas a mata
é insensível, terrível, surda e obtusa.
Ali falai e agi, bravos rapazes,
saciai vosso apetite, protegidos
do claro olhar do céu e no tesouro
de Lavínia à vontade regalai-vos.

Quirão · Teu conselho, rapaz, não mostra cheiro de covardia.

Demétrio · *Sit fas aut nefas* até que a corrente
possa encontrar em que acalmar o fogo,
qualquer encanto para os meus transportes.
Per Styga, per manes vehor.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Uma floresta.
Ouve-se toque de trombeta e latido de cães.
Entra Tito Andronico com caçadores etc., Marco, Lúcio, Quinto e Márcio.

Tito · Principiou a caçada, bela e clara
vem rompendo a manhã; cheiroso é o campo,
verdejantes os bosques. Desatrela
neste lugar os cães, que sua bulha
desperte o imperador e a bela esposa,
faça acordar o príncipe. Toquemos
um carrilhão de caça, porque à volta
toda a corte reboe. Filhos, seja
vosso cuidado, como é também nosso,
zelar com bem carinho da pessoa
do imperador. Durante toda a noite
incomodado fui por pesadelos;
mas conforto me deu o novo dia.

(Latido de cães e toque de trompa em confusão. Entram Saturnino, Tamora, Bassiano, Lavínia, Demétrio, Quirão e pessoas do séquito.)

Muitos bons dias para Vossa Alteza!
E para vós, princesa, o mesmo número
de dias venturosos. Prometi-vos
uma caçada muito barulhenta.

Saturnino · E alegre, meu senhor, mas porventura
cedo demais para recém-casadas.

Bassiano · Lavínia, que dizeis?

Lavínia · Não acho cedo;
acordada já estava havia duas
horas ou mais.

Saturnino · Então vamos embora.
Tragam-nos logo carros e cavalos.

(A Tamora.)

Assistireis agora a uma caçada
romana, cara esposa.

Marco · Meus cachorros,
senhor, farão correr a mais ardente
pantera da floresta, e são capazes
de subir ao mais alto promontório.

Tito · E meus cavalos seguirão a caça
por onde quer que vá, de leve o plaino
roçando como lestes andorinhas.

Demétrio *(à parte)* ·
Quirão, não temos galgos nem cavalo,
mas nossa corça nos dará regalo.

(Saem.)

Ato II · Cena III

Trecho isolado da floresta.
Entra Aarão com uma bolsa de ouro.

AARÃO · Quem tem inteligência há de julgar-me
destituído dela, porque embaixo
de uma árvore tanto ouro enterrar venho,
dele, assim, me privando inteiramente.
Fique sabendo, pois, quem tão mesquinho
conceito faz de mim que todo este ouro
um plano me cunhou que, se com jeito
for realizado, há de trazer ao mundo
uma obra-prima de velhacaria.
Ouro, aí fica e o mal produze asinha
em quem achar a esmola da Rainha.

(Esconde o ouro.)
(Entra Tamora.)

TAMORA · Querido Aarão, por que te mostras triste,
quando tudo em redor é provocante
de tanta alacridade? Os passarinhos
em cada ramo cantam melodias,
a serpente se aquece ao sol risonho,
as folhas tremem sob o vento fresco,
no chão fazendo sombra axadrezada.
Descansemos, Aarão, sob este abrigo,
e enquanto os ecos brincalhões despistam
os cães, com voz aguda repetindo
a fanfarra das trompas harmoniosas
como se a um só tempo percebêssemos
uma dupla caçada, descansemos
para apreciar esse latido alegre.
E depois do conflito apaixonado
que o herói errante e Dido — é o que se conta —
outrora aproximou, quando se viram
por feliz tempestade surpreendidos
e em discreta caverna se abrigaram:
assim, nos braços um do outro presos,
concluído o passatempo, poderemos
dormir um sono de ouro, enquanto as trompas,
o latido dos cães, a voz dos pássaros
serão o canto, para nós, das amas,
que faz dormir no berço a criancinha.
AARÃO · Minha senhora, muito embora Vênus
mande em vossos desejos, é Saturno
dominador dos meus. Que significa
meu olhar fixo e anunciador da morte,
meu silêncio, esta atroz melancolia,
este velo lanoso de cabelos
que se distende agora como serpe
que se prepare para o fatal bote?
Não, princesa, não são sinais de Vênus.
No coração abrigo só vingança,
morte tenho nas mãos, sangue e vindita
martelam-me a cabeça. Ouve, Tamora,
Rainha de minha alma, que só aspira
conservar teu céu íntimo; este dia
vai ser para Bassiano decisivo;
ficará muda a sua Filomela;
teus filhos vão roubar-lhe a castidade
e a mão lavar no sangue de Bassiano.
Vês esta carta? Lê-a, por obséquio
e ao Rei entrega este fatal escrito.
Não me perguntes nada mais, estamos
sendo espiados. Eis que vem chegando
uma parte do nosso gordo espólio
que não suspeita de sua queda próxima.
TAMORA · Oh! doce mouro, para mim mais doce
que a própria vida!
AARÃO · Nada mais, Rainha;
Bassiano já vem perto. Neste em meio
vou procurar teus filhos e ajudá-los,
seja qual for a causa que defendam.

(Sai.)
(Entram Bassiano e Lavínia.)

BASSIANO · Oh! quem vemos? De Roma a alta
Rainha, separada de seu brilhante séquito?
Ou será Diana com a aparência dela,
que seus bosques sagrados abandona
para ver a caçada na floresta?
TAMORA · Atrevido censor de nossos passos
particulares, se eu tivesse a força
que a Diana todos dão, desde este instante
com os cornos de Actéone ficaras,
e os cachorros a forma transmudada
te dilacerariam, insolente,
intrometido que és.
LAVÍNIA · Com vossa graça,
gentil imperatriz, mas todos dizem
que em matéria de cornos sois sabida,

shakespearebrasileiro.org

sendo de crer que vós e o vosso mouro
vos apartastes dos demais apenas
para tentar a prova. Ampare Jove
dos cães vosso marido neste dia,
que poderão tomá-lo por um gamo.
Bassiano · Rainha, podeis crer, vosso noturno
cimeriano vossa honra deixa escura
como a epiderme dele: detestada,
manchada, abominável. Por que causa
vos encontrais do séquito afastada?
Por que deixastes vosso bom cavalo
branco de neve e viestes esconder-vos
neste recanto obscuro, pelo bárbaro
mouro seguida, se não vos houvesse
trazido algum desejo obsceno e torpe?
Lavínia · E tendo sido perturbada em vosso
divertimento, é justo que meu nobre
senhor seja acoimado de impudente.
Por favor, vamos logo, concedamos-lhe
os prazeres do amor da cor de corvo.
Este vale é mui próprio para o feito.
Bassiano · O Rei meu mano, vai saber de tudo.
Lavínia · Apontado já foi por essas coisas.
Bom Rei, como tens sido ludibriado!
Tamora · Como tenho paciência para tanto?
(Entram Demétrio e Quirão.)
Demétrio · Querida soberana, mãe graciosa,
qual a razão de achar-se vossa Alteza
tão pálida e confusa?
Tamora · Porventura
não terei causa para ficar pálida?
Estas duas pessoas me atraíram
para este vale, como vedes, árido
e desolado; as árvores, embora
no verão estejamos, desfolhadas
e ressequidas se acham, pelo musgo
dominadas e pelo fatal visgo.
Nunca se mostra o sol, nada aqui vive,
se não for tão-somente o fatal corvo
e a coruja noturna. E, ao me mostrarem
este passo horroroso, me disseram
que aqui, durante a noite, às horas mortas,
dez mil espíritos, silvantes serpes,
dez mil túmidos sapos e outros tantos
ouriços tão terrível e confusa
gritaria levantam, que a pessoa
mortal que a perceber logo enlouquece,
quando não cai incontinenti morta.
Mal tinham terminado o infernal conto,
ameaçaram-me os dois de me amarrarem
no tronco deste teixo pavoroso,
para eu vir a morrer por modo horrível.
Chamaram-me, depois, de infame adúltera,
goda lasciva, enfim, todos os termos
insultuosos que nunca ouvido humano
tenha entendido para tal efeito.
E, se, por um milagre, não tivésseis
aparecido aqui, eles teriam
levado a cabo o plano. Assim, vingai-me,
se amais a vossa mãe e não quiserdes
que de chamar de filhos eu vos deixe.
Demétrio · Eis à prova de que ainda sou teu filho.
(Apunhala Bassiano.)
Quirão · E isto vai demonstrar se eu tenho força.
(Apunhala também Bassiano, que morre.)
Lavínia · Semíramis... Não, não! Tamora bárbara,
pois só te fica bem teu próprio nome,
é tua a vez.
Tamora · Empresta-me essa adaga.
Vereis que a mão de vossa mãe, meus filhos,
punir sabe os insultos a ela feitos.
Demétrio ·
Parai, senhora! Ela vai ver mais que isso.
Malhai primeiro o trigo e, após, a palha
às chamas entregai. Da castidade
se orgulha esta boneca, de seu voto
conjugal, da lealdade, e com virtude
tão bem pintada contra vós se atreve.
Levará, pois, tudo isso para o túmulo?
Quirão · Se tal se der, eunuco me declaro.
Levemos o marido dela para
qualquer lugar secreto e de seu corpo
sem vida um travesseiro para nossa
luxúria preparemos.
Tamora · Após terdes,
porém, provado o mel, tirai a vida
dessa vespa, porque ela não nos pique.
Quirão · Sobre isso, vos afirmo: tomaremos
nossas medidas. Vamos, minha bela,
teremos de provar, à força, dessa
virtude que guardais com tanto zelo.
Lavínia · Oh Tamora! tens rosto feminino...
Tamora · Levai-a logo, não desejo ouvi-la.

LAVÍNIA · Pedi-lhe, meus senhores, que me escute
só uma palavrinha.
DEMÉTRIO · Dai-lhe ouvidos,
bela senhora. Seja vossa glória
contemplar suas lágrimas, mas que estas
ao coração vos sejam como as gotas
da chuva para a rocha inabalável.
LAVÍNIA · Em que tempo se viu os tigrezinhos
algo à mãe ensinarem? Essa fúria
já a recebeste dela, não lha ensines.
O leite que mamaste virou mármore;
tua crueldade vem do peito dela.
Mas os filhos nem sempre saem à mãe.

(A Quirão.)

Concita-a a ser como mulher: piedosa.
QUIRÃO · Desejas que bastardo me declare?
LAVÍNIA · Não gera o corvo a cotovia, é certo.
Porém já ouvi contar — oh! se isso agora
se confirmasse! — que pela piedade
movido, o leão consente que lhe aparem
as garras reais, como há também quem diga
que os corvos dão comida aos pequeninos
enjeitados, enquanto nos seus ninhos
deixam morrer à fome os próprios filhos.
Oh! muito embora o coração de pedra
te diga não, revela-te comigo,
não direi tão bondosa, mas amiga.
TAMORA · Não sei o que seja isso. Vamos logo!
LAVÍNIA · Oh! deixa que to ensine agora. Em nome
de meu pai que podendo dar-te a morte,
te deixou viva, não te mostres dura,
abre os ouvidos surdos.
TAMORA · Muito embora
nunca ofendido me tivesses, nunca,
justamente por causa desse nome
teria de mostrar-me sem piedade.
Lembrai-vos, filhos, que eu chorei debalde
para que vosso irmão salvar pudesse
do sacrifício, mas o fero Tito
não se deixou mover. Assim, levai-a
e com ela fazei o que entenderdes.
Quanto pior para ela, mais aplausos
de mim recebereis.
LAVÍNIA · Oh! sê Rainha
gentil, Tamora, e neste mesmo instante
com tua própria mão me tira a vida.
Não era a vida que eu pedia tanto;
morto Bassiano, eu também morta fora.
TAMORA · Que pedias, então? Deixa-me, louca!
LAVÍNIA · Quero a morte imediata, simplesmente,
e algo mais, que dizer não me permite
a língua da modéstia. Oh! não permitas
que eles dêem expansão a essa luxúria
que é muito pior que a morte. Nalgum fosso
me atira, horrível, onde o olhar humano
jamais possa enxergar-me. Assim fazendo
serás uma assassina caridosa.
TAMORA · Meus filhos privarei de sua paga?
Essa bondade seu prazer estraga.
DEMÉTRIO · Vamos! Já nos prendeste muito tempo.
LAVÍNIA · Nenhuma compaixão nem graça encontro?
Oh criatura bestial, mancha e inimiga
de nosso comum nome: que a ruína
te caia em cima...
QUIRÃO · A boca vou tapar-te.
Traze o marido dela; é nesta furna
que Aarão mandou lançássemos o corpo.

(Demétrio atira o corpo de Bassiano no precipício; depois saem Demétrio e Quirão arrastando Lavínia.)

TAMORA · Adeus, filhos; em bom lugar a pondes.
Jamais conhecerá prazer legítimo
meu coração, enquanto não ficarem
os Andronicos todos liquidados.
Vou ver agora o meu querido mouro.
E que ela perca logo o seu tesouro.

(Sai.)

(Entra Aarão, com Quinto e Márcio.)

AARÃO · Vinde, senhores, o pé firme adiante.
Vou mostrar-vos o horrível precipício
em que a pantera vi adormecida
profundamente.
QUINTO · Tenho a vista turva;
não sei o que seja isso.
MÁRCIO · Eu também tenho,
posso afirmar. Não fosse ter vergonha,
deixava a caça e descansava um pouco.

(Cai no fosso.)

QUINTO · Como! Caíste! Que traiçoeiro fosso
será este, de boca recoberta
de espinhos rudes, cujas folhas mostram
gotas de sangue fresco, tão recente
como o orvalho nas flores matutinas?
Esse lugar parece ser funesto.
Fala, mano; feriste-te na queda?
MÁRCIO · Sim, feri-me no quadro mais horrendo
que ao coração chorar já fez a vista.

shakespearebrasileiro.org

Aarão *(à parte)* ·
Agora vou fazer que o Rei os ache,
para que pense, pelas aparências,
que são os assassinos do irmão dele.
(Sai.)
Márcio · Por que não me confortas nem me ajudas
a sair desta cova amaldiçoada
e manchada de sangue?
Quinto · Apoderou-se
de mim um medo horrível, suor frio
me escorre pelas juntas vacilantes.
O coração suspeita muita coisa
que a vista não percebe.
Márcio · Para veres
como teu coração foi verdadeiro,
com Aarão olha para aqui, contempla
esta cena de sangue e morticínio.
Quinto · Aarão já foi embora; o comovido
coração não consente que meus olhos
se fixem no que trêmulos o deixam
por simples conjeturas. Mas descreve-me
o que se passa; nunca fui tão criança
como nesta hora, para sentir medo,
sem saber bem de quê.
Márcio · O nobre príncipe
Bassiano está todo banhado em sangue,
como ovelha abatida, neste fosso
maldito, escuro e recendente a crime.
Quinto · Como o reconheceste, se está escuro?
Márcio · É que ele traz no dedo ensangüentado
uma pedra preciosa que ilumina
toda a caverna e que, tal como círio
de túmulo, a feição terrosa aclara
do cadáver e mostra os intestinos
rugosos deste fosso. Não mais pálida
brilhou a lua sobre o pobre Píramo
na noite em que ele morto se encontrava
no sangue virginal. Oh mano! ajuda-me
com tua fraca mão — temo que o medo,
tal como a mim, fraca a tivesse feito —
a sair deste horrendo receptáculo,
odioso como as fauces do Cocito.
Quinto · Estende-me tua mão, para que eu possa
ajudar-te a sair. Caso eu não tenha
força para prestar-te esse serviço,
nas fauces tragadoras desse abismo
serei também lançado à sepultura
de Bassiano infeliz. Vigor não tenho
para fazer que venhas até a borda.
Márcio · Nem eu para subir sem teu auxílio.
Quinto · Dá-me outra vez a mão; não vou soltá-la
enquanto não puder pôr-te aqui fora,
ou aí dentro cair. Vir não consegues
para onde estou: irei ficar contigo.
(Precipita-se.)
(Volta Aarão com Saturnino.)
Saturnino · Vem comigo; desejo ver o fosso
e quem acaba de saltar lá dentro.
Responde-me: quem és, que neste instante
nessa fenda da terra penetraste?
Márcio · Do velho Tito o filho desgraçado,
num momento infeliz aqui trazido,
para achar morto teu irmão Bassiano.
Saturnino · Meu irmão? Deve ser pilhéria tua.
Ele e a esposa se encontram na barraca
do lado norte deste ameno bosque.
Não faz uma hora que os deixei lá mesmo.
Márcio · Não podemos saber onde o deixastes,
mas — oh dor! — encontramo-lo aqui morto.
(Volta Tamora com pessoas do séquito, Tito Andronico e Lúcio.)
Tamora · Onde está meu marido?
Saturnino · Aqui, Tamora,
embora aflito por mortal tristeza.
Tamora · E teu irmão Bassiano?
Saturnino · Ora mexeste
no mais fundo da chaga; o desgraçado
Bassiano assassinado ali se encontra.
Tamora · Tarde demais, então, venho trazer-te
este fatal escrito, todo o plano
da tragédia nefasta.
(Entrega-lhe uma carta.)
Causa pasmo
que o rosto humano esconda entre sorrisos
agradáveis um crime tão hediondo.
Saturnino · "Se não nos for possível alcançá-lo
de jeito, caro caçador — refiro-me
a Bassiano — não deixes, pelo menos,
de abrir-lhe a sepultura. A recompensa
a encontrarás no meio das urtigas,
ao pé do sabugueiro, junto ao fosso
em que devemos enterrar Bassiano.
Faze isso e terás ganho amigos certos."
Este é o fosso, e este o pé de sabugueiro.

Vede, senhores, se encontrais por perto
o caçador que assassinou Bassiano.
AARÃO · Eis a bolsa de moedas, caro príncipe.
SATURNINO *(a Tito)* ·
Dois cães de tua estirpe sanguinária
a vida a meu irmão aqui tiraram.
Arrancai-os, senhores, deste fosso
e os ponde sob custódia, até que eu tenha
pensado nalgum meio de inaudita
tortura para os dois.
TAMORA · Como! Estão dentro
desse buraco? Oh coisa extraordinária!
Um crime se descobre facilmente.
TITO · Possante imperador, sobre os meus fracos
joelhos quero suplicar-te a graça
com lágrimas a custo derramadas
de que este crime horrível de meus filhos
amaldiçoados, sim, amaldiçoados,
se realmente ficar provado o crime...
SATURNINO · Provado? Como vês, está patente.
Quem achou esta carta? Vós, Tamora?
TAMORA ·
Não, o próprio Andronico.
TITO · Sim, realmente,
senhor; mas permiti que eu fique sendo
o fiador deles. Pela sepultura
veneranda de meus antepassados,
a um aceno de Vossa Majestade
eles prontos estão para, com o sangue,
se defenderem de qualquer suspeita.
SATURNINO · Fiador não serás deles, vem comigo;
alguém traga o cadáver, sem demora;
outros, os assassinos, não deixando
que conversem. A culpa está patente.
Pois, em verdade, se pior fim houvesse
do que a morte, esse fim seria o deles.
TAMORA · Tito, intercederei a favor deles
junto do Rei. Não temas por teus filhos;
tudo acabará bem.
TITO · Saiamos, Lúcio;
não pares para conversar com eles.
(Saem por lugares diferentes.)

Ato II · Cena IV

Outra parte da floresta.
Entram, Demétrio e Quirão, conduzindo Lavínia, violada, com as mãos e a língua decepadas.

DEMÉTRIO · Se falar podes, vai contar agora
quem te violou e te cortou a língua.
QUIRÃO · Escreve o pensamento, exprime a idéia
e, se puderes, fazes desses cotos
o papel de escrivão.
DEMÉTRIO · Vê como pode
garatujar só com sinais e gestos.
QUIRÃO · Vai buscar água para as mãos lavares.
DEMÉTRIO · Língua não tem para pedir, nem mãos
com que possa lavar-se. Ora deixemo-la
sozinha em seu passeio silencioso.
QUIRÃO · Fosse eu, e me haveria já enforcado.
DEMÉTRIO · Ah! se pudesses preparar a corda!
(Saem Demétrio e Quirão.)
(Entra Marco.)
MARCO · Quem é? Minha sobrinha, que se escapa
tão velozmente? Prima, uma palavra.
Onde está vosso esposo? Se isto é sonho,
que meus bens todos possam despertar-me.
Se estou desperto, venha algum planeta
por terra derrubar-me, porque possa
dormir o sono eterno. Fala, meiga
sobrinha, que impiedosas mãos e bárbaras
te mutilaram desse modo e o corpo
te deixaram privado dos dois galhos,
esses doces ornatos, cuja fronde
sombrosa os próprios reis se disputavam,
para nela dormir, sem que pudessem
jamais a dita obter incalculável
de conquistar-te o amor? Por que não falas?
Oh dor!
Um rio carmesim de sangue quente,
como fonte revolta pelo vento,
se eleva e cai entre os teus lábios róseos,
sumindo e aparecendo com teu hálito.
Algum Tereu, decerto, violentou-te,
e, para que não fosse descoberto,
a língua te cortou. Viras o rosto
ah! — de vergonha, e não obstante teres
perdido tanto sangue, que despejas

shakespearebrasileiro.org

como fonte com bocas três abertas,
incendem-se-te as faces como o rosto
do Titã, quando encontra alguma nuvem.
Devo falar por ti? Foi isso mesmo?
Oh! se o teu coração eu conhecesse
e soubesse quem foi o miserável
e o amaldiçoasse, para meu alívio!
A mágoa reprimida, como forno
cuja boca é tapada, abrasa o peito,
deixando o coração desfeito em cinzas.
A linda Filomela a língua, apenas,
veio a perder, e num dorido pano
pôde bordar tudo o que lhe ia na alma.
Mas ficaste privada desse meio,
adorável sobrinha, que um mais forte
Tereu vieste a encontrar. Ele cortou-te
os delicados dedos, que sabiam
bordar muito melhor que Filomela.
Oh! se esse monstro houvesse visto as tuas
mãos, como as folhas de frondoso choupo,
palpitarem nas cordas do alaúde,
não lhes tocara nem para salvar-se.
Ou se tivesse nalgum tempo ouvido
a harmonia celeste produzida
por essa doce língua, a faca houvera
soltado e adormecera, como Cérbero
aos pés do poeta trácio. Vamos logo
deixar teu pai sem vista, porque um quadro
como este deixa cego qualquer pai.
Uma hora de tormenta alaga os prados
mais fragrantes. Que não farão dos olhos
de teu pai meses e anos só de prantos?
Vem, não me fujas: chorarei contigo.
Fosse meu choro à tua dor abrigo!

(Saem.)

Ato III · Cena I

Roma. Uma rua.
Entram senadores, tribunos e oficiais de justiça com Márcio e Quinto que, amarrados, vão sendo conduzidos para o lugar de execução; Tito, como suplicante, vai à frente.

Tito · Meus venerandos padres, escutai-me!
Parai, nobres tribunos! Por piedade
à minha idade, cujos anos jovens
foram gastos em guerras perigosas,
enquanto vós dormíeis calmamente;
por todo o sangue que eu verti na grande
causa de Roma, pelas noites frias
que a velar eu passei e pelas lágrimas
que ora vedes a encher os velhos sulcos
de minhas faces: sede compassivos
para meus filhos ora condenados,
que alma não corrompida não possuem,
como em geral se pensa. Pelos outros
vinte e dois filhos nunca chorei tanto,
porque morreram no alto leito da honra.
Por estes, estes, na poeira escrevo,
nobres tribunos, a profunda mágoa
do coração com minhas tristes lágrimas.

(Atira-se ao chão. Os senadores, tribunos etc. passam por ele, e saem com os prisioneiros.)

Lágrimas, apagai a sede seca
da terra; o doce sangue de meus filhos
a deixaria rubra de vergonha.

(Entra Lúcio, com a espada desembainhada.)

Tribunos reverendos, gentis velhos,
soltai meus caros filhos, comutai-lhes
a sentença de morte, permitindo
que vos afirme quem não chorou nunca
que hoje lágrimas teve eloqüentíssimas.
Lúcio · Oh nobre pai! é em vão que chorais tanto.
Nenhum tribuno vos está ouvindo;
não há ninguém aqui. À pedra dura
relatais vossas mágoas.
Tito · Ah! meu Lúcio!
deixa-me interceder por teus irmãos.
Graves tribunos, peço-vos de novo...
Lúcio · Meu gracioso senhor, nenhum tribuno
vos ouve neste instante.
Tito · Pouco importa,
rapaz. Se eles me ouvissem, não veriam
minha pessoa; mas embora a vissem,
de mim não se apiedaram. Mas preciso
pedir-lhes, muito embora sem proveito.
Por isso digo às pedras meus pesares.
Se às minhas dores responder não podem,
num ponto são melhores que os tribunos,

por não interromperem meu relato.
Quando choro, recebem minhas lágrimas,
humildes, a meus pés, só parecendo
que de mim se condoem. Se em solene
vestuário se envolvessem, não teria
Roma tribunos de tão grande preço.
A pedra é mole como cera; duros
como pedra são todos os tribunos.
Calada é a pedra e não nos incomoda;
os tribunos, com sua fala, à morte
condenam qualquer um.

(Levanta-se.)

Mas por que causa
estás de espada nua?

LÚCIO · Para os manos
livrar da morte e, por tentado havê-lo,
os juízes me exilaram para sempre.

TITO · Oh! que homem venturoso! Revelaram-se
amigos teus. Como, insensato Lúcio,
não percebeste que não passa Roma
de um deserto de tigres? Necessitam
de presa os tigres, não havendo em Roma
presa alguma, afora eu e minha gente.
Quanto és feliz, por teres-te afastado
desses devoradores! Mas, que vejo?
Quem é que o mano Marco vem trazendo?

(Entram Marco e Lavínia.)

MARCO · Tito,
prepara para o choro os velhos olhos,
ou o nobre coração para partir-se.
Trago para teus anos dor pungente.

TITO · Irá matar-me? Então desejo vê-la.

MARCO · Esta foi tua filha.

TITO · É ainda, Marco.

LÚCIO · Oh! que desgraça! Mata-me este quadro.

TITO · Levanta-te, maricas, e olha-a fixo!
Lavínia, fala: qual a mão maldita
que à vista de teu pai, sem mãos, te manda?
Que louco quis ao mar deitar mais água
ou um feixinho de lenha na fogueira
de Tróia incandescente? Minha mágoa
no auge se achava, antes de aqui chegares,
mas, como o Nilo, ela desdenha as margens.
Dá-me essa espada, as mãos quero amputar-me
também, porque debalde se esforçaram
pela causa de Roma; alimentando
minha vida cuidavam de meus males;
em preces vãs têm elas sido alçadas;
delas fiz uso sem nenhum proveito.
A única coisa que ora exijo delas,
por isso, é que uma ajude a cortar a outra.
É bom, Lavínia, que ora mãos não tenhas;
para servirem Roma inúteis foram.

LÚCIO · Dize, gentil irmã: quem te fez isso?

MARCO · Que dor! Esse instrumento delicioso
do pensamento dela, que eloqüência
tão agradável modulava sempre,
foi arrancado da gentil gaiola,
onde, tal como pássaro melódico,
cantava suaves notas e variadas,
que as ouças de nós todos deleitavam.

LÚCIO · Fala por ela: quem lhe fez tal coisa?

MARCO ·
Oh! no parque a encontrei assim, vagante,
procurando esconder-se, como a corça
quando é ferida de incurável golpe.

TITO · Sempre ela foi a minha corçazinha.
Quem a feriu me deu mais fundo golpe
do que se me matasse. Agora me acho
como alguém num rochedo circundado
pelo mar bravo, que a maré montante
vê subir em cada onda e espera apenas
que uma vaga invejosa enfim o absorva
nas salgadas entranhas. Foi por este
caminho que meus filhos desgraçados
seguiram para a morte; este outro filho
aqui está: exilado foi de Roma.
Meu mano aqui, minhas desgraças chora.
Mas o que mais me punge a alma angustiada
é a querida Lavínia, mais querida
do que minha própria alma. Se eu te houvesse
apenas em pintura visto assim,
teria enlouquecido. Que é preciso
que faça agora, vendo-te em pessoa
maltratada a esse ponto? As mãos te faltam
para limpar as lágrimas, careces
de língua para revelar o nome
de quem te executou esse martírio.
Teu marido morreu; por sua morte
sentenciados teus irmãos se viram,
vindo a morrer por isso. Ah! Olha, Márcio!
Lúcio, meu filho, olha para ela! Quando
falei nos irmãos dela, frescas lágrimas
lhe umedeceram de repente as faces,

shakespearebrasileiro.org

tal como o doce orvalho sobre o lírio
colhido e quase murcho.
Marco · Talvez chore
a morte do marido; talvez mesmo
por saber que os irmãos são inocentes.
Tito · Se eles mataram teu esposo, fica
contente, pois punidos foram ambos.
Não, impossível é que cometido
tivessem tão feio ato, como a prova
a dor que a própria irmã revela agora.
Deixa, Lavínia, que eu te beije os lábios,
ou por sinais me dize de que modo
poderei aliviar-te. Não desejas
que eu, teu bom tio, com teu mano Lúcio,
juntamente contigo nos sentemos
à volta de uma fonte, cabisbaixos,
para as faces fanadas contemplarmos,
porém não secas, tal como as baixadas
que a inundação cheias de lama deixa?
Fixaremos a fonte tanto e tanto
até que sua limpidez se turve
pelo amargor de nossas quentes lágrimas?
Ou as mãos, tal como as tuas, cortaremos?
Ou com os dentes a língua amputaremos,
para passar em pantomima os dias
odiosos que nos restam? Que faremos?
Nós, que ainda temos língua, combinemos
algum projeto de miséria extrema
que espanto de nós faça no futuro.
Lúcio · Pai, deixai de chorar; vede que nossas
lamentações a soluçar convidam
minha infeliz irmã.
Marco · Cara sobrinha,
paciência, meu bom Tito, enxuga os olhos.
Tito · Ah Marco, Marco! Sei perfeitamente,
mano, que esse teu lenço não consegue
enxugar uma só das minhas lágrimas,
porque com as tuas o inundaste, amigo.
Lúcio · Querida irmã, vou enxugar-te as faces.
Tito · Olha, Marco, compreendo os gestos dela.
Se ela tivesse língua, ora diria
ao mano o que eu te disse: que não pode
ser-lhe de utilidade o lenço dele
para enxugar-lhe as faces, por achar-se
tão embebido de piedosas lágrimas.
Que harmonia! tão longe do sorriso
quanto do limbo dista o paraíso.

(Entra Aarão.)

Aarão · Tito Andronico, o imperador meu amo
te manda dizer isto: se a teus filhos
tens amor, que então Marco, Lúcio, ou mesmo
tu, velho Tito, uma das mãos decepe
e a envie para o Rei, que ele, de volta,
te mandará com vida teus dois filhos,
sendo essa a multa pelo crime deles.
Tito · Oh gracioso monarca! Aarão bondoso!
Canta o corvo tal como a cotovia,
que da aurora nos traz feliz notícia?
Alegre ao Rei uma das mãos envio.
Não queres auxiliar-me a decepá-la,
bondoso, Aarão?
Lúcio · Pára, senhor! A tua
nobre mão, que venceu tantos imigos,
não lhe será enviada. Para o caso
a minha vai servir. A mocidade,
mais do que vós, pode esbanjar o sangue,
que a vida vai salvar de meus dois manos.
Marco · Em defesa de Roma qual das vossas
mãos não se ergueu, brandindo a machadinha
sangrenta e a destruição deixando impressa
no castelo do imigo? Oh! as mãos de ambos
são altamente heróicas, mas a minha
se mostrou preguiçosa. Ora, servindo
para livrar da morte meus sobrinhos,
para um fim digno as conservei até hoje.
Aarão · Decidi qual das mãos será amputada,
porque eles, antes, a morrer não venham.
Marco · A minha.
Lúcio · Pelo céu! não essa; a minha.
Tito · Deixai de discutir, senhores! Erva
seca como esta é para ser cortada.
Por isso, a minha.
Lúcio · Pai bondoso, tenho
de ser considerado vosso filho;
livrar deixai-me os meus irmãos da morte.
Marco · Por nosso pai e nossa mãe, consente
que amor fraterno eu te revele agora.
Tito · Decidi entre vós, não corto a minha.
Lúcio · Vou buscar um machado.
Marco · Mas apenas
para eu me servir dele.

(Saem Lúcio e Marco.)

Tito · Vem cá, Aarão;
vou burlar ambos. Tua mão me empresta,
que te darei a minha.

AARÃO *(à parte)* · Se isto o nome
de burla merecer, vou ser honesto,
a ninguém mais burlando em toda a vida.
Mas enganar-vos vou de outra maneira,
o que havereis de ver dentro de uma hora.
(Corta a mão de Tito.) — (Voltam Lúcio e Marco.)
TITO · Parai com vossa discussão agora;
pois já foi feito o que era necessário.
Entrega minha mão ao Rei, Aarão,
e dize-lhe que contra mil perigos
ela sempre o amparou. Ele que a imune.
Mereceu muito mais; conceda-lhe isso.
Quanto a meus filhos, dize-lhe que os tenho
na conta de obras-primas, adquiridas
por baixo preço e, no entretanto, caro,
pois comprei o que é meu.
AARÃO · Vou já, Andronico.
Em troca de tua mão, dentro de pouco
receberás teus filhos. *(À parte.)* A cabeça
deles, quero dizer. Oh! como a idéia,
tão-só, dessa partida me deleita!
Os tolos que achem na bondade gosto;
a alma Aarão tem tão negra como o rosto.
(Sai.)

TITO · Agora ao céu elevo a mão restante
e a ruína fraca para a terra inclino.
Se algum poder das lágrimas se apiada
dos infelizes, a ele me dirijo.
(A Lavínia.)
Como! Queres também ficar de joelho?
Faze isso, coração, que nossas preces
o céu nos há de ouvir, nossos suspiros
hão de deixar a abóbada embaçada,
ou com sua espessa bruma o sol manchamos
como as nuvens com ele às vezes fazem,
quando o escondem no seio úmido e mole.
MARCO · Oh mano, fala com mais senso; deixa
de atirar-te em abismos tão profundos.
TITO · Não é profunda minha dor? sem fundo?
Que seja assim também minha tristeza.
MARCO · Mas que a razão governe teus queixumes.
TITO · Se houvesse uma razão para a miséria,
em limites a dor confinaria.
Quando o céu chora, a terra não transborda?
Quando o vento enlouquece, não se torna
furioso o mar, a abóbada ameaçando
com o rosto intumescido? E ainda reclamas
razão para esta dor? Eu sou o oceano.
Ouve como suspira minha filha.
Ela, em prantos, é o céu, eu sou a terra.
Seus suspiros terão, assim, de as minhas
ondas intumescer, e minhas várzeas
com seu pranto contínuo hão de mudar-se
num dilúvio, inundadas e afogadas.
Minhas entranhas não podendo as dores
comportar que ela mostra, como um bêbedo
terei de vomitá-las. Não mo impeças,
portanto, pois quem perde encontra alívio
para a opressão nos termos amargosos.
(Entra um mensageiro, que traz duas cabeças e uma mão.)
MENSAGEIRO ·
Muito mal pago foste, alto Andronico,
pela mão que mandaste ao soberano.
Eis as cabeças de teus nobres filhos,
e aqui, tua mão, que, por escárnio, volta.
É desporto para ele tua mágoa;
tua resolução, divertimento.
Dor grande sinto em tua dor pensando,
maior que à idéia de meu pai defunto.
MARCO · Que o Etna, agora, na Sicília esfrie.
Seja meu coração inferno ardente.
Ultrapassam de muito estas misérias
a resistência humana. Algum alívio
obtém quem se lastima com quem chora;
mas dupla morte é a dor escarnecida.
LÚCIO · Oh! que esta vista cause tais feridas,
sem que se extinga a vida detestada!
Que a morte empreste o próprio nome à vida,
quando a esta apenas os suspiros restam!
(Lavínia beija Tito.)
MARCO · Ah! pobre coração! Essa carícia
é tão inoperante quanto o gelo
para a serpe faminta e enregelada.
TITO · Quando termina este terrível sono?
MARCO · Lisonja, adeus! Morre, Andronico, morre;
não poderás dormir. Vê as cabeças
de teus dois filhos, tua mão guerreira,
a filha mutilada, este outro filho
banido que, em presença deste quadro,
ficou exangue e pálido, e teu mano,
eu, como estátua, frio e entorpecido.
Nunca mais te direi que fiques calmo.
Arranca esses cabelos cor de prata;
com os dentes dilacera a mão restante,

shakespearebrasileiro.org

deixando que este horrível espetáculo
para sempre nos feche a infeliz vista.
É a hora de atacar. Por que te calas?
Tito · Ah! ah! ah!
Marco · Por que estás rindo? Não é hora disso.
Tito · Ora, não me sobrou uma só lágrima.
Demais, essa tristeza é um inimigo
que pretende tornar meus olhos úmidos
e com o tributo os arrasar de lágrimas.
Assim, como depois achar pudera
a cova da vingança? Estas cabeças
parece que me falam, ameaçando-me
de perder a ventura, enquanto todas
estas atrocidades não voltarem
para a garganta dos autores delas.
Vejamos, pois, o que fazer me resta.
Vós, gente desgraçada, circundai-me,
para que eu possa dirigir-me a todos
e jurar que essas ofensas vingaremos.
Jurei. Mano, segura uma cabeça;
com esta mão carregarei a outra.
Lavínia, tu também vais ajudar-nos:
carrega minha mão, filha, nos dentes.
E tu, rapaz, some de minha vista;
ficar não podes, pois estás banido.
Vai para os godos e alicia gente.
Se me amas, como o penso, despeçamo-nos
com um beijo; muito que fazer nos resta.

(Saem Tito, Marco e Lavínia.)

Lúcio · Adeus, meu pai! adeus, nobre Andronico,
o ser mais infeliz que já viu Roma.
Adeus, Roma orgulhosa; até que Lúcio
retorne deixa aqui penhor mais caro
do que sua própria vida. Adeus, Lavínia,
nobre irmã. Oh! quem dera que ainda fosses
como antes eras! Mas Lavínia e Lúcio
no esquecimento, apenas, ora vivem,
no sofrimento odioso. Conseguindo
Lúcio viver, há de vingar-te a ofensa.
O altivo Saturnino e sua esposa,
como Tarquínio, hão de esmolar à porta.
Vou formar um exército entre os godos,
que me vingue de Roma e Saturnino.

(Sai.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Casa de Tito em Roma. Um banquete preparado. Entram Tito, Marco, Lavínia e um menino, filho de Lúcio.

Tito · Assim, assim, sentai-vos. Não comamos
senão o suficiente para a força
nos preservar para vingarmos nossos
amargos infortúnios. Caro Marco,
desata-me este nó do desespero.
Eu e tua sobrinha — pobres almas!
carecemos de mãos e não podemos
aliviar nossa dor decuplicada,
cruzando nossos braços. Esta pobre
destra me foi deixada para o peito
poder tiranizar. E quando, louco
de dor, o coração quiser alçar-se
na prisão cava desta minha carne,
deste modo o reprimo.

(A Lavínia.)

Tu, mapa de desgraças, que só falas
por meio de sinais! quando teu pobre
coração te atacar selvagemente,
não poderás dar nele e reprimi-lo.
Fere-o, menina, com suspiros; mata-o
com teus gemidos, ou uma pequenina
faca toma entre os dentes e abre um furo
perto do coração, para que todas
as gotas que caírem de teus olhos
corram para esse poço e, após enchê-lo,
o tolo afogues com salgadas lágrimas,
que só sabe queixar-se.
Marco · Ora essa, mano!
não lhe ensines o modo de matar-se
com mãos violentas.
Tito · Ora, Marco! Ora essa!
Só eu tenho o direito de ser louco.
Com mãos violentas ela suicidar-se?
Por que falaste em mãos? Isso é pedirmos
a Enéias que relate duas vezes
como Tróia acabou e na miséria
se viu ele atirado. Oh! não nos fales
em mãos; muda de tema, pois podemos

lembrar-nos de que mãos já não possuímos.
Ora! como carece de sentido
minha linguagem! como se possível
fosse não nos lembrarmos de que estamos
sem mãos, no caso de que não tivesse
Marco falado nisso. Vamos, vamos!
comecemos. Come isto, rapariga.
Aqui não há bebida. Escuta, Marco,
quanto ela diz. Interpretar consigo
todos os seus sinais martirizados.
Diz que sua bebida é apenas lágrimas,
fermentadas na dor e misturadas
em suas faces. Querelante muda,
leio-te o pensamento; tua mímica
vai ficar sendo para mim tão íntima
quanto as sagradas preces para o monge.
Não hás de suspirar nem ajoelhar-te,
fazer qualquer sinal, um gesto mudo,
sem que eu forme de tudo um alfabeto
e, aplicando-me, venha a interpretá-lo.
MENINO · Avozinho, deixai esses lamentos;
alegrai minha tia com uma história.
MARCO · Ah! pobre criança! Pela dor movido,
chora a grande tristeza do avozinho.
TITO · Acalma-te, pimpolho, és só de lágrimas,
e estas te podem derreter a vida.
(Marco bate com a faca no prato.)
Em que bateste, Marco, com tua faca?
MARCO · Nesta mosca, senhor, deixei-a morta.
TITO · Fora, assassino! O coração me partes.
De tirania tenho os olhos fartos.
Não fica bem para um irmão de Tito
matar um inocente. Vai-te embora;
não tens cabida em minha companhia.
MARCO · Mas senhor, foi apenas uma mosca.
TITO · E se essa mosca mãe e pai tivesse?
Como cair deixara as asas de ouro,
zumbindo no ar gemidos e lamentos!
Pobre e inocente mosca,
que com seu melodioso cantozinho
veio para alegrar-nos! e mataste-a!
MARCO · Perdão, senhor, mas era um moscão negro,
de feia catadura, como o mouro
da imperatriz. Daí, tê-la matado.
TITO · Oh! oh! oh!
Então perdoa haver-te repreendido,
pois realizaste uma obra meritória.
Dá-me tua faca, que exultar desejo
com enganar-me que aqui tenho o mouro
que viesse adrede para envenanar-me.
Este é teu! Este aqui é de Tamora...
Ah, bandido!
Penso que ainda não descemos tanto
que reunidos matar não consigamos
uma mosca que venha importunar-nos
sob a figura do retinto mouro.
MARCO · Pobre homem! De tal modo a dor o abate,
que a sombra toma pela vera essência.
TITO · Vamos; tirai tudo isso. Vem, Lavínia;
vamos para o teu quarto, para lermos
histórias tristes de passadas eras.
Vem, pequeno, também; tens vista jovem.
Lerás um pouco ao se enturvar a minha.
(Saem.)

Ato IV · Cena I

Roma. Jardim da casa de Tito.
Entram Tito e Marco; depois entram o jovem Lúcio e Lavínia, que corre atrás dele.

MENINO · Avozinho, socorro! Minha tia
Lavínia vai para onde eu vou; não posso
saber o que ela quer. Bom tio Marco,
vede como ela corre! Pobre tia,
não posso adivinhar o vosso intento.
MARCO · Pára, Lúcio; não tenhas medo dela.
TITO · Demasiado ela te ama, Lúcio, para
querer fazer-te mal.
MENINO · É certo; amava-me,
quando meu pai ainda estava em Roma.
MARCO · Que quererás dizer, minha sobrinha,
com todos esses gestos?
TITO · Nada temas,
Lúcio, ela quer dizer alguma coisa.
Observa, Lúcio, como ela te agrada.
Com certeza deseja que a acompanhes.

shakespearebrasileiro.org

Ah, menino! jamais com tanto zelo
Cornélia leu para seus próprios filhos
como contigo tua tia estuda
a Oratória de Túlio e a alta poesia.
Marco · Saber não podes por que ela insta tanto?
Menino · Não, meu senhor, adivinhar não posso;
salvo se for acesso de loucura,
pois ouvi muitas vezes do avozinho
que a dor extrema deixa os homens loucos,
e tenho lido que Hércuba de Tróia
enlouqueceu de dor. Daí, ter medo,
embora saiba, meu senhor, que minha
nobre tia me tem amor materno,
não podendo querer, por isso mesmo,
medo infundir em minha mocidade,
a não ser num momento de loucura.
Isso me fez jogar o livro longe
e fugir dela, sem razão, decerto.
Boa tia, perdão. Porém, senhora,
se o tio Marco quiser vir comigo,
de grado irei com Vossa Senhoria.
Marco · Sim, Lúcio; farei isso.

(Lavínia mexe nos livros que Lúcio deixara cair.)

Tito · Então, Lavínia? Marco, que será?
Decerto que folhear um livro desses.
Qual é deles, menina? Abre-os, pequeno.
Porém és mais instruída e ler consegues
outros escritos. Vem comigo e escolhe
entre os meus livros quantos desejares
para distrair tua mágoa, até que possa
mostrar o céu o autor desse atentado.
Por que ela agita um braço depois do outro?
Marco · Penso que ela deseja revelar-nos
que houve mais de um culpado nesse crime.
Sim, decerto, mais de um. Salvo se os braços
dirige ao céu para implorar vingança.
Tito · Lúcio, que livro é esse em que ela mexe?
Menino · São "As Metamorfoses", avozinho,
de Ovídio. Minha mãe foi quem mo deu.
Marco · Por amor da defunta, certamente,
separou-o dos demais.
Tito · Cuidado! Vede
como ela vira as folhas. Auxiliemo-la.
Que quer ela? Poderei ler, Lavínia?
É a história trágica de Filomela,
da traição de Tereu e da violência;
e a violência, receio muito, se acha
no fundo de sua pena.
Marco · Observa, mano,
como ela indica a página!
Tito · Lavínia,
surpreendida assim foste, doce filha,
ultrajada e violada, como outrora
Filomela forçada foi nas matas
infindáveis, injustas e impiedosas?
Vede! vede!
Há um vale assim, onde uma vez caçamos —
se nunca lá tivéssemos estado! —
tal como o poeta o dele aqui descreve,
para a violência feito e para o crime.
Marco · Por que faria a natureza um antro
tão medonho, se os deuses não achassem
deleite nas tragédias?
Tito · Filha, fala-nos
por meio de sinais, somos amigos.
Que romano fidalgo ousou tal crime?
Não se terá esgueirado Saturnino
para junto de ti, como Tarquínio,
quando deixou o acampamento, para
manchar o sacro leito de Lucrécia?
Marco · Boa sobrinha, senta-te; vem, mano,
sentar-te aqui também. Apolo, Palas,
Jove e Mercúrio iluminar-me possam,
para que eu venha a descobrir o crime.
Olhai aqui, senhor; olha, Lavínia.
O terreno é arenoso; se puderes,
gira este pau, tal como o faço agora.

(Escreve na areia, segurando o bastão com a boca e dirigindo-o com os pés.)

Consegui escrever o próprio nome,
sem o auxílio das mãos. Maldito seja
no fundo da alma quem nos força a tanto.
Boa sobrinha, escreve, e alfim nos mostra
quanto quer Deus que fique manifesto
para a vingança. O céu te guie a pena
para expressares claramente as mágoas,
porque fiquemos, afinal, sabendo
toda a verdade e o nome dos traidores.

(Lavínia segura o bastão com a boca e escreve, guiando-o com os braços mutilados.)

Tito · Consegues ler, senhor, o que ela escreve?
"Estupro. Quirão. Demétrio."
Marco · Como! Os filhos lascivos de Tamora
são os autores deste crime hediondo?
Tito · *Magni dominator poli,*
Tam lentus audis scelera? tam lentus vides?

MARCO · Acalma-te, senhor, embora eu saiba
que o que ficou escrito sobre a terra
seja o bastante para uma revolta
suscitar nos espíritos mais calmos
e armar os corações até das crianças.
Ajoelha-te comigo; e tu, Lavínia,
faze o mesmo também. Menino, ajoelha-te —
és a esperança do romano Heitor —
e comigo prestai o juramento
que outrora fez ao infeliz esposo
e ao pai da casta dama desonrada
Júnio Bruto, ao violada ser Lucrécia:
que empregaremos todos os recursos
para tomar cabal vingança desses
pérfidos godos, e ou derramaremos
o sangue deles, ou sob esse ultraje
perderemos a vida.
TITO · Uma vez isso
determinado, resta achar os meios.
Irás despertar a ursa, se bulires
com os filhos dela. Toma, pois, cuidado:
se ela te farejar, lembra-te sempre
que em liga estreita com o leão se encontra,
o acalenta, deitando-se de costas;
e, vindo ele a dormir, faz quanto queira.
Marco, és um caçador inexperiente.
Deixa isso. Vem comigo; vou prover-me
de uma folha de ferro, e com uma ponta
de aço gravarei nela essas palavras,
para depois guardá-las, que o violento
vento norte dispersa toda a areia,
tal como o faz com as folhas da Sibila.
E que será, assim, de vosso texto?
Que achas disso, menino?
MENINO · Acho, avozinho,
que, se eu fosse homem, não seria o quarto
da mãe deles amparo suficiente
para esses malfeitores que se encontram
sob o jugo romano.
MARCO · Assim, menino!
Muitas vezes teu pai fez isso mesmo
para esta pátria ingrata.
MENINO · Caso eu viva,
tio, farei de novo a mesma coisa.
TITO · Vamos à sala de armas. Quero armar-te,
Lúcio. Depois, menino, alguns presentes
de minha parte levarás aos filhos
da imperatriz. Vem logo. Vamos. Hás de
fazer o que te peço, não é certo?
MENINO · Cravando meu punhal no peito deles.
TITO · Não, menino; assim, não. Vou ensinar-te
quanto deves fazer. Vamos, Lavínia.
Marco, cuida da casa; vou com Lúcio
fazer algo na corte. É certo, amigo.
Pelo céu! vamos ser muito aplaudidos.
(Saem Tito, Lavínia e o menino.)
MARCO · Deuses, ouvis gemer um homem destes,
sem mostrardes piedade nem ternura?
Não o abandones, Marco, em seu delírio.
Mais cicatrizes de tristeza mostra
no coração, que marcas dos imigos
no escudo deformado. No entretanto,
tão fiel se mostra que não quer vingar-se.
Vingai o velho, oh céus! o alto Andronico.
(Sai.)

Ato IV · Cena II

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram, por um dos lados, Aarão, Demétrio e Quirão; por outro, o menino Lúcio e um criado com um feixe de armas, que trazem inscrições em versos.

QUIRÃO · Eis o filho de Lúcio, que nos trouxe,
Demétrio, uma mensagem.
AARÃO · Sim, alguma
mensagem louca de seu louco avô.
MENINO · Com a humildade possível, meus senhores,
trago-vos saudações do alto Andronico. *(À parte.)*
E que os deuses romanos vos confundam.
DEMÉTRIO · Obrigado, menino. Que foi que houve?
MENINO *(à parte)* ·
O que houve é que já fostes descobertos
como dois celerados acoimados
de sedução. *(Alto.)* Se for de vosso gosto,
bem avisado meu avô mandou-vos
as mais vistosas armas e prestantes
de sua coleção, para ornamento

shakespearebrasileiro.org

de vossa mocidade em tudo honrosa,
esperança de Roma. Isso me disse
que vos dissesse, como o faço agora,
a Vossas Senhorias entregando
seus mimos, para que fiqueis armados
e defendidos, quando for preciso.
Dito isto, me despeço de vós ambos. *(À parte.)*
Como de celerados sanguinários.
(Saem o menino e o criado.)

Demétrio · Que é isto? Um rolo de papel, escrito
todo à volta! Vejamos:
(Lê.) *Integer vitae, scelerisque purus,*
Non eget Mauri jaculis, nec arcu.

Quirão · Oh! são versos de Horácio! Sim, recordo-me, há muito tempo os li numa gramática.

Aarão ·
Isso! um verso de Horácio. Sois ladino. *(À parte.)*
Como é feio ser asno! Não se trata
de pilhéria. O velhote está sabendo
quais são os criminosos e lhes manda
armas com versos que penetram fundo
sem que eles o percebam. Se estivesse
nossa sagaz imperatriz desperta,
aplaudiria a mente de Andronico.
Mas que descanse em seu descanso inquieto. *(Alto.)*
Então, jovens senhores, não foi astro
bondoso que nos trouxe para Roma,
estrangeiros como éramos e, ainda,
na situação de escravos, para em pouco
tempo chegarmos a esta culminância?
A mim fez bem, na porta do palácio
desafiar o tribuno na presença
do próprio irmão.

Demétrio · E a mim, ver um fidalgo
com mimos adular-nos baixamente.

Aarão · E não terá razão, senhor Demétrio?
Não tratastes tão bem a filha dele?

Demétrio · Desejara dispor de mil romanas,
para, à vontade, nelas nos saciarmos.

Quirão · Voto cheio de amor e caridoso.

Aarão · Somente vossa mãe está faltando
para dizer amém.

Quirão · O que faria
com relação a vinte mil romanas.

Demétrio · Vamos logo; rezemos para os deuses
por nossa mãe, que está com tantas dores.

Aarão *(À parte)* ·
Para o diabo, que os deuses nos deixaram.
(Ouve-se um toque de trombeta.)

Demétrio · Por que soa a trombeta do monarca?

Quirão · Sem dúvida por ter nascido um filho
do imperador.

Demétrio · Silêncio! Quem vem vindo?
(Entra a ama, trazendo nos braços uma criança de cor preta.)

Ama · Bom dia, meus senhores. Informai-me:
Vistes o mouro Aarão?

Aarão · Está presente,
se não tiver saído. Eis aqui Aarão.
Que é que desejais dele?

Ama · Oh gentil mouro,
estamos desgraçados! É preciso
que nos ajudes, se te queres salvo.

Aarão · Que aconteceu? Por que todo esse miado?
Que é que procuras ocultar nos braços?

Ama · O que dos olhos esconder quisera
do próprio céu, o opróbrio da Rainha,
a desonra de Roma soberana.
Já descansou, senhores, a Rainha;
já descansou.

Aarão · Descansou, como?

Ama · Digo
que deu à luz um filho.

Aarão · Bom descanso
o céu lhe dê. Que foi que lhe enviou ele?

Ama · Um diabo.

Aarão · É que ela, então, é a mãe do diabo.
Que bela conseqüência!

Ama · Conseqüência
triste, maldita, tão negra e desgraçada.
Eis a criança, tão feia como um sapo
que se encontrasse junto dos meninos
de nossa terra. A imperatriz ta envia,
tua impressão, tua chancela pura,
e manda que o batizes com teu gládio.

Aarão · Sai, prostituta! Preto é cor tão feia?
Certo te julgas uma flor bonita
com uma cara dessas.

Demétrio · Que fizestes,
miserável?

Aarão · O que já não consegues
desfazer.

Quirão · Nossa mãe está perdida.

shakespearebrasileiro.org

AARÃO · Não, vilão; pois por mim foi encontrada.
DEMÉTRIO · E assim, cão infernal, a desgraçaste.
Coitada dela! Amaldiçoada seja
sua escolha asquerosa, e condenado
o produto de um diabo tão lodoso.
QUIRÃO · Não deverá viver.
AARÃO · Não deverá morrer.
AMA · Aarão, é a própria mãe que assim resolve.
AARÃO · Ah! É assim, ama? Então, pessoa alguma,
a não ser eu, há de aplicar a pena
em minha própria carne e no meu sangue.
DEMÉTRIO · Vou fisgar o girino no meu gládio.
Ama, entrega-mo; vou pôr pressa nisso.
AARÃO · Antes, a espada te enfiarei nas tripas.
(Toma da ama a criança e saca da espada.)
Assassinos, parai! Quereis a vida
tirar do próprio irmão? Pelos ardentes
fachos do firmamento, que brilhavam
quando foi concebida esta criança,
na ponta desta minha cimitarra
morrerá quem tocar no meu herdeiro,
no meu primeiro filho. Jovens, digo-vos
que nem o próprio Encélado com todos
os filhos de Tifão, bando espantoso,
nem Alcides glorioso e o deus da guerra,
das mãos paternas tirarão a presa.
Vamos, vamos, meninos coradinhos,
de coração vazio, variegados
escudos de taberna, muros brancos
de caiadura: a cor mais firme é a preta
como carvão, pois não suporta as outras,
pois toda a água do oceano as negras pernas
do cisne não consegue deixar brancas,
embora sempre as lave na corrente.
Dizei à imperatriz que eu tenho idade
para amparar meus bens. Que me desculpe
como puder.
DEMÉTRIO · Trair, então, pretendes,
dessa maneira, tua nobre amante?
AARÃO · Amante é amante, esta criancinha, entanto,
sou eu mesmo, o vigor, o próprio quadro
de minha mocidade. Que a prefira
a tudo o mais é certo. Contra o mundo
saberei defendê-la, e dura pena
sofrerá quem de vós lhe fizer dano.
DEMÉTRIO · A nossa mãe traz isso opróbrio eterno.
QUIRÃO · Por essa transgressão tão reprovável
vai Roma desprezá-la.
AMA · Em sua cólera
o imperador vai condená-la à morte.
QUIRÃO · Coro só de pensar nessa ignomínia.
AARÃO · Ora, esse é o privilégio da beleza
que vos define. Fora, cor traidora!
que trai pelo rubor os sentimentos
do coração e seus secretos planos.
Eis um garoto feito de outra tinta.
Vede como o negrinho está sorrindo,
para seu pai, tal como se dissesse:
"Meu velho, sou teu mesmo." É vosso mano,
meus senhores, recentemente feito
do mesmo sangue a que deveis a vida;
do mesmo ventre em que estivestes presos
foi ele libertado e à luz trazido.
É vosso irmão do lado certo, embora
no rosto traga impresso meu carimbo.
AMA · Que devo, Aarão, dizer à imperatriz?
DEMÉTRIO ·
Pensa, Aarão, no que cumpre ora fazermos,
que nós concordaremos com teu plano.
Salva a criança, contanto que nos salves.
AARÃO · Sentemo-nos, então, e reflitamos.
Eu e meu filho ficaremos de olho
em vós ambos. Sentai-vos aí. E agora
falai em salvação.
(Sentam-se.)
DEMÉTRIO · Quantas mulheres
viram a criança?
AARÃO · É isso, meus senhores;
quando estamos de acordo eu sou cordeiro.
Mas se o mouro irritais, Aarão se exalta
como o mar bravo, o javali sanhoso,
a leoa das montanhas. Mas dizei-me:
quantas vezes viram esta criança?
AMA · A parteira Cornélia, apenas, e eu,
sem incluirmos, decerto, a parturiente.
AARÃO · Vós, a parteira e a imperatriz... É isso?
Duas pessoas guardarão segredo,
quando falta a terceira. Assim, vai logo
contar à imperatriz que eu te disse isto:
"Coé! Coé!"
(Apunhala-a.)
Assim grita um leitão esfaqueado.
DEMÉTRIO ·
Que pretendes, Aarão? Por que a mataste?
AARÃO · Oh senhor! Por um ato de política.
Iríamos deixá-la viva, para

shakespearebrasileiro.org

revelar nossa falta? Uma comadre
faladora como ela? Não, meus caros.
E agora vos direi todo o meu plano.
Mora aqui perto meu compatriota
Mulei, cuja mulher na última noite
deu à luz uma criança parecida
com ela e, como vós, de pele clara.
Ide assentar com ele esse negócio;
à mulher dai dinheiro, contai a ambos
tudo o que aconteceu e como o filho
deles irá subir de agora em diante,
passando a ser o herdeiro da coroa,
pois no lugar do meu vai ficar sempre,
para acalmar o furacão da corte.
E que o Rei o acalente como próprio.
Olhai aqui, senhores; como vedes,
dei-lhe o remédio certo.

(Apontando para a ama.)

É necessário
que trateis das exéquias dela agora.
O campo é perto; sois valentes moços.
Feito isso, não deveis perder mais tempo:
mandai logo a parteira procurar-me.
Uma vez a parteira e a ama afastadas,
as mulheres que falem quanto queiram.

Quirão · Pelo que vejo, Aarão, nem mesmo ao vento confias um segredo.

Demétrio · Esse cuidado
que tens com nossa mãe a deixa e aos filhos
penhorados contigo para sempre.

(Saem Demétrio e Quirão carregando o corpo da ama.)

Aarão · E agora, tão veloz como andorinhas
corramos para os godos, para, entre eles,
guardar este tesouro e com os amigos
da imperatriz falar secretamente.
Vamos, beiçudo, vou depor-vos longe,
que a causa sois de toda a trapalhada.
Raízes comereis e frutas bravas,
coalhada e soro. Mamareis em cabra,
morareis em caverna e, após crescerdes,
vos tornareis guerreiro e comandante.

(Sai levando a criança.)

Ato IV · Cena III

O mesmo. Uma praça pública.
Entra Tito carregando setas, em cujas pontas estão presas cartas; seguem-no Marco, o menino Lúcio, Públio, Semprônio, Caio e outros senhores, com arcos.

Tito · Vem, Marco; vem! Este é o caminho, primos.
Garoto, agora mostra quanto és hábil
na pontaria. Puxa bem a corda,
que a seta irá direito.
Terras Astraea reliquit.
Sim, Marcos, não te esqueças disto: foi-se,
fugiu. Agora, meus senhores, todos
peguem nos instrumentos. Vós, meu primo,
o oceano rondareis, jogai a rede.
Porventura no mar ireis achá-la,
muito embora a justiça esteja ausente
de lá, como da terra. Não, não, Públio!
Não, Semprônio! é preciso fazer isso.
Precisareis cavar com pá e enxada
até o centro da terra mais profundo.
Então, chegados à região de Pluto,
peço-vos, entregai-lhe este pedido,
dizendo-lhe que trata de um pedido
de justiça, de ajuda, e que mandado
pelo velho Andronico foi, de dores
acabrunhado nesta ingrata Roma.
Ah! Roma... Bem, deixei-te, miserável,
quando os sufrágios alcancei do povo
para eleger a quem me tiraniza.
Ide embora, vos peço. Sede cautos,
sem que deixeis de investigar em todos
os navios de guerra. É bem possível
que esse maldito imperador a tenha
levado para bordo e, assim, parentes,
podemos assobiar: Adeus, Justiça!

Marco · Oh Públio! não é coisa dolorosa
ver desvairar nosso tão nobre tio?

Públio · Por isso mesmo, meu senhor, devemos
dia e noite cuidar muito bem dele,
satisfazendo-lhe os caprichos quanto
for possível, até que o tempo mostre
qualquer remédio azado.

shakespearebrasileiro.org

MARCO · Sua mágoa,
primos, já não tem cura. Para os godos
vos passai e, em campanha assoladora
desafogai-vos dessa ingrata Roma
e ao traidor Saturnino dai a paga.
TITO · Então, Públio? Meus mestres, como fostes?
Conseguistes saber onde ela se acha?
PÚBLIO · Não, bondoso senhor. Porém mandou-vos
Pluto dizer que se quereis vingança
da parte dele podereis obtê-la.
Quanto à Justiça, é de opinião que se acha
no céu ou em qualquer parte, em desempenho
de incumbência de Júpiter. Forçoso
será, portanto, que espereis um pouco.
TITO · Comigo é injusto protelando tanto.
Vou mergulhar no lago chamejante
e do Aqueronte pelos calcanhares
para cima trazê-la. Somos, Marco,
arbustozinhos, não possantes cedros,
não gigantes, no jeito dos Ciclopes.
Somos de ferro, Marco, é certo; temos
as costas de aço, mas o sofrimento
fê-la dobrar além do suportável.
Porém já que a Justiça nem na terra
se encontra nem no inferno, bater quero
no céu e comover os deuses, para
que a Justiça nos mande, porque nossas
injúrias vingue logo. Mãos à obra!
Marco, és um bom archeiro.

(Dá-lhe flechas.)

"Ad Jovem", esta
é para vós. Esta outra: "Ad Apollinem",
"ad Martem", para mim. Aqui, menino,
para Palas; aqui, para Mercúrio.
Esta outra, Caio, vai para Saturno,
não para Saturnino; melhor fora
disparar contra o vento. Ficai prestes.
Menino! Marco! A um sinal meu, soltai-as.
Sob palavra, escrevi à maravilha,
sem deixar de pedir a um só dos deuses.
MARCO · Disparai, primos, para a corte as flechas;
humilhemos o orgulho do monarca.
TITO · Disparai, mestres.

(Todos disparam suas setas.)

Bravo, Lúcio! Bravo!
Menino, a Virgo no regaço, a Palas!
MARCO · Mais de milha, senhor, passei da lua;
vossa missiva já chegou a Júpiter.
TITO · Ah! que fizeste, Túlio! Vê: bateste
num dos cornos de Taurus.
MARCO · A pilhéria,
meu senhor, está nisso, justamente.
Tendo Públio atirado, enraivecido
ficou o Touro, e tamanha cabeçada
deu em Áries, que os cornos do Carneiro
foram parar na corte. E quem havia
de encontrá-los, senão o próprio biltre
da imperatriz? Rindo, ela disse ao mouro
que outro meio não tinha senão dá-lo
de presente ao marido.
TITO · Otimamente.
Deus dê alegria a Sua Senhoria.

(Entra o bobo, com dois pombos num cesto.)

Novas, novas do céu! Marco, o correio!
Maroto, que nos conta? Trazes cartas?
Terei justiça? Júpiter, que disse?
BOBO · Quem, o carrasco? Mandou dizer que ainda não levantou a forca porque o homem só poderá ser executado na próxima semana.
TITO · Mas Júpiter que disse? É o que pergunto.
BOBO · Ora, senhor, não conheço Júpiter. Em toda minha vida nunca bebemos juntos.
TITO · Como, vilão! Não és carteiro, acaso?
BOBO · Sim, senhor, de meus pombos; de mais ninguém.
TITO · Não vieste, então, do céu?
BOBO · Do céu? Ora, senhor! Nunca estive lá. Deus me livre de ter a ousadia de querer penetrar no céu durante os meus dias de mocidade. Vede, dirijo-me com meus pombos para o tribunal popular, para acalmar uma pendência entre meu tio e um dos criados do imperador.
MARCO · Ora vede, senhor; isto vem a calhar para mandar vossa petição. Dizei-lhe que entregue de vossa parte os pombos ao imperador.
TITO · Dize-me: saberás transmitir com graça uma súplica ao imperador?
BOBO · Não, senhor; de forma alguma. Nunca disse uma graça em toda a minha vida.
TITO · Vamos, maroto; basta de conversa.
Dai ao imperador os vossos pombos.
Farei que de suas mãos justiça alcances.
Espera um pouco; toma este dinheiro
por tua comissão.

shakespearebrasileiro.org

Dêem-me papel e tinta. Então, maroto,
com graça saberás dar um recado?
Bobo · Sim, senhor.
Tito · Então aqui tendes o pedido. E quando
chegardes à frente dele, será preciso que logo vos
ajoelheis. Depois, beijai-lhe os pés; depois, entregai-
lhe os pombos e, a seguir, aguardai a recompensa.
Ficarei por perto, senhor; fazei as coisas com decisão.
Bobo · Ficai sem cuidado, meu senhor, deixai isso a
meu encargo.
Tito · Não terás uma faca aí, maroto?
Deixa-me vê-la. Embrulha-a no pedido,
Marco; pois como humilde suplicante
foi que escreveste. E tu, depois de o teres
dado ao imperador, vem ao meu quarto
contar-me o que ele disse.
Bobo · Que Deus esteja convosco, senhor. Assim
farei.
Tito · Vamos, Marco, partamos. Público, segue-me.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

O mesmo. Diante do palácio. Entram Saturnino, Tamora, Demétrio, Quirão, nobres e outras pessoas. Saturnino tem nas mãos as flechas disparadas por Tito.

Saturnino ·
Que pensais, meus senhores, desta ofensa?
Em qualquer tempo o imperador de Roma
já se viu perseguido desse modo,
confundido, vexado e, por ter sido
sempre imparcial, tratado com desprezo?
Senhores, bem sabeis, como os potentes
deuses também o sabem — por mais que esses
perturbadores da tranqüilidade
de nosso reino falem junto ao povo —
que não foi feito nada contra os filhos
vis do velho Andronico sem do nosso
lado termos a lei. Dando-se o caso
de que a dor a razão lhe transtornasse,
perseguidos teremos de ser sempre
por seus delírios, frenesis, doidices?
Agora aos deuses escreveu pedindo
reparação dos males. Eis a carta
para Júpiter; esta é de Mercúrio;
esta, de Apolo; esta, do deus da guerra,
inocentes escritos para serem
jogados pelas ruas da cidade!
Que quer isso dizer, senão apenas
difamar o Senado e apresentar-nos
por toda a parte como prepotentes?
Pilhéria espirituosa, não, senhores?
Como quem diz: não há justiça em Roma.
Hão de ficar sabendo, ele e os parentes,
que em Saturnino é que a Justiça vive.
Se ela, acaso, dormita, ele há de logo
despertá-la, de forma que em sua cólera
a destruir venha o mais intolerável
conspirador do mundo.
Tamora · Meu gracioso
senhor, meu mui querido Saturnino,
senhor de minha vida, dirigente
dos pensamentos meus: não te exasperes
e considera as faltas da velhice
de Tito como efeitos da tristeza,
por ter perdido os valorosos filhos,
o que fundo o atingiu, atravessando-lhe
o coração. Procura consolá-lo
em sua triste sorte, sem castigo
cominar ao maior, ao mais humilde,
por todas as afrontas. *(À parte.)*. É com lábia
que à astuciosa Tamora convém sempre
falar com todo o mundo. Mas eu soube,
Tito, ferir-te e faz correr o sangue
do coração. Se Aarão for cauteloso,
tudo vai bem e ao porto chegaremos.

(Entra o bobo.)

Que há? Queres falar conosco, amigo?
Bobo · Sim, em verdade, se Vossa Senhoria for
imperial.
Tamora · A imperatriz sou eu, e aquele que está
sentado ali é o imperador.
Bobo · É ele. Deus e Santo Estêvão vos dêem uma
boa tarde. Trouxe-vos uma carta e um casal de
pombos.

(Saturnino lê a carta.)

shakespearebrasileiro.org

Saturnino · Daqui o levai e o pendurai na forca.
Bobo · Quanto dinheiro eu vou ganhar?
Tamora · Vamos, maroto, vais ser mas é enforcado.
Bobo · Enforcado? Pela Virgem! Assim, trouxe o pescoço para um belo fim.

(Sai escoltado.)

Saturnino · Acintoso demais, intolerável!
Terei de suportar esses insultos?
Sei bem de onde procede a brincadeira.
Terei de agüentar tudo isso? Como
se seus filhos traidores, que morreram
por terem nosso irmão assassinado,
por meu alvitre injustamente houvessem
sido mortos no cepo! Ide buscar-me
pelos cabelos esse miserável.
Nem a velhice, nem as dignidades
lhe servirão de amparo. Só por esta
zombaria vou ser o teu carrasco.
Velhaco louco e astuto, ao me ajudares
a conquistar o trono, só pensavas
em vir a governar em mim e em Roma.

(Entra Emílio.)

Que novidades há?
Emílio · Armas, armas, senhor! Nunca houve em
Roma tanta razão para isso. Novamente
levantaram-se os godos. Com uma força
de homens dispostos, que ao espólio visam,
vêm contra nós, ao mando obedecendo
de Lúcio, o filho de Andronico, o velho,
que em sua fúria repetir ameaça
quanto fez Coriolano outrora em Roma.
Saturnino · É o bravo Lúcio o general dos godos?
Essa notícia me enregela, e a fronte
deixo cair tal como as flores fazem
após a geada, ou a grama nas tormentas.
Sim, as preocupações já se aproximam.
Sempre foi estimado pelo povo.
Eu próprio ouvi falar bastantes vezes
entre os comuns, quando passeava incógnito,
que banido ele fora injustamente,
sendo geral aspiração que Lúcio
venha a imperar em Roma.
Tamora · De que tendes
tanto receio? Roma não é forte?
Saturnino · É; mas os cidadãos preferem Lúcio
e me abandonarão para auxiliá-lo.
Tamora · Seja Rei, qual teu nome, teu espírito:
imperial. Porventura o sol se empana,
quando voa uma mosca? As águias deixam
que os passarinhos cantem, sem nenhuma
preocupação com seu trinado alegre,
certas de que com a sombra de suas asas
poderão reduzi-los ao silêncio
quando bem entenderem. Coisa idêntica
farás com esses romanos inconstantes.
Ânimo, então, imperador! Pois sabe
que eu pretendo encantar esse Andronico
com palavras mais doces e, no entanto,
mais fatais do que a isca para o peixe
ou, para a ovelha, o trevo de carvalho:
uma na isca vai ferir-se; a outra,
empachada vem a morrer do cibo delicioso.
Saturnino · Mas ele junto ao filho, certamente
não falará por nós.
Tamora · Caso Tamora
a isso o concite, falará decerto.
Posso adular-lhe o ouvido encanecido,
cheio deixando-o com promessas áureas.
Tivesse o coração inexpugnável
e surdo o ouvido, coração e ouvido
obedientes à minha voz seriam.

(A Emílio.)

Vai na frente; sê nosso embaixador.
Dize que o Rei parlamentar deseja
com o valoroso Lúcio e marca o encontro
justamente na casa de Andronico.
Saturnino · Desempenha-te, Emílio,
honrosamente dessa nossa mensagem. Se ele, acaso,
pedir reféns para ficar tranqüilo,
ele que diga qual penhor deseja.
Emílio · Com zelo cumprirei vosso mandado.

(Sai.)

Tamora · Vou já à procura de Andronico, o velho,
para, com meus recursos, convencê-lo
a fazer que se passe dos guerreiros
godos o bravo Lúcio. E agora, amável
imperador, fica de novo alegre,
sepultando o temor em meus conselhos.
Saturnino · Vai convencê-lo, então, e obtém bom
êxito.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena I

Planície perto de Roma.
Fanfarra. Entra Lúcio com um exército de godos, com tambores e bandeiras.

Lúcio · Guerreiros valorosos, bons amigos,
recebi cartas da grandiosa Roma,
que o ódio refletem que ao monarca votam
e o desejo que todos têm de ver-nos.
Por isso, bons senhores, como vossos
títulos o confirmam, revelai-vos
altivos e impacientes de vingar-vos
das injúrias sofridas. Por um dano
que Roma vos tivesse ocasionado,
paga tripla podeis haver agora.
Primeiro Godo ·
Bravo rebento do ínclito Andronico,
cujo nome já foi pavor dos godos,
ora nosso conforto, cujos feitos
altanados e fama sempiterna
pagou a ingrata Roma com desprezo
ignominioso: sê conosco ousado.
Iremos todos aonde nos levares,
como abelhas armadas, que nos dias
mais quentes do verão o mestre leva
para os prados floridos, e vinguemo-nos
da maldita Tamora.
Godos · O que ele disse,
todo o exército diz.
Lúcio · Humildemente
lhe agradeço e a vós todos. Mas quem chega
conduzido por um alegre godo?

(Entra um godo, conduzindo Aarão que traz nos braços seu próprio filho.)

Segundo Godo ·
Alto Lúcio, afastei-me das fileiras
para ver as ruínas de um mosteiro;
e quando os olhos eu fixava atento
numa casa assolada, ouvi de súbito
choro de criança por detrás de um muro.
Para lá dirigi-me; mas nessa hora
a voz ouvi de alguém que procurava
desta maneira consolar a criança:
"Cala-te, escravo escuro! Em meu socorro
vem e de tua mãe. Que o colorido
de tua pele não te traia a origem.
Se a natureza ao menos te tivesse
dado a cor de tua mãe, ser poderias
imperador. Mas quando o touro e a vaca
são cor de leite, nunca o bezerrinho
sairá como carvão. Quieto, velhaco!
Fica quietinho aí!" — Dessa maneira,
realmente, consolava ele o menino —
"Vou entregar-te a um godo de confiança
que, quando a saber vier que tu nasceste
de uma alta imperatriz, há de com zelo
cuidar de ti por causa de tua mãe."
Nessa altura, sacando minha espada,
de súbito o peguei e vo-lo trouxe,
porque dele trateis como quiserdes.
Lúcio · Oh godo, este é o demônio em carne e osso
que o Andronico privou da mão valente,
a pérola que fascinou os olhos
da imperatriz, e aqui se encontra o baixo
produto da luxúria ardente de ambos.
Dize-me, escravo de olho branco: aonde
pretendias levar esta futura
imagem de tua face demoníaca?
Por que não falas? Como! És surdo e mudo?
Soldados, uma corda! Pendurai-o
nesta árvore, e ao seu lado o bastardinho.
Aarão · Não toqueis no menino; é de real sangue.
Lúcio · Mui semelhante ao pai, para que possa
ser bom. Primeiro pendurai a criança,
porque ele veja como ela esperneia,
e assim se aflija o coração paterno.
Uma escada!

(Trazem uma escada, na qual Aarão é forçado a subir.)

Aarão · Não mates, Lúcio, a criança.
De minha parte à imperatriz a entrega.
Se fizerdes assim, coisas miríficas
te contarei, que te serão muito úteis.
Se não me ouvires, bem; que me aconteça
seja o que for. Direi apenas isto:
a peste e a maldição sobre vós todos!
Lúcio · Fala. Se me agradar o que disseres,
viva ela ficará, cuidando eu próprio
de sua educação.

shakespearebrasileiro.org

AARÃO · Se te agradares
do que eu disser? Oh! posso assegurar-te
que na alma há de pungir-te o meu discurso,
porque falar pretendo de assassínios,
violações e massacres, atos negros
da escura noite, abomináveis feitos,
traições, conjuras, vilanias, fraudes
terríveis de se ouvir, mas realizadas
por modo lastimável. Isso tudo
sepultado vai ser com minha morte,
se não me prometeres que meu filho
vivo continuará.
LÚCIO · Dize o que sabes.
Prometo que teu filho fica vivo.
AARÃO · Jura primeiro, que a falar começo.
LÚCIO · Jurar! Por quê? Não crês que Deus exista.
Se assim é, como crês num juramento?
AARÃO ·
Que importa que eu não creia? É assim, de fato.
Mas sei que és religioso e que uma coisa
tens chamada consciência, e que dás crédito
a vinte ou trinta ritos e momices
sacerdotais, que cumpres com bem zelo.
Eis o motivo de exigir que jures;
pois uma vez sabendo que um idiota
por um deus toma suas bugigangas
e a palavra mantém por ela dada,
nessa base reclamo dele a jura.
Assim, terás de me jurar por esse
mesmo deus — pouco importa qual seja ele
adorado por ti e reverenciado,
que salvarás meu filho e o criarás.
Caso contrário, não te direi nada.
LÚCIO · Juro pelo meu Deus que farei isso.
AARÃO · Fica sabendo, então, logo de início,
que a imperatriz é a mãe deste meu filho.
LÚCIO · Oh mulher de luxúria insaciável!
AARÃO · Ora, Lúcio! isso foi apenas ato
de caridade, junto com o que ainda
terás de ouvir de mim. Foram seus filhos
que mataram Bassiano e, após, violaram
tua irmã, lhe amputaram as mãos brancas,
a língua lhe cortaram, enfeitando-a
da maneira que viste.
LÚCIO · Oh miserável!
Chamas a isso enfeitar?
AARÃO · Ora, lavada
foi, cortada, enfeitada, tendo sido
tudo isso para os dois belo brinquedo.
LÚCIO · Oh! monstros como tu, bestiais e bárbaros!
AARÃO · Realmente, o guia eu fui do que fizeram.
Da mãe lhes veio o espírito lascivo,
tão certo como haver na mesa o trunfo;
mas a sede de sangue foi comigo,
parece, que aprenderam, tão verdade
como atacar um cão de frente sempre.
Bem, que meus atos provem quanto valho.
Atraí teus irmãos para a traiçoeira
cova onde o corpo de Bassiano estava.
É minha a carta por teu pai achada,
tendo sido eu, também, que escondi o ouro
de que nela se fala, combinado
tendo tudo isso com Tamora e os filhos.
Que fato houve, em resumo, de que causa
não achasses de dor, em que eu deixasse
de tomar parte ativa? Usei de fraude
para a mão de teu pai ver decepada,
e, ao recebê-la, retirei-me à parte,
chegando quase a arrebentar o peito,
de tanta gargalhada. Colocara-me
a espiar por um buraco da parede,
quando a cabeça recebeu dos filhos,
em troco da mão dele. Vi suas lágrimas
e ri-me tanto que fiquei com os olhos
molhados como os dele, e após, no instante
de contar à Rainha a brincadeira,
ela quase morreu de tanto gosto,
ao ouvir minha história divertida,
vinte beijos me dando pela nova.
PRIMEIRO GODO · Como! Contas tudo isso sem
ficares enrubescido?
AARÃO · Sim, como um cão negro,
como diz o provérbio.
LÚCIO · Não te sentes
arrependido dessas vilanias?
AARÃO · Sim, por não ter dez mil como essas feito.
Agora mesmo amaldiçôo o dia —
e creio que bem poucos caem dentro
do círculo maldito — em que eu deixasse
de praticar qualquer notória infâmia,
como seja: tirar a alguém a vida,
ou, quando menos, maquinar-lhe a morte,

shakespearebrasileiro.org

violar uma donzela ou dar a idéia
para tal fim, sob falso juramento
contra algum inocente fazer carga,
entre amigos semear a odiosidade,
fazer que do alto caia e se arrebente
o rebanho do pobre, às altas horas
da noite incendiar medas e celeiros,
para aos donos gritar que com suas lágrimas
as chamas apagassem. Muitas vezes
desenterrei dos túmulos os mortos,
colocando-os de pé, junto das portas
dos amigos queridos, justamente
quando a dor já se achava quase extinta,
na pele dos cadáveres gravando
com minha faca, tal como na casca
das árvores se faz, em caracteres
romanos: "Não deixeis que a dor se extinga,
conquanto eu já morresse". Ora! milhares
de ações terríveis fiz com a mesma calma
com que mato uma mosca, nada havendo
que tanto me entristeça como a idéia
de mais dez mil não realizar como essas.
Lúcio · Levai esse demônio, sua morte
deve ser prolongada; a forca, apenas,
fora branda demais.
Aarão · Se houver demônios,
desejo ser um deles, porque viva
no fogo eterno a me queimar, contanto
que ao meu lado vos tenha lá no inferno,
só para vos atormentar sem pausa
com minhas invectivas amargosas.
Lúcio · Tapai-lhe a boca; não deixeis que fale.

(Entra um godo.)

Godo · Chegou, senhor, de Roma um mensageiro
que deseja poder falar convosco.
Lúcio · Fazei-o entrar.

(Entra Emílio.)

Emílio, és mui bem-vindo.
Que notícia de Roma nos trouxeste?
Emílio · Glorioso Lúcio e vós, fidalgos godos,
o imperador romano vos saúda
por minha boca. Por haver sabido
que em armas vos achais, propõe que em casa
de vosso pai convosco a falar venha.
Podeis pedir reféns, se o desejardes,
que vos serão entregues sem delongas.
Primeiro Godo · Que diz o general?
Lúcio · Emílio, caso
Saturnino a meu pai e ao tio Marco
entregue seu penhor, não faltaremos.
Avante! Marcha!

(Saem.)

Ato V · Cena II

Roma. Diante da casa de Tito.
Entram Tamora, Demétrio e Quirão, disfarçados.

Tamora · Com esta triste e estranha vestimenta
falarei a Andronico, declarando-lhe
que eu sou a Vingança, lá de baixo enviada
para a ele me agregar e dar alívio
ao seu incomportável sofrimento.
Batei logo no quarto; dizem que ele
se fecha aí, a excogitar projetos
estranhos de vingança pavorosa.
Dizei-lhe que a Vingança aqui se encontra
para a ruína acelerar de todos
os inimigos dele.

(Quirão e Demétrio batem na porta.)
(Tito aparece em cima.)

Tito · Quem veio perturbar meu pensamento?
Vosso plano é forçar-me a abrir a porta
para que sumam meus projetos tristes,
frustro ficando todo o meu trabalho?
Mas estais enganados. Vede! Quanto
fazer pretendo já deixei fixado
nestas linhas de sangue, pretendendo
realizar tudo o que se encontra escrito.
Tamora · Tito, só vim aqui para falar-te.
Tito · Não, nem uma palavra; como posso
falar com graça, se de mão careço
para com o gesto sublinhar a fala?
Sobre mim tens vantagens. Fora! Fora!
Tamora · Se soubesses quem sou, desejarias
comigo conversar.
Tito · Não estou louco;

shakespearebrasileiro.org

sei muito bem quem és; de testemunho
sirva este pobre coto, sirvam estas
linhas da cor de sangue, estes profundos
sulcos cavados pelo sofrimento;
sirvam também de testemunho os dias
inacabáveis, as pesadas noites,
as dores infindáveis... Sim, conheço-te
perfeitamente, como sendo a nossa
soberba imperatriz, a poderosa
Tamora. Vens tirar-me a mão restante?

TAMORA · Sabe, homem triste, que não sou Tamora;
essa é tua inimiga; eu, tua amiga.
Sou a Vingança, enviada pelo inferno
para aplacar o abutre corrosivo
que tens no pensamento, com deixar-te
plenamente vingado dos imigos.
Vem, pois, saudar-me neste mundo claro;
falemos sobre mortes e assassínios.
Não há esconderijo, escura cova,
vale brumoso, funda obscuridade
onde se escondem, tímidos, o crime
sanguinolento, o detestado estupro,
que de encontrar mui fácil não me seja.
Segreda a todos meu terrível nome.
Vingança, e logo o criminoso treme.

TITO · És a Vingança, então, e foste enviada
para que os inimigos eu torture?

TAMORA · Ela mesma; assim, desce e vem
saudar-me.

TITO · Um serviço me presta, antes que eu desça.
Ao lado teu o Estupro e a Morte vejo.
Agora prova que a Vingança és mesmo:
apunhala-os, ou passa com teu carro
por cima deles, que eu irei saudar-te,
de cocheiro servir-te, para em volta
do globo nós girarmos. Dois ginetes
apropriados arranja, negros, negros
como azeviche, para velozmente
teu carro vingador daqui levarem
e procura assassinos em seus antros.
Quando teu carro com as cabeças deles
estiver carregado, então eu salto
para correr junto das rodas como
criado humilde, de pé o dia todo,
desde que Hipério se alce no levante.
Farei todos os dias isso tudo,
se o Estupro e a Morte, que aí estão, matares.

TAMORA · São meus ministros ambos,
acompanham-me.

TITO · São teus ministros? Como são chamados?

TAMORA · Morte e Estupro: esses nomes receberam
por castigarem os culpados disso.

TITO · Deus bondoso! como eles se parecem
com os filhos da Rainha e tu com ela!
Mas nós, homens terrenos, temos olhos
enganadores, miseráveis, loucos
Oh Vingança agradável, não demoro;
vou já falar-te. E se te basta o abraço
de um lado só, neste momento mesmo
te apertarei ao peito. Desço logo.

(Recolhe-se.)

TAMORA · Convém ao seu estado concordarmos
assim com seus caprichos. Com palavras
apropriadas dai força a qualquer plano
que eu, acaso, inventar para alimento
de sua fantasia tresloucada.
Convicto está de que a Vingança eu seja.
Uma vez certo dessa idéia louca,
dir-lhe-ei que mande alguém chamar o filho,
Lúcio, e, enquanto o retenho num banquete,
hei de fazer que se dispersem todos
os godos inconstantes, ou inimigos
seus, ao menos, fazer de todos eles.
Aí vem ele. Volto o meu papel.

(Entra Tito.)

TITO · Há muito tempo estou desamparado,
e tudo por tua causa. Sê bem-vinda,
terrível Fúria, à minha casa triste.
Estupro e Morte, a vós dois também saúdo.
Mas como à imperatriz e seus dois filhos
vos pareceis! Só falta para o grupo
terdes convosco o mouro. Todo o inferno
fornecer não vos pôde um tal demônio?
Pois sei que a imperatriz não dá um passo
sem ter o mouro em sua companhia.
Para a representardes com capricho,
indispensável fora que obtivésseis
semelhante demônio. Pouco importa:
sois bem-vindos assim. Mas, que faremos?

TAMORA · Andronico, que queres que façamos?

DEMÉTRIO · Mostra-me um assassino, e logo o
prendo.

QUIRÃO · Mostra-me um celerado que violado
tivesse alguém, porque o castigue logo.

shakespearebrasileiro.org

Tamora · Mil sujeitos me mostra, que te
houvessem feito algum dano, para que os castigue.
Tito · Corre as malditas ruas da cidade,
e quando — oh Morte! — achares um sujeito
perecido contigo, mata-o logo,
porque é um assassino. Vai com ele,
bondoso Estupro; e quando, por teu lado,
encontrares alguém que se pareça
muito contigo, meu bondoso Estupro,
mata-o: um violador é de mulheres.
Parte no encalço deles, pois na corte
do imperador há uma Rainha sempre
seguida por um mouro. Muito fácil
te será conhecê-la, pois é tua
cópia perfeita, da cabeça aos pés.
Inflige-lhes, te peço, qualquer gênero
de morte pavorosa, pois mostraram-se
cruéis comigo e minha gente toda.
Tamora · As tuas instruções serão cumpridas.
Antes, porém, bondoso Tito, peço-te
que mandes um recado para Lúcio,
teu filho triplamente valoroso,
que contra Roma traz guerreiros godos,
e a um banquete o convida em tua casa.
Uma vez ele ali, precisamente
em teu festim solene, hei de trazer-te
a imperatriz e os filhos, o monarca,
todos os teus imigos, que hão de, humildes,
a teus pés ajoelhar e suplicar-te,
podendo tu descarregar em todos
as tristezas que o peito te angustiam.
Que diz desse expediente o alto Andronico?
Tito · Mano Marco! Quem chama é o infeliz Tito.

(Entra Marco.)

Marco, procura teu sobrinho Lúcio;
encontrá-lo-ás entre os valentes godos.
Da minha parte, dize-lhe que venha
falar-me em minha casa, acompanhado
dos mais notáveis príncipes dos godos.
Que onde estiver acampe seus soldados.
O imperador e a imperatriz, lhe dize,
num festim tomam parte em minha casa,
devendo Lúcio vir, para saudá-los.
Se amor me tens, dá-lhe o recado certo;
e ele que faça tudo o que te disse,
se a vida preza de seu pai idoso.

Marco · Farei tudo isso e voltarei depressa.

(Sai.)

Tamora · Agora vou cuidar de teus negócios;
comigo levo estes meus dois ministros.
Tito · Não, não! Deixa comigo o Estupro e a Morte!
Do contrário, farei voltar o mano,
confiando a Lúcio, apenas, o vingar-me.
Tamora *(à parte, aos filhos)* ·
Que achais, meninos? Ficareis com ele,
enquanto eu vou contar ao meu marido
que surtiu bom efeito a brincadeira?
Cedei aos seus caprichos, adulai-o,
falai-lhe com bons modos, entretendo-o
até o meu retorno.
Tito *(à parte)* · Reconheço-os
perfeitamente, muito embora pensem
que estou fora do juízo. Hei de apanhá-los
em sua própria armadilha, a esses malditos
mastins do inferno e à mãe que os pôs no mundo.
Demétrio *(à parte, a Tamora)* ·
Podeis sair, senhora, sem cuidado,
deixando-nos aqui.
Tamora · Sim, Andronico;
cuidar vai a Vingança dos castigos
que irão já receber teus inimigos.

(Sai.)

Tito · Adeus, doce Vingança; estou contente.
Quirão · Dize-nos velho: que fazer devemos?
Tito · Silêncio! Reservei-vos muita coisa.
Públio, vem cá! Vem, Caio! Valentino!

(Entram Públio e outras pessoas.)

Públio · Que desejais?
Tito · Conheces estes dois?
Públio · Os filhos são da imperatriz, Demétrio,
parece-me, e Quirão.
Tito · Ora, ora, Públio!
Estás muito enganado, Morte e Estupro,
é como eles se chamam. Por tudo isso,
meu gentil Públio, amarra-os; Valentino,
Caio, as prestantes mãos sobre eles ponde.
Suspirar já me vistes muitas vezes
por este instante que ora se apresenta.
Amarrai-os, portanto, com bem força,
e a boca lhes tapai, se protestarem.

(Sai. Públio e os outros seguram Quirão e Demétrio.)

Quirão · Miseráveis, parai! Somos os filhos
da imperatriz.

shakespearebrasileiro.org

PÚBLIO · Por isso mesmo vamos
dar cumprimento às ordens recebidas.
A boca lhes tapai, não permitindo
que pronunciem uma só palavra.
Estás bem preso? Ponde força nisso.

(Volta Tito com uma faca, e Lavínia com uma bacia.)

TITO · Vem ver, Lavínia; vem. Estão bem presos
os teus dois inimigos. Amarrai-lhes
a boca, não deixando que me falem.
Oh Quirão e Demétrio! Celerados!
Eis aqui a fonte que deixastes turva
com todo o vosso lodo, o ameno estio
que destruístes com vosso frio inverno.
Matastes-lhe o marido; condenados
por esse crime foram seus dois manos.
Perdi uma das mãos por mero escárnio;
ela, as duas, a língua, e o que é mais caro
que mãos e língua: a pura castidade,
por vós roubada, monstros impiedosos!
Que poderíeis alegar em vossa
defesa, se falar eu vos deixasse?
Miseráveis! Implorar graça o pejo
não vos permitiria. Ouvi, bandidos,
de que modo pretendo castigar-vos.
Ficou-me uma das mãos para o pescoço
cortar-vos neste instante, enquanto fixa
Lavínia nos dois cotos a bacia
que aparar vai vosso culposo sangue.
Sabeis que vossa mãe vem banquetear-se
comigo, daqui a pouco, apresentando-se
como a Vingança, por julgar-me louco.
Ouvi-me, celerados! Vossos ossos
vou reduzir a poeira, que no sangue
misturada uma pasta me forneça
com que uma torta aprontarei de vossas
cabeças infamantes, para, logo,
dizer àquela prostituta, vossa
maldita mãe, que, como a própria terra,
devorar venha os filhos. Esse é o banquete
para que a convidei, sendo esse o prato
com que ela vai fartar-se. Pois se minha
filha sofreu bem mais que Filomela,
mais do que Progne hei de vingar-me agora.
Preparai as gargantas. Vem, Lavínia.

(Degola-os.)

Apara o sangue, e, após terem morrido,
a poeira lhes reduzo os ossos todos,
porque a misture neste odioso líquido
e as vis cabeças coza nessa pasta.
Vamos! Vamos! Que todos se azafamem
nos aprestar o banquete, pois pretendo
mais sinistro deixá-lo e sanguinário
que o festim dos Centauros. Carregai-os...
Assim... Assim... Vou ser o cozinheiro,
para arranjar as coisas de maneira
que, ao vir a mãe, eles estejam prontos.

(Saem carregando os cadáveres.)

Ato V · Cena III

O mesmo. Pátio da casa de Tito. Um banquete preparado. Entram Lúcio, Marco e godos, com Aarão prisioneiro.

LÚCIO · Tio, Marco, uma vez que é da vontade
de meu pai que eu retorne para Roma,
por vós me deixo guiar.
MARCO · Como nós todos
por ti, venha o que vier.
LÚCIO · Bondoso tio,
guardai o mouro bárbaro, esse tigre
devorador, demônio amaldiçoado.
Não lhe deis alimento, acorrentai-o
até que seja conduzido à frente
da imperatriz, para servir de prova
contra a conduta criminosa dela.
Temo que o imperador contra nós todos
rumine alguma insídia.
AARÃO · Que um demônio
maldições me segrede e me permita
soltar a língua e articular todo o ódio
venenoso que o peito me angustia.
LÚCIO · Para trás, cão maldito! escravo infame!
Senhores, ajudai meu tio nisso.

(Saem os godos com Aarão; soam trombetas.)

O toque é indício de que o Rei vem perto.

(Entram Saturnino e Tamora, com Emílio, senadores, tribunos e outras pessoas.)

SATURNINO · Que tal? Há mais de um sol no
firmamento?

shakespearebrasileiro.org

Lúcio · Por que motivo como sol te julgas?
Marco · Imperador de Roma, caro Lúcio,
interrompei a fala. Estas querelas
resolvidas terão de ser com calma.
Está pronto o festim que o cuidadoso
Tito aprestou com um intento honroso,
para o amor, a concórdia e o bem de Roma.
Tomai vossos lugares, por obséquio.
Saturnino · Assim faremos, Marco.
(Soam oboés.)
(Entram Tito, vestido de cozinheiro, Lavínia com um véu no rosto, o menino Lúcio e outras pessoas. Tito coloca os pratos na mesa.)
Tito · Gracioso imperador, sois mui bem-vindo.
Bem-vinda sois, Rainha temerosa.
Guerreiros godos, salve! Salve, Lúcio!
Saúdo a todos. Muito embora seja
pobre a comida, há de satisfazer-vos.
Começai, por obséquio.
Saturnino · Qual a causa
de vos vestirdes, Andronico, assim?
Tito · Para ter a certeza de que nada
há de faltar para condignamente
servirmos Vossa Alteza e a imperatriz.
Tamora · Meu bondoso Andronico, muito gratos
vos ficamos por isso.
Tito · Vossas Honras
realmente o ficariam, se soubessem
quanto em meu coração se passa agora.
Meu nobre imperador, resolvei-me isto;
Teria procedido com acerto
o impetuoso Virgínio, ao dar a morte
com a própria mão à filha, por ter sido
manchada, desonrada e deflorada?
Saturnino ·
Sim, Andronico, com acerto.
Tito · E as vossas
razões, grande senhor?
Saturnino · É que a donzela
sobreviver não deveria à própria
desonra nem as dores reavivar-lhe.
Tito · Forte razão, possante e decisiva.
Exemplo, precedente, penhor vivo
para que eu, infeliz, o mesmo faça.
Morre, morre, Lavínia, e o teu opróbrio,
com ele morre o opróbrio de teu pai.
(Mata Lavínia.)
Saturnino · Bárbaro, desumano, que fizeste?
Tito · Matei quem me deixou sem vista os olhos.
Tão desgraçado sou quanto Virgínio,
e mil razões mais que ele tenho para
perpetrar este crime. Já está feito.
Saturnino · Como! Ela foi violada? Então revela-nos
quem foi o autor desse ato.
Tito · Vossa Alteza
não quererá comer? Desdenha o invite?
Tamora · Por que matar o pai a própria filha?
Tito · Não fui eu que a matei, porém Demétrio
com Quirão juntamente. Após haverem
dela abusado, a língua lhe cortaram.
Eles, apenas, lhe fizeram isso.
Saturnino · Ide buscá-los; imediatamente!
Tito · Ora, ora! Ambos estão naquela torta
com que a mãe deles tem-se regalado,
comendo, assim, a própria carne que ela
mesma engendrou. É certo, é certo; atesta-o
a ponta aguda desta minha faca.
(Mata Tamora.)
Saturnino · Morre, louco, por essa ação maldita!
(Mata Tito.)
Lúcio · Não pode ver o filho ao pai sangrante,
sem que a retribuição dê num instante.
(Mata Saturnino. Grande tumulto. O povo se dispersa em confusão. Marco, Lúcio e seus partidários sobem à janela.)
Marco · Povo e filhos de Roma, de semblante
perplexo, que estas mortes dispersaram
como aves que debandam sob o impulso
dos ventos tempestuosos: permiti-me
que vos ensine a recolher de novo
numa paveia o trigo tresmalhado,
num corpo só os arrancados membros!
Não deixemos que Roma se transforme
no seu próprio flagelo, nem forcemos
a cidade, ante a qual possantes reinos
se têm curvado, a lançar mãos violentas
em si própria, tal como o vil proscrito
que o abandono levasse ao desespero.
Se estes sinais de geada, estes meus sulcos,
testemunhas mui graves de experiência
profunda e verdadeira, não puderem
vos induzir a ouvir minhas palavras,
(a Lúcio.)
fala, amigo de Roma, como outrora
fez nosso antepassado, quando em grave
discurso relatou ao triste ouvido

shakespearebrasileiro.org

da apaixonada Dido toda a história
daquela noite lastimosa e rubra
em que os gregos astutos surpreenderam
o Rei de Tróia, Príamo. Revela-nos
o Sinão que os ouvidos nos burlou,
ou quem foi que nos trouxe a fatal máquina
que produziu em nossa Tróia, em Roma,
a ferida intestina. Nem de pedra
nem de aço tenho o coração, nem posso
dar forma a todo o meu queixume amargo;
afogada se vê minha oratória
nestas ondas de lágrimas que cortam
minhas palavras, justamente quando
deveriam mover-vos a escutar-me,
ensejando-me vossa simpatia.
Aqui tendes um chefe, ele que conte
tudo o que se passou, que seu relato
o coração em prantos vai deixar-vos.
Lúcio · Ficai sabendo então, nobre auditório,
que Demétrio e Quirão, esses infames,
os assassinos foram de Bassiano,
irmão de nosso Rei, tendo sido eles,
outrossim, que violaram nossa irmã.
Por seus crimes nefandos nossos manos
foram decapitados, desprezadas
de nosso pai as lágrimas sentidas,
sobre o terem privado por embuste
da mão leal que a causa defendera
de Roma em tantas pugnas e os imigos
enviara para o túmulo. Por último,
injustamente fui daqui banido;
vi contra mim fecharem-se os portões,
a chorar fui expulso da cidade,
para, entre os próprios inimigos dela
pedir auxílio, os quais em minhas lágrimas
sinceras afogaram seus rancores,
nos braços, como a amigo, recebendo-me.
Pois bem, ficai sabendo que eu, proscrito,
fui que comprei a salvação de Roma
à custa de meu sangue, tendo a espada
do inimigo desviado de seu peito,
com receber todo o aço neste corpo.
Jamais fui fanfarrão, sabei-lo todos.
As cicatrizes de meu corpo, embora
sejam mudas, atestam que o relato
que vos fiz é sincero e verdadeiro.
Mas, devagar! Receio ter feito uma
digressão muito grande com lembrar-vos
do meu pequeno mérito. Perdoai-me;
mas somos obrigados a elogiar-nos,
quando perto não há pessoa amiga.
Marco · Minha é a vez de falar. Vede esta criança.
Tamora a deu à luz; foi concebida
por um mouro sem fé, autor precípuo,
conspirador de todas estas dores.
Esse infame ainda está com vida em casa
de Tito, e muito embora seja um réprobo,
confirmar pode quanto vos afirmo.
Julgai agora se não tinha Tito
razão para vingar tantos ultrajes
inenarráveis, que ultrapassam quanto
suportar possa qualquer ser humano.
Agora que a verdade toda ouvistes,
romanos, que dizeis? Se houve exagero
no que fizemos, apontai-nos onde,
que deste mesmo ponto em que nos vedes,
nós todos, os restantes Andronicos,
sem vacilarmos, de mãos dadas, vamos
precipitar-nos de cabeça baixa,
para que nessas pedras pontiagudas
partamos a cabeça e assim, de pronto,
ponhamos fim a nossa pobre casa.
Romanos, repeli um suplicante,
que eu e Lúcio morremos neste instante.
Emílio · Vamos, vamos, romano venerável,
pela mão traze nosso imperador,
sim, nosso imperador, Lúcio, ele mesmo,
pois o povo comum, tenho certeza,
vai aclamá-lo com a maior presteza.
Romanos · Salve Lúcio, de Roma o real senhor!
Marco *(aos criados)* · Ide à triste mansão do velho Tito
e arrastai para aqui o mouro incrédulo,
para que condenado seja a um gênero
de morte sanguinária e pavorosa
como pena de sua vida infame.

(Saem os criados.)

(Lúcio, Marco e os demais descem da sacada.)

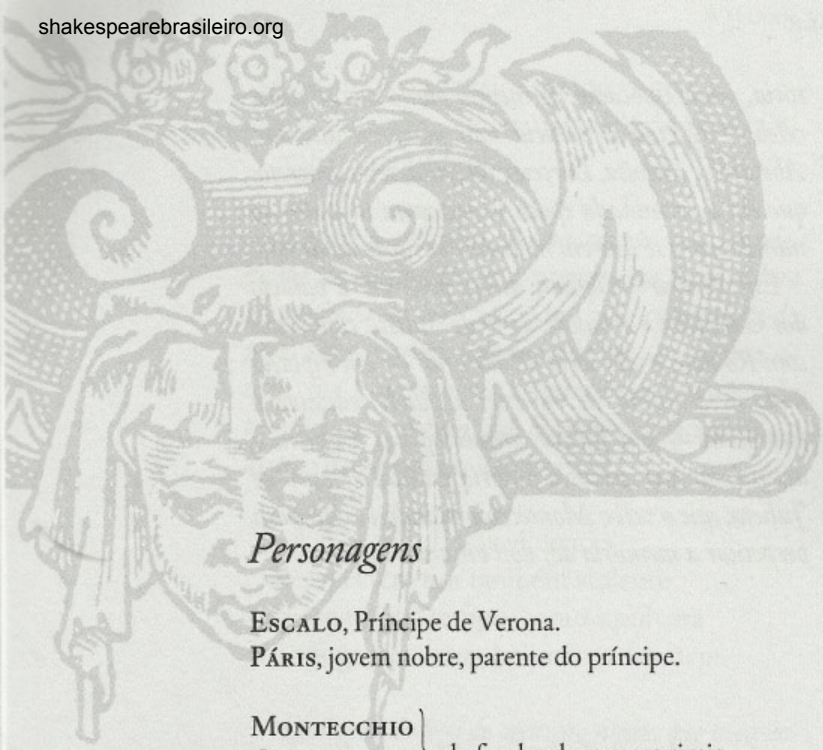
Romanos · Salve Lúcio, de Roma o real senhor!
Lúcio · Romanos, obrigado. Só desejo
vir a ter no governo o grato ensejo
de dar remédio aos males da cidade,
curando suas dores. Gentil povo,

shakespearebrasileiro.org

um momentinho, ainda, concedei-me,
que um pesado dever a natureza
de mim agora exige. Ficai longe;
mas vós, tio, aqui perto, para lágrimas
sentidas derramarmos neste corpo.
Na boca fria, agora, um beijo quente.
(Beija o cadáver de Tito.)
estas lágrimas tristes em teu rosto
cheio de sangue, as últimas obséquias
de teu amado filho.
Marco · A mesma coisa
teu mano Marco faz nesses teus lábios:
beijos por beijos, lágrimas por lágrimas.
E se infinita fosse a soma deles,
ilimitada, todos eu pagara.
Lúcio · Vem para aqui, menino; vem e aprende
conosco a derreter-te de tristeza.
Teu avô te estimava grandemente.
Quantas e quantas vezes sobre os joelhos
não te punha a dançar, cantarolava
para que adormecesses, ajeitando-te
para dormir no próprio peito dele!
Que de histórias bonitas não sabia,
próprias para tua idade de alegria!
Como filho amoroso, assim, lembrado
de tudo isso, derrama algumas gotas
de tua tenra fonte, que a bondosa
natureza assim manda: com os amigos
ficaremos, na dita e nos perigos.
Dize-lhe adeus; entrega o corpo à terra;
dize-lhe adeus e te despede dele.
Menino · Avozinho, avozinho! Quem me dera
ter morrido, contanto que vivêsseis!
Oh Senhor! Impossível me é dizer-lhe
qualquer palavra, que mo impede o pranto.
Se abrir a boca, em lágrimas me afogo.
(Voltam os criados com Aarão.)

Primeiro Romano ·
Ponde remate às dores, Andronicos,
e a sentença dizei do miserável
que foi o causador destas desgraças.
Lúcio · Enterrai-o até o peito, porque à fome
venha a morrer. Que fique assim, raivoso,
gritando por comida. E havendo, acaso,
quem o socorra ou compaixão revele,
venha a morrer por isso. Essa é a sentença.
Cuide alguém de enterrá-lo como eu disse.
Aarão ·
Oh! por que é muda a raiva e surda a cólera?
Não sou criança medrosa, para às baixas
orações recorrer e, muito menos,
para me arrepender dos crimes feitos.
Cometera outros, dez mil vezes piores,
se possível me fosse realizá-los.
Se em toda a vida fiz uma ação boa,
no fundo da alma, agora me arrependo.
Lúcio · Agora o imperador alguns amigos
daqui removam, para sepultá-lo
no túmulo de seus antepassados.
Meu pai e minha irmã depositados
vão ser na sepultura da família.
Quanto a essa odiosa tigre, essa Tamora,
não terá ritos fúnebres, nem prantos,
nem dobre melancólico de sinos
por ocasião do enterro. Não; jogai-a
para pasto das feras e das aves.
Vida animal teve ela, sem piedade;
não teremos com ela, assim, piedade.
Providenciai para que seja logo
feita justiça nesse mouro infame,
fonte e origem de nossos males todos.
Apliquemos depois todo o cuidado
no bem-estar do nosso grande Estado.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

Escalo, Príncipe de Verona.
Páris, jovem nobre, parente do príncipe.

Montecchio, Capuleto } chefes das duas casas rivais.

Um tio de Capuleto.
Romeu, filho de Montecchio.

Mercúcio, parente do príncipe, Benvólio, sobrinho de Montecchio } amigos de Romeu.

Tebaldo, sobrinho da senhora Capuleto.
Frei Lourenço, franciscano.
Frei João, da mesma Ordem.
Baltasar, criado de Romeu.

Sansão, Gregório } criados de Capuleto.

Pedro, criado da ama de Julieta.
Abraão, criado de Montecchio.
Um boticário.
Três músicos.
Pajem de Mercúcio; pajem de Páris; outro pajem; o oficial.
Senhora Montecchio, esposa de Montecchio.
Senhora Capuleto, esposa de Capuleto.
Julieta, filha de Capuleto.
Ama de Julieta.
Coro.

Cena

Verona; uma vez (no ato V) em Mântua.

SANSÃO · Estou mordendo o polegar, senhor.
ABRAÃO · É para nós que mordeis o polegar, senhor?
SANSÃO *(à parte, a Gregório)* · Se eu disser que sim, ficaremos com a lei de nosso lado?
GREGÓRIO *(à parte, a Sansão)* · Não.
SANSÃO · Não, senhor; não é para vós que estou mordendo o polegar; mas estou mordendo o polegar, senhor.
GREGÓRIO · Estais querendo brigar, senhor?
ABRAÃO · Eu, senhor, querendo brigar? Não, senhor.
SANSÃO · Porque, se o quiserdes, senhor, estou às vossas ordens; sirvo a um senhor tão bom quanto o vosso.
ABRAÃO · Porém não melhor.
SANSÃO · Perfeitamente, senhor.
GREGÓRIO *(à parte, a Sansão)* · Dize "melhor"; aí vem vindo um parente de nosso amo.
SANSÃO · Sim, senhor: melhor.
ABRAÃO · Estais mentindo.
SANSÃO · Desembainhai, se fordes homem! Gregório, não te esqueças de teu bote de fundo.

(Batem-se.)
(Entra Benvólio.)

BENVÓLIO · Loucos, parai com isso. Guardai vossas espadas. Não sabeis o que fazeis.

(Entra Tebaldo.)

TEBALDO · Como! Sacas da espada contra uns
pobres corçozinhos sem força? Aqui, Benvólio!
Vem encarar a morte!
BENVÓLIO · Procurava
separar esta gente. Guarda a espada
e me ajuda a acalmá-los.
TEBALDO · Como! Falas
em paz e a espada arrancas? Tão grande ódio
tenho a esse termo como ao próprio inferno,
a todos os Montecchios e a ti mesmo.
Defende-te, covarde!

(Batem-se.)

(Entram partidários das duas casas, que se misturam com os combatentes; depois entram Cidadãos, armados de paus e partasanas.)

CIDADÃOS · Varas e partasanas! Derrubai-os!
Descei o pau! Abaixo os Capuletos!
Fora os Montecchios!

(Entra Capuleto, de roupão de dormir, e a senhora Capuleto.)

CAPULETO · Que barulho é esse?
Minha espada comprida! Ide buscá-la!
Olá!
SENHORA CAPULETO · Muletas, isso sim: muletas!
Por que pedir espada?
CAPULETO · A espada! digo.
Chega o velho Montecchio e brande a lâmina.
para fazer-me acinte.

(Entram Montecchio e a senhora Montecchio.)

MONTECCHIO · Capuleto,
vilão!... Deixai! Tem de se haver comigo.
SENHORA MONTECCHIO ·
Não darás um só passo para o imigo.

(Entra o príncipe com seu séquito.)

PRÍNCIPE · Súditos revoltosos, inimigos
da paz, que profanais vossas espadas
no sangue dos vizinhos... Quê! Não ouvem?
Olá, senhores, animais selvagens
que as chamas apagais de vossa fúria
perniciosa na fonte purpurina
de vossas próprias veias! Sob ameaça
de tortura, jogai das mãos sangrentas
as armas para o mal, só, temperadas,
e a sentença escutai de vosso príncipe
irritado. Três vezes essas lutas
civis, nascidas de palavras aéreas,
por tua causa, velho Capuleto,
por ti, Montecchio, a paz de nossas ruas
três vezes perturbaram. Os provectos
Cidadãos de Verona, despojando-se
das vestes graves que tão bem os ornam,
nas velhas mãos lanças antigas brandem,
vosso ódio enferrujado. Se de novo
vierdes a perturbar nossa cidade,
pela quebrada paz dareis as vidas.
Por agora, que todos se retirem.
Vós, Capuleto, seguireis comigo,
e vós Montecchio, à tarde ireis à velha
Cidade-franca, à corte da Justiça,
para conhecimento, assim, tomardes
de quanto resolvermos sobre o caso.
Já! Sob pena de morte, dispersai-vos!

(Saem todos, com exceção de Montecchio, da senhora Montecchio e de Benvólio.)

MONTECCHIO · Quem reavivou esta querela antiga?
Sobrinho, dize: onde te achavas na hora?
BENVÓLIO · Antes de eu vir aqui já se encontravam
em luta engalfinhados vossos homens

shakespearebrasileiro.org

e os de vosso inimigo. Tencionando
separá-los, saquei de minha espada.
Nesse instante, porém, chegou o ardente
Tebaldo, espada em punho, que, soprando-me
desafios sem conta, não parava
de voltear a arma em torno da cabeça,
cortando, assim, os ventos que, de nada
molestados com isso, só faziam
assobiar para ele com desprezo.
Enquanto revidávamos os botes
e as estocadas, foi chegando gente
que aumentou o furor de ambas as partes,
até que o duque separasse as partes.

Senhora Montecchio
Oh! E onde está Romeu? Sabes, acaso?
Alegra-me não vê-lo neste caso.

Benvólio · Uma hora antes de haver o sol sagrado
cortado as franjas de ouro do nascente,
senhora, me levou o inquieto espírito
a fazer um passeio lá por fora,
onde à sombra de um bosque de sicômoros
que se estende para oeste da cidade
vi vosso filho a andar, que madrugara.
Dirigi-me para ele; mas, havendo-me
pressentido, esgueirou-se para a sombra
mais densa do arvoredo. Eu, que seu íntimo
medira pelo meu, que mais procura
justamente onde nada achar consegue,
demais já sendo para mim eu próprio,
meu capricho segui, deixando o dele,
e de grado evitei quem me evitava.

Montecchio · Muitas manhãs tem ele sido visto
nesse bosque, a aumentar com suas lágrimas
o orvalho matutino e acrescentando
com seus suspiros fundos novas nuvens
às nuvens existentes. Porém logo
que principia o sol, que tudo alegra,
a abrir no este longínquo o véu sombroso
do tálamo da Aurora, da luz foge
meu filho atribulado, recolhendo-se
a casa, onde se fecha no seu quarto,
cerra as janelas, a luz clara expulsa,
a noite artificial, assim, prepara.
Poderá acabar mal todo esse enliço,
se não for afastada a causa disso.

Benvólio · Meu nobre tio, conheceis a causa?

Montecchio · Não, nem consigo saber dele nada.

Benvólio · Acaso já insististes junto dele?

Montecchio · Não só eu, como alguns amigos nossos.
Mas ele confidente de suas próprias
inclinações — ignoro até que ponto
verdadeiro se mostra — tão discreto
consigo mesmo é sempre e tão distante
de se deixar sondar e patentear-se
como o botão que o verme escuro morde
antes que no ar ostente as doces folhas
e a formosura à luz do sol dedique.
Se a causa eu conhecesse da tristeza
deixá-lo-ia curado, isso é certeza.

Benvólio · Ei-lo que chega. Ponde-vos de lado;
há de falar-me ou se mostrar zangado.

Montecchio
Oh! Quem dera que o ouvisses, em boa hora,
em confissão! Vamos, madame, embora.

(Saem Montecchio e a senhora.)

(Entra Romeu.)

Benvólio · Bom dia, primo.

Romeu · Como assim! Já é dia?

Benvólio · São nove horas.

Romeu · A dor é um tardo guia.
Não foi meu pai que se afastou com pressa?

Benvólio · Perfeitamente; mas que dor as horas
retarda de Romeu?

Romeu · Não ter aquilo
que, se o tivesse, as deixaria curtas.

Benvólio · No amor?

Romeu · Fora...

Benvólio · Do amor?

Romeu · Fora do amor de quem me traz cativo.

Benvólio ·
Ah! que aparência tenha amor tão branda,
mas, de fato, seja áspero e tirano!

Romeu · Ah! que, apesar da venda, amor consiga
descobrir seus caminhos sem fadiga.
Onde iremos comer? Oh! que batalha
por aqui houve? Mas não contes nada,
que já soube de tudo. O ódio dá muito
trabalho por aqui; mas mais, o amor.
Então, amor brigão! Ó ódio amoroso!
És tudo, sim; do nada foste criado
desde o princípio. Leviandade grave,
vaidade séria, caos imano e informe

de belas aparências, chumbo leve,
fumaça luminosa, chama fria,
saúde doente, sono sempre esperto,
que não é nunca o que é. Eis aí o amor
que eu sinto e que me causa apenas dor.
Não queres rir?
BENVÓLIO · Não, primo! chorar quero.
ROMEU · Por quê, bondoso amigo?
BENVÓLIO · Por ver que tens opresso o coração.
ROMEU · Do amor é sempre assim a transgressão.
As dores próprias pesam-me no peito;
mas agora redobras-lhes o efeito
com mostrares as tuas; o tormento
que revelaste, ao meu deu mais alento.
O amor é dos suspiros a fumaça;
puro, é fogo que os olhos ameaça;
revolto, um mar de lágrimas de amantes...
Que mais será? Loucura temperada,
fel ingrato, doçura refinada.
Adeus, primo.

(Faz menção de retirar-se.)

BENVÓLIO · Mais calma; irei também;
se me deixardes não procedeis bem.
ROMEU · Ora, já me perdi. Não sou Romeu.
Esse está longe. Está... não sei bem onde.
BENVÓLIO · Dizei-me seriamente a quem amais.
ROMEU · Como! Precisarei gemer o tempo
todo que te falar?
BENVÓLIO · Gemer? Oh, não.
Mas dizer, em verdade, quem seja ela.
ROMEU · Mandai fazer o doente o testamento.
Que idéia triste para o desalento!
Primo, em verdade: adoro uma mulher.
BENVÓLIO · Acertado também nesse alvo eu tinha,
ao vos imaginar apaixonado.
ROMEU · Ótimo atirador! E ela é formosa.
BENVÓLIO · Primo, acertar assim é grande dita.
ROMEU · Nisso vos enganais. Ela é catita.
A seta de Cupido não cogita
de bater nela. Sábia como Diana,
a castidade é sua soberana.
Do arco gentil do amor está amparada
e, assim, da lenga lenga apaixonada.
Resistir pode a todos os assaltos
dos olhares morteiros, não chegando
nunca a cair-lhe no regaço a chuva
de ouro que os próprios santos tem vencido.
Oh! é rica em beleza, mais que bela,
porque a beleza morrerá com ela.
BENVÓLIO · Então jurou que sempre há de ser casta?
ROMEU · Jurou; e sua avareza tão nefasta
grandes estragos fez, pois a beleza,
com tal severidade, de fraqueza
quase veio a morrer, tendo ficado
sem prole alguma. Incrível atentado!
É muito bela e sábia, sabiamente
formosa para estar sempre contente
com me fazer sofrer. Fez juramento
de não amar jamais, um só momento.
E nesse voto infausto eu vivo morto
só de a todos contar meu desconforto.
BENVÓLIO · Por mim guiar te deixes nisso: esquece-a.
ROMEU · Oh! A esquecer-me ensina o pensamento.
BENVÓLIO · Dá liberdade aos olhos; examina outras
belezas.
ROMEU · Esse é o meio certo
de mais consciente me tomar ainda
de sua formosura em tudo rara.
Essas felizes máscaras que as frontes
beijam das jovens belas, sendo pretas
pensar nos fazem que a beleza escondem.
Quem chegou a cegar, jamais se esquece
da jóia rara que perdeu com a vista.
Mostrai-me uma mulher de inexcedível
formosura; para algo servir pode,
senão de sugestão para que eu leia
quem a excedeu em tanta formosura?
Não, nunca hás de ensinar-me o esquecimento.
BENVÓLIO · Hei de nisso empregar o meu talento.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena II

O mesmo. Uma rua.
Entram Capuleto, Páris e um criado.

Capuleto · Tanto eu como Montecchio recebemos
igual penalidade. Como velhos
em paz viver não nos será difícil.
páris · Ambos gozais de altíssimo conceito,
sendo de lastimar que há tanto tempo
vivais em desavença. Mas agora,
milorde, que dizeis de meu pedido?
Capuleto · Repito o que já disse. Minha filha
ainda é uma estrangeira neste mundo;
mal o curso notou de quatorze anos.
De dois estios murchará o orgulho,
sem que ouçamos das núpcias o barulho.
páris · Mães venturosas já são muitas outras
jovens mais moças ainda.
Capuleto · As que começam
antes do tempo também morrem cedo.
Todas as minhas esperanças foram
tragadas pela terra; somente essa
me resta, herdeira grata do que tenho.
Mas meu Páris gentil, falai com ela;
nisso, minha vontade é uma parcela,
tão-só, do seu querer. Sendo do gosto
dela, no mesmo ponto estou disposto
a dar, alegre, o meu consentimento.
Seguindo agora o velho regimento,
darei hoje uma festa de alegria
para a qual convidei a companhia
de pessoas amigas. Vós, também,
sendo mais um, fazeis, como ninguém,
jus ao convite. Completai a lista,
sem ser preciso que eu sobre isso insista.
Em minha pobre casa heis de irradiantes
estrelas hoje ver, que, mui galantes,
da terra lançam luz ao céu sombrio.
A sensação que tem o homem sadio,
quando abril ataviado segue os passos
do coxo inverno, trêmulos e lassos,
em casa hoje heis de ter, no mesmo instante
em que virdes o bando deslumbrante
de botões femininos. Sede atento
para todas, mostrai contentamento
com a que vos parecer mais bem prendada.
Entre muitas, também, examinada
minha filha há de ser, que embora possa
ter mérito, a nenhuma fará mossa.
Vinde comigo.
(Entrega um papel a um dos criados.)
Olá, rapaz! Depressa
corre a bela Verona e os nomes dessa
lista procura, a todos anunciando
que hoje terão de minha casa o mando.
(Saem Capuleto e Páris.)
Criado · Procurar os donos dos nomes desta
lista! Está escrito que o sapateiro se ocupará com
sua jarda, o alfaiate com suas formas, o pescador
com seu pincel, o pintor com suas redes. Mas a
mim me incumbem de procurar os donos dos
nomes escritos aqui, sem que eu jamais possa
encontrar os nomes anotados pela pessoa que
escreveu isto. Tenho de procurar gente instruída.
Oh! Em boa hora!
(Entram Benvólio e Romeu.)
Benvólio · Ora, rapaz! Incêndio a incêndio cura.
Uma dor faz minguar a mais antiga.
Desvirar do virar sara a tontura.
Um desespero a velha dor mitiga.
Deixa os olhos pegar nova infecção,
porque da velha possas ficar são.
Romeu · Vossa folha de plátano para isso
fora excelente.
Benvólio · Para quê, amigo?
Romeu · Para perna quebrada.
Benvólio · Estás maluco,
Romeu?
Romeu · Maluco? Não; mas mais atado
do que um louco furioso; encarcerado,
morto de fome, chibateado, posto
no banco de tormento e... Salve, amigo!
Criado · Deus vos salve, senhor. Por obséquio,
senhor, sabeis ler?
Romeu · Sei, sim: minha miséria e a própria sorte.
Criado · Talvez tivésseis aprendido isso sem o
auxílio de livros. Mas, por obséquio, sereis capaz de
ler tudo o que virdes?
Romeu · Sou, se souber a língua e vir o escrito.

shakespearebrasileiro.org

Criado · Falais com honestidade. Passai bem.
(Faz menção de retirar-se.)
Romeu · Espera aí, rapaz; sei ler.
"Signior Martino, sua esposa e filhas; o conde Anselmo com suas encantadoras irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; signior Placêncio e suas amáveis sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha linda sobrinha Rosalina; Lívia; o signior Valêncio com seu primo Tebaldo; Lúcio e a encantadora Helena." Belo conjunto. Onde é que será isso?
Criado · Lá em cima.
Romeu · Onde?
Criado · Na ceia em nossa casa.
Romeu · Casa de quem?
Criado · Do meu amo.
Romeu · Com efeito; é o que eu deveria ter perguntado em primeiro lugar.
Criado · Mas vou dizer-vos, sem que mo pergunteis. Meu amo é o grande e rico Capuleto, e se não fordes da casa dos Montecchios, peço-vos que também vades esvaziar uma taça de vinho. Prossegui alegre.
(Sai.)

Benvólio · Nessa tradicional festividade
de Capuleto vai cear a tua
formosa Rosalina, juntamente
com as demais beldades de Verona.
Vai também, e com olhos imparciais
compara o rosto dela com o de quantas
eu te mostrar por lá, que sem estorvo,
verás teu cisne transformado em corvo.
Romeu · Se meus olhos devotos falsidade
tão grande sustentarem, que em fogueira
de suas lágrimas morra sem piedade,
como hereges passíveis de cegueira.
Mais linda que ela! Nunca o sol radiante
no mundo todo viu tão bela amante.
Benvólio · Pesaste-a nos dois pratos da balança
de teus olhos, sem outra vizinhança.
Mas sopesa nos pratos de cristal
tua beldade e outra qualquer vestal
que eu te mostrar brilhante nessa festa,
e logo a tua te será indigesta.
Romeu · Irei; não para ver tal resplendor,
mas para me ofuscar em meu amor.
(Saem.)

Ato I · Cena III

O mesmo. Um quarto na casa de Capuleto.
Entram a Senhora Capuleto e a Ama.

Senhora Capuleto ·
Ama, onde está Julieta? Vai chamá-la.
Ama · Por minha virgindade, quando eu tinha
doze anos: já a chamei. Minha ovelhinha!
Vem cá, meu coração! Deus me perdoe,
mas onde está a menina? Oh, Julieta!
(Entra Julieta.)
Julieta ·
Que é que houve? Quem me chama?
Ama · Vossa mãe.
Julieta · Senhora, aqui estou eu. Que desejais?
Senhora Capuleto ·
Eis o assunto... Ama, deixa-nos sozinhas
por algum tempo. Tenho de falar-lhe
muito em particular. Não, ama: volta!
Lembrei-me agora que é preciso que ouças
nossa conversa, pois há muito tempo
conheces minha filha.
Ama · É certo, posso
dizer que idade tem, hora por hora.
Senhora Capuleto ·
Tem quatorze anos incompletos.
Ama · Jogo
quatorze de meus dentes — muito embora,
para minha aflição, só tenha quatro —
em como não fez ainda quatorze anos.
Para um de agosto quanto falta ainda?
Senhora Capuleto ·
Uma quinzena e pouco.
Ama · Pouco ou muito,
não importa. O que é certo é que no dia
um de agosto completa quatorze anos.
Ela e Susana — Deus ampare as almas
cristãs! — eram da mesma idade. Bem;
Susana está com Deus. Mas, como disse:

shakespearebrasileiro.org

na noite de primeiro ela completa
quatorze anos. É certo: quatorze anos.
Lembro-me bem. Desde o tremor de terra,
onze anos se passaram. Desmamada
foi nesse tempo; nunca hei de esquecê-lo,
pois nos seios passado havia losna,
sentada ao sol, embaixo do pombal.
Vós e o patrão em Mântua vos acháveis —
Oh! que memória a minha! — Mas, como ia
dizendo: quando ela sentiu o gosto
de losna no mamilo e o achou amargo —
coisinha tola! — como ficou brava!
como bateu nos seios! Nisso, "Crac!"
fez o pombal.
Não foi preciso mais para eu mexer-me.
Já se passaram, desde então, onze anos.
De pé, sozinha, ela já então ficava.
Sim, pela Santa Cruz, podia mesmo
correr a cambalear por toda a casa,
pois no dia anterior ferira a testa.
Foi quando meu marido — Deus conserve
sempre sua alma! Era de gênio alegre —
levantou a menina. "Sim", disse ele,
"cais agora de frente? Pois de costas
cairás, quando tiveres mais espírito.
Não é, Julu?" E, pela Santa Virgem,
parando de chorar, a pirralhinha
respondeu: "Sim." Uma pilhéria fina
vem sempre a tempo. Juro que ainda mesmo
que mil anos eu viva, jamais hei de
me esquecer do episódio. Perguntou-lhe:
"Não é, Julu?" E aquela pirralhinha,
parando de chorar, respondeu: "Sim."

Senhora Capuleto · Sobre isso, basta. Fica quieta, peço-te.

Ama · Pois não, senhora: mas não me é possível
deixar de rir, ao recordar como ela
interrompeu o choro e disse "Sim".
No entretanto, crescera-lhe na testa,
jurar posso, um calombo grande como
testículo de gato. Que pancada!
E ela chorava amargamente. "É certo",
disse-lhe meu marido; "cais de frente,
não é assim? Mas vais cair de costas,
quando fores maior. Não é, Julu?"
E ela, já sem chorar, respondeu: "Sim."

Julieta · Então pára também, ama; é o que peço.

Ama · Bem, já acabei. Que Deus te tenha em graça.
Foste a criança mais linda que eu criei.
Se algum dia eu puder ver-te casada,
é tudo o que desejo.

Senhora Capuleto · Pois foi para falar em casamento que te chamei. Filha Julieta, dize-me:
em que disposição estás para isso?

Julieta · É uma honra com a qual jamais sonhei.

Ama · Honra! Se não tivesses tido apenas
uma ama, afirmaria que, com o leite,
tinhas mamado juízo.

Senhora Capuleto · Pois estamos
na época de pensar em casamento.
Mais jovens do que vós, aqui em Verona,
senhoras de respeito, já são mães.
Se não me engano, vossa mãe tornei-me
com a mesma idade em que ainda sois donzela.
Para ser breve: o valoroso Páris
requesta vosso amor.

Ama · Que homem, menina!
Um homem desses... Não... em todo o mundo...
Só feito de encomenda.

Senhora Capuleto · A primavera
de Verona não tem mais bela flor.

Ama · Sim, uma flor! A verdadeira flor.

Senhora Capuleto ·
Que dizeis? Sois capaz de amar o jovem?
Hoje à noite vê-lo-eis em nossa festa.
Folheai o livro de seu jovem rosto,
que nele encontrareis doces encantos
escritos pela pena da beleza.
Examinai-lhe os traços delicados
e vede como se acham bem casados.
E se no livro achardes algo obscuro,
encontrareis nos olhos o esconjuro.
Esse manual de amor só necessita
de uma capa adequada e bem bonita.
Vive no mar o peixe; é muito certo
que deva o amor ficar logo encoberto.
As letras de ouro da lombada a glória
terão em parte da formosa história.
Ficareis, pois, com ele associada
sem que vos diminuais, com isso, em nada.

Ama · Oh! não diminuirá. Pelo contrário;
as mulheres com os homens sempre aumentam.

Senhora Capuleto ·
Enfim, que me dizeis do amor de Páris?

shakespearebrasileiro.org

Julieta · Vou ver se prendo nele os meus olhares.
Mas a vista chegar além não há de
do que me consentir vossa vontade.
(Entra um criado.)
Criado · Senhora, os hóspedes já chegaram;
a comida está na mesa; estais sendo procurada;
reclamam a presença da senhorita; na copa
amaldiçoam a ama. Tudo está de pernas para o ar.
Tenho de voltar para servir. Por obséquio, vinde logo,
vinde logo.
Senhora Capuleto ·
Já te sigo. Julieta, o conde espera.
Ama · Belas noites te almejo; sou sincera.
(Saem.)

Ato I · Cena IV

O mesmo. Uma rua.
Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis mascarados, portadores de tochas e outras pessoas.

Romeu · Por escusas faremos um discurso,
ou entramos sem nenhuma apologia?
Benvólio · Muito falar destoa deste dia.
Não precisamos hoje de Cupido
com venda sobre os olhos e arco tártaro
de ripa multicor, que infunde medo,
como espantalho o faz, no mulherio.
Não; nem também de prólogo matado,
que o ponto diz antes de nossa entrada.
Que nos tomem por quem melhor acharem;
mediremos com todos alguns passos
e, após, saímos.
Romeu · Dai-me uma das tochas;
não me acho hoje disposto para saltos.
Estando enfarruscado, aclaro a estrada.
mercúcio · Não; tereis de dançar, gentil Romeu.
Romeu · Não; podeis crer-me: tendes sapatinhos
de sola leve, própria para dança.
Eu, tenho alma de chumbo que, prendendo-me
à terra, não me deixa dar um passo.
mercúcio · Sois um apaixonado. Por empréstimo
tomai as lestes asas de Cupido,
que heis de pairar por sobre a mediania.
Romeu · Tão transpassado estou por suas setas
que suas lestes asas não conseguem
transportar-me para o alto: tão peado,
que não posso deixar a dor obscura,
sob o fardo do amor gemendo sempre.
mercúcio · Mas para estar sob ele, é necessário
que carregueis o amor, peso excessivo
para coisa tão terna.
Romeu · Coisa terna,
julgais que seja o amor? Não; muito dura;
dura e brutal, e fere como espinho.
mercúcio · Se o amor convosco é duro, sede duro
também com ele, revidando todas
as pancadas que der. Ponde-o no chão.
Dai-me uma cobertura para o rosto.
Em cima de uma máscara ponho outra.
Que me importa que o olhar curioso possa
perceber a feiúra? Por mim hão de
corar estas salientes sobrancelhas.
Benvólio · Vamos bater e entrar e, uma vez dentro,
que bom uso das pernas todos façam.
Romeu · Dai-me uma tocha; que esses rapazolas
de leve coração cócegas façam
com os sapatos nos juncos insensíveis.
Já meu avô dizia sentencioso:
seguro a luz e fico a observar tudo.
Fora, muita algazarra; eu, triste e mudo.
mercúcio · Mudo é o rato no charco, diz o guarda.
Se mudo te tornares, arrancamos-te
do charco — com licença! — de Cupido,
onde estás enterrado até as orelhas.
Sigamos, que isto é acender luz de dia.
Romeu · Não, não é isso.
mercúcio · Minha alegoria,
senhor, indica que, como de dia,
gastamos nossa luz inutilmente.
Conservai esse dito sempre em mente,
que mais saber contém do que, reunidos,
todos os nossos cinco ou seis sentidos.
Romeu · Sim, é o que faço nesta mascarada;
mas é absurdo.
mercúcio · Por que não vos agrada?
Romeu · Tive um sonho esta noite.

shakespearebrasileiro.org

MERCÚCIO · Oh! eu também.
ROMEU · Sobre quê?
MERCÚCIO · Sonho algum verdade tem.
ROMEU · Quando dormimos, tudo neles cabe.
MERCÚCIO · Oh! visitou-vos a Rainha Mab.
BENVÓLIO · Quem é a Rainha Mab?
MERCÚCIO · É a parteira das fadas, que o tamanho
não chega a ter de uma preciosa pedra
no dedo indicador de alta pessoa.
Viaja sempre puxada por parelha
de pequeninos átomos, que pousam
de través no nariz dos que dormitam.
As longas pernas das aranhas servem-lhe
de raios para as rodas; é a capota
de asa de gafanhotos; os tirantes,
das teias mais sutis; o colarzinho,
de úmidos raios do luar prateado.
O cabo do chicote é um pé de grilo;
o próprio açoite, simples filamento.
De cocheiro lhe serve um mosquitinho
de casaco cinzento, que não chega
nem à metade do pequeno bicho
que nos dedos costuma arrendondar-se
das criadas preguiçosas. O carrinho
de casca de avelã vazia, feito
foi pelo esquilo ou pelo mestre verme,
que desde tempo imemorial o posto
mantém de fabricante de carruagens
para todas as fadas. Assim posta,
noite após noite ela galopa pelo
cérebro dos amantes, que, então, sonham
com coisas amorosas; pelos joelhos
dos cortesãos, que com salamaleques
a sonhar passam logo; pelos dedos
dos advogados, que a sonhar começam
com honorários; pelos belos lábios
das jovens, que com beijos logo sonham,
lábios que Mab, às vezes, irritada,
deixa cheios de pústulas, por vê-las
com o hálito estragado por confeitos.
Por cima do nariz de um palaciano
por vezes ela corre, farejando
logo ele, em sonhos, um processo gordo.
Com o rabinho enrolado de um pequeno
leitão de dízimo, ela faz coceiras
no nariz do vigário adormecido,
que logo sonha com mais um presente.
Na nuca de um soldado ela galopa,
sonhando este com cortes de pescoço,
ciladas, brechas, lâminas de Espanha
e copázios bebidos à saúde,
de cinco braças de alto. De repente,
porém, estoura pelo ouvido dele,
que estremece e desperta e, aterrorado,
reza uma ou duas vezes e, de novo,
põe-se a dormir. É a mesma Rainha Mab
que a crina dos cavalos enredada
deixa de noite e a cabeleira grácil
dos elfos muda em sórdida melena
que, destrançada, augura maus eventos.
Essa é a bruxa que, estando as raparigas
de costas, faz pressão no peito delas,
ensinando-as, assim, como mulheres,
a agüentar todo o peso dos maridos.
É ela, ainda...
ROMEU · Paz, Mercúcio! Paz!
MERCÚCIO · Sim, só falo de sonhos, prole ociosa
de um cérebro vadio, a qual de nada
provém senão da inútil fantasia,
que é tão firme como o ar, mais inconstante
do que o vento que faz a corte ao frio
seio do norte e, sendo repelido,
volta de lá bufando e o rosto vira
para o sul orvalhoso.
BENVÓLIO · Pois o vento
de que falais nos toca para longe
de nós próprios. A ceia está acabada;
chegamos muito tarde.
ROMEU · Oh! muito cedo,
tenho receio. Apreende meu espírito
algo que ainda pende das estrelas
e que vai iniciar seu fatal curso
na festa desta noite, pondo termo
à vida desprezível que eu carrego
no peito, com qualquer delito absurdo
de morte extemporânea. Mas Aquele
que se acha no timão de minha viagem
vai dirigir-me a vela. Adiante, amigos!
BENVÓLIO · Tocai, tambor!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena V

O mesmo. Um salão em casa de Capuleto. Músicos esperam. Entram criados.

PRIMEIRO CRIADO · Onde está o Caçarola, que não vem ajudar a tirar a mesa? Aquele troca-pratos! Olá, Raspa-Pratos!
SEGUNDO CRIADO · Retira esses tamboretes, arrasta o aparador. Cuidado com a baixela! Amigo, separa para mim um pedaço de massapão. E se me tens amizade, dize ao porteiro que deixe entrar Nell e Susana Grindstone. Antônio! Caçarola!
TERCEIRO CRIADO · Aqui, rapaz! Estamos prontos.
PRIMEIRO CRIADO · Estão vos chamando, estão vos procurando, reclamam vossa presença na sala grande.
TERCEIRO CRIADO · Não podemos estar aqui e lá ao mesmo tempo.
SEGUNDO CRIADO · Alegria, rapazes! Ficai lépidos pelo menos uma vez na vida. Quem viver mais tempo ficará com tudo.

(Afastam-se para o fundo.)

(Entram Capuleto, Julieta e outras pessoas da casa, que se encontram com hóspedes e mascarados.)

CAPULETO · Cavalheiros, bem-vindos. As senhoras
que não sofrerem no dedão de calos
hão de dançar convosco. Olá, senhoras!
Qual de vós há de agora recusar-se
a dar uma voltinha? A que mimosa
se mostrar por demais, faço uma aposta
em como terá calos. Como! Agora
ficamos juntos? Sede aqui bem-vindos,
meus senhores! Já vi também os dias
em que punha uma máscara e sabia
cochichar uma ou duas palavrinhas
nuns ouvidos bonitos. E agradavam!
Mas já lá vai o tempo... Tudo passa.
Sois bem-vindos, senhores. Vinde, músicos!
Tocai logo! Licença! Abri caminho...
Com licença! Meninas, ligeireza!

(Música e dança.)

Mais luz, marotos! Arrastai as mesas
e apagai esse fogo, que está muito
quente aqui dentro. Ah! essas brincadeiras
inesperadas chegam sempre a tempo.
Sim, sentai-vos, sentai-vos, caro primo
Capuleto; nós dois já não estamos
na idade de dançar. Há quanto tempo
deixamos de pôr máscara?
SEGUNDO CAPULETO · Trinta anos,
pela Virgem; trinta anos.
CAPULETO · Como, primo!
Não, não faz tanto tempo; é muita coisa.
Foi desde o casamento de Lucêncio.
Venha quando quiser o Pentecostes,
serão vinte e cinco anos... Nós, de máscara...
SEGUNDO CAPULETO ·
Muito mais! Muito mais! O filho dele,
senhor, tem mais idade; tem trinta anos.
CAPULETO · Que dizeis! Pois se esse filho dele
há uns dois anos maior não era ainda!
ROMEU · Que dama é aquela que enriquece o braço
daquele cavalheiro?
CRIADO · Desconheço-a, meu senhor.
ROMEU · Oh! ela ensina a tocha a ser luzente.
Dir-se-ia que da face está pendente
da noite, tal qual jóia mui preciosa
da orelha de uma etíope mimosa.
Bela demais para o uso, muito cara
para a vida terrena. Como clara
pomba ao lado de gralhas tagarelas,
anda no meio das demais donzelas.
Vou procurá-la, ao terminar a dança
porque a esta rude mão possa dar ansa
de tocar nela e, assim, ficar bendita.
Meu coração, até hoje, teve a dita
de conhecer o amor? Oh! que simpleza!
Nunca soube até agora o que é beleza.
TEBALDO · Pela voz este aqui é algum Montecchio.
Rapaz, vai buscar logo minha espada.
Como! Esse escravo atreve-se a, com máscara
grotesca, vir aqui, para de nossa
festividade rir e fazer pouco?
Pela honra do meu sangue e nobre estado,
dar-lhe a morte não julgo ser pecado.
CAPULETO · Que tem, sobrinho? Que se dá contigo?
TEBALDO ·
Tio, aquele é um Montecchio, nosso imigo;

shakespearebrasileiro.org

um vilão que aqui entrou por zombaria,
para nos estragar toda a alegria.
Capuleto · Não é o jovem Romeu?
Tebaldo · O mesmo, o biltre Romeu.
Capuleto · Gentil sobrinho, fica quieto;
deixa-o tranqüilo. Ele se tem mostrado
perfeito gentil-homem. Para ser-te
franco, Verona tem orgulho dele,
como rapaz virtuoso e mui polido.
Nem por toda a riqueza da cidade
quisera que ele aqui fosse ofendido.
Acalma-te, portanto, e fica alegre;
essa é a minha vontade. Se a acatares,
fica alegre e desfaze essa carranca
que não vai bem com nossa alacridade.
Tebaldo · Vai, sim, quando um vilão se mete nela.
Não o suporto.
Capuleto · Terás de suportá-lo.
Como, rapaz! Estou mandando: deixa-o!
Quem manda aqui, acaso; vós ou eu?
Ora, não o suportais! Deus me salve a alma.
Quereis fazer barulho entre meus hóspedes?
Provocar brigas? Ser mandão na festa?
Tebaldo · Mas, tio, é vergonhoso...
Capuleto · Ide, ide.
Sois petulante, não? Prejudicar-vos
ainda pode esta história. Sei de tudo.
Procurais contrariar-me? Eis o momento. —
Muito bem, corações! — Sois um fedelho.
Ide acalmar-vos. — Luz! Mais luz! — Que
[opróbrio!
Já vou deixar-vos quieto. — Assim, meus caros!
Alegria! Alegria!
Tebaldo · A paciência e o furor, equilibrados,
inativos me deixam com seus brados.
Vou sair; mas o intruso que hoje é mel,
será amanhã o mais amargo fel.

(Sai.)

Romeu *(a Julieta)* · Se minha mão profana o relicário
em remissão aceito a penitência;
meu lábio, peregrino solitário,
demonstrará, com sobra, reverência.
Julieta · Ofendeis vossa mão, bom peregrino,
que se mostrou devota e reverente.
Nas mãos dos santos pega o paladino.
Esse é o beijo mais santo e conveniente.
Romeu · Os santos e os devotos não têm boca?
Julieta · Sim, peregrino, só para orações.
Romeu · Deixai, então, ó santa! que esta boca
mostre o caminho certo aos corações.
Julieta · Sem se mexer, o santo exalça o voto.
Romeu · Então fica quietinha: eis o devoto.
Em tua boca me limpo dos pecados.

(Beija-a.)

Julieta · Que passaram, assim, para meus lábios.
Romeu · Pecados meus? Oh! Quero-os retornados.
Devolve-mos.
Julieta · Beijais tal qual os sábios.
Ama · Vossa mãe quer falar-vos, senhorita.
Romeu · Quem é a mãe dela?
Ama · Ora essa, cavalheiro!
A dona desta casa, certamente,
uma digna senhora, honesta e sábia.
Amamentei-lhe a filha, a senhorita
com quem falastes. E uma coisa eu digo,
com certeza: quem vier a desposá-la,
ficará cheio de ouro.
Romeu · É Capuleto?
Oh conta cara! Minha vida é dívida
de hoje em diante no livro do inimigo.
Benvólio · A festa já acabou; vamos embora.
Romeu · Acabou? Para mim começa agora.
Capuleto · Não, cavalheiros, não saiais tão cedo;
ainda teremos uma ceiazinha.
Mas partis mesmo? A todos, obrigado.
Muito obrigado, honesto cavalheiro.
Boa noite. — Trazei-me aqui mais tochas!
Sendo assim, vou deitar-me. É certo, amigo:
já está ficando tarde. Vou deitar-me.

(Saem todos, com exceção de Julieta e a ama.)

Julieta · Ama, quem é aquele gentil-homem?
Ama · Herdeiro e filho de Tibério, o velho.
Julieta · E aquele que ora passa pela porta?
Ama · Se não me engano, é o filho de Petrucchio.
Julieta · E aquele que ali vai, que não dançou?
Ama · Não sei quem seja.
Julieta · Então vai perguntar-lhe
como se chama. Vai! Se for casado,
um túmulo será todo o meu fado.
Ama · Romeu é o nome dele; é um dos Montecchios,
filho único do vosso grande imigo.
Julieta · Como do amor a inimizade me arde!

shakespearebrasileiro.org

Desconhecido e amado muito tarde.
Como esse monstro, o amor, brinca comigo:
apaixonada ver-me do inimigo!
Ama · Como assim? Como assim?
Julieta · Isso é uma rima
que aprender fui com quem dancei há pouco.
Ama · Já vamos! Um momento! — Está na hora;
já se foram os hóspedes embora.

(Saem.)

Prólogo

Entra o coro.

coro · Moribundo se encontra o antigo afeto,
querendo o novo amor ser seu herdeiro;
da beldade fatal o externo aspecto
frente a Julieta é monstro verdadeiro.
Ama Romeu, sendo também amado.
Cada um nos olhos do outro acha feitiço;
queixa-se ele do imigo proclamado;
na mais pungente dor cria ela viço.
Sendo inimigo, acesso junto dela
não obtém ele para suas juras;
nem ela sabe, como, com cautela,
lhe poderá dizer palavras puras.
Mas o amor, em tamanha extremidade,
sabe fazer da dor felicidade.

Ato II · Cena I

Verona. Um beco junto do muro do jardim de Capuleto. Entra Romeu.

Romeu · Como afastar-me, se daqui não pode
sair meu coração? Dá meia-volta,
pesada argila, e o centro teu procura.

(Escala o muro e salta para o jardim.)

(Entram Benvólio e Mercúcio.)

Benvólio · Romeu! Primo Romeu!
mercúcio · Ele é prudente,
por minha fé, e soube achar a estrada
para o leito macio.
Benvólio · Em disparada
veio até aqui, tendo pulado o muro
que dá para o jardim. Chama-o, Mercúcio.
mercúcio · Vou conjurá-lo, sim. Romeu! Capricho!
paixão! sujeito louco! enamorado!
Vem sob a forma de um gemido fundo;
dize uma rima só, que isso me basta.
Geme "ai!" e rima "amor" com "trovador",
dize à comadre Vênus algo belo;
o filho cego e herdeiro dela insulta,
Cupido, o moço archeiro que um disparo
fez tão airoso, quando o Rei Cofétua
se apaixonou de uma mendiga jovem.
Não ouve, não se mexe, está parado.
O macaco está morto. Vou fazer-lhe
um conjuro mais forte. Eu te conjuro
pelos olhos sem par de Rosalina,
por sua fronte, os lábios escarlates,
os delicados pés, as belas pernas,
as tremulantes coxas e os domínios
adjacentes. Conjuro-te, repito,
que, tal como és, em nossa frente surjas.
Benvólio · Se ele te ouve, decerto vais magoá-lo.
mercúcio ·
Não, isso não o magoa. O que o magoara
fora invocar no círculo da amada
um espírito estranho e aí deixá-lo
até que ela o tivesse exorcismado.
Isso, sim, poderia aborrecê-lo;
mas minha invocação é bela e honesta;
o nome digo de sua própria amada,
só para que ele possa reanimar-se.
Benvólio ·
Vamos; ele ocultou-se entre essas árvores,

shakespearebrasileiro.org

para perto ficar da úmida noite.
Seu cego amor diz bem com a escuridão.
Mercúcio · Se o amor é cego, nunca acerta no alvo.
Agora vai sentar-se sob a fronde
de um nespereiro, a desejar que a amada
fosse a fruta que as jovens chamam nêspera,
quando riem sozinhas. Ó Romeu!
se ela fosse um "Et cetera", realmente,
bem aberto, e tu, pêra açucarada!
Romeu, boa noite! Vou para meu leito
de rodas; esta cama de campanha
para mim é muito úmida. — Não vamos?
Benvólio · Vamos, então; pois é canseira inútil
procurar quem não quer ser encontrado.

Ato II · Cena II

O mesmo. Jardim de Capuleto.
Entra Romeu.

Romeu · Só ri das cicatrizes quem ferida
nunca sofreu no corpo.
(Julieta aparece na janela.)
Mas silêncio!
Que luz se escoa agora da janela?
Será Julieta o sol daquele oriente?
Surge, formoso sol, e mata a lua
cheia de inveja, que se mostra pálida
e doente de tristeza, por ter visto
que, como serva, és mais formosa que ela.
Deixa, pois, de servi-la; ela é invejosa.
Somente os tolos usam sua túnica
de vestal, verde e doente; joga-a fora.
Eis minha dama. Oh, sim! é o meu amor.
Se ela soubesse disso!
Ela fala; contudo, não diz nada.
Que importa? Com o olhar está falando.
Vou responder-lhe. Não; sou muito ousado;
não se dirige a mim: duas estrelas
do céu, as mais formosas, tendo tido
qualquer ocupação, aos olhos dela
pediram que brilhassem nas esferas,
até que elas voltassem. Que se dera
se ficassem lá no alto os olhos dela,
e na sua cabeça os dois luzeiros?
Suas faces nitentes deixariam
corridas as estrelas, como o dia
faz com a luz das candeias, e seus olhos
tamanha luz no céu espalhariam,
que os pássaros, despertos, cantariam.
Vede como ela apóia o rosto à mão.
Ah! se eu fosse uma luva dessa mão,
para poder tocar naquela face!
Julieta · Ai de mim!
Romeu · Oh, falou! Fala de novo,
anjo brilhante, porque és tão glorioso
para esta noite, sobre a minha fronte,
como o emissário alado das alturas
ser poderia para os olhos brancos
e revirados dos mortais atônitos,
que, para vê-lo, se reviram, quando
montado passa nas ociosas nuvens
e veleja no seio do ar sereno.
Julieta ·
Romeu, Romeu! Ah! por que és tu Romeu?
Renega o pai, despoja-te do nome;
ou então, se não quiseres, jura ao menos
que amor me tens, porque uma Capuleto
deixarei de ser logo.
Romeu *(à parte)* · Continuo
ouvindo-a mais um pouco, ou lhe respondo?
Julieta · Meu inimigo é apenas o teu nome.
Continuarias sendo o que és, se acaso
Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio?
Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto,
nem parte alguma que pertença ao corpo.
Sê outro nome. Que há num simples nome?
O que chamamos rosa, sob uma outra
designação teria igual perfume.
Assim Romeu, se não tivesse o nome
de Romeu, conservara a tão preciosa
perfeição que dele é sem esse título.
Romeu, risca teu nome, e, em troca dele,
que não é parte alguma de ti mesmo,
fica comigo inteira.
Romeu · Sim, aceito
tua palavra. Dá-me o nome apenas

shakespearebrasileiro.org

de amor, que ficarei rebatizado.
De agora em diante não serei Romeu.
JULIETA · Quem és tu, encoberto pela noite,
entras em meu segredo?
ROMEU · Por um nome
não sei como dizer-te quem eu seja.
Meu nome, cara santa, me é odioso,
por ser teu inimigo; se o tivesse
diante de mim, escrito, o rasgaria.
JULIETA · Minhas orelhas ainda não beberam
cem palavras sequer de tua boca,
mas reconheço o tom. Não és Romeu,
um dos Montecchios?
ROMEU · Não, bela menina;
nem um nem outro, se isso te desgosta.
JULIETA · Dize-me como entraste e por que vieste.
Muito alto é o muro do jardim, difícil
de escalar, sendo o ponto a própria morte
se quem és atendermos — caso fosses
encontrado por um dos meus parentes.
ROMEU · Do amor as lestes asas me fizeram
transvoar o muro, pois barreira alguma
conseguirá deter do amor o curso,
tentando o amor tudo o que amor realiza.
Teus parentes, assim, não poderiam
desviar-me do propósito.
JULIETA · No caso
de seres visto, poderão matar-te.
ROMEU · Ai! Em teus olhos há maior perigo
do que em vinte punhais de teus parentes.
Olha-me com doçura, e é quanto basta
para deixar-me à prova do ódio deles.
JULIETA · Por nada deste mundo desejara
que fosses visto aqui.
ROMEU · A capa tenho
da noite para deles ocultar-me.
Basta que me ames, e eles que me vejam!
Prefiro ter cerceada logo a vida
pelo ódio deles, a ter morte longa,
faltando o teu amor.
JULIETA · Com quem tomaste
informações para até aqui chegares?
ROMEU ·
Com o amor, que a inquirir me deu coragem;
deu-me conselhos e eu lhe emprestei olhos.
Não sou piloto; mas se te encontrasses
tão longe quanto a praia mais extensa
que o mar longínquo banha, aventurara-me
para obter tão preciosa mercancia.
JULIETA · Sabe-lo bem: a máscara da noite
me cobre agora o rosto; do contrário,
um rubor virginal me pintaria,
de pronto, as faces, pelo que me ouviste
dizer neste momento. Desejara
oh! minto! — retratar-me do que disse.
Mas fora! fora com as formalidades!
Amas-me? Sei que vais dizer-me "sim",
e creio no que dizes. Se o jurares,
porém, talvez te mostres inconstante,
pois dos perjúrios dos amantes, dizem,
Jove sorri. Ó meu gentil Romeu!
Se amas, proclama-o com sinceridade;
ou se pensas, acaso, que foi fácil
minha conquista, vou tornar-me ríspida,
franzir o sobrecenho e dizer "não",
porque me faças novamente a corte.
Se não, por nada, nada deste mundo.
Belo Montecchio, é certo: estou perdida,
louca de amor; daí poder pensares
que meu procedimento é assaz leviano;
mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de
mais fiel mostrar-me do que quantas têm
bastante astúcia para serem cautas.
Poderia ter sido mais prudente,
preciso confessá-lo, se não fosse
teres ouvido sem que eu percebesse
minha veraz paixão. Assim, perdoa-me,
não imputando à leviandade, nunca,
meu abandono pronto, descoberto
tão facilmente pela noite escura.
ROMEU · Senhora, juro pela santa lua
que acairela de prata as belas frondes
de todas estas árvores frutíferas...
JULIETA · Não jures pela lua, essa inconstante,
que seu contorno circular altera
todos os meses, porque não pareça
que teu amor, também, é assim mudável.
ROMEU · Por que devo jurar?
JULIETA · Não jures nada,
ou jura, se o quiseres, por ti mesmo,
por tua nobre pessoa, que é o objeto
de minha idolatria. Assim, te creio.
ROMEU · Se o amor sincero deste coração...
JULIETA · Pára! não jures, muito embora sejas

shakespearebrasileiro.org

toda a minha alegria, não me alegra
a aliança desta noite; irrefletida
foi por demais, precipitada, súbita,
tal qual como o relâmpago que deixa
de existir antes que dizer possamos:
Ei-lo! brilhou! Boa noite, meu querido.
Que o hálito do estio amadureça
este botão de amor, porque ele possa
numa flor transformar-se delicada,
quando outra vez nos virmos. Até a vista;
boa noite. Possas ter a mesma calma
que neste instante se me apossa da alma.
Romeu · Vais deixar-me sair malsatisfeito?
Julieta · Que alegria querias esta noite?
Romeu · Trocar contigo o voto fiel de amor.
Julieta · Antes que mo pedisses, já to dera;
mas desejara ter de dá-lo ainda.
Romeu · Desejas retirá-lo? Com que intuito,
querido amor?
Julieta · Porque, mais generosa,
de novo to ofertasse. No entretanto,
não quero nada, afora o que possuo.
Minha bondade é como o mar: sem fim,
e tão funda quanto ele. Posso dar-te
sem medida, que muito mais me sobra:
ambos são infinitos.

(A ama chama dentro.)

Ouço bulha
dentro de casa. Adeus, amor! Adeus! —
Ama, vou já! — Sê fiel, doce Montecchio.
Espera um momentinho; volto logo.

(Retira-se da janela.)

Romeu · Oh! que noite abençoada! Tenho medo,
de um sonho, lisonjeiro em demasia
para ser realidade.

(Julieta torna a aparecer em cima.)

Julieta · Romeu querido, só três palavrinhas,
e boa noite outra vez. Se esse amoroso
pendor for sério e honesto, amanhã cedo
me envia uma palavra pelo próprio
que eu te mandar: em que lugar e quando
pretendes realizar a cerimônia,
que a teus pés deporei minha ventura,
para seguir-te pelo mundo todo
como a senhor e esposo.
Ama *(dentro)* · Senhorita!
Julieta · Já vou! Já vou! — Porém se não for puro
teu pensamento, peço-te...
Ama *(dentro)* · Menina!
Julieta · Já vou! Neste momento! — ...que não sigas
com tuas insistências e me deixes
entregue à minha dor. Amanhã cedo
te mandarei recado por um próprio.
Romeu · Por minha alma...
Julieta · Boa noite mil vezes.

(Retira-se.)

Romeu · Não, má noite, sem tua luz gentil.
O amor procura o amor como o estudante
que para a escola corre: num instante.
Mas, ao se afastar dele, o amor parece
que se transforma em colegial refece.

(Faz menção de retirar-se.)

(Julieta torna a aparecer em cima.)

Julieta ·
Psiu! Romeu, psiu! Oh! quem me dera o grito
do falcoeiro, porque chamar pudesse
esse nobre gavião! O cativeiro
tem voz rouca; não pode falar alto,
senão eu forçaria a gruta de Eco,
deixando ainda mais rouca do que a minha
sua voz aérea, à força de cem vezes
o nome repetir do meu Romeu.
Romeu · Minha alma é que me chama pelo nome.
Que doce som de prata faz a língua
dos amantes à noite, tal qual música
langorosa que ouvido atento escuta?
Julieta · Romeu!
Romeu · Minha querida?
Julieta · A que horas, cedo,
devo mandar alguém para falar-te?
Romeu · Às nove horas.
Julieta · Sem falta. Só parece
que até lá são vinte anos. Esqueci-me
do que tinha a dizer.
Romeu · Deixa que eu fique
parado aqui, até que te recordes.
Julieta · Esquecê-lo-ia, só para que sempre
ficasses aí parado, recordando-me
de como adoro tua companhia.
Romeu · E eu ficaria, para que esquecesses,
deixando de lembrar-me de outra casa
que não fosse esta aqui.
Julieta · É quase dia;
desejara que já tivesses ido,

shakespearebrasileiro.org

não mais longe, porém, do que travessa
menina deixa o meigo passarinho,
que das mãos ela solta — tal qual pobre
prisioneiro na corda bem torcida —
para logo puxá-lo novamente
pelo fio de seda, tão ciumenta
e amorosa é de sua liberdade.
ROMEU · Quisera ser teu passarinho.

JULIETA · O mesmo,
querido, eu desejara; mas de tanto
te acariciar, podia, até, matar-te.
Adeus; calca-me a dor com tanto afã,
que boa noite eu diria até amanhã.
ROMEU · Que aos teus olhos o sono baixe e ao peito.
Fosse eu o sono e dormisse desse jeito!
Vou procurar meu pai espiritual,
para um conselho lhe pedir leal.
(Sai.)

Ato II · Cena III

O mesmo. Cela de frei Lourenço.
Entra frei Lourenço com um cesto.

FREI LOURENÇO · Ri para a noite escura a manhã bela
e de riscas as nuvens acairela;
como um bêbedo, foge cambaleante
a escuridão, na estrada do levante,
deixando atrás o carro do Titã.
Antes, porém, que o sol venha a manhã
tornar alegre, com seu olho ardente
e o orvalho desmanchar da flor pendente,
encher vou de sementes perigosas
meu paneiro e de flores venenosas.
A terra é a mãe e a tumba da natura;
ministra a morte e, assim, apresta a cura.
Filhos de vária espécie, no seu seio
a mamar encontramos, sem receio;
uns, por várias virtudes, excelentes;
cada um com a sua, todos diferentes.
Oh! é admirável a potente graça
que há nas ervas, na flor, na pedra crassa,
pois até mesmo o que há de vil na terra
algo de bom, influência dela, encerra;
nem nada bom existe que, torcido
do uso normal, não se revele infido
à própria natureza e nascimento.
Té mesmo a alta virtude, num momento,
mal aplicada, em vício se transforma,
e este, por vezes, ao dever dá a norma.
Na corola infantil desta florzinha
veneno mora que dá morte asinha.
Cheirado, ao corpo todo dá alegria;
mas pára o coração no mesmo dia,
quando dado a beber. Dois reis potentes
nas plantas e nos homens oponentes
acampamento têm: a atroz cobiça
e a graça benfazeja. Se insubmissa
se mostra a pior, então vem logo o verme
da morte e rói essa plantinha inerme.
(Entra Romeu.)
ROMEU · Bom dia, meu bom padre.
FREI LOURENÇO · *Benedicite!*
Quem me fala a estas horas? Como! Disse-te
algo ruim o coração tão cedo,
que te causasse, assim, cuidado ou medo?
Nas pálpebras dos velhos o cuidado
de guarda sempre está; e onde um soldado
desses se encontra, o sono não penetra.
Mas cedo ou tarde, em plena noite tetra,
quando os membros estende a mocidade
despreocupada e livre — bela idade!
domina o sono de ouro. Por tudo isso
tua aparência, assim, de pleno viço,
nesta hora matutina me assegura
que algo escondes de grave na postura.
Ou então direi, se acaso em erro estou,
que esta noite Romeu não se deitou.
ROMEU · Sim, mas tive um repouso papafina.
FREI LOURENÇO ·
Ah! Deus que te perdoe; com Rosalina?
ROMEU · Rosalina, bom padre? Que pergunta!
Esqueci esse nome e a dor adjunta.
FREI LOURENÇO ·
És meu bom filho. Então, onde estiveste?
ROMEU · Vou te contar, pois permissão me deste.

shakespearebrasileiro.org

Fui a casa do nosso grande imigo,
onde ferido fui, para castigo,
por quem feri também. Nosso remédio
só nos poderá vir por intermédio
de teu auxílio e sacra medicina.
Santo homem, não agraves minha sina,
porque este meu pedido — observa-o bem —
a minha imiga amparará também.
Frei Lourenço · Sê mais claro, meu filho; a confissão
por enigmas não chega à absolvição.
Romeu · Ouve então, sem me teres por faceto,
que amo a filha do rico Capuleto.
Meu coração é dela; o dela é meu.
Tudo está combinado; no apogeu
do amor estamos, só faltando, agora,
que nos designes o lugar e a hora
para o sagrado enlace. Mais de espaço
te contarei, sem alterar um traço,
onde nos vimos, como nos falamos
e de que modo os votos confirmamos.
Mas não concluas que te falo a esmo;
desejo que nos cases hoje mesmo.
Frei Lourenço ·
Por São Francisco! Que mudança é essa?
Rosalina adorada e tão depressa
posta no esquecimento? O coração
no amor dos moços nada influi, senão
somente os olhos. Ai! Jesus, Maria!
Quantas ondas salgadas, noite e dia,
a postura banharam-te amarela,
só pelo amor de Rosalina bela?
Quanta água salsa em vão jogada fora
por um amor que ele não sente agora!
Não desfez ainda o sol, em muitos giros,
os vapores, no céu, de teus suspiros.
Sinto ainda tuas queixas nos ouvidos.
Eis em tua face, aqui, dos tempos idos,
uma lágrima ainda não lavada,
que origem teve em tua namorada.
Se o mesmo ainda és, que só de amor se fina,
foi causa de tudo isso Rosalina.
Mudaste tanto? Ouve a sentença amara:
cai a mulher, quando o homem não a ampara.
Romeu · Censuravas o amor a Rosalina.
Frei Lourenço · Não o amor, o exagero que se fina.
Romeu · Disseste que o enterrasse.
Frei Lourenço · Não em cova,
para aqui fora achar paixão mais nova.
Romeu · Não me censures, pois a minha amada
na afeição não me fica a dever nada,
o que com a outra não acontecia.
Frei Lourenço ·
Oh! Explica-se: é que ela bem sabia
que o amor era de cor, não soletrava.
Mas vem contar-me essa paixão tão brava,
meu jovem sonhador. Vem, vem comigo,
que nesse lance me terás contigo,
pois é possível que tão bela aliança
faça mudar esse ódio que não cansa.
Romeu · Oh! Vamos logo. Estou com muita pressa.
Frei Lourenço ·
Prudência! Quem mais corre mais tropeça.

(Saem.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Uma rua.
Entram Benvólio e Mercúcio.

Mercúcio · Onde diabo meteu-se esse Romeu?
Passou a noite em casa, porventura?
Benvólio · Não na do pai, pois conversei com este.
Mercúcio · Oh! é essa mesma Rosalina pálida
de coração de pedra que o atormenta,
a ponto de deixá-lo quase louco.
Benvólio · Tebaldo, aquele tipo aparentado
com o velho Capuleto, enviou uma carta
à casa do pai dele.
Mercúcio · É um desafio,
posso jurar.
Benvólio · Romeu vai responder-lhe.
Mercúcio · Qualquer pessoa que saiba escrever,
pode responder a uma carta.
Benvólio · Não; ele irá mostrar ao autor da carta
como sabe desafiar, quando é desafiado.
Mercúcio · Ah! pobre Romeu! Já está morto;
apunhalado pelos olhos negros de uma donzela
branca; atravessados tem os ouvidos por uma canção

shakespearebrasileiro.org

de amor; partida a mais secreta cavilha do coração, pela seta bem barbela do archeiro cego. Será o homem apropriado para enfrentar Tebaldo?

Benvólio · Ora, quem é esse Tebaldo?

mercúcio · Não é nenhum príncipe dos gatos, posso afiançar-vos. Oh! é o valente capitão dos salamaleques. Bate-se como cantais uma ária, por música, sem perder os tempos, nem o compasso, nem o tom. Observa suas pausas: uma, duas... A terceira será em vosso peito. Verdadeiro carniceiro dos botões de seda, um duelista! Um cavalheiro da primeira linha em todas as causas de primeira e segunda categorias. Ah! o imortal "passado!" o "punto reverso!" o ponto "aí!"

Benvólio · O ponto quê?

mercúcio · A peste que carregue esses pelotiqueiros ridículos, que falam cheios de esses e com afetação, esses afinadores de novos tons! "Por Jesus, que lâmina excelente! Que belo rapagão! Que rameira de truz!" Ora, meu velho, não é lamentável que nos vejamos perseguidos por essas moscas estrangeiras, por esses criadores de moedas, esses *pardonnez-moi* que se escarrancham tão bem nas últimas maneiras que nem podem sentar-se comodamente em nossos velhos bancos? Oh, e os seus *bien, bien!*...

(Entra Romeu.)

Benvólio · Mas sem suas milharas, seco como um bacalhau. Ó carne! carne! como estás peixificada! Agora ele só aprecia as consonâncias derramadas por Petrarca. Comparada com sua dama, Laura não era mais do que uma criada de cozinha — com a breca! — mas teve um amante que sabia rimá-la muito bem; Dido, uma lambisgóia; Cleópatra, uma cigana; Helena e Hero, bruxas e prostitutas; Tisbe, uma sujeitinha de olho cinzento, ou coisa parecida, mas destituída de importância. Signior Romeu, bom dia! Aqui tendes uma saudação francesa para vossas bragas francesas. Esta noite passaste-nos uma bela moeda falsa.

Romeu · Bom dia para ambos. Que moeda falsa vos passei?

mercúcio · A de vila-diogo, senhor! A de vila-diogo! Não me compreendeis?

Romeu · Perdão, meu Mercúcio; mas tinha um negócio muito importante em mãos; e num caso desses parece-me lícito forçar um pouco a cortesia.

mercúcio · O que equivale a dizer que num caso como o vosso somos forçados a dobrar a perna.

Romeu · Sim, por cortesia.

mercúcio · Acertastes com muita galantaria.

Romeu · É uma exposição muito cortês.

mercúcio · É que eu sou um legítimo alfinete da cortesia.

Romeu · És um alfinete de flor.

mercúcio · Perfeitamente.

Romeu · Só assim eu ficaria com os sapatos floridos.

mercúcio · Muito espirituoso. Continua com a pilhéria, até gastares os sapatos, porque quando sua única sola estiver gasta, ficará também sozinha a tua pilhéria singular.

Romeu · Isso é que se chama pilhéria de sola fina, e apenas espirituosa por ser isso mesmo.

mercúcio · Corre em meu auxílio, bondoso Benvólio, que sinto o espírito desfalecer.

Romeu · Chicote e espora nele! Chicote e espora nele! Caso contrário, cantarei vitória.

mercúcio · É natural; se o teu espírito tomar parte na corrida de pato, dou-me antecipadamente por vencido, por teres mais de pato-selvagem em um só dos teus espíritos, do que eu — tenho certeza — em todos cinco. Mas estive lá contigo por causa de algum pato?

Romeu · Nunca estiveste comigo que não fosse por causa de alguma pata.

mercúcio · Só por essa brincadeira vou morder-te a ponta da orelha.

Romeu · Não, bondoso pato, não me mordas.

mercúcio · Teu espírito é uma verdadeira maçã agridoce; possui caldo bem picante.

Romeu · E não irá bem com uma patinha doce?

mercúcio · É espírito de pele de cabrito, que, espichado, vai de uma polegada à largura de um côvado.

Romeu · Pois vou espichá-lo ainda mais, só por causa dessa largura, que, acrescentada ao patinho, prova que não passas de um pato largo.

mercúcio · E não será melhor ser isso do que andar a suspirar de amor? Mas agora, sim, revelas-te sociável. Agora, sim, és homem; agora és o que és, por arte e natureza. Porque esse teu amor disparatado é tal qual um grande idiota que corre a cambalear por aí tudo, para, no fim, esconder sua bugiaria em qualquer buraco.

Benvólio · Pára aí! Pára aí!

mercúcio · Queres que eu corte a minha história e

shakespearebrasileiro.org

a deixe cotó?
Benvólio · Sim, que do contrário ficaria de rabo muito comprido.
mercúcio · Oh! estás enganado; ficaria curto, pois eu já havia atingido o fundo da história, não tencionando prosseguir no argumento.
Romeu · Eis aqui um assunto retesado.
(Entram a ama e Pedro.)
mercúcio · Uma vela! Uma vela!
Benvólio · Duas! duas! Uma camisa e um casaco.
Ama · Pedro!
pedro · Que mandais?
Ama · Meu leque, Pedro.
mercúcio · Sim, Pedrinho, para esconder o rosto; porque dos dois, o leque ainda é o mais passável.
Ama · Deus vos dê bom dia, cavalheiros.
mercúcio · E para vós, boa tarde, bela dama.
Ama · Já é boa tarde?
mercúcio · Não será menos, é o que vos digo, porque a mão obscena do mostrador segura neste momento o ponteiro do meio-dia.
Ama · Ficai longe da minha vista! Que espécie de homem sois?
Romeu · Um homem, nobre dama, que Deus fez para que ele próprio se estragasse.
Ama · Por minha fé, muito bem dito: "Para que ele próprio se estragasse!" Cavalheiros, algum dos senhores poderá dizer-me onde eu poderei encontrar o jovem Romeu?
Romeu · Eu posso; mas no instante em que encontrardes o jovem Romeu, ele estará mais velho do que quando o procuráveis. Sou eu o mais moço desse nome, em falta de outro pior.
Ama · Dizeis bem.
mercúcio · Como! O pior, então, está bem! Bem apanhado, de fato. Com argúcia, com muita argúcia.
Ama · Se sois ele mesmo, senhor, desejara ter convosco uma conversa particular.
Benvólio · Deve ser convite para alguma ceia.
mercúcio · Uma alcoviteira, uma alcoviteira, oh! oh!
Romeu · Que estás farejando nisso?
mercúcio · Não será uma lebre, senhor; a menos que seja alguma lebre de pastel de quaresma, já meio passada e embolorada, antes mesmo de ser comida.
(Canta.) Uma lebre embolorada,
uma lebre embolorada
na quaresma é um bom petisco.
Porém lebre embolorada
vale menos do que nada
quando cria muito cisco.
Romeu, não ides à casa de vosso pai? Vamos jantar lá.
Romeu · Já vos sigo.
mercúcio · Adeus, antiga dama; adeus.
(Canta.) Dama, dama, dama...
(Saem Mercúcio e Benvólio.)
Ama · Sim, adeus. Por obséquio, senhor: quem é esse tipo desavergonhado, que só traz velhacarias na cabeça?
Romeu · É um cavalheiro, ama, que tem prazer em ouvir a própria voz e que em um minuto prometerá mais coisas do que possa realizar em um mês.
Ama · Mas se ele disser algo contra minha pessoa, eu o demolirei, ainda que seja mais forte do que parece, e vinte bobos como ele. E se não puder fazê-lo, saberei encontrar quem o faça por mim. Piolhento! Não sou nenhuma aloucada; não sou dessas doudivanas. *(A Pedro.)* E tu, estás aí e permites que qualquer velhaco faça de mim o que bem entender?
pedro · Nunca vi ninguém fazer de vós o que bem entendesse; que, se o visse, minha espada teria saltado logo da bainha, posso asseverar-vos. Saco da espada com tanta rapidez como qualquer pessoa, sempre que topo com uma boa briga e tenho a lei do meu lado.
Ama · Agora, diante de Deus, fiquei de tal modo colérica, que sinto todo o corpo tremer. Sujeito à-toa! Uma palavra, senhor, por obséquio. Como já vos disse, minha jovem senhora mandou que vos procurasse. O que ela me ordenou que vos dissesse, guardarei dentro de mim. Mas primeiro permiti que vos diga que se pretendeis levá-la para o paraíso dos loucos, como se diz, seria um péssimo procedimento, por assim dizer. Porque a senhorita é jovem, e se fizerdes com ela jogo duplo, realmente, será coisa muito má, para ser feita com uma nobre senhorita, ação muito censurável.
Romeu · Ama, recomenda-me à tua senhora. Juro-te...
Ama · Oh! que lindeza! Realmente, vou dizer-lhe isso mesmo. Oh Senhor! como ela vai ficar contente!
Romeu · Mas que é que irás dizer-lhe, ama, se nem ouves o que eu falo?
Ama · Dir-lhe-ei, senhor, que jurastes, o que me parece ser uma promessa de gentil-homem.
Romeu · Dize-lhe que procure
pretexto de hoje à tarde ir confessar-se,
que na cela de frei Lourenço ela há de

shakespearebrasileiro.org

confessar-se e casar. Agora aceita
isto pelo trabalho.
Ama · Não, em verdade, senhor; nem uma
moedinha.
Romeu · Vamos, aceita; estou dizendo.
Ama · Esta tarde, senhor. Bem; estará lá.
Romeu · Boa mulher, espera um pouco. Dentro
de uma hora, atrás do muro da abadia
irás ver meu Criado com uma escada
de cordas, que há de me levar ao pico
do mastaréu de minha grande dita,
na calada da noite. Adeus. Conserva-te
fiel que eu saberei recompensar-te.
Dá recomendações à senhorita.
Ama · Agora, que Deus do céu te abençoe. Escutai,
senhor.
Romeu · Que disseste, querida ama?
Ama · Poderemos confiar em vosso criado?
Pois bem sabeis: dois guardarão segredo,
quando um nada souber de todo o enredo.
Romeu · Posso asseverar-te que o meu homem é tão
firme quanto o aço.
Ama · Muito bem, senhor; minha Ama é uma senhora
muito gentil. Ah, senhor! senhor! Quando ela ainda
era uma coisinha tagarela... Oh! na cidade há um nobre,
um tal Páris, que de muito bom grado lançaria o seu
arpão para abordá-la. Mas aquele coraçãozinho prefere
ver um sapo, um sapo de verdade, a olhar para ele. Às
vezes eu a deixo irritada com dizer-lhe que não há moço
tão bonito quanto Páris. Mas posso asseverar-vos que
sempre que eu digo isso ela se torna tão pálida como
qualquer cueiro no mundo universal. Rosmaninho e
Romeu não começam pela mesma letra?
Romeu · Sim, ama. Mas por que isso? Ambos
começam por R.
Ama · Isso é rosnado de cão. R é para... Não; sei
muito bem que começam por outra letra, tendo ela
composto sobre vós e o rosmaninho as mais lindas
sentenças que teríeis muito gosto em ouvir.
Romeu · Recomenda-me à tua senhora.
Ama · Pois não; mil vezes.

(Sai Romeu.)

Pedro!
pedro · Que ordenais?
Ama · Pedro, segura meu leque e vai na frente

(Saem.)

Ato II · Cena V

O mesmo. Jardim de Capuleto.
Entra Julieta.

Julieta · Nove horas o relógio tinha soado,
quando eu mandei a ama. Prometeu-me
que voltaria dentro de meia hora.
Talvez não o encontrasse... Oh! ela é coxa.
Como arautos do amor só deveriam
servir os pensamentos, que mais céleres
dez vezes são que os raios do sol claro,
quando as sombras expulsam das colinas.
É por isso que o amor sempre é levado
por alígeras pombas, e Cupido,
como o vento veloz, tem asas lestes.
Agora o sol está na altura máxima
de seu curso diurno; há das nove horas
até as doze três horas demoradas.
No entanto, ela não chega. Se dotada
fosse ela de paixões e sangue moço,
correria veloz como uma bala;
minhas palavras a teriam feito
lançar-se contra o meu amor, e as dele
para mim a jogara.
Mas gente velha nunca chega ao porto;
é chumbo escuro e lerdo, quase morto.

(Entram a ama e Pedro.)

Oh Deus! ei-la, afinal! Que novidades
me trouxeste, doce ama? Acaso o viste?
Manda embora teu criado.
Ama · Pedro, espera lá fora.

(Sai Pedro.)

Julieta ·
Então, mãezinha? Oh Deus! Por que estás triste?
Se forem tristes tuas novidades,
conta-as alegremente; sendo alegres,
não estragues a música, tocando-a

shakespearebrasileiro.org

com uma cara tão tétrica.
Ama · Deixai-me
repousar um momento; estou cansada.
Como os ossos me d'oem! Que corrida!
Julieta · Quisera que tivesses os meus ossos,
e eu, tuas novidades. Vamos; peço-te,
boa ama: fala logo.
Ama · Quanta pressa.
Jesus! Não podereis esperar nada?
Pois então não notais que estou sem fôlego?
Julieta · Como sem fôlego, se estás com fôlego
bastante para me dizer que fôlego
não tens para falar? Esse pretexto
de tanta dilação é mais comprido
do que a história a que serve de desculpa.
Tuas notícias são ruins ou boas?
Responde-me logo isso, que as minúcias
escutarei depois, com mais paciência.
Satisfaze-me nisso: más ou boas?
Ama · Bem; fizestes uma escolha muito simples;
não sabeis escolher homem. Romeu... Não, ele não!
Conquanto ele tenha o rosto mais bonito do que
não importa quem for, suas pernas levam vantagem
sobre as de todos os homens. Quanto às mãos, pés
e o corpo, muito embora nada se tenha a dizer, estão
acima de qualquer confronto. Não é a flor da cortesia;
mas, posso asseverar-vos, é manso como um cordeiro.
Prossegui neste caminho, menina e continuai servindo
a Deus. Como! já jantaram por aqui?
Julieta · Não, não; mas isso tudo eu já sabia.
E sobre o casamento, que disse ele?
Ama · Oh! que dor de cabeça! Que cabeça,
senhor, a minha! Como bate! Creio
que estalar vai em vinte pedacinhos.
E, do outro lado, as costas! Oh! as costas!
Oh! que esse coração seja punido
por me ter feito procurar a morte,
a galopar sem pausa.
Julieta · Sim, contrista-me
saber que não estás bem. Mas, minha doce,
doce ama, que te disse meu amor?
Ama · Vosso amor disse, como cavalheiro honesto e
cortês, e bondoso, e belo, e — posso assegurá-lo —
virtuoso... Onde está vossa mãe?
Julieta · Onde está minha mãe? Está lá dentro.
Onde podia estar? Oh! que resposta!
"Vosso amor diz, qual cavalheiro honesto,
onde está vossa mãe?"
Ama · Oh! Santa Virgem!
Por que tamanho ardor? Ide, vos digo;
é essa, somente, vossa cataplasma
para meus pobres ossos? De hoje em diante,
de vossas comissões cuidai vós mesma.
Julieta · Quantos rodeios! E Romeu, que disse?
Ama · Podeis ir confessar? Tendes licença?
Julieta · Tenho.
Ama · Não percais tempo, então, e à cela
correi de frei Lourenço, onde um marido
achareis que vos vai deixar mulher.
Ora vos sobe ao rosto o sangue lúbrico;
a qualquer nova, torna-se escarlate.
Correi à igreja, que a outra parte eu tenho
de ir depressa, prover-me de uma escada,
para que vosso amor consiga o ninho
do pássaro alcançar, quando for noite.
Besta de carga sou de vossa festa,
mas a noite um bom peso vos apresta.
Vou jantar. Ide à cela bem contrita.
Julieta · Adeus, querida; é para minha dita.

(Saem.)

Ato II · Cena VI

O mesmo. Cela de frei Lourenço.
Entram frei Lourenço e Romeu.

Frei Lourenço ·
Que o céu sorria para este ato santo,
sem que horas tristes venham perturbar-nos.
Romeu · Amém, amém! Porém que venham quantas
tristezas vierem, que apagar não podem
a troca de alegria que sua vista
num minuto me dá. Basta que as mãos
nos juntes com palavras consagradas;
e que a morte, depois, que o amor devora,
faça o que bem quiser. A mim já chega
poder chamar-lhe minha.

shakespearebrasileiro.org

FREI LOURENÇO · Essas violentas
alegrias têm fim também violento,
falecendo no tempo, como a pólvora
e o fogo, que num beijo se consomem.
O mel mais delicioso é repugnante
por sua própria delícia, confundindo
com seu sabor o paladar mais ávido.
Tem, pois, moderação, que o vagaroso,
como o apressado, atrasam-se do pouso.

(Entra Julieta.)

Eis a dama que chega; uns pés tão leves
não gastarão jamais a pedra eterna.
O amante pode andar por sobre as teias
que no ar balouçam, álacre, do estio,
sem, contudo, cair; leve é a vaidade.
JULIETA · Para o meu santo confessor, bom dia.
FREI LOURENÇO ·
Filha, Romeu por nós vai responder-te.
JULIETA · Ele está nisso incluído; do contrário,
longo seria quanto ele dissesse.
ROMEU · Ah! Julieta, se cheia como a minha
já estiver a medida de teu gozo,
e se possuíres a arte de enfeitá-lo,
o ar ambiente embalsama com teu hálito,
deixando que a variada e rica música
de tua língua desdobre a grata imagem
da ventura que um do outro recebemos
neste encontro feliz.
JULIETA · Mais rico o sentimento em conteúdo
do que em palavras, sente-se orgulhoso
com a própria essência, não com os ornamentos.
São só os mendigos que contar conseguem
quanto dinheiro têm. Mas a tal ponto
meu amor verdadeiro tomou vulto,
que a metade, sequer, não me é possível
avaliar do que tenho.
FREI LOURENÇO · Vamos, vamos;
simplifiquemos o ato. Aqui, sozinhos,
não pretendo deixar-vos um momento,
sem que a Igreja celebre o casamento.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Verona. Uma praça pública.
Entram Mercúcio, Benvólio, pajem e criados.

BENVÓLIO · Peço-te, bom Mercúcio: retiremo-nos.
Quente está o dia; os Capuletos andam
pela cidade. Caso os encontremos,
não poderemos evitar contendas.
O sangue ferve nestes dias quentes.
MERCÚCIO · Tu te assemelhas a esses tipos que,
mal entram numa taberna, batem com a espada em
cima da mesa e gritam: "Queira Deus que eu não
venha a ter necessidade de ti!" e que após o efeito do
segundo copo, sacam-na contra o taberneiro sem a
menor necessidade.
BENVÓLIO · Serei, acaso, um tipo desse gênero?
MERCÚCIO · Vamos, vamos; és tão esquentado como
quem mais o for em toda a Itália; muito prontamente
raivoso para ser arrebatado.
BENVÓLIO · E a propósito de quê?
MERCÚCIO · Se houvesse mais outro tipo como tu,
dentro de pouco tempo não existiria nenhum, porque
vos mataríeis mutuamente. És capaz de brigar com
um homem porque tem um fio a mais ou a menos na
barba do que tu; brigarás com quem estiver quebrando
nozes, sem outro motivo além do de teres os olhos
cor de nozes. Que olhos, a não serem esses mesmos,
seriam capazes de descobrir semelhante briga? Tua
cabeça é tão cheia de rixas como de alimento o ovo, se
bem que, por causa de brigas, tenha sido batida tantas
vezes como clara de ovo. Já brigaste com um homem
que tossiu na rua e despertou o teu cão, que dormia
ao sol. Pois não tiveste uma rixa com um alfaiate, só
por ter ele vestido um casaco novo, antes da Páscoa?
E com outro, por ter amarrado os sapatos novos com
cordões usados? Sendo, pois, o que és, pretendes dar-
me lições de prudência?
BENVÓLIO · Se eu fosse tão briguento como tu,
ninguém compraria os bens alodiais de minha vida,
simplesmente por uma hora e um quarto.
MERCÚCIO · Simplesmente? Que simplicidade!
BENVÓLIO · Por minha cabeça, aí vem vindo um
Capuleto.
MERCÚCIO · Por meu pé, a mim isso pouco importa.

(Entram Tebaldo e outros.)

shakespearebrasileiro.org

TEBALDO · Ficai perto de mim, pois vou falar-lhe.
Cavalheiros, bom dia; uma palavra
com qualquer um de vós.
MERCÚCIO · Só uma palavra com um de nós?
Acrescentai mais alguma coisa; que seja uma palavra
e uma estocada.
TEBALDO · Haveis de encontrar-me disposto para
isso, quando me fornecerdes oportunidade.
MERCÚCIO · Não achais oportunidade, sem que vo-
la ofereçam?
TEBALDO · Mercúcio, tu estás concertado com
Romeu...
MERCÚCIO · Concertado? Como! Tomas-nos por
músicos? Se nos tomares por músicos, prepara-te
para ouvir só desarmonias. Aqui está o arco da minha
rabeca, que vos fará dançar. A-la-fé! Concertado!
BENVÓLIO · Estamos conversando numa praça
bastante freqüentada. Retiremo-nos
para algum ponto à parte ou ide embora,
que sobre nós os olhos estão fixos.
MERCÚCIO · Para ver é que os olhos foram feitos.
Que nos vejam. Daqui não dou um passo.

(Entra Romeu.)

TEBALDO · Ficai em paz, senhores; eis meu homem.
MERCÚCIO · Que me enforquem se ele usa vossa farda.
Para o campo segui, que ele irá junto.
Nesse sentido, é certo: ele é vosso homem.
TEBALDO · O ódio, Romeu, que me despertas, sabe
dizer-te apenas isso: és um vilão.
ROMEU · A razão de te amar, que eu tenho agora,
Tebaldo, escusa à saciedade a raiva
de uma tal saudação. Não sou o que dizes.
Adeus; bem vejo que não me conheces.
TEBALDO · Isso, rapaz, não basta como escusa
para quantas injúrias me tens feito.
Faze, pois, meia-volta e arranca a espada.
ROMEU · Protesto que jamais te fiz injúria.
Tenho-te mais amor do que imaginas,
até que saibas o motivo disso.
Assim, bom Capuleto — oh nome caro!
tão caro quanto o meu — fica contente.
MERCÚCIO · Oh calma submissão, vil e insultuosa!
Alla stoccata! Decidamos logo.

(Saca da espada.)

Tebaldo, caçador de rato, queres
dar voltazinhas?
TEBALDO · Que desejas?
MERCÚCIO · Nada mais, meu bom Rei dos gatos,
além de uma das vossas nove vidas, que tomarei a
liberdade de tirar, deixando as outras oito para malhar
depois, conforme o tratamento que me derdes. Não
vos resolveis a puxar vossa espada pela orelha e tirá-la
da bainha? Mas ponde pressa nisso, para que a minha
não vos atinja as orelhas antes de ficar de fora a vossa.
TEBALDO *(sacando da espada)* · Estou ao vosso dispor.
ROMEU · Gentil Mercúcio, guarda a espada.
MERCÚCIO · Vamos, senhor; vosso *passado*.

(Batem-se.)

ROMEU · Benvólio, saca a espada; desarmemo-los.
Cavalheiros, que opróbrio! Evitai isso.
Oh Mercúcio! Tebaldo!
O príncipe proibiu expressamente
essas brigas nas ruas de Verona.
Tebaldo! Bom Mercúcio!

(Sai Tebaldo com seus partidários.)

MERCÚCIO · Estou ferido.
A peste caia em vossas casas. Morto!
E ele não teve nada? Foi embora?
BENVÓLIO · Como! Foste ferido?
MERCÚCIO · Um arranhão,
um arranhão somente; mas já chega.
Que leve a breca! E o pajem, onde se acha?
Patife, vai buscar um cirurgião.

(Sai o pajem.)

ROMEU · Coragem, homem! O ferimento não deve
ser profundo.
MERCÚCIO · Não; não é tão fundo quanto um poço,
nem tão largo quanto porta de igreja. Mas é o suficiente
e quanto basta. Perguntai por mim amanhã, que haveis
de encontrar-me bem quieto. Para este mundo já estou
salgado, posso afiançar-vos! Um cão, um rato, um
camundongo, um pulha, um biltre, que briga segundo
as regras da aritmética! Por que diabo vos metestes
entre nós? Fui ferido por baixo de vosso braço.
ROMEU · Eu estava bem-intencionado.
MERCÚCIO · Conduze-me, Benvólio, a alguma casa;
senão, desmaio. A peste em vossas casas!
De mim fizeram pasto para os vermes.
Já tenho a minha parte. Vossas casas!

(Saem Mercúcio e Benvólio.)

ROMEU · Este fidalgo, próximo parente
do príncipe, sincero amigo meu,
por mim, tão-só, ferido foi de morte.
Minha reputação está manchada
com o insulto de Tebaldo, esse Tebaldo

shakespearebrasileiro.org

que meu parente foi durante uma hora.
Doce Julieta! Tua formosura
fez de mim um maricas; a coragem
do aço se abranda e verga no meu peito.
(Volta Benvólio.)
Benvólio · Romeu, Romeu, o bom Mercúcio é morto!
Foi para as nuvens esse bravo espírito
que desprezou tão cedo o pó terreno.
Romeu · Hoje o fado somente dá o rebate
para que o tempo as dores arremate.
(Volta Tebaldo.)
Benvólio · O furioso Tebaldo está de volta.
Romeu · Vivo! Em triunfo! E morto o bom Mercúcio?
Vai para o céu, brandura respeitosa!
Fúria de olhar de fogo, sê meu guia!
Tebaldo, ora recebe de retorno
o "vilão" que me deste não faz muito,
pois a alma de Mercúcio ainda se encontra
perto de nossas fontes, aguardando
que a tua vá fazer-lhe companhia.
Um de nós dois terá, pois, de ir com ele.
Tebaldo · Pobre rapaz, que estavas de seu lado,
és tu que vais partir.
Romeu · Pois decidamos.
(Batem-se; Tebaldo cai.)
Benvólio · Romeu, foge depressa! Os Cidadãos
se amotinaram. Morto está Tebaldo.
Não fiques aturdido, pois o príncipe
vai condenar-te à morte, se encontrado
fores aqui. Despacha-te depressa!
Romeu · Sou o bobo da fortuna.
Benvólio · Foge! Ora essa!
(Sai Romeu.)
primeiro cidadão ·
Para onde foi o que matou Mercúcio?
O assassino, Tebaldo, onde se encontra?
Benvólio · Tebaldo? Aqui.
primeiro cidadão ·
Em nome, então, do príncipe,
vos intimo, senhor; vinde comigo.
(Entra o príncipe, com séquito; Montecchio, Capuleto, suas esposas e outras pessoas.)
Príncipe · Quem desafiou, assim, o meu castigo?
Benvólio · Dizer-te posso, ó príncipe, a maneira
por que teve começo esta cegueira.
Pelo jovem Romeu ali se encontra
morto o homem que matou o teu parente,
nosso bravo Mercúcio.
Senhora Capuleto · Como! O primo
Tebaldo? O filho do meu caro irmão?
Primo, marido, príncipe, no chão
vejo o sangue correr de um meu parente.
Se veraz fores, príncipe, realmente,
sangue desses Montecchios há de, agora,
ser também derramado, sem demora.
Oh primo! primo!
Príncipe · Quem deu começo à luta dolorida?
Benvólio · Tebaldo, que Romeu deixou sem vida;
Romeu, que lhe falou com termos brandos,
com ele instando para que pensasse
na ausência de motivo da querela,
tendo invocado, até, vosso desgosto,
tudo isso com voz doce, olhar tranqüilo
e ademanes corteses, sem que tréguas
conseguisse alcançar da grande cólera
do furioso Tebaldo, que com aço
pontiagudo visava uma e mais vezes
o peito de Mercúcio valoroso.
Este, só chamas, ponta opõe à ponta;
com desprezo marcial, a fria morte
faz afastar com uma das mãos, ao tempo
em que com a outra a devolvia célere
ao peito de Tebaldo que, habilmente,
de retorno lhe enviava. Em altas vozes
Romeu gritava: "Amigos, separai-vos!"
E mais rápido, ainda, que sua língua,
seu ágil braço desviava as pontas,
entre ambos se interpondo. Mas por baixo
do braço dele um golpe malfadado
de Tebaldo a existência atinge em cheio
do valente Mercúcio. Então Tebaldo
se põe em fuga, mas retorna logo
para Romeu, que, nesse instante, havia
concebido a vingança. Mais velozes
que o raio se engalfinham e, assim, antes
de eu poder separá-los, cai sem vida
o valente Tebaldo, a cuja vista
Romeu fugiu. Se nisto houver maldade,
vivo Benvólio prosseguir não há de.
Senhora Capuleto ·
Parente é dos Montecchios; bom serviço
presta aos seus com mentir-vos em tudo isso.
Foi de vinte, no mínimo, a sortida,
para tirar apenas uma vida.
Justiça, príncipe! e que seja breve;

shakespearebrasileiro.org

Romeu matou Tebaldo; morrer deve.
Príncipe · Matou quem a Mercúcio antes matara.
Quem paga o preço dessa vida cara?
Montecchio · Príncipe, não Romeu; ele era amigo
de Mercúcio; só fez dar o castigo
que a própria lei impunha: incontinenti
dando a morte a Tebaldo imprevidente.
Príncipe · Por essa transgressão de nosso edito
ficará de Verona já proscrito.
Vosso ódio atinge a mim, também, de perto;
sangra-me o coração por ele aberto.
Mas hei de vos impor a pena dura
que minha dor desde hoje vos augura,
Surdo serei a escusas e pedidos;
nem lágrimas nem preces os ouvidos
poderão abalar-me. Assim, com pressa
fazei Romeu partir; ordem é expressa.
Porque se acaso nisso houver demora,
ouvido ele terá sua última hora.
Levai o corpo. O excesso de clemência
causa mortes também, por imprudência.

(Saem.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Jardim de Capuleto.
Entra Julieta.

Julieta · Correi, correi, corcéis de pés de fogo,
para a casa de Febo. Um condutor
como Faetonte nos teria há muito
tocado para o poente e, na mesma hora,
trazido a noite escura. Espalha tua
cortina, ó noite, guarda dos amores,
porque os olhos curiosos nada vejam
e a estes braços Romeu se precipite,
de manso e sem ser visto. Os namorados
enxergam no ato do amoroso rito,
pela própria beleza; ou então, se é cego,
de fato, o amor, diz bem com a negra noite.
Vem, noite circunspecta, com teu manto
de matrona severa, todo preto,
e me ensina a perder uma partida
que já está ganha e em que se jogam duas
virgindades sem mancha. Ao rosto sobe-me
o sangue tímido; em teu manto envolve-o,
até que o amor esquivo, já se tendo
tornado corajoso, só inocência
veja no ato do amor sincero e puro.
Vem, noite! Vem, Romeu! tu, noite e dia,
pois vais ficar nas asas desta noite
mais branco do que neve sobre um corvo.
Vem, gentil noite! vem, noite amorosa
de escuras sobrancelhas! Restitui-me
o meu Romeu, e quando, mais adiante,
ele vier a morrer, em pedacinhos
o corta, como estrelas bem pequenas,
e ele a face do céu fará tão bela
que apaixonado o mundo vai mostrar-se
da morte, sem que o sol esplendoroso
continue a cultuar. Comprei a casa
de um amor, sem estar na posse dela;
vendida embora me ache, possuída
não fui ainda. Tão tedioso e lento
é este dia, tal como a noite em véspera
de alguma grande festa para criança
impaciente que tenha roupa nova,
mas não possa vesti-la. Oh! aí vem a ama.

(Entra a ama, com cordas)

Traz novidades, sim. Todas as línguas
que só sabem dizer Romeu, Romeu,
falam com eloqüência celestial.
Então, ama, que é que há? Que trazes aí?
As cordas de Romeu?
Ama · Sim, sim; as cordas.

(Atira-as ao chão.)

Julieta · Ai de mim! Que acontece? Por que torces
as mãos dessa maneira?
Ama · Oh dia! Oh dia!
Morreu! morreu! morreu! Oh! dia! Estamos
perdidas, senhorita! Sim! perdidas!
Mataram-no! Que dia! Está sem vida!
Julieta · Tão invejoso o céu pode mostrar-se?
Ama · Romeu o pode, embora o céu não possa.
Oh Romeu! Oh Romeu! Quem poderia
ter pensado em tal coisa?
Julieta · Por que diabo

shakespearebrasileiro.org

me atormentas assim? Essa tortura
rugida deveria ser no inferno.
Suicidou-se Romeu? Basta dizeres
"sim" que essa palavrinha mais veneno
para mim conterá do que a mirada
fatal do basilisco. Morta me acho,
se esse "sim" existir, se já estiverem
sem vida os olhos que esse "sim" indicam.
Já morreu? Vive? Dize "sim" ou "não";
um som é tudo para o coração.
Ama · Vi a ferida, vi com estes olhos —
Deus nos acuda! — em seu valente peito.
Pobre cadáver! pobre e ensangüentado;
pálido como cinza, recoberto
de coágulos de sangue. A esse espetáculo
desmaiei.
Julieta · Coração, então estala!
Ide para a prisão, olhos ociosos,
porque não mais vereis a liberdade.
Argila vil, a morte aqui não erra;
que em Romeu e em ti pese a mesma terra.
Ama · Oh Tebaldo, Tebaldo! grande amigo!
Oh Tebaldo polido, cavalheiro
de grande honestidade! Ter eu vida
para morto te ver!
Julieta · Que tempestade
de golpes tão atravessados? Morto
foi Romeu e Tebaldo está sem vida?
Meu caro primo, meu querido esposo?
Então, fatal trombeta, soa o juízo
final! Quem poderá ficar com vida,
se os dois mortos estão?
Ama · Assassinado
foi Tebaldo, e Romeu se acha banido;
tendo-o matado, logo foi banido.
Julieta · Deus! A mão de Romeu
derramou o sangue
de meu primo Tebaldo?
Ama · Derramou,
derramou. Oh! que dia! Derramou.
Julieta · Oh coração serpente, mascarado
com feições de uma flor! Em algum tempo
dragão já houve em cova tão formosa?
Monstro atraente, angélico demônio,
corvo de belas penas, cordeirinho
devorador como o insaciável lobo,
substância desprezível de aparência
mais que divina, justamente o oposto
do que mostravas ser! Santo maldito,
muito honrado vilão! Oh natureza,
que tinhas a fazer no negro inferno,
quando puseste um infernal espírito
no mortal paraíso de uma carne
tão bela e tão perfeita? Já houve livro
de matéria tão vil, que encadernado
fosse com tanto esmero? Oh! que a mentira
tenha morada num palácio desses!
Ama · Nos homens não há fé, não há confiança,
nenhuma honestidade. Todos eles
são mentirosos, falsos e perjuros.
Não valem nada. Onde está meu Criado?
Dêem-me *aqua vitae*. Todas estas dores,
estas tristezas me deixaram velha.
Caia o opróbrio em Romeu!
Julieta · Que tua língua
de pústulas se cubra, por haveres
formulado esse voto! Para o opróbrio
não nasceu ele. Sobre sua fronte
o opróbrio se envergonha de sentar-se,
pois é trono em que pode ser coroada
a honra como monarca incontestável
da terra universal. Oh! fui autêntico
animal, por haver falado dele.
Ama · Elogiais quem matou vosso parente?
Julieta · Poderei falar mal de meu marido?
Ah! meu pobre senhor, que língua pode
teu nome acariciar, se eu, há três horas
apenas, tua esposa, o mutilei?
Mas por que deste a morte, miserável,
a meu primo? É que o primo miserável
teria dado a morte a meu marido.
Voltai, lágrimas tolas, para vossa
fonte de origem; à tristeza
são devidas as gotas tributárias
que por engano ofereceis ao riso.
Vivo está meu esposo, que Tebaldo
desejava matar; morto, Tebaldo,
que teria matado meu marido.
Isso consola. Então, por que chorar?
Mas há uma palavra pior ainda
que a morte de Tebaldo e que me mata.
Desejara esquecê-la; mas, oh dor!
pesa-me na memória: "Assassinado
foi Tebaldo e Romeu se acha banido!"

shakespearebrasileiro.org

Essa palavra só, esse "banido",
matou dez mil Tebaldos. Essa morte
de Tebaldo já fora dor bastante
se terminasse aí. Ou, ainda mesmo
que a dor amarga amasse a companhia,
e acompanhada se fizesse sempre
de outras desgraças, por que causa, quando
ela disse: "Tebaldo está sem vida",
não se seguiu, também: "teu pai foi morto",
ou "tua mãe", ou ambos, sim, que fora
razão de sobra para as ordinárias
lamentações? Mas vindo a retaguarda
da morte de Tebaldo com este título:
"Romeu banido foi", não há limite,
medida, fim, nem termo para a morte
dessa palavra. Tudo está sem norte.
Meus pais, ama, onde estão?
Ama · A morte fria
de Tebaldo lastimam neste dia.
Quereis ir vê-los? Posso conduzir-vos.
Julieta · Eles lavam com lágrimas doridas
o corpo de Tebaldo. Mais sentidas
as minhas correrão neste momento
para chorar do amor o banimento.
Junta estas cordas. Ai! fostes logradas,
assim como eu, ó cordas malfadadas!
porque Romeu agora está no exílio.
Ele contava com o vosso auxílio
para chegar até meu virgem leito;
mas viúva vai achar-me, deste jeito.
Vem, ama; traze as cordas, pois à morte,
não a Romeu me liga a triste sorte.
Ama · Recolhei-vos a vossos aposentos.
Hei de encontrar Romeu, para trazer-vos
algum consolo. Sei onde se encontra.
Ficai certa de tê-lo aqui esta noite.
Vou buscá-la já já. Está escondido
na cela de Lourenço.
Julieta · Oh! traze-o logo!
Dá-lhe este anel e dize ao meu amado
que me venha trazer o último adeus.

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Cela de frei Lourenço.
Entra frei Lourenço.

Frei Lourenço ·
Romeu, vem cá, homem medroso!
As aflições de ti se enamoraram.
Desposaste a desgraça.

(Entra Romeu.)

Romeu · Padre, que novidades? E a sentença
do príncipe, qual foi? Qual é a tristeza
que eu ainda não conheço e que deseja
tocar-me a mão de perto?
Frei Lourenço · O meu querido
filho por demais íntimo se mostra
com essas companhias tão adversas.
Vou contar-te o que foi que disse o príncipe,
qual foi sua sentença.
Romeu · Não teria
sido o juízo final sua sentença?
Frei Lourenço ·
Dos lábios lhe saiu uma sentença
mais branda: não a morte para o corpo,
mas o exílio do corpo.
Romeu · Exílio! exílio!
Sê clemente, dizendo logo "morte",
pois mais horror contém no olhar o exílio
que a própria morte. Assim, não me repitas
essa palavra: "Exílio".
Frei Lourenço · Estás banido
de Verona. Reveste-te de calma,
pois o mundo é bastante grande e largo.
Romeu · Mundo não pode haver fora dos muros
de Verona, mas dores, purgatório,
o próprio inferno. Estar daqui banido,
é banido também estar do mundo,
e semelhante banimento é a morte.
Alcunha, assim, da morte é "banimento".
Dando à morte esse nome, como machado
de ouro a cabeça me apartais do tronco
rindo do golpe que me tira a vida.
Frei Lourenço ·
Oh pecado mortal! Oh rude e absurdo

shakespearebrasileiro.org

desagradecimento! Nossas leis
dão o nome de morte à tua falta.
Mas o benigno príncipe, tomando
teu partido, a lei pôs de lado, logo,
e em auxílio mudou o escuro termo.
É graça, e grande, e tu não queres vê-la!
ROMEU · É tortura, não graça. O céu se encontra
onde Julieta vive. Um simples gato,
um ratinho, um cachorro, as coisas ínfimas
aqui vivem no céu e podem vê-la.
Mas não o pode Romeu. Mais importância,
mais dignidade, mais cortesania
se acham nas varejeiras dos monturos,
que no pobre Romeu. Tocar conseguem
no cândido milagre da querida
mão de Julieta e mortal bênção podem
dos lábios lhe roubar que, com modéstia
pura e vestal, corados ainda ficam
por julgarem que os beijos são pecado.
As moscas fazem isso; e eu sou forçado
a muscar-me daqui; são povo livre;
eu, banido. E ainda dizer que esse exílio
não significa a morte? Não possuis
mistura venenosa, faca afiada,
ou qualquer meio rápido de morte,
por mais baixo que seja e que me mate,
tirante esse "banido"? Ora, banido!
Oh frade! essa palavra os condenados
usam no inferno e de urros a acompanham.
Na qualidade de homem santo, sendo,
como és, um confessor, que tem poderes
para perdoar pecados, meu amigo
declarado, pretendes esmagar-me
com esse termo: "Banido"?
FREI LOURENÇO · Homem sem juízo,
ouve-me ao menos uma palavrinha.
ROMEU · Oh! vais falar de exílio novamente.
FREI LOURENÇO ·
Vou emprestar-te uma armadura, para
esse termo amparar: filosofia,
o leite doce e são da adversidade,
que te há de confortar, embora estejas,
em verdade, banido.
ROMEU · Mas, "banido"!
Põe a filosofia numa forca,
a menos que a filosofia possa
fazer uma Julieta, uma cidade
mudar, ou deixar irrito um decreto.
Se não, de nada vale, para nada
pode servir-me. Não me fales nisso.
FREI LOURENÇO ·
Vejo que os loucos não possuem orelhas.
ROMEU · Como tê-las, se os sábios não têm olhos?
FREI LOURENÇO ·
Deixa-me discorrer sobre o teu caso.
ROMEU · Falar não podes sobre o que não sentes
se, como eu, fosses moço; se Julieta
te pertencesse, por se ter tornado
tua esposa há uma hora; se tivesses
morto Tebaldo, e louco, apaixonado
como eu te visses: bem, assim podias
falar, arrepelar a cabeleira,
jogar-te ao solo como o faço agora,
para dar a medida de uma cova
que ainda vai ser aberta.

(Batem dentro.)

FREI LOURENÇO · Estão batendo,
Romeu. Levanta-te depressa e esconde-te.
ROMEU · Não; a menos que o sopro dos gemidos
do coração, à guisa de neblina,
me ocultasse da busca dos olhares.

(Batem.)

FREI LOURENÇO ·
Escuta! Estão batendo novamente. —
Quem está aí? — Romeu, Romeu, levanta-te.
Podes ser preso. — Um momentinho apenas. —

(Batem.)

Levanta-te! Esconde-te em meu quarto. —
Já vou! Já vou! — Por Deus, como és teimoso! —

(Batem.)

Já vou! Quem bate com tamanha força?
Da parte de quem vindes? Que quereis?
AMA *(dentro)* · Deixai-me entrar, para que eu dê o
recado.
A senhora Julieta é que me manda.
FREI LOURENÇO ·
Bem-vinda sois, então.

(Entra a ama.)

AMA · Oh santo frade,
dizei-me, santo frade, onde se encontra
o senhor de minha ama? Onde está ele?
Romeu, que é dele?
FREI LOURENÇO · Ali, jogado ao solo,

shakespearebrasileiro.org

embriagado por suas próprias lágrimas.
Ama · Oh! justamente o caso de minha ama!
Justamente o seu caso.
Frei Lourenço · Oh simpatia
dolorosa, terrível situação!
Ama · Ela está justamente assim, deitada,
chorando e lastimando-se, chorando
sem parar. Levantai-vos! levantai-vos!
Sede homem, por amor, sim, de Julieta.
Por que vos consumirdes em lamentos?
Romeu · Ama?
Ama · Ah meu amor! A morte é o fim de tudo.
Romeu · Fala-me de Julieta. Como pensa?
Não me julga assassino inveterado,
pelo fato de eu ter manchado a infância
de nossa grande dita com um sangue
tão próximo do seu? Onde está ela?
Que faz? Que diz minha secreta esposa
do nosso amor destruído?
Ama · Oh! não diz nada,
senhor; mas chora, chora sem parar.
Ora se joga ao leito, ora levanta-se,
chama "Tebaldo", grita o vosso nome,
e cai de novo.
Romeu · Como se esse nome,
por um canhão contra ela disparado,
lhe desse a morte, como a mão maldita
de tal nome o fizera com seu primo.
Oh frade, dize-me: em que parte abjeta
de minha anatomia está meu nome?
Dize, que eu saquearei, no mesmo instante,
a casa do inimigo.

(Saca da espada.)

Frei Lourenço · Detém essa
desesperada mão. Acaso és homem?
Tua postura o afirma, mas as lágrimas
são de mulher, mostrando esses teus atos
desesperados o furor selvagem
dos próprios animais. Oh deformada
mulher, sob a aparência de um mancebo,
ou animal deturpado, sob a forma
de ambos: pasmado estou. Pela minha ordem
sagrada: sempre fiz outro juízo
de teu temperamento. Não mataste
Tebaldo? Agora queres suicidar-te
e, assim, matar a tua própria esposa,
que de tua vida vive, revertendo
contra ti próprio esse ódio amaldiçoado?
Por que insultas o berço, o céu e a terra?
O berço, o céu e a terra unidos se acham
em ti, e de uma vez perdê-los queres?
Ora, envergonhas tua forma, o espírito,
o amor, que em barda tens, como usurário,
sem que nada uses no seu vero emprego
para te ornar a forma, o amor, o espírito.
Tua nobre figura é como imagem
de cera, se o vigor viril lhe falta;
teu amor tão prezado, oco perjúrio
que mata o amor que proteger juraste;
o espírito, esse ornato da postura,
como do amor, se encontra deformado
pela conduta de ambos, como pólvora
no frasco de um soldado inexperiente,
que por tua própria ignorância explode,
com tuas próprias armas desmembrando-te.
Vamos, homem: levanta-te! Está viva
tua Julieta, por quem te achas quase
no ponto de morrer. Estás com sorte.
Tebaldo quis matar-te; a morte deste-lhe.
Nisso foste também mui venturoso.
A lei se mostra tua amiga, a pena
de morte atenuando para exílio:
outra ventura. Sobre o dorso um fardo
de bênçãos te caiu. Com seus mais ricos
atavios te vem fazendo a corte
sempre a felicidade; mas no jeito
de um rapaz não polido e caprichoso,
com a sorte e o amor amuado te revelas.
Toma cuidado! Quem assim procede,
acaba sempre mal. Vamos, levanta-te!
Vai ter com teu amor, como assentamos.
Escala o quarto e leva-lhe conforto.
Tem cautela, porém; não te demores
até que venham iniciar a guarda,
porque então para Mântua não saíras,
que é onde vais viver até que achemos
a hora oportuna de anunciar as bodas,
a reconciliação fazer de todos
os vossos conhecidos, e a clemência
do Príncipe alcançar, para chamar-te,
finalmente, de volta, retornando
tu com cem vezes mil mais alegrias
do que tinhas de dores ao partires.
Ama, segue na frente. Recomenda-me
à senhorita e dize-lhe que cuide
de mandar para a cama toda a casa,

shakespearebrasileiro.org

a isso disposta pelos cruéis eventos.
Romeu vai logo.
AMA · Oh Deus! Aqui ficara toda a noite,
para ouvir bons conselhos. Quanto vale,
quanto, a instrução! Senhor, à senhorita
anunciarei vossa ida.
ROMEU · Sim, e dize-lhe
que se prepare para repreender-me.
AMA · Eis um anel, senhor, por ela entregue
para que vo-lo desse. Vamos, vinde
depressa que já está ficando tarde.

(Sai.)

ROMEU · Como isto o coração me fortalece!

FREI LOURENÇO ·
Saí, boa noite, e toda vossa dita
sabeis depende disto: ou saí antes
de iniciarem a guarda, ou, muito cedo
disfarçado, deixai nossa cidade.
Ficai em Mântua, que eu acharei meios
de encontrar vosso criado. Ele vos há de
com freqüência levar as boas novas
do que se for passando em nosso meio.
Dai-me a mão. Passai bem. Há pressa. Adeus.
ROMEU · Não fosse a dita me levar daqui,
sentira dor em me afastar de ti.
Adeus.

(Saem.)

Ato III · Cena IV

O mesmo. Um quarto da casa de Capuleto.
Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris.

CAPULETO · As coisas, meu senhor, tomaram rumo
tão infeliz, que tempo não tivemos
de advertir nossa filha. Vede bem:
dedicava afeição sincera ao primo
Tebaldo. Tal como eu. Bem; só nascemos
para morrer. Já é muito tarde; agora
ela não descerá. Posso afiançar-vos
que, se não fosse vossa companhia,
há uma hora já me houvera recolhido.
PÁRIS · Este tempo de dor não é propício
para a corte fazermos. Bem, despeço-me.
Senhora, passai bem. A vossa filha
recomendai-me.
SENHORA CAPULETO · Farei isso mesmo.
Saberei cedo o pensamento dela.
Hoje ela está na dor enclausurada.
CAPULETO · Senhor Páris, atrevo-me a afiançar-vos
o amor de minha filha. Ela se deixa,
quero crer, dirigir por mim em tudo.
Sim, estou certo disso. Ao quarto dela
subi, mulher, antes de vos deitardes.
Contai-lhe o amor de nosso filho Páris
e, notai bem, contai-lhe que na próxima
quarta-feira... Porém, que dia é hoje?

PÁRIS · Segunda, meu senhor.
CAPULETO · Ah! ah! Segunda!
Muito bem. Quarta-feira é muito cedo.
Será na quinta. Sim, comunicai-lhe
que ela desposará na quinta-feira
este mui nobre conde. Estareis pronto?
Aprovais tanta pressa? Não faremos
muito barulho; uns dois ou três amigos,
nada mais, ora vede; porque, tendo
sido morto Tebaldo, há pouco tempo,
poderemos dar azo a que se pense
que não lhe dedicávamos estima
como a parente, e que comemos muito.
Por isso reuniremos uma dúzia
de amigos, tão-somente, e... ponto nisso.
E agora que dizeis de quinta-feira?
PÁRIS · Senhor, quisera que essa quinta-feira
já fosse amanhã mesmo.
CAPULETO · Podeis ir.
Muito bem. Pois que seja quinta-feira.
Antes de vos deitar, ide falar-lhe.
Preparai-a para esse casamento.
Adeus, senhor. Olá! Luz no meu quarto!
Aqui, primeiro! Aqui! Já é tão tarde,
que, com mais um pouquinho, poderemos
dizer que é cedo. Bem. Adeus. Boa noite.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena V

O mesmo. Quarto de Julieta.
Entram Romeu e Julieta.

Julieta · Já vais partir? O dia ainda está longe.
Não foi a cotovia, mas apenas
o rouxinol que o fundo amedrontado
do ouvido te feriu. Todas as noites
ele canta nos galhos da romeira.
É o rouxinol, amor; crê no que eu digo.
Romeu · É a cotovia, o arauto da manhã;
não foi o rouxinol. Olha, querida,
para aquelas estrias invejosas
que cortam pelas nuvens do nascente.
As candeias da noite se apagaram;
sobre a ponta dos pés o alegre dia
se põe, no pico das montanhas úmidas.
Ou parto, e vivo, ou morrerei, ficando.
Julieta · Não é do dia aquela claridade,
podes acreditar-me. É algum meteoro
que o sol exala, para que te sirva
de tocheiro esta noite e te ilumine
no caminho de Mântua. Assim, espera,
não precisas partir assim tão cedo.
Romeu ·
Que importa que me prendam, que me matem?
Serei feliz assim, se assim o quiseres.
Direi que aquele ponto acinzentado
não é o olho do dia, mas o pálido
reflexo do diadema da alta Cíntia,
e também que não foi a cotovia,
cujas notas a abóbada celeste
tão longe ferem sobre nossas frontes.
Ficar é para mim grande ventura;
partir é dor. Vem logo, morte dura!
Julieta quer assim. Não, não é dia.
Julieta · É dia; foge! A noite se abrevia.
Depressa! É a cotovia, sim, que canta
desafinada e rouca, discordantes
modulações forçando e insuportáveis.
Dizem que ela é só fonte de harmonia;
não é assim, pois ora nos divide.
Há quem diga que o sapo e a cotovia
mudam os olhos. Oh! quisera agora
que ambos a voz também trocado houvessem,
pois ela nos separa e, assim tão cedo,
como grito de caça mete medo.
Oh vai! A luz aumenta a cada instante;
Romeu · A luz? A escuridão apavorante.

(Entra a ama.*)*

Ama · Senhora!
Julieta · Ama?
Ama · Vossa mãe se dirige para cá.
Sede prudente; já raiou o dia,
como podereis ver.

(Sai.)

Julieta · Então, janela,
que o dia entre no quarto e a vida fuja.
Romeu · Adeus, adeus! Um beijo, e desço logo.

(Desce.)

Julieta · Já foste? Meu senhor! Amor! Amigo!
Notícias quero ter todas as horas,
porque um minuto encerra muitos dias.
Fazendo a conta assim, ficarei velha
antes de ver de novo o meu Romeu.
Romeu · Adeus.
Não deixarei passar um só momento
sem te mandar contar o meu tormento.
Julieta · Oh! pensas mesmo que ainda nos veremos?
Romeu · Não o duvides; todas estas dores
nos servirão ainda unicamente
para doces deixar nossos colóquios.
Julieta · Oh Deus! Um coração tenho agourento.
Vendo-te assim, tão longe, só parece
que estás sem vida, dentro de um sepulcro.
Ou vejo mal, ou estás, realmente, pálido.
Romeu · Podes crer-me, querida; de igual modo
tu me pareces. A aflição sedenta
nos bebe todo o sangue. Adeus! Adeus!

(Sai.)

Julieta · Oh fortuna! fortuna! Os homens todos
de inconstante te chamam. Se inconstante
fores, mesmo, que tens a ver com ele,
pela felicidade tão famoso?
Sê inconstante, fortuna, pois espero
que em vez de o seqüestrares muito tempo,
logo o farás voltar.
Senhora Capuleto *(dentro)* · Oh filha! filha!

shakespearebrasileiro.org

Já estás de pé?
JULIETA · Quem é que está chamando?
É minha mãe? Não se deitou ainda,
ou já acordou tão cedo? Qual o insólito
motivo que a faz vir falar-me agora?
(Entra a senhora Capuleto.)
SENHORA CAPULETO · Então, Julieta, como estás?
JULIETA · Senhora,
não estou boa.
SENHORA CAPULETO · Ainda a chorar te achas
a morte de teu primo? Acaso queres
com lágrimas tirá-lo do sepulcro?
Inda que o conseguisses, impossível
te fora dar-lhe vida. Assim, deixa isso.
Alguma dor é indício de amizade;
mas muito choro indica pouco espírito.
JULIETA · Mas deixa-me chorar tão grande perda.
SENHORA CAPULETO ·
Sentis a perda, apenas, não o amigo,
cuja perda chorais.
JULIETA · Sentindo a perda
tanto assim, outra coisa não me resta
senão chorar o amigo.
SENHORA CAPULETO · Sim, menina;
não choras tanto pela morte dele,
como porque está vivo o miserável
que da vida o privou.
JULIETA · Que miserável,
minha senhora?
SENHORA CAPULETO · Esse vilão Romeu.
JULIETA *(à parte)* · Vilão e ele estejam separados
por milhares de léguas. — Que perdoado
seja por Deus como por mim já o foi.
Contudo, homem nenhum tanto, como ele,
me oprime o coração.
SENHORA CAPULETO · É que esse biltre,
esse assassino ainda está com vida.
JULIETA · Sim, e longe do alcance destas mãos.
Oh! se eu, tão-só, vingar pudesse a morte
do meu querido primo!
SENHORA CAPULETO · Ainda haveremos
de vingá-lo; por isso não te aflijas.
Pára, pois, com essas lágrimas. A Mântua,
exílio onde se encontra o renegado,
mandarei quem lhe dê uma bebida
tão fora do comum, que logo ele há de
companhia fazer para Tebaldo.
E assim, espero-o, ficarás contente.
JULIETA · Decerto, nunca ficarei contente
com Romeu sem o ter em frente — morto.
Assim meu pobre coração lamenta
a perda de meu primo. Se pudésseis,
senhora, achar uma pessoa, ao menos,
que levasse o veneno, eu o preparara
de modo que Romeu, tomando-o, logo
repousaria em paz. Oh! como sente
meu coração ouvir-lhe o nome odioso,
sem conseguir aproximar-me dele
para vingar o amor que eu dedicava
ao meu primo Tebaldo, sobre o corpo
de quem o assassinou.
SENHORA CAPULETO · Encontra os meios,
que eu acharei esse homem. Mas agora
vim trazer-te notícias mais alegres.
JULIETA · Vem a tempo a alegria em tal tristeza.
E em que consistem essas alegrias,
minha senhora, poderei sabê-lo?
SENHORA CAPULETO ·
Bem, bem, menina; tens um pai zeloso,
que para te livrar dessa tristeza
excogitou um dia de alegria
como nem tu esperas, nem eu própria
poderia pensar.
JULIETA · Oh! vem a tempo!
Mas, senhora, que dia será esse?
SENHORA CAPULETO ·
Filha, vê só! Na quinta-feira próxima
na igreja de São Pedro o conde Páris,
valente moço e nobre gentil-homem,
para sua ventura, alegre noiva
te fará finalmente.
JULIETA · Ora, por essa
igreja de São Pedro, e por São Pedro,
de mim não fará ele noiva alegre.
Estranho tanta pressa; por esposo
ter eu de receber uma pessoa
antes até de me fazer a corte!
Dizei, senhora, a meu senhor e pai,
que não quero casar; é muito cedo;
e que, quando o fizer, posso jurá-lo,
antes escolherei Romeu, que odeio
como bem o sabeis, que o conde Páris.

shakespearebrasileiro.org

Eis aí novidade de primeira.
Senhora Capuleto · Aí vem vosso pai; dizei-lhe tudo isso vós mesma e vede as conseqüências.

(Entram Capuleto e a ama.)

Capuleto ·
Quando o sol morre, o céu chuvisca orvalho;
mas na morte do filho de meu mano
chove torrencialmente.
Então, menina, que goteira é essa?
Ainda e sempre em lágrimas? Que é isso?
Sempre a chover? Num corpo pequenino,
o mar imitar queres, barco, ventos?
Pois teus olhos, a que de mar eu chamo,
fluxo e refluxo mostram, só de lágrimas;
teu corpo é o barco nesse mar salgado;
teus suspiros, os ventos, que em conflito
permanente com as lágrimas se encontram
e que hão de soçobrar-te o frágil corpo
tão maltratado pela tempestade,
se não fizer a tempo calmaria.
Então, mulher: falastes-lhe a respeito
de nossa decisão?
Senhora Capuleto · Sim, conversamos.
Ela, porém, com isso não concorda.
Muito vos agradece. Eu desejara
que essa tola casasse com seu túmulo.
Capuleto · Mais devagar, mulher! Levai-me junto!
Como! Não quer casar? E ainda agradece?
Não se sente orgulhosa? Não se julga
muito feliz — sendo, como é, indigna —
por lhe termos obtido um noivo desses,
tão digno gentil-homem?
Julieta · Orgulhosa
não estou, mas vos sou agradecida.
Não posso ter orgulho do que odeio;
mas agradeço justamente esse ódio
que significa amor.
Capuleto · Que quer dizer
tudo isso? Como assim, minha sofista?
"Agradecida" e "não agradecida",
"orgulhosa" e também "não orgulhosa"...
Não precisais agradecer-me os vossos
agradecidos, nem mostrar orgulho
dos orgulhosos ou o que quer que seja.
Mas tratai de aprontar vossas juntinhas
galantes para, quinta-feira próxima,
à igreja de São Pedro irdes com Páris.
Caso contrário, para lá te levo
dentro de uma carroça. Fora! Fora!
carniça doente! Fora, marafona!
cara de vela!
Senhora Capuleto · Ora essa! Estais maluco?
Julieta · Bondoso pai, de joelhos vos suplico
ouvirdes-me, paciente, uma palavra.
Capuleto · Vai te enforcar, rapariguinha à-toa!
Tipo desobediente! Já te mostro.
Vai quinta-feira à igreja, ou não me encares
nunca mais, nunca mais! Não me repliques
coisa nenhuma. Basta! Não me fales.
Nos dedos sinto cócegas. Pensávamos,
mulher, que nossa dita era pequena,
porque Deus só nos dera uma menina;
mas vejo agora que esta já nos sobra
e que com ela a maldição nos veio.
Rameira à-toa!
Ama · Deus do céu que a ampare!
Procedeis mal, senhor, por insultá-la
desse modo.
Capuleto · Por quê, dona prudência?
Guardai na boca a língua sabe-tudo.
Ide mas é ensinar vossas comadres.
Ama · De mal não disse nada.
Capuleto · Bom proveito.
Ama · Não se pode falar?
Capuleto · Paz, resmungona.
Velha tonta! Guardai vossas sentenças
para vossas iguais. Não precisamos
delas aqui.
Senhora Capuleto · Estais muito excitado.
Capuleto · Sacramento de Deus! É de deixar-me
louco de todo. Dias e mais dias,
a toda hora, de noite, o ano inteirinho,
no trabalho, no jogo, só, no meio
dos companheiros, tinha apenas uma
preocupação: sabê-la, enfim, casada.
E agora que arranjei um gentil-homem
de nobre parentesco, jovem, rico,
de fina educação, forrado, como
se costuma dizer, de qualidades
excepcionais, e tão proporcionado
como melhor não fora concebível,
lá vem uma coisinha choramingas,

shakespearebrasileiro.org

uma boneca cheia de lamúrias,
ao lhe sorrir a sorte, declarar-me:
"Sou muito nova", "amar não me é possível",
"não desejo casar-me", "desculpai-me,
por obséquio". Pois não, vou desculpar-vos,
se não quereis casar. Procurai pasto
onde bem entenderdes, que aqui em casa
não ficareis comigo. Refleti;
vede bem; gracejar não é meu hábito.
Quinta-feira está perto; aconselhai-vos
com o coração. Se fordes minha filha,
por mim a meu amigo sereis dada.
Mas se o não fordes, enforcai-vos, ide
pedir esmola, perecer de fome,
morrer na rua, pois — pela alma o juro! —
jamais hei de reconhecer-te e nunca
quanto for meu te poderá ser útil.
Reflete bem, pois não serei perjuro.

(Sai.)

JULIETA · Não haverá piedade em meio às nuvens,
para a dor me sondar até o mais fundo?
Oh! não me repilais, bondosa mãe!
Adiai esse esposório pelo prazo
de um mês, uma semana; ou se impossível
vos for tal coisa, preparai o tálamo
nupcial no monumento em que Tebaldo
se encontra sepultado.

SENHORA CAPULETO · Não me fales.
Não digo nada; faze o que entenderes,
que para mim não representas nada.

(Sai.)

JULIETA · Oh Deus! Oh ama! como evitar isso?
Tenho o esposo na terra, a fé, no céu.
De que modo essa fé poderá vir-me
de novo para a terra, a menos que ele
do céu ma envie, após deixar a terra?
Conforta-me; aconselha-me. Oh tristeza!
usar o céu de tais estratagemas
com um ser tão delicado? Não me dizes
uma palavra, ao menos? Como pensas,
ama? Nenhum consolo?

AMA · Sim, digo isto:
Romeu está banido; o mundo todo
contra nada, em como ele não retorna
para vos reclamar. Mas ainda mesmo
que retorne, forçoso é que isso seja
muito às ocultas. Ora, estando as coisas
nesse pé, mais razoável me parece
desposardes o conde. Oh! que fidalgo
tão gracioso! Romeu, ao lado dele,
não é mais do que um pano de cozinha.
Uma águia, senhorita, não tem olhos
tão penetrantes, verdes e bonitos
como os de Páris. Quero que maldito
fique meu coração, se venturosa
não vos fizer este segundo esposo.
De muito o outro ele vence; e ainda mesmo
que não vencesse, aquele já está morto,
ou é como se estivesse, por viverdes
aqui, sem uso algum fazerdes dele.

JULIETA · Falas de coração?

AMA · E também de alma.

JULIETA · Amém.

AMA · Como?

JULIETA · Soubeste consolar-me
maravilhosamente. Vai e dize
a minha mãe que por haver deixado
meu pai aborrecido, fui à cela
de frei Lourenço, com o fim de confessar-me
para ser absolvida.

AMA · Dir-lhe-ei isso;
procedeis bem.

(Sai.)

JULIETA · Oh velha amaldiçoada!
Oh demônio perverso! Que pecado
será maior: querer-me ver perjura,
ou insultar meu senhor com a mesma boca
que o exaltou sobre tudo neste mundo
tantos milhões de vezes? Conselheira,
podes ir. Dora em diante, separados
tu e meu peito estais. Vou ver o monge.
Dar-me-á remédio. Vindo a falhar tudo,
porei na morte todo o meu estudo.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena I

Verona. Cela de frei Lourenço.
Entram frei Lourenço e Páris.

Frei Lourenço ·
Quinta-feira, senhor? O prazo é curto.
Páris · Foi o pai Capuleto que assim quis,
sem que eu propenso esteja para frouxa
deixar a pressa dele.
Frei Lourenço · Mas dissestes
que não sabeis ainda o que a donzela
sobre isso resolveu. Esse caminho
não o considero certo; não me agrada.
Páris · Chora sem pausa a morte de Tebaldo.
Por essa causa, pouco conversamos
a respeito de amor; não sorri Vênus
numa casa de lágrimas. Agora,
senhor, ficai sabendo que o pai dela
considera nocivo ela entregar-se
desse modo à tristeza, e tem em sua
sabedoria posto pressa às núpcias,
para sustar a inundação das lágrimas.
O que na solidão toma incremento,
pode minguar na vida em sociedade.
Sabeis, pois, as razões de tanta pressa.
Frei Lourenço *(à parte)* ·
Quisera não saber quais os motivos
que à dilação obrigam. — Vede, conde;
aí vem a dama em direção à cela.

(Entra Julieta.)

Páris · Feliz encontro, minha esposa e dona!
Julieta · Assim poderá ser, quando casar-me.
Páris · O "poderá" será na quinta-feira próxima.
Julieta · O que tiver de ser, será.
Frei Lourenço ·
É um dito muito certo.
Páris · Aqui viestes
para vos confessar com este monge?
Julieta · Dar-vos uma resposta, já seria
confessar-me convosco.
Páris · Revelai-lhe
que me tendes amor.
Julieta · A vós diria
que lhe dedico amor.
Páris · Do mesmo modo
lhe direis que me amais, tenho certeza.
Julieta · Se assim fosse, teria mais valia
não vos dizer no rosto, mas nas costas.
Páris · Pobre alma, o rosto as lágrimas te
ofendem.
Julieta · É vitória pequena para as lágrimas,
pois, antes disso, ele já era feio.
Páris · Mais o ofendeste agora, assim falando,
do que com tuas lágrimas.
Julieta · Calúnia
não foi, senhor; só disse o que é verdade.
Páris · Teu rosto é meu; com isso o caluniaste.
Julieta · Pode ser, que a mim mesma não pertence.
Tendes vagar agora, santo padre,
ou voltar devo à tarde, para a missa?
Frei Lourenço · Tenho vagar agora, minha filha
pensativa. Senhor, será preciso
que nos deixeis sozinhos.
Páris · Deus não queira
que eu possa perturbar a devoção!
Julieta, quinta-feira, bem cedinho,
hei de vos despertar. Até esse instante,
adeus: ficai com este beijo pio.

(Sai.)

Julieta · Oh! fecha a porta logo! E, após a teres
fechado, vem também chorar comigo.
Já não há esperança, nem remédio,
não há socorro algum.
Frei Lourenço · Oh Julieta!
já sei do teu desgosto. Ele ultrapassa
de muito meus espíritos. Disseram-me
que vais casar na quinta-feira próxima
com o conde Páris, sem que nada possa
adiar a cerimônia.
Julieta · Não me fales,
padre, no que soubeste a esse respeito,
se o meio não disseres de evitá-lo.
Se em toda tua ciência não achares
nenhum recurso, ao menos chamai sábia
minha resolução, pois esta faca
já já me ensejará remédio pronto.
Meu coração e o de Romeu reunidos
foram por Deus; as mãos tu nos juntaste.
Antes, pois, que esta mão, por ti fechada
na de Romeu, possa servir de timbre

shakespearebrasileiro.org

para outra transação, ou que o meu fido
coração, com perfídia revoltosa,
corra para outro, assim os dois liquido.
Por tudo isso, com tua experiência,
dá-me logo um conselho. Do contrário,
verás como esta faca sanguinária
de árbitro vai servir entre mim própria
e a minha dor imensa, decidindo
sobre o que a autoridade de teus anos
e de tanto saber não conseguiram
levar a termo honroso. Não retardes
a resposta. Viver me causa tédio,
se falar não me vieres do remédio.

Frei Lourenço ·
Pára, filha! Vislumbro uma esperança,
mas a tal ponto desesperadora,
como é desesperado o que queremos
impedir que aconteça. Se energia
tens suficiente para suicidar-te,
só para a mão não dar ao conde Páris,
será melhor, então, que te resolvas
a empreender algo que suicídio lembra,
para afastar o opróbrio, assim lutando
com a morte, para dela te furtares.
Se ousares isso, arranjarei os meios.

Julieta · Oh! mandai que eu me jogue das ameias
daquela torre, mas de casamento
com o conde não faleis; ou concitai-me
a andar pelas estradas de assaltantes,
ou a esconder-me em ninhos de serpentes;
amarrai-me com ursos rugidores;
numa carneira me fechai à noite,
cheia de ossos humanos, que se choquem,
de tíbias negras, crânios sem mandíbulas;
mandai-me entrar num túmulo recente,
para esconder-me, ao lado do defunto,
sob sua própria mortalha; coisas essas
que, só de ouvir, tremer já me fizeram.
Sem a menor vacilação, sem medo,
tudo farei, contanto que prossiga
como esposa sem mancha de quem amo.

Frei Lourenço ·
Escuta, então: vai para casa, mostra-te
alegre e dize que disposta te achas
a desposar o conde. Quarta-feira
é amanhã; amanhã, à noite, deita-te
sozinha, sem que fique a ama no quarto.
Toma este frasco, e quando te deitares
em tua cama, bebe seu conteúdo,
que pelas veias, logo, há de correr-te
humor frio, de efeito entorpecente,
sem que a bater o pulso continue
em seu curso normal, parando logo.
Calor nenhum nem hálito tua vida
poderão atestar; mudadas ficam
essas rosas das faces e da boca
em cinza desmaiada, a cair vindo
as janelas dos olhos, como quando
fecha o dia da vida a morte escura.
Do maleável poder os membros todos
ficando, então, privados, hão de frios
e rígidos tornar-se como a morte.
Vinte e quatro horas ficarás com esse
tétrico aspecto da engelhada morte,
para acordar como de um doce sono.
Quando, portanto, cedo vier o noivo
despertar-te do leito, estarás morta.
Então — como é costume em nossa terra —
com belas vestes, num esquife aberto,
posta serás no mesmo antigo túmulo
em que toda a família Capuleto
tem sido sepultada. Nesse em meio,
antes de despertares, Romeu há de,
por minhas cartas, conhecer o que houve
e virá para cá. Aguardaremos,
eu e ele, que despertes, conduzindo-te
Romeu, na mesma noite, para Mântua.
Do opróbrio ameaçador esse projeto
te livrará, se o medo feminino
ou o capricho volúvel, à última hora,
não te privarem do valor consueto.

Julieta · Dai-mo! dai-mo! e vereis se tenho medo.

Frei Lourenço ·
Eis aqui. Parti logo e conservai-vos
nessa resolução. Vou mandar prestes
a Mântua um portador com uma carta
de minha parte para teu marido.

Julieta · Triunfe o amor, e eis tudo resolvido.
Adeus, meu caro padre.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena II

O mesmo. Sala em casa de Capuleto.
Entram Capuleto, senhora Capuleto, ama e criados.

CAPULETO · Convidai as pessoas desta lista.
(Sai o CRIADO.*)*
E tu, maroto aí! Vai contratar-me
vinte hábeis cozinheiros.
SEGUNDO CRIADO · Não arranjareis nenhum
cozinheiro ruim, senhor, porque eu me incumbirei
de verificar se eles sabem lamber os dedos.
CAPULETO · E de que modo conseguirás isso?
SEGUNDO CRIADO · Ora, senhor, o cozinheiro
que não sabe lamber os dedos, não presta. Por isso,
deixarei de trazer os que não souberem fazê-lo.
CAPULETO · Está bem; vai logo.
(Sai o segundo CRIADO.*)*
Vai faltar muita coisa; o tempo é curto.
Quem saberá dizer-me se Julieta
foi à cela do monge?
AMA · Foi, realmente.
CAPULETO · Talvez ele lhe dê um bom conselho.
É uma rapariguinha cabeçuda.
AMA · Ei-la contente; vem da confissão.
(Entra Julieta.)
CAPULETO · Então, cabeçudinha? Onde estivestes
saracoteando?
JULIETA · Onde aprendi, realmente,
a arrepender-me do pecado grave
de desobedecer a vossas ordens,
tendo-me frei Lourenço, esse santo homem,
ordenado que viesse aqui prostrar-me
para pedir perdão. Perdão vos peço.
De hoje em diante sereis meu guia em tudo.
CAPULETO · Ide chamar o conde; contai-lhe isso.
Será firmado o enlace amanhã cedo.
JULIETA · Vi o conde na cela de Lourenço.
tendo-lhe dado tudo o que é possível
conceder dentro da área da modéstia.
CAPULETO · Isso me alegra muito. Bem; levanta-te.
Assim vai tudo bem. Vou ver o conde.
Com a breca! Olá, maroto! vai buscá-lo.
Deus louvado. Esse frade reverendo.
toda a cidade o tem em grande estima.
JULIETA · Quereis, ama, ir comigo até o meu quarto
para escolhermos juntas os enfeites
que mais próprios achardes para a festa?
SENHORA CAPULETO ·
Não; até quinta-feira há muito tempo.
CAPULETO · Vai, ama; vai com ela. Nós iremos
até a igreja amanhã.
(Saem Julieta e a ama.)
SENHORA CAPULETO ·
Vão faltar provisões, e é quase noite.
CAPULETO · Oh diabo! Vou mexer-me; e tudo, tudo,
mulher, termina bem, posso afirmar-te.
Vai ajudar Julieta nos enfeites.
Deixem-me só; hoje não vou deitar-me.
Por esta vez serei dona de casa.
Olá, rapazes! Qual! saíram todos.
Irei sozinho ver o conde Páris,
para animá-lo para amanhã cedo.
O coração por demais leve sinto
desde que essa menina criou juízo.
(Saem.)

Ato IV · Cena III

O mesmo. Quarto de Julieta.
Entram Julieta e a ama.

JULIETA · Sim, estas são as peças mais bonitas.
Mas, gentil ama, deixa-me esta noite;
desejo ficar só, pois necessito
de rezar muito, para que consiga
fazer sorrir o céu para o meu lado,
pois bem sabeis: tenho a alma atormentada
e cheia de pecados.
(Entra a senhora Capuleto.)
SENHORA CAPULETO · Ocupada
bastante, não? Necessitais de mim?
JULIETA · Não, senhora; escolhemos, tão-somente,

shakespearebrasileiro.org

quanto nos pareceu mais necessário
para amanhã vestir na cerimônia.
Assim, vos peço me deixeis sozinha,
dormindo a ama esta noite em vosso quarto,
pois sei que vos achais assoberbada
de ocupações para esta festa súbita.

Senhora Capuleto ·
Boa noite, então. E tu, podes deitar-te;
não temos precisão de teus serviços.

(Saem a senhora Capuleto e a ama.)

Julieta · Adeus. Deus sabe quando nos veremos
outra vez. Pelas veias me passeia
um medo frio e lânguido, que quase
deixa o calor da vida inteiriçado.
Vou chamá-los de novo para darem-me
coragem. Ama!... Mas, por que vir cá?
Precisarei representar sozinha
meu terrível papel. Vamos, frasquinho.
E se esta droga não fizer efeito?
Terei de me casar amanhã cedo?
Não; isto o impedirá, fica aqui perto.

(Põe de lado um punhal.)

E se for um veneno que esse frade
com astúcia me deu para matar-me,
temendo o opróbrio que podia vir-lhe
do casamento, por me haver casado
com Romeu antes disso? Sinto medo.
Contudo, quero crer, não o faria,
pois como santo é tido há muito tempo.
Não devo ter tão baixo pensamento.
E se, depois de estar na sepultura,
eu vier a despertar, sem que Romeu
chegue para salvar-me? Oh caso horrível!
Não ficarei asfixiada dentro
da sepultura, cuja boca imunda
não respira ar sadio, e, assim, morrendo
sufocada sem vir o meu Romeu?
Ou se eu viver, não será mui plausível
que aquela imagem de negror e morte,
associada ao pavor do próprio ponto —
um sepulcro, carneira onde há centenas
de meus antepassados; onde se acha
desde pouco Tebaldo ensangüentado,
a decompor-se em seu sudário branco;
onde, assim dizem, em determinadas
horas da noite espíritos vagueiam?...
Ai! ai de mim! Pois não será possível
que eu venha a despertar antes do tempo?...
Aquele cheiro repugnante, os gritos
que como o das mandrágoras, ao serem
arrancadas da terra, influem loucura
em todos quantos porventura os ouvem...
Ao despertar não ficarei demente
no meio desses medos pavorosos,
pondo-me, louca, a remexer nos ossos
de meus antepassados, e a puxar
de seu lençol Tebaldo mutilado?
Ou, tomada de fúria, com um osso
de um dos meus bisavós, que irá servir-me
de clava, não farei saltar meu cérebro
desesperado? Oh! vede! o espírito
parece de meu primo, que anda em busca
de Romeu, que espetou seu pobre corpo
na ponta do punhal. Pára, Tebaldo!
Romeu, aqui! Bebo isto por tua causa.

(Cai sobre o leito, para dentro das cortinas.)

Ato IV · Cena IV

O mesmo. Sala da casa de Capuleto.
Entra a senhora Capuleto e a ama.

Senhora Capuleto ·
Ama, toma estas chaves e nos traze
mais temperos e cheiro.
Ama · Os pasteleiros
querem marmelo e tâmara.

(Entra Capuleto.)

Capuleto · Depressa!
Mexam-se! Vamos! O segundo galo
já cantou e o sinal de apagar fogo
há muito já foi dado. São três horas.
Cuida dos bolos, minha boa Angélica,
sem poupar coisa alguma.
Ama · Ide, ide embora,
metediço; o lençol está chamando.
Por minha fé, assim ficais doente,

shakespearebrasileiro.org

por haverdes velado a noite toda.
Capuleto ·
Nem um pouquinho. Ora essa! Muitas noites
já passei acordado por motivos
bem menores, sem ter ficado doente.
Senhora Capuleto ·
É certo, em vossa mocidade andáveis
a caçar ratos; mas agora eu tomo
sobre mim o trabalho de poupar-vos
de tais caçadas.

(Saem a senhora Capuleto e a ama.)

Capuleto · Oh ciúmes! ciúmes!

(Entram três ou quatro criados, com espetos, achas de lenha e cestos.)

Amigos, que levais aí dentro?
primeiro Criado · Coisas
que o cozinheiro reclamou, senhor;
não sei bem o que seja.
Capuleto · Pressa! pressa!

(Sai o primeiro criado.)

e tu, maroto, traze lenha seca;
Pedro pode indicar onde é o depósito.
segundo Criado ·
Tenho cabeça para achar a lenha;
não vou incomodar para isso o Pedro.

(Sai.)

Capuleto · Raios! Boa resposta! O sem-vergonha
tem gênio alegre, ah! ah! Dará bom cepo.
Por minha fé, já é dia; mais um pouco
e o conde chegará mais os seus músicos.
Foi o que ele me disse.

(Ouve-se música.)

Ei-lo! Já o ouço.
Ama! Mulher! Estou chamando. Olá!

(Volta a ama.)

Vai acordar Julieta e prepará-la.
Vou conversar com Páris. Toda pressa!
Mais pressa nisso! O noivo já está pronto.
Mais pressa! digo.

(Saem.)

Ato IV · Cena V

O mesmo. Quarto de Julieta.
Entra a Ama.

Ama · Senhora, olá! Julieta! É quase certo
que ainda esteja a dormir. Eh, ovelhinha!
Então, senhora? Então? Que dorminhoca!
Então, amor? Senhora! Estou chamando...
Coraçãozinho! Noiva!... Como! Muda?
Agora desforrais a vossa parte,
dormindo uma semana; mas garanto-vos
que na noite que vem o conde Páris
repouso não terá, porque repouso
também não possais ter. Deus me perdoe.
Santa Virgem e amém! Que sono calmo!
Mas preciso acordá-la. Olá, senhora!
Que o conde venha vos tirar da cama,
e hei de vos espantar. Não falei certo?
Como assim? Já vestistes toda a roupa,
e outra vez a dormir? Vou despertá-la,
Senhora! Olá!... Oh Deus!... Socorro!
A patroa está morta!... Aqui!... Socorro!
Oh dia triste! Assim nunca eu nascesse.
Aqua vitae! Senhor! Senhora!... Acudam!...

(Entra a senhora Capuleto.)

Senhora Capuleto ·
Que barulheira é essa?
Ama · Oh dia triste!
Senhora Capuleto ·
Que aconteceu?
Ama · Olhai, senhora... Oh dia!
Senhora Capuleto ·
Oh! minha única filha! Minha filha!
Reanima-te, olha para mim, ou deixe-me
morrer também contigo. Aqui! Socorro!
Vai chamar gente!

(Entra Capuleto.)

Capuleto · Que vergonha! Trazei Julieta logo;
o noivo já chegou.
Ama · Está sem vida,
morta, sem vida! Oh dia desgraçado!
Senhora Capuleto ·
Oh que dia! Morreu! Morreu! Morreu!
Capuleto ·
Deixei-me vê-la. Oh dor! Já está gelada.

shakespearebrasileiro.org

O sangue está parado; os membros, duros.
Estes lábios e a vida há muito tempo
separados já estão. A morte se acha
sobre ela como geada mui precoce
sobre a flor mais gentil de todo o campo.
AMA · Oh dia lamentável!
SENHORA CAPULETO · Oh tristeza!
CAPULETO · A morte que a tirou de mim com o fito
de fazer-me gemer, a língua me ata,
não me deixando pronunciar palavra.
(Entram frei Lourenço e Páris, com músicos.)
FREI LOURENÇO ·
A noiva já está pronta para a igreja?
CAPULETO · Sim, para ir para a igreja, sem que
nunca
possa de lá voltar. Oh filho, a morte,
na véspera do dia de tuas núpcias,
deitou-se com tua noiva; é minha herdeira;
cortejou minha filha. Morrer quero,
para levar à morte o que possuo:
vida, bens; tudo é dela.
PÁRIS · Quis tanto ver a face deste dia,
para enfim contemplar este espetáculo?
SENHORA CAPULETO ·
Dia infeliz, maldito, desgraçado!
A hora mais triste que já viu o tempo
em toda a sua peregrinação
comprida e laboriosa. Uma só filha,
uma só, pobre filha, e tão amada,
para gozo e consolo um ser apenas,
e a cruel morte arrancar-ma, assim, da vista.
AMA · Oh dia triste! Oh dia triste! Oh dor!
O dia mais escuro e lamentável
que eu vi em toda a vida. Oh dia triste!
Oh dia odioso! Oh dia! Oh dia triste!
Nunca vi dia de tão densas trevas.
Oh dia triste! Oh dia!
PÁRIS · Ludibriado, ofendido, separado,
desprezado, destruído... Morte odiosa,
ludibriado por ti, por ti, cruel morte,
arruinado de todo. Oh amor! Oh vida...!
Não, vida não: amor na própria morte!
CAPULETO · Odiado, desprezado, desolado,
martirizado, morto! Inconsolável
tempo, por que motivo vieste agora
matar, matar nossa solenidade?
Oh filha! Filha, não: alma querida!
Já não vives! morreste! Ah! minha filha
já não vive e, com ela, sepultada
vai ser minha alegria.
FREI LOURENÇO · Calma! peço-vos;
a cura da desordem vir não pode
da desorientação. Tal como vós,
tinha o céu parte nesta bela criança.
Agora o céu tem tudo, o que é, por certo,
melhor para a donzela. Não vos fora
possível subtrair da morte a parte
que tínheis nela, mas o céu é dele
vida eterna vai dar. O que queríeis
era vê-la elevada; todo o vosso
céu consistia justamente nisso.
E agora, a lastimais, vendo-a exaltada,
tão acima das nuvens, no alto céu?
Com vosso amor amais a vossa filha
tão mal que vos mostrais desesperados
por sabê-la tão bem? As bem casadas
não são as que assim vivem muito tempo;
mas bem casada está quem morre cedo.
Interrompei o pranto; sobre o belo
corpo espalhai bastante rosmaninho
e, tal como é de praxe, em suas vestes
mais vistosas levai-o para a igreja.
Embora chorar mande a natureza,
ri a razão ao choro da tristeza.
CAPULETO · Tudo o que havia para o festival
usado ora vai ser no funeral.
Os instrumentos viram melancólicos
sinos; nosso festim, jantar funéreo;
nossos hinos solenes, puras nênias;
as flores nupciais irão de enfeite
servir para o cadáver, transmudando-se,
assim, em seu contrário as coisas todas.
FREI LOURENÇO ·
Retirai-vos, senhor; acompanhai-o,
minha senhora; e vós, conde, também.
Que todos se preparem para o belo
corpo levar à tumba. Porventura
o céu vos pune por qualquer maldade;
não o irriteis, pois essa é a sua vontade.
(Saem Capuleto, a senhora Capuleto, Páris e monge.)
PRIMEIRO MÚSICO · Por minha fé, podemos guardar
as gaitas e ir embora.
AMA · Ah! Meus homens, guardai-as, guardai-as,

shakespearebrasileiro.org

que isso é um caso doloroso!

PRIMEIRO MÚSICO · Oh! é certo; poderia ser melhor.

(Entra Pedro.)

PEDRO · Músicos! Olá! "Alegra-te, coração!" "Alegra-te, coração!" Se quereis que eu viva, tocai "Alegra-te coração!"

PRIMEIRO MÚSICO · Por que "Alegra-te, coração"?

PEDRO · Oh! músicos, porque meu próprio coração toca "O coração me pesa de tristeza". Oh! tocai uma litania alegre, para reconfortar-me.

SEGUNDO MÚSICO · Não, nada de litanias; não é hora de tocar música.

PEDRO · Então não quereis tocar?

MÚSICOS · Não.

PEDRO · Neste caso vou tratar-vos como o mereceis.

PRIMEIRO MÚSICO · De que modo pretendes tratar-nos?

PEDRO · Não será com dinheiro, é claro; mas com pilhérias. Vou arranjar-vos um arranhador de rabeca.

PRIMEIRO MÚSICO · Nesse caso eu arranjarei para ti um servente de cozinheiro.

PEDRO · E eu vos atirarei na cabeça a faca do servente de cozinheiro. Eu sou assim; não levo semínimas para casa. Vou fazer de vós ré e fá. Tomastes nota?

PRIMEIRO MÚSICO · Se de nós fizerdes ré e fá, viraremos notas.

SEGUNDO MÚSICO · Por obséquio, por obséquio: esconde essa faca e mostra o espírito.

PEDRO · Tomai cuidado com meu espírito! Vou malhar-vos com meu espírito de aço e embainhar minha faca. Respondei-me como homens.
Quando a dor e a tristeza libertinas
me oprimem a cabeça e o coração,
a música de notas argentinas...
Por que "notas argentinas"? Por que "música de notas argentinas"? Que dizeis a isso, Simão Catling?

PRIMEIRO MÚSICO · Ora, senhor, porque a prata tem um som agradável.

PEDRO · Tolice! Que pensais, Hugo Rabeca?

SEGUNDO MÚSICO · Penso que "notas argentinas" significam que os músicos tocam suas notas para adquirir prata.

PEDRO · Oh! peço perdão. E sois cantores! Vou dar a explicação por vós. A frase "música de notas argentinas" significa que os músicos nunca vêem ouro com suas notas.
...a música de notas argentinas
com seu poder me deixa outra vez são.

PRIMEIRO MÚSICO · Que sujeito pestilencioso!

SEGUNDO MÚSICO · Que se enforque! Vamos; entremos, para assistir ao enterro e esperar pelo jantar.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Mântua. Uma rua.
Entra Romeu.

Romeu · Se eu tiver de dar crédito à verdade
do sono aduladora, os sonhos dizem-me
que está iminente alguma alegre nova.
Em seu trono sentado está de leve
o senhor do meu peito, e o dia todo
com risonhas imagens um espírito
desconhecido me ergue do chão duro.
Sonhei que meu amor tinha chegado
e me encontrara morto. Estranho sonho,
que não destrói no morto o pensamento!
E com beijos tal vida me insuflava
que eu revivi e imperador tornei-me.
Quão doce deve ser o amor possuído,
se assim tão venturoso é sua sombra!

(Entra Baltasar, de botas.)

Notícias de Verona! Que acontece,
Baltasar? Frei Lourenço mandou carta?
E meu pai, está bem? Minha Julieta,
como a deixaste? Torno a perguntar-te,
nada irá mal, se bem ela estiver.

Baltasar · Então ela está bem; nada está mal.
Seu corpo está dormindo no sepulcro
dos Capuletos e a imortal essência
vive agora entre os anjos. Vi quando ela
foi deposta na tumba da família.

shakespearebrasileiro.org

Perdoai-me por trazer-vos tais notícias;
mas destes-me, senhor, essa incumbência.
ROMEU · É assim? Então, estrelas, desafio-vos!
Sabes bem onde eu moro; vais buscar-me
papel e tinta e aluga-me uns cavalos.
Partirei esta noite.
BALTASAR · Revesti-vos
de paciência, senhor, vos peço; tendes
pálidas as feições e desvairadas,
pressagiando desgraça.
ROMEU · Não; enganas-te.
Vai logo e faze o que te disse há pouco.
Não me mandou o monge alguma carta?
BALTASAR · Nenhuma, bom senhor.
ROMEU · Bem; não importa.
Vai tratar logo de alugar cavalos;
irei já para casa.

(Sai Baltasar.)

Bem, Julieta;
deitar-me-ei ao teu lado ainda esta noite.
Procuremos os meios... Oh desgraça!
como rapidamente te intrometes
nos pensamentos dos desesperados!
Lembro-me de ter visto um boticário —
mora aqui perto — não faz muito tempo,
maltrapilho, de cenho carregado,
a separar suas ervas. Rosto esquálido,
tinha-o roído até os ossos a miséria.
Pendida via-se uma tartaruga
em sua pobre loja, um crocodilo
morto e empalhado, e muitas outras peles
de peixes desconformes; pelas sujas
prateleiras, uns montes miseráveis
de caixinhas vazias, potes verdes,
bexigas e sementes bolorentas,
restos de fios, velhos pães de rosas,
magramente espalhados para efeito.
Vendo tanta miséria, a sós comigo
observei que se alguém necessitasse
algum dia veneno que, sob pena
de morte agora não se vende em Mântua,
ali vivia um desgraçado escravo
que decerto o vendera. Oh! essa idéia
veio muito antes da necessidade.
Esse coitado vai vender-me a droga.
Se não me engano, a casa é aqui defronte.
Sendo feriado, a loja está fechada.
Olá! oh!... Boticário!

(Entra o boticário.)

BOTICÁRIO · Quem me chama
com tanta força?
ROMEU · Vem aqui, amigo.
Vejo que és pobre; toma estes quarenta
ducados, mas arranja-me uma dracma
de veneno, mas droga tão violenta
que tão veloz se espalhe pelas veias,
que a pessoa cansada desta vida,
bebendo-a, caia morta, e que do corpo
o fôlego se aparte tão depressa
como pólvora acesa, ao desprender-se
do fatal ventre do canhão medonho.
BOTICÁRIO · Possuo esse veneno perigoso;
Porém as leis de Mântua morte certa
cominam para quantos o venderem.
ROMEU · És tão nu e tão cheio de misérias,
e a morte ainda receias? Tens a fome
nas faces; as angústias e o infortúnio
de fome em teu olhar estão morrendo;
do dorso pendem-te a miséria e a ofensa.
Não se te mostra amigo o mundo e, menos
ainda, a lei do mundo. Em todo o mundo
não há uma lei para deixar-te rico.
Não sejas pobre, então; passa por cima
da lei e toma isto.
BOTICÁRIO · Aceita a minha
pobreza o que me dás, não a vontade.
ROMEU · Não a vontade, pago-te a pobreza.
BOTICÁRIO · Ponde isto em qualquer líquido; tomando-o,
embora a resistência possuirdes
de vinte homens, caireis de pronto morto.
ROMEU · Eis teu ouro, veneno mais nocivo
para as almas dos homens, que mais crimes
têm cometido neste mundo sujo,
do que essas pobres drogas misturadas
que não podes vender. Dei-te veneno;
não tu a mim. Adeus. Compra alimento
e engorda um pouco mais. Vamos, cordial,
não veneno. Ao sepulcro vem comigo
de Julieta, mostrar que és meu amigo.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

Verona. Cela de frei Lourenço.
Entra frei João.

Frei João · Santo irmão franciscano! Olá, irmão!
(Entra frei Lourenço.)
Frei Lourenço · A voz é de frei João. Deve ser ele.
Oh tu que vens de Mântua, sê bem-vindo.
Romeu que disse? Ou então, se o pensamento
mandou escrito, dá-me sua carta.
Frei João · Fui procurar um frade de nossa ordem
de pés descalços, que visita os doentes,
para ir comigo a Mântua, mas os guardas
da cidade, pensando que tivéssemos
estado numa casa em que a infecciosa
pestilência domina, as portas logo
fecharam, não deixando que saíssemos.
Desta arte minha pressa de ir a Mântua
ficou parada.
Frei Lourenço · E quem levou a carta
para Romeu?
Frei João · Não pude remetê-la —
ei-la aqui outra vez — tentei, embalde,
achar um portador para levá-la,
tanto medo têm todos de infecção.
Frei Lourenço ·
Quanta falta de sorte! Por minha ordem,
essa carta não é sem importância,
mas de peso e conteúdo muito grave.
O atraso pode ser de conseqüências
muito sérias. Frei João, vai bem depressa
buscar uma alavanca; estou na cela.
Frei João · Pois não, irmão; levá-la-ei já já.
(Sai.)

Frei Lourenço ·
Agora tenho de ir sozinho ao túmulo.
Dentro destas três horas vai a bela
Julieta despertar; vai maldizer-me
porque Romeu ficou sem ter notícias
de quanto aconteceu. Mas para Mântua
vou escrever de novo; em minha cela
vou deixá-la escondida, até que possa
Romeu chegar aqui. Pobre cadáver
vivo, enterrado numa sepultura!
(Sai.)

Ato V · Cena III

O mesmo. Um cemitério, com o túmulo dos Capuletos.
Entram Páris e seu pajem, trazendo flores e uma tocha.

Páris · Dá-me a tocha, rapaz, e fica à parte.
Não, apaga-a; não quero que me vejam.
Deita-te ali embaixo do cipreste
e o ouvido encosta junto do oco solo.
Assim, não pisará o cemitério
nenhum pé, sendo o solo pouco firme,
frouxo e escavado pelas sepulturas,
sem que o percebas. Deves assobiar-me,
em sinal de que vem chegando gente.
Dá-me essas flores. Faze o que te disse.
Pajem *(à parte)* · Sinto um pouco de medo,
por sozinho
me ver no cemitério. Mas que seja.
(Sai.)

Páris · Minha querida flor, espalho flores
em teu leito — Oh! de pedras é o dossel!
De água à noite trarei irrigadores
ou o pranto amargo de meu fado cruel.
Os funerais de nossa desventura
flores far-te-ão nascer na sepultura.
(O pajem assobia.)
O menino me avisa que vem gente.
Que pé maldito pisa estes caminhos
durante a noite, para perturbar-me
nos funerais e ritos do amor puro?
Como! Traz uma tocha? Noite, esconde-me
durante alguns instantes.
(Retira-se.)
(Entram Romeu e Baltasar, com uma tocha, enxadão etc.)

shakespearebrasileiro.org

Romeu ·
Dá-me o ferro e o enxadão. Toma esta carta.
Logo que amanhecer tens de entregá-la
ao meu senhor e pai. Agora, a tocha.
Por tua vida te exorto: embora vejas
e ouças sejas o que for, fica a departe,
sem vires perturbar-me. Se ora desço
a este leito de morte, em parte é apenas
para o rosto ainda ver de minha esposa,
mas, sobretudo, para de seu dedo
de morta o anel tirar muito precioso
que necessito para um caso extremo.
Por isso, parte logo. Mas se, acaso
só por curiosidade retornares
para espiar o que fazer pretendo:
pelo céu! quebrar-te-ei todas as juntas
e encherei o faminto cemitério
com partes de teu corpo. Meus intuitos
a esta hora são selvagens, mais violentos
e inexoráveis ainda do que o tigre
faminto e o mar revolto.
Baltasar · Vou-me embora,
senhor, sem vos atrapalhar em nada.
Romeu · Assim, me provarás tua amizade.
Toma isto para ti; vive e prospera.
E agora, bom amigo, passa bem.
Baltasar *(à parte)* ·
Mas apesar de tudo, vou esconder-me
por aqui mesmo. Não confio nele
e temo seu olhar.

(Retira-se.)

Romeu · Matriz da morte,
detestável maxila, que estás cheia
da mais cara partícula da terra:
assim te forço os maxilares podres

(Abre a sepultura.)

e te abrigo a aceitar mais alimento.
Páris · Este é o Montecchio altivo, que banido
foi por ter morto o primo de Julieta.
por cuja dor a morrer veio aquela
criatura incomparável. Ei-lo agora
que vem para fazer nesses cadáveres
alguma vilania oprobriosa.
Vou prendê-lo.

(Adianta-se.)

Interrompe teu maldito
trabalho, vil Montecchio! Como! É crível
que a vingança vá além da própria morte?
Estás preso, banido desprezível.
Obedece e me segue; morrer deves.
Romeu · Devo morrer, é fato; foi para isso
que vim aqui. Mancebo generoso,
tentar não queiras um desesperado.
Foge daqui e deixa-me; reflete
nestes mortos e que eles te amedrontem.
Suplico-te, mancebo, não me faças
arcar com o peso de mais um pecado,
pois aqui vim contra mim próprio armado.
Não fiques; vai-te e dize no porvir
que foi um louco que te fez fugir.
Páris · Importância não dou a teu pedido
e prendo-te por seres criminoso.
Romeu · Queres me provocar? Então defende-te.

(Batem-se.)

Pajem ·
Batem-se, oh Deus! Vou já chamar a guarda.

(Sai.)

Páris *(cai)* · Estou morto! Se fores compassivo,
abre a tumba e me deita com Julieta.

(Morre.)

Romeu · Em verdade o farei. Porém vejamos
estas feições: o nobre conde Páris,
parente de Mercúcio! Que me disse
meu criado, quando juntos caminhávamos
para cá e minha alma atormentada
não escutava nada? Não me disse
que Páris e Julieta iam casar-se?
Não foi assim, ou terá sido sonho?
Ou então, por estar louco, pensei nisso,
quando ele me falava de Julieta?
Dá-me essa mão, oh tu que estás inscrito,
como eu também, no livro do infortúnio.
Vou depor-te num túmulo glorioso.
Túmulo? Não, mancebo assassinado;
uma lanterna, pois Julieta se acha
deitada aí e sua formosura
faz desta abóbada uma sala régia,
transbordante de luz. Repousa, morto,
por um morto enterrado.

(Coloca no túmulo o corpo de Páris.)

Quantas vezes,
no ponto de morrer, ledos se mostram
os homens? É o clarão da despedida,
dizem quantos o doente estão velando.

shakespearebrasileiro.org

Oh! poderei chamar clarão a esta hora?
Oh meu amor! querida esposa! A morte
que sugou todo o mel de teu doce hálito
poder não teve em tua formosura.
Não; conquistada ainda não foste; a insígnia
da beleza em teus lábios e nas faces
ainda está carmesim, não tendo feito
progresso o pálido pendão da morte.
Tebaldo, jazes num lençol de sangue?
Oh! que maior favor fazer-te posso
do que com esta mesma mão que a tua
mocidade cortou, destruir, agora,
também, a do que foi teu inimigo?
Primo, perdoa-me. Ah! querida esposa,
por que ainda és tão formosa? Pensar devo
que a morte insubstancial se apaixonasse
de ti e que esse monstro magro e horrível
para amante nas trevas te conserve?
Com medo disso, ficarei contigo,
sem nunca mais deixar os aposentos
da tenebrosa noite; aqui desejo
permanecer, com os vermes, teus serventes.
Aqui, sim, aqui mesmo fixar quero
meu eterno repouso, e desta carne
lassa do mundo sacudir o jugo
das estrelas funestas. Olhos, vede
mais uma vez; é a última. Um abraço
permiti-vos também, ó braços! Lábios,
que sois a porta do hálito, com um beijo
legítimo selai este contrato
sempiterno com a morte exorbitante.
Vem, condutor amargo! Vem, meu guia
de gosto repugnante! Oh tu, piloto
desesperado! lança de um só golpe
contra a rocha escarpada teu barquinho
tão cansado da viagem trabalhosa.
Eis para meu amor.

(Bebe.)

Oh boticário
veraz e honesto! tua droga é rápida.
Deste modo, com um beijo, deixo a vida.

(Morre.)

(Entra pelo outro lado do cemitério frei Lourenço com lanterna, alavanca e uma pá.)

Frei Lourenço ·
São Francisco me ajude! Quantas vezes
esta noite meus pés enfraquecidos
tropeçaram em túmulos? Quem vive?
Baltasar · É um amigo, que muito vos conhece.
Frei Lourenço ·
Deus te abençoe. Querido amigo, dize-me
que tocha é aquela ali que embalde a sua
luz aos vermes empresta e aos crânios cegos?
Ao que parece, está no monumento
dos Capuletos.
Baltasar · Sim, é lá, santo homem.
Lá se acha meu senhor, de quem gostais.
Frei Lourenço · Quem é ele?
Baltasar ·
Romeu.
Frei Lourenço · Há quanto tempo
está ele lá?
Baltasar · Há cerca de meia hora.
Frei Lourenço ·
Vem comigo até o túmulo.
Baltasar · Não ouso
fazer isso, senhor; meu amo pensa
que eu fui embora e me ameaçou de morte
se eu ficasse a espreitá-lo.
Frei Lourenço · Então espera;
irei só; já começo a sentir medo.
Oh! receio algum caso desastrado.
Baltasar · Tendo dormido sob aquele teixo,
vi em sonhos, parece, que meu amo
se batia com outro, tendo-o morto.
Frei Lourenço *(adiantando-se)* ·
Romeu! Romeu! Oh dor! Que sangue é este
que mancha a entrada pétrea do sepulcro?
Que quererão dizer estas espadas
sem dono, a estilar sangue e descoradas,
neste lugar de paz?

(Entra no túmulo.)

Romeu! Oh, pálido!
Quem mais? Quê! Também Páris? E encharcado
de sangue? Oh! que hora dura teve culpa
deste acontecimento lamentável?
A senhora se mexe.

(Julieta desperta.)

Julieta · Oh meu bom frade,
onde está meu senhor? Sei muito bem
onde eu devia estar, onde me encontro.
Mas onde está Romeu?

(Barulho dentro.)

Frei Lourenço · Ouço bulha. Saí, senhora, desse
ninho de morte, de contágio e sono

shakespearebrasileiro.org

contrário à natureza. Uma potência
por demais forte para que a vençamos
frustrou nossos intentos. Vem, vem logo!
Teu marido em teu seio se acha morto;
Páris também. Vem logo; vou levar-te
para um convento de piedosas freiras.
Não percas tempo com perguntas; vamos;
a guarda está chegando. Vem, bondosa
Julieta; não me atrevo a esperar mais.
JULIETA · Vai, que eu daqui não sairei jamais.
(Sai frei Lourenço.)
Que vejo aqui? Um copo bem fechado
na mão de meu amor? Certo: veneno
foi seu fim prematuro. Oh! que sovina!
Bebeste tudo, sem que me deixasses
Uma só gota amiga, para alívio.
Vou beijar esses lábios; é possível
que algum veneno ainda se ache neles.
para me dar alento e dar a morte.
(Beija-o.)
Teus lábios estão quentes.
PRIMEIRO GUARDA *(dentro)* · Vamos, guia-me,
rapaz; qual é o caminho?
JULIETA · Ouço barulho.
Preciso andar depressa. Oh! sê bem-vindo,
punhal!
(Apodera-se do punhal de Romeu.)
Tua bainha é aqui. Repousa
aí bem quieto e deixa-me morrer.
(Cai sobre o corpo de Romeu e morre.)
(Entram os homens da guarda, com o pajem de Páris.)
PAJEM · É ali o ponto, onde está acesa a tocha.
PRIMEIRO GUARDA · Há sangue pelo chão.
Passai revista em todo o cemitério, e se encontrardes
alguém, prendei-o.
(Saem alguns guardas.)
Oh vista dolorosa!
Aqui se encontra, assassinado, o conde,
e Julieta a sangrar de novo e morta
recentemente, que há dois dias fora
posta neste sepulcro. Ide depressa
chamar os Capuletos e os Montecchios.
Na busca prossegui vós outros.
(Saem outros guardas.)
Vemos
o terreno de tantas desventuras;
mas o terreno verdadeiro destas
desgraças lastimáveis, só podemos
ficar sabendo após maior estudo.
(Voltam alguns guardas com Baltasar.)
SEGUNDO GUARDA · É o criado de Romeu; fomos
achá-lo dentro do cemitério.
PRIMEIRO GUARDA · Segurai-o
com bem cautela, até que chegue o príncipe.
(Volta outro guarda, com frei Lourenço.)
TERCEIRO GUARDA ·
Aqui está um frade que suspira e chora,
sem parar de tremer. Nas mãos trazia
uma pá e este ferro, e deste lado
vinha do cemitério.
PRIMEIRO GUARDA · São indícios
suspeitos; segurai também o frade.
(Entra o príncipe com seu séquito.)
PRÍNCIPE · Que desgraça se deu aqui tão cedo,
para tirar assim nossa pessoa
do seu sono habitual?
(Entram Capuleto, a senhora Capuleto e outros.)
CAPULETO · Por que esses gritos
por toda parte? Que houve?
SENHORA CAPULETO · Pelas praças
o nome de Romeu o povo grita;
outros, o de Julieta; outros, de Páris,
correndo com clamores toda a gente
para o lado do nosso monumento.
PRÍNCIPE · Que horror é esse que nos fere a vista?
PRIMEIRO GUARDA ·
Príncipe, aqui está, morto, o conde Páris;
morto, Romeu; e a que antes falecera,
Julieta, quente está e outra vez morta.
PRÍNCIPE · Investigai por outra parte como
se deu este horroroso morticínio.
PRIMEIRO GUARDA ·
Aqui está um frade e aqui, também, o criado
de Romeu; instrumentos carregavam
para arrombar o túmulo dos mortos.
CAPULETO · Oh céus! Mulher, vê nossa filha:
sangra!
Enganou-se o punhal; sua bainha
se acha vazia ao lado de Montecchio.
Está mal colocado em nossa filha.
SENHORA CAPULETO ·
Ai de mim! Este quadro só de mortes
é como um toque fúnebre que a minha
velhice chama para a sepultura.

shakespearebrasileiro.org

(Entram Montecchio e outros.)

Príncipe · Vem cá, Montecchio; cedo te levantas
para mais cedo ver baixar teu filho.
Montecchio · Oh meu senhor! durante a noite
a minha senhora faleceu; cortou-lhe o fôlego
a tristeza do exílio de meu filho.
Que mais conspira contra minha idade?
Príncipe · Olha e verás.
Montecchio · Oh néscio! néscio! que costume é
esse de, antes do pai, entrar na sepultura?
Príncipe · Sela a boca do ultraje por um pouco,
até que este mistério esclareçamos
e fiquemos sabendo sua origem
e verdadeiro curso. Depois disso,
comandante serei de vossas dores
e conduzir-vos-ei à própria morte.
Até lá, sossegai e que a desgraça
se submeta à paciência. Apresentai-nos
as pessoas suspeitas.
Frei Lourenço · Dos presentes
sou eu o mais suspeito, muito embora
seja o que menos pode fazer algo,
visto acusarem-me o lugar e a hora.
Eis-me a acusar-me, a um tempo, e a defender-me,
num só momento condenado e absolto.
Príncipe · Dize então logo o que sobre isto sabes.
Frei Lourenço · Serei breve, porque meu curto fôlego
não é mais longo do que história insípida.
Romeu, aqui sem vida, era marido
desta Julieta, assim como ela, morta
também aqui, era a fiel consorte
deste Romeu. Fui eu que os desposei.
O dia dessas núpcias clandestinas
foi o do final juízo de Tebaldo,
cuja morte baniu de nosso burgo
o recente marido. Era por causa
dele, não por Tebaldo, que Julieta
se vinha definhando. Vós, com o fito
de expulsar-lhe do peito essa tristeza,
ao conde a prometeste, tencionando
casá-la a contragosto. Procurou-me
desvairada e pediu-me que inventasse
qualquer recurso que a livrasse desse
segundo casamento, ou então lá mesmo,
sem vacilar, poria termo à vida.
Dei-lhe então — por minha arte aconselhado —
um estupefaciente que sobre ela
o efeito produziu por mim visado,
a aparência emprestando-lhe da morte.
A Romeu escrevi nesse entrementes,
para que ele aqui viesse nesta noite
de horrores ajudar-me a retirá-la
de seu falso sepulcro, pois o efeito
do veneno nessa hora cessaria.
Mas a pessoa que levou a carta,
frei João, detido foi por acidente,
tendo-ma devolvido ontem à noite.
Então, sozinho, na hora prefixada
para ela despertar, vim retirá-la
do túmulo dos seus, a idéia tendo
de escondê-la na minha pobre cela,
até chamar Romeu. Aqui chegando,
porém — alguns minutos antes da hora
de Julieta acordar —, encontrei mortos
antes de tempo o nobre conde Páris
e o fiel Romeu. Julieta despertou.
Roguei-lhe que fugisse e que aceitasse
com paciência o que o céu lhe destinara.
Nisso, um barulho me afastou do túmulo,
sem que, em seu desespero, ela comigo
se retirasse, tendo, ao que parece,
posto termo à existência. Sei só isso.
A ama se achava a par do casamento.
Se algo nisto falhou por minha culpa,
que minha velha vida, algumas horas
antes do tempo, o expie em sacrifício,
sob o rigor da mais severa pena.
Príncipe · Por um santo homem sempre te tivemos.
E o criado de Romeu, que nos informa?
Baltasar · Fui portador a meu senhor da nova
da morte de Julieta. Ele, apressado,
veio de Mântua para cá, para este
mesmo túmulo, tendo-me ordenado
que esta carta a seu pai desse bem cedo.
Ao penetrar no túmulo, ameaçou-me
de morte se eu não fosse logo embora
e não o deixasse aqui.
Príncipe · Dá-me essa carta;
quero ver o que diz. E onde está o pajem
do conde Páris, que chamou a guarda?
Que fazia teu amo aqui, pequeno?
Pajem · Veio com flores para a sepultura
de sua noiva, tendo-me ordenado
que ficasse de parte. Obedeci-lhe.

shakespearebrasileiro.org

Depois, com luz, chegou um homem, para
violar a sepultura, tendo logo
sacado meu senhor contra ele a espada.
Saí correndo e fui chamar a guarda.

Príncipe ·
Confirma a carta o que nos disse o monge:
como o amor decorreu, a falsa nova
da morte dela. Aqui ele nos conta
que veneno comprou de um boticário
e que vinha morrer neste sepulcro,
para ficar ao lado de Julieta.
Onde se encontram esses inimigos?
Capuleto! Montecchio! Vede como
sobre vosso ódio a maldição caiu
e como o céu vos mata as alegrias
valendo-se do amor. Por minha parte,
por ter condescendido com vós todos,
dois parentes perdi. Fomos punidos.

Capuleto ·
Dá-me tua mão, irmão Montecchio; é o dote
de minha filha. Mais, pedir não posso.

Montecchio ·
Mas eu posso dar mais, pois hei de a estátua
dela mandar fazer do mais puro ouro.
Enquanto for Verona conhecida,
nenhuma imagem terá tanto preço
como a da fiel e mui veraz Julieta.

Capuleto · Romeu fama também dará à cidade;
vítimas são de nossa inimizade.

Príncipe · Esta manhã nos trouxe paz sombria:
esconde o sol, de pesadume, o rosto.
Ide; falai dos fatos deste dia;
serei clemente, ou rijo, a contragosto,
que há de viver de todos na memória
de Romeu e Julieta a triste história.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

JÚLIO CÉSAR

OTÁVIO CÉSAR, MARCO ANTÔNIO, M. EMÍLIO LÉPIDO — triúnviros, depois da morte de Júlio César.

CÍCERO, PÚBLIO, POPÍLIO LENA — senadores.

MARCO BRUTO, CÁSSIO, CASCA, TREBÔNIO, LIGÁRIO, DÉCIO BRUTO, METELO CÍMBER, CINA — conspiradores contra Júlio César.

FLÁVIO, MARULO — tribunos.

ARTEMIDORO, sofista de Cnido.
Um adivinho.
CINA, poeta.
Outro poeta.

LUCÍLIO, TITÍNIO, MESSALA, O MOÇO CATÃO, VOLÚMNIO — amigos de Bruto e Cássio.

VARRO, CLITO, CLÁUDIO, ESTRATO, LÚCIO, DARDÂNIO — criados de Bruto.

PÍNDARO, criado de Cássio.
CALPÚRNIA, esposa de César.
PÓRCIA, esposa de Bruto.
Senadores, cidadãos, guardas, pessoas do séquito etc.

Cena

Em Roma, durante grande parte da peça; depois, em Sardes e perto de Filipos.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Roma. Uma rua.
Entram Flávio, Marulo e alguns cidadãos.

FLÁVIO · Fora daqui, mandriões! Hoje é feriado?
Já todos para casa! Sendo artífices,
não podeis ignorar que não devíeis
sair à rua em dia de trabalho
sem trazerdes os símbolos do ofício.
Que profissão é a tua? Vamos, dize.
PRIMEIRO CIDADÃO · Carpinteiro, senhor;
carpinteiro.
MARULO · E tua régua, onde está? Onde puseste
teu avental de couro? Por que causa
vestiste hoje esse traje domingueiro?
E o vosso ofício, amigo?
SEGUNDO CIDADÃO · Para dizer a verdade, senhor,
em relação a um trabalhador de classe, não passo,
como diríeis, de um remendão.
MARULO · Mas de que ofício? Vamos, dize logo.
SEGUNDO CIDADÃO · Um ofício, senhor, que
espero poder exercer com a consciência tranqüila.
Esse ofício, senhor, consiste em remendar solas
estragadas.
MARULO · Que ofício, maroto? Responde logo,
biltre: que ofício?
SEGUNDO CIDADÃO · Por obséquio, senhor, não
estragueis a paciência por minha causa; mas o certo é
que, se ficardes estragado, poderei remendar-vos.
MARULO · Que queres dizer com isso, atrevido:
remendar-me?
SEGUNDO CIDADÃO · Perfeitamente, senhor; pôr-
vos um remendo de sola.
FLÁVIO · Assim, queres dizer que és remendão de
sapateiro, não é isso?
SEGUNDO CIDADÃO · É certo, senhor; vivo
exclusivamente de minha sovela. Não me meto em
assuntos de mercadores nem de mulheres; só me
ocupo com a minha sovela. Para dizer tudo, senhor,
sou um cirurgião de sapatos velhos; quando estes se
acham em grande perigo, restituo-lhes a saúde. Não
há gente fina que ande sobre couro de boi, que não
pise em trabalho feito por estas mãos.
FLÁVIO · Mas por que hoje saíste da oficina?
Por que andas pelas ruas com estes homens?
SEGUNDO CIDADÃO · Para falar franco, senhor, é
para que eles gastem os sapatos e eu venha a obter
mais trabalho. Mas a verdade, senhor, é que fizemos
feriado para ver César e nos regozijarmos com o seu
triunfo.
MARULO · Por que regozijar? Qual foi a grande
conquista que ele fez? Que tributários
o acompanham a Roma, para as rodas
enfeitar-lhe do carro com seus liames
do cativeiro? Não passais de troncos
e de pedras; sois piores do que as coisas
insensíveis. Corações duros, todos!
Romanos cruéis, já não vos lembra o nome
de Pompeu? Quantas vezes não trepastes
pelos muros e ameias e nas torres
ficastes e janelas e até mesmo
no alto das chaminés, com vossos filhos
nos braços e, pacientes, esperastes
o dia todo, só para poderdes
ver o grande Pompeu, quando passasse
pelas ruas de Roma? E quando o carro
dele víeis, embora só de longe,
vivas não dáveis, com ardor tamanho
que no seu leito o Tibre estremecia
ao estrondo que os ecos espalhavam
por suas margens côncavas?
E ora vestis vossas melhores roupas
e inventais um feriado? Espalhais flores
à passagem de quem marcha em triunfo
no sangue de Pompeu?
Fora daqui!
Recolhei-vos a casa, ajoelhai-vos
e aos deuses suplicai que a peste afastem
que tanta ingratidão torna iminente.
FLÁVIO · Ide, bons cidadãos; por esta falta
reuni os coitados como vós, e às margens
do Tibre os conduzi, para chorar-lhe
no leito, até que as ondas mais humildes
os mais altos barrancos beijar possam.

(Saem os cidadãos.)

Vede se não se derreteu o baixo
metal de que são feitos. Retiraram-se
com a língua atada pela própria culpa.
Tomai a direção do Capitólio,

que eu sigo por aqui. Despojai todas
as estátuas que achardes enfeitadas.
MARULO · Poderemos fazê-lo?
Deveis estar lembrado de que o dia
hoje é das Lupercais.
FLÁVIO · Ora! Que importa?
Não deixeis que os troféus de César pendam
de estátua alguma. Vou correr as ruas
e espalhar o povinho. A mesma coisa
fareis vós, onde os virdes aos magotes.
Essas penas nascentes, arrancadas
à asa de César, vão cercear-lhe o vôo,
só o deixando elevar-se a um plano médio.
Caso contrário, pairaria longe
da mirada dos homens, conservando-nos
atados ao temor servil e baixo.

(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Uma praça pública.
Entram, em procissão com música, César, Antônio preparando para a corrida, Calpúrnia, Pórcia, Décio, Cícero, Bruto, Cássio e Casca, seguidos de grande multidão, na qual se acha um adivinho.

CÉSAR · Calpúrnia!
CASCA · Olá! Silêncio! César fala!
(Pára a música.)
CÉSAR · Calpúrnia!
CALPÚRNIA · Aqui, senhor!
CÉSAR · Fica no ponto
por onde Antônio há de passar correndo.
Antônio!
ANTÔNIO · César, meu senhor!
CÉSAR · Antônio,
não vos esqueça, quando aqui passardes,
de tocar em Calpúrnia. Já diziam
nossos maiores que a mulher estéril,
de sua maldição se via livre,
quando tocada neste santo curso.
ANTÔNIO ·
Não hei de me esquecer. Sempre que César
diz: Faze isto! já está feito.
CÉSAR · Começai, sem que rito algum se omita.
(Música.)
ADIVINHO · César!
CÉSAR · Eh! Quem me chama?
CASCA · Silêncio, novamente! Pare tudo!
(Pára a música.)
CÉSAR · Quem dentre a multidão disse meu nome?
Ouvi uma voz, mais alta do que a música,
bradar por César. Fala; César se acha
disposto para ouvir-te.
ADIVINHO · Tem cuidado
com os idos de março!
CÉSAR · Que homem é esse?
BRUTO · Um adivinho; manda acautelardes-vos
com os idos de março.
CÉSAR · Pois trazei-mo;
quero ver-lhe as feições.
CÁSSIO · Amigo, avança;
sai do meio da turba; vem ver César.
CÉSAR · Que me dizes agora? Outra vez fala.
ADIVINHO · É dos idos de março. Tem cuidado!
CÉSAR · É um sonhador. Deixemo-lo. Sigamos!
(Fanfarra. Saem todos, menos Bruto e Cássio.)
CÁSSIO · Não ides ver a ordem da corrida?
BRUTO · Não.
CÁSSIO · Ide, peço-vos.
BRUTO · Não sou jovial; careço desse espírito
vivaz que há em Antônio. Mas não quero
servir-vos de empecilho nesse ponto.
Vou deixar-vos.
CÁSSIO · Bruto, há algum tempo vos observo e noto
que no olhar já não tendes a brandura,
aquelas mostras de amizade que antes
eu costumava achar. Usais de modos
por demais esquisitos, muito duros
com respeito a um amigo que vos ama.
BRUTO · Meu caro Cássio, não vos iludais;
se o olhar tenho velado, é apenas contra
mim mesmo que dirijo meu desgosto.
Paixões de diferente natureza
me afligem de algum tempo, pensamentos
que tão-somente a mim dizem respeito,
e que minha conduta, porventura,
sujam de algumas manchas. Mas não seja

shakespearebrasileiro.org

isso motivo, Cássio, para mágoa
por parte dos amigos — entre o número
dos quais estais incluído — não convindo
que procureis explicação diversa
senão dizer que Bruto, estando em guerra
consigo mesmo, esquece-se, por vezes,
de patentear o amor que vota aos outros.
Cássio · Então, Bruto, enganei-me sobremodo
quanto à causa de estardes alterado,
razão de haver até hoje aqui no peito
sepultado importantes pensamentos,
dignos de reflexão. Bondoso Bruto,
podeis acaso, ver vosso conspecto?
Bruto ·
Não, Cássio; o olho a si mesmo não se enxerga,
senão pelo reflexo em outra coisa.
Cássio · É justo.
Por isso, Bruto, é que por toda a parte
se lastima não terdes um espelho
que aos olhos vos reflita o oculto mérito,
porque pudésseis ver a própria sombra.
Já ouvi os romanos de maior respeito —
exceto o imortal César — referirem-se
a Bruto e, suspirando sob o jugo
de nosso ingrato tempo, lastimarem
que Bruto olhos não tenha.
Bruto · A que perigos,
Cássio, quereis levar-me, concitando-me
a procurar em mim o que me é estranho?
Cássio · Então, bondoso Bruto, ouvi-me atento;
e uma vez que sabeis ser impossível
a vós próprio vos verdes, sem usar
de um reflexo qualquer, eu, vosso espelho,
por maneira modesta vou mostrar-vos
o que de vós desconheceis ainda.
Não suspeiteis de mim, bondoso Bruto;
se eu fosse um desses zombadores fúteis,
como há tantos no mundo, e o meu afeto
prostituísse com juras ordinárias
com o primeiro falador solene
que se me apresentasse; se souberdes
de mim que os homens lisonjear costumo,
de encontro ao peito os prendo e, após, lhes lanço
as maiores calúnias; ou se, acaso,
me tomais por um desses que se expandem
nos banquetes dos muitos... bem, concordo
em ser considerado perigoso.
(Ouvem-se clarins e aclamações.)
Bruto · Essas aclamações que significam?
Receio que haja o povo dado a César
o título de Rei.
Cássio · Ah! Receais isso?
Concluo, assim, que tal não desejáreis.
Bruto · Realmente, Cássio; entretanto, eu o amo.
Mas por que me detendes tanto tempo?
Que tendes a confiar-me? Sendo assunto
do bem público, em frente de um dos olhos
me ponde a honra e na do outro a feia morte,
que eu, sem tremer, as fixarei de face.
Sejam-me em tudo os deuses favoráveis,
como a honra prezo e a morte não receio.
Cássio · Sei, Bruto, que possuís essa virtude,
como conheço vosso aspecto externo.
A honra vai ser o assunto da conversa.
Ignoro o que pensais e os outros homens
sobre esta vida; mas com referência
a mim próprio, direi que preferira
não viver, a viver sempre com medo
de um ser tal como sou. Nasci tão livre
quanto César, tal qual se deu convosco;
nós dois, tão bem quanto ele, nos criamos,
como podemos suportar, como ele,
os rigores do inverno. De uma feita,
numa tarde enublada e tempestuosa,
em que o Tibre agitado se batia
dentro das próprias margens, perguntou-me
César: "Cássio, ousarias atirar-te,
junto comigo, na corrente infensa
e nadar até ali?" Mal acabara
de falar-me, vestido como estava,
joguei-me na água e a me seguir chamei-o,
o que ele fez de fato. A correnteza
roncava; nós lutávamos contra ela
com membros indefesos, apartando-a
e à sua fúria opondo o ousado peito.
Mas antes de alcançarmos nossa meta,
César gritou: "Socorro, Cássio! Afogo-me!"
Então, tal como Enéias, nosso grande
progenitor, que carregara aos ombros
o velho Anquises e o salvara às chamas
que Tróia devastavam: da corrente
do Tibre, assim, tirei o exausto César.
Num deus, agora, está mudado esse homem,
sendo Cássio uma mísera criatura
que precisa curvar-se, quando César
com enfado lhe faz um gesto vago.

shakespearebrasileiro.org

Na Espanha apanhou febre; e, quando o acesso
lhe vinha, notei bem como tremia.
Sim, esse deus tremia; seus covardes
lábios ficaram pálidos, e os mesmos
olhos que ao mundo todo inspiram medo
o brilho a perder vieram. Muitas vezes
o ouvi gemer. Sim, essa mesma língua
que os romanos deixava estupefactos,
levando-os a guardar os seus discursos,
ah! gritava tal qual donzela doente:
"Água, Titínio! Dá-me um pouco de água!"
Muito me espanta, oh deuses! ver que um homem
de uma constituição assim tão fraca
tenha passado à frente neste mundo
majestoso e, sozinho, obtido a palma.

(Fanfarras e aclamações.)

BRUTO · Aclamações de novo. Esses aplausos
devem significar que novas honras
vão sendo acumuladas sobre César.

CÁSSIO · Ele cavalga, amigo, o mundo estreito
como um outro Colosso, enquanto os homens
pequeninos lhe andamos por debaixo
das pernas gigantescas e espreitamos
por toda parte, a fim de ver se túmulos
desonrados achamos. Há momentos
em que os homens são donos de seus fados
Não é dos astros, caro Bruto, a culpa,
mas de nós mesmos, se nos rebaixamos
ao papel de instrumentos. Bruto e César!
Que pode haver nessa palavra "César",
para soar melhor que vosso nome?
Escrevei-os a par; tão belo é o vosso
como o dele, não menos. Pronunciai-os:
tanto um como outro assenta bem na boca.
Pesai-os; equilibram-se. Valei-vos
deles para esconjuros; é certeza
que "Bruto" fará vir qualquer espírito
com a mesma rapidez que o fará "César".
Em nome, pois, dos deuses em conjunto,
dizei-me de que pratos nosso César
se alimentou para ficar tão grande?
Tempo, estás conspurcado! Já perdeste,
Roma, a semente de teu sangue nobre!
Que idade, das inúmeras passadas
desde o grande dilúvio, ficou célebre
por um homem somente? Quem já disse,
ao referir-se a Roma, que seus muros
uma pessoa, apenas, abarcavam?
Roma aí está, sendo realmente grande,
se dentro dela só houver um homem.
Oh! Ambos nós de nossos pais ouvimos
que outro Bruto já houve, que aceitara
com igual disposição em Roma a corte
postar o diabo ou um Rei.

BRUTO · Que me tendes amor, não ponho dúvida;
o que esperais de mim, quase o adivinho;
o que sobre isso penso e de nossa época,
mais tarde vos direi. Mas por enquanto,
se como amigo franco falar posso,
desejaria que não insistísseis
comigo. Vou pensar no que dissestes;
com paciência ouvirei o que ainda tendes
a me dizer, e ocasião propícia
hei de encontrar para trocarmos nossas
impressões sobre assunto de tal monta.
Até então ruminai, prezado amigo,
nestas palavras: Bruto preferira
ser um aldeão a se contar no número
dos filhos da alta Roma sob as duras
condições que estes tempos nos ameaçam.

CÁSSIO · Alegro-me, por ver que minhas fracas
palavras conseguiram tantas chispas
fazer saltar de Bruto.

BRUTO · Terminaram
os jogos; não demora, César volta.

CÁSSIO · Quando por nós passarem, puxai Casca
pela manga, que em seu falar azedo
nos contará o que houve de importante.

(Entra César com seu séquito.)

BRUTO · Farei dessa maneira. Porém Cássio,
observai como brilha no semblante
de César o sinal de grande cólera,
e como os outros todos têm o aspecto
de criados repreendidos. Muito pálida
está Calpúrnia, e lança olhares Cícero
de furão, tão ardentes como quando
no Capitólio o vemos, ao sentir-se
contraditado pelos senadores.

CÁSSIO · Casca nos contará o que há de novo.

CÉSAR · Antônio!

ANTÔNIO · César!

CÉSAR · Ao meu lado só quero gente gorda,
pessoas de cabelos luzidios,
que durmam toda a noite. Aquele Cássio

é seco por demais; inculca fome,
pensa muito. É indivíduo perigoso.
ANTÔNIO · Não tenhas medo dele; não é homem
perigoso, senão romano nobre
e bem-intencionado.
CÉSAR · Desejara
que não fosse tão magro. Pouco importa!
Não o temo. Contudo, se meu nome
comportasse algum medo, não conheço
ninguém a que evitar eu procurasse
como esse magro Cássio, que lê muito.
É um grande observador e possui vista
que devassa as razões dos nossos atos;
não aprecia o teatro, como o fazes,
Antônio, nem se apraz em ouvir música.
Raramente sorri, e de tal modo
sempre o faz, que parece estar zombando
de si mesmo, por ter-se comovido
a ponto de sorrir por qualquer coisa.
Indivíduos assim nunca se sentem
bem ao lado de alguém maior do que eles,
sendo por isso muito perigosos.
Digo-te antes o que é para temer-se.
Não o que temo, pois sou sempre César.
Põe-te à minha direita, pois não ouço
bem deste ouvido, e dize-me o que pensas
a seu respeito, usando de franqueza.
(Clarins. Sai César com seu séquito; Casca fica para trás.)
CASCA · Puxastes o meu manto; tendes algo
para falar comigo?
BRUTO · Tenho, Casca.
Contai-me o que passou, para que César
ficasse de ar severo.
CASCA · Ora, estivestes
junto dele, pois não?
BRUTO · Se tal se houvesse
dado, por que eu teria feito a Casca
semelhante pergunta?
CASCA · Ora, ofereceram-lhe uma coroa, e no ato de lha ofertarem ele a repeliu com o dorso da mão, deste jeito. Então o povo prorrompeu em aclamações.
BRUTO · E qual foi a causa da segunda gritaria?
CASCA · Ora, a mesma coisa.
CÁSSIO · Houve três aclamações. A última, por que foi?
CASCA · Ora, a mesma coisa.
BRUTO · Ofereceram-lhe três vezes a coroa?
CASCA · Sim, por minha fé, e ele a repeliu três vezes, cada uma com gesto mais brando; e de cada vez que a afastou de si, os meus honestos vizinhos prorrompiam em aclamações.
CÁSSIO · Quem lhe ofereceu a coroa?
CASCA · Antônio.
BRUTO · Amável Casca, conta-nos como isso se passou.
CASCA · Posso deixar-me enforcar tão bem como dizer a maneira por que isso se deu. Pura palhaçada; não prestei a menor atenção. Vi Marco Antônio oferecer-lhe uma coroa, não uma coroa de verdade, mas uma espécie de diadema. E, como já disse, ele a afastou de si uma vez; mas no meu modo de ver, apesar de tudo ele desejaria ficar com ela. Depois Antônio lha ofereceu de novo, tendo-a ele recusado mais uma vez; mas segundo penso, custou-lhe retirar os dedos de cima dela. Então, pela terceira vez, ele a afastou de si, e, a cada recusa, a ralé prorrompia em aclamações, batia as mãos calosas, atirava para o ar os gorros suarentos de dormir e exalava um hálito de tal modo repugnante, por haver César recusado a coroa, que quase asfixiou César, pois ele desmaiou e caiu. De minha parte, não ousei rir, de medo de abrir a boca e aspirar o mau ar.
CÁSSIO · Devagar, por obséquio. Como! César desmaiou?
CASCA · Caiu na praça pública; tinha espuma na boca e ficou sem fala.
BRUTO · É possível, pois sofre de ataques.
CÁSSIO · Não, não é César, mas sois vós e eu e o honesto Casca que sofremos disso.
CASCA · Ignoro o que quereis dizer com isso; mas tenho certeza de que César caiu. Se a gentalha não o aplaudia e apupava, conforme o prazer ou o desprazer que achava nele, tal como costuma fazer no teatro com os comediantes, quero deixar de ser homem honesto.
BRUTO · E que disse ele quando voltou a si?
CASCA · Ora, antes de cair, ao perceber que o rebanho público se alegrava por haver ele recusado a coroa, abriu as vestes e ofereceu o pescoço para que lho cortassem. Se eu fosse um desses homens de trabalho, teria ido para o inferno com os patifes, se não lhe houvesse segurado a palavra. Nessa altura, ele caiu. Quando recuperou os sentidos, declarou que, se por acaso houvesse feito ou dito algo

shakespearebrasileiro.org

inconveniente, pedia a Suas Senhorias que levassem isso à conta da doença. Três ou quatro marafonas que se achavam ao meu lado exclamaram: "Oh! Que bela alma!" e lhe perdoaram de todo o coração. Mas essa opinião carece de valor, porque elas teriam dito a mesma coisa, se César lhes houvesse apunhalado as próprias mães.

BRUTO · E depois disso ele se retirou aborrecido?

CASCA · Sim.

CÁSSIO · Cícero disse alguma coisa?

CASCA · Sim; falou em grego.

CÁSSIO · Com que intenção?

CASCA · Se vo-lo disser, desejo nunca mais olhar-vos o rosto; mas os que o compreenderam riram uns para os outros e sacudiram a cabeça; mas para mim era grego. Posso contar-vos mais algumas novidades. Marulo e Flávio, por haverem despojado das insígnias as estátuas de César, ficaram mudos para sempre. Passai bem. Houve outras palhaçadas, mas esqueceram-me.

CÁSSIO · Quereis cear hoje comigo, Casca?

CASCA · Não, já tenho compromisso.

CÁSSIO · Quereis jantar comigo amanhã?

CASCA · Sim, no caso de estar vivo, de não mudardes de idéia e de ser convidativo o jantar.

CÁSSIO · Muito bem; então espero-vos.

CASCA · Podeis esperar. Passai bem.

(Sai.)

BRUTO · Como ficou grosseiro este sujeito!
No tempo de colégio era mui vivo.

CÁSSIO · Apesar de assumir essa aparência,
ainda não mudou, quando se trata
de executar algo de ousado ou nobre.
Nele a rudeza é apenas o tempero
de espírito sadio, que o apetite
aos homens abre, porque facilmente
digerir possam todos seus discursos.

BRUTO · É isso mesmo. Por ora, vou deixar-vos.
Vou procurar-vos amanhã, no caso
de quererdes falar-me, ou, se o quiserdes,
vinde até aqui, que por vós espero.

CÁSSIO · Prefiro ir. Até lá, pensai no mundo.

(Sai Bruto.)

Muito bem, Bruto; és nobre. No entretanto,
percebo que o ouro honrado de que és feito
pode ser alterado. Desse modo,
seria conveniente que os espíritos
nobres só convivessem com seus pares;
pois quem será tão firme que não possa
ser reduzido? César me tem ódio,
mas ama a Bruto. Se ora eu fosse Bruto,
sendo ele Cássio, César não viria
condescender comigo. Vou jogar-lhe
na janela, hoje à noite, alguns bilhetes
de letra diferente, para que ele
pense que são diversos os autores
que acordam no exalar o alto conceito
que dele Roma faz. De modo vago,
mencionada será a ambição de César.
Que César se acautele depois disso,
pois vai conosco ter muito serviço.

(Sai.)

Ato I · Cena III

O mesmo. Uma rua.
Trovões e relâmpagos. Por lados diferentes entram Casca, de espada em punho, e *Cícero.*

CÍCERO · Boa noite, Casca. Acompanhastes César?
Por que estais alterado e assim sem fôlego?

CASCA · Não ficais comovido, quando tremem
os pilares da terra, como coisa
sem resistência? Oh Cícero! Já tenho
presenciado borrascas em que os ventos
ralhadores fendiam os nodosos
carvalhos, e já vi o oceano altivo,
cheio de espuma e raiva, intumescer-se
como se desejasse ir até as nuvens
ameaçadoras. Mas até hoje à noite,
até agora, jamais atravessei
borrasca que chovesse apenas fogo.
Ou há guerra civil no firmamento,
ou este mundo, insolente em demasia
com relação aos deuses, os incita
a enviar-nos destruição.

CÍCERO · Já presenciastes
nada mais espantoso?

CASCA · Um vil escravo —
conhecei-lo de vista — levantou
a mão esquerda que queimava e ardia

shakespearebrasileiro.org

tal como vinte tochas. No entretanto,
a mão, sem perceber o ardor do fogo,
permanecia intacta. Além de tudo —
desde esse instante não guardei a espada —
encontrei um leão no Capitólio
que em mim o olhar fixou e, sem tocar-me,
prosseguiu, a rosnar, o seu caminho.
Uma centena de mulheres pálidas
num grupo se apinhavam mais adiante,
transtornadas de medo, e que juravam
ter visto homens de fogo pelas ruas.
E ontem de dia o pássaro da noite
desceu até o mercado, enchendo os ares
de pios e gemidos. Sempre que esses
prodígios a tal ponto se congregam,
não me venham dizer: "Têm suas causas,
são fatos naturais!" pois estou certo
de que são coisas de funesto agouro
para a região desta arte assinalada.

CÍCERO · Nossa época é realmente muito estranha.
Mas os homens os fatos interpretam
conforme bem entendem, sem dar crédito
aos fins dos próprios fatos. Virá César
ao Capitólio?

CASCA · Vem, depois disse a Antônio
que vos participasse isso amanhã.

CÍCERO · Então, boa noite, Casca; não devemos
sair à rua com um tempo destes.

CASCA · Boa noite, Cícero.

(Sai Cícero.)

(Entra Cássio.)

CÁSSIO · Quem está aí?

CASCA · Um romano.

CÁSSIO · Se a voz é dele, é Casca.

CASCA · Ótimo ouvido, Cássio. Mas que noite!

CÁSSIO · Noite agradável para gente honesta.

CASCA · Quem ameaças do céu já viu desta arte?

CÁSSIO · Os que a terra conhecem por faltosa.
Por minha parte, atravessei as ruas
expondo-me aos perigos desta noite,
e assim, desabotoado, como vedes,
o peito ofereci ao duro raio.
E quando parecia que o relâmpago
azul em cruz ao céu rasgava o peito,
no alvo me punha de seu forte brilho.

CASCA · Por que tentais os céus dessa maneira?
Os mortais deveriam mostrar medo,
quando os deuses potentes nos enviam
sinais terríveis para aterrorar-nos.

CÁSSIO · Sois lerdo, Casca; ou careceis das vivas
centelhas que devia haver no peito
de todos os romanos, ou, se as tendes,
não fazeis uso delas. Estais pálido,
olhais estarrecido, revelando-vos
cheio de medo e espanto ante o espetáculo
da cólera dos céus pouco freqüentes.
Mas se a escrutar as verdadeiras causas
vos resolvêsseis desses fogos todos
dos espectros errantes, desses pássaros
e animais esquisitos; porque os velhos,
os tolos e os meninos profetizam,
porque essas coisas todas mudam tanto
suas leis, natureza, faculdades
inatas em monstruosas aparências,
veríeis que se o céu nelas infunde
tal espírito é só para empregá-las
como instrumento de terror e aviso
para os homens de uma época monstruosa.
No entanto, Casca, eu poderia um homem
nomear-te igual a esta terrível noite,
um homem que troveja e emite raios,
abre sepulcros e espantoso ruge
tal qual o leão do Capitólio, um homem
que em si mesmo não é mais poderoso
do que eu ou tu, mas que cresceu por modo
miraculoso, como todas essas
estranhas erupções.

CASCA · Falas de César,
não é verdade, Cássio?

CÁSSIO · Pouco importa
quem seja. São dotados os romanos
de músculos e membros como nossos
antepassados; mas, para desgraça
de todos, morto está, bem morto, o espírito
de nossos pais, passando a governar-nos
a alma de nossas mães. Nossa paciência
no sofrer, nosso jugo, é bem o indício
de que somos mulheres.

CASCA · É verdade;
os senadores amanhã — murmura-se —
querem fazer de César Rei, podendo
este usar a coroa em toda parte,
no mar e em terra, exceto aqui na Itália.

CÁSSIO · Então já sei como hei de usar a adaga.
Cássio há de libertar o próprio Cássio
da escravidão. Deixais, para isso, oh deuses!

shakespearebrasileiro.org

os fracos fortes e, para isso, oh deuses!
derrubais os tiranos. Não há torre
de pedra nem muralha de aço duro,
nem calabouço infecto ou fortes elos
que à força possam resistir do espírito.
A vida, quando lassa dos entraves
deste mundo, recursos não lhe faltam
de pôr termo a si própria. Se sei isso,
sabe o resto do mundo que a parcela
de tirania sob a qual eu gemo,
poderei arrojá-la para longe
no instante em que o quiser.

(Trovões.)

CASCA · Como eu, também.
Assim, o escravo tem nas mãos os meios
de cancelar o próprio cativeiro.
CÁSSIO · Então, por que há de César ser tirano?
Pobre homem! Não ficara sendo lobo,
sei-o bem, se não visse que os romanos
não passam de carneiros. Quem deseja
fazer depressa uma fogueira deve
começar por gravetos. Que refugo,
que montoeira de lixo ou bagaceira
deve ser Roma, para transformar-se
no baixo material que serve apenas
para luz emprestar a uma criatura
tão pífia quanto César! Mas, oh dor!
para onde me levaste! Eu talvez fale
diante de quem é escravo voluntário.
Devo, pois, preparar minha resposta.
Mas pouco importa; estou armado; todos
os perigos me são indiferentes.
CASCA · Falais a Casca, não a um desses homens
zombadores e amigos de cochichos.
Dai-me a mão. Cabalai porque possamos
reparar esses males, que hei de pôr-me
junto dos que estiverem na dianteira.
CÁSSIO · Combinado. Ficai sabendo, Casca,
que eu pude convencer alguns romanos
mais bem-intencionados a ajudarem-me
numa entrepresa, cujas conseqüências
podem ser arriscadas e gloriosas.
Neste momento esperam-me no pórtico
de Pompeu, pois em noite assim medonha
como a de hoje ninguém vem para as ruas
fazer agitação ou divertir-se.
O aspecto e a inquietação dos elementos
parece-se com a empresa que intentamos:
cheia de fogo e sangue e mui terrível.

CASCA · Cuidado! Aí vem vindo alguém com pressa.
CÁSSIO · É Cina; reconheço-o pelos passos.
É amigo.

(Entra Cina.)

Cina, por que tanta pressa?
CINA · Ia a vossa procura. Quem é esse?
Metelo Címber?
CÁSSIO · Casca, um associado
de nossos planos. Cina, acaso esperam-me?
CINA · Muito me alegra. Mas que noite horrível!
Alguns dos nossos companheiros viram
formas estranhas.
CÁSSIO · E eu, sou esperado,
Cina? Respondei logo.
CINA · Sim, esperam-vos.
Oh Cássio! Se pudésseis
ganhar o nobre Bruto para a causa!
CÁSSIO · Ficai tranqüilo. Meu bondoso Cina,
tomai este papel e ide depô-lo
na curul do pretor, para que Bruto
tenha de achá-lo; este outro, pela sua
janela atirareis; este, com cera
deverá ser fixado ao pé da estátua
do velho Bruto. Depois disso vinde
à sala de Pompeu, onde estaremos.
Décio Bruto e Trebônio já estão lá?
CINA · Salvo Metelo Címber, já estão todos.
À vossa casa Címber foi buscar-vos.
Vou logo distribuir estes bilhetes
conforme me indicastes.
CÁSSIO · Isso feito,
comparecei ao teatro de Pompeu.

(Sai Cina.)

Vinde, Casca. Eu e vós, antes da aurora
veremos Bruto em casa. Já são nossas
três partes dele, vindo a pertencer-nos
o homem todo, ao primeiro assalto nosso.
CASCA · Oh! Lugar muito grande ele tem sempre
no coração do povo. Tudo quanto
de nossa parte parecera ofensa,
sua reputação, com alquimia
poderosa, em virtude transmudara
e em mérito elevado.
CÁSSIO · Com justeza
o indivíduo apreciastes e seus méritos,
e como precisamos dele. Vamos;
passa de meia-noite. Antes do dia
teremos de acordá-lo e conquistá-lo.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

Roma. No jardim de Bruto.
Entra Bruto.

Bruto · Olá, Lúcio! Eh!
Pela altura dos astros não consigo
saber quanto ainda falta para o dia.
Lúcio! Não ouves? Lúcio! Quem me dera
ter sono assim pesado. Lúcio! Acorda!
Vamos, Lúcio, levanta-te! Não me ouves?

(Entra Lúcio.)

Lúcio · Chamaste-me, senhor?
Bruto · Lúcio, põe uma vela no meu quarto;
e, depois de acendê-la, vem chamar-me.
Lúcio · Pois não, senhor.

(Sai.)

Bruto · Preciso é que ele morra. Eu, por meu lado,
razão pessoal não tenho para odiá-lo,
afora a do bem público. Deseja
ser coroado. Até onde influirá isso
em sua natureza, eis a questão.
É o dia claro que as serpentes chama,
aconselhando-nos a andar com jeito.
Ele, coroado? Sim, mas é certeza
com isso darmos-lhe um ferrão, que o deixa
capaz de realizar o mal que entenda.
A grandeza exorbita, quando aparta
da consciência o poder. Para ser franco
com relação a César, nunca soube
que as paixões ou a razão nele tivessem
qualquer preponderância. Mas é coisa
sabida em demasia que a humildade
para a ambição nascente é boa escada.
Quem ascende por ela, olha-a de frente;
mas, uma vez chegado bem no cimo,
volta-lhe o dorso, e as nuvens, só, contempla,
desprezando os degraus por que subira.
César assim fará. Antes que o faça,
será bom prevenir. E, como a luta
não poderá alegar o que ele é agora,
argumentemos que se a sua essência
vier a ser aumentada, é bem possível
que incorra em tais e tais extremidades.
Consideremo-lo ovo de serpente
que, chocado, por sua natureza,
se tornará nocivo. Assim, matemo-lo,
enquanto está na casca.

(Volta Lúcio.)

Lúcio · Senhor, já está no quarto a vela acesa.
Ao procurar, senhor, a pederneira
na janela, encontrei este papel,
selado como está. Tenho certeza
de que lá não se achava, no momento
em que fui para a cama.
Bruto · Vai deitar-te
novamente; ainda é noite. Mas, menino,
não são os idos, amanhã, de março?
Lúcio · Não sei, senhor.
Bruto · Vai ver no calendário e vem dizer-me.
Lúcio · Perfeitamente, senhor.

(Sai.)

Bruto · Os meteoros que zunem pelos ares
clareiam tanto que é possível ler.

(Abre a carta.)

"Bruto, dormes. Desperta e te contempla!
Deverá Roma, etc.
Fala, fere, conserta o que está torto!
Bruto, dormes. Desperta!"
Insinuações como esta me têm sido
jogadas no caminho.
"Deverá Roma, etc."
A mim compete acrescentar o resto:
Deverá Roma ter pavor de um homem?
Como? Roma? Tarquínio foi expulso
de suas ruas por meus antepassados,
ao ser nomeado Rei. "Fala, fere,
conserta o que está torto!" assim, me incitam
a falar e a ferir? Oh Roma! Tenho
contigo o juramento de, no caso
de haver reparação, das mãos de Bruto
satisfação completa receberes.

(Volta Lúcio.)

Lúcio · Meu senhor, já expirou o décimo quarto
dia do mês de março.

(Batem.)

Bruto · Bem. Bateram;
vai ver quem é.

(Sai Lúcio.)

Não durmo desde o instante
em que me incitou Cássio contra César.
Entre a realização de algum projeto

shakespearebrasileiro.org

pavoroso e a primeira idéia dele,
o intervalo é um fantasma, um sonho horrível.
O gênio e os mortais órgãos permanecem
em conselho, ficando o estado do homem,
como um pequeno reino, a sofrer todos
os males inerentes às revoltas.

(Volta Lúcio.)

LÚCIO · Senhor, vosso irmão Cássio é que está à porta; deseja conversar-vos.

BRUTO · Está só?

LÚCIO · Não, senhor; estão com ele outras pessoas.

BRUTO · Reconheceste alguém?

LÚCIO · Ninguém, senhor;
o chapéu todos trazem bem puxado,
e no manto escondido, quase, o rosto,
razão de não poder reconhecê-los.

BRUTO · Então faze-os entrar.

(Sai Lúcio.)

Conspiração, se à noite tens vergonha
de descobrir o rosto perigoso,
quando os males circulam livremente:
onde acharás, então, durante o dia,
caverna assaz escura, porque o rosto
monstruoso esconder possas? Não procures,
conspiração, caverna desse jeito;
esconde-o entre sorrisos e mesuras,
pois se sob teu aspecto verdadeiro
resolveres andar, nem o próprio Érebo
será bastante escuro porque possa
livrar-te de ser vista.

(Entram os conspiradores Cássio, Casca, Décio, Cina, Metelo Címber e Trebônio.)

CÁSSIO · Bom dia, Bruto. Acaso incomodamos?
Receio que sejamos importunos.

BRUTO · Não dormi até agora; a noite inteira
tenho estado de pé. Essas pessoas
são minhas conhecidas?

CÁSSIO · Todas elas.
Não há entre os presentes quem não faça
alto juízo de vós, sendo desejo
de todos que tivésseis de vós próprio
o conceito que tem todo romano
de nobre e honrado sangue. Este é Trebônio.

BRUTO · Seja bem-vindo.

CÁSSIO · Este outro é Décio Bruto.

BRUTO · Também bem-vindo.

CÁSSIO · Aqui, Casca; aqui, Cina;
e este, Metelo Címber.

BRUTO · Sejam todos
bem-vindos. Que cuidados vigilantes
se vos interpuseram entre os olhos
e esta noite agitada?

CÁSSIO · Poderemos
dizer uma palavra?

(Bruto e Cássio conversam baixo.)

DÉCIO · Deste lado
fica o nascente. O sol não nasce ali?

CASCA · Não.

CINA · Perdão, senhor, mas nasce. Aquelas raias
cinzentas pelas nuvens anunciam
que o dia vai nascer.

CASCA · Haveis agora
de confessar que estais muito enganados.
Deste ponto que minha espada mostra
é que o sol se levanta, o qual já avança
bastante para o sul e a sazão jovem
do ano consigo leva. Mais dois meses,
e há de ele ao norte conduzir os raios.
O alto nascente, como o Capitólio,
fica diretamente deste lado.

BRUTO · Dai-me as mãos; um por um.

CÁSSIO · Ora juremos
nossa resolução.

BRUTO · De forma alguma;
nada de juramentos. Se o conspecto
dos homens, o que na alma já sofremos,
os abusos do tempo, se tudo isso
não for motivo suficiente, nesse
caso será melhor não prosseguirmos
e aos leitos preguiçosos retornarmos.
Que faça o que entender a tirania,
sorteando nossa morte quando o queira.
Porém se essas razões, do que estou certo,
contêm fogo bastante para os próprios
covardes inflamar e deixar rijo
o espírito maleável das mulheres:
então, concidadãos, que outros acúleos,
além de nossa causa, serviriam
de espicaçar-vos para o desagravo?
Que outro liame mais forte, do que terem
empenhado romanos fidedignos
a palavra, sem virem a quebrá-la?

shakespearebrasileiro.org

Que melhor juramento, do que a própria
honestidade à honestidade aliada
no compromisso de fazer tal coisa,
ou de morrer na empresa? Façam juras
os padres, os covardes e os astutos,
e esses tipos sem fibra, e as almas tímidas
que saúdam, de grado, as injustiças.
Jure nas ruins causas essa gente
que inspira desconfiança. Não manchemos,
porém, a alta virtude desta empresa
nem nosso irresistível ardimento,
com admitir que exige nossa causa,
nossa resolução, alguma jura.
Porque todas as gotas, até a última,
do sangue de um romano, e sangue nobre,
ficariam passíveis da suspeita
de bastardia, se ele a quebrar viesse
a menor parte da palavra dada.
CÁSSIO · E Cícero? Convém sondá-lo, acaso?
É quase certo que nos apoiara
com bastante entusiasmo.
CASCA · É conveniente
termo-lo ao nosso lado.
CINA · Oh! Seguremo-lo.
METELO · Precisamos ganhá-lo para a causa.
Seus cabelos prateados nos granjeiam
valiosas opiniões e vão trazer-nos
vozes que recomendem nossos feitos.
Dir-se-á que as mãos tivemos dirigidas
por seu entendimento, não deixando
seu venerando aspecto que se note
quanto há de tumultuoso e irrefletido
em nossa mocidade.
BRUTO · Oh! Não o nomeeis.
Não lhe contemos nada, que ele nunca
tomará parte em algo cuja idéia
parta de outra pessoa.
CÁSSIO · Então deixemo-lo.
CASCA · Realmente, não convém.
DÉCIO · Além de César, ninguém mais cairá?
CÁSSIO · Mui bem pensado, Décio. No meu modo
de ver, todo esse assunto, Marco Antônio,
tão amado de César, não devia
sobreviver a César. Haveremos
de encontrar nele um hábil intrigante.
Sabeis que se ele lançar mão dos meios
de que dispõe, nos irá dar trabalho.
A fim de evitar isso, é conveniente
que Antônio e César caiam.
BRUTO · Sanguinária
parecera essa empresa, Caio Cássio,
se a cabeça cortássemos e os membros
fizéssemos em postas, como a cólera
assassina a que a inveja, depois, segue.
Membro de César é Antônio, apenas.
Caio, sejamos sacrificadores,
não carniceiros. Todos nós estamos
agora contra o espírito de César,
e no espírito do homem não há sangue.
Se o espírito de César atingíssemos,
sem desmembrarmos César! Impossível,
infelizmente. Assim, por causa dele,
César tem de sangrar. Nobres amigos,
cortemo-lo em pedaços como prato
para os deuses, em vez de mutilá-lo
como carcaça própria para cães.
Que nossos corações procedam como
certos amos astutos, que dão ordem
aos servos para um ato de violência,
fingindo censurá-los depois disso.
Assim, parecerá, quanto fizermos,
necessário, sem laivo algum de inveja,
o que aos olhos do povo há de ensejar-nos
sermos chamados purificadores,
não assassinos. Quanto a Marco Antônio,
não penseis nele; só será possível
que ele chegue aonde for a mão de César,
quando a cabeça a César decepparmos.
CÁSSIO · Apesar disso, inspira-me receio;
pois no amor arraigado que ele a César...
BRUTO · Ora, bondoso Cássio, deixai disso!
Se ele ama a César, só contra ele pode
refluir quanto faça: lastimar-se,
morrer por César, e isso será muito,
pois é dado aos prazeres e às loucuras,
gostando de estar sempre acompanhado.
TREBÔNIO · Não há de que temer; que fique vivo,
para rir, em futuro, de tudo isto.

(Um relógio bate horas.)

BRUTO · Paz! Contemos as horas.
CÁSSIO · Três pancadas.
TREBÔNIO · Já é hora de irmos.
CÁSSIO · Mas é duvidoso
que César hoje saia; ultimamente

tem-se mostrado mui supersticioso,
ao invés do que era antes, no tocante
aos sacrifícios, fantasia e sonhos.
É bem possível que os prodígios claros
desta noite, o terror inusitado
e a palavra dos áugures o impeçam
de ir hoje ao Capitólio.
DÉCIO · Deixai isso
por minha conta. Caso ele resolva
por esse modo, sei como dobrá-lo.
Gosta de ouvir dizer que os unicórnios
com árvores se pegam, com espelhos
os ursos, os leões com fortes redes,
os elefantes com profundas covas
e os homens com lisonjas. Mas, se digo
que ele detesta aduladores, dá-me
razão, sem perceber quanto se deixa
levar pela lisonja mais patente.
Deixai-me trabalhar;
saberei dirigir-lhe a fantasia,
sendo certo levá-lo ao Capitólio.
CÁSSIO · Vamos todos buscá-lo à casa dele.
BRUTO · Às oito em ponto, não?
CINA · O mais tardar.
É preciso que nisso ninguém falte.
METELO · Caio Ligário não suporta César,
que censurou umas palavras suas
em louvor de Pompeu. Estranho muito
nenhum de vós ter-se lembrado dele.
BRUTO · Passai em casa dele, bom Metelo;
dedica-me afeição, tendo-lhe eu dado
motivo para tanto. Ele que venha
falar-me, que hei de em pouco convencê-lo.
CÁSSIO · A manhã nos alcança. Amável Bruto,
vamos partir. Amigos, dispersemo-nos,
mas lembrai-vos de tudo o que dissestes
e mostrai-vos romanos verdadeiros.
BRUTO · Cavalheiros, mostrai semblante alegre,
sem revelar no olhar nossos protestos.
Imitai nisso os nossos comediantes,
com vivo espírito e formal constância.
E agora, adeus; bom dia para todos.
(Saem todos, com exceção de Bruto.)
Pequeno! Lúcio! Adormeceu de novo?
Ora, que mal há nisso? Goza o orvalho
doce e grave do sono. Não te inquietam
esses fantasmas e as visões que o zelo
sempre ativo nos cérebros engendra.
Por isso dormes tão profundamente.
(Entra Pórcia.)
PÓRCIA · Querido esposo! Bruto!
BRUTO · Pórcia, que houve?
Por que vos levastes? É imprudência
expor o corpo grácil aos rigores
de uma manhã tão fria.
PÓRCIA · O mesmo eu digo
com relação a vós. Por modo pouco
delicado fugistes-me do leito,
e ontem à noite, à ceia, bruscamente
vos levantastes e, de mãos nas costas,
vos pusestes a andar de um lado e do outro,
a meditar e a suspirar freqüente.
E ao perguntar-vos o que acontecera,
em mim fixastes um olhar severo.
Insisti; a cabeça, então, coçando,
no solo o pé batestes impaciente.
Não desisti, contudo, sem resposta
nenhuma obter, afora me acenardes
com a mão, como a indicar que vos deixasse.
Obedeci, de medo que pudesse
irritar ainda mais a impaciência
que parecia estar tão inflamada,
afagando a esperança de que tudo
fosse efeito do humor que em nosso espírito
tem, por vezes, suas horas. O apetite
vos tirou esse humor, não vos deixando
dormir nem conversar, de tal maneira
predominando sobre vosso espírito
e a forma vos mudando, que até eu própria,
Bruto, vos desconheço. Caro esposo,
comunicai-me a causa dessa mágoa.
BRUTO · Não me sinto disposto; é apenas isso.
PÓRCIA · Bruto é sábio; se doente ele estivesse,
procuraria os meios de curar-se.
BRUTO · É o que faço, realmente, boa Pórcia;
ide deitar-vos.
PÓRCIA · Bruto está doente...
É saudável, então, sair de casa
malvestido e aspirar este humor úmido
da manhã? Como! Bruto está doente,
e se esgueira do leito agasalhado,
para expor-se ao contágio vil da noite,
a este ar assim tão úmido e nocivo,
para aumentar seus males? Não, meu Bruto,

shakespearebrasileiro.org

no espírito é que tendes uma doença,
que, por direito e obrigação de esposa,
preciso conhecer. Assim, de joelhos,
pela beleza que já me elogiastes,
pelas juras de amor que me fizestes
e por aquele voto tão solene
que nos uniu num corpo, uma pessoa
fazendo de nós dois: peço dizerdes-me,
a mim, vós próprio, a mim, vossa metade,
o que vos deixa assim tão pensativo
e que homens eram esses que esta noite
vos vieram procurar; sim, pois é certo
que aqui estiveram seis ou sete vultos
que até da noite os rostos escondiam.

Bruto · Gentil Pórcia, levanta-te.

Pórcia · De joelhos
não ficara, se fôsseis gentil Bruto.
Dizei-me, Bruto, se constava cláusula
no contrato do nosso casamento,
segundo a qual eu nunca deveria
tomar conhecimento dos assuntos
que vos tocam de perto. Eu sou vós próprio,
mas, por assim dizer, com toda sorte
de restrições? Apenas para o leito
vos partilhar, estar convosco à mesa,
e conversar por vezes? Moro apenas
no subúrbio de vossa inclinação?
Se for assim, esposa não é Pórcia
de Bruto, mas apenas concubina.

Bruto · Sois minha honrada e verdadeira esposa,
tão cara como as gotas que me afluem
ao triste coração.

Pórcia · Se fosse certo
quando dizeis, saber eu deveria
qual seja esse segredo. Sou, de fato,
mulher; mas a mulher que o senhor Bruto
escolheu para esposa. Sou, de fato,
mulher; porém mulher mui respeitada:
sou filha de Catão. Pensais que, tendo
tal pai e tal marido, eu não consiga
vencer o próprio sexo? Revelai-me
vossos segredos, que hei de ser discreta.
Há pouco pus minha constância à prova,
em mim mesma causando esta ferida,
aqui, na coxa. A dor suportaria
com paciência e os segredos não guardara
que o esposo me confiasse?

Bruto · Oh deuses! deuses!
Deixai-me digno de tão nobre esposa!

(Batem.)

Escuta! Estão batendo. Pórcia, afasta-te,
que pouco a pouco ao seio hei de contar-te
quanto ora o coração me traz inquieto.
Revelar-te-ei meus compromissos todos,
quanto se lê neste semblante triste.
Sai logo.

(Sai Pórcia.)

Lúcio, alguém bateu à porta?

(Volta Lúcio, com Ligário.)

Lúcio · É uma pessoa doente, que convosco
deseja conversar.

Bruto · Caio Ligário,
de que falou Metelo! Fica à parte,
menino. Então, Caio Ligário?

Ligário · De uma
débil língua aceitai muito bom dia.

Bruto · Oh! que tempo escolhestes, bravo Caio,
para estar doente! Se estivésseis são!

Ligário · Estarei bom, se em mente tiver Bruto
qualquer ação digna do nome da honra.

Bruto · Tenho em mente essa ação, Caio Ligário,
se ouvido são tiverdes para ouvi-la.

Ligário · Oh! pelos deuses ante os quais se curvam
os romanos, liberto-me da doença.
Alma de Roma! Bravo filho, oriundo
de rins honestos! Tal como exorcista,
conjuraste-me o espírito dolente.
Manda agora que eu corra, pois me sinto
capaz de empreender coisas impossíveis
e sair vencedor. Que há por fazer?

Bruto · Algo capaz de deixar bons os doentes.

Ligário · E não teremos de deixar doente
alguém que ainda está são?

Bruto · Isso também.
O que seja, meu Caio, hei de contar-te
em caminho do ponto em que tivermos
de executar o ato.

Ligário · Ide na frente,
que, com o peito inflamado, hei de seguir-vos,
para realizar o que ainda ignoro.
Basta ser Bruto o guia.

Bruto · Então segui-me.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena II

O mesmo. Em casa de César.
Trovões e relâmpagos. Entra César, em camisa de dormir.

CÉSAR · Não ficaram em paz o céu e a terra
durante toda a noite. Em meio ao sono,
por três vezes gritou Calpúrnia: "Acudam!"
"Estão matando César!" — Venha alguém!
(Entra um criado.)
CRIADO · Senhor?
CÉSAR · Manda que os sacerdotes sacrifiquem
e traze-me depressa um bom augúrio.
CRIADO ·
Pois não, senhor.
(Entra Calpúrnia.)
CALPÚRNIA · César, que pretendeis? Quereis sair?
Não poreis hoje o pé fora de casa.
CÉSAR · César sairá. As coisas que me ameaçam,
só me olham pelas costas; quando devem
de César ver o rosto, já sumiram.
CALPÚRNIA · César, jamais dei crédito a prodígios,
mas ora tenho medo. Aí dentro há alguém
que a tudo que nós vimos e escutamos
acrescenta visões apavorantes
que aos guardas esta noite apareceram.
Uma leoa na rua teve o parto;
abriram-se sepulcros, expulsando
seus mortos; pelas nuvens incendiados
guerreiros digladiavam em fileiras
e esquadrões ordenados, como em guerra,
tendo sangue manchado o Capitólio.
Agitava-se no ar a gritaria
da batalha; cavalos relinchavam;
gemiam moribundos, e os espectros,
dando gritos, as ruas percorriam.
Oh César! essas coisas ultrapassam
a comum experiência e me amedrontam.
CÉSAR · Podemos evitar o que por meta
assentaram os deuses poderosos?
Apesar disso, César vai sair,
pois essas predições se relacionam
tanto, ao mundo em geral como a ele apenas.
CALPÚRNIA ·
Quando morrem mendigos não se vêem
surgir cometas, mas o céu se incumbe
de iluminar a morte dos monarcas.
CÉSAR · Muito antes de morrer, morre o covarde;
só uma vez o homem forte prova a morte.
Das coisas raras de que tenho ciência,
sempre me pareceu a mais estranha
terem os homens medo, embora saibam
que a morte, um fim a todos necessário,
vem quando vem.
(Volta o criado.)
Os áugures que dizem?
CRIADO · Que não deveis hoje sair de casa.
Retirando da vítima as entranhas,
verificaram que ao animal faltava
o coração.
CÉSAR · Os deuses fazem isso
para vergonha, só, da covardia.
César fora animal sem coração,
se hoje, de medo, não saísse à rua.
Não; César vai sair. Sabe o perigo
que mais do que ele é César perigoso.
Somos dois leões, nascidos num só dia;
mas o mais velho eu sou e o mais terrível.
César sairá.
CALPÚRNIA · Oh meu senhor! Anula-se
vossa sabedoria ante esse arrojo.
Não saiais hoje. Declarai a todos
que o que vos prende em casa é o meu receio,
não o vosso. Mandaremos ao senado
Marco Antônio, incumbido de dizer-lhes
que não vos sentis bem. Que assim, de joelho,
eu consiga de vós alcançar isso.
CÉSAR · Marco Antônio dirá que estou indisposto;
para agradar-te ficarei em casa.
(Entra Décio.)
Eis Décio Bruto; ele dará o recado.
DÉCIO · Salve, César! Bom dia, digno César.
Só vim para levar-vos ao senado.
CÉSAR · Chegais na hora precisa, para aos dignos
senadores levardes meus saudares
e lhes comunicar que hoje não saio.
Que não posso... seria uma mentira.
Não me atrevo... pior. Dize-lhes, Décio,
apenas que hoje não sairei de casa.
CALPÚRNIA · Podeis acrescentar que ele está doente.
CÉSAR · César pode mentir? Teria, acaso,

shakespearebrasileiro.org

tão longe o braço posto nas conquistas,
para vir a ter medo de a verdade
dizer a uns barbas-brancas? Décio, dize-lhes
que César não sairá.
Décio · Mui poderoso
César, contai-me alguma causa, ao menos,
porque de mim não riam ao falar-lhes.
César · Minha vontade é a causa: não sairei.
Como razão para o senado, basta.
Mas, porque vos estimo, para vossa
satisfação, vou ser-vos mais explícito.
Minha esposa, Calpúrnia, é que me prende,
não querendo que eu saia. Viu, em sonho,
minha estátua, esta noite, como fonte
que despejava sangue por cem bocas,
na qual as mãos banhavam, sorridentes
e robustos romanos. Ela toma
semelhante visão como advertência
de perigo iminente e mau agouro,
tendo, de joelho, suplicado que hoje
de casa eu não saísse.
Décio · Mas o sonho
foi mal-interpretado! É auspiciosa
toda a visão e de feliz agouro.
Vossa estátua a jorrar por muitos canos
o sangue em que romanos sorridentes
mergulhavam as mãos, é sinal certo
de que de vós há de tirar mui breve
sangue renovador a grande Roma,
empenhando-se os homens mais ilustres
por alcançar de vós brasões mais novos,
relíquias e penhores. Isso, apenas,
é o que revela o sonho de Calpúrnia.
César · Mui bem o interpretaste desse modo.
Décio · Máxime, quando ouvirdes o que tenho
para comunicar. Ouvi, portanto.
Decidiu o senado ofertar hoje
uma coroa ao poderoso César.
Se ficardes em casa e lhes mandardes
recado por alguém, nesse sentido,
talvez mudem de idéia. Além do mais,
poderão pilheriar a esse respeito,
se alguém vier a dizer: "Será prudente
adiarmos a sessão até que a esposa
de César tenha sonhos mais risonhos".
Pode a ausência de César ser motivo
de cochichar alguém ao companheiro:
"Olá! César tem medo".
Perdoai-me, César! Mas é o amor profundo
por quanto vos atinja que me leva
a criticar assim vossa atitude.
E à razão segue o amor sempre em tais casos.
César · Calpúrnia, como o vosso medo agora
se nos mostra ridículo! Envergonho-me
de lhe ter dado ouvidos. Dai-me a toga,
pois resolvi sair.
(Entram Públio, Bruto, Ligário, Metelo, Casca, Trebônio e Cina.)
Eis aí Metelo;
veio buscar-me.
Públio · Salve, grande César!
César · Sede bem-vindo, Públio. Como, Bruto!
Tão cedo e já de pé? Bom dia, Casca.
Caio Ligário, nunca vosso imigo
foi César tanto, como agora a febre
que vos deixou tão magro. Que horas são?
Bruto · César, bateram oito.
César · Muito grato
vos sou pelo trabalho e cortesia.
(Entra Antônio.)
Vede! Antônio, que as noites passa em festa,
já está de pé tão cedo. Salve, Antônio!
Antônio ·
Bom dia ao nobre César.
César · Dai dentro ordem
para que se preparem. A demora
vai deixar-me passível de censura.
Como? Cina! e Metelo, então? Trebônio,
temos uma horazinha de conversa.
Não vos esqueça visitar-me ainda hoje;
ficai perto de mim, porque me lembre.
Trebônio · Pois não, César.
(À parte.)
Tão perto hei de ficar,
que hão de querer os vossos partidários
ver-me um pouco mais longe.
César · Entrai, amigos;
bebamos vinho juntos. Depois disso,
sigamos todos como bons amigos.
Bruto *(à parte)* ·
Que o que parece igual nem sempre é o mesmo,
sangra ao pensar o coração de Bruto.

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo. Uma rua perto do Capitólio.
Entra Artemidoro, lendo um papel.

ARTEMIDORO · César, acautela-te de Bruto;
toma cuidado com Cássio; não te aproximes de Casca;
fica de olho com Cina; não confies em Trebônio;
observa bem Metelo Címber; Décio
Bruto não te ama; ofendeste Caio Ligário. Todos
esses homens estão animados de uma única intenção,
que se volta contra César. Se não fores imortal, olha à
volta de ti. A negligência favorece a conspiração. Que
os deuses poderosos te defendam. Teu amigo,
Artemidoro.
Esperarei a vinda, aqui, de César,
para dar-lhe isto como suplicante.
O coração confrange-se-me à idéia
de que escapar jamais possa a virtude
às dentadas da inveja. Se me leres,
oh César! viverás. Caso contrário,
é que o destino também te é nefário.

(Saem.)

(Sai.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Outra parte da mesma rua, em frente à casa de Bruto.
Entram Pórcia e Lúcio.

PÓRCIA · Pequeno, por favor, corre ao senado.
Não percas tempo com respostas; corre!
Que é que aguardas?
LÚCIO · Senhora, vossas ordens.
PÓRCIA · Quisera ter-te lá e aqui de volta,
sem que fosse preciso mandar nada.
Assiste-me, firmeza! Não me deixes,
e entre meu coração e a minha língua
põe de permeio uma montanha ingente.
Tenho coragem de homem, mas a força
é toda feminina. Quão difícil
é para uma mulher guardar segredo!
Ainda estás aí?
LÚCIO · Que é necessário
fazer, minha senhora? Ao Capitólio
correr, mais nada? E retornar, mais nada?
PÓRCIA · Isso, menino. Traze-me notícia
de teu amo. Ele bem não se sentia
no instante de sair. E toma nota
do que faz César, quais os suplicantes
que insistem junto dele. Quieto, Lúcio!
que barulho foi esse?
LÚCIO · Não percebo
barulho algum, senhora.
PÓRCIA · Fica atento!
Ouça um certo rumor, como de luta,
que nos viesse trazido pelo vento
dali do Capitólio.
LÚCIO · Sob palavra,
minha senhora, mas não ouço nada.

(Entra o adivinho.)

PÓRCIA · Vem cá, amigo; vens vindo de que lado?
ADIVINHO · Do lado de onde moro, boa dama.
PÓRCIA · Que horas já são?
ADIVINHO · Senhora, quase nove.
PÓRCIA · César se achará no Capitólio?
ADIVINHO · Ainda não, senhora. Eu, justamente,
vou procurar lugar, para que possa
vê-lo, quando passar.
PÓRCIA · Tens um pedido
para fazer a César, não é isso?
ADIVINHO · Justamente, senhora. Caso César
ouvir-me queira por amor de César,
dir-lhe-ei que seja amigo de si mesmo.
PÓRCIA · Como assim? Tens notícia de que intentem
algum dano contra ele?
ADIVINHO · Não prevejo
nenhum mal conhecido, mas receio
que possa acontecer muita desgraça.
Mas passai bem; a rua, aqui, é estreita.
A multidão que marcha atrás de César,
senadores, pretores, suplicantes
de toda espécie, poderia, quase,
matar um pobre velho. Vou postar-me

shakespearebrasileiro.org

num lugar mais folgado, porque possa
de passagem falar ao grande César.

(Sai.)

Pórcia · Preciso ir para dentro. Oh! Como é frágil
o coração de uma mulher! Oh Bruto!
O céu te assista nesse empreendimento! —
O pequeno me ouviu, decerto. — Bruto
tem um requerimento que não há de
ser do gosto de César. — Oh! Desmaio.
Corre depressa, Lúcio, recomenda-me
ao meu senhor. Dá-lhe notícias minhas.
Estou alegre, dize-lhe; e retorna,
porque sua resposta me repitas.

(Saem por lados diferentes.)

Ato III · Cena I

Roma. Diante do Capitólio.
O senado está em sessão. Grande multidão na rua do Capitólio, na qual se vêem Artemidoro e o adivinho. Clarins. Entram César, Bruto, Cássio, Casca, Décio, Metelo, Trebônio, Cina, Antônio, Popílio, Públio e outros.

César *(ao adivinho)* · Chegaram os idos de março.
Adivinho · É certo, César; porém ainda não
passaram.
Artemidoro · Salve, César! Lê este pedido.
Décio · Trebônio pede que esta humilde súplica
mais de espaço por vós seja atendida.
Artemidoro · Oh César! lê primeiro a minha, que
ela toca a César de perto. Grande César!
César · Com o que nos diz respeito não há pressa.
Artemidoro · Não demores, oh César! Lê depressa.
César · Como! É louco esse tipo?
Públio · Sai, maroto!
Arreda do lugar!
César · Que é isso? Todos
apresentam na rua as petições?
Entrai no Capitólio.

(César sobe para o senado; os demais o seguem. Os senadores se levantam.)

Popílio · Desejo que sejais bem-sucedido
no empreendimento de hoje.
Cássio · Não compreendo,
Popílio, essas palavras.
Popílio · Passai bem.

(Vai para perto de César.)

Bruto · Que vos disse Popílio Lena?
Cássio · Votos
para que nosso empreendimento de hoje
seja bem-sucedido. Tenho medo
de que hajam descoberto nosso plano.
Bruto · Observai bem como ele fala a César.
Cássio · Casca, há urgência; receio que possamos
ser nisso antecipados. Bruto, que há de
dizer-se? Se falharem nossos planos,
ou Cássio ou César ficará sem vida,
pois é certo eu matar-me.
Bruto · Sede firme,
Cássio; Popílio Lena não lhe fala
de nosso empreendimento. Está sorrindo,
sem que César altere a compostura.
Cássio · Trebônio tem noção do tempo. Vede,
Bruto, como ele afasta Marco Antônio.

(Saem Antônio e Trebônio. César e os senadores se sentam.)

Décio · Metelo Címber onde está? Que venha
apresentar a César seu pedido.
Bruto · Está pronto; fiquemos perto dele,
a fim de secundá-lo.
Cina · Sereis vós,
Casca, o primeiro a levantar o braço.
Casca · Estamos prontos? Não há queixa alguma
que César e o Senado atender possam?
Metelo · Muito alto, mui glorioso e forte César,
Metelo Címber joga ante o teu sólio
um coração humilde.

(Ajoelha-se.)

César · Antes de tudo,
Címber, quero advertir-te: essas zumbaias
e esses salamaleques porventura
a um homem baixo o sangue agitar podem
e mudar uma ordem já emitida
e uma sentença séria em lei de criança.
Não sejas tolo de pensar que César
tem sangue tão rebelde, que se deixe
esbulhar de sua força verdadeira

shakespearebrasileiro.org

pelo que os tolos enternece, apenas.
Por isso entendo essas palavras doces,
reverências servis e essas carícias
de cão adulador. Teu irmão se acha
banido por decreto. Se te agachas,
e acaricias, e por ele pedes,
expulso-te daqui como a um cachorro.
Deves saber que César não é injusto
e que ninguém, sem causa suficiente,
consegue demovê-lo.

METELO · Não há voz mais valiosa do que a minha
que aos ouvidos do grande César soe
mais agradavelmente, para a volta
do meu banido irmão?

BRUTO · Beijo-te as mãos,
César, mas sem lisonja, desejando
que Públio Címber possa em breve tempo
no gozo entrar de plena liberdade.

CÉSAR · Como? Bruto!

CÁSSIO · Perdão, César! Perdão!
A esses pés se ajoelha, humilde, Cássio,
para a volta pedir de Públio Címber.

CÉSAR · Se eu fosse vós, pudera comover-me.
Se eu soubesse pedir, também seria
maleável aos pedidos. Mas sou firme
como a estrela do norte, cuja essência
constante e inabalável não encontra
paralelo no vasto firmamento.
Ornam os céus inúmeras faíscas,
de fogo todas e indizível brilho;
mas uma apenas de lugar não muda.
Assim, no mundo: de homens está cheio,
homens de carne e sangue e inteligência.
Mas, em tamanha cópia, um só, conheço
que, inatacável, seu lugar não deixa,
sempre surdo a pedidos: sou esse homem.
Deixai-me, pois, mostrar agora um pouco
que, ao banir Címber, fui constante, como
constante sou, no exílio conservando-o.

CINA · Oh César!...

CÉSAR · Fora daqui! Queres virar o Olimpo?

DÉCIO · Grande César!...

CÉSAR · Bruto não se ajoelhou sem obter nada?

CASCA · Braços, falai por mim.

(Apunhalam César.)

CÉSAR · *Et tu, Brute?* Então, que morra César.

(Morre.)

CINA · Morreu a tirania! Liberdade!
Proclamai pelas ruas! Liberdade!

CÁSSIO · Suba alguém às tribunas e proclame
"Independência, liberdade e ordem!"

BRUTO · Senadores e povo, ficai calmos;
não precisais revelar medo; a dívida
da ambição já foi paga.

CASCA · Sobe ao púlpito, Bruto.

DÉCIO · Cássio também.

BRUTO · Onde está Públio?

CINA · Aqui, de todo desolado, à vista
dos acontecimentos.

METELO · Ficai juntos,
para que não se dê que um dos amigos
de César...

BRUTO · Não falemos disso agora;
nada de ficar juntos. Públio, anima-te!
Ninguém pensa em fazer-te mal algum,
nem a qualquer romano. Ide dizer-lhes
isso mesmo.

CÁSSIO · Convém deixar-nos, Públio,
para evitar que o povo, ao atacar-nos,
vos cause dano às cãs.

BRUTO · Sim, fazei isso,
e que não chame a si ninguém esse ato,
senão nós, seus autores.

(Volta Tribônio.)

CÁSSIO · Onde está Antônio?

TREBÔNIO · Em casa, estupefacto.
Pais, mães e filhos olham-se perplexos,
correm em gritos, como se estivéssemos
no dia do juízo.

BRUTO · Fado, mostra
o que de nós pretendes. Que haveremos
de morrer, já o sabemos; é só o tempo
e a sucessão dos dias que a esse ponto
deixa os homens aflitos.

CASCA · Quem vinte anos
tira da vida, encurta de igual tempo
o medo de morrer.

BRUTO · Se isso aceitarmos,
ficará sendo a morte um benefício.
De César somos, desse modo, amigos,
pois o medo da morte encurtamos.
Romanos, abaixai-vos! Abaixai-vos!
Os braços mergulhemos neste sangue
e com ele tinjamos as espadas.

shakespearebrasileiro.org

Sangue é de César. Depois disso, vamos
à praça pública e, agitando os gládios
ensangüentados, a uma voz gritemos:
"Independência, paz e liberdade!"
Cássio · Abaixai-vos, então, e as mãos tingi.
Quantas vezes, nos séculos vindoiros,
há de ser posto em cena nosso feito
sublime, em povos por nascer e línguas
ainda não constituídas!
Bruto · Quantas vezes
sangrará por brinquedo o grande César,
que aos pés da estátua de Pompeu se encontra
valendo quanto o pó.
Cássio · Todas as vezes
que isso se vir, de nós dir-se-á que fomos
os que demos à pátria liberdade.
Décio · Como é, vamos ou não?
Cássio · Vamos, reunidos.
À testa marche Bruto; nós os passos
lhe enfeitaremos com romanos peitos
de ousadia e firmeza inigualáveis.

(Entra um criado.)

Bruto ·
Quietos. Vem vindo alguém. Ah! É um amigo
de Marco Antônio.
Criado · Bruto, desse modo
me ordenou meu senhor que eu me ajoelhasse,
e assim, prostrado, me ordenou dizer-vos:
Bruto é valente, nobre, sábio e honesto;
César foi grande, altivo, real e bom.
Dize que eu amo a Bruto e sei honrá-lo.
Dize-lhe mais que a César eu temia,
amava e honrava. Permitindo Bruto
que, salvo, Antônio dele se aproxime,
para saber de que maneira César
mereceu essa morte, Marco Antônio
não há de amar César defunto tanto
quanto Bruto com vida, mas, fielmente,
há de seguir as obras e o destino
do nobre Bruto em todos os azares
deste estado de coisas não trilhado.
Assim falou meu amo Marco Antônio.
Bruto · Romano bravo e sábio é o teu senhor.
Nunca o julguei ruim.
Dize-lhe que se for do agrado dele
vir até aqui, far-lhe-ei nisso a vontade,
asseverando, sob palavra de honra,
que partirá ileso.
Criado · Vou buscá-lo.

(Sai.)

Bruto · Sei que ele há de ficar sendo um dos
nossos.
Cássio · É o que desejo; mas em mim se agita
algo que o teme, e meus pressentimentos,
por desgraça, são sempre confirmados.

(Volta Marco Antônio.)

Bruto · Eis Marco Antônio. Sê bem-vindo,
Antônio.
Antônio · Oh poderoso César! Tão por baixo!
Todas as tuas glórias, as conquistas,
teus espólios e triunfos, a medida
tão pequena ficaram reduzidos?
Adeus! Não sei o que pensais, senhores,
sobre os que ainda devem perder sangue,
por ter sangue demais. Se achais preciso
que eu o derrame, hora não há melhor
do que esta em que deixou de viver César,
nem instrumento que em valor se iguale
ao de vossas espadas, ora ricas
do sangue mais precioso deste mundo.
Suplico-vos, no caso de me terdes
como suspeito, executai o intento
sem perda de um instante, enquanto as rubras
mãos ainda vos fumegam. Se eu vivesse
mil anos, impossível fora achar-me
tão apto para morte como agora.
Nenhum lugar me agradaria tanto
para morrer, nem gênero de morte,
como junto de César, sendo eu morto
pelos maiores homens de nossa época.
Bruto · Não nos peças, Antônio, morte alguma.
Embora pareçamos sanguinários
neste momento, e cruéis, como nos mostra
o ato por estas mãos levado a termo,
vedes apenas nossas mãos e a empresa
sanguinosa por elas realizada.
Os corações não vedes; mas são todos
compassivos. Assim, foi a piedade —
tal como o fogo é pelo fogo expulso,
a piedade à piedade dá combate —
que em César isto fez. Nossas espadas,
para vós, Marco Antônio, são de chumbo.
Nestes braços, isentos de malícia,
e em corações de fraternal afeto,
vos acolhemos com amor sincero,
reverência e intenções em tudo retas.

CÁSSIO · E na distribuição das dignidades
nenhuma voz será mais poderosa
do que a vossa.
BRUTO · Pedimos-vos paciência,
tão-somente, até ver se conseguimos
acalmar este povo, que, de medo,
ficou fora de si. Depois, diremos
por que eu, que amava César ao golpeá-lo,
me decidi a realizar este ato.
ANTÔNIO · Vossa sabedoria me conforta.
Dêem-me todos, agora, as mãos sangrentas.
Primeiramente, Marco Bruto, a vossa;
agora a vossa, Caio Cássio; o mesmo
faremos, Décio Bruto; vós, Meteleo;
vós, também, Cina; vós, valente Casca,
e vós, meu bom Trebônio, conquanto o último
não o menos querido. Cavalheiros...
Ai de mim! Que direi? Neste momento
minha reputação se acha em terreno
tão escorregadio, que é forçoso
verdes-me por dois prismas igualmente
deformadores: ou como covarde,
ou como adulador. Que eu te votava,
César, amor sem par, oh! é verdade.
Se nos contempla agora o teu espírito,
não será para ti mais doloroso
que a própria morte, veres teu Antônio
fazer as pazes com teus inimigos —
oh nobre César! — diante de teu corpo?
Se tantos olhos eu tivesse quantas
feridas em ti vejo, porque todos
lágrimas derramassem como o sangue
que delas ora escorre! Melhor fora
para mim, do que ter com teus imigos
concluído assim um pacto de amizade.
Perdão, meu Júlio. Como foste acuado,
bravo cervo! Tombaste neste ponto;
teus caçadores aqui mesmo se acham,
do espólio opimo altivos, e ainda rubros
das águas do teu Lete. Oh mundo, foste
deste cervo a floresta, bem como ele,
teu próprio coração. Oh mundo! Como
pareces onde te achas, uma caça
por fidalgos altivos abatida!
CÁSSIO · Marco Antônio...
ANTÔNIO · Perdoa, Caio Cássio.
Poderiam ser ditas tais palavras
por imigos de César; proferidas,
porém, por um amigo, ainda revelam
muita moderação.
CÁSSIO · Não vos censuro
por elogiardes César desse modo.
Mas como pretendeis ficar conosco?
No número incluído dos amigos?
Seguiremos avante, sem que em nada
dependamos de vós?
ANTÔNIO · Para isso mesmo
apertei-vos as mãos; mas esqueceu-me
no instante de ver César. Sou amigo
de todos vós, e amor a todos voto,
esperando que haveis de revelar-me
por que e como era César perigoso.
BRUTO · Se não o fosse, isto tudo não passara
de espetáculo selvagem. Tão razoáveis
são os motivos que ora nos dirigem,
que embora fôsseis, Marco Antônio, filho
de César, ficaríeis satisfeito.
ANTÔNIO · Não desejo outra coisa. Mas quisera
também a permissão de pôr o corpo
na praça do mercado e, como amigo
do morto, discursar na cerimônia.
BRUTO · Pois não, Antônio.
CÁSSIO · Bruto, uma palavra.
(À parte, para Bruto)
Não lhe deis permissão de ir à tribuna,
durante os funerais. Fazeis idéia
de como o povo poderá deixar-se
mover por seu discurso?
BRUTO · Perdão, Cássio;
mas eu, primeiro, falarei de público,
para as razões expor do passamento
do nosso César. Quanto Marco Antônio
disser depois, explicarei, é feito
com nossa permissão e inteiro acordo.
E mais: que permitimos tenha César
todas as honras fúnebres e os ritos
que a lei faculta aos mortos. Tiraremos
de tudo mais vantagem do que dano.
CÁSSIO · Quem sabe o que daí resultar pode?
Nada disso me agrada.
BRUTO · Marco Antônio,
aqui tendes o corpo. No discurso
fúnebre não deveis lançar nenhuma
censura sobre nós. Dizei de César
todo o bem que quiserdes, explicando
que permissão vos demos para tanto.

shakespearebrasileiro.org

A não ser isso, ficareis excluído
das cerimônias fúnebres. E ainda:
será vossa oração dita da mesma
tribuna em que eu falar, quando concluído
eu tiver o discurso.
ANTÔNIO · Mais do que isso
não desejo. Está bem.
BRUTO · Prepara, então, o corpo e vem conosco.
(Saem todos, com exceção de Antônio.)
ANTÔNIO · Oh pedaço de terra a verter sangue,
perdoa o revelar-me humilde e brando
com estes carniceiros! És a ruína
do mais nobre homem que jamais vivera
na corrente do tempo. Ai, ai da mão
que fez correr tão precioso sangue!
Faço uma profecia em face destas
feridas que, de bocas mudas, abrem
os lábios de rubi para pedir-me
à língua voz e fala: sobre os homens
pesará maldição, lutas internas
e uma guerra civil das mais terríveis
todas as partes encherão da Itália;
o sangue e a destruição de tal maneira
ficarão familiares, que somente
há de sorrir as mães perante a vista
dos filhos massacrados pela guerra;
asfixiada a piedade vai tonar-se
pelo hábito do crime, e o grande espírito
de César, sequioso de vingança,
com Atê ao lado, rubra ainda do inferno,
em tom de mando gritará por todos
estes confins: "Nenhum quartel!" enquanto
desprende os cães da guerra. Este ato horrível
empestará a terra de cadáveres
que reclamam condigna sepultura.
(Entra um criado.)
Servis a Otávio César, não é isso?
CRIADO · Perfeitamente, Marco Antônio.
ANTÔNIO · César
lhe havia escrito que viesse a Roma.
CRIADO · Recebeu sua carta e está em caminho,
havendo-me ordenado que oralmente
vos relatasse... *(Percebendo o cadáver)* —
Oh César!
ANTÔNIO · Tens glorioso
coração. Fica à parte e chora a flux.
É contagiosa a dor, percebo-a agora,
pois vendo-te nos olhos essas contas
da tristeza, os meus sinto umedecidos.
Teu amo, então, virá?
CRIADO · Ainda esta noite
dormiu a sete léguas, só, de Roma.
ANTÔNIO · Então monta depressa e vai contar-lhe
quanto aqui se passou. Uma lugente
Roma é esta, uma Roma perigosa,
uma Roma que a Otávio não faculta
nenhuma segurança. Vai depressa;
relata-lhe o que viste. Não! Espera.
Só irás depois que o corpo eu tiver posto
na praça do mercado e haja sondado,
com minha oração fúnebre, a maneira
por que o povo interpreta as conseqüências
da ação desses sujeitos sanguinários.
Conforme o resultado, ao moço Otávio
contarás em que pé estão as coisas.
Dai-me a mão.
(Saem com o corpo de César.)

Ato III · Cena II

O mesmo. O Foro.
Entram Bruto e Cássio, seguidos de grande número de cidadãos.

CIDADÃOS · Dai-nos explicações.
BRUTO · Então, amigos,
vinde comigo e me prestai ouvidos.
Caio Cássio, tomai por outra rua;
dividamos o povo.
Deixai aqui tão-só os que queiram;
os que quiserem ir com Cássio, sigam-no.
Serão ditos em público os motivos
de havermos morto César.
PRIMEIRO CIDADÃO · Eu não saio;
quero ouvir Bruto.
SEGUNDO CIDADÃO · Eu, Cássio. Desse modo,
confrontar poderemos os motivos
de ambos, depois de ter ouvido à parte.
(Sai Cássio com alguns cidadãos; Bruto sobe à tribuna.)
BRUTO · Sede pacientes até o fim.
Romanos, concidadãos e amigos! Ouvi a exposição
da minha causa e fazei silêncio, para que possais

ouvir. Crede em minha honra e respeitai minha honra, para que possais acreditar nela. Julgai-me segundo vossa sabedoria e ficai com os sentidos despertos, para que possais julgar melhor. Se houver alguém nesta reunião, algum amigo afetuoso de César, dir-lhe-ei que o amor que Bruto dedicava a César não era menor do que o dele. E se esse amigo, então, perguntar por que motivo Bruto se levantou contra César, eis minha resposta: não foi por amar menos a César, mas por amar mais a Roma. Que teríeis preferido: que César continuasse com vida e vós todos morrêsseis como escravos, ou que ele morresse, para que todos vivêsseis como homens livres? Por me haver amado César, pranteio-o; por ter sido ele feliz, alegro-me; por ter sido valente, honro-o; mas por ter sido ambicioso, matei-o. Logo: lágrimas para a sua amizade, alegria para sua fortuna, honra para o seu valor e morte para a sua ambição. Haverá aqui, neste momento, alguém tão vil que deseje ser escravo? Se houver alguém nessas condições, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão grosseiro para não querer ser romano? Se houver, que fale, porque o ofendi. Haverá alguém tão desprezível, que não ame sua pátria? Se houver, que fale, porque o ofendi. Faço uma pausa, para que me respondam.

CIDADÃOS · Ninguém, Bruto; ninguém.

BRUTO · Nesse caso, não ofendi ninguém. Não fiz a César senão o que faríeis a Bruto. O inquérito sobre sua morte se acha depositado no Capitólio; sua glória não foi depreciada, com referência aos seus merecimentos, não tendo sido, também, exagerados os crimes pelos quais veio a sucumbir.

(Entram Antônio e outros, com o corpo de César.)

Aí vem o seu corpo, chorado por Marco Antônio, que, muito embora não houvesse tomado parte em sua morte, será beneficiado por ela, pois passará a ocupar um cargo na República. Quem de vós, também, não ocupará um cargo? Despeço-me com isto: assim como matei o meu melhor amigo por amor de Roma, assim também conservarei o mesmo punhal para mim próprio, quando minha pátria necessitar que eu morra.

CIDADÃOS · Viva Bruto! Viva! Viva!

PRIMEIRO CIDADÃO · Levai-o para casa triunfalmente.

SEGUNDO CIDADÃO · Uma estátua erijamos e ponhamo-la ao lado das dos seus antepassados.

TERCEIRO CIDADÃO · Que César ele seja.

QUARTO CIDADÃO · As boas partes de César hão de em Bruto ser coroadas.

PRIMEIRO CIDADÃO · Por entre aclamações e grande júbilo levá-lo-emos a casa.

BRUTO · Concidadãos...

SEGUNDO CIDADÃO · Silêncio! Ficais quietos, que Bruto vai falar!

PRIMEIRO CIDADÃO · Olá! Silêncio!

BRUTO · Caros concidadãos, é meu desejo voltar só para casa; porém peço-vos que por amor de mim fiqueis com Antônio. Prestai honras ao corpo, aqui, de César, e ao discurso em que Antônio há de suas glórias enaltecer, o que lhe permitimos. Encarecidamente a todos peço que, a não ser eu, ninguém daqui se arrede até que Marco Antônio haja falado.

(Sai.)

PRIMEIRO CIDADÃO · Ficai todos! Ouçamos Marco Antônio.

TERCEIRO CIDADÃO · Subi à tribuna! Vamos escutá-lo. Nobre Antônio, subi.

ANTÔNIO · Muito obrigado vos fico, por amor, tão-só, de Bruto.

(Sobe à tribuna.)

QUARTO CIDADÃO · Que disse ele de Bruto?

TERCEIRO CIDADÃO · Que obrigado ficava a todos nós por amor dele.

QUARTO CIDADÃO · Será bom que ele aqui não diga nada contra o nome de Bruto.

PRIMEIRO CIDADÃO · Que tirano foi esse César!

TERCEIRO CIDADÃO · Justo. Para Roma, foi grande bênção ficar livre dele.

SEGUNDO CIDADÃO · Ficai quietos! Ouçamos Marco Antônio!

ANTÔNIO · Generosos romanos...

CIDADÃOS · Psiu! Ouçamo-lo.

ANTÔNIO · Concidadãos, romanos, bons amigos, concedei-me atenção. Vim para o enterro fazer de César, não para elogiá-lo. Aos homens sobrevive o mal que fazem,

mas o bem quase sempre com seus ossos
fica enterrado. Seja assim com César.
O nobre Bruto vos contou que César
era ambicioso. Se ele o foi, realmente,
grave falta era a sua, tendo-a César
gravemente expiado. Aqui me encontro
por permissão de Bruto e dos restantes —
Bruto é homem honrado, como os outros;
todos, homens honrados — aqui me acho
para falar nos funerais de César.
César foi meu amigo, fiel e justo;
mas Bruto disse que ele era ambicioso,
e Bruto é muito honrado. César trouxe
numerosos cativos para Roma,
cujos resgates o tesouro encheram.
Nisso se mostrou César ambicioso?
Para os gritos dos pobres tinha lágrimas.
A ambição deve ser de algo mais duro.
Mas Bruto disse que ele era ambicioso,
e Bruto é muito honrado. Vós o vistes
nas Lupercais: três vezes recusou-se
a aceitar a coroa que eu lhe dava.
Ambição será isso? No entretanto,
Bruto disse que ele era ambicioso,
sendo certo que Bruto é muito honrado.
Contestar não pretendo o nobre Bruto;
só vim dizer-vos o que sei, realmente.
Todos antes o amáveis, não sem causa.
Que é então que vos impede de chorá-lo?
Oh julgamento! Foste para o meio
dos brutos animais, tendo os humanos
o uso perdido da razão. Perdoai-me;
mas tenho o coração, neste momento,
no ataúde de César; é preciso
calar até que ao peito ele me volte.

PRIMEIRO CIDADÃO ·
Penso que em sua fala há muito senso.

SEGUNDO CIDADÃO · Se bem considerardes,
procederam muito mal contra César.

TERCEIRO CIDADÃO · Sim, amigos.
Temo que em seu lugar venha outro pior.

QUARTO CIDADÃO · Prestastes atenção no que ele
disse? Recusou a coroa. Logo, é certo não ter sido
ambicioso.

PRIMEIRO CIDADÃO · Isso provado,
muita gente terá de pagar caro.

SEGUNDO CIDADÃO ·
Pobre alma! Tinha os olhos como fogo,
à força de chorar.

TERCEIRO CIDADÃO · Em toda Roma
não há ninguém mais nobre do que Antônio.

QUARTO CIDADÃO · Atenção! Ele vai falar de novo.

ANTÔNIO · Até ontem a palavra do alto César
podia resistir ao mundo inteiro.
Hoje, ei-lo aí, sem que ante o seu cadáver
se curve o mais humilde. Oh cidadãos!
Se eu disposto estivesse a rebelar-vos
o coração e a mente, espicaçando-os
para a revolta, ofenderia Bruto,
ofenderia Cássio, que são homens
honrados, como vós bem o sabeis.
Não pretendo ofendê-los; antes quero
ofender o defunto, a mim e a vós,
do que ofender pessoas tão honradas.
Vede este pergaminho: traz o selo
de César. Encontrei-o no seu quarto;
é o testamento dele. Caso o povo
sua leitura ouvisse — desculpai-me,
mas não pretendo lê-lo — correriam
todos a depor beijos nas feridas
do morto César e a tingir os lenços
em seu sagrado sangue. Mais: viriam
mendigar-lhe um cabelo, por lembrança,
que, ao morrerem, seria em testamento
transmitido aos herdeiros sucessivos,
como rico legado.

QUARTO CIDADÃO · Desejamos
ouvir o testamento. Lede-o, Antônio.

CIDADÃOS · O testamento! Lede o testamento
de César!

ANTÔNIO · Acalmai-vos, bons amigos.
Não posso lê-lo; não convém ficardes
sabendo quanto César vos amava.
Não sois de pedra, nem de pau, mas homens;
e, como tal, se ouvísseis a leitura
do testamento dele, poderíeis
inflamados ficar, ficar furiosos.
Conveniente não é ficardes todos
sabendo que os herdeiros sois de César;
pois se o soubésseis, que não se daria?

QUARTO CIDADÃO · O testamento! Lede o
testamento de César, Marco Antônio! Lede-o logo!

ANTÔNIO · Não podeis acalmar-vos um momento?
Fui indiscreto ao vos falar sobre isso.
Temo ofender quantos honrados homens
apunhalaram César. Temo-o muito.

QUARTO CIDADÃO · Homens honrados, nada! São traidores.
CIDADÃOS · São vilãos e assassinos todos eles. O testamento! Lede o testamento!
ANTÔNIO · Forçais-me, então, a ler o testamento? Sendo assim, vinde em círculo postar-vos ao redor do cadáver, porque eu possa apontar-vos o autor do testamento. Posso descer? Consentireis que o faça?
CIDADÃOS · Vinde para cá.
SEGUNDO CIDADÃO · Descei.

(Antônio desce da tribuna.)

TERCEIRO CIDADÃO · Estais autorizado a fazê-lo.
QUARTO CIDADÃO · Façamos um círculo.
PRIMEIRO CIDADÃO · Afastai-vos do ataúde! Afastai-vos do corpo!
SEGUNDO CIDADÃO · Demos lugar para Antônio, para o muito nobre Antônio!
ANTÔNIO · Não me aperteis tanto. Afastai-vos um pouco.
CIDADÃOS · Recuai! Espaço! Recuai!
ANTÔNIO · Se lágrimas tiverdes, preparai-vos neste momento para derramá-las.
Conheceis este manto. Ainda me lembro
quando César o estreou; era uma tarde
de verão, em sua tenda, justamente
no dia em que vencera os fortes nérvios.
Vede o furo deixado pela adaga
de Cássio; contemplai o estrago feito
pelo invejoso Casca; através deste
apunhalou-o o muito amado Bruto,
e ao retirar seu aço amaldiçoado,
observai com cuidado como o sangue
de César o seguiu, como querendo
vir para a porta, a fim de convencer-se
se era Bruto, realmente, quem batia
por modo tão grosseiro, porque Bruto,
como o sabeis, era o anjo do finado.
Julgai, oh deuses! quanto o amava César.
De todos, foi o golpe mais ingrato,
pois quando a Bruto viu o nobre César,
a ingratidão mais forte do que o braço
dos traidores, de todo o pôs por terra.
O coração potente, então, partiu-se-lhe
e, no manto escondendo o rosto, veio
cair o grande César justamente
ao pé da estátua de Pompeu, que sangue
todo o tempo escorria. Que queda essa,
caros concidadãos! Eu, vós, nós todos
nesse instante caímos, alegrando-se
sobre nós a traição rubra de sangue.
Oh! Vejo que chorais, que sois sensíveis
à impressão da piedade. Delicadas
lágrimas derramais. Mas chorais tanto,
bondosas almas, só de o manto verdes
do nosso César, cheio, assim, de furos?
Então olhai para isto, o próprio corpo
de César, deformado por traidores.
PRIMEIRO CIDADÃO · Oh espetáculo lamentável!
SEGUNDO CIDADÃO · Oh nobre César!
TERCEIRO CIDADÃO · Oh dia de luto!
QUARTO CIDADÃO · Oh celerados! Oh traidores!
PRIMEIRO CIDADÃO · Que espetáculo sangrento!
SEGUNDO CIDADÃO · Queremos vingança!
CIDADÃO · Vingança! Vamos procurá-los! Fogo! Morte! Fogo! Matemos os traidores!
ANTÔNIO · Parai, concidadãos!
PRIMEIRO CIDADÃO · Silêncio! Ouçamos o nobre Antônio.
SEGUNDO CIDADÃO · Queremos ouvi-lo; iremos para onde ele for; queremos morrer com ele!
ANTÔNIO · Bons e amáveis amigos, não desejo levar-vos a uma súbita revolta.
Os autores deste ato são honrados.
Ignoro as causas, ai! particulares
que a este extremo os levaram; mas são sábios,
todos eles, e honrados, e decerto
vos dariam razões do que fizeram.
Não vim aqui roubar-vos, meus amigos,
o coração. Careço da eloqüência
de Bruto. Sou um homem franco e simples,
como bem o sabeis, que tinha o mérito
de amar o seu amigo, o que sabiam
perfeitamente quantos permitiram
que eu viesse falar dele. Pois é fato:
não tenho espírito, valor, palavras,
gesto, eloqüência e a força da oratória
para inflamar o sangue dos ouvintes.
Contento-me em falar tal como falo,
simplesmente, dizendo-vos apenas
o que todos sabeis, e ora vos mostro
as feridas do nosso caro César —
pobres bocas sem fala! — concitando-as
a falarem por mim. Se eu fosse Bruto,

shakespearebrasileiro.org

sendo ele Antônio, agora aqui teríeis
um Antônio capaz de levantar-vos
o espírito e em cada uma das feridas
de César uma voz pôr, que faria
revoltarem-se as pedras da alta Roma.
Cidadãos · Revolta, sim! Revolta!
Primeiro Cidadão · Queimaremos
logo a casa de Bruto.
Terceiro Cidadão · Então partamos
sem demora. Peguemos os traidores.
Antônio · Concidadãos, ouvi-me. Vou falar-vos.
Cidadãos · Que fale Antônio, o muito nobre
Antônio!
Antônio · Sabeis, amigos, o que estais a ponto
de realizar? Em que mereceu César
ser a tal ponto amado de vós todos?
Ah! não o sabeis. Preciso, então, contar-vos.
E o testamento, já vos esquecestes,
de que falei há pouco?
Cidadãos · É certo! É certo!
O testamento! Ouçamos a leitura
do testamento!
Antônio · Aqui vo-lo apresento,
com o selo ainda de César. César deixa
para cada romano em separado
setenta e cinco dracmas.
Segundo Cidadão · Nobilíssimo
César! Vamos vingar a morte dele!
Terceiro Cidadão · Oh real César!
Antônio · Ouvi-me com paciência.
Cidadãos · Olá! Silêncio!
Antônio · Além disso, deixou-vos seus passeios,
caramanchões privados e os recentes
jardins por ele feitos neste lado
do Tibre. Sim, deixou-vos, para sempre,
para vossos herdeiros, como pontos
de diversão comum, porque pudésseis
passear e distrair-vos. Foi um César,
realmente! Outro igual, quando teremos?
Primeiro Cidadão ·
Nunca! Nunca! Sigamos para a praça
sagrada, a fim de o corpo ali queimarmos.
e com os tições as casas incendiemos
de todos os traidores. Carreguemos
o corpo.
Segundo Cidadão · Trazei fogo.
Terceiro Cidadão · Derrubemos
os bancos.
Quarto Cidadão · Derrubai logo janelas,
cadeiras, o que for.

(Saem os cidadãos com o corpo de César.)

Antônio · Que vá por diante.
Desgraça, estás de pé; toma ora o curso
que bem te parecer.

(Entra um criado.)

Então, amigo?
Criado · Senhor, Otávio já chegou a Roma.
Antônio · Onde está ele?
Criado · Em casa estão de César, ele e Lépido.
Antônio · Vou já já visitá-lo. Chega a tempo.
A Fortuna está alegre e, assim disposta,
não nos regateará coisa nenhuma.
Criado · Ouvi quando ele disse que teriam
Bruto e Cássio, a galope, como loucos,
ganho as portas de Roma.
Antônio · É que decerto
souberam da disposição do povo
agitado por mim. Leva-me a Otávio.

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Uma rua.
Entra o poeta Cina.

Cina · Sonhei que César e eu nos banqueteávamos.
A fantasia tenho assoberbada
por idéias sinistras. Sem nenhuma
vontade me acho de sair de casa;
mas algo a isso me obriga.

(Entram cidadãos.)

Primeiro Cidadão · Como vos chamais?
Segundo Cidadão · Para onde ides?
Terceiro Cidadão · Onde morais?
Quarto Cidadão · Respondei diretamente a cada
um de nós.
Primeiro Cidadão · Sim, e em poucas palavras.
Quarto Cidadão · E com sabedoria.
Terceiro Cidadão · E com franqueza, é o que vos
aconselhamos.

CINA · Como me chamo? Para onde vou? Onde moro? Se sou casado ou solteiro? Então, para responder diretamente a cada um de vós, e em poucas palavras, com sabedoria e franqueza: sabiamente direi que sou solteiro.
SEGUNDO CIDADÃO · O que equivale a dizer que são loucos os que se casam. Receio que essa resposta vos possa custar caro.
CINA · Diretamente, vou aos funerais de César.
PRIMEIRO CIDADÃO · Como amigo ou como inimigo?
CINA · Como amigo.
SEGUNDO CIDADÃO · Isso foi diretamente respondido.
QUARTO CIDADÃO · E agora, brevemente, quanto à morada.
CINA · Moro perto do Capitólio.
TERCEIRO CIDADÃO · Vosso nome, senhor, francamente.
CINA · Francamente, meu nome é Cina.
SEGUNDO CIDADÃO · Despedaçai-o! É conspirador!
CINA · Eu sou o poeta Cina! Eu sou o poeta Cina!
QUARTO CIDADÃO · Despedaçai por causa de seus maus versos.
CINA · Não sou o conspirador Cina!
SEGUNDO CIDADÃO · Pouco importa; tem o nome de Cina. Tiremos-lhe do coração apenas o nome e deixemo-lo ir.
TERCEIRO CIDADÃO · Despedacemo-lo! Despedacemo-lo! Fogo! Tições! À casa de Bruto! De Cássio! Queimemos tudo! Sigam alguns para a casa de Décio, outros para a de Casca, outros para a de Ligário. Vamos! Vamos!

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Roma. Um quarto da casa de Antônio.
Antônio, Otávio e Lépido, à volta de uma mesa.

ANTÔNIO · Estes também têm de morrer; os nomes estão assinalados.
OTÁVIO · E vós, Lépido,
tendes o irmão marcado para a morte.
Concordais?
LÉPIDO · Sim, concordo.
OTÁVIO · Assinalai-o,
Antônio.
LÉPIDO · Mas com a condição expressa
de que Públio não viva, Marco Antônio,
filho de vossa irmã.
ANTÔNIO · Não viverá.
Vede: com um risco apenas o despacho.
Mas Lépido, ide até a casa de César
buscar o testamento. Precisamos
fazer nele alguns cortes onerosos.
LÉPIDO · E onde vos encontrar depois? Aqui?
ANTÔNIO · Aqui ou no Capitólio.

(Sai Lépido.)

É um homem fútil e de nulo mérito.
Só serve para dar recados. Justo
vos parece que o mundo dividido,
como vai ser, em três, fique ele sendo
dono de uma das partes?
OTÁVIO · Fazeis dele
esse juízo? No entanto lhe pedistes
a opinião sobre o nome das pessoas
condenadas à morte em nossa lista
negra de proscrições.
ANTÔNIO · Já vi, Otávio,
mais dias do que vós. Se sobre esse homem
acumulamos honras, porque o peso
nos poupemos de fardos infamantes,
ele as carrega tal como ouro o burro,
que geme e sua sob a carga ingente
e é tocado ou levado pela estrada
que bem nos aprouver. Levado todo
nosso tesouro ao ponto que queríamos,
dos fardos o aliviamos e o deixamos
como burro sem carga, porque à solta
as orelhas sacuda e se regale
nas pastagens do Estado.
OTÁVIO · Procedei
como quiserdes; mas é um bom soldado,
valente e experimentado.
ANTÔNIO · Meu cavalo,
Otávio, também o é; por essa causa

shakespearebrasileiro.org

lhe dou sua ração. É uma criatura
que ensinei a brigar, virar depressa,
correr para atacar, parar de chofre,
e cujos movimentos são regidos
pela minha vontade. Em muitas coisas
Lépido é apenas isso. É necessário
adestrá-lo, educá-lo, dirigi-lo;
é um sujeito de espírito acanhado,
que se alimenta só de rebotalhos,
de imitações, apenas, fora de uso,
já bastante surradas, que ele adota
por moda. Só falai a seu respeito
como de um instrumento manejável.
E agora, Otávio, ouvi coisas grandiosas:
Bruto e Cássio aliciam muita gente.
Precisamos opor-lhes resistência
o mais breve possível. Para tanto
assentemos de vez nossas alianças,
conquistemos amigos e ponhamos
de pé todos os meios. Por enquanto,
reunamo-nos, a fim de decidirmos
como contar certos assuntos graves
e a maneira segura de podermos
fazer face aos perigos mais urgentes.

Otávio · Façamos isso, pois nos encontramos
amarrados ao posto e por imigos
numerosos acuados, sem contarmos
que muitos que ora riem, é o que temo,
no coração escondem mil perfídias.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Diante da tenda de Bruto, no acampamento perto de Sardes.
Tambor. Entram Bruto, Lucílio, Lúcio e soldados.
Titínio e Píndaro entram por outro lado.

Bruto · Alto lá!
Lucílio · Dizei a senha e fazei alto!
Bruto · Novidades, Lucílio? Chegou Cássio?
Lucílio · Está à mão, tendo Píndaro chegado
com saudações da parte de seu amo.

(Píndaro entrega a Bruto uma carta.)

Bruto · São oportunos esses cumprimentos.
Vosso amo, Píndaro, ou porque mudasse,
ou por ter sido mal aconselhado,
deu-me razões para querer que muitas
coisas já feitas ainda se encontrassem
por fazer. Mas se perto ele se encontra,
vai explicar-me tudo.
Píndaro · Não duvido
que meu muito nobre amor há de mostrar-se
tal como sempre foi: honrado e digno.
Bruto · Ninguém põe isso em dúvida. Lucílio,
uma palavra, ainda: saber quero
como fostes por ele recebido.
Lucílio · Com cortesia e mostras de respeito,
mas sem aquela familiaridade
e aquele modo cordial e franco
que conosco ele sempre revelara.
Bruto · Descreveste um amigo acalorado
que arrefeceu de todo. Toma nota,
Lucílio: sempre que a amizade adoece,
para acabar sumindo, é inevitável:
lança mão dessas fórmulas forçadas.
Não se coadunam esses artifícios
com a boa fé singela. Mas os homens
pouco sinceros são como ginetes
difíceis de conter, que nos dão mostras
de seu ardor, fazendo muitas voltas.
Mas se as esporas rubras lhes chegamos,
deixam cair a crina e, tal como éguas
de aparência ilusória, a prova perdem.
Os homens dele vêm?
Lucílio · Esta noite
pensam dormir em Sardes. É de Cássio
o comando de quase todo o exército
e da cavalaria.

(Ouve-se música de marcha.)

Bruto · Ei-lo que chega.
Saiamos a encontrá-lo com doçura.

(Entra Cássio com soldados.)

Cássio · Alto lá! Oh!
Bruto · Alto lá! Transmiti ordens às filas!
Primeiro Soldado · Alto!
Segundo Soldado · Alto!
Terceiro Soldado · Alto!
Cássio · Meu nobre irmão, foste comigo injusto.

shakespearebrasileiro.org

Bruto · Julgai-me, oh deuses! Se aos meus inimigos
nunca jamais fiz injustiça alguma,
como admitir que tenha sido injusto
para o meu próprio irmão?
Cássio · A sobriedade,
Bruto, que vos é própria, encobre ofensas;
e quando as praticais...
Bruto · Cássio, acalmai-vos;
exponde com bravura vossas queixas.
Conheço-vos de perto. Não briguemos
ante o conspecto, assim, de nossas forças,
que em nós só devem perceber concórdia.
Mandai que fiquem longe, e em minha tenda,
Cássio, far-me-eis explanação de tudo,
que vos darei ouvidos.
Cássio · Dize, Píndaro,
aos nossos comandantes que removam
daqui de perto as tropas.
Bruto · Lucílio, faze o mesmo; não consintas
que alguém de nossa tenda se aproxime
antes de terminarmos a conversa.
Lúcio e Titínio ficarão de guarda.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Na tenda de Bruto. Entram Bruto e Cássio.

Cássio · Consiste a ofensa em terdes infligido
pena infamante em Lúcio Pela, em vista
de ter sido peitado pelos sardos,
sem levardes em conta minhas cartas
a seu favor, porque eu conheço o homem.
Bruto · A vós mesmo ofendestes, escrevendo-me
a favor dele.
Cássio · Em semelhante tempo
não convém esmiuçar pequenas faltas.
Bruto · Permiti que vos fale com franqueza,
Cássio, mas vos acusam de prurido
nas mãos, de traficardes os empregos
e de vendê-los a sujeitos baixos.
Cássio · Eu, prurido nas mãos? Sabeis que é Bruto
quem fala desse modo; não fora isso,
seria esse o vosso último discurso.
Bruto · A corrupção se sente enobrecida
pelo nome de Cássio; eis o motivo
de esconder o castigo ora a cabeça.
Cássio · O castigo!
Bruto · Recordai-vos de março! Recordai-vos
dos idos desse dia! O grande Júlio
não sangrou com justiça? Que malvado
pôs nele as mãos e o apunhalou, se a causa
justa não defendia? Como! Dá-se
que tenhamos matado o mais notável
homem do mundo, só por haver ele
protegido ladrões, e que ora os dedos
tenhamos de sujar com vis presentes
e de trocar o círculo imponente
de nossa dignidade por uns poucos
tarecos que na mão fechar podemos?
Prefiro ser cachorro e uivar à lua,
a ser romano de tão baixa marca.
Cássio · Bruto, não me irriteis, que o não
suporto.
Esqueceis de quem sois, para tomardes
comigo essa atitude. Sou soldado
mais experimentado e, assim, mais apto
do que vós para impor tais e tais cláusulas.
Bruto · Qual! Não sois nada disso, Cássio.
Cássio · Sou.
Bruto · Afirmo que o não sois.
Cássio · Não me irriteis, que perco o autodomínio.
Pensai na própria vida, desistindo
de me irritar.
Bruto · Retira-te, homem fraco!
Cássio · Como! Será possível?
Bruto · Escutai-me,
pois desejo falar. Terei de o passo
ceder a vossa cólera? Assustar-me,
quando um louco me fixa?
Cássio · Oh deuses! deuses!
Ver-me forçado a suportar tudo isso!
Bruto · Tudo isso? Mais, ainda. Amofinai-vos
até romper-se o coração altivo.
Aos escravos mostrai toda essa cólera;
vossos servos deixai cheios de medo.
Precisarei curvar-me? Estar atento
ao menor gesto vosso? Conservar-me

shakespearebrasileiro.org

de pé, ou rastejar, de acordo sempre
com vossa rabugice? Pelos deuses,
tereis de digerir todo o veneno
de vossa bile, ainda que com isso
venhais a arrebentar. Sim, de hoje em diante
vou divertir-me a vossa custa, rir-me
quando vos vir raivoso.
Cássio · A isto chegamos?
Bruto · Afirmastes que sois melhor soldado.
Pois demonstrai-o, apresentando a prova
de que tem fundamento essa jactância,
que folgarei com isso. Gosto sempre
de aprender algo com pessoas nobres.
Cássio · De todo jeito me ofendestes, Bruto;
de todo jeito. Disse mais antigo
soldado, não melhor. Disse, realmente,
"melhor"?
Bruto · Pouco me importa o que dissestes.
Cássio · César jamais teria tido o ousio
de irritar-me a esse ponto.
Bruto · Calma! Calma!
Vós é que, César vivo, não teríeis
coragem de a tal ponto provocá-lo.
Cássio · Não teria coragem?
Bruto · Não.
Cássio · Como! Não ousaria provocá-lo?
Bruto · Não o ousaríeis, por amor à vida.
Cássio · Não confieis por demais em meu afeto,
que eu posso fazer algo de que venha
depois a arrepender-me.
Bruto · Já fizestes
alguma coisa de que deveríeis
estar arrependido. Não contêm,
Cássio, terror algum vossas ameaças.
De tal modo me ampara a honestidade,
que por mim passam como o vento ocioso,
de que nem me apercebo. Recusastes-me
certa quantia, que mandei privar-vos.
Não sei fazer dinheiro por processos
pouco recomendáveis. Preferira
cunhar oh coração, e todo o sangue,
gota por gota, transformar em dracmas,
a arrancar das calosas mãos dos rústicos,
por processos esconsos, suas tristes
farandolagens. Para o pagamento
de minhas legiões se destinava
quanto então vos pedi e mo negastes.
Era de Cássio tal procedimento?
Teria eu respondido a Caio Cássio
por semelhante modo? Quando Marco
Bruto ficar interesseiro, a ponto
de esconder dos amigos vis moedas,
deixai em forma, oh deuses, vossos raios.
e reduzi-o a nada!
Cássio · Essa quantia,
não vo-la recusei.
Bruto · Sim, recusaste-la.
Cássio · Afirmo-vos que não. Minha resposta
vos foi levada por um mentecapto.
O coração me partiu, Bruto, ao meio.
O amigo sabe desculpar as faltas
de seus amigos; mas as minhas, Bruto
deixa maiores do que são, realmente.
Bruto · Só o fiz depois de lhes sentir o efeito.
Cássio · Afeição não me tendes.
Bruto · Não me agradam
vossos defeitos.
Cássio · Nunca o olhar amigo
deveria enxergá-los.
Bruto · Não os vira
o olhar do adulador, embora fossem
tão grandes quanto o Olimpo.
Cássio · Vinde, Antônio!
Jovem Otávio, vinde, para em Cássio
sozinho, vos vingardes, que ele se acha
enfarado do mundo, estando odiado
por quem tanto e tanto ama, provocado
pelo seu próprio irmão, tratado como
qualquer escravo. Suas faltas todas
são escritas de cor, para me serem
atiradas aos dentes. Oh! Quisera
pelos olhos chorar o próprio espírito!
Eis meu punhal; o peito nu vos mostro,
no qual se encontra um coração mais caro
do que a mina de Pluto, mais valioso
do que o próprio ouro. Sendo tu romano,
arranca-mo do peito. Recusei-te
ouro, mas dou-te o coração em troca.
Fere-o como o fizeste no de César,
porque estou certo de que no auge do ódio
lhe tinhas mais amor do que puderas
em qualquer tempo dedicar a Cássio.
Bruto · Guardai esse punhal; ficai colérico
quanto vos aprouver; sois livre nisso.

shakespearebrasileiro.org

Fazei o que entenderdes; a desonra
será divertimento. Oh Cássio! O jugo
recebestes ao lado de um cordeiro
no qual se contém cólera tal como
fogo na pederneira, que, batida
muitas vezes, revela passageira
faísca e, logo, torna a ficar fria.
CÁSSIO · Terá vivido Cássio apenas para
ser objeto de escárnio e de risada
de seu querido Bruto, quando a mágoa
e os humores revoltos o deixavam
perturbado de todo?
BRUTO · Ao dizer isso,
também tinha os humores revoltados.
CÁSSIO · Concedeis-me esse ponto? Dai-me a mão.
BRUTO · E o coração também.
CÁSSIO · Oh Bruto!
BRUTO · Que houve?
CÁSSIO · Não me tendes amor bastante, para
desculpar-me nas horas em que o gênio
violento que de minha mãe me veio
me faz ficar ingrato?
BRUTO · Tenho, Cássio.
E de ora avante, sempre que com vosso
Bruto vos excederdes, há de Bruto
pensar que é vossa mãe quem deblatera,
e em paz vos deixará.

(Barulho no interior.)

O POETA *(dentro)* · Deixai-me entrar!
Preciso ver os generais! Entre eles
há desacordo. É mal ficarem sós.
LUCÍLIO *(dentro)* ·
É proibida a entrada.
O POETA *(dentro)* · A morte, apenas,
me poderá deter.

(Entra o poeta, seguido de Lucílio, Titínio e Lúcio.)

O POETA ·
Vergonha, generais! Que estais pensando?
Sede amigos; um do outro ficai perto.
Mais anos do que vós já vi, decerto.
CÁSSIO · Ah! Ah! Que rimas péssimas as deste
cínico!
BRUTO · Fora, logo, vagabundo!
Fora, tipo lascivo!
CÁSSIO · Suportai-o,
Bruto, que ele é assim mesmo.
BRUTO · Suportá-lo?
Quando ele conhecer o seu lugar.
Qual é a utilidade, numa guerra,
desses versistas tolos? Fora, bobo!
CÁSSIO · Saí logo! Depressa! Retirai-vos!

(Sai o poeta.)

BRUTO · Vós, Lucílio e Titínio, aos comandantes
dizei que tratem de alojar as tropas,
para a noite passarem.
CÁSSIO · Depois disso,
voltai em companhia de Messala,
o mais presto possível.

(Saem Lucílio e Titínio.)

BRUTO · Uma copa
de vinho, Lúcio.

(Sai Lúcio.)

CÁSSIO · Nunca imaginara
que pudésseis estar tão irritado.
BRUTO · Oh Cássio! Sofro, a um tempo, tantas
dores!
CÁSSIO · Uso algum não fareis dos sãos princípios
que vos são caros, se atenção prestardes
aos males transitórios.
BRUTO · Nenhum homem
suporta a dor como eu. Pórcia está morta.
CÁSSIO · Como! Pórcia?
BRUTO · Morreu.
CÁSSIO · Como escapei com vida, contrariando-vos?
Oh perda comovente e insuportável!
De que morreu?
BRUTO · Da dor de minha ausência
e de pesar por terem aumentado
tanto as forças de Otávio e Marco Antônio.
Recebi a notícia desse fato
ao mesmo tempo que a de sua morte.
Desvairada ficou e, aproveitando-se
de a terem só deixado alguns momentos,
engoliu fogo.
CÁSSIO · E assim morreu?
BRUTO · Morreu.
CÁSSIO · Oh deuses imortais!

(Volta Lúcio, com vinho e tochas.)

BRUTO · Não falemos mais dela. Agora dai-me
uma copa de vinho. Nisto, Cássio,
sepulto todo sentimento baixo.

(Bebe.)

CÁSSIO · O coração sedento se me mostra

shakespearebrasileiro.org

de tão nobre penhor. Enche-me a taça,
Lúcio, até transbordar. Em se tratando
da amizade de Bruto, nunca é muito
quanto eu venha a beber.

(Bebe.)

Bruto · Entrai, Titínio.

(Volta Titínio com Messala.)

Bem-vindo, bom Messala. Ora assentemo-nos
ao pé aqui da tocha e conversemos
sobre as necessidades do momento.

Cássio · Oh Pórcia, já morreste!

Bruto · Não falemos
mais nisso, por obséquio. Bom Messala,
nestas cartas informam-me que Otávio
e Marco Antônio vêm ao nosso encontro
com forças poderosas, e que para
Filipos ora a expedição dirigem.

Messala · Recebi cartas de teor idêntico.

Bruto · Sem mais nenhum acréscimo?

Messala · Fora da lei por editais os pondo,
Otávio, Antônio e Lépido
fizeram perecer cem senadores.

Bruto · Nesse ponto divergem nossas cartas.
As minhas falam de setenta mortos
por essas proscrições; Cícero, um deles.

Cássio · Cícero, um deles!

Messala · Cícero está morto
por proscrição, também. Essas notícias
vos vieram, meu senhor, de vossa esposa?

Bruto · Não, Messala.

Messala · E a seu respeito, nada vos informam?

Bruto · Nada, Messala.

Messala · É extraordinário o caso.

Bruto · Por que perguntais isso? Dizem algo
a seu respeito as vossas?

Messala · Não, senhor.

Bruto · Se sois romano, revelai-me tudo.

Messala · Como romano, então, ouvi a verdade:
morreu, é certo, e por maneira estranha.

Bruto · Nesse caso, adeus, Pórcia! Morreremos
todos, Messala, é certo. O pensamento
de que ela um dia ou outro deveria
também morrer, me dá coragem para
suportar esse golpe.

Messala · É assim que os grandes
homens devem sofrer as grandes dores.

Cássio · Adoto como vós certos princípios;
mas nesse ponto a minha natureza
se confessa impotente.

Bruto · E agora, vivos,
voltemos ao trabalho. Que diríeis
de marcharmos já já para Filipos?

Cássio · Não me parece bem.

Bruto · Vossas razões?

Cássio · É melhor que o inimigo nos procure;
esgotará os recursos, os soldados
se cansarão em prejuízo próprio,
enquanto nós, ficando aqui parados,
estamos descansados, protegidos
e prontos para o embate.

Bruto · As razões boas
devem ceder lugar para as melhores.
De Filipos aqui os moradores
só à força se nos mostram dedicados,
pois as contribuições têm sido dadas
com muito má vontade. Se o inimigo
fizer esse percurso, os efetivos
reforçará, decerto, aqui chegando
com tropas repousadas e acrescidas
e de ânimo elevado. Essas vantagens
ficarão anuladas, se em Filipos
formos fazer-lhe face, atrás deixando
todos os moradores desta zona.

Cássio · Bondoso irmão, ouvi-me.

Bruto · Com licença.
Deveis, ainda, observar que já pusemos
os amigos a provas excessivas;
nossos quadros estão mais do que cheios;
nossa causa, madura. Dia a dia,
reforça-se o inimigo; nós, no ápice,
já atingimos o ponto de descida.
Os negócios humanos apresentam
altas como as do mar: aproveitadas,
levam-nos as correntes à fortuna;
mas, uma vez perdidas, corre a viagem
da vida entre baixios e perigos.
Ora flutuamos na maré mais alta.
Urge, portanto, aproveitar o curso
da corrente, ou perder nossas vantagens.

Cássio · Bem; uma vez que assim quereis, sigamos
para Filipos, que também iremos
encontrar o inimigo nesse ponto.

Bruto · O negrume da noite baixou sobre
nossa conversação, sendo preciso
que a natureza acate as ordens dadas
pela necessidade. Concedamos-lhe

shakespearebrasileiro.org

como sovinas, pois, o modesto óbolo
de um pequeno descanso. Já tratamos
de todos os assuntos?
CÁSSIO · Já. Boa noite.
Levantaremos amanhã bem cedo,
e logo partiremos.
BRUTO · Lúcio!
(Volta Lúcio.)
A toga.
Passai bem, bom Messala. Boa noite.
Titínio. Boa noite e bom repouso,
meu nobre, nobre Cássio.
CÁSSIO · Oh, caro irmão!
Quão triste foi o início desta noite!
Que jamais a discórdia nos divida,
de novo, o coração. Nunca mais, Bruto.
BRUTO · Tudo passou.
CÁSSIO · Boa noite, caro amigo.
BRUTO · Boa noite, mano.
TITÍNIO E MESSALA · General, boa noite.
BRUTO · Boa noite para todos.
(Saem Cássio, Titínio e Messala.)
(Volta Lúcio, com a toga.)
Dá-me a toga.
E o instrumento, onde está?
LÚCIO · Aqui na tenda.
BRUTO · Falas com tanto sono? Pobre criança,
não te culpo; não tens dormido nada.
Vai chamar Cláudio e mais alguns serventes;
dormirão aqui dentro em travesseiros.
LÚCIO · Varro! Cláudio!
(Entram Varro e Cláudio.)
VARRO · Chamaste-nos, senhor?
BRUTO · Por obséquio, dormi dentro da tenda.
Pode dar-se que eu vos acorde, para
mandar algum recado ao mano Cássio.
VARRO · Se for do vosso agrado, não dormimos.
BRUTO · Não; assim, não. Deitai-vos, bons amigos.
Talvez mude de idéia. Olha aqui, Lúcio,
o livro que eu pensava ter perdido.
No bolso o achei da toga.
(Varro e Cláudio deitam-se.)
LÚCIO · Eu bem sabia
que Vossa Senhoria não mo dera.
BRUTO · Sê paciente comigo, bom menino;
estou muito esquecido. Ser-te-á fácil
manter abertas mais alguns instantes
as pálpebras pesadas e uma ou duas
modulações tirar desse instrumento?
LÚCIO · Sim, meu senhor; se for do vosso
agrado.
BRUTO · Perfeitamente, meu menino; faço-te
cansar demais; mas sempre foste dócil.
LÚCIO · É meu dever, senhor.
BRUTO · Mas fora justo que eu não te forçasse
no cumprimento dele. O sangue moço,
sei-o perfeitamente, quer repouso.
LÚCIO · Já passei pelo sono, meu senhor.
BRUTO · Fizeste bem; e vais dormir de novo.
Será por pouco. Caso eu fique vivo,
será bom para ti.
(Música e canto.)
A toada é de pessoa sonolenta.
Oh sono criminoso! A plúmblea clava
deixas cair em cima de meu pajem,
quando ele toca música? Boa noite,
gentil menino. Não serei grosseiro,
fazendo-te acordar. Se cabeceares,
quebrarás o instrumento. Vou tirá-lo.
E agora, meu menino, bom repouso.
E ora vejamos: não tereis deixado
virada a folha onde parei de ler?
Parece que é esta mesma.
(Entra o espectro de César.)
Que luz péssima
a desta vela! Oh! Quem vem lá? Decerto
é a fraqueza da vista que me mostra
tão feia aparição. Vem do meu lado!
És qualquer coisa? Alguma divindade,
algum anjo, talvez, qualquer demônio,
que o sangue, assim, me gela, e me arrepia,
de tal modo, os cabelos? Quem és? Fala!
ESPECTRO · Teu espírito mau, Bruto.
BRUTO · Ao que vens?
ESPECTRO · Dizer-te que em Filipos nos veremos.
BRUTO · Muito bem. Quer dizer que ainda hei de
ver-te?
ESPECTRO · Sim, em Filipos.
BRUTO · Pois que seja! Em Filipos nos veremos.
(Desaparece o espectro.)
Agora que eu estava encorajado,
foi que desapareceste. Mau espírito,
quisera ainda falar contigo um pouco.
Pequeno! Lúcio! Varro! Cláudio! Cláudio!
Senhores, despertai!
LÚCIO · Senhor, as cordas
não estão boas.

shakespearebrasileiro.org

Bruto · Pensa que ainda se acha
a tocar o instrumento. Lúcio, acorda!
Lúcio · Senhor?
Bruto · Sonhaste, Lúcio, para assim gritares?
Lúcio · Se gritei, meu senhor, não sei.
Bruto · Gritaste.
Não viste nada?
Lúcio · Nada, meu senhor.
Bruto · Então dorme de novo, Lúcio. Cláudio!
Companheiro! Desperta!
Varro · Senhor?
Cláudio · Senhor?
Bruto · Por que gritais no sono desse modo?
Varro e Cláudio ·
Nós gritamos, senhor?
Bruto · Gritastes. Vistes,
acaso, alguma coisa?
Varro · Não vi nada,
senhor.
Cláudio · Nem eu, senhor.
Bruto · Recomendai-me, então, ao mano Cássio
e lhe dizei que parta com seus homens
logo que amanhecer, que hei de segui-lo.
Varro e Cláudio ·
Pois não, senhor; dar-lhe-emos o recado.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Planície de Filipos.
Entram Otávio e Antônio, com suas tropas.

Otávio · Agora, Antônio, nossas esperanças
ficaram confirmadas. Afirmastes
que as forças inimigas não viriam
para a planície, preferindo os montes.
Mas o contrário é o que se verifica.
Estão à mão. Aqui mesmo em Filipos
pretendem desafiar-nos, respondendo-nos
antes mesmo de havermos perguntado.
Antônio · Ora devasso-lhes o peito, estando
perfeitamente a par do que pretendem.
Teriam preferido estar algures,
mas descem com bravura temerosa,
imaginando que ante essa manobra
nos dão prova de insólita coragem.
Mas não é isso.

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro · Generais, a postos!
Com bastante ordem o inimigo baixa
o estandarte sangrento solto aos ventos.
Algo terá de acontecer em pouco.
Antônio · Estendei devagar, Otávio, os vossos
homens no lado esquerdo da planície.
Otávio · À esquerda fica tu; eu, do outro lado.
Antônio · Por que me contrariais nesta premência?
Otávio · Não contrario; apenas farei isso.

(Toque de marcha.)

(Tambores. Entram Bruto, Cássio e suas tropas; Lucílio, Messala e outros.)

Bruto · Querem parlamentar; estão parados.
Cássio · Pára, Titínio; vamos para a frente,
a fim de conversá-los.
Otávio · Marco Antônio,
convém dar o sinal para o combate?
Antônio · Não, César; esperemos que comecem.
Adiante! Os generais querem falar-nos.
Otávio · Aguardai o sinal.
Bruto · Palavras, antes; depois, golpe; certo,
concidadãos?
Otávio · Não é por antepormos.
como o fazeis, aos golpes as palavras.
Bruto · Boas palavras valem mais, Otávio,
do que maus golpes.
Antônio · Mas vossos maus golpes,
Bruto, andam sempre com palavras boas,
do que é prova cabal o furo feito
no coração de César, ao dizerdes:
"Salve, César! Que tenhas vida longa!"
Cássio · Antônio, ainda ninguém sabe o alcance
de vossos golpes; mas vossas palavras
as abelhas degradam do próprio Hibla,
sem mel deixando-as.
Antônio · Mas o aguilhão fica.
Bruto · Oh, não! Ficam sem ele e ficam mudas,
que também lhes roubastes o zumbido,
motivo de ameaçardes sabiamente,
quando quereis picar.
Antônio · Não procedestes,
miseráveis, assim, quando as adagas
vis nos flancos de César enterrastes.

shakespearebrasileiro.org

Como monos, os dentes só, mostráveis;
como cães, rastejáveis servilmente,
e, como escravos, vos curváveis todos,
beijando os pés de César, no momento
em que o maldito Casca, como débil
cãozinho, por detrás atingiu César,
em plena nuca. Aduladores todos!
CÁSSIO · Aduladores! Bruto, a vós, apenas,
deveis agradecer esse elogio.
Não nos ofenderia hoje essa língua,
se a voz de Cássio houvesse sido ouvida.
OTÁVIO · Entremos no que importa. Se é verdade
que suamos só de argumentar, a prova
nos fará derramar vermelhas gotas.
Vede:
Contra conspiradores tiro a espada.
Quando julgais que torne a embainhá-la?
Nunca antes de ficarem bem vingadas
as vinte e três feridas do alto César,
ou enquanto não tiver um novo César
acrescentado mais um morticínio
à espada dos traidores.
BRUTO · Nunca, Otávio,
te matarão traidores, se ao teu lado
jamais os consentires.
OTÁVIO · É o que espero;
não nasci para vítima de espada
de Bruto.
BRUTO · Caso fosses o mais nobre
de tua geração, mancebo, nunca
poderias achar tão digna morte.
CÁSSIO · Não merece tanta honra um colegial
petulante, que tem por companheiro
um farsista e um estróina.
ANTÔNIO · O velho Cássio
sempre a falar!
OTÁVIO · Antônio, retiremo-nos.
Traidores, atiramos-vos aos dentes
o desafio. Se hoje, ainda, tiverdes
coragem de lutar, ao campo vinde;
se não, quando julgardes conveniente.
(Saem Otávio e Antônio, com seu exército.)
CÁSSIO · Agora, soprai, ventos! Levantai-vos,
ondas, e nade o barco! A tempestade
se acha desencadeada. Impera o acaso.
BRUTO · Olá!
Lucílio, uma palavra.
LUCÍLIO · Meu senhor?
(Bruto e Lucílio falam à parte.)
CÁSSIO · Messala!
MESSALA · O general chamou-me?
CÁSSIO · Bom Messala,
hoje é o meu natalício; justamente
no dia de hoje Cássio veio ao mundo.
Messala, dá-me a mão. És testemunha
de que é forçado, como o foi Pompeu,
que arrisco numa só batalha todas
as nossas liberdades. De Epicuro,
bem o sabeis, sou fervoroso adepto
e de sua doutrina. Mas agora
mudei de parecer e em parte creio
que pode haver presságios. Quando vínhamos
de Sardes, duas águias vieram pôr-se
no estandarte da frente. Colocadas
aí, avidamente recebiam
alimento das mãos dos nossos homens.
Assim vieram conosco até Filipos.
Mas hoje cedo levantaram vôo
e desapareceram, sobrevoando-nos
as cabeças, não águias, porém corvos,
gaviões e gralhas, que nos olham do alto,
como se presas fôssemos inermes.
Sua sombra parece-se com um pálio
de mau agouro, sob o qual o exército
se ache no ponto de exalar o espírito.
MESSALA · Não deis crédito a isso.
CÁSSIO · Em parte, apenas,
terei de dar, pois sou de ânimo forte
e me acho decidido a enfrentar todos
os perigos com a máxima constância.
BRUTO · Isso mesmo, Lucílio.
CÁSSIO · Agora, muito
nobre Bruto, propícios hoje os deuses
todos nos sejam, para que possamos,
como amigos, em paz, guiar os dias,
até ficarmos velhos. Mas não sendo
segura nunca a sorte dos humanos,
raciocinemos sobre o que nos possa
de pior acontecer. Se acaso viermos
a perder a batalha, não teremos
nenhuma outra ocasião de nos falarmos.
Como pensais agir nessa emergência?
BRUTO · De acordo com os princípios da doutrina
que me levou a censurar Catão
por se ter suicidado. Não consigo
compreender a razão, mas considero

shakespearebrasileiro.org

covarde e vil, apenas pelo medo
do que ainda possa vir a acontecer-nos,
encurtarmos o prazo da existência.
De paciência saberei armar-me,
para esperar alguma providência
do poder que lá do alto nos governa.
Cássio · Sendo assim, se perdermos a batalha,
ficareis satisfeito, quando em triunfo
pelas ruas de Roma vos levarem?
Bruto · Não, Cássio; não. Não penses, como nobre
romano que és, que Bruto possa, um dia,
ser levado em correntes para Roma.
É de espírito altivo. Mas o dia
de hoje irá dar remate ao que nos idos
de março começou. Ignoro se ainda
viremos a encontrar-nos. Despeçamo-nos,
por isso, para sempre. Se de novo
nos virmos, sorriremos. Sendo o oposto,
fazemos bem de assim nos despedirmos.
Cássio · Bruto, adeus para sempre; para sempre.
Realmente, se nos virmos, sorriremos.
Sendo o oposto, foi bom nos despedirmos.
Bruto · Muito bem. Avançai. Oh, se soubéssemos
o fim desta jornada antes do início!
Mas basta que este dia chegue ao término,
que o fim já saberemos. Vamos! Vamos!

(Saem.)

Ato V · Cena II

O mesmo. O campo de batalha.
Alarma. Entram Bruto e Messala.

Bruto · Corre, Messala, corre e entrega a nota às
legiões do outro lado.

(Maior alarma.)

Devem todas
avançar de uma vez, pois noto na ala
de Otávio alguns indícios de tibieza.
Uma arrancada súbita os dispersa.
Corre, Messala; corre! Venham todos!

(Saem.)

Ato V · Cena III

Outra parte do campo de batalha. Alarma.
Entram Cássio e Titínio.

Cássio · Olha, Titínio, aqueles miseráveis
estão fugindo. Eu próprio transformei-me
em imigo dos nossos. Este lábaro
tinha virado as costas; dei a morte
ao poltrão que o levava e o tomei dele.
Titínio · Oh Cássio, Bruto deu o sinal cedo.
Tendo alguma vantagem sobre Otávio,
precipitou-se muito na ofensiva.
Seus soldados entregam-se à pilhagem,
enquanto Antônio, aqui, nos traz cercados.

(Entra Píndaro.)

Píndaro · Senhor, fugi, fugi para mais longe!
Marco Antônio se encontra em vossas tendas.
Nobre Cássio, fugi para mais longe!
Cássio · Desta colina enxerga-se mui longe.
Olha, Titínio, escuta: aquelas tendas
em que percebo fogo são as minhas?
Titínio · Perfeitamente, meu senhor.
Cássio · Titínio,
se me amas, monta em meu cavalo, calca-lhe
as esporas, até que àquelas tropas
te leve e aqui te traga de retorno,
pois saber quero com certeza se elas
são amigas, ou não.
Titínio · Com a rapidez
do pensamento, aqui estarei de novo.

(Sai.)

Cássio · Vai, Píndaro, coloca-te no ponto
mais alto da colina. Minha vista
sempre foi fraca. Observa bem, Titínio,
e dize-me o que vês por todo o campo.

(Píndaro sobe a colina.)

No dia de hoje vim ao mundo; o tempo
já deu a volta. Tenho de finar-me
no ponto da partida. Minha vida
completou o circuito. Olá! Que é que há?
Píndaro *(de cima)* · Oh, meu senhor!

shakespearebrasileiro.org

Cássio · Que novidades há?
Píndaro · Titínio está cercado por guerreiros
de cavalo, que à espora fita o seguem.
Mas das suas também ela faz uso.
Estão quase sobre ele...
Isso, Titínio!
Alguns apearam... Ele também desce...
Foi feito prisioneiro.

(Ouvem-se aclamações.)

Estão contentes.
Cássio · Vem para cá; já chega o que observaste.
Oh, como sou covarde! Viver tanto,
para ver preso meu melhor amigo,
perto dos próprios olhos! Aproxima-te,
rapaz. Foi na guerra contra os partos
que te fiz prisioneiro. Mas deixando-te
com vida, então, juraste-me que havias
de cumprir tudo quanto eu te ordenasse,
fosse o que fosse. Vem; cumpre a palavra.
Livre és daqui por diante, e, fazendo uso
desta excelente espada que nas vísceras
de César penetrou, fere este peito.
Não repliques; segura aqui no punho,
e quando vires que eu cobri o rosto,
tal como o faço agora, empurra a espada.
César, foste vingado, justamente
com a mesma espada que te deu a morte.

(Morre.)

Píndaro · Desse modo ganhei a liberdade;
mas livre não seria, se eu tivesse
podido agir por mim. Oh Cássio! Píndaro
fugirá para longe desta terra,
onde romano algum possa notá-lo.

(Sai.)

(Voltam Titínio e Messala.)

Messala · Uma coisa por outra, simplesmente.
Otávio foi vencido pelas forças
do nobre Bruto, assim como o foi Cássio
pelas legiões de Antônio.
Titínio · Essas notícias
reconfortarão Cássio.
Messala · Onde o deixastes?
Titínio · Nesta colina, de ânimo abatido.
Píndaro, seu escravo, o acompanhava.
Messala · Não será ele que está ali no solo?
Titínio · Parece não ter vida. Oh, coração!
Messala · Não é ele?
Titínio · Era ele, sim, Messala;
Cássio já não existe. Oh sol da tarde!
Do mesmo modo que com raios rubros
somes na noite, o dia, assim, de Cássio
mergulha no seu sangue purpurino.
Entrou o sol de Roma. Nosso dia
já se foi. Nuvens, brumas e perigos
terão de vir. Nossa obra está completa.
Este ato decorreu da desconfiança
de que eu pudesse ser bem-sucedido.
Messala ·
De que ainda haver pudesse bom sucesso.
Oh erro odioso, filho da tristeza!
Por que mostrais ao vivo pensamento
dos homens o que é falso? Muito cedo
concebido, careces sempre e sempre
de um feliz nascimento, pois a morte
da própria mãe engendras.
Titínio · Olá! Píndaro!
Píndaro, onde te encontras?
Messala · Vai em busca
dele, Titínio, enquanto eu vou à procura
do nobre Bruto, para que os ouvidos
lhe fira ante a notícia desta morte.
Sim, digo bem: ferir, pois o aço agudo
e a seta envenenada não seriam
aos ouvidos de Bruto menos gratos
do que a notícia do que estamos vendo.
Titínio · Apressa-te, Messala, que entrementes
vou ver se encontro Píndaro.

(Sai Messala.)

Meu bravo
Cássio, por que mandaste que me fosse?
Amigos teus não eram todos quantos
ao encontro me saíram? Sobre a fronte
não me puseram eles esta bela
coroa da vitória, desejando
que a ti transmitisse? Não ouviste
suas exclamações? Ah, nobre amigo!
Interpretaste mal todas as coisas.
Mas recebe na fronte esta coroa;
teu Bruto me ordenou que ta entregasse.
Executo suas ordens. Vem depressa,
Bruto, certificar-te da maneira
por que honrei Cássio. Desculpai-me, deuses;

shakespearebrasileiro.org

é hábito dos romanos: vamos, gládio
de Cássio, encontra o peito de Titínio.

(Mata-se.)

(Alarma. Volta Messala, com Bruto, o moço Catão, Estrato, Volúmnio e Lucílio.)

Bruto · Messala, onde ficou caído o corpo?
Messala · Ali; Titínio chora ao lado dele.
Bruto · Está de rosto para cima.
Catão · Morto.
Bruto · Júlio César, ainda és poderoso!
Teu espírito vaga pela terra
e faz virar nossas espadas contra
nossas próprias entranhas.

(Alarma ao longe.)

Catão · Valoroso
Titínio! Não foi ele que a coroa
pôs no defunto Cássio?

Bruto · Existirão
dois romanos como estes? Derradeiro
dos romanos, adeus! Não é possível
que de futuro Roma gerar possa
alguém igual a ti. Devo mais lágrimas,
amigos, a este corpo, do que possa
vir a pagar. Mas pouco importa, Cássio;
para isso hei de achar tempo, hei de achar tempo.
Vamos; enviemos para Tasso o corpo.
Não deverão ser feitas as obséquias
em nosso acampamento; poderiam
deixar-nos abatidos. Vem, Lucílio;
jovem Catão, partamos para o campo
de batalha; Labéu e Flávio devem
guiar nossas legiões. Já são três horas.
Tentaremos de novo nossa sorte,
antes que a noite baixe. Vida ou morte!

(Saem.)

Ato V · Cena IV

Outra parte do campo de batalha.
Alarma. Entram, a lutar, soldados dos dois lados; depois, Bruto, o moço Catão, Lucílio e outros.

Bruto · Assim, concidadãos! Coragem! Vamos!
Catão · Quem não terá coragem? Só bastardos
poderiam falhar-nos. Quem me segue?
Por todo o campo de batalha mando
proclamar o meu nome. Ouvi-me! Filho
sou de Marco Catão, imigo acérrimo
dos tiranos, amigo dos romanos.
Sou o filho de Catão!
Bruto · E eu, Marco Bruto!
Marco Bruto! Escutai-me! Bruto! Amigo
de minha pátria. Como a Bruto, ouvi-me!

(Enquanto Bruto sai perseguindo o inimigo, Catão é sobrepujado e cai.)

Lucílio · Oh Catão, nobre e jovem! Já caíste?
Morres como Titínio: bravamente.
Qual filho de Catão, serás honrado.
Primeiro Soldado ·
Rende-te, se não, morres.
Lucílio · Só me rendo
para morrer.

(Oferecendo-lhe dinheiro.)

Toma isto; é o suficiente
para morte me dares imediata.
Mata Bruto e, com isso, fica honrado.
Primeiro Soldado ·
Não devemos fazê-lo; é presa nobre.
Segundo Soldado · Abri caminho! Ide dizer a
Antônio que Bruto caiu preso.
Primeiro Soldado · Vou levar-lhe
a notícia. Mas eis o general.

(Entra Antônio.)

Senhor, prendemos Bruto.
Antônio · Onde está ele?
Lucílio · Em segurança, Antônio; Bruto se acha
salvo em lugar seguro. Uma só coisa
vos posso asseverar: nenhum imigo
jamais prenderá vivo o nobre Bruto.
Os deuses o defendam desse opróbrio.
Onde quer que o encontrardes, vivo ou morto,
igual será a si próprio, igual a Bruto.
Antônio · Não é Bruto esse, amigo; mas garanto-
vos que não é presa de valor somenos.
Guardai este homem em lugar seguro,
dispensando-lhe trato generoso.
Prefiro não ter tais homens como amigos
a tê-los como imigos. Apressai-vos;
ide ver se está Bruto vivo ou morto.
Depois, à tenda me direis de Otávio
como tudo correu.

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena V

Outra parte do campo de batalha.
Entram Bruto, Dardânio, Clito, Estrato e *Volúmnio.*

BRUTO · Vinde, resto minguado dos amigos;
descansai nesta pedra.
CLITO · Houve quem visse
a tocha de Estatílio; no entretanto,
senhor, ele não veio; ou ficou preso,
ou já se encontra morto.
BRUTO · Clito, senta-te.
"Matar" é a senha; o feito está em moda.
Escuta, Clito.
(Fala-lhe ao ouvido.)
CLITO · Que dizeis, senhor?
Não, pelo mundo todo.
BRUTO · Então, caluda!
CLITO · Pretiro suicidar-me.
BRUTO · Ouve, Dardânio.
(Fala-lhe ao ouvido.)
DARDÂNIO · Eu, incumbir-me de tal coisa? Nunca!
CLITO · Oh, Dardânio!
DARDÂNIO · Oh, Clito!
CLITO · Que pedido funesto te fez Bruto?
DARDÂNIO · O de matá-lo. Vê; ele medita.
CLITO · Esse vaso admirável se acha, agora,
tão cheio de amargura, que dos próprios
olhos se lhe transbordam.
BRUTO · Bom Volúmnio,
chega-te para perto; uma palavra.
VOLÚMNIO · Que disse meu senhor?
BRUTO · Isto, Volúmnio:
o espírito de César por duas vezes
me apareceu de noite; em Sardes, uma;
e, na noite passada, aqui nos campos
de Filipos. Minha hora já soou.
VOLÚMNIO · Não é assim, senhor.
BRUTO · É sim, Volúmnio.
Bem vês, Volúmnio, como as coisas correm:
neste combate, nossos inimigos
até a beira do abismo nos trouxeram.
É mais digno de nós saltarmos nele,
do que esperar que venham empurrar-nos.
Meu bondoso Volúmnio, como sabes,
à escola fomos juntos. Ora, em nome
dessa antiga amizade, instante peço-te:
segura-me esta espada, que sobre ela
me precipitarei.
VOLÚMNIO · Isso, senhor,
não é serviço que um amigo faça.
(Alarma ao longe.)
CLITO · Fugi, senhor. Aqui correis perigo.
BRUTO · Adeus a vós, e a vós; e a ti, Volúmnio.
Dormiste, Estrato, quase todo o tempo;
adeus, também, Estrato. Compatriotas,
o coração me salta de alegria
pelo fato de nunca haver achado
ninguém que não me houvesse sido fiel.
Mais glória ganharei nesta jornada
desastrosa, que Otávio e Marco Antônio
hão de alcançar com sua vil conquista.
A vós todos, adeus; pois dentro em pouco
a voz de Bruto acabará sua história.
A noite escura os olhos me recobrem;
já me pedem repouso os lassos ossos,
que só se azafamaram tanto e tanto,
para esta hora alcançarem.
(Alarma. Gritos, dentro: "Fugi todos!")
CLITO · Fugi, senhor!
BRUTO · Depressa! Já vos sigo.
(Saem Clito, Dardânio e Volúmnio.)
Estrato, por obséquio, fica ao lado
de teu amo. És pessoa bem formada;
chispas de honra tens sempre revelado.
Segura-me esta espada e vira o rosto,
porque nela eu me atire. Far-me-ás isso?
ESTRATO · Dai-me, primeiro, a mão. Adeus, senhor.
BRUTO · Adeus, bondoso Estrato.
(Atira-se de encontro à espada.)
César, podes
acalmar-te; contente a morte aceito,
como no instante de ferir-te o peito.
(Morre.)
(Alarma. Retirada. Entram Otávio, Antônio, Messala, Lúcio e o exército.)
OTÁVIO · Quem é este homem?
MESSALA · O criado de meu amo. Onde se
encontra,
Estrato, teu senhor?
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Estrato · Livre dos elos,
Messala, que vos pesam. Cinza, apenas,
poderão fazer dele os vencedores.
Bruto só foi vencido por si mesmo:
ninguém mais se gloria com sua morte.
Lucílio · É assim mesmo que Bruto deveria
ser encontrado. Agradecido, Bruto,
te fico por haveres confirmado
quanto Lucílio disse.
Otávio · A meu serviço
hão de ficar quantos serviram Bruto.
Queres servir-me, amigo, de ora em diante?
Estrato · Se Messala quiser recomendar-me.
Otávio · Fazei isso, Messala.
Messala · Estrato, como pereceu teu amo?
Estrato · A espada eu segurei; jogou-se nela.
Messala · Então, Otávio, aceita-o, que ao meu amo
prestar soube ele o último serviço.

Antônio · Foi o mais nobre dos romanos. Todos
os mais conspiradores, tirante ele,
o feito realizaram por inveja
de César. Bruto, apenas, foi levado
por uma idéia honesta e o bem de todos
a ligar-se aos demais. Era de vida
tranqüila, e os elementos de tal modo
nele vieram a se unir, que a natureza
podia levantar-se e ao mundo inteiro
proclamar: "Eis aqui, de fato, um homem!"
Otávio · De acordo com seu mérito o tratemos,
realizando com o máximo respeito
os ritos funerais. Esta noite
seu corpo ficará na minha tenda
com honras adequadas a um guerreiro.
Mandai tocar repouso para o exército.
Quanto a nós, dividamos com alegria
as glórias deste grande e feliz dia.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Cláudio, Rei da Dinamarca.
Hamlet, filho do defunto Rei e sobrinho do Rei reinante.
Fortimbrás, príncipe da Noruega.
Horácio, amigo de Hamlet.
Polônio, camareiro-mor.
Laertes, seu filho.

Voltimando, Cornélio, Rosencrantz, Guildenstern, Osrico } cortesãos.

Um nobre.
Um padre.

Bernardo, Marcelo } oficiais.

Francisco, soldado.
Reinaldo, criado de Polônio.
Um capitão.
Embaixadores ingleses.
Atores, coveiros.
Gertrudes, Rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet.
Ofélia, filha de Polônio.
Nobres, senhoras, oficiais, soldados, marinheiros, mensageiros e criados.
O espectro do pai de Hamlet.

Cena

Elsinor.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Esplanada do Castelo de Elsinor.
Francisco, de sentinela; Bernardo entra.

BERNARDO · Quem está aí?
FRANCISCO · Não; responda-me; pare e diga o nome.
BERNARDO · Viva o Rei!
FRANCISCO · Bernardo?
BERNARDO · Ele mesmo.
FRANCISCO · Vindes exatamente na vossa hora.
BERNARDO · Meia-noite, Francisco. Vai deitar-te.
FRANCISCO ·
Muito grato vos sou por me renderdes.
Que frio! Chega a doer-me o coração.
BERNARDO · Foi calma a guarda?
FRANCISCO · Não buliu nem rato.
BERNARDO · Então, boa noite.
Se vires por aí Marcelo e Horácio,
dize-lhes que se apressem; estão ambos
escalados comigo.
FRANCISCO · Julgo ouvi-los.
Olá! Não se aproximem. Quem está aí?
(Entram Horácio e Marcelo.)
HORÁCIO · Amigos desta terra.
MARCELO · E súditos do Rei da Dinamarca.
FRANCISCO · Boa noite para todos.
MARCELO · Outro tanto
te desejamos nós, meu bom soldado.
Quem te rendeu na guarda?
FRANCISCO · Foi Bernardo.
Mais uma vez, boa noite.
(Sai.)
MARCELO · Olá, Bernardo!
BERNARDO · Fale. Horácio está aí?
HORÁCIO · Ele em pessoa.
BERNARDO · Bem-vindo, Horácio; salve, bom Marcelo.
MARCELO · E a tal coisa, esta noite apareceu?
BERNARDO · Não vi nada.
MARCELO · Horácio diz que tudo é fantasia;
não quer acreditar no que contamos
sobre a visão que duas vezes vimos.
Por isso, o convidei a vir fazer-nos
companhia nas horas desta noite.
Desta arte ele confirma nossos olhos,
se a aparição voltar, e fala com ela.
HORÁCIO · Qual! Não vem! Não vem nada.
BERNARDO · Bem, sentemo-nos;
renovemos o assalto aos teus ouvidos,
que tão fortes se mostram para a história
do que vimos duas noites.
HORÁCIO · Pois sentemo-nos,
para ouvir a Bernardo sobre o assunto.
BERNARDO · Na última noite,
ao vir iluminar aquela estrela,
que está a oeste do pólo, a parte exata
do céu em que brilha, eu e Marcelo,
ao soar uma hora o sino...
MARCELO · Pára! Não continues; ei-lo de novo.
(Entra o Espectro.)
BERNARDO · Exatamente a forma do Rei morto.
MARCELO · Fala-lhe tu, Horácio, que és instruído.
BERNARDO · Não é igual ao Rei? Vê bem, Horácio.
HORÁCIO ·
Igual; o espanto e o medo me confundem.
BERNARDO · Deseja que lhe falem.
MARCELO · Fala, Horácio.
HORÁCIO · Quem és, que assim usurpas estas horas
da noite e a forma nobre e belicosa
que ostentava, marchando, a majestade
do sepultado Rei da Dinamarca?
Pelo céu, fala; ordeno-te!
MARCELO · Ofendeu-se.
BERNARDO · Vai recuando.
HORÁCIO · Detém-te e fala! Intimo-te!
(Sai o Espectro.)
MARCELO · Foi-se, sem dizer nada.
BERNARDO · Então, Horácio?
Assim tremendo e pálido...
Não é mais do que simples fantasia?
Que pensais de tudo isso?
HORÁCIO · Pelo amor de Deus, teria duvidado,
se a verdade sensível não me viesse
ferir a vista.
MARCELO · Ao Rei se assemelha?
HORÁCIO · Como tu te assemelhas a ti mesmo.
Essas as armas que trazia, quando
derrubou o ambicioso Norueguês;

desse modo franziu o sobrecenho,
depois da discussão, quando no gelo
jogou a resistente machadinha.
É muito estranho.
MARCELO · Por duas vezes, já, nesta hora morta,
passou por nós com o mesmo ar belicoso.
HORÁCIO · Não posso achar explicação; contudo,
de maneira geral, penso que o fato
é indício de algum mal para nós todos.
MARCELO ·
Sentem-se, então, e quem souber nos diga
donde vem fatigarem-se os vassalos
deste reino com guardas rigorosas;
e mais: por que fundir canhões de bronze,
por que tanto armamento do estrangeiro,
por que trabalham tanto os arsenais,
sem das semanas separar os sábados?
Que nos ameaça, para que essa faina
suarenta a noite mude em companheira
de trabalho do dia? Quem me pode
dar disso a explicação?
HORÁCIO · Eu, quero crê-lo.
É o que se fala, ao menos: o defunto
monarca, de quem vimos, ora, a imagem,
foi desafiado, como é bem sabido,
por Fortimbrás, a quem ciumento orgulho
dava ousadia. O nosso bravo Hamlet —
que assim por estes mundos lhe chamavam —
matou o Norueguês, que, por contrato
selado e sancionado pelas normas
da nobreza, legava ao adversário
todos os territórios ocupados,
se a vida a perder viesse na compita.
Nosso Rei, por seu lado, o equivalente
de terras empenhou, que caberiam
a Fortimbrás, no caso de afirmar-se
vitorioso, tal como, pela força
desse artigo, as daquele para Hamlet
foram deixadas. Mas agora o moço
Fortimbrás, ardoroso porém falho
de experiência, alistou pela fronteira
da Noruega, só a preço de comida,
uns tipos corajosos e sem terras,
que antevêem qualquer empresa gorda —
que não é outra, justamente, como
nosso Estado, de há muito, o reconhece —
senão nos constranger pela violência
das armas a entregar-lhes esses domínios
que de seu pai nos vieram. Eis a origem
principal, quero crer, de tanta azáfama,
a causa desta guarda e a maior fonte
da lufa-lufa em que se agita o reino.
BERNARDO ·
É o que eu penso, também; deve ser isso.
É o que explica passar por nossa guarda
semelhante portento sob o aspecto
do Rei que foi e é causa desta guerra.
HORÁCIO ·
O olho da inteligência um argueiro o turva.
Na época mais gloriosa da alta Roma,
pouco antes de cair o grande Júlio,
saíram dos sepulcros os cadáveres
em seus lençóis, gemendo pelas ruas.
Depois, chuviscou sangue, apareceram
manchas no Sol, cometas; e o úmido astro
que tem força no reino de Netuno,
do eclipse padeceu do fim das coisas.
Idênticos sinais de cruéis eventos —
precursores que são sempre dos Fados
e prólogo de agouros iminentes —
enviaram juntamente o céu e a terra
por sobre o nosso clima e nosso povo.
Mas, silêncio! Cautela! Ei-lo que volta.
(Entra o Espectro.)
Vou falar-lhe, ainda mesmo que me mate.
Pára, ilusão! Se tens o uso da fala,
responde-me!
Se é de necessidade fazer algo
de bom, que te alivie e me dê graça,
fala-me!
Se estás a par de algum mal iminente
de tua pátria, e que possa ser desviado,
oh, fala-me!
Ou, ainda, se escondeste sob a terra,
quando vivo, tesouros extorquidos,
razão, se diz, de as almas retornarem.
(Um galo canta.)
Detém-te e fala. Agarra-o bem, Marcelo.
MARCELO · Posso dar-lhe com minha partasana?
HORÁCIO · Se resistir.
BERNARDO · Aqui!
HORÁCIO · Por este lado!
(Sai o Espectro.)
MARCELO · Desapareceu!

shakespearebrasileiro.org

Foi mal de nossa parte, em tanta mostra
de majestade, usarmos de violência.
Como o ar, é invulnerável, não passando
de brincadeira os nossos golpes vãos.
Bernardo · Ia falar; o galo o não deixou.
Horácio · Nesse instante, tremeu como culpado
diante da citação de ruim presságio.
Ouvi dizer que o galo, essa trombeta
da manhã, com sua voz vibrante e clara,
desperta o deus do dia, e que a esse aviso,
quer no mar, quer no fogo, no ar, na terra,
os errantes espíritos retornam
para seus postos, do que temos clara
confirmação em quanto presenciamos.
Marcelo · Quando o galo cantou, desvaneceu-se.
Dizem que quando o tempo se aproxima
de a data festejarmos do natal
do nosso Salvador, essa ave canta
durante toda a noite. Então, espírito
nenhum anda vagante, dizem; todas
as noites são salubres; os planetas
não têm influência, os gnomos, os bruxedos:
tão gracioso é esse tempo e tão sagrado.
Horácio · Ouvi falar, também, e em parte o creio.
Mas vede: a aurora com seu manto rubro
passeia sobre o orvalho além do morro.
Ponhamos fim à guarda. Sou de aviso
que os fatos desta noite os transmitamos
ao moço Hamlet, pois, por minha vida,
esse espírito mudo há de falar-lhe.
Concordais em fazer-lhe esse relato
que o dever e a afeição de nós o exigem?
Marcelo · Façamo-lo, vos peço; eu sei o ponto
em que é fácil falar-lhe esta manhã.

(Saem.)

Ato I · Cena II

Uma sala de recepção no castelo.
Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio, Laertes, Voltimando, Cornélio, nobres e séquito.

O Rei · Conquanto esteja fresca, ainda, a memória
do traspasso de Hamlet, o irmão saudoso,
e chorá-lo devêssemos, contraindo
toda a corte em tristeza o sobrecenho:
tanto a razão se impõe à natureza
que com sábia tristura o relembramos
ao tempo em que pensamos em nós mesmos.
Por isso, à que era nossa irmã, e agora
nossa Rainha, a imperial herdeira
deste reino guerreiro, com alegria,
por bem dizermos, parcialmente frustra,
num dos olhos o choro, no outro o riso,
ledos no funeral, tristes na igreja,
sabendo equilibrar a dor e o encanto,
tomamos como esposa, após ouvirmos
vossos conselhos, sempre e em tudo livres.
Nossos agradecimentos por tudo isso.
Agora Fortimbrás, o moço, como
bem o sabeis, subestimando nossa
força, ou mesmo pensando que o traspasso
de nosso irmão poria o Estado
fora dos eixos, sonha com vantagens
pessoais, não cessando de inquietar-nos
com mensagens que visam a reaver-nos
as terras que seu pai perdeu na luta,
conforme as condições estipuladas
com nosso bravo irmão. Sobre ele, basta.
Passemos a tratar de nós e desta
convocação: é o caso que escrevemos
a Noruega, tio desse moço
Fortimbrás, que, de cama e muito doente,
de certo ignora os planos do sobrinho,
pedindo-lhe intervenha no sentido
de sofrear-lhe o ardor, visto que as levas
e alistamentos estão sendo feitos
nos seus domínios. Daí vos despacharmos,
bom Cornélio, e também vós, Voltimando,
com meu saudar ao velho Norueguês,
sem mais poder pessoal para tratardes
com o Rei, além do que estiver previsto
nas vossas instruções. E agora, adeus;
que a pressa recomende o vosso zelo.
Cornélio e Voltimando · Demonstrá-lo-emos nisto,
como em tudo.
O Rei · Estamos certos disso; passai bem.

(Voltimando e Cornélio saem.)

shakespearebrasileiro.org

Dize agora, Laertes, que pretendes.
Já nos falaste de algo. Que é, Laertes?
Não se dará que percas as palavras,
se falares com senso ao soberano
da Dinamarca. Que nos poderias
pedir, Laertes, que não fosse nossa
dádiva, não pedido de tua parte?
A cabeça não é tão bem casada
com o coração, nem serve a mão à boca
com mais zelo, que ao trono teu bom pai.
Que desejas, Laertes?
Laertes · Real senhor,
permissão de regresso para a França.
Ainda que de bom grado eu tenha vindo
à vossa coroação, confessar devo
que, cumprido o dever, meus pensamentos
e desejos, sujeitos à vossa alta
benevolência, à França me conduzem.
O Rei · Teu pai já o consentiu? Que diz Polônio?
Polônio ·
Sim, milorde, arrancou de mim meu tardo
consentimento à custa de insistência,
tendo eu, por fim, selado seu pedido
com meu custoso "sim". Por isso, peço-vos
consentirdes que volte para a França.
O Rei · Laertes, a hora é boa; usa o teu tempo
e a teu sabor e dotes o aproveita.
E agora, primo Hamlet, primo e filho...
Hamlet *(à parte)* · Parente, mais; querido, muito
menos.
O Rei · Por que sempre o teu rosto com essas
nuvens?
Hamlet · Nem tanto, meu senhor, o Sol me aquece.
A Rainha · Despe-te, bom Hamlet, desse luto,
e deita olhar amigo à Dinamarca.
Não prossigas assim, de olhos caídos,
a procurar teu nobre pai na poeira.
É lei comum, tu o sabes; quantos vivem,
passam da natureza para a vida
da eternidade.
Hamlet · É lei comum, realmente,
minha senhora.
Rainha · Então, se é assim com todos,
que te parece estranho nesse caso?
Hamlet · Não parece, senhora; é. Não conheço
"pareces", boa mãe. Nem esta capa
sombria, nem as vestes costumeiras
de solene cor negra, os tempestuosos
suspiros arrancados do imo peito,
as torrentes fecundas que me descem
dos olhos, o semblante acabrunhado,
nem todas as demais modalidades
da mágoa poderão nunca, em verdade,
definir-me. Parecem, tão-somente,
pois são gestos de fácil fingimento.
Mas há algo dentro em mim que não parece.
Tudo isso é roupa e enfeite do infortúnio.
O Rei · Recomenda-te, Hamlet, a natureza
chorares o teu pai dessa maneira.
Mas, lembra-te: teu pai perdeu um pai,
que o seu, também, perdera. Ao filho vivo
cabe o grato dever de lastimá-lo
por algum tempo. Mas, mostrar tão grande
obstinação no luto, é dar indícios
de teima e de impiedade; é a dor dos fracos;
revela uma vontade ímpia e rebelde,
coração débil, mente anarquizada,
inteligência pobre e sem cultivo.
Se tem de ser assim, tal como as coisas
mais comuns que aos sentidos nos afetam,
para quê nos mostrarmos rigorosos
e pueris? Ora! É ofensa ao próprio céu,
à natureza, aos mortos, mais que absurda
para a razão, cujo princípio básico
é o traspasso dos pais, e que não cessa
de proclamar desde a hora do primeiro
cadáver até o morto deste instante:
Tinha de ser assim. Vamos, te peço,
deixa essa dor estéril e nos trata
como a pai. Sim, que o mundo tome nota:
o mais chegado és tu ao nosso trono.
Não menos generosos sentimentos
dedica ao filho um pai do que os que à tua
pessoa consagramos. Teu desejo
de voltar novamente para a escola
de Vitemberga opõe-se ao nosso alvitre.
Por isso, conjuramos-te a ficares
sob o grato prazer de nossos olhos,
dos nobres o primeiro, primo e filho.
A Rainha ·
Não deixes que tua mãe gaste suas súplicas
em vão, Hamlet. Peço-te ficares
conosco. Não te vás a Vitemberga.
Hamlet · Quanto em mim for, senhora, serei dócil.

shakespearebrasileiro.org

O REI · Isso sim, que é falar sensato e amável.
Sê como nós na Dinamarca. Vamos,
senhora. O voluntário "sim" de Hamlet
sorri-me ao coração. Por isso, os brindes
de hoje de Dinamarca o canhão grande
deverá transmiti-los até as nuvens.
O céu vai repetir, a cada taça
do Rei, trovões da terra. E agora, vamo-nos.
(Saem o Rei, a Rainha, Laertes, Polônio e o séquito.)
HAMLET · Oh, se esta carne sólida, tão sólida,
se esfizesse, fundindo-se em orvalho!
Ou se ao menos o Eterno não houvesse
condenado o suicídio! Oh Deus! Oh Deus!
Como se me afiguram fastidiosas,
fúteis e vãs as coisas deste mundo!
Que horror! Jardim inculto em que só medram
ervas daninhas, cheio só das coisas
mais rudes e grosseiras. Chegar a isso!
Morto há dois meses! Não, nem tanto... Dois?
Um Rei tão bom, que, confrontado com este,
era Apolo ante um sátiro... Tão terno
para a esposa, que ao próprio vento obstava
de bater-lhe no rosto com violência.
Oh céus! Recordá-lo-ei? Pendia dele
como se seus desejos aumentassem
com a saciedade. E um mês depois... Paremos.
Fragilidade, nome de mulher...
Só um mês, sem ter gasto ainda os sapatos
com que o corpo seguiu do meu bom pai,
qual Níobe, só lágrimas. Sim, ela —
Oh céu! Um animal que é destruído
da faculdade da palavra, certo
choraria mais tempo! — desposada!
pelo irmão de meu pai, mas que tem tanto
dele tal como eu de Hércules. Num mês,
antes que o sal das lágrimas tão falsas
secassem de seus olhos tumefeitos
estar ela casada! Oh! pressa iníqua
de subir para o tálamo incestuoso!
Não pode acabar bem... Mas despedaça-te,
coração; é mister ficar calado.
(Entram Horário, Marcelo e Bernardo.)
HORÁCIO · Deus guarde a Vossa Alteza.
HAMLET · Alegra-me rever-te com saúde...
Horácio, se a memória não me falha.
HORÁCIO · O mesmo criado, príncipe, de sempre.
HAMLET · Amigo, amigo; é o nome que eu te dou.
Qual a razão de haveres tu deixado.
Vitemberga?... Marcelo?
MARCELO · Meu bom príncipe...
HAMLET ·
Muito prazer. *(A Bernardo.)* Bons dias. Mas falando
sério, por que deixaste Vitemberga?
HORÁCIO · Simples disposição de um preguiçoso.
HAMLET · Não quisera ouvir isso de teus próprios
inimigos. Por isso, não me faças
ao ouvido a violência de depores
contra ti próprio. Não, não és vadio.
Qual o motivo que a Elsinor te trouxe?
Conosco aprenderás a beber muito.
HORÁCIO · Senhor, os funerais de vosso pai.
HAMLET · Meu caro condiscípulo, não zombes;
creio que vieste para o casamento
de minha mãe.
HORÁCIO · Realmente, foi bem perto.
HAMLET · Economia. Horácio! Os bolos fúnebres
serviram para os frios do esponsório.
Preferira encontrar no céu o inimigo
mais ferrenho, a viver tal dia, Horácio.
Meu pai! Às vezes julgo ver meu pai.
HORÁCIO · Como, senhor?
HAMLET · Com os olhos da alma, Horácio.
HORÁCIO · Vi-o uma vez; um grande Rei, de fato.
HAMLET · Um homem, na acepção lata do termo;
jamais poderei ver alguém como ele.
HORÁCIO · Creio, senhor, que o vi nesta noite
última.
HAMLET · A quem?
HORÁCIO · A vosso pai, senhor.
HAMLET · O Rei meu pai?
HORÁCIO · Prestai-me ouvidos, refreando o espanto
por algum tempo, até que eu vos relate
tal maravilha, sob o testemunho
destes senhores.
HAMLET · Pelo céu, falai.
HORÁCIO · Duas noites a fio estes senhores,
o Bernardo e o Marcelo, quando guarda
montavam, na hora morta da meia-noite,
viram uma figura parecida
com vosso pai, armado da cabeça
até os pés, avançando com postura
lenta e grave. Três vezes pelos olhos
pávidos lhes passou, à só distância
de um bastão de comando. Eles, gelados
pelo medo, ficaram sem ter ânimo
para falar-lhe. O fato me confiaram,

shakespearebrasileiro.org

sob a maior reserva, ainda abalados.
Montei guarda com eles na outra noite...
E eis que na hora indicada, sob a forma
que eles a descreveram, tudo exato,
voltou a aparição... Sim, vosso pai;
conheci-o; estas mãos não se parecem
tanto.
Hamlet · Onde foi tudo isso?
Marcelo · Na esplanada,
senhor, onde ficávamos de guarda.
Hamlet · Falaste-lhe?
Horácio · Falei-lhe, sim, meu príncipe,
mas não me respondeu. Contudo, quis-me
parecer que ele o rosto levantava,
pondo-se em movimento, como prestes
a falar. Mas, nessa hora, cantou o galo.
A esse canto, esgueirou-se ele apressado,
sumindo à nossa vista.
Hamlet · É muito estranho.
Horácio · Por minha vida, príncipe, é a verdade.
Pensamos que o dever nos prescrevia,
dar-vos conta de tudo.
Hamlet · Não vos encubro a minha inquietação.
Montais guarda esta noite?
Marcelo e Bernardo · Sim, alteza.
Hamlet · Tinha armas, o dissestes?
Marcelo e Bernardo · Sim, alteza.
Hamlet · Da cabeça aos pés?
Marcelo e Bernardo · Sim, de alto a baixo.
Hamlet · Então não lhe pudestes ver o rosto.
Horácio · Como não? A viseira estava erguida.
Hamlet · E as feições, carregadas?
Horácio · Expressão mais de dor do que de cólera.
Hamlet · Corado ou pálido?
Horácio · Muito pálido.
Hamlet · E o olhar? Chegou a fitar-vos?
Horácio · Durante todo o tempo.
Hamlet · Desejara tê-lo visto.
Horácio · Sem dúvida, isso havia
de causar-vos profunda admiração.
Hamlet · Muito provavelmente. E demorou-se?
Horácio · O tempo de contar, com certa calma,
até cem.
Marcelo e Bernardo · Muito mais! Muito mais
tempo!
Horácio · Não quando o vi.
Hamlet · E a barba? Era grisalha?
Horácio · Tal como a vi, quando ele ainda era vivo:
negro-prateada.
Hamlet · À noite, eu farei guarda;
talvez ele retorne.
Horácio · É quase certo.
Hamlet · Se ele me aparecer sob a figura
de meu pai, falar-lhe-ei, ainda que o inferno
se me abrisse e mandasse ficar quieto.
Mas peço a todos: se a ninguém falastes
dessa visão, sede discretos nisso.
A qualquer ocorrência desta noite,
trocai sinais apenas, não palavras.
Saberei ser-vos grato. Passai bem.
Na esplanada, entre as onze horas e as doze,
pretendo aparecer.
Todos · Nossos respeitos.
Hamlet · Vosso amor, como o meu. E agora, adeus.
(Horácio, Marcelo e Bernardo saem.)
A sombra de meu pai em armas! Tudo
vai muito mal. Temo qualquer desgraça.
Ah! Quem dera que a noite já chegasse!
Mas até lá, minha alma, sê paciente.
As ações más, embora a terra as cubra,
aos olhos dos mortais não se subtraem.

Ato I · Cena III

Um quarto em casa de Polônio.
Entram Laertes e Ofélia.

Laertes ·
Tudo o que é meu já se acha a bordo; adeus.
Cara irmã, se houver ventos benfazejos
e navios no porto, não te ponhas
a dormir: dá notícias.
Ofélia · E duvida-o?
Laertes · O que respeita a Hamlet, e seu namoro,
toma-o como capricho, simples moda,
violeta que a estação produziu cedo,
passageira e aromosa, não durável,
perfume e refrigério de um minuto,
nada mais.
Ofélia · Nada mais?

shakespearebrasileiro.org

LAERTES · Isso, mais nada.
Nosso corpo, ao crescer, não ganha apenas
volume e músculos; o templo expande-se,
e a par, também, se alarga o espírito e a alma
com seu culto interior. É bem possível
que te ame agora, sem que fraude alguma
lhe macule a virtude do alvedrio.
Mas deves ter cautela, que os de sua
posição não são donos de si mesmos.
Ele é escravo do próprio nascimento;
não pode, como o faz gente do povo,
eleger para si, que dessa escolha
depende a segurança e o bem do Estado.
Daí, necessitar subordiná-la
ao voto e aprovação do corpo, cuja
cabeça ele é. Se te disser que te ama,
cumpre à tua prudência dar-lhe crédito
na medida em que seja permitido
passar do verbo à ação, o que mais longe
não irá do que a voz da Dinamarca.
Pensa na mancha, irmã, para tua honra,
se desses ao seu canto ouvido crédulo
e o coração perdesses, ou se abrisses
o teu casto tesouro aos seus assaltos.
Cuidado, irmã! Cuidado, Ofélia amiga!
Fica na retaguarda dos anseios,
a coberto dos botes dos desejos.
Já prodigalidade é uma virgem
revelar a beleza à própria lua.
Da calúnia a virtude não se livra.
Muitas vezes, o verme estraga as flores
primaveris, bem antes de se abrirem.
No orvalho e na manhã da mocidade
o vento contagioso é mais nocivo.
Sê cautelosa; o medo é amparo certo.
A mocidade é imiga de si mesma.
OFÉLIA · Encerrarei no peito, como guardas,
essas sábias lições. Mas, caro irmão,
não faças como alguns desses pastores
que aconselham aos outros o caminho
do céu, cheio de abrolhos, enquanto eles
seguem ledos a estrada dos prazeres,
sem dos próprios conselhos se lembrarem.
LAERTES · Nada receies; mas é tempo; aí vem nosso pai.

(Entra Polônio.)

Dupla bênção, graça dupla.
O acaso me concede este outro adeus.

POLÔNIO · Ainda aqui, Laertes? Para bordo!
O vento se acha a tergo de tua vela;
já te reclamam. Vai com a minha bênção,
e grava na memória estes preceitos:
Não dês língua aos teus próprios pensamentos,
nem corpo aos que não forem convenientes.
Sê lhano, mas evita abastardares-te.
O amigo comprovado, prende-o firme
no coração com vínculos de ferro,
mas a mão não calejes com saudares
a todo instante amigos novos. Foge
de entrar em briga; mas, brigando, acaso,
faze o competidor temer-te sempre.
A todos, teu ouvido; a voz, a poucos;
ouve opiniões, mas forma juízo próprio.
Conforme a bolsa, assim tenhas a roupa;
sem fantasia; rica, mas discreta,
que o traje às vezes o homem denuncia.
Nisso, principalmente, são pichosas
as pessoas de classe e prol na França.
Não emprestes nem peças emprestado;
que emprestar é perder dinheiro e amigo,
e o oposto embota o fio à economia.
Mas, sobretudo, sê a ti próprio fiel;
segue-se disso, como o dia à noite,
que a ninguém poderás jamais ser falso.
Adeus; que minha bênção tais conselhos
faça frutificar.
LAERTES · Humildemente
me despeço, senhor.
POLÔNIO · O tempo é curto;
vai logo, que os criados já te esperam.
LAERTE · Adeus, Ofélia; guarda o que eu te disse.
OFÉLIA · Guardei-o na memória, e a chave a levas.
LAERTES · Adeus.

(Sai.)

POLÔNIO · Que palavras, Ofélia, ele te disse?
OFÉLIA · Se o permitis, falou de lorde Hamlet.
POLÔNIO · Ah, bem pensado.
Já me disseram que ele te dispensa
alguma intimidade e que tu própria
tens sido liberal em dar-lhe ouvidos.
Se é assim, de fato — o que me revelaram
à guisa de advertência — devo ser-te
franco: não te comportas com a prudência
que compete à minha honra e à minha filha.
Que é que há entre vós dois? Fala a verdade.

shakespearebrasileiro.org

OFÉLIA · Senhor, ultimamente fez-me muitas
propostas de afeição.
POLÔNIO · Ora, afeição!
Falas tal qual mocinha inexperiente
do perigo de certas situações.
E tu? Acreditas em tais propostas?
OFÉLIA · Não sei como pensar, meu pai, sobre isso.
POLÔNIO · Ouve, então: é preciso que não passes
de um bebê, para teres recebido
como moeda corrente essas propostas.
Propõe agora juízo, se não queres —
e a pobre frase o agüenta — para tolo
me propor.
OFÉLIA · Mas senhor, sua insistência
sempre foi de moral honrosa e digna.
POLÔNIO · Moral! Bela expressão. Adiante! Adiante!
OFÉLIA · E ele soube firmar os seus protestos
de amor com os mais sagrados juramentos.
POLÔNIO · Conheço isso; armadilha para tordos.
Sempre que o sangue ferve, à língua os votos
que a alma não regateia vêm e esplendem
com mais luz que calor para extinguirem-se
à só promessa frustros antes do ato.
Não os tomes por fogo. Doravante
restringe a tua virginal presença;
não deves pôr muito elevado preço
nessas propostas, como se ordens fossem
para parlamentar. Enquanto a Hamlet,
confia nele até este ponto: é moço,
sobre dispor de corda bem mais frouxa,
para andar, do que a tua. Em suma, Ofélia,
descrê dos seus protestos; são agentes
que desmentem a cor do hábito externo,
mendigos de desejos inconfessos,
que respiram candura e santidade
para melhor lograrem. Novamente
e em termos simples: doravante proíbo-te
que sejas perdulária de teu ócio,
pondo-te a conversar com lorde Hamlet.
Vê bem que o ordeno. E agora, põe-te a andar.
OFÉLIA · Ser-vos-ei obediente.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

A esplanada.
Entram Hamlet, Horácio e Marcelo.

HAMLET · Que vento forte! O frio é insuportável.
HORÁCIO · E o ar cortante e agitado.
HAMLET · Que horas são?
HORÁCIO · Penso que falta pouco para as doze.
HAMLET · Não; já bateram.
HORÁCIO · Já? Não ouvi; então não falta muito
para que o espectro volte a aparecer-nos.
(Toque de trombetas e tiros de canhão atrás da cena.)
Que significa esse barulho, príncipe?
HAMLET · O Rei está acordado e dá banquete.
Bebe a valer, rodando tudo em torno.
Cada gole de Reno é por trombetas
e timbales marcado, que o triunfo
do brinde lhe proclamam.
HORÁCIO · É costume?
HAMLET · É, de fato.
Mas a meu ver — embora aqui eu tivesse
o berço e a educação — é um desses hábitos
cuja quebra honra mais do que a observância.
Essas orgias torpes nos difamam
de leste a oeste, junto aos outros povos.
Só nos chamam bêbedos, alcunha
que nos deprime, por privar os nossos
empreendimentos, ainda os mais brilhantes,
da essência medular de nosso mérito.
Isso acontece às vezes noutros meios:
se nasce alguém com algum defeito ingênito —
do que não é culpado, porque a origem
para si não escolhe a natureza,
pelo excesso de sangue, que, por vezes,
os fortes da razão e os diques rompem,
ou somente por hábito, que estraga
a moral cotidiana — esse coitado,
que leva pela vida tal defeito,
seja mancha do acaso ou vestimenta
da natureza, embora suas virtudes
sejam tão puras quanto a graça e em número
infinito, no máximo de nossa
capacidade, perde no conceito

shakespearebrasileiro.org

geral por essa falha. A massa nobre
se torna recalcada e diminuída
pelo grão do defeito.

(Entra o Espectro.)

Horácio · Ei-lo, meu príncipe.
Hamlet · Anjos do céu, correi em nosso auxílio!
Quer sejas um bom gênio ou alma penada,
quer tragas ar do céu ou sopro infecto,
quer tenhas intenções ruins ou amoráveis,
tão duvidosa é a forma que assumiste,
que resolvo falar-te. Dou-te o nome
de Hamlet, Rei, meu pai, régio Danês!
Não me deixes em trevas; dize a causa
de teus ossos, que a morte já guardara,
terem rompido o invólucro; o motivo de te haver
o sepulcro, em que te vimos
recolhido, lançado de suas fortes
mandíbulas de mármore. Que pode
significar vestires assim de aço,
para o luar de novo visitares,
tornando a noite hedionda, e a nós, ludíbrio
da criação, abalares deste modo
com pensamentos que ultrapassam muito
o âmbito limitado de nossa alma?
Fala; que é isso? A causa? Que faremos?

(O Espectro faz sinal a Hamlet.)

Horácio · Faz-vos sinal para irde-vos com ele,
como se pretendesse algo dizer-vos
sem testemunhas.
Marcelo · Vede o gosto cortês com que ele indica
que em lugar apartado quer falar-vos.
Não deveis atender.
Horácio · De forma alguma.
Hamlet · Assim, não falará; bem, segui-lo-ei.
Horácio · Ficai, senhor!
Hamlet · De que posso temer-me?
Minha vida? Não vale um alfinete.
Quanto a minha alma, em nada há de ofendê-la,
por ser algo imortal como ele próprio.
Acena-me de novo; vou segui-lo.
Horácio · E se vos arrastar para a água, príncipe,
ou para o pico horrendo do rochedo
que no mar se acha a prumo de sua base,
para assumir, então, forma espantosa
e privar da razão a Vossa Alteza,
levando-vos à insânia? Refleti.
Sem outra qualquer causa, o simples fato
do lugar faz nascer desesperadas
fantasias em todo e qualquer cérebro
que de tão grande altura o mar contemple
e o ouça em baixo rugir.
Hamlet · De novo acena-me.
Caminha! Já te sigo.
Marcelo · Não deves ir, meu príncipe.
Hamlet · Soltai-me.
Horácio · Sede razoável, príncipe: ficai.
Hamlet · Meu destino me chama; é ele que deixa
as menores artérias do meu corpo
com a mesma resistência que a dos músculos
do leão de Neméia.

(O Espectro acena.)

Outro sinal!
Largai-me!

(Desvencilha-se.)

Ou, pelo céu, faço um espectro
do primeiro que ousar ainda deter-me.
Caminha, digo; irei aonde tu fores.

(Saem o Espectro e Hamlet.)

Horácio · O delírio o conduz ao desespero.
Marcelo · Não devíamos ter-lhe obedecido.
Horácio · Sigamo-lo. Que fim vai ter tudo isso?
Marcelo · Algo está a apodrecer na Dinamarca.
Horácio · O céu dará remédio.
Marcelo · Acompanhemo-lo.

(Saem.)

Ato I · Cena V

Outra parte da esplanada.
Entram o Espectro e Hamlet.

Hamlet · Para onde me conduzes? Não darei
mais um passo.
Espectro · Ouve-me!
Hamlet · Isso é o que desejo.
Espectro ·
Já está perto o momento em que é forçoso
que de novo me entregue às labaredas
sulfúreas do tormento.
Hamlet · Pobre espírito!

shakespearebrasileiro.org

Espectro · Não me lastimes; ouve com atenção
o segredo que passo a revelar-te.
Hamlet · Fala, que estou obrigado a dar-te ouvidos.
Espectro · E também a vingar-me, após ouvires-me.
Hamlet · Como!?
Espectro · Sou a alma de teu pai, por algum tempo
condenada a vagar durante a noite,
e de dia a jejuar na chama ardente,
até que as culpas todas praticadas
em meus dias mortais sejam nas chamas,
alfim, purificadas. Se eu pudesse
revelar-te os segredos do meu cárcere,
as menores palavras dessa história
te rasgariam a alma; tornar-te-iam
gelado o sangue juvenil; das órbitas
fariam que saltassem, como estrelas,
teus olhos; o penteado desfar-te-iam,
pondo eriçados, hirtos os cabelos,
como cerdas de iroso porco-espinho.
Mas essa descrição da eternidade
para ouvidos não é de carne e sangue.
Escuta, Hamlet! Se algum dia amaste
teu carinhoso pai...
Hamlet · Oh Deus!
Espectro · Vinga o seu assassínio estranho e torpe.
Hamlet · Assassínio?
Espectro · Sim, assassínio torpe, como todos;
mas esse é estranho, vil e inconcebível.
Hamlet ·
Conta-me, a fim de que eu, com asas rápidas
como a meditação ou os pensamentos
de amor, possa vingar-te.
Espectro · Acho que podes.
Mais lerdo do que a espessa planta
que nas margens do Letes apodrece,
se isso não te abalasse. Escuta, Hamlet!
Contaram que uma cobra me picara,
quando, a dormir, eu no jardim me achava.
Assim, foi ludibriado todo o ouvido
da Dinamarca por uma notícia
falsa de minha morte. Mas escuta,
nobre mancebo! A cobra que peçonha
lançou na vida de teu pai, agora
cinge a coroa dele.
Hamlet · Oh minha alma profética! Meu tio!
Espectro · Sim, esse monstro adúltero e
incestuoso.
Com o feitiço pessoal e com presentes —
oh dotes maus, oh brindes, que tal força
tendes de sedução! — pôde a vontade
da Rainha conquistar, que parecia
tão virtuosa, dobrando-a para o vício.
Que queda, Hamlet!
Do meu amor, que tinha tal pureza
que andava a par com o voto que eu fizera
no nosso casamento — a um miserável
que em confronto comigo nada vale!
Mas se a virtude é firme, ainda que o vício
sob a forma do céu vá cortejá-la,
a luxúria, conquanto a um anjo presa,
num leito celestial cedo se enfara,
sonhando com carniça.
Mas, devagar! Pressinto o ar da manhã.
Serei breve. Ao achar-me adormecido
no meu jardim, na sesta cotidiana,
teu tio se esgueirou por minhas horas
de sossego, munido de um frasquinho
de meimendro e no ouvido despejou-me
o líquido leproso, cujo efeito
de tal modo se opõe ao sangue humano,
que corre pelas portas e caminhos
do corpo, tão veloz como o mercúrio,
fazendo coagular com vigor súbito
o sangue puro e fino, como o leite
quando o ácido o conturba. Assim, comigo:
no mesmo instante impingens me nasceram,
qual se eu fosse outro Lázaro, nojentas,
pelo corpo macio. Adormecido,
desta arte, me privou o irmão, a um tempo,
da vida, da coroa e da Rainha,
morto na florescência dos pecados,
sem óleos, confissão nem sacramentos,
sem ter prestado contas, para o juízo
enviado com o fardo dos meus erros.
É horrível, sim, horrível, muito horrível!
Se sentimento natural tiveres,
não suportes tal coisa. Não consintas
que o leito real da Dinamarca fique
como catre de incesto e de luxúria.
Contudo, se nesse ato te empenhares,
não te manches. Que tua alma não conceba
nada contra tua mãe; ao céu a entrega,
e aos espinhos que o peito lhe compungem.
Deles seja o castigo. E agora, adeus!

shakespearebrasileiro.org

Mostra-me o pirilampo da madrugada;
já seu fogo inativo empalidece.
Adeus, Hamlet! Lembra-te de mim.

(Sai.)

HAMLET ·
Legiões do céu! Oh terra! Que mais, ainda?
Invocarei o inferno? Firme, firme,
coração! Não fiqueis velhos de súbito,
músculos; agüentai-me! Que me lembre
de ti? Sim, pobre espectro, sim, enquanto
tiver sede a memória neste globo
conturbado. Lembrar-me? Sim; das tábuas
da memória hei de todas as notícias
frívolas apagar, as vãs sentenças
dos livros, as imagens, os vestígios
que dos anos e a experiência aí deixaram.
Essa tua ordem, só, há de guardar-se
no volume e no livro do meu cérebro,
sem mais escórias. Sim, pelo alto céu,
oh mulher perniciosa!
Vilão, vilão que ri! Vilão maldito!
Meu canhenho... Preciso tomar nota
que o homem pode sorrir e ser infame.
Sei que ao menos é assim na Dinamarca.

(Escreve.)

Aí vou, meu tio. Agora minha senha
vai ser: Adeus, recorda-te de mim.
Assim jurei.
HORÁCIO *(dentro)* · Milorde Hamlet!
MARCELO *(dentro)* · Príncipe!
HORÁCIO *(dentro)* · Que o céu o ampare.
MARCELO *(dentro)* · Amém.
HORÁCIO · Olá! Olá! Senhor!
HAMLET · Olá, menino! Vem, meu passarinho!

(Entram Horário e Marcelo.)

MARCELO · Que aconteceu, senhor?
HORÁCIO · Que houve, senhor?
HAMLET · Extraordinário!
HORÁCIO · Bom senhor, contai-nos.
HAMLET · Não, que o revelaríeis.
HORÁCIO · Eu, não, senhor; por Deus!
MARCELO · Nem eu, tampouco.
HAMLET · Que julgais? A alma humana poderia
concebê-lo? Jurais não revelá-lo?
HORÁCIO e MARCELO · Pelo céu o juramos, meu
senhor.
HAMLET · Não há em toda a Dinamarca um biltre
que possa ser tratante mais chapado.
HORÁCIO · Não era necessário que nos viesse
do outro mundo um espectro dizer isso.
HAMLET · Está bem, está bem; tendes razão.
Desse modo, sem mais formalidades,
apertemos as mãos e dispersemo-nos.
Vós, para onde os negócios e os pendores
vos levarem — que todos os possuem,
sejam quais forem. — Quanto à minha pobre
parte... Ora vede: vou rezar.
HORÁCIO · São palavras sem nexo, meu senhor.
HAMLET · Em verdade, compunge-me ofender-vos.
De coração.
HORÁCIO · Não há ofensa, príncipe.
HAMLET · Por São Patrício, há ofensa, Horácio,
e grande, quanto à visão de há pouco. Só vos digo
que é um fantasma honesto. Mas, quererdes
saber o que passou entre mim e ele,
não pode ser; sofreai-vos como for.
E agora, bons amigos — sim, que o somos,
companheiros de escola e de caserna —
concedei-me um favor.
HORÁCIO · Que pode ser, meu príncipe? Está feito.
HAMLET · Não contar o que vistes esta noite.
HORÁCIO e MARCELO · Nada diremos.
HAMLET · Bem; então, jurai-o.
HORÁCIO · Sob palavra de honra, serei mudo.
MARCELO · Eu também; sob palavra.
HAMLET · Em minha espada.
HORÁCIO · Já o juramos, senhor.
HAMLET · Bem, mas agora
jurai sobre esta espada.
ESPECTRO *(embaixo)* · Jurai!
HAMLET · Olá, garoto! Estás aí, valente.
Ouvistes que da adega ele nos fala.
Prestai o juramento.
HORÁCIO · Formulai-o.
HAMLET · Jamais falar de quanto presenciastes.
Sobre esta espada.
ESPECTRO *(embaixo)* · Jurai!
HAMLET · Hic et ubique?
Mudemos de lugar. Aqui, senhores.
Ponde as mãos novamente sobre a espada.
Não falareis jamais sobre o que vistes.
Jurai por minha espada.

shakespearebrasileiro.org

ESPECTRO *(embaixo)* · Jurai!
HAMLET · Bravo, velha toupeira! E como furas
a terra, bom mineiro! Ainda mais longe,
meus amigos.
HORÁCIO · Oh dia e noite! É estranho!
HAMLET · Recebamo-lo, então, como a estrangeiro.
Há muita coisa mais no céu e na terra,
Horácio, do que sonha a nossa pobre
filosofia. Vinde novamente.
Jurai de novo, assim Deus vos ajude,
por mais que eu me apresente sob aspecto
extravagante, tal como em futuro
é possível que eu venha a comportar-me,
que jamais — se me virdes alguma hora
cruzar assim os braços, ou a cabeça
sacudir deste jeito, ou dizer frases
sem nexo: "Muito bem", ou "Poderíamos
se o quiséssemos", ou "Vontade tenho
de falar", ou discursos desse gênero —
mostrareis saber algo. Que a divina
Graça e a Misericórdia vos amparem.
ESPECTRO *(embaixo)* · Jurai!
HAMLET · Sossega, alma penada! E agora, amigos
com todo o meu amor me recomendo.
E tudo o que um pobre homem como Hamlet
possa fazer, no empenho de agradar-vos,
não faltará, querendo-o Deus. E vamo-nos.
Peço silêncio; os dedos sobre os lábios.
Dos gonzos saiu o tempo. Maldição!
Ter vindo ao mundo para endireitá-lo!
Partamos juntos. Vamo-nos.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Um quarto em casa de Polônio.
Entram Polônio e Reinaldo.

POLÔNIO · Reinaldo, dá a meu filho este dinheiro,
juntamente com as notas.
REINALDO · Assim farei, senhor.
POLÔNIO · Andarás sabiamente, bom Reinaldo,
antes de visitá-lo, se inquirires.
de sua conduta.
REINALDO · Assim o tencionava.
POLÔNIO · Muito bem dito; muito bem; mas olha:
colhe primeiro informações acerca
dos nossos conterrâneos que se encontram
em Paris: quais os nomes, como vivem,
com quem e quanto gastam. Se notares,
com essa digressão, que eles conhecem
meu filho, chegar-te-ás para mais perto,
de maneira que os toques com as perguntas.
Concede que o conheces vagamente;
por exemplo: o pai dele, alguns amigos,
e a ele em parte. Compreendes, bom Reinaldo?
REINALDO · Pois não; perfeitamente, meu senhor.
POLÔNIO · A ele em parte. Dirás depois: não muito
se é o mesmo que suponho, é um turbulento,
com tais e tais defeitos, e atribui-lhe
quantos te parecer, mas não a ponto
de causar-lhe desonra. Tem cuidado;
somente alguns deslizes, tão-só aqueles
mais da moda e, entre os moços, compatíveis
com a liberdade.
REINALDO · O jogo, por exemplo.
POLÔNIO · Sim; bebidas, esgrima, juras, brigas
e mulheres. Irás até esse ponto.
REINALDO · Mas isso, meu senhor, o mancharia.
POLÔNIO · Não, se tiveres tino em teu ataque.
Não farás dele assunto só de escândalos,
como se fosse dado à incontinência.
Não é isso; retrata-lhe os defeitos,
quais manchas naturais da liberdade,
explosões de um espírito fogoso,
selvajaria, só, de sangue indômito
que investe contra tudo.
REINALDO · Mas, senhor...
POLÔNIO · Por que tudo isso?
REINALDO · É o que eu desejara
saber, meu bom senhor.
POLÔNIO · Eis o meu plano,
e a meu ver o artifício é proveitoso:
se a meu filho imputares essas manchas,
como que provenientes do trabalho,

shakespearebrasileiro.org

toma nota,
teu interlocutor, que irás sondando,
no caso de ao rapaz ter visto nelas,
sem receio de errar, podes crer nisso,
há de logo aderir-te à conseqüência:
"Caro senhor", ou "amigo", ou "cavalheiro",
de acordo com o falar da terra ou o título
da pessoa...
REINALDO · Compreendo, meu senhor.
POLÔNIO ·
Nessa altura, ele faz... ele faz... Que é que eu
estava a dizer? Pela Santa Missa! Queria dizer algo...
Onde foi que eu fiquei?
REINALDO · "Há de logo aderir-te à conseqüência"
e "amigo ou coisa assim" e "cavalheiro".
POLÔNIO · Sim, aderir à conseqüência. Esplêndido!
Adere assim: "Conheço o cavalheiro;
vi-o ontem, ou anteontem, ou em tal dia,
com tais e tais. É certo o que dissestes;
joga muito, embriagou-se de uma feita,
no tênis discutiu", ou, porventura:
"Vi-o entrar uma vez em casa imunda,
videlicet, bordel", e assim por diante.
Agora vê:
a isca da falsidade apanha a carpa
da verdade. Assim nós, os entendidos,
usando de cautela e circunlóquios,
chegamos ao caminho por desvios.
Seguindo os meus conselhos, faze o mesmo
sobre meu filho. Entendes o que eu digo?
REINALDO · Sim, senhor.
POLÔNIO · Que Deus seja contigo; passa bem.
REINALDO · Meu bom senhor!
POLÔNIO · Observa por ti mesmo seus pendores.
REINALDO · É o que farei, senhor.
POLÔNIO · Mas que ele continue com sua música.
REINALDO · Perfeitamente.
POLÔNIO · Adeus.

(Sai Reinaldo.)
(Entra Ofélia.)

OFÉLIA · Oh, meu senhor, causou-me tanto medo!
POLÔNIO · Fala, em nome do céu! Medo por quê?
OFÉLIA · Estava a costurar no quarto, quando,
descomposto, me surge lorde Hamlet,
gibão aberto, sem chapéu, as meias
caídas nos artelhos, e tão branco
quanto a camisa; os joelhos lhe tremiam;
o olhar, tão cheio de piedade, como
vindo do inferno para relatar-me
os eternais horrores. Desse modo
me apareceu.
POLÔNIO · Louco de amor por ti?
OFÉLIA · Não sei, senhor;
mas, em verdade, o temo.
POLÔNIO · Que disse ele?
OFÉLIA · Tomou-me fortemente pelo punho
e afastou-me à distância de seu braço;
depois, com a outra mão por sobre os olhos,
o rosto me fitou, como querendo
desenhá-lo. Algum tempo assim quedou-se.
Por fim, depois de sacudir-me o braço
e menear a cabeça por três vezes,
suspirou tão profundo e tão piedoso,
como a despedaçar-se-lhe a estatura
e finar-se-lhe o ser. Alfim, soltou-me;
e a cabeça virada, parecia
que, sem o uso da vista se orientava,
pois a porta passou sem a ter visto,
em mim o olhar mantendo sempre fixo.
POLÔNIO · Vem comigo; contemos isso ao Rei.
É o delírio do amor, nem mais nem menos,
que com a própria violência se aniquila,
conduzindo a vontade ao desespero
como o não faz outra paixão, de quantas
sob o céu nos afligem. Estou triste.
Não foste áspera com ele ultimamente?
OFÉLIA · Não, meu pai; mas, conforme o
prescrevestes,
lhe devolvi as cartas e neguei-me a recebê-lo.
POLÔNIO · Foi o que o pôs doido.
Pesa-me não o haver considerado
com mais vagar; pensei que era namoro,
e que sua intenção fosse perder-te.
Maldita desconfiança! Em nossa idade
é comum sempre o excesso nos juízos,
como é próprio dos moços carecerem
de discrição. Convém contá-lo ao Rei.
Mor dano colheremos se calarmos,
do que ódio, se esse amor lhe revelarmos.
Vem.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena II

Um quarto no castelo.
Entram Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI · Bem-vindos, Rosencrantz e Guildenstern!
Ainda que desejássemos rever-vos,
a urgência de empregar-vos deu motivo
a este chamado. Certo ouvistes algo
sobre a transformação de Hamlet; assim
lhe chamo, que o exterior dele e o seu íntimo
não são agora os mesmos. Qual a causa,
fora a morte do pai, que o pôs desta arte,
tão alheio a sua própria inteligência,
não a posso saber. Por isso, peço-vos —
já que ambos fostes criados juntos com ele,
tão afins no caráter e na idade —
que vos digneis ficar em nossa corte
por algum tempo, para o distrairdes
com vossa companhia, e também para
investigardes, sempre que possível,
se algo que nos escapa o mortifica,
e que, uma vez sabido, remediemos.
A RAINHA · Tem falado bastante nos senhores.
Não pode haver outras pessoas que ele
tanto aprecie. Se vos for do agrado
mostrar-nos boa vontade e gentileza,
despendendo conosco vosso tempo
para lucro tão-só de nosso anseio,
terá nossa visita prêmio digno
do reconhecimento de um monarca.
ROSENCRANTZ · Está em Vossas Majestades, pelo
jus da soberania, não pedir-nos
favor, mas ordenar-nos, como o queria
vosso augusto prazer.
GUILDENSTERN · Estamos prontos
a obedecer-vos. Tensos até o máximo,
viemos nos pôr aos pés de Vossa Alteza,
para sermos mandados.
O REI · Muito obrigado Rosencrantz, querido
Guildenstern.
A RAINHA · Muito obrigada Guildenstern, querido
Rosencrantz.
É com muito carinho que vos peço
visitardes meu filho, que se encontra
tão mudado. — Um daí sirva de guia
e conduza até Hamlet estes senhores.
GUILDENSTERN · Praza ao céu que lhe seja útil e
grato
nosso auxílio e presença.
A RAINHA · Deus o queira.
(Saem Rosencrantz, Guildenstern e alguns criados.)
(Entra Polônio.)
POLÔNIO · Regressaram contentes da Noruega,
meu bom senhor, os nossos emissários.
O REI · Sempre fostes o pai de boas novas.
POLÔNIO · Não é verdade? Posso assegurar-vos
que eu dedico o dever, assim como a alma,
primeiro a Deus, depois ao meu querido
soberano. E ora penso — salvo se esta
cabeça já não segue como dantes
o rosto da prudência — haver achado
o motivo de estar Hamlet louco.
O REI · Revelai-mo; a notícia me alvoroça.
POLÔNIO · Primeiro os emissários; a notícia
vai ser a sobremesa do banquete.
O REI · Pois faze-lhes as honras e os conduze.
(Sai Polônio.)
Disse, minha querida, haver achado
as origens da doença de teu filho.
A RAINHA · Temo que seja apenas a mais grave:
o traspasso do pai e nosso enlace.
O REI · Sondá-lo-emos.
(Volta Polônio, com Voltimando e Cornélio.)
Bem-vindos, bons amigos.
Dizei-me, Voltimando, o que trouxestes
de nosso irmão Noruega.
VOLTIMANDO · Retribui-vos
cumprimentos e envia-vos saudares.
Mal nos ouviu, mandou suspender todas
as levas do sobrinho, que julgava
serem preparações contra o Polaco,
mas que, certo, depois soube visarem
Vossa Alteza. Indignado com tamanho
desrespeito à sua idade e ao próprio achaque
da velhice, mandou vir Fortimbrás
preso, que lhe obedece prontamente,
e após ser admoestado por Noruega,
promete ao tio que jamais as forças
empregaria contra Vossa Alteza,

shakespearebrasileiro.org

com o que o velho Noruega, jubiloso,
três mil coroas de pensão lhe outorga,
com a permissão de usar contra o Polaco
justamente os soldados alistados,
ao lado do pedido aqui explanado,
(Entrega uma carta.)
de que vos seja grato o livre trânsito
dessas tropas por vosso território
em condições de inteira segurança,
contidas nesta carta.
O REI · Muito bem;
vamos lê-la com a calma necessária,
responder-lhe e pensar sobre a matéria.
Agradecemos vossos bons serviços.
Agora descansai; cearemos juntos.
Bem-vindos ao meu lar.
(Saem Voltimando e Cornélio.)
POLÔNIO · Foi bem solucionada essa pendência.
Meu Rei, minha senhora: pretender
explicar o que seja a majestade
ou o dever, porque o dia é dia e a noite
é noite, e o tempo é tempo, vale o mesmo
que malgastar o dia, a noite e o tempo.
É certo: a concisão é a alma do espírito,
como a prolixidade os seus suportes
e flores exteriores. Vou ser breve.
Vosso filho está louco; sim, é o termo
mais acertado; pois em que consiste
a loucura, senão em sermos loucos?
Que seja.
A RAINHA · Mais matéria, menos arte.
POLÔNIO · Juro que não faço uso de arte alguma.
Que é louco, é certo; é certo e mete pena.
Mete pena ser certo; ruim antítese.
Pois deixemo-la; quero falar simples.
Louco é como lhe chamo; só nos falta
descobrir qual a causa desse efeito,
ou melhor: qual a causa do defeito,
que o efeito defeituoso tem sua causa.
Assim ficou; o resto é como segue.
Considerai:
Tenho uma filha — tenho, enquanto é minha —
a qual, fiel à obediência que me deve,
notai bem, me deu isto. Ora, concluí:
"Ao ídolo de minha alma, à divina e
embelezada Ofélia".
Expressão horrorosa e banal: Embelezada!
Muito banal. Mas
ouvi até o fim:
"Ao seu seio cândido e delicado, estas, etc."
A RAINHA · Hamlet lhe enviou isso?
POLÔNIO · Senhora, mais paciência; direi tudo.
"Duvida da luz dos astros,
de que o Sol tenha calor,
duvida até da verdade,
mas confia em meu amor.
Querida Ofélia: não sou muito forte na contagem
das sílabas: não possuo a arte de medir os meus
suspiros; mas que te amo muitíssimo, infinitamente,
podes crer-me. Adeus. O teu para sempre, querida
menina, enquanto esta máquina lhe pertencer.
Hamlet."
Eis o que minha filha me contou,
por obediência; e mais: suas instantes
declarações, segundo o modo, o tempo
e as oportunidades.
O REI · E ela, como o acolheu?
POLÔNIO · Que pensais, senhor, de mim?
O REI · Que sois pessoa honrada e de confiança.
POLÔNIO · Pois prová-lo-ei. Que havíeis de pensar,
se eu visse alçar o vôo amor tão férvido —
e o percebi, vos digo, antes de minha
filha mo revelar — que pensaríeis,
ou a minha majestade aqui presente,
se eu tivesse servido de carteira
ou pasta de papéis, ou então piscado
ao coração, ficando quieto e mudo,
e indiferente contemplasse o caso?
Que pensaríeis? Não; pus-me em campanha,
e falei deste modo à senhorita:
"Lorde Hamlet está acima de tua esfera;
não pode ser", e dei-lhe bons conselhos
para que ela o evitasse daí em diante,
recusasse recados e presentes.
Pôs-se ela a aproveitar-se dos conselhos,
e ele — para ser breve — repelido,
cai em melancolia a que se segue
jejum, falta de sono, abatimento
e distração. E assim, piorando sempre,
cai na loucura em que ora se debate
e nos punge.
O REI · Pensais, então, seja isso?
A RAINHA · Pode ser; bem plausível.
POLÔNIO · Já aconteceu — anseio por sabê-lo —
ter eu dito: "Tal coisa é deste modo",
que assim não fosse?

O REI · Não, que o saiba.
POLÔNIO *(indicando a cabeça e os ombros)* ·
Arrancai esta destes, se isso é falso.
Pelo rasto descubro onde se encontra
escondida a verdade, ainda que seja
no próprio centro.
O REI · E como comprová-lo?
POLÔNIO · Sabeis que ele passeia horas seguidas
aqui na galeria.
A RAINHA · É hábito seu.
POLÔNIO · Mandarei minha filha vir falar-lhe;
nós ficamos atrás desta cortina.
Observai bem os fatos; se a não ama,
mudai-me da função de conselheiro
para a de carroceiro ou camponês.
O REI · Façamos a experiência.
A RAINHA · Mas vede. Como é triste! O pobrezinho
vem lendo um livro!
POLÔNIO · É urgente; deveis ambos
sair, eu vos suplico. Vou falar-lhe.
(Saem o Rei, a Rainha e os criados.)
(Entra Hamlet, lendo.)
Como passa o meu bom príncipe Hamlet?
HAMLET · Bem, graças a Deus.
POLÔNIO · Conheceis-me, milorde?
HAMLET · Perfeitamente; sois um peixeiro.
POLÔNIO · Eu, não, milorde.
HAMLET · Pois quisera que fôsseis tão honesto.
POLÔNIO · Honesto, príncipe?
HAMLET · Sim, porque do jeito em que o mundo
anda, ser honesto equivale a ser escolhido entre dez
mil.
POLÔNIO · É muito certo isso, príncipe.
HAMLET · Porque, se o sol gera vermes no cadáver de
um cão, carniça muito bela para ser beijada... Não
tendes uma filha?
POLÔNIO · Tenho, milorde.
HAMLET · Então não a deixeis passear ao sol; a
concepção é uma bênção; não porém, como vossa
filha pode conceber. Cuidado, amigo!
POLÔNIO · Que quereis dizer com isso? *(À parte.)*
Sempre com a idéia em minha filha. No entanto,
a princípio não me reconheceu, tendo-me tomado
por um peixeiro. O mal já vai longe. Mas, para ser
franco, na minha mocidade o amor me fez sofrer
bastante. Cheguei quase a esse ponto. Vou falar-lhe
outra vez. Que é que o meu príncipe está lendo?
HAMLET · Palavras, palavras, palavras...
POLÔNIO · A que respeito, príncipe?
HAMLET · Entre quem?
POLÔNIO · Refiro-me ao assunto de vossa leitura,
príncipe.
HAMLET · Calúnias, meu amigo. Este escravo
satírico diz que os velhos têm a barba grisalha, a
pele do rosto enrugada, que dos olhos lhes destilar
âmbar tênue e goma de ameixeira, sobre carecerem
de espírito e possuírem pernas fracas. Mas embora,
senhor, eu esteja íntima e grandemente convencido
da verdade de tudo isso, não considero honesto
publicá-lo; porque se pudésseis ficar tão velho
quanto eu, sem dúvida alguma andaríeis para trás
como caranguejo.
POLÔNIO · *(à parte)* · Apesar de ser loucura, revela
método. Não quereis sair do vento, príncipe?
HAMLET · Entrar na sepultura?
POLÔNIO · Realmente, desse modo sairíeis do
vento. *(À parte.)* Como são agudas, não raro, as suas
respostas! É uma felicidade da loucura, algumas
vezes, felicidade que a razão e o bom senso não
alcançam com a mesma facilidade. Vou deixá-lo,
a fim de arranjar maneira de que se encontre com
minha filha. Meu muito digno senhor, desejo
humildemente pedir permissão para despedir-me.
HAMLET · Pois não; não podeis pedir coisa que eu
cedesse de melhor boa vontade; exceto a vida, exceto
a vida, exceto a vida.
POLÔNIO · Passai bem, meu príncipe.
(Retirando-se.)
HAMLET · Esses velhos cacetes e sem miolo!
(Entram Rosencrantz e Guildenstern.)
POLÔNIO · Procurais lorde Hamlet? Está aqui.
ROSENCRANTZ · Deus vos guarde, senhor.
(Sai Polônio.)
GUILDENSTERN · Nobre senhor...
ROSENCRANTZ · Meu querido príncipe...
HAMLET · Caros amigos! Como passais,
Guildenstern?
Ah, Rosencrantz! Bons amigos, como ides
passando?
ROSENCRANTZ · Como filhos medíocres da terra.
GUILDENSTERN · Felizes por não o sermos em
demasia.
Não somos o botão mais alto do gorro da Fortuna.
HAMLET · Nem a sola de seus sapatos?

shakespearebrasileiro.org

ROSENCRANTZ · Nem isso, príncipe.
HAMLET · Então viveis na zona da cintura, ou no meio de seus favores?
GUILDENSTERN · De fato, vivemos em sua intimidade.
HAMLET · Nas partes secretas da Fortuna? Realmente, é uma meretriz. Que novidades há?
ROSENCRANTZ · Nenhuma, príncipe; a não ser que o mundo se tornou honesto.
HAMLET · Nesse caso, aproxima-se o dia do Juízo. Mas vossa novidade não é verdadeira. Vou interrogar-vos por maneira mais precisa: meus bons amigos, que merecestes da Fortuna, para que ela vos enviasse a esta prisão?
GUILDENSTERN · Prisão, senhor?
HAMLET · A Dinamarca é uma prisão.
ROSENCRANTZ · Nesse caso, o mundo também o é.
HAMLET · E muito boa, com bons tabiques, celas e calabouços, dos quais o pior é a Dinamarca.
ROSENCRANTZ · Não pensamos desse modo, príncipe.
HAMLET · Então, para vós não o será. As coisas, em si mesmas, não são nem boas nem más; é o pensamento que as torna desse ou daquele jeito. Para mim, a Dinamarca é uma prisão.
ROSENCRANTZ · É a vossa ambição que a vê desse modo, tornando-a por demais acanhada para a vossa inteligência.
HAMLET · Oh Deus! Eu poderia ficar preso em uma casca de noz e, ainda assim, considerar-me o Rei de territórios imensos, se não tivesse sonhos maus.
GUILDENSTERN · Semelhantes sonhos, em verdade, já constituem ambição; porque a verdadeira substância da ambição é simplesmente a sombra de um sonho.
HAMLET · O sonho não passa de uma sombra.
ROSENCRANTZ · De fato; para mim, a ambição é de tal modo tênue, que não é mais do que a sombra de uma sombra.
HAMLET · Nesse caso, são corpo nossos mendigos, não passando da sombra de mendigos os nossos monarcas e os heróis festejados. Vamos para a corte? Reconheço que não consigo falar com nexo.
ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN · Estamos ao vosso inteiro dispor.
HAMLET · Não é isso; não pretendo incluir-vos no rol dos meus criados, porque, para falar-vos como homem honesto, estou pessimamente servido. Mas, para ficarmos no caminho trilhado da amizade, que vos trouxe a Elsinor?
ROSENCRANTZ · Fazer-vos uma visita, príncipe; nada mais.
HAMLET · Sou um mendigo que sofre de penúria até de agradecimentos. Contudo, agradeço-vos; com a certeza, meus caros, de que esses agradecimentos já serão caros demais por um real. Não fostes chamados? Viestes de moto próprio? Trata-se de visita espontânea? Vamos, vamos! Sede sinceros comigo; dizei-me a verdade.
GUILDENSTERN · Que poderemos dizer, senhor?
HAMLET · Qualquer coisa, contanto que sirva ao acaso. Fostes chamados; leio em vosso olhar uma espécie de confissão, que a modéstia que vos é própria não consegue mascarar. Sei perfeitamente que o bom Rei e a Rainha mandaram chamar-vos.
ROSENCRANTZ · Com que fim, senhor?
HAMLET · É o que ireis dizer-me. Mas, conjuro-vos pelos direitos de nossa camaradagem, pela consonância da idade, pelas obrigações de nossa sempre comprovada afeição e por tudo de mais caro que pudesse ser invocado por um orador mais convincente do que eu; sede sinceros comigo: fostes ou não fostes chamados?
ROSENCRANTZ · *(à parte para Guildenstern)* · Que dizeis a isso?
HAMLET *(à parte)* · Não vos perca de vista. — Se me tendes amizade, nada de evasivas.
GUILDENSTERN · De fato, príncipe, fomos chamados.
HAMLET · Vou dizer-vos o motivo; desse modo, antecipando-se minhas presunções a vossas declarações, não oscilará no mínimo a discrição que deveis ao Rei e à Rainha. De tempos a esta parte — por motivos que me escapam — perdi toda a alegria e descuidei-me dos meus exercícios habituais. Tão grave é o meu estado, que esta magnífica estrutura, a terra, se me afigura um promontório estéril; este maravilhoso dossel — ora vede — o ar, este excelente firmamento que nos cobre, este majestoso teto, incrustado de áureos fogos, tudo isto, para mim não passa de um amontoado de vapores pestilentos. Que obra-prima, o homem! Quão nobre pela razão! Quão infinito pelas faculdades! Como é significativo e admirável na forma e nos movimentos! Nos

shakespearebrasileiro.org

atos quão semelhante aos anjos! Na apreensão, como se aproxima dos deuses, adorno do mundo, modelo das criaturas! No entanto, que é para mim essa quintessência de pó? Os homens não me proporcionam prazer; sim, nem as mulheres, apesar de vosso sorriso querer insinuar o contrário.

ROSENCRANTZ · Não pensei em semelhante coisa, príncipe.

HAMLET · Então, por que sorristes, quando eu disse que os homens não me proporcionam prazer?

ROSENCRANTZ · Por pensar que, se isso acontece, os atores vão ter uma recepção de quaresma. Apanhamo-los em caminho; vêm para oferecer-vos os seus serviços.

HAMLET · Será bem-vindo o que representa o Rei; Sua Majestade receberá as minhas homenagens; o cavalheiro andante fará uso do florete e do escudo; o amante não suspirará de graça; o caprichoso irá em paz até o fim do seu papel, o bobo fará rir aos que tiverem pulmões que disparem ao menor toque, as damas exporão livremente o seu pensar, para que o verso branco não fique estropiado. Que espécie de atores são eles?

ROSENCRANTZ · Os mesmos de que tanto gostáveis: os atores da cidade.

HAMLET · E por que estão viajando? Se ficassem fixos, só poderiam ganhar, assim na reputação como em vantagens materiais.

ROSENCRANTZ · Penso ser isso resultado da última sedição.

HAMLET · Ainda gozam de conceito igual ao do tempo em que eu estava na cidade?

ROSENCRANTZ · Não tanto, meu senhor.

HAMLET · E qual a causa? Ficaram enferrujados?

ROSENCRANTZ · Não; esforçam-se como de costume; mas apareceu por aí uma ninhada de crianças, uns frangotes que trazem a público todas as particularidades da questão, pelo que são barbaramente aplaudidos. Estão agora em moda, cacarejando de tal maneira nos teatros comuns — como eles lhes chamam — que muita gente de espada receia ir lá, com medo das penas de pato.

HAMLET · Como assim! São crianças? E quem os mantém? Quem lhes paga ordenados? Só exercerão a arte enquanto puderem cantar? Não dirão mais tarde, se se tornarem atores comuns — o que é de presumir, uma vez que lhes faltam maiores cabedais — não dirão que os escritores abusaram deles, fazendo-os declamar contra seu próprio futuro?

ROSENCRANTZ · Em verdade, de parte a parte não tem faltado matéria para brigas, sem que o povo revele escrúpulos em espicaçá-los. Época houve em que a peça nada rendia, se o poeta e o ator não fossem às vias de fato com seus adversários.

HAMLET · É possível?

GUILDENSTERN · Oh! Tem havido grande desperdício de inteligência.

HAMLET · E os meninos, carregaram os louros da vitória?

ROSENCRANTZ · Foi, realmente, o que se deu, milorde; carregaram Hércules e mais o seu fardo.

HAMLET · Não admira; meu tio é Rei da Dinamarca, e aqueles que lhe faziam caretas em vida de meu pai, dão agora vinte, quarenta, cinqüenta, e até cem ducados por seu retrato em miniatura. Por minha vida! Há algo de sobrenatural em tudo isso. Assim pudesse a filosofia descobri-lo.

(Ouve-se toque de clarins.)

GUILDENSTERN · São os atores que chegam.

HAMLET · Senhores, sois bem-vindos a Elsinor. Apertemo-nos as mãos; os cumprimentos e cortesias são as pertenças das boas-vindas. Consenti que vos saúde deste modo, para que minha atitude em relação aos atores — e posso assegurar-vos que vai ser de brilhante aparência — não pareça acolhimento mais afetuoso do que o que vos dispenso. Sois bem-vindos; mas meu tio-pai e minha tia-mãe se enganaram.

GUILDENSTERN · Em quê, senhor?

HAMLET · Eu só fico louco quando o vento sopra de nornoroeste; com vento sul, distingo perfeitamente um falcão de uma garça.

(Entra Polônio.)

POLÔNIO · Meus cumprimentos, senhores.

HAMLET · Escuta, Guildenstern; e tu também; para cada
ouvido um ouvinte: esse bebê grande que estais vendo, ainda não saiu dos cueiros.

ROSENCRANTZ · Nesse caso, voltou a usá-los, porque dizem que a velhice é uma segunda infância.

HAMLET · Sou capaz de adivinhar que vem falar-me dos atores. Tendes razão, senhor; foi justamente na manhã de segunda-feira.

POLÔNIO · Meu senhor, tenho uma notícia a dar-vos.

shakespearebrasileiro.org

HAMLET · Meu senhor, tenho uma notícia a dar-vos: quando Roscius era ator em Roma...
POLÔNIO · Os atores acabam de chegar, príncipe.
HAMLET · Lará, lará...
POLÔNIO · Palavra de honra.
HAMLET · Então, cada um veio montado na sua besta.
POLÔNIO · São os melhores do mundo para tragédia, comédia, história, pastoral, comédia pastoral, pastoral histórica, pastoral trágico-histórica, trágico-cômico-histórica, cenas sem divisão ou poesia sem limite. Para eles, Sêneca não é muito pesado nem Plauto leve demais. São únicos, tanto para ler como no improviso.
HAMLET · Oh Jefté, juiz de Israel, que tesouro possuías!
POLÔNIO · Que tesouro era, príncipe?
HAMLET · Ora...
Tinha uma filha, nada mais,
que ele adorava sobre tudo.
POLÔNIO *(à parte)* · Sempre com minha filha na idéia.
HAMLET · Não tenho razão, velho Jefté?
POLÔNIO · Se me chamais de Jefté, senhor, tenho uma filha a quem adoro sobre todas as coisas.
HAMLET · Não é essa a conseqüência.
POLÔNIO · Qual será, príncipe?
HAMLET · Ora,
A sorte só pôs
o que Deus dispôs.
O resto, sabeis muito bem:
Daí ter-se dado
o que era esperado.
A primeira parte dessa canção de Natal vos informará melhor: mas aí vem vindo o resumo do meu discurso.

(Entram quatro ou cinco atores.)

Bem-vindos, senhores; sois todos bem-vindos. Alegro-me ver-te com saúde. Bem-vindos, bons amigos. Olá, meu velho amigo! Da última vez que te vi, não tinha essas franjas no rosto. Vieste à Dinamarca para pegar-me pela barba? Oh! a minha menina e senhora! Por Nossa Senhora, Vossa Senhoria está mais perto do céu do que da última vez que a vi, a diferença de um chapim. Queira Deus que não tenha acontecido com a voz como com as moedas que são retiradas de circulação, por ficarem rachadas junto da orla. Senhores, sede todos bem-vindos. Façamos, porém, como os falcoeiros franceses, que solam contra tudo o que vêem. Linguagem direta: dei-me uma amostra de vossa arte, um discurso bem patético.
PRIMEIRO ATOR · Qual será, príncipe?
HAMLET · De uma feita ouvi-te declamar um trecho que nunca foi levado à cena, ou, quando muito, uma única vez. Lembra-me perfeitamente; a peça não agradou aos milhões; era caviar jogado ao povo. Mas, segundo o meu modo de ver e o de pessoas, cuja opinião no assunto é mais autorizada do que a minha, era uma peça excelente, com boa disposição de cenas e escrita com tanta sobriedade quanto argúcia. Recorda-me ter ouvido a alguém que os versos não continham nada de picante para torná-los aceitáveis, e que nenhuma expressão traía afetação por parte do autor; o estilo foi qualificado de honesto, tão sadio quanto agradável, e aprazível sem rebuscamentos. Apreciava muitíssimo certa passagem, e fala de Enéias a Dido, especialmente quando ele trata do assassínio de Príamo. Se a tens de memória... Começa pela frase... Espera um pouco... Deixa ver...
Como tigre da Hircânia, o feroz Pirro...
Não, não é isso. Começa com Pirro:
Esse Pirro feroz, que armas trazia
da cor do próprio intenso, igual à noite,
que o envolvia no ventre do cavalo
sinistro e malfadado, a negra forma
com brasões mais sinistros ora cobre:
da cabeça até os pés é todo rubro;
enfeita-o horrendamente o triste sangue
dos pais, das mães, das filhas, dos filhinhos,
ressecado nas ruas abrasadas,
que emprestam uma luz maldita e bárbara
a seus crimes nefandos. A arder de ira,
empastado de sangue coagulado,
os olhos a brilharem quais carbúnculos,
Pirro, o maldito, busca o venerando
Príamo.
Agora prossegue.
POLÔNIO · Por Deus, príncipe; muito bem declamado; boa cadência e discrição.
PRIMEIRO ATOR · Conseguiu por fim achá-lo,
a lutar sem vantagem contra os gregos.
Sua antiquada espada, ao braço infensa,

shakespearebrasileiro.org

fica onde cai, rebelde a seus mandados.
Em duelo desigual, Pirro o acomete;
mas ao simples sibilo de seu gládio,
tomba o velho enervado. Exânime, Ílio
pareceu ressentir-se desse golpe:
dobra até a base o pico de suas chamas,
e com medonho estrondo prende o ouvido
de Pirro. Vede! A espada que já vinha
baixando sobre a cândida cabeça
do venerando Príamo, parece
que o próprio ar a detém: desta arte, Pirro,
qual tirano em pintura, fica imóvel,
como que neutro entre a vontade e o braço,
sem fazer nada.
Mas, tal como pouco antes das tormentas
silêncio em todo o céu, calmas as nuvens,
os ventos sem falar, e a terra embaixo
tão quieta quanto a morte — quanto o raio
de súbito fuzila: assim, depois
da parada de Pirro, a despertada
vingança o compeliu para outros feitos.
Os malhos dos Ciclopes nunca as armas
de Marte percutiram, fabricadas
para ampararem sempre, com tão pouco
remorso, como bate a espada rubra
de Pirro sobre Príamo.
Fortuna! fora, meretriz! Oh deuses
do conselho geral, tirai-lhe a força!
Quebrai pinas e raios de seu carro,
e fazei do alto céu rolar o cubo
para o centro do inferno!

Polônio · Acho muito comprido.

Hamlet · Enviai, então, ao barbeiro, para que a corte juntamente com vossa barba. Continua, peço-te eu; a não ser em farsas ou histórias obscenas, ele adormece logo. Prossegue; cheguemos logo a Hécuba.

Primeiro Ator · Oh! Quem visse a Rainha encapuzada!

Polônio · Não fica mal; Rainha encapuzada; vai muito bem.

Primeiro Ator ·
Descalça corre, as chamas ameaçando;
as lágrimas a cegam; por diadema
cinge apenas um trapo, e, como vestes,
sobre os lombos delgados e sofridos,
um cobertor, às pressas apanhado.
Quem visse tal, como língua envenenada,
acusara a Fortura de traidora.
Mas se os deuses, nessa hora, a contemplassem,
quando ela a Pirro deparou no esporte
maligno de cortar do esposo os membros:
o clamor subitâneo de sua mágoa —
se os mortais não lhe são de todo estranhos —
faria enlanguescer os olhos quentes,
do céu e os próprios deuses se apiedarem.

Polônio · Vede como ele muda de cor e tem os olhos marejados de lágrimas. Não prossigas, peço-te.

Hamlet · Está bem; depois me dirás o resto. Caro senhor, quereis incumbir-vos da hospedagem destes atores? Mas tomai nota: que sejam bem-tratados, porque são o espelho e a crônica resumida da época. Ser-vos-ia preferível um ruim epitáfio depois de morto, a andardes em vida difamados por eles.

Polônio · Pois não, príncipe; hei de tratá-los de acordo com seu merecimento.

Hamlet · Com a breca, homem! Muito melhor! Se fôsseis tratar todas as pessoas de acordo com o merecimento de cada uma, quem escaparia da chibata? Tratai deles de acordo com vossa honra e dignidade. Quanto menor o seu merecimento, maior valor terá a vossa generosidade. Levai-os.

Polônio · Vamos, senhores.

Hamlet · Amigos, acompanhai-o. Amanhã teremos representação.

(Sai Polônio com os atores, com exceção do primeiro ator.)

Ouviste, velho amigo, podes representar a peça "A Morte de Gonzaga"?

Primeiro Ator · Perfeitamente, senhor.

Hamlet · Então será amanhã à noite. E ser-te-á possível, em caso de necessidade, decorar um discurso de doze ou dezesseis linhas, que vou escrever, para insertar na peça? É possível?

Primeiro Ator · Perfeitamente, meu senhor.

Hamlet · Muito bem; acompanha aquele senhor; mas peço-te que não zombes dele.

(Sai o primeiro ator.)

Meus bons amigos, vou deixá-los até a noite. Sois bem-vindos a Elsinor.

Rosencrantz · Meu bom senhor!

(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)

Hamlet ·
Que Deus os acompanhe. Enfim, sozinho!
Que velhaco sou eu, que vil escravo!
Pois não será monstruoso? Este ator pôde,
numa simples ficção, num sonho apenas
de paixão, forçar a alma aos seus preceitos,

shakespearebrasileiro.org

a ponto de fugir-lhe a cor do rosto,
marejarem-lhe os olhos, o conspecto
confundir-se-lhe, a voz tornar-se trêmula,
e toda a compostura conformar-se
às suas influições. Tudo por nada,
por Hécuba!
Que é ele de Hécuba, Hécuba que é dele,
para chorar por ela? Que faria,
se tivesse, como eu, deixas violentas?
Inundara de lágrimas o palco,
rasgara o ouvido a todos com seus gritos;
assombrados deixara os inocentes,
insanos os culpados, confundidos
os ignorantes; sim, deixara atônitos
os sentidos usuais da vista e ouvido.
Ao passo que eu,
um parvo feito só de lama, um néscio,
como um joão-sonhador, sem nenhum plano
de vingança, me calo, quando a vida
preciosa e o trono um Rei a perder veio
por maneira tão bárbara e maldita.
Serei covarde? Quem me lança o apodo
de vilão? a cabeça me abre em duas?
a barba arranca-me e atira-ma no rosto?
puxa-me do nariz? de mentiroso
me acoima até os pulmões? Quem me faz isso?
Ah!
Fora bem feito. E a causa não é outra:
tenho sangue de pombo, o fel me falta
que a opressão torna amarga, ou já teria
dado as entranhas desse escravo a todos
os abutres do céu. Vilão nojento,
sanguinário, traidor, devasso, estéril!
Oh vingança!
Oh! Que grande asno eu sou! Como é ser bravo!
Filho de um pai querido, assassinado,
a quem o inferno e o céu mandam vingar-se,
e aliviar-me a falar como uma simples
meretriz, a insultar como uma criada!
Que vergonha!
Vamos, cabeça, a postos! Tenho ouvido
dizer que os criminosos, quando assistem
a representações, de tal maneira
se comovem com a cena, que confessam
na mesma hora em voz alta seus delitos,
pois embora sem língua, o crime fala
por modo milagroso. Esses atores
irão representar para meu tio
a morte de meu pai. Hei de observar-lhe
os olhos e sondar-lhe a alma até o fundo.
Se se assustar, conheço o meu caminho.
Talvez que o espírito que eu vi não passe
do demônio, que pode assumir formas
atraentes. Sim, talvez mesmo tencione
perder-me, aproveitando-se de minha
melancolia e pouca resistência,
como sói proceder com tais espíritos.
Preciso de razões mais convincentes
do que isso tudo. E a peça é a coisa, eu sei,
com que a consciência hei de apanhar o Rei.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Um quarto no castelo.
Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI · Não tivestes ensejo, na conversa,
de saber o que o pôs nessa desordem
que seus dias de calma tanto abala
com demência inquieta e perigosa?
ROSENCRANTZ · Confessa que se sente perturbado:
mas a causa, persiste em não dizê-la.
GUILDENSTERN · Não o achamos disposto a ser
sondado; com a astúcia da loucura, se esquivava
sempre que pretendíamos levá-lo
a falar de si mesmo.
A RAINHA · Como vos recebeu?
ROSENCRANTZ · Como perfeito cavalheiro.
GUILDENSTERN · Conquanto algo forçado.
ROSENCRANTZ · Avaro em perguntar, mas
respondendo com liberalidade.
A RAINHA · Convidaste-o para algum passatempo?
ROSENCRANTZ ·
Aconteceu, senhora, que encontramos
em caminho uns atores. A notícia,
recebeu-a com mostras de alegria.
Já se acham no palácio. Penso, mesmo,
que vão representar para ele, à noite.

shakespearebrasileiro.org

POLÔNIO · É verdade; pediu-me que falasse
com Vossas Majestades, concitando-vos
a ver e ouvir a peça.
O REI · De todo o coração; muito me alegra
sabê-lo assim disposto.
Continuai, cavalheiros, a animá-lo,
despertando-lhe o gosto para as festas.
ROSENCRANTZ · Pois não, senhor!
(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)
O REI · Doce Gertrudes, deixa-nos;
mandamos vir secretamente a Hamlet,
para que ele se encontre com Ofélia,
como por acidente.
Eu e seu pai, legítimos espias,
vendo sem sermos vistos, poderemos
avaliar do encontro imparcialmente
e concluir, do seu procedimento,
se é amor, em verdade, ou se outra é a causa
que o faz sofrer assim.
A RAINHA · Já me retiro.
No que te toca, Ofélia, só desejo
que seja a tua beleza a feliz causa
da loucura de Hamlet, pois espero
que tua virtude o leve à trilha antiga,
para honra de ambos.
OFÉLIA · Eu, de mim, o espero,
também, minha senhora.
(Sai a Rainha.)
POLÔNIO · Chega, Ofélia,
para aqui... Majestade, ora busquemos
nosso lugar. E tu, lê neste livro:
a leitura pretexto será para
tua solidão. Freqüentes vezes somos
passíveis de censura, pois abundam
provas sobre isso, de que com bondade
simulada e ações pias conseguimos
tornar açucarado o próprio diabo.
O REI *(à parte)* · Quão verdadeiro! Como essas
palavras me chicoteiam fundo a consciência!
O rosto rebocado das rameiras
não é mais feio, sob a artificial
beleza, do que a minha ação debaixo
do verniz com que a enfeitam meus discursos.
Oh fardo horrível!
POLÔNIO · Ei-lo que chega, meu
senhor; saiamos.
(O Rei e Polônio saem.)
(Entra Hamlet.)

HAMLET ·
Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais
nobre para a alma: suportar os dardos
e arremessos do fado sempre adverso,
ou armar-se contra um mar de desventuras
e dar-lhes fim tentando resistir-lhes?
Morrer... dormir... mais nada... Imaginar
que um sono põe remate aos sofrimentos
do coração e aos golpes infinitos
que constituem a natural herança
da carne, é solução para almejar-se.
Morrer... dormir... dormir... Talvez sonhar...
É aí que bate o ponto. O não sabermos
que sonhos poderá trazer o sono
da morte, quando alfim desenrolarmos
toda a meada mortal, nos põe suspensos.
É essa idéia que torna verdadeira
calamidade a vida assim tão longa!
Pois quem suportaria o escárnio e os golpes
do mundo, as injustiças dos mais fortes,
os maus-tratos dos tolos, a agonia
do amor não retribuído, as leis amorosas,
a implicância dos chefes e o desprezo
da inépcia contra o mérito paciente,
se estivesse em suas mãos obter sossego
com um punhal? Que fardos levaria
nesta vida cansada, a suar, gemendo,
se não por temer algo após a morte —
terra desconhecida de cujo âmbito
jamais ninguém voltou — que nos inibe
a vontade, fazendo que aceitemos
os males conhecidos, sem buscarmos
refúgio noutros males ignorados?
De todos faz covardes a consciência.
Desta arte o natural frescor de nossa
resolução definha sob a máscara
do pensamento, e empresas momentosas
se desviam da meta diante dessas
reflexões, e até o nome de ação perdem.
Mas, silêncio! Aí vem vindo a bela Ofélia.
Em tuas orações, ninfa, recorda-te
de meus pecados.
OFÉLIA · Como tem passado,
príncipe, no correr de tantos dias?
HAMLET · Muitíssimo obrigado; bem, bem, bem.
OFÉLIA · Tenho algumas lembranças suas, príncipe,
que há muito devolver eu desejara;
receba-as, por favor.

HAMLET · Eu, não; eu, não;
eu nunca te dei nada.
OFÉLIA · O príncipe bem sabe que é verdade,
e com palavras de tão doce anélito,
que o valor dos presentes aumentava.
Mas, evolado o aroma, agora os trago.
Os brindes se empobrecem, para uma alma
bem-nascida, de par com os sentimentos
de quem os dá. Ei-los aqui, meu príncipe.
HAMLET · Ah! Ah! És honesta?
OFÉLIA · Como assim, príncipe?
HAMLET · És bela?
OFÉLIA · Que quer dizer Vossa Alteza com isso?
HAMLET · É que se fores, a um tempo, honesta
e bela, não deves admitir intimidade entre a tua
honestidade e a tua beleza.
OFÉLIA · Mas, príncipe, poderá haver melhor
companhia para a beleza do que a honestidade?
HAMLET · Realmente, que a beleza, com o seu
poder, levaria menos tempo para transformar a
honestidade em alcoviteira do que esta em modificar
a beleza à sua imagem. Já houve época em que
isso era paradoxo; mas agora o tempo o confirma.
Cheguei a amar-te.
OFÉLIA · Em verdade, o príncipe me fez acreditar
nisso.
HAMLET · Não deverias ter-me dado crédito, porque
a virtude não pode enxertar-se em nosso velho
tronco, sem que deste não remanesça algum travo.
Nunca te amei.
OFÉLIA · Tanto maior é a minha decepção.
HAMLET · Entra para um convento. Por que hás de
gerar pecadores? Eu, de mim, considero-me mais
ou menos honesto, mas poderia acusar-me de tais
coisas, que teria sido melhor que minha mãe não me
houvesse dado à luz. Sou orgulhoso, vingativo, cheio
de ambição, e disponho de maior número de delitos
do que de pensamentos para vesti-los, imaginação
para dar-lhes forma, ou tempo para realizá-los. Para
quê rastejarem entre o céu e a terra tipos como eu?
Todos somos consumados velhacos; não deves
confiar em ninguém. Toma o caminho do convento.
Onde se encontra teu pai?
OFÉLIA · Em casa, alteza.
HAMLET · Que lhe fechem as portas, a fim de
impedirem que faça papel de tolo, a não ser em sua
própria casa. Adeus.
OFÉLIA · Ajuda-o, céu de bondade.
HAMLET · Se tiveres de casar, dou-te por dote a
seguinte maldição: ainda que sejas casta como o gelo
e pura como a neve, não escaparás à calúnia. Vai;
entra para o convento; adeus. Ou então, se tiveres
mesmo de casar, escolhe um néscio para marido,
porque os assisados sabem perfeitamente em que
monstros as mulheres os transformam. Para o
convento, vai; e isso depressa. Adeus.
OFÉLIA · Poderes celestiais, restituí-lhe a razão!
HAMLET · Conheço muito bem vossas pinturas;
Deus vos deu um rosto e arrumais outro; andais
aos pulinhos e com requebros, falais cheias de
esses e dais nomes indecentes às criaturas de Deus,
fazendo vossa leviandade passar por inocência. Vai;
não insisto, porque foi isso que me deixou louco. O
que digo é que não teremos casamentos; os que já
são casados, com exceção de um, hão de continuar
vivos; os demais, prosseguirão como estão. Para o
convento: vai!

(Sai.)

OFÉLIA · Que nobre inteligência assim perdida!
O olho do cortesão, a língua e o braço
do sábio e do guerreiro, a mais florida
esperança do Estado, o próprio exemplo
da educação, o espelho da elegância,
o alvo dos descontentes, tudo em nada!
E eu, a mais desgraçada das mulheres,
que saboreei o mel de suas juras
musicais, ter de ver essa admirável
razão perder o som, qual sino velho,
essa forma sem par, a flor da idade,
fanada pela insânia! Oh dor sem fim!
Ter já visto o que vi, e vê-lo assim!

(Entram o Rei e Polônio.)

O REI · Qual amor! Sua doença não vem disso.
Depois, o que ele disse, ainda que estranho,
não parece loucura. Na alma dele
algo a melancolia está chocando;
e não duvido que o produto possa
causar algum perigo, que é preciso
prevenir. Daí eu ter nisto assentado
depressa: mandá-lo-ei sem mais delongas
à Inglaterra, a cobrar velhos tributos.
É possível que o mar, o novo clima
e a diferença dos objetos venham
a libertá-lo dessa qualquer coisa

shakespearebrasileiro.org

com que o cérebro dele se preocupa,
alheando-o de si mesmo. Que pensais?
Polônio · Há de ganhar com isso; porém creio
que a origem e o começo da tristeza
vêm de amor desprezado. Então, Ofélia?
Não precisas falar de lorde Hamlet;
ouvimos tudo. Procedei, senhor,
como entenderdes; mas, se achardes útil,
fazei que ele se encontre com a Rainha
depois da peça, para, a sós, falar-lhe
sobre o que o traz assim. E que ela seja
franca. Eu, de mim, se o consentis, me ponho
a ouvi-los escondido. Se ela nada
conseguir, enviá-lo-ei sem mais demora
para a Inglaterra, ou então mandareis pô-lo
onde quer que a prudência vos indique.
O Rei · Far-se-á dessa maneira. É sempre ousada
a loucura dos grandes não vigiada.

(Sai.)

Ato III · Cena II

Entram Hamlet e alguns atores.

Hamlet · Tem a bondade de dizer aquele trecho do jeito que eu ensinei, com naturalidade. Se encheres a boca, como costumam fazer muitos dos nossos atores, preferira ouvir os meus versos recitados pelo pregoeiro público. Não te ponhas a serrar o ar com as mãos, desta maneira; sê temperado nos gestos, porque até mesmo na torrente e na tempestade, direi melhor, no turbilhão das paixões, é de mister moderação para torná-las maleáveis. Oh! Dói-me até o fundo da alma ver um latagão de cabeleira reduzir a frangalhos uma paixão, a verdadeiros trapos, trovejar no ouvido dos assistentes, que, na maioria, só apreciam barulho e pantomima sem significado. Dá gana de açoitar o indivíduo que se põe a exagerar no papel de Termagante e que pretende ser mais Herodes do que ele próprio. Por favor, evita isso.
Primeiro Ator · Vossa Alteza pode ficar tranqüilo.
Hamlet · Também não é preciso ser mole demais; que a discrição te sirva de guia; acomoda o gesto à palavra e a palavra ao gesto, tendo sempre em mira não ultrapassar a modéstia da natureza, porque o exagero é contrário aos propósitos da representação, cuja finalidade sempre foi, e continuará sendo, como que apresentar o espelho à natureza, mostrar à virtude suas próprias feições, à ignomínia sua imagem e ao corpo e idade do tempo a impressão de sua forma. O exagero ou o descuido, no ato de representar, podem provocar riso aos ignorantes, mas causam enfado às pessoas judiciosas, cuja censura deve pesar mais em tua apreciação do que os aplausos de quantos enchem o teatro. Oh! já vi serem calorosamente elogiados atores que, para falar com certa irreverência, nem na voz, nem no porte mostravam nada de cristãos, ou de pagãos, ou de homens sequer, e que de tal forma rugiam e se pavoneavam, que eu ficava a imaginar terem sido eles criados por algum aprendiz da natureza, e pessimamente criados, tão abominável era a maneira por que imitavam a humanidade.
Primeiro Ator · Quero crer que entre nós tudo isso está bem modificado.
Hamlet · Faze uma reforma radical! Que os truões não digam mais do que o que lhes compete, pois há deles que vão a ponto de rir, somente para provocarem riso aos parvos, até mesmo em passagens com algo merecedor de atenção. É vergonhoso, sobre revelar ambição estúpida por parte de quem se vale de semelhante recurso. Vai aprontar-te.

(Entram Polônio, Rosencrantz e Guildenstern.)

Então, senhor, o Rei irá ouvir a nossa peça?
Polônio · E a Rainha também, sem nenhum atraso.
Hamlet · Nesse caso, apressai os atores.

(Sai Polônio.)

Não poderíeis ajudá-lo nessa tarefa?
Rosencrantz e Guildenstern · Com todo o gosto meu príncipe.
Hamlet · Olá, Horácio!

(Entra Horácio.)

Horácio · Aqui me tendes, senhor, às vossas ordens.
Hamlet · Horácio, és a pessoa mais talhada

shakespearebrasileiro.org

para meu companheiro e confidente.
HORÁCIO · Meu príncipe...
HAMLET · Não penses que é lisonja.
Que fora de esperar que me emprestasses,
se só tens como renda a tua alma grande,
que te veste e alimenta? Por que a um pobre
lisonjear? Não; a língua açucarada
lambe as pompas estúpidas; os gonzos
moles dos joelhos dobram-se onde lucros
advêm do rastejar. Estás me ouvindo?
Dês que minha alma cara foi senhora
de julgar as pessoas, escolheu-te
para si própria, pois tens sido um homem
que mostra não sofrer, sofrendo muito,
que aceita indiferente bens e males
do destino. Abençoado quem revela
tal mistura de sangue e julgamento,
e por isso jamais pode ser pífaro
com que a Fortuna se divirta. Mostra-me
o homem liberto das paixões; pô-lo-ei
no coração, no próprio coração
do coração, tal como o fiz contigo.
Mas basta. Hoje há espetáculo ante o Rei,
com uma cena igual às circunstâncias
da morte de meu pai, como eu te disse.
Quando chegar essa passagem, peço-te
que com todas as forças de tua alma
observes a meu tio. Se seu crime
não se manifestar ante um discurso,
é que era alma penada o que nós vimos
e mais negras as minhas fantasias
que a forja de Vulcano. Observa-o bem.
Hei de os olhos cravar-lhe no semblante;
juntaremos depois nossos juízos
para julgar-lhe o aspecto.
HORÁCIO · Bem, meu príncipe;
se algo ele surrupiar durante a cena
e conseguir fugir, pago o prejuízo.
HAMLET · Já vêm chegando; é urgente disfarçarmos;
vai para o teu lugar.

(Marcha dinamarquesa; clarins. Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e outras pessoas.)

O REI · Como vive o nosso primo Hamlet?
HAMLET · Otimamente, na verdade; da comida
dos camaleões; alimento-me de ar e entupo-me
com promessas. Desse jeito não podereis engordar
capões.
O REI · Nada tenho que ver com semelhante
resposta, Hamlet; essas palavras não me dizem
respeito.
HAMLET · E já agora, nem a mim, também. *(A Polônio.)* Já representastes uma vez na Universidade, não mo dissestes?
POLÔNIO · É certo, príncipe; e fui considerado bom ator.
HAMLET · E que representastes?
POLÔNIO · Júlio César; era assassinado no Capitólio; Bruto me matava.
HAMLET · Bem bruto era ele, para matar um bezerro capital desse porte. Os atores estão prontos?
ROSENCRANTZ · Estão, príncipe; aguardam apenas vossas ordens.
A RAINHA · Vem para o meu lado, querido Hamlet; senta-te perto de mim.
HAMLET · Não, minha mãe; o ímã deste metal tem mais poder.
POLÔNIO *(ao Rei)* · Oh! Oh! Observastes bem?
HAMLET · Senhorita, poderei sentar-me no vosso regaço?

(Senta-se ao pé de Ofélia.)

OFÉLIA · Não, príncipe.
HAMLET · Quero dizer, recostar a cabeça em vosso regaço?
OFÉLIA · Sim, príncipe.
HAMLET · Pensastes que eu estivesse usando linguagem do campo?
OFÉLIA · Não pensei nada, príncipe.
HAMLET · Bonita idéia, deitar-se a gente entre as pernas de uma donzela.
OFÉLIA · Que idéia, príncipe?
HAMLET · Nada.
OFÉLIA · O príncipe está hoje muito alegre.
HAMLET · Quem, eu?
OFÉLIA · O príncipe, pois não?
HAMLET · Sou apenas vosso bobo. Que pode uma pessoa fazer de melhor, a não ser ficar alegre? Vede minha mãe, como apresenta semblante prazenteiro; no entanto, meu pai morreu apenas há duas horas.
OFÉLIA · Não, príncipe; duas vezes dois meses.
HAMLET · Há tanto tempo assim? Então que o diabo se cubra de luto, que eu vou vestir-me de zibelina. Oh céus! Morto há dois meses e ainda não esquecido? Nesse caso, há esperança de que a

memória de um grande homem lhe sobreviva meio ano. Por Nossa Senhora, que trate de fundar igrejas, ou ninguém pensará nele, como se deu com o cavalo de pau, cujo epitáfio rezava: Pois oh! Pois oh! O cavalo de pau ficou esquecido!

(Clarins. Entra a pantomima: um Rei e uma Rainha, com mostras de muito afeto; a Rainha abraça o Rei e este a ela. A Rainha se ajoelha diante do Rei e por meio de gestos lhe assegura submissão. Ele a faz erguer-se e inclina a cabeça sobre seu ombro; depois, senta-se sobre um banco de flores. Ao vê-lo adormecido, ela o deixa. Logo depois, entra um indivíduo que lhe tira a coroa, beija-a, despeja veneno no ouvido do Rei e sai. Volta a Rainha e, ao verificar que o Rei morrera, dá mostras de grande mágoa. O envenenador volta com duas ou três pessoas, parecendo lamentar-se com a Rainha. O corpo é removido. O envenenador requesta a Rainha com presentes; a princípio, a Rainha parece relutar, mas acaba aceitando o seu amor.)

(Saem.)

OFÉLIA · Que significa isso, príncipe?

HAMLET · Maroteira disfarçada; significa infortúnio.

OFÉLIA · Sem dúvida a pantomima serve de argumento à peça.

(Entra o Prólogo.)

HAMLET · É o que vamos ver por este freguês. Os atores não guardam segredo. Vereis como vão revelar tudo.

OFÉLIA · Irá dizer-nos o que significam aqueles gestos?

HAMLET · Não só aqueles, mas quantos quiserdes representar-lhe. Se não ficardes acanhada, ele também não o ficará, para explicar-lhes o sentido.

OFÉLIA · O príncipe é mau; o príncipe é mau; vou prestar atenção à peça.

O PRÓLOGO · Para nós toda a indulgência,
para a tragédia e clemência
de vossa alta paciência.

HAMLET · Isso é prólogo ou emblema de anel?

OFÉLIA · Foi curto.

HAMLET · Tal como o amor das mulheres.

O REI DA PEÇA · Trinta vezes já o Sol o giro há feito por
Télus e Netuno, e com perfeito
cômputo trinta vezes doze vezes
a lua assinalou ao mundo os meses,
dês que as mãos Himeneu e Amor o afeto,
nos ligaram num vínculo concreto.

A RAINHA DA PEÇA · Que a luz e o Sol nos dêem
iguais jornadas,
sem que as rosas do amor fiquem fanadas.
Mas tão cansado te acho e tão mudado
da alegria primeira, certo, o estado
normal em ti, que o susto ora se apossa
de mim, sem que isso, aliás, turvar-te possa,
pois o amor, na mulher, se casa ao medo:
ou grandes até o fim, ou morrem cedo.
Já dei provas de ser, no amor, constante,
mas se o amor é tranqüilo, o medo é instante;
um grande amor nos sustos se confirma;
crescendo o medo, o amor também se afirma.

O REI DA PEÇA · Muito cedo
deixar-te me é forçoso,
que me oprime a fraqueza. No formoso
mundo tens de viver, sempre acatada,
porventura escolhida e muito amada
por um segundo...

A RAINHA DA PEÇA · Basta! Basta! Um feito
de tal negror me condenara o peito.
Só se alegra com outro companheiro
quem foi causa da morte do primeiro.

HAMLET *(à parte)* · Isso é absinto.

A RAINHA DA PEÇA · O interesse mesquinho,
nunca o amor,
do segundo consórcio é o causador.
Fora o esposo matar do mesmo jeito
a cada beijo do outro no seu leito.

O REI DA PEÇA · Sei que és sincera;
mas é bem freqüente
não cumprirmos a jura mais ardente.
Da memória a intenção é simples serva;
forte ao nascer, o tempo a não conserva;
fruto que está no galho por ser duro,
para cair por si quando maduro.
Parece necessário que no olvido
se atire o que a nós próprios é devido.
O que a paixão concebe de perfeito,
suprimida a paixão fica desfeito.
A violência da dor ou da alegria
com sua própria atuação não dura um dia.
Onde o prazer se exalta a dor se encolhe;
um nada a dor extingue e o riso tolhe.
O mundo passa; é natural, portanto,
que com a fortuna o amor se altere tanto;
pois é problema que ainda está sem norte,
se a sorte guia o amor, ou o amor a sorte.

shakespearebrasileiro.org

Cai um dos grandes, somem-se os amigos;
sobe um pequeno, adulam-no inimigos.
Daí ligar-se o amor sempre à fortuna;
tem amigos quem nunca a outro importuna;
pois quem ao falso amigo pede, vê-se
de um imigo aumentado, sem que o cresse.
Mas, para terminar pelo começo,
entre a vontade e a sorte há sempre empeço.
Nossos planos são frutos só do acaso;
a idéia é nossa; os fins, de cada caso.
Não digas que de novo não te casas;
morto o esposo, o propósito bate asas.
A RAINHA DA PEÇA · Que a luz o céu me negue;
a terra, o pão;
a noite, a calma; o dia, distração;
que a esperança se mude em desespero;
penitência no cárcere é o que eu espero.
Que quanto enturva o rosto da alegria
se me antolhe a afligir-me noite e dia.
Repudiada seja eu por todo o povo,
se, chegando a enviuvar, casar, de novo.
HAMLET · E se ela quebrar o juramento?
O REI DA PEÇA · Palavras bem solenes; mas, querida,
deixa-me; sinto a fronte dolorida;
quero dormir.

(Adormece.)

A RAINHA DA PEÇA · Repousa sossegado;
que nenhuma aflição nos dê cuidado.

(Sai.)

HAMLET · Que tal acha a peça, minha senhora?
A RAINHA · Parece-me que a dama faz protestos demasiados.
HAMLET · Oh! Mas ela é de palavra.
O REI · Ouviste o argumento? Não contém nenhuma ofensa?
HAMLET · Não, não; é tudo por brinquedo; envenenam por brinquedo; é o que não existe no mundo, ofensa.
O REI · Como se intitula a peça?
HAMLET · "A Ratoeira"; mas, já se vê, simples metáfora. A peça se baseia na história de um crime ocorrido em Viena; Gonzago é o nome do duque; Batista, o da mulher. Ides ver dentro de pouco: pura velhacaria. Mas, que importa? Nem Vossa Majestade, nem eu, que temos a consciência limpa, somos atingidos. Os sendeiros que esperneiem; não estamos com o lombo pisado.

(Entra um ator, no papel de Luciano.)

Esse é um tal Luciano, sobrinho do Rei.
OFÉLIA · O príncipe serve muito bom de coro.
HAMLET · Poderia servir de ponto numa vossa conversa com o namorado, se visse os movimentos dos títeres.
OFÉLIA · O príncipe está muito afiado hoje, muito afiado.
HAMLET · Havia de custar-vos gemidos embotar-me o fio.
OFÉLIA · De bem para melhor; de mal para pior.
HAMLET · Os maridos são desse jeito. Vamos, assassino, começa logo! Deixa tua cara amaldiçoada, peste, e principia de uma vez! Vamos!
O corvo, em seu grasnar, chama a vingança!
LUCIANO · Pensamentos escuros, droga a jeito,
tempo oportuno, mãos para esse feito,
ninguém perto... Bebida desprezível,
três vezes à meia-noite com a terrível
maldição de Hécate mexida: neste
corpo despeja os males que escondeste!

(Despeja veneno no ouvido do Rei adormecido.)

HAMLET · Envenena-o no jardim, por causa do reino; chama-se Gonzago. A história existe; foi escrita em italiano primoroso. Vereis dentro de pouco como o assassino obtém o amor da mulher de Gonzago.
OFÉLIA · O Rei se levantou.
HAMLET · Que é isso? Medo de um falso alarma de fogo?
A RAINHA · Como passa o meu senhor?
POLÔNIO · Suspendam a representação!
O REI · Tragam-me luzes! Vamo-nos embora!

(Saem todos, com exceção de Hamlet e Horácio.)

HAMLET · Que sangre o veado e ponha-se a fugir,
enquanto descansa;
uns precisam velar, outros dormir;
desta arte o mundo avança.
Uma cena como essa e mais uma floresta de penas
— se algum dia a Fortuna se me tornar madrasta —
e um par de rosetas nos sapatos rasos, não me assegurariam um lugar em qualquer matilha de comediantes?
HORÁCIO · Com metade dos lucros, como não?
HAMLET · Nada disso, todo o lucro,
pois bem sabes, Damon, que o próprio Jove
este reino desfez;
agora está no trono um verdadeiro...
direi tudo?... um pavão.
HORÁCIO · Poderíeis ter rimado.

shakespearebrasileiro.org

HAMLET · Meu bom Horácio! Aposto mil contra um na palavra do espectro. Percebestes?
HORÁCIO · Perfeitamente, príncipe.
HAMLET · Na hora do veneno?
HORÁCIO · Com a máxima atenção.
HAMLET ·
Ah! Ah! Venha música! Tragam os flajolés!
Porque se a peça ao Rei em nada agrada,
não vale coisa alguma, está julgada.
Vamos! Tragam música!
(Entram Rosencrantz e Guildenstern.)
GUILDENSTERN · Meu bom senhor, concedei-me uma palavra.
HAMLET · Até uma história inteira.
GUILDENSTERN · O Rei, senhor...
HAMLET · Como vai ele passando?
GUILDENSTERN · ...recolheu-se indisposto para seus aposentos.
HAMLET · De bebida?
GUILDENSTERN · Não, senhor; de cólera.
HAMLET · Vossa sabedoria se revelaria mais opulenta, se contásseis isso ao seu médico; porque se eu lhe aplicar uma purga, talvez lhe faça aumentar ainda mais a cólera.
GUILDENSTERN · Ponde ordem, meu bom senhor, em vossas palavras, sem vos desviardes tanto do propósito.
HAMLET · Já amansei; podeis falar.
GUILDENSTERN · A Rainha vossa mãe, que se acha muito consternada, mandou que vos procurasse.
HAMLET · Pois sede bem-vindo.
GUILDENSTERN · Essa cortesia não vem a propósito, príncipe. Se for de vosso agrado dar-me uma resposta sadia, desincumbir-me-ei do recado de vossa mãe; em caso contrário, com vosso perdão e minha retirada darei por finda a missão a que vim.
HAMLET · Não me é possível, senhor.
GUILDENSTERN · Que é que vos é impossível, príncipe?
HAMLET · Dar-vos uma resposta sadia. Meu espírito está doente. Mas ponho a vossas ordens a resposta que me for possível, ou, como o dissestes, às ordens de minha mãe. Por isso, entremos logo no assunto. Minha mãe, íeis dizendo...
ROSENCRANTZ · Manda dizer-vos que vossa conduta lhe causou assombro e admiração.
HAMLET · Oh filho estupendo, que chega a causar assombro à própria mãe! Mas no calcanhar da admiração da mãe não segue nenhuma conseqüência? Vamos lá.
ROSENCRANTZ · Deseja falar-vos em seus aposentos, antes de vos recolherdes.
HAMLET · Obedeceria, ainda que ela fosse dez vezes minha mãe. Não tendes nenhum outro assunto a tratar comigo?
ROSENCRANTZ · Houve tempo, príncipe, que me tínheis amizade.
HAMLET · Até hoje sou o mesmo; juro-o por estes gadanhos de ladrão.
ROSENCRANTZ · Meu bom senhor, qual é o motivo de vossa alteração? Pondes trancas em vossa liberdade, negando-vos a revelar a um amigo o motivo de vossa tristeza.
HAMLET · Falta-me ser promovido.
ROSENCRANTZ · Como é isso possível, se contais com a palavra do próprio Rei de que o sucedereis no trono da Dinamarca?
HAMLET · É certo: mas, "Enquanto a grama cresce..." o provérbio já está enferrujado.
(Entram alguns atores com flajolés.)
Oh, flajolés! Deixa-me ver um. Falando-vos em particular, por que motivo me rodeais desse jeito, a tomar o meu faro, como se quisésseis levar-me para alguma cilada?
GUILDENSTERN · Oh, príncipe! Se o meu dever é ousado, minha amizade é incivil.
HAMLET · Não atino bem com o sentido. Mas, não quereis tocar nesta flauta?
GUILDENSTERN · Não posso, príncipe.
HAMLET · Por obséquio.
GUILDENSTERN · Acreditai-me, príncipe, não posso.
HAMLET · Fazei-me esse favor.
GUILDENSTERN · Não conheço uma só posição, príncipe.
HAMLET · É tão fácil quanto mentir. Com os quatro dedos e o polegar regulais estes orifícios; depois, bastará soprar, para que saia música muito agradável. Vede: aqui estão as chaves.
GUILDENSTERN · Mas não está em mim tirar a menor harmonia, príncipe; não possuo essa habilidade.
HAMLET · Ora vede que coisa desprezível fazeis de mim. Pretendíeis que eu fosse um instrumento em que poderíeis tocar à vontade, por presumirdes

shakespearebrasileiro.org

que conhecíeis minhas chaves. Tínheis a intenção
de penetrar no coração do meu segredo, para
experimentar toda a escala dos meus sentimentos,
da nota mais grave à mais aguda. No entanto, apesar
de conter este instrumento bastante música e de ser
dotado de excelente voz, não conseguis fazê-lo falar.
Com a breca! Imaginais, então, que eu sou mais
fácil de tocar do que esta flauta? Dai-me o nome do
instrumento que quiserdes; conquanto voz seja fácil
escalavrar-me, jamais me fareis produzir som.

(Entra Polônio.)

Deus vos guarde, senhor.

POLÔNIO · Senhor, a Rainha deseja falar-vos quanto antes.

HAMLET · Estais vendo aquela nuvem em forma de camelo?

POLÔNIO · Pela Santa Missa! Parece, de fato, um camelo!

HAMLET · Creio que parece mais uma doninha.

POLÔNIO · É certo; o dorso é de doninha.

HAMLET · Ou uma baleia?

POLÔNIO · Uma baleia, realmente; muito semelhante.

HAMLET · Bem; se assim é, irei ter com minha mãe neste momento. *(À parte.)* Esta gente brinca de doido comigo, ao ponto de arrebentar-me a paciência. *(Alto.)* Irei neste momento.

POLÔNIO · Dir-lhe-ei isso mesmo.

(Sai.)

HAMLET · Neste momento é fácil de dizer. Deixai-me, amigos.

(Saem todos, menos Hamlet.)

Estamos na hora tétrica da noite
em que se abrem os túmulos e o inferno
lança no mundo a peste. Poderia
beber, neste momento, sangue quente
e realizar tais coisas que fariam
tremer o próprio dia. Mas, silêncio!
Procuremos agora minha mãe.
Coração, não te esqueça o de quem és.
Que neste peito firme jamais entre
a alma de Nero; ríspido, mas nunca
desnaturado; espadas, só na língua,
sem que delas me valha: que se irmanem
na hipocrisia a língua e o coração.
Se a palavra sair demais pesada,
minha alma, não lhe dês forma adequada.

(Sai.)

Ato III · Cena III

Um quarto no castelo.
Entram o Rei, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI · Não me agrada. Além disso, constitui
perigo para nós deixar sem peias
sua loucura. Assim, ide aprontar-vos,
que vossas instruções mandarei logo
e ele para a Inglaterra irá convosco.
Nossa real dignidade não comporta
os riscos que a toda hora seus caprichos
fazem nascer.

GUILDENSTERN · Iremos aprontar-nos.
O medo religioso e santo cuida
da salvação de tantas existências
que se nutrem de Vossa Majestade.

ROSENCRANTZ · A própria vida singular precisa,
com toda a força e as armas do intelecto,
defender-se de danos. Que dizer-se
da alma de que depende sempre a vida
de tanta gente? Nunca a majestade
morre sozinha; qual voragem, chupa
quanto está perto; é roda gigantesca
que nos raios contém dez mil coisinhas
encaixadas, e cuja queda implica
a ruína fragorosa das menores
peças que se lhe prendem. O gemido
do Rei sempre é geral, sempre é alarido.

O REI · Peço vos apresseis para a viagem;
queremos pôr grilhetas nesse medo
que passeia tão livre.

ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN · Já nos vamos.

(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)

(Entra Polônio.)

POLÔNIO · Ele já foi, senhor, para o aposento
da Rainha. Por trás do reposteiro
vou pôr-me a ouvi-los. É certeza, ela há de

repreendê-lo; e, conforme sabiamente
dissestes, é preciso que outro ouvido
que não o materno, pois a natureza
fê-lo parcial, escute o que falarem.
Passai bem, meu senhor; chamar-vos-ei
antes de vos deitardes, para dar-vos
conta do que souber.

O REI · Muito obrigado.

(Sai Polônio.)

Está podre o meu crime; o céu já o sente.
A maldição primeira pôs-lhe o estigma:
fratricida. Rezar, não me é possível,
muito embora o pendor siga à vontade;
a culpa imana vence o belo intento.
Tal como alguém que empreende dois negócios
ao mesmo tempo, mostro-me indeciso
sobre qual inicie, acontecendo
vir ambos a perder. Se esta maldita
mão de sangue fraterno se cobrisse,
não haveria chuva suficiente
no céu, para deixá-la como a neve?
Para que serve a Graça, se não serve
para enfrentar o rosto do pecado?
E a oração, não contém dupla virtude,
de prevenir a queda e obter completo
perdão para os que caem? Alço os olhos.
Meu crime já passou; mas, que modelo
de oração servirá para o meu caso?
"Perdoai-me o crime monstruoso e horrendo?"
Não pode ser, que me acho, ainda, de posse
de quanto me levou a praticá-lo:
o trono, meus anelos e a Rainha.
Perdão alcança quem retém o furto?
Nos processos corruptos deste mundo
pode a justiça ser desviada pela
mão dourada do crime, e muitas vezes
o prêmio compra a lei; mas não lá em cima,
onde não valem manhas; o processo
não padece artifícios, e até mesmo
nos dentes e na fronte do delito
teremos de depor. Que ainda me resta?
Tentar o que o arrependimento pode.
Oh! Como é poderoso! Mas que pode
fazer com quem não sabe arrepender-se?
Terrível situação!
Oh peito mais escuro do que a morte!
Oh alma viscosa, quanto mais te esforças,
mais te sentes enleada! Anjos, socorro!
Dobra-te, joelho altivo! Coração
de aço, fica tão brando quanto os músculos
de um recém-nato. Tudo talvez volte
a ser como era.

(Afasta-se e ajoelha.)

(Entra Hamlet.)

HAMLET · É propícia a ocasião; acha-se orando.
Vou fazê-lo. Desta arte, alcança o céu...
E assim me vingaria? Em outros termos:
mata um biltre a meu pai e eu, seu filho único,
despacho esse mesmíssimo velhaco
para o céu.
É soldo e recompensa, não vingança.
Assassinou meu pai, quando este estava
pesado de alimentos, com seus crimes
floridos como maio. O céu somente
saberá qual o estado de suas contas;
mas, de acordo com nossas presunções,
não será bom. Direi que estou vingado,
se o matar quando tem a alma expungida
e apta para fazer a grande viagem?
Não.
Aguarda, espada, um golpe mais terrível,
no sono da embriaguez, ou em plena cólera,
nos prazeres do tálamo incestuoso,
no jogo, ao blasfemar, ou em qualquer ato
que o arraste à perdição. Nessa hora, ataca-o;
que para o céu vire ele os calcanhares,
quando a alma estiver negra como o inferno,
que é o seu destino. Espera-me a Rainha;
prolonga-te a doença esta mezinha.

(Sai.)

(O Rei se levanta e adianta-se.)

O REI · O som se evola; o pensamento cansa;
um sem o outro jamais o céu alcança.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena IV

Aposento do Rainha.

(Entram a Rainha e Polônio.)

POLÔNIO · Ele aí vem; repreendei-o asperamente;
mostrai que se excedeu nas brincadeiras,
e como se interpôs Vossa Grandeza
entre ele e a grande cólera. Mais nada;
somente vos reitero: sede ríspida.
HAMLET *(dentro)* · Mãe! Mãe!
A RAINHA · Podeis ficar tranqüilo; retirai-vos;
está ele chegando.

(Polônio se esconde atrás do reposteiro.)

(Entra Hamlet.)

HAMLET · Então, mãe, que há de novo?
A RAINHA · Grande ofensa a teu pai fizeste, Hamlet.
HAMLET · Grande ofensa a meu pai fizeste, mãe.
A RAINHA · Devagar; respondeis com língua ociosa.
HAMLET · Vamos, que mé falais com língua ociosa.
A RAINHA · Que é isso, Hamlet?
HAMLET · Que há de novo agora?
A RAINHA · Esquecestes quem sou?
HAMLET · Não, pela Cruz!
Não me esqueci. Sei bem que sois a Rainha,
casada com o irmão de vosso esposo
e — prouvera o contrário — minha mãe.
A RAINHA · Vou chamar quem convosco falar possa.
HAMLET · Vamos, sentai-vos; não saireis enquanto
não vos apresentar eu um espelho
que o recôndito da alma vos reflita.
A RAINHA · Que pretendes fazer? Não vais matar-
me?
Socorro! Socorro!
POLÔNIO *(atrás)* · Que é que há? Socorro! Socorro!
HAMLET *(desembainhando a espada)* · Que é isso? Um
rato? *(Dando uma estocada no reposteiro.)* Aposto que
o matei.
POLÔNIO *(atrás)* · Estou morto!
A RAINHA · Santo Deus, que fizeste!
HAMLET · Ignoro-o. Não era o Rei?
A RAINHA · Que ação precipitada e sanguinária!
HAMLET · Ação precipitada e sanguinária?
Tão ruim, boa mãe, quanto matar
um Rei e desposar o irmão do morto.
A RAINHA · Matar um Rei?
HAMLET · Um Rei; foi o que eu disse.

(Levanta o reposteiro e descobre o corpo de Polônio.)

Adeus, bobo apressado e intrometido.
Julguei que era o teu chefe; é o teu destino.
Vês que o ser serviçal traz seus perigos.
Não torçais tanto as mãos; sentai-vos; quero
lutar com vosso coração, no caso
de ser ele amolgável, se o maldito
costume o não deixou duro como o aço,
tornando-o resistente à persuasão.
A RAINHA · Que fiz eu para usares de linguagem
tão grosseira?
HAMLET · Uma ação que mancha a graça
e o rubor da modéstia, que a virtude
transforma em falsidade, muda as rosas
da fronte prazenteira do amor puro
em chaga repugnante, e os juramentos
dos cônjuges em pragas de viciados.
Uma ação que do corpo dos contratos
tira a própria alma e muda em palavrório
a doce religião; a própria face
do céu cora de pejo; sim, o mundo
compacto, nas feições mostra a tristeza
do juízo final, diante desse ato.
A RAINHA · Ah! que ação tão monstruosa, que
troveja
estrondeando, com o simples enunciado?
HAMLET · Mirai este retrato e mais este outro,
que dois irmãos fielmente representam;
vede a graça que encima esta cabeça,
cachos de Apolo, a fronte alta de Júpiter,
o olhar de Marte, ao mando e à ameaça afeito,
o porte de Mercúrio, o mensageiro,
quando pousa nos cumes altanados;
uma forma, em resumo, perfeitíssima,
em que os deuses seus selos imprimiram
para que o mundo visse o que era um homem:
esse, foi vosso esposo. Agora o resto:
eis vosso esposo, espiga definhada

shakespearebrasileiro.org

que o irmão sadio empesta. Tendes olhos?
Deixastes a pastagem deste belo
monte por um paul? Ah! tendes olhos?
Não chameis a isso amor, que em vossa idade
o sangue se arrefece, fica humilde
e obedece à razão. E que razão
passa deste para este? Sois sensível,
pois vos moveis; mas tendes os sentidos
paralisados. A loucura acerta;
nunca os sentidos ficam subjugados
pela paixão, a ponto de falharem
totalmente na escolha. Que demônio
vos logrou de uma vez na cabra-cega?
O olho sem tato, o tato sem visão,
o ouvido só por si, o olfato apenas,
a menor parte, em suma, de um sentido
verdadeiro, jamais se estontearia
desse feitio.
Pudor, por que não coras? Se nos ossos
de uma matrona, inferno, te rebelas,
que a continência fique, para os moços
ardentes, como a cera, que amolece
no próprio fogo; nem de manchas fales,
quando no ataque se atirar o instinto,
uma vez que é tão quente a própria geada
e a razão é alcoveta da vontade.
A RAINHA ·
Não fales mais, Hamlet; a olhar me forças
no mais íntimo da alma, onde acho manchas
profundas e tão negras, que não perdem
jamais a cor.
HAMLET · Viver num leito infecto
que tresanda a fartum, onde fervilha
a podridão, juntando-se em carícias
num chiqueiro asqueroso!
A RAINHA · Oh! Não prossigas!
Apunhalam-me o ouvido essas palavras.
Basta, querido Hamlet!
HAMLET · Um assassino,
um vil escravo, que não é um vigésimo
do outro marido, um Rei-bufão, um simples
gatuno do governo desta terra,
que a coroa empalmou da prateleira
e a pôs no bolso.
A RAINHA · Basta!
HAMLET · Um Rei-palhaço,
em trajes de mendigo...
(Entra o Espectro.)
Estendei sobre mim, legiões celestes,
as asas protetoras! Que deseja
vossa imagem graciosa?
A RAINHA · Ai de mim! Está louco.
HAMLET · Não vieste censurar o filho tardo,
que deixa a ira assentar, e tão remisso
se mostra no cumprir vossos preceitos?
Oh, dizei!
O ESPECTRO · Não te esqueças: minha vinda
só visa a estimular-te o intento rombo.
Mas vê que em tua mãe se assenta o espanto.
Corre a interpor-te entre ela e a sua alma em luta,
que nas pessoas fracas é terrível
o estrago da ilusão. Fala-lhe, Hamlet.
HAMLET · Senhora, que sentis?
A RAINHA · Que se passa contigo,
que os olhos assim pousas no vazio
e com o ar incorpóreo deblateras?
Como se te ilumina a alma nos olhos!
E tais como soldados, quando o alarma
vem tirá-los do sono, teus cabelos,
parecendo com vida, se desmancham,
se ouriçam na tua fronte. Oh meu bom filho!
Lança a fria paciência sobre as chamas
e o fogo do teu mal. Mas, para onde olhas?
HAMLET · Para ele, sim; quão pálido nos fixa!
Seu destino e sua forma, se influíssem
nas pedras, racionais as tornariam.
Tirai de mim os olhos, para que esse
gesto piedoso não transmude minhas
ásperas intenções, pois o que tenho
para fazer exige cores vivas.
Necessito de sangue em vez de lágrimas.
A RAINHA · Para quem falas isso?
HAMLET · Ninguém vedes?
A RAINHA · Ninguém; no entanto, vejo o que nos cerca.
HAMLET · E nada ouviste?
A RAINHA · Nada; a nós somente.
HAMLET · Vede ali! Vede! Já se afasta...
Meu pai, tal como em vida se vestia.
Acaba — vede-o! — de transpor a porta.
(Sai o Espectro.)
A RAINHA · Isso é fruto, somente, de teu cérebro.

shakespearebrasileiro.org

É sempre muito fértil o delírio
no inventar essas coisas.
Hamlet · Delírio!
Meu pulso, como o vosso, é compassado;
toca música sã. Não foi loucura
quanto falei; ponde-me à prova; posso
dizer tudo de novo. Um desvairado
divagaria. Mãe, por vossa graça,
não lisonjeeis vossa alma, acreditando
que ouvis um louco e não vosso delito.
A úlcera externa, assim, se fecharia,
enquanto a corrupção minara tudo
por dentro, sem ser vista. Ao céu volvei-vos;
mostrai-vos do passado arrependida;
evitai o futuro, sem que o joio
adubeis e lhe deis, assim, mais viço.
Perdoai-me esta virtude, que nesta época
bem cevada e de fôlego cortado
necessita a virtude rebaixar-se
ao próprio vício e apresentar-lhe escusas
por tudo o que de bem possa fazer-lhe.
Rainha · Hamlet, o coração em dois me partes.
Hamlet · Jogai fora a metade que não presta,
para com a outra parte serdes pura.
Boa noite.
Mas evitai a cama do meu tio;
fazei-vos de virtuosa, se o não fordes.
O habito, esse demônio que devora
todos os sentimentos, nisso é um anjo,
pois para o uso de ações boas e belas
empresta vestimenta ou capa externa
que lhes vão bem. Abstende-vos por hoje,
que isso há de conferir facilidade
à próxima abstinência; a outra, mais fácil
vos há de parecer, que o uso consegue
quase modificar a natureza,
dominar o demônio e até expeli-lo
com poder prodigioso. Uma vez mais,
boa noite. Hei de pedir a vossa bênção,
quando dela também necessitardes.
Enquanto a este homem, faz-me pena; qui-lo
desta arte o céu: punir a mim por ele,
e a ele por mim. Fui servo, a um tempo, e açoite.
Vou cuidar dele; fico responsável
por esta morte. E ainda uma vez: boa noite.
Preciso ser cruel para ser bom;
o ruim começa; o pior já se acha feito.
Uma palavra mais, senhora.
A Rainha · Que é preciso que eu faça?
Hamlet · Nada do que vos disse nesse instante.
Que outra vez para o leito o Rei balofo,
vos conduza e no rosto vos belisque
vos chame de ratinha, e que dois beijos
infectos e carícias com as mãos grossas
em vossas costas pronto vos induzam
a revelar-lhe que estou bom do juízo,
mas que finjo loucura. Dizei-lhe isso.
Que Rainha sensata, bela e honesta
esconderia coisas tão preciosas
de um sapo, de um morcego? É concebível?
Apesar do bom senso, abri a gaiola
no telhado e deixai fugir o pássaro;
depois, como o macaco conhecido,
entrai nela e fazei logo a experiência
para embaixo partirdes o pescoço.
A Rainha · Fica tranqüilo; se o falar consiste
em respirar, e o fôlego for vida,
não terei vida alguma que respire
quanto me revelaste.
Hamlet · Parto para a Inglaterra; já o sabíeis?
A Rainha · Ah! que o esquecera... Assim ficou
assentado.
Hamlet ·
Selaram cartas; meus dois companheiros
de escola, em que me fio como em dentes
de víbora, se encontram com a incumbência
de aplanar-me o caminho e conduzir-me
direito ao cativeiro. Pois trabalhem!
Há de ser engraçado ver a bomba
fazer saltar o autor. Por mais difícil
que seja, hei de cavar mais fundo ainda,
para jogá-los do alto. Como é belo
ver a astúcia vencer a própria astúcia!
Este homem me ajudou a fazer as malas;
vou pôr no quarto anexo esta barriga.
Boa noite, mãe. Realmente, o conselheiro
que era tão falador, está sisudo:
quietinho, bem discreto, grave e mudo.
Vamos, senhor, dar fim a este negócio.
Boa noite, mãe.

(Saem por lados diferentes, arrastando Hamlet o corpo de Polônio.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena I

Um quarto no castelo.
Entram o Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.

O REI · Devem ter uma causa esses suspiros.
Conta-ma; desejamos conhecê-la.
Onde se acha teu filho?
A RAINHA *(A Rosencrantz e Guildenstern)*
Deixai-nos ficar sós por um momento.
(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)
Caro esposo, que coisa eu vi nesta noite!
O REI · Que foi, Gertrudes? Como achastes
Hamlet?
A RAINHA · Tão louco quanto o mar e o vento, quando
lutam pelo primado. Em seu desvairo,
vendo atrás da cortina algo mexer-se,
saca da espada e grita: um rato! um rato!
para matar no acume do delírio
o bom velho que estava ali escondido.
O REI · Que triste coisa! O mesmo nos tocara,
se estivéssemos lá. Sua liberdade
implica para todos grande ameaça,
para ti, para nós, para qualquer.
Como explicar esse ato sanguinário?
Hão de culpar-nos, por não termos tido
a idéia de prender o desvairado
moço, para evitar possíveis males.
Mas nosso amor não permitiu sabermos
o que quisesse ocultar um mal imundo,
só fizemos deixar que nos corroesse
a medula vital. Aonde foi ele?
A RAINHA · Foi sepultar o corpo de Polônio,
de quem tirou a vida. E nisso a insânia,
como grão de ouro em meio à ganga impura,
se manifesta estreme: chora a morte
que ele mesmo causou.
O REI · Oh Gertrudes! saiamos!
O sol não beijará de novo os montes,
sem que a Hamlet embarquemos. No que toca
a esta ação vil, teremos de aceitá-la
justificando-a à custa de artifícios
e de nossa grandeza. Oh Guildenstern!
(Voltam Rosencrantz e Guildenstern.)
Amigos, procurai quem vos ajude.
Hamlet a delirar matou Polônio,
tendo o corpo tirado do aposento
da Rainha. Falai-lhe com bem jeito,
e ponde na capela o pobre morto.
Muita pressa, vos peço, nisso tudo.
(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)
Convoquemos, Gertrudes, os amigos,
para participar-lhes nosso intento
e o ato precipitado. É bem possível
que desta arte a calúnia, que sussurra
tão certeira de um pólo até outro pólo,
quanto a bala que no alvo o canhão joga,
nos poupe o nome e açoite apenas o ar,
sem mais prejuízo. Vamo-nos; minha alma,
em discórdia e terror, não se acha calma.
(Saem.)

Ato IV · Cena II

Outro quarto no castelo.
Entra Hamlet.

HAMLET · Está em lugar seguro.
ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN · Hamlet! Lorde
Hamlet!
HAMLET · Que barulho é esse? Quem chama por
Hamlet? Oh! Ei-los que chegam.
(Entram Rosencrantz e Guildenstern.)
ROSENCRANTZ · Onde o corpo pusestes, lorde
Hamlet?
HAMLET · Associei-o ao pó, de que é parente.
ROSENCRANTZ · Dizei-nos onde está, porque
possamos depô-lo na capela.
HAMLET · Não deis crédito a semelhante coisa.
ROSENCRANTZ · A quê, meu príncipe?
HAMLET · Que eu possa guardar o vosso segredo e
não o meu. Além do mais, ser interrogado por uma
esponja! Que poderá responder-lhe um filho de Rei?
ROSENCRANTZ · Tomais-me por uma esponja, príncipe?
HAMLET · Sim, senhor, que chupa os favores, as
recompensas e a autoridade reais. Aliás, semelhantes

shakespearebrasileiro.org

cortesãos prestam ótimo serviço ao Rei, que procede com eles como o macaco, conservando-os por algum tempo no canto da boca, antes de engoli-los. Quando tem necessidade do que acumulastes, basta espremer-vos, para que, esponjas, fiqueis novamente enxutos.
ROSENCRANTZ · Não compreendo o que dizeis, senhor.
HAMLET · O que muito me alegra. As sutilezas dormem no ouvido dos parvos.
ROSENCRANTZ · Príncipe, dizei-nos onde está o corpo e acompanhai-nos à presença do Rei.
HAMLET · O corpo está com o Rei, mas o Rei não está com o corpo. O Rei é uma coisa...
GUILDENSTERN · Uma coisa, príncipe?
HAMLET · ...de nada. Levai-me à sua presença. Esconde-te, raposa! Um atrás do outro!

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Outro quarto no castelo.
Entram o Rei e criados.

O REI · Mandei chamá-lo e procurar o corpo.
Que perigo deixar a esse homem solto!
Contudo, é-me impossível ser severo,
porque ele é amado pela turba néscia
que escolhe tão-somente pela vista.
Importa, nessas condições, apenas
pensar na repressão, jamais na culpa.
Para evitar desgostos, é preciso
que esta viagem pareça ser produto
de reflexão madura. Para males
desesperados, só remédio enérgico,
ou nenhum.

(Entra Rosencrantz.)

Como então, que aconteceu?
ROSENCRANTZ · Não conseguimos que ele nos dissesse o lugar onde o corpo está enterrado.
O REI · E ele, onde se acha?
ROSENCRANTZ · Aí fora, majestade,
bem guardado, esperando vossas ordens.
O REI · Pois a nossa presença o conduzi.
ROSENCRANTZ · Oh Guildenstern! Traze lorde Hamlet!

(Entram Hamlet e Guildenstern.)

O REI · Então, Hamlet, onde está Polônio?
HAMLET · Está ceando.
O REI · Ceando! Onde?
HAMLET · Não onde ele come, mas onde é comido. Certa assembléia de vermes políticos se ocupa justamente dele. Um verme desse gênero é o verdadeiro imperador da dieta. Engordamos as criaturas, para que nos engordem, e engordamo-nos para dar de comer aos gusanos. Um Rei gordo e um mendigo magro são iguarias diferentes; dois pratos, mas para a mesma mesa; eis tudo.
O REI · Oh Deus!
HAMLET · Pode-se pescar com um verme que haja comido de um Rei, e comer o peixe que se alimentou desse verme.
O REI · Que queres dizer com isso?
HAMLET · Nada; apenas mostrar-vos como um Rei pode fazer um passeio pelos intestinos de um mendigo.
O REI · Onde está Polônio?
HAMLET · No céu; mandai procurá-lo lá, e, se o mensageiro não o encontrar, procurai vós mesmo em outra parte. Mas, se dentro de um mês ainda não o tiverdes achado, havereis de descobri-lo pelo olfato, quando subirdes a escada da galeria.
O REI *(a alguns criados)* · Procurem-no nesse lugar.
HAMLET · Ele espera até que chegueis.

(Saem os criados.)

O REI · Hamlet, para tua segurança,
que tão cara nos é quão doloroso
o ato que praticaste, é necessário
que te ausentes daqui. Vai preparar-te.
O navio está pronto, o vento a jeito,
à espera os companheiros... tudo para
a Inglaterra.
HAMLET · Inglaterra?
O REI · Sim, Hamlet.
HAMLET · Bem.
O REI · Bem, de fato, dirias, se soubesse
dos nossos planos todos.
HAMLET · Vejo um querubim que os vê... Partamos, pois! Para a Inglaterra! Adeus, querida mãe.

shakespearebrasileiro.org

O Rei · E teu pai afetuoso, Hamlet?
Hamlet · Minha mãe. Pai e mãe são marido e
mulher; marido e mulher, uma e a mesma carne.
Logo, minha mãe. Vamos, para a Inglaterra!
(Sai.)
O Rei · Levai-o para bordo sem detença.
É mister que esta noite esteja longe.
Ide; quanto respeita a este negócio
já está selado e pronto. Ide depressa.
(Saem Rosencrantz e Guildenstern.)
Se prezas, Inglaterra, nossa aliança —
visto teres sentido minha força,
que as cicatrizes ainda se acham frescas
dos golpes infligidos pela espada
dinamarquesa e preito voluntário
nos renderes — não deves demorar-te
no cumprir nossas ordens soberanas
exaradas nas cartas e que exigem
que Hamlet morra. Isso, Inglaterra, faze,
que ele o sangue me queima tal qual a hética.
Urge livrar-me deste mal. Realmente,
ele vivo, não posso estar contente.
(Sai.)

Ato IV · Cena IV

Uma planície na Dinamarca.
Entram Fortimbrás, um capitão e soldados, em marcha.

Fortimbrás · Saudai de minha parte a Dinamarca,
acrescentando que com sua licença
Fortimbrás pede franco e livre trânsito
por seu reino. Sabeis onde devemos
encontrar-nos. Se Sua Majestade
quiser falar-nos algo, em sua presença
presto estaremos. Dai-lhe esse recado.
O Capitão · Assim farei, senhor.
Fortimbrás · Em frente, devagar.
(Fortimbrás e os soldados saem.)
(Entram Hamlet, Rosencrantz, Guildenstern e outros.)
Hamlet · Amigo, de quem são esses soldados?
O Capitão · Da Noruega, senhor.
Hamlet · Por obséquio, qual é o seu destino?
O Capitão · Combater uma parte da Polônia.
Hamlet · Quem é o comandante?
O Capitão · Fortimbrás, o sobrinho de Noruega.
Hamlet · Visam toda a Polônia, ou porventura um
ponto da fronteira?
O Capitão · Para falar verdade, sem acréscimo,
vamos lutar por uma nesgazinha
que outro lucro não deixa além da glória.
Cinco ducados, cinco, eu não daria
para arrendá-la, nem mais obteriam
a Noruega e a Polônia, se a vendessem.
Hamlet · Nesse caso, o Polaco a não defende.
O Capitão · Como não? Já se encontra guarnecida.
Hamlet · Duas mil almas, vinte ducados
não perfazem o preço dessa palha;
é o apostema da paz e da riqueza,
que rompe para dentro, sem que nada
por fora a morte inculque. Muito grato.
O Capitão · Que Deus vos acompanhe.
(Sai.)
Rosencrantz · Continuamos o caminho?
Hamlet · Segui, já vos alcanço.
(Saem todos, com exceção de Hamlet.)
Como tudo me acusa, espicaçando-me
à vingança! Que é o homem, se sua máxima
ocupação e o bem maior não passam
de comer e dormir? Um simples bruto.
Decerto, quem nos criou com a faculdade
que ao passado e ao futuro nos transporta,
não nos deu a razão divina, para
que fique inútil. Seja esquecimento
bestial, ou mesmo escrúpulo covarde
que me leva a pensar demais nas coisas —
pensamento com um quarto do bom senso
e três de covardia — ignoro a causa
de ficar a dizer: "Devo fazê-lo",
se para tal me sobram meios, força,
causa e disposição. Exemplos grandes
como a terra me exortam: este exército
de tal poder e número, chefiado
por um príncipe moço e delicado,
cuja coragem a ambição divina
faz exaltar, levando-o a defrontar-se

shakespearebrasileiro.org

com os fatos invisíveis e a sua parte
mortal e pouco firme a pôr em risco
contra o que ousa a fortuna, o acaso e a morte,
por uma casca de ovo. O ser, de fato,
grande não é empenhar-se em grandes causas;
grande é quem luta até por uma palha,
quando a honra está em jogo. E eu, deste modo,
com o pai assassinado, a mãe poluída —
razões de estimular o sangue e o brio —
nada me esperta? Vejo, envergonhado,
vinte mil homens próximos da morte,
que por simples capricho da vaidade
caminham para o túmulo tal como
se fossem para o leito, e lutam pela
conquista de um terreno em que não cabem,
e que como sepulcro ainda é pequeno
para esconder sequer os que aí tombarem.
Doravante terei só pensamentos
de sangue ou sem valor, soltos aos ventos.

(Sai.)

Ato IV · Cena V

Elsinor. Um quarto no castelo.
Entram a Rainha, Horácio e um nobre.

A RAINHA · Não quero falar a ela.
O NOBRE · De fato, ela é importuna no desvario.
Compungem os seus modos.
A RAINHA · Que a preocupa?
O NOBRE · Fala muito no pai; diz ter sabido
que o mundo é mau, bate no peito, e geme,
zangando-se por nada. Diz palavras
dúbias e sem sentido; nada, em suma,
conquanto esse seu modo leve o ouvinte
a tirar conclusões, interpretando-lhe
as palavras ao jeito do que pensam,
concluindo de seus gestos, da maneira
de piscar, dos meneios da cabeça,
que algo querem dizer. Ainda que sejam
suposições, tudo desgraça inculca.
A RAINHA · Seria bom falar-lhe, que ela pode
suscitar conjeturas dos maldosos.
Fazei-a entrar.

(Sai o nobre.)

Para alma criminosa e feperjura,
tudo anuncia alguma desventura.
Tanto se agita o crime, em tal enredo,
que a si mesmo se trai, de puro medo.

(Volta o nobre, com Ofélia.)

OFÉLIA · Onde se encontra a bela Majestade da Dinamarca?
A RAINHA · Que há de novo, Ofélia?
OFÉLIA *(canta)* · Como reconhecer em meio à turba
o jovem meu amado?
Pelo chapéu de conchas, as sandálias,
e mais pelo cajado.
A RAINHA · Minha doce menina, a que vem isso?
OFÉLIA · Que dizeis? Escutai, vos peço, agora:
(Canta.) Senhora, ele se foi; não mais existe;
morreu; nada mais ousa.
À cabeça lhe nasce um tufo de erva;
sobre o corpo uma lousa.
Oh! Oh!
A RAINHA · Querida Ofélia, escuta...
OFÉLIA · Por favor, escutai:
(Canta.) Como um monte de neve era a mortalha

(Entra o Rei.)

enfeitada de flor;
orvalhada baixou para o sepulcro,
pelo pranto do amor.

O REI · Como vai passando, gentil menina?
OFÉLIA · Bem, graças a Deus. Dizem que a coruja era filha de um padeiro. Sabemos, senhor, o que somos, mas não o que viremos a ser. Deus assista na vossa mesa.
O REI · Alusão ao pai.
OFÉLIA · Por favor, não falemos mais disso; mas se vos perguntarem o que significa, dizei-lhes:
(Canta.) Raiou o dia de São Valentim;
de pé todos estão.
Para ser vossa Valentina, irei
pôr-me à janela, então.
Ela se alça depressa, a roupa veste
e a porta lhe franqueou,
fazendo entrar a virgem, que, assim, virgem,
não mais ali passou.

shakespearebrasileiro.org

O Rei · Meiga Ofélia...
Ofélia · Realmente, vou concluir sem nenhum juramento:
(Canta.) Pela Virgem e a Santa Caridade,
que vergonha, meu Deus!
Os moços o farão, se aí se encontrarem...
Vergonha para os seus.
Antes de ao chão tu me jogares, tinhas
prometido casar.
Fá-lo-ia, respondeu, caso ao meu leito
não quisesses entrar.
O Rei · Há quanto tempo está ela assim?
Ofélia · Espero que tudo corra bem. Precisamos de paciência, conquanto não possa deixar de chorar, ao pensamento de que vão depô-lo no chão frio. Meu irmão há de ficar sabendo disso. Muito obrigada pelo conselho amigo. Que venha o meu carro. Boa noite, senhoras! Boa noite, encantadoras senhoras! Boa noite! Boa noite!
(Sai.)
O Rei · Ide-lhe em pós; vigiai-a com cuidado.
(Sai Horácio.)
Dor profunda a envenena; provém tudo
do traspasso do pai. Cara Gertrudes,
as tristezas não andam como espias,
mas sempre em batalhões. Primeiro, a morte
do pai; depois, a ausência de teu filho,
causador de seu próprio banimento;
o povo alvoroçado, crasso e impuro,
conjetura em cochichos sobre a morte
do bom Polônio; foi inexperiência
sepultá-lo às ocultas; ora, Ofélia,
solitária de si e do próprio juízo,
sem o qual somos brutos ou pintura....
Por último, o que vale mais que tudo,
seu irmão que voltou secretamente,
anda cheio de pasmo, vai às nuvens,
sem que os murmuradores lho faleçam
com ditos pestilentos sobre a causa
da morte do pai dele, sem falarmos
que a própria confusão, não conhecendo
como as coisas realmente se passaram,
não deixará de envenenar-me o nome
de ouvido para ouvido. Oh minha cara
Gertrudes, isso tudo, como peça
mortífera disposta em várias partes,
morte sobeja ora vai dar-me.
(Ouve-se barulho.)
A Rainha · Que houve?
(Entra um nobre.)
O Rei · Onde estão meus suíços? Que defendam as portas. Que há de novo?
O Nobre · Majestade,
fugi! O oceano, quando rompe os diques,
não devora a planície com mais ímpeto
do que Laertes, à testa dos rebeldes,
vence a tropa legal. O populacho
lhe chama lorde, e tal como se o mundo
fosse recomeçar, sem que mais lembrem
tradições, esquecidos os costumes —
sustentáculos firmes das palavras —
grita: Elejamos Rei! Seja Laertes!
As línguas e os chapéus, as mãos o aplaudem
até as nuvens: Laertes, nosso Rei!
A Rainha · Como ladram joviais na pista falsa!
Errastes, falsos cães dinamarqueses!
O Rei · Arrombaram as portas.
(Ouve-se barulho.)
(Entra Laertes, armado, seguido de dinamarqueses.)
Laertes · Onde está o Rei? Senhores, ficai fora!
Dinamarqueses · Não; entremos.
Laertes · Suplico-vos, deixai-nos!
Dinamarqueses · Pois não! Pois não!
(Afastam-se para trás da porta.)
Laertes · Obrigado; guardai todas as portas.
Rei desprezível, dai-me o meu bom pai.
O Rei · Calma, meu bom Laertes.
Laertes · A gota de meu sangue que ficasse
calma, me insultaria se bastardo,
mancharia meu pai, lançando a pecha
de meretriz na fronte imaculada
de minha santa mãe.
O Rei · Qual é o motivo,
Laertes, de assumir ares gigantes
essa rebelião? Deixa-o, Gertrudes;
nada temas por nós. De tal maneira
o caráter divino ao Rei protege,
que a traição mal espreita o que almejara,
sem nada conseguir... Dizei, Laertes,
o que vos pôs assim. Gertrudes, deixa-o.
Falai, jovem.
Laertes · Meu pai, que é dele?
O Rei · Morto.
A Rainha · Mas não por ele.
O Rei · Deixa que me fale.

shakespearebrasileiro.org

LAERTES · Como morreu? Não quero ser ludíbrio
de ninguém. Para o inferno os juramentos!
Fidelidade, os diabos a carreguem!
Consciência e graça, o abismo as sorva logo!
Venha a condenação! Chego até o ponto
de arriscar esta vida e a porvindoira,
sem medir conseqüências, tão-somente
para a meu pai vingar.
O REI · Que vos detém?
LAERTES · Afora o meu querer, nem todo o mundo.
Quanto aos recursos, hei de encontrar jeito
de obter muito com pouco.
O REI · Ouvi, Laertes;
se desejais, de fato, saber como
vosso pai faleceu, acha-se escrito
nos vossos planos, que deveis num lance,
sem distinção de amigos e inimigos,
arrastar os culpados e inocentes?
LAERTES · Não, só seus inimigos.
O REI · Desejais conhecê-los?
LAERTES · A quantos se mostrarem
seus amigos, os braços tenho abertos
e, como o pelicano, com meu sangue
lhes darei vida e alento.
O REI · Essas palavras
são de bom filho e bravo gentil-homem.
Minha inocência relativa à morte
de vosso pai, e a mágoa de perdê-lo
hão de ao juízo tão claro aparecer-vos
como aos olhos a luz.
DINAMARQUESES *(dentro)* · Deixai-a entrar.
LAERTES · Que significa esse barulho?

(Entra Ofélia.)

Febre
seca-me o cérebro! Corroei-me, lágrimas
sete vezes salgadas, a virtude
dos olhos! Pelo céu! tua loucura
será pesada até que desça o prato
da balança.
Rosa de maio, irmã, doce menina,
querida Ofélia! Oh céu! É então possível
que a razão de uma jovem seja frágil
como o alento de um velho? A natureza
se depura no amor e, florescendo,
empresta à coisa amada algo da essência
preciosa de si mesma.
OFÉLIA *(canta)* · Levaram-no a enterrar sem
cobertura...
Tra-lá, la-rá!
Quanto choro lhe rega a sepultura!
Adeus, pombinho!
LAERTES · Se com toda a razão me concitasses
a vingar-te, nem tanto me abalaras.
OFÉLIA · Deveríeis cantar: "Abaixo! abaixo!
Chamai-o para baixo!" Oh! Como a roda lhe vai
bem! É da canção do intendente falso que raptou a
filha do amo.
LAERTES · Este nada vale mais do que tudo.
OFÉLIA · Aqui está rosmaninho, para lembrança.
Não te esqueças de mim, querido. Estes amores-
perfeitos são para o pensamento.
LAERTES · Uma sentença na loucura: a lembrança e
o pensamento harmonizados!
OFÉLIA · Para vós, funcho e aquiléia; arruda para
vós, e um pouco para mim, também. Poderemos
chamar-lhe erva da graça dos domingos, mas a vossa
deverá ser usada de outro jeito. Aqui está margarida.
Quisera dar-vos algumas violetas, mas murcharam
todas, quando meu pai morreu. Dizem que ele teve
um fim muito bonito. *(Canta.)* Era a minha alegria o
bom Robim!
LAERTES · À tristeza, à paixão, ao próprio inferno,
a tudo ela dá graça e empresta encanto.
OFÉLIA *(canta)* · Nunca mais o veremos?
Não mais retornará?
Sumiu deste mundo;
baixai para o fundo,
que ele não voltará.
Barba branca de neve,
de linho a cabeleira.
Já foi, sem parar;
é inútil chorar;
que no céu Deus o queira
e a todas as almas cristãs, é o que eu rogo a Deus.
Deus seja convosco!

(Sai.)

LAERTES · Vedes isto, oh Deus?
O REI · De vossa mágoa, Laertes, compartilho;
é meu direito. Agora retirai-vos
por uns momentos e os mais ajuizados
amigos escolhei, porque nos ouçam,
para entre mim e vós serem juízes.
Se achardes culpa em nós, mediata embora,
será vossa a coroa, nosso reino,
a própria vida e tudo quanto é nosso,
como satisfação. No caso oposto,

contentai-vos de ouvir-nos com paciência,
que, a vossa alma associados, cuidaremos
de ressarcir-lhe a dor.
LAERTES · Seja. A maneira
por que morreu, o enterro misterioso,
sem brasão, nem espada sobre o túmulo,
a ausência do ritual e pompas fúnebres,
clamam, como atroando o céu e a terra,
pedindo explicações.
O REI · Ser-vos-ão dadas.
E onde houver culpa, caia a machadinha.
Vinde comigo, peço-vos.

(Saem.)

Ato IV · Cena VI

Outro quarto no castelo.
Entram Horácio e um criado.

HORÁCIO · Quem quer falar comigo?
O CRIADO · Marinheiros, senhor; são portadores de umas cartas.
HORÁCIO · Que entrem, pois.

(Sai o criado.)

Tirando lorde Hamlet, em todo o mundo
não sei quem poderia enviar-me cartas.

(Entra um marinheiro.)

MARINHEIRO · Deus vos abençoe, senhor.
HORÁCIO · E a ti também.
MARINHEIRO · Assim o fará, senhor, se for de sua vontade. Esta carta, senhor, é para vós; vem da parte do embaixador que deveria ir para a Inglaterra, se vos chamardes Horácio, como me afirmaram.
HORÁCIO *(lê)* · "Horácio, quando passares os olhos por esta, proporciona a esses homens meios de chegarem até o Rei; são portadores de cartas para ele, também. Não havia ainda dois dias que nos encontrávamos no mar, quando nos deu caça um corsário de grande aparelhagem bélica. A morosidade das velas nos tornou valentes à força, havendo eu saltado para a tolda do inimigo logo que o abordamos. No mesmo instante conseguiram desvencilhar-se de nosso navio, ficando eu como único prisioneiro. Procedem comigo como ladrões misericordiosos; mas eles sabem o que fazem, pois esperam tirar de mim grande proveito. Faze chegar ao Rei as cartas que lhe envio e vem ter comigo com a pressa que empregarias em fugir da morte. Tenho a dizer-te ao ouvido palavras que te deixarão mudo, muito embora ainda sejam leves demais para o calibre do assunto. Essa boa gente há de informar-te onde me encontro. Rosencrantz e Guildenstern continuam a caminho da Inglaterra. Tenho muito que contar-te a respeito deles.
Aquele que conheces como te pertencendo, Hamlet."
Vinde comigo: vou facilitar-vos
a entrega dessas cartas, porque logo
me leveis à pessoa que as enviou.

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

Outro quarto no castelo.
Entram o Rei e Laertes.

O REI · Vossa consciência, agora me confirma
quitação mais que plena. Podeis mesmo
ao peito aconchegar-me como amigo
pois já sabeis, de ouvir de ciência certa,
que quem matou a vosso nobre pai
também me quis matar.
LAERTES · É o que parece.
Mas, por que não punistes esses atos,
de si tão criminosos, como a vossa
dignidade o obrigava, a segurança,
tudo, em suma?
O REI · Oh! São duas as razões,
que talvez vos pareçam despiciendas,
mas que pesam. Sua mãe vive somente
de seus olhares. Quanto ao que me toca —

shakespearebrasileiro.org

seja virtude ou doença, pouco monta —
de alma e corpo me sinto a ela tão preso, que assim
como não sai da órbita a estrela,
sem ela me não mexo. O outro motivo
que me impede de com ele justar contas
é o grande amor que lhe devota a plebe,
que, na afeição banhando seus defeitos,
como as fontes que o lenho em pedra mudam,
de ferros faz relíquias. Minhas setas,
talhadas em madeira muito leve
para tão forte vento, voltariam
para o arco, sem que no alvo se encravassem.
LAERTES · E assim perdi meu nobre pai, e vejo
caída na demência minha irmã,
cujo valor, se é lícito falar-se
do que já foi, nenhum outro acharia
que pudesse igualá-la em perfeição.
Mas espero vingar-me.
O REI · Vosso sono
não perturbeis com semelhante idéia,
nem penseis, porventura, que sejamos
composto de matéria tão grosseira,
que deixemos puxar-nos pela barba
com violência e ainda achemos que é brinquedo.
Breve ouvireis o resto. Era afeiçoado
a vosso pai; amamos a nós mesmos,
por isso espero que havereis de, em breve...
(Entra um mensageiro.)
Que há de novo?
MENSAGEIRO · Senhor, cartas de Hamlet,
para a Rainha e Vossa Majestade.
O REI · De Hamlet? Quem as trouxe?
MENSAGEIRO ·
Marinheiros, senhor, segundo dizem
não lhes falei; foi Cláudio quem mas deu;
a este é que o portador as entrega.
O REI · Laertes, vais ouvi-las. Podes ir.
(Sai o mensageiro.)
(Lê) "Alto e poderoso senhor: sabei que fui trazido
nu para vosso reino. Amanhã vos pedirei permissão
para contemplar vossos reais olhos, quando pretendo,
depois de obtido consentimento, relatar-vos os
motivos de meu inesperado e muito estranho regresso.
Hamlet."
Que é isso? E os companheiros, voltariam?
Não será tudo apenas uma farsa?
LAERTES · E a letra?
O REI · Os traços são de Hamlet: "Nu"; e adiante, em
pós-escrito, diz: "Sozinho". Podeis aconselhar-me?
LAERTES ·
Não sei também que faça. Mas que venha.
Sinto que se me inflama o peito à idéia
de viver e poder dizer-lhe aos dentes:
Assim fizeste!
O REI · Se assim é, Laertes,
e por que não? Por que de outra maneira?
Quereis que vos oriente?
LAERTES · Então, senhor!
Contanto que de paz não seja o assunto.
O REI · Vossa paz, simplesmente. Já que a viagem
ficou frustrada e que ele já não cuida
de reiniciá-la, penso em concitá-lo
a um feito em que de há muito estou pensando,
que a morte dele implica, sem que vento
de censura nenhum nos incomode;
a própria mãe verá no efeito o acaso,
chamando-lhe acidente.
LAERTES · Estou de acordo
e mais ainda estarei, se dispuserdes
que seja eu o instrumento.
O REI · Vem a tempo.
Dês que viajastes, fostes elogiado
na presença de Hamlet por um dote
em que, se diz, primais. Todas as outras
qualidades, reunidas, não tiveram
o poder de espetar-lhe tanto a inveja,
como essa, que, a meu ver, é a mais modesta.
LAERTES · Que talento, senhor, gabaram tanto?
O REI · Um laço no chapéu da juventude,
conquanto necessário; porque aos moços
cai bem a vestimenta leve e simples,
como peles e mantos à velhice,
que a protegem, tornando-a circunspecta.
Aqui esteve, há dois meses, um normando.
Lutei contra os franceses; sei, de viso,
que são bons cavaleiros. Esse bravo,
contudo, fez milagres, de tal modo
se unia à sela, e tais e tantas coisas
ao cavalo obrigava. Pareciam
um só corpo e que meia natureza
do formoso animal ele possuísse.
De tal modo excedeu meu pensamento,
que só de imaginar voltas e saltos
fico aquém de seus efeitos.

shakespearebrasileiro.org

Laertes · Um normando?
O Rei · Normando, sim.
Laertes · Lamord, por minha vida!
O Rei · Esse mesmo.
Laertes · Conheço-o bem; é a pérola
e a jóia de seu povo.
O Rei · Fez-vos grandes encômios, elogiando-vos
de tal maneira na arte e no manejo
das armas, sobretudo do florete,
que proclamavam digno de ser visto,
se alguém vos desafiasse. Os esgrimistas
de sua pátria, jurava, careciam
de vista, precaução e agilidade,
quando em jogo convosco. Esses encômios
envenenaram tanto a alma de Hamlet,
que vivia a querer que regressásseis
porque logo convosco se medisse.
Ora, assim sendo...
Laertes · Sendo assim, senhor?
O Rei · Laertes, vosso pai vos era caro,
ou sois tal como a imagem da tristeza,
rosto sem coração?
Laertes · Por que isso agora?
O Rei · Não penso que esse amor vos falecesse;
mas sei que o amor no tempo se origina,
sobre haver-me a experiência demonstrado
que o tempo lhe modera o ardor e o brilho.
No centro dessa chama se acha sempre
uma mecha ou pavio que a amortece.
Nada conserva sempre o mesmo aspecto;
que até mesmo a bondade, em demasia,
morre do próprio excesso. O que queremos,
deve ser feito, que o querer varia,
mostrando tantas quedas e delongas
quantas línguas existem, mãos e casos,
e o "devia" se muda num suspiro
que alivia e faz mal. Mas vamos à úlcera:
Hamlet volta; como demonstráreis
que de tal pai sois filho, mais com atos
do que simples palavras?
Laertes · Cortar-lhe-ia o pescoço na igreja.
O Rei · De fato, não devia haver santuário
que o homicida amparasse, nem limites
para a vingança. Mas, bondoso Laertes,
se concordais, ficai no vosso quarto.
Hamlet vai saber que já voltastes;
cuidarei que de vós lhe falem muito,
pondo duplo verniz nos elogios
do francês. Em resumo: aproximamo-nos
e faremos apostas. Desatento
como ele é, sobre nobre e sem suspeita,
as armas não verá. Daí ser fácil,
na confusão, ficardes com o florete
não protegido, o que vos ensejará,
num bote calculado, compensá-lo
por vos ter morto o pai.
Laertes · Aceito o alvitre,
e ainda mais: enveneno minha espada.
Comprei de um charlatão certa mistura
tão mortal que, banhando nela a faca,
uma vez feito o sangue, não há emplastro,
ainda que preparado só de simples
virtuosos sob a lua, que consiga
dar vida a quem tocado for de leve.
Vou pôr esse veneno na minha arma,
porque esflorar o contendor já seja
para ele a morte.
O Rei · Vamos tratar disso.
Pesemos ora o tempo e as circunstâncias
adequadas ao caso. Se essa traça
falhar, transparecendo nosso intento
por falecer-nos jeito, melhor fora
não ter tentado. Daí o ser preciso
novo plano, numa espécie de reforço,
para o caso de a prova não dar certo.
Esperai... Quero ver... Apostaremos
por maneira solene na arte de ambos...
Eis aqui!
Quando a luta vos der calor e sede —
esforçai-vos para isso nos ataques —
e ele quiser beber, hei de uma taça
ter à mão. Bastará que nela molhe
de leve os lábios, caso ele consiga
livrar-se do florete envenenado,
porque o plano dê certo. Mas, que é isso?

(Entra a Rainha.)

Então, meiga Rainha?
A Rainha · Tanto as desgraças correm, que se enleiam
no encalço umas das outras. Vossa irmã
afogou-se, Laertes.
Laertes · Afogou-se? Onde? Como?
A Rainha · Um salgueiro reflete na ribeira
cristalina sua copa acinzentada.
Para aí foi Ofélia sobraçando
grinaldas esquisitas de rainúnculas,
margaridas, urtigas e de flores

shakespearebrasileiro.org

de púrpura, alongadas, a que os nossos
campônios chamam nome bem grosseiro,
e as nossas jovens "dedos de defunto".
Ao tentar pendurar suas coroas
nos galhos inclinados, um dos ramos
invejosos quebrou, lançando na água
chorosa seus troféus de erva e a ela própria.
Seus vestidos se abriram, sustentando-a
por algum tempo, qual a uma sereia,
enquanto ela cantava antigos trechos,
sem revelar consciência da desgraça,
como criatura ali nascida e feita
para aquele elemento. Muito tempo,
porém, não demorou, sem que os vestidos
se tornassem pesados de tanta água
e que de seus cantares arrancassem
a infeliz para a morte lamacenta.

LAERTES · Afogou-se, dissestes?

A RAINHA · Afogou-se.

LAERTES · Querida irmã, já tens água de sobra;
não te darei mais lágrimas. Contudo,
somos assim, que a natureza o obriga,
sem que importe a vergonha; uma vez fora,
deixou de ser mulher. Adeus, senhor.
Com as palavras, só chamas me sairiam,
se não fosse apagá-las a tolice.

(Sai.)

O REI · Sigamo-lo, Gertrudes. Que trabalho
me custou para a cólera acalmar-lhe!
Receio que de novo a explodir venha.
Sigamo-lo, portanto.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Um cemitério.
Entram dois coveiros, com alviões e pás.

PRIMEIRO COVEIRO · Poderá ser-lhe dada sepultura cristã, se foi ela quem procurou a salvação?

SEGUNDO COVEIRO · Digo-te que sim: por isso, trata de abrir logo a sepultura; o magistrado já fez investigações, tendo concluído pelo sepultamento em chão sagrado.

PRIMEIRO COVEIRO · Como assim, se ela não se afogou em defesa própria?

SEGUNDO COVEIRO · Foi o que decidiram.

PRIMEIRO COVEIRO · Então foi se *ofendendo*; não pode ter sido de outro modo, que o ponto principal é o seguinte: se eu me afogar voluntariamente, pratico um ato; um ato é composto de três partes: agir, fazer e realizar. Logo, afogou-se porque quis.

SEGUNDO COVEIRO · Mas ouvi, compadre coveiro...

PRIMEIRO COVEIRO · Com licença. Aqui está a água; bem. Aqui está o homem; bem. Se o homem vai para a água e se afoga, é ele, quer o queira quer não, que vai até lá. Toma nota. Mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga. Logo, quem não é culpado de sua própria morte, não encurta a vida.

SEGUNDO COVEIRO · E isso é lei?

PRIMEIRO COVEIRO · É, de acordo com as conclusões do magistrado.

SEGUNDO COVEIRO · Quereis que vos seja franco? Se não se tratasse de uma senhorinha de importância, não lhe dariam sepultura cristã.

PRIMEIRO COVEIRO · Tu o disseste; é pena que neste mundo os grandes tenham mais direito de se enforcarem e afogarem do que os seus irmãos em Cristo. Dá-me a pá. Não há nobreza mais antiga do que a dos jardineiros, dos abridores de fossas e dos coveiros; todos exercem a profissão de Adão.

SEGUNDO COVEIRO · Adão era nobre?

PRIMEIRO COVEIRO · Foi quem primeiro usou armas.

SEGUNDO COVEIRO · Como, se não as possuía?

PRIMEIRO COVEIRO · Quê! És pagão? Como é que interpretas a Escritura? A Escritura diz que Adão cavou. Como poderia ele cavar, se não possuísse armas? Vou fazer-te outra pergunta; se não responderes certo, terás de confessar que és...

SEGUNDO COVEIRO · Pois que venha a pergunta.

PRIMEIRO COVEIRO · Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

SEGUNDO COVEIRO · O que levanta cadafalsos, porque suas construções sobrevivem a milhares de inquilinos.

PRIMEIRO COVEIRO · Realmente, aprecio a tua vivacidade. O cadafalso faz bem. Mas, para quem

shakespearebrasileiro.org

faz ele bem? Para os que fazem mal. Por isso, fizeste mal em dizer que o cadafalso é mais sólido do que a Igreja. Logo o cadafalso te faria bem. Vamos, responde logo.

SEGUNDO COVEIRO · Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o carpinteiro e o construtor de navios?

PRIMEIRO COVEIRO · Justamente. Responde isso e sai da canga.

SEGUNDO COVEIRO · Desta vez vou acertar.

PRIMEIRO COVEIRO · Veremos.

SEGUNDO COVEIRO · Com a breca! Não o consigo.

(Hamlet e Horácio aparecem no fundo.)

PRIMEIRO COVEIRO · Não dês tratos à bola, que o teu asno preguiçoso não andará mais depressa com as chibatadas. Quando te fizerem de novo essa pergunta, responde que é o coveiro, porque a casa que ele constrói dura até o dia do Juízo. Corre à hospedaria e traze-me uma caneca de aguardente.

(Sai o segundo coveiro.)

PRIMEIRO COVEIRO *(canta, continuando a cavar)* ·

Quando rapaz amei, amei bastante
Quão doce me sabia
tudo aquilo! Que tempo! Um só instante
mais que tudo valia.

HAMLET · Esse sujeito não terá o sentimento da profissão, para cantar, quando está abrindo uma sepultura?

HORÁCIO · O hábito facilitou-lhe a tarefa.

HAMLET · É isso; as mãos que trabalham pouco são mais sensíveis.

PRIMEIRO COVEIRO *(canta)* ·

Mas a idade, com passo de ladrão,
nas garras me apanhou,
tirando-me do mundo folgazão;
e tudo se acabou.

(Joga um crânio.)

HAMLET · Tempo houve em que aquele crânio teve língua e podia cantar; agora, esse velhaco o atira ao solo, como se se tratasse da mandíbula de Caim, o primeiro homicida. É bem possível que a cabeça que esse asno maltrata desse jeito seja de algum político que enganava ao próprio Deus, não te parece?

HORÁCIO · É bem possível, milorde.

HAMLET · Ou de algum cortesão que sabia dizer: "Bom dia, meu doce senhor! Como vai passando, meu bom senhor?" Talvez a de lorde Fulano, que elogiava o cavalo de lorde Cicrano, quando tinha a intenção de pedir-lho, não é verdade?

HORÁCIO · É isso mesmo.

HAMLET · E agora, depois de pertencer a lorde Verme, que lhe comeu as carnes, este sujeito lhe bate com a enxada no maxilar. Se pudéssemos acompanhá-lo em todas as fases, surpreenderíamos nisso uma bela revolução. Levaram tanto tempo esses ossos para se formarem, só para virem a servir de bola! Só de pensar em tal coisa, sinto doer os meus.

PRIMEIRO COVEIRO *(canta)* ·

Uma enxada e uma pá bem resistente,
mais um lençol bem-feito
e uma cova de lama indiferente,
fazem do hóspede o leito.

(Joga outro crânio.)

HAMLET · Mais um crânio. Por que não há de ser o de um jurista? Onde foram parar as sutilezas, os equívocos, os casos, as enfiteuses, todas as suas chicanas? Por que consente que este maroto rústico lhe bata com a enxada suja, e não lhe arma um processo por lesões pessoais? Hum! É bem possível que esse sujeito tivesse sido um grande comprador de terras, com suas escrituras, hipotecas, multas, endossos e recuperações. Consistirá a multa das multas e a recuperação das recuperações em ficarmos com a bela cabeça assim cheia de tão bonito lodo? Não lhe arranjaram seus fiadores, com as fianças duplas, mais espaço do que o de seus contratos? Os títulos de suas propriedades não caberiam em seu caixão; não obterão os herdeiros mais do que isso?

HORÁCIO · Nada mais, milorde.

HAMLET · Pergaminho não é feito de pele de carneiro?

HORÁCIO · Perfeitamente, príncipe; e também de bezerro.

HAMLET · Não passam de carneiros e de bezerros os que procuram segurar-se nisso. Vou dirigir-me a esse maroto. De quem é essa cova, camarada?

PRIMEIRO COVEIRO · É minha, senhor.

...e uma cova de lama indiferente
fazem do hóspede o leito.

HAMLET · Estou vendo que é tua, de fato, porque te encontras dentro dela.

shakespearebrasileiro.org

PRIMEIRO COVEIRO · Estais fora dela, senhor; logo, não vos pertence. Enquanto a mim, muito embora não esteja deitado nela, posso dizer que é minha.
HAMLET · Não é certo dizeres que te pertence porque estás dentro dela. Sepultura é para os mortos, não para os que estão com vida. Logo, estás mentindo.
PRIMEIRO COVEIRO · Uma mentira viva, senhor, que voltará de mim para vós.
HAMLET · Para que homem estás cavando essa sepultura?
PRIMEIRO COVEIRO · Não é para nenhum homem, senhor.
HAMLET · Para que mulher, então?
PRIMEIRO COVEIRO · Não é para mulher, tampouco.
HAMLET · Quem é que vai ser enterrado nela?
PRIMEIRO COVEIRO · Alguém que foi mulher, senhor, e que — Deus a tenha em sua santa guarda — já faleceu.
HAMLET · Como esse sujeito é meticuloso! Precisamos falar-lhe com a bússola na mão; qualquer equívoco poderá ser-nos fatal. Por Deus, Horácio, tenho observado que nestes últimos três anos o mundo se torna cada vez mais sutil. O pé do campônio toca tão de perto no calcanhar do nobre, que causa esfoladuras. Há quanto tempo és coveiro?
PRIMEIRO COVEIRO · Entre todos os dias do ano, iniciei a profissão no dia em que o nosso defunto Rei Hamlet venceu a Fortimbrás.
HAMLET · E quanto tempo faz isso?
PRIMEIRO COVEIRO · Não sabeis? Qualquer bobo poderia dizer-vos: foi no dia em que nasceu o moço Hamlet, aquele que ficou louco e que mandaram para a Inglaterra.
HAMLET · Ah, sim? E por que o mandaram para a Inglaterra?
PRIMEIRO COVEIRO · Ora, porque enlouqueceu. Lá, ele há de recuperar o juízo; mas se o não fizer, importa pouco.
HAMLET · Por que razão?
PRIMEIRO COVEIRO · É que ninguém se aperceberá disso; todos por lá são tão loucos quanto ele.
HAMLET · E como foi que ele enlouqueceu?
PRIMEIRO COVEIRO · Por maneira muito estranha, dizem.
HAMLET · Como estranha?
PRIMEIRO COVEIRO · Ora, perdendo o juízo.
HAMLET · E onde foi isso?
PRIMEIRO COVEIRO · Ora, aqui na Dinamarca. Entre rapaz e homem feito, sou coveiro há trinta anos.
HAMLET · Quanto tempo pode uma pessoa ficar na terra, sem apodrecer?
PRIMEIRO COVEIRO · A la fé, se já não começara a apodrecer em vida, que hoje em dia há muitos bexiguentos que mal esperam pela inumação, poderá durar-vos coisa de oito anos ou nove; um curtidor demora nove anos.
HAMLET · E por que ele mais tempo do que os outros?
PRIMEIRO COVEIRO · Ora, senhor, é que a profissão lhe endurece a pele, tornando-a impermeável à água, que é o mais ativo destruidor do bandido do cadáver. Temos aqui outro crânio, que vos ficou na terra seus vinte e três anos.
HAMLET · De quem era este?
PRIMEIRO COVEIRO · Do mais extravagante louco que já se viu. Quem pensais que ele fosse?
HAMLET · Não posso sabê-lo.
PRIMEIRO COVEIRO · Para o diabo com sua loucura! Certa vez atirou-me à cabeça uma botija de vinho do Reno. Esse crânio aí, senhor, esse crânio aí, senhor, era o crânio de Yorick, o bobo do Rei.
HAMLET · Este?
PRIMEIRO COVEIRO · Precisamente.
HAMLET · Deixa-me vê-lo. *(Toma o crânio.)* Pobre Yorick! Conheci-o, Horácio; um sujeito de chistes inesgotáveis e de uma fantasia soberba. Carregou-me muitas vezes às costas. E agora, como me atemoriza a imaginação? Sinto engulhos. Era aqui que se encontravam os lábios que eu beijei não sei quantas vezes. Onde estão agora os chistes, as cabriolas, as canções, os rasgos de alegria que faziam explodir a mesa em gargalhadas? Não sobrou uma ao menos, para rir de tua própria careta? Tudo descarnado! Vai agora aos aposentos da senhora e dize-lhe que, embora se retoque com uma camada de um dedo de espessura, algum dia ficará deste jeito. Faze-a rir com semelhante pilhéria. Dize-me uma coisa, Horácio, por obséquio.
HORÁCIO · Que é, príncipe?
HAMLET · Acreditas que Alexandre, depois de enterrado, tivesse este mesmo aspecto?
HORÁCIO · Igual, igual, príncipe.

shakespearebrasileiro.org

HAMLET · E este cheiro? Puá!!

(Jogo o crânio.)

HORÁCIO · O mesmo, príncipe.

HAMLET · A que usos ínfimos temos de prestar-nos,
Horácio. Por que não acompanhar a imaginação
as nobres cinzas de Alexandre, até encontrá-las
servindo para tapar um barril?

HORÁCIO · É ir muito longe, considerar as coisas
por esse modo.

HAMLET · De forma alguma. Acompanhemo-
las com bastante modéstia, deixando-nos guiar
apenas pela verossimilhança. Mais ou menos deste
jeito: Alexandre morreu; Alexandre foi enterrado;
Alexandre tornou-se pó. O pó é terra; da terra faz-se
argila; por que, então, não se poderá tapar um barril
de cerveja com a argila em que ele se converteu?

O grande César morto e em pó tornado,
pode a fenda vedar ao vento irado.
O pó que o mundo inteiro trouxe atento,
ora o muro protege contra o vento.

Mas, silêncio; cautela. Afastemo-nos. Aí vem o Rei.

(Entram padres etc. em procissão. O corpo de Ofélia, Laertes, as carpideiras; o Rei, a Rainha, séquito etc.)

A corte toda, a Rainha! A quem sepultam
com ritos incompletos? Isso indica
que a pessoa a que trazem suicidou-se
com mão desesperada. E era de estado.
Vamo-nos ocultar para observá-los.

(Retira-se com Horácio.)

LAERTES · Que cerimônia mais?

HAMLET · Esse é Laertes,
jovem da alta prosápia; observa-o bem.

LAERTES · Que cerimônia mais?

PRIMEIRO PADRE · Quanto nos foi possível,
prolongarmos-lhe as obséquias.
Sua morte foi suspeita,
e a não ser a pressão sobre nossa ordem,
seria sepultada em chão profano
até o clarim final. Em vez de pias
orações, lhe teríamos jogado
seixos, tições e cardos. Ao invés disso,
consentimos nas flores sobre a tumba,
a coroa de virgem e no dobre
de finados durante o saimento.

LAERTES · Não se fará mais nada?

PRIMEIRO PADRE · Nada mais;
mancharíamos agora esse serviço
se cantássemos Réquiem, como em casos
de morte em santa paz.

LAERTES · Ponde-a na terra!
Que de sua carne pura e não manchada
nasçam violetas. Padre bronco, digo-te
que minha irmã vai ser um anjo, enquanto
tu ficarás a contorcer-te em urros.

HAMLET · Que ouço? A bela Ofélia?

A RAINHA · Para a fragrância, mais perfume. Adeus.
Sempre esperei que viesses a casar-te
com meu Hamlet; imaginara o leito
de núpcias enfeitar-te, doce criança,
jamais a sepultura.

LAERTES · Maldição
tríplice, triplicada mais dez vezes,
caia sobre a cabeça amaldiçoada
do infame causador de teu desvairo.
Parai com a terra, até que nestes braços
a aperte novamente.

(Salta na cova.)

Agora ponde
sobre o vivo e o cadáver vossa poeira,
té que o chão transformeis numa montanha
que vença o velho Pélio ou a azul cabeça
do celestial Olimpo.

HAMLET · Quem se queixa
com ênfase tão grande e com palavras
que detêm as estrelas em seu curso
como ouvintes pasmados? Sou Hamlet,
sim, o Dinamarquês.

(Salta na cova.)

LAERTES · O diabo te leve a alma!

(Atraca-se com ele.)

HAMLET · Não rezaste direito.
Digo-te que me soltes a garganta,
pois embora eu não seja nem furioso
nem frenético, posso conter algo
de que deves recear-te. Tira as mãos!

O REI · Separem-nos!

A RAINHA · Hamlet! Hamlet!

TODOS · Calma!

HORÁCIO · Príncipe, por favor...

(Alguns dos presentes os apartam; saem da sepultura.)

HAMLET · Por tal motivo lutarei com ele
enquanto eu conseguir mover as pálpebras.

A RAINHA · Que motivo, meu filho?

HAMLET · Amava Ofélia;
quarenta mil irmãos não poderiam,
com todo o seu amor multiplicado,

shakespearebrasileiro.org

perfazer o total do que eu lhe tinha.
Que farias por ela?
O REI · Laertes, está louco.
A RAINHA · Evitai-o, por Deus.
HAMLET · Com os diabos! Dize logo o que farias.
Chorar? brigar? jejuar? fazer-te em tiras?
beber vinagre e até engolir inteiro
um crocodilo? Tudo isso eu posso.
Que vieste aqui fazer? Gemer apenas?
desafiar-me na cova? Se desejas
que te enterrem, também posso imitar-te.
Se falas de montanhas, que despejem
sobre nós milhões de acres, té que o solo
vá queimar-se de encontro à zona ardente,
deixando a Ossa tornar-se uma verruga.
Como vês, eu também falo empolado.
A RAINHA · É da loucura; o acesso dura pouco;
mas logo, tão quietinho como a pomba,
quando os gêmeos lhe nascem de cor de ouro,
as asas o silêncio lhe adormece.
HAMLET · Respondei-me, senhor: por que motivo
me tratais desse modo? Amei-vos sempre.
Mas isso pouco importa; deixai que Hércules
faça como entender; o gato mia;
o cachorro também terá seu dia.

(Sai.)

O REI · Meu caro Horácio, peço-te, acompanha-o.

(Sai Horácio.)

(A Laertes.) Fortifica a paciência no que à noite
conversamos, que breve decidimos
este assunto.
(À Rainha.) Boa Gertrudes, cuida de teu filho.
(À parte.) Esta cova há de ter momento vivo.
Uma hora de sossego ainda virá;
com paciência esperemos até lá.

(Saem todos.)

Ato V · Cena II

Uma sala no castelo.
Entram Hamlet e Horácio.

HAMLET · Sobre este assunto, é quanto basta; agora
cuidemos do outro. Lembras-te de todas
as particularidades?
HORÁCIO · Se me lembro!
HAMLET · Uma luta travou-se-me no peito,
que o sono me tirou; sofria como
revoltosos em ferro. De repente —
Viva a temeridade! — É muito certo
que a indiscrição por vezes nos ampara,
quando a trama periga. Isso nos mostra
que um deus aperfeiçoa nossos planos,
ainda que mal traçados.
HORÁCIO · É bem certo.
HAMLET · Saí do camarote envolto às pressas
no meu roupão de viagem, para achá-los
na escuridão. Consigo o intento, lanço
mão do pacote e me retiro para
meu quarto novamente. Com audácia,
que o medo vence o brio, os selos quebro
da grande comissão, achando, Horácio —
oh banditismo real! — uma ordem clara,
com vários argumentos relativos
ao bem da Dinamarca e da Inglaterra
e não sei mais que duendes e fantasmas,
no caso de com vida me deixarem,
para que na mesma hora, sem delongas,
nem sequer a de afiar a machadinha,
me degolassem.
HORÁCIO · Quê! É então possível!?
HAMLET · Aqui tens o mandado. Podes lê-lo
com vagar. Mas não queres que te conte
como me decidi?
HORÁCIO · Com todo o gosto.
HAMLET · Cercado assim por tantas vilanias,
mesmo antes de eu poder dizer o prólogo,
representava o cérebro. Sentei-me
e escrevi com capricho nova carta.
Já pensei, como os nossos estadistas,
que é feio escrever bem, tendo insistido,
até, em desaprendê-lo; mas, nessa hora
muito bom me foi isso. Quererias
saber qual o conteúdo da mensagem?
HORÁCIO · Com todo o gosto, príncipe.
HAMLET · Rogo instante do Rei, considerando
que a Inglaterra era fiel subordinada,
que o amor entre os dois povos deveria
florescer como a palma, que a concórdia

a grinalda de trigo apresentava
como traço-de-união entre as coroas,
e outros considerando de igual porte,
para que, conhecido o teor da carta,
fossem mortos depressa os portadores,
sem delongas, e até sem dar-lhes tempo
de confessar as culpas.
HORÁCIO · Bem; e o selo?
HAMLET · Nisto o céu me ajudou. Tinha na bolsa
o sinete que fora de meu pai
e que serviu de norma para o selo
da Dinamarca. Após, dobrada a carta,
subscritada e impresso nela o timbre,
pu-la no lugar da outra, sem vestígio
deixar da troca. Deu-se no outro dia
o combate. Já sabes tudo o mais.
HORÁCIO · Desta arte, Rosencrantz e Guildenstern
seguiram seu caminho.
HAMLET · Ora, homem; foram
eles que namoraram esse emprego.
Remorso algum me vem por ter feito isso.
Caem, por terem sido intrometidos.
É perigoso, para a gente baixa,
ficar entre os floretes inflamados
de dois opositores poderosos.
HORÁCIO · E dizer-se que é Rei!
HAMLET · Não achas que fiz bem? Ele privou-me
do meu pai, prostituiu-me a mãe, meteu-se
entre a escolha do povo e meus anelos,
jogou o laço, visando até a matar-me,
e com tanta perfídia... Em sã consciência,
não cabe a este meu braço dar-lhe o troco?
Não é crime deixar um verme desses
corroer-me por mais tempo a própria carne?
HORÁCIO · Dentro de pouco tempo hão de chegar-lhe
notícias da Inglaterra sobre o caso.
HAMLET · Até lá o tempo é meu. A vida humana
não dura mais do que a contagem de um.
Mas, meu bondoso Horácio, fico triste
por me haver esquecido de mim mesmo,
frente a Laertes; vejo em minha causa
representada a sua. Estimo-o muito;
mas, realmente, as bravatas nos lamentos
deixaram-me furioso.
HORÁCIO · Basta. Vede
quem vem chegando.

(Entra Osrico.)

OSRICO · Vossa Alteza é muito bem-vindo à Dinamarca.
HAMLET · Humildemente vos agradeço, meu senhor. *(À parte, a Horácio.)* Conheces esse mosquito?
HORÁCIO *(à parte, a Hamlet)* · Não, caro príncipe.
HAMLET · Tanto melhor para a tua salvação, porque é vício conhecê-lo. Possui muitas terras e todas férteis. Se fosse animal o Rei dos animais, a manjedoura deste ficaria sempre ao lado da mesa do Rei. É um bisbórria, mas, como disse, dono de grandes extensões de lama.
OSRICO · Meu doce senhor, se Vossa Alteza dispuser de tempo, farei uma comunicação da parte de Sua Majestade.
HAMLET · Recebê-la-ei com a máxima atenção. Usai vosso chapéu de acordo com a sua finalidade; foi feito para a cabeça.
OSRICO · Agradeço a Vossa Senhoria; mas faz muito calor.
HAMLET · Ao contrário, podeis crer-me; faz muito frio; é vento norte.
OSRICO · Realmente, príncipe, está fazendo bastante frio.
HAMLET · Conquanto me pareça que o tempo está abafado e quente para a minha compleição.
OSRICO · Sim, não há dúvida, algo abafado, de certo modo... Não sei como me exprima. Mas, senhor, Sua Majestade me incumbiu de comunicar-vos que apostou uma grande quantia sobre vossa pessoa. O caso é o seguinte...
HAMLET *(concitando a cobrir-se)* · Peço-vos, não vos esqueçais...
OSRICO · Deixai, meu caro senhor; estou à vontade. Mas senhor, Laertes chegou à corte há pouco tempo; um cavalheiro, podeis crer-me, na acepção lata do termo, com excelentes qualidades, boa presença e conversação agradável. De fato, para falar dele com toda a propriedade, é a carta ou almanaque da cortesania, por encontrar-se nele a súmula de todos os dotes que pode um gentil-homem ambicionar.
HAMLET · O seu elogio nada perdeu em vossa boca, conquanto eu saiba que se fôssemos fazer um inventário de suas qualidades, padeceria a aritmética da memória sem que na rota em que ele vai se observasse a menor guinada. Para exaltá-lo com toda a sinceridade, considero-o um espírito muito aberto, com dotes tão preciosos e raros, que, para tudo dizer em uma só palavra, igual a ele, só poderá encontrar

shakespearebrasileiro.org

em seu próprio espelho. Qualquer outra tentativa para retratá-lo redundaria em sua simples sombra.
OSRICO · Vossa Alteza fala com convicção.
HAMLET · A que respeito, senhor? Mas, afinal, por que motivo estamos a envolver esse cavalheiro em nosso grosseiro fôlego?
OSRICO · Senhor?
HORÁCIO · Não seria possível fazerem-se ambos compreender em outra língua? Decerto o podem.
HAMLET · A que vem agora o nome desse cavalheiro?
OSRICO · De Laertes?
HORÁCIO · Esvaziou-se-lhe a bolsa; estão gastas todas as palavras de ouro.
HAMLET · Dele mesmo, senhor.
OSRICO · Sei que não ignorais...
HAMLET · Folgo com isso, conquanto não me recomende muito o fato de o saberdes. Prossegui, senhor.
OSRICO · ...não ignorais a que ponto Laertes prima...
HAMLET · Não me atrevo a dizer que sim, com medo de comparar-me ao seu merecimento; conhecermos bem uma pessoa, é conhecermos a nós mesmos.
OSRICO · Refiro-me à sua habilidade de manejar arma; o conceito de que desfruta nesse terreno não lhe permite competidor.
HAMLET · E qual é a sua arma?
OSRICO · Florete e adaga.
HAMLET · Seriam, então, duas. Mas, prossegui.
OSRICO · O Rei, senhor, empenhou seis cavalos berberes, contra os quais, se diz, Laertes joga seis espadas francesas com todas as suas pertenças: cinturões, talabartes e o resto. Três desses trens são realmente soberbos, bem adaptados aos punhos, trabalhados com esmero e de invenção admirável.
HAMLET · A que dais o nome de trem?
HORÁCIO · Já sabia que haveríeis de recorrer à nota marginal, antes de chegar ele ao fim.
OSRICO · Trens, meu senhor, são os sustentáculos.
HAMLET · A expressão assentaria, se usássemos canhões à cinta. Até lá, fiquemos com sustentáculos. Mas, prossegui: seis cavalos berberes contra seis espadas com todos os seus acessórios e mais três desses trens de elevada invenção: uma aposta da França contra a Dinamarca. Mas, por que motivo, para usar de vossa expressão, empenharam tudo isso?
OSRICO · O Rei, senhor, apostou que em doze botes entre Laertes e Vossa Alteza, aquele não levará mais do que três de vantagem; Laertes aposta que vos tocará nove vezes em doze, o que poderá ser posto imediatamente à prova, se Vossa Alteza se dignar de responder-lhes.
HAMLET · E se eu me decidir pela negativa?
OSRICO · Quero dizer, príncipe, no caso de quererdes expor vossa pessoa.
HAMLET · Senhor, vou pôr-me a passear nesta sala; se for do agrado de Sua Majestade, estarei na hora de tomar um pouco de ar fresco. Tragam os floretes, uma vez que o cavalheiro consinta; se o Rei persiste em seu intento, ganharei para ele o que puder; em caso contrário, lucrarei apenas a vergonha e os golpes sobressalentes.
OSRICO · Posso transmitir vossa resposta nesses termos?
HAMLET · O sentido é esse, senhor, ficando-vos facultado florear de acordo com vossa capacidade.
OSRICO · Minha gratidão se recomenda a Vossa Alteza.
HAMLET · A minha, a minha. *(Sai Osrico.)* Fez ele muito bem em recomendar-se, que não há línguas que pudessem fazê-lo.
HORÁCIO · Esse abibe fugiu do ninho com a casca do ovo na cabeça.
HAMLET · Para mamar ele fazia mesuras aos peitos da ama; como os muitos do mesmo rebanho, que constituem o encanto de nossa época superficial, adquiriu apenas o tom da moda e o verniz da sociedade, que, como espuma fina, o fazem passar através das opiniões mais joeiradas e batidas. Mas bastará soprar, para que as bolhas se desfaçam.

(Entra um nobre.)

O NOBRE · Alteza, Sua Majestade se recomendou a vós pelo moço Osrico, que de vossa parte lhe disse o aguardaríeis na sala. Agora manda-me saber se é de vosso agrado medir-vos logo com Laertes, ou se preferes adiar a partida.
HAMLET · Sou constante em meus intentos; meus intentos seguem o prazer do Rei. Se falar a sua conveniência, a minha nada terá a objetar: agora, ou em qualquer tempo, uma vez que me encontre tão forte como agora.
O NOBRE · O Rei, a Rainha e toda a corte se encaminham para cá.

shakespearebrasileiro.org

Hamlet · Em boa hora.
O Nobre · É desejo da Rainha que Vossa Alteza dirija palavras de cortesia a Laertes, antes de iniciardes a partida.
Hamlet · É razoável o que aconselha.

(Sai o nobre.)

Horácio · Ides perder essa partida, príncipe.
Hamlet · Não creio; desde que ele foi para a França, não deixei de praticar a esgrima; vou ganhar dentro da margem que me concede. Mas não fazes idéia de como sinto apertar-se-me o coração. Não importa...
Horácio · Se assim é, príncipe...
Hamlet · Tolice... Um pressentimento, apenas, mas que bastaria para preocupar uma mulher.
Horácio · Se vosso espírito revela qualquer repugnância, convém obedecer-lhe. Irei ao encontro deles, para dizer-lhes que vos achais indisposto.
Hamlet · De forma alguma; desafio os presságios. Há uma especial Providência na queda de um pardal. Se tem de ser já, não será depois; se não for depois, é que vai ser agora; se não for agora, é que poderá ser mais tarde. O principal é estarmos preparados. Uma vez que ninguém sabe o que deixa, que importa que seja logo? que seja!

(Entram o Rei, a Rainha, Laertes, nobres, Osrico, e ajudantes, com floretes etc.)

O Rei · Recebe, Hamlet, a mão que te apresento.

(O Rei coloca a mão de Laertes sobre a de Hamlet.)

Hamlet ·
Perdoai, senhor; causei-vos grande ofensa.
Sabem-no os circunstantes, e decerto
já ouvistes comentar, que estou sofrendo
de atroz melancolia.
Tudo o que fiz, que a vossa natureza
porventura ofendesse, e a honra e o caráter,
proclamo-o: foi loucura. Foi Hamlet
que a Laertes magoou? Jamais. Se Hamlet
de si mesmo se abstrai e, sem ser ele,
causa a Laertes uma ofensa, Hamlet
não foi o causador, pode afirmá-lo.
Quem foi, então? Sua loucura. Logo,
Hamlet está do lado do ofendido;
seu maior inimigo é a própria doença.
Deixai, senhor, que, em face dos presentes,
o franco renegar de maus intentos
me absolva ante vossa alma generosa.
É como se uma flecha eu disparasse
por sobre a casa e o irmão, sem ver, ferisse.
Laertes · Declaro satisfeita a natureza
que razões encontrava de à vingança
concitar-me. No campo estrito da honra,
contudo, impugnarei qualquer proposta
de reconciliação, até que mestres
idosos, de lealdade comprovada,
firmados na experiência, me declarem
limpo o meu nome. Antes, porém, que chegue
essa hora, aceitarei vossa amizade,
qual é, sem a magoar.
Hamlet · Isso me alegra.
Encetarei lealmente esta compita
fraternal. Os floretes!
Laertes · Vamos; quero
um, também.
Hamlet · Vou servir de fundo para
vosso brilho, Laertes. Minha inépcia
fará luzir vossa arte, como a noite
a uma estrela fulgente.
Laertes · Estais zombando.
Hamlet · Por estas mãos o juro.
O Rei · Jovem Osrico, entrega-lhes as armas.
Conheces, primo Hamlet, as condições?
Hamlet · Conheço-as. Vossa Graça dá vantagens para o mais fraco.
O Rei · Não receio nada;
já os vi lutar; mas se ele fez progressos,
que seja para nós a diferença.
Laertes · Este é muito pesado; mostrai-me outro.
Hamlet · Este é bom; todos são de igual tamanho?
Osrico · Todos, meu bom senhor.

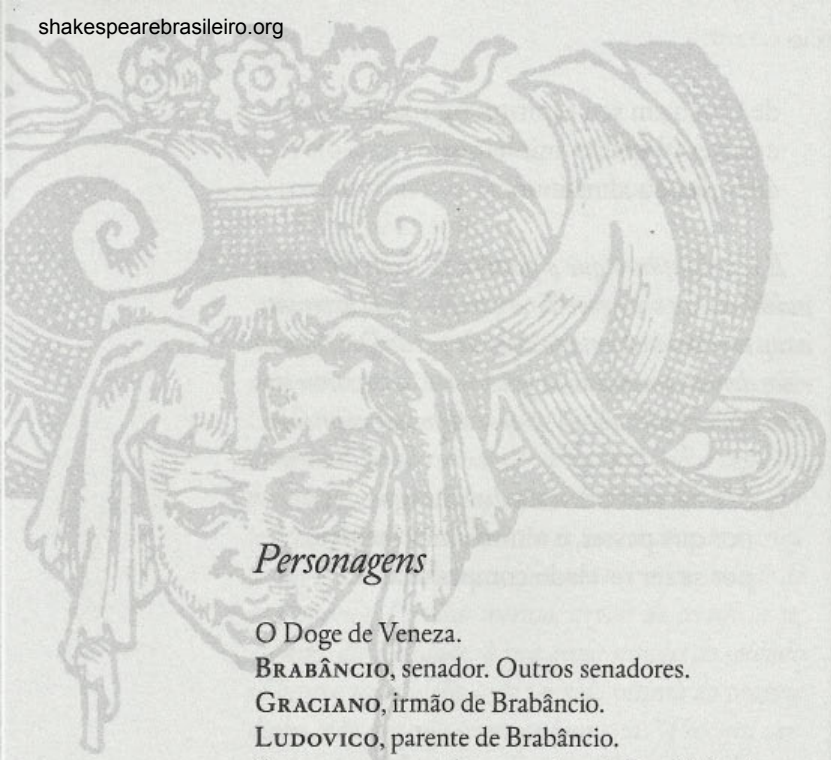
(Colocam-se.)

O Rei · Ponde as jarras de vinho sobre a mesa.
Se Hamlet da primeira ou da segunda
vez o tocar, ou se aparar o golpe
na terceira investida, que abram fogo
todas as baterias. O Rei bebe
à saúde de Hamlet, pondo dentro
de sua taça uma pérola mais rica
do que as que em seus diademas ostentaram
os quatro últimos reis da Dinamarca.
Tragam taças. Transmitam os timbales
a notícia às trombetas, estas logo
aos canhoneiros fora o sinal levem
os canhões para o céu, o céu à terra:
É à saúde de Hamlet que o Rei bebe!

Vamos logo! E vós, juízes, olho atento!
HAMLET · Vamos.
LAERTES · Em guarda, príncipe.
HAMLET · Uma.
LAERTES · Não.
HAMLET · O juiz que o decida.
OSRICO · Tocado, não há dúvida.
LAERTES · De novo.
O REI · Descansem; tragam vinho. Hamlet, a pérola é em teu louvor. Saúde! Dêem-lhe a taça.
(Soam trombetas; disparos de canhões no fundo.)
HAMLET · Depois; primeiro novo assalto. Vamos. *(Lutam.)* Novamente tocado; que dizeis?
LAERTES · Fui tocado, confesso-o.
O REI · Nosso filho vai ganhar.
A RAINHA · Está suando e perde o fôlego.
Toma o meu lenço, Hamlet; limpa a fronte.
A Rainha ora bebe ao teu bom êxito.
HAMLET · Nobre senhora!
O REI · Não, não bebas, Gertrudes.
A RAINHA · Consenti, caro esposo; é meu desejo.
O REI *(à parte)* · A taça envenenada; é muito tarde .
HAMLET · Não quero ainda, senhora; mais um pouco.
A RAINHA · Vem até aqui, para enxugar-te o rosto.
LAERTES · Pretendo desta vez, senhor, tocá-lo.
O REI · Não creio.
LAERTES *(à parte)* · Contudo, é quase contra minha própria consciência.
HAMLET · Vinde, Laertes,
para o terceiro assalto. Estais brincando.
Peço-vos que empregueis toda a perícia.
Temo que me trateis como a uma criança.
LAERTES · É assim? Pois bem.
(Lutam.)
OSRICO · De parte a parte, nada.
LAERTES · Tomai cuidado agora.
(Laertes fere a Hamlet; depois, no afogo da luta, trocam as armas e Hamlet fere a Laertes.)
O REI · Separem-nos! Excedem-se!
HAMLET · Não! Não! Em guarda!
(A Rainha cai.)
OSRICO · Oh! A Rainha! Vede-a!
HORÁCIO · Ambos se acham feridos. Como estais, príncipe?
OSRICO · Como estais vós, Laertes?
LAERTES · Como um galo silvestre, Osrico, preso no seu laço; fui vítima de minha
felonia.
HAMLET · Que é que houve com a Rainha?
O REI · Desmaiou por ter visto sangue em ambos.
A RAINHA · Não é isso... a bebida... Oh! caro Hamlet!
A bebida... a bebida... envenenada...
(Morre.)
HAMLET · Oh! Vilania! Fechem bem as portas!
Traição! Ah! Procuremos os culpados!
(Laertes cai.)
LAERTES · Aqui, Hamlet, aqui! Estás perdido;
nada no mundo existe que te salve;
não tens nem meia hora mais de vida.
O instrumento fatal se acha em tuas mãos,
sem guarda e envenenado. Minha astúcia
se virou contra mim. Jazo por terra
para sempre. Tua mãe... envenenada.
Não posso mais... O Rei... É ele o culpado.
HAMLET · A ponta envenenada? Então, veneno,
prossegue em teu trabalho.
(Fere o Rei.)
TODOS · Traição! Traição!
O REI · Amigos, defendei-me! Estou apenas ferido.
HAMLET · Incestuoso assassino.
Dinamarquês maldito, bebe, bebe
tua parte, também. Contém tua pérola?
Vai, vai com minha mãe.
(O Rei morre.)
LAERTES · É justo! É justo!
O veneno, ele mesmo o preparara.
Perdoemo-nos, agora, nobre Hamlet.
Que minha morte e a de meu pai não caiam
sobre ti, nem a tua sobre mim.
(Morre.)
HAMLET · O céu te absolva; sigo-te. Estou morto,
Horácio. Infeliz mãe, adeus, adeus.
Vós que empalideceis a esta catástrofe,
que não passais de mudos assistentes
desta cena... Se o tempo me sobrasse —
que a Morte, o beleguim que não conhece
contemplações, é sempre rigorosa —
Se pudesse contar-vos!
Que importa! Horácio, eu morro, mas tu vives;
perante os descontentes, justifica-me
e à minha causa.

HORÁCIO · Não; não penseis nisso;
sou mais romano antigo do que mesmo
dinamarquês. Na taça ainda há veneno.
HAMLET ·
Como o homem que és, entrega-me essa taça.
Entrega-ma, por Deus! Larga-a! Desejo-a!
Oh Deus! Que nome eu deixo,
Horácio, caso continuem confusas essas coisas.
Se algum dia em teu peito me abrigaste,
priva-te por um tempo da ventura
e respira cansado mais um pouco
neste mundo tão duro, para a todos
contares minha história.
(Marcha ao longe; tiros de canhão por trás da cena.)
Que barulho marcial se está ouvindo?
OSRICO · É o jovem Fortimbrás que da Polônia
retorna vitorioso e os emissários
da Inglaterra saúda desse modo.
HAMLET · Morro, Horácio; o veneno me domina
já quase todo o espírito; não posso
viver para saber o que nos chega
da Inglaterra. Contudo, profetizo
que há de ser escolhido Fortimbrás.
Meu voto moribundo é também dele.
Dize-lhe isso e lhe conta mais ou menos
quanto ora aconteceu... O resto é silêncio.
(Morre.)
HORÁCIO · Um nobre coração que assim se parte.
Boa noite, meu bom príncipe. Que os anjos
com seu canto ao repouso te acompanhem.
E esse tambor agora?
(Entram Fortimbrás, os embaixadores da Inglaterra e outros.)
FORTIMBRÁS · Onde é esta cena?
HORÁCIO · Que espécie procurais? Se de infortúnio,
ou de assombro, parai com vossas buscas.
FORTIMBRÁS ·
Destroço é o que se vê. Oh feroz Morte!
Que festim se processa em tua cela,
para que de um só golpe tantos príncipes
banhes em sangue?
PRIMEIRO EMBAIXADOR · A vista é pavorosa.
Chegamos atrasados; surdos se acham
os ouvidos que audiência deveriam
conceder-nos, a fim de lhes contarmos
da execução de seu mandado: mortos
se encontram Rosencrantz e Guildenstern.
Quem há de agradecer-nos?
HORÁCIO · Não o Rei, certamente, ainda que vida
lhe sobrasse para isso, pois não dera
ordem no que respeita à morte de ambos.
Mas, uma vez chegados a esta cena
sangrenta, um da Inglaterra, outro da guerra
da Polônia, ordenai que os corpos sejam
expostos num tablado bem à vista,
que eu contarei ao mundo, que ainda o ignora,
como tudo se deu. Ouvirei todos
falar de atos carnais, de incestos, sangue,
julgamentos casuais, mortes fortuitas,
de crimes por acaso ou pela astúcia,
e de planos gorados, que caíram
sobre os próprios autores. Com verdade,
tudo isso contarei.
FORTIMBRÁS · Que seja logo.
Convoquemos os nobres ao conselho.
Enquanto a mim, com dor abraço a sorte:
tenho sobre este reino alguns direitos,
que o interesse me faz ora lembrados.
HORÁCIO · Tenho algo que dizer também sobre isso,
em nome de uma boca cujo voto
muitos há de arrastar. Ponhamos pressa
na execução de tudo, enquanto inquietos
os espíritos se acham, para novas
desgraças evitar, oriundas de erros
ou de tramas conscientes.
FORTIMBRÁS · Que quatro capitães a Hamlet levem
como a um soldado e o ponham sobre o leito.
Se o trono ele alcançasse, tudo o indica,
seria um grande Rei. Que à sua passagem
música militar e salvas bélicas
falem alto por ele.
Removei logo os corpos; esta vista
é própria só dos campos de batalha;
neste lugar, porém, é em tudo falha.
Uma salva geral!
(Marcha fúnebre. Saem carregando os corpos, depois do quê se ouve uma salva de artilharia.)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

O Doge de Veneza.
Brabâncio, senador. Outros senadores.
Graciano, irmão de Brabâncio.
Ludovico, parente de Brabâncio.
Otelo, mouro nobre, a serviço da República de Veneza.
Cássio, seu tenente.
Iago, seu alferes.
Rodrigo, fidalgo veneziano.
Montano, governador de Chipre antes de Otelo.
Bobo, criado de Otelo.
Desdêmona, filha de Brabâncio e esposa de Otelo.
Emília, esposa de Iago.
Bianca, amante de Cássio.
Marinheiros, oficiais, gentis-homens, mensageiros, músicos, arautos, criados.

Cena

O primeiro ato, em Veneza; os demais, em um porto de mar de Chipre.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Veneza. Uma rua.
Entram Rodrigo e Iago.

RODRIGO · Cala-te! Não me fales. Aborrece-me
demais verificar que justamente
tu, Iago, que dispunhas à vontade
de minha bolsa, como se teus fossem
seus cordões, conhecesses isso tudo...
IAGO · Mas escuta-me, ao menos!
Se eu já sonhei alguma vez com isso,
podes abominar-me.
RODRIGO · Dito me havias que lhe tinhas ódio.
IAGO · Despreza-me,
se não for assim mesmo. Três pessoas
de grande influência aqui vieram falar-lhe,
chapéu na mão, com humildade, para
que fizesse de mim o seu tenente.
E por minha fé de homem, tenho plena
consciência do que valho; não mereço
posto menor do que esse. Ele, no entanto,
consultando somente o orgulho e os próprios
interesses, furtou-se com fraseado
bombástico, recheado só de epítetos
de guerra. Em conclusão:
não entendeu aos meus intercessores.
"Pois já escolhi meu oficial", lhes disse.
E quem é ele?
Ora, por minha fé, um matemático,
um tal Micael Cássio, um florentino,
um tipo quase pelo próprio inferno
fadado a ser uma mulher bonita,
que nunca comandou nenhum soldado
num campo de batalha e que conhece
tanto de guerra como uma fiandeira;
erudição de livros, simplesmente,
sobre o que podem dissertar com a mesma
proficiência que a dele os nossos cônsules
togados; palavrório sem sentido,
carecente de prática: eis sua arte.
No entanto, meu senhor, foi o escolhido;
ao passo que eu, que aos próprios olhos dele
provas cabais já dera em Chipre e Rodes
e em muitos outros pontos habitados
por cristãos e pagãos, terei de, agora,
ficar a sota-vento e calmaria,
só por causa do dever-e-haver de um simples
calculista, que — oh tempos! — vai tornar-se
tenente, enquanto que eu — Deus me perdoe! —
continuarei sendo do Mouro o alferes.
RODRIGO · Pelo céu, preferira ficar sendo
carrasco dele.
IAGO · Já não há remédio.
É a maldição do ofício: as promoções
se obtêm só por pedidos e amizades,
não pelos velhos meios em que herdava
sempre o segundo o posto do primeiro.
Ora, senhor, ajuizai vós mesmos
se razões tenho para amar o Mouro.
RODRIGO · Assim, eu não ficara sob suas ordens.
IAGO · O senhor, acalmai-vos. Se me ponho
sob suas ordens é só em proveito próprio.
Mestres nem todos podem ser, nem todos
os mestres podem ter bons servidores.
Já tereis visto por aí bastantes
sujeitos obsequiosos, de flexíveis
joelhos que, apaixonados pela própria
escravidão, o tempo todo gastam
como o asno do amo, só pela comida;
e, quando ficam velhos: despedidos.
Chicote nessa gente muito honesta!
Outros há que sabendo a forma externa
revelar do dever, as feições próprias,
o coração conservam sempre atentos
no proveito pessoal; enquanto aos amos
dispensam mostras de serviço, apenas,
prosperam muito bem, e, ao mesmo tempo
que os casacos lhes foram, a si próprios
prestam boa homenagem. Esses tipos
têm alguma alma, e entre eles eu me incluo,
posso afiançar-vos. Pois senhor, tão certo
como serdes Rodrigo, se em verdade
eu fosse o Mouro, não queria um Iago
sob minhas ordens, pois seguindo-o, apenas
sigo a mim próprio. O céu é testemunha:
não me move o dever nem a amizade,
mas, sem o revelar, só o interesse.
Se as mostras exteriores de meus atos
me traduzissem os motivos próprios

shakespearebrasileiro.org

do coração em traços manifestos,
carregaria o coração na manga,
para atirá-lo às gralhas. Ficai certo:
não sou o que sou.
Rodrigo · Que sorte a desse tipo
de lábios grossos, se puder, realmente,
levar isso até o fim.
Iago · Chama o pai dela;
desperta-o; corre atrás do Mouro, põe-lhe
veneno na alegria; o nome dele
proclama pelas ruas, os parentes
dela deixa excitados, e ainda que ele
more em clima adorável, atormenta-o
com praga de mosquitos. Muito embora
sua alegria seja verdadeira,
com tais contrariedades e persegue,
que a cor a perder venha.
Rodrigo · Fica aqui mesmo a casa do pai dela;
vou chamar em voz alta.
Iago · Mas com vozes
de medos e uivos terríveis, como quando
por negligência, à noite, o fogo estala
num burgo populoso.
Rodrigo · Olá, Brabâncio!
Senhor Brabâncio, olá!
Iago · Ladrões! Brabâncio!
Brabâncio, despertai! Ladrões! Ladrões!
Cuidai de vossa casa, vossa filha,
de vossos cofres! Acordai! Ladrões!
(Brabâncio aparece na janela.)
Brabâncio · Qual é o motivo de tão grande bulha?
Que aconteceu?
Rodrigo · Senhor, tendes aí dentro
toda vossa família?
Iago · Vossos quartos
estão fechados?
Brabâncio · Ora, qual a causa
de perguntardes isso?
Iago · Com mil diabos,
senhor, fostes roubados; por vergonha,
ide vestir a toga; arrebentado
tendes o coração; metade da alma
já vos foi alienada. Agora mesmo,
neste momento, um velho bode negro
está cobrindo vossa ovelha branca.
Tocai o sino, para que despertem
os cidadãos que roncam; do contrário,
o diabo vos fará ficar avô.
Despertai! É o que eu digo.
Brabâncio · Mas que é isso!
Perdestes o juízo?
Rodrigo · Venerável
senhor, reconheceis-me pela voz?
Brabâncio ·
Não; mas quem sois?
Rodrigo · Rodrigo; assim me chamo.
Brabâncio · Pior nome não podias revelar-me.
Não te proibi de me rondar a casa?
Não me ouviste dizer, com leal franqueza,
que para ti não era minha filha?
Por que me vens agora, transtornado
pela ceia e os vapores da bebida,
com tua tratantagem maliciosa
perturbar-me o repouso?
Rodrigo · Meu senhor,
senhor, senhor...
Brabâncio · Mas podes ficar certo
de que minha coragem e meu posto
na república têm poder bastante
para fazer-te amargurar por isso.
Rodrigo · Paciência, bom senhor.
Brabâncio · Por que me falas
em roubo? Estamos em Veneza; minha
casa não é uma granja.
Rodrigo · Venerável
senhor, vim procurar-vos com lisura.
Iago · Ora, senhor! Sois uma dessas pessoas que se negariam a servir a Deus, se fosse o diabo que lhes ordenasse. Por que viemos prestar-vos um serviço e nos tendes na conta de velhacos, quereis que vossa filha seja coberta por um cavalo berbere e que vossos netos relinchem atrás de vós? Quereis ter corcéis como primos e ginetes como parentes?
Brabâncio · Quem és tu, miserável licencioso?
Iago · Sou um homem, senhor, que vim revelar-vos que vossa filha e o Mouro se acham no ponto de fazer o animal de duas costas.
Brabâncio · Sois um vilão.
Iago · E vós... um senador.
Brabâncio · Vais pagar-me. Conheço-te, Rodrigo.
Rodrigo · Responderei por tudo. Mas pergunto-vos, senhor, se foi com vosso assentimento,
vosso sábio conselho — como quase
fico a pensar — que vossa linda filha,

shakespearebrasileiro.org

na calada de noite tão escura,
saiu em companhia de um sujeito
nem melhor nem pior do que um velhaco
por qualquer alugado, num gondoleiro,
para aos abraços torpes entregar-se
de um Mouro luxurioso; se, realmente,
sabeis de tudo e concordais com isso,
bem: nesse caso é certo vos fazermos
inominável e atrevida ofensa.
Mas se desconheceis o que se passa,
ensina-me o costume que não tendes
razão de censurar-nos desse modo.
Não creais que tão falho eu me revele
de cortesia, para vir agora
zombar de nossa grande reverência.
Vossa filha — de novo vos declaro —
se não lhe destes permissão, mui grave
pecado cometeu, unindo o espírito,
a beleza, o dever e seus haveres
a um estrangeiro andejo e desgarrado
daqui e de toda parte. Convencei-vos
neste momento: se no quarto dela
fordes achá-la, ou mesmo em toda casa,
entregai-me à justiça da república
por vos ter enganado desse modo.

BRABÂNCIO · Acendei fogo! Olá! Dai-me uma vela!
Despertai todo mundo. Este incidente
não destoa dos sonhos que já tive.
Só de pensar em tal, me sinto opresso.
Luz, repito! Um vela!

(Retira-se da janela.)

IAGO · Adeus; não posso
ficar mais tempo aqui. Não é prudente
dado o meu posto — nem recomendável
se chamado a juízo contra o Mouro,
o que aconteceria se eu ficasse.
Pois sei-o bem: o Estado, muito embora
venha a afligi-lo com alguma crítica,
não pode dispensar-lhe os bons serviços
sem correr grande risco. Com tão fortes
razões o encarregaram da campanha
contra os chipriotas — que ora se acha em curso —
que para a vida assegurar de todos
não encontram ninguém de igual calibre
capaz de dirigir esse negócio.
Por isso, muito embora lhe vote ódio
com às penas do inferno, sou forçado
pelas necessidades do presente
a arvorar a bandeira da amizade
que não passa de simples aparência.
Para terdes certeza de encontrá-lo,
encaminhai na direção do albergue
do Sagitário os que hão de procurá-lo.
Lá, como ele estarei. E agora, adeus.

(Sai.)

(Entram Brabâncio e criados, com tochas.)

BRABÂNCIO · Minha infelicidade é mais que certa.
Fugiu mesmo. Do tempo desprezível
que me resta de vida não espero
senão tão-só tristezas. Onde a viste.
Rodrigo? — Oh! que menina sem juízo! —
Junto com o Mouro, fui o que disseste? —
Quem quisera ser pai! — Por quais indícios
vieste a reconhecê-la? Oh! Iludiu-me
de modo inconcebível. Que te disse?
Olá! Trazei mais velas! Despertai
todos os meus parentes! — Acreditas
que se tenham casado?

RODRIGO · É o que parece,
para vos ser sincero.

BRABÂNCIO · Oh céus! Que meios
ela encontrou para sair de casa?
Oh! que traição do sangue! Doravante,
pais, não confieis no espírito das filhas
só por suas ações. Não há feitiços
capazes de alterar as qualidades
das virgens inocentes? Nunca lestes,
Rodrigo, qualquer coisa a esse respeito?

RODRIGO · Em verdade, senhor, li qualquer coisa.

BRABÂNCIO ·
Ide chamar o mano. — Oh! se a tivésseis
desposado! — Cada um vá por um lado. —
Sabeis onde podemos apanhá-la
juntamente com o Mouro?

RODRIGO · Estou bem certo
de poder encontrá-los, se quiserdes
dar-me uma boa escolta e vir comigo.

BRABÂNCIO · Servi de guia. Baterei em todas
as casas; meu poder é muito grande. —
Trazei armas, olá! Fazei que venha
logo a ronda! — Sigamos, bom Rodrigo;
hei de saber vos ser agradecido.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena II

Outra rua.
Entram Otelo, Iago e criados com tochas.

IAGO · Muito embora no ofício de soldado
eu já tenha matado muita gente,
assunto considero de consciência
premeditar um crime. Muitas vezes
pensei nove ou dez vezes em furá-lo
aqui, sob a costela.
OTELO · Está melhor
como está.
IAGO · Sim; porém ele palrava
de tal modo e assacava tais vilezas
contra vossa honra,
que o meu pouco temor de Deus a custo
conseguiu sofrear-me. Uma só coisa
vos pergunto, senhor: estais realmente
casado? Há segurança? Uma certeza
podereis ter: que é muito venerado
entre nós e Magnífico, valendo
sua voz como a do doge em tudo quanto
nele toca de perto. Se o divórcio
não conseguir levar a cabo, ele há de
causar-vos tanto incômodo e desgosto
quanto o Direito, com sua força toda,
lhe afrouxar as amarras.
OTELO · Desabafe
como bem entender, porque os serviços
que eu prestei ao Conselho, suas queixas
todas suplantarão. Eis o momento
de se saber — o que tornarei público
quando essa ostentação constituir honra —
que o ser e a vida eu recebi de berço
de descendência real e que meus méritos
aspirar podem, de cabeça erguida,
à posição que até hoje me alcançaram.
Porque te juro, Iago: se não fosse
o amor que voto à mui gentil Desdêmona,
eu não iria pôr a minha livre
condição de solteiro em nenhum elo
que viesse confiná-la. Não; por todos
os tesouros do mar. Mas olha: luzes!
Vêm nesta direção.
IAGO · É o pai, decerto,
com os parentes que foram despertados.
Seria mais prudente retirar-vos.
OTELO · De forma alguma! Quero que me
encontrem.
Meus serviços, meu posto, a alma tranqüila
vão demonstrar-lhes quem eu sou, de fato.
Mas são eles?
IAGO · Por Jano! Não parece.
(Entram Cássio e certos oficiais, com tochas.)
OTELO · São pessoas do doge e o meu tenente.
Que a noite vos proteja, bons amigos.
Que novidades há?
CÁSSIO · O doge manda
saudar-vos, general, e vos convida
com o máximo de pressa a aparecerdes
agora mesmo na presença dele.
OTELO · Sabeis para que seja?
CÁSSIO · Algum assunto
com relação a Chipre, é o que presumo;
negócio muito urgente. Já mandaram
das galeras uns doze mensageiros
desde que ficou noite, um após o outro.
Muitos dos membros do Conselho foram
despertados e estão junto com o doge.
Com bastante insistência vos procuram,
e, como em casa não vos encontrassem,
enviaram mensageiros por três partes
diferentes, a fim de vos chamarem.
OTELO · Foi bom haver sido eu por vós achado.
Vou apenas dizer duas palavras
a esta casa; depois vos acompanho.
(Sai.)
CÁSSIO · Alferes, que faz ele aqui?
IAGO · Ora essa!
Esta noite abordou uma caraca
terrestre. Sendo a presa declarada
leg'itima, realmente, ele está feito.
CÁSSIO · Não compreendo.
IAGO · Casou.
CÁSSIO · Casou com quem?
IAGO · Ora essa, com...
(Volta Otelo.)
Não vamos, capitão?
OTELO · Estou pronto.
CÁSSIO · Aí vem uma outra tropa,
para vos convocar.

shakespearebrasileiro.org

Iago · Muito cuidado,
general! É Brabâncio. Ele não vem
com boas intenções.

(Entram Brabâncio, Rodrigo e oficiais, armados e com tochas.)

Otelo · Olá! Parai!
Rodrigo · Senhor, é o Mouro.
Brabâncio · Morte a esse ladrão!

(De ambos os lados se desembainham espadas.)

Iago · Vós, Rodrigo? Senhor, estou convosco.
Otelo · Guardai essas espadas, que o sereno
vai causar-lhes ferrugem. Venerável
senhor, maior autoridade vossos
anos impõem que todas essas armas.
Brabâncio · Oh infame raptor! onde escondeste
minha filha? Infernal como és, decerto
a enfeitiçaste. Apelo para todos
os seres de sentido: se não fosse
ter sido presa por cadeias mágicas,
como uma jovem tão formosa e terna,
tão feliz, tão avessa ao casamento
que evitava a presença dos mancebos
ricos e de cabelos anelados
de nosso Estado, como poderia,
expondo-se à irrisão de toda gente
fugir de seu guardião, para abrigar-se
no seio escuro e cheio de fuligem
de uma coisa como és, mais feito para
susto causar do que qualquer deleite?
Sirva de testemunha o mundo inteiro
de como praticaste encantamentos
com ela, abomináveis, abusaste
de sua mocidade inexperiente
com inúmeras drogas que no espírito
atuam e o enfraquecem. Vou prová-lo.
É fato indiscutível, evidente.
Por isso te detenho e prendo
como a embusteiro universal, que exerce
arte ilegal proibida pelo Estado.
Prendei-lo logo. Caso vos resista,
usai de força, embora com perigo
de perder ele a vida.
Otelo · As mãos detende,
tanto os que estão comigo como os outros.
Se minha deixa fosse de combate,
dispensaria o ponto. Aonde é preciso
que eu vá, para vos dar cabal resposta
sobre o que me argüis?
Brabâncio · Para a prisão,
até que decorrido o tempo certo
a uma sessão legal tu compareças,
para me responderes.
Otelo · E no caso
de vos obedecer? Como há de o doge
mostrar-se satisfeito, se ao meu lado
tenho meus emissários, incumbidos
de me levarem para onde ele se acha,
para tratar de assuntos de república?
Oficiais · Muito nobre senhor, o que ele disse
é tudo verdadeiro. O doge se acha
no Conselho, e estou certo de que Vossa
Nobreza foi chamado.
Brabâncio · Como! O doge
convocou o Conselho? E em plena noite!
Levai-o! Minha causa é de importância;
o próprio doge e os manos do governo
hão de sentir a ofensa como própria.
Se um crime tal não for bem castigado,
pagãos e escravos mandarão no Estado.

(Saem.)

Ato I · Cena III

A Câmara do Conselho.
O doge e senadores, sentados à mesa.
Oficiais de pé.

Doge · As notícias não são de todo acordes,
porque possamos dar-lhes muito crédito.
Primeiro Senador ·
É certo; minha carta fala em cento
e setenta galeras.
Doge · Fala a minha
só em cento e quarenta.
Segundo Senador · Pois a minha
se refere a duzentas. Mas embora
não haja pelo acordo nesse ponto —
como sói dar-se quando é feito o cômputo
por simples conjeturas — todas elas
concordes são em afirmar que a armada
do turco ora veleja para Chipre.

shakespearebrasileiro.org

Doge · É quanto basta para um juízo certo.
Um erro de minúcias não me impede
de ficar apreensivo quanto ao ponto
de maior importância.
Marinheiro *(dentro)* · Olá! Olá!
Oficial · Um nosso mensageiro das galeras.
(Entra um marinheiro.)
Doge · Então, que novas há?
Marinheiro · A armada turca
veleja para Rodes, é o recado
que ao senado mandou o signior Ângelo.
Doge · E agora que dizeis dessa mudança?
Primeiro Senador ·
Não pode ser; é contra a boa lógica.
É uma ilusão, tão-só, para obrigar-nos
a olhar para o outro lado. Reflitamos
na importância de Chipre para o turco,
muito maior ainda que a de Rodes
e como lhe será muito mais fácil
conquistá-la, por ter poucas defesas,
enquanto Rodes está muito armada:
se em tudo isso pensarmos, haveremos
de compreender que o turco não é tão cego
que para último deixe o que lhe importa
primacialmente, abrindo mão de um ganho
mais do que certo e, sobretudo, fácil,
para correr um risco sem proveito.
Doge · Não se trata de Rodes, é certeza.
Oficial · Chega outra novidade.
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro · Os otomanos,
reverendo e gracioso, estão de rota
batida para Rodes, e em caminho
se reforçaram com uma nova armada.
Primeiro Senador ·
Tal qual como pensei. E quantas velas
imaginais que sejam?
Mensageiro · Trinta. E agora
fazem caminho inverso, dirigindo,
sem rodeios o curso para Chipre.
É o que o signior Montano, vosso bravo
e dedicado servidor, vos manda
comunicar com a liberdade própria
de seu dever, pedindo inteiro crédito
para a notícia.
Doge · Assim, é mais que certo;
vão para Chipre. E na cidade se acha
Marcos Luccico?
Primeiro Senador · Não; está em Florença.
Doge · Escrevei-lhe de nossa parte e urgência.
muita urgência, inculcai-lhe.
Primeiro Senador · Aí vem Brabâncio
com o valente Mouro.
(Entram Brabâncio, Otelo, Iago, Rodrigo e oficiais.)
Doge · Bravo Otelo
precisamos mandar-vos neste instante
contra o inimigo comum, contra o otomano.
(A Brabâncio.)
Não vos vira, gentil senhor; bem-vindo.
Vosso conselho e ajuda nos faltaram
na reunião desta noite.
Brabâncio · E a mim os vossos.
Perdoe-me Vossa Graça, mas não foram
minhas obrigações nem quaisquer novas
relativas ao Estado que do leito
me tiraram a esta hora; os interesses
gerais me importam pouco, pois a minha
mágoa particular é de tal modo
transbordante e impetuosa que em seu curso
submerge e absorve todas as tristezas
sem se alterar em nada.
Doge · Que foi que houve?
Brabâncio · Oh! Minha filha! Minha filha!
Doge e Senadores · Morta?
Brabâncio · Sim, para mim. Foi seduzida, foi-me
roubada, corrompida por feitiços
e drogas adquiridas de embusteiros.
Para que se desgarre a natureza
por modo tão absurdo, sem que seja
nem defeituosa, coxa dos sentidos,
nem privada de vista, é necessário
que haja feitiçaria.
Doge · Seja quem for que tenha usado desses
processos vis para deixar privada
vossa filha do juízo e, assim, vós mesmo
de vossa própria filha: o sanguinário
livro das leis haveis de interpretá-lo
como vos aprouver, no mais amargo
sentido das palavras, sim, ainda
que nosso próprio filho fosse o objeto
de tal acusação.
Brabâncio · Humildemente
vos agradeço. Aqui se encontra o homem,
este Mouro, que foi, ao que parece,
por especial recado aqui chamado
para assuntos do Estado.

shakespearebrasileiro.org

Doge e Senadores · Penaliza-nos
semelhante notícia.
Doge *(a Otelo)* · E vós, que tendes
sobre isso a responder?
Brabâncio · Nada; é assim mesmo.
Otelo · Muito acatados, graves e potentes
senhores; muito nobres e aprovados
mestres, em tudo justos; que eu tivesse
raptado a filha deste senhor velho,
é mais do que verdade, como é certo
já tê-la desposado. A fronte e o cimo
de minha ofensa vão até a esse ponto,
nem mais nem menos. Rude sou de fala,
estranho ao doce linguajar da paz,
pois desde que estes braços alcançaram
a força de sete anos, até agora,
deduzidas algumas nove luas,
tão-somente, em mais nada se empregaram
com mais amor do que às ações dos campos
abarracados. Sobre muito pouca
coisa posso falar no vasto mundo
se não for de batalhas e contendas.
Por isso, quando exponho assunto próprio
não saberei orná-lo com vantagens.
Mas se vossa graciosa paciência
me permitir, um pálido relato
farei, sem digressões, de todo o curso
de meu amor, que drogas, que feitiços,
que conjuros, que mágica potente —
pois disso tudo, agora, é que me acusam —
usei para ganhar a filha dele.
Brabâncio · Uma jovem tão tímida, de espírito
tão sossegado e calmo, que corava
de seus próprios anseios! E a despeito
da natureza, do país, da idade,
do crédito, de tudo, apaixonar-se
do que de olhar, tão-só, a apavorava!
Só um juízo coxo e falho é que afirmara
que desviar-se a saúde poderia
das leis da natureza. É necessário
que as infernais astúcias admitamos,
quanto tal coisa ocorre. Por tudo isso,
de novo afirmo que, com algum composto
de influência sobre o sangue, ou beberagem
enfeitiçada para tal efeito,
ele sobre ela atuou.
Doge · Somente a simples
afirmação não basta para a prova,
porque, sem testemunho mais patente,
não passa de suspeitas e aparências
sem consistência o que afirmais contra ele.
Primeiro Senador · Mas, Otelo, falai!
Por meios indiretos e violentos
dominastes, acaso, e envenenastes
o amor dessa donzela? Ou deu-se tudo
por meio de declarações e ditos
sinceros, como uma alma a outra alma fala?
Otelo · Suplico-vos mandar buscar a dama
no Sagitário, permitindo que ela
diante do próprio pai relate o caso.
Se em sua fala encontrardes algo indigno
sobre minha pessoa, despojai-me
do meu ofício, da confiança antiga
que em mim depositáveis; mais: que vossa
sentença atinja minha própria vida.
Doge · Trazei aqui Desdêmona.
Otelo · Ide, alferes,
buscá-la, pois sabeis onde ela se acha.
(Saem Iago e alguns criados.)
E enquanto ela não vem, quero, com a mesma
lealdade com que o céu confesso as faltas
do meu sangue, contar a esses ouvidos
severos como pude apaixonar-me
dessa donzela e ser por ela amado.
Doge · Contai-nos isso, Otelo.
Otelo · O pai dela me amava; convidou-me
muitas vezes, fazia-me perguntas
sobre a história de toda a minha vida,
ano por ano, prélios, cercos, lances
por que passara.
E narrava-lhe tudo, desde os dias
de minha infância, até o momento em que ele
me mandara falar, enumerando-lhe
situações perigosas, acidentes
no mar e em terra, em tudo emocionantes,
como salvei a vida por um fio,
na brecha perigosa, como fora
pelo insolente imigo aprisionado,
vendido como escravo, e de que modo,
depois, me resgatara, e dos sucessos
que em minhas viagens a esses se seguiram,
quando, então, lhe falava de cavernas
descomunais, rochedos escabrosos,
ilhas desertas, montes cujos picos
no céu iam tocar. E assim por diante,
no mesmo tom dos canibais falava,

shakespearebrasileiro.org

que uns aos outros se comem, de antropófagos
e de homens com cabeça sob os ombros.
Para isso ouvir, Desdêmona se achava
sempre inclinada; mas os afazeres
da casa muitas vezes a obrigavam
a se afastar, o que ela quase sempre
depressa arrematava, porque viesse
novamente, com ávidos ouvidos,
devorar meu discurso. Percebendo-o,
da hora me aproveitei e encontrei meios
de lhe arrancar a súplica ardorosa,
para que lhe contasse sem rodeios
as minhas aventuras, cuja história
só por partes ouvira, desconexas.
Fiz-lhe a vontade; e muitas vezes pude
roubar-lhe algumas lágrimas, no instante
de lhe narrar algum sucesso triste
por que passara minha mocidade.
Minha história concluída, ela me dava
por tanta dor um mundo de suspiros
e jurava em verdade, que era estranho,
mais do que estranho, por demais tocante,
muito comovedora. Desejara
jamais a ter ouvido, mas quisera
que o céu houvesse feito dela esse homem.
Agradeceu-me e disse-me que, quando
algum amigo eu viesse a ter, que a amasse,
bastaria ensinar-lhe o modo simples
de contar minha história, para que ele,
sem falta, a conquistasse. Aproveitando
tal insinuação, disse-lhe tudo.
Ela me amou à vista dos perigos
por que passei, e muito amor lhe tive,
por se ter revelado compassiva.
Foi essa toda a minha bruxaria.
Mas aí vem a dama; ela que fale.

(Entram Desdêmona, Iago e pessoas do séquito.)

DOGE · Quero crer que uma história tal como essa
seduziria minha própria filha,
caro Brabâncio.
Examinai por outro prisma o assunto
que se acha mutilado. É mais vantagem
fazermos uso de armas já partidas,
do que das mãos vazias.

BRABÂNCIO · Por obséquio,
permiti que ela fale. Dizendo ela
que assim favoreceu essa conquista,
caia-me a destruição sobre a cabeça,
se novamente eu dirigir a este homem
qualquer gesto ofensivo. Aproximai-vos,
gentil menina, e respondei-me: acaso
percebeis neste círculo seleto
alguém a quem deveis mais obediência?

DESDÊMONA · Meu nobre pai, percebo um dividido
dever: A vida e a educação vos devo,
educação e vida que me ensinam
a saber respeitar-vos. Sois o dono
do meu dever, sendo eu, pois, vossa filha.
Mas também aqui vejo meu marido;
e quanto minha mãe vos foi submissa,
preferindo-vos mesmo aos próprios pais,
tanto agora pretendo revelar-me
em relação ao Mouro, a quem pertenço.

BRABÂNCIO · Deus esteja convosco. Já acabei.
Se Vossa Graça desejar, passemos
a tratar dos negócios da república.
Antes filha adotiva que gerada.
Mouro, vem para cá.
De todo o coração te dou aquilo
que se já teu não fosse, eu recusara
de todo o coração. Por vossa causa,
minha jóia, sinto a alma jubilosa,
por não ter outra filha; tua fuga
ensinado me houvera a ser tirano,
pondo-o no cepo. Terminei, senhor.

DOGE · Permiti-me falar como vós mesmo
de certo falaríeis, pronunciando
uma sentença que degrau e escada
vai ser para que os dois enamorados
possam vir a integrar-se novamente
no vosso afeto.
O que não tem remédio está sanado
só em ver o perigo já passado.
Chorar, depois de salvo, uma desgraça,
é chamar outra ainda mais feia e crassa.
O que nos for tirado pela sorte,
qual perda há de ser tido não de porte.
O roubado que ri, rouba ao ladrão;
o que chora, a si rouba outra porção.

BRABÂNCIO ·
Que o Turco, então, roubar-vos Chipre venha;
vamos rir e cantar com voz roufenha.
Só escuta de bom grado uma sentença
quem em proveito próprio nela pensa.

shakespearebrasileiro.org

Mas fica duplamente atribulado
quem perder a paciência ante o recado.
Conselhos, ou de açúcar ou de fel,
ambíguos sempre são como hidromel.
Palavras são palavras, pelo ouvido
jamais o coração será atingido.
Humildemente suplico a Vossa Graça que passemos
aos assuntos do Estado.
Doge · O Turco se dirige para Chipre com
preparativos poderosos. Otelo, conheceis
perfeitamente os meios de defesa daquela praça.
E embora tenhamos nela um lugar-tenente de
indiscutida competência, a opinião pública, a mais
alta soberana do êxito, vos distingue com o seu voto.
Por isso, será forçoso embaçardes o brilho de vossa
recente fortuna com esta expedição por demais
teimosa e barulhenta.
Otelo · A tirania do hábito, severos
senadores, da cama de aço e pedra
da guerra fez-me um leito de penugem.
Confesso que as empresas arriscadas
sempre me deixam álacre e disposto.
Assim, aceito a direção da guerra
contra esses otomanos. Mas, curvando-me
mui respeitosamente ante vós outros,
suplico que tomeis as convenientes
disposições para que minha esposa
alojamento venha a ter e trato
condignos de seu alto nascimento.
Doge · Em casa do pai dela.
Brabâncio · Não concordo.
Otelo · Nem eu.
Desdêmona · Nem eu tampouco. Não desejo
voltar a morar lá, porque não deixe
de meu pai os sentidos impacientes
com minha vista. Mui gracioso Doge,
favoráveis ouvidos concedei
para o que vou dizer, porque na vossa
palavra eu achar possa um privilégio
para minha fraqueza.
Doge · Que desejas,
Desdêmona?
Desdêmona · Eu amei o Mouro, para
viver junto com ele, é o que proclama
ao mundo todo minha ação violenta.
Submeteu-se-me o coração à essência
mesma de meu marido, vi o retrato
de Otelo em seu espírito, e a suas honras
e partes valorosas, minha sorte
e a alma inteira diquei. Assim, meus caros
senhores, se eu ficar qual parasita
da paz e ele partir para essa guerra,
privada me verei das qualidades
que amá-lo me fizeram, sobre ser-me
necessário agüentar esse intervalo
moroso e fatigante de sua ausência.
Deixai, pois, que com ele eu também siga.
Otelo · Dai-lhe essa permissão.
Por testemunha invoco o céu de como
fazendo esse pedido não desejo
dar pábulo ao padar dos apetites
nem acalmar o ardor da mocidade —
que já deixei de lado — ou secundárias
satisfações pessoais, mas tão-somente
para fazer justiça a seu espírito.
E não permita o céu que em vossos puros
corações a admitir venhais que eu possa
prejudicar negócios de tal monta,
de tanta gravidade, só porque ela
vai ficar ao meu lado. Não; se um dia
o alado devaneio de Cupido
me selar com sensual embotamento
as faculdades especulativas
e os órgãos para a ação, vindo os prazeres
a manchar meu dever e corrompê-lo,
que do meu elmo vossas cozinheiras
façam um caldeirão, e os mais indignos
opositores se levantem contra
o apreço em que sou tido.
Doge · Seja como
vos aprouver, ou ela fique ou siga.
O assunto exige pressa; diligente
deve ser a resposta.
Primeiro Senador · É necessário
partirdes esta noite.
Otelo · De bom grado.
Doge · Amanhã às nove horas voltaremos
a reunir-nos aqui. Deixai, Otelo,
um oficial, para que vos transmita
nossas ordens e o mais que diz respeito
a vosso posto e às honras inerentes.
Otelo · Se concordais, o alferes é pessoa
honesta e de confiança. A seus cuidados
confio minha esposa e tudo quanto

shakespearebrasileiro.org

Vossa Graça quiser depois mandar-me.
DOGE · Que seja assim. Boa noite para todos.
(A Brabâncio.)
Muito nobre senhor, se de beleza
a virtude não for destituída,
mais belo é vosso genro do que preto.
PRIMEIRO SENADOR ·
Adeus, valente Mouro; sê bondoso
para Desdêmona.
BRABÂNCIO · Cuidado, Mouro!
Se olhos tens, abre-os bem em toda a parte;
se o pai ela enganou, pode enganar-te.
(Saem o Doge, senadores, oficiais, etc.)
OTELO · Pela sua lealdade empenho a vida!
Honesto Iago, confio-te Desdêmona.
Dá-lhe por companheira tua esposa
e, logo que te for possível, leva-a
para junto de mim. Vamos, Desdêmona;
só disponho de uma hora para assuntos
mundanos e ordens várias, que há de ser-te
dedicada também. É necessário
ao tempo nos mostrarmos obedientes.
(Saem Otelo e Desdêmona.)
RODRIGO · Iago!
IAGO · Que disseste, nobre coração?
RODRIGO · Que imaginas que eu vou fazer?
IAGO · Ora, deitar-te e dormir.
RODRIGO · Vou imediatamente afogar-me.
IAGO · Bem; se fizeres tal coisa, nunca mais te terei amizade. E por que isso, meu tolo?
RODRIGO · É tolice viver quando a vida é um tormento, dispondo nós da prescrição de morrer, quando a morte é nosso médico.
IAGO · Oh, miserável! Contemplo o mundo há quatro vezes sete anos, e desde que me tornei capaz de distinguir de uma injúria um benefício, nunca encontrei um homem que soubesse como amar a si mesmo. Antes de eu dizer que pretendia afogar-me por causa de uma galinha-d'angola, trocaria a forma humana pela de um bugio.
RODRIGO · Que devo fazer? Confesso que me sinto envergonhado, por me sentir a esse ponto tomado de paixão; mas não encontro em minha virtude o remédio para isso.
IAGO · Virtude? Uma figa! Depende de nós mesmos sermos assim ou assado. Nossos corpos são nossos jardins, cujos jardineiros são nossas vontades; de modo que se quisermos plantar urtiga e semear alface, deixar hissopo ou arrancar tomilho, provê-los apenas de determinada espécie de erva ou enchê-los de muitas variedades, esterilizá-los pela preguiça ou cultivá-los pelo trabalho... Ora, o poder exclusivo e a força reguladora de tudo reside apenas em nossa vontade. Se a balança de nossa vida não dispusesse de um prato de razão para contrabalançar o da sensualidade, o sangue e a baixeza de nossa natureza nos conduziriam às mais absurdas situações. Mas possuímos a razão para acalmar nossos instintos furiosos, os acúleos da carne, os desejos desenfreados. De onde concluo que o que denominais amor não é mais do que um sarmento ou uma vergôntea.
RODRIGO · Não pode ser.
IAGO · É apenas um apetite do sangue e uma concessão da vontade. Vamos! Sê homem! Afogares-te? Faze isso com gatos e cãezinhos recém-nascidos. Declarei que sou teu amigo e me confesso ligado ao teu serviço por cabos de resistência à toda prova. Nunca te poderei ser tão útil como agora. Põe dinheiro na bolsa, toma parte nesta guerra, desfigura as feições com uma barba postiça. Repito: põe dinheiro na bolsa! Não é possível que Desdêmona continue apaixonada do Mouro por muito tempo — põe dinheiro na bolsa! — nem ele dela. Foi um começo muito violento, da parte dela, ao que ainda verás seguir-se uma separação correspondente. Põe dinheiro na bolsa! Esses mouros são muito inconstantes em suas inclinações — enche de dinheiro tua bolsa! — O prato para que ele, agora, é tão agradável como alfarroba, dentro de pouco lhe será tão amargo como coloquíntida. É fatal que ela o troque por um moço; quando ficar saciada do corpo dele, perceberá o erro da escolha que fez. Terá de trocá-lo por outro: é fatal. Por isso, põe dinheiro na bolsa! Mas se queres absolutamente condenar-te às penas eternas, faze-o por um processo mais delicado do que o afogamento. Arranja quanto dinheiro puderes! Se a santidade de um juramento frágil entre um bárbaro errático e uma veneziana arqui-sabida não for coisa muito dura para minha inteligência e para todas as tribos do inferno, acabarás gozando-a. Por isso, trata de arranjar dinheiro! A peste para o teu afogamento! Nada tem que ver com este negócio. Farás melhor enforcando-te depois de satisfazeres

shakespearebrasileiro.org

os teus desejos do que afogando-te sem proveito nenhum.
Rodrigo · Dispões-te a apoiar minhas esperanças, no caso de eu me firmar nesse propósito?
Iago · Podes contar comigo. Vai; arranja dinheiro. Já te disse muitas vezes e torno a dizê-lo pela centésima vez: odeio o Mouro; tenho para isso motivos arraigados no coração. Não te faltam, também, para isso razões igualmente ponderosas. Unamo-nos, portanto, para nos vingarmos dele. Se lhe puseres um par de chifres, para ti será um prazer, e para mim um divertimento. O seio do tempo encerra muitos acontecimentos que terão de concretizar-se. Em frente! Marcha! Trata de arranjar dinheiro. Amanhã voltaremos a falar sobre isso. Adeus.
Rodrigo · Onde nos encontraremos amanhã?
Iago · No meu aposento.
Rodrigo · Estarei lá bem cedo.
Iago · Vai; adeus. Compreendeste, Rodrigo.
Rodrigo · Que dissestes?
Iago · Afastai a idéia de afogamento, estais ouvindo?
Rodrigo · Já refleti melhor, vou tratar de vender todas as minhas terras.
Iago · Vai; adeus. Põe bastante dinheiro na bolsa.
(Sai Rodrigo.)
Assim, de um tolo faço minha bolsa.
Profanaria, meus conhecimentos,
se gastasse meu tempo com um idiota
desta marca, a não ser para proveito
próprio ou por distração. Odeio o Mouro.
Há quem murmure que ele o meu trabalho
já fez em meus lençóis. Se é certo, ignoro-o.
Pelo sim, pelo não, agir pretendo
como se assim, realmente, houvesse sido.
Tem-me afeição. Meu plano, desse modo,
sobre ele vi atuar com mais certeza.
Cássio é um homem de bem. Ora vejamos
como posso alcançar o lugar dele
e enfeitar meu desejo com dobrada
patifaria. Como? De que modo?
Reflitamos. Deixar passar o tempo
e embair-lhe os ouvidos declarando-lhe
que Cássio mostra muita intimidade
com a mulher dele. O exterior de Cássio
e seu todo insinuante o predispõem
a tornar-se suspeito facilmente.
Foi feito para seduzir mulheres.
De natureza é o Mouro livre e aberta;
honesto julga ser quem aparenta,
tão-só, honestidade. Sem trabalho
pelo nariz poderá ser levado,
tal qual os asnos.
Pronto; já está gerado. A noite e o inferno
à luz hão de trazer meu plano eterno.
(Sai.)

Ato II · Cena I

Porto de mar em Chipre. Praça perto do cais.
Entram Montano e dois gentis-homens.

Montano · Que distinguis no mar, desde essa ponta?
Primeiro gentil-homem ·
Nada a distância; as ondas se encapelam;
entre o alto mar e o céu não se percebe
vela nenhuma.
Montano · O vento falou alto para terra,
parece-me. Jamais tão desenfreada
tempestade abalou nossas ameias.
Se em pleno mar rugiu dessa maneira,
que costela de roble ficou firme
no encaixe, ao derreterem-se sobre ela
montanhas desse porte? Que teremos?
Segundo gentil-homem ·
A dispersão, tão-só, da armada turca.
Basta a praia espumante examinares.
Só parece que as ondas ralhadoras
as nuvens chicoteiam; a mareta
de crina gigantesca, sacudida
pelo vento, parece jogar água
na Ursa inflamável e apagar as guardas
do pólo sempre fixo. Não vi nunca
revolta assim das ondas irritadas.
Montano · Se não pôde abrigar-se a armada turca
nalgum ponto ou baía, está perdida.
É impossível que houvesse resistido.
(Entra um terceiro gentil-homem.)

shakespearebrasileiro.org

Terceiro Gentil-Homem
Novas, rapazes! Acabou-se a guerra!
Maltratou a furiosa tempestade
os turcos de tal jeito, que seus planos
ficaram mancos. Um navio nobre
de Veneza assistiu ao pavoroso
naufrágio e sofrimento da mor parte
da armada deles.
Montano · Como! É então verdade?
Terceiro Gentil-Homem ·
O barco está no porto; é de Veneza.
Miguel Cássio, tenente do guerreiro
mouro, Otelo, saltou em terra; o próprio
Mouro se acha no mar, com carta branca,
a caminho de Chipre.
Montano · Muito alegre
me deixa essa notícia; é um muito digno governador.
Terceiro Gentil-Homem ·
Mas esse mesmo Cássio,
muito embora se exprima com confiança
sobre as perdas dos turcos, está triste;
rezando pela salvação do Mouro,
pois violenta e medonha tempestade
dele o fez separar-se.
Montano · O céu o atenda,
pois servi sob o Mouro; ele é soldado
na mais lata acepção. Mas vamos logo
para o porto, não só porque vejamos
o barco recém-vindo, como para
olhar também do lado que há de vir-nos
o bravo Otelo, até que a nossos olhos
desapareça o mar e o azul-celeste.
Terceiro Gentil-Homem ·
Façamos isso, sim; cada momento
nos traz a experiência de outros barcos.

(Entra Cássio.)

Cássio · Meus agradecimentos aos valentes
desta ilha valorosa, por mostrardes
tanta afeição ao Mouro. Oh! Que lhe dêem
os céus defesa contra os elementos
pois o perdi num mar perigosíssimo.
Montano · Está num bom navio?
Cássio · Seu barco tem altivos vigamentos
e dispõe de piloto exp'rimentado
bastantes vezes, sendo só por isso
que, não tendo esperança empanturrada
para morrer, confio em sua cura.

Vozes *(dentro)* ·
Uma vela! Uma vela!

(Entra um mensageiro.)

Cássio · E esses gritos?
Mensageiro · Deserta está a cidade; sobre a borda
do mar o povo todo, em fitas, grita:
Uma vela! Uma vela!
Cássio · Diz-me o peito
que é a do governador.
Segundo gentil-homem · Disparam tiros
de cortesia. É amigo, pelo menos.
Cássio · Por obséquio, senhor, ide informar-vos
e trazei-nos notícias mais precisas.
Segundo gentil-homem ·
Perfeitamente.

(Sai.)

Montano · Mas meu bom tenente,
casou-se o vosso general?
Cássio · Por sorte;
traz uma esposa que ultrapassa toda
descrição e alta fama, deixa longe
os conceitos da pena aduladora,
e que no respeitante às qualidades
naturais da criação, deixa estafado,
só com ela, o inventor.

(Volta o segundo gentil-homem.)

Então, quem era?
Segundo gentil-homem ·
É um certo Iago, alferes junto ao nosso general.
Cássio · Realizou a travessia
em boas condições e pouco tempo.
A própria tempestade, o mar furioso,
os ventos sibilantes, os penedos
escarpados, os bancos movediços
traidores de emboscada pára os barcos
inocentes prenderem — todos, todos,
como se do sentido da beleza
fossem dotados, transmudada sua
natureza nociva, permitiram
que por eles passasse, sã e salva,
a divina Desdêmona.
Montano · Quem é ela?
Cássio · A de quem vos falei, a capitoa
de nosso capitão. Em companhia
ele a mandou do destemido Iago,
cuja vinda ultrapassa nossos cálculos
de uma semana. Oh poderoso Jove,

shakespearebrasileiro.org

protege Otelo e enfuna suas velas
com teu bafejo todo poderoso,
porque abençoar ele nos venha o porto
com seu navio, palpitar nos braços
carinhosos de sua bem-amada,
reacender-nos o espírito apagado
e trazer alegria a toda Chipre!
(Entram Desdêmona, Emília, Iago, Rodrigo e séquito.)
Oh! Vede! Já desembarcados foram
os tesouros do barco. Ajoelhai-vos,
moradores de Chipre! Salve, dama!
Possa diante de ti ficar a Graça
celestial, por detrás, por toda a parte,
envolvendo-te toda.
Desdêmona · Agradecida,
valente Cássio. Que notícia tendes
do meu marido?
Cássio · Ainda não chegou.
Não sei mais nada, salvo que ele se acha
com saúde e que breve aqui estará.
Desdêmona · Contudo, tenho medo. Qual a causa
por que vos separastes?
Cássio · A atroz luta
das águas e do céu me afastou dele.
Mas, ouvi: uma vela!
Vozes *(dentro)* · Vela! Vela!
(Ouvem-se tiros de canhão.)
Segundo gentil-homem ·
O barco está saudando a cidadela.
É outro amigo.
Cássio · Vai ver o que há de novo.
Bem-vindo, bom alferes. *(A Emília.)* Vós, senhora,
também sois mui bem-vinda. Que não seja
causa de se enturvar vossa paciência,
bondoso Iago, a extensão dos meus saudares.
É minha educação que me confere
saudações de tamanho atrevimento.
(Beija a Emília.)
Iago · Se ela vos desse, meu senhor, dos lábios
tanto quanto da língua me concede,
em pouco tempo ficaríeis farto.
Desdêmona · Coitada, ela nem fala!
Iago · Não? Demais.
Quando quero dormir é que o percebo.
Mas em frente de Vossa Senhoria
a espertalhona guarda um pouco a língua
no coração e ameaça em pensamento.
Emília · Não tendes causa para assim falardes.
Iago · Vamos; fora de casa sois pinturas;
nos quartos, sinos; na cozinha, gatos;
santas, quando ofendeis; demônios puros,
quando sois ofendidas; chocarreiras
no governo da casa e boas donas
do lar quando na cama.
Desdêmona · Oh! vai saindo,
caluniador!
Iago · Quero ser turco, caso
não seja assim. Brincais o dia inteiro;
só na cama há trabalho verdadeiro.
Emília · Não haveis de escrever meu elogio.
Iago · Nem o desejo.
Desdêmona · E como escreverias,
se incumbido te visses de elogiar-me?
Iago · Cuidado, gentil dama, que outra coisa
não sou, tirante um crítico modesto.
Desdêmona ·
Tentai, tentai! — Alguém foi até ao porto?
Iago · Foi, sim, senhora.
Desdêmona · Alegre não me sinto, mas engano
meu próprio estado, simulando o gosto.
Vamos: de que maneira me elogiaras?
Iago · Já estou quase no ponto; mas do casco
me sai sempre a invenção como da bolsa
visco de passarinho: vem do cérebro,
e tudo o mais, grudado. Minha musa,
porém, começa a sentir dores fortes
e à luz, por fim, dá isto:
Se ela tiver espírito e beleza,
aquele é dádiva; natureza.
Desdêmona · Ótimo! E se for preta e espirituosa?
Iago · Preta e espirituosa... Que mistura!
Mas um branco há de achar para a feiúra.
Desdêmona · De mal para pior.
Emília · E se for bela e tonta?
Iago · Mulher tonta não há, sendo bonita,
pois sabe arranjar filho e ser catita.
Desdêmona · São paradoxos velhos, para fazer
rir os tolos nas cervejarias. Que mísero elogio
reservaste para as feias e tontas?
Iago · Não há feia tão tola que não possa
nas belas e sabidas fazer mossa.
Desdêmona · Oh ignorância maciça! Fizeste
maior elogio das piores. Mas que dirás em louvor da
mulher verdadeiramente merecedora de encômios,

shakespearebrasileiro.org

que, escudada em seu merecimento, obriga render-se
a própria maledicência?
IAGO · A que bela foi sempre, não vaidosa,
e, podendo falar, não foi verbosa;
a que, tendo ouro à larga, não se enfeita,
e, coibindo-se, diz: numa outra feita;
a que, ofendida e a ponto de vingar-se,
sabe conter-se e a fúria deixa alar-se;
a que não fosse néscia que trocasse
salmão por bacalhau com alegre face;
a que pensasse e não dissesse nada
e aos chichisbéus fugisse recatada;
tal mulher, se existisse, claro seja...
DESDÊMONA · De que fora digna?
IAGO · De criar pascácios e provar cerveja.
DESDÊMONA · Oh! Semelhante conclusão é por demais coxa, muito débil. Emília, não aprendas nada com ele, embora seja teu marido. Que pensais, Cássio? Não é um conselheiro licencioso e de muito má língua?
CÁSSIO · A linguagem dele é rude, de fato, minha senhora; é preciso ficardes apreciando nele mais o soldado do que o erudito.
IAGO *(à parte)* · Ele a segura pela mão. Muito bem! Cochicha-lhe aos ouvidos. Com uma teiazinha tão pequena assim, pretendo pegar uma mosca do tamanho de Cássio. Sim, dirige-lhe sorrisos; mais um pouco, e eu te amarrarei com tuas próprias cortesias. Tendes razão: é assim mesmo. Se vierdes a perder o posto de tenente por umas frioleiras desse porte, melhor vos teria sido não ter beijado tantas vezes os três dedos, como ainda vos mostrais disposto a fazer, para vos apresentardes como senhor de respeito. Muito bem! Belo beijo! Excelente cortesia! É assim mesmo, não há dúvida. Levais mais uma vez os dedos à boca? Quisera que vos servissem com outras tantas cânulas de clister...

(Ouve-se toque de trombeta.)

O Mouro! Conheço o som da trombeta dele.
CÁSSIO · É ele mesmo.
DESDÊMONA · Vamos ao encontro dele para recebê-lo.
CÁSSIO · Ei-lo que chega.

(Entra Otelo e séquito.)

OTELO · Minha linda guerreira!
DESDÊMONA · Caro Otelo!
OTELO · Tanto contentamento quanto espanto
me causa ver que antes de mim chegastes.
Oh alegria de minha alma! Caso
viesse sempre depois da tempestade
semelhante bonança, poderiam
soprar os ventos de acordar a morte.
Que o meu barquinho escale montes de água
tão altos quanto o Olimpo e, após, afunde
tanto quanto distar do céu o inferno.
A morte, agora, para mim seria
uma felicidade, pois tão grande
é a ventura que da alma se me apossa,
que não pode, receio-o, reservar-me
outra igual o futuro nebuloso.
DESDÊMONA ·
Permita o céu que nosso amor e nossa
felicidade cresçam como os dias
que ainda temos de vida.
OTELO · Amém, poderes
inefáveis! Não posso falar muito
sobre esse assunto. Sinto-me abafado:
é excessiva alegria.

(Beijando Desdêmona.)

Recebe este,
e este também. Que a única discórdia
de nossos corações tenha este aspecto.
IAGO *(à parte)* · Oh! Por enquanto estais bem afinados;
mas eu me incumbo de afrouxar as cordas
que produzem tal música; tão certo
como eu ser gente honesta.
OTELO · Vamos logo
para o castelo. Trago novidades,
caros amigos. Acabou-se a guerra;
os turcos se afogaram. Como passam
os moradores da ilha, meus amigos?
Vais ser, amor, muito querida em Chipre.
Em todos encontrei muita amizade.
Oh minha doce amiga, estou pulando
de um assunto para outro, desconexo;
tanta felicidade me estonteia.
Por obséquio, bom Iago, vai ao porto,
desembarca meus cofres e conduze
ao forte o comandante. É um homem digno;
seus méritos impõem só respeito.
Desdêmona, subamos. Novamente:
és mui bem-vinda a Chipre.

(Saem todos, com exceção de Iago e Rodrigo.)

IAGO · Vai logo encontrar-me no porto. Aproxima-te. Se fores um rapaz valente, sendo verdade, como

shakespearebrasileiro.org

dizem, que as pessoas de baixa extração, quando apaixonadas, revelam mais nobreza do que seria de esperar de sua natureza: escuta-me. Hoje à noite o tenente ficará de vigia no corpo da guarda. Para começar, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está apaixonada por ele.

Rodrigo · Por ele? Não é possível.

Iago · Põe o dedo assim e deixa que tua alma se instrua. Recorda a violência com que de início ela amou o Mouro, só por causa de suas fanfarronadas e de suas aventuras mentirosas. Amá-lo-ia sempre por sua tagarelice? Que o teu coração discreto não acredite em semelhante coisa. Ela precisará espairecer a vista; e que deleite poderá encontrar na contemplação do demônio? Quando o sangue se torna pesado pelo ato do prazer, para inflamá-lo de novo e para despertar o apetite à saciedade é preciso que o amante seja de aparência agradável e que haja uma espécie de simpatia quanto à idade, os costumes e os encantos pessoais, o de que o Mouro carece por completo. Ora, não existindo esses requisitos vantajosos, sua ternura delicada ficará desiludida, sentirá náuseas, revelando, por fim, repulsa e asco pelo Mouro. A própria natureza lhe ensinará essas coisas, levando-a a fazer uma segunda escolha. E agora, senhor, uma vez admitindo isso — proposição mais do que certa e não forçada — quem se acha mais alto do que Cássio na escada dessa felicidade? É um tipo volúvel, cuja escrupulosidade só vai até ao ponto de permiti-lo assumir a simples forma de uma aparência afável e educada, para melhor satisfazer os apetites mais inconfessos e licenciosos. Ninguém mais! Ninguém mais! É um tipo astucioso e equívoco, sempre à cata de oportunidades, com um olho que pode cunhar e falsificar vantagens, muito embora a verdadeira vantagem nunca chegue a se apresentar... Um sujeito diabólico! Ao lado disso, de figura apresentável, moço, com todos os requisitos que atraem o olhar do povinho inexperiente e desmiolado; é um biltre pestilencioso a conta inteira, que já chamou a atenção da mulherzinha.

Rodrigo · Não posso acreditar em tal coisa, em se tratando dela; é exornada das mais celestes qualidades.

Iago · Celestes, uma figa! O vinho que ela bebe é feito de uva; se fosse celeste, nunca se teria apaixonado do Mouro. Um pudim celeste! Não viste como ela brincava com a mão dele? Não observaste isso?

Rodrigo · Vi, sem dúvida; mas era por simples cortesia.

Iago · Lascívia, por esta mão! Índice e prólogo obscuro de uma história de luxúria e de pensamentos libidinosos. Ficaram com os lábios tão próximos, que seus hálitos se abraçaram. Pensamentos torpes, Rodrigo! Quando essas reciprocidades iniciam a campanha, segue-lhe o rasto a manobra principal, a conclusão carnal. Ora! Mas, senhor, deixai-vos guiar por mim. Trouxe-vos de Veneza. Ficai de guarda hoje à noite; eu mesmo vos indicarei o ponto. Cássio não vos conhece; não ficarei muito longe. Arranjai oportunidade de irritar Cássio, ou falando-lhe muito alto, ou transgredindo suas determinações, ou por qualquer outro meio que a ocasião vos sugerir.

Rodrigo · Bem.

Iago · Ele é violento e se encoleriza com facilidade, podendo acontecer que vos bata. Provocai-o, para que ele faça isso mesmo, pois pretendo valer-me desse pretexto, justamente, para amotinar o pessoal de Chipre, cuja pacificação só poderá ser restabelecida com a destituição de Cássio. Desse modo, encurtareis o caminho de vossos desejos, graças aos meios que eu arranjar para promovê-los, ficando removido com facilidade o obstáculo sem o qual não poderemos esperar nenhum êxito.

Rodrigo · É o que farei, no caso de encontrar oportunidade.

Iago · Por isso eu me responsabilizo. Vai logo procurar-me no forte; tenho de desembarcar a bagagem do Mouro. Adeus.

Rodrigo · Adeus.

(Sai.)

Iago · Que amor lhe tenha Cássio, é o que acredito;
que ela o ame, é quase certo e compreensível.
O Mouro, embora eu suportar não o possa,
por natureza é firme, nobre e amável,
tendo eu plena certeza de que ele há de
ser o marido ideal para Desdêmona.
Mas eu também a amo, não por simples
concupiscência, muito embora eu seja
também passível dessa grande falta.
Não; é para saciar minha vingança.
pois suspeito que o Mouro luxurioso

shakespearebrasileiro.org

pulou na minha sela, pensamento
esse que, como mineral nocivo,
me corrói as entranhas, sem que nada
possa ou deva deixar-me a alma aliviada
antes de virmos nisso a ficar quites:
é mulher por mulher. Falhando o plano,
farei tal ciúme despertar no Mouro,
que não possa curá-lo o raciocínio.
Para obter isso — caso este sabujo
de Veneza, que à trela sempre trago.
saiba encontrar o rato e correr firme —
pegarei Miguel Cássio pelo flanco,
pois temo que ele também tenha usado
meu gorro de dormir. Assim, o Mouro
me amará, ficar-me-á reconhecido,
e um prêmio me dará por eu ter feito
dele um asno completo, e o ter privado
da paz e do sossego, até nas raias
ir bater da loucura. Aqui está tudo.
Meio confuso, é certo; mas, inteira,
nunca se mostra, nunca, a bandalheira.

(Sai.)

Ato II · Cena II

Uma rua.
Entra um arauto com uma proclamação, seguem-no pessoas do povo.

ARAUTO · É vontade de Otelo, nosso nobre e valente general, que, por motivo das notícias do complexo desbarato da armada turca, festejem todos esse triunfo com trajes alegres, ou seja dançando, ou acendendo fogueiras, ou entregando-se aos divertimentos e prazeres a que estiverem mais inclinados. Porque além dessas notícias auspiciosas. celebra Otelo também o seu casamento. Assim, determinou que se fizesse esta proclamação. Todas as lojas ficarão abertas, havendo inteira liberdade de diversão, desde agora, cinco horas da tarde, até dar o sino o sinal das onze. Que o céu abençoe a ilha de Chipre e o nosso nobre general Otelo!

(Saem.)

Ato II · Cena III

Uma sala no *castelo.*
Entram Otelo, Desdêmona, Cássio e pessoas do séquito.

OTELO · Caro Miguel, cuidai da guarda à noite.
Mostremos pelo exemplo a decorosa
moderação, porque não haja excesso
nas festas permitidas.
CÁSSIO · Já dei ordens
para Iago a esse respeito. Não obstante,
pessoalmente irei ver tudo de perto.
OTELO · Iago é pessoa honesta. Boa noite,
Miguel; quanto mais cedo for possível.
vinde amanhã falar-me.

(A Desdêmona.)

Vamos, querida;
já fizemos a compra; ora é preciso
saber aproveitá-la com juízo.

(Saem Otelo, Desdêmona e séquito.)
(Entra Iago.)

CÁSSIO · Sede bem-vindo, Iago. Precisamos ir para a guarda.
IAGO · Ainda falta muito tempo, tenente; não são dez horas. Nosso general nos despediu assim tão cedo por amor de sua Desdêmona, pelo que, aliás, não podemos censurá-lo; ainda não passou uma noite regalada com ela, que é um pratinho para Jove.
CÁSSIO · É uma senhora admirável.
IAGO · E deliciosa, posso asseverar.
CÁSSIO · Realmente, uma criatura muito louçã e delicada.
IAGO · E que olhos tem! Soam-me como um convite para o assalto.
CÁSSIO · Olhar atraente, de fato, mas muito modesto.
IAGO · E quando fala, não parece uma alvorada para o amor?
CÁSSIO · É, de fato, a perfeição em pessoa.
IAGO · Muito bem; felicidade para seus lençóis.

shakespearebrasileiro.org

Vamos, tenente; tenho um quartel de vinho e aí fora um par de galantes chipriotas que de bom grado beberiam à saúde do negro Otelo.

CÁSSIO · Não hoje à noite, meu bom Iago; tenho a cabeça muito fraca para bebidas.
Desejara que a cortesia inventasse outras maneiras de manifestarmos a alegria.

IAGO · Oh! são nossos amigos! Um copo, somente; beberei em vosso lugar.

CÁSSIO · Só bebi esta noite um copo, e assim mesmo muito diluído; mas, apesar disso, podeis ver que desarranjo produziu aqui. É um defeito lastimável; não quero pôr à prova mais uma vez a minha fraqueza.

IAGO · Ora, homem! A noite, hoje, é de folia! Os rapazes é que insistem.

CÁSSIO · Onde se encontram?

IAGO · Aqui, à porta; chamai-os, por obséquio.

CÁSSIO · Vou fazê-lo, mas a contragosto.

(Sai.)

IAGO · Se eu puder empurrar-lhe mais um copo
além do que ele já bebeu à tarde,
ficará tão rixento e quereloso
como uma cadelinha. Aquele tonto,
Rodrigo, a quem o amor virou no avesso,
esta noite, à saúde de Desdêmona
bebeu potes seguidos. Vai dar guarda.
Mais três rapazes de alto e nobre espírito,
que em distância prudente a honra conservam,
elementos desta ilha belicosa,
esta noite deixei meio confusos
com copos transbordantes. Todos eles
irão também dar guarda. Ora, no meio
de tantos bêbedos, farei que Cássio
pratique qualquer ato que alboroto
venha na ilha a causar. Ei-los que chegam.
Se condisser com os sonhos a seqüela,
meu barco correrá com vento e vela.

(Volta Cássio, acompanhado de Montano e vários cavalheiros. Entram criados com vinho.)

CÁSSIO · Por Deus! Já me fizeram beber uma boa caneca.

MONTANO · Pequenita, por minha fé; não chegava a uma pinta; tão certo como eu ser soldado.

IAGO · Tragam-nos vinho, olá!

(Canta) Fazei tinir a caneca!
Fazei tinir a caneca!...
A vida é quente,
soldado é gente...
Soldado... que leve a breca!
Mais vinho, rapazes!

CÁSSIO · Por Deus, excelente canção.

IAGO · Aprendi-a na Inglaterra, onde se bebe, em verdade, largamente. Vosso dinamarquês, vosso alemão e vosso holandês pançudo — à saúde, olá! — são nada, comparados com os ingleses.

CÁSSIO · Vosso inglês é tão entendido em bebidas, assim?

IAGO · Ora, com a maior facilidade ele bebe de matar vosso dinamarquês não chega a suar para derrubar vosso alemão e faz vosso holandês vomitar antes de encherem de novo a caneca.

CÁSSIO · À saúde do nosso general!

MONTANO · O mesmo eu digo, tenente; faço-vos justiça.

IAGO · Oh, doce Inglaterra!

(Canta.) O Rei Estêvão, mui digno par,
deu pelas calças uma coroa;
mas achou caro; não quer pagar;
chama o alfaiate de coisa à-toa.
Era de casa de grande fama;
mas tu não passas de um gafanhoto.
O orgulho o reino joga na lama;
por isso veste teu manto roto.
Mais vinho, olá!

CÁSSIO · Essa canção... ainda mais esquisita do que a outra.

IAGO · Desejais que a repita?

CÁSSIO · Não, porque considero indigno de seu posto quem se conduz por esse modo. Sim, Deus está acima de tudo; há almas que devem salvar-se e há almas que não devem salvar-se.

IAGO · É certo, meu bom tenente.

CÁSSIO · No que me diz respeito — longe de mim a intenção de ofender o general ou qualquer outra pessoa de posição — espero salvar-me.

IAGO · Eu também, tenente.

CÁSSIO · Sim; mas, com vossa permissão, não antes de mim; o tenente deve ser salvo antes do alferes. Não falemos mais disso; voltemos para nosso trabalho. Deus perdoe nossos pecados. Cavalheiros, cuidemos da obrigação. Não vades pensar, cavalheiros, que eu estou bêbado. Este aqui é o meu alferes; esta, a minha mão direita: esta, a esquerda. Agora não estou bêbado; posso manter-me de pé e falar sem atrapalhar-me.

TODOS · Perfeitamente!

shakespearebrasileiro.org

CÁSSIO · Então, muito bem; não deveis imaginar
que eu esteja embrigado.
(Sai.)
MONTANO · À esplanada, senhores! Para a guarda!
IAGO · Vistes o tipo que saiu há pouco?
É soldado que a César não desonra;
digno de comandar. Mas vede o vício,
equinócio adequado de seu mérito;
um, tão longo quanto o outro. Faz-me pena.
Temo sinceramente que a confiança
que Otelo nele deposita, possa
numa hora aziaga sacudir esta ilha.
MONTANO · Fica assim muitas vezes?
IAGO · Sempre o prólogo
esse é do sono dele. Duas voltas
completas do relógio ele consegue
ficar de sentinela, quando o vinho
não lhe sacode o leito.
MONTANO · Bom seria
que ao general falássemos sobre isso.
Decerto ignora tudo; ou, porventura,
sua bondade louva em Cássio apenas
a virtude aparente, sem das faltas
tomar conhecimento. Não é verdade?
(Entra Rodrigo.)
IAGO · *(à parte, a Rodrigo)* Que há de novo, Rodrigo?
Por obséquio, ide atrás do tenente.
(Sai Rodrigo.)
MONTANO · É lastimável
que o nobre Mouro arrisque um lugar desse,
em importância logo após o dele,
com um sujeito tachado de fraqueza.
Ação honesta fora alguém com o Mouro
falar a esse respeito.
IAGO · Eu, não! Nem mesmo
por esta formosa ilha. Gosto muito
de Cássio; hei de fazer todo o possível
para curá-lo dessa enfermidade.
Mas escutai! Que barulheira é essa?
GRITOS *(dentro)* · Socorro! Socorro!
(Entra Cássio, empurrando Rodrigo.)
CÁSSIO · Miserável! Patife!
MONTANO · Que acontece,
tenente?
CÁSSIO · Um pulha destes, pretendendo
ensinar-me o dever. Pois vou enfiá-la
numa garrafa, à custa de pauladas.
RODRIGO · Bater em mim?
CÁSSIO · Ainda resmungas, choldra?
(Bate em Rodrigo.)
MONTANO · *(segurando Cássio)*
Meu bom tenente, calma, por obséquio!
Detende a mão!
CÁSSIO · Senhor, deixai-me livre;
caso contrário, amasso-vos o crânio.
MONTANO · Deixai disso; estais bêbado.
CÁSSIO · Eu, bêbado?
(Lutam.)
IAGO *(à parte, a Rodrigo)* ·
Saí, vos digo. Ide tocar alarma.
(Sai Rodrigo.)
Não, meu caro tenente! Oh Deus! Senhores!
Socorro, olá! Tenente! Bom Montano!
Socorro, olá! Que bela guarda temos!
(O sino toca.)
Quem estará tocando o sino? Diablo!
Vão alarmar toda a cidade. Calma!
Calma, senhores! Calma! Para sempre
vos heis de envergonhar.
(Entram Otelo e séquito.)
OTELO · Que aconteceu?
MONTANO · Com a breca! Estou sangrando; estou
ferido gravemente.
OTELO · Parai, por vossas vidas!
IAGO · Calma, tenente! Cavalheiros, calma!
Porventura perdestes todo o senso
do dever e lugar? Parai! Que opróbrio!
OTELO · Então, que aconteceu? Como foi isso?
Viramos turcos para permitir-nos
o que o céu não consente aos otomanos?
Pelo pudor cristão, parei com essa
gritaria de bárbaros. Aquele
que se mexer para saciar a raiva,
não faz caso da vida; é homem morto.
Fazei calar esse terrível sino.
que ele espanta a ilha e a tira de seus hábitos.
Que aconteceu, senhores? Honesto Iago,
pareces morto de tristeza; dize-me:
quem começou? Por teu amor. intimo-te.
IAGO · Não sei; amigos éramos há pouco,
neste momento, em termos como noivos,
quando se despem antes de ir deitar-se.
De repente, agorinha mesmo, como
se algum planeta houve o mundo todo

shakespearebrasileiro.org

deixado dementado, espadas fora,
visando o peito um do outro, em sanguinária
oposição. Dizer não posso como
principiou esta odiosa diferença.
Fora melhor haver no campo de honra
perdido as pernas que me conduziram
para ser parte nisto.
Otelo · Qual a causa,
Miguel, de vos haverdes esquecido
de vós mesmo a este ponto?
Cássio · Só vos peço
que me perdoeis, porque falar não posso.
Otelo · Digno Montano, sempre fostes probo;
conhece o mundo a calma e a gravidade
de vossa mocidade; vosso nome
grande é na boca dos juízes sábios.
Que aconteceu, para que vossa fama
desabotoeis assim e a vossa rica
reputação gasteis só pelo nome
de brigador noturno? Respondei-me.
Montano · Digno Otelo, ferido estou de morte.
Iago, vosso oficial, pode informar-vos —
porque eu me poupe, que falar me cansa —
tudo o que sei. Não sei de nada errado
que esta noite eu tivesse dito ou feito,
a não ser que o amor-próprio seja um vício
e pecado nos pormos em defesa.
quando alguém nos ataca.
Otelo · Agora, pelo céu, sinto que o sangue
começa a dirigir-me o entendimento,
e que a paixão, já tendo obscurecido
minha razão, procura arrebatar-me.
Se eu me mexer ou levantar o braço,
o melhor dentre vós cairá ao peso
de minha repreensão. Dizei-me como
teve princípio esse tropel estúpido,
quem foi o causador. Quem quer que tenha
sido o culpado de tão cru delito —
irmão gêmeo me fosse, de um só parto —
de mim o afastarei. Pois como! Numa
praça de guerra inquieta ainda, todos
com o coração a transbordar de medo,
provocarem questões particulares,
de noite e no local, precisamente,
da guarda e segurança! Oh! É monstruoso.
Montano · Se razões de amizade ou de hierarquia
a dizer te levarem mais ou menos
do que a verdade, é que não és soldado.
Iago · Não me aperte assim. Preferiria
que da boca esta língua me cortassem.
a ofender de algum modo a Miguel Cássio.
Mas convencido estou de que a verdade
mal nenhum lhe fará. Eis como tudo
se passou, general. Eu e Montano
a conversar estávamos. De súbito,
a gritar por socorro entra um sujeito
perseguido por Cássio, que, de espada
desembainhada, a ponto se encontrava
de desferir-lhe um golpe. Este fidalgo,
senhor, deteve Cássio, procurando
demovê-lo do intento. Eu saí logo
em pós do tipo que corria aos berros,
para ver se evitava que seus gritos —
como se deu, de fato — provocassem
o alarma na cidade. Mas, dotado
de pés velozes, ele, em pouco tempo,
me frustrou a intenção, tendo eu achado
mais prudente voltar, por ter ouvido
tinir de espadas e exaltadas juras
proferidas por Cássio, o que impossível
me fora acreditar até esta noite.
Ao retornar — porque tudo isso fora
obra de alguns momentos — encontrei-os
engalfinhados, em defesa e ataque,
tal como estava, quando aqui chegastes,
para vir separá-los.
É tudo quanto sei sobre esse assunto.
Mas os homens são homens, e por vezes
o melhor pode errar. Embora Cássio
houvesse feito alguma ofensa ao outro —
pois quando arrebatados, machucamos
até o melhor amigo — estou convicto
de que ele recebeu do que fugia
uma dessas injúrias nunca ouvidas,
que admitir a paciência não consegue.
Otelo · Iago, sei bem que a tua honestidade
e teu bom coração ora te levam
a atenuar este assunto, para que ele
pese menos em Cássio. Cássio, estimo-te,
mas nunca mais serás meu oficial.

(Entra Desdêmona, acompanhada.)

Vede! Acordaram minha terna esposa!

(A Cássio.)

Um castigo exemplar pretendo dar-te.
Desdêmona · Que aconteceu?
Otelo · Tudo está bem querida.

shakespearebrasileiro.org

Retorna para o leito. *(A Montano.)* Desses golpes, senhor, o cirurgião serei eu próprio.
Levai-o logo.

(Montano é conduzido.)

Iago, inspeciona bem toda a cidade
e tranqüiliza os que essa vil querela
possa ter alarmado. Vem, Desdêmona;
é sempre assim a vida de um soldado;
ter amiúde o sono despertado.

(Saem todos, com exceção de Iago e Cássio.)

Iago · Quê! Estais ferido, tenente?

Cássio · Sim, sem possibilidade de cura.

Iago · Oh! Não o permita o céu.

Cássio · Reputação, reputação, reputação! Oh! perdi a reputação, perdi a parte imortal de mim próprio, só me tendo restado a bestial. Minha reputação, Iago; minha reputação!

Iago · Tão certo como eu ser um homem honesto, pensei que houvesses recebido algum ferimento no corpo; há mais prejuízo nisso do que na reputação. A reputação é um apêndice ocioso e enganador; obtido, muitas vezes, sem merecimento, e perdido sem nenhuma culpa. Não perdestes nenhuma reputação, a menos que vos considereis como tendo sofrido semelhante perda. Que é isso, homem! Há muitos meios de reconquistar a estima do general; fostes despedido apenas em um momento de mau humor; um castigo aplicado mais por considerações de ordem geral do que por maldade, justamente como no caso de bater alguém em seu cãozinho inofensivo. para amedrontar um leão temível. Implorai-lhe perdão e ele se tornará vosso outra vez.

Cássio · Preferira implorar o seu desprezo a enganar um comandante tão bom com um oficial tão leviano, bêbado e indiscreto. Embriagado! Falando como papagaio! Provocar brigas, fazer fanfarronadas, jurar e falar empolado com a própria sombra! Oh espírito invisível do vinho! Se não és ainda conhecido por nenhum nome, recebe o de demônio.

Iago · Quem era o sujeito a quem perseguíeis de espada em punho? Que vos havia feito?

Cássio · Não sei.

Iago · Será possível?

Cássio · Recordo-me de uma infinidade de coisas, mas nada distintamente; de uma briga, porém não de seus motivos. Oh Deus! Terem os homens o inimigo na própria boca, para roubar-lhes o cérebro! Constituir para nós alegria, prazer, divertimento e júbilo isso de nos transformarmos em brutos!

Iago · Mas é interessante que estais agora inteiramente lúcido! De que modo recuperastes os sentidos assim tão depressa?

Cássio · Aprouve ao demônio da embriaguez ceder o lugar ao demônio cólera. Uma imperfeição me mostra outra, ensinando-me a detestar-me sem reservas.

Iago · Ora, vamos; sois um moralista muito severo. Considerando-se o momento, o lugar e as condições da cidade, sinceramente, eu preferira que tudo isso não houvesse acontecido; mas já que é como é, tratai de consertar as coisas em proveito próprio.

Cássio · Vou pedir-lhe que me reintegre no meu posto; ele vai responder-me que eu sou um bêbado. Se eu tivesse tantas bocas como a hidra, semelhantes respostas me entupiria todas. Há pouco eu era um indivíduo ajuizado; logo depois, um tolo; e neste momento, um bruto. Oh! é terrível! É amaldiçoado todo copo bebido fora da conta, sendo o seu conteúdo o próprio diabo.

Iago · Vamos, vamos; o bom vinho é um camarada bondoso e de confiança, quando tomado com sabedoria; não continueis a falar mal dele. E, meu bom tenente, creio que tendes certeza de que vos tenho amizade.

Cássio · Já tive disso sobejas provas, senhor. Eu, bêbado!

Iago · Ora. homem! Vós, ou qualquer pessoa viva podeis embriagar-vos de vez em quando. Vou dizer-vos o que deveis fazer. A mulher do nosso general é agora o general. Posso exprimir-me dessa maneira, por ter-se ele devotado e dedicado à contemplação, ao exame e à observação de suas partes e graças. Falai-lhe com franqueza; importunai-a, que ela vos ajudará a reconquistar esse lugar. É de uma disposição tão franca e generosa, tão bondosa e abençoada, que em sua bondade considera vício não fazer mais do que o que se lhe pede. Pedi-lhe que conserte a fratura da articulação existente entre vós e o marido dela. E todos os meus bens contra qualquer coisa sem valor em como essa fratura do vosso amor vai ficar mais forte do que era antes.

Cássio · Dais-me um bom conselho.

Iago · Podeis crer que o faço com a maior sinceridade e com afeição honesta.

Cássio · Tenho certeza disso; logo que amanhecer, vou pedir à virtuosa Desdêmona que interceda a meu favor. Perderei a confiança na sorte, se ela me for contrária neste passo.

shakespearebrasileiro.org

Iago · Tendes razão. Boa noite, tenente; preciso ir para a guarda.
Cássio · Boa noite, honesto Iago.

(Sai.)

Iago · Quem poderá dizer que eu represento
papel de celerado, se o conselho
que eu dei é honesto e leal, muito plausível
e em verdade o caminho para ao Mouro
vir a reconquistar? Sim, porque é muito
fácil de conseguir que a complacente
Desdêmona se empenhe em qualquer súplica
honesta; é dadivosa com a terra.
E para obter do Mouro qualquer coisa —
muito embora para ele se tratasse
de abrir mão do batismo, das insígnias
e símbolos de uma alma redimida —
tanto ele o coração traz encadeado
na afeição de Desdêmona, que tudo
fazer ou desfazer ela consegue,
como entender, reinando como deusa
sua vontade sobre o fraco esposo.
Estarei sendo, acaso, um celerado,
por ter mostrado a Cássio esse caminho
que vai dar ao seu bem, diretamente?
Divindades do inferno! Quando os diabos
querem dar corpo aos mais nefandos crimes,
celestial aparência lhes emprestam,
tal como agora faço. Pois, enquanto
este imbecil honesto pede à bela
Desdêmona que cure a sua sorte,
e ela sobre isso insiste junto ao Mouro,
veneno deitarei no ouvido dele,
com dizer que ela o faz só por luxúria;
quanto mais houver feito ela por ele,
mais, junto ao Mouro, há de perder o crédito.
Transformarei em pez sua virtude,
e com a própria bondade apresto a rede
que há de a todos pegar.

(Volta Rodrigo.)

Então, Rodrigo?
Rodrigo · Sigo-te nesta caçada não como um
cachorro que persegue, mas como o que apenas
completa a matilha. Já gastei quase todo o meu
dinheiro; esta noite fui sovado de rijo, estando certo de
que o resultado final consistirá em ganhar experiência à
custa própria, e, assim, sem dinheiro nenhum e com um
pouco mais de sabedoria, voltar para Veneza.
Iago · Quão pobre é quem carece de paciência!
Qual é a ferida que não sara aos poucos?
Bem sabes que eu trabalho com a cabeça,
não por meio de mágica, e em tudo
depende aquela do tardio tempo.
Não vai tudo tão bem? Cássio bateu-te;
e em troca dessas dores de brinquedo
fizeste que ele o seu lugar perdesse.
Posto sazone o sol todos os frutos,
os da primeira floração se tornam
maduros mais depressa. Sê paciente.
Mas, pela Missa! Já é quase dia!
Os folguedos e a ação as horas fazem
parecer muito curtas. Mas retira-te;
vai logo para o teu alojamento.
Não te demores, digo; mais de espaço
te contarei o que há. Vamos, retira-te.

(Sai Rodrigo.)

E agora, duas coisas: sobre Cássio,
falar minha mulher junto à senhora;
vou concitá-la já.
Nesse entrementes, chamarei o Mouro
para que venha encontrar Cássio,
quando falando estiver este com Desdêmona.
Esse é o caminho certo; que a tardança
não me faça perder a segurança.

(Sai.)

Ato III · Cena I

Chipre. Diante do castelo. Entram Cássio e alguns músicos.

Cássio · Mestres, cantai; pagar-vos-ei o incômodo. Algo bem curto; e, ao fim, falai desta arte: "Bom dia, general!"

(Música.)

(Entra o bobo.)

Bobo · Olá, mestres! Vossos instrumentos estiveram em Nápoles, para falarem assim pelo nariz?
Primeiro Músico · Como assim, senhor?
Bobo · Por obséquio: é a isso que chamais instrumentos de vento?
Primeiro Músico · Perfeitamente, senhor.

shakespearebrasileiro.org

BOBO · Então eles devem ter um apêndice.
PRIMEIRO MÚSICO · Como apêndice, senhor?
BOBO · Ora, senhor, como muitos instrumentos de vento que eu conheço. Mas, caros mestres, trago-vos este dinheiro. O general aprecia tanto vossa música, que em nome da amizade vos pede não continuardes com esse barulho.
PRIMEIRO MÚSICO · Perfeitamente, senhor; não continuaremos.
BOBO · Se tiverdes alguma música que não se ouça, então que venha essa; mas com a que se ouve, o general não se preocupa, nem eu tampouco.
PRIMEIRO MÚSICO · Dessa espécie não temos, senhor.
BOBO · Nesse caso, enfiai as flautas nos sacos, porque preciso retirar-me. Vamos! Desaparecei no ar! Toca!

(Saem os músicos.)

CÁSSIO · Estás ouvindo, meu honesto amigo?
BOBO · Não; não estou ouvindo vosso honesto amigo; estou vos ouvindo.
CÁSSIO · Por obséquio, pára com essas graças. Aqui tens uma pequena moeda de ouro. Se a dama de companhia da senhora do general já estiver de pé, dize-lhe que aqui fora se encontra um certo Cássio que solicita dela alguns momentos de atenção. Far-me-ás isso?
BOBO · Ela já está de pé, senhor; no caso de vir ela até este ponto, dar-lhe-ei vosso recado.
CÁSSIO · Sim, caro amigo.

(Sai o bobo.)
(Entra Iago.)

Em feliz hora, Iago.
IAGO · Então, não vos deitastes?
CÁSSIO · Oh, não! Raiou o dia,
quando nos separamos. Tomei, Iago,
a liberdade de mandar um próprio
chamar vossa mulher, quero pedir-lhe
o obséquio de me obter uma entrevista
com a virtuosa Desdêmona.
IAGO · Sem falta.
farei que vos procure agora mesmo.
Além do mais, vou arranjar um meio
para distrair o Mouro e, assim, poderdes
falar de vosso assunto livremente.
CÁSSIO · De todo coração vos agradeço.

(Sai Iago.)

Nunca vi florentino tão honesto
e serviçal.

(Entra Emília.)

EMÍLIA · Bom dia, bom tenente.
Estou penalizada por vos terdes
desavindo com Otelo. Mas em pouco,
tudo acabará bem. Neste momento
o general e a esposa falam nisso,
com ardor pleiteando ela vossa causa.
Mas o Mouro lhe objeta que a pessoa
que feristes é em Chipre conceituada
e de alta parentela, aconselhando-o
por isso, a demitir-vos a prudência.
Por outro lado, afirma que vos ama,
não tendo precisão de outros padrinhos
além da feição própria, e que só espera
momento azado para reintegrar-vos.
CÁSSIO · Contudo, vos suplico — se julgardes
conveniente ou possível — a vantagem
me obterdes de eu falar a sós com ela,
numa entrevista curta.
EMÍLIA · Por obséquio,
acompanhai-me. Arranjarei as coisas
de modo que possais com liberdade
desafogar o peito.
CÁSSIO · Agradecido
vos sou de todo o coração por isso.

(Saem.)

Ato III · Cena II

Um quarto no castelo.
Entram Otelo, Iago e gentis-homens.

OTELO · Iago, entrega estas cartas ao piloto,
e que ao Senado ele me recomende.
Nesse entrementes, vou olhar as obras;
vai ter comigo lá.
IAGO · Perfeitamente,
meu bom senhor.
OTELO · Quereis, meus caros nobres,
inspecionar aquela fortaleza?
GENTIS-HOMENS ·
Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

Diante do castelo.
Entram Desdêmona, Cássio e Emília.

Desdêmona · Podeis ficar tranqüilo, meu bom Cássio;
farei por vós o que me for possível.
Emília · Sim, bondosa senhora; meu marido
se aborreceu tanto com isso, como
se fosse dele o caso.
Desdêmona · Oh! Que homem de valor! Não tenhais dúvida,
Cássio, que hei de fazer que vós e Otelo
vos torneis bons amigos como dantes.
Cássio · Generosa senhora, seja a sorte
qual for de Miguel Cássio, nunca ele há de
ser outra coisa, senão tão-somente
vosso leal servidor.
Desdêmona · Tenho certeza
disso e vos agradeço. Amais a Otelo;
há muito o conheceis. Fica, pois, certo
que a frieza dele durará somente,
enquanto as conveniências o exigirem.
Cássio · Pois não, senhora; mas as conveniências
poderão ser morosas e viverem
com dieta tão aguada e delicada
ou com tais circunstâncias se nutrirem,
que, ausente eu me encontrando e já ocupado
meu posto, acabará por olvidar-se
meu general do meu amor e préstimos.
Desdêmona · Que isso não te preocupe. Aqui, em frente
de Emília te asseguro o antigo posto.
Podes ficar tranqüilo; quando eu faço
um voto de amizade, cumpro-o à risca.
Meu marido não mais terá sossego;
hei de amansá-lo à custa de vigílias;
sua paciência será posta à prova;
escola vai virar o leito dele;
confessionário, a mesa. Em tudo quanto
quiser fazer, misturarei a súplica
de Cássio. Por tudo isso, Cássio, alegra-te;
porque, antes de desistir de tua causa
há de a vida perder teu advogado.
(Entram Iago e Otelo e se conservam a distância.)
Emília · Senhora, aí vem meu amo.
Cássio · Senhora, aqui despeço-me.
Desdêmona · Esperai para ouvir-me defender-vos.
Cássio · Noutra ocasião, senhora; estou indisposto
e incapaz de servir meu próprio intuito.
Desdêmona · Como quiserdes.
(Sai Cássio.)
Iago · Isso não me agrada!
Otelo · Como disseste?
Iago · Nada, meu senhor;
ou, talvez... Já não sei.
Otelo · Não era Cássio
que estava a conversar com minha esposa?
Iago · Cássio, senhor? Acreditar não posso
que ele como culpado se esgueirasse,
quando vos viu chegar.
Otelo · Creio que era ele.
Desdêmona · Oh! meu marido!
Estive a conversar com um suplicante;
que vosso desfavor faz definhar.
Otelo · A quem vos referis?
Desdêmona · Oh! A vosso tenente Cássio. Caro
marido, se eu possuo graça ou força
para vos comover, reconciliai-vos
com ele desde já. Se não se trata
de uma pessoa que vos é afeiçoada
sinceramente, e errou mais por descuido
do que por intenção, não sei, de fato,
reconhecer uma feição honesta.
Peço-te que o reintegres no seu posto.
Otelo · Daqui não saiu ele agora mesmo?
Desdêmona · Sim, e tão abatido
que comigo deixou parte das mágoas
que ainda me compungem. Chama-o, caro!
Otelo · Mais tarde, agora não, cara Desdêmona.
Desdêmona · Mas será logo?
Otelo · Logo que possível,
minha querida, já que assim desejas.
Desdêmona · Hoje de noite, à ceia?
Otelo · À noite, não.
Desdêmona · Então amanhã cedo, à hora do
almoço?
Otelo · Não estarei em casa amanhã cedo;
almoçarei com os capitães no forte.

shakespearebrasileiro.org

DESDÊMONA · Quando? Amanhã à noite? Ou terça-feira
pela manhã? ou à noite? ou quarta-feira
cedinho? Por obséquio: marca a data;
contanto que não passe de três dias.
Arrependeu-se, é certo. Aliás, seu erro,
segundo o são juízo — se não fosse
dizerem que na guerra é necessário
castigar os melhores, para exemplo —
é falta que mal pode ser punida.
Quando poderá vir? Dizei-me, Otelo.
Pergunto-me, admirada, o que podíeis
pedir-me que eu negasse, ou me deixasse
vacilante a esse ponto. É incompreensível!
Miguel Cássio, esse mesmo que se achava
convosco, quando a corte me fizestes,
e que, mais de uma vez, se acontecia
eu de vós dizer algo em desacordo,
vos defendia logo: terei tanto
trabalho para reempossá-lo agora?
Acreditai-me: eu poderia muito...
OTELO · Por favor, não prossigas. Pois que venha,
quando bem entender; não te recuso
coisa nenhuma.
DESDÊMONA · Ora, isso não é graça;
é como se eu pedisse que pusésseis
as luvas ou comêsseis pratos pingues,
não vos resfriásseis, insistindo muito
sobre algo que vos fosse de proveito.
Não; se vos faço algum pedido, para
pôr vosso amor à prova, será sempre
de muito peso e mui penoso fardo,
de grave concessão.
OTELO · Não te recuso
coisa nenhuma. Mas, por isso mesmo
te suplico um favor; vais conceder-mo,
deixando-me um pouquinho a sós comigo.
DESDÊMONA · Eu, recusar-to? Não. Adeus, senhor.
OTELO · Adeus, querida; é só por uns momentos.
DESDÊMONA · Emília, vamos logo. Seja tudo
como vossos caprichos entenderem.
Tal como fordes, hei de obedecer-vos.
(Sai com Emília.)
OTELO · Adorável criatura! Que minha alma
a apanhe a perdição, se eu não te amar;
e se não te amo, que este mundo volte
de novo para o caos.
IAGO · Nobre senhor...
OTELO · Que queres, Iago?
IAGO · Acaso Miguel Cássio
estava a par de vossos sentimentos,
quando a corte fizestes à senhora?
OTELO · Desde o início até o fim. Por que o
perguntas?
IAGO · Para satisfazer o pensamento;
não há malícia alguma.
OTELO · Como, Iago!
Que pensamento?
IAGO · É que eu pensava que ele
então não a conhecesse.
OTELO · Oh! Conhecia!
Muitas vezes serviu de intermediário
entre nós dois.
IAGO · Realmente?
OTELO · Sim, realmente.
Encontras algo, nisso, censurável?
Ele não é honesto?
IAGO · Honesto, meu senhor?
OTELO · Honesto, sim; honesto.
IAGO · Por tudo o que sei dele...
OTELO · E que é que pensas?
IAGO · Que penso, meu senhor?
OTELO · "Que penso, meu senhor"? Oh! Pelo céu!
Ele me serve de eco! Só parece
que traz no pensamento um monstro horrível,
horrível por demais, para ser visto.
Alguma coisa deves ter em mente.
Há pouco, quando Cássio se afastava,
Iago, disseste-me: "Isso não me agrada".
Que é que não te agrada? E ao declarar-te
que ele de confidente me servira,
quando eu fazia a corte à minha esposa,
exclamaste: "Realmente?" e contraíste,
fechaste o sobrecenho, parecendo
que trancavas, então, dentro do cérebro,
alguma idéia horrível. Caso me ames,
revela-me o que pensas.
IAGO · Sabeis, senhor, quanto vos quero bem.
OTELO · Sei disso; e por saber quanto és honesto,
quanta afeição albergas, e que pesas
tuas palavras antes de insuflar-lhes
o sopro animador, mais intranqüilo
me deixa o interrompê-las. Se essas coisas
se passassem com algum sujeito à-toa,
sem lealdade nem fé, eu as tomara

shakespearebrasileiro.org

por manhas habituais. Em se tratando,
porém, de um homem justo, são avisos
e delações sinceras, escapadas
de um coração que dominar não pode
seus próprios movimentos.
Iago · Quanto a Cássio,
atrevo-me a jurar que ele é honesto.
Otelo · É também o que eu penso.
Iago · Deveriam
os homens ser somente o que parecem,
ou então não parecer o que não fossem.
Otelo · Sim, deveriam ser o que parecem.
Iago · Sendo assim, considero Cássio honesto.
Otelo · Não, não; ocultas algo.
Peço-te que me fales o que pensas,
como as idéias fores ruminando,
e as mais terríveis digas com palavras
mais terríveis também.
Iago · Senhor, perdoai-me;
mas conquanto obrigado esteja a todos
os atos do dever, sinto-me livre
para me recusar a fazer algo
que dos próprios escravos não se exige.
Qual é o palácio em que não se introduzem,
por vezes, coisas sujas? E que peito
tão puro pode haver, que não contenha
culpáveis apreensões, que não se assentem
nos tribunais, para emitir sentenças
lado a lado às idéias mais legítimas?
Otelo · Conspiras, Iago, contra teu amigo
se, julgando-o ultrajado, seus ouvidos
deixas como estrangeiros ao que pensas.
Iago · Suplico-vos, no caso de algo errôneo
haver no que suspeito — pois confesso
que minha natureza se ressente
desse defeito de aventar maldades
e que por vezes meu ciúme inventa
faltas que não existem — que ora a vossa
sabedoria não empreste a mínima
importância a quem pensa por maneira
tão defeituosa, nem fundeis vexames
no que ele possa ter conjeturado
por modo tão disperso e pouco firme.
Não fora de vantagem para vosso
repouso e paz de espírito, nem para
minha sabedoria, honestidade,
meus sentimentos de homens, conhecerdes
o que ora estou pensando.
Otelo · Que pretendes
dizer com isso?
Iago · Um nome imaculado,
caro senhor, para a mulher e o homem
é a melhor jóia da alma. Quem da bolsa
me priva, rouba-me uma ninharia;
é qualquer coisa, nada; pertenceu-me,
é dele, escravo foi de mil pessoas.
Mas quem do nome honrado me espolia,
me priva de algo que não o enriquece,
mas me deixa paupérrimo.
Otelo · Pelo céu, saber quero o que ora pensas.
Iago · Não o poderíeis, mesmo que tivésseis
meu coração nas mãos, máxime, achando-se
ele sob minha guarda.
Otelo · Ah!
Iago · Acautelai-vos,
senhor, do ciúme; é um monstro de olhos verdes,
que zomba do alimento de que vive.
Vive feliz o esposo que, enganado,
mas ciente do que passa, não dedica
nenhum afeto a quem lhe causa o ultraje.
Mas que minutos infernais não conta
quem adora e duvida, quem suspeitas
contínuas alimenta e ama deveras!
Otelo · Oh miséria!
Iago · Quem com sua pobreza está contente,
é rico, muito rico; nas riquezas
infinitas são como o frio inverno,
para quem medo tem de ficar pobre.
Livrai-me, céu bondoso, e as almas todas
de minha tribo, de sentir ciúmes!
Otelo · Por quê? Por que tudo isso? Crês, de fato,
que eu passaria a vida tendo ciúmes
e as mudanças da lua acompanhara
com suspeitas crescentes? Não; a dúvida
já me traía a solução do caso.
Troca-me por um bode, se o andamento
de minha alma eu torcer, com base apenas
em infladas e vácuas conjeturas,
como ora as apresentas. Não me deixa
enciumado dizerem-me que minha
mulher é linda, que aprecia a mesa,
gosta da sociedade, é de linguagem
mui desembaraçada, dança, canta
e representa bem. Onde há virtude,
tudo isso mais virtuoso, ainda, se torna.

shakespearebrasileiro.org

Não tirarei de meu modesto mérito
o menor medo ou dúvida a respeito
de seu procedimento; ela tinha olhos
e me escolheu. Não, Iago; primeiro hei de
ver para duvidar. E após a dúvida,
precisarei de provas; feitas essas,
uma só coisa resta: liquidemos
de vez o amor e o ciúme.
IAGO · Isso me alegra,
porque me enseja base suficiente
para provocar-vos com mais franco espírito
a afeição e lealdade que vos voto.
Assim, já que o dever a isso me obriga,
sincero vou falar, mas não de provas,
por enquanto. Vigiai vossa consorte;
observai bem como ela e Cássio falam;
lançai-lhe olhar assim, nem enciumado,
nem confiante demais. Não desejara
que vossa natureza leal e nobre
vítima viesse a ser por causa, apenas,
da generosidade que lhe é própria.
Vigiai-os bem. Conheço minha terra;
em Veneza as mulheres não se correm
de confessar ao céu as leviandades
que ocultam dos maridos. Para todas
a virtude consiste apenas nisto:
Não deixes de fazer, mas em segredo.
OTELO · Crês que seja assim mesmo?
IAGO · Ao pai ela enganou com desposar-vos;
ao fingir que tremia à vossa vista,
mais vos era afeiçoada.
OTELO · Isso é verdade.
IAGO · Tirai a conclusão: uma donzela
que finge a ponto de deixar os olhos
do pai como vendados, obrigando-o
a achar que era feitiço... Mas confesso-me
passível de censura. Humildemente
vos peço me perdoeis tanta amizade.
OTELO · Obrigado te fico para sempre.
IAGO · Percebo que ficastes abalado
com o que vos disse.
OTELO · Nada! Nem um pouco!
IAGO · Em verdade, receio-o. Mas espero
que considerareis tudo o que eu disse
como oriundo, tão-só, do meu afeto.
Mas estais comovido. Instantemente
vos peço não tirar de meu discurso
forçadas conclusões, nem distendê-lo
senão até à suspeita.
OTELO · Apenas isso.
IAGO · Se tal fizésseis, meu senhor, tiráreis
de minha fala conseqüências crassas,
que não me obriga a mente. Considero
Cássio meu digno amigo. Porém vejo,
senhor, quanto abalado...
OTELO · Nada disso!
Mas não posso deixar de ter Desdêmona
como muito virtuosa.
IAGO · Vida longa
tenha ela assim, e vós também, guardando
semelhante certeza.
OTELO · No entretanto,
como pode transviar-se a natureza...
IAGO · Sim, esse é o ponto. Para falar franco
convosco: recusado haver propostas
de casamento de sua própria terra,
estado e parentesco, em que se achara
conforme em tudo a própria natureza...
Bah! poder-se-ia farejar no caso
uma vontade mais do que corrupta,
instintos pervertidos, pensamentos
contrários à natura. Mas perdoai-me;
não avanço essas coisas, tendo em vista
a ela precisamente, muito embora
chegue a recear que seus desejos possam
vir dar de encontro a um juízo mais sadio
e com seus compatriotas confrontar-vos,
levando-a, porventura, a arrepender-se.
OTELO · Adeus, adeus; se de algo mais souberes,
não deixes de contar-mo. Dá à tua esposa
a incumbência de espiá-la. Deixa-me, Iago.
IAGO · Despeço-me, senhor.
(Retirando-se.)
OTELO · Por que casei? Esta criatura honesta
sabe mais, muito mais do que revela.
IAGO *(retornando)* ·
Desejara, senhor, poder pedir-vos.
que não pensásseis mais sobre esse assunto.
Confiai-o ao tempo. Embora Cássio deva
ser reintegrado em seu antigo posto —
em que, em verdade, ele se desempenha
com muita habilidade — no entretanto
se mantê-la quisésseis afastado
mais algum tempo, poderíeis logo

shakespearebrasileiro.org

conhecer o indivíduo e seus processos.
Notai se vossa esposa pede a volta
dele com insistência muito incômoda.
Já fora muita coisa. Nesse em meio,
deixai-me parecer exagerado
nos meus receios — como tenho causas
para pensar que o seja — e inteiramente
livre a deixai; é o que a Vossa Honra eu peço.
Otelo · Serei discreto em tudo.
Iago · Mais uma vez despeço-me.

(Sai.)

Otelo · Esse rapaz é a própria honestidade;
de espírito experiente, os móveis todos
discernir sabe das ações humanas:
Se ela se revelar falcão rebelde,
ainda que seus atilhos fossem fibras
do próprio coração que aqui me bate,
assobiarei, soltando-a, para que alce
vôo a favor do vento e faças presas
como a sorte o ensejar. Porque sou negro
e de fala melíflua não disponho
qual petimetre, ou porque já me encontro
no declive da idade — mas não tanto —
ela se foi, havendo-me enganado.
Meu consolo vai ser agora, apenas,
ter aversão por ela. Oh! Maldição
do casamento! Ser-nos facultado
nossas chamar a essas criaturas frágeis
e não seus apetites! Preferira
ser um sapo e viver só dos vapores
de um cárcere, a ceder uma partícula
da coisa amada para que outrem a use.
Serem os grandes sempre flagelados
por ter quinhão menor que o dos pequenos,
é coisa inevitável como a morte.
Esta peste farpada já se achava
para nós destinada ao nascimento.
Mas vede que ela chega! Se for falsa,
é que o céu de si próprio está zombando.

(Entram Desdêmona e Emília.)

Desdêmona · Então, querido Otelo? A ceia e os
nobres insulanos que havíeis convidado
estão à vossa espera.
Otelo · Sou passível
de censura.
Desdêmona · Por que falais tão fraco?
Sentis-vos indisposto?
Otelo · Dói-me a fronte.
Desdêmona · É que tendes velado todo o tempo.
Há de passar; deixai que vos aperte
bem a cabeça e heis de sarar numa hora.
Otelo · É por demais pequeno vosso lenço.

(Desdêmona deixa cair o lenço.)

Deixai! Deixai! Vamos; irei convosco.

(Saem Otelo e Desdêmona.)

Emília · Fico contente por haver achado
justamente este lenço, que é a primeira
lembrança a ela ofertada pelo Mouro.
Meu estranho marido umas cem vezes
me pediu que o roubasse. Mas tão grato
para ela é o mimo — por pedir-lhe o esposo
que o conservasse sempre — que a toda hora
o traz consigo, e o beija, e com ele fala.
Mandarei que me tirem uma cópia
e darei este a Iago.
Qual a sua intenção, não sei dizê-lo;
mas seus caprichos me despertam zelo.

(Entra Iago.)

Iago · Que fazeis aqui só?
Emília · Não vos zangueis; tenho um presente a
dar-vos.
Iago · Um presente? Coisa é muito comum...
Emília · Ah!
Iago · ...ter uma mulher louca.
Emília · Oh! nada mais? Então, que me daríeis
por este lenço aqui?
Iago · Como! Que lenço?
Emília · Que lenço?
Ora, o que o Mouro deu como primeiro
mimo de seu amor, e me mandastes
tantas vezes roubar.
Iago · Dela o tiraste?
Emília · Não; por descuido ela o deixou cair.
Aproveitando o ensejo, estando eu perto,
levantei-o do chão. Ei-lo; aqui o vedes.
Iago · És uma rapariga e tanto! Dá-mo.
Emília · Que pretendeis fazer com ele, para
que me pedísseis com tamanho empenho
que o escamoteasse?
Iago · E que vos importa isso?

(Arrebata-lhe o lenço.)

Emília · Se não for para alguma coisa boa,
restituí-mo. Coitada da senhora!
Ficará louca ao dar por falta dele.

IAGO · Finge que nada sabes. Tenho emprego
para ele. Podes ir.

(Sai Emília.)

Dentro do quarto
de Cássio jogarei o lenço, para
que ele o venha a encontrar. As ninharias
leves com o ar, para quem tem ciúmes,
são verdades tão firmes como trechos
da sagrada Escritura. Disto pode
sair alguma coisa. Meu veneno
já produziu alterações no Mouro.
Certos conceitos são por natureza
verdadeiros venenos que, de início,
não provocam nenhuma repugnância,
mas logo que no sangue atuam, queimam
como mina de enxofre. Não me engano.
Ei-lo que chega.

(Entra Otelo.)

Agora, nem papoula,
mandrágora, nem todos os xaropes
sonolentos do mundo poderiam
dar-te de novo o doce sono de ontem.
OTELO · Ah! Ah! Ela, enganar-me?
IAGO · Então, meu general? Parai com isso.
OTELO · Retira-te! Retira-te! Puseste-me
a tratos. Pelo céu, é preferível
ser enganado muito, a saber pouco
do que se passa.
IAGO · Como, meu senhor?
OTELO · Que percepção eu tinha de suas horas
roubadas de luxúria? Não sabia
de nada, não pensava em coisa alguma,
nada me compungia. A noite toda
dormia bem; livre me achava e alegre.
Não encontrava em sua boca os beijos
de Cássio. Quem não dá por falta nunca
de algo que lhe tirassem. continue
na ignorância, pois nunca foi roubado.
IAGO · Entristece-me ouvir-vos.
OTELO · Feliz teria sido, muito embora
todo o campo, inclusive a recovagem,
lhe tivesse provado o doce corpo,
sem que eu conhecimento houvesse disso.
Oh! mas agora, adeus tranqüilidade
de espírito! Oh! Adeus, contentamento!
Para sempre. Adeus, tropas de penacho,
exércitos altivos, que em virtude
mudam toda ambição! Adeus! Adeus!
Adeus cavalos relinchantes, trompas
belicosas, tambores animosos,
pífaros estridentes, reais bandeiras,
tudo o que o orgulho constitui, a pompa
e a aparelhagem da gloriosa guerra!
E a vós também, adeus, mortais engenhos,
cujas rudes gargantas os estrondos
terrorantes imitam do alto Jove;
a obra de Otelo já não tem sentido.
IAGO · É possível, senhor?
OTELO · Infame, dá-me a prova de que minha
mulher é prostituta. Fica certo:
quero prova evidente; ou, pelo mérito
de minha alma imortal, melhor te fora
teres nascido cão que responderes
agora à minha cólera desperta.
IAGO · Chegamos a esse ponto?
OTELO · Quero prova
visível ou, no mínimo, uma coisa
que não tenha nem gancho nem presilha
onde a dúvida possa pendurar-se.
Se não, ai de tua vida!
IAGO · Muito nobre
senhor...
OTELO · Se a caluniaste e me torturas,
rezar já não precisas; abandona
todo o remorso; sobre o horror empilha
novos horrores; com teus crimes faze
chover o céu, estarrecer a terra:
não acrescentarás mais nada à tua
condenação que aquilo sobrepuje.
IAGO · Oh Graça! Céu, ampara-me! Sois homem?
Tendes alma e sentidos! Deus vos guarde.
Tira-me o posto. Oh desgraçado idiota,
teres vivido até hoje, para veres
tachar de vício tua honestidade!
Mundo monstruoso! Toma nota, mundo!
É perigoso ser sincero e honesto.
Agradeço a lição; mas doravante
renuncio à amizade, pois ofensa
pode causar quem nisso menos pensa.
OTELO · Não, fica; deverias ser honesto.
IAGO · Não; devera ser sábio. A honestidade,
como tolo, ao patrão só dá prejuízo.
OTELO · Pelo mundo! Ora penso que é virtuosa,
ora penso que é infiel; sincero te acho,
e, ao mesmo tempo, falso. Quero provas.

shakespearebrasileiro.org

O nome dela, que era tão singelo
como o rosto de Diana, ora se encontra
como meu próprio rosto: negro e sujo.
Se cordas ainda houver, facas, veneno,
fogo ou água asfixiante, então não hei de
suportar esse insulto. Oh! se eu tivesse
uma prova qualquer!
Iago · Meu senhor, vejo
que a paixão vos corrói. Arrependido
me sinto por ter sido a causa disso.
Quereríeis a prova?
Otelo · Quereria,
não; quero!
Iago · Podeis tê-la. De que modo?
Como haveis de vos dar por convencido?
Aberta a boca, ficareis no posto
de espectador estúpido, no instante
em que ela for coberta?
Otelo · Morte e inferno.
Iago · Quem crer que seria uma tarefa
assaz dificultosa convencê-los
a se deixarem ver sob esse aspecto.
O demo que os carregue, se possível
for a olhar de mortais, tirante o deles,
vê-los deitados juntos. Que me resta
para dizer? Que provas posso dar-vos?
Não vos será possível ver tal coisa,
embora ardentes fossem como bodes,
quentes como macacos, luxuriosos
como lobos no cio e tão grosseiros
como o ser mais alvar, quando embriagado.
Contudo, vos direi, se alguns indícios,
circunstâncias de peso, que conduzem
diretamente à porta da verdade
vos deixarem convicto, haveis de tê-las.
Otelo · Dá-me uma prova real de que ela é falsa.
Iago · Não me agrada esse ofício.
Mas já que fui tão longe nesse caso,
levado pela honestidade estúpida
e a amizade, tão-só, não me detenho.
Passei com Cássio umas das noites últimas;
mas por estar sentindo dor de dentes,
não podia dormir.
Ora, há pessoas de alma tão largada
que no sono revelam seus negócios.
Cássio é dos tais;
pois estando a dormir, ouvi quanto ele
murmurava: "Desdêmona querida,
sejamos cautelosos, encubramos
bem nosso amor!" Então, senhor, pegando-me
das mãos e as apertando, suspirava:
"Oh criatura adorável!" e beijava-me
com tamanho furor, como se os beijos
pela raiz colhesse de meus lábios.
Depois, a perna colocou por cima
de minha coxa, suspirou, beijou-me
de novo e disse: "Oh fado amaldiçoado,
que te foi entregar para esse Mouro!"
Otelo ·
Oh! Monstruoso! Monstruoso!
Iago · Mas tudo isso
era somente sonho.
Otelo · Sim, mas sonho
que experiências passadas nos inculcam;
suspeita atroz, embora só de sonhos.
Iago · E que podem deixar mais consistentes
outras provas que tênues ainda se achem.
Otelo · Vou deixá-la em pedaços.
Iago · Sede cauto;
ainda não vimos nada; é bem possível
que seja honesta. Ora dizei-me apenas
o seguinte: não vistes porventura
na mão de vossa esposa, algumas vezes,
um lenço com bordados de morangos?
Otelo · Dei-lhe um assim; foi meu primeiro mimo.
Iago · Ignorava esse fato; porém tenho
certeza plena de ter hoje visto
Cássio passar na barba um lenço desses,
que foi de vossa esposa.
Otelo · Se era o mesmo...
Iago · O mesmo, ou outro qualquer dos lenços dela,
é prova muito forte, ao lado de outras.
Otelo · Oh! Se a escrava tivesse dez mil vidas!
Uma só será pouco, muito pouco,
para minha vingança. Agora vejo
que tudo era verdade. Iago, olha aqui:
sopro assim para o céu meu amor néscio;
já não existe.
Negra vingança, surge do oco inferno!
Passa tua coroa, oh amor, e o trono
do coração para o ódio mais ferino!
Intumesce-te, peito, com tua carga
de línguas de serpentes!
Iago · Ficai calmo.
Otelo · Oh! Sangue! sangue! sangue!

shakespearebrasileiro.org

IAGO · Ficai calmo,
torno a dizer; podeis mudar de idéia.
OTELO · Jamais, Iago. Tal como o Ponto Euxino,
cuja corrente fria e o forte curso
não se ressentem do refluxo nunca,
e seguem sem parar para a Propôntida,
para o Helesponto: assim meus pensamentos
sanguinários, com passos furibundos
avançam sempre, sem jamais olharem
para trás nem refluírem para o amor,
até que uma vingança avassalante
e a ampla os envolva e absorva.
(Ajoelhando-se.)
Por aquele
céu de mármore, empresto a essas palavras
a gravidade de um sagrado voto.
IAGO · Não vos levanteis ainda.
(Ajoelha-se.)
Testemunhas
me sede, luzes sempiternas do alto;
vós, também, elementos, que por todas
as partes nos cingis: Iago dedica
as mãos, o coração e todo o espírito
ao ultrajado Otelo. Dando ele ordens,
por mais cruéis que sejam, será caso,
para mim, de consciência, obedecer-lhe.
OTELO · Agradeço teu voto, não com termos
formais, apenas, mas com sentimento
de gratidão, estando decidido
a recorrer já já aos teus serviços:
nestes três dias quero que me digam
que Cássio já morreu.
IAGO · Morto está meu amigo; será feita
vossa vontade. Mas poupai Desdêmona.
OTELO · Que baixe para o inferno essa lasciva
prostituta! Que baixe para o inferno!
Fica à parte comigo; retirar-me
desejo, para refletir nalguma
modalidade suave de extermínio
para esse belo diabo. Doravante
serás o meu tenente.
IAGO · E eu me declaro
vosso por toda a vida.
(Saem.)

Ato III · Cena IV

Diante do castelo.
Entram Desdêmona, Emília e o bobo.

DESDÊMONA · Maroto, por acaso sabes onde pousa o tenente Cássio?
BOBO · Não me atrevo a dizer que ele pouse em qualquer parte.
DESDÊMONA · Por quê, homem?
BOBO · Por ser ele soldado; dizer que um soldado pousa, é arriscar-se a ser apunhalado.
DESDÊMONA · Vamos, dize, maroto! Onde ele mora?
BOBO · Se eu vos dissesse onde ele mora, era o mesmo que dizer onde iria pôr o pescoço.
DESDÊMONA · Haverá quem possa entender isso?
BOBO · Não sei onde ele mora; se lhe atribuísse qualquer morada e vos dissesse que ele se deita neste ou naquele lugar, seria pôr em risco o próprio pescoço.
DESDÊMONA · E não poderias informar-te a esse respeito?
BOBO · Vou catequizar o mundo inteiro a respeito dele, isto é, apresentar perguntas e responder a elas.
DESDÊMONA · Vai procurá-lo e dizer-lhe que venha até aqui. Participa-lhe que eu já deixei meu marido inclinado a seu favor, e que espero termine tudo bem.
BOBO · Semelhante incumbência cai dentro do âmbito do entendimento humano; por isso vou tentá-la.
(Sai.)
DESDÊMONA · Onde eu deixei aquele lenço, Emília?
EMÍLIA · Não sei, minha senhora.
DESDÊMONA · Podes crer: preferira ter perdido minha bolsa, repleta de cruzados.
Não fosse ter meu pobre Mouro o espírito
estreme de suspeita e das escórias
das criaturas ciumentas, essa perda
poderia inspirar-lhe pensamentos
de todos maus.
EMÍLIA · Ele não é ciumento?
DESDÊMONA ·
Quem? Ele? Ao vir ao mundo, estou bem certa,

shakespearebrasileiro.org

o sol lhe retirou do sangue todos
os humores do ciúme.
Emília · Ei-lo que chega!
Desdêmona · Não o deixarei, enquanto no seu posto
não tiver sido Cássio reintegrado.
(Entra Otelo.)
Como passais, senhor?
Otelo · Dai-me essa mão.
Úmida está, senhora.
Desdêmona · Até este instante,
não conheceu velhice nem cuidados.
Otelo · Isso revela desperdício e, em tudo,
coração liberal. Úmida e quente!
Esses sinais indicam que é preciso
cercear a liberdade e, assim, impor-vos
jejuns e rezas, pios exercícios
e mortificações, pois um demônio
suarento aqui demora, que costuma
rebelar-se. A mão tendes muito boa,
muito franca, em verdade.
Desdêmona · A vós assiste
razão para afirmá-lo, pois foi ela
que de meu coração voz fez presente.
Otelo · Mão liberal. Os corações antigos
davam mãos; mas a nova ciência heráldica
de coração carece; só tem mãos.
Desdêmona ·
Sobre isso nada entendo. Mas falemos
outra vez da promessa.
Otelo · Que promessa,
minha pomba?
Desdêmona · Mandei recado a Cássio,
para vos vir falar.
Otelo · Estou sofrendo
de um catarro importuno. Por obséquio,
empresta-me teu lenço.
Desdêmona · Ei-lo, senhor.
Otelo · Aquele que vos dei.
Desdêmona · Não o tenho aqui.
Otelo · Não?
Desdêmona · Realmente, senhor.
Otelo · É grande falta.
Esse lenço foi dado a minha mãe por uma egípcia.
Era uma feiticeira que podia
ler, quase, os pensamentos das pessoas.
Disse-lhe, então, que enquanto o conservasse,
grata a meu pai seria, e ao amor dela
preso o teria sempre. Mas no caso
de perdê-lo ou presente fazer dele,
os olhos de meu pai com repugnância
passariam a vê-la e seu espírito
correria após outras fantasias.
Ao morrer, minha mãe mo deu de herança,
tendo recomendado que, no instante
em que o destino me trouxesse esposa,
com ele a presenteasse, o que já fiz.
Tomai cuidado, pois, e o tende sempre
como jóia tão cara quanto os olhos.
Perdê-lo ou dá-lo a alguém fora desgraça
de proporções incríveis.
Desdêmona · É possível?
Otelo · É como estou dizendo. Seu tecido
contém virtude mágica; por uma
sibila que na terra já contara
do sol duzentas voltas foi bordado
durante acessos de furor profético.
De vermes consagrados viera o fio,
que tinto foi no suco retirado
de corações de virgens e habilmente
conservado até então.
Desdêmona · Realmente! É certo?
Otelo · Mais do que certo. Assim, tomai cuidado.
Desdêmona ·
Quem dera, então, que nunca o houvesse visto!
Otelo · Oh! Por quê?
Desdêmona · Por que causa me falais
assim brusco e violento?
Otelo · Foi perdido?
Como?! Dizei-me: não podeis achá-lo?
Desdêmona · O céu nos abençoe.
Otelo · Que disseste?
Desdêmona ·
Perdido não se encontra. Mas, no caso...
Otelo · Como?
Desdêmona · Repito: não está perdido.
Otelo · Então trazei-o aqui; desejo vê-lo.
Desdêmona · Ora, senhor; faria, se o quisesse;
mas não agora. Vejo que isso é um meio
para que eu não vos faça meu pedido.
Por obséquio, chamai de novo Cássio.
Otelo · Ide buscar o lenço; meu espírito
pressente algo funesto.

shakespearebrasileiro.org

DESDÊMONA · Vamos, vamos;
não achareis ninguém mais competente.
OTELO · O lenço!
DESDÊMONA · Por favor, falai de Cássio.
OTELO · O lenço!
DESDÊMONA · Uma pessoa que durante
toda a vida fundou sua fortuna,
sobre vossa amizade e sempre esteve
nos perigos convosco.
OTELO · O lenço, digo!
DESDÊMONA · Sois digno de censura.
OTELO · Fora! Fora!
(Sai.)
EMÍLIA · Então este homem não será ciumento?
DESDÊMONA · Nunca o vi assim antes.
É certeza conter aquele lenço
algo de extraordinário. Desolada
me sinto com sua perda.
EMÍLIA · Nem dois anos
são suficientes para conhecermos
os homens. São estômago, somente,
e nós, os alimentos. Todos eles
nos devoram com ânsia; mas, repletos,
nos vomitam. Oh! Cássio e meu marido!
(Entram Iago e Cássio.)
IAGO · Não há outro caminho senão esse
ela há de consegui-lo. Oh! Quanta sorte!
Insisti junto dela.
DESDÊMONA · Então, bom Cássio,
que há de novo convosco?
CÁSSIO · Ainda e sempre,
minha senhora, aquele meu pedido.
Peço-vos que, por vossa interferência
virtuosa, eu existir outra vez possa,
voltando a ser um membro da amizade
de quem com todo o coração venero.
Basta de dilações; se minha falta
tão mortal se afigura, que os serviços
passados, as tristezas do presente
e a determinação de comportar-me
melhor para o futuro não consegue
devolver-me a amizade de meu chefe,
que ao menos disso eu possa ter certeza.
Já me fizera bem, pois assumira
alegria forçada e me dispunha
a aguardar o que a sorte me aprestasse
por vias diferentes.
DESDÊMONA · Oh, três vezes
amável Cássio! Minha intercessão,
neste momento, está desafinada.
Otelo está mudado; não me fora
fácil reconhecê-lo, se o caráter
alterado tivesse como o rosto.
Tão certo como eu desejar a ajuda
dos espíritos do alto, vossa causa
foi por mim defendida com carinho,
chegando eu, até mesmo, a transformar-me
no alvo do seu desgosto pela minha
franqueza de falar. É necessário
mostrardes-vos paciente. Farei quanto
me for possível; farei mais, ainda,
do que me atreveria em causa própria.
Que isso vos satisfaça por enquanto.
IAGO · O general acaso está irritado?
EMÍLIA · Saiu daqui agora mesmo e, certo,
num estado de estranha agitação.
IAGO · Ele, irritado? É incrível. Muitas vezes,
muitas, vi o canhão lançar seus homens
pelos ares e, como atroz demônio,
seu próprio irmão dos braços arrancar-lhe.
Mostrar-se ele irritado? Alguma coisa
de grave aconteceu. Vou procurá-lo.
Se está irritado, é que há motivo sério.
DESDÊMONA · Faze isso, por obséquio.
(Sai Iago.)
Algum negócio,
certamente, de Estado, ou de Veneza,
ou conluio, talvez, aqui de Chipre
turvou-lhe o claro espírito. Em tais casos,
da natureza humana é muito próprio
irritar-se por coisas despiciendas,
quando se ocupa com razões de peso.
É sempre assim. Quando nos dói o dedo,
aos membros sãos ele transmite o incômodo.
Não pensemos que os homens sejam deuses;
esperar deles não podemos sempre
tratamento de noivos. Mas tens muita
razão, Emília, para censurar-me,
pois me portei como guerreira injusta,
na alma o acusando de ter sido duro;
mas vejo que peitei as testemunhas
e o acusei falsamente.
EMÍLIA · Praza aos céus que só sejam, mesmo, assuntos
de Estado, como credes, não caprichos
nem veneta de ciúme, que vos digam
respeito mui de perto.

shakespearebrasileiro.org

Desdêmona · Oh dia infausto!
Nunca lhe dei motivo para tanto.
Emília · Mas os ciumentos não atendem a isso;
não precisam de causa para o ciúme:
têm ciúme, nada mais. O ciúme é monstro
que se gera em si mesmo e de si nasce.
Desdêmona · Que o céu proteja o espírito de Otelo
de semelhante monstro.
Emília · Amém, senhora.
Desdêmona · Vou procurá-lo. Neste em meio, Cássio,
ficai passeando aqui. Se o achar disposto,
pleitearei vossa causa, sem recurso
nenhum deixar de lado.
Cássio · Agradecido
vos fico humildemente.

(Saem Desdêmona e Emília.)
(Entra Bianca.)

Bianca · Bom dia, amigo Cássio.
Cássio · Que negócios
vos tiraram de casa? Como passa
minha formosa Bianca? Francamente,
caro amor, ia agora procurar-vos.
Bianca · E a vossa casa eu também ia, Cássio.
Uma semana ausente? Sete dias
e sete noites? Cento e sessenta horas
com mais oito de quebra? E horas passadas
longe do amante, que mais longas são
cento e sessenta vezes do que as horas
do mostrador. Oh cálculo penoso!
Cássio · Bianca, perdão. Todo esse tempo estive
premido por preocupações de chumbo.
Mas quando eu dispuser de alguma folga,
riscarei essas dívidas da ausência.
Querida Bianca,

(Dando-lhe o lenço de Desdêmona.)

tira cópia disto.
Bianca · De onde veio isto, Cássio? Algum presente,
decerto, de outra amiga. Agora entendo
o motivo da ausência tão sentida.
Chegamos a esse ponto? Muito bem.
Cássio · Saí daí, mulher! Jogai aos dentes
do diabo vossas infernais suspeitas,
pois dele as recebestes. Só ficastes
com ciúme por pensardes que é lembrança
de alguma amiga. Podeis crer-me, Bianca,
juro que não.
Bianca · Então, a quem pertence?
Cássio · Não sei, querida; achei-o no meu quarto.
Mas gostei do trabalho; e antes que o venham
reclamar — o que certo não demora —
quero mandar copiar esse desenho.
Levai-o, pois, deixando-me sozinho.
Bianca · Deixar-vos? Para quê?
Cássio · Espero aqui o general e penso
de nenhuma vantagem ser por ele
visto na situação de amaridado.
Bianca · E o motivo, senhor?
Cássio · Não é por falta
de amor da minha parte.
Bianca · É só por falta
de amor da vossa parte. Por obséquio,
acompanhai-me um pouco e declarai-me
se ainda vos verei antes da noite.
Cássio · Não posso acompanhar-vos muito longe,
pois neste ponto o espero. Será logo.
Bianca · Que assim seja; terei de conformar-me.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Chipre. Diante do Castelo.
Entram Otelo e Iago.

Iago · Será crível tal coisa?
Otelo · Crível, Iago?
Iago · Beijar às escondidas!
Otelo · Foram beijos
proibidos.
Iago · Ou ficar uma hora ou duas
nua no leito, ao lado de um amigo,
sem ruins intenções.
Otelo · Nua no leito,
sem ruins intenções? Hipocrisia
fora, com relação ao próprio diabo.
Os que assim fazem com tenções virtuosas,
a virtude lhes tenta o diabo, enquanto
tentam eles o céu.
Iago · Se nada fazem,
é um pecado venial. Porém no caso
de eu dar um lenço à minha esposa...

shakespearebrasileiro.org

OTELO · E então?
IAGO · Ora, senhor; seria dela o lenço.
E, dela sendo, penso que podia
dá-lo a quem entendesse.
OTELO · Da própria honra
ela é também guardiã. Por isso pode
fazer presente dela?
IAGO · A honra é uma essência que não cai na vista.
Muitas vezes a tem quem nunca a teve.
Mas quanto ao lenço...
OTELO · Pelo céu! Mui de grado me esquecera
de semelhante coisa. Ias dizendo —
Oh! à memória me retoma o assunto
como o corvo aos lugares emprestados,
gritando a todos — que ele tem meu lenço?
IAGO · Bem; e depois?
OTELO · É coisa muito grave.
IAGO · E que se dera se eu tivesse dito
que ele vos ultrajara, ou que falara
por aí fora, como certos biltres
que — tendo conquistado alguma dama,
ou por impertinência nos assaltos,
ou com o consentimento dela própria,
depois de convencida — de indiscretos
falam por toda a parte.
OTELO · E ele, disse algo?
IAGO · Sim, senhor. Mas podeis ter a certeza
de que não disse nada que não possa
negar sob juramento.
OTELO · Que disse ele?
IAGO · Oh céu! Que tinham... Que sei eu?... Que
tinha...
OTELO · Quê? Quê? Falai.
IAGO · Deitado...
OTELO · Quê! Com ela?
IAGO · Com ela ou em cima dela, o que quiserdes.
OTELO · Deitar-se ele com ela! Em cima dela!
Dizemos que alguém se deita por cima dela,
quando a está cobrindo. Deitar-se ele com ela!
Oh! é asqueroso! O lenço... a confissão... o lenço!
Confessar, e, pelo trabalho: forca! Primeiro, a forca;
depois a confissão. Estou tremendo. A natureza
não se deixaria abafar por sentimentos tão escuros,
se não se tratasse de alguma advertência. Não me
deixo abalar assim por meias palavras. Ora! Narizes,
orelhas, lábios... Será possível? Confessa!... O lenço...
Oh, diabo!

(Cai com um ataque.)

IAGO · Trabalha,
meu veneno! Trabalha! Desse modo
é que pegamos os idiotas crédulos.
E é assim, também, que muitas damas dignas
e castas, sem senão, ficam faladas.
Olá, senhor! Senhor, repito! Otelo!

(Entra Cássio.)

Então, Cássio?
CÁSSIO · Que é que houve?
IAGO · É um ataque
de epilepsia que teve o general.
Este é o segundo, pois já teve um ontem.
CÁSSIO · Friccionai-o nas têmporas.
IAGO · Deixemo-lo.
Deve seguir seu curso a letargia,
sem atropelos. Do contrário, em breve,
com a boca ficará cheia de espuma,
caindo, após, em furioso acesso
de loucura. Ora vede: já se mexe.
Ficai de lado por alguns instantes.
Ele vai despertar. Após sua ida,
quero falar-vos de um assunto grave.

(Sai Cássio.)

Como então, general! Não machucastes
a cabeça?
OTELO · De mim estás zombando?
IAGO · Eu, zombando de vós? Não, pelo céu.
Como homem, suportai vosso destino.
OTELO · O homem de chifres é animal, é monstro.
IAGO · Então numa cidade populosa
há muitos desses animais e muitos
monstros civilizados.
OTELO · Ele próprio o contou?
IAGO · Meu bom senhor,
sede homem e lembrai-vos de que todo
tipo de barba, quando sob a canga,
pode puxar convosco o mesmo carro.
Há no mundo milhões de homens que dormem
à noite em camas de outrem, cujos donos
juram que são unicamente suas.
Vosso caso é melhor. Oh! é ironia
do inferno, arqui-sarcasmo do demônio
beijar uma rameira em leito limpo
e imaginá-la casta. Não; preciso
saber o que há; sabendo o que sou mesmo,
sei o que vai ser dela.
OTELO · Tens razão;
é assim mesmo.

shakespearebrasileiro.org

Iago · Ficai um pouco à parte;
numa liça paciente confinai-vos.
Enquanto vos acháveis dominado
por vossa grande dor — paixão imprópria
de um homem como vós — Cássio chegou.
Mandei-o embora, dando uma desculpa
para vosso desmaio, mas lhe disse
que aqui voltasse para conversarmos,
no que ele concordou. Ficai de espia
e observai seus remoques e sarcasmos,
o notável desdém que se lhe expande
do rosto todo, pois pretendo agora
levá-lo a relatar-me outra vez tudo:
como, onde, de que modo, há quanto tempo,
quantas vezes deitou-se e há de deitar-se
com vossa esposa. Os gestos observai-lhe.
Mas é preciso calma. Do contrário,
direi que estais colérico e não tendes
de homem coisa nenhuma.
Otelo · Ouves-me, Iago?
Vou mostrar-me astucioso em minha calma,
porém — estás me ouvindo? — sanguinário.
Iago · Não será mal; mas tudo tem seu tempo.
Não quereis afastar-vos?

(Otelo se coloca à parte.)

Bem; agora
vou conversar com Cássio sobre Bianca,
rapariga que vende seus favores
para comprar, com a venda, pão e roupa.
É doidinha por Cássio; mas é sina
das prostitutas enganarem muitos
para por um, também, serem logradas.
Quando ouve falar dela, quase estoura
de tanto rir. A postos; aí vem ele.

(Volta Cássio.)

Com isso Otelo vai ficar furioso;
seus ciúmes ignorantes hão de errôneo
sentido dar aos gestos e sorrisos
do pobre Cássio e à sua leviandade. —
Então, tenente, como estais agora?
Cássio · Tanto pior, por me dardes esse título,
cuja falta me mata.
Iago · Com Desdêmona
falai sobre isso, que obtereis o posto.

(Abaixando a voz.)

Se de Bianca o pedido dependesse,
tudo se arranjaria num momento.
Cássio · Ah! Coitadinha dela!
Otelo *(à parte)* · Vede! Vede!
Já começou a rir.
Iago · Mulher alguma
já vi que tanto amor tivesse a um homem,
como ela vos dedica.
Cássio · Pobre diaba!
Creio que ela, realmente, me idolatra.
Iago · Escuta, Cássio.
Otelo *(à parte)* · Agora ele o importuna,
para que a história conte por miúdo.
Continuai. Muito bem!
Iago · Ela assoalha
por aí fora que ides desposá-la.
Haverá sombra de verdade nisso?
Cássio · Ah, ah, ah!
Otelo *(à parte)* · Romano, estás triunfando? Estás triunfando?
Cássio · Eu, casar-me com ela? Uma mulher pública? Por favor, sede mais complacente com meu espírito, não imaginando que ele esteja tão depravado. Ah, ah, ah!
Otelo *(à parte)* · Assim, assim ri quem está ganhando.
Iago · É o que vos digo: corre por aí o boato de que ides desposá-la.
Cássio · Por favor, deixai de brincadeira.
Iago · Quero ser um biltre, se não estiver dizendo a verdade.
Otelo *(à parte)* · Já me pusestes o ferrete? Muito bem.
Cássio · É aquela macaca mesma que anda dizendo isso. A idéia de que eu possa desposá-la nasceu de sua própria ilusão, não de qualquer promessa de minha parte.
Otelo *(à parte)* · Iago me fez um sinal; vai começar a história.
Cássio · Neste momento ela esteve aqui: persegue-me por toda parte. Há dias eu estava na praia a conversar com certos venezianos, quando, de repente, surge essa coisinha e me salta ao pescoço, deste modo...
Otelo *(à parte)* · A suspirar: "Meu querido Cássio!" O gesto é expressivo.
Cássio · Ela se pendura em mim, gruda-me comigo e chora e me puxa e me repele deste modo... Ah, ah, ah!

shakespearebrasileiro.org

Otelo *(à parte)* · Ele está contando agora como ela o puxou para o meu quarto. Oh! Estou vendo vosso nariz, mas não sei ainda para que cão hei de atirá-lo.
Cássio · Preciso afastar-me dela.
Iago · Santo Deus! Ei-la que vem chegando!
Cássio · É uma outra doninha e, ainda por cima, perfumada.

(Entra Bianca.)

Que pretendeis comigo, para me perseguirdes desse modo?
Bianca · Que o diabo e sua mãe vos persigam! Que pretendeis fazer com aquele lenço que me destes há pouco? Fui uma grande tonta em aceitá-lo. É para eu tirar uma cópia, pois não? E terei de acreditar que o achastes em vosso quarto, sem saber quem o deixara ali... É presente de alguma sirigaita, e eu ainda terei de copiar o modelo! Pois aqui o tendes; dai-o à vossa queridinha. Tenha ele vindo de onde quer que seja, não copiarei coisa nenhuma.
Cássio · Como assim, minha querida Bianca! Como assim!
Otelo *(à parte)* · Pelo céu! Pode ser o meu lenço!
Bianca · E se quiserdes vir cear esta noite, podereis fazê-lo. Caso contrário, vireis quando tiverdes vontade.

(Sai.)

Iago · Correi atrás dela! Correi atrás dela!
Cássio · É o que precisarei fazer; se não, ela se porá a dizer disparates por aí fora.
Iago · Pretendeis cear em casa dela?
Cássio · Em verdade, pretendo.
Iago · Bem; é possível que nos encontremos lá, porque tenho grande necessidade de falar-vos.
Cássio · Sim, por obséquio. Ireis lá?
Iago · Parti logo; nem mais uma palavra.

(Sai Cássio.)

Otelo *(avançando)* · Como fazer para matá-lo, Iago?
Iago · Percebestes como ele ria de seu próprio ato pecaminoso?
Otelo · Oh, Iago!
Iago · E vistes o lenço?
Otelo · Era o meu?
Iago · Sim, o vosso, por esta mão. Vede em que apreço ele tem a tonta de vossa esposa. Ela lhe fez presente do lenço, e ele o deu a outra pessoa.
Otelo · Desejaria levar nove anos a assassiná-lo. Uma mulher tão bela, tão encantadora, tão meiga!
Iago · Será preciso esquecer tudo isso.
Otelo · Que ela apodreça, que morra, que seja condenada esta noite mesmo. Porque não continuará viva. Não! Meu coração já se tornou de pedra; ao golpeá-lo, sinto que me dói a mão. Oh! Não havia criatura mais doce em todo o mundo; era digna de compartilhar do leito de um imperador e de ditar-lhe leis.
Iago · Estais vos afastando do assunto principal.
Otelo · Ela que se enforque! Disse apenas o que ela era. Tão habilidosa na agulha! Tão admirável na música! Oh! Com uma canção poderia domesticar um urso. Com um espírito tão rico e elevado, tão inventivo!
Iago · Tudo isso só deixa mais censurável sua conduta.
Otelo · Sim, mil vezes mais. E de um caráter tão franco!
Iago · Sim, muito franco.
Otelo · Sem dúvida. Mas, que pena, Iago! Que pena, Iago!
Iago · Se vos encontrais tão apaixonado de sua iniqüidade, concedei-lhe patente para pecar, porque se não fordes atingido, ninguém mais o será.
Otelo · Vou deixá-la reduzida a cacos... Enganar-me!
Iago · Oh! É abominável!
Otelo · Com o meu oficial!
Iago · Mais abominável, ainda.
Otelo · Arranja-me algum veneno, Iago. Esta noite. Não quero ter com ela nenhuma explicação, de medo que seu corpo e seus encantos me desarmem a intenção. Esta noite, Iago.
Iago · Não deveis recorrer a veneno; estrangulai-a no leito, no próprio leito que ela poluiu.
Otelo · Bem, bem; agrada-me essa justiça. Muito bem.
Iago · Quanto a Cássio, deixai a meu cargo essa tarefa. Lá pela meia-noite ouvireis mais alguma coisa a esse respeito.
Otelo · Excelente.

(Ouve-se dentro um toque de trombeta.)

Que trombeta é essa?
Iago · Notícia de Veneza, certamente.
É Ludovico, enviado pelo doge.
E vede! Vossa esposa vem com ele.

(Entram Ludovido, Desdêmona e séquito.)

Ludovico · Deus vos guarde, mui digno general!

shakespearebrasileiro.org

Otelo · De todo coração vos agradeço.
Ludovico · O doge e os senadores de Veneza
vos enviam saudar.
(Entrega-lhe uma carta.)
Otelo · Beijo este intérprete
das ordens deles todos.
(Abre a carta e lê.)
Desdêmona · E as novidades,
bom primo Ludovico?
Iago · Muito alegre,
signior, me deixa vossa vista. Sois
bem-vindo a Chipre.
Ludovico · Agradecido. E como
passa o tenente Cássio?
Iago · Senhor, vivo.
Desdêmona · Houve uma certa desavença, primo,
entre ele e meu marido. Mas espero
que possais conciliá-los.
Otelo · Tendes plena
certeza disso?
Desdêmona · Como, meu senhor?
Otelo ·
"Não deixeis de fazê-lo, quando houverdes..."
Ludovico · Não vos chamou; a carta é que o
preocupa.
Desdêmona · Muito de lastimar. Daria tudo
para reconciliá-los, pelo afeto
que diquei sempre a Cássio.
Otelo · Fogo e enxofre!
Desdêmona · Meu senhor?
Otelo · Sois discreta?
Desdêmona · Que acontece,
para ele estar zangado?
Ludovico · Com certeza
isso é efeito da carta, pois parece-me
que ordem lhe veio de ir para Veneza,
deixando Cássio aqui no lugar dele.
Desdêmona · Isso me alegra, podeis crer-me.
Otelo · É certo?
Desdêmona · Meu senhor?
Otelo · Eu também fico contente
por vos ver louca.
Desdêmona · Por que causa, Otelo?
Otelo · Demônia!
(Dá-lhe uma bofetada.)
Desdêmona · Mereci receber isso?
Ludovico · Houve excesso, senhor, de vossa parte.
Ninguém acreditara isso em Veneza,
muito embora eu jurasse que o observara.
Desculpas lhe pedi; está chorando.
Otelo · Oh, demônio! Demônio! Se, com lágrimas
de mulher fosse a terra fecundada,
cada gota gerara um crocodilo.
Fora da minha vista!
Desdêmona · Já que minha
presença vos ofende, eu me retiro.
(Faz menção de retirar-se.)
Ludovico · Que esposa tão cordata!
Senhor, tende a bondade de chamá-la.
Otelo · Senhora!
Desdêmona · Que ordenais?
Otelo · Dizei-lhe agora
que quereis dela.
Ludovico · Eu, meu senhor?
Otelo · Vós mesmo.
Pedistes que a chamasse. Ei-la, senhor.
Ela pode virar uma e mais vezes,
ir embora, voltar de novo. Pode,
também, chorar, senhor; chorar. É muito
cordata. Assim dissestes. Mui cordata.
Continuai a chorar. — No que respeita
a este assunto, senhor — oh sentimento
bem pintado! — chamado fui de novo. —
Podeis sair! mandar-vos-ei recado
dentro de pouco. — Acatarei as ordens,
senhor, e voltarei para Veneza.
Fora daqui! Depressa!
(Sai Desdêmona.)
Deixo Cássio
no meu lugar. Cearemos juntos hoje,
caro senhor. Sois mui bem-vindo a Chipre.
Bodes e micos!
(Sai.)
Ludovico · É esse o nobre Mouro
que nossos senadores não se cansam
de proclamar perfeito e capacíssimo?
A criatura de prol que sacudida
nunca é pelas paixões? Cuja virtude
jamais foi atingida pelos tiros
da sorte e os arremessos da fortuna?
Iago · Está muito mudado.
Ludovico · Estará no uso
perfeito da razão? Não terá fraca,
porventura, a cabeça?

shakespearebrasileiro.org

IAGO · Ele é o que é.
Manifestar não devo o meu juízo.
Se ele não é o que devera ser...
Prouvera ao céu que o fosse!
LUDOVICO · Inconcebível!
Bater na própria esposa!
IAGO · Isso, em verdade,
não fica bem. Mas só quisera, mesmo,
saber que o pior foi essa bofetada.
LUDOVICO · É sempre assim? Ou, porventura, a carta no sangue atuando, à fala deu origem?
IAGO · Ai de mim! Será quebra de lealdade
revelar o que sei ou tenho visto?
Vós mesmo o observareis; sua conduta
vai revelá-la tal como é, poupando-me,
assim, de dizer algo. Mas segui-o,
para ver de que modo ele prossegue.
LUDOVICO ·
Dói-me ter-me enganado a seu respeito.
(Saem.)

Ato IV · Cena II

Um quarto no castelo.
Entram Otelo e Emília.

OTELO · Nada vistes, então?
EMÍLIA · Nem ouvi nada, nem suspeitas tive.
OTELO · Porém com Cássio a conversar já a viste.
EMÍLIA · Mas nada vi de mal, e todas, todas
as sílabas ouvi que pronunciaram.
OTELO · Então não cochichavam?
EMÍLIA · Nunca, nunca,
meu senhor.
OTELO · Nem mandavam que saísses?
EMÍLIA · Nunca, também.
OTELO · Para ir buscar o leque,
sua máscara, a luva, ou qualquer coisa?
EMÍLIA · Nunca, senhor.
OTELO · É estranho.
EMÍLIA · Apostaria
que ela é honesta, senhor, pondo minha alma,
por causa dela, a tratos. Se outras coisas
imaginais, tirai-as da cabeça,
que vos causam distúrbio. Se algum biltre
voz fez acreditar em tal absurdo,
que faça o céu cair sobre ele a própria
maldição da serpente. Pois se honesta
não for, casta e sincera, haver não pode
marido algum feliz, porque a mais santa
das esposas ainda é mais horrenda
do que a própria calúnia.
OTELO · Vai chamá-la.
(Sai Emília.)
É uma sutil rameira, gabinete
muito seguro, chave dos segredos
mais íntimos. No entanto, ajoelhar pode
para rezar. Já a vi nessa postura.
(Volta Emília com Desdêmona.)
DESDÊMONA · Que desejais, senhor?
OTELO · Aproximai-vos,
minha pombinha.
DESDÊMONA · Que mandais que eu faça?
OTELO · Mostrai-me os olhos; frente a frente olhai-me.
DESDÊMONA · Que fantasia horrível é essa agora?
OTELO *(a Emília)* ·
Reassumi por um pouco vosso ofício,
minha senhora, a sós alguns instantes
deixando-nos procriar. Fechai a porta;
tossi ou gritai "Hum!" se virdes gente.
Vosso mister! Vosso mister! Depressa!
(Sai Emília.)
DESDÊMONA · De joelhos vos pergunto que é que exprime
semelhante discurso. Entendo a cólera
de vossas expressões, não as palavras.
OTELO · Ora, quê és tu?
DESDÊMONA · Senhor, sou vossa esposa,
vossa esposa leal e verdadeira.
OTELO · Vem jurar-me e condena-te, sim, para
que, por um anjo te tomando, o diabo
se tema de pegar-te. Assim, condena-te
duas vezes, jurando que és honesta.
DESDÊMONA · O céu sabe de tudo.
OTELO · O céu bem sabe
que és falsa como o inferno.
DESDÊMONA · Falsa como,
meu senhor? Para quem? De que maneira
vos tenho sido falsa?

shakespearebrasileiro.org

Otelo · Oh céu! Desdêmona!
Para trás! Para trás!
Desdêmona · Oh dia horrível!
Por que chorais? Sou eu a causa dessas
lágrimas, meu senhor? Se porventura
suspeitais que meu pai tenha influído
na ordem que vos mandaram a Veneza,
não me imputeis a culpa. Se o perdestes,
também eu o perdi.
Otelo · Se o céu tivesse
querido pôr-me à prova de amarguras,
mil cuidados e afrontas me fazendo
cair sobre a cabeça, na miséria
mais profunda até aos lábios me enterrando,
e se me houvesse aprisionado e às minhas
mais caras esperanças, eu teria
nalguma parte de minha alma achado
ao menos uma gota de paciência.
Mas, ai! na estátua móvel transformar-me
que com o dedo que aos poucos se desloca
marca a hora do escarninho... Também isso
pudera suportar. Bem; muito bem.
Mas onde eu tinha enceleirado o próprio
coração, de onde eu tinha de ter vida,
se morrer não quisesse; o nascedoiro
que meu curso alimenta, para que ele
não se resseque... Ser dali expulso,
ou conservá-lo como uma cisterna
cheia de horríveis sapos, que se juntam
para reproduzir!... Empalidece
paciência, querubim de lábios róseos,
e enfarruscada fica como o inferno!
Desdêmona · Estou certa de que meu nobre esposo
me considera honesta.
Otelo · Oh, sim! Sem dúvida!
como as moscas no açougue, que recebem
vida da podridão. Oh erva daninha,
tão bela ao parecer e tão cheirosa
que ofendes os sentidos! Oh! se nunca
tivesses vindo ao mundo!
Desdêmona · Que pecado
cheguei a cometer, sem que o soubesse?
Otelo · Teria sido feito um tão formoso
papel, tão belo livro, para nele
ficar escrito o nome "Prostituta"?
Que cometeste? Como! Cometeste,
mulher pública? Destas minhas faces
faria fráguas que reduziriam
a cinzas a modéstia, se eu chegasse
a dizer o que fazes. Cometeste?
Tapa o nariz o céu; a lua, os olhos;
o zéfiro lascivo, que, à passagem,
beija tudo o que encontra, se acomoda
no oco das minas para que não saiba
tudo o que fazes. Como! Que fizeste,
rameira descarada?
Desdêmona · Injustamente
me acusais, pelo céu.
Otelo · Não sois rameira?
Desdêmona · Não; tão verdade, como eu ser cristã.
Se este vaso guardar para o meu dono
imune de qualquer contacto impuro
for não ser prostituta,
não sou isso.
Otelo · Como! Não sois rameira?
Desdêmona · Não; tão certo
como quero ser salva.
Otelo · É então possível?
Desdêmona · Que o céu de nós se apiede.
Otelo · Nesse caso,
peço perdão, pois tinha-vos tomado
pela rameira astuta de Veneza
que desposara Otelo. — E vós, senhora
que o ofício oposto tendes de São Pedro
na porteira do inferno!

(Volta Emília.)

Vós! Vós mesma!
Já chegamos ao fim. Eis vossa paga.
Passai a chave, por obséquio, e sede
discreta nisto tudo.

(Sai.)

Emília · Oh céus, que idéia
veio a este cavalheiro? E vós, senhora,
como vos encontrais? Que estais sentindo?
Desdêmona · Por minha fé, com muito sono.
Emília · Boa
senhora, que acontece com meu amo?
Desdêmona · Com quem?
Emília · Ora, senhora; com meu amo.
Desdêmona · Quem é teu amo?
Emília · O vosso, boa dama.
Desdêmona · Amo não tenho, Emília; não me fales.
Chorar não me é possível e não posso
responder a não ser com muitas lágrimas.

shakespearebrasileiro.org

Por obséquio, esta noite põe na cama
meu vestido de noiva. Não te esqueças.
E chama teu marido.
EMÍLIA · Que mudança
radical houve aqui!
(Sai.)
DESDÊMONA · É muito justo
que ele me trate assim; é muito justo.
Que fiz eu para que ele pendurasse
sua menor suspeita no mais ínfimo
descuido meu?
(Volta Emília, com Iago.)
IAGO · Que desejais, senhora?
Como passais?
DESDÊMONA · Dizer não posso nada.
Os que educam crianças usam meios
brandos e lhe impõem tarefas curtas.
Ele bem poderia ter ralhado
comigo desse modo, que, em verdade,
sou como criança para ouvir censuras.
IAGO · Que aconteceu, minha senhora?
EMÍLIA · Oh, Iago!
Chamou-a o general de prostituta
e o rosto lhe atirou tão baixos termos,
pesados e insultuosos, que um sincero
coração suportar não poderia.
DESDÊMONA · Sou esse nome, Iago?
IAGO · Bela dama,
que nome?
DESDÊMONA · O nome que ela disse há pouco,
que o meu senhor dissera a meu respeito.
EMÍLIA · Chamou-lhe prostituta. Essa palavra
nem mesmo um vagabundo, embriagado
aplica à sua amásia.
IAGO · E a razão disso?
DESDÊMONA · Ignoro-a; porém sei que não sou isso.
IAGO · Não choreis! Não choreis! Oh dia triste!
EMÍLIA · Ter renunciado a tantos casamentos,
ao próprio pai, à pátria, aos conhecidos,
para chamada ser de prostituta!
Não é para fazer chorar a gente?
DESDÊMONA · É o meu triste destino.
IAGO · Caiam nele
todas as maldições. E de que modo
lhe veio essa loucura?
DESDÊMONA · O céu o sabe.
EMÍLIA · Quero ser enforcada se tudo isso
não for obra de algum vilão diabólico,
de algum pulha insinuante e intrometido,
de algum escravo que rasteja e adula
para alcançar um posto e haja inventado
semelhante calúnia. Que me enforquem,
se não for isso.
IAGO · Ora essa! Não existe
um homem desse jeito. Não é possível.
DESDÊMONA · E caso exista, o céu que lhe perdoe.
EMÍLIA · Perdoe-lhe mas é a força e lhe corroa
o inferno os ossos todos. Por que causa
lhe chamou prostituta? Que pessoa
recebeu ela? Em que lugar? que tempo?
sob que pretexto? O Mouro foi logrado
por algum miserável, algum pulha
de baixeza notória, algum tinhoso.
Oh céu! por que não nos descobres o homem
e um chicote não pões na mão de todas
as pessoas honestas, porque o biltre
seja açoitado, nu, por todo o mundo,
de leste a oeste?
IAGO · Não faleis tão alto,
que ouvir podem lá fora.
EMÍLIA · Que ouçam todos!
Um tipo desses foi que vosso espírito
virou no avesso, a suspeitar levando-vos
de que eu com o Mouro tinha alguma coisa.
IAGO · Sois bem louca. Saí!
DESDÊMONA · Oh bondoso Iago,
como devo fazer para que possa
reaver o meu marido? Ide falar-lhe,
meu caro, pois por esta luz celeste,
não sei como o perdi. Aqui me ajoelho.
Se a seu amor, em qualquer tempo, a minha
vontade transgrediu, ou pelos meandros
do pensamento ou por ações concretas;
se pelos olhos ou qualquer sentido
me veio algum prazer com referência
a outra pessoa que não fosse a dele;
se como até hoje, agora e em todo o tempo
não lhe dedico o afeto mais sincero,
muito embora a atirar-me ele ainda venha
ao divórcio indigente: que a alegria
de todo me abandone. A grosseria
consegue muito; sua austeridade
pode destruir-me a vida, mas não há de

shakespearebrasileiro.org

jamais manchar-me o amor. Dizer não posso
"Prostituta"; horroriza-me somente
pronunciar esse termo, sem que todas
as vaidades do mundo conseguissem
levar-me a realizar o menor ato
que me fizesse merecer tal nome.

Iago · Sossegai; é um capricho passageiro;
os negócios do Estado o irritam muito;
por isso vos repreende.

Desdêmona · Oh! se fosse isso!

Iago · Posso afiançar-vos; é isso, tão-somente.

(Trombetas.)

Ouvi! É o toque que anuncia a ceia.
Os mensageiros de Veneza aguardam
para serem servidos. Ide logo;
não choreis; tudo ainda acaba bem.

(Saem Desdêmona e Emília.)

(Entra Rodrigo.)

Rodrigo · Acho que não estás procedendo
lealmente comigo.

Iago · Que tens a contestar?

Rodrigo · Todos os dias tu me logras com algum
pretexto, Iago, parecendo-me, agora, que muito
longe de obteres para mim a vantagem da menor
esperança, afastadas de mim todas as oportunidades.
Estou decidido a não suportar por mais tempo
semelhante situação, sem que me tenha convencido
a digerir em silêncio tudo o que até agora venho
sofrendo estupidamente.

Iago · Quereis ouvir-me, Rodrigo?

Rodrigo · Em verdade, já vos ouvi demais, porque
vossas palavras e vossas ações não têm nenhuma
afinidade entre si.

Iago · Acusais-me injustamente.

Rodrigo · Só digo o que é verdade. Dissipei toda
a minha fortuna; as jóias que vos entreguei para
que as désseis a Desdêmona, teriam bastado para
corromper uma freira. Dissestes-me que ela as havia
aceito e me destes esperanças e o consolo de uma
aproximação e de favores para breve, sem que nada
disso se concretize.

Iago · Bem; continuai; muito bem!

Rodrigo · "Muito bem! Continuai!" Desse jeito,
homem, não poderei continuar, nem vai muito bem
coisa nenhuma. Por esta mão, afirmo que tudo isso
é muito indecente e que já começo a perceber que
estou sendo ludibriado.

Iago · Muito bem.

Rodrigo · Torno a dizer que nada está muito bem.
Vou procurar Desdêmona; se ela me devolver as
jóias, paro com minhas pretensões e me arrependo
das minhas solicitações ilícitas. Caso contrário,
posso assegurar-vos, haveis de me dar satisfações.

Iago · Já terminastes?

Rodrigo · Já, e não disse não o que estou no firme
propósito de realizar.

Iago · Ora bem; começo a perceber que és um rapaz
corajoso, e a partir deste momento passo a fazer de
ti uma opinião mais lisonjeira do que antes. Dá-me
a mão, Rodrigo; levantaste contra mim uma objeção
muito justa; no entanto, posso asseverar-te que
tenho procedido com lisura neste negócio.

Rodrigo · Não parece.

Iago · Realmente, concordo em que não parece, não
sendo vossas suspeitas de todo carecentes de sentido
e de sagacidade. Mas, Rodrigo, se possuis o que
mais do que nunca eu tenho razões para imaginar
que possuis, a saber: iniciativa, coragem e valentia,
prova-o esta noite. Se na próxima noite não vieres a
possuir Desdêmona, tira-me traiçoeiramente deste
mundo e inventa suplícios para fazer-me morrer.

Rodrigo · Bem, de que se trata? É alguma coisa
razoável e possível?

Iago · Senhor, veio uma ordem especial de Veneza,
para que Cássio fique no lugar de Otelo.

Rodrigo · Isso é verdade? Nesse caso Otelo e
Desdêmona terão de voltar para Veneza.

Iago · Oh, não! Ele vai para a Mauritânia e levará
consigo a bela Desdêmona, a menos que sua
permanência aqui seja prolongada por algum
acidente, não havendo nenhum mais decisivo do que
o afastamento de Cássio.

Rodrigo · E que entendeis por isso:
"O afastamento de Cássio?"

Iago · Ora, ficar incapaz de ocupar o lugar de Otelo,
por lhe terem estourado os miolos.

Rodrigo · E é isso que desejais que eu faça?

Iago · Sim, no caso de quererdes tirar partido com
o exercício de vosso diretor. Hoje à noite ele vai
jantar em casa de uma cortesã, onde pretende visitá-
lo. Ainda não sabe nada a respeito de sua honrosa
felicidade. Se quiserdes ficar de espreita no momento
em que ele se dirigir para lá o que arranjarei que se dê
entre as doze e uma hora — podereis surpreendê-lo

shakespearebrasileiro.org

com segurança. Estarei por perto, para auxiliar-vos no ataque, sendo certeza que não nos escapará. Vamos, não fiqueis tão estupefacto; vinde comigo. Vou demonstrar-vos de tal modo a necessidade da morte dele, que vos sentireis na obrigação de matá-lo. Mas já estamos mais do que em tempo de cear, e a noite corre. Mão à obra!

RODRIGO · Desejo que me apresenteis razões mais convincentes.

IAGO · Haveis de ficar satisfeito.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Outro quarto no castelo.
Entram Otelo, Ludovico, Desdêmona, Emília e criados.

LUDOVICO · Não vos canseis, senhor, por minha causa.

OTELO · Não é trabalho, faz-me bem passear.

LUDOVICO · Senhora, boa noite! Humildemente me despeço de Vossa Senhoria.

DESDÊMONA ·
Vossa Honra é muito bem-vindo.

OTELO · Vamos logo,
meu senhor? Oh, Desdêmona!

DESDÊMONA · Senhor?

OTELO ·
Ide deitar-vos imediatamente; voltarei neste instante.
Mandai a camareira embora. Cuidai disso.

DESDÊMONA · Assim farei, meu senhor.

(Saem Otelo, Ludovico e os criados.)

EMÍLIA · E como vão as coisas? Ele mostra-se agora mais afável.

DESDÊMONA · Avisou-me
de que voltava logo, tendo dito
que me deitasse e, após, vos despedisse.

EMÍLIA · Despedir-me!

DESDÊMONA · Sim; foram suas ordens.
Por isso, boa Emília, dá-me logo
minha camisa de dormir, e adeus.
Convém não contrariá-lo em coisa alguma.

EMÍLIA · Desejara que nunca o houvésseis visto.

DESDÊMONA · Pois eu não. A tal ponto o recomenda
meu amor, que até mesmo suas teimas,
repreensões e violências são dotadas
de certa graça e encanto.

EMÍLIA · Pus na cama
os lençóis que pedistes.

DESDÊMONA · Está bem.
Oh céus! Como por vezes somos loucas!
Caso eu venha a morrer primeiro, envolve-me
mim lençol destes.

EMÍLIA · Ora, que tolice,
tudo isso!

DESDÊMONA · Minha mãe teve uma criada
de nome Bárbara. Ela amou a um moço
que a abandonou, por ser um doidivanas.
Cantar soía a letra do salgueiro,
balada antiga, porém mui de acordo
com seu destino. E se finou cantando-a.
Essa balada não me sai da mente
toda esta noite. Tenho de conter-me,
para a cabeça não deixar pendida
e, como a pobre Bárbara, cantá-la.
Põe pressa nisso. Vamos!

EMÍLIA · Trago vossa
camisa de dormir?

DESDÊMONA · Não; tira todos
os alfinetes. Este Ludovico
é bem apessoado.

EMÍLIA · Bem bonito.

DESDÊMONA · Conversa muito bem.

EMÍLIA · Conheço uma senhora de Veneza que iria a pé à Palestina, descalça, só por um ligeiro contacto de seu lábio inferior.

DESDÊMONA · A suspirar cantava a coitadinha
à sombra do salgueiro.
Canto de dor coração lhe vinha:
Oh salgueiro! salgueiro!
Triste, ouvia-a o regato todo o dia:
Oh salgueiro! salgueiro!
O pranto a pedra dura amolecia.
Deixa esse de lado.
Oh salgueiro! salgueiro!
Mais pressa, por favor; ele já chega.
De salgueiro farei minha coroa.
Não o censureis, que o seu desdém
me é grato.
Não é a vez disso. Escuta! Quem bateu?

EMÍLIA · Foi o vento.

shakespearebrasileiro.org

Desdêmona · Chamei-o de perjuro. E ele, que disse?
Elas me vêem... Conquista-os... Que tolice!
Vai-te embora. Boa noite. Doem-me os olhos.
Será indício de choro?
Emília · Coisa alguma!
Desdêmona ·
Ouvi dizer que sim. Oh! Esses homens!
Esses homens! Em sã consciência, Emília,
dize-me se acreditas que haja esposas
capazes de enganar os seus maridos,
por modos tão grosseiros?
Emilia · Sim, há algumas,
não há dúvida.
Desdêmona · E tu, farias isso,
por todo o mundo?
Emília · Ora essa! Não o faríeis?
Desdêmona · Não; pela luz celeste.
Emília · O mesmo eu digo:
não pela luz celeste. Poderia
fazê-lo, mas no escuro.
Desdêmona · Então farias
isso por todo o mundo?
Emília · O mundo todo
é muita coisa; preço exorbitante
para um pequeno vício.
Desdêmona · Não, não creio
que tu sejas capaz de fazer isso.
Emília · Em verdade, penso que sim, para desfazer depois o que houvesse feito. Não faria tal coisa por uma aliança dupla, nem por alguns côvados de cambraia, nem por vestidos, saias e toucas, nem por qualquer presentezinho de pouca monta. Mas pelo mundo todo! Que mulher não enganaria o marido, para fazê-lo monarca! Para tanto, eu arriscaria o purgatório.
Desdêmona · Maldita eu venha a ser, se fizer isso, por todo o mundo.
Emília · Ora, o ultraje só é ultraje no mundo; e se ganhásseis o mundo por vosso trabalho seria um ultraje em vosso próprio mundo, que poderíeis corrigir rapidamente.
Desdêmona · Não creio que haja uma mulher assim.
Emília · Sim, há uma dúzia delas, e com tantas de crescença, que foram suficientes para prover o mundo que por prêmio lhes fosse dado. Mas estou convicta de que os maridos é que são culpados da queda das esposas. Logo, afrouxam de seus deveres, em regaço estranho derramam nossos bens, ou então explodem em ciúme impertinente, ou nos impõem peias de todo gênero, ou nos batem, fazendo pouco de quanto antes éramos. Ora, nós temos fel; e ainda que boas, poderemos vingar-nos. Os maridos devem se convencer de que as esposas têm sentidos como eles; vêem e cheiram, distinguir sabem o que é azedo e doce, tão bem como os maridos. Que é que fazem todos eles, trocando-nos por outra? Será que é diversão? Penso que sim. Haverá nisso amor? É bem possível. Será a fraqueza que erra tanto neles? Justamente. Ora bem. E nós, acaso não temos afeições, prazer não temos para os divertimentos, ou fraqueza, tal como os homens? Eles que nos tratem, portanto, bem, e saibam que é com eles que aprendemos também a zombar deles.
Desdêmona · Bem, boa noite! O céu me ajude, para do mal tirar toda a virtude.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Chipre. Uma rua.
Entram Iago e Rodrigo.

Iago · Fica atrás do pilar; ele vem logo.
Arranca a tua boa espada e vibra-a
com segurança. Vamos logo! Vamos!
Não tenhas medo, que eu estarei por perto.
Disso depende tudo, não te esqueças:
ou subirmos agora, ou nos perdemos.
Afirma-te, portanto, no propósito.
Rodrigo · Ficai perto, que eu posso errar o golpe.

(Afasta-se.)

Iago · Estou à mão. Coragem! Vai, esconde-te.
Rodrigo · Não me sinto inclinado a fazer isso.

shakespearebrasileiro.org

Mas razões suficientes ele deu-me.
Será um de menos. Vamos, minha espada;
sai logo da bainha! Vou matá-to.
IAGO · Esfreguei tanto esta borbulha jovem,
de quase a arrebentar. Está arruinado.
Agora, se ele matar Cássio, ou Cássio
o eliminar, ou os dois se trucidarem,
ganharei dos dois lados. Se Rodrigo
ficar vivo, virá pedir-me a volta
de tudo o que me deu em ouro e jóias,
e que dele eu tirei sob o pretexto
de presentear Desdêmona.
Isso não pode ser. Sobrando Cássio,
beleza cotidiana tem na vida
que me deixa horroroso, sem contarmos
que o Mouro pode revelar-lhe tudo.
Corro grande perigo. Não; precisa
morrer. Que morra, então. Ei-lo que chega.

(Entra Cássio.)

RODRIGO · Conheço o passo dele. Morre, biltre!

(Dá um bote em Cássio.)

CÁSSIO · Quase inimigo meu fora esse golpe,
se mais duro não fosse o meu casaco
do que pensavas. Vou provar o teu.

(Saca da espada e fere Rodrigo.)

RODRIGO · Oh! Oh! Estou ferido!

(Iago, por trás de Cássio o fere na perna e sai.)

CÁSSIO · E eu, aleijado
para sempre. Socorro, oh! Assassino!

(Cai.)

(Entra Otelo, a distância.)

OTELO · É a voz de Cássio; Iago tem palavra.
RODRIGO · Que miserável sou!
OTELO · É assim, de fato.
CÁSSIO · Socorro! Luz! Socorro! Um cirurgião!
OTELO · É ele. Oh valente Iago, honesto e justo!
Que nobreza revelas ante o ultraje
de teu amigo! Ensinas-me Pombinha,
teu querido está morto e teu destino
já se aproxima. Aqui vou eu, rameira!
Do coração retiro o teu feitiço;
teu sangue mau vai terminar tudo isso.

(Sai.)

(Entram Ludovico e Graciano, a distância.)

CÁSSIO · Ronda, olá! Ninguém vem? Crime!
Assassino!
GRACIANO · O grito é de aflição. É coisa grave.
CÁSSIO · Socorro!
LUDOVICO · Escutai!
RODRIGO · Vilão maldito!
LUDOVICO · São dois ou três gemidos. É noite alta;
pode ser fingimentos. É perigoso
ir até lá sem termos um reforço.
RODRIGO ·
Ninguém me acode? Morro dessangrado.
LUDOVICO · Escutai.

(Volta Iago, com uma luz.)

GRACIANO · Eis alguém em camisa, com luz e arma.
IAGO · Quem está aí? Quem grita por socorro?
LUDOVICO · Não o sabemos. Ouvistes algum grito?
CÁSSIO · Aqui! Socorro! Pelo céu, socorro!
IAGO · Que aconteceu?
GRACIANO · Parece que é o alferes
do general Otelo.
LUDOVICO · Ele, em pessoa,
rapaz de muito mérito.
IAGO · Que tendes,
para gritar assim tão dolorido?
CÁSSIO · É Iago? Uns assassinos me assaltaram.
Presta-me algum socorro.
IAGO · Oh tenente, quem foi que vos fez isso?
CÁSSIO · Penso que um deles deve estar por perto;
não pode ter fugido.
IAGO · Oh, miseráveis!

(A Ludovico e Graciano.)

Quem sois? Vinde ajudar-me.
RODRIGO · Socorro! Aqui! Socorro!
CÁSSIO · É um dos meliantes.
IAGO · Oh, vilão! Assassino!

(Apunhala Rodrigo.)

RODRIGO · Maldito Iago!
Cão desumano!
IAGO · Assassinar pessoas
no escuro! Esses bandidos sanguinários
por onde se meteram? Que silêncio
nesta cidade! Acudam! Homicídio!
E vós, quem sois? Amigos ou inimigos?
LUDOVICO · Para louvar-nos, ponde-nos à prova.
IAGO · É o signior Ludovico?
LUDOVICO · Ele mesmo.
IAGO · Peço desculpas, mas aqui está Cássio
ferido por ladrões.
GRACIANO · Cássio?
IAGO · Mano, que tens?
CÁSSIO · Feriram-me na perna.

shakespearebrasileiro.org

Iago · O céu não queira
que seja assim. Senhores, luz! Com minha
camisa vou pensá-lo.

(Entra Bianca.)

Bianca · Que acontece?
Quem gritou por socorro?
Iago · Quem gritou?
Bianca · Oh meu querido Cássio! Doce Cássio!
Cássio, Cássio, Cássio!
Iago · Oh notável rameira! Cássio, tendes,
porventura, suspeita de quem sejam
os ladrões que aleijado vos deixaram?
Cássio · Não.
Graciano · Pesa-me por achar-vos nesse estado,
pois vinha procurar-vos.
Iago · Emprestai-me
uma liga. Está bem. Ah! Se pudéssemos
carregá-lo daqui numa cadeira.
Bianca · Oh, desmaiou! Oh Cássio, Cássio, Cássio!
Iago · Cavalheiros, suspeito que esta coisa
tem parte neste crime. Ficai calmo,
bondoso Cássio. Vamos, vamos logo.
Iluminai aqui. Conheceremos
esta fisionomia? Oh! Meu amigo,
meu conterrâneo! És tu, Rodrigo?
Não é... Sim... Com certeza. Oh céus! Rodrigo!
Graciano · Aquele de Veneza?
Iago · Justamente.
Conhecei-lo?
Graciano · Decerto que o conheço.
Iago · Signior Graciano? Peço-vos desculpas;
estas cenas sangrentas justificam
minha conduta, assim vos esquecendo.
Graciano · Estou contente por vos ver de novo.
Iago · Cássio, como ides? A cadeira logo!
Graciano · Rodrigo!

(Trazem uma cadeira.)

Iago · Ele, ele mesmo. Enfim, eis a cadeira!
Com cuidado alguns homens caridosos
o transportem daqui. Vou buscar logo
o cirurgião do general. Senhora,
quanto a vós, não vos deis tanto trabalho.
Cássio, o ferido, e eu somos amigos.
Entre vós dois havia alguma coisa?
Cássio · Nada no mundo; não conheço o homem.
Iago *(a Bianca)* · Por que ficais tão pálida? — Oh!
Tirai-o do vento!

(Cássio e Rodrigo são carregados para fora.)

Não vos retireis, senhores.
Mudais de cor, senhora? — Percebestes
que ar espantado tem? Se estais atônitos,
cedo haveremos de saber mais coisas.
Observai-a, senhores, por obséquio.
Viste-la, cavalheiros? Sim, a culpa
se trai, embora a língua fique muda.

(Entra Emília.)

Emília ·
Que aconteceu, marido? Que foi que houve?
Iago · Cássio foi atacado aqui no escuro,
por Rodrigo e outros tipos que escaparam.
Está grave; Rodrigo a morrer veio.
Emília · Bom gentil-homem! Ah! Bondoso Cássio!
Iago · Tudo isso é por ter sido mulherengo.
Mas procura saber, Emília, logo,
onde ele ontem ceou. Como! Tremestes?
Bianca · Ceou comigo; mas não fiquei trêmula.
Iago · Ah, foi assim? Então acompanhai-me.
Emília · Ora, rameira à-toa!
Bianca · Não sou isso;
sou tão honesta como quem me insulta.
Emília · Como eu? Não tens vergonha?
Iago · Cavalheiros,
tratemos de pensar o pobre Cássio.
Vós, agora, senhora, ireis contar-nos
uma outra história. Corre ao forte, Emília,
e dize tudo ao meu senhor e à esposa. —
Quereis passar à frente? *(À parte.)* Minha sorte
se decide hoje; ou caio, ou fico forte.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

Um quarto de dormir, no castelo.
Desdêmona dorme, no leito. Uma candeia acesa.
Entra Otelo.

OTELO ·
Esta é a causa, minha alma. Oh! Esta é a causa!
Não vo-la nomearei, castas estrelas!
Esta é a causa! Não quem verter sangue,
nem ferir-lhe a epiderme ainda mais branca
do que neve e mais lisa que o alabastro.
Mas é fatal que morra; do contrário,
virá ainda a enganar mais outros homens.
Apaga a luz! Depois... Apaga a luz!
Se te apagar, ministro flamejante,
poderei restituir-te a luz primeira,
se vier a arrepender-me. Mas extinta
que seja tua luz, oh tu, modelo
primoroso da excelsa natureza!
de onde o fogo trazer de Prometeu,
para dar nova luz à tua chama?
Se tua rosa colher, é-me impossível
o vital crescimento restituir-lhe:
fatal é que feneça. Vou aspirá-la
no próprio galho. *(Beija-a.)* O hálito aromoso,
que quase a convencer chegaste a própria
Justiça e espedaça a sua espada!
Mais um! Mais um! Se assim ficares, morta,
quero tirar-te a vida, e, após, amar-te.
Mais outro, será o último; um tão doce
jamais foi tão fatal. Chorar preciso
lágrimas impiedosas; é celeste
meu sofrimento, pois castiga ao que ama.
Vai acordar!
DESDÊMONA · Quem está aí? Otelo?
OTELO · Sim, Desdêmona.
DESDÊMONA · Não vindes para o leito, meu senhor?
OTELO · Desdêmona, rezastes esta noite?
DESDÊMONA · Oh, decerto, senhor!
OTELO · Se vos lembrardes
de alguma falta não perdoada ainda
pelo céu e sua graça, cuidai logo
de tê-la redimida.
DESDÊMONA · Oh meu senhor!
Que pretendeis dizer com isso?
OTELO · Bem;
fazei o que vos disse e sede breve.
Passarei nesse em meio; não desejo
trucidar-vos o espírito manchado.
Não, pelo céu! Não vos matarei a alma.
DESDÊMONA · Quê! Falais em matar?
OTELO · Sim, é isso mesmo.
DESDÊMONA ·
Então que o céu de mim tenha piedade.
OTELO · Amém, de coração.
DESDÊMONA · Se assim falais,
é que não pretendeis matar-me agora.
OTELO · Hum!
DESDÊMONA · Contudo, sinto medo, pois terrível
sóis sempre, quando revirais os olhos
dessa maneira. A causa desse medo,
não sei dizê-lo, pois não sou culpada;
porém sinto que tenho muito medo.
OTELO · Pensa nos teus pecados.
DESDÊMONA · Só consistem
no amor que vos dedico.
OTELO · Pois por ele
vais agora morrer.
DESDÊMONA · É contra a natureza dar a morte
a alguém por ter amor. Ah! Por que causa
mordeis o lábio assim? Toda a postura
tendes ora abalada, por alguma
sanguinária paixão. É mau agouro;
contudo espero, espero que nenhuma
ameaça me comine.
OTELO · Paz e aquieta-te.
DESDÊMONA · Estou quieta. Que é que há?
OTELO · O lenço que te dei, que, eu tanto amava,
a Cássio o deste?
DESDÊMONA · Não, por minha vida,
por minha alma, não o dei. Mandai chamá-lo
e interrogai-o.
OTELO · Juízo, querida alma,
não jures falso, pois estás agora
no teu leito de morte.
DESDÊMONA · Sim, no leito,
mas não para morrer.
OTELO · Sim, neste instante.
Assim, confessa francamente a culpa,
pois se com juramentos contestasses
ponto por ponto, em nada isso alterara

shakespearebrasileiro.org

ou sustara o propósito em que me acho
e que gemer me faz. Urge que morras.
Desdêmona · Que Deus de mim se apiede.
Otelo · Digo amém.
Desdêmona ·
Sede também piedoso. Em toda a vida
jamais vos ofendi. Nunca amei Cássio,
só lhe tendo dicado essa amizade
que o céu permite, e nunca o presenteei.
Otelo · Pelo céu, vi meu lenço na mão dele.
Mulher perjura, em pedra me transmudas
o coração e o nome dás de crime
ao que eu pensava ser um sacrifício.
Vi o lenço! Eu mesmo!
Desdêmona · Então, é que ele o achou.
Nunca lho dei. Mandai chamá-lo, para
vir confessar o que há.
Otelo · Já confessou.
Desdêmona · Confessou quê, senhor?
Otelo · Que te possuiu.
Desdêmona · Como? Ilicitamente?
Otelo · Sim.
Desdêmona · Absurdo!
Não dirá isso.
Otelo · Não, porque tapada
já tem a boca, pois o honesto Iago
tomou suas providências.
Desdêmona · Oh! Meu medo
tinha razão de ser! Então, morreu?
Otelo · Se seus cabelos todos vivos fossem,
minha grande vingança os devorara.
Desdêmona ·
Ai de mim! Foi traído e estou perdida!
Otelo · Sai, prostituta infame! Vais chorá-lo
na minha frente?
Desdêmona · Oh meu senhor! Bani-me
de vossa vista, mas deixai-me viva.
Otelo · Para trás, prostituta!
Desdêmona · Hoje, não; amanhã! Deixai-me viva!
Otelo · Se resistires...
Desdêmona · Meia hora apenas.
Otelo · Não há trégua; está feito.
Desdêmona · O tempo, apenas,
de rezar uma vez.
Otelo · É muito tarde.
(Asfixia-a.)

Emília *(dentro)* ·
Senhor! Senhor! Olá Senhor! Senhor!
Otelo · Que ruído é esse? Como! Não morreu?
Não morreu de uma vez? Embora eu seja
cruel, sou compassivo. Não desejo
causar-te sofrimento prolongado.
Assim... Assim...
Emília *(dentro)* · Olá, senhor! Senhor!
Otelo · Quem está aí?
Emília *(dentro)* · Senhor, uma palavra
convosco, por obséquio.
Otelo · Sim; é Emília...
Devagar... Está morta... Com certeza
vem me falar de Cássio; fez barulho.
Como! Já não se mexe? Está quieta
como uma sepultura... Deixo-a entrar?
Seria de vantagem?... Penso que ainda
se mexe um pouco. Não. Que fazer devo?
Se eu deixar que entre, há de querer falar
com minha esposa... Que esposa? É o que não tenho.
Que hora pesada! Oh coisa insuportável!
Fora bem se se desse um grande eclipse
do solo como da lua e que o assustado
globo em dois se rendesse a essa mudança.
Emília *(dentro)* · Por obséquio, senhor, uma palavra!
Oh bondoso senhor!
Otelo · Ia esquecendo
de ti. Oh, entra, Emília! Neste instante. —
Só o tempo de correr estas cortinas. —
Onde estás?
(Abre a porta.)
Que é que tens para dizer-me?
Emília · Oh bondoso senhor! Um crime horrível
aconteceu lá fora!
Otelo · Como! Agora?
Emília · Neste momento, meu senhor.
Otelo · É efeito
do desvio da lua; ela aproxima-se
agora mais da terra do que de habito,
e deixa os homens loucos.
Emília · Cássio matou Rodrigo, meu senhor,
um moço de Veneza.
Otelo · Quê! Rodrigo
foi morto? E Cássio, também morto?
Emília · Não.
não! Cássio não foi morto.

shakespearebrasileiro.org

OTELO · Não foi morto?
Então está fora de tom a morte
e a apelável vingança desafina.
DESDÊMONA · Oh dor! Assassinada injustamente!
EMÍLIA · Que é que há? Que grito é esse?
OTELO · Como? Como?
EMÍLIA · Oh! é a voz da senhora. Aqui! Socorro!
Oh senhora, falai de novo! Doce
Desdêmona, falai! Minha senhora!
DESDÊMONA ·
Morro, e morro inocente.
EMÍLIA · Oh! Quem fez isso?
DESDÊMONA ·
Ninguém; eu mesma. Adeus! Faze que sempre
de mim se lembre meu querido esposo.
(Morre.)
OTELO · Por que haveria de ter sido morta?
EMÍLIA · Quem poderá sabê-lo?
OTELO · Ouvistes que ela
disse que não fui eu.
EMÍLIA · Sim, ela o disse;
vou espalhar a verdade.
OTELO · Para as chamas
do inferno foi como uma mentirosa:
quem a matou fui eu.
EMÍLIA · Tanto mais anjo
ela é por isso; e vós, demônio negro.
OTELO · Entregara-se ao vício; era rameira.
EMÍLIA · Não passas de um demônio e caluniá-la.
OTELO · Era falsa como a água.
EMÍLIA · E tu és selvagem
como o fogo, dizendo que era falsa.
Não! Ela te era fiel celestialmente.
OTELO · Cássio a manchou. Pergunta a teu marido
o mais que desejares. Condenado
devera eu ser no ponto mais profundo
do inferno, se tivesse procedido
dessa maneira sem motivos justos.
Teu marido está a par de tudo o que houve.
EMÍLIA · Meu marido?
OTELO · Sim, teu marido.
EMÍLIA · Que aos seus deveres ela fora falsa?
OTELO · Sim, com Cássio. Se fiel tivesse sido
e o céu um mundo diferente houvesse
feito de um só crisólito admirável,
não o trocara por ela.
EMÍLIA · Meu marido!
OTELO · Sim, foi ele o primeiro a prevenir-me.
É um homem muito honrado e odeia a lama
que adere às ações baixas.
EMÍLIA · Meu marido!
OTELO · Ora, mulher! Por que repetes isso?
Teu marido, já disse.
EMÍLIA · Oh, querida ama!
Diverte-se com o amor a vilania.
Meu marido afirmou que ela era falsa?
OTELO · Sim, mulher; ele mesmo, teu marido.
Compreendes o que digo? Teu marido,
meu amigo, o honesto Iago, mais que honesto...
EMÍLIA · Se ele for tal, que sua alma perniciosa
meio grão apodreça cada dia.
Mentiu conscientemente. Apaixonada
ela estava de sua indigna escolha.
OTELO · Ah!
EMÍLIA · Faze o que houver de pior.
Tão indigno é do céu este teu feito
como és indigno dela.
OTELO · Mais lucraras
se te calasses.
EMÍLIA · Não dispões de forca
que me faça sofer nem a metade
do que posso agüentar. Oh néscio! Oh estúpido!
Tão ignorante como a própria lama!
Cometeste uma ação... Não tenho medo
dessa espada! Vou dar-te a conhecer,
embora a perder venha vinte vidas.
Socorro! Assassino! Olá! Socorro!
(Entram Montano, Graciano, Iago e outros.)
MONTANO · Que é que houve, general? Que aconteceu?
EMÍLIA · Oh Iago! também viestes? Procedestes
otimamente, para que ao pescoço
os homens seus delitos vos atirem.
GRACIANO · De que se trata?
EMÍLIA · Desmente este vilão, se fores homem.
Ele afirmou que foi de ti que soube
que a esposa lhe era infiel. Tenho certeza
de que não poderias ter dito isso.
Não és pulha a esse ponto. Fala logo,
que tenho o coração por demais cheio.
IAGO · Disse-lhe o que pensava, sem que houvesse
contado nada além do que ele próprio
julgara natural e verdadeiro.
EMÍLIA · Mas dissestes-lhes que ela fora infiel?
IAGO · Disse.
EMÍLIA · Dissestes uma infâmia odiosa.
Por minha alma, ele mente; é um pervertido.

shakespearebrasileiro.org

Ela, falsa com Cássio? É assim? Com Cássio?
Iago · Com Cássio, sim senhora. Retirai-vos
daqui, e ponde cobro nessa língua.
Emília · Não ponho cobro em nada. Falar quero.
Minha ama ali se encontra, assassinada.
Todos · Não o permita o céu!
Otelo · Senhores, não vos espanteis; é a pura
verdade o que ela disse.
Graciano · Muito estranha
verdade!
Montano · Ato monstruoso!
Emília · Infâmia, infâmia! Penso nisso,
torno a pensar... Suspeito... Oh vilania!
Já havia suspeitado. Vou matar-me
só de tristeza. Oh infâmia!
Iago · Como! Ficastes louca? Retirai-vos
para casa, já, já!
Emília · Caros senhores
permiti-me falar. Sei que lhe devo
plena obediência; não, porém, agora.
Talvez, Iago, eu não volte para casa.
Otelo · Oh, oh, oh!

(Atira-se sobre o leito.)

Emília · Sim, rebolca-te e ruge, pois a morte
deste à mulher mais inocente e meiga
que jamais viu a luz.
Otelo · Era culpada.
Não vos reconheci, meu tio. Vossa
sobrinha ali se encontra, cujo alento
por estas mãos foi abafado há pouco.
Graciano · Pobre Desdêmona! Por sorte minha,
teu pai já faleceu. Este consórcio
para ele foi fatal e débil fio
da vida pela dor teve cortado.
Se vivesse, esta vista o levaria,
decerto, ao desespero, amaldiçoara
seu anjo tutelar, escorraçando-o
de seu lado e, com isso, se perdera.
Otelo · Dá-me pena; mas Iago sabe que ela
com Cássio praticou mais de mil vezes
o ato impudico. Cássio o confessou,
tendo-lhe ela os trabalhos amorosos
recompensado com o penho e mimo
de amor que, de princípio, eu lhe ofertara:
era um lenço, lembrança muito antiga
que a minha mãe meu pai outrora dera.
Emília · Oh céu! Poderes celestiais!
Iago · Silêncio!
Fica quieta!
Emília · Preciso dizer tudo!
Preciso dizer tudo! Eu, ficar quieta,
senhor? De forma alguma. Falar quero
tão livre como o vento. O céu, os homens,
todos os diabos, tudo, tudo pode
exprobar-me esta ação, mas falar quero.
Iago · Sê prudente e retorna para casa.
Emília · Não vou.

(Iago ameaça ferir Emília.)

Graciano · Virar contra a mulher a espada!
Emília · Oh Mouro bruto! O lenço de que falas
foi por mim encontrado casualmente
e dei-o a meu marido, pois bem vezes
com mui séria insistência — mais, de fato,
do qual tal ninharia merecia —
pedira que o roubasse.
Iago · Vil rascoa!
Emília · Ela o ter dado a Cássio? Não! Achei-o
e o dei a meu marido.
Iago · É falso, imunda!
Emília · Pelo céu, cavalheiros, é a verdade.
Oh palhaço assassino! Que haveria
de fazer um cretino rematado
com uma mulher tão boa?
Otelo · Por que as pedras
todas do céu só servem para o raio?
Celerado completo!

(Corre para Iago; Iago apunhala Emília e sai.)

Graciano · Ela desmaia!
Creio que ele matou a própria esposa.
Emília · Ai, ai! Deitai-me ao lado de minha ama.
Graciano · Fugiu, mas a mulher deixou sem vida.
Montano · É um notório vilão. Guardai esta arma
que eu ao Mouro tomei. Vigiai a porta,
não deixando que saia. Antes, matai-o.
Vou procurar aquele miserável,
é um escravo maldito.

(Saem Montano e Graciano.)

Otelo · Já valente
não sou; qualquer menino me desarma.
Deve a honra viver mais do que a virtude?
Que leve o demo tudo.
Emília · Que queria,
senhora, pressagiar tua cantiga?
Vou fazer como o cisne; morro e canto:
Oh, salgueiro, salgueiro! Mouro, ela era
casta. Cruel Mouro, ela se amava muito.

shakespearebrasileiro.org

Assim minha alma seja salva, como
digo a pura verdade. Desse modo
falando como penso... morro... morro.
(Morre.)

OTELO · Tenho outra arma no quarto, antiga espada
de Espanha, temperada em água fria.
Ah! Ei-la! Tio, abri, para que eu saia.

GRACIANO *(dentro)* ·
Se tentares sair, custar-te-á caro.
Não tens armas; preciso é, pois, que sofras.

OTELO · Então me olha e me fala; do contrário,
embora desarmado, hei de assaltar-te.
(Volta Graciano.)

GRACIANO · Que é que se passa?

OTELO · Vê, tenho outra espada.
Melhor do que esta nunca ao lado esteve
da coxa de um soldado. Já vi o dia
em que este curto braço e esta boa arma
me franqueavam caminho com obstáculos
vinte vezes mais sérios do que os vossos.
Mas, oh bravata inútil! Quem o fado
dominar pode? Já não é assim.
Nada receies, por me veres de arma.
Cheguei ao fim da viagem, esta é a meta,
a baliza da minha última vela.
Recuais pálido assim? É medo inútil.
Se alguém vier contra Otelo com um caniço,
Otelo recuará. Para onde iria?
Que aspecto tens agora, malfadada
rapariga? Da cor do teu sudário.
Quando nos encontrarmos para o ajuste
de contas, teu olhar há de minha alma
precipitar do céu, apoderando-se
dela os demônios logo. Estás gelada,
minha menina, tão gelada como
tua própria castidade.
Oh! maldito, maldito celerado!
Demônios, com açoites expulsai-me
da vista desta aparição divina!
Entregai-me aos tufões, no enxofre assai-me,
em tanques me lavai de fogo líquido.
Oh Desdêmona! Morta! Oh, oh! Desdêmona!

(Entram Ludovico, Montano, Cássio carregado em uma cadeira, e oficiais com Iago, prisioneiro.)

LUDOVICO · Onde está o violento e infeliz homem?

OTELO · Esse que foi Otelo? Aqui me encontro.

LUDOVICO ·
E onde se encontra a víbora? Trazei-nos esse infame.

OTELO · Procuro ver-lhe os pés.
Mas não... É pura fábula. Se fores
o diabo, não conseguirei matar-te.
(Fere Iago.)

LUDOVICO · Tomai-lhe a espada.

IAGO · Estou ferido, apenas,
senhor; mas não morri.

OTELO · Não me aborrece
saber isso; é melhor que fiques vivo,
pois a morte, a meu ver, é grã-ventura.

LUDOVICO · Oh tu, Otelo, que tão bom já foste,
como vieste a cair nas artimanhas
de um celerado? Que dirão de ti?

OTELO · O que quiserem. Assassino honrado,
se assim vos aprouver, porque fiz tudo
pela honra, não por ódio.

LUDOVICO · Este patife
já confessou em parte as vilanias.
Mas é verdade, mesmo, que com ele
tínheis premeditado matar Cássio?

OTELO · É...

CÁSSIO · Meu general, eu nunca vos fiz nada.

OTELO · Disso estou certo e peço-vos perdão.
Perguntai, por favor, a este demônio
porque a alma e o corpo me enleou a tal ponto.

IAGO · Não me perguntei nada; o que sabeis,
já sabeis. Não direi, de agora em diante,
nem mais uma palavra.

LUDOVICO · Quê! Nem mesmo
para rezar?

GRACIANO · Haveis de abrir a boca
no banco de tormentos.

OTELO · Sim, faze isso.

LUDOVICO · Ireis saber agora tudo o que houve,
senhor, o que decerto ainda ignorais.
Esta carta se achava num dos bolsos
do corpo de Rodrigo. Aqui está outra.
Numa delas se lê que deveria
Rodrigo matar Cássio.

OTELO · Oh, miserável!

CÁSSIO · Bárbaro a todo ponto e repulsivo.

LUDOVICO · Esta outra carta cheia de censuras
também estava num dos bolsos dele.
Parece que Rodrigo pretendia
enviá-la a este malvado; mas decerto
nesse em meio ele deu-lhe explicações.

shakespearebrasileiro.org

Otelo · Oh biltre pernicioso! De que modo,
Cássio, vos foi parar às mãos o lenço
de minha esposa?
Cássio · Achei-o no meu quarto,
e o próprio Iago confessou, há pouco,
que ali o jogara, tendo em vista um plano
que muito lhe importava.
Otelo · Oh! Tolo, tolo!
Cássio · Lêem-se também na carta de Rodrigo
censuras dele a Iago por havê-lo
forçado a provocar-me, quando estávamos
de guarda, o que me fez perder meu posto.
E agora mesmo, tendo de si voltado,
depois de estar por morto, declarou-nos
que Iago o ferira e que por ele mesmo
tinha sido instigado.
Ludovico · Forçoso é que deixeis este aposento,
para virdes conosco. Do comando
já fostes destituído. Agora é Cássio
quem manda em Chipre. Quanto a este bandido,
se houver algum tormento prolongado
que o faça durar muito, será dele.
Ficareis como nosso prisioneiro,
até que o Estado de Veneza tome
conhecimento do que aqui fizerdes.
Vamos! levai-o logo!
Otelo · Docemente!
Uma palavra ou duas antes de irdes.
Prestei alguns serviços à República,
o que é sabido. Mas sobre isso, basta.
Peço-vos por favor que em vossas cartas,
ao relatardes estes tristes fatos,
faleis de mim tal como sou, realmente,
sem exagero algum, mas sem malícia.
Então a alguém tereis de referir-vos
que amou bastante, embora sem prudência;
a alguém que não sabia ser ciumento,
mas, excitado, cometeu excessos,
e cuja mão, tal como o vil judeu,
jogou fora uma pérola mais rica
do que toda sua tribo; a alguém com olhos
vencidos e que embora pouco usados
aos sentimentos moles, maior número
de gotas derramaram do que as árvores
da Arábia fazer soem com sua goma
medicinal. Contai-lhes isso tudo.
E também que em Alepo, certo dia,
um turco de turbante e malicioso
bateu num veneziano e em termos baixos
falou do Estado, e que eu, pela garganta
detendo aquele cão circuncidado,
o feri deste modo, assim... assim....

(Apunhala-se.)

Ludovico · Oh conclusão sangrenta!
Graciano · Foi inútil
tudo quanto dissemos.
Otelo · Dei-te um beijo
antes de te matar. Só me restava

(Caindo sobre o corpo de Desdêmona.)

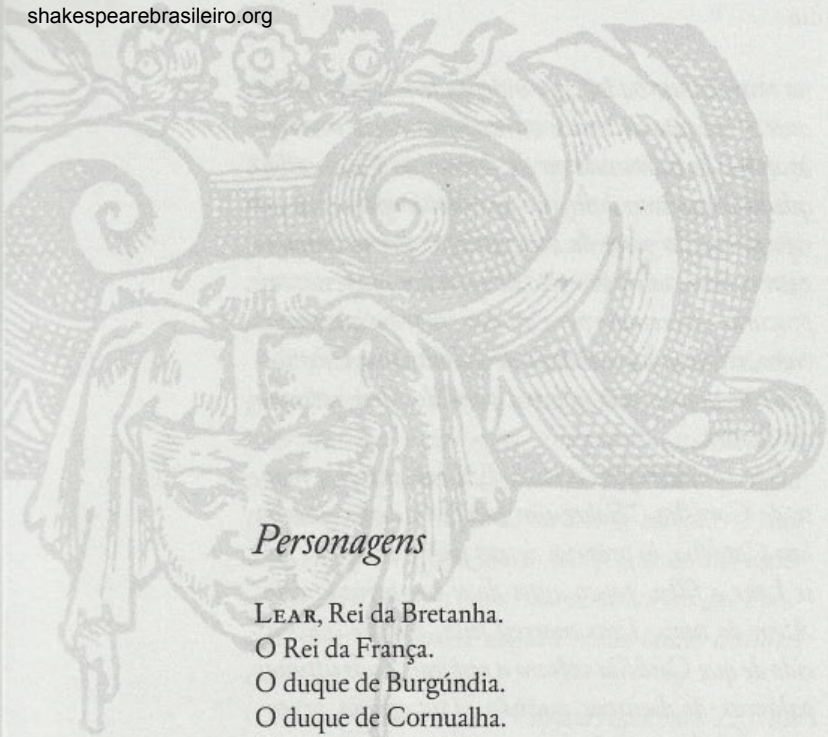
morrer beijando a quem eu tanto amara.

(Morre.)

Cássio · Receava isso mesmo; mas sem armas
julgava que estivesse. Era pessoa
de grande coração.
Ludovico *(a Iago)* · Oh cão de Esparta,
mais cruel que a fome, a angústia e o próprio oceano!
Contempla nesse leito o fardo trágico.
É tua obra. Envenena a vista o quadro.
Tapemo-lo. Graciano, a casa, agora,
vos pertence; guardai os bens do Mouro,
pois sois o herdeiro dele. A vós compete,
senhor governador, dar o castigo
a este biltre infernal. Marcai o dia,
o lugar e a tortura. Oh! rigorosa!
De bordo escreverei para o senado,
relatando tudo isto, angustiado.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

LEAR, Rei da Bretanha.
O Rei da França.
O duque de Burgúndia.
O duque de Cornualha.
O duque de Albânia.
O conde de Kent.
O conde de Gloster.
EDGAR, filho de Gloster.
EDMUNDO, filho bastardo de Gloster.
CURAN, um cortesão.
OSVALDO, intendente de Goneril.
Um velho, caseiro de Gloster.
Um médico.
Um bobo.
Um oficial, empregado por Edmundo.
Um gentil-homem, ligado a Cordélia.
Um arauto.
Criados de Cornualha.

GONERIL
REGANE
CORDÉLIA
} filhas de Lear.

Cavaleiros do séquito de Lear, oficiais, mensageiros, soldados e criados.

Cena

Bretanha.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Salão nobre do palácio do Rei Lear.
Entram Kent, Gloster e Edmundo.

KENT · Sempre pensei que o Rei fosse mais afeiçoado ao duque de Albânia do que ao de Cornualha.
GLOSTER · Era o que também me parecia; mas agora, na divisão do reino, não se pode saber qual dos dois duques ele aprecia mais, porque as partes foram pesadas com tal eqüidade, que a mais impertinente curiosidade não saberá decidir-se por nenhuma delas.
KENT · Este rapaz é vosso filho, milorde?
GLOSTER · Sua educação, senhor, esteve a meu cargo. Tantas vezes corei de confessá-lo, que presentemente já me encontro calejado.
KENT · Não posso compreender-vos.
GLOSTER · Mas a mãe deste mancebo o compreendia perfeitamente, senhor; tanto assim, que ficou com o ventre arredondado com um filho que arranjou para seu berço, antes de conseguir um marido para o seu leito. Percebeis alguma falta nisso?
KENT · Não posso desejar que a falta não houvesse sido cometida, à vista da graça de suas conseqüências.
GLOSTER · Mas possuo um filho legítimo, senhor, coisa de um ano mais velho do que este, que nem por isso tenho em mais alta estima. É verdade que este peralta veio ao mundo com certo descoco, antes de ser chamado; mas também é verdade que sua mãe era muito linda. Foi gerado na folia, sendo-me agora preciso reconhecer o bastardo. Conheceis este gentil-homem, Edmundo?
EDMUNDO · Não, milorde.
GLOSTER · É o milorde de Kent; de agora em diante lembra-te dele como de honrado amigo meu.
EDMUNDO · Ao dispor de Vossa Senhoria.
KENT · Desejo amar-vos e peço que me ensejeis oportunidades de conhecer-vos mais de perto.
EDMUNDO · Esforçar-me-ei por merecê-lo, senhor.
GLOSTER · Esteve fora nove anos e precisará sair de novo. O Rei vem vindo.

(Fanfarra. Entram Lear, Cornualha, Albânia, Goneril, Regane, Cordélia e séquito.)

LEAR · Gloster, fazei entrar na sala os nobres da França e da Burgúndia.
GLOSTER · Neste instante, meu soberano.

(Saem Gloster e Edmundo.)

LEAR · Enquanto isso, mostrar pretendo nossos desígnios mais recônditos. Um mapa!
Ficai sabendo, assim, que dividimos
nosso reino em três partes, sendo nossa
firme intenção livrar-nos, na velhice,
dos cuidados, bem como dos negócios,
para confiá-los a mais jovens forças,
e, assim, nos arrastarmos para a morte,
de qualquer fardo isento. Nosso filho
de Cornualha, assim como vós, Albânia,
filho também não menos caro, temos
o propósito certo, neste instante.
de declarar publicamente o dote
de nossas filhas, para que a discórdia
futura fique obviada desde agora.
Os príncipes da França e da Burgúndia,
grandes rivais no amor de nossa filha
mais nova, em nossa corte já fizeram
sua parada longa e apaixonada.
Ora aguardam resposta. Minhas filhas —
já que neste momento nos despimos
do governo, não só, dos territórios
e cuidados do Estado — ora dizei-me
qual de vós mais amor nos tem deveras,
porque alargar possamos nossa dádiva
onde contende a natureza e o mérito.
Fale primeiro Goneril, a nossa
filha mais velha.
GONERIL · Senhor, amo-vos mais do que as palavras
poderão exprimir, mais ternamente
do que a visão, o espaço, a liberdade,
muito mais do que tudo que é prezado,
raro ou valioso, tanto quanto a vida
com saúde, beleza, honras e graça,
como jamais amou filha nenhuma
ou pai se viu amado; é amor que torna
pobre o alento e o discurso balbuciante.
Amo-vos para além de todo extremo.
CORDÉLIA *(à parte)* · Cordélia que fará? Ama e se cala.

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Todo este trecho aqui, de uma a outra linha,
com suas matas e campinas ricas,
com rios caudalosos e seus prados
de larga bordadura, te pertencem.
De tua prole e de Albânia, como posse
perpétua vai ficar. Que diz agora
nossa segunda filha, a queridíssima
Regane, esposa de Cornualha? Fala.
REGANE · De igual metal que minha irmã sou feita
e pelo preço dela me avalio.
No imo peito descubro que ela soube
dar expressão ao meu amor sincero.
Mas ficou muito aquém, pois inimiga
me declaro de quantas alegrias
se contenham na mui preciosa esfera
dos sentidos tão-só. Achei minha única
felicidade na afeição de Vossa
mui querida Grandeza.
CORDÉLIA *(à parte)* · Então, coitada
de Cordélia! Contudo, nem por isso,
pois estou certa de que meu afeto
mais rico é do que a língua.
LEAR · Que para ti e os teus fique de herança
permanente este terço avantajado
do nosso belo reino, em rendas, graças
e extensão não menor em nenhum ponto
do que o que em sorte coube a Goneril.
Nossa alegria, agora, conquanto a última,
não a menor, e cujo afeto jovem
os vinhedos da França e o branco leite
da Burgúndia disputam: que podeis
dizer-nos para um terço mais opimo
virdes a obter do que os das vossas manas?
Falai.
CORDÉLIA · Meu senhor, nada.
LEAR · Nada?
CORDÉLIA · Nada.
LEAR · De nada sairá nada. Novamente
dizei alguma coisa.
CORDÉLIA · Oh desditosa!
Trazer não posso o coração à boca.
Amo a Vossa Grandeza
como o dever me impõe, nem mais nem menos.
LEAR · Que é isso. Cordélia? Concertai um pouco
vossas palavras, para não deitardes
à perder vossa dita.
CORDÉLIA · Meu bondoso
senhor, vós me gerastes, educastes
e me amastes, pagando eu todos esses
benefícios qual fora de justiça:
com obediência e amor vos honro sempre
extremamente. Por que têm maridos
minhas irmãs, se dizem que vos amam
sobre todas as coisas? Se algum dia
vier a casar, há de seguir o dono
do meu dever apenas a metade
de meu amor, metade dos cuidados
e das obrigações. Certeza é nunca
vir a casar-me como as duas manas,
para amar a meu pai por esse modo.
LEAR · Do coração te veio o que disseste?
CORDÉLIA · Sim, meu senhor.
LEAR · Tão jovem e tão áspera?
CORDÉLIA · Tão jovem, meu senhor, e verdadeira.
LEAR · Então vai ser teu dote só a tua
veracidade. Pois pela sagrada
tradição do sol, pelos mistérios
de Hécate e, assim, da noite, pelas grandes
operações dos orbes que nos fazem
viver e definhar: desde este instante
me desligo dos laços consangüíneos.
preocupações de pai e parentesco,
passando a te considerar como uma
pessoa estranha a mim e a meu afeto,
de agora para sempre. O cita bárbaro
ou selvagem, que faz da prole pábulo
para o apetite, há de ser mais vizinho
do meu seio, acolhido e consolado
do que tu, que não és já filha minha.
KENT · Meu senhor...
LEAR · Kent, silêncio; não te metas
entre o dragão e sua grande cólera.
Predileção lhe tinha e pensei sempre
que haveria de achar grato repouso
em seus carinhos. Foge-me da vista!
Tão certo como eu ter paz no sepulcro,
o coração de pai lhe tiro agora.
Chamai França! Que é que ainda se mexe?
Chamai Burgúndia aqui! Cornualha e Albânia,
acrescentai mais este dote aos outros
de minhas duas filhas. Que se case
com ela o orgulho, a que franqueza chama.
Juntamente comigo vos invisto
no meu poder, minhas prerrogativas
e em todas as extensas dignidades
que à majestade se unem. Nós, seguindo

shakespearebrasileiro.org

nisso o curso mensal e reservando
cem cavaleiros, cujo encargo fica
por vossa conta, nossa casa havemos
de na vossa fazer por modo alterno.
De Rei, o nome apenas reteremos,
com suas dignidades; mas o mando,
a execução das leis, as rendas, tudo,
caros filhos, é vosso. E como certo
penhor do que ora afirmo, esta coroa
dividirei entre ambos.

KENT · Real Lear,
a quem como meu Rei acatei sempre,
amei como a meu pai, acompanhei
como a senhor e a quem nas minhas preces
tinha como padroeiro...

LEAR · O arco está armado;
sai da frente da seta!

KENT · Não; dispara-a,
embora a farpa o coração me atinja.
Descortês será Kent, se é louco Lear.
Que estás fazendo, velho? Acaso pensas
que o dever tenha medo de falar,
quando o poder se abaixa até a lisonja?
A honra obriga à franqueza, quando tomba
na loucura, assim tanto, a majestade.
Anula o teu decreto, e recorrendo
aos teus mais ponderosos argumentos,
reprime logo essa medonha pressa.
Minha vida em penhor do que te afirmo;
afeição inferior não te dedica
tua terceira filha, nem tampouco
sentirão menos as pessoas cuja
voz grave não ressoa no vazio.

LEAR · Por tua vida, Kent, nem mais um pio!

KENT · Penhor a vida me foi sempre, para
contra os teus inimigos arriscá-la.
Perdê-la não receio, quando o exige
tua própria salvação.

LEAR · Fora da minha
vista!

KENT · Vê melhor, Lear, e ora consente
que a mira de teus olhos eu me torne.

LEAR · Agora, por Apolo...

KENT · Por Apolo,
agora em vão juraste por teus deuses.

LEAR · Oh vassalo! Insolente!

(Leva a mão à espada.)

ALBÂNIA e CORNUALHA · Não; detende-vos,
caro senhor.

KENT · Manda matar teu médico
e à impura doença entrega os honorários!
Revoca o teu decreto; do contrário,
enquanto alento me restar no peito,
direi que estás errado.

LEAR · Ouve-me, biltre!
Por teu dever de vassalagem, ouve-me!
Já que tentaste provocar a quebra
de nosso voto — o que jamais fizemos —
e com teimoso orgulho te meteste
entre nossa sentença e nosso trono —
o que não pode suportar a nossa
natureza, nem menos nosso posto —
de pé nosso poder, toma tua paga:
cinco dias te damos, porque possas
contra os males do mundo premunir-te;
ao sexto voltarás o dorso odioso
a todo o nosso reino; e se no décimo
esse corpo banido for achado
dentro de nossas terras, esse instante
será tua morte. Já daqui! Por Júpiter,
não haverá revogação agora.

KENT · Adeus, Rei. Declarar quero a verdade:
o exílio é aqui, e longe, a liberdade.

(A Cornélia.)

Possam os deuses te amparar, menina,
cujo pensar com o bom discurso afina.

(A Regane e Goneril.)

Que por bons atos sejam confirmados
vossos largos discursos e empolados. —
Kent, assim, se despede dos presentes
e a novas terras leva os pés dolentes.

(Sai.)

(Fanfarra. Volta Gloster com França, Burgúndia e pessoas do séquito.)

GLOSTER ·
Senhor, França e Burgúndia estão presentes.

LEAR · Milorde de Burgúndia,
primeiramente a vós nos dirigimos,
que sois rival, com este soberano,
na corte à nossa filha. Qual o mínimo
que exigis como dote e em cuja falta
desistis do pedido?

BURGÚNDIA · Muito nobre
majestade, não peço nada acima

shakespearebrasileiro.org

do que já ofereceu Vossa Grandeza,
que menos não dará.
Lear · Nobre Burgúndia,
quando cara nos era, nós a tínhamos
nesse preço; mas ora baixou muito.
Senhor, ali está ela. Se algum traço
dessa coisinha de nenhum realce
ou até mesmo ela toda, redobrada
de nosso desfavor, sem mais acréscimo,
pode do agrado ser de Vossa Graça:
ela aqui está; pertence-vos.
Burgúndia · Ignoro
que responder.
Lear · Quereis, com as faltas todas
que lhe são próprias, sem nenhum amigo,
adotada por nosso recente ódio,
com toda nossa maldição por dote,
expulsada por nosso juramento,
levá-la ou recusá-la?
Burgúndia · Real senhor,
perdão; mas nessas condições, é claro.
ninguém faz uma escolha.
Lear · Então deixai-a,
senhor; porque vos assevero, em nome
do poder que me criou, que toda a sua
fortuna é o que vos disse. *(A França.)* Vós, potente
soberano, de vosso amor não quero
tão longe me afastar, que almeje ver-vos
unido a quem odeio. Assim, suplico-vos
desviar vossa afeição para um objeto
mais digno do que a mísera criatura
que a natureza quase se envergonha
de declarar por sua.
França · É muito estranho
que aquela que, até há pouco, era a mais rara
jóia de vosso afeto, o tema excelso
de vossos elogios, vosso bálsamo
na velhice, a melhor, a mais querida,
pudesse cometer assim, de pronto,
um crime tão monstruoso que desmanche
tantas pregas da graça. Com certeza
mui contrário à natura foi seu crime,
e muito a deturpou, se vosso afeto
tão notório não é o que antes era.
Acreditar tal coisa a seu respeito,
só com o auxílio da fé, pois, sem milagre,
a isso a razão jamais me levaria.
Cordélia · Suplico entanto a Vossa Majestade —
pois careço dessa arte lisa e untuosa
de falar em contrário ao próprio intento,
pois o que fazer quero já realizo,
mesmo antes de falar — que deixeis claro
não ter sido nenhum vício infamante,
velhacaria alguma, ato impudico,
nem qualquer passo menos decoroso
que de vosso favor e vossa graça
me privou neste instante, mas apenas
a carência daquilo que me deixa
mais rica ainda: o olhar adulador
e língua que não ter muito me alegra
muito embora essa falta seja a causa
de me fazer perder vossa amizade.
Lear · Melhor te fora nunca ter nascido,
do que deixares de agradar-me agora.
França · Então, foi isso apenas? Uma certa
lentidão natural, que, muitas vezes,
deixa de relatar a própria história
do que fazer pretende? Que dizeis,
milorde de Burgúndia, desta noiva?
O amor não é amor, quando se mescla
de considerações que muito aberram
da meta principal. Ficais com ela?
Burgúndia · Dai-lhe, real Lear, unicamente a parte
que havíeis prometido, e, neste instante,
tomo Cordélia pela mão e a faço
Duquesa de Burgúndia.
Lear · Nada; sou firme; fiz um juramento.
Burgúndia ·
Muito me pesa, então, que após haverdes
perdido o pai, também percais o esposo.
Cordélia · Seja a paz com Burgúndia! Já que havia
em seu amor intuitos de riquezas,
não serei sua esposa.
França · Linda Cordélia, pobre, ainda és mais rica;
mais procurada, ainda, no abandono,
e mais amada, quando desprezada:
de ti, dessas virtudes, apodero-me
neste momento. Seja, assim, legítimo
apanhar o que foi jogado fora.
Que estranho, oh deuses! que um glacial desprezo
o respeito me inflame e deixe preso!
Deserdando tua filha, oh Rei! deste ansa
para Rainha eu a fazer da França.
Nenhum dos duques da Burgúndia aquosa

shakespearebrasileiro.org

a noiva minha levará preciosa.
Cordélia, adeus lhes dize, cruéis embora;
perdes aqui, para ganhar lá fora.
Lear · França, leva-a contigo; é tua; nós
tal filha já não temos, não, e após
o que houve ela perdeu, por mais que faça,
nosso amor, nossa bênção, nossa graça.
Vamos, nobre Burgúndia.
(Fanfarras. Saem Lear, Burgúndia, Cornualha, Albânia. Gloster e séquito.)
França · Dizei adeus agora a vossas manas.
Cordélia · Jóias de nosso pai, com olhos úmidos
Cordélia ora vos deixa. Eu vos conheço,
mas como irmã não quero dar o nome
verdadeiro de vossas faltas todas.
Cuidai de nosso pai; entrego-o a vossos
peitos que os próprios méritos proclamam.
No entanto, ai! se em sua graça eu me encontrasse,
talvez melhor asilo lhe mostrasse.
Assim, adeus para ambas.
Regane · Não queirais ensinar nossos deveres.
Goneril · Procurai agradar vosso marido
que como esmola vos pegou da sorte.
Revelastes caráter obstinado;
digna, portanto, sois do vosso fado.
Cordélia ·
O tempo há de mostrar quem tem malícia,
que a vergonha é o castigo da estultícia.
Passai bem.
França · Vamos, linda Cordélia.
(Saem França e Cordélia.)

Goneril · Mana, não é pouco o que tenho a dizer
sobre um assunto que nos toca muito de perto.
Creio que nosso pai vai partir esta noite.
Regane · Isso é certeza, e em vossa companhia. No
próximo mês ficará conosco.
Goneril · Vistes como sua velhice é caprichosa;
não é das menos valiosas a observação que tivemos
oportunidade de fazer; sempre revelou muito mais
afeição para nossa irmã, transparecendo agora
claramente a falta de senso com que acaba de
expulsá-la.
Regane · É a fraqueza da idade, sendo certo que ele
sempre se conheceu mal.
Goneril · Até mesmo na melhor idade e de mais
vigor, costumava revelar precipitação. Por isso,
preparemo-nos para receber de sua velhice não
somente os defeitos enraizados de longa data, como
também as rabugices inconvenientes que trazem
consigo os anos achacosos e irritáveis.
Regane · Teremos de assistir ainda a muitas
explosões súbitas, como essa de que resultou o
banimento de Kent.
Goneril · Ainda terão de realizar-se as cerimônias
complementares da despedida entre ele e França.
Unamo-nos, é o que vos peço; se nosso pai
conservar o poder com semelhante disposição, essa
última abdicação de sua vontade só nos poderá ser
prejudicial.
Regane · Havemos de refletir melhor sobre isso.
Goneril · Precisaremos fazer qualquer coisa,
enquanto o assunto está quente.
(Saem.)

Ato I · Cena II

Sala no castelo do conde de Gloster.
Entra Edmundo com uma carta.

Edmundo · Sê minha deusa agora, natureza!
A tuas leis empenho meus serviços.
Por que terei de me curvar à peste
do costume e deixar que a impertinência
das nações me despoje, tão-somente
porque nasci algumas doze luas,
ou catorze, depois de qualquer mano?
Por que bastardo? Por que malnascido.
se minhas proporções são tão bem feitas,
a alma tão franca e a compostura toda
tão certa como a de qualquer rebento
de uma senhora honesta? Por que causa,
pois, nos estigmatizam de baixeza,
bastardo, baixo, baixo?... Por que baixos
todos nós que no furto deleitoso
da natureza recebemos partes
mais ajustadas e mais alto espírito

shakespearebrasileiro.org

do que acontece nos cansados leitos,
antiquados e insípidos, só feitos
para criar uma chusma de casquilhos,
entre o sono e a vigília concebidos?
Assim, Edgar legítimo, preciso
ficar com vossas terras. Tem o afeto
de nosso pai não só o bastardo Edmundo,
como o filho legítimo. "Legítimo!"
bela expressão! Espero, meu legítimo,
que se esta carta for bem despachada
e meu plano der certo, o baixo Edmundo
vai passar o legítimo. Prospero...
Cresço... Amparai. oh deuses! os bastardos.
(Entra Gloster.)

GLOSTER · Banido Kent assim! França, colérico,
se despediu, e o Rei partiu à noite!
Resignou ao poder, tendo ficado
com pensão reduzida! E tanta coisa
em menos de um segundo! Olá, Edmundo,
que novidades ha?

EDMUNDO *(escondendo a carta)* · Não há novidades,
se não for do desagrado de Vossa Senhoria.

GLOSTER · Por que escondeis, com tanta
precipitação essa carta?

EDMUNDO · Não sei de nenhuma novidade, senhor.

GLOSTER · Que papel estáveis lendo?

EDMUNDO · Nada, milorde.

GLOSTER · Nada? Que necessidade havia, então, de enfiá-lo tão depressa no bolso? O que em si mesmo é nada, não tem necessidade de ser escondido desse modo. Deixai-me ver! Vamos! Se for mesmo nada, não precisarei de óculos.

EDMUNDO · Peço-vos, senhor, que me perdoeis; é uma carta de meu irmão, que eu ainda não li até ao fim; mas pelo que pude ver assim por cima, penso que seu conteúdo é impróprio para vossa vista.

GLOSTER · Dai-me essa carta, senhor!

EDMUNDO · Farei mal tanto em recusá-la com em dar-vo-la. Seu conteúdo, pelo que pude alcançar, é censurável.

GLOSTER · Quero vê-la; quero vê-la.

EDMUNDO · Quero crer, como justificativa de meu irmão, que ele escreveu apenas com o intuito de provar ou confirmar minha virtude.

GLOSTER · "Nossas instituições e o respeito à velhice tornam o mundo amargo para os nossos melhores anos, privam-nos dos bens até que nossa caduquice não se possa aproveitar deles. Começo a ver uma escravidão inútil e presunçosa na opressão da tirania envelhecida, que governa não porque tenha poder, mas por ser tolerada. Procurai-me, para que eu possa expandir-me a esse respeito. Se nosso pai dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis para sempre da metade das rendas dele e seríeis o bem-amado de vosso irmão Edgar." — Hum! Conspiração! "Se dormisse até que eu o despertasse, gozaríeis da metade das rendas dele." — Meu filho Edgar teve mão para escrever isto? coração e cérebro para concebê-lo? Como te veio isto ter às mãos? Quem te trouxe esta carta?

EDMUNDO · Não foi trazida, senhor, e nisso é que consiste toda a treta; foi jogada pela janela de meu quarto.

GLOSTER · Reconheceis a letra de vosso irmão?

EDMUNDO · Se o assunto fosse bom, milorde, eu iria jurar que a letra é dele; mas quando o considero mais de perto, quero crer que não seja.

GLOSTER · É dele, sim.

EDMUNDO · A mão é dele, milorde; mas espero que o coração não esteja no conteúdo.

GLOSTER · Antes, ele nunca vos sondou a esse respeito?

EDMUNDO · Nunca, milorde; mas por várias vezes já o ouvi asseverar que quando os filhos atingem a idade adulta e os pais começam a declinar, o pai deveria tornar-se como que pupilo do filho, ficando seus bens sob a direção deste.

GLOSTER · Oh celerado! celerado! A mesma coisa que ele diz na carta! Celerado execrável! Celerado desnaturado, odioso, bestial! Pior do que bestial! Vai buscá-lo imediatamente. Vou prendê-lo. Abominável celerado! Onde está ele?

EDMUNDO · Ao certo não sei, milorde. Se concordardes em sustar vossa indignação contra meu irmão, até que possais tirar dele melhores testemunhos de suas intenções, seguireis por um caminho certo; ao passo que se procederdes com violência e vos enganardes quanto aos seus planos, abrireis em vossa honra uma grande brecha e destruireis o próprio coração de sua obediência. Atrevo-me a apostar a vida em como ele escreveu isso tudo apenas para pôr à prova a afeição que eu voto a Vossa Honra, sem qualquer intenção maldosa.

GLOSTER · Pesais desse modo?

shakespearebrasileiro.org

EDMUNDO · Se Vossa Honra concordar, eu vos colocarei em um lugar de onde possais ouvir-nos conversar a esse respeito, vindo desta arte a convencer-vos pelo próprio testemunho dos ouvidos, e isso sem delongas, ainda esta tarde.

GLOSTER · Não é possível que ele seja tão monstruoso...

EDMUNDO · De forma alguma; tenho certeza.

GLOSTER · ...com relação a seu próprio pai, que lhe dedica amor tão terno e desinteressado... Céu e terra! Edmundo, ide procurá-lo; sondai-o, por obséquio; arranjai tudo de acordo com vossa sabedoria. Daria todos os meus haveres para poder alcançar plena certeza a esse respeito.

EDMUNDO · Vou procurá-lo, senhor, neste momento; farei tudo do melhor modo possível e vos porei a par do que houver.

GLOSTER · Esses últimos eclipses do sol e da lua não nos anunciam nada bom. Muito embora a ciência da natureza possa explicá-los desta ou daquela maneira, a própria natureza se sente chicoteada pelos efeitos que se lhes seguem. O amor esfria, a amizade desaparece, os irmãos se desavêm; nas cidades, tumultos; nos campos, discórdias; nos palácios, traições, rompendo-se os laços entre filhos e pais. Esse meu filho desnaturado confirma aqueles sinais: é filho contra pai. O Rei se afasta da trilha da natureza: é pai contra filho. Já vimos o melhor de nosso tempo: maquinações, imposturas, traições e toda solte de desordens ruinosas nos acompanham sem sossego até à sepultura. Vai buscar-me esse celerado, Edmundo; nada terás a perder. Procede com cautela. E o nobre e magnânimo Kent, banido! Seu crime, a honestidade! É muito estranho!

(Sai.)

EDMUNDO · Essa é a maravilhosa tolice do mundo: quando as coisas não nos correm bem — muitas vezes por culpa de nossos próprios excessos — pomos a culpa de nossos desastres no sol, na lua e nas estrelas, como se fôssemos celerados por necessidade, tolos por compulsão celeste, velhacos, ladrões e traidores pelo predomínio das esferas; bêbedos, mentirosos e adúlteros, pela obediência forçosa a influências planetárias, sendo toda nossa ruindade atribuída a influência divina... Ótima escapatória para o homem, esse mestre da devassidão, responsabilizar as estrelas por sua natureza de bode. Meu pai se juntou a minha mãe sob a cauda do Dragão e minha natividade se deu sob a Grande Ursa: de onde se segue que eu tenho de ser violento e lascivo. Pelo pé de Deus! Eu teria sido o que sou, ainda que a mais virginal estrela do firmamento houvesse piscado por ocasião de minha bastardização. Edgar...

(Entra Edgar.)

Pronto! Ei-lo que chega, tal qual a catástrofe na velha comédia. Minha deixa é "Melancolia pérfida", com um suspiro como os de Tom de Bedlam. Oh! Esses eclipses pressagiam as desordens que vemos. Fá, sol, lá, mi!

EDGAR · Olá, mano Edmundo! Que graves meditações são essas?

EDMUNDO · Estava pensando, mano, numa predição que li num dia destes, sobre o que há de seguir-se a estes eclipses.

EDGAR · Preocupai-vos com essas coisas?

EDMUNDO · Posso afirmar-vos que por infelicidade se realizam os efeitos anunciados, tal como: sentimentos contra as leis da natureza entre pais e filhos; mortes, fome, dissolução de amizades antigas, divisões no Estado, ameaças e maldições contra os reis e os nobres, suspeitas injustificadas, proscrição de amigos, dispersão de coortes, infrações conjugais e não sei o que mais.

EDGAR · Há quanto tempo sois sectário da astronomia?

EDMUNDO · Vamos, vamos... Quando vistes meu pai pela última vez?

EDGAR · Ontem à noite.

EDMUNDO · Falastes-lhe?

EDGAR · Sim; duas horas seguidas.

EDMUNDO · Despedistes-vos em bons termos? Não observastes nele nenhum sinal de descontentamento, quer na fisionomia, quer nas expressões?

EDGAR · Absolutamente nenhum.

EDMUNDO · Refleti melhor sobre o que poderíeis ter feito para ofendê-lo, e fazei-me neste ponto a vontade, evitando sua presença, até que o tempo se incumba de esfriar o ardor de seu desagrado, que neste momento de tal modo se mostra revolto, que dificilmente poderia acalmar-se com maltratar vossa pessoa.

EDGAR · Algum celerado me fez isso.

EDMUNDO · É o que eu receio. Peço que o eviteis com paciência, até que se torne mais vagaroso o

shakespearebrasileiro.org

ímpeto de sua cólera. E, como disse, retirai-vos para os meus aposentos, onde disporei as coisas de modo que possais ouvir milorde conversar. Ide logo, por obséquio. Se vos arriscardes a sair, que seja armado.

EDGAR · Armado, irmão?

EDMUNDO · Mano, eu vos aconselho para vosso bem; saí armado. Não quero ser homem de bem, se em tudo isso houver algo de bom para vós. Contei-vos o que vi e ouvi, mas muito por cima, sem vos apresentar a imagem horrorosa da coisa. Peço-vos, ide logo.

EDGAR · Terei logo notícias vossas?

EDMUNDO · Neste negócio estarei a vosso inteiro dispor.

(Sai Edgar.)

Um pai simplório e um mano em tudo nobre.
que, pela própria condição, tão longe
se acha de qualquer mal, que nem suspeitas
sobre isso pode ter e em cuja tola
probidade montar vai facilmente
minha velhacaria. A coisa é clara:
terras vou ter, ganhando-as com finura;
falhando o berço, o espírito as segura.

(Sai.)

Ato I · Cena III

Um quarto no palácio do duque de Albânia.
Entram Goneril e seu intendente Osvaldo.

GONERIL · Meu pai bateu no gentil-homem, por ter este ralhado com o bobo dele?

OSVALDO · Sim, minha senhora.

GONERIL · Dia e noite me ofende. Não se passa
nenhuma hora sem que ele não fuzile
com qualquer grosseria, que a nós todos
traz somente discórdia. Não o suporto;
turbulentos estão seus cavaleiros
e a censurar-nos ele próprio vive
por dá cá aquela palha. Não pretendo
falar com ele, quando vier da caça.
Dizei que estou doente; e, se cumprirdes
com certa negligência algum serviço,
estará bem; responderei por tudo.

OSVALDO · Ei-lo, senhora; ouço o barulho, dele.

(Ouve-se toque de trompa.)

GONERIL · Mostrai a negligência que quiserdes,
vós e os outros de casa, pois desejo
que me venha falar a esse respeito.
Se não gostar, então que se transfira
para a casa da mana, cujo modo
de pensar, estou certa, está de acordo
com o meu, em não querer ser governada.
Velho caduco, a pretender o mando
sobre o que já doou! Por minha vida,
os velhos tontos são de novo crianças;
com ralhos, só, precisam ser tratados.
Lembrai-vos do que eu disse.

OSVALDO · Sim, senhora.

GONERIL · E lançai frio olhar para seus homens.
Pouco importa o que vier; avisai todos.
Quero achar nisso tudo algum pretexto
para poder falar. Sem mais delongas,
escreverei à mana, para que ela
faça como eu. Prepara logo a ceia.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Uma sala no mesmo.
Entra Kent disfarçado.

KENT · Se eu puder conseguir uma outra fala
que torne a minha estranha, é bem possível
que minha boa empresa a alcançar venha
o êxito pleno pelo qual as próprias
feições desfigurei.

Banido Kent, se ora servir puderes
lá mesmo de onde há pouco foste expulso,
pode se dar que o mestre a que tanto ama,
te encontre serviçal.

(Toque de trompa. Entram Lear, cavalheiros e séquito.)

LEAR · Não me façam esperar nem um segundo
pelo jantar. Vai logo aprontá-lo. *(Sai o criado.)* Então,
quem és tu?

shakespearebrasileiro.org

KENT · Um homem, senhor.
LEAR · Qual é a tua profissão? Que pretendes de nós?
KENT · Minha profissão é não ser menos do que pareço; servir fielmente a quem confiar em mim; amar quem for honesto; conversar com quem for sábio e falar pouco; temer a justiça; brigar quando não houver outro jeito, e não comer peixe.
LEAR · Quem és tu?
KENT · Um tipo de coração honesto e tão pobre quanto o Rei.
LEAR · Se como súdito és tão pobre quanto ele como Rei, és, realmente, paupérrimo.
Que desejas?
KENT · Serviço.
LEAR · A quem queres servir?
KENT · A vós.
LEAR · Conheces-me, companheiro?
KENT · Não, senhor; mas revelais algo em vossa postura, que me leva a vos chamar de mestre.
LEAR · E que coisa é essa?
KENT · Autoridade.
LEAR · Que serviços podes prestar?
KENT · Sei guardar um segredo honesto, montar a cavalo, correr, estropiar uma história interessante, dizer grosseiramente uma mensagem fácil. Tudo o que um homem ordinário pode fazer, eu também posso, sendo o melhor em mim a diligência.
LEAR · Que idade tens?
KENT · Não sou tão jovem, senhor, para amar uma mulher por causa de seu canto, nem tão velho para me apaixonar por ela sem motivo: tenho quarenta e oito anos na carcunda.
LEAR · Segue-me; irás servir-me. Se depois do jantar não me pareceres pior, não nos separaremos muito logo. O jantar, olá! Onde está o meu rapaz? O meu bobo? — Vós, aí: ide chamar o meu bobo.

(Sai um criado.)
(Entra Osvaldo.)

Vós aí, maroto: onde está minha filha?
OSVALDO · Se o permitis...

(Sai.)

LEAR · Que foi que disse aquele tipo? Chamai-me aqui esse rústico. *(Sai um cavaleiro.)* Onde está o meu bobo, eh! Só parece que o mundo está dormindo. Então, onde está esse mastim?

(Volta o cavaleiro.)

CAVALEIRO · Ele disse, milorde, que vossa filha não está passando bem.
LEAR · Por que motivo aquele escravo não voltou, quando o chamei?
CAVALEIRO · Senhor, ele me respondeu redondamente que não queria voltar.
LEAR · Não queria?
CAVALEIRO · Senhor, não sei o que acontece, mas, a meu ver, Vossa Alteza não é tratado com a afeição cerimoniosa a que estáveis acostumado. Observa-se sensível quebra de carinho, não só com relação à conduta da criadagem, como com a do próprio duque e a de vossa filha.
LEAR · Ah! És dessa opinião?
CAVALEIRO · Suplico-vos, milorde, que me perdoeis, se eu estiver enganado, mas o meu zelo não pode ficar calado, quando penso que Vossa Alteza está sendo prejudicado.
LEAR · Fazes-me lembrado de minha própria percepção; ultimamente tenho notado um certo quê de negligência, que eu atribuía mais à minha própria natureza desconfiada do que a qualquer intenção real e ao propósito de descortesia. Vou examinar isso de mais perto. Mas onde está o meu bobo? Há dois dias que não o vejo.
CAVALEIRO · Desde que a minha jovem senhora partiu para a França, senhor, o bobo definhou bastante.
LEAR · Sobre isso, basta; já o havia notado muito bem. — Vós aí! Ide dizer a minha filha que desejo falar-lhe.

(Sai o criado.)

E vós, ide chamar o meu bobo!

(Sai outro criado.)
(Entra Osvaldo.)

Oh! Vós, Senhor! Vinde cá, senhor! Quem sou eu, senhor?
OSVALDO · O pai da senhora.
LEAR · "O pai da senhora"? O criado do senhor, cão! Bastardo, escravo, maroto!
OSVALDO · Com vossa permissão, milorde, mas não sou nada disso.
LEAR · Atreves-te a fitar-me desse modo, biltre?

(Bate-lhe.)

OSVALDO · Não consinto que me batam, milorde.
KENT · Nem que te dêem um pontapé, meu jogador de futebol?

(Dá-lhe um pontapé.)

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Agradeço-te, companheiro; tu me serves, e eu passarei a estimar-te.
KENT · Vamos, senhor, levantai-vos! Fora daqui! Vou ensinar-vos a distinguir as pessoas. Fora! Fora! Se quiserdes medir outra vez vosso comprimento de labrego, é só continuardes aqui. Caso contrário, fora! Vamos! Não tendes senso? Assim!
(Empurra Osvaldo para fora.)
LEAR · Muito obrigado, amigo servidor; aqui está pelo teu serviço.
(Dá dinheiro a Kent.)
(Entra o bobo.)
BOBO · Eu também desejo recompensá-lo; aqui está o meu barrete.
(Oferece o gorro o Kent.)
LEAR · Então, meu belo peralta, que estás fazendo?
BOBO · Amigo, farias bem em aceitar o meu gorro.
KENT · Por quê, bobo?
BOBO · Por teres tomado o partido de quem já caiu no desagrado. É assim; se não puderes sorrir do lado do vento, em pouco tempo apanharás resfriado. Toma; fica com o meu gorro. Ora vê, este sujeito baniu duas de suas filhas e fez um grande favor à terceira, contra a própria vontade dela. Se vais segui-lo, precisarás usar o meu gorro. Então, meu tio? Quisera ter dois gorros e duas filhas.
LEAR · Por quê, menino?
BOBO · Se eu chegasse a lhes dar todos os meus haveres, me reservaria os gorros. Este aqui me pertence; pede outro a tuas filhas.
LEAR · Toma cuidado com a chibata, maroto!
BOBO · A verdade é um cachorro que se mete na casinha e precisa ser chibateado para sair, enquanto a senhora galga pode ficar a feder junto do fogo.
LEAR · Pestilência amarga para mim!
BOBO *(a Kent)* · Amigo, vou ensinar-te um discurso.
LEAR · Ouçamo-lo.
BOBO · Toma nota, tio:
Não esbanjes teu estado;
embora o saibas, calado;
não andes, sejas levado;
no aprender, muito cuidado;
guarda sempre o mor bocado;
deixa as mulheres e o vinho;
não te metas com o vizinho,
porque em uma e outra dezena
terás mais uma vintena.
KENT · Isso tudo e nada é a mesma coisa, bobo.
BOBO · Então é como discurso de advogado sem salário. Destes-me nada por ele. Tio, poderíeis fazer algum uso de nada?
LEAR · Não, menino; nada pode ser feito de nada.
BOBO *(a Kent)* · Por obséquio, dize-lhe a quanto monta a renda de suas terras; ele não acredita num bobo.
LEAR · Um bobo amargo.
BOBO · Saberás dizer, meu rapaz, que diferença há entre um bobo amargo e um bobo doce?
LEAR · Não, menino; ensina-ma.
BOBO · Quem o conselho te deu
de doar todas as tuas terras
põe aqui ao lado meu,
e o dele toma; não erras:
verás logo, lado a lado,
o doce bobo e o amargoso;
um aqui, sarapinrado,
o outro aí mesmo, achacoso.
LEAR · Com isso queres dizer que eu sou bobo, menino?
BOBO · Já abriste mão de todos os outros títulos; esse é o único que te veio do berço.
KENT · Milorde, o que ele disse não é inteiramente destituído de senso.
BOBO · Não, por minha fé; os senhores e os grandes não permitirão que eu fique sozinho; se eu obtiver o monopólio, eles hão de querer sua parte, e as senhoras também; não deixarão que toda a loucura fique comigo; virão arrebatar-me um pedaço. Tio, dá me um ovo, que te darei duas coroas.
LEAR · Que espécie de coroas?
BOBO · Ora, depois de haver cortado o ovo em duas partes e comido o seu conteúdo, as duas coroas do ovo. Quando partiste pelo meio a tua coroa e deste as duas metades, carregaste o burro às costas através do atoleiro. Não tinhas espírito em tua coroa calva, quando fizeste presente da de ouro. Se eu falar sobre isso como costumo, que seja chicoteado o primeiro que me compreender.
Nunca os lobos passaram tanto apuro.
O sábio é tolo e fraco;
a mente não podendo usar no escuro,
vive como macaco.
LEAR · Desde quando ficaste tão amigo de canções, maroto?

shakespearebrasileiro.org

Bobo · Ora, tio, desde que de tuas filhas fizeste tuas mães. Porque desde que lhes entre gaste a vergasta e desceste os calções,
elas choram de alegria;
de tristeza eu rio e canto,
por ver um Rei na folia
mas na cabeça, nem tanto.
Tio, por obséquio, arranja um mestre-escola que ensine teu bobo a mentir. Desejara muito aprender a mentir.
Lear · Se mentires, maroto, serás açoitado.
Bobo · Não posso compreender que tu e tuas filhas sejais aparentados; elas me açoitam por eu dizer a verdade, enquanto tu pretendes fazer o mesmo no caso de eu mentir, sem contarmos que algumas vezes tenho sido açoitado por estar quieto. Quisera ser tudo neste mundo, menos bobo, mas não desejo ser o que és, tio; dos dois lados raspaste o espírito, sem deixar nada no meio. Aí vem vindo uma das raspadoras.

(Entra Goneril.)

Lear · Então, filha? Por que esse diadema carrancudo? Ultimamente só parece que andais sempre de sobrecenho fechado.
Bobo · Tu eras um belo tipo, quando não precisavas preocupar-te com as suas carrancas; agora és um zero sem número. Presentemente, sou mais do que tu; sou um bobo, ao passo que tu és nada. *(A Goneril.)* Pois não, pois não! Vou segurar a língua, que é o que vossa fisionomia me está ordenando, muito embora nada houvésseis dito.

Mum, mum!
Quem não guardou mel nenhum,
tem de viver em jejum.

Ali está uma ervilha sem grão.

(Apontando para Lear.)

Goneril · Não somente, senhor, o vosso bobo,
que se permite muitas liberdades,
como outros cavaleiros insolentes
de vosso séquito, a cada hora brigam
e suscitam questões, fazendo arruaças
de todo intoleráveis. Pois, senhor,
pensei que, pondo-vos a par do fato,
acharia remédio; mas começo,
realmente, a me temer, pelo que há pouco
dissestes e fizestes, que esse abuso
apoio encontra em vós, tomando alento
em vossa tolerância. Se for isso,
não deixará de ser punida a falta
nem de velar os meios de defesa
que, ao bem-estar de todos só visando,
poderá ofender-vos por maneira
que, em outras conexões, fora aprobriosa,
mas que a necessidade o nome empresta
de conduta discreta.
Bobo · Porque, como sabeis, tio,
tanto ao pardal o cuco deu bom milho.
que a cabeça esmagou-lhe o próprio filho.
E assim a luz se apagou e nós ficamos no escuro.
Lear · Sois nossa filha?
Goneril · Desejara que usásseis o bom senso
de que vos sei provido e que pusésseis
de lado essas disposições recentes
que a tal ponto vos tem mudado a essência.
Bobo · Não saberá um asno, quando a carroça puxa o cavalo? "Toca, Jug! Eu te amo!"
Lear · Conhece-me ainda alguém? Não, não é Lear.
Andava Lear assim? Falava assim?
Onde terá os olhos? Há de fraca
ter a razão e rombos os sentidos.
Estarei acordado? Não. Quem pode
vir-me contar quem em verdade eu seja?
Bobo · A sombra de Lear.
Lear · Desejaria aprender isso, porque pelos atributos da soberania, do conhecimento e da razão, eu seria levado a crer que tive filhas.
Bobo · Que fariam de vós um pai obediente.
Lear · Como vos chamais, bela senhora?
Goneril · Esse espanto, senhor, é mui do gosto
de vossa nova telha. Desejara
que compreendêsseis bem minha intenção.
Por velho e venerável, deveríeis
ser sensato também. Uma centena
de cavaleiros e escudeiros tendes
para servir-vos, gente de tal modo
desordeira, atrevida e depravada,
que nossa corte, corrompida pelas
práticas deles todos, se assemelha
a taberna em motim. O epicurismo
e a torpeza fizeram-na tornar-se
mais taberna e bordel do que palácio
cheio de tradições. O próprio pejo

shakespearebrasileiro.org

está a exigir uma medida urgente.
Deixai-vos, pois, rogar por quem, sem isso,
vos tomara o que pede, isto é, de um pouco
reduzir vosso séquito, devendo
ser o restante, apenas, destinado
a vos cuidar da idade e, sobretudo,
ter consciência de vós e dessa gente.
LEAR · Demônio e inferno! Tragam meu cavalo!
Reuni logo meu séquito! Bastarda
degenerada, não desejo ser-te
pesado em nada. Resta-me outra filha.
GONERIL · Bateis na minha gente, e essa canalha
desordenada trata os superiores
como se fossem criados.

(Entra Albânia.)

LEAR · Ai de quem se arrepende tardiamente!

(A Albânia.)

Oh senhor, vós aqui? São ordens vossas?
Falai, senhor! — Olá! Mandai trazer-me
o meu cavalo! — Ingratidão, demônio
de coração de mármore, mais feio,
quando numa criança se revela.
do que o monstro marinho.
ALBÂNIA · Por obséquio,
senhor, ficai mais calmo.
LEAR *(a Goneril)* · Detestável
harpia, estás mentindo! Minha gente
toda é escolhida e de costumes limpos;
conhecedores são de seus deveres
e com muito cuidado mantêm sempre
a honra do próprio nome. Oh faltazinha.
como em Cordélia apareceste feia!
Tu, como banco de tormento, as traves
de minha natureza deslocaste
de seu estado fixo e todo o afeto
me chupaste do peito, transformando-o
no fel mais amargoso. Oh Lear! Oh Lear!

(Batendo na testa.)

Bate agora a esta porta, que a loucura
deixou entrar e o teu tão caro juízo
permitiu que saísse. Vamos, vamos,
o minha gente!
ALBÂNIA · Senhor, sou inocente.
como não sei também qual o motivo
que vos deixou colérico.
LEAR · É possível,
meu senhor. Natureza, agora me ouve!
Deusa querida, atende-me! Suspende
teus desígnios, se acaso pretendias
deixar fecunda agora esta criatura;
ao ventre lança-lhe a esterilidade,
ressequidos lhe deixa os órgãos todos
da procriação, não permitindo nunca
que lhe nasça do corpo desprezível
uma criança que a possa honrar um dia.
Se tiver de procriar, que tenha um filho
feito só de malícia, porque viva
para um desnaturado e pervertido
tormento lhe ser sempre. Que lhe faça
muitas rugas nascer na fronte jovem
e, com ardentes lágrimas, profundos
sulcos lhe abra nas faces; que compense
com chacotas e riso os sofrimentos
e cuidados matemos, para que ela
possa ver como dói mais fundamente
que o dente da serpente a filha ingrata.
Fora daqui! Partamos!
ALBÂNIA · Deuses do alto,
que adoramos, que é que houve?
GONERIL · Não vos seja
preocupação saberdes o motivo.
Que seus caprichos tenham livre o campo
que sua caduquice lhes confere.

(Volta Lear.)

LEAR · Como! Cinqüenta dos meus homens, postos
de lado, de uma vez, em quinze dias?
ALBÂNIA · Que aconreceu. senhor?
LEAR · Já vou contar-te.

(A Goneril.)

Vida e morte! Envergonha-me que tenhas
poder para abalar dessa maneira
minha virilidade o que estas lágrimas
escaldantes, que à força se me escapam,
te façam parecer condigna delas.
Caiam em ti nevoeiros e rajadas.
Que as feridas profundas da paterna
maldição os sentidos te corroam.
Velhos olhos e tontos, se chorardes
novamente essa causa, hei de arrancar-vos
para ao barro atirar-vos e, com as gotas
que estiverdes perdendo, amolecê-lo.
Chegamos a este ponto? Pois que seja!
Outra filha me resta, estando eu certo
de que ela é para mim bondosa e afável.

shakespearebrasileiro.org

Quando vier a saber o que fizeste.
há de com as próprias unhas arranhar-te
essas feições de lobo. Então, a forma
me verás reassumir que ora presumes
perdida para sempre. É o que te digo.

(Saem Lear, Kent e séquito.)

Goneril · Ouvistes tudo?

Albânia · Goneril, não posso
ser tão parcial, embora vos estime...

Goneril · Por obséquio, é o bastante. Olá! Osvaldo!
(Ao bobo.) Vós, senhor, mais velhaco do que bobo,
segui vosso patrão.

Bobo · Tio Lear! Tio Lear! Espera aí e leva o bobo
contigo!
Se uma raposa eu pegasse
com sua filha repace
e o couro dela tirasse...
De gorro assim sobre a face,
seria o bobo da classe.

(Sai.)

Goneril · Esse homem tem razão: cem cavaleiros!
Fora boa política, em verdade,
deixá-lo com cem homens que, por nada,
qualquer queixa, capricho ou fantasia,
armas à caduquice lhe dariam,
ficando dependendo nossas vidas
só de sua mercê. Olá, Osvaldo!

Albânia · Vosso medo é excessivo.

Goneril · É mais seguro
do que confiar demais. É preferível
o obstáculo afastar de que me temo,
a temer ser pegada de surpresa.
Conheço-o muito bem; já por escrito
comuniquei à mana o que ele disse.
Se ela o aceitar com todos os seus homens
depois de eu ter mostrado...

(Entra Osvaldo.)

Então, Osvaldo,
já escrevestes a carta para a mana?

Osvaldo · Sim, escrevi, senhora.

Goneril ·
Levai convosco alguns dos nossos homens
e parti a cavalo. Dai-lhe plenas
informações de tudo o que receio,
acrescentando o que quiserdes, para
reforçar o recado. Parti logo,
e, assim, voltai depressa.

(Sai Osvaldo.)

Não, milorde.
essa brandura que mostrais, leitosa,
conquanto eu não censure, permiti-me
que vos diga, porém: mais censurado
sois por falta de senso do que mesmo
louvado por bondoso em demasia.

Albânia · Não sei até onde vosso olhar alcança,
mas temo que estrageis a boa usança.

Goneril · Então...

Albânia · Bem, bem; os fatos o dirão.

(Saem.)

Ato I · Cena V

Pátio diante do mesmo.
Entram Lear, Kent e o bobo.

Lear · Parti na frente, para Gloster, com estas
cartas. Não conteis a minha filha do que sabeis senão
o que ela vos perguntar com relação ao assunto
da carta. Se não fordes muito diligente no recado,
chegarei lá primeiro.

Kent · Não dormirei, senhor, enquanto não tiver
entregue vossa carta.

(Sai.)

Bobo · Se o homem tivesse o cérebro no calcanhar,
não correria o risco de apanhar freira?

Lear · Correria, pequeno.

Bobo · Então peço-te que fiques alegre, porque o teu
espírito não irá andar de chinelas.

Lear · Ah, ah, ah!

Bobo · Vais ver como tua outra filha te trata bem,
porque embora ela se pareça tanto com esta aqui
como uma maçã silvestre com uma maçã comum,
posso dizer o que posso dizer.

Lear · Que é que podes dizer, pequeno?

Bobo · Que ela te vai ser de gosto tão idêntico ao
gosto desta como o de duas maçãs silvestres. Saberás
dar-me a razão de termos o nariz no meio do rosto?

Lear · Não.

shakespearebrasileiro.org

BOBO · Ora, é para ficarmos com um olho de cada lado do nariz, a fim de espiarmos o que não pudermos cheirar.
LEAR · Fui injusto com ela...
BOBO · Sabes como é que a ostra fabrica a valva?
LEAR · Não.
BOBO · Nem eu; mas poderei dizer-te porque o caracol tem casa.
LEAR · Por que é?
BOBO · Ora, é para guardar a cabeça e não a dar às filhas, ficando, assim, sem ter onde guardar os cornos.
LEAR · Quero esquecer minha natureza. Um pai tão carinhoso! Estão prontos os cavalos?
BOBO · Teus asnos foram procurá-los. A razão por que as sete estrelas não são mais de sete é muito interessante.
LEAR · Não é por não serem oito?
BOBO · Justamente. Darias um excelente bobo.
LEAR · Retomá-lo pela força! Ingratidão monstruosa!
BOBO · Se tu fosses o meu bobo, tio, eu te daria uma sova por teres ficado velho antes do tempo.
LEAR · Como assim?
BOBO · Não devias ter envelhecido antes de ficares sábio.
LEAR · Não quero ficar louco, céu bondoso!
Mantém-me o juízo; tudo menos louco!
(Entra um gentil-homem.)
Então, estão prontos os cavalos?
GENTIL-HOMEM · Estão prontos, senhor.
LEAR · Vamos, pequeno.
BOBO · A donzela que rir de mim neste momento, donzela não será, se é certo o que ora avento.
(Saem.)

Ato II · Cena I

Pátio diante do castelo do duque de Gloster.
Entram Edmundo e Curan, que se encontram.

EDMUNDO · Deus te guarde, Curan.
CURAN · E a vós também, senhor. Estive com vosso pai e lhe dei a notícia de que o duque de Cornualha e Regane sua duquesa chegarão aqui esta noite.
EDMUNDO · E por que isso?
CURAN · Ignoro-o. Não ouvistes as notícias que correm por aí? Refiro-me apenas às que são cochichadas e que não são mais do que assuntos soprados aos ouvidos.
EDMUNDO · Eu? Não. Por obséquio, quais são elas?
CURAN · Não ouvistes dizer que é muito provável uma guerra entre os duques de Cornualha e de Albânia?
EDMUNDO · Nem uma palavra.
CURAN · Então ainda haveis de ouvir algo a esse respeito. Passai bem, senhor.
(Sai.)
EDMUNDO ·
O duque aqui esta noite? Melhor... Ótimo!
Isso cai mesmo certo no meu plano.
Meu pai pôs gente em busca de meu mano
e um negócio nauseoso ainda me resta
para ser posto em prática. Mãos à obra.
Celeridade e sorte! Mano, mano!
Uma palavra! Vinde! Estou chamando!
(Entra Edgar.)
Meu pai está de espreita. Oh! Fugi logo;
deixai o esconderijo, que este ponto
já se tornou sabido. É conveniente
aproveitar a noite. Por acaso
não vos manifestastes em prejuízo
do duque de Cornualha? Ele vem vindo
para aqui, apressado, em plena noite,
e Regane com ele. Não dissestes
a favor dele nada, contra o duque
de Albânia? Pensai bem.
EDGAR · Não disse nada,
tenho certeza.
EDMUNDO · Ouço meu pai que chega.
Perdoai-me, mas por fingimento, apenas,
tirai também a espada e defendei-vos.
só por simulação. Parti, agora. —
Rendei-vos! Vamos ante nosso pai!
Luz, aqui! — Fugi, mano! — Tochas! Tochas! —
Assim. Adeus, adeus. *(Sai Edgar.)* Agora um pouco
de sangue há de fazer nascer a idéia
de um combate mais sério.
(Fere-se no braço.)
Já vi bêbedos
fazer por brincadeira mais do que isso.

shakespearebrasileiro.org

Pai! Pai! Prendei! Prendei! Ninguém me ajuda?
(Entram Gloster e criados, com tachas.)
GLOSTER · Edmundo, onde está o biltre?
EDMUNDO · Aqui se achava,
no escuro, espada em punho, depravados
conjuros resmungando e, como a dama
auspiciosa, a invocar a própria lua.
GLOSTER · Mas onde está?
EDMUNDO · Senhor, estou sangrando.
GLOSTER · Mas onde está esse vilão, Edmundo?
EDMUNDO · Fugiu por lá, senhor, quando viu que era
de todo inútil...
GLOSTER · Lá? Ide atrás dele!
(Saem alguns criados.)
"De todo inútil..." Quê?
EDMUNDO · Sim, persuadir-me
a vos tirar a vida. Respondi-lhe
que os deuses vingadores desferiam
seus duros raios contra os parricidas;
lembrei-lhe os laços múltiplos e fortes
que aos pais os filhos prendem. Em resumo,
senhor: vendo o desgosto que eu opunha
a suas intenções desnaturadas,
enraivecido, espada em punho, ataca-me
o corpo exposto e o braço aqui me fere.
Mas ao ver que os espíritos eu tinha
bem despertos e que pela justeza
da causa a combatê-lo se atreviam,
ou por eu ter muito barulho feito,
de repente, fugiu.
GLOSTER · Pode esconder-se
onde quiser, que neste território
encontrado há de ser. E, uma vez preso...
liquidado. Meu mestre, o nobre duque,
meu mui digno patrono e amado príncipe
chega esta noite. Assim, proclamarei,
com sua autoridade, que há de nossa
graça alcançar quem quer que encontre o biltre
e o covarde assassino entregue ao cepo.
E se alguém o esconder, morra igualmente!
EDMUNDO · E quando procurava dissuadi-lo
de semelhante intento, achando-o cada
vez mais determinado em realizá-lo,
e ameacei denunciá-lo, respondeu-me:
"Bastardo sem haveres, então pensas
que, se acareados fôssemos, alguma
confiança em teu valor, virtude ou mérito
reforçar poderia o que dissesses?
Não; pois o que eu negasse — e hei de fazê-lo,
embora apresentasses cartas minhas —
atribuiria tudo a teus conselhos,
traça e manobras pérfidas. Preciso
fora deixares tolo o mundo inteiro,
para que ninguém visse quanto o lucro
de minha morte te seria estímulo
para que a procurasses".
GLOSTER · Celerado
teimoso e endurecido! Negaria
sua própria carta? Não. não é meu filho.
(Fanfarras.)
Atenção! As trombetas são do duque.
Não sei por que motivo nos visita.
Os portos fecharei, para que o biltre
não nos possa escapar. O duque me há de
permitir isso. Espalharei por toda
parte o retrato dele; assim, o reino
conhecerá seus traços. Minhas terras,
rapaz fiel e natural, recursos
hei de arranjar para que a herdá-las venhas.
(Entram Cornualha, Regane e séquito.)
CORNUALHA · Então, meu nobre amigo? Desde o instante
que aqui cheguei — e foi neste momento —
soube coisas mui raras.
REGANE · Confirmadas,
toda vingança ainda não bastara
para ir sobre o ofensor. Então, milorde?
GLOSTER · Oh senhora, senhora! Espedaçado
ficou-me o coração. Espedaçado!
REGANE · Como! O afilhado de meu pai tentou
contra vossa existência? Aquele mesmo
em que meu pai pôs nome? Vosso Edgar?
GLOSTER · Oh senhora! A vergonha ora me manda
ficar calado.
REGANE · Acaso ele não era
companheiro dos homens turbulentos
que servem a meu pai?
GLOSTER · Não sei, senhora
Oh! É terrível tudo!
EDMUNDO · Sim, senhora;
pertencia a esse bando.
REGANE · Se assim é, não admira que mostrasse
sentimentos tão baixos. Partiu deles
a idéia de matar o velho, para

shakespearebrasileiro.org

desbaratarem logo seus haveres.
De minha irmã recebi hoje cedo
boas informações sobre essa gente,
com tantas advertências, que, se acaso
quiserem ir parar em minha casa,
não me encontrarei lá.
CORNUALHA · Nem eu, Regane.
Edmundo, soube agora que prestastes
a vosso pai serviços de bom filho.
EDMUNDO · Só fiz o meu dever.
GLOSTER · Fez frustrar a manobra do outro, tendo
recebido a ferida que aqui vedes,
quando tentou prendê-lo.
CORNUALHA · Seguiu gente
no encalço dele?
GLOSTER · Sim, meu bom senhor.
CORNUALHA · Sendo apanhado, havemos de deixá-lo
em condições de nunca mais receio
vir a causar a alguém. Tomai vós mesmo
todas as providências e disponde
do meu poder como vos for do agrado.
E vós, Edmundo, tão recompensado
neste momento, assim pela obediência
como pela virtude, sereis nosso.
Pessoas de lealdade tão provada
são muito necessárias. Começamos,
assim, por nos apoderar de vós.
EDMUNDO · Embora mais não faça, hei de lealmente
servir a meu senhor.
GLOSTER · Muito agradeço
por ele a Vossa Graça.
CORNUALHA · Com certeza
não sabeis a razão desta visita...
REGANE · ...assim fora de tempo, abrindo nosso
caminho pela noite de olhos negros.
Motivos, nobre Gloster, de algum peso
tornam vossos conselhos necessários.
Nosso pai nos escreve, e nossa mana.
sobre certos dissídios, parecendo-me
mais acertado responder a todos
longe de nossa casa. Os mensageiros
estão aqui à espera da resposta.
Velho e bondoso amigo, deixai calmo,
de todo, o coração, e em nosso auxílio
vinde com bons conselhos sobre assunto
que exige muita urgência.
GLOSTER · Ao vosso inteiro
dispor, senhor, me encontro. Vossas Graças
são bem-vindas aqui.

(Saem.)

Ato II · Cena II

Diante do castelo de Gloster.
Entram Kent e Osvaldo, por lados diferentes.

OSVALDO · Boa manhã para ti, amigo; és desta casa?
KENT · Sou.
OSVALDO · Onde poderemos pôr os cavalos?
KENT · No charco.
OSVALDO · Informa-me, por obséquio, se me tens
amizade.
KENT · Não te tenho amizade nenhuma.
OSVALDO · Nesse caso não me preocuparei contigo.
KENT · Se eu te pegasse no curral de Lipsbury,
obrigar-te-ia a te preocupares comigo.
OSVALDO · Por que me tratas desse modo? Não te
conheço.
KENT · Mas eu te conheço, traste.
OSVALDO · Por quem me tomas tu?
KENT · Por um biltre, um canalha, devorador de
restos; um biltre ignóbil, atrevido, oco, indigente, de
três librés, massa-bruta, imundo, de meias estragadas;
um biltre com fígado de lírio, um chicanista; nascido
na sarjeta, namorador do espelho, espinha mole,
petimetre; um lacaio que só herdou uma roupa,
um tipo que servirá de alcoviteiro, à guisa de bons
serviços, mas que não passa de um misto de velhaco,
mendigo, covarde, alcoviteiro e herdeiro de uma cadela
bastarda; um tipo em que darei uma coça de arrancar
rugidos, no caso de contestares a menor sílaba de
todos estes teus títulos honoríficos.
OSVALDO · Ora, que sujeito monstruoso és tu, para
deblaterares contra uma pessoa que nem te conhece
nem é conhecida por ti?
KENT · Que tipo de cara de bronze és tu, para
dizeres que não me conheces, se há dois dias eu te

shakespearebrasileiro.org

dei um pontapé na frente do Rei? Saca a tua espada, pulha; ser noite não importa, visto que há luar; vou fazer de ti uma sopa à luz da lua.

(Sacando da espada.)

Vamos, desembainha também a tua espada, maroto, coisa à-toa, peralvilho! Vamos, desembainha!

Osvaldo · Retira-te daqui! Não tenho nada que ver contigo.

Kent · Desembainha, maroto! Trouxestes cartas contra o Rei e tomais o partido da boneca vaidosa, contra a realeza do pai dela. Saca a espada, biltre; senão retalho-te as canelas. Saca da espada, biltre! Toma posição!

Osvaldo · Socorro! Olá! Assassino! Socorro!

Kent · Ataca, escravo! Defende-te, patife! Defende-te! Vamos, ataca, lacaio!

(Bate-lhe.)

(Entra Edmundo, de florete na mão.)

Edmundo · Então, que aconteceu?

Kent · É convosco, se vos aprouver, meu rapazinho. Vinde, meu jovem mestre, que desejo dar-vos uma lição.

(Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.)

Gloster · Espadas! Armas! Que se passa aqui?

Cornualha · Por vossa vida, paz!
Morre quem prosseguir. Que é que se passa?

Regane · Os mensageiros são do Rei e da mana.

Cornualha · Qual o motivo dessa briga? Vamos!

Osvaldo · Quase não posso respirar, milorde.

Kent · Não admira, pois forçaste demais a valentia. Pulha covarde! A natureza te renega; foste feito por algum alfaiate.

Cornualha · És um tipo curioso; um alfaiate fazer um homem?

Kent · Sim, um alfaiate, senhor; um escultor ou um pintor não o teriam feito tão mal, ainda que só trabalhassem duas horas.

Cornualha · Falai vós agora: que foi que originou essa briga?

Osvaldo · Este velho desordeiro, senhor, cuja vida eu poupei só por causa daquelas barbas brancas...

Kent · Z amaldiçoado! Letra inútil! Milorde,
se o permitirdes, amassarei num pilão esse vilão grosseiro, para enlambuzar com ele as paredes da latrina. Então poupastes-me as barbas brancas, meu ranheta?

Cornualha · Silêncio, biltre!
Grosseirão, desconheces o respeito?

Kent · Conheço, sim senhor; mas é que a cólera também tem privilégios.

Cornualha · Por que causa
ficastes tão colérico?

Kent · Por ver de espada um pulha destituído
de honestidade. Os biltres sorridentes
como este aqui, tal qual os ratos, roem
os laços sacrossantos que, por fortes,
não podem desmanchar; adulam todas
as paixões que refervam no imo peito
de seus amos; no fogo põem mais óleo;
mais neve, nos humores, de si frios;
afirmam, negam, viram seus pescoços
de alcião, de acordo com as menores brisas
e variações dos amos, ignorando,
como os cães, tudo o mais, senão seguir.
A peste nessa cara de epiléptico!
Do meu discurso ris como de um tolo?
Ganso, se eu te apanhasse na planície
de Sarnum, tocar-te-ia a Camelot,
fazendo-te grasnar.

Cornualha · Que é isso, velho?
Ficastes louco?

Gloster · Qual a razão disso?
Vamos, falai.

Kent · Não pode haver contrários
que revelem maior antipatia
do que eu e esse patife.

Cornualha · Por que causa
o chamas de patife? Que te fez?

Kent · Não vou com a cara dele.

Cornualha · Nem com a minha,
não é assim? E a deste aqui, e a dela?...

Kent · Senhor, tenho por hábito ser franco:
em minha vida toda já vi rostos
mais agradáveis do que quantos posso
discernir sobre os ombros dos presentes.

Cornualha · É algum sujeito que por já ter sido
louvado de franqueza, usa linguagem
rude e insolente, contra as próprias vestes
de sua natureza. É-lhe impossível
adular. Não! Caráter reto e honesto.
Só diz o que é a verdade; os mais que a aceitem,
se puderem; se não, falou sincero.
Conheço muito bem esses bargantes,
cuja franqueza abriga mais enganos
e corruptos intentos do que vinte

shakespearebrasileiro.org

desses coitados cheios de zumbaias
que cumprem belamente seus deveres.
KENT · Por minha alma, senhor, pela verdade,
com a permissão de vosso augusto aspecto,
cujo poder é como a auréola rútila
da cabeça de Febo coruscante...
CORNUALHA · Que pretendeis com isso?
KENT · Deixando de lado meu estilo, que tanto
desaprovais, senhor, sei perfeitamente que não
sou bajulador. Quem vos enganou com fraseado
polido não passava de um velhaco, o que, de minha
parte, não pretendo ser, ainda que disso me adviesse
conquistar o vosso desagrado.
CORNUALHA · Que ofensa lhe fizestes?
OSVALDO · Eu? Nenhuma.
Por um mal-entendido, não faz muito,
aprouve ao Rei, seu mestre, castigar-me.
Para adular-lhe a cólera, atirou-se-me
este aqui por detrás e derrubou-me.
sobre insultar-me, por me ver caído,
remoques atirando-me e estadeando
tanta virilidade, como se algo,
de fato, fosse, e encômios ganhou logo
do Rei, porque atacara quem já estava
vencido por si mesmo. E ora, animado
pelo êxito de tão grandioso feito,
me atacou novamente.
KENT · Todos esses
covardes e mandriões fazem de bobo
ao próprio Ajaz.
CORNUALHA · Tragam-me logo o cepo!
Maroto pertinaz, encanecido
fanfarrão, haveremos de ensinar-vos...
KENT · Senhor, para aprender sou muito velho.
Para mim não mandeis trazer o cepo.
Pertenço ao Rei, e foi por seu mandado
que vos vim procurar. Revelaríeis
pouco respeito e excesso de arrogância
contra a pessoa e a graça de meu amo,
pondo no cepo o mensageiro dele.
CORNUALHA ·
Trazei-me o cepo! Por minha alma e honra,
há de ficar aí até ao meio-dia.
REGANE · Meio-dia? Até à noite, meu senhor;
à noite toda, aliás.
KENT · Como, senhora!
Se eu fosse o cão de vosso pai, decerto
não me daríeis esse tratamento.
REGANE · Mas dou-vo-lo, por serdes seu criado.
CORNUALHA · Este tipo é da cor dos que nos fala
nossa irmã. Vamos; tragam logo o cepo!
(O cepo é trazido.)
GLOSTER · Deixai-me suplicar a Vossa Graça
que não façais tal coisa. Sua falta
foi grande; mas o Rei, seu bondoso amo,
saberá castigá-lo. A pena baixa
que ora lhe destinais só é aplicável
aos mais vis trangressores, por delitos
ordinários ou crimes de pilhagem.
O Rei há de achar mal ver-se tratado
com tão pouco respeito no emissário
que aqui vai ficar preso.
CORNUALHA · Isso é comigo;
responderei por tudo.
REGANE · Pior ainda
há de achar minha irmã que houvesse sido
agredido e insultado o gentil-homem
da parte dela. — Assim; prendei-lhe os pés.
Caro senhor, partamos.
(Kent é posto no cepo.)
(Saem todos, com exceção de Gloster e Kent.)
GLOSTER · Amigo, dás-me pena; mas o duque
foi que o determinou, sabendo todos
que seu temperamento não suporta
ser friccionado em nada ou posto em xeque.
Hei de pedir por ti.
KENT · Não, por obséquio,
senhor; não dormi nada e andei bastante.
Parte do tempo dormirei; o resto
passarei assobiando. Pode dar-se
que pelos calcanhares cresça a sorte
de um homem de valor. Dou-vos bom dia.
GLOSTER · Está errado o duque. Isto vai mal.
(Sai.)
KENT · Bom Rei, confirmas o brocardo antigo:
deixas as bênçãos de um céu calmo e límpido
pelo sol escaldante.
Vem para perto, luz do mundo baixo,
porque eu consiga ler esta missiva
sob os teus raios brandos. Quase nunca
vemos milagres, se não for apenas
quando infelizes. Veio-me esta carta,
sei-o bem, de Cordélia, que, por sorte,
ficou sabendo de meu curso obscuro
e há de achar ocasião, nesta nossa época
desordenada, para dar remédio

shakespearebrasileiro.org

ao que estiver doente. Tão cansados
por contínuas vigílias, alegrai-vos,
olhos pesados, por não conseguirdes
ver bem neste aposento vergonhoso.
Fortuna, passa bem; sorri de novo
e faze andar mais uma vez a roda.

(Adormece.)

Ato II · Cena III

Uma parte da charneca.
Entra Edgar.

EDGAR · Eu próprio ouvi o pregão em que diziam
que me acho foragido, tendo à caça
conseguido escapar no oco de uma árvore.
Não há porto algum livre, nenhum ponto
em que não haja guarda e rigorosa
vigilância, no intuito de apanhar-me.
Salvo estarei enquanto fugir deles,
pretendendo assumir a mais abjeta,
mais humilde aparência com que nunca,
no seu desprezo aos homens, a miséria
dos animais se houvesse aproximado.
Lama no rosto hei de passar, nos lombos
porei qualquer coberta, desmanchados
trarei sempre os cabelos, e, com minha
nudez patente, hei de enfrentar a fúria
dos ventos e do céu. Tenho modelos
e precedentes aqui mesmo, nesses
mendigos tresloucados que, com urros,
nos braços nus e entorpecidos cravam
alfinetes, espinhos, pregos, ramos
de rosmaninho e, assim, de aspecto horrível,
nas cabanas, nas vilas miseráveis,
nos apriscos de ovelhas, nos moinhos,
com imprecações de loucos ou com rezas
a caridade forçam. Pobre Tom!
Pobre Turlu! Já sou alguma coisa;
mas, como Edgar, serei coisa nenhuma.

(Sai.)

Ato II · Cena IV

Diante do castelo de Gloster. Kent no cepo.
Entram Lear, o bobo e um gentil-homem.

LEAR · É estranho que de casa se partissem
sem me terem reenviado o mensageiro.
GENTIL-HOMEM ·
Pelo que saber pude, até esta noite tenção
não tinham de sair de casa.
KENT · Salve, meu nobre mestre!
LEAR · Como! Fazes
da vergonha recreio?
KENT · Não, milorde.
BOBO · Ah! ah! Usa ligas muito duras. Os cavalos
são amarrados pela cabeça; cachorros e ursos, pelo
pescoço; os macacos, pela cintura, e os homens
pelas pernas. Quando alguém tem as pernas muito
desenvoltas, calça meias de pau.
LEAR · Quem errou a tal ponto com teu posto,
para te por aí?
KENT · Foi ele e ela;
o filho e a filha vossa.
LEAR · Não!
KENT · É certo.
LEAR ·
Não, repito.
KENT · O contrário
eu também digo.
LEAR · Não fariam tal coisa.
KENT · Pois fizeram.
LEAR · Juro por Júpiter que não.
KENT · Por Juno,
torno a jurar que sim.
LEAR · Não o ousariam,
não poderiam tê-lo feito. Fora

shakespearebrasileiro.org

pior do que um assassínio tal ultraje
ao respeito infligir. Com a mais decente
pressa agora me conta de que modo
pudeste merecer, ou antes, eles
infligir-te essa pena, se aqui vieste
de nossa parte como mensageiro.
KENT · No instante em que, senhor, na casa deles
a missiva entreguei de Vossa Alteza,
sem que tivesse tido tempo ainda
de alçar-me do lugar em que se achava
meu dever ajoelhado, fumegante
chegou um correio, em água todo esfeito
de tanta pressa, o fôlego cortado,
a arquejar cumprimentos de sua ama,
Goneril. Entregou-lhes uma carta —
sem se importar com meu recado em curso —
que lida foi de pronto, e a cujo assunto
os homens logo reúnem, vão diretos
para os cavalos, dizem-me que os siga
e o vagar da resposta aqui esperasse,
dirigindo-me sempre olhares frios.
Tendo o outro mensageiro aqui encontrado,
cuja chegada, vira-o bem, a minha
havia envenenado — e que era o mesmo
velhaco que se comportara contra
Vossa Alteza com tanto atrevimento —
mostrando-me mais homem do que sábio,
saquei da espada, enquanto ele alarmava
toda a casa com berros de covarde.
Acharam, vosso filho e vossa filha,
essa infração bastante grave, para
o opróbrio merecer por que ora passo.
BOBO · O inverno ainda não passou, no caso de voarem
nesta direção os patos selvagens.
Quando os pais só vestem trapos,
  os filhos nem querem vê-los;
quando são ricos e guapos,
  são para eles só desvelos.
A Fortuna marafona
sempre os pobres abandona.
Mas apesar de tudo, tuas filhas te proporcionarão
mais dólares do que possas contar em um ano.
LEAR · Oh! Como ao peito esta paixão me sobe!
Desce. "histerica passio", dor que sobe!
É embaixo teu lugar. E onde está a filha?
KENT · Senhor, com o conde, aí dentro.
LEAR · Não me sigas;
espera aqui.
(Sai.)

GENTIL-HOMEM · Nenhuma ofensa, acaso,
fizestes, a não ser a que contastes?
KENT · Nenhuma.
Mas por que traz o Rei tão pouca gente?
BOBO · Se tivesses sido posto no tronco por essa
pergunta, fora bem merecido.
KENT · Por quê, bobo?
BOBO · Vamos pôr-te a aprender com uma formiga,
que te ensinará que no inverno não há trabalho.
Todas as pessoas que seguem o nariz são levadas
pelos olhos, com exceção dos cegos, não havendo
um só nariz, entre vinte, que não perceba quem está
fedendo. Solta a roda grande, quando ela começar
a rolar colina abaixo, se não quiseres quebrar o
pescoço; mas quando a roda grande subir a colina,
bem: que te arraste atrás dela. Quando um sábio
te der melhor conselho, dá-lhe o meu de retorno.
Quisera que só fosse seguido pelos velhos, por ser
conselho de bobo.
Quem a outrem serve e lucro tem em mira,
  e tudo o mais desleixa,
se chove, apronta a trouxa e, se retira,
  e no pegão o deixa.
Mas eu não fugirei; o bobo fica;
  seja o sábio fujão.
Bobo se torna um biltre, quando estica;
  mas biltre o bobo, não.
KENT · Onde aprendeste isso, bobo?
BOBO · Não foi no cepo, bobo.
(Volta Lear, com Gloster.)
LEAR · Recusam-se a falar-me?
Estão doentes? Fatigados? Viajaram toda a noite?
Meras tretas; imagens, tão-somente,
de revolta e abandono. Arranja-me outra
resposta mais razoável.
GLOSTER · Meu querido
senhor, conheceis bem a natureza
colérica do duque e como sempre
persistente se mostra e irredutível
em quanto determina.
LEAR · Vingança! Peste! Morte! Confusão!
Colérica? Que natureza? Oh Gloster,
escuta: falar quero, neste instante,
com o duque de Cornualha e sua esposa.
GLOSTER · Pois não, senhor; já lhes mandei recado.
LEAR · "Já lhes mandei recado!"
Entendes-me, homem?
GLOSTER · Entendo, bom senhor.

shakespearebrasileiro.org

LEAR · O Rei deseja
conversar com Cornualha, o pai querido
deseja conversar com a própria filha;
quer ser obedecido. Já lhes deram
semelhante "recado"? Sangue e vida!
Colérico! O duque é mui colérico!
Dizei ao duque ardente... Não; é cedo.
Pode ser que se encontre doente mesmo.
A descuidar nos levam sempre as doenças
dos deveres que impõe, sempre, a saúde.
Já não somos nós mesmos, quando, opressa,
ordena a natureza ao próprio espírito
que padeça com o corpo. Esperar devo;
combater quero este pendor violento
que me leva a tomar o acesso mórbido
pelo homem são. Que morra o meu prestígio!
(Olhando para Kent.)
Por que razão ele se encontra ali?
Esse ato me persuade de que a ausência
do duque e da duquesa é fingimento.
Ponham logo meu criado em liberdade!
Ide dizer ao duque e sua esposa
que desejo falar-lhes neste instante;
agora mesmo! Saiam para ouvir-me;
se não, em frente aos aposentos deles
irei tocar tambor de dar a morte
ao sono com o barulho.
GLOSTER · Quem me dera
que entre vós tudo viesse a concertar-se!
(Sai.)
LEAR · Ai de mim! Sinto o coração subir.
Para baixo, de novo!
BOBO · Grita com ele, tio, como fazia a cozinheira com as enguias, ao pô-las vivas na frigideira. Batia-lhes na cabeça com uma vara e gritava-lhes: "Para baixo, mal-educadas! Para baixo!" No entanto, tinha um irmão que, por pura bondade, passava manteiga no feno do cavalo.
(Entram Cornualha, Regane, Gloster e criados.)
LEAR · Bom dia aos dois.
CORNUALHA · E salve Vossa Graça.
(Kent é posto em liberdade.)
REGANE · Fico alegre por ver Vossa Grandeza.
LEAR · Sim, Regane, sei disso; como as causas
também de pensar dessa maneira.
Se o não ficasses, eu me divorciara
da tumba de tua mãe como da de uma
mulher adúltera. *(A Kent.)* Então, liberto?
Depois falamos nisso. Minha cara
Regane, ah! tua irmã não vale nada.
Oh Regane! a maldade corroedora
ela amarrou aqui, como um abutre.
(Indica o coração.)
Mal te posso falar. Não poderias
conceber a maneira desumana...
Ah, Regane!
REGANE · Por obséquio, senhor, tende paciência.
Penso que estais tão longe de apreciar-lhe
todo o mérito, como de esquecer-se
ela de seus deveres.
LEAR · De que modo?
REGANE · Não posso crer que minha irmã se tenha
descuidado no mínimo de suas
obrigações. Se acaso, meu senhor,
procurou restringir a turbulência
de vossos seguidores, deu-se tudo
com bases tais e tão recomendáveis
intenções, que de toda pecha a expungem.
LEAR · Lanço-lhe a maldição!
REGANE · Oh senhor, já estais velho! A natureza
chegou em vós ao seu confim postremo.
Devereis ser guiado e governado
por alguém que, melhor do que vós mesmo,
vossas necessidades compreendesse.
Assim, vos peço, retornai para ela,
senhor, e confessai que injusto fostes.
LEAR · Eu, pedir-lhe perdão? Vede como isso
vai bem com nossa casa: Amada filha,
confesso que sou velho, sendo certo
que a velhice é trambolho. Assim, de joelhos,
(Ajoelha-se.)
peço-vos conceder-me cama, roupa
e um pouco de alimento.
REGANE · Meu bondoso
senhor, não prossigais. São descabidas
essas momices. Retornai para ela.
LEAR *(levantando-se)* ·
Jamais, Regane; ela cortou-me o séquito
de metade dos homens, dirigiu-me
olhares carrancudos, alcançando-me
o coração com a língua viperina.
Que em sua fronte ingrata caiam todas
as vinganças que o céu guardado tenha.
Insuflai-lhe nos ossos jovens, ares
pestilenciais, humores deformantes!
CORNUALHA · Ora, senhor, que coisa!

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Lançai-lhe, raios ágeis, vossas flamas
ofuscantes nos olhos desdenhosos!
Infectai-lhe a beleza, brumas densas
aspiradas dos charcos e engendradas
pelo potente sol, para que venha
a abater-se-lhe o orgulho e encarquilhar-se.
REGANE · Oh deuses abençoados! Iguais votos
me fareis, quando vosso humor violento
tomar conta de vós.
LEAR · Jamais, Regane;
jamais terás a minha maldição.
Teu ser mui delicado não te leva
a nenhuma aspereza. Os olhos dela
são ferozes; os teus, porém, confortam,
não causam queimaduras. Não se casa
com tua natureza rogar praga
contra minhas vontades, reduzir-me
o séquito, lançar-me termos ásperos,
limitar-me a pensão e, finalmente,
ferrolhos antepor à minha entrada.
Não; mais do que ela sabes os deveres
da natureza, obrigações dos filhos,
o que a delicadeza impõe a todos
e à gratidão devemos. Esquecida
não estás da metade do meu reino,
que te entreguei por dote.
REGANE · Retornemos
ao assunto, senhor.
LEAR · Quem pôs meu homem
no cepo?

(Ouve-se toque de trombeta.)

CORNUALHA · Que trombeta será essa?
REGANE · Conheço o toque; é minha irmã. Sua carta
fica assim confirmada com a notícia
de que viria aqui. Chegou a senhora?

(Entra Osvaldo.)

LEAR · Eis um escravo, cujo orgulho fácil
e barato repousa nos favores
instáveis da senhora a que ele serve.
Fora da minha vista, sacripanta!
CORNUALHA ·
Que quer dizer com isso Vossa Graça?
LEAR · Quem ao cepo prendeu este meu criado?
Regane, espero que não saibas disto.
Mas quem vem lá?

(Entra Goneril.)

Oh céus, se amais os velhos,
se com a obediência vosso cetro brando
se compadece, se também sois velho,
tomai o meu partido e vinde pôr-vos
ao meu lado. *(A Goneril.)* Não tens vergonha, acaso,
de olhar para estas barbas? Oh Regane!
tomá-la pelas mãos?
GONERIL · Por que não há de
fazê-lo, meu senhor? Qual foi meu erro?
Nem tudo é ofensa que a tolice julga
e a loucura nomeia.
LEAR · Oh flancos! duros
sois por demais! Resistireis ainda?
Por que no cepo foi parar meu homem?
CORNUALHA · Fui eu que o pus aí, senhor; mas suas
desordens não faziam jus a tanta
promoção.
LEAR · Como assim! Fostes vós mesmo?
REGANE · Por obséquio, meu pai; já que sois fraco,
comportai-vos de acordo. Se até ao prazo
final de vosso mês vos conformardes
em voltar para a mana, e lá ficardes,
despedindo metade desse séquito,
vinde, então, para mim. Agora me acho
fora de casa, sem dispor dos meios
necessários a vosso tratamento.
LEAR · Procurá-la de novo? Cinqüenta homens
despedidos? Jamais! Preferiria
abjurar todo abrigo e expor-me à própria
inimizade do ar, em companheiro
transformar-me do lobo e da coruja,
sob a dura pressão da adversidade.
Voltar para ela? Esse ardoroso França,
que recebeu sem dote minha filha
mais nova, para mim fora mais fácil
diante do trono dele ir ajoelhar-me
e, tal qual escudeiro, mendigar-lhe
pensão mesquinha que esta vida abjeta
permita sustentar. Voltar para ela!
Antes tornar-me escravo ou ser azêmola
deste palafreneiro detestável.

(Mostrando Osvaldo.)

GONERIL · Senhor, à vossa escolha.
LEAR · Filha, peço-te
que não me deixes louco. Não desejo,
menina, incomodar-te por mais tempo.

shakespearebrasileiro.org

Adeus. Não nos veremos nunca mais;
nunca mais voltaremos a encontrar-nos.
Mas és meu sangue, minha carne: filha.
Ou melhor: uma doença em minha carne,
a que forçado sou a chamar minha;
és um inchaço, uma úlcera pestosa,
um carbúnculo podre e tumefeito
no meu sangue corrupto. Contudo,
não quero repreender-te. Que a vergonha
venha quando quiser; não vou chamá-la.
Não pedirei ao portador de raios
que troveje, nem nada a teu respeito
direi de mal a Jove, o juiz supremo.
Se puderes, emenda-te; melhora
quando quiseres. Posso ser paciente.
Posso ficar em casa de Regane
com meus cem cavaleiros.

REGANE · Mais cuidado!
Não contava convosco, nem me encontro
preparada para vos dar condigno
acolhimento. Ouvi, senhor, a mana.
Quem põe razão nesses acessos vossos
facilmente conclui que já estais velho.
Logo... Ela sabe o que convém ao caso.

LEAR · Isso foi bem falado?

REGANE · Quero crê-lo,
senhor. Como! Cinqüenta seguidores?
Não vos bastam? Quereis mais gente ainda?
Precisareis de tantos? Sim, que os próprios
perigos e as despesas esse número
desaconselham. Como poderia
haver paz numa casa entre tão grande
número de homens sob comando duplo?
É difícil senão quase impossível.

GONERIL · Por que não poderíeis ser servido
pela gente da mana ou pela minha?

REGANE ·
Por que não, meu senhor? Se qualquer deles
de vós se descuidasse, fora fácil
repreendê-los por isso. Se quiserdes,
assim, morar comigo — e agora vejo
que tal coisa é arriscada — pediria
que trouxésseis apenas vinte e cinco.
Para mais não terei lugar nem mesmo
disposição.

LEAR · Fui eu que vos dei tudo...

REGANE · E em tempo certo o destes.

LEAR · Instituí-vos
minhas depositárias e tutoras,
reservando-me apenas uma escolta
desse número. Como! Deveria
procurar-vos, então, com vinte e cinco?
Regane, assim falastes?

REGANE · E repito-o;
nem mais um, meu senhor.

LEAR · Certas criaturas
boa aparência apresentar conseguem,
quando outras em maldade as sobrepujam.
Não sendo as piores, cabem-lhe elogios.
Contigo ficarei; os teus cinqüenta
o dobro são dos vinte e cinco dela,
e o seu amor tu vales duas vezes.

GONERIL · Senhor, ouvi-me. Que necessidade
tendes de vinte e cinco, dez, ou cinco
pessoas para vos servir, em casa
que dispõe até mais do dobro disso
para tratar de vós?

REGANE · E por que de uma?

LEAR · Oh! não faleis sobre a necessidade.
Nossos mendigos mais necessitados
muita coisa supérflua ainda possuem.
À natureza concedei apenas
o que ela própria exige, e a vida humana
tão barata será como a das feras.
És uma dama. Se já fosse luxo
andarmos aquecidos, não teria
necessidade alguma a natureza
dessas vestes luxuosas que em matéria
de aquecimento em nada te protegem.
Mas a necessidade verdadeira...
Oh céus, dai-me paciência! É de paciência
que necessito agora. Oh deuses! vedes
aqui um pobre velho, tão pesado
de anos que de cuidados, duplamente
desgraçado! Se acaso levantastes
o coração das filhas contra os pais,
não me deixeis tão parvo que suporte
tudo isso humildemente; nobre cólera
fazei que em mim desperte, sem deixardes
que as armas da mulher, as gotas de água,
as faces varonis manchar me venham.
Não, bruxas desumanas! Tal vingança
hei de tomar de vós, que o mundo inteiro...
Farei tais coisas — quais, ainda o ignoro —
que hão de ser o terror de toda a terra.
Pensais talvez que vou derramar lágrimas?

shakespearebrasileiro.org

Não, não hei de chorar.
Tenho causas sobejas para tanto;
mas antes de fazê-lo, há de partir-se-me
o coração em vinte mil pedaços.
Bobo. vou ficar louco!

(Saem Lear, Gloster, Kent e o bobo.)

CORNUALHA · Recolhamo-nos;
vai haver tempestade.

(Ouve-se a tempestade a distância.)

REGANE · É mui pequena
a casa para comportar o velho
e mais seus seguidores.

GONERIL · É só dele
toda a culpa. Privou-se do conforto.
tendo, assim, de provar da própria insânia.

REGANE · De grado o acolheria; mas só ele,
sem nenhum de seus homens.

GONERIL · É o que eu penso.
também. Mas onde está milorde Gloster?

CORNUALHA · Acompanhou o velho. Ei-lo de volta.

(Volta Gloster.)

GLOSTER · Está furioso o Rei.

CORNUALHA · Para onde foi?

GLOSTER · Pede cavalos; mas não sei para onde
tenciona dirigir-se.

CORNUALHA · Pois deixemo-lo;
saberá conduzir-se.

GONERIL · Não insteis,
senhor, de jeito algum para que fique.

GLOSTER ·
Oh céus! A noite vem baixando, e os ventos
penetrantes já sopram com veemência.
Em muitas milhas em redor não se acha
facilmente um arbusto.

REGANE · Ora, senhor!
os teimosos aprendem com os incômodos
que a si mesmos procuram. Fechai logo
vossas portas; os homens que o acompanham
são capazes de tudo. O que eles podem
induzi-lo a fazer — sendo de ouvidos
tão fáceis de enganar — manda a prudência
que com razão temamos.

CORNUALHA · Fechai logo
vossas portas, senhor. Minha Regane
vos dá um bom conselho. A noite é horrível;
saí da tempestade. Recolhamo-nos.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Uma charneca.
Tempestade, com trovões e relâmpagos.
Entram Kent e um gentil-homem, que se encontram.

KENT · Além do tempo mau, quem está aí?

GENTIL-HOMEM ·
Alguém inquieto como o próprio tempo.

KENT · Conheço-vos. E o Rei, que faz agora?

GENTIL-HOMEM · Luta com os elementos agitados;
manda ao vento que ao mar atire a terra.
ou eleve as ondas crespas muito acima
dos continentes, para que se mudem
todas as coisas, ou de vez acabem;
puxa os cabelos brancos que as rajadas
impetuosas em seu furor apanham
com cega raiva, reduzindo a nada;
em seu mundo pequeno de homem, luta
por zombar do conflito sempre móvel
dos ventos e da chuva. Nesta noite,
em que, depois de amamentar os filhos,
a ursa não se levanta, e o leão e o lobo
famintos sem molhar a pele ficam,
cabeça descoberta ele se agita,
à destruição total jogando tudo.

KENT · E quem está com ele?

GENTIL-HOMEM · O bobo, apenas,
que tenta dissipar-lhe com gracejos
a dor do coração tão trabalhado.

KENT · Conheço-vos, senhor; por isso atrevo-me,
sob o penhor de tal conhecimento
a vos contar um caso muito grave.
Há discórdia, conquanto ainda encoberta
se ache de parte a parte pela astúcia,
entre Albânia e Cornualha. Eles possuem —
o mesmo não se dá com todos quantos
a grande estrela exalta e põe num trono? —

shakespearebrasileiro.org

criados, ao parecer, mas que, de fato,
são espias de França e informadores,
e que se encontram sempre a par de tudo
que aqui se passa: as rixas e as conjuras
dos dois duques e, após, o modo altivo
que contra o velho Rei têm revelado,
ou algo porventura mais profundo
de que seja tudo isso mero apêndice:
o certo é que um exército da França
penetrou neste reino dividido,
o qual o pé firmou muito em segredo,
valendo-se de nossa negligência,
no nosso melhor porto, e ora se encontra
no ponto de mostrar os estandartes.
Ora é convosco: se puderdes algo
construir sobre as minhas referências
a ponto de ir a Dover sem demora,
encontrareis decerto ali quem há de
saber agradecer-vos, quando justo
relato lhe fizerdes das tristezas
desnaturais e em tudo abaladoras
por que o Rei tem passado.
Por sangue e educação sou gentil-homem;
é com conhecimento, pois, de causa,
e confiança que disso vos incumbo.

Gentil-Homem · Falaremos sobre isso mais de espaço.

Kent · De forma alguma. Para convencer-vos
de que eu sou muito mais do que pareço,
ficai com o conteúdo desta bolsa.
Se avistardes Cordélia — o que há de dar-se,
ficai bem certo disso — apresentai-lhe
este anel, que ela, então, vos dirá logo
quem é o camarada que nesta hora
ainda não conheceis. Mas que tormenta!
Vou procurar o Rei

Gentil-Homem · Dai-me a mão. Nada mais quereis dizer-me?

Kent · Pouco; porém, de fato, mais que tudo:
Quando acharmos o Rei — deveis, por isso,
seguir por este lado; eu, por aquele —
quem primeiro o encontrar grita para o outro.

(Saem por lados diferentes.)

Ato III · Cena II

Outro parte da charneca. A tempestade continua. Entram Lear e o bobo.

Lear · Ventos, soprai de arrebentar as próprias
bochechas! Enraivai! Soprai com força!
Trombas e cataratas, derramai-vos
até terdes coberto os campanários
e afogado seus galos! Sulfurosos
raios, velozes como o pensamento,
vanguarda dos coriscos que os carvalhos
abrem de meio a meio, chamuscai-me
a cabeleira branca! E tu, trovão
de tudo abalador, achata a espessa
redondeza do mundo, quebra os moldes
da natureza e de uma vez desfaze
todos os germes geradores do homem
sem gratidão.

Bobo · Oh tio, mais vale água benta no pátio de uma casa seca, do que toda esta água de chuva ao ar livre. Vai para dentro, bom tio, e pede a bênção de tuas filhas. Uma noite como esta não se apiada nem de sábios nem de bobos.

Lear · Deixa o vento roncar! Escarra, fogo!
Jorra, chuva! Os trovões, o vento, o fogo,
minhas filhas não são. Não vos acuso
de ingratos, elementos. Nunca um reino
vos dei, nem vos chamei sequer de filhos.
Não me deveis nenhuma obediência.
Que caia, pois, vosso prazer horrível.
Aqui me encontro, vosso escravo, um velho
pobre, fraco, sem forças, desprezado.
No entanto, declaro-vos ministros
servis, pois com duas filhas perniciosas,
travais vossas batalhas de alta origem
contra uma fronte tão encanecida
e tão velha como esta. Oh! Que vergonha!

Bobo · Quem tem uma casa onde enfiar a cabeça,
dispõe de um bom chapéu.
Quando a braguilha quer casa,
  sem que o dono tenha abrigo
dos piolhos é a grande vasa,
  que isso é vida de mendigo.
Quem põe o dedão do pé
  onde tem o coração,

shakespearebrasileiro.org

vive a gemer — a-la-fé! —
por calos que insônia dão,
pois nunca houve mulher bonita que não fizesse
caretas ao espelho.

(Entra Kent.)

LEAR · Quero ser um modelo de paciência;
não direi nada.
KENT · Quem está aí?
BOBO · Ora, uma majestade e uma braguilha,
isto é, um sábio e um bobo.
KENT · Oh senhor! Vós aqui? Nenhuma coisa
que da noite se agrada, se acomoda
a uma noite como esta. Os céus furiosos
metem medo até mesmo nos rondantes
da escuridão, retendo-os em seus antros.
Desde que me fiz homem não me lembro
de ter presenciado tantas faixas
de fogo, tanto estouro de terríficos
trovões, tantos lamentos e bramidos
dos ventos e da chuva. A natureza
do homem não pode suportar o medo
e a aflição que vêm disso.
LEAR · Grandes deuses,
que tanto estrondo sobre nós retendes,
agora procurai vossos imigos!
Treme, malvado, em quem se ocultam crimes
pela justiça ainda não punidos!
Mão sanguinária, oculta-te! Perjuro,
tu também; como tu, falso virtuoso,
que praticas o incesto! Em estilhaços
arrebenta, bargante, que atentaste
contra a vida de alguém sob aparência
tranqüila e sedutora! Atrocidades
no fundo ocultas, estourai as capas
que vos escondem e implorai as graças
desses admoestadores pavorosos!
Quanto a mim, sou mais vítima de culpa.
do que mesmo culpado.
KENT · Oh! que tristeza!
Cabeça descoberta! Meu gracioso
soberano, aqui perto há uma cabana,
que oferecer-vos pode algum abrigo
contra o mau tempo. Recolhei-vos a ela,
enquanto eu volto àquela casa dura
mais dura do que as pedras de que é feita,
e que, há momentos, quando eu pretendia
saber notícias vossas, me negou
té mesmo a entrada — para que lhes force
a avara cortesia.
LEAR · Sinto o espírito
girar em torno. Vamos, meu pequeno!
Como te sentes, caro? Muito frio?
Eu também. Companheiro, onde é que há palha?
É por demais estranha a arte dos pobres
que faz preciosas as mais baixas coisas.
Vossa cabana... Seja! Pobre bobo,
tenho no coração um lugarzinho
que se apiada de ti.
BOBO · Se não perdeste de todo a mente,
com hei com hô, com tamanha chuva,
com a própria sorte fica contente,
embora chova todos os dias.
LEAR · É certo, meu pequeno; vamos, leva-nos
para essa tal cabana.

(Saem Lear e Kent.)

BOBO ·
Eis uma bela noite para deixar fria uma cortesã.
Mas antes de sair quero fazer uma profecia:
Quando por obras converter a Igreja
e água puser o dono na cerveja;
quando o nobre for mestre do alfaiate,
e a fogueira não mais o hereje mate,
mas apenas o amante apaixonado;
quando só houver processo bem julgado,
dívidas não tiver o cavaleiro
e a calúnia poupar o mundo inteiro;
quando evitar o experto a turbamulta
e a arca do avaro não ficar oculta;
quando as alcoviteiras eloqüentes
construírem templos caros e imponentes:
cairá em confusão
este reino de Albião.
Então verá quem vivo ainda estiver
que com os pés andam o homem e a mulher.
Esta profecia será feita por Merlino, porque eu vivo
antes do tempo dele.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

Um quarto no castelo de Gloster.
Entram Gloster e Edmundo.

GLOSTER · Ah, Edmundo, Edmundo! Não me agrada esse procedimento desnaturado. Quando lhes pedi permissão para apiedar-me dele, privaram-me do uso de minha própria casa, proibindo-me, sob pena de seu perpétuo descontentamento, de falar a respeito dele, de interceder a seu favor ou de ir-lhe em auxílio de qualquer maneira.
EDMUNDO · Por demais selvagem e contrário à natureza.
GLOSTER · Acomoda-te; não digas nada. Há divisão entre os duques, e pior do que isso. Esta noite recebi uma carta. É perigoso falar nisso. Tranquei-a no meu gabinete. Os sofrimentos por que o Rei agora está passando, serão oportunamente vingados. Parte do exército já desembarcou; teremos de ficar do lado do Rei. Vou procurá-lo secretamente e ajudá-lo. Ide conversar com o duque, para que não seja percebida minha caridade. Se ele perguntar por mim, estou doente e de cama. Ainda que eu venha a perder a vida — que é o menos com que estou ameaçado — é preciso que o Rei, meu velho amo, seja socorrido. Há alguma coisa muito estranha em perspectiva, Edmundo.
Aconselho-vos cautela.

(Sai.)

EDMUNDO · A caridade que te foi proibida
será comunicada logo ao duque,
como a carta também, o que parece
serviço meritório que me rende
quanto meu pai perder, a saber: tudo.
Exulta o moço, o velho fica mudo.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

A charneca. Diante de uma choupana.
Entram Lear, Kent e o bobo.

KENT · É aqui, senhor. Meu bom senhor, entrai.
É por demais severa a tirania
da noite descoberta, para as forças
de nossa natureza.

(A tempestade continua.)

LEAR · Não; afasta-te!
Desejo ficar só.
KENT · Entrai aqui.
senhor.
LEAR · Quereis partir-me o coração?
KENT · Primeiro partiria o meu. Bondoso
senhor, entrai.
LEAR · Estais fazendo grande
cabedal desta chuva revoltada.
que nos molha até os ossos. É que a sentes
dessa maneira. Porém quando a doença
maior penetra, as outras não se sentem.
Se corres do urso, mas em tua fuga
fores bater nas ondas rugidoras.
voltarás frente para a goela dele.
Livre o espírito, o corpo é delicado.
A tempestade que na mente eu trago
nada me deixa perceber por meio
dos sentidos, afora o que ali bate:
a ingratidão filial. Não fora o mesmo.
se a boca decepar quisesse a mão
que até ela se alça para alimentá-la?
Mas saberei tomar cabal vingança.
Cessarei de chorar. Fechar-me a porta
numa noite como esta! Mais! Despeja,
que hei de agüentar! E numa noite assim!
Ah Goneril! Regane! Vosso velho
pai, tão bondoso, que vos dera tudo
com franco coração! Oh! A loucura
vem desse lado. Vamos evitá-la.
Sobre isso, basta.
KENT · Bem, milorde; entremos.
LEAR · Não; por favor, primeiro tu; procura
tua comodidade. Este aguaceiro
me impede de cuidar de muitas coisas
que muito maior dor me causariam.

shakespearebrasileiro.org

Mas vou entrar. *(Ao bobo.)* Menino, vai na frente.
Pobreza sem abrigo... Entra, entra logo.
Rezo primeiro; dormirei depois.
(O bobo entra na choupana.)
Onde quer que estejais, pobres sem roupa,
que os golpes suportais desta impiedosa
tempestade, dizei-me: de que modo
vossos flancos mirrados e as cabeças
desprotegidas, vossos trapos ricos
em furos e janelas hão de o corpo
vos proteger numa estação como esta?
Oh! muito pouco me ocupei com isso!
Cura-te, fausto! Vai sentir o mesmo
que os miseráveis sentem, porque possas
sobre eles derramar o teu supérfluo
e os céus mostrar mais justos.
EDGAR *(dentro)* ·
Pobre Tom! Braça e meia! Braça e meia!
(O bobo sai a correr da choupana.)
BOBO · Não entres aí, meu tio! Há um espírito lá dentro. Socorro! Socorro!
KENT · Dá-me a mão. Quem está lá?
BOBO · Um espírito! Um espírito! Ele disse que se chama o pobre Tom.
KENT · Quem és tu, que te pões a rosnar assim na palha? Vem para fora!
(Entra Edgar, disfarçado de demente.)
EDGAR · Afastai-vos, que o imigo me acompanha.
Através do espinheiro sopra o vento;
vê se te aqueces em teu leito frio.
LEAR · Deste às tuas duas filhas tudo o que tinhas, para ficares desse jeito?
EDGAR · Quem dá alguma coisa para o pobre Tom? O maligno o levou através do fogo, através da flama, através do vau e do redemoinho, através do lamaçal e do charco; pôs facas embaixo de seu travesseiro e corda em sua cama; armou ratoeira em sua sopa; deixou-o orgulhoso por poder montar num cavalo baio trotão, por cima das pontes de quatro polegadas, em perseguição da própria sombra, como um traidor. Que sejam abençoados os teus cinco espíritos. Tom está com frio. Oh! do dê, do dê, do dê! Que o céu te ampare contra os furacões, estrelas funestas e malefícios. Fazei alguma caridade ao pobre Tom, que o demônio impuro atormenta. Poderia pegá-la agora, e aqui, e ali outra vez, e aqui...
LEAR · Como! Suas filhas o trouxeram a isso? Nada te reservaste? Deste tudo?
BOBO · Não! Ele reservou para si um cobertor; caso contrário, teríamos do que nos envergonharmos.
LEAR · Que caiam sobre tuas filhas todas
as misérias que impendem do ar e ameaçam
os pecados dos homens!
KENT · Senhor, ele não tem filhas.
LEAR · Morre, traidor! Pois nada poderia
rebaixar de tal modo a natureza,
senão filhas ingratas. Será moda
que os pais, depois de despedidos, tenham
tão pouca pena de sua própria carne?
Castigo judicioso, que essa carne
deu nascimento às filhas-pelicanas.
EDGAR · Pilicoc se achava empoleirado
no monte Pilicoc!
Alô! Alô! Oh oh!
BOBO · Esta noite gelada vai acabar fazendo de nós todos bobos ou loucos.
EDGAR · Acautela-te contra o maligno; obedece a teus pais; mantém tua palavra; não jures; não cometas adultério com a esposa legítima do teu próximo; não enfeites tua morada com atavios vãos. Tom está com frio.
LEAR · Que eras antes?
EDGAR · Um moço de servir, de coração e espírito altivos, que frisava os cabelos, trazia luvas no chapéu, satisfazia a luxúria da patroa, perpetrando com ela o ato das trevas; fazia tantos juramentos quantas palavras pronunciava, para violá-las ante a doce face do céu; um tipo que adormecia com planos de libertinagem e acordava para pô-los em prática. Amava de coração o vinho, os dados, com a máxima ternura; e com relação às mulheres, metia na massa o próprio turco; coração falso, ouvidos levianos, mãos sanguinárias. Porco, na preguiça; raposa, na astúcia; lobo, na voracidade; cão, na raiva; leão, na pilhagem. Não deixes que o ranger dos sapatos e o ruído das sedas entregue às mulheres teu pobre coração. Mantém os pés fora dos bordéis, as mãos fora do colete, as pernas longe do livro do onzeneiro e desafia o maligno. O vento frio ainda sopra através do espinheiro, gritando zum, mum, ha hô, no ni!... Delfim, meu filho, meu filho! Cessa! Deixa-o trotar!
(A tempestade continua.)

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Estarias melhor na sepultura do que
enfrentando com o corpo descoberto estes extremos
da estação. Não é o homem mais do que isto?
Considerai-o bem. Ao verme não deves a seda,
ao animal o abrigo, ao carneiro a lã e ao gato de
algália o perfume. Ah! Dos presentes, três somos
adulterados; tu és a coisa em si. O homem sem
atavios não passa de um pobre animal, nu e fendido
como tu. Fora, fora com todos estes empréstimos!
Vamos! Desabatoai-me aqui.

(Rasga as vestes.)

BOBO · Tio, por obséquio, fica quieto; a noite está
muito ruim para nadarmos. Neste momento, um
pequeno fogo em campo grande faria o efeito do
coração de um velho libertino: uma faiscazinha de
nada, e o resto do corpo, que nem gelo. Vê, aí vem
vindo um fogo ambulante.

(Entra Gloster com uma tocha.)

EDGAR · É o demônio impuro Flibbertigibbet; chega
com o toque de apagar fogo e ronda até ao primeiro
canto do galo; produz belidas e catarata, olho vesgo
e beiço-de-lebre; faz embolorar o trigo branco e
atormenta a pobre criatura terrestre.

Três vezes São Vital percorre os trilhos,
e achando a mula-sem-cabeça e os filhos,
mandou que ali parasse
o preito lhe prestasse.
Sai logo, bruxa! Deixa limpa a estrada!

KENT · Como passa Vossa Graça?
LEAR · Quem é?
KENT · Quem está aí? A quem procurais?
GLOSTER · Quem sois? Como vos chamais?
EDGAR · O pobre Tom que se alimenta de rãs
nadadoras, sapos, girinos, lagartixas e água; que
na fúria de seu coração, quando o inimigo imundo
esbraveja, devora estrume de vaca como se fosse
salada; engole ratos velhos e cachorro pirento; bebe o
manto verde do charco estagnado; que é chibateado
de paróquia em paróquia, posto no cepo ou na
prisão; que já teve três mudas para o dorso, seis
camisas para o corpo, cavalo para montar e espada
para carregar.
Há sete anos que Tom só se conserva
com ratazanas, ratos e caterva.
Tomai cuidado com o meu perseguidor. Fica quieto,
Smulkin! Fica quieto, demônio!
GLOSTER ·
Como! Não tem Vossa Graça melhor companhia?
EDGAR · O príncipe das trevas é um gentil-homem;
chama-se Modo e Mahu.
GLOSTER · A tal ponto, senhor, degenerados
temos o sangue e a carne, que a odiar chegam
a quem vida lhes deu.
EDGAR · O pobre Tom está com frio.
GLOSTER · Senhor, vinde comigo. Não se dobra
meu dever às sentenças implacáveis
de vossas filhas. Muito embora tenham
dado ordem para que eu fechasse a porta,
a esta noite terrível entregando-vos,
ousei vir procurar-vos, porque possa
levar-vos onde há fogo e mesa pronta.
LEAR · Primeiro permiti que a este filósofo
dirija umas perguntas. Qual é a causa
do trovão?
KENT · Aceitai, senhor, o invite
que ele vos faz; a casa recolhei-vos.
LEAR · Uma palavra a este tebano sábio:
em que vos aplicais?
EDGAR · Em fugir do demônio e matar piolho.
LEAR · Desejo vos pedir algo em segredo.
KENT · Insisti outra vez, senhor, com ele,
para abrigar-se. Já revela indícios
de que não tem bastante firme o espírito.

(A tempestade continua.)

GLOSTER · Poderás censurá-lo? Suas filhas
querem a morte dele. Ah! o bom Kent!
Disse que tudo a dar viria nisto.
Pobre exilado! Asseveraste há pouco
que o Rei está ficando louco. Digo-te,
que eu também estou quase nesse ponto.
Tive um filho, que se acha desde pouco
banido do meu sangue. Contra a minha
vida tentou — agora mesmo, agora! —
Amava-o como pai tão ternamente
jamais ao filho amou. Para ser franco
contigo, a dor me perturbou o espírito.

(A tempestade continua.)

Que noite! Peço, instante, a Vossa Graça...
LEAR · Peço perdão, senhor. Nobre filósofo,
fazei-nos companhia.
EDGAR · Tom está com frio.
GLOSTER · Amigo, vem para a cabana; aquece-te.

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Entremos todos.
KENT · Por aqui, milorde.
LEAR · Junto com ele; quero ficar sempre perto do meu filósofo.
KENT · Fazei-lhe nisso a vontade, bom senhor, deixando-o levar esse homem.
GLOSTER · Bem; cuidai vós dele.
KENT · Vamos, amigo; vem também conosco.
LEAR · Vamos, bom ateniense.
GLOSTER · Quietos! Vamos!
EDGAR · O cavaleiro Rolão
chegou perto do bastião
dizendo fim, fu e fão!
Sinto cheiro de bretão.

(Saem.)

Ato III · Cena V

Um quarto no castelo de Gloster.
Entram Cornualha e Edmundo.

CORNUALHA · Hei de vingar-me antes de deixar a casa dele.
EDMUNDO · As censuras, milorde, de que eu poderei ser alvo, por permitir que a natureza ceda a tal ponto à lealdade, deixam-me bastante apreensivo.
CORNUALHA · Percebo agora que não foram absolutamente as más inclinações de vosso irmão que o levaram a procurar a morte dele, senão o meritório impulso que se viu estimulado pela ruindade condenável dele próprio.
EDMUNDO · Como é pérfido o meu destino, que me leva a arrepender-me de ser justo! Aqui está a carta de que ele falou; traz a prova de que é partidário dos interesses da França. Oh céus! Quem me dera que não houvesse semelhante traição, ou que não fosse eu o delator!
CORNUALHA · Vem comigo procurar a duquesa.
EDMUNDO · Se for verdadeiro o conteúdo dessa folha, tendes em mãos um negócio muito sério.
CORNUALHA · Verdadeiro ou falso, ele te fez conde de Gloster. Descobre onde está teu pai, para que eu providencie logo sua prisão.
EDMUNDO *(à parte)* · Se eu o encontrar confortando o Rei, isso virá reforçar as suspeitas do duque. — Hei de manter-me na trilha da lealdade, por mais doloroso que seja o conflito entre ela e meu sangue.
CORNUALHA · Depositarei em ti minha confiança; em meu amor encontrarás um pai mais carinhoso.

(Saem.)

Ato III · Cena VI

Una cabana próximo do castelo.
Entram Gloster, Lear, Kent, o bobo e Edgar.

GLOSTER · Aqui é melhor do que ao ar livre; aceitai de bom coração. Vou providenciar para o vosso conforto como me for possível; não me demorarei.
KENT · Toda a força de seu espírito cedeu diante da indignação. Que os deuses recompensem vossa bondade.

(Sai Gloster.)

EDGAR · Frateretto me chama para dizer que Nero é um pescador no lago das trevas. Reza, inocente, e toma cuidado com o inimigo impuro.
BOBO · Tio, por obséquio, dize-me se um louco é gentil-homem ou fazendeiro.
LEAR · Um Rei! Um Rei!
BOBO · Não; foi o fazendeiro que teve um filho gentil-homem; porque é preciso ser fazendeiro louco, para deixar que o filho se torne gentil-homem antes dele.
LEAR · Oh! Se mil, a um só tempo, de espetos rubros, se atirassem sobre elas, assobiando...
EDGAR · O demônio impuro está me mordendo as costas.
BOBO · Louco é quem se fia na mansidão do lobo, na saúde do cavalo, no amor de um rapaz e no juramento de uma prostituta.

shakespearebrasileiro.org

LEAR · Assim farei. Vou intimá-las já.
(A Edgar.)
Senta-te aqui, doutíssimo juiz.
(Ao bobo.)
E vós, aqui, sábio senhor. E agora
passemos às raposas.
EDGAR · Vede! está ele com os olhos fixos! Precisas
de olhos para o processo, madame? Vem para cá,
Bessy; pula o regato.
BOBO · O barco dela é furado;
por isso ela tem cuidado.
Por que, então, não arrisca a vir por cima?
EDGAR · O demônio impuro persegue o pobre Tom
sob a voz de um rouxinol; Hopdance grita na barriga
de Tom por dois arenques brancos. Pára de coaxar,
anjo negro! Não tenho alimento para dar-te.
KENT · Como passais, senhor? Ficai mais calmo.
Não quereis repousar no travesseiro?
LEAR · Primeiro quero ver o julgamento.
Trazei as testemunhas. *(A Edgar.)* Juiz togado,
senta-te logo. *(Ao bobo.)* E tu, seu companheiro
de jugo na Justiça, ao lado dele. *(A Kent.)*
Vós sois da comissão; sentai-vos aí!
EDGAR · Procedamos com justiça.
Dormes ou velas, belo pastorzinho?
teu anho está no trigo.
Mas a um grito de tua rósea boca,
não correrá perigo.
Prrr! O gato é cinzento.
LEAR · Citai esta em primeiro lugar; é Goneril.
Presto juramento diante desta honrada assembléia
em como ela deu um pontapé no pobre Rei seu pai.
EDGAR · Vinde mais para a frente, moça! Vosso
nome é Goneril?
LEAR · Não poderá negá-lo.
BOBO · Peço desculpas, mas tomei-vos por um
tamborete.
LEAR · Aqui está a outra, cujo olhar de esguelha
proclama o que no coração se abriga.
Prendei-a logo! Armas! espada, fogo!
A corrupção campeia! Juiz corrupto,
por que deixaste que ela fosse embora?
EDGAR · Abençoados sejam teus cinco espíritos!
KENT · Oh! piedade, senhor! Onde pusestes
a paciência de que faláveis tanto,
jurando conservá-la?
EDGAR *(à parte)* · Tanto as lágrimas
ficam do lado dele, que me ameaçam
estragar todo o plano.
LEAR · Este cãozinho,
vede, e os outros, Gracioso, Fiel e Neve,
se atiram contra mim.
EDGAR ·
Tom vai atirar-lhes sua própria cabeça. Fora daqui, mastins!
De goelas brancas ou pretas,
dentes sujos e caretas,
mastim, galgo ou perdigueiro,
molosso tardo ou ligeiro,
de pêlo curto ou lanzudo,
Tom vai dar cabo de tudo.
Contra eles o coco atiro,
fazendo-os correr em giro.
Do, de, de, de. Sessa! Vamos, marchai para as festas
de igreja, feiras e mercados. Pobre Tom, teu chifre
está vazio.
LEAR · Agora dissequem Regane, para ver o que
brota de junto do coração dela. Há alguma causa
natural que torne endurecidos esses corações? *(A
Edgar.)* Vós, senhor, considero-vos um dos meus cem
homens; apenas não me agrada o corte de vossas
vestes. Ireis dizer-me que foram feitas à moda persa.
Contudo, será conveniente mudá-las.
KENT · Agora, meu bom senhor, ide deitar-vos um
pouco, para repousar.
LEAR · Nada de barulho, nada de barulho... Correi a
cortina... Assim, assim, assim...
Pela manhã cearemos, Assim, assim, assim...
BOBO · E ao meio-dia irei deitar-me.
(Volta Gloster.)
GLOSTER · Aproxima-te, amigo. Onde está o Rei,
meu mestre?
KENT · Aqui, senhor; mas não o perturbeis; perdeu
a razão.
GLOSTER · Carrega-o, caro amigo, por obséquio.
Há uma conjura contra a vida dele.
Aqui perto há uma maca; deita-o nela
e corre, amigo, para Dover, onde
irás achar boa acolhida e amparo.
Levanta teu senhor; se demorares
meia hora que seja, a vida dele,
como a luta e a de todos os que o seguem,
correm para uma perda inevitável.

shakespearebrasileiro.org

Levanta-o com bem jeito e vem comigo,
que vou prover-te com bastante urgência
do que for necessário.
Kent · A natureza
cansada adormeceu. Este repouso
poderia deitar-te um linimento
nos nervos torturados, que, na falta
de boas condições, dificilmente
chegarão a sarar. *(Ao bobo.)* Vamos, ajuda-me
a carregar teu mestre. Tu não podes,
também, ficar aqui.
Gloster · Vamos logo,
(Saem Kent, Gloster e o bobo, carregando Lear.)

Edgar · Ao veres teu senhor sofrer teus males,
convences-te de que de nada vales.
Quem sofre só, padece em pensamento,
por na dita passada estar atento.
O espírito não fica em desalinho,
quando consegue a dor algum vizinho.
Quão leve me parece o fardo ingente
que me deixa encurvado e o Rei gemente!
Fez-me meu pai o que para ele as filhas.
Tom, cuidado com as vozes! Tu te humilhas
somente enquanto a falsidade dura
te conservar desviado da ventura.
Venha o que vier, contanto que o Rei fuja.
Atenção! Atenção!
(Sai.)

Ato III · Cena VII

Um quarto no castelo de Gloster.
Entram Cornualha, Regane, Goneril, Edmundo e criados.

Cornualha · Parti com toda pressa para onde está milorde vosso marido e mostrai-lhe esta carta. O exército da França desembarcou. — Procurai o traidor Gloster.
Regane · Enforcai-o imediatamente.
Goneril · Arrancai-lhe os olhos.
Cornualha · Deixai-o aos cuidados do meu desprazer. Edmundo, fazei companhia a nossa irmã; as vinganças que vamos ser forçados a tomar de vosso pai traidor não são adequadas para vossa vista. Avisai o duque, para a casa de quem vos dirigis, que se prepare com a maior urgência possível, porque faremos o mesmo. Nossos correios não se pouparão, para manter entre nós o entendimento preciso. Adeus, querida irmã; adeus, milorde de Gloster.
(Entra Osvaldo.)
Então! Onde está o Rei?
Osvaldo · Levou-o para longe lorde Gloster.
Cerca de trinta e cinco ou trinta e seis
de seus homens, sequiosos de encontrá-lo,
o esperaram à porta, e em companhia
de outros homens do lorde se fizeram
no caminho de Dover, onde todos
se jactam de possuir sócios armados.
Cornualha · Prepara a condução para a senhora.
Goneril · Adeus, doce senhor; adeus, irmã.

Cornualha · Adeus, Edmundo.
(Saem Goneril, Edmundo e Osvaldo.)
Ide e trazei-me Gloster,
esse traidor; os braços algemai-lhe
como a um ladrão e em nossa frente o ponde.
(Saem outros criados.)
Embora não possamos pronunciar-nos,
sem as formas legais, contra sua vida,
poderá nossa força cortesia
fazer a nossa cólera, o que os homens
talvez censurem, mas obstar não podem.
Quem vem lá? O traidor?
(Voltam os criados, com Gloster.)
Regane · Raposa ingrata!
É ele mesmo.
Cornualha · Amarrai-lhe os braços leves.
Gloster · Que intendem Vossas Graças? Bons amigos.
considerai que sois aqui meus hóspedes.
Não me trateis, amigos, com desprezo.
Cornualha · Amarrai-o, já disse!
(Os criados amarram Gloster.)
Regane · Com mais força!
Traidor infecto!
Gloster · Dama sem piedade.
não sou o que dizeis.
Cornualha · Nesta cadeira;
amarrai-o! Vilão, vais ver agora...
(Regane puxa a barba de Gloster.)

shakespearebrasileiro.org

GLOSTER · Pelos deuses bondosos, é ignomínia
puxar-me pela barba.
REGANE · Tão branco e tão traidor!
GLOSTER · Perversa dama,
os fios que do queixo ora me arrancas,
hão de ficar de pé para acusar-te.
Meus hóspedes sois todos; não devíeis
com mãos rapaces machucar-me os traços
de dono desta casa. Que quereis?
CORNUALHA ·
Vamos, senhor; dizei-me: que notícias
recebestes de França?
REGANE · Sede breve
no que disserdes, pois sabemos tudo.
CORNUALHA ·
E que pacto firmastes com os traidores
que saltaram há pouco em nosso reino?
REGANE · A que mãos entregastes o Rei louco?
Falai!
GLOSTER · Às mãos me veio uma missiva
baseada em conjeturas de pessoa
neutra e imparcial, não de qualquer imigo.
CORNUALHA · Astuciosa.
REGANE · Traidora.
CORNUALHA · E o Rei, para onde
o enviaste?
GLOSTER · Para Dover.
REGANE · Por que Dover?
Avisado não foras, sob o risco...
CORNUALHA ·
Por que Dover? Primeiro responde a isso.
GLOSTER · Estou atado ao poste; é-me impossível
fugir destes assaltos.
REGANE · Por que Dover?
GLOSTER ·
Porque essas unhas cruéis não lhe arrancassem
os pobres olhos, velhos e cansados,
nem tua irmã selvagem lhe enterrasse
no corpo ungido as presas de javardo.
O mar em tempestade como a que ele
suportou na cabeça descoberta
nesta noite infernal, se empolaria
para apagar o fogo das estrelas.
E o pobre coração, tão velho, a chuva
do céu fez aumentar! Se os próprios lobos,
com um tempo destes, ululado houvessem
diante de tuas portas, certamente
terias dito: "Bom porteiro, vira
depressa a chave!" Todas as crueldades
ficariam riscadas. Mas ainda
hei de ver a vingança de asas fones
cair sobre tais filhos.
CORNUALHA · Veres? Nunca!
Segurai a cadeira com firmeza.
Vou pôr os pés em cima de teus olhos.
GLOSTER · Quem espera viver até à velhice,
venha ajudar-me agora. Oh monstro! Oh deuses!
(É arrancado um dos olhos de Gloster.)
REGANE · O outro também, para não rir daquele.
CORNUALHA · Se virdes a vingança...
PRIMEIRO CRIADO · Suspendei,
milorde, a mão. Servi-vos desde criança;
mas nunca vos prestei tão bom serviço,
como ao pedir agora que parásseis.
REGANE · Como, cachorro?
PRIMEIRO CRIADO · Se trouxésseis barba
no queixo eu a arrancara nesta briga.
Que pretendeis?
CORNUALHA · Um dos meus criados? Como!
(Saca da espada.)
PRIMEIRO CRIADO ·
Avançai, pois, e vos medi com a cólera.
(Desembainha o espada; lutam.)
(Cornualha é ferido.)
REGANE · Empresta-me tua espada. Rebelar-se
um rústico a este ponto!
(Toma da espada e fere o criado pelos costas.)
PRIMEIRO CRIADO ·
Oh! Estou morto! Ainda vos resta um olho,
milorde, para vê-lo desgraçado.
(Morre.)
CORNUALHA · Porque não posso ver, façamos isto:
fora, geléia vil! Qual é teu brilho
neste momento?
GLOSTER · Escuro em toda parte,
desolação total. Onde se encontra
meu filho Edmundo? Edmundo, acende as chispas
da natureza e vinga este ato horrível!
REGANE · Vilão traidor, invocas quem te odeia.
Foi ele próprio quem nos deu notícia
de tua falsidade, ele em pessoa.
É bom demais para de ti ter pena.
GLOSTER · Oh! Que tolo que fui! Então Edgar
foi caluniado! Deuses bons, perdoai-me,

shakespearebrasileiro.org

e que ele possa prosperar.
REGANE · Jogai-o
fora da porta e que procure a estrada
de Dover pelo cheiro.
(Sai um criado conduzindo Gloster.)
Então, milorde.
como estais?
CORNUALHA · Recebi uma ferida.
Senhora, acompanhai-me. Jogai fora
esse vilão sem olhos; no monturo
atirai esse escravo. Estou sangrando
demais, Regane; veio-me este golpe
muito fora de tempo. Dai-me o braço.
(Sai Cornualha apoiado em Regane.)
SEGUNDO CRIADO ·
Não quero ter preocupação alguma
com qualquer vilania, se este tipo
vier ainda a acabar bem.
TERCEIRO CRIADO · Se vida longa
ela tiver e, ao fim, achar o curso
comum da morte, todas as mulheres
virarão monstros.
SEGUNDO CRIADO · Vamos à procura
do velho conde, para que levado
seja pelo maníaco para onde
ele o determinar. Suas manias
de vagante se prestam para tudo.
TERCEIRO CRIADO ·
Vai; enquanto isso, arranjarei um pouco
de linho e clara de ovo, para pôr-lhe
no rosto ensangüentado. O céu que o ajude!
(Saem por lados diferentes.)

Ato IV · Cena I

A charneca.
Entra Edgar.

EDGAR · Melhor assim: saber que é desprezado
do que sê-lo sob capa de lisonja.
O mais ínfimo ser, com mais desprezo
tratado pela sorte, ainda conserva
certa esperança e vive sem temores.
Só muda para pior o que é perfeito;
o pior volta à alegria. Sê bem-vindo,
portanto, ar impalpável que respiro!
O infeliz que jogaste tão por baixo
a essas tuas rajadas nada deve.
Mas quem vem vindo aí!
(Entra Gloster, conduzido por um velho.)
Como! Meu pai.
trazido por um pobre? Oh mundo! mundo!
Sem tuas mutações inesperadas
que nos levam a odiar-te, nunca a vida
chegara até à velhice.
O VELHO · Oh bom senhor,
de vosso pai e vosso fui rendeiro
por volta de oitenta anos.
GLOSTER · Bem; retira-te.
bondoso amigo. Vai-te. Teus consolos
bem algum me farão, mas poderiam
prejudicar-te.
O VELHO · Não vereis a estrada.
GLOSTER · Não tenho estrada; não preciso de olhos.
Tropecei, quando via. Muitas vezes
já se tem visto o bem-estar deixar-nos
preocupados e a necessidade
redundar em proveito. Oh meu querido
filho Edgar, alimento da iludida
cólera de teu pai, se eu tiver vida
para te ver ainda, pelo tato,
direi que achei os olhos.
O VELHO · Quem vem lá?
EDGAR *(à parte)* ·
Oh deuses! Quem diria: "Não é possível
chegar a pior estado!" Nunca estive
em piores condições.
O VELHO · É Tom, o louco.
EDGAR *(à parte)* · E mais ainda poderei descer.
Nunca sofremos o pior, enquanto
dizer podemos: "Isto é o pior de tudo".
O VELHO · Para onde vais, amigo?
GLOSTER · É algum pedinte?
O VELHO · Pedinte, a um tempo, e louco.
GLOSTER · Um pouco de razão ainda conserva,
sem o que mendigar não poderia.
Na noite que passou, da tempestade,
vi um sujeito assim, que ao pensamento
me trouxe que o homem não é mais que um verme.

shakespearebrasileiro.org

Lembrei-me de meu filho, muito embora
dificilmente, então, amigo dele
meu espírito fosse. Depois disso
aprendi muito. O que para os garotos
são as moscas, nós somos para os deuses:
matam-nos por brinquedo.
EDGAR *(à parte)* · Que é que importa
tudo isso? Triste é a profissão que obriga
a zombar da desgraça, para incômodo
de si próprio e dos outros. *(A Gloster.)* Salve. mestre!
GLOSTER · É o tal mendigo nu?
O VELHO · Ele, milorde.
GLOSTER · Por favor, então deixa-me. Se acaso
quiseres, por amor de mim, buscar-nos
daqui a uma milha ou duas, no caminho
de Dover, faze-o por antigo afeto,
e traze roupa para esta alma nua,
a quem vou explicar que me conduza.
O VELHO · Oh senhor! Ele é louco!
GLOSTER · Esse é o castigo
do tempo, conduzir ao cego o louco.
Faze o que eu disse, ou faze o que quiseres;
mas, sobretudo, vai-te.
O VELHO ·
Vou dar-lhe a minha melhor roupa, venha-me
disso seja o que for.

(Sai.)

GLOSTER · Eh! Homem nu!
EDGAR ·
O pobre Tom tem frio. *(À parte.)* É-me impossível
fingir mais tempo.
GLOSTER · Vem aqui, amigo.
EDGAR *(à parte)* · Mas é preciso. — Abençoados sejam
teus doces olhos, pois estão sangrando.
GLOSTER · Conheces o caminho para Dover?
EDGAR · Cancelas e porteiras, caminhos de cavalo
e de pé. Espantaram o espírito do pobre Tom.
Filho do homem pio. Deus te preserve do demônio
impuro. Cinco demônios entraram a um só tempo
no pobre Tom: Obidicut, o demônio do luxúria:
Obbididance, príncipe do mutismo; Mahu, do
roubo; Modo, do homicídio; e Flibbertigibbet,
das caretas e contorções, que desde então deixou
possessas as criadas e governantes. Salve, portanto,
mestre!
GLOSTER · Fica com esta bolsa, oh tu, que as pragas
do céu aos golpes todos humilharam.
Minha desgraça mais feliz te deixa.
Procedei sempre assim, oh céus! Que o homem
saturado de bens e de prazeres
que deixa subservientes vossas máximas
e nada vê porque não sente nada,
sinta depressa toda vossa força.
A divisão, assim, destrói o excesso,
tocando a todo o mundo alguma coisa:
Conheces Dover?
EDGAR · Sim, conheço, mestre.
GLOSTER · Lá se encontra um penhasco de cabeça
alta e inclinada, que olha com receio
para o abismo horroroso. Vamos; leva-me
até ao rebordo dele, que hei de a tua
miséria remediar com algum objeto
de valor que ora trago. Daí em diante
dispensarei teus passos.
EDGAR · Dá-me o braço;
o pobre Tom vai te servir de guia.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Diante do palácio do duque de Albânia.
Entram Goneril e Edmundo.

GONERIL · Sois bem-vindo, senhor. Estranho muito
que o nosso brando esposo não nos tenha
saído a receber.

(Entra Osvaldo.)

Que é de vosso amo?
OSVALDO · Senhora, está lá dentro; porém nunca
homem nenhum mudou, como ele, tanto.
Contei-lhe que desembarcaram forças.
Sorriu à nova. Disse-lhe que vínheis
para cá; respondeu: "Tanto pior".
Ao lhe falar da alta traição de Gloster
e da lealdade de seu filho Edmundo,
chamou-me de papalvo, declarando-me
que eu havia tomado o pior partido.
Tudo quanto ele detestar devia,
lhe ensejava prazer.

shakespearebrasileiro.org

Goneril *(a Edmundo)* · Não é preciso,
portanto, irdes mais longe. É seu espírito
covarde e aterrorado que não ousa
decidir-se por nada. Não deseja
sentir o ultraje que à resposta o force.
Os votos que fizemos em caminho
talvez se efetuarão. Voltai, Edmundo,
para o mano; reuni seus homens logo
e o comando assumi de seu exército.
Terei de me aprestar com nossas armas
e pôr na mão de meu marido a roca.
Este fiel servidor irá servir-nos
de intermediário. Dentro de pouquinho —
se algo arriscardes para vosso ganho —
ordens recebereis de vossa dama.
Usai isto.

(Dá-lhe uma prenda.)

Poupai qualquer discurso.
Abaixai a cabeça. Ora, este beijo
se a falar se atrevesse, exalçaria
teu espírito às nuvens. Vai; compreende
e passa bem.

Edmundo · Confesso-me por vosso
nas fileiras da morte.

Goneril · Meu caríssimo
Gloster!

(Sai Edmundo.)

Oh! Que distância vai de um homem
para outro! Bem mereces os serviços
de uma mulher. Meu bobo é que me usurpa
presentemente o leito.

Osvaldo · Aí vem meu amo.

(Sai.)

(Entra Albânia.)

Goneril · Antes eu merecia um assobio.

Albânia · Oh Goneril, digna não sois da poeira
que vos atira ao rosto o vento rude.
Inspira-me pavor vosso caráter.
Quando renega um ser a própria origem,
em si mesmo contido não prossegue.
Quem se arranca a si próprio e se desgalha
da seiva substancial, é inevitável
que a secar venha e pela morte caia.

Goneril · Basta; o texto é cretino.

Albânia · Para o baixo
o saber e a bondade são mesquinhos.
Só a si mesma aprecia a sujidade.
Que perpetrastes? Tigres, sim, não filhas:
que fizestes? Um pai, um velho afável,
cuja figura régia até mesmo um urso
preso à corda afagara, por vós duas —
degeneradas! bárbaras! — lançado
foi à loucura. Como se compreende
que meu bondoso irmão o permitisse,
um nobre, um homem que por ele próprio
fora beneficiado a mãos repletas?
Se o céu não enviar logo seus espíritos
visíveis para que aqui embaixo venham
reprimir essas vis atrocidades,
será fatal:
vão devorar-se os homens uns aos outros,
como os monstros do abismo.

Goneril · Oh sujeito de fígado de leite,
com rosto para receber pancada
e fronte para insultos! Não tens olhos
que possam distinguir a honra do insulto.
Desconheces que são somente os tolos
que mostram compaixão do celerado,
quando a pena recebe, antes de tempo
ter de fazer o mal. Onde se encontra
teu tambor? Já desfralda os estandartes
a França em nossa terra silenciosa.
Teu matador, com elmo empenachado,
te ameaça, e tu, meu tolo moralista,
permaneces sentado e choramingas:
"Ah! Por que fez ele isso?"

Albânia · Olha em ti própria,
demônia! A original deformidade
não é tão repelente nos demônios,
como numa mulher.

Goneril · Oh tolo tímido!

Albânia · Cria vergonha, criatura falsa,
que de ti própria retiraste a máscara,
e cessa de animalizar os traços!
Se me ficasse bem deixar que ao sangue
as mãos obedecessem, mui capazes
seriam de quebrar-te os ossos todos
e lacerar-te as carnes. Mas embora
sejas o próprio diabo, ora te ampara
a forma de mulher.

Goneril · Como valente
se tornou num instante!

(Entra um mensageiro.)

Albânia · Que há de novo?

shakespearebrasileiro.org

MENSAGEIRO · Senhor, morreu o duque de Cornualha. Matou-o um criado, quando pretendia arrancar o segundo olho de Gloster.
ALBÂNIA · Como! Os olhos de Gloster?
MENSAGEIRO · Um dos próprios servidores, por ele mesmo criado, se opôs ao ato, a espada então sacando contra seu grande mestre, o qual, colérico contra ele se lançou e o prostrou morto, não, porém, sem aquele fatal golpe que depois o matou.
ALBÂNIA · Isso demonstra que morais aí em cima, oh Justiceiros! para punirdes com tamanha pressa os crimes cá debaixo. Mas é certo que perdeu o outro olho o pobre Gloster?
MENSAGEIRO · Ambos, senhor. Resposta urgente exige, senhora, esta missiva. Vem da parte de vossa irmã.
GONERIL *(à parte)* · Agrada-me isso a meias. Mas estando viúva e ao lado dela meu Gloster se encontrando, é bem possível que os castelos de minha fantasia esmagar venham minha vida odiosa. Porém por outro lado essa notícia não me parece má. *(Ao mensageiro.)* Vou lê-la e logo responderei.

(Sai.)

ALBÂNIA · E onde se achava o filho, no momento em que os olhos lhe arrancaram?
MENSAGEIRO · Para cá tinha vindo com a senhora.
ALBÂNIA · Mas aqui não se encontra.
MENSAGEIRO · Não, milorde; encontrei-o de volta novamente.
ALBÂNIA · Soube ele dessa infâmia?
MENSAGEIRO · Sim, bondoso senhor; o delator foi ele próprio, tendo saído para que o castigo tivesse livre curso.
ALBÂNIA · Gloster, vivo para te dar os agradecimentos pelo amor que mostraste ao Rei e para vingar teus olhos. Vem aqui, amigo; conta o mais que souberes.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O acampamento francês, perto de Dover.
Entram Kent e um gentil-homem.

KENT · Por que o Rei da França retornou com tanta pressa? Sabeis a razão?
GENTIL-HOMEM · Deixou em suspenso algum assunto de Estado, que o preocupa desde que de lá partiu e que, importando para o reino muito temor e perigo, impôs como necessidade urgente a volta do Rei.
KENT · Quem deixou ele atrás como general?
GENTIL-HOMEM · O Marechal de França, Monsieur La Far.
KENT · Vossas cartas arrancaram da Rainha alguma demonstração de tristeza?
GENTIL-HOMEM · Pois não, senhor; tomou-as e na minha presença as leu. De quando em quando lágrimas as faces delicadas lhe sulcavam. Parecia a Rainha da tristeza que, tal como os rebeldes, procurava dominá-la de vez.
KENT · Oh! comoveu-se!
GENTIL-HOMEM · Mas sem ficar colérica; a paciência e a dor lutavam para apresentá-la sob o mais grato aspecto. Com certeza já vistes sol e chuva ao mesmo tempo; pois nela mais encantadores ainda eram o riso e o choro. Os sorrisinhos graciosos que na boca lhe brincavam, pareciam não ter conhecimento dos hóspedes dos olhos, que deixavam a grata hospedaria como pérolas que caem de diamantes. Em resumo: a tristeza seria raridade muito querida, se ficasse em todas as pessoas tão bem:

shakespearebrasileiro.org

KENT · Não fez perguntas?
GENTIL-HOMEM ·
Sim, suspirou por uma ou duas vezes
o nome "pai", gemendo, dolorida,
como se o coração ele abafasse.
Clamava: "Irmãs! Vergonha das mulheres!
Irmãs! Kent! Meu pai! Como! De noite?
Na tempestade? A compaixão é um mito!"
A água-benta, depois, cair deixando
dos olhos celestiais, que lhe os queixumes
umedeciam, súbito partiu-se
para lutar sozinha com sua mágoa.
KENT · São os astros, os astros lá de cima,
que determinam nossas condições;
se não, o mesmo par não poderia
filhos gerar assim tão diferentes.
Falastes-lhe depois?
GENTIL-HOMEM · Não.
KENT · E isso tudo
se deu antes da volta do monarca?
GENTIL-HOMEM ·
Não; depois.
KENT · Muito bem, senhor; o pobre
e inditoso Lear se acha na cidade.
Por vezes, quando está mais bem-disposto,
ocorre-lhe a razão de nossa vinda.
Porém de modo algum quer ver a filha.
GENTIL-HOMEM ·
Por quê, meu bom senhor?
KENT · Vergonha extrema
tanto o deprime — a rispidez com que ele
privou da bênção sua própria filha,
entregando-a a acidentes estrangeiros
e transferindo a bela herança dela
para as irmãs de coração canino
tudo isso o coração de tal maneira
com dardo venenoso lhe transpassa,
que uma vergonha abrasadora longe
de Cordélia o detém.
GENTIL-HOMEM · Ah! pobre Rei!
KENT · E nada ouvistes sobre os dois exércitos,
de Cornualha e de Albânia?
GENTIL-HOMEM · Estão em marcha.
KENT · Pois muito bem, senhor; vou conduzir-vos
a nosso mestre Lear, lá vos deixando
para tratardes dele. Alguns negócios
de importância a ficar me obrigam ainda
mais algum tempo oculto. Porém logo
que eu revelar quem sou, não tereis causa
de vos arrepender desta amizade.
Por obséquio, segui-me.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

O mesmo. Uma tenda.
Entram com toque de tambor e bandeiras desfraldadas Cordélia, o médico e soldados.

CORDÉLIA ·
É ele mesmo, ai de mim! Neste momento
foi visto, tão furioso como o oceano
revoltado, a cantar alto e sozinho,
coroado de áspera fumária, urtiga,
cicuta, cardamina, pegamassa,
joio, cizânia e quanta erva daninha
viceja em nosso trigo alimentício.
Mandai cem homens; que examinem jeira
por jeira da lavoura já crescida,
e a nossa vista o tragam.

(Sai um oficial.)

Com que meios
conta a sabedoria humana, para
restituir-lhe a razão? Quanto possuo
ficará sendo de quem quer que o cure.
O MÉDICO · Há recursos, senhora. A ama de nossa
natureza é o repouso, justamente
o de que ele carece, o que é possível
nele obter pela ação de muitos simples
que baixarão a pálpebra da angústia.
CORDÉLIA · Surgi com minhas lágrima, segredos
abençoados, virtudes ainda ocultas
da natureza! Vinde em nosso auxílio,
remediando a desgraça do bom velho!
Procurai-o depressa! Procurai-o,
antes que seu furor desordenado
lhe dissolva a existência carecente
de eficaz direção.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Novas, senhora!
As forças da Bretanha se aproximam.

shakespearebrasileiro.org

CORDÉLIA · Disso conhecimento já tivemos,
e à sua espera estamos. É a tua causa,
querido pai, que eu sirvo. Esse o motivo
de ter-se o grande França
de meu choro apiedado e de meu luto.
A vazia ambição não foi que o braço
nos armou para a luta, mas apenas
o amor, o terno amor, bem como a causa
de nosso idoso pai. Pudesse eu vê-lo
dentro de pouco e ouvi-lo!

(Saem.)

Ato IV · Cena V

Um quarto no castelo de Gloster.
Entram Regane e Osvaldo.

REGANE · Mas as forças do mano estão em campo?
OSVALDO · Sim, senhora.
REGANE · E ele próprio à frente delas?
OSVALDO · Com muita relutância; vossa mana
é melhor combatente.
REGANE · Lorde Edmundo
não falou com vosso amo em casa deste?
OSVALDO · Não, senhora.
REGANE · Qual pode ser o assunto
da carta dela, então?
OSVALDO · Não sei, senhora.
REGANE · É certeza ter sido enviado em muito
séria missão. Foi erro indesculpável
deixar Gloster com vida, após os olhos
lhe termos arrancado. Onde aparece
levanta os corações, contra nós todos.
Edmundo, quero crer, compadecido
de sua dor, foi dar remate logo
a sua vida enoitada e, ao mesmo tempo,
tentar saber das forças do inimigo.
OSVALDO · Preciso partir logo, para a carta,
senhora, lhe entregar.
REGANE · As nossas tropas
partirão amanhã. Fica conosco,
pois não há segurança nas estradas.
OSVALDO · Senhora, não é possível; a patroa
confia em minha diligência nisso.
REGANE · Qual a necessidade que ela tinha
de escrever a Edmundo? Não podíeis
transmitir verbalmente seu recado?
Talvez... Alguma coisa... Como posso
sabê-lo? Amar-te-ia imensamente
se permitisses que eu abrisse a carta.
OSVALDO · Preferira, senhora...
REGANE · Não ignoro
que vossa ama não gosta do marido.
Tenho certeza disso. Quando da última
vez ela esteve aqui, lançou estranhos
olhares, eloqüentes sobremodo,
para o nobre Edmundo. Confidente
dela sei bem que sois.
OSVALDO · Como! Eu, senhora?
REGANE · Sei o que estou dizendo: confidente.
tenho certeza disso. Mas sugiro-vos
aceitar meu conselho. Meu marido
faleceu; eu e Edmundo já falamos
a esse respeito, sendo mais razoável.
assim, que ele me peça a mão, deixando
de lado a mana. Deduzi o resto.
Se o encontrardes, dai-lhe isto, por obséquio.
E quando conversardes com vossa ama
sobre este assunto, peço concitarde-la
a readquirir sua usual prudência.
Portanto, passai bem.
Se vierdes a encontrar o traidor cego,
ganhará muito quem der cabo dele.
OSVALDO ·
Oh! Quem dera que o visse! Assim, mostrara
de que lado me encontro.
REGANE · Passai bem.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena VI

Região perto de Dover.
Entram Gloster e Edgar vestido como camponês.

GLOSTER · Quando estarei no cimo da colina?
EDGAR · Já estais subindo. Vede nosso esforço.
GLOSTER · Tenho a impressão de que o terreno é plano.
EDGAR · Horrivelmente abrupto. Não ouvis
o barulho do mar?
GLOSTER · Não, em verdade.
EDGAR · É que os outros sentidos tendes fracos
pelo que os olhos sofrem.
GLOSTER · É possível.
Parece-me que tens a voz mudada
e que com mais sentido agora falas
e melhor expressão.
EDGAR · É puro engano
de vossa parte; em nada estou mudado,
se não for nestas vestes.
GLOSTER · Não; parece-me
que te exprimes melhor.
EDGAR · Vamos, senhor;
eis o lugar. Chegamos. Ficai quieto.
Como é terrível! É de dar vertigens
olhar nesta distância para baixo.
Como os corvos e as gralhas que transvoam
o ar intermédio ficam pequeninos
como besouros! Vê-se à meia altura,
suspenso, um homem que procura funcho.
Profissão arriscada! A impressão tenho
de que ele é do tamanho da cabeça.
Os pescadores que andam pela praia
parecem-se com ratos; a barcaça
ali ancorada, tão pequena se acha
como o próprio escaler, e esta se encontra
reduzido a uma bóia, pequenina
demais para ser vista. As marulhosas
vagas que batem nos inumeráveis
e preguiçosos seixos não se fazem
ouvir de tanta altura. É-me impossível
olhar mais tempo assim, pois tenho medo
de vir a ter vertigens, atirando-me
a vista de cabeça para baixo.
GLOSTER ·
Coloca-me no ponto em que te encontras.
EDGAR · Dai-me a mão; só um passo vos separa
da borda extrema. Por quanto há debaixo
da lua, eu não saltara dessa altura.
GLOSTER · Solta-me a mão; recebe esta outra bolsa;
dentro dela há uma jóia que merece
ficar com algum pobre. Os deuses todos
e as fadas te protejam. Vai-te embora;
dize adeus, pois desejo ouvir teus passos.
EDGAR · Passai bem, bom senhor.
GLOSTER · Agradecido
de todo coração.
EDGAR *(à parte)* · A brincadeira
que faço com a desgraça dele, visa,
tão-somente, curá-lo.
GLOSTER · Oh deuses grandes,
renuncio a este mundo e, em vossa vista,
paciente, me despojo do meu grande
sofrimento! Pudesse eu suportá-lo
por mais tempo, sem luta abrir com vossa
vontade irresistível, este abjeto
morrão da natureza se deixara
consumir até ao fim. Se ainda com vida
estiver meu Edgar, oh! abençoai-o!
E agora, amigo, adeus.
(Cai para a frente.)
EDGAR · Adeus, senhor;
já fui embora. *(À parte.)* Conceber não posso
como a imaginação roubar consegue
da vida a rara jóia, quando a própria
vida se presta ao roubo. Se se achasse
onde pensava estar, neste momento
pensar já não pudera. Vivo ou morto? *(A Gloster.)*
Então, senhor! Amigo! Estais me ouvindo?
Poderia morrer... Mas não; revive.
Que sois, senhor? Dizei-me.
GLOSTER · Vai-te embora
e deixa-me morrer.
EDGAR · Se algo mais fosses
do que ar, teia de aranha, leve pluma,
caindo assim de tantas braças do alto,
partido já estarias como um ovo.
Mas respiras, possuis pesado corpo,
não perdes sangue, estás inteiro, falas.
Dez mastros superpostos não bastaram

shakespearebrasileiro.org

para medir a altura de onde caíste
perpendicularmente. Verdadeiro
milagre é tua vida. Vamos, fala!
GLOSTER · Mas eu caí ou não?
EDGAR · Sim, lá do pico
desta penha calcária. Olha para o alto;
ver e ouvir não se pode a cotovia
de garganta estridente. Olha para o alto!
GLOSTER · Ai de mim! Não tenho olhos!
É negada à desgraça o benefício
de pôr termo com a morte à própria angústia.
Era consolo para o sofrimento
poder lograr a raiva do tirano
e frustrar seus intentos orgulhosos.
EDGAR · Dai-me o braço. De pé! Então, e agora?
Sentis as pernas? Eis-vos levantado.
GLOSTER · Bem; muito bem.
EDGAR · Tudo isso é muito estranho.
Que era que estava no alto do penhasco
e se apartou de vós?
GLOSTER · Um miserável,
um mendigo infeliz.
EDGAR · Daqui debaixo
onde me achava, pareciam duas
luas os olhos dele. Dotado era
de mil narizes, cornos retorcidos
e ondeados como os sulcos do mar bravo.
Decerto era um demônio. Por tudo isso,
lembra-te, feliz pai, que os deuses claros
que da importância dos mortais constroem
toda sua glória, a vida te salvaram.
GLOSTER · Agora penso nisso; de hoje em diante
pretendo suportar o sofrimento
até que por si mesmo ele me grite:
"Basta! Basta!" e pereça. Por um homem
tomei a coisa a que vos referistes.
Dizia muitas vezes: "O demônio!"
Foi ele que me pôs naquela ponta.
EDGAR · Possas agora ter só pensamentos
tranqüilos e confiantes. Mas, que vejo!
Quem vem aí?
(Entra Lear, fantasticamente enfeitado com flores.)
Jamais a sã razão
vestirá seu senhor dessa maneira.
LEAR ·
Não; não poderão pegar-me por cunhar moedas;
sou o Rei.
EDGAR · Oh espetáculo de transpassar o coração!
LEAR · Nisto a natureza sobrepuja a arte. Eis vosso
soldo. Aquele sujeito maneja o arco como se fosse
um espantalho... Cortai-me uma jarda de pano.
Vede! Um rato! Paz! Paz! Este pedaço de queijo frio
resolverá o assunto. Eis minha luva; medir-me-ei
com um gigante. Trazei as alabardas escuras. Oh!
Bonito vôo, passarinho! No alvo! No alvo, hu! A
senha, vamos!
EDGAR · Doce mangerona.
LEAR · Passai.
GLOSTER · Conheço essa voz.
LEAR · Ah! Goneril de barba branca! Adularam-me
como um cão e me disseram que os pêlos brancos de
minha barba nasceram antes dos pretos. Responder
"sim" e "não" a tudo o que eu dizia! "Sim" e "não"
ao mesmo tempo não era boa teologia. No dia em
que a chuva veio para molhar-me e o vento para me
fazer bater o queixo, e em que o trovão se recusava
a obedecer-me, foi quando as encontrei; foi quando
lhes percebi o cheiro. Ide embora; não têm palavra.
Disseram-me que eu era tudo. É mentira! Não estou
à prova de febre.
GLOSTER · Lembro-me dessa voz perfeitamente.
Não é o Rei?
LEAR · Rei da cabeça aos pés.
Vede os vassalos como tremem, quando
fito neles os olhos. Ora apraz-me
perdoar a este homem. Qual o crime dele?
Adultério?
Não morrerás! Morrer por adultério?
Não; isso faz o pintassilgo, e à minha
vista a mosca dourada é libertina.
Porque o filho bastardo do bom Gloster
foi melhor para o pai que minhas filhas
lealmente geradas.
À vontade, luxúria, em toda parte!
Preciso de soldados.
Vede aquela senhora sorridente,
cujo rosto anuncia pura neve
na união das coxas. Só virtude mostra,
sacudindo a cabeça sempre que ouve
o nome do prazer.
O furão e o corcel arrebatado
não revelam mais lúbrico apetite.
Abaixo da cintura são centauros.
muito embora mulheres para cima.

shakespearebrasileiro.org

Até à cintura os deuses é que mandam;
para baixo, os demônios.
Ali é o inferno, escuridão, abismo
sulfuroso, calor, fervura, cheiro
de podridão... Xi! Xi! Pá! Oh bondoso boticário,
dá-me urna onça de almíscar para eu temperar a
imaginação. Aqui tens dinheiro.
GLOSTER · Deixai-me beijar essa mão.
LEAR · Primeiro deixai que a limpe; cheira a
mortalidade.
GLOSTER · Oh arruinada peça da natura!!
O imenso mundo há de gastar-se todo,
reduzindo-se a nada. Reconheces-me?
LEAR · Lembro-me perfeitamente de teus olhos.
Estás piscando para mim? Não, Cupido cego; por
mais que faças, não chegarei a amar-te. Lê este
desafio; observa bem o traço das letras.
GLOSTER · Se outros tantos sóis fossem, não as vira.
EDGAR *(à parte)* · Se mo dissessem, não o acreditara.
No entanto é certo e o coração me parte.
LEAR · Lê!
GLOSTER · Como! Com as órbitas apenas?
LEAR · Oh! oh! Alcançastes-me nesse ponto? Nem
olhos na cabeça, nem dinheiro na bolsa? Tendes os
olhos pesados e a bolsa leve; no entanto, podeis ver
como vai o mundo.
GLOSTER · Vejo-o porque o sinto.
LEAR · Como! Estais louco! A gente pode ver sem
olhos como vai o mundo. Olha com as orelhas; vê
como aquele juiz invectiva contra um simples ladrão.
Escuta aqui, só uma palavrinha ao ouvido. Muda de
lugar... Um, dois, três! E agora: qual é o ladrão? Qual
é o juiz? Já viste um cachorro de fazendeiro ladrar
para um mendigo?
GLOSTER · Já, sim senhor.
LEAR · E a criatura fugir do mastim? Nisso poderás
contemplar a grande imagem da autoridade:
um cachorro no desempenho de suas funções é
obedecido.
Oficial de justiça desonesto,
suspende a mão sangrenta! Por que açoitas
essa pobre rameira? Vira contra
ti próprio essa chibata. Estás ardendo
de desejos de com ela realizares
o ato por que a castigas. O onzeneiro
põe na forca o ladrão. As faltazinhas
se deixam ver nos furos dos andrajos;
mas as togas e as peles tudo encobrem.
Forra de ouro o pecado, e a forte lança
da Justiça se quebra sem feri-lo;
cobre-o de trapos, e uma simples palha
vibrada por pigmeu vai transpassá-lo.
Ninguém comete falta, é o que te afirmo;
ninguém. A todos sirvo de fiador.
Podes acreditar-me, amigo; fala-te
quem força tem para fechar a boca
da acusação. Arranja umas lunetas
e, como vil político, imagina
ver coisas que não vês. Bum, bum, bum, bum!
Tirai-me as botas. Força! Força!... Assim...
EDGAR *(à parte)* ·
Que mistura de senso e de incoerência!
A razão na loucura.
LEAR · Torna meus olhos, se chorar desejas
minha infelicidade. Sei de sobra
quem és. Teu nome é Gloster. Pois bem sabes:
ao respirarmos pela vez primeira,
choramos e gememos. Vou fazer-te
sobre isso um bom sermão; sê, pois, atento.
GLOSTER · Oh dia triste!
LEAR · Mas nascemos, choramos por nos vermos
neste grande tablado de dementes.
Que bela forma de chapéu! Seria
idéia mui sutil pôr ferraduras
de feltro nos cavalos de uma tropa.
Vou tentá-lo; e, uma vez caindo em cima
de meus genros: matar, matar, matar!

(Entra um gentil-homem, com criados.)

GENTIL-HOMEM ·
Oh, ei-lo aqui! Com jeito segurai-o.
Meu senhor, vossa filha muito amada...
LEAR · Não há socorro! Como! Prisioneiro?
Sou realmente joguete da fortuna.
Tratai-me bem; pagar-vos-ei resgate.
Trazei-me um cirurgião, pois tenho o cérebro
muito ofendido.
GENTIL-HOMEM · Haveis de ter de tudo.
LEAR · Ninguém vem ajudar-me? Estou sozinho?
Isso em homem de sal mudara um homem,
para fazer de irrigador os olhos,
sim, e a poeira do outono deixar úmida.
GENTIL-HOMEM · Meu bom senhor...
LEAR · Morrerei como bravo, como noivo...
Como! Jovial hei de mostrar-me. Vamos!

shakespearebrasileiro.org

Sou Rei, meus mestres; ignorais tal coisa?
GENTIL-HOMEM · E Rei notável, a quem muito amamos.
LEAR · Então ainda há vida. Se a alcançardes, há de ser na carreira. Sá, sá, sá!...
(Sai; os criados o acompanham.)
GENTIL-HOMEM · Lastimoso já fora este espetáculo no mais ínfimo ser e desgraçado. Num Rei, não cabe no discurso humano. Uma filha ainda tens que a natureza limpa da maldição geral que as outras fizeram vir sobre ela.
EDGAR · Salve, senhor.
GENTIL-HOMEM · Senhor, o céu vos guarde. Que desejais?
EDGAR · Ouvistes, porventura, falar de uma batalha a ser travada?
GENTIL-HOMEM · É certo e mui sabido. Todo o mundo que sons distingue, ouviu falar sobre isso.
EDGAR · Mas, por obséquio: a que distância se acha o outro exército?
GENTIL-HOMEM - Perto, e vem com pressa. À vista surgirá dentro de uma hora; é o que se espera.
EDGAR · Agradecido. É tudo.
GENTIL-HOMEM · Muito embora a Rainha aqui se encontre por um motivo especial, o exército dela avançou.
EDGAR · Bem; muito agradecido.
(Sai o gentil-homem.)
GLOSTER · Oh deuses sempre bons! Tirai-me a vida, não permitindo que meu mau espírito tentar me venha novamente, para que à vossa revelia eu peça a morte.
EDGAR · Pai, rezais muito bem.
GLOSTER · Quem sois, amigo?
EDGAR · Indivíduo mui pobre, que os reveses da fortuna amansou e que pela arte das desgraças alheias e das próprias à compaixão se revelou sensível.
GLOSTER · Do imo peito agradeço. Que a bondade do céu e sua bênção te acompanhem sempre e sempre.
(Entra Osvaldo.)
OSVALDO · Oh! Cabeça posta a prêmio! Encontro mui feliz! Essa cabeça sem olhos só criou carne porque a minha fortuna prosperasse. Miserável traidor, concentra-te depressa, a espada que vai tirar-te a vida está sacada.
GLOSTER · Então põe força em tua mão amiga.
(Edgar se interpõe.)
OSVALDO · Por que te atreves, rústico atrevido, a amparar um traidor, publicamente como tal proclamado? Vai-te embora; do contrário, a infecção da sorte dele passará para ti. Larga-lhe o braço!
EDGAR · Não largo ele, seu moço; não há percisão disso.
OSVALDO · Solta-o, escravo! Do contrário, morrerás.
EDGAR · Ide embora, seu moço; ide embora e deixai os pobres viver. Se as ameaças pudessem tirar-me a vida, esta teria sido encurtada de uma quinzena. Não vos aproximeis do velho; ficai de longe, é o que eu digo, ou então vamos tirar a prova para ver o que é mais duro, se vosso coco ou este meu cacete. Gosto de franqueza.
OSVALDO · Sai da frente, monturo!
EDGAR · Vou curar vossos dentes, seu moço. Vinde. Vossos botes não me metem medo.
(Batem-se; Edgar o abate.)
OSVALDO · Oh! matas-te-me, escravo! Coisa à-toa, fica com minha bolsa. Se desejas prosperar, sepultura dá a meu corpo e entrega as cartas que aqui trago a Edmundo, conde de Gloster. Morte intempestiva!
(Morre.)
EDGAR · Sei quem és, um velhaco diligente; tão dedicado aos vícios da patroa quanto a maldade desejar pudera.
GLOSTER · Como! Morreu?
EDGAR · Pai, repousai; sentai-vos. Revistemos-lhe os bolsos. Essas cartas de que falou serão talvez amigas. Morreu; só me aborrece não ter ele tido um outro carrasco. Mas vejamos. Permiti mole cera; e vós, costumes, não nos culpeis; porque saber possamos as idéias de nossos inimigos os próprios corações lhes abriríamos. Abrir cartas, assim é mais legítimo.

shakespearebrasileiro.org

"Lembrai-vos de nossos juramentos recíprocos.
Tendes muitas oportunidades de suprimi-lo; se
vontade não vos faltar, oportunidade e lugar haveis
de ter de sobra. Nada se terá feito se ele voltar como
vencedor, porque ficarei como sua prisioneira e o
leito dele como minha prisão. Libertai-me, portanto,
desse calor odioso, e, pelo vosso trabalho, ficai com o
lugar dele.
Vossa — esposa é o que eu desejara chamar-me —
serva afetuosa
Goneril."
Oh insondável campo da perfídia
feminina! Uma conjura contra
a vida de um marido tão virtuoso,
para ser por meu mano substituído!
Vou enterrar-te aqui na areia mesmo,
sacrílego correio de assassinos
luxuriosos, a fim de em tempo certo
ferir a vista do ameaçado duque
com este papel fatal. E está com sorte
por eu poder contar-lhe de tua morte.
GLOSTER · O Rei ficou insano; quão teimoso
meu vil juízo se mostra, permitindo-me
ficar de pé e intacto me deixando
o sentido de minha dor imensa.
Fora melhor ficar de todo louco.
Assim se apartariam das tristezas
os pensamentos, que as desgraças perdem
a autoconsciência, quando sob o império
de errôneas fantasias.

(Ruído de tambor ao longe.)

EDGAR · Dai-me a mão.
Ouço ao longe um tambor, se não me engano.
Vamos, pai; vou confiar-vos a um amigo.

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

Uma tenda no acampamento francês.
Entram Cordélia, Kent, um médico e um gentil-homem.

CORDÉLIA · Oh meu bondoso Kent, de que maneira
posso viver e agir, para que a tua
bondade recompense? Minha vida
será curta demais, sem que eu disponha
de medida adequada.
KENT · Já me sobram,
senhora, os vossos agradecimentos.
Vai de par meu relato com a mais simples
verdade, sem acréscimos nem falhas.
CORDÉLIA · Veste roupa melhor; essa roupagem
faz lembrados momentos muito tristes.
Por favor, troca-a.
KENT · Não, cara senhora;
perdoai-me; mas prejudicara muito
meus planos dar-me a conhecer agora.
Como graça vos peço continuardes
sem me reconhecer, até que o tempo
e eu concordemos nisso.
CORDÉLIA · Pois que seja,
meu bondoso senhor. *(Ao médico.)* Que faz o Rei?
O MÉDICO · Ainda dorme, senhora.
CORDÉLIA · Oh divindades
piedosas, deixai boa a grande brecha
de sua natureza maltratada!
Afinai os sentidos em desordem
e dissonantes deste pai que em criança
voltou a transformar-se.
O MÉDICO · Vossa Alteza
permitirá que o Rei nós despertemos?
Já dormiu muito.
CORDÉLIA · Segui nisso apenas
vossos conhecimentos, procedendo
como melhor julgardes. Já o vestiram?

(Entra Lear numa cadeira, carregado por criados.)

GENTIL-HOMEM · Já sim, senhora, pois no mais
pesado do sono lhe trocamos toda a roupa.
O MÉDICO · Ficai junto, senhora, no momento
de o despertarmos, pois não tenho dúvidas
quanto a suas melhoras.
CORDÉLIA · Muito bem.

(Música.)

O MÉDICO · Aproximai-vos, por favor. A música,
aí, mais alto!

Cordélia · Oh meu querido pai!
Em meus lábios suspende teus remédios,
convalescença, e deixa que este beijo
repare a imensa dor que minhas manas
produziram em tua reverência.
Kent · Minha boa princesa e mui querida!
Cordélia · Mesmo que pai não fosse delas duas,
estes cabelos brancos lhes teriam
forçado a compaixão. Uma cabeça
como esta poderia ser exposta
à fúria das rajadas? Defrontar-se
com o trovão pavoroso e o mais terrível
ziguezaguear de temerosos raios?
Ficar de guarda — pobre sentinela!
com este elmo tão fino? O próprio cão
do meu imigo, embora me tivesse
mordido, houvera, numa noite dessas,
permanecido junto do meu fogo.
E tu, meu pobre pai, foste forçado
a abrigar-te com porcos e mendigos
numa pouca de palha embolorada!
Ai, que dor. Maravilha é não haveres
a um só tempo perdido a vida e o espírito.
Vai acordar; falai-lhe.
O Médico · Vós, senhora;
será melhor.
Cordélia · Como se sente agora
meu real senhor? E Vossa Majestade
como passa?
Lear · Foi mal de vossa parte
retirar-me do túmulo. És uma alma
da bem-aventurança; eu, porém, me acho
a uma roda de fogo sempre atado,
que minhas próprias lágrimas escaldam
como chumbo fundido.
Cordélia · Conheceis-me,
senhor?
Lear · És um espírito; conheço-te.
Desde quando morreste?
Cordélia · Divagando
sempre por muito longe.
O Médico · Concedei-lhe
mais algum tempo; despertou há pouco.
Lear · Onde estive? Onde estou? É dia claro?
Oh! Procederam muito mal comigo;
morrer de compaixão eu poderia,
se visse alguém tratado desse modo.
Não sei o que dizer; jurar não quero
que estas mãos sejam minhas. Mas vejamos:
sinto esta alfinetada. Quem me dera
saber quem sou, realmente.
Cordélia · Senhor, olhai para o meu lado, e as mãos
estendei sobre mim, para abençoar-me.
Não, meu senhor! Não vos ponhais de joelhos!
Lear · Ah! Não zombeis de mim, é o que vos peço.
Sou um velho imprestável e caduco,
para cima de oitenta, nem uma hora
mais nem menos. E, para ser sincero,
receio ter o espírito avariado.
Creio vos conhecer e, assim, a este homem;
mas em dúvida me acho, pois ignoro
de todo onde me encontro, sem que possa
lembrar-me destas vestes. De igual modo
não sei onde passei a última noite.
Oh! não riais de mim! Porque tão certo
como eu ser homem, quer afigurar-me
que esta dama é Cordélia, minha filha.
Cordélia · Sou ela mesma, meu senhor; sou ela.
Lear · Tendes lágrimas úmidas? Realmente.
Não choreis, é o que peço. Se tiverdes
veneno para dar-me, hei de bebê-lo.
Sei que amor não me tendes. Vossas manas —
tanto quanto me lembro — procederam
comigo muito mal. Mas tendes causa;
ao passo que nenhuma delas tinha.
Cordélia · Nenhuma causa! Não; nenhuma causa!
Lear · Estou na França?
Kent · Em vosso próprio reino,
senhor.
Lear · Não me enganeis.
O Médico · Ficai tranqüila,
boa senhora. Já está morta nele,
como estais vendo, a grande fúria. Agora
perigoso é fazê-lo novamente
subir ao longo do perdido tempo.
Levai-o para dentro, sem cansá-lo
com perguntas, até que se refaça.
Cordélia · Quererá Vossa Alteza andar um pouco?
Lear · Precisareis comigo ter paciência.
Esquecei e perdoai-me, por obséquio.
Estou velho e caduco.
(Saem Lear, Cordélia, o médico e os criados.)
Gentil-Homem · Confirmou-se a notícia, senhor,
de que o duque de Cornualha foi morto?

shakespearebrasileiro.org

KENT · Perfeitamente, senhor.
GENTIL-HOMEM · Quem está à testa de seus homens?
KENT · Ao que dizem, o filho bastardo de Gloster.
GENTIL-HOMEM · Dizem que Edgar, seu filho exilado, está na Alemanha com o conde de Kent.
KENT · Os boatos variam. É tempo de abrirmos os olhos; as forças do reino se aproximam com presteza.
GENTIL-HOMEM · A decisão promete ser sangrenta. Passai bem, senhor.

(Sai.)

KENT · Ou boa ou má, a minha conclusão
os golpes de hoje à luz sair farão.

(Sai.)

Ato V · Cena I

O acampamento inglês, perto de Dover.
Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Edmundo, Regane, oficiais, soldados e outras pessoas.

EDMUNDO · Ide saber do duque se seu último
projeto está de pé, ou se por causas
intercorrentes já mudou de plano.
Instável sempre se revela e cheio
de queixas de si próprio. Sua firme
decisão me trazei.
REGANE · O mensageiro
de minha mana se perdeu, decerto.
EDMUNDO · É o que devemos recear, senhora.
REGANE · Já conheceis, meu caro lorde, quanto
bem vos quero. Dizei-me francamente
uma verdade só: amais à mana?
EDMUNDO · Sim, com amor honroso.
REGANE · Mas acaso
nunca o caminho achastes de meu mano,
para o lugar proibido?
EDMUNDO · Tal idéia,
senhora, vos ofende.
REGANE · Tenho medo
de com ela ligado vos achardes
e de tal modo unido, que podíeis
ser tido como dela.
EDMUNDO · Por minha honra,
senhora, o afirmo.
REGANE · Nunca o permitira.
Não vos mostreis tão familiar com ela,
caro senhor.
EDMUNDO · Podeis ficar tranqüila.
Ela aí vem, com o duque, seu marido.

(Entram, com tambores e bandeiras desfraldadas, Albânia, Goneril e soldados.)

GONERIL *(à parte)* · Preferira perder esta batalha
a perdê-lo por causa desta mana.
ALBÂNIA · Muito querida irmã, feliz encontro.
Senhor, soube que o Rei se uniu à filha —
com outros que o rigor de nosso jogo
a protestar forçou. — Onde não posso
mostrar-me honesto, nunca sou valente.
Esta campanha nos atinge apenas
por haver França entrado em nossas terras,
não por ter ajudado o Rei e os outros
que se levantam contra nós, receio,
por motivos mui justos e de peso.
EDMUNDO · Falastes nobremente.
REGANE · Qual a causa
de discutirmos isso?
GONERIL · Dirijamos
nossas forças conjuntas contra o imigo;
são fora de propósito essas tricas
particulares e questões domésticas.
ALBÂNIA · Estudemos então nossa estratégia
com o alferes da guerra.
EDMUNDO · A vossa própria
tenda irei procurar-vos neste instante.
REGANE · Vireis conosco, irmã?
GONERIL · Não.
REGANE · Seria conveniente. Por obséquio,
vinde também.

shakespearebrasileiro.org

GONERIL *(à parte)* · Oh oh! Compreendo o enigma.
(Alto.)
Irei.
(Entra Edgar, disfarçado.)
EDGAR · Se em algum tempo Vossa Graça
já conversou com um pobre tão humilde,
ouvi-me uma palavra.
ALBÂNIA · Já vos ouço.
(Saem Edmundo, Regane, Goneril, oficiais, soldados e criados.)
EDGAR · Antes da pugna, lede esta missiva.
No caso de vencerdes, que a trombeta
chame seu portador. Embora aspecto
tão pobre eu apresente, tenho meios
de fazer vir um campeão que pode
provar tudo o que aí está afirmado.
Se vierdes a perder, vossos negócios
mundanos chegarão também ao termo,
terminando as intrigas. Que a Fortuna
vos acompanhe.
ALBÂNIA · Ficai até que eu leia a carta.
EDGAR · Foi-me
proibido fazer isso. Mas no tempo
preciso, bastará que o arauto chame,
para que eu me apresente.
ALBÂNIA · Então, adeus.
Vou ler o teu papel.
(Sai Edgar.)
(Volta Edmundo.)

EDMUNDO · O inimigo está à vista. Ponde em linha
vossos soldados. Eis aqui o cômputo
de seu poder exato e de suas forças,
segundo explorações bem conduzidas.
Mas o momento vos obriga à pressa.
ALBÂNIA · Saberemos saudar o tempo certo.
(Sai.)
EDMUNDO · Jurei amor às duas; uma da outra
desconfia, tal como da serpente,
quem picado já foi. Qual me reservo?
Ambas? Uma? Nenhuma? Com nenhuma
me alegrarei, ficando vivas ambas.
Ficar com a viúva é exasperar a outra,
Goneril; é deixá-la como louca,
não podendo eu ganhar minha partida,
se seu marido continuar com vida.
Aproveitemo-nos de seu prestígio
para a batalha em curso. Uma vez ganha,
ela, então, que de grado o despachara,
os recursos mais aptos excogite
de logo liquidá-lo. No que tange
ao plano dele de a Cordélia e Lear
conceder o perdão, ganha a batalha
e eles em nossa mão, jamais tal graça
chegarão a alcançar. Impõe-me o posto
pouco falar e trabalhar com gosto.
(Sai.)

Ato V · Cena II

Um campo entre os dois acampamentos.
Alarma. Com tambores e estandartes
desfraldadas, entram Lear, Cordélia e suas tropas. Saem.
Entram Edgar e Gloster.

EDGAR · Acolhei-vos aqui, pai, a esta sombra
de árvore como a um hospedeiro grato.
Rezai para que vença a boa causa.
Se algum dia eu voltar,
será para trazer-vos doce alívio.
GLOSTER · Possa a Graça, senhor, acompanhar-vos.
(Sai Edgar.)
(Alarma. Depois, retirada. Volta Edgar)

EDGAR · Fujamos, velho! Dai-me a mão. Fujamos!
Perdeu Rei Lear: presos, ele e a filha.
Dai-me a mão; vamos logo.
GLOSTER ·
Não, senhor; não darei nem mais um passo.
Pode-se apodrecer em qualquer parte.
EDGAR · Como! De novo pensamentos negros?
Precisamos mostrar-nos conformados
com a nossa vinda ao mundo e ao nos partirmos.
Estarmos preparados é o que importa.
Vamos daqui.
GLOSTER · Tudo isso é muito certo.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena III

O acampamento inglês, perto de Dover.
Entra Edmundo, como vencedor, com tambores e bandeiras; Lear e Cordélia, prisioneiros; oficiais, soldados, etc.

EDMUNDO · Alguns oficiais os levem logo.
Que fiquem bem guardados, até que a alta
vontade se conheça das pessoas
que terão de julgá-los.
CORDÉLIA · Os primeiros
não somos a ficar sobre braseiros
com boas intenções. Rei oprimido,
por ti, somente, falta-me o sentido,
que eu, por mim, poderia, carrancuda,
enfrentar as carrancas da Fortuna.
Tais irmãs e tais filhas não veremos?
LEAR · Não, não, não, não! Levai-nos para o cárcere.
Nós dois, sozinhos, cantaremos como
pássaros na gaiola. No momento
de a bênção me pedires, eu me ajoelho
e te imploro perdão. Dessa maneira
viveremos, dizendo nossas preces,
cantando e velhos contos enarrando,
rindo das borboletas variegadas
e ouvindo os pobres diabos discorrerem
sobre os boatos da corte, aos quais, decerto,
nos juntaremos para dar palpite
sobre quem perde ou ganha, quem se encontra
no alto da escada ou embaixo, discorrendo
sobre os altos mistérios do universo
como se espiões de Deus, acaso, fôssemos.
Gastaremos, assim, no duro cárcere,
os partidos e as lutas dos graúdos
que com a lua sobem sempre e descem.
EDMUNDO · Levai-os!
LEAR · Sobre um sacrifício destes,
minha boa Cordélia, os próprios deuses
jogam incenso. Tenho-te bem presa?
Quem quiser separar-nos há de um facho
trazer do céu, para tocar-nos, como
a raposas. Enxuga, enxuga os olhos.
A carne e a pele a peste há de comer-lhes
antes de que eles a chorar nos forcem.
Primeiro morrerão de fome. Vamos!
(Saem Lear e Cordélia, escoltados.)

EDMUNDO · Capitão, vem aqui. Toma este escrito.
Ouve-me atento. Segue-os até o cárcere.
Já te beneficiei de um grau; no caso
de cumprires esta ordem, o caminho
terás franqueado da mais nobre sorte.
Reflete no seguinte: os homens mudam
conforme as épocas. Uma alma terna
não se casa com a espada. Este mandato
não permite objeções: ou vais cumpri-lo,
ou procura subir por outros meios.
OFICIAL · Senhor, hei de cumpri-lo.
EDMUNDO · Cuida disso,
e, feito isso, feliz te considera.
Ouve-me bem: sem perda de um momento,
e cumpre as minhas instruções à risca.
OFICIAL · Puxar carro não sei, nem comer feno;
mas se é trabalho de homem, já está feito.
(Sai.)
(Fanfarra. Entram Albânia, Goneril, Regane, oficiais e criados.)
ALBÂNIA · Senhor, mostrastes vossa altiva raça
e bem guiado fostes pela sorte.
Tendes os prisioneiros que adversários
nossos foram na luta deste dia.
De vós os requeremos, para dar-lhes
tratamento conforme o próprio mérito
o exigir e, assim, nossa segurança.
EDMUNDO · Pareceu-me, senhor, mais conveniente
mandar o velho e desgraçado Rei
para alguma prisão, sob guarda certa,
pois de grande feitiço se revela
sua díade e, ainda mais, o próprio título
para arrastar o coração do vulgo,
voltar fazendo contra nossos olhos
as lanças que nós mesmos alistamos.
Pelas mesmas razões foi a Rainha
juntamente com ele. Ambos se encontram
prontos, amanhã cedo ou mais de espaço,
para comparecer onde quiserdes
formar o tribunal. De suor e sangue
todo coberto ainda estou; o amigo
perdeu o amigo e, no calor, as lutas
mais altas são amaldiçoadas pelos
que o corte delas sentem. O problema

shakespearebrasileiro.org

de Cordélia e do pai requer um sítio
mais conveniente.
ALBÂNIA · Não vos desagrade,
senhor, mas nesta guerra considero-vos
súdito, não irmão.
REGANE · Irmão, lhe digo,
o que me apraz dele fazer. Parece-me
que devia ter sido consultado
nosso prazer antes de tal discurso.
Foi nosso general, representante
de mim própria e de minha dignidade,
intimidade que bem pode a fronte
levantar para vosso irmão chamar-se.
GONERIL · Por que tanto calor? Seu próprio mérito
o exalta mais que vossas distinções.
REGANE · Com meus direitos, minha investidura.
aos melhores se iguala.
GONERIL · Atingiria,
decerto, o ápice, vindo a desposar-vos.
REGANE · Por vezes os trocistas se revelam
verdadeiros profetas.
GONERIL · Olará!
O olho que vos disse isso estava vesgo.
REGANE · Não estou bem, senhora; não fora isso,
vos daria a resposta merecida.
General, toma conta dos meus homens,
dos prisioneiros, meus haveres todos.
Dispõe deles, de mim; teu é este burgo.
Seja o universo testemunha em como
te creio agora meu senhor e mestre.
GONERIL · Pensais que já sois dele?
ALBÂNIA · Não depende
de vós a permissão.
EDMUNDO · Oh! nem de ti!
ALBÂNIA · Depende, sim, tipo de meio sangue.
REGANE · Faze soar o tambor, e que este prove
que meu título é teu.
ALBÂNIA · Um momentinho;
a razão escutai: Edmundo, prendo-te
por traição capital, e juntamente
contigo esta serpente cheia de ouro,
(Apontando para Goneril.)
porque, formosa irmã, me oponho a vossas
pretensões, no interesse, tão-somente,
de minha esposa, que ligada se acha
a este senhor por um formal contrato.
Eu, seu marido, oponho-me, portanto,
a esses vossos proclamas. Se quiserdes
casar, fazei-me a corte, que esta dama
já está comprometida.
GONERIL · Que comédia!
ALBÂNIA · Gloster, estás armado. Que a trombeta
dê logo o toque. Caso ninguém venha
para ao rosto lançar-te as tuas próprias
traições odiosas, múltiplas e claras.
aqui está meu penhor.
(Atira a luva.)
Nessa cabeça
demonstrarei antes de novamente
provar pão, que és tudo isso que ora afirmo.
REGANE · Oh! doente, muito doente!
GONERIL *(à parte)* · De outro modo
não voltara a confiar na medicina.
EDMUNDO · Eis meu penhor, também.
(Joga sua luva.)
Em todo o mundo
quem quer que de traidor ouse chamar-me.
mente como um vilão. Soe a trombeta!
Contra quem se atrever a apresentar-se,
contra ele, contra vós, contra quem seja,
firme defenderei a honra e a lealdade.
ALBÂNIA · Eh! Um arauto!
EDMUNDO · Olá! O arauto! O arauto!
ALBÂNIA · Confia apenas na coragem própria;
pois teus soldados, alistados todos
em meu nome, já foram licenciados.
REGANE · Meus incômodos crescem!
ALBÂNIA · Não se encontra
passando bem; levai-a para a tenda.
(Sai Regane, amparada.)
Aproxima-te, arauto.
(Entra um arauto.)
Que a trombeta
soe logo e, depois, proclama isto.
OFICIAL · Soe a trombeta!
(Ouve-se um toque de trombeta.)
ARAUTO · "Se houver nas fileiras do exército qualquer
homem de qualidade ou posição que queira sustentar
contra Edmundo, suposto conde de Gloster, que ele é
muitas vezes traidor, apresente-se ao terceiro toque da
trombeta. Edmundo está decidido a defender-se."
EDMUNDO · Tocai!
(primeiro toque.)

shakespearebrasileiro.org

ARAUTO · Outra vez!

(Segundo toque.)

ARAUTO · Outra vez!

(Terceiro toque.)

(Uma trombeta responde dentro.)

(Entra Edgar, armado, precedido de um trombeteiro.)

ALBÂNIA · Interrogai-o sobre seus intuitos
e porque veio ao toque da trombeta.

ARAUTO ·
Quem sois vós? Vosso nome? Vosso estado?
Por que viestes aqui a esta chamada?

EDGAR · Meu nome se perdeu, ficai sabendo.
Roeu-o o dente da traição, deixando-o
lacerado de todo. Mas sou nobre
tanto quanto o adversário que procuro.

ALBÂNIA · Quem é esse adversário?

EDGAR · Quem responde
pelo conde de Gloster, por Edmundo?

EDMUNDO · Ele próprio. Que tens para dizer-lhe?

EDGAR · Saca da espada, para que, no caso
de um nobre coração vir meu discurso
magoar, justiça obtenhas por teu braço.
Eis aqui a minha, como privilégio
de minha qualidade, juramentos
e honraria, que aqui venho afirmar-te.
apesar de tua força, mocidade,
posição e alto estado; não obstante
tua sorte forjada há pouco tempo
e a espada vitoriosa, tua grandeza,
valentia e coragem, que és traidor,
falso aos deuses, ao próprio irmão e ao pai,
conspirador contra este ilustre príncipe,
e que do ponto extremo da cabeça
ao mais baixo do pé que pisa a poeira,
és um traidor manchado como o sapo.
Se "Não" disseres, esta espada, o braço,
minha melhor coragem vão provar-te
no coração que mentes.

EDMUNDO · A prudência
me mandaria perguntar teu nome.
Mas visto teres um exterior tão belo,
tão marcial, e expressar os pensamentos
tua língua com nobreza, com desprezo
ponho de lado todas as de longas
que as próprias regras da cavalaria
sem desdoiro nenhum me asseguraram.
Essas traições, em tua fronte as jogo,
e o coração aperto-te na própria
calúnia odiosa como o duro inferno.
De leve, tão-somente, me tocaram.
Por isso, minha espada vai mostrar-lhes
neste instante o caminho para o ponto
em que repouso irão achar eterno.
Falai, trombetas!

(Alarma; batem-se; Edmundo cai.)

ALBÂNIA · Poupai-lhe a vida!

GONERIL · É uma cilada. Gloster!
Segundo as leis das armas, não devias
aceitar luta com um desconhecido.
Vencido não caíste; foste vítima
do embuste e da traição.

ALBÂNIA · Fechai a boca,
senhora; do contrário, eu mesmo a tapo
com esta carta. Olha para este lado,
senhor, pior do que os mais feios nomes;
lê teu próprio delito. Não, senhora!
Não a rasgueis! Vejo que a conheceis.

(Dá a carta a Edmundo.)

GONERIL · E se fosse esse o caso? A lei é minha,
não tua. Quem me chamará a juízo?

(Sai.)

ALBÂNIA · Oh! Monstruoso! Conheces essa carta?

EDMUNDO ·
Oh! não me perguntes o que eu conheço.

ALBÂNIA · Ide atrás dela; está desesperada.
Vigiai-a bem.

(Sai o oficial.)

EDMUNDO · Sim, perpetrei os crimes
de que ora me acusais, e muitas coisas,
ainda, muitas mais. Aos poucos há de
revelá-las o tempo. Mas tudo isso
já passou, tal como eu. Mas quem és tu,
que tal vantagem sobre mim tiveste?
Se fores nobre, o meu perdão concedo-te.

EDGAR · Então reciprocuemos caridade.
Não é menor que o teu meu sangue, Edmundo.
Se maior for, maior será tua culpa
com relação a mim. Chamo-me Edgar;
sou filho de teu pai. Justos os deuses
sempre são, e instrumentos de castigo
fazem de nossos vícios agradáveis.
Custou-lhe os olhos o lugar vicioso
onde foste gerado.

EDMUNDO · Com acerto
falaste; é verdadeiro o que disseste.
Estou aqui: ficou completo o círculo.

shakespearebrasileiro.org

ALBÂNIA · Bem vi que tua forma revelava
uma nobreza real. Quero abraçar-te.
Que a dor me parta o coração, se acaso
te tive ódio, ou a teu pai, em qualquer tempo.
EDGAR · Sei disso, digno príncipe.
ALBÂNIA · Em que ponto
vos escondestes? Como a saber viestes
das misérias de vosso pobre pai?
EDGAR · Tratando delas, meu senhor, apenas.
Ouvi uma história curta, e logo que ela
tiver sido contada, oh! que me estale
de dor o coração. Da sanguinária
proclamação porque escapar pudesse,
que tão de perto os passos me seguia —
Oh doçura da vida, que nos fazes
preferir morrer de hora em hora as dores
da morte a de uma vez morrer de todo! —
precisei disfarçar-me com os andrajos
de um demente, assumindo uma aparência
que até mesmo os cachorros repelia.
Com essas vestes fui achar meu pai,
cujos anéis sangrentos as preciosas
pedras tinham perdido. Transformei-me
em seu guia, pedi para ele esmola,
por toda parte o conduzi, salvei-o
do desespero, sem que nunca — oh falta!
lhe houvesse revelado quem eu era,
senão há cerca de meia hora, quando
já me encontrava armado. Não me achando
seguro de vencer, pedi-lhe a bênção
e minha peregrinação contei-lhe,
do começo até ao fim. Mas seu rachado
coração, ah! muito fraco porque a luta
pudesse suportar dos dois extremos
da paixão, alegria e sofrimento,
sorrindo arrebentou.
EDMUNDO · Vosso discurso
me comoveu, sendo possível, mesmo,
que produza algum bem. Mas prossegui;
parece que ainda não contastes tudo.
ALBÂNIA · Se houver outras misérias, ocultai-as,
porque no ponto de chorar me encontro,
ouvindo o que contastes.
EDGAR · Julgaria
quem não amasse a dor que esse relato
já representa tudo. Porém se outro
viesse juntar-se ainda a tantos males,
ampliando-os muito e muito, ultrapassara
decerto o ponto extremo.
Quando a clamar de dor eu me encontrava,
chegou um homem que me vira em minha
ínfima condição e se esquivara
de minha companhia repelente,
mas que, ao notar, então, quem era o grande
sofredor, em seus braços vigorosos
me apertou o pescoço, urrou a ponto
de arrebentar o céu, lançou-se em cima
do corpo de meu pai e a mais dorida
história me contou sobre ele e Lear,
que jamais percebeu o ouvido humano.
Ao relatá-la, a dor o dominava,
começando a estalar-lhe as próprias cordas
da vida. Mas nessa hora duas vezes
soou a trombeta e exânime o deixei.
ALBÂNIA · Mas quem é ele?
EDGAR · Kent, senhor; o mesmo
Kent exilado, o qual sob um disfarce
seguia o Rei seu inimigo, tendo
lhe prestado serviços nada próprios,
ai! nem mesmo de escravos.

(Entra um gentil-homem com uma faca ensangüentada.)

GENTIL-HOMEM · Aqui, socorro!
Socorro, aqui!
EDGAR · Socorro de que jeito?
ALBÂNIA · Fala, homem.
EDGAR · E essa faca ensangüentada?
GENTIL-HOMEM ·
Está quente; fumega; neste instante
saiu do coração dela... Oh! Morreu!
ALBÂNIA · Quem morreu, homem? Fala.
GENTIL-HOMEM · Vossa esposa,
senhor, vossa consorte, e a irmã por ela
envenenada; confessou o fato.
EDMUNDO · Fiquei noivo das duas; na mesma hora
casamo-nos os três.
EDGAR · Kent aí vem vindo.
ALBÂNIA · Trazei os corpos, mortos ou com vida.
Este juízo dos céus, que nos abala,
não nos deixa, por isso, enternecido.

(Sai o gentil-homem.)

(Entra Kent.)

Oh! É ele mesmo? Não permite o tempo
saudá-lo como a cortesia manda.

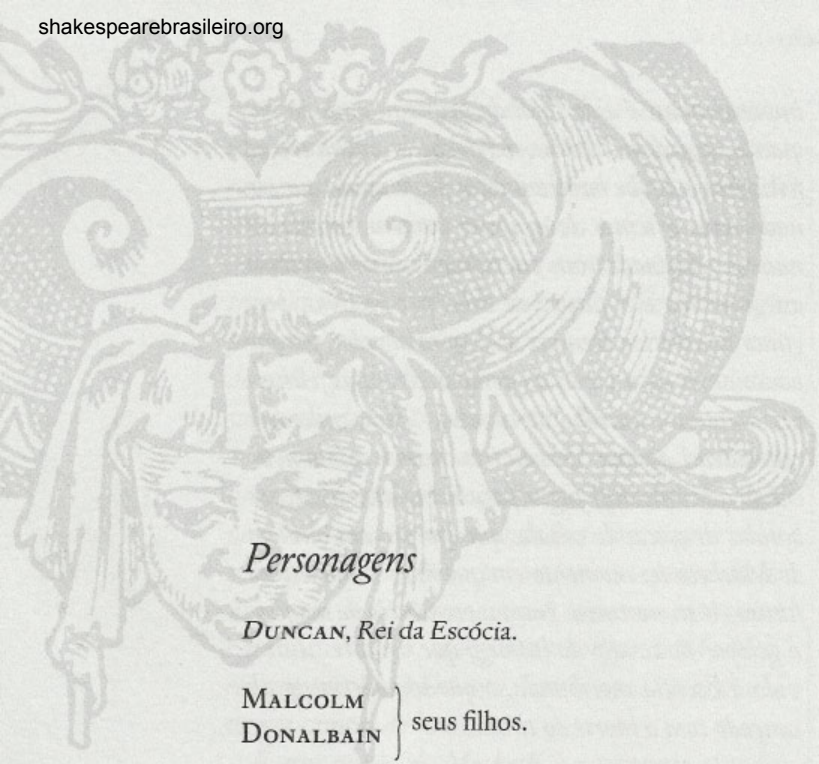
shakespearebrasileiro.org

KENT · Só vim aqui para dizer boa noite
ao meu Rei e senhor. Não se acha aqui?
ALBÂNIA · Oh! Esquecemos do que mais importa!
Dize-nos. Edmundo, onde está o Rei?
Onde ficou Cordélia? Kent, vês isto?
(São trazidos os corpos de Goneril e Regane.)
KENT · Oh! Como aconteceu?
EDMUNDO · No entanto, Edmundo
foi amado! Uma deu veneno à outra,
por minha causa, e se matou depois.
ALBÂNIA · Justamente; cobri-lhes ora o rosto.
EDMUNDO · A vida já me foge, mas quisera
fazer ainda algum bem, embora contra
minha própria feição. Mandai depressa,
bem depressa, ao castelo. Meu escrito
ameaça a vida de Cordélia e Lear.
Não percais tempo.
ALBÂNIA · Corre! Corre! Corre!
EDGAR · Para onde, meu senhor? Qual a pessoa
que está disso incumbida? É necessário
enviares um penhor como contra-ordem.
EDMUNDO · Foi bem pensado; toma minha espada
e a entrega ao capitão.
ALBÂNIA · Por tua vida,
não percas tempo.
(Sai Edgar.)
EDMUNDO · A comissão tem ele
de tua esposa morta e minha, para
na prisão a Cordélia dar a morte,
atribuindo, depois, ao desespero
dela mesma sua própria destruição.
ALBÂNIA · Que os deuses a protejam! Retirai-o.
(Entram Lear, com Cordélia nos braços, morta; Edgar, oficiais e outras pessoas.)
LEAR · Uivai! Uivai! Uivai! Sois empedrados!
Se vossas línguas e olhos eu tivesse,
usara-os de tal modo, que faria
rachar a abóbada celeste. Foi-se
para sempre! Conheço muito bem
quando alguém está morto ou quando vive.
Morta está como terra. Ide buscar-me
um espelho; no caso de seu hálito
embaçar ou cobrir a superfície,
então é que ela ainda está com vida.
KENT · Este é o fim prometido?
EDGAR · Ou bem a imagem
de tanto horror?
ALBÂNIA · Cai de uma vez e acaba.
LEAR · A pluma está a mexer! Ela está viva!
Oh! se for assim mesmo, é uma ventura
que recompensa todos os pesares
por que tenho passado.
KENT *(ajoelhando-se)* · Oh meu bom mestre!
LEAR · Sai, por favor!
EDGAR · É Kent, o vosso amigo.
LEAR · A peste sobre vós, traidores todos!
Sois todos assassinos! Poderia
tê-la salvo, mas foi-se para sempre.
Oh Cordélia! Cordélia! Espera um pouco!
Ah!
Que disseste? A voz tinha sempre branda,
agradável e baixa, predicado
na mulher de valor inestimável.
Matei o escravo, quando te enforcava.
OFICIAL · É certo, meu senhor; matou-o, de fato.
LEAR · Não é verdade, amigo? Já houve tempo
em que com minha espada de bom gume
os fazia dançar. Ora estou velho
e estes trabalhos todos me deprimem.
Quem sois? Não vejo bem. Vou já dizer-vos.
KENT · Se blasona a fortuna de a dois seres
ao mesmo tempo haver odiado e amado,
a um deles aqui vemos.
LEAR · Tenho a vista
um tanto baça. Acaso não sois Kent?
KENT · O mesmo; Kent, o vosso servidor.
Onde se encontra vosso criado Caius?
LEAR · Um bom sujeito, posso asseverar-vos;
sabe bater nos outros com aprumo.
Está morto e bem podre.
KENT · Não, bondoso
senhor; sou ele mesmo...
LEAR · Verei isso
neste momento.
KENT · ... que desde o começo
de vossos infortúnios e declínio
vos tem seguido os lastimosos passos.
LEAR · Sois bem-vindo.
KENT · Ninguém é aqui bem-vindo.
Tudo é sem alegria, escuro e morto.

shakespearebrasileiro.org

Vossas filhas mais velhas se mataram,
morrendo em desespero.
LEAR · Oh! Acredito-o.
ALBÂNIA · Já não sabe o que diz; absurdo fora
tentarmos conversar com ele.
KENT · É inútil.
(Entra um oficial.)
OFICIAL · Edmundo faleceu, milorde.
ALBÂNIA · Nada
significa isso agora. Vós, senhores
e meus caros amigos, comunico-vos
minha intenção, que é dar todo o conforto
que com esta grande ruína se coadune.
Enquanto a nós, durante a vida desta
cândida majestade, conferimos-lhe
todo o nosso poder. *(A Kent e Edgar).*
A vós, as vossas
honrarias, que vossos grandes préstimos
mais do que mereceram. Os amigos
receberão a paga da virtude
provando todos nossos inimigos
da copa do castigo. Oh! Vede! vede!
LEAR · Foi enforcada minha bonequinha!
Não, não! Vida nenhuma! Por que causa
terá vida um cavalo, um cão, um rato,
e tu, fôlego algum? Não voltarás,
oh! nunca, nunca, nunca, nunca, nunca!
Por obséquio, soltai-me este botão.
Obrigado, senhor. Oh! vedes isto?
Olhai para ela! Vede os lábios dela!
Olhai aqui! Olhai aqui!
(Morre.)
EDGAR · Desmaia!
Senhor! Senhor!
KENT · Estala, coração!
Estala, peço-te.
EDGAR · Senhor, olhai-me!
KENT · Não lhe molesteis a alma. Que se fine.
Ódio lhe tem quem desejar deitá-lo
por mais tempo no banco de tormentos
deste mundo tão duro.
EDGAR · Já não vive,
realmente.
KENT · O que é admirável é que tenha
agüentado a esse ponto. Sua vida
já era usurpada.
ALBÂNIA · O corpo removei. Luto geral
vai ser a nossa ocupação precípua.
(A Kent e Edgar.)
Amigos d'alma, governai o Estado,
que tão ferido se acha e malfadado.
KENT · Para uma viagem longa vou partir.
O mestre é que me chama; tenho de ir.
ALBÂNIA · Do tempo triste somos os arrimos;
digamos tão-somente o que sentimos.
Muito o velho sofreu; mais desgraçada
nossa velhice não será em nada.
(Saem ao som de uma marcha fúnebre.)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

DUNCAN, *Rei da Escócia.*

MALCOLM, DONALBAIN } seus filhos.

MACBETH, BANQUO } generais do exército do Rei.

MACDUFF, LENNOX, ROSS, MENTEITH, ANGUS, CAITHNESS } nobres da Escócia.

FLEANCE, filho de Banquo.
SIWARD, duque de Northumberland, general do exército inglês.
O JOVEM SIWARD, seu filho.
SEYTON, *oficial ligado a Macbeth.*
Menino, filho de Macduff.
Um médico inglês.
Um médico escocês.
Um sargento.
Um porteiro.
Um velho.
LADY MACBETH.
LADY MACDUFF.
Criado de quarto de lady Macbeth.
Hécate e três bruxas.
Nobres, gentis-homens, oficiais, soldados, assassinos, criados e mensageiros. O espectro de Banquo e outras aparições.

Cena

Escócia; Inglaterra.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Lugar deserto.
Trovões e relâmpagos. Entram três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA · Quando estaremos à mão
com chuva, raio e trovão?
SEGUNDA BRUXA · Depois de calma a baralha
e vencida esta batalha.
TERCEIRA BRUXA · Hoje mesmo, então, sem falha.
PRIMEIRA BRUXA · Onde?
SEGUNDA BRUXA · Da charneca ao pé.
TERCEIRA BRUXA · Para encontrarmos Macbeth.
PRIMEIRA BRUXA · Graymalkin, não faltarei.
SEGUNDA BRUXA · Paddock chama.
TERCEIRA BRUXA · Depressa!
TODAS · São iguais o belo e o feio;
andemos da névoa em meio.
(Saem).

Ato I · Cena II

Um campo perto de Forres.
Alarma dentro. Entram o Rei Duncan, Malcolm,
Donalbain, Lennox e pessoas do séquito.
Encontram um sargento ferido.

DUNCAN · Quem é esse indivíduo ensangüentado?
Pelo que mostra, pode dizer algo
sobre o estado recente da revolta.
MALCOLM ·
É o sargento que, como bom e intrépido
soldado, me livrou do cativeiro.
Salve, valente amigo! Ao Rei relata
quanto sabes da luta até o momento
em que saíste dela.
SARGENTO · Duvidoso
era o desfecho, como dois cansados
nadadores que um no outro se embaraçam,
a arte prejudicando mutuamente.
O impiedoso Macdonwald, digno em tudo
de ser mesmo um rebelde — que as inúmeras
vilanias do mundo em torno dele
como enxames esvoaçam — suprimentos
das ilhas do oeste recebeu de quernes
e galowglasses; e a fortuna, rindo
para sua querela amaldiçoada,
mostrou-se prostituta de um rebelde.
Mas tudo isso foi fraco em demasia,
porque o bravo Macbeth — merece o título —
desdenhando a fortuna, de aço em punho,
a fumegar da execução sangrenta,
tal como o favorito da bravura,
soube um caminho abrir até postar-se
bem na frente do escravo,
não lhe tendo apertado a mão nem dito
nenhum adeus, enquanto de alto a baixo
não o descoseu e em nossos parapeitos
pendurou-lhe a cabeça.
DUNCAN · Oh bravo primo!
Que digno gentil-homem!
SARGENTO · Como nascem
tempestades terríveis e arrebentam
pavorosos trovões do mesmo lado
em que o sol principia a levantar-se:
da mesma fonte, assim, de onde o socorro
parecia manar, surgiu o alarma.
Presta atenção agora, Rei da Escócia:
mal havia a justiça, redobrada
pelo valor, forçado os ágeis quernes
a confiar nos próprios calcanhares,
quando o senhor dos noruegueses, tendo
percebido a vantagem, com polidas
armas e gente fresca de reforço,
recomeçou o assalto.
DUNCAN · E porventura
temor não causou isso em nossos cabos
Banquo e Macbeth?
SARGENTO · Como os pardais às águias
ou a lebre ao leão. Para dizer o que houve,
terei de relatar que pareciam
canhões com dupla carga reforçados.
Assim eles
redobravam no imigo duplos golpes.
Se queriam banhar-se em fumegantes
feridas, se dar fama a um outro Gólgota,

shakespearebrasileiro.org

não sei dizê-lo.
Mas temo desmaiar; minhas feridas
reclamam por socorro.
DUNCAN · Teu relato
te orna tão bem como esses ferimentos;
lídimo sabor de honra eles revelam.
Ide buscar um cirurgião para ele.
(Sai o sargento, acompanhado.)
(Entra Ross.)
Quem vem aí?
MALCOLM · O muito digno thane
de Ross. Nos olhos dele, quanta pressa!
O olhar assim teria quem nos viesse
dar notícias de fatos muito estranhos.
ROSS · Que Deus proteja o Rei.
DUNCAN · Mui digno thane,
de onde vens?
ROSS · Grande Rei, venho de Fife.
onde as bandeiras norueguesas zombam
do céu e deixam fria nossa gente
com sua agitação. O soberano
norueguês em pessoa, com terrível
número, reforçado pelo thane
de Cawdor, o traidor desleal e pérfido,
deu início a um conflito pavoroso.
até que o forte noivo de Belona,
à prova de valor, veio com ele
defrontar-se em combate singular,
espada contra espada, braço contra
braço rebelde, e fez que seu espírito
altivo se curvasse. Em conclusão:
a vitória pendeu do nosso lado.
DUNCAN · Grande felicidade!
ROSS · De tal modo
que Sweno, o norueguês, paz nos implora.
Mas não o deixamos sepultar os mortos
sem que, antes, em Saint Colme, dez mil dólares
houvesse pago para nossa caixa.
DUNCAN · Jamais de novo há de trair o thane
de Cawdor nosso afeto. Sem delongas
o condenai à morte e com seu título
saudai Macbeth.
ROSS · A mim tomo esse encargo.
DUNCAN · Folga Macbeth com o que para ele é
amargo.
(Saem).

Ato I · Cena III

A charneca.
Trovões. Entram as três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA · Onde estiveste, irmã?
SEGUNDA BRUXA · Matando porco.
TERCEIRA BRUXA · E tu, irmã?
PRIMEIRA BRUXA ·
Cheio o regaço tinha de castanhas
a mulher de um marujo, e mastigava,
mascava, mastigava. "Cede-me uma",
lhe disse. "Vai-te embora, bruxa!" grita-me
a gorda comedora de babugem.
Em caminho de Alepo está o marido,
como chefe do "Tigre".
Mas como rato cotó
numa peneira vou só.
E roque, roque, roque!
SEGUNDA BRUXA · Vou dar-te um bom vento.
PRIMEIRA BRUXA · Vem a meu contento.
TERCEIRA BRUXA · Com mais um podes contar.
PRIMEIRA BRUXA · Saberei outros achar
e os portos de mais zunidos
e os pontos deles sabidos
na carta dos marinheiros.
Vou deixá-lo como enguia,
sem que o sono, noite e dia,
lhe baixe aos olhos um nada.
Vai ser vida amaldiçoada.
Semanas noventa e nove,
fraco e magro, nem se move;
e embora não perca o barco,
de tufões não será parco.
Vê o que eu trouxe!
SEGUNDA BRUXA · Mostra-me! Mostra-me!
PRIMEIRA BRUXA · O dedo de um marinheiro
que naufragou no roteiro.
(Barulho de tambor, dentro.)
TERCEIRA BRUXA · Tambor! Tambor!

shakespearebrasileiro.org

Eis Macbeth, o vencedor!
TODAS · As três bruxas, mãos unidas,
por estradas não batidas,
por mar e terra se vão,
Três para ti, três a mim,
três para nove no fim.
Silêncio! O encanto está pronto.
(Entram Macbeth e Banquo.)
MACBETH · Nunca vi dia assim, tão feio e belo.
BANQUO · A que distância ainda se encontra Forres?
Quem são essas criaturas tão mirradas
e de vestes selvagens, que habitantes
não parecem da terra e, no entretanto,
nela se movem? Acaso tendes vida?
Sois algo a que perguntas dirijamos?
Pareceis compreender-me, pois a um tempo
levais os dedos ósseos a esses lábios
encarquilhados. Quase vos tomara
por mulheres; no entanto, vossas barbas
não me permitem dar-vos esse nome.
MACBETH · Respondei, se puderdes: quem sois vós?
PRIMEIRA BRUXA ·
Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos,
thane de Glamis!
SEGUNDA BRUXA ·
Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos,
thane de Cawdor!
TERCEIRA BRUXA ·
Viva Macbeth, que há de ser Rei mais tarde!
BANQUO · Meu bondoso senhor, por que motivo
vos mostrais assustado, parecendo
recear o que de ouvir é assim tão belo?
Em nome da verdade, imaginárias
sereis realmente, ou o que mostrais por fora?
Meu nobre companheiro foi saudado
com títulos, por vós, de atual valia
e grande predição de haveres nobres
e de real esperança, que parece
deixá-lo arrebatado. Porém nada
me dissestes. Se podeis ver a seara
do tempo e predizer quais as sementes
que hão de brotar, quais não, falai comigo,
que não procuro nem receio vosso
ódio ou vosso favor.
PRIMEIRA BRUXA · Salve!
SEGUNDA BRUXA · Salve!
TERCEIRA BRUXA · Salve!
PRIMEIRA BRUXA ·
Menor do que Macbeth, porém maior!
SEGUNDA BRUXA ·
Não tão feliz, mas muito mais feliz!
TERCEIRA BRUXA ·
Gerarás reis, embora Rei não sejas!
Assim, viva Macbeth e viva Banquo!
PRIMEIRA BRUXA ·
Viva Banquo e Macbeth! A todos, viva!
MACBETH · Um momento, oradoras imperfeitas.
Falai-me mais um pouco. Pela morte
de Sinel eu fiquei thane de Glamis.
Mas, Cawdor, de que jeito? Vive o thane
de Cawdor, gentil-homem muito próspero;
e ser Rei ultrapassa os horizontes
da crença tanto ou mais do que ser Cawdor.
Dizei de onde tirastes tão insólita
notícia e por que causa nos fizestes
parar nesta charneca desolada,
com saudações proféticas? Intimo-vos
a me falar.
(As bruxas desaparecem.)
BANQUO · A terra tem borbulhas,
tal como a água. Elas são justamente isso.
Mas para onde sumiram?
MACBETH · No ar; e tudo
quanto nos parecia ser corpóreo
se fundiu como ao vento nosso anélito.
Oh! se tivessem demorado um pouco!
BANQUO · Aqui estiveram, mesmo, essas criaturas
sobre que conversamos, ou teríamos
comido da raiz malsã que deixa
prisioneira a razão?
MACBETH · Reis, vossos filhos?
BANQUO · Chegareis a Rei.
MACBETH · E assim, thane de Cawdor. Não foi isso?
BANQUO · Esse, o tom e as palavras. Quem vem vindo?
(Entram Ross e Angus.)
ROSS · Macbeth, com alegria o Rei as novas
recebeu da vitória que obtiveste,
e quando ouve falar que aventuraste
tua pessoa contra esses rebeldes,
põem-se nele a lutar os elogios
e a admiração sobre que parte fora
justo te reservar, qual a ele próprio.
Se sobre isso não fala, compendiando
quanto houve neste dia extraordinário,

shakespearebrasileiro.org

descobre-te na fila dos intrépidos
noruegueses, impávido ante as formas
da morte estranhas por ti próprio criadas.
Bastos como granizo, os mensageiros
se sucediam, todos portadores
de encômios para ti nesta grandiosa
defesa de seu reino, derramando-lhe
aos pés os elogios.
Angus · Aqui estamos
para trazer-te os agradecimentos
de nosso real senhor e te levarmos
à sua frente, não para pagar-te.
Ross · E como arras de uma honra de mais vulto,
por ele devo te chamar de thane
de Cawdor. Salve, pois, mui digno thane,
por essa promoção, pois teu é o título.
Banquo · Como! Falou o diabo, então, verdade?
Macbeth · Vive o thane de Cawdor; qual a causa
de me vestirdes com a roupagem de outrem?
Angus · O que foi thane ainda está com vida:
mas sob pesado juízo a vida se acha
que ele malbaratou. Ou mantivesse
combinação com os próprios noruegueses,
ou por meios secretos os rebeldes
procurasse auxiliar, ou dos dois lados
se empenhasse na ruína de sua pátria,
não sei dizê-lo; mas o certo é que altas
traições, já confessadas e provadas,
o fizeram cair.
Macbeth *(à parte)* · Glamis e thane
de Cawdor... O maior virá a seu tempo.
(A Ross e Angus.)
Agradeço o trabalho. *(A Banquo.)* Esperançado
não ficais de que venham vossos filhos
a ser reis, uma vez que as que de thane
de Cawdor me chamaram, não menores
coisas lhes prometeram?
Banquo · Uma grande
confiança na promessa poderia
vos inflamar para chegar ao trono,
mais que thane de Cawdor. Mas é estranho;
por vezes, para nos perdermos, contam-nos
os agentes das trevas alguns fatos
verídicos, seduzem-nos com coisas
inocentes, porém de pouca monta,
para nos arrastar a conseqüências
incalculáveis.
Primo, uma palavrinha, por obséquio.
Macbeth *(à parte)* ·
Duas verdades foram ditas, prólogo
feliz do ato elevado, cujo tema
é simplesmente real. — Muito obrigado,
senhores. *(À parte.)* Essa solicitação
tão sobrenatural pode ser boa,
como pode ser má... Se não for boa,
por que me deu as arras de bom êxito,
relatando a verdade? Sou o thane
de Cawdor. Sendo boa, por que causa
ceder à sugestão, cuja figura
pavorosa os cabelos me arrepia,
fazendo que me bata nas costelas
o coração tão firme, contra as normas
da natureza? O medo que sentimos
é menos de temer que as mais terríveis
mas fictícias criações. Meu pensamento
no qual o crime por enquanto é apenas
um fantasma, a tal ponto o pobre reino
de minha alma sacode, que esmagada
se torna a vida pela fantasia,
sem que haja nada além do que não é.
Banquo · Como ficou absorto nosso amigo!
Macbeth *(à parte)* ·
Se o acaso quer que eu seja Rei, o acaso
me poderá coroar sem que eu me mexa.
Banquo · As honras mais recentes caem nele
como em nós roupa nova, que somente
com o uso vêm a se ajeitar no corpo.
Macbeth *(à parte)* ·
Venha o que vier, que a hora da alegria
chega depois do mais cansado dia.
Banquo ·
Digno Macbeth, por vós é que esperamos.
Macbeth · Desculpai-me; mas meu pesado cérebro
se ocupava com coisas esquecidas.
Vossos trabalhos, dignos cavalheiros,
gravados ficam onde diariamente
virar eu possa as folhas para lê-los.
Procuremos o Rei. *(A Banquo.)* Pensai no que houve,
que mais tarde, depois de refletirmos,
com o coração aberto falaremos.
Banquo · Pois não.
Macbeth · Por hoje basta. Amigos, vamos!
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena IV

Forres. Um quarto no palácio.
Fanfarra. Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Lennox e pessoas do séquito.

DUNCAN · Cawdor já foi executado? Os homens
incumbidos do feito já voltaram?
MALCOLM · Meu suserano, ainda não vieram;
mas falei com alguém que o viu morrer,
que me disse haver ele confessado
francamente as traições, pedido a Vossa
Grandeza lhe perdoasse e revelado
grande arrependimento. Nada em vida
tanto o ornou como o modo de deixá-la.
Morreu tal como se estudado houvesse
como na hora da morte desfazer-se
do mais precioso bem, como se fosse
de somenos valor.
DUNCAN · Não existe arte
que ensine a ler no rosto as feições da alma.
Era um fidalgo em quem depositava
absoluta confiança.
(Entram Macbeth, Banquo, Ross e Angus.)
Oh digno primo!
Neste instante pesava-me o pecado
de minha ingratidão. Tão na dianteira
te achas agora, que as mais lestes asas
da recompensa se revelam tardas
demais para alcançar-te. Quem me dera
que teus méritos fossem mais modestos.
porque estivesse em mim a conta certa
dos agradecimentos e da paga!
Só me resta dizer-te que mereces
mais, muito mais do que as mais ricas messes.
MACBETH · O serviço e a lealdade que vos devo
por si mesmos se pagam, competindo
tão-somente a Vossa Honra contar sempre
com nossa obrigação, consistindo esta
em bem servir o trono, o Estado, os filhos
e os servidores, que só fazem quanto
devem fazendo tudo quanto podem
com relação a vosso amor e glória.
DUNCAN · Sê bem-vindo. A plantar-te comecei;
hei de esforçar-me, assim, para que alcances
crescimento completo. Nobre Banquo,
que menos não fizeste e cujos feitos
ficar não devem menos conhecidos:
permite que te abrace e aperte muito
de encontro ao coração.
BANQUO · Se em tal terreno
eu me der bem, vossa será a colheita.
DUNCAN · As minhas abundantes alegrias,
ébrias de plenitude, ora procuram
ocultar-se nas togas da tristeza.
Filhos, parentes, thanes, e vós outros
que vos achais mais próximos: sabei
que reforçar queremos nosso Estado
em nosso primogênito Malcolm,
a quem nomeamos doravante príncipe
de Cumberlândia. Mas não há de essa honra
a ele somente ornar. Não; como estrelas,
títulos brilharão de alta nobreza
sobre quem merecer. *(A Macbeth.)* Daqui sigamos
para Inverness, a fim de que se dobrem
minhas obrigações para convosco.
MACBETH · Trabalho será o ócio que em proveito
vosso não for usado. Eu mesmo quero
ser o aposentador de Vossa Alteza,
para que jubilosos os ouvidos
deixe de minha esposa com a notícia
de que em breve estareis em nossa casa.
Assim, despeço-me.
DUNCAN · Meu digno Cawdor!
MACBETH *(à parte)* ·
Já príncipe de Cumberlândia! É escolho
que ao mar me joga, se eu não abrir o olho.
Estrelas, escondei a luz jucunda,
para que a escuridão não veja funda
de meus negros anseios! Que na frente
da mão o olho se feche prestesmente;
mas que se concretize o que, acabado,
faça o olho estremecer de horrorizado.
(Sai.)
DUNCAN · É certo, digno Banquo; é mui valente.
Dos elogios dele me alimento;
são para mim banquete. Acompanhemo-lo.
O zelo dele vai na nossa frente
para nos preparar o acolhimento.
Não há parente igual.
(Fanfarras. Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena V

Inverness. Castelo de Macbeth.
Entra lady Macbeth, lendo uma carta.

"Elas me encontraram no dia da vitória e pude
verificar, pela mais exata confirmação, que são
dotadas de saber mais do que humano. Quando
eu ardia em desejos de continuar a interrogá-
las, desfizeram-se em ar, no qual se dissiparam.
Enquanto eu me encontrava tomado de estupor com
o que acontecera, chegaram mensageiros do Rei, que
me cumprimentaram a uma voz como "Thane de
Cawdor", título com que, antes, me haviam saudado
as irmãs feiticeiras, referindo-se ao meu futuro por
este modo: "Salve! Ainda virás a ser Rei!" Pareceu-
me bem comunicar-te o que se passou, companheira
querida de minha grandeza, para que não viesses
a perder a parte que te cabe dessa felicidade, com
ignorares o futuro que te está prometido. Guarda
isto no coração e adeus."
Glamis já és e Cawdor, e em futuro
virás a ser o que te prometeram.
Temo, porém, a tua natureza
cheia de leite da bondade humana,
que entrar não te consente pela estrada
que vai direito à meta. Desejaras
ser grande, e não te encontras destituído,
de todo, de ambição; porém careces
da inerente maldade. O que desejas
com fervor, desejaras santamente;
não queres jogo ilícito, mas queres
ganhar mal. Desejaras, grande Glamis,
possuir o que te grita: "Desse modo
precisarás fazer, para que o tenhas!"
Mas antes medo tens de fazer isso
do que desejas que não fique feito.
Vem para cá, para que meus espíritos
nos ouvidos te deite e com a ousadia
de minha língua chicoteie quantos
obstáculos te separam do áureo círculo
com que o destino e o auxílio metafísico
como que desde já te coroaram.

(Entra um mensageiro.)

Quais são as novidades?

MENSAGEIRO · Hoje à noite
o Rei chegará aqui.

LADY MACBETH · Como! Estás louco?
Acaso teu senhor não está com ele?
Não deixaria de instruções mandar-me,
para os preparativos.

MENSAGEIRO · Com licença,
mas é verdade. Vai chegar o thane.
Um dos meus camaradas a dianteira
dele tomou, de estafa quase morto,
mal lhe restando o fôlego preciso
para dar o recado.

LADY MACBETH · Cuidem dele
com carinho; traz grandes novidades.

(Sai o mensageiro.)

Rouco está o próprio corvo que crocita
a chegada fatídica de Duncan
à minha fortaleza. Vinde, espíritos
que os pensamentos espreitais de morte,
tirai-me o sexo, cheia me deixando,
da cabeça até os pés, da mais terrível
crueldade! Espessai-me todo o sangue;
obstruí os acessos da consciência,
porque batida alguma compungida
da natureza sacudir não venha
minha hórrida vontade, promovendo
acordo entre ela e o ato. Ao feminino
peito baixai-me, e fel bebei por leite,
auxiliares do crime, de onde as vossas
substâncias incorpóreas sempre se acham
à espreita de desgraças deste mundo.
Vem, noite espessa, e embuça-te no manto
dos vapores do inferno mais sombrios,
porque as feridas meu punhal agudo
não veja que fizer, nem o céu possa
espreitar através do escuro manto
e gritar: "Pára! Pára!"

(Entra Macbeth.)

Grande Glamis,
digno Cawdor, maior do que ambos, ainda,
pela futura saudação. Tua carta
além me pôs deste presente néscio,
sentindo eu futuro neste instante.

MACBETH · Duncan, meu caro amor, chega esta noite.

LADY MACBETH ·
E quando vai embora?

MACBETH · Amanhã mesmo,

shakespearebrasileiro.org

segundo pensa.
LADY MACBETH · O sol, oh! nunca, nunca
verá esse amanhã.
Vosso rosto, meu thane, é um livro aberto
em que podemos ler coisas estranhas.
Para o mundo enganardes, a aparência
tomai do mundo; tende boas-vindas
nas mãos, nos olhos e na própria língua;
a todos parecei flor inocente,
mas sede a serpe que na flor se esconde.

Cuidemos do hóspede que chega, sendo
que a meu cargo deveis deixar o grande
negócio desta noite, que nos há de
legar dias e noites de alegria,
de mando soberano e de valia.
MACBETH · Depois conversaremos.
LADY MACBETH · Só te digo
que a voz mudar é revelar perigo.
Deixa o resto comigo.

(Saem.)

Ato I · Cena VI

O mesmo. Diante do castelo.
Oboés e tochas. Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Banquo, Lennox, Macduff, Ross, Angus e pessoas do séquito.

DUNCAN · É bela a posição deste castelo.
O ar afaga os sentidos delicados
por maneira agradável e serena.
Os hóspedes do estio, as andorinhas,
dos templos familiares, bem demonstram
com seus ninhos mimosos que o celeste
hálito aqui cativa com o perfume.
Não há sacada, friso, arcobotante,
ou favorável canto em que esses pássaros
não suspendam seu leito e o berço fértil.
Onde eles gostam de viver, notei-o,
o ar é mui delicado.

(Entra lady Macbeth.)

Vede! Vede!
Nossa hospedeira ilustre! O amor que segue
nossos passos, por vezes nos perturba.
Mas, sendo amor, agradecemos sempre.
Com isso vos ensino a dirigir-nos
um "Deus vos recompense" pelos muitos
trabalhos que vos damos, e aos incômodos
ainda agradecer-nos.
LADY MACBETH · Fossem duplos
nossos trabalhos, sob qualquer aspecto,
e depois redobrados, ainda foram
coisinhas sem valor, se comparados
com as honrarias grandes e profundas
com que sobrecarrega nossa casa
vossa alta majestade. Pelos velhos
benefícios e as honras mais recentes
que lhe acrescentastes, confessamo-nos
como vossos devotos.
DUNCAN · E onde o thane
de Cawdor se meteu? No encalço dele
corremos até aqui, pensando mesmo
que de aposentador lhe serviríamos.
Mas ele monta muito bem, e o grande
afeto que nos vota, agudo como
suas esporas, à sua própria casa
o trouxe antes de nós. Formosa e digna
hospedeira, esta noite ficaremos
aqui como vosso hóspede.
LADY MACBETH · A existência
tiveram sempre os servos, eles próprios
e seus haveres todos como simples
depósito ao dispor de Vossa Alteza,
pronto a ser devolvido.
DUNCAN · A mão vos tomo;
para o meu hospedeiro conduzi-me.
Temos-lhe grande amor e mostrar-lhe-emos
provas ainda mais de nossa graça.
Permiti-me, hospedeira.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena VII

O mesmo. Um quarto no castelo.
Oboés e tochas. Um trinchante atravessa o palco com diversos criados, que carregam pratos e acessórios da mesa. Depois entra Macbeth.

Macbeth · Se feito fosse quanto fosse feito,
seria bom fazermo-lo de pronto.
Se o assassínio enredasse as conseqüências
e alcançasse, com o fim, êxito pleno;
se este golpe aqui fosse tudo, e tudo
terminasse aqui embaixo, aqui somente,
neste banco de areia da existência,
a vida de após morte arriscaríamos.
Mas é aqui mesmo nosso julgamento
em semelhantes casos; só fazemos
ensinar as sentenças sanguinárias
que, uma vez aprendidas, em tormento
se viram do inventor. Essa justiça
serena e equilibrada a nossos lábios
apresenta o conteúdo envenenado
da taça que nós mesmos preparáramos.
Ele está aqui sob dupla salvaguarda.
De início, sou parente dele e súdito,
duas razões de força contra esse ato;
depois, sou o hospedeiro, que devera
fechar a porta a seus assaltadores,
não levantar contra ele minha faca.
Esse Duncan, por fim, tem revelado
tão brandas qualidades de regente,
seu alto ofício tem exercitado
por maneira tão pura que suas claras
virtudes hão de reclamar, sem dúvida,
contra o crime infernal de sua morte.
E a piedade, tal como um recém-nado
despido, cavalgando a tempestade,
ou querubim celeste que montasse
nos corcéis invisíveis das rajadas,
há de atirar esse ato inominável
contra os olhos de todas as pessoas,
até que o vento as lágrimas afoguem.
Esporas não possuo, para os flancos
picar do meu projeto, mas somente
a empolada ambição que, ultrapassando
no salto a sela, vai cair sobre outrem.

(Entra lady Macbeth.)

Que há de novo?
Lady Macbeth · Já está no fim da ceia.
Por que saístes?
Macbeth · Perguntou por mim?
Lady Macbeth · Pois ainda me fazeis essa pergunta?
Macbeth · Não iremos mais longe neste assunto.
Muitas honras me fez ultimamente,
havendo eu conquistado áureo conceito
junto de toda gente, que desejo
mostrar com o novo brilho, não de lado
jogar sem mais nem menos.
Lady Macbeth · Encontra-se
embriagada a esperança que até há pouco
vos revestia? Adormeceu, decerto,
desde então e acordou agora, pálida
e verde a contemplar o que ela própria
começara tão bem? Desde este instante
para mim teu amor vale isso mesmo.
Tens medo de nos atos e coragem
mostrar-te igual ao que és em teus anelos?
Queres vir a possuir o que avalias
como ornamento máximo da vida,
mas qual poltrão viver em tua estima,
deixando que um "Não ouso" vá no rasto
de um "Desejara", como o pobre gato
de que fala o provérbio?
Macbeth · Paz, te peço.
Ouso fazer tudo o que faz um homem;
quem fizer mais, é que deixou de sê-lo.
Lady Macbeth ·
Que animal foi, então, que teve a idéia
de me participar esse projeto?
Quando ousastes fazê-lo éreis um homem,
e querendo ser mais do que então éreis
tanto mais homem a ficar viríeis.
Lugar e tempo então não concordavam;
no entanto desejáveis ajeitá-los;
e ora que se acomodam por si mesmos,
essa boa vontade vos abate!
Já amamentei e sei como é inefável
amar a criança que meu leite mama;
mas no momento em que me olhasse, rindo,
o seio lhe tirara da boquinha
desdentada e a cabeça lhe partira,

shakespearebrasileiro.org

se tivesse jurado, como o havíeis
em relação a isso.
MACBETH · Se falharmos...
LADY MACBETH ·
Falharmos? Bastará aparafusardes
vossa coragem até o ponto máximo,
para que não falhemos. Quando Duncan
se puser a dormir — e a rude viagem
de hoje o convidará para isso mesmo —
ambos os camareiros de tal modo
dominarei com vinho, que a memória,
essa guarda do cérebro, fumaça
tão-somente será e o receptáculo
da razão, alambique. E quando os corpos
nesse sono de porco se encontrarem,
como se mortos fossem, que de coisas
não faremos em Duncan indefeso,
que culpas não imputaremos a esses
servidores-esponjas, porque fiquem
responsáveis por nosso grande crime?
MACBETH · Só deves dar à luz filhos homens,
pois teu vigor indômito só pode
filhos homens nutrir. Será aceitável,
quando de sangue besuntado houvermos
os dois homens que dormem no seu quarto,
e seus próprios punhais também usado,
que foram eles os autores disso?
LADY MACBETH ·
Quem ousará pensar de outra maneira,
quando rugirmos nossa dor e os altos
clamores ribombarem sobre o morto?
MACBETH · Preparado me encontro e deixo tensos
todos os nervos para esse ato horrível.
Vamos! Recomponhamo-nos primeiro;
coração falso e rosto lisonjeiro.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Inverness. Pátio no interior do castelo.
Entram Banquo e Fleance, precedidos de um criado com uma tocha.

BANQUO · Quanto da noite já será, menino?
FLEANCE · Não ouvi bater horas, mas a lua
já se escondeu.
BANQUO · Ela se esconde às doze.
FLEANCE · Penso, senhor, que será mais do que isso.
BANQUO · Toma aqui minha espada. Há economia
no céu; todas as luzes se apagaram.
Fica também com isto. Em mim se exerce
uma pressão pesada como chumbo.
No entretanto, quisera não dormir.
Detende em mim, poderes criadores,
os pensamentos maus que a natureza
permite aos que repousam.
(Entra Macbeth, acompanhado de criado, com uma tocha.)
Quem vem lá?
MACBETH · Um amigo.
BANQUO · Como, senhor! Ainda estais de pé?
O Rei já foi deitar-se; revelava
insólita alegria, tendo enchido
de grossos cabedais vossos celeiros.
Saúda vossa esposa, oferecendo-lhe
este diamante, como à mais bondosa
das hospedeiras. Foi-se para o quarto
com um contentamento sem limites.
MACBETH · Tomada de surpresa, nossa boa
vontade se mostrou serva da falta.
Se não, teria inteira liberdade.
BANQUO · Tudo vai bem. Sonhei na última noite
com as três irmãs fatais. Muito verídicas
com relação a vós se revelaram.
MACBETH · Não penso nelas; no entretanto, quando
tivermos alguma hora favorável,
dedicaremos a isso umas palavras,
se o tempo vos sobrar.
BANQUO · Com todo o gosto.
MACBETH · Se no tempo oportuno concordardes
com meu modo de ver, ganhareis honra.
BANQUO · Se não vier a perdê-la no propósito
de fazê-la aumentar, puro deixando-me
o coração e límpida a obediência,
ouvir-vos-ei de grado.
MACBETH · Bom repouso
até esse dia.
BANQUO · Muito agradecido,
meu senhor; iguais votos vos dirijo.

(Saem Banquo e Fleance.)

shakespearebrasileiro.org

MACBETH · Vai dizer à senhora que me faça
sinal com o sino, quando estiver pronta
minha bebida. Depois disso, deita-te.
(Sai o criado.)
Será um punhal que vejo em minha frente
com o cabo a oferecer-se-me? Peguemo-lo.
Não te apanhei ainda; no entretanto,
vejo-te sempre. Não serás sensível,
visão funesta, ao tato como à vista?
Ou de um punhal não passas, simplesmente,
do pensamento, uma criação fictícia,
procedente do cérebro escaldante?
Percebo-te, no entanto, e tão palpável
como este que ora empunho.
Mostras-me a estrada que seguir eu devo
e o instrumento que a usar serei forçado.
Se meus olhos joguete não se mostram
de meus outros sentidos, sobrepujam
todos eles. Ainda te percebo,
manchado o cabo e a lâmina de gotas
de sangue que antes não estava neles.
Não existe tal coisa; é o sanguinário
projeto que a meus olhos toma forma.
Em metade do mundo, neste instante,
parece estar sem vida a natureza;
os sonhos maus iludem sob as pálpebras
o sono bem velado; feiticeiras
o rito exercem singular da pálida
Hécate; o esquálido assassino, posto
de alerta pela sua sentinela,
o lobo, cujo uivar lhe serve de horas,
com passo de ladrão e o andar furtivo
de Tarquínio, da meta se aproxima,
tal qual espectro. Oh terra forte e sólida,
não ouças o barulho de meus passos,
seja qual for a direção que tomem,
porque as próprias pedrinhas não propalem
para onde eu vou e dissipar não façam
o horror desta hora que tão bem lhe fica.
Eu ameaço; ele vive; congelada
pelo meu sopro a ação se torna em nada.
(O sino soa.)
Já vou; está feito. O sino me convida.
Duncan, não ouças; é um chamado eterno
que para o céu te leva ou para o inferno.
(Sai.)

Ato II · Cena II

O mesmo.
Entra lady Macbeth.

LADY MACBETH ·
O que os embebedou me deu coragem:
fogo me deu o que os deixou extintos.
Ouvi! Silêncio!
É o pio da coruja, sentinela
fatal que augura a mais sinistra noite.
Vai dar o golpe; a porta se acha aberta:
o ressonar dos guardas embriagados
zomba do ofício deles. Pus mistura
na bebida de todos, de tal forma
que a morte e a natureza neles lutam
sobre se vão morrer ou ficar vivos.
MACBETH *(dentro)* · Quem está aí? Olá!
LADY MACBETH · Que pena! Temo,
que acordassem e nada esteja feito.
O que nos atrapalha é a tentativa,
somente, não a ação. Ouvi! De jeito
deixei os punhais deles; não podiam
ficar despercebidos. Se não fosse
parecer-se no sono com meu pai,
eu própria o realizara. — Meu marido!
(Entra Macbeth.)
MACBETH · Realizei o ato. Ouviste algum barulho?
LADY MACBETH · O pio, apenas, da coruja, e o grito
do grilo. Não falastes?
MACBETH · Quando?
LADY MACBETH · Agora.
MACBETH · Quando eu descia?
LADY MACBETH · Sim.
MACBETH · Escuta um pouco.
Quem é que está naquele quarto ao lado?
LADY MACBETH · Donalbain.
MACBETH *(Contemplando as mãos)*
Oh, que vista lastimável!
LADY MACBETH ·
É um pensamento néscio dizer isso:
"Que vista lastimável!"

shakespearebrasileiro.org

MACBETH · Um, no sono,
sorriu, e o outro gritou: "Ai! Assassínio!"
E, com isso, acordaram. Escutando-os,
me detive. Mas eles murmuraram
orações, tão-somente, e dispuseram-se
a dormir outra vez.
LADY MACBETH · No mesmo quarto
se acham dois.
MACBETH · Um gritou: "Deus nos ampare!"
E "Amém" disse o outro, como se tivessem
percebido as mãos sujas do carrasco.
Ao escutar-lhe o temor, não pude
dizer "Amém", quando eles murmuraram
"Deus nos ampare".
LADY MACBETH · Não será prudente
pensar tanto sobre isso.
MACBETH · Por que causa
não pude, então, dizer "Amém?" De bênção
tinha necessidade mui premente;
mas na garganta o "Amém" ficou pegado.
LADY MACBETH ·
Essas coisas não devem ser pensadas
dessa maneira. É de deixar-nos loucos.
MACBETH · Uma voz pareceu-me ouvir, aos gritos
de: "Não durmais! Macbeth matou o sono!"
o meigo sono, o sono que desata
a emaranhada teia dos cuidados,
que é o sepulcro da vida cotidiana,
banho das lides dolorosas, bálsamo
dos corações feridos, a outra forma
da grande natureza, o mais possante
pábulo do banquete da existência.
LADY MACBETH · Que pretendeis dizer?
MACBETH · Por toda a casa
continuava a gritar: "Basta de sono!
Não durmais! Glamis destruiu o sono!
Por isso Cawdor já dormir não pode,
Macbeth dormir não pode!"
LADY MACBETH · Quem gritava
por esse modo? Ora, meu digno thane,
relaxais vossas nobres energias
considerando as coisas por maneira
tão doentia. Arranjai um pouco de água,
para das mãos tirardes todas essas
testemunhas manchadas. Por que causa
trouxestes os punhais de onde se achavam?
Precisam ficar lá. Tornai a pô-los
em seus lugares e sujai de sangue
os criados que ainda dormem.
MACBETH · Não; não volto.
Tenho pavor só de pensar no feito;
voltar a contemplá-lo me é impossível.
LADY MACBETH ·
Oh! que vontade fraca! Dai-me as armas.
Os mortos e os que dormem são pinturas,
nada mais. É somente o olho da criança
que tem medo do diabo desenhado.
Se estiver a sangrar, deixarei tintos
com isso o rosto de seus próprios criados,
pois é preciso que pareça que eles
o crime cometeram.

(Sai. Pancadas dentro.)

MACBETH · Onde batem?
Que se passa comigo, para um simples
ruído apavorar-me? E aquelas mãos,
ai! que os olhos me arrancam? Todo o oceano
do potente Netuno poderia
de tanto sangue a mão deixar-me limpa?
Não; antes minha mão faria púrpura
do mar universal, tornando rubro
o que em si mesmo é verde.

(Volta lady Macbeth.)

LADY MACBETH ·
De vossa cor as mãos agora tenho;
mas de possuir ficara envergonhada
um coração tão branco.

(Pancadas dentro.)

Ouvi! Novas batidas. Ide logo
vestir vosso roupão; se nos chamarem,
não devemos mostrar que não dormimos.
Não deveis entregar-vos a essas cismas
tão miseravelmente.
MACBETH · Conhecer o que fiz... Melhor me fora
se não me conhecesse.

(Pancadas dentro.)

Acordam Duncan
batendo desse modo. Ah! se acordasses!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo.
Pancadas dentro. Entra o porteiro.

PORTEIRO · Isso, sim, é que é bater! Quem fosse porteiro no inferno não faria outra coisa senão virar a chave. *(Pancadas dentro.)* Bate, bate, bate! Quem está aí, em nome de Belzebu? Eis que chega um lavrador que se enforcou, na expectativa de uma boa colheita. Chegais na hora. Trazei boa carga de lenços, por isso que tereis de suar aqui a valer. *(Pancadas dentro.)* Bate, bate, bate! Quem está aí, em nome do outro diabo? Por minha fé, é um sujeito de língua equívoca, que poderia jurar em qualquer um dos pratos da balança, contra o outro prato, que cometeu bastantes traições por amor de Deus, mas não pôde equivocar o céu. Oh! entrai, meu equivocador! *(Pancadas dentro.)* Bate, bate, bate! Quem está aí? Por minha fé, é um alfaiate inglês que vem para cá por ter roubado uns calções franceses. Entrai, senhor alfaiate! Aqui podereis aquecer à vontade vosso ferro de engomar. *(Pancadas dentro.)* Bate, bate! Não há sossego de jeito nenhum. Quem sois? Mas, para inferno, este lugar é muito frio. Não continuarei nele por mais tempo como porteiro do diabo. Tinha pensado em deixar entrar gente de todas as profissões, que vai para os fogos eternos pela estrada semeada de rosas. *(Pancadas dentro.)* Um momento! Um momento! Por obséquio, não vos esqueçais do porteiro.

(Abre o portão.)
(Entram Macduff e Lennox.)

MACDUFF · Fostes, amigo, vos deitar tão tarde para demorar tanto a levantar-vos?

PORTEIRO · Em verdade, senhor, ficamos a beber até o segundo canto do galo, e a bebida, senhor, é um grande provocador de três coisas.

MACDUFF · Quais são as três coisas que a bebida provoca especialmente?

PORTEIRO · Ora, senhor, nariz vermelho, sono e urinas. A lascívia, senhor, ela provoca e deixa sem efeito; provoca o desejo, mas impede a execução. Por isso pode-se dizer que a bebida usa de subterfúgios com a lascívia: ela a cria e a destrói; anima-a e desencoraja-a; fá-la ficar de pé e depois a obriga a não ficar de pé. Em resumo: leva-a a dormir com muita lábia e, lançando-lhe o desmentido, abandona-a a si mesma.

MACDUFF · Penso que a bebida te lançou o desmentido esta noite.

PORTEIRO · Foi isso mesmo, senhor, que ela fez comigo, pela garganta a dentro. Mas eu lhe dei o troco do desmentido; porque sendo, como penso ser, mais forte do que ela, embora por vezes ela me quisesse passar rasteira, acabei por jogá-la ao solo.

MACDUFF · teu senhor já se levantou?

(Entra Macbeth.)

O barulho acordou-o. Ei-lo que chega.

LENNOX · Nobre senhor, bom dia.

MACBETH · Para todos também bom dia.

MACDUFF · O Rei, mui digno thane, já terá acordado?

MACBETH · Não, ainda.

MACDUFF · Pediu-me que o chamasse bem cedinho. Por pouco perdi a hora.

MACBETH · Vou levar-vos até onde ele se encontra.

MACDUFF · Sei que alegre vos deixa esse trabalho. Porém sempre será trabalho.

MACBETH · O trabalho agradável é remédio da canseira. Eis a porta.

MACDUFF · A liberdade vou tomar de bater, pois a incumbência que recebi foi essa.

(Sai.)

LENNOX · O Rei parte hoje?

MACBETH · Parte; assim decidiu.

LENNOX · A noite toda foi desassossegada. Onde dormimos o vento derrubou a chaminé.
Dizem que no ar se ouviram muitos prantos, gritos de morte estranhos, profecias, em terríveis acentos, de horrorosas devastações, confusos acidentes, ninhada destes tempos ominosos. Durante toda a noite a ave das trevas não deixou de piar. Dizem que a terra teve febre e tremeu.

shakespearebrasileiro.org

MACBETH · Foi uma noite
muito rude, em verdade.
LENNOX · Minha jovem
memória não se lembra de outra igual.
(Volta Macduff.)
MACDUFF ·
Horror, horror, horror! Não pode a língua,
não pode o coração nem conceber-te
nem dar-te nome algum.
MACBETH e LENNOX · Que aconteceu?
MACDUFF · A destruição concluiu sua obra-prima.
Arrombou o sacrílego assassínio
o templo ungido do Senhor, e a vida
roubou do próprio altar.
MACBETH · Como dissestes?
A vida?
LENNOX · Pretendeis dizer que é a vida
de Sua Majestade?
MACDUFF · Ide até o quarto
e a vista destruí ante outra Górgona.
Quero ficar calado. Ide vós mesmos,
para depois falardes.
(Saem Macbeth e Lennox.)
Despertai! Despertai! Traição e morte!
Malcolm, Banquo, Donalbain, depressa,
sacudi esse sono de penugem,
simulacro da morte, e vinde a própria
morte encarar. De pé! A imagem vede
do grande julgamento. Malcolm! Banquo!
Vinde como das tumbas, como espíritos,
para ver este horror. Tocai o sino!
(Soa o sino.)
(Entra lady Macbeth.)
LADY MACBETH · Que aconteceu aqui,
para que, tão medonha, uma trombeta
desperte os moradores desta casa,
para parlamentar? Falai! Falai!
MACDUFF · Oh gentil dama, não deveis ouvir-me
no que tenho a dizer. Esse relato,
repetido ao ouvido de uma dama,
produziria a morte.
(Entra Banquo.)
Oh Banquo! Banquo!
assassinado foi nosso real amo.
LADY MACBETH ·
Ai! como? Em nossa casa?
BANQUO · Oh! muito cruel,
pouco importa onde fosse. Caro Duff,
desmente-te a ti próprio, por obséquio,
e dize que houve engano.
(Voltam Macbeth e Lennox.)
MACBETH · Se eu tivesse morrido uma hora, apenas,
antes de isto se dar, teria tido
uma vida abençoada. Doravante
nada mais há de sério no universo.
Tudo é farandolagem; a honra e a glória
já não existem. Esgotado se acha
o vinho da existência, só restando
simples borra no fundo desta adega
com que possa jactar-se.
(Entram Malcolm e Donalbain.)
DONALBAIN · Que foi que aconteceu?
MACBETH · Como! Estais vivos
e não sabeis o que houve? A fonte, a origem,
o princípio secou de vosso sangue,
a própria origem já parou de todo.
MACDUFF · Vosso real pai se encontra assassinado.
MALCOLM · Oh! E por quem?
LENNOX · Ao que parece, foram
seus próprios camareiros que o mataram.
De sangue o rosto e as mãos tinham manchados,
como os punhais que sem bainha achamos
sobre seus travesseiros. De olhar fixo
se achavam, como alheados. Não deviam
ter-lhes confiado a vida de ninguém.
MACBETH · Agora me arrependo de os ter morto
na minha indignação.
MACDUFF · Por que o fizestes?
MACBETH ·
Quem sábio pode ser e estupefacto,
moderado e furioso, leal e neutro
na mesma hora? Ninguém. A diligência
do meu amor violento deixou longe
a razão vagarosa. Neste ponto
se achava Duncan, com sua cute branca
acairelada pelo sangue de ouro;
as feridas abertas pareciam
brechas da natureza, adrede feitas
para a entrada da ruína vastadora;
além, os assassinos, embebidos
da cor da profissão, monstruosamente
recobertas de sangue as próprias armas...
Quem poderia reprimir-se, tendo
coração para amar e, nele, o brio

shakespearebrasileiro.org

de tornar conhecidos seus pendores?
LADY MACBETH · Oh! Tirai-me daqui!
MACDUFF · Vede a senhora.
MALCOLM *(à parte, a Donalbain)* ·
Por que ficamos mudos, se este caso
de perto nos atinge mais que a todos?
DONALBAIN *(à parte, a Malcolm)* ·
Por que falar aqui, onde o destino,
a espiar de algum buraco, poderia
lançar-se sobre nós? Fujamos; nossas
lágrimas não estão bem preparadas.
MALCOLM *(à parte, a Donalbain)* ·
Nem nossa grande dor para a vingança.
BANQUO · Socorrei a senhora.
(Lady Macbeth é levada para fora.)
E após agasalharmos a fraqueza,
muito sensível a este tempo frio,
reunamo-nos a fim de interrogarmos
esta obra enormemente sanguinária,
para com mais vagar a conhecermos.
A dúvida e o receio nos abalam.
Na grande mão de Deus ora me encontro,
disposto a combater as não sabidas
intenções da malícia criminosa.
MACDUFF · Como eu.
TODOS · Como nós todos.
MACBETH · Com presteza
viril nos aprontemos para em pouco
nos reunirmos na sala.
TODOS · Bem pensado.
(Saem todos, com exceção de Malcolm e Donalbain.)
MALCOLM · Que pretendeis fazer? Não nos unamos
com essa gente. É muito fácil para
o homem fingido aparentar tristeza.
Irei para a Inglaterra.
DONALBAIN · E eu para a Irlanda.
Separados, assim, nossos destinos
cuidarão de nós dois com maior zelo.
Os sorrisos aqui punhais escondem.
Quanto mais perto o sangue dos parentes,
maior é a afinidade sanguinária.
MALCOLM · A mortífera flecha disparada
ainda não caiu; nosso caminho
mais seguro é evitar-lhe a trajetória.
A cavalo, portanto, sem perdermos
tempo com despedidas delicadas.
Saiamos de mansinho. Condenável
não pode ser o roubo da prudência,
quando não há nem rasto de clemência.
(Saem.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Do lado de fora do castelo.
Entram Ross e um velho.

O VELHO · Posso lembrar-me bem de setenta anos;
nesse espaço de tempo vi terríveis
horas e coisas por demais estranhas;
mas esta noite triste deixa longe
tudo quanto até agora eu conhecia.
ROSS · Oh meu bom pai! O céu, como estás vendo,
indignado com o jogo dos humanos,
comina ameaças ao sanguíneo palco.
Pelo relógio, é dia; no entretanto,
atrasa a lâmpada ambulante a noite
caliginosa. É tão potente a noite?
É a vergonha do dia que permite
que a treva cubra o rosto, assim, da terra,
a que beijar devera a luz radiosa?
O VELHO · É contra a natureza, tal como o ato
que aqui foi perpetrado. Na passada
terça-feira um falcão que se gloriava
no remígio habitual, preado e morto
foi por uma coruja caça-ratos.
ROSS · E os cavalos de Duncan — fato estranho
por demais, porém certo — tão velozes
e formosos, ornatos de sua raça,
tornaram-se selvagens, as cocheiras
arrebentaram, contra as ordens todas,
puseram-se a correr, como querendo
guerrear a humanidade.
O VELHO · Dizem que eles
se devoraram mutuamente.
ROSS · É certo;
para perplexidade destes olhos,
que tudo presenciaram. Aí vem vindo
o bondoso Macduff.
(Entra Macduff.)
Então, senhor,
como vai indo o mundo?

shakespearebrasileiro.org

MACDUFF · Então não vedes?
ROSS · Já se conhece o autor desse atentado
mais do que sanguinário?
MACDUFF · Os camareiros
apunhalados por Macbeth.
ROSS · Oh dia!
E acaso a que vantagens aspiravam?
MACDUFF · Estavam subornados; os dois filhos
do Rei, Malcolm e Donalbain, fugiram,
o que faz cair neles a suspeita.
ROSS · Sempre contrário à natureza! Oh fútil
ambição que destróis as próprias fontes
de tua vida! Assim, é bem possível
que Macbeth suba ao trono.
MACDUFF · Proclamado
já foi, tendo ido agora para Scone,
a fim de ser coroado.
ROSS · E que fizeram
do cadáver de Duncan?
MACDUFF · Foi levado
para Kolmekill, sacra sepultura
de seus antepassados e guarida
de seus restos mortais.
ROSS · Ireis a Scone?
MACDUFF · Não, primo; vou a Fife.
ROSS · Pois eu vou.
MACDUFF · Que tenhais festa alegre e sem fadiga,
não vindo a lastimar a roupa antiga.
ROSS · Adeus, pai.
O VELHO ·
Deus vos proteja e a quantos sabem a arte
de trazer o inimigo à boa parte.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Forres. Um quarto no palácio.
Entra Banquo.

BANQUO ·
Tens tudo agora: és Rei, Cawdor e Glamis,
como as bruxas proféticas disseram.
Mas temo que roubado ao jogo houvésseis.
Mas foi dito também que não havia
de ficar isso em tua descendência
e que viria a ser raiz e tronco
de numerosos reis. Se falam certo,
como se deu, Macbeth, a teu respeito,
por que — se tudo quanto te auguraram
se tornou realidade — não hão de elas
ser-me o mesmo que oráculo, deixando-me
também esperançado? Mas, silêncio!
(Fanfarra. Entram Macbeth, como Rei; lady Macbeth, como Rainha; Lennox, Ross, nobres, damas e pessoas do séquito.)

MACBETH · Eis nosso convidado principal.
LADY MACBETH ·
Se olvidado ele houvesse sido, fora
como um vazio em nossa grande festa,
vindo tudo a falhar.
MACBETH · Uma solene
ceia, senhor, daremos esta noite,
esperando que nela tomeis parte.
BANQUO · Bastará que mo ordene Vossa Alteza,
a quem me liga minha obediência,
para sempre, por laços inquebráveis.
MACBETH · Viajareis esta tarde?
BANQUO · Sim, milorde.
MACBETH · Se não, pedira vossos bons conselhos —
que de peso são sempre e proveitosos —
para a reunião que vamos ter agora.
Nesse caso, amanhã vos ouviremos.
Ides longe?
BANQUO · O suficiente, meu senhor, apenas
para o tempo ocupar de agora à ceia.
Se não se esforçar muito meu cavalo,
à noite poderei pedir de empréstimo
uma ou duas de suas horas foscas.
MACBETH · Vinde sem falta para nossa festa.
BANQUO · Não faltarei, milorde.
MACBETH · Notícia já tivemos de que nossos
sanguinários parentes se passaram
para a Inglaterra e Irlanda, e que ainda negam
o parricídio cruel, enchendo as ouças
de todos com estranhas fantasias.
Mas sobre isso, amanhã, já que teremos
de tratar de um negócio de importância
relativo ao Estado. Levais Fleance?

shakespearebrasileiro.org

BANQUO · Sim, meu senhor; o tempo nos reclama.
MACBETH · Desejo-vos cavalos de pés firmes
e bem velozes, e ao costado deles
vos recomendo. Adeus.
(Sai Banquo.)
Todos agora o tempo gastem como
lhes parecer melhor, até as sete horas.
Porque depois nos seja a sociedade
muito mais agradável, até a ceia
iremos ficar só. Até esse instante,
que Deus seja conosco.
(Saem todos, com exceção de Macbeth e um criado.)
Olá, maroto,
uma palavra! Aguardam nossas ordens
aqueles indivíduos?
CRIADO · Sim, milorde,
no portão do palácio.
MACBETH · Ide buscá-los.
(Sai o criado.)
Ser Rei assim, é nada; é necessário
sê-lo com segurança. É muito grande
nosso medo de Banquo; em sua postura
soberana domina qualquer coisa
que deve ser temido. É corajoso
como poucos e à têmpera indomável
do espírito une uma sabedoria
que faz o valor no alvo acertar sempre.
Tirante ele, não há pessoa alguma
de quem eu tenha medo, e junto dele
meu gênio se intimida, como dizem
que com o de Marco Antônio acontecia,
quando junto de César. Dirigiu-se
corajoso às irmãs, interpelando-as
quando o nome de Rei elas me deram,
forçando-as a falar-lhe a seu respeito,
ao que elas, quais videntes, o saudaram
como pai de uma série de monarcas.
Na cabeça puseram-me a coroa
sem frutos e nas mãos o cetro estéril,
para que mo arrebate um punho estranho,
pois para herdeiro nenhum filho tenho.
Se for assim, para a posteridade
de Banquo, tão-somente, sujei a alma;
matei para eles o gracioso Duncan;
por causa deles ódio pus no vaso
da minha paz, havendo entregue a minha
jóia eterna ao comum imigo do homem,
para fazê-los reis, para dos filhos
de Banquo fazer reis! Antes que venha
isso a se dar, que à liça baixe o fado,
para o combate eterno. Quem vem lá?
(Entra o criado, com dois assassinos.)
Fica na porta e espera até que eu chame.
(Sai o criado.)
Não foi ontem que juntos conversamos?
PRIMEIRO ASSASSINO ·
Sim, com vossa licença, majestade.
MACBETH · Muito bem; refletistes no que eu disse?
Sabeis, pois, que foi ele quem, até hoje,
vos tem deixado em posição precária,
o que pensáveis que era culpa minha.
Tudo isso vos expus à farta em nossa
última conferência; apresentei-vos
as provas da maneira por que tendes
sido prejudicados e burlados,
os instrumentos, quem os manejava,
e tudo o mais, que proclamar faria
até mesmo meia alma ou tipo idiota:
"Eis o que Banquo fez!"
PRIMEIRO ASSASSINO · Sim, explicastes-nos.
MACBETH ·
Sim; mas fiz mais ainda, o que é o objeto
desta nossa segunda conferência.
Porventura a paciência predomina
tanto em vós, que deixeis passar tudo isso?
Tão religiosos sois, que poderíeis
rezar pela prosperidade deste
bom homem e dos seus, sendo verdade
que sua mão pesada à sepultura
vos fez vergar e para todo o sempre
vos arruinou a casa?
PRIMEIRO ASSASSINO · Somos homens,
meu suserano.
MACBETH · Sim, passais por homens
no catálogo, como os perdigueiros,
os galgos e os mastins, alãos e gosos,
molossos, braços, dogues e rafeiros
também de cães, por junto, são chamados;
mas distingue o registo o vagaroso,
o veloz, o guardião, o de bom faro,
cada um conforme as próprias qualidades
que lhe haja dado a liberal natura
e que um título à parte lhes granjeia
na lista em que se encontram conglobados.

shakespearebrasileiro.org

Com os homens dá-se o mesmo. Assim, se tendes
um lugar no registo, não sendo ele
o mais mesquinho e vil da humanidade,
falai, que então vos confiarei ao peito
certo assunto, de cujo cumprimento
resultará ficar vosso inimigo
supresso para sempre e vós mais presos
à nossa gratidão e nosso afeto,
pois também se ressente nosso estado
da vida dele, e só se refará
se vier a falecer.
SEGUNDO ASSASSINO · Meu suserano,
sou um indivíduo que os maldosos golpes
do mundo e seus embates irritado
de tal modo deixaram, que faria
não importa o que for para vexá-lo.
PRIMEIRO ASSASSINO ·
E eu sou outro tão lasso de desastres,
tão amassado pelo vil destino,
que a vida arriscaria em qualquer lance,
para de vez perdê-la ou endireitá-la.
MACBETH · Sabeis que Banquo foi vosso inimigo.
SEGUNDO ASSASSINO ·
É certo, meu senhor.
MACBETH · E meu é ainda,
em conflito a tal ponto sanguinário,
que os minutos de toda a sua vida
ferem de perto o coração da minha.
É bem verdade que eu podia, às claras,
varrê-lo para longe, reportando-me
tão-só ao meu querer. Mas me contenho
por causa de comuns amigos, cuja
afeição não desejo ver perdida.
Terei de lastimar, assim, a morte
de quem eu derrubei. Esse o motivo
de recorrer agora a vosso auxílio,
pois me forçam razões de muito peso
a evitar que se vulgue esse negócio.
SEGUNDO ASSASSINO ·
Senhor, faremos quanto nos mandardes.
PRIMEIRO ASSASSINO ·
Embora nossas vidas...
MACBETH · A coragem
transparece de vós. Dentro de uma hora,
no máximo, hei de vos mostrar o ponto
em que deveis ficar e a par vos ponho
da ocasião mais propícia para a coisa,
do momento adequado, pois que tudo
precisará ser feito ainda esta noite,
a uma certa distância do palácio,
sem que vos esqueçais de que preciso
ficar sem mancha nisso. Juntamente
com ele — para que o trabalho saia
sem o menor senão — Fleance, seu filho,
que com ele também saiu de viagem
e cujo afastamento não me importa
menos do que o do pai, compartir deve
também dessa hora negra. Tomai vossas
resoluções à parte; já vos sigo.
SEGUNDO ASSASSINO ·
Já resolvemos, meu senhor.
MACBETH · Em pouco
vos chamarei; ficai dentro de casa.

(Saem os assassinos.)

Está feito. Se há ponto em que se acoite,
Banquo, tua alma no céu, será esta noite.

(Sai.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Outro quarto no palácio.
Entram lady Macbeth e um criado.

LADY MACBETH · Banquo deixou o pátio?
CRIADO · Deixou, senhora; mas retorna à noite.
LADY MACBETH ·
Vai, dize ao Rei que eu quero ter com ele
uma conversa rápida.
CRIADO · Isso mesmo,
senhora, lhe direi.

(Sai.)

LADY MACBETH · Tudo é perdido,
quando o desejo fica repartido.
Toca ao morto decerto melhor sorte
que a de alegrar-se assim quem lhe deu morte.

(Entra Macbeth.)

Então, marido, por que só ficardes,
tendo por companhia as fantasias
mais desconsoladoras e ocupando-vos
com pensamentos que já deveriam
ter morrido com quem se relacionam?
O que não tem remédio, não devera

shakespearebrasileiro.org

ser pensado sequer. O que está feito,
não está por fazer.
MACBETH · Nós só talhamos
a serpe, sem matá-la. Em pouco tempo
se refará e volta a ser o que era,
ficando o nosso miserável ódio
de novo exposto ao seu antigo dente.
Que a estalar venham todas as junturas
das coisas e a gemer ambos os mundos,
antes de termos de tomar os nossos
alimentos com medo e de dormirmos
na aflição desses sonhos pavorosos
que nos têm abalado as noites todas.
Muito melhor nos fora estar com o morto
que, para nossa própria paz, mandamos
para o seio da paz, do que vivermos
no banco de tormento de nossa alma,
numa angústia sem fim. Duncan descansa
no sepulcro; tranqüilo dorme, agora,
depois das convulsões febris da vida.
A traição lhe fez tudo o que podia;
a perfídia doméstica, o veneno,
o aço, a invasão de fora, nada pode,
doravante, atingi-lo.
LADY MACBETH · Caro esposo,
saiamos. Alisai esse olhar crespo;
sede claro e jovial com todos hoje.
MACBETH · Sê-lo-ei, amor; o mesmo vos desejo.
A Banquo dedicai todas as vossas
atenções, distinguindo-o dentre todos
com palavras e olhares. Pouco firme
é nossa situação,
enquanto for preciso lavar nossas
honras nessa corrente aduladora
e as feições empregarmos como máscara
do coração, que os traços lhe disfarce.
LADY MACBETH ·
Precisais deixar isso.
MACBETH · Oh! tenho o espírito
cheio de escorpiões, querida esposa!
Sabeis que vivem Banquo e seu Fleance.
LADY MACBETH · Mas eterna não é neles a cópia
da natureza.
MACBETH · É o que consola a gente;
são vulneráveis. Fica, pois, alegre.
Antes de completar o vôo em torno
do convento o morcego e Hécate negra
ter ordenado que o besouro córneo
com seu zumbido surdo dê o toque
sonolento da noite, será feito
algo aqui de memória pavorosa.
LADY MACBETH · O que é que vai ser feito?
MACBETH · Não macules
tua inocência com saberes isso,
minha pombinha, até saudares o ato.
Vem, noite cega, tapa os olhos ternos
do dia compassivo, e com sangrentas
mãos e invisíveis rasga o grande pacto
que me deixa tão pálido! Escurece;
para a mata sombria voa a gralha.
Vacila o claro agente, de fraqueza;
mas a noite se atira para a presa.
Admiras-te; mas fica sossegada,
que o mal reforça a ação mal começada.
Por favor, acompanha-me.

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Um parque com uma estrada que vai ter ao palácio. Entram três assassinos.

PRIMEIRO ASSASSINO ·
Quem te disse que viesses ter conosco?
SEGUNDO ASSASSINO ·
Não há razão de desconfiarmos,
porque ele se acha a par de tudo quanto
nos incumbiram, repetindo ponto
por ponto as instruções.
PRIMEIRO ASSASSINO · Fica conosco.
Ainda brilham no poente algumas riscas
da luz solar. É a hora em que o viajante
retardado esporeia a montaria
para alcançar o desejado albergue,
e de nós se aproxima o que esperamos.
TERCEIRO
ASSASSINO · Silêncio! Ouço cavalos.

shakespearebrasileiro.org

BANQUO *(dentro)* · Uma luz.
Aí! Tragam-nos luz! Olá!
SEGUNDO ASSASSINO · É ele,
não há dúvida. Os outros convidados
já se encontram no pátio.
PRIMEIRO ASSASSINO · Seu cavalo
fez um desvio.
TERCEIRO ASSASSINO · Quase de uma milha.
Mas, como todos, ele comumente
vai a pé deste ponto até o palácio.
SEGUNDO ASSASSINO · Uma luz! Uma luz!
TERCEIRO ASSASSINO · É ele.
PRIMEIRO ASSASSINO · É agora
(Entram Banquo e Fleance, com uma tocha.)
BANQUO · Vai chover hoje à noite.

PRIMEIRO ASSASSINO · Então que caia.
(Atiram-se sobre Banquo.)
BANQUO · Oh! traição! Foge, foge, bom Fleance!
Podes vingar-me. Foge! Que bandido!
(Morre.)
TERCEIRO ASSASSINO ·
Quem apagou a luz?
PRIMEIRO ASSASSINO · Não era o certo?
TERCEIRO ASSASSINO ·
Um, somente, caiu, o filho foi-se.
SEGUNDO ASSASSINO ·
Metade, então, perdemos do trabalho.
PRIMEIRO ASSASSINO ·
Bem; mas vamos contar quanto foi feito.
(Saem.)

Ato III · Cena IV

Um salão do palácio.
Mesa posta para banquete. Entram Macbeth, lady Macbeth, Ross, Lennox, nobres e pessoas do séquito.

MACBETH · Conheceis vossos postos; assentai-vos.
E de uma vez por todas: sois bem-vindos
de todo coração.
NOBRES · Agradecemos
a Vossa Majestade.
MACBETH · Desejamos
misturar-nos em vossa companhia,
na qualidade de hóspede modesto.
Nossa hospedeira fica no seu posto;
mas no momento certo lhe daremos
as boas-vindas.
LADY MACBETH · Dai-a em meu nome,
caro marido, a todos os amigos;
pois diz-me o coração que são bem-vindos.
(O primeiro assassino aparece à porta.)
MACBETH · Vê, todos eles agradecimentos
de coração te enviam. Os dois lados
estão iguais; sentar-me-ei no centro.
Ficai alegres; logo beberemos
uma rodada.
(Aproxima-se da porta.)
Sangue tens no rosto.
ASSASSINO · Nesse caso, é de Banquo.
MACBETH · Antes por fora
de ti que dentro dele. Liquidados?

ASSASSINO · A garganta, senhor, tem ele aberta.
Fiz-lhe isso.
MACBETH · És o melhor dos cortadores
de garganta. Porém será tão hábil
quem tiver feito a Fleance a mesma coisa.
ASSASSINO ·
Meu muito real senhor, Fleance escapou.
MACBETH · Volta-me, então, o acesso. Não fora isso,
e eu estaria bom, firme qual rocha,
inteiro como o mármore, tão largo,
tão vasto e universal como o ar ambiente.
Mas agora estou preso, barricado,
metido num curral, atado ao poste
do medo das angústias insolentes.
Mas Banquo está seguro?
ASSASSINO · Sim, milorde;
no fundo de uma vala, tendo vinte
feridas na cabeça, das quais uma
qualquer já fora mais que suficiente.
MACBETH · Obrigado por isso. A velha serpe
já se encontra vencida; o vermezinho
que conseguiu fugir tem natureza
para mais tarde produzir veneno,
mas carece de dentes por enquanto.
Vai-te logo; amanhã conversaremos.
(Sai o assassino.)
LADY MACBETH ·
Meu real senhor, não animais os hóspedes.
Fica estragada a festa, quando muitas

shakespearebrasileiro.org

e muitas vezes, enquanto ela dura,
não afirmamos quanto nos é grata.
Para comer, têm todos suas casas;
o tempero melhor em casa alheia
é sempre a cortesia, parecendo
sem ela as reuniões lugar deserto.
MACBETH · Galante conselheira! Que à alegria
da mesa a digestão venha associar-se.
À saúde das duas!
LENNOX · Vossa Alteza
não quererá sentar-se?

(Entra o espectro de Banquo e se senta no lugar de Macbeth.)

MACBETH · Nosso teto
abrigaria agora as honras todas
da nação, se a pessoa primorosa
de Banquo aqui estivesse, a quem desejo
antes ter de ralhar por faltazinha,
que lastimar qualquer desastre grave.
ROSS · Sua ausência, senhor, manchou a promessa
por ele feita. Queira Vossa Graça
distinguir-nos com vossa real presença.
MACBETH · A mesa está completa.
LENNOX · Aqui, milord
há um lugar reservado.
MACBETH · Onde?
LENNOX · Aqui mesmo,
meu bom senhor. Que é que vos abala
dessa maneira?
MACBETH · Qual de vós fez isso?
NOBRES · Fez o quê, meu bom senhor?
MACBETH · Dizer não podes
que fui eu que fiz isso. Não sacudas
para mim teu cabelo ensangüentado.
ROSS · Levantai-vos, senhores; Sua Alteza
está passando mal.
LADY MACBETH · Ficai, amigos;
meu marido é assim mesmo desde criança.
Sentai-vos, por obséquio; o acesso passa.
Se atenção lhe prestardes, insistente,
podereis ofendê-lo, contribuindo
para agravar o mal. Comei, portanto,
sem olhardes para ele. — Não sois homem?
MACBETH · Sim, corajoso, que se atreveria
a encarar o que espanta o próprio diabo.
LADY MACBETH ·
Que matéria admirável! É o produto
do medo, apenas; é o punhal aéreo
que — dissestes — a Duncan vos levara.
Esse olhar espantado, esses tremores
que o verdadeiro medo parodiam,
muito bem estariam numa história
que uma mulher contasse ao pé do fogo
com a aprovação da avó. Envergonhai-vos!
Por que tantas caretas? Feita a conta,
só olhais uma cadeira.
MACBETH · Vede ali, por favor! Olhai! Olhai!
Que me dissestes? Ora, que me importa.
Se sacudir consegues a cabeça,
é que podes falar. Se as sepulturas
e as carneiras os mortos nos reenviam
que nelas enterramos, das entranhas
dos abutres faremos nossos túmulos.

(O espectro desaparece.)

LADY MACBETH · Quê! Desvirilizou-vos a loucura?
MACBETH · Tão certo como achar-me aqui, eu o vi.
LADY MACBETH · Fora, fora! Que opróbrio!
MACBETH · Derramado
muito sangue já foi, nos velhos tempos,
antes que a humana lei limpado houvesse
o mundo dos pagãos, sim, e até mesmo
depois têm sido perpetrados crimes
terríveis de se ouvir. Já houve tempo
em que, saltado o cérebro, morria
de vez alguém e... tudo estava feito.
Mas os mortos, agora, se levantam
com vinte fatais golpes na cabeça
e de nossas cadeiras nos empurram.
É mais estranho do que o próprio crime.
LADY MACBETH ·
Vossos nobres amigos, caro esposo,
já sentem vossa ausência.
MACBETH · É que o esquecera...
Caros amigos, não fiqueis pasmados,
pois sofro há muito de uma doença estranha,
que nada significa para quantos
me conhecem de perto. Vinde; a todos,
amizade e saúde. Vou sentar-me.
Dai-me vinho. Bem cheio; beber quero
à saúde e à alegria dos presentes
e à do nosso querido amigo Banquo,
que não está conosco. Oh! se estivesse!
A todos! Ao ausente! Tudo a todos!
TODOS · Com lealdade homenagem vos prestamos.

(Volta o espectro.)

shakespearebrasileiro.org

MACBETH · Fora, fora de minha vista! Esconda-te
a terra! Os ossos tens sem vida alguma;
enregelado o sangue. Não tens vista
nesses olhos que tanto resplandecem.
LADY MACBETH ·
Não vejais, nobres pares, em tudo isso
senão algo habitual. Não é outra coisa.
Apenas nos estraga a festa de hoje.
MACBETH ·
O que o homem ousa eu ouso. Tal qual híspido
urso da Rússia vem para o meu lado,
rinoceronte encouraçado, tigre
da Hircânia. Assume qualquer forma,
menos essa; nenhuma os nervos firmes
conseguirá abalar-me. Ou torna à vida
e, de espada na mão, me lança um repto
para um lugar deserto. Acontecendo
que a tremer eu me mostre, de menino
me acoima ou rapariga. Pavorosa
sombra, fora daqui! Caricatura
fingida, fora! fora!

(O espectro desaparece.)

Bem, agora
que sumiste, me sinto outra vez homem.
Por obséquio, sentai-vos.
LADY MACBETH · Expulsastes
a alegria, estragastes o convívio
com esse desarranjo mais que insólito.
MACBETH · Podem dar-se tais coisas e envolver-nos
como nuvem de outono, sem que o espanto
mais alto nos provoque? Assim, fazeis-me
duvidar de mim próprio, quando vejo
que encarais tais visões, sem que das faces
se vos altere o natural rosado,
enquanto eu fico pálido de medo.
ROSS · Que visões, meu senhor?
LADY MACBETH · Não, por obséquio,
não lhe faleis. Está piorando muito.
As perguntas o deixam mais furioso.
Boa noite para todos. À saída
não vos preocupe a ordem. Ide logo,
sem outras cerimônias.
LENNOX · Boa noite;
muitas melhoras para Sua Alteza.
LADY MACBETH · Uma noite tranqüila para todos.

(Saem os nobres e as pessoas do séquito.)

MACBETH · Afirmam todos que isso chama sangue;
o sangue chama sangue. As pedras podem
mover-se, já foi visto, e falar a árvore.
Os áugures e ocultas relações
já conseguiram pela voz das gralhas,
pegas e corvos descobrir os crimes
de sangue mais ocultos. Em que ponto
se encontra a noite?
LADY MACBETH · A competir com o dia,
sem que se saiba qual vantagens tenha.
MACBETH · Que dizes de Macduff ter recusado
nosso invite solene?
LADY MACBETH · Acaso enviastes-lhe,
senhor, algum recado?
MACBETH · Casualmente
soube disso; mas vou mandar-lhe um próprio.
Não há ninguém em cuja casa eu deixe
de ter algum espia. Amanhã mesmo,
bem cedinho, vou ver as irmãs bruxas.
Terão de falar mais alguma coisa.
Pois estou decidido a saber tudo
pelos piores meios. Para minha
salvação tudo tem de abrir caminho.
A tal ponto atolado estou no sangue
que, esteja onde estiver, tão imprudente
será recuar como seguir à frente.
Tenho em mente uma idéia pervertida,
que urge concretizar numa investida.
LADY MACBETH ·
Careceis do que à vida é grato: sono.
MACBETH · Vamos dormir; minha ilusão selvagem
é muito nova; falta-lhe coragem.
Somos moços demais.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena V

A charneca.
Trovão. Entram as três bruxas, que encontram Hécate.

PRIMEIRA BRUXA · Hécate, que houve? Pareceis
zangada.
HÉCATE · Causa não tenho, feiticeiras?
Qual a razão, bisbilhoteiras,
de ser Macbeth neste negócio
de morte e enigmas vosso sócio,
enquanto eu, dona de vós todas,
que apresto sempre as negras bodas,
não fui chamada a tomar parte
no brilho e glória de nossa arte?
E o que é pior: quanto fizestes
a tudo vos mostrando prestes,
foi para um tipo truculento
de mui grosseiro acabamento,
que não vos tem nenhuma estima
e só de egoísmo em tudo prima.
Mas emendai-vos; e defronte
do fundo charco do Aqueronte
amanhã cedo ide encontrar-me,
que ele em estado está de alarme,
e para lá, quase sem tino,
irá saber de seu destino.
Vasos e encantos tende à mão;
de tudo basta provisão.
Para o ar me vou; na noite escura
farei bem cedo uma ação dura.
De uma grande obra a fantasia
será completa enquanto é dia.
Ora uma gota espessa e crua
dos cornos pende ali da lua.
Vou apanhá-la antes que caia,
pois, destilada, de atalaia
gênios porá de tanto alcance
que, por sua força, ele se lance
na destruição, à morte e ao fado
a resistir qual renegado,
pondo a esperança acima em tudo
da própria graça e o medo agudo.
Para os mortais a segurança
é o imigo mor, que jamais cansa.
(Canção dentro: "Vinde, vinde," etc.)
Chamam-me; é meu espírito travesso
que me aguarda das nuvens num cabeço
(Sai.)
PRIMEIRA BRUXA · Apressemo-nos; ela volta logo.
(Saem.)

Ato III · Cena VI

Forres. Um quarto no palácio. Entram Lennox e outro nobre.

LENNOX · Meu discurso anterior só mui de leve
tocou em vossos pensamentos, sendo-vos
agora facultado interpretá-lo
como vos aprouver. Direi somente
que tudo se passou por modo estranho.
Por Macbeth foi chorado o meigo Duncan.
Que pena! Estava morto. Muito tarde
saiu de casa o nosso bravo Banquo,
que, podereis dizer, se assim quiserdes,
Fleance matou, pois Fleance fugiu logo.
É perigoso passear de noite.
A quem não ocorreu o pensamento
de quão monstruoso foi haver Malcolm
e Donalbain o pai assassinado?
Que ação maldita! E como entristecido
deixou Macbeth! Pois ele, na mesma hora,
arrebatado de um furor piedoso,
em pedaços não fez os dois facínoras,
servos do sono e escravos da bebida?
Não foi nobre tudo isso? E foi prudente.
Pois qualquer coração se tornaria
por demais irritado, quando os homens
negar ouvisse o fato. Assim, vos digo,
soube fazer a coisa, como penso
que se ele vier a ter sob chave os filhos
de Duncan — o que nunca, Deus louvado,
chegará a conseguir — hão de ver ambos
o que é matar o pai. E o mesmo, Fleance.
Mas, silêncio! Por causa de palavras

shakespearebrasileiro.org

um tanto livre e por ter faltado
à festa do tirano, soube há pouco
que em desgraça Macduff agora vive.
Caro senhor, dizer-me poderíeis
em que lugar ele encontrou abrigo?
NOBRE · Na corte da Inglaterra vive o filho
de Duncan, cuja herança verdadeira
o tirano retém, e é recebido
pelo piedoso Eduardo com tal graça
que a má vontade da fortuna em nada
do alto respeito merecido o priva.
Para lá foi Macduff, a fim de ao santo
Rei suplicar auxílio, no sentido
de estimular Northumberland e o bravo
Siward, e assim, com a ajuda desses nobres —
confirmando lá do alto Deus tudo isso —
possamos restituir a nossas mesas
os alimentos, sono a nossas noites,
livrar nossos festejos e banquetes
das facas sanguinárias, homenagens
da lei prestar e receber as honras
a que temos direito, coisas essas
que nos faltam de todo. Essa notícia
exasperou o Rei de tal maneira
que aprontando se está para uma guerra.
LENNOX · Mandou ele a Macduff algum recado?
NOBRE · Mandou; porém o mensageiro turvo
com um resoluto "Eu não, senhor!" as costas
voltou-me decidido, resmungando,
como quem diz: "Haveis de arrepender-vos
do tempo que me impõe essa resposta".
LENNOX ·
Que isso o ensine a ser cauto, conservando-se
a distância que possa aconselhá-lo
sua sabedoria. Se um santo anjo
fosse à Inglaterra e desse o seu recado
antes de ele chegar, para que pronta
bênção se espalhe logo em nossa pátria
que geme ao peso dessa mão maldita!
NOBRE · Mandaria com ele minhas preces.

(Saem.)

Ato IV · Cena I

Uma caverna. No meio, um caldeirão a ferver.
Trovão. Entram as três bruxas.

PRIMEIRA BRUXA · Gato malhado já miou três vezes.
SEGUNDA BRUXA ·
Três e mais uma já guinchou o ouriço.
TERCEIRA BRUXA ·
A harpia já gritou: "É hora! É hora!"
PRIMEIRA BRUXA · Atirai no caldeirão
entranhas em podridão.
Os sapos das pedras frias
que durante trinta e um dias
suaram seu bom bocado,
jogai no pote encantado.
TODAS · Mais dores para a barrela,
mais fogo para a panela.
SEGUNDA BRUXA · Lombo de cobra novinha
atirai no pote asinha,
pé de sapo e lagartixa,
de cão a língua que espicha,
pêlos brandos de morcego,
asa de bufo-sossego,
de lagarto a perna fina,
acúleo de colubrina
jogai na sopa do mal
nesta mistura infernal.
TODAS · Mais dores para a barrela,
mais fogo para a panela.
TERCEIRA BRUXA · Três escamas de dragão,
com bucho de tubarão
que os mareantes intimida;
cicuta à noite colhida,
bofes de um judeu malvado,
ramo de teixo tirado
em noite de muito escuro;
beiço de tártaro, o duro
nariz de turco, o dedinho
de uma criança sem linho
que matado a mãe houvesse
sem dizer nenhuma prece.
Deixai bem forte a mistura;
juntai do tigre a fressura,

shakespearebrasileiro.org

porque nosso caldeirão
tenha caldo em profusão.
TODAS · Mais dores para a barrela,
mais fogo para a panela.
SEGUNDA BRUXA · Esfriai com sangue de mico
que o encanto ficará rico.

(Entra Hécate.)

HÉCATE · Muito bem feito; seu quinhão
todas por isto ainda terão.
Agora como elfos e fadas
cantai à volta, de mãos dadas,
para que o encanto se complete.

(Música e a canção "Espíritos negros", etc.)

SEGUNDA BRUXA · Meu dedão está coçando.
Vem algum patife andando.
Ferrolhos, fora!
Estamos na hora.

(Entra Macbeth)

MACBETH · Que fazeis, misteriosas e sombrias
bruxas de meia-noite?
TODAS · Algo sem nome.
MACBETH · Conjuro-vos por vosso próprio ofício,
seja qual for sua origem: respondei-me.
Mesmo que os ventos a soltar viésseis,
jogando-os contra as torres das igrejas;
mesmo que as ondas escumantes venham
a destruir os navios e a tragá-los;
ainda que o trigo verde caia todo
e as árvores se vejam derrubadas;
embora o cimo dos castelos caia
na cabeça dos guardas, e as pirâmides
e os palácios os picos altanados
nivelem com suas bases; muito embora
venha a desmoronar todo o tesouro
dos germes da natura, de tal modo
que a própria destruição se mostre farta:
respondei às perguntas que vos faço.
PRIMEIRA BRUXA · Fala.
SEGUNDA BRUXA · Pergunta.
TERCEIRA BRUXA · Vamos responder-te.
PRIMEIRA BRUXA ·
Que preferes: ouvir de nossas bocas
ou da de nossos mestres?
MACBETH · Invocai-os;
desejo vê-los.
PRIMEIRA BRUXA · Sangue de porca, então, nesse
fogo atira, que comesse
seus nove filhos, gordura
de uma corda bem segura,
de que pendesse, enforcado,
um suicida amaldiçoado.
TODAS · Mostra agora que és ousado.

(Trovão. Primeira aparição: uma cabeça, armada de capacete.)

MACBETH · Ouve-me, força ignota...
PRIMEIRA BRUXA · Não prossigas.
Sabe o que pensas. Ouve e nada digas.
PRIMEIRA APARIÇÃO ·
Macbeth, Macbeth, Macbeth! Toma cuidado
com Macduff, acautela-te com o thane
de Fife! Desobriga-me; é o bastante.

(Desce.)

MACBETH · Quem quer que sejas, fico-te obrigado
pela boa advertência. Isso concorda
com meus receios. Mais uma palavra...
PRIMEIRA BRUXA ·
Não aceita injunções. Eis que vem outro
ainda mais forte que ele.

(Trovões. Segunda aparição: uma criança ensangüentada.)

SEGUNDA APARIÇÃO ·
Macbeth, Macbeth, Macbeth!
MACBETH · Se três ouvidos
tivesse, te ouviria.
SEGUNDA APARIÇÃO · Sanguinário
sê sempre, ousado e resoluto, e aprende
a rir do homem, porque ninguém nascido
de mulher poderá, em nenhum tempo,
fazer mal a Macbeth.
MACBETH · Então, Macduff,
podes viver. Por que de ti recear-me?
Contudo, quero a segurança em dobro
segurar, e penhor obter do fado.
Vivo não ficarás, para que eu possa
dizer que mente o medo de alma pálida
e, apesar dos trovões, dormir tranqüilo.

(Trovão. Terceira aparição: uma criança coroada, com uma árvore na mão.)

Quem é que surge como descendente
de um soberano e na infantil cabeça
traz o fecho e diadema do comando?
TODAS · Escuta só; não fales.
TERCEIRA APARIÇÃO · Veste a força
do leão, sê orgulhoso e não te importes

shakespearebrasileiro.org

com quem quer que resmungue ou se rebele,
ou contra ti conspire, pois vencido
não há de ser Macbeth, enquanto o grande
bosque de Birnam não subir contra ele
ao alto Dunsinane.

(Desce.)

MACBETH · Jamais isso
poderá dar-se, pois quem tem poderes
para a floresta armar e dizer à árvore
que liberte a raiz fixa na terra?
Ótimo indício! Belo! Não eleves,
rebelião, a cabeça sem que o bosque
de Birnam se levante, e assim o nosso
grande Macbeth há de chegar ao termo
da natureza até o alento extremo,
segundo o mortal uso. Mas agita-me
o coração esta fatal pergunta:
Dizei-me — se vossa arte chega a tanto —
alcançarão um dia os descendentes
de Banquo o trono e o cetro deste reino?

TODAS · Não queiras saber mais.

MACBETH · Não; é preciso
satisfazer-me. Se não me fizerdes
esta vontade, apenas, que uma eterna
maldição vos destrua. Saber quero.
Por que este caldeirão está afundando?
E que barulho é esse?

PRIMEIRA BRUXA · Vê!

SEGUNDA BRUXA · Vê!

TERCEIRA BRUXA · Vê!

TODAS · Mostrai-vos como visão,
angustiai-lhe o coração,
aparecendo qual sombra,
para sumir pela alfombra.

(Aparece uma seqüência de oito reis, tendo o último um espelho na mão; segue-o o espectro de Banquo.)

MACBETH · Pareces muito o espírito de Banquo.
Desce! Tua coroa cauteriza-me
os olhos; teus cabelos — tu, uma outra
fronte de ouro cingida — se parecem
com os do primeiro, tal como o terceiro
que se lhe segue. Bruxas repugnantes,
por que me mostrais isto? Outro! É o quarto!
Olhos, estarrecei. Como! esta linha
se estenderá até o fim do mundo?
Mais um, ainda? o sétimo? Não quero
ver mais nada; porém eis que surge o último
com um espelho na mão, que muitos outros,
ainda, me revelam. Uns distingo
com duplo globo e cetro triplicado.
Pavorosa visão! Agora vejo
que é verdade, pois Banquo, recoberto
de sangue, me sorri e mos indica,
como se filhos dele fossem todos.

(As visões desaparecem.)

Como! É assim!

PRIMEIRA BRUXA · É assim mesmo. Mas por que
Macbeth treme do que vê?
Manas, ele desvaria;
infundamos-lhe alegria,
revelando de nossa arte
a mais sedutora parte.
No ar porei muitos encantos,
enchendo-o de sons e cantos,
enquanto vós a rodada
deixareis bem acabada,
para que este Rei potente
conosco fique contente.

(Música. As bruxas dançam, desaparecendo depois, com Hécate.)

MACBETH · Onde estão? Já se foram? Que maldita
se torne sempre esta hora perniciosa
no calendário. — Entrai! Quem está aí?

(Entra Lennox.)

LENNOX · Que quer Vossa Grandeza?

MACBETH · Acaso vistes
as irmãs feiticeiras?

LENNOX · Não, milorde.

MACBETH · Infectado seja o ar em que cavalgam
e maldito quem quer que lhes dê crédito.
Há pouco ouvi barulho de cavalo.
Chegou alguém?

LENNOX · Sim; dois ou três correios,
milorde, que a notícia vos trouxeram
de que Macduff fugiu para a Inglaterra.

MACBETH · Para a Inglaterra!

LENNOX · Sim, senhor bondoso.

MACBETH · Oh tempo! Antecipaste-te a meus atos
assustadores! Nunca alcançaremos
a intenção fugitiva, se com ela
não fizemos seguir o ato expedito.
Doravante ser-me-ão os primogênitos
do coração também os primogênitos
do braço. E agora mesmo, porque fiquem

shakespearebrasileiro.org

coroadas as ações com os pensamentos,
em prática ponhamos essa idéia.
Vou surpreender o burgo de Macduff,
de Fife apoderar-me, sua esposa
passar à espada, os filhos e, assim, todas
as almas desgraçadas de sua raça.
Ameaças não farei qual um demente;
dobra-se o ferro enquanto ele está quente.
Basta de aparições. E os tais senhores,
onde se encontram? Conduzi-me a eles.

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Fife. Castelo de Macduff.
Entram lady Macduff, seu filho e Ross.

LADY MACDUFF · Que fez, para exilar-se assim de súbito?
ROSS · Precisais ser paciente, nobre dama.
LADY MACDUFF · Ele o não foi. Loucura foi a fuga;
quando não pelos atos, pelo medo
nos mostramos traidores.
ROSS · Não sabemos
se o medo há nisso parte ou só prudência.
LADY MACDUFF · Prudência? Abandonar a esposa e os filhos,
a casa, as dignidades, numa parte
de onde ele mesmo foge? Não nos ama;
não possui coração. A carricinha —
dos passarinhos o de menor porte —
em defesa da prole no seu ninho
briga com a coruja. O medo é tudo,
nada o amor, e a prudência é coisa alguma
numa fuga assim fora de propósito.
ROSS · Querida prima, sede moderada,
por obséquio, pois vosso esposo é sábio,
nobre, sensato e, mais do que nós todos,
conhece as injunções do nosso tempo.
Não me atrevo a falar mais claramente,
mas cruel é o tempo em que traidores somos
sem o sabermos, quando ouvimos boatos
sobre o que receamos, sem sabermos
o que nos faz ter medo, desgarrados
vamos num mar violento e tempestuoso,
sem direção alguma. Bem, despeço-me.
Dentro de pouco aqui estarei de volta.
As coisas, quando o ponto pior atingem,
ou aí param, ou de novo sobem
para onde antes estavam. Lindo primo,
que Deus vos abençoe.
LADY MACDUFF · Ainda tem pai;
no entanto, é como se já não tivesse.
ROSS · Revelo-me insensato; se mais tempo
ficasse aqui, podia desgraçar-me,
sobre prejudicar-vos. Bem, despeço-me
definitivamente.

(Sai.)

LADY MACDUFF · Olá, menino,
vosso pai está morto. Que destino
tereis agora? Como vivereis?
O FILHO · Como os pássaros, mãe.
LADY MACDUFF · Como! De vermes
e de mosquitos?
O FILHO · Não; do que encontrar,
foi o que eu quis dizer; como eles fazem.
LADY MACDUFF · Pobre bichinho! Nunca terás medo
de laço, máquina e armadilha.
O FILHO · Medo por quê? Não foi tudo isso feito
para os pássaros pobres. Ainda vive
meu paizinho, apesar do que dissestes.
LADY MACDUFF · Não, morreu. Como vais fazer agora
para arranjar um pai?
O FILHO · De que maneira
fareis, também, para arranjar marido?
LADY MACDUFF · Ora, em qualquer mercado compro vinte.
O FILHO · Então os comprareis para vendê-los?
LADY MACDUFF · Falas com muito espírito e, de fato,
bastante para a idade.
O FILHO · Mãe, meu pai foi um traidor?
LADY MACDUFF · Sim, é o que ele foi.
O FILHO · Que é um traidor?
LADY MACDUFF · Ora, é toda pessoa que jura e mente.
O FILHO · Todos os que fazem isso são traidores?
LADY MACDUFF · Quem quer que assim proceda, é
traidor e merece ser enforcado.

shakespearebrasileiro.org

O FILHO · E precisam ser enforcadas todas as pessoas que juram e mentem?
LADY MACDUFF · Todas.
O FILHO · E quem é que as enforca?
LADY MACDUFF · Ora, os homens de bem.
O FILHO · Então os mentirosos e os que juram não passarão de grandes tolos, pois há mentirosos e jurados bastantes para darem nos homens de bem e para os enforcarem.
LADY MACDUFF ·
Que Deus te ajude agora, macaquinho.
Mas, como farás para arranjar outro pai?
O FILHO · Se ele tivesse morrido, haveríeis de chorar a morte dele. Se o não fizésseis, seria sinal certo de que eu logo iria ter novo pai.
LADY MACDUFF · Pobre tagarela, como sabes falar!
(Entra um mensageiro.)
MENSAGEIRO · Formosa dama. Deus vos abençoe.
Não sabeis quem eu sou, conquanto eu saiba
tudo o que se refere ao vosso estado.
Temo que algum perigo esteja prestes
a vos tocar. No caso de aceitardes
o conselho de um homem tão singelo,
não vos deixeis ser encontrada aqui.
Fugi com vossos filhos. Estou certo
de que, atemorizando-vos, procedo
como selvagem; mas ser mais explícito
fora crueldade bárbara, que muito
perto de vós já se acha. O céu vos guarde.
Não me atrevo a ficar aqui mais tempo.
(Sai.)
LADY MACDUFF ·
Para onde hei de fugir? Nunca fiz mal.
Mas agora me ocorre que me encontro
neste mundo terreno, onde é louvável
fazer o mal, às vezes, e, por vezes,
o bem fazer é insânia perigosa.
Por que valer-me, então, dessa defesa
feminina, dizendo simplesmente
que não fiz mal?
(Entram assassinos.)
Que caras serão essas?
ASSASSINO · Onde está vosso esposo?
LADY MACDUFF ·
Não há de estar, espero-o, em nenhum ponto
tão profano que possa ser achado
por tipos como tu.
ASSASSINO · É um traidor.
O FILHO · Mentes, peludo!
ASSASSINO · Como, espécie de ovo?
Filhinho da traição!
(Apunhala-o.)
O FILHO · Ele matou-me,
mãe. Fugi, sem demora.
(Morre.)
(Lady Macduff sai gritando "Assassínio!" perseguida pelos assassinos.)

Ato IV · Cena III

Inglaterra. Diante do palácio do Rei.
Entram Malcolm e Macduff.

MALCOLM · Busquemos uma sombra desolada
para desafogar os tristes peitos,
chorando seus pesares.
MACDUFF · Não! Saquemos
da espada cortadora e, como bravos,
amparar procuremos nossa pátria
que ameaça desabar. Novas viúvas,
cada manhã, ululam; novos órfãos
soluçam; novas dores no céu batem,
que ressoa tal como se sofresse
juntamente com a Escócia e as mesmas sílabas
emitisse de dor.
MALCOLM · Chorar só hei de
sobre o que creio: creio o que conheço,
e assim que o tempo se mostrar amigo,
estando em mim fazer alguma coisa
tornando-se-me o tempo favorável,
farei o que puder. O que dissestes,
talvez seja verdade. Esse tirano,
cujo nome, tão-só, nos deixa a língua
coberta de feridas, como honesto
já foi considerado. Vós o amastes.
Atingido por ele ainda não fostes.

shakespearebrasileiro.org

Sou moço; mas por mim talvez pudésseis
torná-lo vosso devedor. A astúcia
manda sacrificar um cordeirinho
pobre, inocente e fraco, para a cólera
propiciar de um deus.
MACDUFF · Não sou traidor.
MALCOLM · Mas traidor é Macbeth. Pode dobrar-se
uma leal natureza e em tudo boa
ante uma imperial ordem. Mas preciso
que me perdoeis; modificar não posso
com o pensamento o que realmente sois.
Os anjos ainda brilham, muito embora
tenha caído o mais brilhante deles.
Se as feições da virtude os vícios todos
a assumir viessem, ela nem por isso
deixaria de ter o mesmo aspecto.
MACDUFF · Já perdi a esperança.
MALCOLM · Porventura
no mesmo ponto em que achar fui a dúvida.
Por que razão deixastes, tão de súbito
e sem vos despedir, a esposa e os filhos,
esses caros penhores, elos fortes
do verdadeiro amor? Nessas suspeitas
não vejais, por obséquio, mancha alguma
que vos possa atingir, mas tão-somente
minha tranqüilidade. Mui sincero
podereis ser, pense eu o que pensar.
MACDUFF · Sangra, então, grande pátria. Poderosa
tirania, reforça tua base,
porque a virtude contra ti não se alça.
Carrega o roubo, pois o teu direito
já viste confirmado. Adeus, milorde;
ser não quero o vilão que ora imaginas,
nem por todas as terras que nas garras
se encontram do tirano, acrescentadas
das riquezas do Oriente.
MALCOLM · Ofensa alguma
desejara fazer-vos. Não por medo
absoluto de vós assim me exprimo,
penso que nossa pátria sob o jugo
sucumbe do tirano; chora e sangra,
vendo aumentar-lhe cada dia as chagas
uma ferida nova. Sei que muitas
mãos se levantariam na defesa
de meus direitos, e aqui mesmo acaba
de ofertar-me a Inglaterra generosa
alguns milhares delas. Mas, ao cabo,
depois de haver pisado na cabeça
do tirano, ou de tê-la em minha espada,
ficará minha pátria desditosa
com mais vícios do que antes, padecendo
muito mais, por maneiras mais variadas
do que nunca, debaixo do domínio
de quem lhe suceder.
MACDUFF · Quem será esse?
MALCOLM ·
Eu mesmo, é claro, em quem percebo vícios
enxertados tão bem que, se algum dia
a pegar vierem, até mesmo o negro
Macbeth parecerá nitente neve,
considerando-o nossa pobre pátria
como um cordeiro, quando comparado
com minha enormidade de defeitos.
MACDUFF · Nem mesmo nas legiões do hórrido inferno
poder-se-ia encontrar um mais completo
demônio que a Macbeth no mal se iguale.
MALCOLM · Concedo que ele seja sanguinário,
lúbrico, falso, enganador, avaro,
violento, malicioso e com os sentidos
sempre vivos a todos os pecados
que possam ser nomeados; porém fundo
não tem, não pode ter, minha lascívia.
Vossas esposas, vossas filhas, vossas
matronas, vossas virgens jamais hão de
deixar plena a cisterna de meus vícios,
vindo a vencer minha avidez os óbices
que ao meu desejo, acaso, se opuserem.
Antes Macbeth que um Rei com tais defeitos.
MACDUFF · A licenciosidade é tirania
da própria natureza, que bastantes
tronos felizes já deixou vazios
antes do tempo e ocasionou a queda
de muitos reis. Mas não tenhais receio
de vos apoderar do que já é vosso.
Podereis expansão dar aos prazeres
em toda plenitude, parecendo,
no entanto, frio e, assim, burlando o mundo.
Damas condescendentes não nos faltam.
Não é possível que abrigueis abutre
no íntimo, que devore quantas forem
entregar-se à grandeza que pendida
para elas perceberem.
MALCOLM · Além disso,
de minha natureza mal formada

shakespearebrasileiro.org

nasce avareza tão descomedida
que, vindo eu a reinar, darei a morte
a muitos nobres, para despojá-los
de suas propriedades; os tesouros
deste cobiçarei; deste outro, a casa.
Todo aumento de bens ser-me-á tempero
para excitar-me a fome, de tal modo
que farei suscitar brigas injustas
entre os melhores e mais leais vassalos,
para destruí-los e ficar com tudo.
MACDUFF · A avareza penetra mais, emite
raízes mais nocivas que a luxúria
transitória do estio; foi o gládio
que matou nossos reis. Mas pouco importa:
nada temais; a Escócia tem recursos
para saciar-vos só com o que for vosso.
Tudo isso é suportável, que as virtudes
contrabalançam tudo.
MALCOLM ·
Mas é o que eu não possuo! As qualidades
próprias de um Rei: justiça, temperança,
perseverança, devoção, piedade,
coragem, destemor, magnificência
me são de todo estranhas, e eu me alegro
com dividir os vícios em diversas
variedades, a fim de praticá-los
de todas as maneiras. Se estivesse
em meu poder, atiraria logo
no inferno o doce leite da concórdia,
a paz universal deixara esfeita
e confundira toda segurança
que no mundo existisse.
MACDUFF · Oh Escócia! Escócia!
MALCOLM · Se é digno de reinar um homem desses,
falai, pois sou tudo isso que vos disse.
MACDUFF · Se é digno de reinar? Nem de viver.
Oh povo miserável, governado
por um monstro ilegítimo, de cetro
cheio de sangue! Quando novamente
poderás ver teus dias de saúde,
se o herdeiro mais autêntico do trono
maldito se declara, blasfemando
contra sua própria raça? Teu virtuoso
pai foi um santo Rei; a soberana
que à luz te deu, vivendo mais de joelhos
do que de pé, matava os dias todos
de sua própria vida. Adeus; os males
que em tua própria cabeça despejaste
me baniram da Escócia. Oh coração!
tua esperança acaba neste ponto!
MALCOLM · Macduff, essa emoção em tudo nobre,
nascida da pureza, a negra dúvida
me tirou da alma e, alfim, meus pensamentos
reconciliou com tua fé sem jaça
e tua probidade. O demoníaco
Macbeth tem procurado por enredos
desse gênero pôr-me ao seu alcance,
ensinando-me, assim, a mais modesta
sabedoria a desconfiar da pressa
crédula por demais. Mas que lá do alto
juiz Deus seja entre nós dois agora,
pois desde este momento sob a tua
direção me coloco. Aqui renego
minha autodetração e abjuro todos
os vícios e defeitos que em mim próprio
lançara há pouco, como incompatíveis
com minha natureza. Nunca tive
contacto com mulher, não fui perjuro,
mal cobicei aquilo que é meu mesmo,
jamais quebrei qualquer promessa feita,
demônio algum traí para seus próprios
companheiros do inferno. Como à vida,
tenho amor à verdade. Minha estréia
na mentira foi esta a meu respeito.
O que eu realmente sou se encontra à tua
disposição e do meu pobre povo.
Para auxiliá-lo aqui se achava há pouco,
no instante de chegares, o ancião Siward
com dez mil aguerridos combatentes,
no ponto de partirem. Vamos juntos;
que o favor da vitória corresponda
à justiça de nossa discordância.
Por que ficais calado?
MACDUFF · É mui difícil
reconciliar eventos a um só tempo
não gratos e agradáveis.

(Entra um médico.)

MALCOLM · Bem; voltaremos a falar sobre isso.
Dizei-me, por obséquio: o Rei vem vindo?
O MÉDICO · Sim, senhor; numerosos desgraçados
o auxílio dele aguardam, pois a doença
de que padecem tem zombado da arte.
Mas sua mão — tal é a santidade
com que o céu a dotou — vai sãos deixá-los

shakespearebrasileiro.org

no instante de os tocar.
MALCOLM · Agradecido,
doutor, vos fico.

(Sai o médico.)

MACDUFF · De que doença fala?
MALCOLM · Chamam-lhe o mal. Miraculoso feito
realiza este bom Rei, já presenciado
várias vezes por mim, desde que me acho
no reino da Inglaterra. De que modo
consegue o céu mover, só ele sabe.
Mas pessoas tocadas de moléstias
estranhas, cheias de úlceras, tristíssimo
espetáculo a todos, desespero
da medicina, sãs ele tem posto
com lhes pôr ao pescoço uma áurea estampa,
ao tempo em que murmura santas preces.
Dizem também que aos reis seus sucessores
transmitirá esse poder bendito
de curas realizar. Mas além dessa
virtude estranha, o dom possui celeste
da profecia, sobre lhe cercarem
o trono várias bênçãos que o declaram
cheio de graças.
MACDUFF · Olhai quem vem chegando!
MALCOLM · Um dos meus compatriotas; mas ainda
não o conheço.

(Entra Ross.)

MACDUFF · Sede aqui bem-vindo,
meu sempre gentil primo.
MALCOLM · Reconheço-o
agora. Oh Deus bondoso, afasta em tempo
tudo quanto estrangeiros nos tem feito.
ROSS · Amém, senhor.
MACDUFF · A Escócia continua
no mesmo lugar de antes?
ROSS · Pobre pátria,
revela medo até de conhecer-se.
De nossa mãe não pode ser chamada,
mas nossa sepultura, porque nela
só ri ainda quem ignora tudo;
os gritos e suspiros, os gemidos
que os ares dilaceram, emitidos
apenas são, sem serem percebidos.
As mais violentas dores assemelham-se
a emoção cotidiana; os dobres fúnebres
passam despercebidos e as pessoas
de bem fenecem antes de murcharem
as flores do chapéu e a vida perdem
sem virem a adoecer.
MACDUFF · Oh! relação
muito precisa e, no entretanto certa!
MALCOLM · Qual é a última dor?
ROSS · A que de vida
tem uma hora faria ser vaiado
quem viesse relatá-la; a cada instante
nasce uma nova dor.
MACDUFF · E minha esposa,
como ficou?
ROSS · Ora, essa ficou bem.
MACDUFF · E meus filhos?
ROSS · Também.
MACDUFF · A paz de todos
não havia o tirano ainda assaltado?
ROSS · Não; deixei-os em paz ao despedir-me.
MACDUFF · Sede menos avaro de palavras.
Que aconteceu?
ROSS · No instante em que eu trazia
para aqui essas novas que tão fundo
pesavam sobre mim, soube do boato
de que bastantes homens valorosos
se tinham posto em campo, o de que logo
me convenci ao ver os contingentes
do tirano aprestados para a luta.
Eis o momento de intervirmos. Vossos
olhares, lá na Escócia, aprestariam
soldados, levariam para a luta
nossas mulheres, para porem termo
à desgraça indizível.
MALCOLM · Sirva a todos
de consolo saber que já me encontro
a caminho da Escócia. Dez mil homens
cedeu-nos a Inglaterra, comandados
pelo bondoso Siward. Mais completo
guerreiro e mais idoso não se encontra
em toda a Cristandade.
ROSS · Ah! se eu pudesse
dar-vos notícia tão reconfortante!
Mas trouxe-vos palavras para serem
uivadas no ar deserto, onde não possam
ser percebidas por nenhum ouvido.
MACDUFF · A que dizem respeito? À causa pública?
Ou trata-se, talvez, de sofrimento
particular, que a um peito, apenas, toca?
ROSS · Todas as almas nobres têm sua parte;

shakespearebrasileiro.org

mas a maior, decerto, vos pertence.
MACDUFF · Se me pertence, não me priveis dela.
Vamos; dai-ma depressa.
ROSS · Que não fiquem
vossos ouvidos para sempre odiando
minha língua, por ter de molestá-los
com os sons mais tristes que jamais ouviram.
MACDUFF · Hum! Presumo o que seja.
ROSS · Vosso burgo
foi assaltado; vossa esposa e os filhos,
mortos selvagemente. Relatar-vos
como se deu, o mesmo fora ao monte
de caças abatidas vosso corpo
sem vida acrescentar.
MALCOLM · Oh céu piedoso!
Não, homem! Levantai vosso chapéu!
Dai palavras à dor. Quando a tristeza
perde a fala, sibila ao coração,
provocando de pronto uma explosão.
MACDUFF · Meus filhinhos também?
ROSS · Esposa, filhos,
criados, tudo o que acharam.
MACDUFF · E eu, ausente!
Também minha mulher?
ROSS · Já vo-lo disse.
MALCOLM · Coragem! Aprestemos o remédio
para essa dor mortal com prepararmos
nossa vingança.
MACDUFF · Ah! Ele não tem filhos!
Todos os meus pequenos tão graciosos?
Dissestes "todos?" Oh infernal abutre!
Como! Todos? Os lindos pequerruchos
juntamente com a mãe, num só mergulho?
MALCOLM · Como homem, resisti.
MACDUFF · É o que farei;
mas preciso também sentir como homem.
Não consigo esquecer que hajam vivido
essas pessoas que tão caras me eram.
O céu viu isso, sem que os amparasse?
Depravado Macduff! Por tua causa
assassinados todos eles foram;
por mim, que nada valho. Não por culpas
próprias, mas pelas minhas, tão-somente,
caiu a morte sobre as almas deles.
Que o céu lhes dê sossego.
MALCOLM · Que seja isso
a pedra de amolar de vossa espada.
Fazei que a dor se vos transforme em cólera;
não emboteis o peito: enraivecei-o.
MACDUFF · Como mulher, agora, poderia
representar com os olhos e mostrar-me
valente só com a língua. Oh céu bondoso!
põe termo às dilações e, face a face,
com o demônio da Escócia me coloca,
ficando ele ao alcance de meu gládio:
vindo a escapar, que lhe perdoe o céu.
MALCOLM · Viril é essa cantiga. Vamos, vamos
procurar logo o Rei. Prestes se encontram
nossas forças; só falta despedirmo-nos.
Macbeth está maduro para a queda,
já tendo prestes os poderes do alto
os instrumentos que hão de sacudi-lo.
Criai coragem; não há noite fria,
por mais longa que seja, sem seu dia.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Dunsinane. Um quarto no castelo.
Entram um médico e uma camareira.

O MÉDICO · Estive de vigília convosco durante duas noites consecutivas, mas não posso descobrir indício de verdade em tudo o que dissestes. Quando foi que ela andou como sonâmbula pela última vez?
A CAMAREIRA · Desde que Sua Majestade foi para a campanha eu a tenho visto levantar-se da cama, atirar sobre si o roupão de dormir, abrir a escrivaninha, tirar uma folha de papel, dobrá-la, escrever alguma coisa, ler o que escreveu, selar depois a folha e voltar em seguida para a cama, fazendo tudo isso, no entanto, no mais profundo sono.
O MÉDICO · É indício de uma grande perturbação da natureza receber os benefícios do sono e executar, simultaneamente, os atos de vigília. Nessa inquietação do sono, além desses passeios e de ocupações concretas, não percebestes se, por vezes, ela dizia alguma coisa?

shakespearebrasileiro.org

A Camareira · Ouvi coisas, senhor, que não me atrevo a repetir.
O Médico · A mim podereis dizer o que ouvistes, sendo mesmo de vantagem que o façais.
A Camareira · Nem a vós nem a ninguém, uma vez que não tenha testemunha para confirmar o que disser.
(Entra lady Macbeth, com uma vela.)
Vede! Aí vem ela! É assim mesmo que sempre faz, e, por minha vida, a dormir profundamente. Observai-a; aproximai-vos dela um pouco.
O Médico · Como conseguiu essa luz?
A Camareira · Ora, estava perto dela. Tem sempre luz ao pé de si; são ordens expressas.
O Médico · Como vedes, está com os olhos bem abertos.
A Camareira · É certo; mas os sentidos estão fechados.
O Médico · Que faz ela agora? Vede como esfrega as mãos.
A Camareira · É um gesto habitual nela, fazer como quem lava as mãos. Já a vi continuar desse jeito durante um quarto de hora.
Lady Macbeth · Aqui ainda há uma mancha.
O Médico · Atenção! Está falando. Vou tomar nota do que ela disser, para reforçar a memória.
Lady Macbeth · Sai, mancha amaldiçoada! Sai! Estou mandando. Um dois... Sim, já é tempo de fazê-lo. O inferno é sombrio... Ora, marido! Ora! Um soldado ter medo? Por que termos medo de que alguém o venha a saber, se ninguém poderá pedir contas a nosso poder? Mas quem poderia imaginar que o velho tivesse tanto sangue no corpo?
O Médico · Ouvistes o que ela disse?
Lady Macbeth · O thane de Fife tinha uma mulher. Onde se encontra ela agora? Como! Estas mãos nunca ficarão limpas? Basta, senhor; não falemos mais nisso. Estragais tudo com essa vacilação.
O Médico · Ide, ide! Ficastes sabendo mais do que seria conveniente.
A Camareira · Ela falou o que não devia, tenho certeza. Só Deus sabe o que ela sabe.
Lady Macbeth · Aqui ainda há odor de sangue. Todo o perfume da Arábia não conseguiria deixar cheirosa esta mãozinha. Oh! Oh! Oh!
O Médico · Que suspiro! Tem o coração por demais opresso.
A Camareira · Eu não quisera ter no peito um coração assim, nem pelas dignidades de todo o corpo.
O Médico · Bem, bem, bem.
A Camareira · Rogai a Deus, senhor, para que seja assim.
O Médico · Esta doença ultrapassa minha arte. No entanto, conheci sonâmbulos que morreram santamente em suas camas.
Lady Macbeth · Ide lavar as mãos; vesti vosso roupão de dormir. Não fiqueis assim tão pálido. Torno a dizer-vos que Banquo está enterrado; não poderá sair da sepultura.
O Médico · Também isso?
Lady Macbeth · Para o leito! Para o leito! Estão batendo no portão. Vinde, vinde! Dai-me a mão. O que está feito não está por fazer. Para o leito, para o leito, para o leito!
(Sai.)
O Médico · E agora, ela vai para o leito?
A Camareira · Diretamente.
O Médico · Circulam por aí terríveis boatos, feitos contra a natura sempre engendram conseqüências doentias. As consciências manchadas descarregam seus segredos nos surdos travesseiros. Mais de padre tem ela precisão do que de médico.
Deus, Deus que nos perdoe! Acompanhai-a.
Deixai bem longe dela quanto possa causar-lhe qualquer dano. E ora, boa noite.
Ela deixou-me o espírito confuso
e a vista absorta com tamanho abuso.
Penso, mas não me atrevo a dizer nada.
A Camareira · Boa noite, bom doutor.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

Planície perto de Dunsinane.
Entram com bandeiras e tambores Menteith, Caithness, Angus, Lennox e soldados

MENTEITH · As forças da Inglaterra já estão perto.
Trá-las Malcolm, seu velho tio Siward
e o valente Macduff. Arde a vingança
neles todos, pois uma causa dessas
fará os próprios mortos levantarem-se
para o combate atroz e sanguinário.
ANGUS · Decerto vamos encontrá-los perto
da floresta de Birnam; vêm por lá.
CAITHNESS · Alguém sabe informar se Donalbain
vem com o irmão?
LENNOX · Decerto não, senhor.
Possuo a lista da nobreza toda;
nela o filho se encontra do bom Siward
e muitos outros moços ainda imberbes,
que como homens estréiam.
MENTEITH · E, o tirano,
que está fazendo?
CAITHNESS · Alenta a resistência
do grande Dunsinane. Alguns murmuram
que ele está louco; outros, que o odeiam menos,
o nome dão de fúria valorosa.
Mas certo é que ele sua natureza
desmanchada abarcar já não consegue
no cinturão da regra.
ANGUS · Ele ora sente
como as mãos se lhe envisgam com seus crimes
secretos. A toda hora uma revolta
lhe exprobra a deslealdade. Seus soldados
não os move o amor; ordens somente cumprem.
Começou a notar que a dignidade
do título de Rei lhe envolve o corpo
como faria a roupa de um gigante
a um anão que a roubasse.
MENTEITH · Quem pudera
censurar-lhe os sentidos, exaltados
por tantos sobressaltos e recuos,
quando tudo o que há nele se envergonha
por nele se encontrar?
CAITHNESS · Então sigamos
para a frente; prestemos a obediência
pelo dever imposta. Dirijamo-nos
para o médico desta terra doente,
e, para restaurarmos nossa pátria,
derramemos com ele todo o sangue
de nossas veias.
LENNOX · Ou somente quanto
bastar para orvalhar a flor bendita
e afogar a cizânia parasita.
Marchemos para Birnam.

(Saem marchando.)

Ato V · Cena III

Dunsinane. Um quarto no castelo.
Entram Macbeth, o médico e pessoas do séquito.

MACBETH · Deixai de me trazer essas notícias.
Que fujam todos, pois enquanto a mata
de Birnam não chegar a Dunsinane,
não poderá manchar-me o frio medo.
Que é o pequeno Malcolm? Porventura
não nasceu de mulher? Ora, os espíritos
que os processos mortais mui bem conhecem,
a meu respeito assim se pronunciaram:
"Nada temas, Macbeth, pois nenhum homem
nascido de mulher pode vencer-te".
Fugi, portanto, miseráveis thanes,
e ide associar-vos aos ingleses lúbricos.
Jamais se dobrará meu forte espírito
sob o peso da dúvida, nem há de
mostrar meu coração menor vontade.

(Entra um criado.)

Que o diabo te condene em negro, biltre
de cara de coalhada. Onde encontraste
essas feições de ganso?
CRIADO · É que há dez mil...
MACBETH · Gansos, vilão?
CRIADO · Soldados, meu senhor.
MACBETH · Vai esfregar o rosto e de vermelho

shakespearebrasileiro.org

pintar o medo, fígado de lírio!
Que soldados, poltrão? Morte de tua alma!
Essas bochechas brancas como linho
são ministro do medo. Que soldados,
cara de leite?
Criado · Não vos desagrade,
os soldados ingleses.
Macbeth · Tira a tua
cara daqui. Depressa!

(Sai o criado.)

Seyton! Dói-me
demais o coração, quando contemplo...
Seyton! torno a chamar... Essa batalha
vai-me dar alegria para sempre
ou tirar-me do trono neste instante.
Já vivi muito; minha vida inclina-se
para o outono de folhas amarelas,
e a nada do que deve vir no rasto
da velhice: amor, honras, obediência,
amigos, poderei eu aspirar.
Em lugar disso, maldições, não ditas
em voz alta, mas fundas; homenagens
à flor da boca apenas, que, de grado
o pobre coração contestaria,
conquanto não se atreva... Seyton! digo.
Seyton · Que é o vosso prazer gracioso agora?
Macbeth · Quais são as outras novidades?
Seyton · Quanto
vos disseram, senhor, foi confirmado.
Macbeth · Hei de lutar até que me retalhem
toda a carne dos ossos. Dai-me logo
minha armadura. Vamos!
Seyton · Ainda é cedo.
Macbeth · Quero vesti-la já. Mais cavaleiros
mandai já já limpar a redondeza.
Dai-me a armadura. Como vai passando
vossa doente, doutor?
O Médico · Não se acha doente,
propriamente, senhor, mas perseguida
por freqüentes visões que do repouso
de todo a têm privado.
Macbeth · Cura-a disso.
Não podes encontrar nenhum remédio
para um cérebro doente, da memória
tirar uma tristeza enraizada,
delir da mente as dores aí escritas
e com algum antídoto de oblívio
doce e agradável aliviar o peito
que opresso geme ao peso da matéria
maldosa que comprime o coração?
O Médico · Para isso deve o doente achar os meios.
Macbeth · Então atira aos cães a medicina.
Não quero saber dela. Vamos logo!
Minha armadura! Dai-me o meu bastão.
Seyton, manda sair... Doutor, os thanes
fogem de mim. — Vamos! Mais pressa nisso! —
Se examinar, doutor, pudesses a água
do meu reino, encontrar a doença dele,
restituir-lhe por meio de uma purga
a saúde primeira, tão notória,
aplaudir-te-ia que os próprios ecos
aplaudissem de novo. — Fora! digo —
Que ruibarbo, que sene ou droga drástica
nos limpará desses ingleses todos?
Já ouviste falar deles?
O Médico · Sim, bondoso
senhor; vossos reais preparativos
nos forçam a ouvir algo.
Macbeth · Não hei de ter da morte medo inane,
se Birnam não vier a Dunsinane.
O Médico *(à parte)* ·
E eu se longe estivesse neste dia,
nenhum lucro a voltar me obrigaria.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena IV

Planície perto da mata de Dunsinane.
Entram com tambores e bandeiras Malcolm, o velho Siward e seu filho, Macduff, Menteith, Caithness, Angus, Lennox, Ross e soldados, marchando.

MALCOLM · Primos, creio que o dia se aproxima
de ficarem seguras nossas casas.
MENTEITH · Não o duvidamos.
SIWARD · Que floresta é esta?
MENTEITH · É a floresta de Birnam.
MALCOLM · Que cada homem
corte um galho e o carregue, pois, com isso,
não só faremos sombra para as tropas,
como a erro induziremos o inimigo
no cômputo dos nossos.
SOLDADOS · Será feito.
SIWARD · Só o que ouvimos dizer é que o tirano,
confiante sempre, em Dunsinane se acha,
onde vai resistir ao nosso cerco.
MALCOLM · É nisso que depõe toda a esperança,
pois sempre que ocasião se tem mostrado,
todos o deixam, grandes e pequenos,
só à força o servindo os que ainda restam,
mas sem que o coração influa nisso.
MACDUFF · Que nosso justo juízo aguarde a marcha
dos acontecimentos. Enquanto isso,
em prática ponhamos toda a nossa
ciência de bons soldados.
SIWARD · Está na hora
de ficarmos sabendo com certeza
quem tem a haver, quem fez maior despesa.
Da mente nasce uma esperança inglória;
mas dos golpes certeiros, a vitória,
que é para onde marchamos.

(Saem marchando.)

Ato V · Cena V

Dunsinane. No interior do castelo.
Entram com tambores e bandeiras Macbeth, Seyton e soldados.

MACBETH · Desfraldai as bandeiras nas muralhas
de fora. A senha é sempre: "Aí vêm eles!"
Nosso forte castelo ri de um cerco
de brinquedo como este. Que aí fiquem,
até que a fome e a peste os extermine.
Se eles não se tivessem reforçado
com os que do nosso lado estar deviam,
barba com barba nós os enfrentáramos
sem receio nenhum e os tocaríamos,
vencidos, para casa.

(Ouve-se dentro um grito de mulher.)

SEYTON · Um grito de mulher, meu bom senhor.

(Sai.)

MACBETH · Quase esqueci que gosto tem o medo.
Já houve tempo em que um só grito, à noite,
gelados os sentidos me deixava,
e a relação de qualquer fato horrendo
eriçar os cabelos me fazia,
como se vivos fossem. Entupi-me
de tal modo com coisas pavorosas,
que o horror, já agora familiar das minhas
cogitações de morte, não consegue
abalar-me no mínimo.

(Volta Seyton.)

Que houve?
SEYTON · A Rainha morreu, senhor.
MACBETH · Devia
ter morrido mais tarde; então, houvera
ocasião certa para tal palavra.
O amanhã, o amanhã, outro amanhã,
dia a dia se escoam de mansinho,
até que chegue, alfim, a última sílaba
do livro da memória. Nossos ontens
para os tolos a estrada deixam clara
da empoeirada morte. Fora! apaga-te,
candeia transitória! A vida é apenas
uma sombra ambulante, um pobre cômico
que se empavona e agita por uma hora
no palco, sem que seja, após, ouvido;
é uma história contada por idiotas,

shakespearebrasileiro.org

cheia de fúria e muita barulheira,
que nada significa.

(Entra um mensageiro.)

Vens para usar a língua; fala logo.

MENSAGEIRO · Meu gracioso senhor,
desejara dizer-vos o que penso
ter visto, mas não sei como expressar-me.

MACBETH · Muito bem; pois falai, caro senhor.

MENSAGEIRO · Quando estava de guarda na colina,
olhei naturalmente para Birnam,
tendo-me parecido que a floresta
começava a mover-se.

MACBETH · Mentiroso
lacaio!

MENSAGEIRO · Que em mim caia vossa cólera,
se não for mesmo assim, pois à distância
de três milhas podeis vê-la avançando:
uma floresta em movimento. É isso.

MACBETH ·
Se estiveres mentindo, no mais próximo galho
serás dependurado vivo,
até que a fome venha ressecar-te;
se a verdade falaste, não me importa
que comigo procedas de igual modo.
De coragem revisto-me e começo
a suspeitar do equívoco do demo
que mente sob a capa da verdade.
"Nada temas até que a Dunsinane
chegue a mata de Birnam". E ora acontece
que uma floresta vem a Dunsinane!
Às armas, logo! Às armas! Para fora!
Se o que ele disse é certo, é indiferente
fugir daqui ou combater na frente.
Começo a achar a luz do sol enjoada.
Ah! se este mundo se acabasse em nada!
Tocai o alarma! Abri-vos, sepultura!
Posso morrer, mas dentro da armadura.

(Saem.)

Ato V · Cena VI

O mesmo. Uma planície diante do castelo.
Entram com tambores e bandeiras Malcolm, o velho Siward, Macduff etc. e seu exército, com galhos de árvores.

MALCOLM · Eis-nos bastante perto; jogai fora
vosso amparo de folhas e mostrai-vos
como sois mesmo. Vós, meu digno tio,
com vosso nobre filho, meu bom primo,
comandareis nosso primeiro corpo.
Nós e o digno Macduff encarregados
ficaremos do mais, de acordo em tudo
com nossas próprias ordens.

SIWARD · Passai bem.
Se hoje eu achar as forças do tirano,
que a morrer venha, se não causar dano.

MACDUFF · Tocai logo os clarins; soprai bem forte
nesses arautos de sangueira e morte.

(Saem.)

Ato V · Cena VII

O mesmo. Outra parte da planície.
Alarma. Entra Macbeth.

MACBETH ·
Amarraram-me ao poste; é-me impossível
fugir, sendo preciso que, como urso,
agüente o ataque deles. Onde se acha
quem não houvesse de mulher nascido?
Esse é que eu temer devo; mais ninguém.

(Entra o jovem Siward.)

O JOVEM SIWARD · Teu nome?

MACBETH · Terás medo só de ouvi-lo.

O JOVEM SIWARD ·
Não; ainda mesmo que mais quente fosse
do que o de todos que no inferno se acham.

MACBETH · Então, Macbeth me chamo.

O JOVEM SIWARD · O próprio diabo
não poderia pronunciar um título
que mais odioso fosse a meus ouvidos.

MACBETH · Não; nem mais de temer.

O JOVEM SIWARD · Mentes, tirano
detestável. Com a ponta desta espada
vou provar que mentiste.

(Batem-se; o jovem Siward é morto.)

shakespearebrasileiro.org

MACBETH · Tu nasceste
de mulher. Para mim são como o vento
golpes de quem teve esse nascimento.

(Sai.)

(Alarma. Entra Macduff.)

MACDUFF · Deste lado é o barulho. Mostra o rosto,
tirano! Se não cais por minha espada,
perseguido serei eternamente
pelo espectro de minha esposa e pelos
de meus filhinhos caros. Impossível
me será atacar esses coitados
que trazem armas só pelo salário.
Ou te encontro, Macbeth, ou na bainha
reponho a espada, intacta e sem trabalho.
Deves estar ali. Aquele estrépito
quer anunciar alguém de grande fama.
Faze que o encontre, oh Fado! Mais não peço.

(Sai. Alarma.)

(Entram Malcolm e o velho Siward.)

SIWARD · Por aqui, meu senhor; sem resistência
entregou-se o castelo. Estão lutando
dos dois lados os homens do tirano.
Os nobres thanes nesta guerra deram
provas de alto valor. O próprio dia
está a vosso favor; já quase nada
resta para fazer.

MALCOLM · Vimos de perto
como o imigo lutava.

SIWARD · Eis o castelo,
caro senhor, entrai.

(Saem. Alarma.)

(Volta Macbeth.)

MACBETH · Por que fazer como o romano bobo
e o corpo atravessar com a própria espada?
Enquanto vidas eu achar, os golpes
serão para elas, não para o meu corpo.

(Volta Macduff.)

MACDUFF · Volta-te, cão do inferno!

MACBETH · Dentre todos
os homens só a ti tenho evitado.
Retira-te; tenho a alma carregada
por demais de teu sangue.

MACDUFF · Não me sobram
palavras; minha voz é minha espada,
monstro mais sanguinário do que possa
expressar a linguagem.

(Batem-se.)

MACBETH · É trabalho
perdido o teu. Com mais facilidade
poderias fender o ar impalpável
com tua espada aguda do que sangue
do meu corpo arrancar. Deixa que a lâmina
caia sobre cimeiras vulneráveis.
Ampara-me um encanto; a vida tenho
assegurada contra qualquer homem
nascido de mulher.

MACDUFF · Perde a confiança
em tal encantamento, e que o mau anjo
a que serviste até hoje te declare
que do ventre materno foi Macduff
tirado antes do tempo.

MACBETH · Maldita seja a língua que diz isso,
pois com medo deixou a melhor parte
de minha intrepidez, e que não sejam
cridos jamais esses demônios falsos
que nos enganam com palavras dobres
e sustenta a promessa feita a nossos
ouvidos, sem que a nossas esperanças
intacta a deixem nunca. Não pretendo
cruzar armas contigo.

MACDUFF · Então, entrega-te,
covarde, e vive para te tornares
espetáculo e assombro do universo.
Como fazemos com esses monstros raros,
teu retrato será posto num mastro,
tendo embaixo a inscrição: "Eis o tirano!"

MACBETH · Não me rendo; beijar não hei de a terra
diante dos pés do juvenil Malcolm,
nem de isca servirei para a canalha.
Embora Birnam viesse a Dunsinane
e tu, que me resistes, não tivesses
nascido de mulher, vou tentar o último
recurso. Ponho assim, em frente ao corpo,
meu escudo guerreiro. Vem, Macduff!
E que por todos seja amaldiçoado
quem primeiro gritar: "Estou cansado!"

(Saem, lutando.)

(Retirada. Voltam com tambores e bandeiras, Malcolm, o velho Siward, Ross, thanes e soldados.)

MALCOLM · Desejara que salvos estivessem
os amigos que faltam.

SIWARD · É forçoso
que alguém pereça. Mas, por quanto vejo,
custou barato um dia tão glorioso.

shakespearebrasileiro.org

MALCOLM · Falta Macduff e vosso nobre filho.
ROSS · Vosso filho, senhor, pagou a dívida
de soldado. Viveu até ser homem;
logo que pôde comprovar a força
no posto em que, sem vacilar, lutava,
como homem pereceu.
SIWARD · Então, morreu?
ROSS · Sim; seu corpo, também, já foi trazido
do campo de batalha. Não podemos
medir a causa de vosso alto luto
pelo mérito dele, o que seria
deixá-la sem limites.
SIWARD · Foi ferido na frente?
ROSS · Sim, na frente.
SIWARD · Que soldado de Deus, então, se torne.
Se tantos filhos eu tivesse quantos
cabelos, não quisera mais bonita
morte para nenhum. Esse é o seu dobre
de finados.
MALCOLM · Merece maior luto;
disso me incumbirei.
SIWARD · Não; não merece.
Dizem que morreu bem; pagou o escote.
Assim, Deus o acompanhe. Mas diviso
novo conforto que nos chega a tempo.

(Volta Macduff, com a cabeça de Macbeth.)

MACDUFF ·
Salve, Rei! pois que o és. Olha onde se acha
a cabeça maldita do tirano.
O mundo já está livre. Ora te vejo
cercado pelas jóias de teu reino,
que saudação te enviam do imo peito
e a cujas vozes associo a minha:
sê feliz, Rei da Escócia!
TODOS · Sê feliz, Rei da Escócia!

(Fanfarras.)

MALCOLM · Não deixaremos que se passe o tempo
sem que com vosso amor justemos contas
e, assim, fiquemos quites com vós todos.
Meus thanes e parentes, sede condes
de hoje em diante, os primeiros que na Escócia
tal título recebem. Quanto resta
para fazer e que será plantado,
segundo as próprias condições do tempo:
como o repatriamento dos amigos
que para longe foram, porque às malhas
fugissem da astuciosa tirania;
o julgamento dos cruéis ministros
do carniceiro morto e sua esposa
tão infernal quanto ele e que, segundo
consta, pôs termo à vida com violência,
por suas próprias mãos: tudo isso e quanto
mais ainda for preciso, pela graça
da Graça a cabo havemos de levar
na medida do tempo e do lugar.
Convido-vos, assim, de mui bom grado,
para que em Scone me vejais coroado.

(Fanfarras. Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Timão, nobre ateniense.

Lúcio, Lúculo, Semprônio — nobres, aduladores de Timão.

Ventídio, um dos falsos amigos de Timão.
Apemanto, filósofo intratável.
Alcibíades, capitão ateniense.
Flávio, intendente de Timão.

Flamínio, Lucílio, Servílio — criados de Timão.

Cáfis, Filoto, Tito, Lúcio, Hortênsio — criados dos credores de Timão.

Criados de Ventídio, de Varro e Isidoro (dois credores de Timão).
Três estrangeiros.
Um velho ateniense.
Um pajem.
Um bobo.
Poeta, pintor, joalheiro e mercador.

Frinéia, Timandra — amantes de Alcibíades.

Nobres, senadores, oficiais, soldados, ladrões e criados.
Cupido e amazonas, mascarados.

Cena

Atenas e um bosque dos arredores.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Ante-sala da casa de Timão. Entram por portas diferentes um poeta, um pintor, um joalheiro, um mercador e outras pessoas.

POETA · Bom dia.
PINTOR · Muito alegre fico, vendo-vos
assim tão bem disposto.
POETA · Há muito tempo
que vos não via. Como vai o mundo?
PINTOR · O tempo o faz gastar-se.
POETA · Oh! isso é certo.
Porém que houve de raro e estranho a um tempo,
que o múltiplo registro não conheça?
Mas vede como é mágica a riqueza!
Por seus encantos foram conjurados
todos estes espíritos brilhantes.
Conheço o mercador.
PINTOR · Pois conheço ambos.
O outro é joalheiro.
MERCADOR · Oh! é um senhor mui digno.
JOALHEIRO · Sem dúvida nenhuma.
MERCADOR · É uma pessoa
como não há igual, que só respira,
como se diz, para uma ininterrupta
e incansável bondade. É incomparável.
JOALHEIRO · Tenho aqui uma jóia...
MERCADOR · Oh! quero vê-la.
Mostrai-ma. Porventura se destina
para o nobre Timão?
JOALHEIRO · Sim, dependendo
do preço, apenas; mas sobre esse ponto...
POETA *(recitando)* ·
"Quando o mal exaltamos pela paga,
turva-se o brilho dos sonoros versos,
feitos para cantar o bem somente."
MERCADOR *(examinando a jóia)* ·
Bem trabalhada.
JOALHEIRO · E rica. Eis a água. Vede-la?
PINTOR · Enlevado, senhor, andais, nalguma
dedicatória, algum trabalho para
nosso grande senhor.
POETA · Uma coisinha
que se me escapa fácil. A poesia
se assemelha à resina, quando escorre
do tronco original. Só surgem chispas
da pedreira, quando esta é percutida;
mas nossa nobre flama toma impulso
de si mesma e, no jeito das correntes
avolumadas, arrebenta os diques.
Que tendes aí?
PINTOR · Senhor, uma pintura.
Quando sairá, senhor, o vosso livro?
POETA · Virá no rasto da dedicatória.
Mas vejamos o quadro.
PINTOR · É um bom trabalho.
POETA · Excelente, em verdade; salta à vista.
PINTOR · Assim, assim.
POETA · Notável! Como a graça
por si mesma se expressa! Quanta força
mental não se irradia destes olhos!
E como a fantasia portentosa
fala por estes lábios! Fora fácil
a qualquer um dar voz ao gesto mudo.
PINTOR · Uma feliz paródia, tão-somente,
da própria vida. E como vos parece
este pequeno traço? Está bem-feito?
POETA · Domina a natureza, é o que vos digo.
A arte aqui se revela mais garrida,
mais animada do que a própria vida.
(Alguns senadores atravessam o palco.)
PINTOR · Que amigos ele tem!
POETA · Os senadores
de Atenas. Venturoso!
PINTOR · Olhai! Mais outros!
POETA · Estais vendo esta afluência, as altas ondas
de visitantes? No meu tosco livro
desenho um homem que o terreno mundo
carrega e acaricia regiamente.
Não se detém meu livre estilo em nada
particular, porém num mar se move
de luz e sempre calmo. Nenhum traço
de malícia macula uma só vírgula
do meu poema, que em seu curso altivo
prossegue como as águias altanadas
sem deixar nenhum traço.
PINTOR · De que modo
compreender isso?
POETA · Vou ser mais explícito.

shakespearebrasileiro.org

Como estais vendo, as classes todas, todos
os espíritos, tanto as mais volúveis
criaturas e inconstantes como os seres
mais sisudos e graves oferecem
a Timão seus serviços. Sua grande
fortuna, que decora a natureza
dele, boa e graciosa, toda a sorte
de corações domina, conquistando-os
para seu grande afeto, desde o simples
adulador que, como espelho, o rosto
reflete dos demais a esse Apemanto
que poucas coisas ama tanto como
desprezar a si mesmo. Pois até este
em sua frente vem dobrar o joelho,
retornando mais calmo e enriquecido
com um gesto de Timão.

Pintor · Já os vi juntos.

Poeta · Numa colina verdejante e amena
represento a Fortuna sobre um trono.
No sopé da montanha colocados
estão por ordem todos os estados,
todos os seres que no seio desta
nossa esfera procuram dar impulso
à sua própria dita. Entre eles, de olhos
voltados sempre para a soberana,
um imagino que copia os traços
do grandioso Timão, a quem com sua
mão ebúrnea a Fortuna faz acenos,
favor esse estupendo que transforma
em servidores, para logo, e escravos
todos os seus rivais.

Pintor · Grandiosa idéia!
Esse trono, a Fortuna, o monte — penso —
e essa figura que entre a turba, embaixo,
se destaca a um sinal e, baixa a fronte,
para o monte escarpado se dirige
em busca da ventura, ficariam
representados muito bem num quadro.

Poeta · Pois não, senhor; mas escutai o resto.
Todos aqueles que eram camaradas
dele havia minutos, e até mesmo
seus servidores, desde esse momento
os passos dele seguem, abarrotam
seus corredores, enchem-lhe as orelhas
de incensadores ditos, até mesmo
seus estribos endeusam, só por meio
dele bebendo o ar livre.

Pintor · Pois que seja,
senhor. Que vem depois?

Poeta · Quando a Fortuna,
por capricho e inconstância muito próprios,
empurra para longe o favorito,
toda a turba dos que no rasto dele
procuravam subir, das mãos valendo-se
e dos joelhos, cair o deixam logo,
sem que o acompanhe um só no seu declínio.

Pintor · Isso é comum.
Mil quadros alegóricos podia
vos indicar que pintam tais mudanças
rápidas da Fortuna por maneira
mais viva que a palavra. Mas parece-me
que fazeis bem em demonstrar ao nosso
grande Timão que os olhos dos pequenos
já viram pés mais altos que cabeças.

(Soam trombetas. Entra Timão com grande acompanhamento. Fala com ele um mensageiro de Ventídio. Lucílio e outros criados o acompanham.)

Timão · Como! Está preso? Foi o que dissestes?

Mensageiro ·
Sim, bondoso senhor. Cinco talentos é toda a sua
dívida. Mas acha-se
sem recursos nenhuns e seus credores
fazem grande pressão. Assim, deseja
uma palavra vossa junto deles,
sem o quê perderá toda esperança.

Timão · Nobre Ventídio! Bem. Não é de minha
feição atirar longe meus amigos,
quando de mim precisam. Sempre o tive
na conta de um fidalgo que merece
ser ajudado em tudo. Não me nego,
pois, a auxiliá-lo. Vou pagar-lhe a dívida,
para que seja solto.

Mensageiro · Agradecido
ficará sempre a Vossa Senhoria.

Timão · Recomenda-me a ele. Vou mandar-lhe
seu resgate. E, uma vez ficando livre,
que venha visitar-me. Não nos basta
tão-somente ajudar os que precisam;
devemos ampará-los depois disso.
Adeus.

Mensageiro · Feliz Vossa Honra seja sempre.

(Sai.)

(Entra um velho ateniense.)

Velho Ateniense ·
Senhor Timão, ouvi-me, por obséquio.

Timão · De bom grado, paizinho.

VELHO ATENIENSE · Tens um criado
que se chama Lucílio.
TIMÃO · É certo. Que houve?
VELHO ATENIENSE ·
Nobre Timão, à tua frente o chama.
TIMÃO · Estará ele aqui? Olá, Lucílio!
LUCÍLIO · Pronto! Às ordens de Vossa Senhoria.
VELHO ATENIENSE ·
Muito nobre Timão, este sujeito,
teu criado, à noite me freqüenta a casa.
Um tipo eu sou, porém, que desde cedo
procurei ajuntar alguma coisa,
merecendo, por isso, meus haveres
um herdeiro bem mais qualificado
do que o que sabe só lidar com pratos.
TIMÃO · Bem, e depois?
VELHO ATENIENSE · Só uma filha tenho,
nenhum parente mais, a quem pretendo
deixar quanto possuo. A rapariga
dotada é de beleza e está na idade
de ficar noiva, tendo-me custado
bastante a educação aprimorada
que timbrei em lhe dar. Por isso peço-te,
nobre senhor, que a mim te alies para
desviá-lo do propósito de vê-la,
pois lhe falei até hoje em pura perda.
TIMÃO · É honesto esse rapaz.
VELHO ATENIENSE · Como decerto,
Timão, irá prová-lo neste passo.
Por si mesma se paga a honestidade;
não há de, pois, querer levar-me a filha.
TIMÃO · E ela, lhe tem amor?
VELHO ATENIENSE · É muito jovem,
fácil de impressionar-se. Nossos próprios
erros da mocidade nos ensinam
quanto esta sempre se revela instável.
TIMÃO *(A Lucílio)* · Amais a rapariga?
LUCÍLIO · Sim, bondoso
senhor, e ela me aceita.
VELHO ATENIENSE · Se nas núpcias
faltar o meu consentimento, tomo
por testemunha os deuses em como hei de
para herdeiro escolher um dos mendigos
deste mundo, de tudo a destituindo.
TIMÃO · A quanto irá seu dote, se marido
condigno ela alcançar?
VELHO ATENIENSE · Estando eu vivo,
três talentos; depois de morto, tudo.
TIMÃO · Este rapaz me serve há muito tempo.
Assim, devo esforçar-me um pouco para
construir sua fortuna. É dever nosso.
Concedei-lhe a menina. O que a esta derdes,
terá ele de mim, porque não venha,
desse modo, a pesar menos do que ela.
VELHO ATENIENSE ·
Nobre senhor, se por penhor me derdes
vossa própria honra, é dele minha filha.
TIMÃO · Eis minha mão, confirmo o que te disse.
LUCÍLIO · De todo o coração vos agradeço.
Que nunca eu possa a ter nenhuma dita,
sem que de vós me venha.
(Saem Lucílio e o velho ateniense.)
POETA · Aceitai meu trabalho, e vida longa
tenha Vossa Grandeza.
TIMÃO · Agradecido;
heis de notícias minhas ter em breve.
Não saiais ainda. Que trouxeste, amigo?
PINTOR · Uma pintura que eu quisera muito
ver aceita por Vossa Senhoria.
TIMÃO · A pintura é bem-vinda, que um retrato
é quase uma pessoa verdadeira,
pois, desde que a desonra tem negócios
com a natureza humana, tornou-se o homem
apenas exterior. Essas figuras
pintadas são realmente o que insinuam.
Agrada-me o trabalho, o de que em breve
vos heis de convencer. Ficai um pouco
por aqui, que ouvireis notícias minhas.
PINTOR · Os deuses vos protejam.
TIMÃO · Cavalheiro,
passai bem. Dai-me a mão. Cearemos juntos. —
Vossa jóia, senhor, prejudicou-se
junto dos entendidos.
JOALHEIRO · Como! Como!
Foi depreciada?
TIMÃO · Excesso de elogios.
Se eu tivesse de dar por ela quanto
proclama o alto louvor, fora certeza
perder a própria roupa.
JOALHEIRO · Computada
foi ao preço dos vários compradores.
Como sabeis, objetos de igual preço,

shakespearebrasileiro.org

em diferentes mãos, são avaliados
por seus possuidores. Podeis crer-me,
caro senhor, o fato de trazerdes
uma jóia, lhe aumenta muito o preço.
Timão · Boa pilhéria.
Mercador · Não, bondoso senhor, o sentimento
geral é que ele exprime, diz apenas
o que todos repetem.
Timão · Vede quem vem chegando. Desejoso
não estais de ouvir ralhos?

(Entra Apemanto.)

Joalheiro · Ouviremos
com paciência o que ouvirdes.
Mercador · Não costuma
poupar ninguém.
Timão · Nobre Apemanto, sede
muito bem-vindo.
Apemanto · Até que eu fique nobre,
poupa o teu cumprimento, o que há de dar-se
quando em cão de Timão te transformares
e em pessoa de bem esses velhacos.
Timão · Por que razão os chamas de velhacos?
Não os conheces?
Apemanto · Não são atenienses?
Timão · São.
Apemanto · Nesse caso, não me retrato.
Joalheiro · Conheces-me, Apemanto?
Apemanto · Sabes perfeitamente que te conheço,
chamei-te pelo nome.
Timão · És orgulhoso, Apemanto.
Apemanto · Mas de nada me orgulho tanto, como
de não ser igual a Timão.
Timão · Para onde te diriges?
Apemanto · Vou fazer saltar o cérebro de um
ateniense honesto.
Timão · É uma ação que te custará a vida.
Apemanto · Sim, no caso de cominarem as leis
pena de morte a quem não fizer nada.
Timão · Que te parece este quadro, Apemanto?
Apemanto · Bom, por ser inócuo.
Timão · Não foi hábil o pintor?
Apemanto · Mais hábil foi quem fez o pintor, que
não passa de uma grande porcaria.
Pintor · És um cão.
Apemanto · Tua mãe é da minha geração. Que será
ela, se eu for cão?
Timão · Queres cear comigo, Apemanto?
Apemanto · Não; não devoro senhores.
Timão · Se os devorasses, deixarias as senhoras
aborrecidas.
Apemanto · Oh! elas comem senhores; daí ficarem
com o ventre crescido.
Timão · É uma insinuação malévola.
Apemanto · Se a interpretaste desse modo, fica
com ela, pelo teu trabalho.
Timão · Como aprecias esta jóia, Apemanto?
Apemanto · Aprecio menos que a sinceridade, que
não nos custa um ceitil.
Timão · Em quanto a avalias?
Apemanto · Não vale o trabalho de pensarmos
nela. — Então, poeta!
Poeta · Então, filósofo!
Apemanto · Mentes.
Poeta · Não és filósofo?
Apemanto · Sou.
Poeta · Nesse caso, não menti.
Apemanto · És poeta?
Poeta · Sou.
Apemanto · Então estás mentindo. Basta veres o
teu último trabalho, em que imaginas Timão como
uma pessoa digna.
Poeta · Mas isso não é imaginado; ele é assim
mesmo.
Apemanto · Sim, é digno de ti, e é digno de pagar-
te o trabalho. Quem gosta de ser adulado é digno do
adulador. Céus! se eu fosse um senhor!
Timão · Que é que farias, Apemanto?
Apemanto · Justamente o que Apemanto faz agora:
odiar de todo o coração a um senhor.
Timão · Como! odiarias a ti mesmo?
Apemanto · Odiaria.
Timão · Por quê?
Apemanto · Por ver que carecia de espírito ferino
para ser um senhor. — E tu aí, és mercador?
Mercador · Sou, Apemanto.
Apemanto · Que os negócios te arruínem, se os
deuses não o fizerem.
Mercador · Se os negócios o fizerem, os deuses
concordarão com isso.
Apemanto · Teu deus é o negócio; que teu deus te
arruíne.

(Soam trombetas. Entra um criado.)

shakespearebrasileiro.org

Timão · Por que trombeta a esta hora?
Criado · É Alcibíades,
com vinte companheiros de cavalo.
Timão · Ide ao encontro deles, por obséquio;
guiai-os até nós.
(Saem alguns criados.)
Careis comigo;
sim, é preciso. Não ireis embora
sem que a todos eu tenha agradecido.
Depois da ceia quero ver o quadro.
Muito me alegra ver-vos.
(Entra Alcibíades com seus companheiros.)
Sois bem-vindo.
Apemanto ·
É assim mesmo! É assim mesmo! Possa a gota
paralisar e deixar secas vossas
juntas flexíveis. Que no meio desses
biltres adocicados haja tanta
falta de amor e reine a cortesia!
A geração dos homens se transforma
pouco a pouco em macacos e bugios.
Alcibíades ·
Ávido de vos ver, senhor, deixastes-me;
ora em vossa presença me sacio.
Timão · Sois bem-vindo, senhor. Até o momento
de partirdes teremos muitas horas
de alegria e prazer. Entremos, peço-vos.
(Saem todos, com exceção de Apemanto.)
(Entram dois nobres.)
Primeiro nobre ·
Que horas são, Apemanto?
Apemanto · A hora precisa
de ficarmos honestos.
Primeiro nobre · Sempre é hora
de o sermos.
Apemanto · Tanto mais amaldiçoado
serás, então, por te esqueceres dela.
Segundo nobre ·
Vais ao banquete do senhor Timão?
Apemanto · Vou, para ver a carne encher os biltres
e o vinho deixar quentes os idiotas.
Segundo nobre · Adeus, adeus.
Apemanto · Demonstras que não passas de um
grande tolo, por me dizeres adeus duas vezes.
Segundo nobre · Por quê, Apemanto?
Apemanto · Devias ter reservado um para ti,
porque não tenciono dizer-te adeus.
Primeiro nobre · Vai-te enforcar!
Apemanto · Não; não farei coisa alguma por
instâncias tuas; reserva essa ordem para algum
amigo que tiveres.
Segundo nobre · Vai saindo, cão briguento; se
não, enxotar-te-ei daqui.
Apemanto · Na qualidade de cão, vou fugindo da
ferradura de um asno.
(Sai.)
Primeiro nobre ·
Tem ódio à humanidade. Entremos logo.
Vamos provar da liberalidade
do bondoso Timão. Ela é mais rica
do que a própria abundância.
Segundo nobre · Sim, transborda,
caindo em catadupas. O deus do ouro,
Pluto, não passa de intendente dele.
Paga qualquer serviço sete vezes
o seu valor. Qualquer presente enseja,
para quem dá, um mimo que ultrapassa
de muito a previsão.
Primeiro nobre · Mais nobre espírito
não se viu governar pessoa alguma.
Segundo nobre ·
Que tenha vida longa e sempre próspera.
Afinal, não entramos?
Primeiro nobre · Acompanho-vos.
(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Salão de gala em casa de Timão. Os oboés tocam com força; grande banquete está preparado. Flávio e os criados servem. Depois entram Timão, Alcibíades, nobres, senadores, Ventídio e pessoas do séquito. Por último, Apemanto, sempre descontente consigo mesmo.

Ventídio · Muito nobre Timão,
foi do agrado dos deuses recordarem-se
da idade de meu pai, e para o longo
repouso o convidaram.
Partiu feliz e me deixou herdeiro

shakespearebrasileiro.org

de uma grande fortuna. Assim, por ver-me
ligado ao vosso coração bondoso
pela grata virtude, restituo-vos
vossos talentos, ora redobrados
com minha gratidão e meus serviços,
pois por eles obtive a liberdade.
Timão · Não, honesto Ventídio! Desse modo
ofendeis meu amor. Essa quantia
vos foi dada em caráter absoluto.
Quem a devolução aceita, nunca
pode dizer que deu. Se nesse jogo
os melhores que nós assim procedem,
não precisamos imitá-los nisso.
Os defeitos dos ricos são plausíveis.
Ventídio · Que nobre espírito!

(Todos os convivas ficam de pé, olhando cerimoniosamente para Timão.)

Timão · Não, não, senhores!
Foi inventada a cerimônia apenas
para brilho emprestar aos atos pálidos,
aos cumprimentos ocos, à bondade
que se desdiz e que, antes de mostrar-se,
já arrependida está. Mas onde existe
verdadeira amizade é improcedente.
Por obséquio, sentai-vos. Mais queridos
sois à minha fortuna do que possa
sê-lo a mim ela própria.

(Todos se sentam.)

Primeiro nobre · É o que já temos
confessado, senhor.
Apemanto · Oh! confessado!
E depois disso, não se segue a forca?
Timão · Oh! Bem-vindo, Apemanto!
Apemanto · Não desejo
ser recebido assim. Vim, tão-somente,
para que me enxotasses porta afora.
Timão · Ora, ora! és intratável; tens um gênio
que não condiz com a natureza humana,
muito de censurar. Dizem, senhores:
Ira furor brevis est;
mas este homem está zangado sempre.
Arranjai uma mesa só para ele,
pois não só não procura companhia,
como a nenhuma, mesmo, se acomoda.
Apemanto · Ficarei, pois, Timão, por tua conta.
Só. Vim para observar; fica avisado.
Timão · Não me preocupo contigo. Por seres
ateniense és bem-vindo. Não tenho ordens a dar. Por
favor, que a minha comida te faça calar a boca.
Apemanto · Desprezo essa comida, poderia
ser por ela asfixiado, porque nunca
saberei adular-te. Oh deuses! Quanta
gente come Timão, sem que ele o veja!
Sofro por ver que tanta gente molha
o pão no sangue de uma só pessoa,
e, o que é a loucura máxima: ele próprio
os concita a isso mesmo.
Espanta-me de ver confiar os homens
uns nos outros. Parece-me que às festas
devera ser proibido trazer faca;
lucrara o bródio e a vida, essa velhaca.
Há bastantes exemplos disso mesmo.
O tipo que se encosta ao lado dele,
com ele parte o pão e bebe à sua
saúde em vários tragos, é o primeiro
que se decidirá a tirar-lhe a vida.
É coisa já provada. Caso eu fosse
gente de projeção, teria medo
de beber em banquetes; poderiam
descobrir-me da goela o ponto fraco.
Os grandes, por fugirem da desgraça
beber só deveriam de couraça.
Timão · Obrigado, senhor. Que o brinde faça
toda a volta da mesa.
Segundo nobre · Meu bom nobre,
que corra por aqui.
Apemanto · Que corra por aqui! Como é sabido
esse sujeito! Conhece o modo de dirigir a maré.
Timão, esses brindes à tua saúde ainda hão de
deixar-te e à tua fortuna, com fisionomia de doente.
Aqui tenho água honesta, muito fraca
para ser pecadora e que na lama
nunca atirou ninguém. Faz boa liga
com este prato. Em meio da vinhaça
aos deuses não podemos render graça.
Não quero, oh deuses! ser rico;
somente por mim suplico.
Não deixeis que eu perca o tento,
para crer no juramento
dos homens, a qualquer hora,
na prostituta que chora,
em cachorro fraldiqueiro,

shakespearebrasileiro.org

no maldito carcereiro,
quando eu quiser liberdade,
nem no amigo de verdade,
quando tiver precisão
de que ele me estenda a mão.
Amém. Pecado é a riqueza.
Com raiz nutro a fraqueza.

(Come e bebe.)

Que isto faça bem ao teu bom coração, Apemanto.

TIMÃO · Capitão Alcibíades, neste momento tendes o coração no campo de batalha.

ALCIBÍADES · Tenho sempre o coração a vosso serviço, senhor.

TIMÃO · Preferiríeis estar num almoço de inimigos a estardes numa ceia de amigos.

ALCIBÍADES · Quando eles estão a perder sangue, senhor, não há prato que se lhes possa comparar; é um festim como eu poderia desejar ao meu melhor amigo.

APEMANTO · Quem dera que todos estes aduladores fossem teus inimigos, para que os matasses e me convidasses para o almoço.

PRIMEIRO NOBRE · Se ao menos nós pudéssemos ter a dita, senhor, de virdes a necessitar, uma só vez que fosse, de nossos corações, para que pudéssemos demonstrar uma partícula de nossa dedicação, considerar-nos-íamos venturosos para sempre.

TIMÃO · Oh! sem dúvida nenhuma, caros amigos. Mas os próprios deuses determinaram que eu ainda venha a receber muito auxílio de vossa parte. Porque, a não ser assim, como poderíeis ser amigos? Por que recebestes esse título afetuoso, entre milhares de pessoas, se não por fazerdes parte integrante de meu coração? Já tenho dito a vosso respeito mais coisas a mim mesmo do que poderia falar a vosso favor a modéstia que vos é própria, podeis ter a certeza disso. Oh deuses! muitas vezes tenho pensado: por que precisaríamos de amigos, se nunca tivéssemos necessidade deles? Seriam as criaturas mais inúteis do mundo, se nunca recorrêssemos a eles, e se assemelhariam a esses instrumentos agradáveis que permanecem nos estojos, guardando consigo mesmo suas harmonias. Sim, posso assegurar-vos que muitas vezes desejei ser pobre, para poder sentir-me mais perto de todos vós. Nascemos para fazer o bem. E que coisa podemos chamar de nossa, com mais acerto e propriedade, do que a fortuna de nossos amigos? Oh! que pensamento tranqüilizador é sabermos que podemos dispor reciprocamente, como irmãos que somos, dos haveres respectivos! Oh alegria, que morre antes mesmo de nascer! Não posso conter as lágrimas; para corrigir essa falta, bebo à vossa saúde.

APEMANTO · Tu choras para que eles bebam, Timão.

SEGUNDO NOBRE · Em nossos olhos a alegria nasce do mesmo modo; é criança ao vir ao mundo.

APEMANTO · Oh! oh! Dou risadas só de pensar que essa criança é bastarda.

TERCEIRO NOBRE · Posso assegurar-vos, senhor, que me deixastes muito comovido.

APEMANTO · Muito!

(Soam trombetas.)

TIMÃO · Que significa esse toque de trombeta?

(Entra um criado.)

Então?

CRIADO · Com vossa permissão, senhor: aí fora estão umas senhoras que desejam instantemente licença para entrar.

TIMÃO · Umas senhoras! Que é que elas querem?

CRIADO · Vêm precedidas de um mensageiro, senhor, que se acha incumbido de dizer o que elas desejam.

(Entra Cupido.)

CUPIDO · Saúde a ti, grande Timão, e a quantos da liberalidade dele provam.
Os sentidos — são cinco — reconhecem
em ti o senhor deles. Aproximam-se
para trazer os parabéns a tua
casa em tudo abundante. O ouvido, o gosto,
o tacto, o olfato, ledos se levantam
de tua mesa. Todos, em revista,
só vêm para alegrar-te um pouco a vista.

TIMÃO · São bem-vindos. Entrada tenham franca. Que música os saúde.

(Sai Cupido.)

PRIMEIRO NOBRE · Como vedes, senhor, sois muito amado.

(Música. Volta Cupido, seguido de uma mascarada de damas com trajes de amazonas, que dançam e cantam ao som do alaúde.)

APEMANTO ·
Que enxame de vaidade vem chegando!

shakespearebrasileiro.org

E dançam! Com certeza são dementes.
Como loucura é a glória desta vida,
tal como este cortejo, comparado
com um pouco de óleo e umas raízes magras.
Viramos tontos para divertirmo-nos.
Esbanjamos lisonjas para à saúde
beber de uns tipos sobre os quais cuspimos,
quando se tornam velhos, com desprezo
e venenosa inveja. Qual é o homem
que não é corrompido nem corrompe?
Quem morre, sem levar para o sepulcro
um coice dos amigos?
Medo teria de que os que ora dançam
diante de mim, um dia tripudiassem
sobre o meu corpo. A história nos exorta:
sumindo o sol, fecha depressa a porta.

(Os nobres se levantam da mesa e assumem atitude de adoração diante de Timão; para lhe serem agradáveis, cada um escolhe uma amazona e, formando pares, dançam um ou dois passos ao som dos oboés, detendo-se em seguida.)

Timão · Emprestastes donaire, belas damas,
a nossa festa e um cunho de elegância
nela imprimistes, que a beleza e o brilho
de muito lhe aumentaram. Mais valia
soubestes dar-lhe e, assim, me divertistes
com minha própria idéia. É necessário,
pois, que vos agradeça.
Primeira Dama · Pelo lado
melhor, caro senhor, nos recebestes.
Apemanto · Sim, mesmo porque o lado pior
é imundo, tendo eu bastante receio de que não
agüente uma recepção.
Timão · Senhoras, minha mesa é bem modesta.
Servi-vos, por obséquio.
Todas as Damas · Agradecemos
de coração, senhor.
Timão · Flávio! Flávio!
Flávio · Senhor?
Timão · Traze o pequeno cofre.
Flávio · Neste instante.
(À parte.)
Mais jóias! Não se pode contrariá-lo;
senão, fora o momento de dizer-lhe...
Bem; quando tudo já estiver raspado,
quisera ele ter sido contrariado.
Se a generosidade fosse astuta,
não sofrera a bondade queda abrupta.
(Sai.)
Primeiro nobre · Onde estão nossos homens?
Criado · Todos prontos,
senhor; às vossas ordens.
(Volta Flávio com um cofre.)
Timão · Oh meus amigos! mais uma palavra,
com vossa permissão. Meu caro nobre,
solicito-vos a honra sublimada
de enobrecerdes esta humilde jóia.
Aceitai-a, senhor, de minha parte.
Primeiro nobre ·
Já vos sou devedor de tantos brindes...
Todos · Como nós todos.
(Entra um criado.)
Criado · Meu senhor, apearam,
neste momento, à porta uns senadores
que vos vêm visitar.
Timão · São mui bem-vindos.
Flávio · Suplico a Vossa Graça uma palavra,
é assunto que vos toca mui de perto.
Timão · A mim? Então, mais tarde acharei tempo
para ouvir o que seja. Só te peço
que arranjes tudo para recebê-los
condignamente.
Flávio *(à parte)* · Como, é o que não sei.
(Entra outro criado.)
Segundo Criado ·
Com vossa permissão: o senhor Lúcio
de livre amor vos manda este presente:
quatro cavalos, brancos como leite,
ajaezados de prata.
Timão · De bom grado
recebo esse presente, e que ele seja
retribuído na altura.
(Entra um terceiro criado.)
Que há de novo?
Terceiro Criado · Com vossa permissão, senhor:
o honrado gentil-homem, o senhor Lúculo, solicita
vossa companhia para caçar com ele amanhã, e vos
manda dois pares de galgos.
Timão · Com eles caçarei. Esse presente
não ficará sem galardão condigno.
Flávio *(à parte)* ·
Como acabará isso? Dá-nos ordens
para os preparativos e presentes
valiosos distribui, saindo tudo
de uma burra vazia. Não se importa

shakespearebrasileiro.org

de conhecer o estado real da bolsa;
não me deixa falar, quando lhe digo
que já ficou seu coração mendigo,
e incapaz de dar corpo aos seus desejos.
De tal modo as promessas ultrapassam
tudo quanto possui, que, quanto fala,
de dívida não passa. Deve todas
as palavras que diz, e é tão bondoso
que a pagar passa os juros da bondade.
Suas terras estão hipotecadas.
Oh! quem me dera que do emprego eu fosse
despedido por bem, antes de ver-me
forçado a abandoná-lo.
É preferível não possuir amigos
do que os ter mais nocivos que inimigos.
Sangra-me o coração por causa dele.

TIMÃO · Sois injustos convosco; rebaixai-vos
em vosso próprio mérito. Ofereço-vos
esta pequena prova de amizade.

SEGUNDO NOBRE · Aceito-a, sim, com gratidão
acima da bitola comum.

TERCEIRO NOBRE · Oh! é a própria alma
da generosidade.

TIMÃO · Agora ocorre-me,
meu senhor, que fizestes o elogio
recentemente de um cavalo baio
em que eu dava umas voltas. Pois pertence-vos,
já que vos agradou.

TERCEIRO NOBRE · Oh! desculpai-me,
senhor, essas palavras, por obséquio.

TIMÃO · Podeis acreditar no que vos digo,
caro senhor. Sei bem que ninguém pode
elogiar a não ser o que aprecia
de coração. Pelo meu próprio afeto
meço o dos meus amigos. Sou sincero.
Visitar-vos irei.

TODOS OS NOBRES · Oh! ninguém pode
ser tão bem-vindo.

TIMÃO · Todas as visitas,
principalmente as vossas, tão de perto
ao coração me falam, que não chega
quanto vos possa dar. Só me parece
que de reinos dispor eu deveria,
sem cansar-me de dá-los. Alcibíades,
és soldado e, por isso, pouco rico.
É obra de caridade presentear-te.
Vives dos mortos; todas as tuas terras
se reduzem a um campo de batalha.

ALCIBÍADES · É certo, meu senhor, terras estéreis.

PRIMEIRO NOBRE ·
Tão lealmente ligados nos sentimos
a vós, senhor...

TIMÃO · Como eu, como eu a todos.

SEGUNDO NOBRE · Tão infinitamente devotados...

TIMÃO · Como eu a todos. — Luz aqui! Mais luzes!

PRIMEIRO NOBRE ·
Que a mais alta ventura, a honra e a fortuna,
nobre Timão, convosco permaneçam.

TIMÃO · Sempre pronto a servir os meus amigos.

(Saem Alcibíades, os nobres, etc.)

APEMANTO ·
Quantos salamaleques! Quantos rostos
em contorções, traseiros ressaltados!
Não sei se todas essas pernas moles
valem o ouro que por elas pagam.
A amizade é só borra. Nunca pode
ter perna firme o coração fingido.
O tolo honesto gasta em reverências
tudo quanto possui.

TIMÃO · Eh, Apemanto!
Se intratável não fosses, poderia
fazer-te algum presente.

APEMANTO · Não, não quero nada. Porque se até eu aceitasse peitas, não sobraria ninguém para te invectivar, do que resultara incidires ainda mais no erro. Fazes presentes há tanto tempo, Timão, que eu tenho medo de que dentro de pouco faças de ti próprio uma doação por escrito. Qual é a vantagem de todas essas festas, pompas e vaidades?

TIMÃO · Bem; se recomeças a deblaterar contra a sociedade, serei obrigado a não te dar atenção. Adeus, volta com melhor música.

(Sai.)

APEMANTO · Que seja!
Se não queres ouvir-me agora, nunca
virás a ouvir-me; tranco-te a ventura.
Por que há de surdo ser o ouvido são
só ao conselho, não à adulação?

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

Atenas. Quarto em casa de um senador. Entra um senador com papéis na mão.

Senador · A Varro, cinco mil, recentemente;
deve a Isidoro nove mil, há muito,
além do quê a mim deve e que, em conjunto,
perfazem vinte e cinco. O acesso infrene
de gastos não se abate. Isso não pode
continuar; é impossível. Se me falta
dinheiro, roubo o cão a qualquer pobre
e o ofereço a Timão; no mesmo instante,
o cão me cunha moedas. Se negócio
quiser fazer com meu cavalo e vinte
comprar melhores que ele, basta dar-lho
sem dizer nada, e, pronto: ele me pare
ginetes primorosos. Em sua casa
não há porteiro, mas uma pessoa
sorridente que a todos os transeuntes
convida para entrar. Durar não pode,
não há razão que considere firme
uma tal situação. — Cáfis! Olá.
Cáfis! Estou chamando!

(Entra Cáfis.)

Cáfis · Aqui presente,
senhor. Que me ordenais?

Senador · Vai pôr o manto
e corre à casa do senhor Timão.
Com insistência cobra o que me deve,
sem te deixares iludir com meras
evasivas, nem menos silenciares,
se disser: "Recomenda-me ao teu amo",
fazendo que o chapéu na mão lhe gire,
desta maneira. Não, declara-lhe
que cobrado estou sendo e necessito
recorrer ao que é meu. Já se venceram
seus prazos todos, e a confiança cega
que eu tinha em suas datas demoradas
prejudicou-me o crédito. É verdade
que o acato e venero, mas não posso
quebrar a espinha pelo dedo dele.
Minhas necessidades são urgentes,
não podendo encontrar nenhum alívio
em frases imprecisas, mas apenas
em ajuda imediata. Parti logo,
assumi um aspecto impertinente,
cara de quem exige, pois receio
que quando as penas forem restituídas
às asas respectivas, vai a todos
mostrar-se como um tolo depenado
esse senhor Timão, que ora qual fênix
ataviado se mostra. Parti logo.

Cáfis · Já vou, senhor.

Senador · "Já vou, senhor?" As letras
precisareis levar, tomando nota
dos vencimentos.

Cáfis · Bem, senhor.

Senador · Parti.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. Uma sala em casa de Timão. Entra Flávio, com muitas contas na mão.

Flávio · Nem cuidado, nem freio. Nas despesas
tão sem medida e senso, que impossível
lhe será continuar do mesmo modo
ou pôr cobro em tamanha extravagância.
Pouco lhe importam como as coisas marcham;
não procura remédio para diante.
Jamais se viu a insensatez unida
a tamanha bondade. De tudo isso
que irá sair? Só prestam ouvidos,
quando sentir na própria pele. Logo
que ele voltar da caça vou falar-lhe
com a máxima franqueza. Que pecado!

(Entram Cáfis e os criados de Isidoro e Varro.)

Cáfis · Bom dia, Varro. É assunto de dinheiro
que vos traz até aqui?

Criado de Varro · E não sucede
convosco a mesma coisa?

shakespearebrasileiro.org

CÁFIS · Certamente.
E convosco, Isidoro?
CRIADO DE ISIDORO · A mesma coisa.
CÁFIS · Quem dera que nos despachassem logo!
CRIADO DE VARRO ·
Mantenho minhas dúvidas.
CÁFIS · É o dono
da casa que retorna.
(Entram Timão, Alcibíades, nobres etc.)
TIMÃO · Terminado o jantar, meu Alcibíades,
de novo partiremos. — É comigo?
Que desejais?
CÁFIS · Aqui vos trouxe a conta,
senhor, de algumas dívidas...
TIMÃO · De dívidas?
De onde sois?
CÁFIS · Sou de Atenas, daqui mesmo,
nobre senhor.
TIMÃO · Falai com o intendente.
CÁFIS · Com licença de Vossa Senhoria,
mas durante este mês, dia por dia
ele tem protelado o pagamento.
Meu amo se acha em grande aperto, vendo-se
obrigado a apelar para o que é dele.
Por isso, humildemente vos suplica
que de acordo com vossas nobres partes
procedereis com ele com justiça,
devolvendo o que é dele.
TIMÃO · Honesto amigo,
por favor, vem falar-me amanhã cedo.
CÁFIS · Não, bondoso senhor.
TIMÃO · Contém-te, amigo.
CRIADO DE VARRO ·
Um dos criados de Varro, meu senhor...
CRIADO DE ISIDORO ·
E eu, de Isidoro, que vos pede, humilde,
pronta liquidação de vossa dívida.
CÁFIS · Se soubésseis, senhor, como meu amo
se acha necessitado...
CRIADO DE VARRO · Ele se encontra,
há mais de seis semanas, em perigo
de confiscados ver os seus haveres.
CRIADO DE ISIDORO ·
Vosso intendente, meu senhor, protela
dia por dia. Assim, recebi ordem
de entender-me com Vossa Senhoria.
TIMÃO · Deixai-me respirar.
Concito-vos, senhores: ide adiante.
Dentro de alguns momentos vos alcanço.
(Saem Alcibíades e os nobres.)
(A Flávio.) Vinde cá. Em que mundo nos achamos,
para eu ser assaltado por tamanhas
reclamações de dívidas, de contas
já vencidas há muito, com prejuízo
tão grande de minha honra?
FLÁVIO · Desculpai-me,
senhores, mas a ocasião é imprópria
para tratarmos disso. Deixai vossas
reclamações para depois da ceia,
até que eu possa demonstrar a Sua
Senhoria a razão de não pagarmos.
TIMÃO · Fazei assim, amigos. Cuidai deles;
que sejam bem tratados.
(Sai.)
FLÁVIO
Vinde todos.
(Sai.)
(Entram Apemanto e o bobo.)
CÁFIS · Parai! Parai! Aí vem vindo o bobo e
Apemanto.
Divirtamo-nos um pouco com eles.
CRIADO DE VARRO · Ele que se enforque! Só nos
injuriará.
CRIADO DE ISIDORO · A peste que leve esse cão!
CRIADO DE VARRO · Como vais, bobo?
APEMANTO · Estás conversando com tua própria
sombra?
CRIADO DE VARRO · Não, falei contigo.
APEMANTO · Não, foi contigo mesmo. *(Ao bobo.)*
Vamos embora.
CRIADO DE ISIDORO · *(ao criado de Varro)* · Já estais
com o louco pendurado no pescoço.
APEMANTO · Não; está só; não te penduraste nele.
CÁFIS · Agora quem será o louco?
APEMANTO · O que perguntou por último. Pobres-
diabos, criados de usurários, alcoviteiros entre o
ouro e a necessidade.
TODOS OS CRIADOS · Que somos, Apemanto?
APEMANTO · Asnos.
TODOS OS CRIADOS · Por quê?
APEMANTO · Porque me perguntais o que sois, sem
vos conhecerdes. Fala com eles, bobo.
BOBO · Como passais, cavalheiros?
TODOS OS CRIADOS · *Grand merci*, bondoso bobo.

shakespearebrasileiro.org

E vossa senhora, como vai passando?
Bobo · Está justamente aquecendo água para pelar uns pintos da vossa espécie. Desejara ver-vos em Corinto.
Apemanto · Bem. *Grand merci.*
(Entra o pajem.)
Bobo · Vede! Aí vem o pajem de minha senhora.
Pajem *(ao bobo)* · Então, capitão, como passais? Que fazeis em tão sábia companhia?
E tu, Apemanto, como vais?
Apemanto · Desejara ter na boca um bastão, para responder-te com vantagem.
Pajem · Apemanto, por obséquio, lê para mim o endereço destas cartas; já não os distingo.
Apemanto · Não sabes ler?
Pajem · Não.
Apemanto · Então, é certeza que no dia em que fores enforcado não morrerá grande erudição. Esta é para o senhor Timão; esta, para Alcibíades. Nasceste bastardo e morrerás alcoviteiro.
Pajem · E tu foste parido por uma cadela e vais morrer de fome como um cão. Não me respondas, que já estou longe.
(Sai o pajem.)
Apemanto · É assim mesmo que foges da graça. Bobo, irei convosco à casa do senhor Timão.
Bobo · Pretendeis deixar-me lá?
Apemanto · Se Timão estiver em casa. Vós três servis a três onzeneiros?
Todos os Criados · Sim. Quem dera que fossem eles que nos servissem!
Apemanto · Ou eu, e tão bem como o carrasco serve ao ladrão.
Bobo · Sois criados de três onzeneiros?
Todos os Criados · Sim, bobo.
Bobo · Creio que não há onzeneiro que não tenha um bobo como criado. Minha ama é onzeneira e eu sou o bobo dela. Quando alguém vai pedir dinheiro emprestado a vossos amos, chega-se para eles com fisionomia triste e afasta-se alegre. Mas em casa de minha ama todos entram alegres e se retiram tristes. Sabeis a razão dessa diferença?
Criado de Varro · Penso que conheço uma razão.
Apemanto · Então apresenta-a para que possamos considerar-te um biltre e desclassificado, com o que, aliás, nada perderás no conceito de todos.
Criado de Varro · Que é um desclassificado, bobo?
Bobo · Um bobo bem-vestido, que se parece um pouco contigo. É um espírito. Às vezes toma a aparência de um senhor; às vezes, de um jurista; outras vezes, de um filósofo com duas pedras a mais do que a pedra filosofal. Muitas vezes, também, parece-se com um cavaleiro. Em resumo, é um espírito que vagueia por aí sob todas as formas que os homens assumem dos trinta aos oitenta anos.
Criado de Varro · Não és inteiramente bobo.
Bobo · Nem tu, inteiramente sábio; quanto me falta de loucura, falta-te de juízo.
Apemanto · Essa resposta é digna de Apemanto.
Todos os Criados · Afastai-vos! Afastai-vos! Aí vem vindo o senhor Timão.
(Entram Timão e Flávio.)
Apemanto · Vem comigo, bobo. Vem.
Bobo · Nem sempre me ligo a namorados, a irmão mais velho e a mulheres. Algumas vezes ligo-me aos filósofos.
(Saem Apemanto e o bobo.)
Flávio · Saí, vos peço. Logo vos procuro.
(Saem os criados.)
Timão · Deixais-me estupefacto. Por que causa
não me expusestes antes a verdade
de minha situação? Então, teria
procurado cingir-me, nas despesas,
à renda do momento.
Flávio · Não queríeis
ouvir-me, quando vos falava nisso.
Timão · Ora, ora! Com certeza só me vínheis
falar sobre isso em ocasião imprópria,
do que ora vos valeis para escusar-vos.
Flávio · Oh bondoso senhor! Todas as vezes
que eu vos trazia as contas, vós as púnheis
de lado, declarando que confiáveis
em minha honestidade. Quando, em troca
de algum presente fútil, me dizíeis
que desse tanto, eu sacudia a fronte
e punha-me a chorar. Sim, até mesmo
contra toda a decência, vos pedia
que fechásseis a mão. Bastantes vezes
suportei reprimendas não pequenas,
sempre que vos expunha a maré baixa
de vosso estado e a cheia irreprimível
de vossos compromissos. Meu querido
senhor, embora me escuteis — tão tarde! —

shakespearebrasileiro.org

terei de vos dizer que tudo quanto
possuís não chegará ainda para
pagar metade, só, de vossas dívidas.
TIMÃO · Mandai vender todas as minhas terras.
FLÁVIO · Hipotecadas estão todas, umas
já com prazo vencido, e, assim, perdidas,
e o que ficou dificilmente pode
tapar a boca ao resto dos credores.
Os prazos se sucedem. Que faremos
nesse em meio com os outros? E nós próprios,
como iremos viver?
TIMÃO · Até a Lacônia
meus terrenos se estendem.
FLÁVIO · Bondoso amo,
o mundo é uma palavra, simplesmente.
Fosse ele vosso, como se esfaria
num sopro, quando o désseis!
TIMÃO · É verdade.
FLÁVIO · Se de minha gestão tendes suspeita,
chamai-me à frente dos mais graves juízes,
para que eu preste contas. Pelos deuses
o juro: quando nossas salas todas
de parasitas bêbedos se enchiam,
quando às freqüentes libações de vinho
nossas adegas a chorar se punham,
quando todos os quartos rebrilhavam
de luzes e atroavam com cantigas:
uma calha vazia eu procurava,
porque abrisse dos olhos a represa.
TIMÃO · Por obséquio, é o bastante.
FLÁVIO · Céus! dizia,
a prodigalidade de meu amo!
Quantos nacos valiosos engoliram
escravos e labregos esta noite!
Quem não é de Timão? Que bens, recursos,
cabeça, coração não lhe pertencem?
Grande Timão, nobre, real Timão,
digníssimo Timão! Ah! e ao sumirem-se
as riquezas que compram tais louvores,
some-se o sopro que os havia feito.
Ganho na mesa, no jejum, perdido.
Um dia, só, de inverno, e as moscas morrem.
TIMÃO · Bem, basta de sermão. Baixeza alguma
jamais teve acolhida no meu peito.
Com imprudência dei; não, sem nobreza.
Por que choras? Careces de bom senso,
para recear que de futuro eu possa
ter penúria de amigos? Não; acalma-te.
Se o vinho da amizade eu procurasse
fazer correr e os corações, por meio
de empréstimos, sondar, dos homens todos
e de seus bens eu disporia, como
posso dizer que fales.
FLÁVIO · Que a evidência
vos abençoe a crença.
TIMÃO · De algum modo
considero abençoada essa apertura,
pois graças a ela poderei agora
pôr à prova os amigos. Heis de em breve
vos convencer de que subestimastes
meus haveres: sou rico em meus amigos.
Venha um daí! Flamínio! Olá, Servílio!
(Entram Flamínio, Servílio e outros criados.)
CRIADOS · Senhor! Senhor!
TIMÃO · Vou mandar cada um para um ponto.
Vós, para o senhor Lúcio; vós, para Lúculo; hoje
mesmo cacei com Sua Honra. Vós, para Semprônio.
Recomendai-me a suas simpatias. Sinto-me
orgulhoso, dizei-lhes, por permitir-me a ocasião
recorrer a eles para um empréstimo de dinheiro.
Necessito de cinqüenta talentos.
FLAMÍNIO · Farei como o ordenastes, senhor.
FLÁVIO *(à parte)* · O senhor Lúcio? Lúculo? Hum!
TIMÃO *(a outro criado)* ·
Ide, senhor, depressa aos senadores.
Por tudo que ao Estado tenho feito
mereço que me atendam neste instante.
Dizei-lhes que me mandem mil talentos.
FLÁVIO · Tomei a liberdade — pois certeza
tinha de que esse era o caminho certo —
de usar vossa chancela e vosso nome
para esse fim; mas eles a cabeça
sacudiram, tendo eu de lá voltado
não mais rico do que antes.
TIMÃO · É verdade?
Será possível?
FLÁVIO · Todos são unânimes,
a uma voz, na resposta: que se encontram
muito por baixo; os cofres, sem dinheiro,
e que fazer não podem quanto queiram.
Pesarosos estão; sois muito honrado...
mas desejaram... porém não sabiam...
Algo foi feito errado... Uma pessoa
correta também pode ter reveses...
Se tudo se arranjasse. É pena! É pena!
Desse modo, alegando assuntos sérios,

shakespearebrasileiro.org

com olhares de esguelha, que essas frases
truncadas sublinhavam, cumprimentos
pela metade e sacudidas frias
de cabeça, na língua me fizeram
congelar a palavra.
Timão · Recompensai-os, deuses! Fica alegre,
camarada! Coragem! Nesses tipos
a ingratidão é hereditária. O sangue
neles é frio, duro; nunca flui.
Por faltar-lhes calor não são bondosos.
Voltado para a terra o crescimento,
torna-se a natureza como viagem
quase no término: pesada e apática.
(A um criado.)
Vai procurar Ventídio. *(A Flávio.)* Por obséquio,
não fiques triste; és verdadeiro e honesto.
Com franqueza o declaro: não mereces
censura alguma. *(Ao criado.)* Não faz muito tempo
perdeu Ventídio o pai, com cuja morte
ele herdou grande estado. Quando pobre
se achava, na prisão e sem amigos,
fui livrá-lo e paguei cinco talentos.
De minha parte dá-lhe cumprimentos.
Dá-lhe a entender que assunto muito sério
atingiu seu amigo, despertando
nele a lembrança desse antigo empréstimo,
desses cinco talentos.
(Sai o criado.)
(A Flávio.)
Não discutas,
nem alegar me venhas que há perigo,
que Timão cair possa, tendo amigo.
Flávio · Quisera assim pensar; tendo a alma boa,
julgo boa também qualquer pessoa.
(Saem.)

Ato III · Cena I

Atenas. Um quarto em casa de Lúculo.
Flamínio está à espera. Entra um criado.

Criado · Já vos anunciei ao meu amo: descerá neste instante.
Flamínio · Obrigado, senhor.
(Entra Lúculo.)
Criado · Aqui está meu amo.
Lúculo *(à parte)* · Um dos homens do senhor Timão? Garanto que é algum presente. Sim, acertei. Sonhei esta noite com uma bacia e um jarro de prata. *(Alto.)* Flamínio, meu honesto Flamínio! Sois respeitosamente bem-vindo, senhor. *(Ao criado.)* Vai buscar vinho. *(Sai o criado.)* Como vai passando esse respeitável, perfeito e magnânimo gentil-homem de Atenas, teu muito generoso senhor e mestre?
Flamínio · Está bem de saúde, senhor.
Lúculo · Alegra-me saber que está bem de saúde, senhor. E que é que trazes debaixo do manto, meu galante Flamínio?
Flamínio · Em verdade, senhor, apenas uma caixa vazia, que em nome de meu amo venho pedir que enchais. Tendo urgente necessidade de cinqüenta talentos, recorre a Vossa Senhoria, nesse sentido, não duvidando de vossa boa vontade em auxiliá-lo.
Lúculo · Lá, lá, lá, lá! "Não duvidando", disse ele? Oh! Deus bondoso! Que nobre gentil-homem, se não fosse querer manter uma casa tão luxuosa! Muitas e muitas vezes almocei com ele e lhe falei sobre isso e voltei para jantar, somente com a intenção de convencê-lo a gastar menos. Ele, porém, não aceitava conselho, nem considerava como avisos minhas visitas. Todos nós temos defeitos; o dele é a liberalidade. E o que lhe dizia sempre, sem jamais poder corrigi-lo.
(Volta o criado com vinho.)
Criado · Conforme Vossa Senhoria ordenou, aqui está o vinho.
Lúculo · Flamínio, sempre te tive na conta de um rapaz esperto. Bebo à tua saúde.
Flamínio · É Vossa Senhoria que se compraz em afirmar tal coisa.
Lúculo · Sempre observei em ti um espírito vivo e de fácil apreensão — faço-te justiça, simplesmente. — Compreendes o que seja uma conduta razoável; sabes condescender com o tempo, quando o tempo condescende contigo. São excelentes qualidades. *(Ao criado.)* Chega-te para mais perto, honesto Flamínio. Teu amo é um gentil-homem generoso,

shakespearebrasileiro.org

mas tu és inteligente e sabes perfeitamente, embora
me tivesses procurado para isso, que não estamos em
tempo de emprestar dinheiro, máxime por simples
amizade, sem nenhuma segurança. Toma estas três
moedinhas, bom menino; fecha os olhos e dize que
não me encontraste. Passa bem.

Flamínio · Como! Será possível que se tenha
transformado a tal ponto a humanidade,
sem que deixássemos de ser o que éramos?
Baixeza infame, volta novamente
para quem te cultua.

(Atira para longe o dinheiro.)

Lúculo · Ah! Ah! Percebo agora que não passas de
um tolo, muito de acordo com teu amo.

(Sai.)

Flamínio · Que vão servir para aumentar o caldo
em que vais ser fervido! Que te caiba
como castigo, em moedas derretidas
seres metido, oh tu, doença de amigo,
não amigo sincero. Porventura
tem a amizade um coração tão fraco,
que numa noite, um pouco mais, se muda?
Oh deuses! Sinto do meu amo a cólera.
Este canalha ainda tem no estômago
o que comeu em casa de meu amo.
Por que há de em alimento isso tomar-se,
quando ele próprio já virou veneno?
Oh! que se mude tudo, tudo, em doença.
E que, no instante de morrer, quanto ele
tiver no corpo, pago por meu amo,
não sirva para devolvê-lo ao dia,
senão para aumentar sua agonia.

(Sai.)

Ato III · Cena II

O mesmo. Uma praça pública.
Entra Lúcio, com três estrangeiros.

Lúcio · Quem? O senhor Timão? É um excelente
amigo, um honrado cavalheiro.

Primeiro Estrangeiro · Temo-lo nessa conta,
muito embora lhe sejamos estranhos. Mas posso
asseverar-vos uma coisa, meu senhor, que eu soube
do rumor público: as belas horas do senhor Timão já
soaram e desapareceram, e sua fortuna se desmancha
a seus pés.

Lúcio · Qual nada! Não deis crédito a semelhante
coisa.
Ele não pode estar passando aperto de dinheiro.

Segundo Estrangeiro · Mas podeis crer,
senhor, que há pouco tempo um dos seus homens
procurou o senhor Lúculo para pedir emprestado
não sei quantos talentos, sim, e até mesmo insistiu
no pedido e falou-lhe da premência de sua situação,
apesar do que não conseguiu o que desejava.

Lúcio · Como!

Segundo Estrangeiro · É o que vos digo,
senhor, foram-lhe negados.

Lúcio · Que coisa estranha! Oh! pelos deuses,
sinto-me envergonhado com isso. Negar-se a
servir a um homem tão honrado! Com isso revela
pouco sentimento de honra. Por minha parte,
devo confessá-lo, recebi dele algumas pequenas
delicadezas, como dinheiro, baixelas de prata, jóias
e outras ninharias que tais, que nada significam em
comparação com tudo o que Lúculo recebeu. Mas,
se em lugar de dirigir-se a ele, me tivesse procurado,
não lhe teria recusado os talentos de que necessitava.

(Entra Servílio.)

Servílio · Oh! que sorte! Ali está o nobre Lúcio.
Suei para encontrá-lo. *(A Lúcio)* Honrado senhor!

Lúcio · Servílio! Feliz encontro. Salve! Recomenda-
me ao teu honrado e virtuoso amo, meu fidelíssimo
amigo.

Servílio · Com permissão de Vossa Senhoria, meu
amo mandou...

Lúcio · Oh! Que foi que ele mandou? Devo-lhe
tantas obrigações! Ele manda sempre.
Dize-me: de que modo poderei agradecer-lhe? E que
foi que ele mandou agora?

Servílio · Agora, meu senhor, vos envia apenas
a sua premente necessidade, pedindo a Vossa
Senhoria que o socorra emprestando-lhe os talentos
aqui indicados.

Lúcio · Vejo que ele graceja, pois não pode
necessitar de cem, de mil talentos.

Servílio · Mas de menos, senhor, precisa agora.

shakespearebrasileiro.org

Se não fosse a premência do momento
não vos falara com tamanho empenho.
Lúcio · Estás falando sério, Servílio?
Servílio · Por minha alma, senhor, é a verdade.
Lúcio · Que animal ingrato fui eu, com deixar-
me desprevenido de dinheiro em uma ocasião tão
oportuna, em que poderia demonstrar que sou um
homem de bem! Que falta de sorte ter comprado
ontem uma pequena propriedade, para vir a perder
tanta porção de honra! Servílio, invoco o testemunho
dos deuses em como não estou em condições de
ir em socorro dele. Maior animal, ainda, deveria
dizê-lo. Agora mesmo tencionava recorrer ao
senhor Timão, como estes cavalheiros poderão
dar testemunho. Mas agora, por todo o tesouro de
Atenas, não desejaria tê-lo feito. Recomenda-me
generosamente a Sua Senhoria. Espero que Sua
Honra há de fazer de mim um conceito elevado, por
não estar em minhas forças prestar-lhe uma gentileza
neste momento. Dize-lhe de minha parte que
considero uma das maiores aflições que poderiam
atingir-me não poder servir a um cavalheiro tão
honrado. Meu bom Servílio, podereis demonstrar-
me a amizade que me tendes com transmitir-lhe as
minhas próprias palavras?
Servílio · Perfeitamente, senhor.
Lúcio · Não me esquecerei, Servílio, de mostrar-vos
o meu reconhecimento.

(Sai Servílio.)

Certo falastes. O senhor Timão
escorregando vai; já está no chão.

(Sai.)

Primeiro Estrangeiro ·
Notastes isso, Hostílio?
Segundo Estrangeiro · Muito bem.

Primeiro Estrangeiro ·
Assim é a alma do mundo, e desse mesmo
pano são feitos os aduladores.
Dai o nome de amigo a quem no mesmo
prato convosco come! Pois, por tudo
quanto sei, foi Timão para este nobre
um verdadeiro pai. Com sua bolsa
livrou-o da falência, sustentando
seu próprio estado. Mais: era o dinheiro
de Timão que pagava os ordenados
dos criados dele. Nunca Lúcio bebe
sem que os lábios lhe toquem as baixelas
de prata de Timão. Oh! vede como
monstruoso é o homem, quando assume a forma
da ingratidão! O que ora lhe denega,
comparado ao que dele recebeu,
é como esmola que aos mendigos damos.
Terceiro Estrangeiro ·
Com isso geme o sentimento pio.
Primeiro Estrangeiro ·
No que me toca, nunca, em toda a vida,
fui alvo da bondade dele, para
seu amigo chamar-me. Não obstante,
solenemente o afirmo: dada a sua
nobreza de caráter, o sentido
tão alto da virtude e tão honrado
coração: se houvesse ele recorrido,
nesta premência, a mim, sacrificara
tudo quanto possuo, porque a parte
melhor pudesse retomar para ele,
a tal ponto aprecio seu caráter.
Mas vejo agora que é preciso sermos
poupados até mesmo na piedade;
o egoísmo domina a caridade.

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. Um quarto em casa de Semprônio. Entra Semprônio com um criado de Timão.

Semprônio ·
Por que me importunar antes de todos?
A Lúculo devera, antes, ou a Lúcio
ter recorrido. Sim, Ventídio, que ele
retirou da prisão, e que ora é rico.
Todos esses lhe devem quanto têm.
Criado · Senhor, provados foram todos eles,
mas de baixa mistura se mostraram,
recusando-lhe o empréstimo.
Semprônio · Que dizes!
Recusaram-lhe o empréstimo? Lúculo,
Ventídio se escusaram? E é por isso
que ele ora me procura? Hum! Todos eles?

shakespearebrasileiro.org

Isso revela nele grande falta
de amizade e de juízo. Seu recurso
derradeiro sou eu? Tal como médicos,
três vezes os amigos o abandonam,
e eu terei de curá-lo? Grave ofensa
me fez com isso; estou muito zangado,
por me haver desprezado desse modo.
Não sei qual a razão de não ter ele
vindo falar-me antes de todos nessa
premente situação, pois, em consciência,
fui o primeiro a receber presentes
da parte dele. E agora ele coloca-me
tão para trás, a ponto de por último
procurar-me para isso? Não; seria
fazer de mim objeto de risadas
de todo o mundo, transformar-me em tolo
no meio da nobreza. Desejara
que três vezes mais que isso ele pedido
me tivesse, porém a mim primeiro,
tal o anseio que tenho de servi-lo.
Assim, podes voltar e dize-lhe isto:
quem me tira da honra uma fasquia,
não verá meu dinheiro nenhum dia.

(Sai.)

Criado · Incomparável! Vossa Senhoria não passa de um grandíssimo velhaco. O diabo não sabia o que estava fazendo, quando fez astucioso o homem. Com isso estragou sua própria obra. Estou convencido de que, no fim de contas, as vilanias dos homens vão deixá-la reabilitado. Com que aprumo este senhor se esforça para parecer velhaco! Invoca pretextos virtuosos para ser malvado, como esses indivíduos que, sob a capa de zelo religioso, lançam fogo em reinos inteiros.
Seu amor astucioso é desse jeito.
Nele era que Timão depositava
a melhor esperança. Ora fugiram
todos, menos os deuses. Já sumiram,
quais mortos, os amigos. Suas portas
que ferrolhos jamais tinham provado,
ora têm de fechar-se, para guarda
segura de seu dono. Eis o que ensina
a liberalidade: a casa guarda
quem na fortuna confiou bastarda.

(Sai.)

Ato III · Cena IV

O mesmo. Uma sala em casa de Timão.
Entram dois criados de Varro e o criado de Lúcio, que encontram Tito, Hortênsio e outros criados de outros credores, que estão à espera de Timão.

Primeiro criado de Varro ·
Bom encontro. Bom dia, Tito e Hortênsio.
Tito · O mesmo vos desejo, Varro amigo.
Hortênsio · Lúcio! Como! Acertamos de encontrar-nos?
Criado de Lúcio · Sim, e, segundo penso, um só assunto nos reuniu; o meu é de dinheiro.
Tito · E assim, o nosso, como o deles todos.

(Entra Filoto.)

Criado de Lúcio · E o do senhor Filoto.
Filoto · Para todos
muito bom dia.
Criado de Lúcio · Mano, sois bem-vindo.
Que horas pensais que seja?
Filoto · Quase nove.
Criado de Lúcio ·
Tão tarde, assim?
Filoto · E o meu senhor, acaso
já se mostrou a alguém?
Criado de Lúcio · Ainda não.
Filoto · Isso me espanta, que ele costumava desde cedo brilhar.
Criado de Lúcio · Sim, mas seus dias tornaram-se mais curtos. Vede, amigos:
a carreira do pródigo, assemelha-se
à do sol, sem, contudo, renovar-se
como a daquele. Temo que na bolsa
de Timão seja inverno, isto é: podemos
enfiar toda a mão nela, para acharmos
no fundo quase nada.
Filoto · Compartilho
de vosso medo nisso.
Tito · Agora observo
fato mais do que estranho. Aqui mandou-vos
vosso amo, acaso, para cobrar dívida?

shakespearebrasileiro.org

Hortênsio · Justamente.
Tito · No entanto ele consigo
traz jóias, por Timão oferecidas,
e cujo pagamento ora eu reclamo.
Hortênsio · A contragosto o faço.
Criado de Lúcio · É extraordinário!
Tomai nota do caso. Timão paga
muito mais do que deve. E justamente
como se usasse jóias mui custosas
vosso amo e o pagamento delas todas
de Timão reclamasse.
Hortênsio · Esta incumbência
me repugna, ante os deuses o declaro.
Usa meu amo as jóias de Timão;
não é papel de ingrato, é de ladrão.
Primeiro criado de Varro ·
A minha nota é de três mil coroas.
E a vossa?
Criado de Lúcio · Cinco mil.
Primeiro criado de Varro · É muita coisa.
Pelo que se deduz dessa quantia.
tinha vosso amo mais confiança nele
do que o meu. Não fora isso, certamente
a dívida dos dois se igualaria.

(Entra Flamínio.)

Tito · Um dos criados do senhor Timão.
Criado de Lúcio ·
Flamínio! Cavalheiro, uma palavra:
o senhor já está pronto para sair?
Flamínio · Ainda não.
Tito · Estamos à espera de Sua Senhoria. Por
obséquio, comunica-lhe isso.
Flamínio · Não precisarei dizer-lhe isso, porque ele
sabe que sois muito esforçados.

(Sai Flamínio.)

(Entra Flávio, embuçado no manto.)

Criado de Lúcio · Oh! Não será o intendente dele
que se esgueira embuçado? Vai sumir-se
numa nuvem. Chamai-o.
Tito · Estais ouvindo,
senhor?
Segundo Criado de Varro ·
Com vossa permissão, senhor.
Flávio · Que desejais de mim, caros amigos?
Tito · Aqui à espera estamos de uma certa
quantia, meu senhor.
Flávio · Sim, se a quantia
fosse tão certa quanto vossa espera,
com ela contaríeis.
Por que não nos trouxestes vossas contas,
quando todos os vossos amos falsos
se fartavam na mesa de meu amo?
Então, sorrir podiam, fazer festas
às próprias contas e meter nas fauces
insaciáveis os juros. Apertando-me
desse modo perdeis o vosso tempo.
Sair deixai-me em paz. Posso afiançar-vos:
a minha caixa e dele já está pronta;
gastar Timão não pode; eu, fazer conta.
Criado de Lúcio ·
Sim, mas essa resposta não nos serve.
Flávio · Se não serve é melhor do que vós todos,
[pois servis a velhacos.

(Sai.)

Primeiro criado de Varro · Que é que está
resmungando este senhor despedido?
Segundo Criado de Varro · Pouco importa;
está pobre, e isso já é castigo suficiente. Quem tem
mais direito de falar com liberdade do que quem não
tem casa para enfiar a cabeça? Deixemo-lo deblaterar
contra os palácios.

(Entra Servílio.)

Tito · Oh! Aqui está Servílio. Agora vamos obter
alguma resposta.
Servílio · Cavalheiros, se quisésseis ter a gentileza
de voltar outra hora, eu vos ficaria imensamente
agradecido, porque, por minha alma, meu amo está
neste momento de muito mau humor. Perdeu a sua
serenidade costumeira; está gravemente doente, não
podendo sair do quarto.
Criado de Lúcio ·
Há muita gente que não sai do quarto,
sem, por isso, estar doente. Mas, se acaso
ele estiver tão indisposto, mesmo,
razão a mais para pagar as dívidas
e clarear o caminho para os deuses.
Servílio · Deuses bondosos!
Tito · Não aceitaremos,
senhor, essa resposta.
Flamínio *(dentro)* · Aqui, Servílio!
Socorro! Meu senhor!

(Entra Timão, num acesso de furor; Flamínio o segue.)

shakespearebrasileiro.org

TIMÃO · Como! Barram-me os passos minhas portas? Sempre fui livre; e agora minha própria casa em meu inimigo se transforma, pondo-me peias, como em negro cárcere? O lugar em que eu dei tão grandes festas mostra-me agora, como todo mundo, um coração de ferro?

CRIADO DE LÚCIO · Tito, fala-lhe agora.

TITO · Aqui está minha conta, senhor.

CRIADO DE LÚCIO · E aqui a minha.

HORTÊNSIO · E a minha, senhor.

OS DOIS CRIADOS DE VARRO · E a nossa, senhor.

FILOTO · Todas as nossas contas.

TIMÃO · Enfiai-me todas pela goela abaixo, para que eu arrebente.

CRIADO DE LÚCIO · Oh, meu senhor!

TIMÃO · Cortai-me o coração em muitas contas.

TITO · De cinqüenta talentos é esta nota.

TIMÃO · Tirai-me o sangue.

CRIADO DE LÚCIO · Cinco mil coroas, senhor...

TIMÃO · Cinco mil gotas vão pagá-la. E a vossa? E a vossa?

PRIMEIRO CRIADO DE VARRO · Meu senhor!

SEGUNDO CRIADO DE VARRO · Meu senhor!

TIMÃO · Picai-me em pedacinhos e que os deuses caiam sobre vós todos.

(Sai.)

HORTÊNSIO · Por minha fé, percebo agora que nossos amos podem tirar o chapéu para o dinheiro deles. Podemos chamar de desesperadas essas dívidas, porque o devedor é louco.

(Saem.)

(Voltam Timão e Flávio.)

TIMÃO · Deixaram-me sem fôlego os escravos. Credores! Para o inferno!

FLÁVIO · Meu caro amo...

TIMÃO · E se eu fizesse assim?

FLÁVIO · Caro senhor...

TIMÃO · Isso! Farei assim. Meu intendente!

FLÁVIO · Aqui, senhor.

TIMÃO · Tão prontamente! Vai; convida todos os meus amigos novamente: Lúculo, Lúcio, Semprônio, todos. Quero ainda uma vez festejar esses patifes.

FLÁVIO · Oh meu senhor! É o vosso estado d'alma que vos leva a falar dessa maneira. Não nos sobrou nem mesmo o suficiente para aprestarmos uma mesa simples.

TIMÃO · Não te preocupes; vai. Que novamente suba a maré dos biltres. O dinheiro e o resto toca a mim e ao cozinheiro.

(Saem.)

Ato III · Cena V

O mesmo. A casa do Senado.
Os senadores estão reunidos.

PRIMEIRO SENADOR · Senhor, esse é o meu voto; sua falta foi sanguinária. Assim, é necessário que ele venha a morrer. Mais atrevido deixa o crime a clemência.

SEGUNDO SENADOR · É certo, é certo; cumpre que a lei o esmague sem demora.

(Entra Alcibíades, com séquito.)

ALCIBÍADES · Honra, saúde e compaixão a todos!

PRIMEIRO SENADOR · Que quereis, capitão?

ALCIBÍADES · Um suplicante sou de vossas altas virtudes, que a clemência é a verdadeira virtude da justiça. Só os tiranos a aplicam com crueldade. Foi do agrado do tempo e da fortuna, a um certo amigo meu oprimirem, que, de sangue quente, caiu na lei, que é báratro insondável para os incautos que mergulham nela. Se de lado pusermos este caso, é um homem de virtudes excelentes. Não lhe manchou o peito a covardia — honrosa circunstância, que o redime — Não; com nobre furor e altivo espírito, vendo a reputação baquear, ferida, enfrentou o inimigo. E com moderação fria e impassível soube conter a cólera, tal como

shakespearebrasileiro.org

se demonstrasse um simples argumento.
Primeiro Senador ·
Proponde-vos um grande paradoxo,
procurando dar graça a ação tão feia.
Tanto trabalho tem vosso discurso —
quer parecer-nos — como se visasse
somente a enobrecer o crime e foros
de valor dar ao gênio desordeiro,
que, em verdade, é valor degenerado,
vindo ao mundo no instante em que nasceram
as seitas e os partidos. Corajoso,
de fato, é quem suporta sabiamente
o que de pior a boca humana exala
e que faz das injúrias que lhe atiram
vestimenta exterior, tão-só, que este usa
despreocupadamente, não deixando
que o coração atinjam tais ofensas,
para pô-lo em perigo.
Se nos obriga a ofensa a dar a morte,
não tem sentido a vida, não tem norte.
Alcibíades · Meu senhor...
Primeiro Senador ·
Não conseguis embelezar o crime;
a vingança o assassino não redime.
Alcibíades · Perdoai-me, então, senhores, se vos falo
linguagem de soldado.
Por que os homens se expõem nos combates,
mas não conseguem suportar ameaças?
Por que não dormem, calmos, permitindo,
sem resistência, que a garganta venha
cortar-lhes o inimigo? Se há tão grande
valor no sofrimento, que fazemos
nos campos militares? Nesse caso,
mais valentes que nós são as mulheres
que em casa ficam, pois sofrer é mérito;
melhor soldado que o leão é o asno;
mais sábio do que os juízes é o facínora
carregado de algemas, se prudência
houver no sofrimento. Oh meus senhores!
Já sois grandes; mostrai-vos generosos.
Quem não condenaria, quando calmo,
a precipitação? Matar, convenho,
constitui o pecado mais hediondo;
mas em defesa — pelo céu! — é justo.
A cólera é impiedade, é muito certo;
mas há quem dela possa estar liberto?
Sob esse prisma avaliai seu crime.

Segundo Senador · Falais inutilmente.
Alcibíades · Inutilmente!
Os serviços prestados em Bizâncio
por ele, e na Lacônia, bastariam
para peitar-vos e salvar-lhe a vida.
Primeiro Senador · Como assim?
Alcibíades · Digo que vos prestou grandes
serviços
tirando a vida a muitos inimigos.
Que valor demonstrou na última guerra!
Provam-no numerosas cicatrizes.
Segundo Senador ·
Sim, com elas obteve grande espólio.
É estróina inveterado; tem um vício
que lhe afoga a razão e em prisioneira
transforma-lhe a coragem. Se inimigos
não tivesse, isso só fora bastante
para vir a vencê-lo. Nessa fúria
bestial foi visto cometer ultrajes
e provocar tumultos. Convencidos
estamos de que é muito perigosa
para todos sua vida indecorosa.
Primeiro Senador · Preciso é que ele morra.
Alcibíades · Oh duro fado! Poderia a morte
ter no campo encontrado. Meus senhores,
se não por causa de seus próprios méritos —
que seu braço direito poderia
resgatar-lhe a existência, sem fazê-lo
devedor de ninguém — sim, apenas
para vos decidir, juntai aos dele
todos os meus serviços. E sabendo
que vossas cãs honradas apreciam
boa caução, empenharei meu nome,
minhas vitórias todas para que ele
vos devolva o interesse. Se ele deve
à lei, por esse crime, a própria vida:
então, que a morrer venha num combate.
Se a lei é dura, a morte o não abate.
Primeiro Senador ·
A lei representamos. Vai morrer.
Não insistais, sob pena de agastar-nos.
Quem sangue derramar, embora amigo
nos seja, ou irmão, terá igual castigo.
Alcibíades · Terá de ser assim? Não; é impossível;
reconhecei-me, meus senhores.
Segundo Senador · Como!
Alcibíades ·
Lembrai-vos de quem sou.

shakespearebrasileiro.org

TERCEIRO SENADOR · Quê?
ALCIBÍADES · Não consigo
conceber que de mim vos esquecestes,
porque junto de vós, por mais que faça,
obter não possa tão pequena graça.
Doem-me as cicatrizes.
PRIMEIRO SENADOR · Ameaçai-nos?
Provocai-nos a cólera? É de poucas
palavras mas de efeito duradouro:
banimos-te de Atenas para sempre.
ALCIBÍADES · Eu, banido? Bani vossa estultícia;
bani a usura que o senado mancha.
PRIMEIRO SENADOR ·
Se dentro de dois dias ainda Atenas
te abrigar, pior sentença esperar deves.
Quanto a ele, porque nosso humor se acalme,
será executado agora mesmo.
(Saem os senadores.)
ALCIBÍADES ·
Que envelhecer os deuses vos permitam,
porque a viver chegueis como esqueletos,
objeto de repulsa para todos
que vos olharem. Desvairado a cólera
me deixa. Derrotei os inimigos,
enquanto eles contavam seu dinheiro
e a juros escorchantes o emprestavam;
eu, rico apenas de feridas grandes.
E tudo só para isto? Será esse
o linimento, acaso, que o usurário
senado põe nos golpes de um soldado?
Banimento! Está bem. Não me aborrece
ver-me banido. Desse modo a minha
cólera e meu furor vão ter motivo
para atacar Atenas. Darei ânimo,
assim, a minhas tropas descontentes
e ganho corações. Causa é de orgulho
sustentar luta aberta contra o Estado;
sensível como os deuses é o soldado.
(Sai.)

Ato III · Cena VI

O mesmo. Um quarto em casa de Timão. Música. Mesa preparada, com criados à volta. Por diferentes portas entram diversos nobres, senadores e outras pessoas.

PRIMEIRO NOBRE · Desejo-vos muito bom dia, senhor.
SEGUNDO NOBRE · O mesmo vos desejo. Sou de opinião que este nobre senhor quis apenas experimentar-nos naquele dia.
PRIMEIRO NOBRE · Era justamente com o que meus pensamentos se ocupavam, quando vos encontrei. Espero que ele não esteja tão por baixo como pretextou na prova que fez com seus amigos.
SEGUNDO NOBRE · Evidentemente, a julgarmos por esta nova festa.
PRIMEIRO NOBRE · É o que eu penso, também. Ele mandou-me um convite muito insistente, que negócios sérios me obrigaram a recusar. Mas ele me conjurou para que pusesse de parte tudo o mais, vendo-me eu, afinal, obrigado a comparecer.
SEGUNDO NOBRE · Eu também me encontrava em dívida com um assunto de muita importância; mas ele não quis saber de ouvir desculpas. Aborreceu-me o fato de estar desprevenido de dinheiro, quando ele mandou pedir-me emprestado certa quantia.
PRIMEIRO NOBRE · Eu também sofro do mesmo mal, vendo agora em que pé as coisas estão.
SEGUNDO NOBRE · É o que se dá com todos os que estão aqui. Quanto foi que ele vos mandou pedir?
PRIMEIRO NOBRE · Mil moedas de ouro.
SEGUNDO NOBRE · Mil moedas!
PRIMEIRO NOBRE · E a vós?
TERCEIRO NOBRE · A mim, senhor, ele mandou... Mas aí vem ele chegando.
(Entra Timão, com séquito.)
TIMÃO · Saúdo-vos de todo o coração, meus dois gentis-homens. Como ides passando?
PRIMEIRO NOBRE · Do melhor modo possível, por ouvirmos boas notícias de Vossa Senhoria.
SEGUNDO NOBRE · A andorinha não segue o verão com mais alegria do que nós a Vossa Senhoria.
TIMÃO *(à parte)* · Nem com maior alegria deixa o inverno. Os homens são como esses pássaros do verão. — Cavalheiros, nosso jantar não vale tamanha demora. Por enquanto saciai os ouvidos com música,

shakespearebrasileiro.org

Que vos deixem cobertos com sua lepra,
da cabeça até os pés, as numerosas
doenças dos animais, doenças dos homens.
Como! Já vais saindo? Mais de espaço?
Primeiro toma o teu remédio! Toma
também o teu! e o teu! Fica; vou dar-vos
dinheiro, não pedir-vos emprestado.
(Atira-lhes as pratas.)
Como! Todos se vão? Que doravante
festa não possa haver sem que um canalha
seja bem-vindo como o fogo à palha.
Atenas, abrasai-vos! Timão há de
ódio aos homens votar e à humanidade.
(Sai.)
(Voltam os nobres, senadores etc.)

PRIMEIRO NOBRE · Então, senhores?

SEGUNDO NOBRE · Como qualificais esse furor do senhor Timão?

TERCEIRO NOBRE · Com a breca! Não vistes o meu gorro?

QUARTO NOBRE · Perdi meu casaco.

PRIMEIRO NOBRE · Não passa de um louco,
governado pelo capricho do momento.
Há dias deu-me uma jóia, e agora a fez saltar do meu chapéu. Não vistes minha jóia?

TERCEIRO NOBRE · Não vistes meu gorro?

SEGUNDO NOBRE · Aqui está ele.

QUARTO NOBRE · Aqui está meu casaco.

PRIMEIRO NOBRE · Não nos demoremos.

SEGUNDO NOBRE · Está louco.

TERCEIRO NOBRE · Senti-lhe a saraivada.

QUARTO NOBRE · Hoje dá jóias; amanhã, pancada.
(Saem.)

Ato IV · Cena I

Fora dos muros de Atenas. Entra Timão.

TIMÃO · Ainda uma vez desejo contemplar-te.
Oh muro, que circundas esses lobos,
afunda-te na terra! Não protejas
Atenas doravante! Incontinentes
ficai, matronas! Filhos, rebelai-vos!
Loucos e escravos, arrancai dos bancos
os graves e enrugados senadores
e emiti opinião no lugar deles.
Vire-se num momento em lixo público
a virginal pureza, e que isso seja
feito à vista dos pais. Falidos, sede
firmes, não devolvendo coisa alguma;
antes cortai as goelas dos credores.
Servos, roubai, que vossos graves amos
não cessam de pilhar com mãos abertas,
servindo-se da lei. Vai para a cama
de teu amo, empregada, que a patroa
se encontra no bordel. Tira a muleta
de teu pai paralítico, menino
de dezesseis, e estoura-lhe os miolos.
Temor, piedade, reverência aos deuses,
paz, justiça, verdade, deferência
doméstica, descanso matutino,
vigilância pacífica, costumes,
instrução, profissões e ofícios vários,
jerarquias, usanças, leis vetustas:
confundi-vos no que vos for contrário.
Que impere a destruição. Pestes que os homens
exterminais, acumulai as vossas
febres terríveis e devastadoras
sobre Atenas, madura para a ruína.
Fria ciática, deixa os senadores
aleijados, porque nos membros mostrem
igual claudicação à dos costumes.
Na medula e no espírito dos moços,
luxúria, te insinua, porque possam
nadar contra a corrente da virtude
e na depravação se afoguem todos!
Sarnas e pústulas, poluí o seio
dos atenienses, para que a colheita
seja lepra geral. Que o hálito infecte
o hálito; desse modo a sociedade
será como a amizade: só veneno.
Só levarei de ti minha nueza,
cidade detestável. Toma isso
também de mim, com maldições sem conta.
Retira-se Timão para a floresta
onde as feras mais cruéis serão, decerto,

shakespearebrasileiro.org

mais piedosas que toda a humanidade.
Sede, oh deuses! com todos sem piedade,
os de fora e os de dentro da cidade,
fazendo que o ódio de Timão aumente
de instante a instante contra toda a gente.
Amém.

(Sai.)

Ato IV · Cena II

Um quarto em casa de Timão.
Entra Flávio, com dois ou três criados.

Primeiro criado ·
Mestre intendente, onde o patrão se encontra?
Estaremos perdidos? Dispensados?
Não sobrou coisa alguma?
Flávio · Oh meus amigos!
que poderei dizer-vos? Testemunhas
todos os deuses são de que me encontro
tão pobre quanto vós.
Primeiro criado · Oh! arruinar-se
uma casa como esta! Tão nobre amo
vir a cair! Tudo perdido, tudo,
sem que um amigo apenas lhe tomasse
pelo braço o destino e fosse com ele
um trecho do caminho.
Segundo Criado · De igual modo
que volvemos as costas para o nosso
camarada que ao túmulo entregamos:
assim também todos os seus amigos
fogem de sua sorte sepultada,
jogando-lhe protestos vãos, no jeito
de bolsas sem dinheiro, enquanto o pobre
que só conta com o ar, com sua doença
repugnante, a pobreza, da qual fogem
todos os homens, vai sozinho agora,
como cheio de opróbrio. — Mais amigos!

(Entram outros criados.)

Flávio · Utensílios quebrados, eles todos,
de uma casa arruinada.
Terceiro Criado · Nem por isso
deixa de usar o coração a farda
de Timão, como vejo em vossos rostos.
Somos ainda camaradas, todos
ao serviço da dor. Furado se acha
nosso barco, e nós outros, tripulantes
infelizes, trepados na coberta
que se afunda, escutamos as ameaças
das ondas bravas. É forçoso, agora,
nos despedirmos neste mar aéreo.
Flávio · Caros amigos, aqui tendes quanto
me resta do que é meu. Em qualquer tempo
que viermos a nos encontrar, sejamos
camaradas, em nome de Timão,
e a fronte sacudindo, como em dobre
fúnebre pela sorte de nosso amo,
digamos uns aos outros: conhecemos
dias melhores. — Cada um terá um pouco.

(Dá-lhes dinheiro.)

A mão, aqui! Silêncio agora; é tudo.
Nossa riqueza, a dor, me deixa mudo.

(Abraçam-se. Saem os criados.)

Que desgraça a fortuna nos apresta!
Quem as riquezas não dispensaria,
se origem dão a tanta felonia?
Quem desejara glória zombeteira?
Quem de grado viver quisera apenas
um sonho de amizade? Ter estado,
pompa ruidosa, apenas em pintura,
como os falsos amigos? Meu pobre amo,
que o próprio coração deixou por baixo,
que a bondade arruinou! Oh mas que estranha
natureza! Que o mor pecado seja
no coração bondade ter sobeja.
Quem quererá mostrar-se de alma grata,
se o que define os deuses o homem mata?
Oh meu caro amo! Só bendito foste
para seres maldito; rico, apenas
para te desgraçares! Tua grande
fortuna só foi causa de amarguras.
Amo bondoso! Em cólera afastou-se
desta sede insensível só de amigos.
animalescos.
Não tem consigo nada com que possa
ganhar a vida ou cômoda deixá-la.
Vou tratar de saber por onde ele anda.
Enquanto algo eu tiver, serei contente
em dele continuar como intendente.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena III

Floresta junto da praia, com uma caverna.
Timão sai da caverna.

Timão · Oh gerador bendito! oh sol! da terra
tira umidade pútrida e infecciona
todo o ar que se respira cá nesta órbita
de tua irmã! Dois gêmeos que do mesmo
ventre provêm; para eles quase idênticos
a gestação e o nascimento foram;
mas dá-lhes sorte diferente em tudo.
Que desprezado seja o mais pequeno
pelo maior. A natureza, sempre
por males assediada, só consegue
suportar a fortuna revelando
desprezo à natureza.
Elevo este mendigo, abaixa o nobre.
Desprezo hereditário seja o lote
do senado; do pobre, honras nativas.
É a pastagem que deixa o gado nédio;
nas secas, emagrece. Quem, quem ousa,
em pura humanidade, levantar-se
e dizer: "É um adulador este homem?"
Se um for, todos o são, que os degraus todos
da fortuna o de baixo deixa brandos.
Inclina-se dos sábios a cabeça
ante o imbecil dourado. Tudo é oblíquo.
Em nossa natureza amaldiçoada
nada é plano, tirante, tão-somente,
a franca vilania. Odiadas sejam,
por isso, as festas todas, sociedades,
reuniões dos homens, pois Timão odeia
seus semelhantes, sim, até ele próprio.
Que a destruição apanhe a humanidade.
Dá-me raízes, terra!
E se houver, porventura, quem exija
melhor coisa de ti, molha-lhe a boca
com o mais pronto veneno que tiveres.
Que vejo? Ouro faiscante, ouro amarelo,
o precioso metal. Não, deuses! Nunca!
Não vos fiz votos frívolos. Raízes,
céus serenos. Só com isto eu deixaria
o negro, branco; o repelente, belo;
o injusto, justo; o baixo, com nobreza;
o novo, velho, e corajoso o pulha.
Deuses, por que isto? Para quê isto, deuses?
Oh! isto desviará de vossas aras
sacerdotes e servos, da cabeça
dos doentes tirará o travesseiro.
Este escravo amarelo os sacrossantos
votos anula e quebra, lança a bênção
nos malditos, amável deixa a lepra,
dá estado aos ladrões e lhes concede
títulos e homenagens lado a lado
dos senadores, faz que novamente
se case a viúva idosa. A que seria
pelo hospital de chagas repugnantes
com náuseas vomitadas, isto embalsama,
deixando como abril cheio de aroma.
Vamos, poeira maldita, prostituta
comum da humanidade, que a discórdia
nas nações introduzes, vou fazer-te
voltar a ser o que és.

(Ruído ao longe de marcha militar.)

Como! Tambores?
Vou enterrar-te, embora tenhas vida.
Sim, ladrão forte, correrás ainda,
quando os guardas gotosos não puderem
prosseguir em seu posto. Mas deixemos
isto aqui, para amostra.

(Separa parte do ouro e enterra o restante.)

(Entra Alcibíades com tambor e gaita, à moda militar; Frinéia e Timandra.)

Alcibíades · Quem és tu? Dize logo.
Timão · Um animal, como és. Que te corroa
o coração o cancro, por me teres
mostrado novamente um rosto de homem.
Alcibíades ·
Como te chamas? O homem te é odioso,
dessa maneira, sendo, como és, homem?
Timão · Sou misantropo; odeio a humanidade.
Mas desejara que um cachorro fosses;
que, assim, podia amar-te alguma coisa.
Alcibíades ·
Sei muito bem quem és; desconhecida,
porém, e estranha é para mim tua sorte.
Timão · Conheço-te, também, mas mais do que isso
não quero conhecer-te. Vamos, segue
teu tambor. Pinta a terra de vermelho

shakespearebrasileiro.org

com sangue humano, sangue rubro, rubro.
São cruéis as leis civis, os religiosos
cânones. Para quê, portanto, a guerra?
Essa rameira atroz que te acompanha
causa mais destruição que tua espada,
com todo esse ar angélico.
Frinéia · Apodreçam-te
os lábios.
Timão · Não pretendo dar-te um beijo;
assim, a podridão fica contigo.
Alcibíades · Como o pobre Timão mudou a esse ponto?
Timão · Como a lua, por falta de luz própria.
Mas não posso, como ela, renovar-me,
que sol não tenho para algum empréstimo.
Alcibíades · Nobre Timão, que prova de amizade poderia te dar?
Timão · Apenas esta:
mantém meu parecer.
Alcibíades · Qual é, Timão?
Timão · Promete-me tua amizade, mas não cumpras a promessa. Se não quiseres prometer-me isso, que os deuses te castiguem por seres homem; e se a cumprires, que te confundam, por seres homem.
Alcibíades · Ouvi falar por alto de teus males.
Timão · Viste-os no tempo em que eu estava próspero.
Alcibíades · Agora o vejo. Belo tempo aquele!
Timão · Como ora o teu, com duas prostitutas.
Timandra · É esse o florão de Atenas, de que o mundo falava com tal ênfase?
Timão · És Timandra?
Timandra · Ela mesma.
Timão · Prossegue sendo o que és:
uma rameira. Amor nenhum te vota
nenhum dos que te buscam; dá-lhes doenças.
guardando para ti o prazer deles.
Tempera-os bem com tuas horas lúbricas,
deixando prontos todos os escravos
para os banhos e a estufa; a mocidade
de faces róseas leva à dieta extrema
da cura pela fome.
Timandra · Monstro, enforca-te!
Alcibíades · Perdoa-lhe, Timandra; seu espírito adoeceu e perdeu-se no infortúnio.
Bravo Timão, ultimamente quase
não me sobra dinheiro, ocasionando
revoltas mui freqüentes essa falta
em meu bando faminto. Pesaroso
vim a saber como a maldita Atenas,
sem atender ao teu merecimento,
de teus grandiosos feitos esquecida
no tempo em que, sem tua brava espada,
pisada ela teria sido pelos
estados seus vizinhos...
Timão · Por obséquio,
faze usar o tambor e vai-te embora.
Alcibíades · Caro Timão, sou teu amigo e tenho muita pena de ti.
Timão · Como tens pena,
se me incomodas tanto? Preferira
que me deixasses só.
Alcibíades · Então, adeus.
Aqui tens algum ouro.
Timão · Guarda-o, guarda-o!
Não poderei comê-lo.
Alcibíades · Quando Atenas
orgulhosa eu tiver deixado em ruínas...
Timão · Como assim! Fazes guerra aos atenienses?
Alcibíades · Sim, Timão; tenho causa para tanto.
Timão · Que em teu triunfo os deuses os destruam, e a ti, depois de os teres conquistado.
Alcibíades ·
A mim? Por quê, Timão?
Timão · Porque, matando
só celerados, tu nasceste para
conquistar minha pátria. Guarda esse ouro.
Parte! Aqui tens mais ouro... Parte logo.
Sê como peste planetária, como
quando Jove semeia seus venenos
no ar de alguma cidade corrompida.
Que não se esqueça de ninguém teu gládio.
Apiedado não fiques da velhice
veneranda por suas barbas brancas:
é um usurário. Desce tua espada
na matrona fingida; só nas vestes
revela honestidade: é alcoviteira.
Não enterneças faces da donzela
o gume de teu gládio, que esses seios
de leite, que provocam pelas grades
das janelas os olhos dos mancebos,
não se encontram na lista da piedade:
como horríveis traidores os condena.
Nem o lactente poupes, cujo riso
em covinhas a compaixão esgota

shakespearebrasileiro.org

dos homens imbecis. Por um bastardo
deves tomá-lo, que um obscuro oráculo
fadou a te esgorjar depois de grande:
retalha-o sem remorsos. Jura guerra
contra tudo; couraça põe nos olhos
e nos ouvidos, para que não cheguem
até onde estás os gritos das matronas,
das donzelas, das crianças, nem a vista
dos sacerdotes a sangrar em sua
vestimenta sagrada. Aqui tens ouro
para pagar teus homens. Destrói tudo,
e uma vez aplacada tua fúria,
a ti mesmo destrói. Não fales; parte!

Alcibíades ·
Ainda tens ouro? Aceito o ouro que deres,
não os conselhos.

Timão · De qualquer maneira,
que o céu te amaldiçoe.

Frinéia e Timandra · Dá-nos ouro,
Timão bondoso. Ainda tens de sobra?

Timão · O bastante para a uma prostituta
levar a renunciar ao próprio ofício
e à alcoviteira a preparar mais outras
para substituí-las. Porcalhonas,
abri os aventais. Não sois capazes
de juramento, muito embora eu saiba
que ireis jurar terrivelmente, a ponto
de provocar celestes calafrios
nos deuses imortais que vos ouvirem.
Poupai os juramentos, que eu confio
em vosso próprio instinto. Prostitutas
sede sempre. Se acaso alguém de fala
piedosa pretender deixar-vos santas,
sede fortes no ofício, seduzindo-o,
em chamas envolvendo-o. Que domine
vosso fogo secreto o fumo deles.
Não renuncieis jamais e que em seis meses
tenhais trabalhos ao contrário desses.
Forrai vossas paredes miseráveis
com despojos dos mortos. Enforcados
foram alguns; que importa? Usai tudo isso,
para enganardes mais; sempre rameiras.
Rebocai-vos até que em vossas faces
um cavalo se atole. Peste para
todas as rugas!

Frinéia e Timandra · Muito bem. Mais ouro.
Tudo faremos, podes crer, pelo ouro.

Timão · Semeai a consumpção
té nos ossos dos homens; deixai fracas
suas pernas alertas; a energia
destruí dos cavaleiros: tornai rouca
a voz do juiz, para que não prossiga
na defesa de causas ilegítimas
nem em tom de falsete grite as suas
sofistarias. Recobri de lepra
o sacerdote que perora contra
a condição da carne, sem dar crédito
a seus próprios discursos. Venha abaixo!
Que lhe caia o nariz! Tirai a ponte
de quem, para caçar seus interesses,
não percebe o bem público. Bem calvos
deixai os biltres de madeixas belas;
e que de vós receba fundas marcas
o fanfarrão soldado que da guerra
não trouxe cicatriz. Empestai todos,
para que vossa atividade possa
destruir e deixar seca a própria fonte
da geração. Tendes aqui mais ouro.
Destruí os mais, e que isto vos destrua,
cobrindo a lama a todos!

Frinéia e Timandra · Mais conselhos,
generoso Timão, e mais dinheiro.

Timão · Começai exercendo o vosso ofício;
causai maiores danos. Dei-vos arras,
tão-somente.

Alcibíades · Marchemos para Atenas.
Tocai tambores. Bom Timão, adeus.
Se eu vencer voltarei a visitar-te.

Timão · Se tal como desejo correr tudo,
não voltarás.

Alcibíades · Eu nunca te fiz mal.

Timão · Fizeste, pois falaste bem de mim.

Alcibíades · E chamas a isso mal?

Timão · É o que ensina a experiência diariamente.
Vai-te embora e carrega tuas galgas.

Alcibíades · De todo jeito a molestamos. Toca!

(Toque de tambores. Saem Alcibíades, Frinéia e Timandra.)

Timão · Como se dá que a natureza, lassa
da ingratidão dos homens, tenha fome?

(Cava a terra.)

Oh nossa mãe comum, cuja infinita
matriz procria tudo, cujo seio
a tudo dá alimento e que da mesma

shakespearebrasileiro.org

matéria de que se incha esse teu filho
vaidoso, o arrogante homem, também formas
o negro sapo, a víbora azulada,
o lagarto listrado, o cego réptil
e quanto monstro houver sob essa abóbada
pelo fogo de Hipério iluminada:
deixa sair do seio dadivoso
uma raiz modesta, para aquele
que ódio vota aos mortais. Esteriliza
teu ventre tão fecundo e generoso,
porque ao homem ingrato não dê vida.
Enche-te de serpentes, tigres, lobos!
Produze novos monstros, que tua face
superior nunca revelou à abóbada
de mármore do céu! — Uma raiz!
Muito obrigado! Seca-te, medula
das vinhas e dos campos trabalhados
com que o homem ingrato, saturado
de gotas licorosas e iguarias
de tal modo emporcalha a inteligência
que toda reflexão se lhe escorrega.

(Entra Apemanto.)

Outro homem? Peste! Peste!

Apemanto · Vim até aqui seguindo alguns indícios
que me deram. Disseram-me que imitas
minha vida e meus gestos.

Timão · Então isso
só se dá por não teres um cachorro
que eu pudesse imitar. Que a consumpção
se apodere de ti.

Apemanto · Em ti tudo isso
não passa de uma natureza falsa,
uma melancolia miserável
e desumana, ocasionada pela
mudança da fortuna. Para quê este
lugar? a pá? esse hábito de escravo?
essa feição de dor? Os teu antigos
aduladores ainda vestem seda,
bebem vinho, em colchões macios deitam-se,
afagam suas doenças perfumadas
e se esqueceram de que houvesse um dia
existido Timão. Não envergonhes
a floresta, assumindo essa atitude
de censor inflexível. Sê agora
também adulador, para que possas
tirar partido de tua própria ruína.
Dobra o joelho, e que o sopro mais sereno
de quem cumprimentares faça longe
voar teu chapéu. O vício dele exalta,
chamando-lhe virtude. Assim fizeram
contigo, e tu te requebravas todo,
tal como bodegueiro que saúda
qualquer biltre que passa. Foi bem feito
tornares-te velhaco: se voltasses
a ter dinheiro, todos os velhacos
lucrariam com isso. Não procures
parecer-te comigo.

Timão · Se eu tivesse
tua aparência, fora me jogara.

Apemanto · Já te jogaste fora, parecendo-te
contigo mesmo: louco, muito tempo;
presentemente, um tolo. Quê! Presumes
que este ar glacial, violento camareiro,
te aquecerá a camisa? Ou que estas árvores
recobertas de musgo, que mais vida
têm do que as águias, hão de acompanhar-te
como pajem, em tudo obedecendo-te?
Que o frio regatinho, pela geada
cristalizado, irá trazer-te um caldo
de manhã cedo, para refazer-te
dos excessos da noite? Chama todos
os seres cuja natureza nua
os embates suportam do ar violento,
cujos corpos desnudos e sem teto
se expõem aos elementos em conflito,
à natureza em tudo conformados;
ordena a todos que te adulem, que hás de...

Timão · És um tolo. Retira-te!

Apemanto · Aprecio-te
agora mais do que antes.

Timão · E eu te odeio
mais, ainda.

Apemanto · Por quê?

Timão · Só porque adulas
minha miséria.

Apemanto · Não a adulo; digo
somente que és um pulha.

Timão · Por que causa
me procuraste?

Apemanto · Para atormentar-te.

Timão ·
Sempre o ofício de um tolo ou de um bargante.

Encontras prazer nisso?
APEMANTO · Encontro.
TIMÃO · Como!
Nesse caso, és velhaco?
APEMANTO · Se tivesses
ficado azedo assim e enregelado
para castigo de teu próprio orgulho,
teria sido bom; mas é forçado
que fazes tudo; cortesão voltaras
a ser, no caso de não estares pobre.
A pobreza espontânea sobrevive
de muito à pompa incerta: ela é sua própria
consagração. Uma não pára nunca
de absorver, sem jamais ficar saciada.
A outra a si mesma basta. Descontente,
a condição mais alta é miserável
e lastimosa, pior que a mais mesquinha
das condições, que esteja satisfeita.
Devias desejar a morte, sendo.
como és, tão miserável.
TIMÃO · Não, por ver-me
sugerido por quem é mais, ainda,
miserável do que eu. És um escravo
que nunca foi pelos macios braços
da Fortuna afagado. Cão nasceste.
Se tu, como nós outros, desde os cueiros
subido houvesses os degraus amenos
que concede este mundo transitório
aos que dispõem com toda a liberdade
de seu paciente fardo, era certeza
caíres na depravação de todos;
terias derretido a mocidade
nos leitos da luxúria; sem que nunca
tivesses aprendido as frias máximas
do respeito, no rasto seguirias
da caça açucarada. Eu, entretanto,
que por confeitaria tinha o mundo,
e a meu serviço o coração dos homens,
a língua, a boca, os olhos, sem de ofícios
suficientes dispor para eles todos
que, numerosos, só de mim pendiam
como as folhas o fazem do carvalho...
Mas um golpe do inverno, apenas, fê-los
cair dos galhos. Ora nu me encontro,
aos assaltos exposto das tormentas.
Suportar isso, para mim, que sempre
conheci a ventura, é alguma coisa.
Com sofrimento começou tua vida;
o tempo fez-te calejado nela.
Por que hás de odiar os homens? Que lhes deste?
Se amaldiçoar queres alguém, que seja
teu pai, esse frangalho que, por troça,
se uniu a uma mendiga, resultando
daí seres gerado; pobre-diabo
de nascimento. Fora! Vai-te embora!
Se do berço não fosses o pior homem,
terias sido adulador e biltre.
APEMANTO · Ainda mostras orgulho?
TIMÃO · Por saber-me
diferente de ti.
APEMANTO · E eu tenho orgulho
de não ter sido pródigo.
TIMÃO · E eu, por ainda
o ser neste momento. Se encerrasses
toda a minha fortuna, eu te daria
licença para te enforcares. Vai-te!
Oh! não se conter nisto toda a vida
de Atenas, para que eu a devorasse!
(Come uma raiz.)
APEMANTO · Toma isto, para melhorar o almoço.
TIMÃO · Começa melhorando a companhia,
com te ires logo embora.
APEMANTO · A minha é que hei de
melhorar, afastando-me depressa.
TIMÃO · Com isso a remendaras, simplesmente.
Se não, desejaria que assim fosse.
APEMANTO · Que desejas de Atenas?
TIMÃO · Que tu fosses
um tufão carregado. Se quiseres,
dize-lhes que eu tenho ouro. Olha: aqui o tenho.
APEMANTO · Nenhuma utilidade aqui tem o ouro.
TIMÃO · De todas, a melhor e verdadeira:
dorme, sem para o mal ser alugado.
APEMANTO · E quando chega a noite, onde te
deitas?
TIMÃO · Sob o que me recobre. E tu, Apemanto,
onde comes de dia?
APEMANTO · Onde o apetite encontra alimento, ou
melhor: onde o devoro.
TIMÃO · Desejara que o veneno conhecesse meus
pensamentos e me obedecesse.
APEMANTO · Para onde a mandarias?
TIMÃO · Para onde servisse de tempero para tua
comida.

shakespearebrasileiro.org

Apemanto · Nunca conheceste o meio-termo da humanidade; apenas seus extremos. Quando vivias em teus dourados e teus perfumes, todos riam de ti, por teu excesso de delicadeza; agora nesses trapos não a conheces, sendo desprezado pelo excesso oposto. Aqui tens uma nêspera; come-a.
Timão · Não me alimento do a que tenho ódio.
Apemanto · Odeias as nêsperas?
Timão · Sim, quando se parecem contigo.
Apemanto · Se tivesses odiado mais cedo as nêsperas dos intrometidos, terias agora mais amor a ti mesmo. Conheceste em algum tempo algum esbanjador que tivesse sido amado depois de ter perdido tudo o que possuíra?
Timão · E quem já conheceste que tivesse sido amado sem esses recursos de que falas?
Apemanto · Eu mesmo.
Timão · Compreendo-te; tinhas recursos para sustentar um cão.
Apemanto · Que é que no mundo todo te parece mais semelhante aos teus aduladores?
Timão · As mulheres. Mas os homens, os homens são a própria coisa. Que farias com o mundo, Apemanto, se dispusesses dele?
Apemanto · Dá-lo-ia aos animais, para ficar livre dos homens.
Timão · Desejaras, então, destruir-te com os demais homens, para te tornares um animal entre outros animais?
Apemanto · Sim, Timão.
Timão · Ambição bestial essa tua. Permitam os deuses que chegues a realizá-la. Se fosses leão, a raposa te enganaria; se fosses cordeiro, a raposa te devoraria; se fosses raposa, o leão teria suspeitas de ti, quando o asno, porventura, te acusasse; se fosses asno, tua estupidez te atormentaria, sendo que viverias apenas para servires de almoço para o lobo; se fosses lobo, tua voracidade te mortificaria, e muitas vezes terias de arriscar a vida para arranjar alimento; se fosses unicórnio, o orgulho e a cólera te perderiam e te fariam presa da própria fúria; se fosses urso, serias morto pelo cavalo; se fosses cavalo, o leopardo te apanharia; como leopardo, serias irmão do leão, conspirando contra tua vida as próprias manchas de teus parentes; toda tua segurança consistiria na fuga, e tua defesa, na ausência. Que animal poderias ser, que não estivesse sujeito a outro animal? E que animal é preciso que já sejas, para não compreenderes quanto perderias com semelhante transformação?
Apemanto · Se pudesses agradar-me conversando comigo, agora o terias conseguido. A república de Atenas transformou-se numa floresta de animais.
Timão · Como pôde o asno derrubar o muro, para que conseguisses sair da cidade?
Apemanto · Ali vêm um poeta e um pintor. Que a peste da companhia deles caia sobre ti. Com medo do contágio, vou tratando de ir embora. Quando não souber o que fazer, voltarei a procurar-te.
Timão · Quando fores o único ser vivo, serás muito bem-vindo. Preferira ser cachorro de mendigo a ser Apemanto.
Apemanto · Em todo o mundo o príncipe és dos tolos.
Timão · Oh! não seres bem limpo, porque em cima de ti eu escarrasse!
Apemanto · Possa a peste
te carregar! És tão ruim que a própria
maldição não te alcança.
Timão · Comparados
contigo ficam nobres os velhacos.
Apemanto · Senão lepra, nada há no que tu falas.
Timão · Quando digo teu nome. Se não fora
temer sujas as mãos, te bateria.
Apemanto · Quem dera que com a língua eu conseguisse
deixá-las podres, para que caíssem!
Timão · Fora daqui, filho de um cão sarnento!
A cólera me mata por viveres.
Só de ver-te, desmaio.
Apemanto · Quem me dera
que viesses a estourar!
Timão · Fora, velhaco
fastidioso! Lastimo a simples pedra
que tenho de atirar-te.

(Atira-lhe uma pedra.)

Apemanto · Besta!
Timão · Escravo!
Apemanto · Batráquio!
Timão · Biltre! Biltre! Miserável!
Causa-me náuseas esse mundo hipócrita.
Dele só aceitarei as mais prementes
necessidades. Desde já, Timão,
cava tua própria cova. Jazer deves

shakespearebrasileiro.org

onde a espuma das ondas diariamente
possam bater na lápide do túmulo.
Compõe teu epitáfio, porque a morte
possa em meu caso rir das outras vidas.
(Contempla o ouro.)
Oh doce regicida, caro agente
do divórcio entre pais e filhos, lúcido
profanador do tálamo mais puro
de Himeneu! Marte valoroso! Oh tu,
sedutor sempre jovem, delicado,
sempre querido, cujo rubro aspecto
faz derreter a neve consagrada
no regaço de Diana! Deus visível
que impossibilidade aproximas,
fazendo que se beijem, que te exprimes
em qualquer língua e para todo efeito!
Oh tu, pedra de toque verdadeira
dos corações! Supõe que se insurgiram
teus escravos, os homens, e por tua
virtude os lança num terrível caos,
para que os animais, o mando venham
a exercer neste mundo.
Apemanto · Que assim seja:
mas depois que eu morrer. Vou dar a nova
de que tens ouro; assim, terás visitas
em profusão.
Timão · Em profusão?
Apemanto · É isso.
Timão · Mostra-me as costas, por obséquio.
Apemanto · Vive
e ama tua miséria.
Timão · Assim consigas
viver e assim morrer.
(Sai Apemanto.)
Ora estou pago.
Mais seres de feições humanas? Come,
Timão, e lança a maldição em todos.
(Entram ladrões.)
Primeiro Ladrão · Onde poderá ele ter esse
ouro? Decerto não passa de porção insignificante,
resto miserável de sua fortuna. A falta de dinheiro
e a defecção dos amigos foi que o lançaram nessa
melancolia.
Segundo Ladrão · Corre o boato que ele tem um
grande tesouro.
Terceiro Ladrão · Façamos uma tentativa de
assalto; se ele não fizer conta do ouro, no-lo cederá
com facilidade. Mas se o guardar avaramente, de que
modo consegui-lo?
Segundo Ladrão · É certo; tanto mais que ele o
não traz consigo. O tesouro está escondido.
Primeiro Ladrão · Não será ele aquele ali?
Ladrões · Onde?
Segundo Ladrão · Pelos sinais que nos deram, é
ele mesmo.
Terceiro Ladrão · É ele; reconheço-o.
Todos · Bom dia, Timão.
Timão · Como! Ladrões?
Todos · Ladrões, não; soldados.
Timão · Ambos, nascidos de mulher.
Ladrões · Ladrões não somos, mas necessitados.
Timão · Vossa maior necessidade é a falta
de alimento. E por que sofrerdes falta?
A terra tem raízes. Vede: em uma
milha da redondeza nascem fontes
inumeráveis: os carvalhos se acham
carregados de landes; de escarlates
bagas as sarças. A ama generosa,
a natureza, em cada moita um prato
suculento vos dá. Falta? De quê?
Primeiro Ladrão ·
Não podemos viver de ervas, de bagas
nem de água, como os pássaros, os peixes
e os animais.
Timão · Sim; nem dos próprios peixes,
pássaros e animais. Precisaríeis
alimentar-vos de homens. Pouco importa!
Sou-vos grato porque roubais às claras,
sem assumirdes aparência santa;
que o mais vultoso roubo é praticado
nas profissões honestas. Aqui tendes ouro,
ladrões. Ide chupar o sutil sangue
da vinha até que a febre faça o vosso
fermentar até a escuma, libertando-vos,
assim, da justa força. Em nenhum médico
confieis, que seus remédios são veneno,
mais do que vós eles produzem dano.
Tomai a bolsa e, ao mesmo tempo, a vida:
executai as vossas vilanias,
já que vos declarais para isso prontos,
como profissionais. Vou demonstrar-vos
que a ladroíce é praticada em tudo.
O sol é um ladrão: com sua força
de atração ele rouba o vasto oceano.

shakespearebrasileiro.org

duvidar sempre, embora convencido —
não será ambiciosa e refalsada
essa amizade, não será bondade
de usurário, que os mimos multiplica,
para vinte por um ganhar na troca?
FLÁVIO · Não, meu digno senhor. Em vosso peito
a dúvida e a suspeita, ah! muito tarde
abrigo acharam. Oh! se o falso tempo
reconhecido houvésseis na grandeza!
Mas só medra a suspeita na tristeza.
É puro zelo o que vos mostro, sabe-o
perfeitamente o céu, amor, respeito
a vossa alma sem par, solicitude
por vossa subsistência e vossa vida.
Podeis acreditar-me,
meu honesto senhor: não trocaria
nenhum dos benefícios que o futuro
me reserva, ou as vantagens do presente,
por este único anelo: que tivésseis
poder e meios de recompensar-me
com vos tornardes rico novamente.

TIMÃO · Ora vê, é assim mesmo. Oh tu, criatura
singularmente honesta! Recebe isto,
recebe este tesouro que de minha
miséria os deuses te enviaram. Parte;
vive rico e feliz. Mas com uma única
condição: construirás longe dos homens;
amaldiçoa todos, não te apiades
de ninguém. Antes deixa que dos ossos
caia a carne faminta do que corras
a socorrer alguém. Dá aos cachorros
o que aos homens negares. Sejam todos
tragados pelos cárceres. Que as dívidas
os façam definhar; que sejam como
na virgem mata o tronco apodrecido,
destruindo-lhes a doença o sangue infido.
Assim, prospera e adeus.
FLÁVIO · Oh! consenti-me
ficar, senhor, para conforto vosso.
TIMÃO · Se temes maldições, não fiques. Foge
dos homens; a existência tens bendita;
não ver-te nunca para mim é dita.

(Saem por caminhos diferentes.)

Ato V · Cena I

Floresta diante da caverna de Timão.
Entram o poeta e o pintor.

PINTOR · Se estiver certa a indicação que me deram,
ele deve viver por estas imediações.
POETA · Que devemos pensar dele? Será verdadeiro
o boato de que está cheio de ouro?
PINTOR · É certo; Alcibíades o afirma; Frinéia e
Timandra receberam ouro das mãos dele. Com
vultosos donativos deixou rico, também, a uns
soldados vagabundos, e dizem que ele deu uma soma
considerável a seu intendente.
POETA · Então a sua falência não passava de artifício,
para pôr à prova alguns amigos.
PINTOR · Precisamente. Ainda havereis de
contemplá-lo como uma palmeira em Atenas,
florida até o cimo. Por isso, não é fora de propósito
hipotecarmos-lhe nossa afeição nesta pretensa
infelicidade. Parecerá probidade de nossa parte,
podendo muito bem ser que consigamos os nossos
intentos, se for verdade o que se diz de sua riqueza.
POETA · Que tendes agora para oferecer-lhe?
PINTOR · Neste momento, nada, tirante a própria
visita. Mas vou prometer-lhe uma obra-prima.
POETA · Vou servi-lo desse modo, falando-lhe de um
projeto que lhe diz respeito.
PINTOR · Excelente! Prometer é a nota do tempo:
abre os olhos da expectativa. A realização é
sempre grosseira, no próprio momento em que
se concretiza, e, a não ser entre a gente simples
e ingênua, está fora de uso isso de cumprir a
palavra dada. A promessa é mais cortês e mais de
acordo com a moda. A execução é uma espécie de
codicilo ou testamento que atesta doença grave no
julgamento do autor.

(Timão sai da caverna.)

TIMÃO *(à parte)* · Excelente artista! Jamais chegarás a
pintar um homem tão ruim como tu próprio.
POETA · Estou pensando no que hei de dizer-lhe a
respeito da obra que pretendo dedicar-lhe. Deverá
tratar da personificação dele mesmo, uma sátira
contra a moleza da prosperidade, com a denunciação

shakespearebrasileiro.org

de infinitas lisonjas que acompanham sempre a
mocidade e a opulência.
Timão *(à parte)* · Precisarás então figurar, em tua
própria obra, como miserável. Queres flagelar teus
próprios vícios nos outros homens? Faze isso, que
tenho ouro para ti.
Poeta · Como poderá ser?
Pecado é grande contra o próprio bem,
não só perder, mas retardar também.
Pintor · Justo.
Antes da noite escura, em pleno dia,
procura o que te falta, com alegria.
Vamos.
Timão *(à parte)* ·
Vou encontrar-vos na primeira volta.
Que deus é o ouro, para ser cultuado
num templo mais grosseiro que a pocilga!
És tu que o barco esquipas e as escumas
cortas do mar, fazendo que um escravo
seja tratado com respeito e estima.
A ti, pois, todo o culto. E que em futuro
sejam buscados pelas pestes todas
os santos que contigo fazem bodas.
Vou procurá-los logo.

(Adianta-se.)

Poeta · Salve, digno Timão!
Pintor · Que até bem pouco
foi nosso digno mestre.
Timão · Tive vida
bastante para ver dois homens sérios?
Poeta · Senhor,
tantas vezes havendo nós provado
de vossa larga mesa, ora soubemos
que retirado estais, abandonado
pelos amigos, cuja natureza
mais do que ingrata — oh espíritos monstruosos!
o céu não tem flagelos suficientes —
Como! Convosco,
cuja nobreza sideral influência
lhes dava e a própria vida! Estou confuso,
sem que possa cobrir a gigantesca
massa de ingratidão com nenhuns termos
próprios ao seu tamanho.
Timão · Que prossiga
nua, assim mesmo; dará mais na vista.
Honesto como sois, vosso caráter
mais conhecido deixará o deles.
Pintor · Eu e ele viemos sob a grande chuva
de vossos benefícios, sua influência
grata sempre a sentir.
Timão · Sim, sois honestos.
Pintor · Viemos oferecer-lhe nossos préstimos.
Timão · Oh! como vos pagar, criaturas sérias?
Comeis raízes? bebeis água fria?
Decerto, não.
Ambos · O que fazer pudermos,
faremos para ser-vos agradáveis.
Timão · Sois criaturas honestas. Certamente
o boato vos chegou de que eu tenho ouro.
Tenho certeza disso. Sede francos;
sois criaturas honestas.
Pintor · Em verdade,
nobre senhor, ouvimos falar nisso;
mas eu e meu amigo nos achamos
aqui por outra causa.
Timão · Oh gente honesta!
Como pintor de quadros, em Atenas
és o melhor. É certo: é a própria vida.
Pintor · Mais ou menos, senhor.
Timão · Não; como disse.
Quanto a tuas ficções, os versos correm
tão branda e suavemente que prossegues
natural na própria arte. Apesar disso,
meus honestos amigos, sou-vos franco:
um pequeno senão mostrais ainda.
Mas é coisinha à-toa; não desejo
que ao trabalho vos deis de corrigir-vos.
Ambos · Se vos fosse do agrado revelar-no-lo...
Timão · Podeis ficar zangados.
Ambos · Muito gratos,
meu senhor, ficaremos.
Timão · Em verdade?
Ambos · Não o duvideis, senhor.
Timão · Cada um de vós se fia num velhaco
que torpemente o engana.
Ambos · Acreditais
que seja assim, senhor?
Timão · Sabeis que mente,
dissimular o vedes, conhecendo
suas velhacarias. No entretanto,
lhe mostrais afeição, tratais bem dele,
ao peito o aconchegais, tendo certeza
de que não passa de um notório biltre.
Pintor · Não conheço, senhor, ninguém assim.

shakespearebrasileiro.org

Poeta · Nem eu.
Timão · Ora escutai-me. Amo-vos muito.
Dar-vos-ei ouro, quando me banirdes
de vossa companhia o miserável.
Com punhal o feri, ponde-o na forca,
jogai-o na latrina, exterminai-o
de qualquer jeito e vinde procurar-me,
que ouro vos darei muito.
Ambos · Dizei quem é, senhor, para o sabermos.
Timão · Ide por este lado; vós, por este,
que sempre sereis dois. Cada um à parte,
isolado, sozinho, em companhia
sempre andará de um consumado pulha.
(Mostrando o poeta ao pintor.)
Se não desejas que haja dois bargantes,
onde estiverdes, a ele não te achegues.
(Mostrando o pintor ao poeta.)
Se só queres morar onde haja apenas
um vilão, deves logo abandoná-lo.
Fora! Aqui tendes ouro. Miseráveis!
Viestes procurar ouro? Recompenso-vos
pelo que me fizestes. Fora! Fora!
Sois alquimistas; fazei ouro disto.
Fora, cães indecentes!
(Expulsa-os a pedradas e volta para a caverna.)
(Entram Flávio e dois senadores.)
Flávio · Debalde pretendeis falar com ele,
pois Timão a tal ponto está absorvido
dentro do próprio eu, que, tirante ele,
tudo o que se assemelha a um ser humano
lhe desperta ódio, apenas.
Primeiro Senador · Indicai-nos
sua caverna. Mensageiros somos
dos atenienses e lhes prometemos
conversar com Timão.
Segundo Senador · Nas diferentes
circunstâncias nunca o homem se conserva
consigo mesmo igual. O tempo e as mágoas
desse modo o deixaram. Ora que o tempo
com sua mão mais branda lhe oferece
a fortuna de seus primeiros dias,
pode fazer que volte a ser o que era.
Indicai-nos o ponto, e que resulte
disso seja o que for.
Flávio · Eis a caverna.
Haja neste lugar paz e alegria.
Senhor Timão! Timão! Mostrai-vos; vinde
conversar com amigos. Os de Atenas
vos saúdam por meio de dois graves
senadores. Nobre Timão, falai-lhes.
(Timão aparece na entrada da caverna.)
Timão · Oh tu, saudável sol, abrasa tudo!
Falai o que quiserdes e enforcai-vos.
Que na língua vos nasça uma flictena
para cada palavra, e que as mentiras
até a raiz as queimem, devastando-a
no ato de as proferirdes.
Primeiro Senador · Muito digno
Timão...
Timão · Digno de vós como o sois dele.
Segundo Senador · Timão, os senadores te saúdam,
senadores de Atenas.
Timão · Agradeço-lhes.
Quisera a peste enviar-lhes, se soubesse
onde é que ela se encontra.
Primeiro Senador · Esquece tudo
quanto nos deixa tristes por tua causa.
Os senadores, com amor unânime
a voltar te concitam para Atenas
e especiais dignidades te oferecem,
que se acham vagas para, com justiça,
te adornares com elas.
Segundo Senador ·
Em relação a ti, confessam todos
que foi geral a ingratidão, imensa.
Agora o Estado, que mui raramente
se retrata, no próprio corpo a falta
sentindo de Timão e percebendo
sua ruína, caso continue
a negar a Timão todo o socorro:
ora nos incumbiu de oferecer-te,
confessando-se todos pesarosos,
uma compensação que servir possa
de contrapeso a todas as ofensas
com rigor muito embora calculadas,
montes, sim, de afeição e de riqueza
que de teu coração farão que sumam
nossas ofertas, inscrevendo nele
toda nossa afeição, para que possas
considerá-la sempre como própria.
Timão · Com isso me deixais enfeitiçado,
ao limite das lágrimas levando-me.

shakespearebrasileiro.org

O coração me dai de um mentecapto
e de mulher os olhos, porque eu possa,
senadores, chorar vosso consolo.
Primeiro Senador ·
Assim, resolve-te a voltar conosco,
para de nossa Atenas — tua e nossa —
tomares o comando. Recebido
serás com ação de graças, absoluto
poder terás em mãos e teu bom nome
com glória viverá, logo que houvermos
repelido o furioso avanço desse
Alcibíades que, como um selvagem
javardo, arranca a paz da própria pátria.
Segundo Senador ·
E brande sua espada ameaçadora
sobre os muros de Atenas.
Primeiro Senador · Por tudo isso,
Timão...
Timão · Pois não, senhor, consinto em tudo,
meu senhor, deste modo: se Alcibíades
matar meus compatriotas, que Alcibíades
saiba que isso a Timão é indiferente.
Se ele a saco puser a bela Atenas
e arrastar pela barba nossos velhos
venerandos, jogando as santas virgens
aos ultrajes da guerra infame e bruta,
da guerra tresloucada, então fazei-o
saber — contai-lhe que Timão o disse —
que por piedade dos anciões de Atenas,
de nossa mocidade, é-me impossível
deixar de declarar-lhe que tudo isso
não me encomoda em nada e que suas facas
não poderão fazer-me mal, enquanto
vós tiverdes garganta em bom jeito.
Quanto a mim, vos declaro que não pode
haver no acampamento tulmutuoso
nenhuma faca que eu em maior conta
não tenha do que todas as gargantas
reverentes de Atenas. Ora entrego-vos
à proteção dos deuses benfazejos
como ladrões aos feros carcereiros.
Flávio · Vamos; é inútil tudo.
Timão · Agora mesmo
cuidava em escrever meu epitáfio.
Amanhã será visto. Minha doença
prolongada, de vida e de saúde,
já começa a ceder; vai dar-me o nada
tudo dentro de pouco. Ide! Vivei!
Que Alcibíades seja o vosso açoite;
vós, o dele, e que dure isso bastante;
Primeiro Senador ·
Em vão é que falamos.
Timão · Mas ainda amo
minha pátria, não sendo desses tipos
que com o naufrágio público se alegram,
como o boato propala.
Primeiro Senador · Bem falado.
Timão · Recomendai-me aos caros compatriotas...
Primeiro Senador ·
Essas palavras dignas são dos lábios
pelos quais elas passam.
Segundo Senador · Atingindo
nossas orelhas como os triunfadores
o fazem nos portões de aplausos plenos.
Timão · Recomendai-me a todos, e dizei-lhes
que para os aliviar de seus desgostos,
o temor e hostis golpes, dores, perdas,
sofrimentos de amor e os incontáveis
achaques próprios da vasilha frágil
de nossa natureza no caminho
vacilante da vida, determino
compaixão revelar-lhes, ensinando
como evitar a fúria de Alcibíades.
Segundo Senador · Agrada-me isto; vai voltar
conosco.
Timão · Junto aqui da caverna tenho uma árvore
que por necessidade sou forçado,
dentro de pouco, a derrubar. A Atenas
dizei, portanto, a todos amigos,
à nobreza não só, também ao povo,
que quem quiser das aflições livrar-se,
venha enforcar-se logo, antes de o gume
do machado sentir minha bela árvore.
Levai-lhes minhas saudações, vos peço.
Flávio · Não o perturbeis, é o que vos digo; sempre
o havereis de encontrar do mesmo modo.
Timão · Não retorneis; porém dizei a Atenas
que Timão fez sua última morada
no limite da praia do mar salso,
que diariamente hão de cobrir as ondas
turbulentas com sua branca espuma.
Ide até lá, fazendo que se torne
vosso oráculo a pedra de meu túmulo.
Lábios, fazei cessar o amargo verbo,

shakespearebrasileiro.org

pondo fim à linguagem. Corretivo
do mal a peste seja, sempre ativo.
De todos seja a morte o galardão.
Morre, oh sol! Cessou o reino de Timão.

(Sai.)

PRIMEIRO SENADOR ·
Seu descontentamento é inseparável da própria natureza.

SEGUNDO SENADOR ·
Com ele morrem nossas esperanças.
Voltemos para ver se ainda nos restam
meios que possam vir em nosso auxílio
neste grande perigo.
PRIMEIRO SENADOR · Há muita urgência.

(Saem.)

Ato V · Cena II

Diante dos muros de Atenas.
Entram dois senadores e um mensageiro.

PRIMEIRO SENADOR ·
Tuas revelações são dolorosas.
Suas forças são tão consideráveis
como nos relataste?
MENSAGEIRO · Disse o menos,
que a pressa com que marcha é indicadora
de próxima chegada.
SEGUNDO SENADOR · Se com eles
Timão não vier, é grave a situação.
MENSAGEIRO · Encontrei um correio, velho amigo.
Muito embora estejamos alistados
em partidos opostos, obrigou-nos
a conservar nossa amizade antiga,
como amigos de fato. Essa pessoa
vinha à caverna de Timão, da parte
de Alcibíades e era portadora
de cartas insistentes para que ele
na guerra entrasse contra vosso burgo,
que em parte fora começada para,
justamente, vingá-lo.
PRIMEIRO SENADOR · Eis nossos manos.

(Entram os senadores que estiveram com Timão.)

TERCEIRO SENADOR ·
Não faleis em Timão; da parte dele
nada espereis. Já se ouvem os tambores
dos inimigos e as fileiras densas
de poeira entopem o ar. Entremos logo.
A razão esta hipótese perfilha:
preparou-nos o imigo uma armadilha.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Diante da caverna de Timão. Vê-se uma sepultura tosca.
Entra um soldado, à procura de Timão.

SOLDADO · Segundo a descrição, deve ser esta.
Quem está aí? Olá! Ninguém responde?
Que será isto? Morto está Timão;
cumpriu seu fado, que isto é construção
de alguma fera, não morada de homem.
Morreu, é certo, e aqui está seu túmulo.
Não sei ler o que está escrito nele,
mas uma cópia vou tirar com cera.
O general conhece qualquer letra;
embora moço, é velho na experiência.
Diante de Atenas tem o acampamento;
com sua queda coroará o intento.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena IV

Diante dos muros de Atenas.
Soam tambores. Entra Alcibíades, com tropas.

Alcibíades · Contai nossa chegada irresistível
à cidade covarde e voluptuosa.
(Toque para parlamentar.)
(Aparecem senadores sobre o muro.)
Até hoje encher o tempo conseguistes
com a medida do arbítrio, impondo vossa
vontade como norma da justiça.
Eu e quantos dormíamos à sombra
de vossa força andávamos de braços
cruzados, exalando inutilmente
todo o nosso sofrer. Porém agora
o tempo está maduro. A comprimida
medula, forte pelo próprio esforço,
grita: "Basta!" A justiça esbaforida
comodamente agora vai sentar-se
nas cadeiras macias que deixardes
e a asmática insolência vai o fôlego
perder no medo de uma fuga louca.
Primeiro Senador ·
Oh nobre moço! quando tuas queixas
não passavam de simples pensamentos,
antes de teres força, e nós motivo
de receio, mandamos procurar-te
para bálsamo pôr em tua cólera
e nossa ingratidão deixar desfeita
com provas suficientes de amizade.
Segundo Senador ·
Para o amor da cidade em vão tentamos
trazer Timão que tão mudado se acha,
com mensagens humildes e convite
compensador. Nem todos poderemos
ser chamados de ingratos, não devendo,
assim, todos cair sob os embates
impiedosos da guerra.
Primeiro Senador · Estas muralhas
erigidas não foram pelos braços
que afronta, de começo, vos causaram,
não sendo ela de molde que estas torres
grandiosas, os troféus, nossas escolas
a cair venham pela culpa deles.
Segundo Senador ·
Já não vivem, também, os que primeiro
pediram vosso exílio. Envergonhados
de tão faltos se verem de prudência,
o desespero o coração quebrou-lhes.
Assim, penetra em nossos muros, nobre
comandante, com teus pendões ao vento.
Recolher faze o décimo da morte,
se não repugna à fome da vingança
o que repele a própria natureza.
Pelos dados manchados morram logo
todos quantos manchados estiverem.
Primeiro Senador ·
Não, nem todos erraram; não é justo
vingar nos vivos o erro dos defuntos.
Não se herda o crime como se herdam terras.
Assim, meu caro compatriota, faze
que tuas tropas entrem na cidade,
mas do lado de fora deixa a fúria.
Poupa teu berço ateniense e o sangue
dos parentes que fora inevitável
derramar na explosão de tua cólera
com o dos que te ofenderam. Semelhante
nisso ao pastor, achega-te às ovelhas,
aparta as infectadas, mas não mates
todas de um golpe só.
Segundo Senador · O que desejas
mais fácil te será obter com risos
do que cortar com o fio de tua espada.
Primeiro Senador ·
Toca com o pé, de leve, em nossas portas
fortificadas, que elas vão abrir-se,
se o coração gentil enviares antes,
para dizer-nos que entras como amigo.
Segundo Senador ·
Atira a tua luva ou qualquer outro
penhor de honra, que usares tão-somente
para reparação de tuas mágoas,
não para nossa perda, e teu exército
acampará dentro de nossos muros,
até que te tenhamos dado plena
satisfação.
Alcibíades · Então, eis minha luva.

shakespearebrasileiro.org

Descei e abri as não batidas portas.
Os inimigos de Timão, apenas,
e os meus, que à punição nos entregardes,
a vida perderão. E porque vossas
inquietações esfeitas fiquem logo
por minha alta intenção: nenhum soldado
seu posto deixará, nem há de o curso
perturbar da justiça nos limites
de vossos muros, sem que seja entregue
às vossas leis comuns sob as mais graves
responsabilidades.

AMBOS · Nobre dito.

ALCIBÍADES · Descei, então, e o pacto confirmemos.

(Os senadores descem e abrem as portas.)

(Entra um soldado.)

SOLDADO · Meu nobre general, morreu Timão.
À beira-mar se encontra a sepultura.
Na pedra tumular há um escrito
que eu decalquei em cera. Ora interpreta
para minha ignorância o molde brando.

ALCIBÍADES · "Corpo indigno aqui jaz; nome não tive.
Possa a peste arrasar tudo o que vive.
Aqui dorme Timão; maldize e passa.
Não tenhas alegria, só desgraça."
Embora horror, apenas, tu sentisses
por nossa dor humana, e desprezasses
as correntes de lágrimas, as gotas
que cair deixa a natureza sórdida:
ensinou-te teu rico pensamento
a fazer que Netuno eternamente
chorasse em tua sepultura humilde
tuas faltas perdoadas. Voltaremos
depois a falar nele. Para o burgo
conduzi-me, porque eu alie o ramo
de oliveira a meu gládio. Seja a guerra
geradora da paz, não deixando esta
que aquela alento cobre. Ambas, assim,
passarão a mutuar remédio afim.
Toquemos os tambores.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Personagens

Caio Márcio, depois Caio Márcio Coriolano.

Tito Lárcio, Comínio } generais contra os volscos.

Menênio Agripa, amigo de Coriolano.

Sicínio Veluto, Júnio Bruto } tribunos do povo.

O jovem Márcio, filho de Coriolano.
Um arauto romano.
Tulo Aufídio, general dos volscos.
Tenente de Aufídio.
Conspiradores com Aufídio.
Nicanor, um romano.
Um cidadão de Ântio.
Adriano, um volsco.
Dois guardas volscos.
Volúmnia, mãe de Coriolano.
Vergília, mulher de Coriolano.
Valéria, amiga de Vergília.
Damas, ao serviço de Vergília.
Senadores romanos e volscos, patrícios, edis, lictores, soldados, cidadãos, mensageiros, criados de Aufídio e outros servidores.

Cena

Roma e arredores; Coriolos e arredores; Ântio.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Entra um grupo de cidadãos amotinados, com bastões, varas e outras armas.

PRIMEIRO CIDADÃO · Antes de irmos adiante, ouvi-me.
TODOS · Falai! Falai!
PRIMEIRO CIDADÃO · Estais mesmo decididos a morrer, de preferência a passar fome?
TODOS · Estamos! Estamos!
PRIMEIRO CIDADÃO · Inicialmente, sabeis que Caio Márcio é o principal inimigo do povo.
TODOS · Sabemos! Sabemos!
PRIMEIRO CIDADÃO · Matemo-lo, portanto, e teremos trigo pelo preço que bem entendermos. Resolvido?
TODOS · A esse respeito, nem mais uma palavra. Passemos à ação. Vamos! Vamos!
SEGUNDO CIDADÃO · Uma palavra, bons cidadãos.
PRIMEIRO CIDADÃO · Somos tidos na conta de cidadãos pobres; só os patrícios é que são bons. O que deixa fartos os dirigentes bastaria para aliviar-nos. Se nos cedessem apenas as sobras deles, que ainda estivessem em boas condições, poderíamos imaginar que eles nos aliviavam humanamente. Mas acham que somos por demais caros. A magreza que nos aflige, retrato de nossa miséria, é como que o inventário minucioso da riqueza de todos eles. Para eles nosso sofrimento é lucro. Vinguemo-nos, portanto, com nossos bastões, antes de ficarmos reduzidos a ripas; pois os deuses sabem que o que me faz dizer isso é a fome de pão, não a sede de vingança.
SEGUNDO CIDADÃO · Quereis agir especialmente contra Caio Márcio?
PRIMEIRO CIDADÃO · Contra ele em primeiro lugar; é um verdadeiro cão para o povo.
SEGUNDO CIDADÃO · Já pensastes nos serviços que ele prestou ao país?
PRIMEIRO CIDADÃO · Perfeitamente, e com muito gosto lhe faria por isso boas referências; mas ele se apaga com o próprio orgulho.
SEGUNDO CIDADÃO · Ora! Falai sem maldade.
PRIMEIRO CIDADÃO · É o que vos digo. O que ele fez de glorioso foi apenas para esse fim. Muito embora as pessoas de consciência delicada possam dizer com suficiência que ele fez tudo isso pela pátria, fê-lo para agradar a mãe e por causa do seu próprio orgulho, que, sem dúvida, vai de par com seu merecimento.
SEGUNDO CIDADÃO · Considerais vício nele o que é inerente à sua natureza. Pelo menos não podereis dizer que ele seja cúpido.
PRIMEIRO CIDADÃO · Se não posso dizê-lo, nem por isso fico sem acusações contra ele. Tem defeitos de sobra, que cansaria enumerar. *(Gritos ao longe.)* Que gritos serão esses? O outro lado da cidade já se revoltou. E nós que fazemos aqui, a tagarelar? Ao Capitólio!
TODOS · Vamos! Vamos!
PRIMEIRO CIDADÃO · Silêncio! Quem vem aí?
(Entra Menênio Agripa.)
SEGUNDO CIDADÃO · É o digno Menênio Agripa. Sempre se mostrou amigo do povo.
PRIMEIRO CIDADÃO · É muito honesto. Quem nos dera que todos fossem como ele.
MENÊNIO ·
Que tendes, meus concidadãos, em mira?
Para onde ides com paus e cachaporras?
Que se passa? Dizei-me, por obséquio.
PRIMEIRO CIDADÃO · Nossa causa não é desconhecida do senado; nestes quinze dias eles já farejaram o que pretendemos fazer e que vamos mostrar-lhes agora com os próprios fatos. Eles dizem que os suplicantes pobres têm fôlego comprido; mas hão de ver que nossos braços também são compridos.
MENÊNIO · Mestres, caros amigos, bons vizinhos, quereis arruinar-nos?
PRIMEIRO CIDADÃO · Isso não será possível, senhor; já estamos arruinados.
MENÊNIO · Acreditai-me, amigos: os patrícios
têm por vós todos a mais caridosa
solicitude. Com respeito a vossas
necessidades e o que estais sofrendo
com essa carestia, tanto vale
bater no céu com todas essas armas,
como jogá-las no romano Estado,

shakespearebrasileiro.org

que seguirá seu curso, arrebentando
dez mil freios mais fortes do que quanta
resistência pudésseis antepor-lhe.
No que respeita à carestia — os deuses,
não os patrícios, são seus causadores —
remédio lhe virá de vossos joelhos,
não dos braços. Oh céus! Fostes levados
pela calamidade aonde maiores,
ainda, vos esperam. Caluniastes
os pilotos do Estado, que de todos
vós cuidam como pais, sempre zelosos,
enquanto os insultais como a inimigos.

Primeiro Cidadão · Cuidam de nós? Muito certo, realmente! Nunca se incomodaram conosco; deixam-nos morrer de fome, enquanto seus celeiros estão abarrotados de trigo; promulgam editos sobre a usura, para favorecerem os onzeneiros; revogam diariamente dispositivos estabelecidos contra os ricos e promulgam todos os dias estatutos cada vez mais vexatórios, para encadear e oprimir o povo. Se as guerras não nos devorarem antes, eles o farão. É esse todo o amor que revelam a nosso respeito.

Menênio · De duas uma:
ou confessais que sois muito maldosos,
ou tolos por demais. Vou relatar-vos
uma fábula muito interessante.
Decerto a conheceis; mas como serve
muito bem a meus fins, vou arriscar-me
a contá-la de novo.

Primeiro Cidadão · Muito bem; vamos ouvi-la, senhor; mas não vades imaginar que podereis chasquear de nossa miséria com uma fabulazinha qualquer. Não tem importância; quando quiserdes, poderei principiar.

Menênio ·
Contra o estômago os membros se insurgiram
certo dia, acusando-o de no meio
do corpo colocar-se, preguiçoso
sempre e inativo, e, como sorvedouro,
absorver, insaciável, a comida.
sem nunca contribuir com sua parte
para o comum trabalho, enquanto os outros
órgãos viam, andavam, refletiam,
sentiam e falavam, contribuindo
cada um, assim, com sua parte, para
proverem às comuns necessidades
e apetites do corpo. Respondeu-lhes
o estômago...

Primeiro Cidadão · Ora bem, senhor: qual foi a resposta do estômago?

Menênio ·
Vou dizer-vos, senhor. Com uma espécie
de sorriso, que não se originava
dos pulmões, um sorriso deste modo —
pois, no final de contas, tanto posso
dotar o estômago de fala como
fazer que ele sorria — com um sorriso
desdenhoso falou aos insurrectos,
aos membros sediciosos que invejavam
suas atividades absorventes,
tal como ora fazeis, só por maldade,
com nossos senadores, por não serem
em tudo iguais a vós.

Primeiro Cidadão · Mas a resposta do estômago? Que disse? Se a cabeça
de real coroa, os olhos vigilantes,
o conselheiro coração, os braços
nossos soldados, os corcéis — as pernas —
a língua nosso trombeteiro e as outras
aparelhagens e menores peças
de nossa construção, se todos, disse...

Menênio · E então? E então? Mas como ele é eloqüente!
E então, que aconteceu?

Primeiro Cidadão · Se todos ficam
lesados pelo estômago voraz,
que é a sentina do corpo...

Menênio · Bem, e agora?

Primeiro Cidadão ·
Se eles, os principais, fizeram queixa,
que poderia responder o estômago?

Menênio · Já vou dizer-vos. Se me concederdes
um pouco do que quase nada tendes,
que é paciência, direi sua resposta.

Primeiro Cidadão · Quantas voltas fazeis para dizê-la!

Menênio · Atenção, caro amigo! Nosso estômago,
sempre grave, manteve-se tranqüilo,
sem revelar exaltação nenhuma,
como seus detratores. Deste modo
lhes respondeu: "É certo, meus amigos
incorporados", disse, "que eu recebo,
antes de outro qualquer, todo o alimento

shakespearebrasileiro.org

quem declina; a facções diversas se unem,
conjeturais alianças põem por terra,
reforçam seus partidos e enfraquecem
os que no desagrado lhes caíram,
pondo-os abaixo dos sapatos rotos.
Acham que há muito trigo? Se a nobreza
pusesse a compaixão de lado e a espada
deixasse que eu usasse, logo um monte
faria de pedaços desses biltres,
da altura desta lança.

MENÊNIO · Não; estes estão já persuadidos,
pois embora lhes falte em grande escala
qualquer discernimento, são covardes
a mais não poder ser. Mas, por obséquio,
que diz o outro magote?

MÁRCIO · Dispersaram-se.
Que se enforquem! Disseram-se esfomeados.
Sopravam certas máximas: que a fome
rompe muralhas; ou que até cachorro
precisa de alimentos; que comida
foi feita para as bocas, e que os deuses
não deram trigo apenas para os ricos.
Com esses trapos é que fazem vento
para suas lamúrias. Responderam-lhes,
e tendo sido satisfeito numa
das exigências — coisa perigosa,
de arrebentar o próprio coração
da generosidade e deixar pálido
o poder mais altivo — logo os gorros
a jogar para cima começaram,
como se pretendessem espetá-los
lá nos cornos da lua, arrefecendo
de pronto a grande ardência.

MENÊNIO · E que vitória
aí alcançaram?

MÁRCIO · A de terem cinco
tribunos, por escolha livre deles,
para defesa da sabedoria
do populacho. Júnio Bruto é um deles,
e Sicínio Veluto, e... os outros. — Bolas! —
Como posso saber? Destelharia
primeiro essa canalha Roma inteira,
antes de obter de mim uma tal coisa.
O tempo os deixará mais fortes, sobre
dar nascimento a temas de mais peso,
para novas revoltas.

MENÊNIO · É curioso!

MÁRCIO · Ide embora, fragmentos! Para casa!

(Entra apressadamente um mensageiro.)

MENSAGEIRO ·
Onde está Caio Márcio?

MÁRCIO · Aqui. Que é que houve?

MENSAGEIRO ·
Senhor, a novidade é que esses volscos
estão em armas.

MÁRCIO · Muito isso me alegra;
assim, teremos oportunidade
de ventilar um pouco as nossas sobras
emboloradas. Vede, aí vêm vindo
nossos graves anciões.

(Entram Comínio, Tito Lárcio e outros senadores; Júnio Bruto e Sicínio Veluto.)

PRIMEIRO SENADOR · Márcio, é verdade
quanto nos referistes não faz muito:
que se haviam os volscos levantado.

MÁRCIO · É que eles têm um chefe, Tulo Aufídio,
que vos dará trabalho. Tenho inveja,
confesso-o, da nobreza que lhe é própria.
Não fosse eu ser eu mesmo, desejara
ser ele, tão-somente.

COMÍNIO · Já tivestes
ocasião de com ele medir forças.

MÁRCIO · Se metade do mundo se encontrasse
com a outra parte em luta, e ele estivesse
do meu lado, eu passara para o imigo,
só para o combater, só pelo orgulho
de caçar esse leão.

PRIMEIRO SENADOR · Então, meu digno
Márcio, servi sob a ordem de Comínio.

COMÍNIO · Assim o prometestes.

MÁRCIO · Sim, confirmo,
senhor, minha promessa; sou constante.
Tito Lárcio, hás de ver-me novamente
atacar Tulo Aufídio. Como! Coxo?
Vais ficar fora?

TITO · Não, meu Caio Márcio;
antes firmar-me numa das muletas
e combater com a outra, do que ver-me
excluído dessa pugna.

MENÊNIO · Oh sangue nobre!

PRIMEIRO SENADOR · Ide conosco até o Capitólio,
onde os nossos melhores companheiros,
tenho certeza, estão à nossa espera.

shakespearebrasileiro.org

Tito *(a Comínio)* · Ide na frente. *(A Márcio.)*
Acompanhai Comínio;
seguiremos atrás. A precedência
o mérito é que indica.
Comínio · Nobre Márcio!
Primeiro Senador *(aos cidadãos)* ·
A vossas casas recolhei-vos. Vamos!
Márcio ·
Não; que nos sigam todos. Têm os volscos bastante
trigo; levai esses ratos
para roerem os celeiros deles.
Dignos amotinados, vosso brio
já começa a dar frutos. Vinde! Vinde!
(Saem os senadores, Comínio, Márcio, Tito e Menênio: os cidadãos se dispersam.)
Sicínio · Há alguém, como este Márcio, tão soberbo?
Bruto · Não há ninguém como ele.
Sicínio · Quando escolhidos fomos para o cargo
de tribunos do povo...
Bruto · Não notastes
os olhos dele e os lábios?
Sicínio · Não; apenas
seus sarcasmos.
Bruto · Achando-se irritado,
não teme criticar os próprios deuses.
Sicínio · Nem fazer troça da modesta lua.
Bruto · Que esta guerra o devore! Está ficando
muito inflado de sua valentia.
Sicínio · Tal natureza, lisonjeada pelo
grande êxito, desdenha a própria sombra
em que pisa de dia. Só me admiro
de que sua insolência se conforme
em ficar sob o mando de Comínio.
Bruto · A fama a que ele visa e que de graças
já o cumulou bastante, nunca pode
ser obtida tão bem como num posto
subalterno ao primeiro, porque todos
os reveses à conta são lançados
do general somente, muito embora
este tivesse feito o que cabia
nos recursos humanos, e a censura
leviana, então, houvera proclamado:
"Oh! se Márcio estivesse à frente disto!"
Sicínio · Além do mais, correndo bem as coisas,
a opinião, que de Márcio tanto pende,
roubará de Comínio todo o mérito.
Bruto · Sim; metade das glórias de Comínio
será de Márcio, muito embora Márcio
não as tenha ganhado, e suas faltas
redundarão, também, em glória deste,
enquanto não lhe caiba nenhum mérito.
Sicínio · Vamos saber agora as providências
determinadas e com que recursos,
além de seu valor, ele se apresta
para a presente guerra.
Bruto · Vamos logo.
(Saem.)

Ato I · Cena II

Coríolos. O senado.
Entram Tulo Aufídio e senadores.

Primeiro Senador · Assim, Aufídio, sois de parecer
que os de Roma conhecem nossos planos
e a par estão de quanto ora intentamos.
Aufídio · Não é o vosso também? Qual é a idéia
que já foi agitada em nosso Estado
e em nosso Estado realizar-se pôde
sem que, antes, Roma a não deixasse frustra?
Há quatro dias, só, ouvi sobre isso,
estas mesmas palavras... Não, presumo
que a carta está comigo. Aqui está ela.
"Aliciaram soldados; não se sabe,
porém, se é para leste ou para oeste.
É grande a carestia; amotinado
se acha o povo, e o boato está correndo
por aqui fora que Comínio, Márcio,
vosso velho inimigo — mais odiado
da própria Roma do que de vós mesmo —
e Tito Lárcio, esse viril romano,
que os três dirigirão os contingentes
para onde se destinam, sendo quase
certo que é contra vós. Pensai no caso."
Primeiro Senador ·
Já temos nossas forças na campanha.
Não duvidamos nunca de que prontos
para a guerra os romanos estivessem.
Aufídio · Nem se vos figurou nunca tolice
guardar sigilo sobre o plano ousado,

shakespearebrasileiro.org

até que por si mesmo se mostrasse.
Mas pelo jeito, Roma soube disso
ainda na chocadeira. Semelhante
particularidade nos encurta
demais o plano de tomar de assalto
muitas cidades antes de ter Roma
notícia de que estávamos em campo.
Segundo Senador · Assumi vosso posto, nobre Aufídio,
tomando logo a direção das tropas.
De guarda ficaremos em Coriolos.
Se eles vierem cercar-nos, trazei logo
para aqui vossos homens. Mas eu penso
que seus preparativos não vos visam.
Aufídio · Oh! não o duvideis; falo com provas.
Mais, ainda: uma parte de seus homens
já está em marcha, e para nossas bandas.
Deixo Vossas Nobrezas. Se eu e Caio
Márcio nos encontrarmos, já fizemos
o juramento de lutar sem pausa,
até que um de nós dois fique por terra.
Todos · Que os deuses vos assistam.
Aufídio · E conservem
Vossas Honras em paz.
Primeiro Senador · Adeus.
Segundo Senador · Adeus.
Todos · Adeus.

(Saem.)

Ato I · Cena III

Roma. Um quarto em casa de Márcio.
Entram Volúmnia e Vergília; sentam-se em dois tambores e começam a costurar.

Volúmnia · Cantai alguma coisa, filha, por
obséquio, ou exprimi-vos por qualquer outro modo
prazenteiro. Se meu filho fosse meu marido, eu me
mostraria mais alegre com essa ausência, em que
ele ganha honra, do que com os abraços do leito
nupcial com que ele me testemunhasse mais amor.
Quando ele ainda era grácil de corpo e o único filho
de minhas entranhas; quando sua adolescência,
com a graça muito própria, atraía todos os olhares;
quando qualquer outra mãe, ainda que instada
durante um dia todo por um Rei, não se teria
privado de uma hora da satisfação de contemplá-lo:
eu, considerando que o mais adequado adorno de
sua beleza seria a glória e que ele valeria tanto como
um quadro pendurado na parede, se aquela não o
animasse, aprazia-me em mandá-lo procurar perigo
onde pudesse encontrar a fama. Mandei-o para uma
guerra cruel, de onde ele retornou com a fronte
coroada de louros. Digo-te, filha, que não foi menor
a minha alegria ao ouvir que havia dado à luz um
varão, do que ao saber pela primeira vez que ele se
afirmara como homem.
Vergília · Mas se ele tivesse morrido nesse
negócio, senhora: que aconteceria depois?
Volúmnia · Depois, o meu filho ficaria sendo seu
belo nome, que me teria dado posteridade. Permite
que te confesse com sinceridade: se eu tivesse
uma dúzia de filhos, todos iguais em meu amor,
e nenhum menos caro do que o teu e o meu bom
Márcio, preferira ver onze morrer nobremente por
sua pátria a que um somente se fartasse numa inação
cheia de volúpia.

(Entra uma dama.)

Dama · A senhora Valéria veio ver-vos.
Vergília · Dai-me licença para retirar-me.
Volúmnia · Não; de jeito nenhum. Só me parece
que ouço o tambor, daqui, de vosso esposo;
vejo-o a puxar pelo cabelo Aufídio,
fugindo dele os volscos como as crianças
fogem dos ursos; vejo-o como bate
com o pé no chão, assim, e como grita:
"Poltrões, segui-me! Concebidos fostes
no medo, embora em Roma ao mundo viésseis!"
A fronte ensangüentada, então, limpando
com a mão de malha, segue para diante,
tal como o ceifador que recebera
por tarefa segar toda a lavoura,
se receber quiser o estipulado.
Vergília · A fronte ensangüentada! Oh não! Por Júpiter!
Sangue, não!
Volúmnia · Oh! calai-vos, minha tola.
Sangue é adorno mais belo, para os homens,
do que troféu dourado. O seio de Hécuba

shakespearebrasileiro.org

amamentando Heitor, mais agradável
aparência não tinha do que a fronte
do próprio Heitor, quando estilava sangue
nos prélios contra os gregos. — A Valéria
dize que ela é bem-vinda a nossa casa.

(Sai a dama.)

Vergília · Que os céus amparem meu marido contra o terrível Aufídio!

Volúmnia · Ele há de a fronte
fazer vergar de Aufídio até os joelhos,
e o pescoço pisar-lhe.

(Volta a dama com Valéria e um porteiro.)

Valéria · Minhas senhoras, bom dia para ambas.

Volúmnia · Querida senhora!

Vergília · Alegro-me por Vossa Graça.

Valéria · Como estais passando? Ambas sois notoriamente caseiras. Que estáveis cosendo? Belo modelo, em verdade. Como está vosso filhinho?

Vergília · Fico muito agradecida a Vossa Graça: está passando bem, minha boa senhora.

Volúmnia · Ele prefere ver espadas e ouvir tambor, a olhar para o mestre-escola.

Valéria · Dou minha palavra em como é igualzinho ao pai. Iria jurar que é uma criança linda. Por minha fé, na quarta-feira eu o contemplei durante meia hora: tem uma fisionomia decidida. Vi-o correr empós de uma borboleta dourada; depois de a ter pegado, soltou-a de novo; depois, tornou a persegui-la por várias vezes, sempre a correr atrás dela, até tornar a apanhá-la. Por último, ou por ter ficado exasperado por ter caído, ou por outra razão qualquer, rangeu os dentes assim e a despedaçou. Oh! deveríeis ter visto como a deixou em pedacinhos!

Volúmnia · Revela os mesmos caprichos do pai.

Valéria · Realmente; é uma nobre criança.

Vergília · É muito esperto, minha senhora.

Valéria · Vamos, ponde de lado essa costura; passareis comigo a tarde de hoje como donas de casa desocupadas.

Vergília · Não, minha boa senhora; hoje não porei os pés fora da porta.

Valéria · Não poreis os pés fora da porta?

Volúmnia · Sim, sim; ela o fará.

Vergília · Não, não, se mo permitirdes. Não transporei o umbral da casa enquanto meu senhor não voltar da guerra.

Volúmnia · Ora! Encarcerais-vos por maneira absurda. Vamos; precisais ir visitar a boa senhora que teve criança.

Vergília · Almejo-lhe pronto restabelecimento e a visitarei com minhas orações, mas não poderei ir à sua casa.

Volúmnia · E por quê, pergunto-vos?

Vergília · Não será para furtar-me a esse trabalho, nem por falta de amizade.

Valéria · Deveríeis ser uma segunda Penélope. No entanto, há quem diga que toda a lã que ela fiou na ausência de Ulisses só serviu para encher Ítaca de traças. Vinde; desejara que vossa cambraia fosse tão sensível quanto vossos dedos, para que, por compaixão, deixasses de espetá-la. Vamos; tereis de sair conosco.

Vergília · Não, minha boa senhora; desculpai-me, mas não sairei de casa.

Valéria · Por minha fé, vinde comigo, que vos darei excelentes notícias de vosso esposo.

Vergília · Oh! minha boa senhora; não pode ter chegado ainda nenhuma notícia.

Valéria · É certo; não estou brincando: chegaram notícias ontem à tarde.

Vergília · É verdade, senhora?

Valéria · Falando com toda a seriedade: é certo. Ouvi-as da boca de um senador. Passou-se deste modo: os volscos têm em campo um exército, contra o qual partiu Comínio, na qualidade de general, com parte de nossas forças romanas. Vosso marido e Tito Lárcio puseram cerco à cidade de Coríolos. Eles não têm a menor dúvida com respeito à vitória e ao término da campanha. Eis a verdade, por minha honra. Assim, vos peço, vinde conosco.

Vergília · Perdoai-me, minha boa senhora; porém mais tarde vos serei obediente em tudo o mais.

Volúmnia · Deixemo-la sozinha, minha senhora; no estado em que está, só poderá estragar-nos a alegria.

Valéria · Realmente, é também o que penso. Passai bem, então. Vamos, boa e querida senhora. Por obséquio. Vergília, põe tua solenidade porta fora e vem passear conosco.

Vergília · Não, decididamente, minha senhora.

Valéria · Está bem. Então, adeus.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena IV

Diante de Coriolos.
Entram com tambores e estandartes Márcio, Tito Lárcio, oficiais e soldados.
Depois, aproxima-se um mensageiro.

MÁRCIO · Ali vem novidade. Apostar quero
em como houve combate.
LÁRCIO · Meu cavalo
contra o vosso: não houve.
MÁRCIO · Aceito.
LÁRCIO · Aceito.
MÁRCIO · Dize: encontrou o general os volscos?
MENSAGEIRO · Estão à vista, mas não se falaram.
LÁRCIO · O bom cavalo é meu.
MÁRCIO · Compro-o de volta.
LÁRCIO ·
Não o vendo nem o dou, mas vo-lo empresto
por cinqüenta anos. Intimai Coríolos
para parlamentar.
MÁRCIO · A que distância
os dois corpos estão?
MENSAGEIRO · A milha e meia.
MÁRCIO · Então é certo ouvirmos seus rebates
e eles os nossos. Marte, ouve meu voto!
Dá que possamos terminar logo isto,
para, de espadas fumegantes, irmos
auxiliar os amigos na campanha.
Corneteiro, o sinal!

(Toque para parlamentar. Sobre os muros aparecem dois senadores e vários cidadãos.)

Dentro dos muros
se encontra Tulo Aufídio?
PRIMEIRO SENADOR · Não; não temos
na cidade ninguém que vos receie
menos que ele, o que é menos do que nada.

(Toque de tambor.)

Ouvi! Nossos tambores os mancebos
levam para o combate. Antes, decerto,
derruirmos nossos muros, que ficarmos
encurralados neles. Nossas portas,
que julgais bem trancadas, estão presas
apenas por caniços: por si mesmas
hão de se escancarar. Ouvi ao longe!

(Rebate longínquo.)

É Tulo Aufídio. Ouvi de longe o estrago
que ele faz, como fenda, em vosso exército.
MÁRCIO · Então já se atracaram.
LÁRCIO · Que esse estrondo
nos sirva de lição. Escadas, eh!

(Os volscos passam para o palco.)

MÁRCIO · Não nos temem, pois saem da cidade.
Em frente ao coração ponde os escudos
e combatei com corações mais duros
do que os próprios escudos. Bravo Tito,
para a frente. O desdém que eles demonstram
ultrapassa de muito o que pensávamos.
Suo de indignação. Meus companheiros,
avançai! Tomarei por um dos volscos
quem eu vir a recuar, e hei de mostrar-lhe
se meu aço é cortante.

(Alarma. Os romanos são repelidos até suas próprias trincheiras. Volta Márcio.)

MÁRCIO · Que os flagelos do sul sobre vós caiam!
Sois o opróbrio de Roma, sois rebanho...
Que as úlceras e as chagas vos emplastrem,
para que vos torneis aborrecidos
antes mesmo de terdes sido vistos,
e cada um a infecção transmita aos outros,
contra o vento, a uma milha de distância.
Almas de pato com feitio de homens!
Fugis de escravos. Até mesmo os monos
os teriam batido. Pluto e inferno!
Todos feridos por detrás! As costas
rubras e as faces pálidas de medo
febril, todos fugis! Voltai à carga,
pelos fogos do céu! Caso contrário,
deixarei o inimigo e farei guerra
contra vós todos. Tende mais coragem!
Vinde! Se persistirmos, a eles todos
para as próprias esposas tocaremos,
como conosco estão fazendo agora
para nossas trincheiras.

(Novo rebate. Tornam a entrar os volscos e os romanos, sendo renovada a pugna. Os volscos se retiram para Coríolos, perseguindo-os Márcio até as portas da cidade.)

Vede, as portas
estão escancaradas; secundai-me.

shakespearebrasileiro.org

A sorte se abre para os que perseguem,
não para os fugitivos. Vede tudo
que eu fizer e segui-me.

(Entra na cidade.)

Primeiro Soldado · Que loucura!
Não o acompanharei.

Segundo Soldado · Nem eu, tampouco.

(Fecham-se as portas da cidade.)

Terceiro Soldado ·
Ei-lo trancado.

Todos · Está perdido, aposto.

(O alarma continua.)

(Volta Tito Lárcio.)

Lárcio · Que foi feito de Márcio?

Todos · Morto, chefe,
sem dúvida nenhuma.

Primeiro Soldado · Perseguindo
bem rente aos calcanhares os fugintes,
entrou com eles. Mas a porta, súbito,
sobre ele se fechou. Está sozinho,
para a toda cidade fazer frente.

Lárcio · Oh nobre companheiro! Que insensível!
sendo, faz mais do que o insensível gládio
e firme se mantém onde este dobra!
Estás abandonado, Caio Márcio.
Uma pedra preciosa de teu porte
não fora jóia de maior valia.
Eras guerreiro em tudo condizente
com os votos de Catão: não só com golpes
rudes e violentos, mas também com a tua
mirada pavorosa e as atroadoras
pancadas de tua voz, os inimigos
estremecer fazias, parecendo
que tremia de febre o mundo todo.

(Volta Márcio, coberto de sangue, perseguido pelos inimigos.)

Primeiro Soldado ·
Olhai, senhor!

Lárcio · É Caio Márcio! Vamos
libertá-lo ou, se não, morrer com ele.

(Batem-se, entrando todos na cidade.)

Ato I · Cena V

Coríolos. Uma rua.
Entram alguns romanos, com despojos.

Primeiro Romano ·
Levo isto para Roma.

Segundo Romano · E eu, isto aqui.

Terceiro Romano · Ora que peste! Parecia prata!

(O tumulto prossegue ao longe.)

(Entram Márcio e Tito Lárcio, com um corneteiro.)

Márcio · Vede essa gente ativa, que avalia
seu tempo pelas dracmas já, fendidas.
Só colheres de chumbo, travesseiros,
ferro velho, gibões como os carrascos
com os próprios donos enterrar costumam...
É com o que estes escravos se preocupam
antes de estar a pugna terminada.
Abaixo com eles todos! Vede a bulha
que faz o general! Vamos salvá-lo!
Eis ali o ódio de minha alma, Aufídio,
a espetar os romanos... Nobre Tito,
ficai com gente suficiente para
segurar a cidade, enquanto eu corro
com os que forem dotados de coragem,
a socorrer Comínio.

Lárcio · Caro amigo,
estás sangrando muito; teu esforço
foi por demais violento, para em outra
refrega te arriscares.

Márcio · Deixai desses
elogios, senhor, que meu trabalho
não me esquentou ainda. Passai bem.
O sangue extravasado é mais saudável
para mim que nocivo. É deste modo
que quero ver Aufídio e combatê-lo.

Lárcio · Agora que Fortuna, a bela deusa,
se enamore de ti e com seus grandes
encantamentos deixe confundidas
as espadas imigas. Destemido
gentil-homem, que tenhas como pajem
sempre a felicidade.

Márcio · E que não menos
amiga se te mostre, como a quantos
ela mais favorece. E agora, adeus!

Lárcio · Oh meu notável Márcio!

(Sai Márcio.)

Vai logo soar o toque de trombeta
na praça do mercado, convocando
todos os oficiais do burgo para
ficarem conhecendo nosso intento.
Depressa!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena VI

Perto do acampamento de Comínio. Entra Comínio com suas forças, em retirada.

COMÍNIO · Tomai fôlego, amigos. Combatemos
muito bem. Procedemos em tudo isto
como romanos: nem sem pouco tino
em nossa resistência, nem covardes
na hora da retirada. Acreditai-me,
senhores, vamos ter novo recontro.
Enquanto nos batíamos, nas pausas,
o vento nos fazia ouvir a bulha
dos ataques de nossos companheiros.
Deuses romanos! Dai que eles alcancem
tudo o que para nós também queremos,
porque nossos exércitos se juntem
com faces sorridentes e vos prestem,
em gratidão, solene sacrifício!

(Entra um mensageiro.)

Que aconteceu?
MENSAGEIRO · Os homens de Coríolos
as portas transpuseram da cidade
e em luta se acham já com Lárcio e Márcio.
Vi nossos homens repelidos para
nossas trincheiras. Nisso, vim correndo.
COMÍNIO · Embora digas a verdade, creio
que não falaste bem. Há quanto tempo
foi isso?
MENSAGEIRO · Há mais de uma hora, meu senhor.
COMÍNIO ·
Daqui lá há uma milha. Há pouco ouvimos
seus tambores. Por que gastaste uma hora
para andar uma milha e nos trazeres
notícias atrasadas?
MENSAGEIRO · Sentinelas
volscos me perseguiram, obrigando-me
a fazer uma volta de três milhas
ou quatro, mais ou menos. Não fora isso,
meu senhor, eu teria em meia hora
cumprido esta missão.
COMÍNIO · Quem aparece
naquele ponto, como se tivesse
sido esfolado vivo? Oh deuses grandes!
tem a forma de Márcio, sendo certo
que já o vi desse modo.

MÁRCIO *(dentro)* · Cheguei tarde?
COMÍNIO · Não distingue o pastor com mais acerto
entre o trovão e o rufo de tambores,
como eu distingo a voz do grande Márcio
entre outras mais humildes.

(Entra Márcio.)

MÁRCIO · Cheguei tarde?
COMÍNIO · Sim, caso não tragais sangue inimigo
como manto, mas próprio.
MÁRCIO · Num abraço
como do meu noivado vos aperto
de encontro ao coração tão jubiloso
como no casamento, quando tochas
para o leito de núpcias me levavam.
COMÍNIO · Flor dos guerreiros, que é de Tito Lárcio?
MÁRCIO · Está ocupado apenas com decretos,
uns à morte condena, outros, a exílio;
deste se compadece, a um outro ameaça,
aceita o preço do resgate de outro,
Coríolos conservando para Roma
tal como dócil galgo na correia
que à vontade afrouxamos.
COMÍNIO · Onde se acha
o poltrão que me disse que vós tínheis
recuado até as trincheiras? Onde se acha?
Chamai-o aqui.
MÁRCIO · Deixai-o, pois vos disse,
tão-somente, a verdade. Quanto a nossos
cavalheiros, a plebe numerosa —
a peste em todos! e vão ter tribunos! —
nunca do gato correu tanto o rato,
como eles de poltrões piores do que eles.
COMÍNIO · Teremos tempo para tais histórias?
Onde está o inimigo? Sois senhores
do campo? Se o não sois, por que parastes
antes de sê-lo?
COMÍNIO · Márcio, não tivemos
sorte no encontro e fomos obrigados
a recuar até aqui, por estratégia.
MÁRCIO · Onde está o inimigo? Sabeis a ordem
de suas tropas e onde dispuseram
seus homens de confiança?
COMÍNIO · Penso, Márcio,
que as tropas da vanguarda são de antíates,

shakespearebrasileiro.org

as de maior confiança, sob o mando
de Aufídio, o próprio coração de suas
mais gratas esperanças.
Márcio · Pelos prélios
em que já temos combatido juntos;
pelo sangue que, juntos, derramamos;
por nossos votos de amizade eterna,
conjuro-vos a enviar-me sem demora
ao encontro de Aufídio e seus antíates.
Não deixeis escapar a conjuntura;
mas, enchendo o ar de espadas e de lanças,
aproveitemos a hora.
Comínio · Muito embora
preferisse vos ver num grato banho
e, após, os membros reforçar com bálsamo,
não ouso denegar vosso pedido:
escolhei, pois, os que melhor vos podem
auxiliar nessa empresa.
Márcio · Os mais capazes
são os de boa vontade. Assim, vos digo:
se houver alguém aqui — fora pecado
duvidá-lo — que tenha amor à tinta
com que me vejo agora besuntado;
que por sua pessoa menos tema
do que por um mau nome, e considere
que é preferível uma heróica morte
à vida mal vivida; alguém que a pátria
coloque muito acima de si mesmo:
que esse valente — seja um só, ou muitos —
agite o braço assim, para mostrar-nos
sua disposição, e siga Márcio.

(Todos prorrompem em exclamações, agitam as espadas, carregam Márcio e jogam os bonés para o alto.)

Oh, deixai-me! Pensais que eu seja espada?
Se essas demonstrações forem sinceras,
quem não valerá mais que quatro volscos?
Não há entre vós outros quem não possa
antepor um escudo ao grande Aufídio,
tão duro quanto o dele. Muito embora
a todos agradeça, um certo número,
somente, escolher vou. Em qualquer outro
recontro os mais terão a sua parte,
conforme as circunstâncias o exigirem.
Em frente, pois. E agora, bem depressa,
quatro entre vós escolham para minha
sortida os mais dispostos.
Comínio · Ide, amigos,
a lealdade provai de vosso gesto;
conosco parte igual tereis em tudo.

(Saem.)

Ato I · Cena VII

As portas de Coríolos.
Tito Lárcio, tendo posto sentinelas nas portas de Coríolos, sai da cidade com tambor e corneta, para ir ao encontro de Caio Márcio, acompanhado de um tenente, um destacamento de soldados e de um batedor.

Lárcio · Assim; guardai as portas; cumpri todas
as minhas instruções. Enviai-me aquelas
centúrias, se eu mandar pedir reforço.

Tenente · Podeis ficar tranqüilo.
Lárcio · Entrai, fechando
sobre nós vossas portas. Vamos, guia;
conduze-nos ao campo dos romanos.

(Saem.)

Ato I · Cena VIII

Um campo de batalha entre o acampamento dos romanos e dos volscos. Alarma. Entram por lados diferentes Márcio e Aufídio.
Márcio · Só lutarei contigo, pois te odeio
mais ainda que a um perjuro.

Aufídio · Justamente
como eu a teu respeito. Não possui
a África uma serpente que eu odeie
mais do que a tua glória insuportável.
Firma o pé.

MÁRCIO · Como escravo do outro morra
quem primeiro correr e que o condenem
depois os imortais.
AUFÍDIO · Se eu fugir, Márcio,
escorraça-me como a lebrezinha.
MÁRCIO · Há pouco menos de três horas, Tulo,
sozinho combati em vossos muros.
Fiz lá o que bem quis. Não é meu sangue
que vês a revestir-me. Para tua
vingança, pois, arma tua força ao máximo.
AUFÍDIO · Ainda que Heitor tu fosses, o flagelo
de que se ufana vossa altiva raça,
não poderias escapar-me agora.
(Batem-se. Entram alguns volscos em socorro de Aufídio.)
Serventes, não guerreiros, vosso auxílio
amaldiçoado me cobriu de opróbrio!
(Saem combatendo, perseguidos por Márcio.)

Ato I · Cena IX

O acampamento romano.
Rebate. Toque de retirada. Fanfarras.
Entram, por um lado, Comínio e soldados romanos; por outro, Márcio com o braço na tipóia, e outros romanos.

COMÍNIO · Tivesse eu de contar-te os feitos todos
que hoje fizeste, não darias crédito
algum ao que eu dissesse. Mas reservo-me
para narrá-las onde os senadores
vão misturar com lágrimas sorrisos,
onde os grandes patrícios a princípio
encolherão os ombros, acabando
por demonstrar espanto; onde as senhoras,
com medo e a estremecer alegremente,
quererão ouvir mais; onde os tribunos
obtusos e os plebeus embolorados,
que ódio entranhado a tua glória votam,
a seu mau grado exclamarão: "Aos deuses
agradecemos terem dado a Roma
semelhante guerreiro!"
De nossa festa só terás migalhas,
pois já comeste à farta.
(Entra Tito Lárcio com suas tropas, de volta da perseguição ao inimigo.)
LÁRCIO · Oh general!
eis o corcel; nós somos a gualdrapa,
tão-somente. Não viste...
MÁRCIO · Deixai disso,
por favor. Minha mãe, que carta branca
possui para exaltar seu próprio sangue,
me ofende ao elogiar-me. Não fiz nada
que não houvésseis feito, isto é: o possível...
Como vós, animado... Pela pátria
foi tudo. Quem mostrou boa vontade,
fez o que eu fiz.
COMÍNIO · Não ireis ser o túmulo
de vosso próprio mérito; é preciso
que Roma venha a conhecer seus filhos.
Fora receptação pior do que roubo,
tão vil como a calúnia, vossos feitos
ocultar e calar os elogios
do que, elevado aos galarins da fama,
parecera modesto. Assim, vos peço,
em sinal do que sois, não como prêmio
do que fizestes, que eu, em vossa frente
fale a nossos soldados.
MÁRCIO · Tenho algumas
feridas pelo corpo, que me doem,
quando são relembradas.
COMÍNIO · Se as deixarmos
no esquecimento a ingratidão podia
fazê-las gangrenar, vindo a curá-las,
assim, com a própria morte. Dos cavalos
apreendidos — e há muitos e excelentes —
de todos os tesouros que reunimos
na cidade e no campo de batalha,
o décimo vos damos, que apartado
deverá ser por vossa própria escolha,
antes da divisão do grande espólio.
MÁRCIO · Agradecido, general, vos fico;
contudo, o coração não me consente
receber peita para minha espada.
Recuso-me a aceitá-la, persistindo
em reclamar o lote, simplesmente,
que me toca em comum com os que tomaram
parte ativa no feito.
(Fanfarra prolongada. Todos gritam: "Márcio! Márcio!" atiram os bonés e as lanças. Comínio e Lárcio descobrem a cabeça.)

shakespearebrasileiro.org

Márcio · Que não tornem a soar os instrumentos
que profanais assim. Se aduladores
na campanha os tambores e as cornetas
a tal ponto se mostram, que nas cortes
e cidades pulule o servilismo
de refalsado olhar. Quando o aço fica
tão brando quanto a seda do vadio,
façamos desta a proteção da guerra.
Basta, vos digo. Por não ter ainda
lavado o sangue do nariz nem posto
por terra algum coitado, o que fizeram
muitos outros também sem mais alarde,
exaltais-me com vivas
exagerados, como se eu gostasse
de alimentar a minha pouquidade
com louvores molhados em mentiras.
Comínio · É excesso de modéstia. Revelais-vos
mais desumano para vossa glória
do que reconhecido aos companheiros
que vo-la damos com sinceridade.
Com vossa permissão, mas se violência
contra vós próprio praticais, algemas
vos poremos — tal como se procede
com quem se prejudica — e, após, falamos
com calma e segurança. Assim, que fique
conhecido de nós, do mundo todo,
que a Márcio toca a palma da vitória.
Em testemunho disso, presenteio-o
com meu nobre cavalo, conhecido
no nosso acampamento, acompanhado
de todos os pertences. De hoje em diante,
por causa de seus feitos em Coríolos.
será — com a aclamação de todo o exército —
chamado Caio Márcio Coriolano!
Possas usar o nome com nobreza.
Todos · Caio Márcio Coriolano!
(Fanfarra. Sons de trombetas e tambores.)
Coriolano ·
Vou lavar-me; depois de limpo o rosto.
vereis se eu coro ou não. De qualquer forma,
vos fico agradecido. De bom grado
monto em vosso cavalo, prometendo
trazer esse bonito sobrenome
como penacho do elmo e enaltecê-lo
quanto em mim estiver.
Comínio · Agora vamos
para as tendas; mas antes do descanso
escreveremos para Roma sobre
nosso grande sucesso. Tito Lárcio,
tereis de retornar para Coríolos
e nos mandar os cidadãos mais dignos
com quem possamos conversar acerca
dos nossos interesses e dos deles.
Lárcio · Assim farei, senhor.
Coriolano · Já começaram
os deuses a zombar de mim. Havendo
neste momento recusado dádivas
principescas, forçado ora me vejo
a pedir um favor ao general.
Comínio · De antemão está feito. Que desejas?
Coriolano ·
De uma feita em Coríolos hospedei-me
em casa de um pobre homem, que acolhida
muito amiga me deu. Vi-o há momentos
prisioneiro; gritou para o meu lado.
Mas nesse instante descobri Aufídio,
abafando-me a cólera a piedade.
Requeiro-vos, assim, a liberdade
de meu pobre hospedeiro.
Comínio · Oh! bem pedido!
Fosse ele o matador de um de meus filhos,
livre seria como o próprio vento.
Tito, soltai-o.
Lárcio · Márcio, e o nome dele?
Coriolano · Por Júpiter, esqueci! Estou cansado.
Sinto a memória fraca. Não teremos
vinho aqui perto?
Comínio · Vinde a nossa tenda.
Está secando o sangue em vosso rosto.
É tempo de cuidarmos disso. Vamos.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena X

O acampamento dos volscos.
Fanfarra. Toque de corneta. Entra Tulo Aufídio, coberto de sangue, acompanhado de dois ou três soldados.

AUFÍDIO · Foi tomada a cidade!
PRIMEIRO SOLDADO · Vai ser restituída em vantajosas condições.
AUFÍDIO · Condições!
Quisera ser romano, pois não posso,
como volsco, ser tudo o que sou mesmo.
Condições! Que tratado conter pode
condições boas para uma das partes
que à mercê está da outra? Cinco vezes,
Márcio, lutei contigo, e cinco vezes
fui derrotado, o que se dará sempre,
quero crer, se medíssemos as forças
o número de vezes que comemos.
Oh! pelos elementos! Se de novo
com ele me encontrar barba com barba,
meu será ou eu dele. Já não mostra
meu ardor a lealdade costumeira.
Antes, pensava em vir a dominá-lo
em iguais condições de resistência:
espada honrosa contra espada... Agora,
se de novo o atacar, de qualquer jeito
hei de vencê-lo: por astúcia ou força.
PRIMEIRO SOLDADO ·
Ele é o demônio.
AUFÍDIO · Muito mais ousado,
mas menos astucioso. Envenenado
meu valor se acha agora pela ofensa
feita por ele. Só por causa dele
fugirá de si mesmo. Nem santuário,
nem sono, o estado de nudez, de doença,
nenhum templo, nem mesmo o Capitólio,
a hora do sacrifício, as santas preces
dos sacerdotes, todos esses óbices
antepostos à fúria, nada pode
doravante antepor seus privilégios
e usos embolorados contra o grande
ódio que eu voto a Márcio. Vindo a achá-lo,
seja na minha casa, sob a guarda
de meu irmão, e até contra o direito
sagrado que a todo hóspede devemos,
no sangue de seu coração pretendo
lavar a mão feroz. Ide à cidade
saber que força há lá e que pessoas
como reféns terão de ir para Roma.
PRIMEIRO SOLDADO ·
E vós, não vindes?
AUFÍDIO · Não; vou esperar-vos
no bosque de ciprestes. Por obséquio —
fica no sul dos moinhos da cidade —
ide contar-me como vai o mundo.
Conforme os passos dele, hei de esforçar-me
por apressar os meus.
PRIMEIRO SOLDADO · Pois não, senhor.

(Saem.)

Ato II · Cena I

Roma. Uma praça pública.
Entram Menênio, Sicínio e Bruto.

MENÊNIO · O áugur me disse que esta noite vamos ter notícias.
BRUTO · Boas ou más?
MENÊNIO · Pouco conformes aos votos do povo, pois ele não gosta de Márcio.
SICÍNIO · A natureza ensina os animais a conhecer os amigos.
MENÊNIO · Por obséquio, a quem ama o lobo?
SICÍNIO · Ao cordeiro.
MENÊNIO · Sim, para devorá-lo, tal como os plebeus famintos desejariam fazer com Márcio.
BRUTO · É um cordeiro, com efeito, que bala como urso.
MENÊNIO · É um urso, com efeito, que vive como cordeiro. Ambos vós sois velhos; respondei ao que vos vou perguntar.
SICÍNIO E BRUTO · Perfeitamente, senhor.
MENÊNIO · De que enormidade é Márcio pobre, que não tenhais em abundância?

shakespearebrasileiro.org

BRUTO · Ele não é pobre de nenhum defeito, senão bem provido de todos eles.
SICÍNIO · Principalmente de orgulho.
BRUTO · E a todos ultrapassa em jactância.
MENÊNIO · É extraordinário! Não sabeis em que conceito sois tido aqui na cidade, quero dizer, por nós outros da ala direita? Não o sabeis?
AMBOS · Como assim? De que nos censuram?
MENÊNIO · Já que falais de orgulho... Mas não ireis ficar zangados, não?
AMBOS · Falai, senhor! Falai!
MENÊNIO · Ora, não tem muita importância, porque o pequeno ladrão oportunidade vos roubará uma grande dose de paciência. Soltai as rédeas ao capricho e ficai aborrecidos quanto quiserdes, no caso de encontrardes prazer nisso. Censurais Márcio por causa de seu orgulho?
BRUTO · Não somos os únicos a fazê-lo, senhor.
MENÊNIO · Sei muito bem que, sozinhos, fazeis muito pouca coisa, porque sem bastantes auxiliares vossos feitos se tornam espantosamente escassos. Tendes qualidades muito infantis para, sozinhos, realizardes muita coisa. Falais de orgulho... Oh! se pudésseis virar a vista para a nuca e passar em revista vosso interior! Oh! se o pudésseis!
BRUTO · Que aconteceria, senhor?
MENÊNIO · Ora, então descobriríeis um par de magistrados — aliás bobos — orgulhosos, sem merecimento, arbitrários e cabeçudos, como não há iguais em todo Roma.
SICÍNIO · Menênio, vós também sois bastante conhecido.
MENÊNIO · Sim, sou conhecido como um patrício bem-humorado, que aprecia um bom copo de vinho quente sem mistura de nenhuma gota do Tibre; que passa por ter o pequeno defeito de prestar ouvidos às primeiras reclamações; vivo e inflamável aos menores estímulos; um sujeito que se mostra mais familiar com o traseiro da noite do que com a fronte da manhã... Digo o que penso, gastando nesse esforço toda a minha maldade. Ao encontrar dois conselheiros como vós — não poderei dizer que sois Licurgos redivivos — no caso de me ser desagradável ao paladar a bebida que me derdes, faço logo uma careta. Não poderei dizer que Vossas Senhorias elucidaram bem o matéria, quando descubro asneira em todas as vossas palavras; e conquanto precise mostrar-me satisfeito com os que dizem que sois pessoas graves e reverendas, ainda assim mentem descaradamente os que afirmam que tendes fisionomias agradáveis. Se ledes todas essas coisas no mapa de meu microcosmo, conclui-se que sou bastante conhecido? Que defeito poderá descobrir em meu caráter vossa sagacidade míope, admitindo-se que eu seja mesmo tão conhecido assim?
BRUTO · Vamos, senhor; vamos; conhecemos-vos perfeitamente.
MENÊNIO · Não me conheceis, como não conheceis a vós mesmos nem a coisa nenhuma. Só ambicionais os chapéus e as pernas dos pobres-diabos; gastais uma saudável e santa manhã só em ouvir uma disputa entre um taberneiro e uma vendedora de laranja, e adiais para outra audiência essa controvérsia que não vale três vinténs. Quando estais ouvindo a discussão entre as partes, se por acaso sois pinçados pela cólica, fazeis caretas de mascarados; levantais a bandeira vermelha contra toda paciência e, reclamando aos gritos um urinol, despedis uma controvérsia sangrenta, que fica ainda mais enleada depois de vossa audiência, consistindo todo o vosso acordo em chamardes de marotos a ambos os litigantes. Um bem estranho par é o que sois.
BRUTO · Vamos, vamos, senhor; vê-se perfeitamente que sois mais hábil como palhaço de mesa do que como juiz no Capitólio.
MENÊNIO · Até os nossos sacerdotes se tornam zombadores, quando encontram tipos ridículos como vós. O que dizeis com mais discernimento não paga o trabalho que tendes com agitar a barba, não merecendo vossas barbas túmulo mais honroso do que servir de enchimento de travesseiro. No entanto dizeis que Márcio é orgulhoso, Márcio que, num cálculo muito por baixo, vale por todos os vossos antepassados até Deucalião, muito embora seja bem possível que os melhores dentre eles não tivessem passado de carrascos hereditários. Muito boa tarde para Vossas Senhorias. Uma conversação mais prolongada convosco poderia infectar-me o cérebro, por serdes pastores dos bestiais plebeus. Tomo a ousadia de despedir-me de ambos.

(Bruto e Sicínio se afastam.)
(Entram Volúmnia, Vergília e Valéria.)

Então, minhas formosas e nobres damas — e a lua, se fosse terrena, não teria mais nobreza — para onde vos leva os olhos com tanta pressa?

shakespearebrasileiro.org

Volúmnia · Digno Menênio, o meu nobre Márcio está a chegar. Pelo amor de Juno, vamos logo!
Menênio · Como! Márcio está de volta?
Volúmnia · Está, meu digno Menênio; com a mais feliz confirmação.
Menênio · Fica com o meu boné, Júpiter, e ainda te agradecerei. Olá! Márcio está de volta!
Volúmnia e Vergília · É certo! É certo!
Volúmnia · Aqui está uma carta dele; o governo recebeu outra; sua esposa, uma terceira, e eu penso que em casa há outra para vós.
Menênio · Hoje à noite porei minha casa de pernas para o ar. Uma carta para mim!
Vergília · Sim, é isso; uma carta para vós. Eu própria a vi.
Menênio · Uma carta para mim! Isso me deixa com saúde para sete anos, durante os quais assobiarei para o médico. Comparada com esse cordial, a mais soberana prescrição de Galeno não passa de mezinha ridícula, que vale tanto como remédio de cavalo. Não foi ferido? Ele sempre costumava voltar ferido para casa.
Vergília · Oh! não, não, não!
Volúmnia · Oh, sim! Está ferido; dou graças aos deuses por semelhante fato.
Menênio · Como eu também o faço, se as feridas não forem perigosas. Traz a vitória no bolso? As feridas sempre lhe vão bem.
Volúmnia · Na fronte, Menênio; pela terceira vez ele retorna da guerra com a coroa de carvalho.
Menênio · E Aufídio, ele castigou com vontade?
Volúmnia · Tito Lárcio escreveu que eles se bateram, mas Aufídio conseguiu escapar.
Menênio · Escapou a tempo, posso asseverar-lhe; que se ele houvesse persistido, eu não desejara ser aufidiuzado daquele jeito nem por todas as arcas de Coríolos. O senado já foi informado de tudo?
Volúmnia · Sigamos, boas senhoras. Sim, sim, sim; o senado recebeu cartas do general, que atribui a meu filho toda a glória da guerra. Nesta campanha ele ultrapassou do dobro suas proezas anteriores.
Valéria · Realmente, contam-se coisas prodigiosas a seu respeito.
Menênio · Prodigiosas, sim, posso garantir-vos, e não sem o devido mérito de sua parte.
Vergília · Permitam os deuses que sejam verdadeiras.
Volúmnia · Verdadeiras? Ora! ora!
Menênio · Verdadeiras, sim. Posso jurar em como são verdadeiras. Onde é que ele foi ferido? *(Aos tribunos.)* Deus guarde Vossas Reverências! Márcio está de volta; traz novos motivos de orgulho. *(A Volúmnia.)* Onde é que ele foi ferido?
Volúmnia · No ombro e no braço esquerdo. Ficará com cicatrizes grandes, para mostrar ao povo, quando tiver de pleitear um posto. Na expulsão de Tarquínio ele recebeu sete ferimentos.
Menênio · Um no pescoço e dois na coxa... Que eu saiba, são nove.
Volúmnia · Antes desta expedição ele tinha vinte e cinco cicatrizes.
Menênio · Então, agora tem vinte e sete; cada fenda representa o túmulo de um inimigo.
(Fanfarras e aclamações.)
Escutai: trombetas!
Volúmnia · São os emissários de Márcio; à frente ele traz barulho; atrás só deixa lágrimas.
O gênio escuro traz no braço forte;
feroz o vibra: é para todos morte.
(Sinal de advertência. Trombetas. Entram Comínio e Tito Lárcio; entre eles, Coriolano com a coroa de carvalho, capitães, soldados e um arauto.)
Arauto · Fica sabendo, Roma, que, sozinho,
Márcio lutou nas portas de Coríolos,
onde ganhou, com honra, mais um nome,
que a Caio Márcio seguirá com glória:
Coriolano! Bem-vindo sois a Roma,
glorioso Coriolano!
(Fanfarras.)
Todos · Sois bem-vindo,
glorioso Coriolano!
Coriolano · Basta! basta!
Isso magoado o coração me deixa.
Por obséquio, é o bastante.
Comínio · Olhai, senhor,
vossa mãe.
Coriolano · Oh! Já sei que conjurastes
todos os deuses para o meu bom êxito.
(Ajoelha-se.)
Volúmnia · Não! de pé, meu soldado valoroso,
meu gentil Márcio, meu mui digno Caio,
e o nome ganho com recentes glórias...
Como é?... Devo chamar-te Coriolano?
Mas, oh! tua mulher!
Coriolano · Meu gracioso silêncio, salve! Como!
Terias rido, acaso, se eu tivesse

shakespearebrasileiro.org

voltado num esquife, já que choras
por me veres em triunfo? Oh minha cara!
Olhos assim, somente têm as viúvas
de Coríolos e as mães que os filhos choram.
Menênio · Possam os deuses coroar-te agora.
Coriolano · Como! Ainda vives?
(A Valéria.)
Oh! perdão, senhora!
Volúmnia · Não sei para onde me virar. Bem-vindo!
Bem-vindo, general, e assim vós todos.
Menênio ·
Um milhão de bem-vindos. Posso, a um tempo,
chorar e rir; estou pesado e leve.
Bem-vindo sois. Que a maldição atinja
de cheio o coração de quem não fica
contente por te ver. Roma devia
por vós três estar sempre apaixonada.
Mas pela fé, em nossas terras temos
umas macieiras bravas que não podem
ser enxertadas para vosso gosto.
Não importa. Bem-vindos sois, guerreiros!
Urtiga é sempre urtiga; não lhe damos
outro nome; e os defeitos da estultícia
serão sempre tolices.
Comínio · Muito certo.
Coriolano ·
Menênio, sempre! Sempre!
Arauto · Abri caminho
por ali e avançai.
Coriolano · A mão... A vossa
também. Antes de em casa ir a cabeça
refrescar, tenho de ir fazer visita
àqueles bons patrícios que me encheram
não só de cumprimentos, mas, com estes,
um fardo de honrarias.
Volúmnia · Tive vida
bastante para ver meus mais ardentes
desejos realizados e concluído
o edifício de minha fantasia.
Só uma coisa ainda falta que, estou certa,
nossa Roma terá de conceder-te.
Coriolano · Ficai sabendo, boa mãe: prefiro
servi-los como entendo a ser partícipe
do comando como eles entenderem.
Comínio · Ao Capitólio, vamos!
(Fanfarras de cornetas. Saem solenemente como entraram; os tribunos ficam.)

Bruto · Todas as bocas falam dele, e para
vê-lo as vistas já turvas põem óculos.
Vossa ama tagarela seu pimpolho
deixa gritar a ponto de afogar-se.
só para falar nele; a varredora
de cozinha ata em torno do pescoço
pouco limpo seu pano mais valioso
e, para olhá-lo, se pendura ao muro.
As lojas, as sacadas, as janelas
estão cheias, repletos os telhados;
as cumeeiras, montadas por figuras
as mais variadas, todos empenhados,
tão-só, em contemplá-lo. Os próprios flâmines,
tão raramente vistos, se comprimem
por entre a multidão e ora se esbofam
para um lugar obterem junto à plebe.
Nossas damas de véus a guerra entregam
entre o rosado e o branco em suas faces
belamente pintadas aos estragos
livres dos beijos do ardoroso Febo.
Tamanha é a confusão, que até parece
que o deus que o guia houvesse, de mansinho,
penetrado em seu corpo transitório,
para graça emprestar-lhe à compostura.
Sicínio · Afirmo desde já que vai ser cônsul.
Bruto · Nossas funções, então, em seu governo
poderão cochilar.
Sicínio · Ele não há de
ter o comedimento necessário
para até o fim levar as honrarias;
acabará perdendo o que ganhou.
Bruto · É o que nos deixa, em parte, mais
tranqüilos.
Sicínio · Não o duvideis um só momento: o povo,
que nós representamos, com seu velho
e habitual ódio, ao menor pretexto
há de esquecer seus títulos recentes,
sendo ele mesmo que há de oferecer-lhes
essa oportunidade, estou certíssimo,
máxime porque timbra em demonstrá-lo.
Bruto · Jurar o ouvi que se a pleitear o posto
viesse de cônsul, não se mostraria
na praça do mercado, nem as vestes
sujas dos suplicantes vestiria,
nem, como de uso, mostraria as suas
cicatrizes ao povo de mau hálito,
para pedir-lhes voto.
Sicínio · É muito certo.

shakespearebrasileiro.org

BRUTO · Foram suas palavras: preferira
não alcançar o posto, a vir a obtê-lo
por outro meio que não seja o voto
dos senhores e o anelo da nobreza.
SICÍNIO · Nada me agrada tanto como vê-lo
persistir nessa idéia e pô-la em prática.
BRUTO · É o que fará, decerto.
SICÍNIO · E que há de em nosso
proveito redundar, sendo para ele
segura destruição.
BRUTO · Se não a dele,
então será a de nossa autoridade.
Por isso relembremos aos do povo
o ódio que Márcio votou sempre a todos
e como, se pudesse, os transformara
em animais de carga, silenciara
seus defensores e cortara todas
as suas liberdades, sobre tê-los
em tal conceito quanto aos atos próprios
do ser humano e o esforço produtivo,
que mais alma não chega a conceder-lhes
do que aos próprios camelos de campanha,
que alimentos só obtêm, quando carregam
pesados fardos, e pancada a rodo,
quando caem sob a carga.
SICÍNIO · Tal idéia,
como o dissestes, sugerida a tempo,
quando sua insolência insuportável
houver deixado o povo mais alerta
sendo que essa ocasião virá depressa,
se excitá-lo soubermos, o que muito
mais fácil nos será do que cachorros
açular contra ovelhas — esse o fogo
vai ser que incendiará sua palha seca,
e cujas labaredas para sempre
vão deixá-lo tisnado.

(Entra um mensageiro.)

BRUTO · Que há de novo?
MENSAGEIRO · No Capitólio vos reclamam. Dizem
que Márcio vai ser cônsul. Apertarem-se
vi mudos para vê-lo, e muitos cegos
para ouvi-lo falar. Nossas matronas
atiram luvas; damas e meninas,
lenços e charpas à passagem dele.
Dobram-se os nobres como se estivessem
ante a estátua de Jove, tendo os próprios
comuns feito uma chuva de trovoada
com seus gorros e vivas. É inaudito.
BRUTO · Vamos ao Capitólio; disponhamos
de olhos e ouvidos para o dia de hoje,
mas de disposição para o que possa
resultar de tudo isso.
SICÍNIO · Irei convosco.

(Saem.)

Ato II · Cena II

O mesmo. O Capitólio.
Entram dois oficiais para colocar almofadas.

PRIMEIRO OFICIAL ·
Vamos! Vamos! Eles já vêm perto.
Quantos são os candidatos para o consulado?
SEGUNDO OFICIAL · Três, é o que dizem; mas
todos estão certos de que Coriolano ganhará o
pleito.
PRIMEIRO OFICIAL · É um sujeito valente, mas
orgulhoso a conta inteira, e não gosta do povo
comum.
SEGUNDO OFICIAL · Por minha fé, há muitas
personagens de projeção que adularam o povo, sem
nunca lhes terem dedicado a menor afeição, como
há outros que o povo amou sem saber por quê. Ora,
se o povo ama sem saber por quê, também odeia
sem maior fundamento. Assim, não se preocupando
nem com o amor nem com o ódio que os plebeus
possam votar-lhe, Coriolano prova que conhece
perfeitamente a disposição de todos eles, o que
revela à saciedade com sua nobre indiferença.
PRIMEIRO OFICIAL · Se ele não se preocupa nem
com o ódio nem com o amor dos plebeus, mantém-
se em equilíbrio, sem lhes fazer bem nem mal. Mas
a verdade é que procura o ódio deles com mais
empenho do que eles poderiam ser capazes de revelar-
lho, sem deixar por fazer nada que possa apresentá-lo
como inimigo declarado de todos. Ora, procurar tão
abertamente o ódio e o descontentamento do povo é
tão prejudicial como o que ele próprio reprova; adulá-
lo para obter-lhe as graças.

shakespearebrasileiro.org

Segundo Oficial · Ele se tornou benemérito
da pátria; sua ascensão não se fez por degraus
tão suaves como os dos que subiram à força de
se mostrarem insinuantes e corteses para o povo,
desfazendo-se em zumbaias, sem que nada mais
houvessem feito para se afirmarem em sua estima
e apreciação. Não; de tal modo plantou ele a
honra nos olhos de todos e seus grandes feitos no
coração do povo, que ficarem caladas as bocas, sem
proclamarem essa verdade, fora ingratidão culposa,
e contestá-lo, maldade inominável que, dando a si
própria o desmentido, provocaria de quem quer que
o ouvisse protestos e reprovações.
Primeiro Oficial · Bem; não falemos mais dele;
é um homem digno. Abramos caminho, que eles já
estão chegando.

(Toque de trompa. Entram, precedidos de lictores, o cônsul Comínio, Menênio, Coriolano, grande número de senadores, Sicínio e Bruto. Os senadores sentam-se em seus lugares; os tribunos sentam-se à parte.)

Menênio · O negócio dos volscos terminado
e após termos mandado a Tito Lárcio
ordem para voltar, o assunto máximo
desta nossa reunião extraordinária
vai consistir em premiar os nobres
serviços de quem soube com tal êxito
defender sua pátria. Assim, vos resta
pedir agora, venerandos padres,
que o atual cônsul, que na feliz campanha
foi nosso general, nos conte um pouco
de todas as ações extraordinárias
feitas por Caio Márcio Coriolano,
a quem agradecer agora vamos
e enaltecer com honras dignas dele.
Primeiro Senador · Bom Comínio, falai, sem omitir
nada por ser extenso, convencendo-nos
de que antes poderá mostrar-se Roma
deficiente no prêmio do que falhos
de gratidão seus filhos.

(Aos tribunos.)

De vós outros,
tribunos populares, reclamamos
amigável ouvido e, após, a vossa
benigna interferência junto ao povo,
para que aprove quanto aqui fizermos.
Sicínio · Aqui comparecemos convocados
para um pacto amigável, encontrando-nos
de coração dispostos a dar honras
ao assunto agitado e a incentivá-lo.
Bruto · O que faremos tanto mais felizes,
se doravante ele mostrar que o povo
tem em mais alto apreço do que sempre
revelou no passado.
Menênio · Vamos logo!
Passemos ao que importa. Preferível
fora nada dizer. Não quereríeis
ouvir falar Comínio?
Bruto · De bom grado;
mas minha restrição tem mais cabida
do que vossa censura.
Menênio · Ele aprecia
vosso povo; mas não deveis forçá-lo
a dormir a seu lado. Agora fale
o mui digno Comínio.

(Coriolano se levanta e faz menção de retirar-se.)

Não; ficai.
Primeiro Senador ·
Sentai-vos, Coriolano, sem corardes
das gloriosas ações que praticastes.
Coriolano · Nobres, perdoai-me: mas preferiria
ter de pensar de novo estas feridas
a ouvir contar como cheguei a obtê-las.
Bruto · Quero crer, meu senhor, que não deixastes
vosso lugar por causa do que eu disse.
Coriolano ·
Oh não, senhor! Porém já se tem dado
resistir eu a golpes e, no entanto,
pôr-me em fuga por causa de palavras.
Não me adulastes; logo, não feristes.
Vosso povo, avalio-o pelo peso.
Menênio · Por obséquio, sentai-vos.
Coriolano · Preferira
que ao sol o crânio todo me arranhassem,
quando soasse o alarma, a aqui sentar-me
sem fazer coisa alguma e ouvir meus nadas
transformados em monstros assombrosos.

(Sai.)

Menênio · Homens do povo, como poderia
ele adular vossa cambada infinda —
onde, entre mil, um bom, somente, se acha —
quando, como estais vendo, ele prefere
todos os membros arriscar pela honra,
a deixar que um só ouvido ouça seus feitos?
Comínio, principiai.

COMÍNIO · A voz me falta.
Proclamados não podem ser os feitos
de Coriolano por um peito débil.
A virtude suprema — afirmam todos —
é a coragem, que mais que tudo os homens
eleva e dignifica. Sendo certa
semelhante premissa, em todo o mundo
não há quem possa ser equiparado
ao varão de que falo. Quando tinha
dezesseis anos e Tarquínio contra
Roma se levantou, ele nas pugnas
se distinguiu de todos. O então nosso
ditador, a quem cito com louvores,
o viu lutar, tendo testemunhado
como ele, com seu queixo de amazona,
correr fazia lábios bigodudos.
Defendeu um romano que caíra,
tendo, à vista do cônsul, derrubado
três dos opositores. Sim, ao próprio
Tarquínio se atreveu e o fez, de um golpe,
tocar com o joelho em terra. Nesse dia
de altos feitos, em que ele poderia
representar como mulher na cena,
provou ser o mais forte da campanha
e alcançou a coroa de carvalho.
Tendo passado, assim, da adolescência
para virilidade tão gloriosa,
como o oceano cresceu, e no entrechoque
de dezessete pugnas, depois disso,
os louros empalmou dos gládios todos.
De seu último feito, diante e dentro
de Coríolos, confesso que não posso
falar como devera. Fugitivos
soube deter, e por seu raro exemplo
fez os covardes terem por brinquedo
quanto era, então, terror. Como sargaços
diante da quilha de um navio a vela,
dobravam-se os imigos e ficavam
debaixo de seu beque. Sua espada,
timbre da morte, não deixava nunca
de marcar no alvo certo. Da cabeça
aos pés era uma coisa só de sangue,
cujas passadas eram concertadas
com gritos de agonia. Ele, sozinho,
entrou na mortal porta da cidade
que tingiu com o destino inevitável;
sem auxílio, escapo e, de repente,
com súbito reforço foi em cima,
de Coríolos cair como um planeta.
Tudo, então, lhe pertence. E quando, aos poucos,
o clangor da batalha o ouvido fino
começou de ferir-lhe, in continenti
duplamente restauram-lhe os espíritos
o que na carne se encontrava lasso,
e voltou para a luta, onde passava
fumegante por sobre a vida de homens
como se fosse a destruição perpétua.
E só quando a cidade e o vasto campo
pudemos chamar nosso, foi que pausa
ele se permitiu, para que fôlego
viesse enfim a tomar.
MENÊNIO · Digno romano!
PRIMEIRO SENADOR ·
Adequadas à sua envergadura
são as honras que vamos conferir-lhe.
COMÍNIO · Em nosso espólio deu com o pé, olhando
para as coisas mais ricas, como se elas
não passassem de escória vil terrena.
Cobiça menos do que poderia
dar-lhe a própria miséria. A recompensa
de seus atos, e encontra-a em realizá-los,
e, arrematando-os, passa alegre o tempo.
MENÊNIO · É nobre em toda linha. Convocai-o.
PRIMEIRO SENADOR ·
Que chamem Coriolano!
OFICIAL · Já vem vindo.
(Volta Coriolano.)
MENÊNIO · Alegra-se o senado, Coriolano,
em fazer de ti cônsul.
CORIOLANO · Minha vida
sempre lhes deverei e meus serviços.
MENÊNIO · Só falta dirigirdes-vos ao povo.
CORIOLANO · Peço-vos dispensardes-me desse uso,
pois não posso vestir a loba humilde,
de cabeça despida apresentar-me
e suplicar ao povo que por minhas
feridas me conceda seus sufrágios.
Dispensai-me, vos peço, dessa parte.
SICÍNIO · Senhor, o povo deve ter seu voto.
Jamais abaterão uma partícula
desse cerimonial.
MENÊNIO · Não forceis muito,
por favor; conformai-vos a essa praxe
e recebei essa honra como todos
vossos predecessores: como é de uso.

shakespearebrasileiro.org

Coriolano · É uma comédia que eu só represento
vermelho de vergonha e que podia
muito bem ser do povo retirada.
Bruto *(à parte, a Sicínio)* ·
Estais vendo?
Coriolano · Gabar-me diante deles:
"Fiz isto e aquilo!" patentear-lhes minhas
cicatrizes inócuas, que de todos
eu devera ocultar, como se houvesse
ganho essas marcas só pelo salário
do hálito deles todos!
Menênio · Basta! Basta!
Não insistais sobre isso. A vós, tribunos
do povo, apresentamos a proposta,
e ao nosso nobre cônsul desejamos
honra e felicidade!
Senadores · A Coriolano
honra e felicidade!
(Fanfarra. Saem todos, com exceção de Sicínio e Bruto.)
Bruto · Só por isso,
vedes como ele vai tratar o povo.
Sicínio · Oh! possam eles perceber-lhe o intento!
Irás falar-lhes como quem se indigna
de que dependa deles conceder-lhes
o que lhes vai pedir.
Bruto · Vamos embora.
Vou informá-los do que aqui fizemos.
Tenho ciência de que nos esperam
na praça do mercado.

(Saem.)

Ato II · Cena III

O mesmo. O foro. Entram vários cidadãos.

Primeiro Cidadão · Em resumo: se ele pedir nossos votos, não devemos negar-lhos.
Segundo Cidadão · Poderemos, senhor, se o quisermos.
Terceiro Cidadão · Temos esse direito; mas é um direito que não temos o direito de exercer. Porque se ele nos mostrar suas feridas e nos relatar seus feitos, teremos de emprestar nossas vozes àquelas feridas e de falar por elas. Desse modo, se ele nos contar seus nobres feitos, por nossa parte teremos de exprimir-lhe nossa nobre aprovação. A ingratidão é coisa monstruosa; deixar que a multidão se torne ingrata é transformá-la em monstro; ora, sendo nós membros da multidão, passaremos a ser membros monstruosos.
Primeiro Cidadão · Não será preciso muita coisa para que não seja muito melhor do que isso o juízo que ele faz de todos nós, porque no tempo em que nos amotinamos por causa do trigo ele não vacilou em chamar-nos de monstro de mil cabeças.
Terceiro Cidadão · Muita gente já nos tem dado esse nome, que não vem do fato de haver entre nós cabeças louras, castanhas, pretas ou calvas, mas de termos o espírito de colorido diferente. E, em verdade, estou convencido de que se todos os nossos pensamentos tivessem de sair de um só crânio, voariam de pronto para leste, norte e sul, só havendo unanimidade, quanto ao caminho direito, em se dispersarem imediatamente pelos quatro pontos cardeais.
Segundo Cidadão · Essa é a vossa opinião? Para que lado, então, pensais que meu pensamento voaria?
Terceiro Cidadão · Ora, vosso pensamento não escaparia tão velozmente como o de qualquer outra pessoa; está muito fortemente encavilhado numa cabeça de pau. Mas no caso de libertar-se, é certeza que seguiria para o lado do sul.
Segundo Cidadão · E por que para esse lado?
Terceiro Cidadão · Para perder-se num nevoeiro; depois de ficar com três quartas partes dissolvidas nas brumas pútridas, retornaria a quarta, por questão de consciência, para ajudar-vos a arranjar uma mulher.
Segundo Cidadão · Estais, sempre, com brincadeiras. Continuai! Continuai!
Terceiro Cidadão · Estais, portanto, resolvidos a dar o vosso voto? Pouco importa. É a maioria que decide. Penso que se ele se inclinar para o povo, não haverá homem mais digno.

(Entra Coriolano, com traje humilde, e Menênio.)

Aí vem ele com vestes humildes; observai sua atitude. Não devemos ficar juntos; passemos por ele insuladamente, ou em grupos de dois e de três. Terá

shakespearebrasileiro.org

de fazer o pedido a cada cidadão, com o que cada
um de nós ganhará honra em dar-lhe o voto com a
própria voz e a própria boca.
Por isso, acompanhai-me, que eu vos indicarei o
modo de vos aproximardes dele.
TODOS · De acordo! De acordo!

(Saem os cidadãos.)

MENÊNIO · Senhor, estais errado; pois decerto
sabeis que os cidadãos mais conceituados
assim mesmo fizeram.
CORIOLANO · De que modo
falar-lhes? "Peço-vos, senhor..." Malditos!
Não posso pôr a língua nesse passo.
"Contemplai, meu senhor, estas feridas;
no serviço da pátria ganhei todas,
quando muitos dos vossos companheiros
aos urros debandavam, só de ouvirem
nossos próprios tambores."
MENÊNIO · Pelos deuses!
não faleis assim. Deveis levá-los
a pensar sobre vós.
CORIOLANO · Pensar em mim?
Que se enforquem! Prefiro que se esqueçam
do que me diz respeito, como o fazem
com a virtude que, em pura perda, os padres
gastam com eles todos.
MENÊNIO · Desse modo
estragaríeis tudo. Vou deixar-vos.
Por obséquio, falai-lhes, por obséquio,
por maneira razoável.
CORIOLANO · Nesse caso
mandai que todos vão lavar o rosto
e limpar mais os dentes.

(Sai Menênio.)

Eis que chega
uma parelha deles.

(Voltam dois cidadãos.)

Com certeza
sabeis, senhor, por que me encontro aqui.
PRIMEIRO CIDADÃO ·
Perfeitamente, senhor; dizei-nos
o que vos levou a isso.
CORIOLANO · Meu próprio mérito.
SEGUNDO CIDADÃO · Vosso próprio mérito!
CORIOLANO · Sim, que não foi meu desejo.
PRIMEIRO CIDADÃO · Como! Não vosso desejo?
CORIOLANO · Não, senhor, pois nunca desejei
incomodar com pedidos os pobres.
PRIMEIRO CIDADÃO · Deveis imaginar que se vos
dermos alguma coisa será com a esperança de obter
alguma recompensa.
CORIOLANO · Então dizei-me, por obséquio, qual é
o preço do consulado?
PRIMEIRO CIDADÃO · O preço é um pedido
delicado.
CORIOLANO · Delicado! Ora, senhor! concedei-mo,
por obséquio. Tenho que mostrar-vos cicatrizes, o
que poderei fazer em particular. Vosso bom voto,
senhor... Que me dizeis?
SEGUNDO CIDADÃO · Será vosso, digno senhor.
CORIOLANO · Negócio feito, senhor. Ao todo, já
mendiguei dois dignos votos. Aceito vossos óbolos.
Adeus.
PRIMEIRO CIDADÃO · Tudo isso é um pouco estranho!
SEGUNDO CIDADÃO · Se tivéssemos de concedê-lo
de novo... Ora! não importa.

(Saem os dois cidadãos.)
(Voltam dois outros cidadãos.)

CORIOLANO · Por obséquio, se se concilia com o
tom de vossa voz que eu venha a ser cônsul, aqui me
encontro com as vestes do estilo.
TERCEIRO CIDADÃO · Tornastes-vos com nobreza
merecedor da pátria, e não vos tornastes merecedor
com nobreza.
CORIOLANO · Vossa charada?
TERCEIRO CIDADÃO · Fostes flagelo para os
inimigos dela; fostes açoite para seus amigos. O
certo é que jamais amastes o povo comum.
CORIOLANO · Tanto maior é o cabedal de virtude
que deveríeis levar à minha conta, por eu não ter
sido comum em minhas afeições. Vou adular,
senhor, meus irmãos jurados, as pessoas do povo,
para merecer deles mais cordial estima... por ser
essa a condição que eles consideram amável. E por
preferirem eles, em sua sabedoria, meu chapéu a meu
coração, vou exercitar-me nas curvaturas aduladoras,
para sair-me do caso com o mais completo
fingimento. Quero dizer, senhor, vou imitar a
fascinação de algum homem popular e concedê-
la a mancheias a quantos a desejarem. Por isso,
concordai, vos peço em que eu venha a ser cônsul.
QUARTO CIDADÃO · Esperamos encontrar em vós um
amigo; por isso, de coração vos damos nossos votos.
TERCEIRO CIDADÃO · Recebestes muitas feridas na
defesa da pátria.

shakespearebrasileiro.org

CORIOLANO · Não desejo selar vosso conhecimento
com mostrar-vo-las. Farei grande cabedal de vossos
votos, não desejando incomodar-vos por mais tempo.
AMBOS OS CIDADÃOS · Que os deuses vos dêem
alegria, senhor, de todo o coração.

(Saem.)

CORIOLANO · Que votos agradáveis!
Antes morrer de fome, alarvemente,
do que ter de pedir a tanta gente
quanto já nos pertence. Como logo
vestido, assim, que faço — grande bobo! —
pedindo a Pedro e a João o voto estulto?
Chamam a isso costume; é quase um culto;
mas se seguirmos o costume em tudo,
o pó do tempo ficará rabudo,
e tal montanha de erros se levanta,
que a verdade, de vez, enfim suplanta.
Se não quiser estupidificar-me
deixemos logo o ofício com seu carme
para quem se dispõe a exercitá-lo.
Já consegui vencer meio intervalo.
Ora, tendo sofrido uma metade,
a outra, por isso, perecer não há de.
Eis outros votos que nos chegam.

(Voltam mais três cidadãos.)

Vossos
votos, senhores. Foi por vossos votos
que eu combati; velei por vossos votos;
recebi duas dúzias de feridas,
ou mais, por vossos votos. Vi batalhas
e ouvi três vezes seis; só pelos vossos
votos fiz muitas coisas; umas, grandes;
outras, pequenas. Bem; os vossos votos.
Desejara ser cônsul.
QUINTO CIDADÃO · Ele se conduziu com nobreza,
não podendo, portanto, deixar de alcançar o voto das
pessoas honestas.
SEXTO CIDADÃO · Então, que se torne cônsul. Que
os deuses lhe concedam alegria e o façam amigo do
povo.
TODOS · Amém! Amém! Deus te proteja, nobre
cônsul!

(Saem os cidadãos.)

CORIOLANO · Dignos votos!

(Volta Menênio, com Bruto e Sicínio.)

MENÊNIO · Passastes bem o prazo estipulado.
Os tribunos vos dão a voz do povo.
Agora só vos resta pôr as vestes
oficiais e logo ir para o senado.
CORIOLANO · Aqui já terminou?
SICÍNIO · Satisfizestes
os costumes do rogo. Assim, o povo
vos aprova, ficando convocado
para a confirmação de vossa escolha.
CORIOLANO · Onde isso? No senado?
SICÍNIO · Sim, lá mesmo.
CORIOLANO · Posso trocar de roupa?
SICÍNIO · Sim, mui digno
senhor; podeis.
CORIOLANO · Vou fazer isso logo;
e, depois de voltar a ser eu mesmo,
irei para o senado.
MENÊNIO · Irei convosco.
Não vindes?
BRUTO · Vamos esperar o povo.
SICÍNIO · Passai bem.

(Saem Coriolano e Menênio.)

Alcançou o que queria.
No olhar revela, quero crer, o ardor
que tem no coração.
BRUTO · Com que arrogância
envergou ele as vestes da humildade!
Despedireis o povo?

(Voltam os cidadãos.)

SICÍNIO · Então, meus mestres?
Elegestes esse homem?
PRIMEIRO CIDADÃO · Teve os nossos
votos, senhor.
BRUTO · Só peço aos deuses que ele
mereça vosso amor.
SEGUNDO CIDADÃO · Amém, senhor.
Segundo minha humilde observação,
de nós zombava ao nos pedir os votos.
TERCEIRO CIDADÃO ·
É certo: motejou de ponta a ponta.
PRIMEIRO CIDADÃO ·
Não, não zombou de nós; fala assim mesmo.
SEGUNDO CIDADÃO ·
A não ser vós, há quem não afirme
que nos tratou com insolência extrema.
Não nos mostrou as cicatrizes de honra
que recebeu lutando pela pátria.
SICÍNIO · Como! Mostrou; tenho certeza disso.
TODOS · Não! Não! Ninguém as viu.
TERCEIRO CIDADÃO · Somente disse
que tinha cicatrizes e que estava

shakespearebrasileiro.org

pronto a mostrá-las em particular.
Agitando, depois, com ar de escárnio,
deste modo, o chapéu, "Desejaria
ser cônsul", disse, "e cônsul não consente
o uso antigo que seja sem que obtenha
vossos votos. Por isso: vossos votos!"
E após lhos concedermos: "Agradeço",
prosseguiu, "vossos votos; obrigado
vos sou por esses votos inefáveis.
Mas, uma vez que vos comprometestes,
liquidemos as contas". Não é isso,
dizei, puro sarcasmo?
Sicínio · E como fostes
tão ignaros que não o percebestes,
ou, tendo-o percebido, revelastes
tamanha ingenuidade, para dar-lhe
vosso voto amigável?
Bruto · Não podíeis
ter-lhe dito, tal como vos instruímos,
que quando ele não tinha força alguma,
qual subalterno servidor do Estado,
era vosso inimigo, falou sempre
contra vosso direito e os privilégios
de que gozais no corpo da república?
E agora, após ter alcançado um posto
poderoso no leme do governo,
se continuar a se mostrar imigo
maligno dos plebeus, não poderia
dar-se que vossos votos a ser venham
a maldição que contra vós se vira?
Deveríeis ter dito que assim como
seus dignos feitos mereciam quanto
pretendia ele então, também seria
de esperar que ele em sua natureza
graciosa se lembrasse de vós todos
e dos votos pedidos, transformando-se
em amizade a sua malquerença
e ele em vosso afetuoso protetor.
Sicínio · Essa linguagem, como vos dissemos
antecipadamente, lhe teria
calado fundo na alma e posto à prova
seu pendor verdadeiro, sobre ter-lhe
promessas amigáveis arrancado,
de que depois vos aproveitaríeis
conforme as ocasiões; ou então deixara
corroída sua natureza abrupta,
que não se dobra a imposição nenhuma.
Ora, uma vez zangado, poderíeis
ter tirado partido de sua cólera,
para não elegê-lo.
Bruto · Percebestes
o sarcasmo com que ele vos falava,
pedindo vosso apoio, quando tinha
necessidade de alcançar uns votos,
e imaginais que seu desprezo nunca
virá a vos ser nocivo, quando força
ele tiver para esmagar a todos?
Como! Não tendes coração no corpo?
Só língua para gritar contra os próprios
preceitos da razão?
Sicínio · Já recusastes
muitos pedintes, para agora dardes
a quem nada pediu e riu de todos,
vossos sufrágios tão solicitados?
Terceiro Cidadão · Não foi ainda confirmado;
fácil nos fora recusá-lo.
Segundo Cidadão · E assim faremos;
tenho quinhentos votos desse timbre.
Primeiro Cidadão ·
E eu duas vezes isso, sem contarmos
os votos dos amigos deles todos.
Bruto · Ide logo dizer a esses amigos
que eles agora um cônsul elegeram
que os privará de suas liberdades
e a voz dos cães, apenas, vai deixar-lhes,
nos quais batemos por ladrarem, sendo
que os criamos para isso.
Sicínio · Ide reuni-los;
e que, após julgamento mais sadio,
essa escolha desfaçam mais que estúpida.
Insisti sobre o orgulho e no velho ódio
que sempre vos dicou, e, sobretudo,
não deixeis de falar no alto desprezo
com que envergou as vestes da humildade;
como vos desprezava com toda a alma.
Lembrai, porém, que vossas simpatias,
tomando em conta seus atuais serviços,
a esquecer vos levou sua conduta
neste momento, impertinente e fútil,
pauta apenas no ódio inveterado
que a todos vós dedica.
Bruto · Toda a culpa
descarregai em nós, vossos tribunos,
dizendo que nos esforçamos para
remover os obstáculos, fazendo
que vossa escolha recaísse nele.

shakespearebrasileiro.org

Sicínio · Dizei-lhes que o escolhestes mais por nossas
injunções do que mesmo iluminados
por vossos verdadeiros sentimentos;
e que, tendo ocupado, assim, o espírito
mais com o que vos impunham do que mesmo
com o que fazer, apenas, deveríeis,
contra vossos desejos o elegestes
para esse cargo. Ponde em nós a culpa.
Bruto · Isso! Não nos poupeis, dizendo a todos
como vos doutrinamos várias vezes
sobre os serviços que ele, ainda tão jovem,
prestou a nossa terra e continua
prestando, e sobre o trono originário,
a casa nobilíssima dos Márcios,
de onde Anco Márcio veio, aquele filho
de uma filha de Numa, que o reinado
aqui teve depois do grande Hostilio.
De mesma casa foram Públio e Quinto,
que a melhor água por canais nos deram...
Mais: Censorino, assim apelidado —
com honra, pois censor foi duas vezes —
foi mui glorioso antepassado dele.
Sicínio · Com uma origem dessas e, por cima,
com predicados próprios que o tornavam
digno do posto, foi recomendado
por nós a vossa estima. Mas achastes,
depois de sopesar sua conduta
presente com o passado, que ele é vosso
figadal inimigo e que, por isso,
retirais vosso voto irrefletido.
Bruto · Dizei-lhes que jamais teríeis feito
tal coisa — insisti muito nesse ponto —
sem nossa sugestão. E quando todos
estiverem reunidos, dirigi-vos
direto ao Capitólio.
Todos · Assim faremos.
Quase todos estão arrependidos
de semelhante escolha.

(Saem os cidadãos.)

Bruto · Que prossigam.
Será melhor correr os riscos deste
levantamento do que, sem certeza,
condições mais propícias esperarmos.
Se, com o gênio que tem, ficar furioso
com a recusa deles, observemos
bem sua cólera e tiremos dela
o máximo proveito.
Sicínio · Ao Capitólio!
Antes da onda do povo lá estaremos,
parecendo, o que em parte é verdadeiro,
que por impulso próprio agiram, quando,
de fato, os aguilhoamos.

(Saem.)

Ato III · Cena I

Roma. Uma rua.
Cornetas. Entram Coriolano, Menênio, Comínio, Tito Lárcio, senadores e patrícios.

Coriolano · É certo, então, que Tulo Aufídio se
acha novamente de pé?
Lárcio · Perfeitamente,
senhor, sendo essa a causa de nos termos
unido tão depressa.
Coriolano · Então os volscos
se encontram como no princípio, prontos,
conforme as circunstâncias, a atacar-nos.
Comínio · Tão gastos, senhor cônsul, estão todos,
que mui dificilmente em nossas vidas
veremos seus pendões outra vez soltos.
Coriolano · Vistes Aufídio?
Lárcio · Veio procurar-me
com passe livre, tendo amaldiçoado
todos os volscos, por cedido haverem
a cidade com tanta covardia.
Retirou-se para Ântio.
Coriolano · Falou de mim?
Lárcio · Falou, senhor.
Coriolano · Mas como?
Que disse?
Lárcio · Que convosco se encontrara
muitas vezes, espada contra espada;
que não há coisa alguma sobre a terra
de que ele, como a vós, tanto ódio tenha,
e que de grado arriscaria todos

shakespearebrasileiro.org

os seus bens em parada perigosa,
contanto que pudesse ser chamado
de vosso vencedor.
CORIOLANO · Vive ora em Ântio?
LÁRCIO · Em Ântio.
CORIOLANO · Desejara ter motivo
para ir lá procurá-lo e, assim, opor-me
de cheio, ao seu rancor. Sois mui bem-vindo.
(Entram Sicínio e Bruto.)
Os tribunos do povo, vede! A língua
da boca dos comuns! Tenho por eles
só desprezo, por causa da maneira
por que se pavoneiam nos seus cargos.
Não há paciência nobre que os suporte.
SICÍNIO · Parai aí!
CORIOLANO · Que é que houve? Que acontece?
BRUTO · Seria perigoso ir mais adiante.
CORIOLANO · Qual foi a causa de uma tal mudança?
MENÊNIO · Que aconteceu?
COMÍNIO · Não foi, acaso, eleito
pelos nobres e, assim, pelos comuns?
BRUTO · Não, Comínio; não foi.
CORIOLANO · Então só obtive
votos de criança?
PRIMEIRO SENADOR · Abri-nos o caminho,
tribunos; ele vai para o mercado.
BRUTO · Exaltado contra ele se acha o povo.
SICÍNIO · Detende-vos; se não, sairá barulho.
CORIOLANO · Esse é o vosso rebanho? Será digno
de votar quem promete seu sufrágio
para, no mesmo instante, retirá-lo?
Que foi feito de vossa autoridade?
Se a boca sois do povo, por que causa
não dirigis seus dentes? Porventura
não os espicaçastes?
MENÊNIO · Calma! Calma!
CORIOLANO · É de caso pensado; houve conjura
para dobrar o voto da nobreza.
Tolerai isso e, após vivei com quem
não sabe nem mandar nem ser mandado.
BRUTO · Não faleis de conjura. O povo grita
que o ludibriastes e que há pouco tempo,
quando foi distribuído trigo grátis,
vós murmurastes e fizestes troça
de seus representantes e os chamastes
de criados do momento, aduladores,
inimigos dos nobres.
CORIOLANO · Mas tudo isso
era mais que sabido.
BRUTO · Não de todos.
CORIOLANO · Quer dizer que depois os
informastes?
BRUTO · Eu, informá-los? Como!
CORIOLANO · Sois capazes
de semelhantes atos.
BRUTO · Pelo menos
sou capaz de melhores do que os vossos.
CORIOLANO · Então, por que eu teria de ser cônsul?
Oh! pelas nuvens! Arranjai um jeito
de, como vós, eu me tornar inepto
e me nomeai tribuno ao vosso lado.
SICÍNIO · Revelais em excesso o que tem feito
tanto excitar o povo. Se quiserdes
alcançar o alvo a que visais, forçoso
vos será procurar a estrada certa,
de que vos afastais, com outro espírito,
ou nunca alcançareis o nobre posto
de cônsul, nem sereis jungido ao lado
dele como tribuno.
MENÊNIO · Ficai calmos.
COMÍNIO · Semelhantes trapaças não são dignas
de Roma, nem merece Coriolano
que atiremos com tanta falsidade
na estrada reta de seu grande mérito
lixo tão desonroso.
CORIOLANO · Ora! falarem-me
de trigo! Novamente vou dizer-vos
qual foi o meu discurso.
MENÊNIO · Não agora!
Depois! Depois!
PRIMEIRO SENADOR · Nem nesse estado de alma,
caro senhor.
CORIOLANO · Por minha vida, agora!
Quero falar. Meus nobres companheiros,
peço vosso perdão.
Quanto aos muitos, mutáveis sempre, e sempre
malcheirosos, que em mim venham mirar-se —
que eu a ninguém adulo — e se conheçam.
Repito: lisonjeando-os desse modo,
contra nosso senado alimentamos
o germe da revolta, da insolência,
da rebelião, lançado por nós próprios
no sulco aberto e no terreno ao longe
semeado e dispersado, com os termos

shakespearebrasileiro.org

trazido para o número dos nobres
que de virtude nem poder carecem,
senão das que deixamos aos mendigos.
Menênio · É o bastante! É o bastante!
Primeiro Senador · Nem mais uma
palavra, por obséquio.
Coriolano · Nem mais uma?
Como! Do mesmo modo que na guerra
o sangue derramei por minha pátria
sem temer força externa, hão de palavras
cunhar os meus pulmões até pararem,
contra estes lazarentos, que receamos
possam contaminar-nos, mas fazemos
tudo para pegar a doença deles.
Bruto · Falais do povo como se um deus fôsseis
para punir, e não um homem fraco
como qualquer um deles.
Sicínio · Bom seria
que fôssemos falar ao povo disso.
Menênio · Como! Falar de quê? De sua cólera?
Coriolano · Cólera?
Embora eu fosse calmo como o sono
da meia-noite — pelo grande Jove! —
meu modo de pensar seria o mesmo.
Sicínio · É um modo de pensar que ficar deve,
como veneno que é, no lugar próprio,
sem que continuar possa a ser nocivo.
Coriolano · Deve ficar? Ouvistes o que disse
o tritão das sardinhas? Percebestes
seu absoluto "deve"?
Comínio · Foi um lapso
de expressão.
Coriolano · Como! "Deve"? Oh generosos
mas levianos patrícios! Como, graves
senadores, porém imprevidentes,
permitistes a essa hidra que escolhesse
representante para, com um "deve"
impudente, ele que é, tão-só, a tromba
e o barulho do monstro, ter o ousio
de pretender mudar num fosso estreito
a corrente de vossa autoridade,
transformando no dele vosso leito?
Se ele é potente, então acomodai-vos
em vossa estupidez; se não, que acorde
vossa indulgência mais que perigosa.
Se sois esclarecidos, que não seja
vossa conduta como a dos idiotas;
não o sendo, então, que eles também se sentem
ao vosso lado em moles almofadas.
Sois plebeus, se eles forem senadores;
e menos não serão desde que, tendo
misturado seus votos com os dos nobres,
sente o fino padar ao gosto deles.
Escolheram os seus representantes
do tipo deste que antepôs seu "deve",
seu "deve" popular, a este conclave
de graves senadores, como nunca
franziu outro na Grécia o cenho augusto.
Por Jove! Isso rebaixa nossos cônsules.
Sofro até o fundo da alma, quando vejo
dois poderes de pé, sem que o primado
nenhum alcance, e como facilmente
penetra a confusão no espaço entre ambos,
vindo, assim, mutuamente a se destruírem.
Comínio · Bem: mas vamos à praça do mercado.
Coriolano · Quem leve a idéia de distribuir grátis
o trigo dos depósitos, tal como
algumas vezes já se fez na Grécia...
Menênio · Muito bem! Muito bem! Sobre isso
basta.
Coriolano · ...embora o povo lá tivesse muito
mais força que entre nós, com isso apenas
trabalhou para a ruína da república.
Bruto · Como! Poderá o povo dar seu voto
para quem fala assim?
Coriolano · Vou dar-vos minhas
razões, que valem mais que o voto deles.
Eles tinham certeza de que o trigo
que lhe demos não era recompensa
por coisa alguma, pois jamais haviam
feito jus a tal prêmio. Quando instados
para a guerra, no instante em que a república
atingida se via nas entranhas,
não ousaram pôr pé fora das portas.
Merecerá serviço desse gênero
distribuição de trigo? Na campanha,
seus motins e revoltas, com os quais todos
sobretudo mostravam valentia,
a favor deles não falavam nunca.
As recriminações que, tão freqüentes,
contra nosso senado levantaram,
todas elas de causa inexistente,
não poderiam nunca ser motivo
de dádiva tão franca. Bem; e agora?

shakespearebrasileiro.org

Como essa multidão de vista curta
digere a cortesia do senado?
Que traduzam seus atos os discursos
em tudo iguais àqueles: "Exigimos;
somos a grande massa, tendo sido
por puro medo que eles concederam
tudo quanto pedimos". Rebaixamos,
assim, a natureza do mandato,
justificando que a canalha o nome
de medo dê ao que é solicitude.
Dentro de pouco, as portas do senado
serão forçadas e no seu recinto
os corvos bicarão as próprias águias.

MENÊNIO · Vamos; já chega.

BRUTO · Chega com excesso.

CORIOLANO · Não, ouvi o que falta. Quanto as juras
constituem, humanas e divinas,
sele agora o meu fecho. Esse o governo
de dois poderes, no qual uma parte
sente desprezo, com razão, da outra,
sendo por ela, sem nenhum motivo,
coberta só de injúrias; em que os títulos,
a experiência, a nobreza não conseguem
decidir coisa alguma sem que alcancem
o sim ou o não da estupidez dos muitos:
acabará das reais necessidades
se descuidando, para ver-se presa
da inconstante fraqueza. Quando todos
os propósitos, todos, morrem frustros,
tudo passa a ser feito sem propósito.
Por isso vos conjuro, vós que menos
medrosos quereis ser do que discretos;
que amais os fundamentos da república
bastantemente para não quererdes
vê-los modificados; que uma vida
com nobreza antepondes à existência
prolongada e sem cor, e arriscaríeis
aplicar um remédio perigoso
num corpo que, sem isso, perecera:
já já tirai à multidão a língua;
que ela não lamba o mel que é seu veneno.
Vosso rebaixamento deixa em postas
o são juízo e priva o alto governo
da inviolabilidade indispensável,
que nenhum bem agora fazer pode
pelo mal que o dirige.

BRUTO · Falou muito.

SICÍNIO · Falou como traidor, devendo a pena
receber dos traidores.

CORIOLANO · Grande tolo,
que o desprezo te esmague! Que é que pode
fazer o povo com tribunos calvos?
Porque depende deles, nega toda
reverência ao poder mais elevado.
Foi uma rebelião que os elegeu,
quando a coação é lei, não o direito.
Denominai, numa hora mais propícia,
direito o que é direito e ao pó da rua
atirai seu poder.

BRUTO · Traição patente!

SICÍNIO · Isto é ser cônsul? Nunca!

BRUTO · Olá! Edis!
Venham logo prendê-lo.

(Entra um edil.)

SICÍNIO · Chama o povo,

(Sai o edil.)

em cujo nome eu te detenho, como
inovador traiçoeiro e da república
declarado inimigo. Ordeno-o; segue-me
e entrega-te à justiça.

CORIOLANO · Velho bode,
para trás!

SENADORES · De caução lhe serviremos.

COMÍNIO · Velho, abaixai a mão!

CORIOLANO · Sai, coisa podre!
do contrário, farei saltar-te os ossos
de dentro dessa roupa.

SICÍNIO · Cidadãos!
Socorro, cidadãos!

(Entram outros edis, com um magote de cidadãos.)

MENÊNIO · De ambos os lados,
mais reflexão.

SICÍNIO · Ali podeis ver o homem
que quisera deixar-vos sem direitos.

BRUTO · Edis, prendei-o!

CIDADÃOS · Abaixo! Abaixo!

SENADORES · Armas! Armas! Armas!

(Correm todos, aos gritos, para o lado de Coriolano.)

Tribunos! Cidadãos! Patrícios! Oh!
Sicínio! Bruto! Coriolano! Amigos!
Paz, paz! Detende-vos! Silêncio! Paz!

MENÊNIO ·
Que se vai dar? Estou quase sem fôlego.
Estamos na iminência de um desastre.

shakespearebrasileiro.org

Não sei falar... Tribunos populares,
vós aí... Coriolano, mais paciência!
Bom Sicínio, falai!
SICÍNIO · Povo, escutai-me!
CIDADÃOS · Nosso tribuno vai falar! Ouçamo-lo!
Paz! Silêncio!... Falai, falai, falai!
SICÍNIO · Arriscados estais a perder todas
as vossas liberdades; desejara
Márcio vo-las tirar, Márcio que cônsul
acabais de eleger.
MENÊNIO · Ora, que coisa!
Isso é aumentar, não extinguir a chama.
PRIMEIRO SENADOR · A cidade destruir, arrasar
tudo.
SICÍNIO · E que é a cidade, se não for o povo?
CIDADÃOS · Sim, é certo: a cidade é o próprio povo.
BRUTO · Fomos eleitos seus representantes
pelo voto geral.
CIDADÃOS · E nesse posto
continuareis.
MENÊNIO · É o que parece, mesmo.
COMÍNIO · Esse é o caminho de arrasar os muros,
de pôr o teto rente aos alicerces
e enterrar quanto ainda se acha em ordem
sob um montão de ruínas.
SICÍNIO · Será a morte
para isso a pena certa.
BRUTO · Ou damos prova
de nossa autoridade, ou perdê-la-emos
definitivamente. Declaramos,
pois, em nome do povo, cuja força
nos elegeu representantes dele,
que Caio é digno de imediata morte.
SICÍNIO · Segurai-o, portanto, e o levai logo
para a rocha Tarpéia, de onde seja
precipitado e morto.
BRUTO · Edis, prendei-o!
CIDADÃOS · Márcio, entrega-te!
MENÊNIO · Ouvi-me uma palavra.
Conjuro-vos, tribuno: uma palavra,
tão-somente.
EDIS · Silêncio! Paz!
MENÊNIO · Agora
sede o que pareceis: amigos certos
de vossa pátria e procedei com calma
para o conserto do que por violência
pretendeis corrigir.
BRUTO · Senhor, processos
frios como esse, que com mui prudentes
recursos se assemelham, são veneno
quando o mal é violento. — Segurai-o!
Para a rocha arrastai-o!
CORIOLANO · Não; primeiro
me tirarão a vida.
(Arranca a espada.)
Alguns dos vossos
já me viram lutar. Vinde e em vós próprios
exp'rimentai o que fazer me vistes.
MENÊNIO · Abaixai essa espada! Retirai-vos,
tribunos, um momento.
BRUTO · Segurai-o!
MENÊNIO ·
Socorrei Márcio! — Aqui! socorrei Márcio,
vós da nobreza! Aqui, moços e velhos!
CIDADÃOS · Abaixo Coriolano! Abaixo! Abaixo!
(No tumulto os tribunos, os edis e o povo são repelidos.)
MENÊNIO · Já! retirai-vos para vossas casas;
se não, tudo irá mal.
SEGUNDO SENADOR · Sim, retirai-vos!
CORIOLANO ·
Fiquemos firmes pois é igual o número
de amigos e inimigos.
MENÊNIO · Chegaremos
a esse ponto?
PRIMEIRO SENADOR · Que os deuses não o permitam!
Peço-te, nobre amigo, por obséquio,
vai para casa e deixa a nosso cargo
o tratamento disto.
MENÊNIO · Dói-nos muito
não poderdes pensar vós mesmo a chaga.
Por favor, retirai-vos.
COMÍNIO · Vinde, vinde,
meu senhor!
CORIOLANO · Desejara que eles fossem
bárbaros — como o são, embora tenham
tido todos em Roma a manjedoura —
não romanos — o que não são, realmente,
muito embora paridos tenham sido
todos junto ao portão do Capitólio...
MENÊNIO · Retirai-vos, sem pôr em vossa boca
tanta cólera nobre. Ainda veremos
o dia da vingança.
CORIOLANO · Em campo liso
bateria quarenta desses biltres.

shakespearebrasileiro.org

MENÊNIO · Eu próprio me incumbira de um par deles, os mais valentes, sim, os dois tribunos.
COMÍNIO · Mas a desproporção agora é enorme; passa da conta, merecendo o nome de loucura a coragem que se oponha a um edifício que a cair esteja. Não quereis ir antes que a corja volte? Sua raiva parece-se com a água represada, que vence os altos diques que vencê-la soíam.
MENÊNIO · Ide, peço-vos. Quero ver se ainda dá meu velho espírito para tratar com quem nenhum possui. É indiferente a cor do pano usado como remendo.
COMÍNIO · Vamos, vamos logo.
(Saem Coriolano, Comínio e outros.)
PRIMEIRO PATRÍCIO · Este homem estragou a própria sorte.
MENÊNIO · De natural é em demasia nobre para este mundo. Não adularia Netuno sob ameaça do tridente, nem Jove pela força de seu raio. A boca é o coração; ao que se forja dentro do peito a língua dá saída. Chega a esquecer, quando encolerizado, que o nome ouviu da morte em qualquer tempo.
(Barulho dentro.)
Vamos ter coisa.
SEGUNDO PATRÍCIO · Fossem para as camas!
MENÊNIO · No Tibre é que os quisera. Com os demônios! Mas por que causa não falou com modos?
(Voltam Bruto e Sicínio, com a ralé.)
SICÍNIO · Onde está aquela víbora que Roma quisera despovoar para tornar-se todo o mundo ele só?
MENÊNIO · Dignos tribunos...
SICÍNIO · Com rigorosas mãos será atirado já da rocha Tarpéia. Resistiu à lei; por isso a lei desprezar deve quaisquer formalidades e entregá-lo ao rigor do poder do próprio povo por ele desprezado tanto e tanto.
PRIMEIRO CIDADÃO · Fique ele, assim, sabendo que os tribunos são a cabeça do povo e nós, seus braços.
CIDADÃOS · Oh! vai ficar sabendo.
MENÊNIO · Mas senhores...
SICÍNIO · Calai-vos!
MENÊNIO · Não griteis "Avança!" quando caçar só poderíeis com direitos em tudo relativos.
SICÍNIO · Por que causa, meu senhor, o ajudastes nesta fuga?
MENÊNIO · Ouvi-me um pouco. Assim como conheço todo o valor do cônsul, também posso apontar suas faltas.
SICÍNIO · Cônsul? Que cônsul!
MENÊNIO · O cônsul Coriolano.
BRUTO · Cônsul, ele?
CIDADÃOS · Não, não, não, não!
MENÊNIO · Se com o consentimento dos tribunos e o vosso, meu bom povo, eu conseguisse dizer-vos uma ou duas palavrinhas, quando muito algum tempo perderíeis.
SICÍNIO · Então sede sucinto, porque estamos determinados a matar aquele viperino traidor. Grande perigo fora expulsá-lo; nossa morte certa, conservá-lo entre nós. Ficou assentado, por isso, que esta tarde a morrer venha.
MENÊNIO · Os deuses não permitam que a famosa Roma, cujo alto apreço por seus filhos meritórios impresso está no livro do grande Jove, mãe desnaturada se revele, comendo os próprios filhos.
SICÍNIO · É doença que precisa ser cortada pela raiz.
MENÊNIO · Oh não! É um membro doente, tão-somente. Cortá-lo é perigoso; curá-lo é fácil. Que fez ele a Roma que só mereça a morte? Ter matado nossos imigos? Quando perdeu sangue — que ultrapassa de muitas onças, posso vos afirmar, quanto ele ainda possua — derramado foi todo pela pátria. Se sua pátria agora derramasse o pouco que lhe resta, para todos nós que nisso tivermos parte, ou formos simples espectadores, fora infâmia que duraria até acabar o mundo.
SICÍNIO · Pura tolice, tudo.
BRUTO · E sem propósito. Quando ele amou a pátria, esta o exaltou.

shakespearebrasileiro.org

Menênio · Se nosso pé gangrena, deixaremos
de estimar seus serviços anteriores?
Bruto · Basta de palavrório. Ide buscá-lo
em sua própria casa, de lá mesmo
tirando-o à força, para que essa doença,
que pega facilmente, não se alastre.
Menênio · Uma palavra, ainda; uma palavra!
Essa fúria de pés de tigre, quando
perceber os prejuízos resultantes
da precipitação, há de, mui tarde,
desejar ter nos pés libras de chumbo.
Prossegui desse modo, para verdes
que ele é muito estimado — levantarem-se
os partidos em luta e ser saqueada
a grande Roma pelos próprios filhos.
Bruto · Se tal se desse...
Sicínio · Para quê falardes?
Já não ficamos conhecendo a sua
desobediência? Não nos desafiou?
Não bateu nos edis? Sigamos logo.
Menênio · Refleti que ele criado foi nas guerras
desde que pôde manejar a espada,
mal iniciado foi nos artifícios
da linguagem polida, misturando
sem distinção a boa e a má farinha.
Se me derdes licença, irei buscá-lo,
para que ele responda legalmente,
em paz, correndo os riscos e perigos
que ele próprio criou.
Primeiro Senador · Nobres tribunos,
esse é o caminho humano; o outro processo
por demais sanguinário se revela,
não conhecendo o fim seu próprio início.
Sicínio · Ireis ficar, então, nobre Menênio,
como oficial do povo. Abaixai vossas
armas, meus mestres.
Bruto · Não vos recolhais.
Sicínio · Ide já para a praça do mercado.
(A Menênio.)
Lá vos esperaremos; mas no caso
de não levardes Márcio, em nosso plano
prosseguiremos.
Menênio · Não; hei de levá-lo.
(Aos senadores.)
Desejo que me acompanheis; forçoso
será que venha; do contrário, graves
serão as conseqüências.
Primeiro Senador · Então vamos.
(Saem.)

Ato III · Cena II

*O mesmo. Um quarto em casa de Coriolano.
Entram Coriolano e patrícios.*

Coriolano · Ainda mesmo que todos eles venham
dilacerar-me a orelha, ou ameaçar-me
de morte pela roda ou esquartejado
por cavalos selvagens; ainda mesmo
que dez colinas empilhadas ponham
sobre a rocha Tarpéia, porque a queda
se venha a dar sem que a visão a alcance:
não modificarei minha atitude.
Primeiro Patrício ·
Tanto mais nobre ela será em tudo.
Coriolano ·
O que me admira é ver que não concorda
comigo minha mãe sobre este ponto.
ela que sempre lhes chamou escravos
de roupa de algodão, coisinhas feitas
para o comércio de vintém, apenas,
e para nas reuniões aparecerem
de cabeça despida, boca aberta,
sem dizerem palavra, revelando
grande espanto, quando um do meu calibre
se alça para falar de paz e guerra.
(Entra Volúmnia.)
Falo de vós. Por que desejaríeis
ver-me mais brando? Preferis que eu seja
infiel à minha própria natureza?
Fora melhor quererdes que meu próprio
papel eu represente.
Volúmnia · Oh homem! Homem!
homem! Quisera que primeiro o posto
tivésseis alcançado, embora viésseis
depois a malgastá-lo.

shakespearebrasileiro.org

CORIOLANO · Pouco importa.
VOLÚMNIA · Poderíeis ter sido inteiramente
o homem que sois, sem tanto empenho em sê-lo.
Vossas disposições teriam vindo
a encontrar menos óbices, no caso
de não terdes mostrado aos adversários
quais elas eram antes que eles força
pudessem ter para contradizer-vos.
CORIOLANO · Ora! Forca para eles.
VOLÚMNIA · E fogueira.
(Entram Menênio e vários senadores.)
MENÊNIO · Vamos, vamos! Vós fostes muito brusco,
muito brusco, realmente. É necessário
virdes conosco, para endireitardes
o que foi feito.
PRIMEIRO SENADOR · Não há outro meio.
Caso não concordeis com isso, nossa
boa cidade ficará cindida
em duas partes, vindo a destruir-se.
VOLÚMNIA · Sede cordato, peço-vos. Possuo
também um coração tão impetuoso
quanto o vosso. Contudo, tenho cérebro
que sabe dirigir a estuosa cólera
para vantagem própria.
MENÊNIO · Muito certo,
nobre dama! Antes que ele se curvasse
perante a turba, se violenta crise
do tempo não pedisse esse remédio,
para que todo o Estado a sarar viesse,
envergaria eu próprio minhas armas
que mal sustentar posso.
CORIOLANO · Que é preciso
que eu faça?
MENÊNIO · Ir para junto dos tribunos.
CORIOLANO ·
Muito bem! Muito bem! E depois disso?
MENÊNIO · Retratar-vos de tudo o que dissestes.
CORIOLANO ·
Como! Perante o povo? Se nem mesmo
perante os deuses poderei fazê-lo
serei forçado agora a retratar-me?
VOLÚMNIA · Sois muito rigoroso. Muito embora
grande nobreza em tudo revelásseis,
fala a necessidade. Não dissestes
uma vez que na guerra a astúcia e a honra,
como grandes amigas, de mãos dadas
andam todos os dias? Concedei-me
esse ponto e dizei-me em que uma delas
pode perder na paz, para que tenha
de separar-se da outra?
CORIOLANO · Basta! Basta!
MENÊNIO · Excelente questão.
VOLÚMNIA · Se em vossas guerras
for honra parecer o que não sois —
o que, para ganhar, vos manda a astúcia —
em que será menor ou deprimente
as duas amizades não fazerem
na paz como na guerra, se isso exigem
ambas com o mesmo empenho?
CORIOLANO · Por que causa
sobre isso insistis tanto?
VOLÚMNIA · Porque importa
muito falardes hoje para o povo,
não segundo a experiência vos ditar,
nem como o coração vos aconselha,
mas com palavras que só tenham curso
superficial na língua, pensamentos
bastardos e fraseado sem nenhuma
relação com a lealdade do imo peito.
Ora, isso vos desonra tanto como
tomar um burgo com palavras brandas
sem as quais vos veríeis obrigado
a confiar na fortuna sempre móvel
e a arriscar muito sangue.
Eu dissimularia a natureza,
quando a própria fortuna e a dos amigos
em perigo o exigissem de minha honra.
É assim que eu penso, vossa esposa, o filho,
todos os senadores, nossos nobres.
Mas preferis mostrar aos farrapentos
como franzis o cenho, a um sorrisinho
gastar com eles, para que a herdar viésseis
o que, de outra maneira, se perdera.
MENÊNIO · Nobre senhora! Vamos! Vamos logo!
Falai direito para remediardes
não somente o presente perigoso,
como os males passados.
VOLÚMNIA · Sim, meu filho,
dirige-te para eles com teu gorro
na mão, assim, levando-o bem à frente,
e deixa que teu joelho beije a terra,
porque nesses assuntos a eloqüência

shakespearebrasileiro.org

melhor é o gesto; muito mais instruído
é o olho do ignorante do que o ouvido;
inclina a fronte assim, que muitas vezes
o altivo coração te repreendeu,
e tão humilde a deixa como a amora
madura que mal pode ser tocada.
Ou então lhes dize que és soldado deles,
e por teres crescido nas campanhas
desconheces os meios delicados —
confessarás também — mais condizentes
com a atitude que fora de exigir-se
de quem implora o bom favor de todos:
mas que ao feitio deles, em verdade,
pretendes adaptar-te quanto a tua
pessoa e as energias permitirem.

Menênio · Fazei apenas quanto ela aconselha
e tereis ganho o coração de todos,
pois a perdoar tão prontos estão, sempre,
quando solicitados, como fáceis
se mostram de palavras sem propósito.

Volúmnia · Vamos; sê comedido, por obséquio,
embora eu saiba que preferirias
ir em perseguição de teu imigo
num abismo de chamas, a adulá-lo
num relvado macio. Aí vem Comínio.

(Entra Comínio.)

Comínio · Venho da praça pública; é preciso,
senhor, que reforceis vossos adeptos
ou que cuideis de vossa salvação
pela moderação ou pela ausência.
A indignação é grande.

Menênio · Dirigi-lhes
palavras amigáveis.

Comínio · Suficientes
poderão ser, tenho certeza disso,
se o gênio ele dobrar nesse sentido.

Volúmnia · Há de fazê-lo e de bom grado. Vamos!
dizei que assim quereis e parti logo.

Coriolano · Será preciso, então, mostrar a todos
a cabeça raspada? Com fingida
língua imporei ao coração altivo
uma mentira dessas? Bem; que seja.
Mas se em perigo apenas estivesse
este terrão, o molde deste Márcio,
antes disso o teriam reduzido
a poeira fina e a arremessado aos ventos.
Bem; para a praça pública! Impusestes-me
um papel que jamais será possível
representar direito.

Comínio · Vamos, vamos;
serviremos de ponto.

Volúmnia · Eu te suplico,
meu caro filho: tens asseverado
que ficaste guerreiro tão-somente
pelos meus elogios. Ora cumpre
representares um papel inédito.

Coriolano · Bem; representá-lo-ei. Fora, nativa
disposição! De mim se aposse agora
o espírito de alguma prostituta.
Minha goela guerreira, que fazia
coro com meu tambor, torne-se cânula
tão fina como a voz de eunuco ou virgem,
quando no berço embala as criancinhas.
Que em minhas faces fixe moradia
o riso dos poltrões; tape as janelas
de meus olhos o choro de meninos;
que em minha boca a língua de mendigo
se ponha em movimento e que estes joelhos
armados, nunca afeitos a dobrarem-se
senão para montar, ora se curvem
como os do pobre que recebe esmola!
Não! Não farei tal coisa, que não posso
deixar de honrar minha verdade intrínseca,
o que faria se, pela atitude
do corpo, à alma ensinasse tal baixeza.

Volúmnia · Como queiras, então; maior desonra
é para mim pedir-te do que mesmo
dirigires-te ao povo. Venha abaixo
tudo quanto há, que é preferível dares
a sentir a tua mãe teu grande orgulho
a fazê-la recear-se, em qualquer tempo,
de tua perigosa teimosia,
pois rio-me da morte com tanto ânimo
como tu próprio. Faze o que quiseres;
teu heroísmo vem de mim; mamaste-o
com meu leite; porém todo esse orgulho
só a ti mesmo deves.

Coriolano · Por obséquio,
mãe, acalmai-vos. Vou para o mercado;
já decidi. Parai com esses ralhos.
Pretendo escamotear o amor de todos,
o coração furtar-lhes, retornando
adorado por todos os artífices
de nossa Roma. Vede: já vou indo.

shakespearebrasileiro.org

Dai recomendações a minha esposa.
Voltarei como cônsul; do contrário,
nunca mais confiarei em minha língua
no que à bajulação disser respeito.
VOLÚMNIA · Fazei o que quiserdes.

(Sai.)

COMÍNIO · Vamos logo!
Os tribunos já estão à vossa espera.
Disponde-vos a lhes falar com calma,
pois em reservas, dizem todos, têm
acusações mais fortes do que quantas
já vos houvessem feito.
MENÊNIO · "Brandamente",
é a senha de hoje.
CORIOLANO · Vamos, por obséquio.
Que inventem contra mim o que quiserem,
que minha honra será toda a resposta.
MENÊNIO · Com brandura, porém.
CORIOLANO · Sim, com brandura.
Que seja: com brandura!

(Saem.)

Ato III · Cena III

O mesmo. O foro.
Entram Sicínio e Bruto.

BRUTO · Sobre esse ponto carregai com força:
que ele aspira ao poder da tirania.
No caso de escapar-nos, acusai-o
de odiar o povo e de não ter, até hoje,
feito a distribuição do grande espólio
conquistado na guerra dos antíates.

(Entra um edil.)

Como é: vem ou não vem?
EDIL · Já está chegando.
BRUTO · E quem agora vem com ele?
EDIL · O velho
Menênio e os senadores que costumam
satisfazê-lo em tudo.
SICÍNIO · Conseguistes
organizar a lista, por cabeça,
das vozes que do nosso lado se acham?
EDIL · Consegui; está pronta.
SICÍNIO · Organizaste-las
segundo as tribos?
EDIL · Sim.
SICÍNIO · Então, depressa
convocai todo o povo. No momento
em que me ouvirem declarar: "De acordo
com o direito e a vontade dos comuns,
será desta maneira", quer se trate
de morte, multa ou banimento, todos,
se eu disser: multa! gritar devem "Multa"
se: morte! gritem "Morte", persistindo
nos velhos privilégios e na força
da verdade da causa.
EDIL · Hei de informá-los
do que dizeis.
BRUTO · E desde que tiverem
começado a gritar, não se detenham;
com confuso alarido exijam pronta
execução de quanto resolvermos,
seja qual for a pena.
EDIL · Muito bem.
SICÍNIO · Fortes os conservai e sempre atentos
ao sinal que teremos de fazer-lhes.
BRUTO · Ponde pressa em tudo isso.

(Sai o edil.)

Tratai logo
de deixá-lo colérico. Ele se acha
acostumado a dominar em tudo,
afirmando o valor na resistência.
Uma vez alterado, não se deixa
refrear pela prudência e fala tudo
que tem no coração, só parecendo
que se empenha, com nossa interferência,
em quebrar o pescoço.
SICÍNIO · Aí vem ele.

(Entram Coriolano, Menênio, Comínio, senadores e patrícios.)

MENÊNIO · Calma, é só o que vos peço.
CORIOLANO ·
Sim, tal como o servente que por ínfima
moedinha engole pencas de "velhacos"
que os altos deuses sempre amparem Roma,

shakespearebrasileiro.org

as cadeiras provejam da justiça
com pessoas de bem, e entre nós todos
a concórdia semeiem. Que com cenas
de paz apinhem sempre nossos templos,
não as ruas com mostras belicosas.
Primeiro Senador · Amém.
Menênio · Um nobre voto.
(Volta o edil, seguido de cidadãos.)
Sicínio · Aproximai-vos, povo!
Edil · Ouvi os tribunos!
Prestai toda atenção. Silêncio! digo.
Coriolano · Permiti que eu comece.
Ambos os Tribunos · Bem; falai.
Silêncio, aí!
Coriolano · Acabarão, acaso,
minhas acusações com essas de hoje?
Sicínio · Pergunto se vos submeteis ao voto
do povo, se aceitais seus magistrados
e concordais em que se instaure pronta
sindicância com relação às faltas
que imputadas vos forem.
Coriolano · Sim, concordo.
Menênio · Cidadãos! Ele disse que concorda.
Considerai agora seus serviços
durante a guerra a refleti nas marcas
que no corpo ele traz e que parecem
sepulturas num santo cemitério.
Coriolano · Pequenos arranhões de espinho,
apenas, esfoladuras que provocam riso.
Menênio · Além do mais, consideremos que ele
não fala como cidadão, a todos
qual soldado se mostra, não devendo,
portanto, serem tidos seus acentos
ásperos como fala maliciosa,
mas, como disse, própria de um soldado,
sem que possa ofender-vos.
Comínio · Bem; já basta.
Coriolano · Por que motivo, tendo eu sido eleito
por unanimidade para o posto
de cônsul, na mesma hora sofro a afronta
de minha indicação ver anulada?
Sicínio · A vós é que compete responder-nos.
Coriolano · Falai; é certo.
Sicínio · Nós vos acusamos
de tentar suprimir de Roma todos
os postos constituídos e de ao mando
tirânico aspirar, assim tornando-vos
traidor ao povo.
Coriolano · Como assim! Traidor?
Menênio ·
Com mais calma. Lembrai-vos da promessa.
Coriolano ·
Que as chamas do mais baixo inferno envolvam
de uma vez esse povo! Eu, insultado
de traidor e por ti, tribuno infame!
Embora nesses olhos se assentassem
vinte mil mortes e em tuas mãos crispadas
outros tantos milhões, em tua língua
caluniosa os dois números somados,
dir-te-ia "Mentes!" com uma voz tão livre
como quando oro aos deuses.
Sicínio · Observastes
o que ele disse, povo?
Cidadãos · Para a rocha!
Para a rocha com ele!
Sicínio · Não! Silêncio!
Não precisamos de matéria nova
para contra ele fazer carga. Tudo
quanto o vistes fazer e dele ouvistes:
de insultos vos cobrir, bater em vossos
representantes, pela força bruta
às leis se opor, desafiar agora
a autoridade que julgá-lo iria...
Este atentado, por si só, tão grande,
merece a pena de mais dura morte.
Bruto · Mas, à vista de ter servido Roma...
Coriolano · Por que tagarelar de meus serviços?
Bruto · Digo o que sei.
Coriolano · Quem? Vós?
Menênio · Essa é a promess
que a vossa mãe fizestes?
Comínio · Por obséquio.
ficai sabendo...
Coriolano · Não! Não quero
coisa nenhuma. Eles que me condenem
à alcantilada morte da Tarpéia,
ao vagabundo exílio, a me arrancarem
aos poucos toda pele, a definhar-me
lentamente no cárcere, só tendo
por alimento um grão em cada dia:
não comprarei nunca o favor deles
à custa de um só termo delicado,

shakespearebrasileiro.org

nem a minha coragem eu refreara
por todos seus presentes, muito embora
só "Bom dia" dizer-lhes me custasse.
Sicínio · Tendo-se em vista que por várias vezes —
quanto dele, somente, dependia
conspirou contra o povo, procurando
meios para privá-lo dos poderes,
chegando a se valer recentemente
da violência culposa. O que foi feito
não só em frente da justiça augusta,
mas até na dos próprios servidores
que incumbidos estão de ministrá-la:
em nome, assim, do povo e dos poderes
que nos são inerentes, nós, tribunos,
o declararmos, a partir de agora
banido da cidade,
não podendo, sob pena de jogado
ser a rocha Tarpéia, nunca as portas
transpor de Roma. Em nome, pois, do povo,
repito-o: assim será!
Cidadãos · Assim será! Assim será! Que parta!
Comínio · Ouvi-me, mestres e comuns amigos...
Sicínio · Já foi dada a sentença; agora é tarde.
Comínio · Permiti que vos fale. Já fui cônsul,
podendo vos mostrar no corpo as marcas
dos golpes dos imigos da cidade.
Dedico ao bem-estar de minha pátria
mais respeitoso amor e mais profundo,
mais terno e sacrossanto que a mim mesmo,
minha esposa estimada, seus rebentos,
tesouros de meus flancos. Vou dizer-vos...
Sicínio · Já sabemos qual seja vosso intento.
Vamos! Que ireis dizer?
Bruto · Já não há nada
para dizer, senão que está banido
como imigo do povo e da cidade.
Assim será!
Cidadãos · Assim será! Assim será!
Coriolano · Vil matilha de cães, cujo mau hálito
odeio como o pântano empestado,
e cuja simpatia estimo tanto
quanto o cadáver insepulto e podre
que deixa o ar corrompido e irrespirável:
sou eu que vos desterro, e aqui vos deixo
com vossa inconsistência. Que o mais fraco
rumor o coração vos deixe inquieto,
e que só com moverem seus penachos
vos insuflem terror os inimigos.
Ficai com força para banir todos
os vossos defensores, até o dia
em que vossa ignorância, que só entende
quanto venha a sentir, tiver limpado
com todos, menos vós — os inimigos
de vós mesmos — alfim vos entregando
como fracos escravos a algum povo
que vos conquiste sem fazer esforço.
Por vossa causa desprezando Roma
dou-lhe as costas. O mundo é muito grande.
(Sai Coriolano, Comínio, Menênio, senadores e patrícios.)
Edil · O inimigo do povo já partiu!
Cidadãos · Foi-se nosso inimigo! Está banido!
Hu! Hu!
(Todos prorrompem em aclamações e atiram os gorros para o alto.)
Sicínio · Acompanhem-no todos até a porta,
como ele fez convosco, demonstrando-lhe
o máximo desprezo. Atormentai-o,
que ele bem o merece. Mandai uma
guarda nos escoltar pela cidade.
Cidadãos · Vamos! Acompanhemo-lo até a porta!
Vamos todos! Os deuses nos conservem
sempre os nobres tribunos! Vamos todos!
(Saem.)

Ato IV · Cena I

Roma. Em frente da porta da cidade.
Entram Coriolano, Volúmnia, Vergília, Menênio, Comínio e muitos jovens patrícios.)

Coriolano ·
Vamos, vamos! parai com essas lágrimas.
Apenas uma despedida rápida.
Empurra-me o animal de mil cabeças.
Ora, mãe! Onde está vossa coragem?
Costumáveis dizer que a adversidade
põe à prova os espíritos; que os homens
comuns suportam bem as ocorrências

shakespearebrasileiro.org

mais vulgares; que estando o mar sereno,
bons veleiros são todos os navios;
mas que quando a fortuna assesta os golpes
com força, para os suportar com calma
faz-se mister de nobre habilidade.
Muitas e muitas vezes carregastes-me
de regras que invencível deixariam
o coração que viesse a assimilá-las.
Vergília · Oh céus! Oh céus!
Coriolano · Não, por favor, querida...
Volúmnia · Que a peste rubra agora ataque todos
os artesãos e extinga seus ofícios.
Coriolano · Tá, tá, tá! Tornar-me-ei querido deles,
quando a sentir virem minha falta.
Assim não, mãe! Mostrai aquele espírito
que a dizer vos levava tantas vezes
que se tivésseis sido esposa de Hércules
teríeis feito seis de seus trabalhos
e muito suor poupado a vosso esposo.
Adeus, Comínio! Levantai a fronte.
Adeus, esposa! Minha mãe, adeus!
Tudo acabará bem. Meu fiel e velho
Menênio, mais amargas são tuas lágrimas
do que as de um moço e, assim, mais venenosas
para teus olhos. Meu antigo chefe,
severo já te tenho visto, e muitas
vezes já contemplaste cenas duras,
de deixarem de pedra o coração:
explica a estas mulheres pesarosas
que tão pueril é lastimar os golpes
inevitáveis como zombar deles.
Minha mãe, bem sabeis que meus perigos
sempre grande alegria vos causaram;
podeis crer firmemente que, partindo
sozinho como parto, solitário
dragão vou parecer que de seu charco
mais medo infunde e assanha comentários
do que se deixa ver. Ou vosso filho
se elevará de muito sobre a plebe,
ou será preso pelas armadilhas
e laços da traição.
Volúmnia · Meu primogênito,
para onde irás? Leva até certo ponto
contigo o bom Comínio; toma alguma
decisão quanto ao teu itinerário,
sem te expores a todos os acasos
que te possam surgir na estrada incerta.
Coriolano · Oh deuses!
Comínio · Ficarei um mês contigo;
combinaremos o retiro juntos,
para que possas receber notícias
de nós e nós de ti. Assim, no caso
de nos lançar o tempo algum pretexto
para te repatriar, nós não teremos
necessidade de correr o mundo
tão vasto em busca de uma só pessoa,
sem que venhamos a perder o ensejo
que sempre se arrefece, quando ausente
se acha o necessitado.
Coriolano · Adeus a todos.
Tens muitos anos sobre ti e te achas
por demais carregado das orgias
da guerra para ires correr mundo
com quem ainda está sem pisaduras.
Vem até a porta; vem, querida esposa,
minha adorada mãe, caros amigos
de nobre toque! Quando além dos muros
eu estiver, dizei-me adeus sorrindo.
Vamos, vamos, vos peço. Enquanto firme
eu estiver na terra, haveis de novas
ouvir a meu respeito, porém nada
que não seja tal como eu antes era.
Menênio · Nada mais digno ouviu orelha alguma.
Paremos de chorar. Ah! se eu pudesse
tirar das velhas pernas e dos braços
pelo menos sete anos, pelos deuses
bondosos, passo a passo te seguiria.
Coriolano · Dá-me a mão. Vamos! Vamos!

(Saem.)

Ato IV · Cena II

O mesmo. Uma rua perto da porta da cidade.
Entram Sicínio, Bruto e um edil.

Sicínio · Mandai que se recolham; já partiu.
Vamos parar aqui, que os nobres se acham
irritados conosco, pois bem vimos
como todos ficaram de seu lado.
Bruto · Tendo provado nossa força, vamos
mostrar mais humildade após o feito
do que durante a ação.
Sicínio · Mandai que todos

shakespearebrasileiro.org

vão para suas casas. O inimigo
máximo, lhes direis, já foi embora,
tendo eles recobrado a força antiga.
BRUTO · Mandai que se recolham para casa.
(Sai o edil.)
(Entram Volúmnia, Vergília e Menênio.)
Aí vem a mãe dele.
SICÍNIO · Retiremo-nos.
BRUTO · Por que razão?
SICÍNIO · Dizem que ficou louca.
BRUTO · Já nos viu; continuemos o caminho.
VOLÚMNIA ·
Oh! chegais muito a tempo. Recompense-vos
os deuses a afeição com seus flagelos
acumulados.
MENÊNIO · Paz! Falai mais baixo.
VOLÚMNIA · Não fossem minhas lágrimas, havíeis
de ouvir-me... Não! Tereis de ouvir um pouco.
(A Bruto.)
Já quereis ir embora?
VERGÍLIA *(A Sicínio)* · É necessário
que também vós fiqueis. Ah! se eu pudesse
dizer a mesma coisa a meu marido!
SICÍNIO · Sois ser humano, acaso?
VOLÚMNIA · Sim, idiota;
será vergonha sê-lo? Que cretino!
Não foi homem meu pai? E tu, que espécie
de raposa serás, para banires
de Roma o herói que a seu favor mais golpes
dera do que palavras já disseste?
SICÍNIO · Oh céu bendito!
VOLÚMNIA · Mais gloriosos golpes
pela causa de Roma do que em todas
as sensatas palavras de tua vida.
Vou dizer-te... Não; vai... É bom que fiques.
Quisera que meu filho se encontrasse
na Arábia, e diante dele tua tribo
à distância de sua boa espada.
SICÍNIO · Bem; e depois?
VERGÍLIA · Depois? Extinguiria
tua posteridade.
VOLÚMNIA · Sim, bastardos
e tudo o mais. Quantas feridas ele
recebeu pela pátria!
MENÊNIO · Vamos! Vamos!
SICÍNIO · Quisera que ele houvesse continuado
como de início, sem soltar o laço
glorioso que o prendia à sua pátria.
BRUTO · Eu também.
VOLÚMNIA · Eu também? Gatos! Todos
vós apreciar podeis seu grande mérito
como eu penetrar posso nos mistérios
que o céu não quer que a terra a saber venha.
BRUTO · Partamos, por favor.
VOLÚMNIA · Sim, homens, ide!
Realizastes um ato de bravura!
Mas antes de vos irdes ouvi isto:
Como ultrapassa o Capitólio as casas
mais humildes de Roma, assim, meu filho
que foi por vós banido — o esposo desta
senhora que aqui vedes — vos excede.
Sim, a vós todos.
BRUTO · Bem; vamos deixar-vos.
SICÍNIO · Por que ficarmos tanto tempo imóveis,
servindo de alvo para as invectivas
de uma pessoa que perdeu o juízo?
VOLÚMNIA · Levai as minhas preces.
(Saem os tribunos.)
Desejara
que nada mais para fazer tivessem
os deuses a não ser dar cumprimento
às minhas maldições. Se os encontrasse
uma vez, pelo menos, cada dia,
aliviaria o coração do peso
que tanto o oprime.
MENÊNIO · Destes-lhes de rijo.
E com razão, por minha fé, vos digo.
Vamos cear.
VOLÚMNIA · Meu alimento é a cólera;
ceio a mim mesma; e, assim, morro de fome,
de tanto me fartar. Vamos embora.
Parai com esses pios abafados
e lamentai-vos tal como eu: colérica,
como outra Juno! Vamos! vamos! vamos!
MENÊNIO · Ora! ora!
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena III

Estrada real entre Roma e Ântio.
Um romano e um volsco se encontram.

Romano · Conheço-vos, senhor; como vós também me conheceis. Se não me engano, chamais-vos Adriano.
Volsco · É isso mesmo, senhor. Mas, por minha fé, não me recordo de vós.
Romano · Sou de Roma; mas, como vós, trabalho contra os romanos. Reconheceis-me agora?
Volsco · Nicanor, não?
Romano · Ele mesmo, senhor.
Volsco · Tínheis mais barba, quando vos vi pela última vez: mas, pela voz, reavivam-se-me na memória vossos traços fisionômicos. Que novidades há em Roma? Recebi do governo volsco a incumbência de procurar-vos lá; poupastes-me um dia de caminho.
Romano · Em Roma houve insurreições extraordinárias: o povo contra os senadores, patrícios e nobres.
Volsco · Houve? Então já terminaram? Nossos governantes não pensam desse modo; estão promovendo enormes preparativos bélicos, esperando surpreender os romanos no maior ardor de suas dissenções.
Romano · As labaredas mais fortes já passaram; mas a menor coisa poderá reavivá-las. Porque os nobres se apaixonaram a tal ponto com o banimento de Coriolano, que se encontram maduramente dispostos a retirar todo o poder do povo e privar este para sempre de seus tribunos. É uma brasa debaixo de cinza, posso afiançar-vos, que se acha quase no ponto de reacender-se com violência.
Volsco · Coriolano, banido?
Romano · Banido, senhor.
Volsco · Com essa notícia, Nicanor, sereis bem-vindo.
Romano · A ocasião lhes é propícia. Tenho ouvido dizer que a melhor hora para seduzir uma mulher é quando ela briga com o marido. Vosso nobre Tulo Aufídio vai sobressair-se nestas guerras, uma vez que seu grande adversário, Coriolano, ficou sem função em sua pátria.
Volsco · Não tem por onde escolher. Considero-me feliz, por vos ter acidentalmente encontrado. Convosco termina minha missão; com muito prazer vos acompanharei até vossa casa.
Romano · Até a hora da ceia vos contarei coisas miríficas dos romanos, tendentes todas para a felicidade de seus adversários. Estais novamente com um exército em pé de guerra, não é verdade?
Volsco · E um exército verdadeiramente real. Os centuriões e seus corpos já se encontram nos quartéis, a soldo do governo, prontos a marchar com uma hora de aviso.
Romano · Alegra-me saber que estão de prontidão, parecendo-me que sou eu o homem que os vai pôr em movimento. Assim, senhor, dou-vos de coração as boas-vindas e me declaro encantado com vossa companhia.
Volsco · Assim me privais do que me pertence, senhor: sou eu que tenho mais razões para alegrar-me com a vossa.
Romano · Muito bem; sigamos juntos.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Ântio. Defronte da casa de Aufídio.
Entra Coriolano, disfarçado, com vestes humildes e a cabeça encoberta.

Coriolano · Bela cidade, esta Ântio. Tuas viúvas,
oh cidade! fui eu que fiz. Inúmeros
herdeiros destes belos edifícios
em minhas guerras vi precipitarem-se
com estertores. Não me reconheças
agora, para que, de espeto armadas
tuas mulheres, e de pedra os filhos,
não me venham matar numa batalha
que pareça de anões.

(Entra um cidadão.)

O céu vos guarde,
meu senhor.

shakespearebrasileiro.org

CIDADÃO · Como a vós.
CORIOLANO · Se vos agrada,
mostrai-me onde reside o grande Aufídio.
Está em Ântio?
CIDADÃO · Está, e nesta noite
dá para os nobres da cidade, em sua
própria casa, uma festa.
CORIOLANO · Por obséquio.
onde fica essa casa?
CIDADÃO · É essa que vedes
em vossa frente.
CORIOLANO · Muito agradecido,
meu senhor; passai bem.

(Sai o cidadão.)

Oh mundo, mundo,
de voltas inconstantes! Dois amigos
jurados, que nesta hora pareciam
ter um só coração no duplo peito;
cujos leitos, lazeres, exercícios
e refeições de acordo sempre andavam,
gêmeos ao parecer, inseparáveis
pela força do amor: dentro de uma hora,
por uma divergência de coisinha,
na mais amarga divergência explodem.
Assim também ferrenhos inimigos,
cujas paixões e planos destrutivos
impediam de ao sono se entregarem,
por um simples acaso, algum pretexto
que não vale um ceitil, tornam-se amigos
do peito e dão-se em casamento os filhos.
Assim se dá comigo: odeio a pátria;
amo agora a cidade do inimigo.
Vou entrar. Caso a vida ele me tire,
fará, tão-só, justiça; em me acolhendo,
à pátria dele prestarei serviço.

(Sai.)

Ato IV · Cena V

O mesmo. Vestíbulo em casa de Aufídio.
Música dentro. Entra um criado.

PRIMEIRO CRIADO · Vinho! vinho! vinho! Que serviço dessa gente! Só parece que todos estão dormindo!

(Sai.)

(Entra outro criado.)

SEGUNDO CRIADO · Onde está Cotus? O patrão está chamando. Cotus!

(Sai.)

(Entra Coriolano.)

CORIOLANO · Bela casa! A ceia cheira bem; eu é que não pareço hóspede.

(Volta o primeiro criado.)

PRIMEIRO CRIADO · Que desejais, amigo? De onde sois? Aqui não há lugar para vós. Ficai na porta, por obséquio.

(Sai.)

CORIOLANO · Não mereço acolhida mais afável, já que sou Coriolano.

(Volta o segundo criado.)

SEGUNDO CRIADO · De onde sois, senhor? O porteiro estará com os olhos no lugar, para permitir a entrada a um tipo desses? Por obséquio, ide embora.
CORIOLANO · Arreda!
SEGUNDO CRIADO · "Arreda?" Vós é que tereis de arredar-vos.
CORIOLANO · Mostrai-vos insolente.
SEGUNDO CRIADO · Ah! sois tão valente assim? Já vamos ter uma conversazinha.

(Entra o terceiro criado; volta o primeiro.)

TERCEIRO CRIADO · Quem é esse sujeito?
PRIMEIRO CRIADO · É um tipo original, como nunca vi outro assim. Não consigo fazê-lo sair daqui. Vai chamar o patrão, por obséquio.
TERCEIRO CRIADO · Amigo, que tens a fazer aqui? Por obséquio, evita esta casa.
CORIOLANO · Permiti que me conserve de pé; não causarei dano à lareira.
TERCEIRO CRIADO · Quem sois?
CORIOLANO · Um gentil-homem.
TERCEIRO CRIADO · Admiravelmente pobre.
CORIOLANO · É o que sou, de fato.
TERCEIRO CRIADO · Por favor, gentil-homem pobre, escolhei pousada. Aqui não há lugar para vós. Ide embora, por obséquio. Vamos!
CORIOLANO · Continuai com vossas ocupações; empanturrai-vos de frios.

(Dá-lhe um empurrão.)

shakespearebrasileiro.org

Terceiro Criado · Ah! não quereis? Por favor, faze saber ao patrão que hóspede estranho ele tem aqui.
Segundo Criado · Vou já.
(Sai.)
Terceiro Criado · Onde moras?
Coriolano · Debaixo da abóbada.
Terceiro Criado · "Debaixo da abóbada?"
Coriolano · Sim.
Terceiro Criado · E onde fica isso?
Coriolano · Na cidade dos milhanos e dos corvos.
Terceiro Criado · "Na cidade dos milhanos e dos corvos?" Que grande asno! Nesse caso, moras também com as gralhas?
Coriolano · Não; não estou a serviço de teu patrão.
Terceiro Criado · Como assim, senhor! Tendes alguma coisa que ver com meu patrão?
Coriolano · Sim, alguma coisa mais honesta do que seria intrometer-me com tua patroa.
Não paras de falar. Leva teu prató!
Fora daqui!
(Expulsa-o com pancada.)
(Entra Aufídio e o primeiro criado.)
Aufídio · Quem é esse camarada?
Segundo Criado · Aqui, senhor. Eu o teria batido como num cão, se não fosse o receio de incomodar lá dentro os nobres.
Aufídio · Que queres? De onde vens? Qual o teu nome?
Por que não falas? Vamos, homem: fala!
Como te chamas?
Coriolano *(descobrindo o rosto)* · Se não me conheces ainda, Tulo, e, vendo-me,
não pensas
quem eu seja, de fato, será força
que eu mesmo me nomeie.
Aufídio · Qual teu nome?
(Os criados se afastam para o fundo.)
Coriolano · Um nome dissonante para os volscos e duro aos teus ouvidos.
Aufídio · Dize: o nome?
Tens aspecto sanhoso, mas revelas
o mando nas feições, e embora roto
tragas todo o velame, inculcas barco
de nobre compostura. Qual teu nome?
Coriolano · Então prepara a fronte; vais franzi-la.
Inda não me conheces?
Aufídio · Não; teu nome?
Coriolano ·
Meu nome é Caio Márcio, que a ti próprio
e aos volscos todos causa foi de males
e prejuízos inúmeros, conforme
meu sobrenome o prova: Coriolano.
Os trabalhos penosos, os perigos
por que passei, as incontáveis gotas
de sangue derramadas pela minha
pátria de todo ingrata, me valeram
tão-somente este nome, monumento
magnífico e penhor do ódio e repulsa
que me deves votar. Resta-me apenas
esse título. A inveja e a má vontade
do povo, consentidas pelos nossos
nobres bastardos, que me abandonaram,
tudo o mais consumiram. Sim, deixaram
que de Roma eu chegasse a ser expulso
pela voz dos escravos. Foi tão grande
calamidade que ao teu lar me trouxe;
não na esperança — quero que me entendas —
de conservar a vida. Se eu tivesse
medo da morte, dentre os homens todos,
de ti, principalmente, fugiria.
Foi o rancor, apenas, o desejo
de com meus proscritores justar contas
que à tua frente me trouxe. Se tiveres
um coração cheio de raiva, pronto
para vingar os males a ti feitos
e endireitar os aleijões que o opróbrio
em tua pátria causou: não percas tempo
e de minha desgraça te aproveita:
usa-a de forma que meus vingadores
serviços favoreçam teus intentos,
pois combater pretendo minha pátria
gangrenada com toda a odiosidade
dos demônios do inferno. Mas no caso
de não quereres arriscar-te a tanto,
de já estares cansado de aventuras...
Para ser breve: mais do que enfarado
da vida me declaro e ao teu antigo
rancor estendo agora este pescoço.
Tolo te mostrarás, se o não cortares,
pois teus passos segui sempre com ódio,

shakespearebrasileiro.org

do seio de tua pátria toneladas
de sangue fiz correr, já não podendo
viver senão para teu grande opróbrio,
a menos que serviços te prestasse.
Aufídio · Oh Márcio! Márcio! Uma por uma as tuas
palavras arrancaram-me do peito
as raízes de meu rancor antigo.
Se Júpiter, com sua voz divina,
do alto daquela nuvem me dissesse:
"É certo!" não lhe dera maior crédito
do que te dou, meu Márcio, em tudo nobre.
Deixa que eu passe os braços nesse corpo
em que cem vezes eu quebrei a lança
e de estilhaços arranhei a lua.
Cinjo a bigorna, assim, de minha espada,
e com tanta veemência e com nobreza
luto com teu afeto, como sempre
lutei com fúria cobiçosa contra
tua bravura. A ti, somente, o digo:
amava a jovem que ora é minha esposa.
Jamais noivo nenhum soltou suspiros
tão sinceros que os meus. Porém, ao ver-te
neste momento — oh ser em tudo nobre! —
mais enlevado o coração no peito
sinto saltar, do que quando a soleira
transpôs de casa pela vez primeira
minha esposa recente. Ora te conto,
Marte, que já aprestamos outro exército,
e que eu tinha a intenção de novamente
tentar das carnes arrancar-te o escudo,
ou perder nisso o braço. Derrotaste-me
doze vezes a fio, e desde essa época
sonhei todas as noites com recontros
entre nós dois. Travados, no meu sono,
rolávamos no chão, o capacete
um do outro a desatar, e nos pescoços,
encrispados os dedos, do que sempre
meio morto sem causa eu despertava.
Digno Márcio, se mais nenhuma queixa
de Roma nós tivéssemos, afora
teres sido banido, alistaríamos
de doze até setenta os homens todos
e nas entranhas dessa ingrata Roma
faríamos correr a guerra como
rio impetuoso que transborda e alaga.
Vem para dentro e aperta a mão amiga
de nossos senadores, que aqui vieram
trazer-me as despedidas, pois armado
ora estou contra vossos territórios,
muito embora não contra a própria Roma.
Coriolano ·
Oh deuses, abençoais-me?
Aufídio · Assim, guerreiro
sem par, se a direção tomar quiseres
de tua própria represália, aceita
metade de meus homens e, de acordo
com teu alto saber neste domínio,
já que conheces a fraqueza e a força
de teu país, regula a tua marcha,
ou seja para contra as próprias portas
dos romanos bater, ou com violência
visitá-los nas partes mais remotas
e derrotá-los antes de destruí-los.
Mas entra! Quero logo apresentar-te
aos que terão de dizer "Sim" a todos
os teus desejos. Vezes mil boas-vindas!
E agora mais amigo do que sempre
fui inimigo. E, Márcio, eu o fui de fato.
Vossa mão. Sois bem-vindo.

(Saem Coriolano e Aufídio.)

Primeiro criado *(avançando)* · Eis aí uma modificação extraordinária.
Segundo Criado · Por esta mão, tinha pensado em bater-lhe com um porrete: mas agora me diz o espírito que a roupa dele não dizia o que ele era.
Primeiro criado · E que punho ele tem! Só com um dedo e o polegar fez-me rodar que nem um pião.
Segundo Criado · Pelo rosto eu vi que ele não era pouca coisa. Homem, ele tinha feições, parece-me... Nem sei como caracterizá-las.
Primeiro criado · É certo. Parecia... Quero ser enforcado se eu não suspeitei de que ele encerrava mais do que eu poderia imaginar.
Segundo Criado · Eu também posso jurá-lo. É simplesmente o homem mais raro do mundo.
Primeiro criado · É isso mesmo: mas decerto conheceis um guerreiro maior do que ele.
Segundo Criado · Quem é? Meu amo?
Primeiro criado · Isso nem se pergunta.
Segundo Criado · Vale seis como ele.
Primeiro criado · Não, não tanto assim: mas considero-o maior guerreiro.
Segundo Criado · Com a breca! Ora vede... A gente nem sabe como dizer, mas para a defesa de

shakespearebrasileiro.org

uma cidade, nosso general é excelente.
PRIMEIRO CRIADO · Sim, e também para um assalto.

(Entra o terceiro criado.)

TERCEIRO CRIADO · Oh escravos! Posso contar-vos novidades! Novidades, marotos!
PRIMEIRO E SEGUNDO CRIADOS · Quais! quais? quais? Conta-nos algumas.
TERCEIRO CRIADO · Entre todos os povos, não quisera ser romano: equivaleria a estar condenado.
PRIMEIRO E SEGUNDO CRIADOS · Por quê? Por quê?
TERCEIRO CRIADO · Ora, acha-se já dentro quem estava acostumado a zurzir nosso general: Caio Márcio.
PRIMEIRO CRIADO · Por que dissestes: "zurzir nosso general?"
TERCEIRO CRIADO · Não digo que ele tenha zurzido nosso general; mas sempre lhe deu muito trabalho.
SEGUNDO CRIADO · Vamos, aqui entre nós, somos amigos e companheiros; foi sempre muito duro para ele; ouvi o próprio general dizer-lhe isso.
PRIMEIRO CRIADO · Era muito duro para ele. Para dizer a verdade sem rodeios: diante de Coríolos ele o cortou e retalhou como um carbonado.
SEGUNDO CRIADO · E se tivesse natureza de canibal, o teria comido assado.
PRIMEIRO CRIADO · Mas continua a contar as novidades.
TERCEIRO CRIADO · Ora, lá dentro ele está sendo tratado como se fosse filho e herdeiro de Marte; deram-lhe a cabeceira da mesa; nenhum senador lhe faz qualquer pergunta, a não ser de pé, na frente dele e de cabeça descoberta. Até nosso general o trata como a namorada, benze-se com uma das mãos e revira os olhos, quando ele fala. Mas o ponto principal da novidade é que o nosso general foi cortado em dois, já não sendo senão a metade do que era ontem, porque o outro ficou com a outra metade, por instância e consentimento de toda a mesa. Diz ele que vai puxar as orelhas do porteiro de Roma; vai ceifar tudo o que encontrar, deixando raso o caminho.
SEGUNDO CRIADO · E ele é tão capaz de fazer isso, como qualquer pessoa que eu imagine.
TERCEIRO CRIADO · Capaz? Há de fazê-lo. Porque, ora vede, senhor: tanto ele tem amigos como inimigos, os quais amigos, senhor — por assim dizer — não ousam — ora vede, senhor — como dizemos — declarar-se amigos, enquanto o virem na indireção.
PRIMEIRO CRIADO · Indireção? Que quer dizer isso?
SEGUNDO CRIADO · Mas quando eles virem, senhor, o homem em condições, com a crista novamente de pé, todos eles sairão das tocas como coelhos depois que chove e virão banquetear-se com ele.
PRIMEIRO CRIADO · Mas para quando será isso?
TERCEIRO CRIADO · Amanhã, hoje, neste momento. Hoje à tarde ouvireis rufar o tambor. É, por assim dizer, a primeira parte do festim, para ser executada antes de limparem os lábios.
SEGUNDO CRIADO · Bem; nesse caso vamos ver outra vez o mundo de pernas para o ar. Esta paz só serve para enferrujar o ferro, engordar os alfaiates e aumentar o número dos fazedores de baladas.
PRIMEIRO CRIADO · Que venha a guerra, é o que eu digo; ela ultrapassa tanto a paz como o dia a noite; é lesta, de ouvido fino e cheia de atividades. A paz é uma verdadeira apoplexia, um letargo, obtusa, surda, sonolenta, insensível e é maior geradora de bastardos do que a guerra é destruidora de homens.
SEGUNDO CRIADO · É isso mesmo. E assim como a guerra, de algum modo, pode ser denominada o maior fautor de violação, não se pode negar que seja a paz grande fazedora de cabrões.
PRIMEIRO CRIADO · Sim, é causa de se odiarem os homens.
TERCEIRO CRIADO · E a razão é que eles, então, têm menos necessidade uns dos outros. Guerra, custe quanto custar! Espero ver os romanos por preço tão barato quanto os volscos. Estão se levantando da mesa! Estão se levantando!
TODOS · Entremos! Entremos!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena VI

Roma. Uma praça pública.
Entram Sicínio e Bruto.

SICÍNIO · Nada ouvimos falar a seu respeito;
não precisamos, pois, ter medo dele.
Seu furor se acalmou com a paz reinante
e a quietação do povo, que vivia
em desordem selvagem. Seus amigos
diante de nós envergonhados ficam
por tudo correr bem; prefeririam
muito embora também a sofrer viessem,
ver desordeiros perturbar as ruas
a ver os negociantes em suas lojas
cantar alegremente ou dirigirem-se
em paz para o trabalho.

(Entra Menênio.)

BRUTO · Soubemos escolher o tempo certo.
Não é Menênio?
SICÍNIO · É ele! É ele! Amável
se tem mostrado ultimamente. Salve,
senhor!
MENÊNIO · Meus cumprimentos.
SICÍNIO · Ninguém sente
falta, senhor, de vosso Coriolano,
excluídos seus amigos. A república
continua de pé e assim ficara,
embora mais raivoso ele se achasse.
MENÊNIO · Tudo está bem; porém melhor seria
se ele tivesse contemporizado.
SICÍNIO · Para onde foi? Sabeis?
MENÊNIO · A esse respeito
não ouvi coisa alguma. A mãe e a esposa
não têm notícias.

(Entram três ou quatro cidadãos.)

CIDADÃOS · Deus a ambos ampare.
SICÍNIO · Boa tarde, vizinhos.
BRUTO · Boa tarde
para todos! Boa tarde para todos!
PRIMEIRO CIDADÃO ·
Nós, com mulher e filhos, nos sentimos
na obrigação de orar por vós de joelho.
SICÍNIO · Vivei e prosperai.
BRUTO · Adeus, vizinhos.
Desejara que Márcio vos amasse
como nós dois.
CIDADÃOS · Os deuses vos protejam.
SICÍNIO E BRUTO · Adeus! Adeus!

(Saem os cidadãos.)

SICÍNIO · O tempo agora é muito mais alegre
e melhor de viver do que quando estes
camaradas corriam pelas ruas
gritando por socorro.
BRUTO · Caio Márcio
na guerra sempre foi oficial digno,
mas insolente, pelo orgulho inflado,
ambicioso sem conta, muito egoísta...
SICÍNIO · E desejoso de estar só no trono,
sem assistente algum.
MENÊNIO · Não penso assim.
SICÍNIO · Para nosso pesar é o que teríamos
verificado, se ele conseguisse
ter sido cônsul.
BRUTO · Felizmente os deuses
preveniram tal coisa e agora Roma
sem ele continua calma e firme.

(Entra um edil.)

EDIL · Dignos tribunos, um escravo preso
por nós e encarcerado trouxe a nova
de que os volscos, em dois distintos corpos,
os nossos territórios invadiram
e com furor guerreiro incontrastável
derrubam tudo o que acham no caminho.
MENÊNIO · É Aufídio, que do exílio tendo ouvido
do nosso Márcio, novamente ao mundo
mostra os cornos, que sempre conservara
dentro da concha, sem ousar tirá-los,
quando ao lado de Roma estava Márcio.
SICÍNIO · Por que falais de Márcio?
BRUTO · Mandai logo
chicotear esse espalhador de boatos.
É impossível que os volscos se atrevessem
a romper nossos pactos.
MENÊNIO · É impossível?
Sabemos muito bem que isso é possível;
só em meu tempo vi três vezes isso.
Mas convém conversar com esse escravo
antes de castigá-lo, e perguntar-lhe
onde ele se informou. Não aconteça
virdes a chibatear o próprio aviso
e dar no mensageiro que vos manda

shakespearebrasileiro.org

ter cautela com o que há de ser temido.
SICÍNIO · Não faleis nisso; sei que isso é impossível.
BRUTO · Não pode ser.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Todos os nobres foram
para o senado muito cabisbaixos.
Chegou qualquer notícia que a eles todos
deixou completamente transtornados.
SICÍNIO · Foi o escravo; mandai que o chibateiem
diante do povo. Isso é trabalho dele;
foi a notícia, apenas.
MENSAGEIRO · Sim, mui digno
senhor; foi confirmada essa notícia,
além de outras bem mais, bem mais terríveis.
SICÍNIO · Que outras notícias mais terríveis?
MENSAGEIRO · Fala-se
por muitas bocas, claramente — ignoro
quanto haja de verdade nisso tudo —
que Márcio, juntamente com Aufídio,
contra Roma dirige um grande exército,
prometendo vingança da largura
da distância que vai das coisas velhas
às mais recentes.
SICÍNIO · É de acreditar.
BRUTO · Foi espalhada essa notícia apenas
para que a gente de ânimo abatido
deseje a volta do bondoso Márcio.
SICÍNIO · Eis todo o ardil da coisa.
MENÊNIO · É inverossímil;
ele e Aufídio concordam tanto como
duas contradições irredutíveis.

(Entra outro mensageiro.)

SEGUNDO MENSAGEIRO ·
Do senado vos chamam. Um exército
pavoroso, com Caio Márcio à frente,
com Aufídio associado, assola nossos
territórios; à força abrem caminho;
o incêndio espalham e tomam tudo o que acham.

(Entra Comínio.)

COMÍNIO · Oh! realizastes um trabalho e tanto!
MENÊNIO · Que aconteceu? Quais são as
novidades?
COMÍNIO · Oh! violar conseguistes vossas filhas,
sobre vossas cabeças todo o chumbo
da cidade fundir, em vossos próprios
narizes desonrar vossas esposas...
MENÊNIO · Que novidades há? Que novidades?
COMÍNIO · Vossos templos queimados até a base,
vossas imunidades, de que tanto
caso fazíeis, apertadas dentro
de um furo de verruma.
MENÊNIO · Por obséquio,
que novidades há? — Fizestes obra
magistral, é o que temo. — Por obséquio,
vossas notícias? Se, em verdade, Márcio
com os volscos se juntou...
COMÍNIO · "Se?" É o deus dos volscos.
Condu-los como um ser que houvesse sido
por um criador formado, diferente
da natureza e mais habilidoso
na feitura dos homens, e eles todos
sob sua direção avançam contra
nossos bonecos tão confiantes como
meninos que perseguem borboletas
ou açougueiros quando matam moscas.
MENÊNIO · Belo trabalho o vosso e o desses homens
de avental, que importância dáveis tanto
aos votos dos artífices e ao hálito
dos comedores de alho.
COMÍNIO · Vossa Roma
vai ele sacudir em vossas próprias
orelhas.
MENÊNIO · Tal como Hércules fazia
nas árvores de frutas. Que trabalho
admirável o vosso!
BRUTO · Mas é certo,
senhor, o que dizeis?
COMÍNIO · Ora, certíssimo.
Podeis tornar-vos pálido até achardes
notícias em contrário. Sorridentes,
passam-se muitos para os volscos; quantos
procuram resistir são transformados
em alvo de chacota pela ignávia
valorosa, morrendo como todos
de provada constância. Quem o pode
censurar? Tanto os vossos inimigos
como os dele o valor lhe reconhecem.
MENÊNIO · Estaremos perdidos, se o mui nobre
vencedor não tiver de nós piedade.
COMÍNIO · Quem irá suplicar-lhe? Por vergonha
não o farão os tribunos, merecendo
sua clemência o povo como o lobo
merece a do pastor. Se lhe dissessem
seus melhores amigos: "Sê benigno

shakespearebrasileiro.org

para Roma", teriam procedido
como os que o ódio dele mereceram,
comportando-se, assim, como inimigos.
MENÊNIO · É certo; caso o viesse atear em minha
casa o fogo que iria consumi-la,
não teria coragem de dizer-lhe:
"Parai, vos peço!" Bela mão tivestes
nesse negócio, vós e todos esses
artesãos de mãos destras. Trabalhastes
belamente com as mãos.
COMÍNIO · Chamastes sobre
Roma um tremor que desafia a cura.
SICÍNIO E BRUTO ·
Não digais que o chamamos.
MENÊNIO · Como! É isso
por caso, obra nossa? Nós o amávamos;
porém como animais e nobres fracos
o entregamos a vossa malta informe,
que o expulsou, entre apupos, da cidade.
COMÍNIO · Mas receio que aos urros eles todos
o reconduzam. Tulo Aufídio, o nome
segundo entre os ilustres, obedece,
como subordinado, às ordens dele.
O desespero é toda a arte política,
toda a força e defesa de que Roma
ora dispõe contra ele.

(Entra um bando de cidadãos.)

MENÊNIO · Aí vem o bando. —
Então Aufídio está com ele? — Fostes
vós que empestastes o ar, quando jogáveis
para o alto vossos gorros fedorentos
e engordurados, e soltáveis gritos
pelo exílio de Márcio. Ele aí vem vindo,
não havendo um cabelo na cabeça
de seus soldados que ora não se mude
num bom chicote. Todos os idiotas
que para cima os gorros atiraram
vai ele derrubar para pagar-se
dos votos alcançados. Não importa;
mesmo que ele a nós todos consumisse
num só tição: de sobra o merecemos.
CIDADÃOS · Em verdade, a notícia é assustadora.
PRIMEIRO CIDADÃO · Por minha parte, quando eu
disse:
"Voto pela expulsão!" acrescentei: "É pena!"
SEGUNDO CIDADÃO · O mesmo eu fiz.
TERCEIRO CIDADÃO · Eu também; e, para dizer a
verdade, muitos outros disseram a mesma coisa. O
que fizemos foi pelo melhor, e embora tivéssemos
concordado voluntariamente em que ele fosse
banido, deu-se isso contra nossa vontade.
COMÍNIO · Bela coisa sois todos vós, com vossos votos!
MENÊNIO · Ótima coisa vós e vossa malta
conseguistes fazer. E agora, vamos
ao Capitólio?
COMÍNIO · Sim, que mais faremos?

(Saem Comínio e Menênio.)

SICÍNIO · Ide, meus mestres, para vossas casas.
Não fiqueis assustados. Esses fazem
parte de um grupo que se alegraria
se visse confirmado o que simula,
tão-somente, temer. Ide, acolhei-vos
a vossas casas, sem mostrar receio.
PRIMEIRO CIDADÃO · Que os deuses se amerceiem
de nós!
Vamos, mestres; vamos para casa. Eu sempre disse
que procedíamos mal em bani-lo.
SEGUNDO CIDADÃO · E assim todos. Mas vamos
para casa.

(Saem os cidadãos.)

BRUTO · Essa notícia não me agrada em nada.
SICÍNIO · Nem a mim.
BRUTO · Vamos ao Capitólio. Perderia
metade de meus bens com muito gosto,
só para desmenti-la.
SICÍNIO · Vamos logo.

(Saem.)

Ato IV · Cena VII

Acampamento a pequena distância de Roma.
Entram Aufídio e seu tenente.

AUFÍDIO · Continua passando muita gente para o
Romano?
TENENTE · Ignoro o seu feitiço,
mas para vossos homens ele é a prece
de antes das refeições, toda a conversa
à mesa, e as graças quando se levantam.
Nesta campanha, meu senhor, ficastes
eclipsado até mesmo para os vossos.
AUFÍDIO · Não é possível fazer nada agora,
para não estropiar a própria marcha

shakespearebrasileiro.org

de meus planos, com quanto ora empregasse.
Sua atitude é muito mais altiva,
até mesmo comigo, do que fora
de imaginar no instante de abraçá-lo
pela primeira vez. Inalterável,
porém, é a sua natureza, sendo-me
forçoso desculpar o que não pode
jamais ser corrigido.

TENENTE · No entretanto,
senhor, eu desejara — e só digo isso
visando vosso bem — que não tivésseis
a direção com ele dividido.
Deveria o comando ser só vosso,
ou dele, tão-somente.

AUFÍDIO · Sim, compreendo-te.
Mas podes ficar certo de que quando
ele tiver de prestar contas, hei de
dele exigir o que ele nem suspeita.
Muito embora pareça, e ele assim pense,
e ao próprio olho do vulgo se afigure
que ele administra bem o Estado volsco,
luta como um dragão, bastando a espada
sacar para vencer: algo ele deixa
por fazer, que o pescoço irá quebrar-lhe,
ou pôr o meu em risco, quando as contas
tivermos de justar.

TENENTE · Uma pergunta,
senhor: acreditais, realmente, que ele
venha a conquistar Roma?

AUFÍDIO · Toma todos
os burgos antes mesmo de cercá-los;
a nobreza de Roma lhe pertence;
amam-no os senadores e os patrícios;
os tribunos não lutam, e seu povo
será tão pressuroso em repatriá-lo
como foi na expulsão precipitado.
Sou de opinião que ele fará com Roma
como com o peixe faz a águia marinha,
que o apanha por direito soberano
da natureza. Foi primeiro um nobre
servidor do país, mas sempre inapto
para mostrar moderação nas honras,
fosse isso por orgulho, com que o êxito
de todo dia mancha o homem de sorte,
ou por qualquer defeito do juízo,
que o impede sempre de tirar partido
dos casos de que é dono; ou fosse efeito
de sua natureza que não muda
de atitude no casco e na almofada,
levando-o a ser na paz tão rigoroso
e austero que na guerra: uma somente
dessas faltas — pois germe tem de todas —
não todas — quero ser com ele justo —
o fez temido, odiado e, alfim, banido.
É grande o seu merecimento, é certo;
mas asfixia-o quando o manifesta.
Nossas virtudes são medidas pelo
julgamento do tempo, não possuindo
qualquer poder, de si recomendável,
mais notório, sepulcro do que a cátedra
de onde é feito seu próprio panegírico.
O prego expulsa o prego; a chama, a chama;
perante um título outro perde a fama.
A força vence a força... Que prossiga!
Quando tiveres Roma como amiga,
caro Márcio, mais pobre ficarás
e em pouco tempo em meu poder cairás.

(Saem.)

Ato V · Cena I

Roma. Uma praça pública.
Entram Menênio, Comínio, Bruto, Sicínio e outros.

MENÊNIO · Não, não irei; ouvistes o que disse
ao seu antigo general; que o amava
por maneira especial... Dava-me o nome
de pai; mas que importa isso? Ide vós mesmos
que o banistes; prostrai-vos a uma milha
de sua tenda e percorrei, de joelhos,
a estrada que possa ir diretamente
à sua compaixão. Uma vez que ele
não quis ouvir Comínio, vou deixando-me
ficar por aqui mesmo.

COMÍNIO · Ele fingiu
que não me conhecia.

MENÊNIO · Estais ouvindo?

COMÍNIO · Mas uma vez chamou-me pelo nome.
Falei-lhe em nossas relações antigas

shakespearebrasileiro.org

e nas gotas que, juntos, derramamos.
Não atendeu ao nome "Coriolano",
proibindo-me de dar-lhe qualquer outro,
por julgar-se sem título, uma espécie
de coisa alguma, até que um novo nome
na fornalha de Roma ele forjasse.
MENÊNIO · Vedes que bela coisa realizastes?
Dois tribunos que se sacrificaram
no banco de tormentos, porque em Roma
carvão barato houvesse. Belo feito!
COMÍNIO · Cheguei a lhe lembrar quanta nobreza
há no perdão que já ninguém espera.
Disse ser isso petição mesquinha
de um Estado à pessoa que ele próprio
mandara castigar.
MENÊNIO · Perfeitamente.
Poderia falar de outra maneira?
COMÍNIO · Procurei o interesse despertar-lhe
para os amigos a ele mais chegados.
Toda sua resposta foi que tempo
não lhe sobrava para separá-los
de um monte de refugos bolorentos.
Era loucura, disse, só por causa
de um pobre grão ou dois, não lançar fogo
no monturo que o olfato nos ofende.
MENÊNIO · Um pobre grão ou dois! Eu sou um deles.
A mãe, a esposa, o filho, este valente
companheiro os grãos somos. Os refugos
bolorentos sois vós, cujo mau cheiro
chega a passar a lua. Assim, teremos
de ser queimados só por vossa causa.
SICÍNIO · Não, tende compaixão? Se vosso auxílio
nos recusais numa necessidade
tão grande como nunca, pelo menos
exprobrar não queirais nossa desgraça.
Mas é certeza: se vos resolvêsseis
a causa a defender de vossa pátria,
vossa bela palavra, mais potente,
muito mais, do que a força que pudéssemos
improvisar, deter conseguiria
nosso compatriota.
MENÊNIO · Não; não entro
nisso. De forma alguma.
SICÍNIO · Ide falar-lhe,
por compaixão.
MENÊNIO · Que poderei fazer?
BRUTO · Tentar, apenas, o que para Roma
junto de Márcio vosso amor consegue.
MENÊNIO · Bem; mas digamos que ele me despeça,
como fez com Comínio, sem ouvir-me...
E depois? Um amigo molestado,
atingido de cheio pela mágoa
de sua grosseria... E se for isso?
SICÍNIO · Vossa boa vontade, nesse caso,
terá alcançado a gratidão de Roma,
por terdes procedido nobremente.
MENÊNIO · Bem, vou tentar; espero ser ouvido.
Mas ter mordido o lábio e resmungado
para nosso Comínio, me apavora.
Não foi bem apanhado; certamente
ainda estava sem jantar. Vazias
as veias, nosso sangue se arrefece,
indispostos ficamos desde cedo,
incapazes de dar e de perdoar.
Mas quando enchemos os canais e as calhas
de nosso sangue com comida e vinho,
fica-nos a alma muito mais maleável
do que durante esses jejuns de padre.
Vou esperar, assim, que entre na dieta
de meu pedido, para então falar-lhe.
BRUTO · Conheceis o caminho da bondade
que lhe é própria; extraviar-vos é impossível.
MENÊNIO · Por minha fé! Vou pô-la à prova, venha
daí o que vier. Dentro de pouco
ficarei conhecendo meu prestígio.

(Sai.)

COMÍNIO ·
Jamais ele o ouvirá.
SICÍNIO · Não?
COMÍNIO · É o que eu penso.
Sentado está em ouro; os olhos, rubros
como para lançar o incêndio em Roma,
sendo sua própria injúria o carcereiro
de sua compaixão. Ajoelhei-me
na frente dele; muito vagamente
murmurou: Levantai-vos! Despedindo-me
assim, com a mão muda. O que pretende
fazer, depois mandou-me por escrito,
e o que jamais fará; por juramento
se acha obrigado a cumprir tudo à risca.
Assim, não temos esperança alguma,
a menos que sua nobre mãe e a esposa,
conforme me disseram, se resolvam
a lhe impetrar piedade para a pátria.
Vamos, pois, procurá-las, apressando-as
quanto estiver em nossa justa instância.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

O acampamento volsco diante de Roma.
Os guardas estão em seus postos; Menênio aproxima-se deles.

Primeiro Guarda ·
Alto aí! De onde vindes?
Segundo Guarda · Nem um passo
mais para a frente!
Menênio · Sois, valentes guardas.
Mas, com licença: oficial eu sou do Estado e vim
falar com Coriolano.
Primeiro Guarda ·
De que parte?
Menênio · De Roma.
Primeiro Guarda · Então não pode;
forçoso é que volteis; o nosso chefe
não quer ouvir de lá coisa nenhuma.
Segundo Guarda ·
Vereis Roma entre chamas, antes mesmo
de poderdes falar com Coriolano.
Menênio · Caros amigos, se já ouvistes vosso
chefe falar de Roma e dos amigos
que ele tem lá: aposto cem contra um
que meu nome já vos feriu o ouvido:
Menênio.
Primeiro Guarda · Pouco imporia qual seja ele.
Para trás, que a virtude desse nome
aqui não tem passagem.
Menênio · Companheiro,
teu general, repito, é meu amigo.
O livro tenho sido de seus atos
valorosos, no qual os homens leram
sua fama sem par, até aumentada,
que exaltar sempre eu soube meus amigos —
dos quais ele é o primeiro — com a amplitude
que a verdade comporia sem declínio.
Algumas vezes, mesmo, como bola
num terreno macio, estive a ponto
de ultrapassar a meta; em louvor dele
quase pus a chancela nas mentiras.
Por isso tudo, amigo, é necessário
deixardes-me passar.
Primeiro Guarda · Em verdade, senhor, ainda
mesmo que houvésseis dito tantas mentiras a seu
favor quantas palavras pronunciastes em vosso
próprio proveito, não passaríeis aqui. Não; nem que
fosse tão virtuoso mentir, como viver castamente.
Por obséquio, retornai.
Menênio · Por obséquio, amigo, lembrai-vos de que
meu nome é Menênio, adepto sempre entusiasta de
vosso general.
Segundo Guarda · Ainda que tivésseis sido seu
caluniador — como há pouco o confessastes — sou
homem que digo a verdade sob as ordens dele, razão
por que vos declaro que não podeis passar. Por isso,
retornai.
Menênio · Poderás informar-me se ele já jantou?
Porque só desejo falar-lhe depois do jantar.
Primeiro Guarda · Sois romano, não é verdade?
Menênio · Sou o que é teu general.
Primeiro Guarda · Nesse caso deveríeis ter ódio
a Roma, como ele tem. Poderíeis, quando pusestes
porta fora seu verdadeiro defensor, e, numa crassa
ignorância popular, entregastes vosso escudo
ao inimigo, poderíeis crer que seríeis capazes de
conter sua vingança com os gemidos fáceis das
velhas, as palmas virgens de vossas filhas ou com
a interferência paralítica de um velho tonto como
pareceis ser? Acreditais, mesmo que o incêndio
que está prestes a destruir vossa cidade possa ser
apagado com um sopro assim tão fraco? Não; estais
enganado. Voltai, pois, para vossa Roma e preparai-
vos para a execução. Estais condenados, nosso
general não vos concederá trégua nem perdão.
Menênio · Maroto, se teu capitão soubesse que me
encontro aqui, tratar-me-ia com consideração.
Segundo Guarda · Vamos! Meu capitão não vos
conhece.
Menênio · Quero dizer: teu general.
Primeiro Guarda · Meu general não se preocupa
convosco. Para trás! Já disse; do contrário, derramarei
a meia pinta de sangue... Para trás!... que é só o que
vos resta. Para trás!
Menênio · Sim... Mas, companheiro! companheiro!
(Entram Coriolano e Aufídio.)
Coriolano · Que é que há?
Menênio · Agora, companheiro, vou mostrar-vos
como as coisas são; vereis em que conceito eu sou
tido. Chegou o momento de verificardes que não
cabe nas obrigações de um João-porteiro separar-
me de meu filho Coriolano. Deduz, da maneira por

shakespearebrasileiro.org

que vou ser recebido, se não te encontras em perigo de ser enforcado ou de qualquer outra morte mais demorada para os espectadores e mais cruel para o paciente. Olha agora bem de frente e desmaia por causa do que te espera. *(A Coriolano.)* Que os deuses gloriosos se reúnam a todas as horas em conselho, para tratar de tua prosperidade, e que não te amem menos do que o teu velho pai Menênio. Oh meu filho! meu filho! Preparas fogo para nós. Olha: aqui trago água para apagá-la. Custou-me a decidir-me a vir falar-te; mas por estar convencido de que somente eu poderia comover-te, deixei que os suspiros me trouxessem até vossas portas, para conjurar-te a *perdoar a Roma e a teus compatriotas suplicantes.* Que os deuses bondosos abrandem tua cólera e lancem sua borra sobre este tipo que, como um bloco de pedra, me negou acesso à tua presença.

CORIOLANO · Para trás!

MENÊNIO · Como! Para trás!

CORIOLANO · Esposa, mãe e filho, desconheço-os.
Confiados a outros tenho os meus negócios.
É certo que a vingança me pertence;
porém minha clemência ora se encontra
no coração dos volscos. A amizade
que tivemos, primeiro o olvido ingrato
deixará venenosa, que a piedade
poderá avaliar. Por isso, parte.
Mais fortes são os meus ouvidos contra
vossos pedidos do que vossas portas
contra minha investida. No entretanto,
por já te ter amado, recebe isto.

(Dá-lhe um papel.)

Foi escrito somente por tua causa,
e tencionava enviar-to. Outra palavra,
Menênio, não desejo que me digas.
Aufídio, este homem foi meu bem-amado
na cidade de Roma. No entretanto,
como vês...

AUFÍDIO · Revelai-vos sempre firme.

(Saem Coriolano e Aufídio.)

PRIMEIRO GUARDA · Então, senhor, vosso nome é Menênio?

SEGUNDO GUARDA · Como vistes, é uma palavra mágica, de grande eficiência. Agora aprendestes o caminho de casa.

PRIMEIRO GUARDA · Ouvistes como fomos *censurados, por termos interceptado a passagem de* Vossa Grandeza?

SEGUNDO GUARDA · Que razão imaginais que eu tenha para desmaiar?

MENÊNIO · Não me preocupo nem com o mundo nem com vosso general. Seres como vós dois, nem chego a conceber que possam existir, tão insignificantes sois. Quem tem a possibilidade de morrer por suas próprias mãos, não tem medo de que os outros o matem. Que vosso general pratique as piores barbaridades. Quanto a vós, continuai por muito tempo sendo o que sois, e que com a idade aumente vossa miséria. Digo-vos o que me disseram: para trás!

(Sai.)

PRIMEIRO GUARDA · Um nobre companheiro, posso asseverar.

SEGUNDO GUARDA · O companheiro mais digno é nosso general: é uma rocha, um carvalho, que vento algum consegue abalar.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Tenda de Coriolano.
Entram Coriolano, Aufídio e outros.

CORIOLANO · Acamparemos amanhã defronte
das muralhas de Roma. Como sócio
meu que sois nesta empresa, aos comandantes
volscos relatareis minha lisura
em todo este negócio.

AUFÍDIO · Só cuidastes
dos interesses deles, e os ouvidos
fechastes para as súplicas romanas;
não admitistes o menor cochicho
de ninguém, nem ainda dos amigos
que se prezavam de maior prestígio.

CORIOLANO ·
O último, aquele velho que eu reenviei
com o coração partido para Roma,
tinha por mim mais do que amor paterno.
Sim, chegava a endeusar-me. A vinda dele
representa o último recurso. Embora

shakespearebrasileiro.org

me mostrasse com ele muito ríspido,
levando em conta nosso antigo afeto
de novo ofereci-lhes as primeiras
condições, já por eles recusadas
e que, por isso, não serão aceitas.
Fiz isso para prestigiar o amigo
que alcançar muito mais imaginava.
Cedi, alguma coisa. Doravante,
porém, ouvidos não terei para outras
embaixadas ou súplicas, ou venham
do Estado, ou dos amigos, meus privados.

(Clamor fora.)

Que clamor será esse? Porventura
quererão obrigar-me a ser perjuro
na hora precisa em que formulo o voto?
Tal não farei.

(Com vestes de luto entram Vergília, Volúmnia, que conduz o jovem Márcio, Valéria e criadas.)

À frente, minha esposa;
depois, a honrosa forma em que este tronco
foi plasmado, trazendo pela mão
o neto de seu sangue. Fora, fora,
compaixão! Arrebentem-se os liames
e os privilégios todos da natura.
Ser obstinado, agora, é ser virtuoso.
Que significam essas reverências,
esses olhos de pomba, que podiam
deixar perjuros até os próprios deuses?
Comovo-me. Não sou feito de argila
mais forte do que os outros. Até ao solo
se curva minha mãe, como se o Olimpo
diante de um monte de toupeira viesse,
humilhado, abaixar-se; e meu filhinho
feições de suplicante ora apresenta,
que a declarar obriga a natureza:
"Não recuses!" Que os volscos arem Roma
e o rastrilho por toda a Itália passem.
Nunca o papel farei dos gansozinhos
que ao instinto obedecem; mas como homem
resistirei, que houvesse de si mesmo
sido gerado e que não conhecesse
nenhum parente.

Vergília · Meu senhor e esposo!

Coriolano ·
Não vejo as coisas como via em Roma.

Vergília · A tristeza que tanto nos transforma
é que vos faz pensar dessa maneira.

Coriolano · Tal como ator estúpido, esqueci-me
do meu papel e fui vaiado e expulso.
Oh tu, parte melhor de minha carne,
perdoa ao meu rigor, mas não me digas
que aos romanos perdoe. E agora um beijo
tão longo quanto meu exílio, doce
como minha vingança. Pela cólera
da Rainha do céu, digo-te que este
beijo eu tomei de ti, minha querida,
e desde então a minha fiel boca
virgem se conservou. Oh deuses! Falo
sem medida, e a mais nobre mãe do mundo
deixo sem saudação! Dobra-te, joelho,
até o chão e na terra imprime marcas
de tua reverência mais profundas
que as dos filhos comuns.

Volúmnia · Oh, não! Levanta-te
e sê bendito. Eu, sim, que em almofada
mão mais mole que a pedra, dobro os joelhos
diante de ti e impropriamente mostro
reverência, tal como se durante
toda a vida enganado me tivesse
com a atitude dos pais para seus filhos.

Coriolano · Como! Diante de mim vos ajoelhais?
Então, que os seixos da marinha praia
nos astros vão bater. Então, que os ventos
amotinados lancem contra o ardente
sol os cedros altivos, o impossível
matando, com deixar trabalho fácil
o que não pode ser.

Volúmnia · És meu guerreiro;
foste feito por mim. Não reconheces
esta senhora aqui?

Coriolano · É a nobre irmã
de Publícola; a lua ela é de Roma,
casta como o cristal feito da neve
mais pura que do templo de Diana
estivesse a pender: cara Valéria.

Volúmnia ·
Este é um pobre resumo de vós próprio,
que com o aperfeiçoamento do futuro
talvez consiga vos pegar em tudo.

Coriolano ·
Que o deus dos combatentes, com a anuência
de Júpiter supremo, de nobreza
te inspire o pensamento, porque possas
mostrar-te invulnerável ao opróbrio

shakespearebrasileiro.org

e ficar nas batalhas como grande
baliza que resiste às tempestades
e salva a quantos para ti olharem.
VOLÚMNIA · Pequeno, ajoelha-te.
CORIOLANO · É o meu bravo filho.
VOLÚMNIA · Sim, ele, vossa esposa — esta senhora —
e eu própria somos vossos suplicantes.
CORIOLANO · Por obséquio, calai-vos. Ou, no caso
de falardes, lembrai-vos de que nunca
podeis considerar como recusa
de minha parte o que por juramento
obrigado me vejo a recusar-vos.
Não mandeis que eu despeça meus soldados
ou que a capitular de novo venha
com os artesãos de Roma. Não desejo
que me mostreis o em que desnaturado
pareço agora, nem que minha cólera
e meu rancor tenteis tranqüilizar
com o frio raciocínio.
VOLÚMNIA · Oh! basta! basta!
Não nos concedeis nada, já o dissestes,
pois a pedir não temos outra coisa
a não ser o que já nos recusastes.
Contudo, vamos formular a súplica,
pois se nos recusardes o pedido
só em vosso rigor recaia o opróbrio.
Por isso, ouvi-nos.
CORIOLANO · Tomai nota, Aufídio;
e vós, volscos, também; pois não queremos
ouvir de Roma coisa alguma à parte.
qual é o vosso pedido?
VOLÚMNIA · Se ficássemos
calados, sem dizer palavra alguma,
nossas vestes e o estado destes corpos
mostrariam a vida que levamos
depois de teu exílio. Considera
quanto mais infelizes do que todas
as mulheres nós somos no momento
de procurar-te, pois a tua vista,
que deveria, de prazer, os olhos
marejar-nos de lágrimas e aos saltos
o coração deixar-nos, de conforto,
de pavor e tristeza força aqueles
a chorar e a este deixa estremecido,
Com obrigar a esposa, a mãe e o filho
a verem o marido, o filho e o pai
as entranhas rasgar da própria pátria.
A nós, coitadas, muito mais que às outras
é teu ódio fatal, pois nas impede
de aos deuses dirigirmos nossas súplicas,
o que grande conforto é para todas,
com exceção de nós. Pois como fora
possível — ai de nós! — como nos fora
possível implorar por nossa pátria —
como é nosso dever — e, ao mesmo tempo,
pedir que possas alcançar vitória,
como é nosso dever? Ah! é preciso
que percamos a pátria, a ama querida,
ou então tua pessoa, nosso amparo
e alegria na pátria. Inevitável
calamidade sobre nós se apresta.
seja qual for o voto que se exalce
quanto à final vitória. Pois forçoso
será que, como um malfeitor estranho,
passes em ferros pelas nossas ruas,
ou que pises triunfante nos escombros
de tua pátria e a palma a alcançar venhas
por haveres o sangue derramado
bravamente da esposa e de teu filho.
Porque, meu filho, protelar não hei de
até que possa decidir a sorte
sobre o fim desta guerra. Se impossível
me é de todo fazer que, enfim, te mostres
com as duas partes nobre e generoso,
em vez de a ruína de uma procurares,
fica sabendo que não hás de os muros
assaltar da cidade — isso é certeza —
sem passares primeiro sobre o ventre
da mãe que te deu vida.
VERGÍLIA · E também sobre
o meu, onde gerado foi teu filho,
porque teu nome nele perpetuasses.
MENÊNIO · Sobre o meu corpo ele não pisa, que hei
de sair correndo, e quando ficar grande,
volto para brigar.
CORIOLANO · Se não quisermos
na alma ter de mulher a semelhança,
ver não devemos nem mulher nem criança.
Já esperei muito tempo.

(Levanta-se.)

VOLÚMNIA · Desse modo
não nos deixeis. Se nossa interferência
a favor dos romanos implicasse
a destruição dos volscos, a serviço

shakespearebrasileiro.org

dos quais estais agora, poderíeis
ver em nós o veneno de vossa honra.
Não; não há tal. Queremos, tão-somente,
que a reconciliação façais entre eles,
de forma que dizer os volscos possam:
"Mostramo-nos dementes", e os romanos:
"Com relação a nós", rompendo todos
em calorosos vivas para tua
pessoa com dizerem: "Sê bendito
por semelhante paz!" Meu grande filho,
como bem sabes, toda guerra é incerta.
Mas uma coisa é certa: se chegares
a ganhar Roma, lucrarás apenas
um nome que há de ser por toda parte
dito com maldição e cuja crônica
repetirá: "Era pessoa nobre,
mas com o último feito rebaixou-se:
destruiu a pátria, havendo transmitido
para a posteridade um nome abjeto."
Fala, meu filho. Sempre te esforçaste
por ter os delicados traços da honra,
por imitar dos imortais a graça,
com teus trovões dilacerando as largas
bochechas do ar, mais disparando um raio
capaz apenas de fender um roble.
Por que não dizes nada? Acaso pensas
que seja honroso para um nobre
sempre relembrar as injúrias? Falai, filha;
ele não dá valor ao nosso choro.
Menino, fala tu, é bem possível
que comovê-lo possa mais que nossas
razões tua inocência. Não há filho
que mais deva a sua mãe; no entanto, deixa-me
falar agora sem parar, tal como
condenado no cepo. Em toda a vida
nunca deste a tua mãe prova de afeto.
Ela — pobre ave! não se preocupava
com segunda ninhada — para as guerras
com seu cacarejar sempre te enviava
e, coberto de glória, te fazia
voltar são para casa. Dize apenas
que meu pedido é injusto e me repele.
Mas se tal não se der, faltas com a honra,
castigando-te os deuses por me haveres
recusado a obediência que me toca
por direito de mãe. Ele se vira!
De joelho, damas! Possam humilhá-lo
nossas genuflexões. O sobrenome
Coriolano lhe infunde mais orgulho
que compaixão todas as nossas súplicas.
De joelhos; acabemos. Vai ser a última
tentativa. Voltemos para Roma
e com nossos vizinhos pereçamos.
Não; olha para nós. Este menino
que não sabe dizer o que pretende,
mas apenas se ajoelha e as mãos levanta,
traz razões mais potentes do que possas
aduzir em contrário. Mas voltemos.
Por mãe este homem teve mulher volsca;
a esposa está em Coríolos; o filho
só por acaso tem os traços dele.
Mas despachemo-nos; quero ficar quieta
até nossa cidade ver em chamas;
depois ainda direi alguma coisa.

CORIOLANO *(tomando Volúmnia, que se cala, pela mão.)*
Mãe! oh mãe! que fizestes? Oh! entreabrem-se
os céus e os deuses que nos vêem riem
desta cena contrária à natureza.
Oh minha mãe! Oh mãe! Oh minha mãe!
Ganhastes para Roma uma vitória
muito feliz, mas para vosso filho,
podeis crer-me — oh! podeis — prevalecestes
sobre ele por maneira perigosa,
se mortal não lhe for. Porém que venha.
Aufídio, muito embora eu já não possa
dirigir guerra leal, ao menos posso
concluir honrosa paz. Bondoso Aufídio,
se em meu lugar agora vos achásseis,
teríeis, porventura, ouvido menos
vossa mãe, caro Aufídio, ou concedido
menos do que pedisse?

AUFÍDIO · Comovido
fiquei, confesso.

CORIOLANO · Eu o asseveraria.
E, amigo, podeis crer que pouca coisa
dos olhos não me faz pingar piedade.
Meu bondoso senhor, aconselhai-me
sobre a paz que quereis fazer com eles.
Por minha parte não irei a Roma;
retornarei convosco. Por obséquio,
neste passo auxiliai-me. Oh mãe! Oh esposa!

shakespearebrasileiro.org

AUFÍDIO *(à parte)* ·
Muito me alegra ver que em tua alma lutam
a compaixão e a honra. Com isso tudo
saberei refazer a antiga sorte.
(As senhoras fazem sinal a Coriolano.)
CORIOLANO ·
Neste momento. Mas bebamos juntos,
e levareis a Roma um testemunho
melhor do que palavras, que haveremos
de subscrever em condições idênticas.
Vamos, entremos juntos. Vós, senhoras,
um templo mereceis que vos construam;
as espadas da Itália, suas armas
confederadas, nunca chegariam
a alcançar uma paz como a de agora.
(Saem.)

Ato V · Cena IV

Roma. Uma praça pública. Entram Menênio e Sicínio.

MENÊNIO · Estais vendo aquela saliência do Capitólio, a pedra angular?
SICÍNIO · Estou; mas a que vem isso?
MENÊNIO · Se conseguirdes abalá-la com o dedo mínimo, haverá alguma esperança de que as damas de Roma, principalmente a mãe dele, consigam alguma coisa. Mas, como disse, não há esperança; estamos com as gargantas sentenciadas à espera somente da execução.
SICÍNIO · Será possível que um tempo tão curto modifique a esse ponto a natureza de uma pessoa?
MENÊNIO · Há muita diferença entre a crisálida e a borboleta; no entanto, a borboleta já foi crisálida. De homem, este Márcio se transformou em dragão; adquiriu asas; é algo mais do que um ser que rasteja.
SICÍNIO · Era muito afeiçoado à mãe.
MENÊNIO · Como a mim também o foi. Mas agora ele se recorda tanto de sua mãe como de um cavalo de oito anos. A aspereza de seu rosto azeda uvas maduras. Quando anda, move-se como uma máquina de guerra, rachando-se o solo às suas passadas. Só com o olhar é capaz de furar um arnês; fala como um dobre de finados e seu murmúrio é uma bateria. Senta-se em sua cadeira como quem representa Alexandre. O que ele ordena que se faça, fica feito só com a simples ordem. Para ser um deus só lhe falta a eternidade e um céu para servir-lhe de trono.
SICÍNIO · Oh! compaixão! Se o descreveis com fidelidade.
MENÊNIO · Na descrição atenho-me ao seu caráter. Observai a graça que sua mãe alcançou junto dele. Há piedade nele como leite em um tigre macho, é o de que terá de certificar-se nossa cidade. E tudo isso é trabalho vosso.
SICÍNIO · Que os deuses se compadeçam de todos nós.
MENÊNIO · Não; num caso destes eles não se compadecerão de nós. Quando banimos Coriolano, não fizemos conta dele; voltando Coriolano agora para cortar-nos o pescoço, não farão conta de nós.
(Entra um mensageiro.)
MENSAGEIRO · Senhor, se amais a vida, recolhei-vos para casa. Os plebeus se apoderaram
de vosso companheiro de mandato,
dão-lhe empurrões e juram que se as damas
romanas não trouxerem boas novas,
hão de tirar-lhe a vida aos pedacinhos.
(Entra outro mensageiro.)
SICÍNIO · Que novidades há?
SEGUNDO MENSAGEIRO · Boas notícias?
Boas notícias! boas! As matronas
prevaleceram. Já o acampamento
os volscos levantaram, Márcio foi-se.
Nunca viu Roma tão alegre dia,
nem mesmo quando expulso foi Tarquínio.
SICÍNIO · Amigo, tens certeza do que dizes?
Não haverá engano?
SEGUNDO MENSAGEIRO · Tenho tanta
certeza como de que o sol é fogo.
Por onde vos metestes, para terdes
dúvida sobre o que houve? Nunca as águas
da maré se comprimem com tanto ímpeto
debaixo do arco, como os aliviados
se atiram pelas portas da cidade.
Mas ouvi!
(Soam trombetas, oboés e tambores em confusão; aclamações dentro.)

shakespearebrasileiro.org

Sacabuxas, harpas, pífaros,
trombetas, címbalos, tambores, vivas
dos romanos à dança o sol arrastam.

(Aclamações dentro.)

Estais ouvindo?

Menênio · É muito boa a nova.
Vou ao encontro das senhoras. Essa
Volúmnia vale uma cidade cheia
de senadores, cônsules e nobres;
de tribunos assim, um mar repleto,
toda a terra. Soubestes rezar hoje.
Esta manhã eu não daria um óbolo
para comprar dez mil gargantas vossas.
Ouvi, quanta alegria!

(Aclamações e música.)

Sicínio · Inicialmente,
abençoem-vos os deuses pelas novas;
depois vos dou meus agradecimentos.

Segundo Mensageiro ·
Motivos todos nós temos bastantes
para agradecimentos sublimados.

Sicínio · Já se estão da cidade aproximando?

Segundo Mensageiro ·
Já no ponto de entrar.

Sicínio · Saiamos todos
a encontrá-los e o júbilo aumentemos.

(Retiram-se.)

(Atravessam o palco as damas acompanhadas dos senadores, patrícios e povo.)

Primeiro Senador ·
Vede a vida de Roma, a protetora
de todos nós! Reuni todas as tribos;
orai aos deuses e acendei fogueiras
de regozijo; atapetai de flores
o caminho por onde elas passarem.
Com novos vivas abafai os gritos
que de Roma expulsaram Caio Márcio.
Nas saudações da mãe chamai-o à pátria.
Gritai todos: Senhoras, sois bem-vindas!

Todos · Senhoras, sois bem-vindas!

(Fanfarras e tambores. Saem todos.)

Ato V · Cena V

Coríolos. Uma praça pública.
Entra Tulo Aufídio com criados.

Aufídio · Anunciai aos senhores da cidade
que eu já cheguei e dai-lhes este escrito.
Depois de o terem lido convocai-os
para o mercado, onde, no ouvido deles
e nos do povo provarei tudo isso.
Quem eu acuso já transpôs as portas
da cidade e pretende apresentar-se
ante o povo, esperando com palavra
justificar-se. Muita pressa em tudo.

(Saem os criados.)

(Entram três ou quatro conspiradores do partido de Aufídio.)

Sede bem-vindos.

Primeiro Conspirador · Como vai passando
o nosso general?

Aufídio · Como pessoa
envenenada pela própria esmola
e que a bondade mata.

Segundo Conspirador · Muito nobre
senhor, se persistirdes no projeto
para o qual desejastes nosso auxílio,
nós nos incumbiremos de livrar-vos
dessa grande coação.

Aufídio · Nada vos posso
dizer, senhor; teremos de portar-nos
conforme virmos que se mostra o povo.

Terceiro Conspirador ·
O povo ficará sempre indeciso,
enquanto entre vós dois houver discórdia.
A queda de um fará de tudo herdeiro
o que sobreviver.

Aufídio · É muito certo.
Os motivos que tenho de atacá-lo
são mais do que plausíveis. Elevei-o
e por sua lealdade empenhei a honra.
Mas ele, uma vez no alto, as novas plantas
irrigou com o orvalho da lisonja,
seduziu meus amigos, violentando
para esse fim sua própria natureza,

shakespearebrasileiro.org

conhecida até então como indomável,
independente e brusca.
TERCEIRO CONSPIRADOR · Sua empáfia,
senhor, quando ele obteve o consulado,
que a perder veio por não ter sabido
tergiversar em tempo...
AUFÍDIO · Ia falar-vos
a esse respeito. Tendo sido expulso
por isso mesmo, veio a minha casa
e o pescoço estendeu à minha faca.
Acolhi-o; fiz dele meu consócio,
dei-lhe azo a que os desejos expandisse.
Fiz mais: deixei que ele escolhesse dentre
meus próprios contingentes os melhores
e mais dispostos homens, porque a cabo
levasse seus projetos. Em pessoa
servi aos seus desígnios, ajudando-o
a madurar a filma que na ceifa
para ele, só, ficou, tendo ele orgulho
revelado em fazer-me essa injustiça.
Em remate, chegamos a tal ponto,
que mais seu subalterno eu parecia
do que mesmo parceiro, tendo-me ele
recompensado com seus ademanes
como se mercenário dele eu fosse.
PRIMEIRO CONSPIRADOR ·
Justamente, senhor; e muito espanto
causou isso no exército. Por último,
quando Roma já tínhamos vencido
e fé todos fazíamos no espólio,
como na glória...
AUFÍDIO · É aí que bate o ponto,
contra ele tenso meus tendões deixando.
Por algumas gotinhas de catarro
de umas senhoras, que são tão baratas
quanto mentiras, o trabalho e o sangue
vendeu ele de nosso esforço ingente.
Por isso morrer deve; sua queda
me fará levantar. Mas, escutemos!

(Barulho de trombetas e de tambores, de mistura com aclamações do povo.)

PRIMEIRO CONSPIRADOR ·
Como se fôsseis um correio entrastes
na cidade natal, sem que boas-vindas
tivésseis de ninguém; mas ele volta
rasgando o ar com o barulho.
SEGUNDO CONSPIRADOR · Esses pacíficos
todos a quem ele privou dos filhos,
rasgam as goelas vis no louvor deles.
TERCEIRO CONSPIRADOR ·
Para vossa vantagem, desse modo,
antes que ele se expanda e possa o povo
comover com discursos, vossa espada
dai-lhe a provar, que vos secundaremos.
Jogando ele por terra, sua história
contada a vosso jeito, juntamente
com o corpo enterrará seus argumentos.
AUFÍDIO · Nem mais
[uma palavra; eis os senhores.

(Entram os nobres da cidade.)

NOBRES · Sois entre nós bem-vindo.
AUFÍDIO · Não mereço
semelhante acolhida. Mas senhores,
lestes atentamente meu escrito?
NOBRES · Lemos, sim.
PRIMEIRO NOBRE · E ficamos contristados.
Suas primeiras faltas, é o que penso,
podiam ser sanadas facilmente.
Mas terminar onde primeiro estava,
abrir mão das vantagens do armamento,
à nossa própria custa indenizar-nos,
onde houve rendição firmar tratados,
desculpas não admite.
AUFÍDIO · Ei-lo que chega;
vós próprios o ouvireis.

(Entra Coriolano com tambores e bandeiras; grande número de cidadãos o segue.)

CORIOLANO · Salve, senhores!
Como vosso soldado aqui retorno,
sem que do amor da pátria ora me encontre
mais infectado do que no momento
em que parti daqui, mas o supremo
comando vosso obediente sempre.
Passo a dizer-vos que com muita sorte
fiz esse ataque, tendo por caminhos
sanguinosos levado vossas guerras
até a portas de Roma. O que trouxemos
como espólio ultrapassa pelo menos
de um terço das despesas da campanha.
Concluímos uma paz tão digna para
vós antíates como vergonhosa
para os romanos. Eis que vos transmito,

shakespearebrasileiro.org

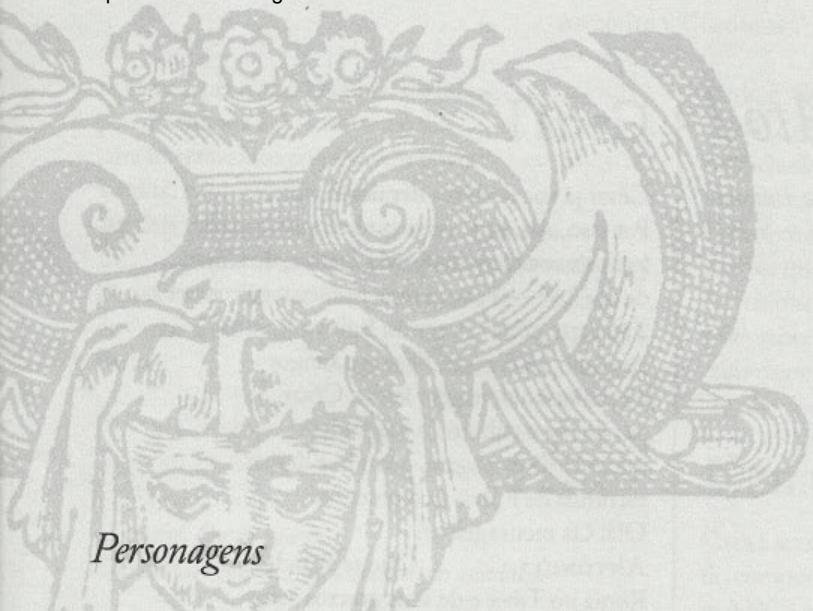
pelos patrícios assinado e os cônsules,
juntamente com o selo do senado,
o acordo que firmamos com os romanos.
Aufídio · Nobres senhores, não leiais o escrito,
mas dizei ao traidor que em grau muito alto
ele abusou de vossa autoridade.
Coriolano · Traidor! Como?
Aufídio · Traidor, Márcio. Isso mesmo.
Coriolano ·
Márcio?
Aufídio · Sim, Márcio: Caio Márcio. Pensas,
acaso, que enfeitar-te vou com o nome
roubado, Coriolano, e isso em Coríolos?
Senhores e cabeças da república,
ele traiu os vossos interesses
perfidamente, e por algumas gotas
salgadas entregou vossa cidade,
Roma — sim, digo: vossa! — à mãe e à esposa,
rompendo os juramentos e os propósitos
como um laço de fita apodrecida.
Nunca ouviu um conselho de campanha,
mas da mãe ante as lágrimas pôs fora,
choramingando e urrando, vossos louros,
o que os pajens deixou enrubescidos
e os homens de valor fez entreolharem-se,
tomados de estupor.
Coriolano · Ouviste, Marte?
Aufídio · Não invoques o deus, chorão menino.
Coriolano · Ah!
Aufídio · Não prossigas.
Coriolano · Mentiroso imenso,
grande demais o coração deixaste-me,
para caber no peito. Quê! "Menino?"
Miserável... Perdoei-me, meus senhores;
é a vez primeira que a insultar me forçam.
Vosso juízo, ponderados nobres,
vai dar o desmentido a este cachorro;
e sua própria consciência — que as estrias
de meus golpes ainda tem presentes,
marcas que há de levar ao próprio túmulo,
há de vos secundar no desmentido.
Primeiro nobre · Ficai quietos e deixai que eu fale.
Coriolano ·
Cortai-me em pedacinhos, volscos! Homens
e moços, vinde em mim manchar os gládios.
"Menino!" Cão hipócrita! Se houvésseis
vossos anais escrito com verdade,
lá poderíeis ler que tal como águia
num pombal pus em fuga os vossos volscos,
em Coríolos. Eu, eu só! "Menino!"
Aufídio · Como! nobres senhores, quereis mesmo
que as façanhas da sorte dele cega —
vosso opróbrio — vos sejam relembradas
por este fanfarrão desnaturado,
ante vossos ouvidos, vossos olhos?
Conspiradores ·
Que ele morra por isso.
Todos os Cidadãos · Espedaçai-o,
já, já! — Matou meu filho! — Minha filha!
Matou meu pai! — Matou meu primo Marco!
Segundo nobre ·
Silêncio aí! Nada de insultos. Calma!
É um homem nobre e sua fama ocupa
o orbe todo da terra. A última ofensa
que nos fez há de ser regularmente
em juízo discutida. Pára, Aufídio;
não perturbes a paz.
Coriolano · Ah! se o tivesse
com seis outros Aufídios e sua tribo
ao alcance de minha leal espada!
Aufídio · Celerado insolente!
Conspiradores · Morte! Morte
para ele! Morte! Morte!
(Aufídio e os conspiradores sacam da espada e matam Coriolano, que cai. Aufídio põe o pé sobre o cadáver.)
nobres · Não! Parai!
Parai! Parai! Parai!
Aufídio · Meus nobres mestres,
deixai que vos explique o que houve.
Primeiro nobre · Oh Tulo!
Segundo nobre · Chora a coragem ante o que
fizeste.
Terceiro nobre ·
Não o piseis. Senhores, acalmai-vos!
Guardai vossas espadas.
Aufídio · Meus senhores,
quando a saber chegardes — o que neste
grande furor, por ele suscitado,
possível não será — todo o perigo
com que nos ameaçava a vida dele,
ficareis satisfeitos por ter sido
morto ele deste modo. Vossas Honras
podem chamar-me à frente do Senado,
que hei de provar que sou vosso fiel servo,

shakespearebrasileiro.org

ou submeter-me a vosso grave juízo.
Primeiro nobre · Levai daqui o corpo. E pranteai-o.
Será tido na conta do mais nobre
cadáver que já foi acompanhado
pelo arauto até a urna funerária.
Segundo nobre · Seu arrebatamento justifica
por uma boa parte o erro de Aufídio.
Tiremos disso todas as vantagens.
Aufídio · Minha fúria passou. Sinto-me agora
tomado de tristeza. Levantai-o.
Ajudai três guerreiros, dos melhores;
serei o quarto. Bate em teu tambor,
de forma que ele fale tristemente.
Abaixai vossas lanças. Muito embora
tenhamos ainda na cidade muitas
mulheres que sem filhos, sem maridos
ele deixou e que ainda se ressentem
de seus golpes até este momento,
há de alcançar mui nobre monumento.
Carreguemos.

(Saem levando o corpo de Coriolano, ao som de uma marcha fúnebre.)

shakespearebrasileiro.org



Personagens

MARCO ANTÔNIO
OTÁVIO CÉSAR
M. EMÍLIO LÉPIDO
SEXTO POMPEU
— triúnviros.

DOMÍCIO ENOBARBO
VENTÍDIO
EROS
ESCARO
DERCETAS
DEMÉTRIO
FILO
MECENAS
— amigos de Antônio.

AGRIPA
DOLABELA
PROCULEIO
TIREU
GALO
— amigos de César.

MENAS
MENÉCRATES
VÁRRIO
— amigos de Pompeu.

TAURO, tenente-general de César.
CANÍDIO, tenente-general de Antônio.
SÍLIO, oficial sob as ordens de Ventídio.
EUFRÔNIO, embaixador de Antônio para César.

ALEXAS
MARDIAN
SELEUCO
DIOMEDES
— servidores de Cleópatra.

Um adivinho.
Um bobo.
CLEÓPATRA, Rainha do Egito.
OTÁVIA, irmã de César e esposa de Antônio.

CHARMIAN
IRAS
— criadas de Cleópatra.

Oficiais, soldados, mensageiros e gente de serviço.

Cena

Diversas partes do Império Romano.

shakespearebrasileiro.org

Ato I · Cena I

Alexandria. Um quarto no palácio de Cleópatra. Entram Demétrio e Filo.

FILO · Não! Passa da medida essa loucura
do nosso general. Aqueles olhos
altivos que brilhavam como Marte
com seu arnês chapeado, dominando
multidões de soldados em revista,
ora se abaixam, ora se desviam
do ofício e devoção que lhes são próprios,
para uma fronte escura. Aquele grande
coração, que na grita das batalhas
monumentais fazia que saltassem,
partidas, as fivelas da couraça,
agora renegou o autodomínio,
para tornar-se a ventarola e o fole
que acalmar tenta o ardor de uma cigana.
Vede onde eles vêm vindo!

(Entram Antônio e Cleópatra, com os respectivos séquitos; eunucos a abanam.)

Tomai nota,
e observareis como um dos três pilares
do mundo no palhaço de uma simples
rameira se mudou. Examinai-os!

CLEÓPATRA · Se é amor, realmente, revelai-me
quanto.

ANTÔNIO · Pobre é o amor que pode ser contado.

CLEÓPATRA ·
Vou pôr um marco, para o ponto extremo
do amor assinalar.

ANTÔNIO · Fora preciso
descobrir novos céus, uma outra terra.

(Entra um ajudante.)

AJUDANTE · Novas de Roma, meu bondoso chefe.

ANTÔNIO · Que estafa! Vamos lá: resume a história.

CLEÓPATRA · Não, Antônio! Ouvi tudo.
Talvez Fúlvia se encontre estomagada,
ou talvez ainda o César quase imberbe
vos haja ordens mandado peremptórias:
"Faze isto e aquilo; toma aquele reino,
liberta este outro! Cumpre as minhas ordens,
se não quiseres receber castigo."

ANTÔNIO · Como, querida?

CLEÓPATRA · Talvez? Não; é certo:
não podereis ficar aqui mais tempo;
César já vos enviou a demissão.
Por isso, Antônio, ouvi: onde é que se acha
a expressa ordem de Fúlvia... isto é, de César...
de ambos? — Fazei entrar os mensageiros. —
Tão certo como eu ser do Egito a Rainha,
Antônio, tu coraste. Esse teu sangue
é a maior homenagem feita a César,
se não for o tributo da vergonha
que tuas faces pagam, quando a língua
estrídula de Fúlvia te repreende.
Olá! Os mensageiros!

ANTÔNIO · Que se afunde
Roma no Tibre e de seus gonzos salte
a gigantesca abóbada do império.
Meu espaço é este aqui. Todos os reinos
são argila, mais nada; nossa terra
cenagosa alimenta homens e brutos,
indiferentemente. Com nobreza
viver é proceder desta maneira,

(Abraça-a.)

quando se encontra um par tão ajustado,
como se dá conosco. Desafio
todo o mundo, sob pena de castigo,
para vir convencer-se de que somos
sem confronto possível.

CLEÓPATRA · Admirável
falsidade! Por que casou com Fúlvia,
se não lhe tinha amor? Quero a aparência
manter da tola que não sou realmente;
continuará Antônio sendo o mesmo.

ANTÔNIO ·
Mas amimado agora por
Cleópatra.
Mas, pelo amor do Amor e de seus brandos
momentos, não gastemos nosso tempo
com debates fastientos. Nossas vidas
não contêm um minuto, um só, que deva
passar sem nos deixar qualquer ventura.
Qual é o divertimento desta noite?

CLEÓPATRA · Ouvi os embaixadores.

ANTÔNIO · Que Rainha
implicante, em que tudo assenta bem:
repreender, rir, chorar, e em que se esforçam
as paixões porque em ti se tornem belas
e admiradas. Nenhum correio, salvo

shakespearebrasileiro.org

se vier de tua parte. Os dois, sozinhos,
percorreremos hoje à noite as ruas.
para observarmos como vive o povo.
Vamos, minha Rainha, que isso mesmo
queríeis ontem. Não; ficai calada.

(Saem Antônio e Cleópatra com seus séquitos.)

Demétrio · Como! Tão pouco-caso faz Antônio
de César a esse ponto!

Filo · Algumas vezes,
senhor, isso se dá, quando ele deixa
de ser Antônio e se desfaz um pouco
daquela dignidade que devia
sempre estar com Antônio.

Demétrio · Fico triste
por ver que ele confirma os maldizentes
da rua que sobre ele em Roma falam.
Mas esperemos que amanhã revele
mais digna compostura. Bom repouso.

(Saem.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Outro quarto.
Entram Charmian, Iras, Alexas e um adivinho.

Charmian · Senhor Alexas, suave Alexas, extraordinário Alexas, onde está o adivinho que tanto elogiastes à Rainha? Oh! Quero que ele me mostre o marido que, como dizeis, terá de pôr grinaldas nos cornos.

Alexas · Adivinho!

Adivinho · Que desejais?

Charmian · É este o homem? Sois vós, senhor, que conheceis as coisas?

Adivinho · No grande livro da natura, alguma coisa consigo ler.

Alexas · Mostrai-lhe a mão.

(Entra Enobarbo.)

Enobarbo · Aprestai o banquete, sem demora, com vinho em profusão, para à saúde de Cleópatra beberem.

Charmian · Meu bom senhor, dai-me uma boa sorte.

Adivinho · Não dou sorte; apenas a revelo.

Charmian · Então, por obséquio, revelai a minha.

Adivinho · Ainda ficareis mais clara do que sois.

Charmian · Ele se refere à carne.

Iras ·
Não; é que vos pintareis, quando ficardes velha.

Charmian · Que as rugas não o permitam!

Alexas ·
Não perturbeis sua presciência; prestai atenção.

Charmian · Silêncio!

Adivinho · Amareis mais do que sereis amada.

Charmian · Prefiro aquecer o fígado com bebida.

Alexas · Não; ouçamo-lo.

Charmian · Muito bem; agora qualquer sorte fora do comum. Fazei-me casar com três reis, numa única manhã, e enviuvar deles todos; fazei que eu tenha um filho aos cinqüenta, a quem prestará homenagem Herodes da Judéia; revelai que vou casar-me com Otávio César, e equiparai-me, assim, à minha senhora.

Adivinho · Sobrevivereis à senhora a que servis.

Charmian · Oh! excelente! Gosto mais de vida longa do que de figos.

Adivinho · Já vistes e provastes melhor sorte do que a que vos espera.

Charmian ·
Então, é que meus filhos ficarão sem nome.
Mas, por obséquio: ao todo, quantos meninos e quantas meninas irei ter?

Adivinho · Um milhão, se cada um de vossos desejos tivesse ventre e pudesse ser fecundado.

Charmian · Vai saindo, tolo! Mas enfim, por seres bruxo, te perdôo.

Alexas · Pensáveis que vossos anelos só eram conhecidos da roupa da cama?

Charmian · Vamos! vamos! Contai agora a sorte de Iras.

Alexas · Nós todos queremos saber a nossa sorte.

Enobarbo · A minha sorte, como a da maior parte da dos presentes, hoje à noite consistirá... em ir bêbedo para a cama.

Iras · Quando mais não seja, haveis de descobrir castidade na palma desta mão.

Charmian · Parece o Nilo, que, quando transborda, pressagia fome.

Iras · Vai saindo, estouvada! Não entendes de vaticínios.

shakespearebrasileiro.org

CHARMIAN · Ora essa! Se uma palma untuosa não for indício de fecundidade, não poderei coçar as orelhas. Por favor, predizei-lhe apenas uma morte vulgar.
ADIVINHO · Vossa sorte é igual à dela.
IRAS · Como assim? Como assim? Descei a particularidades.
ADIVINHO · Já disse o que tinha a dizer.
IRAS · Então não tenho nem uma polegada de sorte mais do que ela?
CHARMIAN · Bem; mas dando-se o caso de terdes mesmo uma só polegada de sorte mais do que eu, onde a iríeis procurar?
IRAS · Não haveria de ser no nariz do meu marido.
CHARMIAN · Possa o céu endireitar nossos pensamentos piores. Agora Alexas! A sorte dele! A sorte dele! Oh suave Ísis, só te peço que o façais casar com uma mulher que não ande. E que ela venha a morrer, para dar lugar a outra pior, seguindo-se sempre à pior outra pior ainda, até que a pior de todas o acompanhe, rindo, à sepultura, cinqüenta vezes corno manso! Exalça-me esse voto, bondosa Ísis, ainda que me venhas a negar matéria de mais peso. Imploro-te, bondosa Ísis.
IRAS · Amém. Querida deusa, atende às orações do povo, porque assim como aperta o coração ver mal casado um belo rapaz, mata de tristeza ver um rústico sem cornos. Por isso, bondosa Ísis, sem ofender o decoro, dai-lhe a sorte que ele merece.
CHARMIAN · Amém.
ALEXAS · Ora vede! Se dependesse delas fazer-me cabrão, tornar-se-iam prostitutas, só para que isso acontecesse.
ENOBARBO ·
Cuidado! Eis aí Antônio.
CHARMIAN · Não; é Cleópatra.
(Entra Cleópatra.)
CLEÓPATRA ·
Não vistes meu senhor?
ENOBARBO · Não o vi, senhora.
CLEÓPATRA · Aqui não se encontrava?
CHARMIAN · Não, senhora.
CLEÓPATRA · Estava bem-disposto; mas, de súbito, uma idéia romana o deixou triste.
Enobarbo!
ENOBARBO · Senhora?
CLEÓPATRA · Sai em busca
dele e o traze até aqui. Onde está Alexas?
ALEXAS · Aqui, às vossas ordens. Eis meu amo.
(Entra Antônio, com mensageiros e criados.)
CLEÓPATRA · Não desejamos vê-lo. Vem conosco.
(Saem Cleópatra, Enobarbo, Alexas, Iras, Charmian, o adivinho e criados.)
MENSAGEIRO · Fúlvia, tua mulher, foi quem primeiro se pôs em campo.
ANTÔNIO · Contra o mano Lúcio?
MENSAGEIRO · Sim.
Essa guerra, porém, terminou logo;
a condição do tempo os fez amigos,
a juntar-se levando-os contra César
que, vitorioso no primeiro embate,
da Itália os expulsou.
ANTÔNIO · Bem; que há de pior?
MENSAGEIRO · As más notícias infectado deixam quem tiver de contá-las.
ANTÔNIO · Só no caso
de interessarem um covarde ou um tolo.
Vamos, falai; o passado não tem força
nenhuma sobre mim. É o que te digo.
Quem me conta a verdade, embora a morte
se ache no que disser, por mim é ouvido
como se me adulasse.
MENSAGEIRO · Então, Labieno —
eis a notícia amarga — desde o Eufrates
com suas forças partas tomou a Ásia;
seu estandarte vencedor levado
foi da Síria até a Lídia e à Iônia, enquanto...
ANTÔNIO · Antônio, ias dizer...
MENSAGEIRO · Oh! meu senhor!
ANTÔNIO · Sê franco em teu falar; não atenues
a linguagem do povo; chama Cleópatra
como em Roma lhe chamam; fala dela
no fraseado de Fúlvia e censurando-me
todas as faltas com o atrevimento
só próprio da verdade e da malícia.
Oh! é certo: de nós brotam cizânias
quando repousam nossos ventos céleres.
Enumerar nossos defeitos vale
tanto quanto mondá-los. Por enquanto,
deixa-me só.
MENSAGEIRO · Às vossas gratas ordens.
(Sai.)
ANTÔNIO · Onde está o mensageiro de Sicíone?
PRIMEIRO CRIADO ·
Há alguém aí que viesse de Sicíone?

shakespearebrasileiro.org

Segundo Criado · Aguarda vossas ordens.
Antônio · Então, que entre.
Preciso arrebentar os fortes elos
do Egito; do contrário, viro tonto.
(Entra outro mensageiro.)
Quem sois?
Segundo Mensageiro · Fúlvia, tua esposa, já não vive.
Antônio · Morreu? Onde?
Segundo Mensageiro · Em Sicíone. O decurso
da doença e tudo o mais de relevância,
que te importa saber, aqui se encontra.
(Entrega-lhe uma carta.)
Antônio · Podes sair.
(Sai o segundo mensageiro.)
Partiu um grande espírito!
E assim o desejei! O que o desprezo
muitas vezes atira para longe,
reaver desejaríamos. O gozo
presente, declinando no seu curso,
vem a tornar-se o oposto de si mesmo.
Boa tornou-se por já ter morrido;
a mão que a repeliu desejaria
atraí-la de novo. É necessário
que eu largue esta Rainha feiticeira.
Dez mil calamidades, mais que todos
os males que eu conheço, está chocando
minha grande nação. Olá, Enobarbo!
(Volta Enobarbo.)
Enobarbo · Que desejais, senhor?
Antônio · Sair daqui o mais depressa possível.
Enobarbo · Se isso acontecer, mataremos as nossas mulheres. Dá pena eliminá-las por um motivo tão pequeno, muito embora com relação a uma grande causa elas todas devam ser tidas na conta de coisa nenhuma. Aos primeiros ruídos da partida Cleópatra morrerá instantaneamente; já a vi morrer vinte vezes por motivos muito mais insignificantes. Estou convencido de que na morte há qualquer substância que exerce influência amorosa sobre ela, tal é a freqüência com que ela tem morrido.
Antônio · Sua astúcia escapa à compreensão humana.
Enobarbo · Ah, senhor! Não! Suas paixões são feitas exclusivamente do mais puro amor; não podemos dar o nome de suspiros e de lágrimas aos furacões que lhe saem do peito e às catadupas que lhe brotam dos olhos: são vendavais e tempestades mais terríveis do que os que o calendário anuncia. Não, não pode ser astúcia de sua parte, pois se assim fosse, ela seria capaz de produzir chuva tanto como Jove.
Antônio · Quem me dera que nunca a tivesse visto!
Enobarbo · Oh, senhor! Teríeis deixado de ver uma obra-prima maravilhosa, ficando vossa viagem desacreditada por esse fato.
Antônio · Fúlvia morreu.
Enobarbo · Senhor!
Antônio · Fúlvia morreu.
Enobarbo · Fúlvia!
Antônio · Morta!
Enobarbo · Neste caso, senhor, aprestai às divindades um sacrifício gratulalório. Quando aos deuses apraz tirar a mulher a algum marido, este descobre neles o alfaiate da terra, consolando-se com a idéia de que, quando as roupas velhas se tornam imprestáveis, não faltam membros para fazer outras mais novas. Se em todo o mundo não houvesse outra mulher além de Fúlvia, então, sim; teríeis, realmente, recebido um corte, o que seria de lamentar. Essa mágoa é coroada pelo consolo de que a vossa velha camisola de mulher dará nascimento a uma saia nova. Em verdade, as lágrimas que se contêm numa cebola, dariam para lavar essa tristeza.
Antônio · Os negócios de Estado que por ela eram sempre tratados, não permitem agora minha ausência.
Enobarbo · E os negócios de que tratais aqui, só se conservam de pé por vossa causa, principalmente o de Cleópatra, que depende só e só de vossa permanência.
Antônio · Basta de brincadeiras. Comunica aos nossos oficiais o que intentamos.
Vou me abrir com a Rainha sobre as causas
desta nossa partida, o assentimento
dela esperando obter. Não só a morte
de Fúlvia com sinais mais insistentes
nos concita a isso mesmo: muitas cartas
de Roma, de igual modo, de pessoas
dedicadas reclamam nossa volta.
Sexto Pompeu lançou um repto a César;

shakespearebrasileiro.org

todo o império do mar a ele obedece.
Nosso povo inconstante — cujo afeto
nunca ao homem de mérito se liga,
senão depois que o mérito está morto —
já começou a ver Pompeu, o grande,
com suas dignidades, em seu filho
que alto já se acha por estado e nome,
mas mais ainda pelo gênio e sangue
como o maior guerreiro se apresenta.
Se a crescer continuar, os próprios flancos
do mundo põe em risco. Muita coisa
se acha incubada que, tal como os fios
da crina do cavalo fabuloso,
tem vida apenas, mas carece ainda
do veneno da serpe. Nosso alvitre —
dize a todos que estão sob as nossas ordens —
[ordena que partamos sem demora.

ENOBARBO · Assim farei.

(Saem.)

Ato I · Cena III

O mesmo. Outro quarto.
Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.

CLEÓPATRA · Onde está ele?
CHARMIAN · Não o vejo há tempo.
CLEÓPATRA ·
Vede onde está, que faz, quem o acompanha.
Não vos mandei. Se virdes que está triste,
dizei que estou dançando; se contente,
que me vi atacada de mal súbito.
Ide logo e voltai.

(Sai Alexas.)

CHARMIAN · Senhora, creio
que, se lhe dedicais amor sincero,
em prática não pondes o que fora
preciso para o mesmo alcançar dele.
CLEÓPATRA · Como fora preciso que fizesse?
CHARMIAN · Em tudo concordar com ele, nunca
contrariá-lo.
CLEÓPATRA · Qual tola tu me ensinas
o modo de perdê-lo.
CHARMIAN · Sede cauta;
não o tenteis. Por vezes, muito cedo
votamos ódio ao que nos causa medo.
Mas aí vem Antônio.

(Entra Antônio.)

CLEÓPATRA · Aborrecida
me encontro e doente.
ANTÔNIO · Muito me entristece
ter de comunicar-vos meu intento...
CLEÓPATRA · Ajuda-me a sair, querida Charmian;
sinto que vou cair. Isto não pode
continuar assim por muito tempo.
A natureza não resiste a tanto.
ANTÔNIO · Agora, minha cara soberana...
CLEÓPATRA · Por obséquio, afastai-vos mais um pouco.
ANTÔNIO · Que aconteceu?
CLEÓPATRA · De vosso olhar deduzo
que chegaram notícias lisonjeiras.
Que diz vossa mulher? Podeis ir logo.
Quem me dera que ela nunca vos tivesse
deixado vir; e, sobretudo, nunca
possa dizer que eu sou quem vos retenho.
Em vós não mando; sois somente dela.
ANTÔNIO ·
Os deuses sabem muito bem...
CLEÓPATRA · Oh! nunca
se viu uma Rainha assim traída.
Mas desde o início vi brotar a insídia.
ANTÔNIO · Cleópatra...
CLEÓPATRA · Como posso dar-vos crédito
sobre me pertencerdes de verdade,
embora vossas juras abalassem
o alto trono de Jove, se perjuro
com relação a Fúlvia vos mostrastes?
Loucura rematada, ver-se presa
nas malhas dessas juras só de boca,
que se quebram por si, quando enunciadas!
ANTÔNIO · Rainha mui querida...
CLEÓPATRA · Nada, nada
de apresentar desculpas para a viagem.
Dizei adeus e parti logo. Quando
para ficar pedíeis, era tempo
somente de palavras; em partida
não se falava; a eternidade tínhamos
nos olhos e nos lábios; grã ventura

shakespearebrasileiro.org

das sobrancelhas sempre nos pendia.
Não havia parcela em nós, por ínfima
que fosse, que do céu não derivasse.
E tudo ainda está no mesmo ponto,
salvo se tu, o herói de mais destaque
no mundo todo, te mudaste agora
no maior mentiroso.
Antônio · Então, senhora?
Cleópatra · Quisera ter as tuas polegadas;
verias que há um coração no Egito.
Antônio · Escutai-me, Rainha. A mais premente
necessidade exige meus serviços
noutro lugar, mas fica aqui convosco
todo meu coração. Rebrilha ao longe
nossa Itália com os gládios de seus filhos;
junto ao porto de Roma já se encontra
Sexto Pompeu. As forças balançadas
de dois núcleos nativos alimentam
dissensão cautelosa. Quem odiado
era até há pouco, forte se tornando,
passou a ser amado pelo povo.
O proscrito Pompeu, rico das honras
paternas, na afeição sabe insinuar-se
dos que no estado atual não prosperaram,
cujo número é enorme. Pela inércia
tornada doente, a paz procura alívio
em qualquer variação desesperada.
O motivo pessoal que me preocupa,
mas que perante vós me justifica,
é o da morte de Fúlvia.
Cleópatra · Embora a idade não me preservasse,
de todo, da loucura, pelo menos
credulidade não me deu de criança.
Fúlvia pode morrer?
Antônio · Morreu, Rainha.
Lê isto, e no teu ócio soberano
fica sabendo quanta barafunda
pôde ela suscitar. Por fim, inteira-te
de como ela morreu e onde foi isso.
Cleópatra ·
Oh mui fingido amor! Onde se encontram
os vasos sacrossantos que devias
encher com tuas lágrimas doloridas?
Agora vejo, vejo pela morte
de Fúlvia como vai ser recebida
a notícia da minha.
Antônio · Parai logo
com essas objeções e preparai-vos
para ficar sabendo meu intento,
que ficará de pé ou vem abaixo,
conforme resolverdes. Pelo fogo
que anima o lodo do sagrado Nilo,
parto daqui soldado teu ou servo;
guerra farei, ou paz, como quiseres.
Cleópatra ·
Charmian, desata-me este laço; vamos!
Não; deixa. Sinto-me depressa doente
e boa a um tempo. É assim o amor de Antônio.
Antônio · Por obséquio, Rainha incomparável,
acreditai no amor que ele vos vota,
pois resiste a uma prova muito honrosa.
Cleópatra ·
É o que Fúlvia me ensina. Por obséquio,
ide chorá-la a um canto. Dirigi-me,
depois, as despedidas, declarando
que ao Egito essas lágrimas pertencem.
Vamos; representai mais uma cena
de excelente dissímulo, fazendo-a
passar por mostras da mais alta fama.
Antônio · Com isso me esquentais
o sangue. Chega.
Cleópatra · Podeis fazer melhor; mas isso basta.
Antônio · Por minha espada...
Cleópatra · E pelo meu escudo...
Melhorou, mas ainda falta muito.
Charmian, vê como assentam bem nesse Hércules
romano os surtos de uma grande cólera.
Antônio · Senhora, vou deixar-vos.
Cleópatra · Delicado
senhor, uma palavra. É necessário
que aqui nos separemos... Não; não é isso.
Senhor, já nos amamos... Não; não é isso.
Tudo isso vós sabeis, e alguma coisa
foi por minha vontade. Oh! que memória!
É um verdadeiro Antônio! Esqueci tudo.
Antônio · Se o capricho não fosse vosso súdito.
diria que sois ele em carne e osso.
Cleópatra · Trabalho cansativo é trazer sempre
junto do coração um tal capricho,
como Cleópatra faz. Mas desculpai-me,
senhor, porque me causa a morte tudo
que em mim vai bem, mas não vos causa agrado.

A honra vos chama; assim, continuai mudo
para minha tolice irremediável.
E que todos os deuses vos escoltem.
Que a láurea da vitória carregada
seja por vosso gládio e que o brando êxito
de flores atapete vossa estrada.

ANTÔNIO · Partamos logo. Nossa despedida
desta maneira foge e permanece:
aqui permanecendo, vais comigo;
eu, fugindo de ti, fico contigo.
Em caminho!

(Saem.)

Ato I · Cena IV

Roma. Um quarto em casa de César. Entram Otávio César, Lépido e criados.

CÉSAR · Lépido, podeis ver e, doravante,
sabendo ficareis que não é vício
próprio de César odiar o nosso
grande competidor. De Alexandria
são estas as notícias: ele pesca,
bebe e consome as lâmpadas da noite
em contínuas orgias; não se mostra
mais viril do que Cleópatra, nem esta —
viúva de Ptolomeu — efeminada
também é mais do que é ele. Raramente
dá audiência ou condescende em recordar-se
de que ainda tem colegas. Nele vedes
um indivíduo que os defeitos todos
dos homens compendia.

LÉPIDO · A convencer-me
não chego de que possa haver defeitos
bastantes para obnubilar-lhe os traços
nativos de bondade. Nele as faltas
são como as manchas que no céu se vêem,
no contraste das trevas mais terríveis,
que ele mudar não pode, sendo força
seguir-lhes o pendor.

CÉSAR · Sois indulgente
por demais. Admitamos que não haja
grande mal em no tálamo deitar-se
de Ptolomeu, em dar um reino em troco
de uma pilhéria, em se sentar ao lado
de um escravo e beber com ele à roda,
cambalear pelas ruas a desoras
e trocar socos com qualquer labrego
que fede a suor... Dizei-me que isso lhe orna —
conquanto deva ser muito estranhável
a natureza que não sai manchada
de semelhantes atos. — Mas é certo
que não se justifica dos defeitos,
porque sobre nós pesa todo o fardo
de sua leviandade. Se o ócio ele enche
com a volúpia, terá de justar contas
com a saciedade e a consumpção dos ossos.
Mas malgastar o tempo que o desperta
dos prazeres com toques de rebate,
e que tão alto como a nós lhe fala
do dever a cumprir, é revelar-se
merecedor de justa reprimenda,
como criança de saber maduro
que por fugaz prazer empenha todas
as lições do passado e se rebela
contra a própria razão.

(Entra um mensageiro.)

LÉPIDO · Mais novidades.

MENSAGEIRO · Executadas foram tuas ordens,
oh muito nobre César. De hora em hora
novas receberás do que se passa
lá por longe. Pompeu domina os mares,
parecendo que é amado por aqueles
que só temiam César. Para os portos
os descontentes correm, comentando
todos que ele sofreu grande injustiça.

CÉSAR · Fácil me fora tal coisa ter previsto.
Ensina-nos a história desde o início
do tempo que quem é, só é querido
até chegar a ser, e que a pessoa
que se acha no declínio e que não fora
prezada enquanto digna era de sê-lo,
grata se torna por estar ausente.
Essa turba sem nome se assemelha
aos sargaços que bóiam na corrente,
sem direção nenhuma, servos sempre
da variável maré e que com o próprio
movimento se esfazem.

MENSAGEIRO · César, trago-te
a nova de que Menas e Menécrates,
corsos de alto valor, o mar obrigam

shakespearebrasileiro.org

a obedecer-lhes, que com muitas quilhas
eles lavram, abrindo fundos sulcos.
Feros assaltos dão por toda a Itália;
os moradores da orla ficam pálidos
só de pensar em tal; a mocidade
valorosa se insurge. Nenhum barco
pode sair do porto; sendo visto,
tomado é incontinenti, pois só o nome
de Pompeu pode mais do que sua própria
campanha organizada.
César · Antônio, deixa
teus banquetes lascivos! Quando, há tempo,
foste expulso de Módena por teres
morto Hirto e Pansa, cônsules, a fome
seguiu-te os calcanhares. Mas lutaste
com ela, muito embora sempre vida
tivesses dissipada, revelando
resistência maior que a de um selvagem.
Urina de cavalo então bebeste
e o charco cintilante que refugam
os próprios animais. Não desdenhava
teu paladar o mais azedo fruto
das mais silvestres sebes. Como o cervo,
quando a neve recobre todo o pasto,
chegaste a roer das árvores a casca.
Nos Alpes, dizem, de uma carne estranha
te alimentaste que causava a muitos
a morte só de ver. E todas essas
privações — a lembrança delas a honra
te açoita neste instante — suportaste-as
como brioso soldado, de tal modo
que nem murchas as faces te ficaram.
Lépido · Dá pena.
César · Que depressa o chame a Roma
seu próprio brio, pois é mais que tempo
de na campanha aparecermos juntos.
Para esse fim reunamos o conselho.
Lucra Pompeu com nossa ociosidade.
Lépido · Amanhã, César, poderei dizer-vos
com segurança até que ponto chegam
minhas forças de mar e terra para
fazer face à presente situação.
César · Até nos vermos, vou fazer o mesmo.
Adeus.
Lépido · Adeus, senhor. O que souberdes
sobre as desordens que se dão lá fora,
far-me-eis grande obséquio revelando-mas.
César · Ficai tranqüilo, meu senhor, sobre isso;
conheço meu dever.

(Saem.)

Ato I · Cena V

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.

Cleópatra · Charmian!
Charmian · Senhora?
Cleópatra · Ah!
Quero beber mandrágora.
Charmian · Mandrágora,
senhora? Para quê?
Cleópatra · Para que possa
passar dormindo toda a grande brecha
de tempo em que está ausente o meu Antônio.
Charmian · Pensais por demais nele.
Cleópatra · Ele traiu-me!
Charmian ·
Não penso assim, senhora.
Cleópatra · Eunuco Mardian!
Mardian · Agora que deseja Vossa Alteza?
Cleópatra ·
Não te ouvir cantar hoje. Não me agrada
quanto os eunucos têm. É muito grande
felicidade, sendo destituído,
como és, do sexo, não fugirem nunca
do Egito teus vadios pensamentos.
Acaso tens desejos?
Mardian · Sim, senhora.
Cleópatra · De fato?
Mardian · Assim, de fato, não senhora;
pois só me é permitido agir de modo
perfeitamente honesto. Mas desejos
tenho ardorosos e reflito sempre
em quanto Marte praticou com Vênus.
Cleópatra ·
Oh Charmian! Onde é que pensas que ele esteja
neste momento? Está de pé? Sentado?
Passeia, porventura? Está a cavalo?

shakespearebrasileiro.org

Oh ginete feliz, por carregares
todo o peso de Antônio! Oh, sê brioso,
corcel! Não adivinhas quem te monta?
O meio Atlas da terra, o braço e o elmo
dos homens. Neste instante ele murmura:
"Acaso onde estará minha serpente
do velho Nilo?" É assim que ele me chama.
Agora vivo de um veneno raro.
De mim se lembrará, que os amorosos
raios do ardente Febo enegreceram
e que enrugada vai deixando o tempo?
César de fronte larga, quando neste
solo estiveste eu era apetecível
para qualquer monarca, tendo o grande
Pompeu parado para olhar-me a fronte.
Ali quisera ele ancorar os olhos
E morrer contemplando a própria vida.

(Entra Alexas.)

ALEXAS · Soberana do Egito, salve!
CLEÓPATRA · Como
com Marco Antônio não pareces nada!
Mas vindo de sua parte, essa tintura
das tinturas te fez ficar dourado.
Como passa meu bravo Marco Antônio?
ALEXAS · Querida soberana, a última coisa
que ele fez foi beijar — depois de muitos
beijos dobrados — esta rica pérola.
Trago no coração suas palavras.
CLEÓPATRA · De lá hão de tirá-las meus ouvidos.
ALEXAS · "Caro amigo", falou, "o fiel Romano,
dize-lhe, envia à majestade egípcia
este tesouro que provém de uma ostra.
Para a insignificância do presente
compensar, a seus pés pretendo reinos
acumular, para deixar mais rico
seu opulento trono. Todo o Oriente,
lhe dirás, vai chamar-lhe soberana."
Ao concluir, acenou-me, e, altivamente,
subiu para o seu rápido ginete,
cujo nitrido ressoou tão forte
que brutalmente abafa tudo quanto
eu pudesse dizer.
CLEÓPATRA · Como estava ele:
alegre ou triste?
ALEXAS · Parecia o tempo
que medeia entre os dois extremos do ano,
de calor e de frio. Não estava
nem alegre nem triste.
CLEÓPATRA · Oh equilibrada
disposição! Atenta nisso, Charmian;
observa bem: é o homem. Toma nota.
Triste não se encontrava, pois queria
lançar luz sobre quantos a postura
pautam segundo a dele. Nem alegre,
parecendo indicar que o pensamento
tinha no Egito, onde a alegria estava.
Mas entre os dois. Oh celestial mistura!
Fiques alegre ou triste... Em nenhuma outra
pessoa, como em ti, tão bem assenta
qualquer desses extremos. Encontraste
meus correios, acaso?
ALEXAS · Sim, senhora;
uns vinte, em separado. Por que os mandas
tão amiúde?
CLEÓPATRA · Quem nascer no dia
em que eu a Antônio não mandar recado,
morrerá na miséria. Boa Charmian,
traze tinta e papel. Bondoso Alexas,
sejas bem-vindo. Em algum tempo, Charmian,
eu amei César tanto?
CHARMIAN · Oh! bravo César!
CLEÓPATRA · Que um outro grito desses te asfixie.
Dize: Que bravo Antônio!
CHARMIAN · Grande César!
CLEÓPATRA · Por Ísis, ficarás com os dentes rubros,
se novamente comparares César
com esse homem único.
CHARMIAN · Com vosso
perdão gracioso, mas estou cantando
segundo vosso tom.
CLEÓPATRA · Oh inexperiência
de minha mocidade, quando verde
eu tinha o juízo e frio o sangue! Vamos:
dá-me papel e tinta.
Hei de mandar-lhe um mensageiro diário,
embora venha a despovoar o Egito.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena I

Messina. Um quarto em casa de Pompeu.
Entram Pompeu, Menécrates e Menas.

Pompeu · Se os deuses poderosos forem justos,
hão de amparar quem se mostrar mais justo.
Menécrates ·
Como sabeis, digno Pompeu, demora
não é recusa.
Pompeu · Enquanto suplicamos
diante do trono deles, vai ficando
mais fraca a causa por que lhes pedimos.
Menécrates ·
Por nos desconhecermos, muitas vezes
pedimos o que mal causar nos pode,
o que as sábias potências nos denegam,
visando ao nosso bem. Assim, lucramos
em não ver nossos votos exalçados.
Pompeu · Hei de vencer. O povo me idolatra
e o mar é meu. Em progressivo aumento
minhas forças estão, prognosticando-me
as esperanças que elas hão de em breve
chegar à cheia máxima. No Egito
Marco Antônio está à mesa, não pensando
em lutar extramuros. Onde César
obtém dinheiro, os corações alija.
Lépido adula os dois, sendo por eles
adulado também, porém não ama
nenhum, pois só desprezo ambos lhe votam.
Menas · Lépido e César já em campo se acham,
à frente de uma força poderosa.
Pompeu · Quem vos disse isso? É falsa essa notícia.
Menas · De Sílvio a ouvi, senhor.
Pompeu · Está sonhando.
Sei que eles dois em Roma agora se acham
e a Antônio esperam. Que os encantos todos
do amor, ardente Cleópatra, te deixem
mais macios ainda os lábios murchos!
Acrescenta a magia à formosura,
e às duas a lascívia. O libertino
deixa preso num campo de festejos,
a mente lhe mantendo sempre em névoas.
Despertem-lhe o apetite cozinheiros
epicúreos, com molhos esquisitos,
e que o sono e os festins lhe arrastem a honra
até a apatia ele alcançar do Lete.

(Entra Várrio.)

Então, Várrio, que é que há?
Várrio · É inteiramente
certo o que vou dizer. Em Roma espera-se
Marco Antônio chegar a cada instante.
O tempo desde o dia da partida
dele do Egito dava para viagem
mais longa ainda.
Pompeu · De bom grado ouvira
notícias menos grave. Não pensava,
Menas, que esse amoroso libertino
chegasse a pôr o capacete para
ingressar numa guerra tão mesquinha.
Como guerreiro, ele sozinho pesa
mais do dobro dos outros dois reunidos.
Mas elevemos o conceito próprio
por ver que nossa espora teve força
para arrancar dos braços da viúva
do Egito a Marco Antônio, esse devasso
que jamais se sacia.
Menas · Não espero
que Antônio e César a entender-se venham.
A falecida esposa do primeiro
ofendeu muito a César; o irmão dele
também o combateu, embora eu pense
que nisso Antônio não tivesse parte.
Pompeu ·
Não sei, Menas, não sei como as pequenas
inimizades dão lugar às grandes.
Não fosse termos de lutar com todos,
bom fora que eles entre si brigassem,
pois motivo não falta a nenhum deles
para sacar da espada. Mas até onde
poderá o medo que lhes inspiramos
cimentar a cisão que entre eles houve
e liga pôr em suas rixazinhas,
não sei dizê-lo. Seja tudo como
quiserem nossos deuses. Nossa vida
vai depender, tão-só, desta partida.
Menas, vamos!

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena II

Roma. Um quarto em casa de Lépido.
Entram Enobarbo e Lépido.

LÉPIDO · Caro Enobarbo, é obra meritória,
digna de vós, levar o vosso chefe
a falar com bons modos.
ENOBARBO · Convencê-lo
pretendo a responder como ele mesmo.
Se César o irritar, que Antônio o mire
sobranceiro e depois tão alto fale
como o estrondo de Marte. Sim, por Júpiter,
se eu fosse o portador da barba dele,
hoje a não rasparia.
LÉPIDO · Não é tempo
de briguinhas pessoais.
ENOBARBO · Não; qualquer tempo
serve para os assuntos dele próprio.
LÉPIDO · Mas é preciso que os assuntos mínimos
cedam lugar aos grandes.
ENOBARBO · Não, no caso
de haverem sido aqueles os primeiros.
LÉPIDO · Em vós fala a paixão. Mas, por obséquio,
não sopreis no borralho. Ali vem vindo
o nobre Antônio.

(Entram Antônio e Ventídio.)

ENOBARBO · E, mais adiante, César.

(Entram César, Mecenas e Agripa.)

ANTÔNIO · Se fizermos aqui um bom acordo:
contra os partos. Ouviste bem, Ventídio?
CÉSAR · Não sei, Mecenas; pergunta isso
a Agripa.
LÉPIDO · Caros amigos, de importância máxima
era o que nos uniu; não permitamos
que uma ação secundária nos separe.
O que estiver errado, com paciência
deverá ser ouvido. Se elevarmos
a voz para tratar de assuntos diários,
causaremos a morte do que tínhamos
intenção de curar. Por isso, nobres
colegas, vos conjuro instantemente
a que trateis dos pontos mais difíceis
com termos delicados, sem deixardes
que se imiscua a ofensa.
ANTÔNIO · Bem falado;
em frente a nossas forças, no momento
de se iniciar a pugna, não seria
outra a minha linguagem.
CÉSAR · Sois bem-vindo a Roma.
ANTÔNIO · Agradecido.
CÉSAR · Sentai-vos.
ANTÔNIO · Sentai-vos, senhor.
CÉSAR · Então, que seja.
ANTÔNIO · Soube que muitas coisas vos parecem
más, sem que o sejam, mas que, embora o fossem,
não vos dizem respeito.
CÉSAR · Merecia
que de mim rissem, se por coisa alguma,
por quase nada, eu me considerasse
tão ofendido assim, principalmente
com relação a vós; e mais ainda
fora de censurar se com desprezo
viesse a nomear-vos, quando não tivesse
razões para citar o vosso nome.
ANTÔNIO · Que é que tínheis que ver, César, com
minha permanência no Egito?
CÉSAR · Nada, decerto, se, estando eu em Roma,
residísseis no Egito. Mas no caso
de em meu Estado influirdes lá do Egito,
muito me importa o ponto em que morardes.
ANTÔNIO · Que entendeis por influir?
CÉSAR · Ser-vos-á fácil
atinar com o sentido, refletindo
com o que se tem passado. Vossa esposa
com vosso mano me fizeram guerra;
éreis o tema do debate deles,
a senha de combate.
ANTÔNIO · Começastes
por um caminho errado, pois o mano
não me envolveu jamais em seus negócios.
Investiguei o caso e fidedignas
informações obtive de pessoas
que por vós se bateram. Não é fato
que ele prejudicou tanto o meu crédito
como o vosso, e fez guerra de igual modo
contra mim, que amparava vossa causa?
De tudo isso ficastes inteirado

shakespearebrasileiro.org

por minhas várias cartas. Se quiserdes
forjicar uma briga a toda força,
tereis de procurar outro pretexto,
que esse já não vos serve.
César · Elogiais-vos
com me imputardes raciocínio errado;
mas isso é forjicar, tão-só, desculpas.
Antônio · De forma alguma! Não! Tenho certeza
de que não careceis da perspicácia
precisa para compreender que eu, sendo
como sou, vosso aliado numa causa
por ele combatida, não podia
lançar olhares meigos a essas guerras
que a própria paz ameaçar me vinham.
Quanto à minha consorte, desejara
que seu espírito encontrásseis noutra.
Vosso é um terço do mundo, pela rédea
podereis dirigi-lo, o que é impossível
com uma mulher daquelas.
Enobarbo · Oh! se todos
esposa assim tivéssemos! Iriam
para a guerra os maridos e as consortes.
Antônio · Inflexível como era — seus tumultos
César, nasciam do temperamento —
não lhe faltando astúcia — é com tristeza
que o confesso também — vos foi motivo
de grande inquietação. Porém sobre isso
só vos cabe dizer que eu não podia
alterar coisa alguma.
César · Enviei-vos cartas,
quando em Alexandria vos acháveis,
num rega-bofe eterno; mas puseste-las
no bolso sem as ler e com sarcasmos
despachastes da audiência o meu correio.
Antônio · Ele me surpreendeu sem ser chamado,
quando três reis eu recebia à mesa.
Faltava-me a disposição que eu tinha
pela manhã. Mas logo no outro dia
eu mesmo lhe falei, o que equivale
a apresentar desculpas. Que esse tipo
em nada influa em nossa divergência.
Se de brigar tivermos, afastai-o
de nossas dissensões.
César · Não mantivestes
o juramento feito, o de que nunca
podereis acusar-me.
Lépido · Mais brandura,
César!
Antônio · Deixai-o, Lépido.
Sagrada é a honra a que ele se refere
e de que me presume carecente.
Vamos, César: qual foi o juramento?
César · De vir em meu auxílio com soldados
e numerário, quando vos pedisse,
o que me recusastes.
Antônio · Melhor fora
dizer: negligenciei; e isso na fase
em que horas venenosas me deixavam
privado da consciência de mim mesmo.
Quanto em mim estiver, quero mostrar-vos
meu arrependimento; mas a minha
honestidade diminuir não há de
minha grandeza, como sem aquela
não há de o meu poder mostrar-se nunca.
É verdade que Fúlvia, para atrair-me
do Egito, aqui fez guerra. Tendo eu sido
disso a causa inocente, peço escusas
até onde for possível, sem desdouro,
a minha honra inclinar-se.
Lépido · Nobre fala.
Mecenas · Se concordardes, não leveis avante
tais recriminações, pois esquecê-las
de todo lembrar fora que a presente
necessidade inculca paz entre ambos.
Lépido · Mui bem dito, Mecenas.
Enobarbo · Ou então, no caso de cada um pedir,
tão-somente, por empréstimo, o amor do outro,
fareis a devolução devida logo que não mais ouvirdes
falar de Pompeu. Tempo não vos há de faltar para
disputas, quando não tiverdes outra coisa a fazer.
Antônio · Sois um soldado, apenas; ficai quieto.
Enobarbo · Ia-me esquecendo de que a verdade não
pode falar.
Antônio · Perturbais a conversa. Assim, calai-vos.
Enobarbo · Então, que seja. Vossa pedra pensante.
César · O que me desagrada em sua fala
não é o assunto, mas o modo, apenas,
de apresentá-lo. Assim, não é possível
continuarmos amigos, quando temos
maneira de viver tão diferente.
Se eu conhecesse, ao menos, a cadeia
que poderia conservar-nos juntos,
de um pólo a outro iria procurá-la.
Agripa · César, dá-me licença.

CÉSAR · Fala, Agripa.
AGRIPA · Tens uma irmã do lado teu materno,
a admirável Otávia. Não se encontra
viúvo agora o grande Marco Antônio?
CÉSAR · Não digais isso, Agripa, pois se Cleópatra
vos ouvisse, teríeis merecido
a pecha receber de temerário.
ANTÔNIO · Mas eu não sou casado, César. Vamos
ouvir Agripa.
AGRIPA · Para em amizade
perpétua vos manter, irmãos deixar-vos
e os corações num laço indissolúvel
vos trazer sempre, tome Antônio a Otávia
por consorte. A beleza que lhe é própria
pede para marido o melhor homem;
seus dotes naturais e a graça inata
falam melhor do que qualquer linguagem.
Com esse casamento as pequeninas
invejas que ora nos parecem grandes,
e os grandes medos, que perigo inculcam,
a nada se reduzem. As verdades
parecerão história, ao passo que hoje
meias histórias passam por verdades.
O amor que ela vota a ambos, um para o outro
há de atrair, enquanto vosso afeto
para ela vos inclina. Mas perdoai-me
quanto vos disse. E um plano meditado
maduramente, não fugaz capricho.
ANTÔNIO · A isso que diz César?
CÉSAR · Nada, enquanto
não se certificar até onde Antônio
abalado se tenha com essa idéia.
ANTÔNIO · E que poder Agripa tem, no caso
de eu lhe dizer: "Pois assim seja, Agripa!"
para bom termo dar a esse projeto?
CÉSAR · Todo o poder de César e a influência
deste junto de Otávia.
ANTÔNIO · Nunca eu possa
levantar objeções, nem mesmo em sonhos
contra uma idéia tão encantadora!
Dá-me a mão; leva avante esse projeto
gracioso e que, a partir deste momento,
um coração de irmãos dirija os nossos
sentimentos e nossos grandes planos.
CÉSAR · Eis minha mão. Mais ternamente nunca
irmã nenhuma foi amada como
a que ora vos entrego. Que ela viva
para que o coração nos una e os reinos,
não vindo nunca mais a abandonar-nos
nosso sincero amor.
LÉPIDO · Amém! Amém!
ANTÔNIO · Não pensei em sacar de novo a espada
contra Pompeu, porque recentemente
tem ele a meu respeito dado provas
de estranha cortesia. Vou mandar-lhe
meus agradecimentos, porque minha
memória não padeça vitupério.
Mas, logo após, pretendo desafiá-lo.
LÉPIDO · O tempo nos concita a procurarmos
Pompeu, se não quisermos que ele venha
para nos dar combate.
ANTÔNIO · Onde está ele?
CÉSAR · Junto ao monte Miseno.
ANTÔNIO · Já são grandes
suas forças de terra?
CÉSAR · Já são grandes
e sempre em crescimento; mas das águas
é senhor absoluto.
ANTÔNIO · A fama é essa.
Se lhe houvesse falado! Há muita pressa.
Antes, porém, de nos armarmos, vamos
arrematar o assunto de que há pouco
nos ocupamos.
CÉSAR · Sim, com todo o gosto.
Convido-vos a visitar a mana,
para a casa de quem vou conduzir-vos.
ANTÔNIO · Não nos priveis de vossa companhia,
Lépido.
LÉPIDO · Não, Antônio, nem doença
poderia reter-me.

(Fanfarra. Saem César, Antônio e Lépido.)

MECENAS ·
Sede bem-vindo, senhor, de vossa viagem
ao Egito.
ENOBARBO ·
Metade do coração de César, digno Mecenas!
Meu virtuoso amigo Agripa!
AGRIPA · Valente Enobarbo!
MECENAS · Temos razão para nos alegrarmos, por
se terem as coisas resolvido tão bem. A vida vos
corria bem lá no Egito.
ENOBARBO · Perfeitamente, senhor; dormíamos o
dia todo e iluminávamos a noite com patuscadas.
MECENAS · Oito javalis selvagens, assados

shakespearebrasileiro.org

inteirinhos, para almoço de doze pessoas! É verdade isso?

Enobarbo · Isso é como um mosquito ao lado
de uma águia. Com relação a festanças, tivemos
histórias muito mais gigantescas do que essa, que
mereciam ser contadas.

Mecenas · A serem verdadeiros os rumores, é uma
mulher extraordinária.

Enobarbo · Empalmou o coração de Marco Antônio
no primeiro encontro que teve com ele, no rio Cidno.

Agripa · Sim, foi lá, realmente, que ela lhe apareceu,
se é que meu informante não mentiu nesse ponto.

Enobarbo · Vou contar-vos.
A barca em que ela estava, trono fúlgido,
as águas incendiava; sua popa
era de ouro batido; as velas, púrpura,
e a tal ponto cheirosas, que vencidos
de amor os ventos todos se mostravam.
Eram de prata os remos, que ao compasso
se moviam de flautas, apressando
com seus golpes as águas percutidas,
como amorosas deles. Com respeito
a ela própria, mendiga aqui se torna
a melhor descrição. Deitada estava
num pavilhão todo tecido de ouro,
vencendo a própria Vênus, em que vemos
a arte passar de muito a natureza.
Ao lado dela estavam dois meninos
rechonchudos e lindos — sorridentes
Cupidos — que agitavam ventarolas
de mil cores cambiantes, cujo sopro
parecia deixar muito mais vivo
o rubor de suas faces delicadas,
que acalmar se propunha, desfazendo,
dessa maneira, a um tempo, o que fazia.

Agripa · Que jóia para Antônio!

Enobarbo · Qual nereidas,
suas damas, sereias numerosas,
dos olhos dela o olhar nunca apartavam,
em adorno tornando seus meneios.
Uma sereia, ao parecer legítima,
o leme dirigia, cujas cordas
argentinas se inflavam ao contacto
daquelas mãos de rosa que com tanto
donaire a dura obrigação faziam.
De toda a barca se evolava estranho
e invisível perfume, que os sentidos
tonteava dos embarcadouros próximos.
A cidade lançou para ela toda
sua população, tendo em seu trono
ficado Antônio, só, na praça pública,
a sibilar para o ar, que se não fora
ter medo de fazer um grande vácuo,
também correra para ver Cleópatra
e um buraco no mundo ocasionara.

Agripa · Extraordinária egípcia!

Enobarbo · Quando em terra
tocou a barca, um mensageiro Antônio
lhe mandou com o convite para o almoço,
ao que ela replicou que melhor fora
que hóspede dela Antônio se tornasse,
tendo nisso insistido. Nosso afável
Antônio, de quem nunca uma senhora
ouviu o termo "Não", tendo-se feito
barbear mais de dez vezes, foi à festa,
com o coração, como de praxe, havendo
pago tudo o que os olhos devoraram.

Agripa · Que real rameira! Fez que o grande César
no leito dela depusesse a espada.
Ele a lavrou, mas dela foi a safra.

Enobarbo · De certa vez a vi saltar cinqüenta
passos, não mais, na rua. Tendo o fôlego
perdido, estaca, quer falar, arqueja,
e em graça transformando a deficiência
esbaforida se revela forte.

Mecenas · Antônio agora há de esquecer-se dela.

Enobarbo · Jamais! Não fará isso. Não a deixa
fanada o tempo, nem sua variedade
maravilhosa poderá tornar-se,
com o hábito, sediça. Qualquer outra
mulher farta o apetite a que dá pasto;
mas ela quanto mais der alimento,
mais a fome desperta. As mais abjetas
coisas assentam nela de tal modo
que os sacerdotes santos a abençoam,
quando ela está lasciva.

Mecenas · Se beleza,
modéstia, discrição prender puderem
o coração de Antônio, é a sorte grande
para ele vir a desposar Otávia.

Agripa · Vamos. Caro Enobarbo, ficais sendo
hóspede meu, enquanto aqui estiverdes.

Enobarbo · De todo o coração vos agradeço.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena III

O mesmo. Um quarto em casa de César.
Entram César e Antônio; entre eles, Otávia; criados.

Antônio · O mundo e meu dever, algumas vezes
de vossos braços me farão ausente.
Otávio · Todo esse tempo, então, diante dos deuses
hão de dobrar-se meus joelhos, para
pedir por vosso bem.
Antônio · Senhor, boa noite.
Minha Otávia, não leias meus defeitos
nos rumores do mundo. Não me tenho
mantido na medida; doravante,
porém, tudo farei conforme a regra.
Boa noite, cara esposa.
Otávio · Boa noite, meu senhor.
César · Boa noite.
(Saem César e Otávia.)
(Entra o adivinho.)
Antônio · Então, maroto, retornar quiséreis
agora para o Egito?
Adivinho · Melhor fora
que eu de lá não me houvesse retirado,
nem vós daqui.
Antônio · Vossas razões, se as tendes?
Adivinho · No meu íntimo as vejo, não as trago,
por enquanto, na língua. Mas depressa
retornai para o Egito.
Antônio · Revelai-me
quem há de ter mais elevada sorte:
César ou eu?
Adivinho · Ah! César.
Por isso mesmo, Antônio, não prossigas
ao lado dele. Teu demônio — o espírito,
digo, que te protege — é corajoso,
nobre, alto, incomparável, quando perto
não se encontra o de César. Mas quando ele
se aproxima do teu, este se mostra
tomado de pavor, como vencido.
Assim, deixa que entre ambos vós espaço
bastante se interponha.
Antônio · Não me tornes
a falar nisso.
Adivinho · A mais ninguém eu falo;
só quando estamos sós. Se te empenhares
com ele em qualquer jogo, não há dúvida
de que a perder virás. Naturalmente
tem mais sorte que tu, vindo a vencer-te
contra quaisquer vantagens que possuas.
Teu espírito, torno a prevenir-te,
dirige-te com medo junto dele;
longe dele, porém, volta a ser nobre.
Antônio · Podes te retirar. Dize a Ventídio
que desejo falar-lhe.
(Sai o adivinho.)
Para a Pártia
terá de seguir logo... Seja acaso,
seja por meio de arte, falou certo.
Os próprios dados lhe obedecem sempre;
em nossas justas minha habilidade
ao lance acidental se dobra dele;
se tiramos a sorte, ganha sempre;
meus galos sempre perdem para os dele,
a despeito de todos os prognósticos,
e sua codorniz bate na rinha
sempre a minha, apesar das desvantagens.
Vou voltar para o Egito. Muito embora
tenha levado a cabo o casamento
para ter paz, no Oriente é que se encontra
toda minha ventura.
(Entra Ventídio.)
Oh! vinde logo,
Ventídio! Seguireis já para a Pártia.
Está pronta a ordem; vinde recebê-la.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato II · Cena IV

O mesmo. Uma rua.
Entram Lépido, Mecenas e Agripa.

Lépido · Deixai de vos incomodar com isso.
Por obséquio, segui logo no rasto
de vossos generais.
Agripa · Marco Antônio, senhor, deseja apenas
beijar Otávia. Seguiremos logo.
Lépido · Adeus, adeus, até que vos reveja
com vestes de guerreiro, que vos há de
assentar muito bem.

Mecenas · Pelo que posso
conjeturar da viagem, chegaremos
primeiro do que vós ao cabo, Lépido.
Lépido · Vossa rota é menor, porque meus planos
me obrigam a uma volta; certamente
alcançareis dois dias de vantagem.
Mecenas e Agripa · Senhor, feliz sucesso!
Lépido · Adeus.
(Saem.)

Ato II · Cena V

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Cleópatra, Charmian, Iras, Alexas e um criado.

Cleópatra · Dai-me música, música, alimento
triste de todos os que o amor mantém.
Criado · Olá, música!
(Entra Mardian.)
Cleópatra · Não; deixemos isso.
Vamos para o bilhar. Segue-me, Charmian.
Charmian · O braço me incomoda. Por obséquio,
jogai com Mardian.
Cleópatra · Tanto faz ser nosso
parceiro uma mulher como um eunuco.
Vamos, senhor: quereis jogar comigo?
Mardian · Quanto em mim estiver, minha senhora.
Cleópatra · Quando há boa vontade, embora saia
tudo aquém de qualquer expectativa,
desculpa-se ao ator. Mas já não quero.
Traze-me a vara de pescar e vamos
para a margem do rio. Ali, ouvindo
música ao longe, surpreenderei peixes
de escuras barbatanas. Com meu curvo
gancho atravessarei suas viscosas
mandíbulas, e, na hora de tirá-los
da água, imaginarei que cada um deles
é outro Antônio e lhe direi: "Peguei-te!"
Charmian · Como eram divertidas as apostas
que com ele fazíeis, quando vosso
mergulhador prendia no anzol dele
qualquer peixe do mar que ele, mui sôfrego,
puxava logo!
Cleópatra · Nesse tempo — oh tempo! —
eu ria dele de deixá-lo fulo,
e à noite eu ria para acomodá-lo,
e na manhã seguinte, antes das nove,
já o tinha emborrachado de tal modo,
que se punha a dormir com meus vestidos,
enquanto eu punha à cinta sua espada
vencedora em Filipos.
(Entra um mensageiro.)
É da Itália.
Finca-me nos ouvidos as notícias
que me trouxeste, pois há muito tempo
sem trato eles estão.
Mensageiro · Minha senhora...
Cleópatra · Morreu Antônio? Se disseres isso,
biltre, assassinarás tua senhora.
Mas com saúde e livre... Se o trouxeres
assim, aqui tens ouro e aqui tens minha
mão de veias azuis para a beijares,
esta mão em que reis bebericaram,
beijando-a com temor.
Mensageiro · Primeiramente,
senhora, ele está bem.
Cleópatra · Toma mais ouro.
Mas olha lá, maroto! toma nota:
costumamos dizer dos mortos isso.
Se for esse o sentido, este ouro todo,

shakespearebrasileiro.org

mandarei derretê-lo e derramá-lo
por essa goela de ruins notícias.
MENSAGEIRO · Boa senhora, ouvi-me.
CLEÓPATRA · Estou ouvindo.
Vamos, prossegue! Mas não tens no rosto
nada de bom. Se Antônio se acha livre,
por que assume feições assim tão ácidas
o trombeteiro de notícias boas?
Se não estiver bem, vens como Fúria
coroada de serpentes, não como homem.
MENSAGEIRO · Não quereis escutar-me?
CLEÓPATRA · Só tenho ímpeto
de te bater antes de me falares.
Se disseres, porém, que Antônio vive,
que está bem de saúde, vive em termos
amistosos com César, não estando
como seu prisioneiro, chuva de ouro
farei cair em ti, seguida de uma
saraivada de pérolas.
MENSAGEIRO · Senhora, ele está bem.
CLEÓPATRA · Muito bem dito.
MENSAGEIRO · E em bons termos com César.
CLEÓPATRA · És um bravo.
MENSAGEIRO · Ele e César jamais foram tão íntimos.
CLEÓPATRA · Basta quereres, para seres rico.
MENSAGEIRO · Contudo...
CLEÓPATRA · Não me agrada esse "contudo";
estraga todo o bem que disseste antes.
Para longe o "contudo!" Esse "contudo"
é como um carcereiro que liberta
da prisão algum monstro criminoso.
Amigo, por favor, despeja logo
nos meus ouvidos tuas novidades,
as boas e as ruins, ao mesmo tempo.
Amigo ele é de César, já o disseste;
está bem de saúde e acrescentaste
que se acha livre.
MENSAGEIRO · Livre? Oh! não, senhora!
A Otávia se acha preso.
CLEÓPATRA · De que jeito?
MENSAGEIRO · Do melhor jeito que encontrar na cama.
CLEÓPATRA · Charmian, não fiquei pálida?
MENSAGEIRO · Senhora,
casou-se com Otávia.
CLEÓPATRA · Que em ti caia
a mais nociva peste!
(Bate-lhe.)
MENSAGEIRO · Boa dama,
tende paciência.
CLEÓPATRA · Que disseste? Fora!
(Bate-lhe de novo.)
fora daqui, vilão abominável!
se não quiseres que te trate os olhos
como se fossem bolas de desporto.
Vou deixar-te a cabeça sem cabelos,
(Sacode-o pelos cabelos.)
com arame trançado azorragar-te,
pôr-te em salmoura, vivo, para em molho
de dores definhares.
MENSAGEIRO · Mui graciosa
senhora, trouxe apenas a notícia,
não fiz o casamento.
CLEÓPATRA · Dize que isso
não é verdade e te farei presente
de uma província, além de tua sorte
deixar envaidecida. Essas pancadas
que recebeste valem como multa
por me haveres a cólera agitado.
Mais, ainda: dar-te-ei todos os mimos
com que possa sonhar tua modéstia.
MENSAGEIRO · Senhora, está casado.
CLEÓPATRA · Miserável,
já viveste demais!
(Saca de um punhal.)
MENSAGEIRO · Vou já safar-me.
Senhora, que pensais? Não tenho culpa.
(Sai.)
CHARMIAN · Boa senhora, não percais a calma.
Esse homem é inocente.
CLEÓPATRA · O raio atinge a muitos inocentes.
Que o Nilo trague o Egito e se transformem
em serpes todas as criaturas dóceis.
Chama de novo o escravo, que eu não mordo,
conquanto esteja louca. Traze-o logo.
CHARMIAN · Tem receio de vir.
CLEÓPATRA · Não vou bater-lhe.
(Sai Charmian.)
Estas mãos se envilecem por baterem
em quem me é inferior; pois sou eu própria
que contra mim invento esses motivos.
(Volta Charmian com o mensageiro.)
Senhor, aproximai-vos. Muito embora
seja honesto, não é aconselhável

shakespearebrasileiro.org

trazer ruins notícias. Às mensagens
agradáveis dai um milhão de línguas;
mas deixai que as infaustas ocorrências
se anunciem por si, quando sentidas.
Mensageiro · Cumpri o meu dever.
Cleópatra · Está casado?
Odiar-te mais não me será possível,
se me disseres novamente "sim".
Mensageiro · Senhora, está casado.
Cleópatra · Ainda o repetes?
Que os deuses te confundam.
Mensageiro · Deveria
mentir, senhora?
Cleópatra · Oh! como o desejara!
Ainda que meio Egito se alagasse,
vindo a tornar-se uma cisterna cheia
de serpes escamadas. Vai-te embora.
Nem que de rosto fosses um Narciso,
me serias medonho. Está casado?
Mensageiro · Perdoai-me, alteza...
Cleópatra · Dize: está casado?
Mensageiro ·
Não vos zangueis com quem não vos ofende.
Punir-me pelo que mandais que eu faça
parece injusto. Desposou Otávia.
Cleópatra · Oh! que seu erro te haja transformado
num miserável, ainda que não sejas
o que és seguramente. Vai-te embora.
Os gêneros romanos que trouxeste
são caros por demais; fica com eles;
e que por eles venhas a arruinar-te.

(Sai o mensageiro.)

Charmian · Minha querida alteza, ficai calma.
Cleópatra · Louvando Antônio eu desfazia em
César.
Charmian · Muitas vezes, senhora.
Cleópatra · Castigada
estou sendo por isso. Retirai-me
daqui. Vou desmaiar. Não, não é nada.
Oh! Iras! Charmian!
Bondoso Alexas, vai atrás desse homem
e procura saber como é Otávia,
que idade tem, seus gostos, sem que deixe
de dizer de que cor tem os cabelos.
Traze logo a resposta.

(Sai Alexas.)

Abandonemo-lo
para sempre... Oh, bondosa Charmian! Não.
Embora às vezes seja como a Górgona,
às vezes é outro Marte. *(A Mardian.)* Dize a Alexas
que me venha contar a altura dela.
Apiada-te de mim, Charmian, mas nada
me fales. Leva-me para outra sala.

(Saem.)

Ato II · Cena VI

Nos arredores de Miseno.
Fanfarras. Por um lado entram Pompeu e Menos, com trombeta e tambor; por outro, César, Antônio, Lépido, Enobarbo, Mecenas, com soldados em marcha.

Pompeu · Tenho os vossos reféns; tendes os meus.
Conversemos, assim, antes da pugna.
César · É de vantagem conversarmos antes.
Por isso mesmo enviamos por escrito,
com antecipação, nossas propostas.
Se pensaste sobre elas, comunica-nos
se as consideras suficientes para
deixar-te atada a espada descontente,
fazendo regressar para a Sicília
muitos moços viçosos que viriam
talvez hoje a morrer.
Pompeu · É a vós que eu falo,
vós três que constituís todo o senado,
representantes únicos dos deuses:
não sei por que meu pai careceria
de vingadores, tendo filho e amigos,
se o espírito de César, que em Filipos
tanto ao bondoso Bruto perseguia,
vos vê agora a trabalhar por ele.
Qual foi a causa que levou o pálido
Cássio à conspiração? que fez o honrado
romano, o honesto Bruto, com seus cúmplices
armados, todos eles namorados
da bela liberdade, o Capitólio
banhar de sangue? Apenas o desejo
de que não fosse alguém mais do que um homem.
Eis a razão que a aparelhar a minha
esquadra me levou, com a qual penso
disciplinar a ingratidão que Roma
lançou sobre meu pai em tudo nobre.
César · Mais devagar.

shakespearebrasileiro.org

Antônio · Com todas essas velas,
Pompeu, amedrontar-nos não consegues.
Falaremos contigo sobre as águas;
em terra sabes quanto te excedemos.
Pompeu · Em terra, é muito certo, tu me excedes
na casa de meu pai. Mas como o cuco
jamais constrói para si mesmo, fica
nela quanto puderes.
Lépido · Poderíeis
ter a bondade de dizer-nos — que isso
foge de nosso assunto — de que modo
recebeis nossa oferta?
César · O ponto é esse.
Antônio · Pressão não vos fazemos: sopesai-o
com vagar, se quiserdes aceitá-lo.
César · E o mais que pode acontecer, no caso
de quererdes tentar maior fortuna.
Pompeu · Consiste vossa oferta em me entregardes
a Sicília e a Sardenha; devo, ainda,
dos piratas limpar todas as águas;
concedido isso tudo, despedirmo-nos
sem entalhos nos gládios, carregando
para casa os broquéis sem mossa alguma.
César, Antônio e Lépido ·
Justamente.
Pompeu · Ficai, então, sabendo
que ao vir aqui, disposto eu me encontrava
a aceitar essa oferta. Marco Antônio
porém, encontrou meio de irritar-me.
Embora meu louvor fique empanado
por ser eu próprio que vos falo nisso,
deveis lembrar-vos de que quando César
e vosso irmão brigavam, na Sicília
vossa mãe encontrou boa acolhida.
Antônio · Sim. Pompeu. soube disso, e preparado
já me encontrava para o pagamento
dos agradecimentos que vos devo.
Pompeu · Dai-me a mão. Não pensei que poderia,
senhor, vos encontrar neste momento.
Antônio · As camas do Nascente são macias.
Grato vos sou, no entanto, por me terdes
chamado antes do tempo. Ganhei muito
por ter vindo mais cedo.
César · São notáveis
as modificações que em vós observo
desde a última conversa que tivemos.
Pompeu · Não sei que contas a Fortuna adversa
no rosto me escreveu; mas é certeza
que em meu peito ela nunca há de insinuar-se
para deixar-me o coração escravo.
Lépido · Feliz encontro.
Pompeu · É assim que eu penso, Lépido.
Estamos, pois, de acordo. Agora espero
que este nosso contrato seja posto
por escrito e selado por nós mesmos.
César · É o que faremos logo.
Pompeu · Depois disso
festejemo-nos antes de partirmos,
mostrando a sorte quem vai dar começo.
Antônio · Quero iniciar, Pompeu; consente nisso.
Pompeu · Não, Antônio; é por sorte. Mas embora
o primeiro sejais ou o derradeiro,
vossa cozinha egípcia primorosa
a perder não virá sua alta fama.
Ouvi dizer que o nosso Júlio César
só de comer por lá ficou mais gordo.
Antônio · Ouvistes muita coisa.
Pompeu · Tenho honestas
intenções, meu senhor.
Antônio · E honestamente
vos expressais.
Pompeu · Foi quanto me disseram.
Ouvi dizer também que Apolodoro
carregara nos ombros...
Antônio · Basta! É certo.
Pompeu · Certo, quê?
Enobarbo · Num colchão uma Rainha
para César.
Pompeu · Agora reconheço-te.
Como vais, camarada?
Enobarbo · Bem, e espero
continuar assim, pois temos quatro
festins em perspectiva.
Pompeu · Dá-me a mão.
Nunca te votei ódio, mas ao ver-te
pelejar invejei tua postura.
Enobarbo · Senhor, nunca vos tive muito afeto;
mas já vos elogiei, quando dez vezes
mais, talvez, merecêsseis do que tudo
que eu pudesse dizer.
Pompeu · Sê sempre franco,
que não te fica mal essa linguagem.
Para minha galera vos convido.
Quereis passar na frente, meus senhores?
César, Antônio e Lépido ·
Senhor, mostrai-nos o caminho. Vamos.
(Saem todos, com exceção de Menas e Enobarbo.)

shakespearebrasileiro.org

Menas · Teu pai, Pompeu, jamais teria feito um tratado nessas condições. Creio que já nos vimos, senhor.
Enobarbo · No mar, se não estou enganado.
Menas · Perfeitamente, senhor.
Enobarbo · Realizastes grandes feitos na água.
Menas · Assim como vós, em terra.
Enobarbo · Estou pronto a elogiar quem me elogiar, muito embora não se possa negar o que eu fiz em terra.
Menas · Nem o que eu fiz na água.
Enobarbo · Contudo, para vossa própria segurança, tereis que negar alguma coisa. Fostes um grande ladrão do mar.
Menas · Assim como vós, de terra.
Enobarbo · Nesse ponto eu nego os meus serviços de terra. Mas dai-me a mão. Se nossos olhos tivessem autoridade, Menas, prenderiam agora dois ladrões que se beijam.
Menas · O rosto dos homens é sempre honesto, façam as mãos o que fizerem.
Enobarbo · Mas nunca houve mulher bonita com rosto honesto.
Menas · Sem querer caluniá-las, roubam corações.
Enobarbo · Viemos aqui para nos batermos convosco.
Menas · Por minha parte, entristece-me ter acabado tudo em bebedeira. Sorrindo. Pompeu dá hoje um empurrão na própria sorte.
Enobarbo · Se o fizer, não poderá depois, com lágrimas, chamá-la para trás.
Menas · É como dizeis, senhor. Não esperávamos encontrar aqui Marco Antônio. Por obséquio, ele se casou com Cleópatra?
Enobarbo · A irmã de César se chama Otávia.
Menas · É muito certo, senhor; foi casada com Caio Marcelo.
Enobarbo · Mas agora é esposa de Marco Antônio.
Menas · Que me dizeis, senhor?
Enobarbo · A pura verdade.
Menas · Nesse caso, César e ele estão unidos para sempre.
Enobarbo · Se eu tivesse que profetizar a respeito dessa união, não me exprimiria nesses termos.
Menas · Sou de opinião que os interesses políticos entraram com muito maior contingente para a realização desse enlace do que o próprio amor dos interessados.
Enobarbo · É também o que eu penso. Mas ainda chegareis a ver que o laço que parece unir a amizade deles dois se transformará justamente na corda que vai estrangular-lhes a afeição. Otávia é casta, fria e de exterior sereno.
Menas · Quem não desejara uma esposa desse jeito?
Enobarbo · Quem não for assim, a saber: Marco Antônio. Ele voltará para a gamela de sua egípcia. Então, os suspiros de Otávia atiçarão o fogo de César e, como disse há pouco, o que constitui hoje o forte da amizade deles dois, se afirmará como o fautor imediato da discórdia entre ambos. Antônio não desviará de lá sua afeição; só desposou aqui sua própria necessidade.
Menas · É possível que seja assim. Vinde, senhor. Não quereis ir para bordo? Desejo beber à vossa saúde.
Enobarbo · Aceito, senhor. No Egito trabalhamos bem com a garganta.
Menas · Então vamos logo.

(Saem.)

Ato II · Cena VII

A bordo da galera de Pompeu, junto do Cabo Miseno. Música. Entram dois ou três criados com uma mesa posta.

Primeiro criado · Vão chegar, homem! Vão chegar! Muitos desses caules estão com a raiz podre; o menor vento os lançará por terra.
Segundo Criado · Lépido já está muito corado.
Primeiro criado · Fizeram-no beber o resto de todas as garrafas?
Segundo Criado · Quando eles beliscam reciprocamente suas disposições, ele grita: "Não prossigais!" reconcilia-os com suas súplicas e a si próprio com a bebida.
Primeiro criado · Suscitando com isso dissídio ainda maior entre ele e a própria discrição.
Segundo Criado · Ora, isso acontece quando se tem o nome na companhia dos grandes homens. Prefiro um caniço que não me sirva para nada a uma partazana que eu não possa levantar.

PRIMEIRO CRIADO · Ser convidado para uma
alta esfera e não ser visto mover-se, quando ela se
desloca, é ser como essas órbitas sem olhos que
deformam lastimosamente os rostos.

(Toque de trombetas. Entram César, Antônio, Lépido, Pompeu, Agripa, Mecenas, Enobarbo, Menas e outros capitães.)

ANTÔNIO · Assim fazem. Do Nilo a altura tomam
por meio de umas marcas na pirâmide.
Pela marca mais alta, média e baixa
sabem se vai haver falta ou abundância.
Quanto mais sobe o Nilo, mais promete.
Quando reflui, o semeador espalha
na lama e lodo os grãos, vindo a colheita
pouco tempo depois.

LÉPIDO · Tendes por lá serpentes esquisitas.

ANTÔNIO · É verdade, Lépido.

LÉPIDO · Vossa serpente do Egito nasce do vosso
lodo pela ação de vosso sol, o mesmo acontecendo
com o crocodilo.

ANTÔNIO · É o que se dá, realmente.

POMPEU · Sentai-vos! Vamos ao vinho! À saúde de
Lépido!

LÉPIDO · Não me sinto tão bem como quisera, mas
nessas coisas nunca fico de fora.

ENOBARBO *(à parte)* · Enquanto não vos pondes a
dormir. Mas receio muito que até lá ficareis dentro.

LÉPIDO · Não, é certo. Ouvi dizer que as pirâmides
de Ptolomeu são coisas extraordinárias. Sim, foi o
que me disseram.

MENAS · Pompeu, uma palavra.

POMPEU · Segredai-ma.
Que aconteceu?

MENAS · Deixa o lugar, meu chefe,
para me ouvires uma palavrinha.

POMPEU · Espera um pouco. Vinho para Lépido!

LÉPIDO · De que jeito é o vosso crocodilo?

ANTÔNIO · Parece-se muito consigo mesmo, senhor,
e é da largura que lhe é própria. Sua altura não passa
da que ele tem, movimentando-se ele com seus
próprios membros. Vive do que o alimenta e, uma
vez dispersados os elementos, transmigra para outra
parte.

LÉPIDO · De que cor é ele?

ANTÔNIO · De sua própria cor.

LÉPIDO · É uma serpente muito esquisita.

ANTÔNIO · Perfeitamente; e suas lágrimas são
úmidas.

CÉSAR · Essa descrição o satisfaz?

ANTÔNIO · Sim, depois dos brindes de Pompeu.
Fora disso, é um verdadeiro epicuro.

POMPEU · Ide enforcar-vos! Para que falar-me?
Fazei o que vos disse. Que é da taça
que vos pedi há pouco?

MENAS · Se por tudo
quanto te fiz quiseres atender-me,
deixa a cadeira e vem.

POMPEU · Estás maluco?
Que aconteceu?

(Afastam-se.)

MENAS · Diante de tua sorte
sempre fui reverente.

POMPEU · Tens-me sempre
servido com lealdade. Que mais posso
dizer-te. — Meus senhores, alegria!

ANTÔNIO · Tomai cuidado, Lépido, com esses
bancos de areia; podem absorver-vos.

MENAS · Queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU · Que estás dizendo?

MENAS · Torno a perguntar-te:
queres ficar senhor do mundo todo?

POMPEU · Como fora possível?

MENAS · Se me deres
consentimento, embora eu seja pobre,
poderei dar-te o mundo de presente.

POMPEU · Tens bebido bastante?

MENAS · Não, Pompeu;
abstive-me de todo. Se quiseres,
ficarás sendo o Júpiter terreno.
Tudo o que o oceano cerca e o céu abarca
ficará sendo teu, se o desejares.

POMPEU · Dize-me como poderá ser isso.

MENAS · Os três competidores, que em três partes
o mundo dividiram, ora se acham
a bordo de teu barco. Se me deres
consentimento, cortarei os cabos.
Uma vez afastados, lhes cairemos
no pescoço, e tudo isto te pertence.

POMPEU · Ah! fora bom se houvesses feito tudo
sem me dizeres nada. Bom serviço
de tua parte, em mim fora vileza.
Fica sabendo que não é o lucro
que a honra me impulsiona; é a honra mesma.

shakespearebrasileiro.org

É pena que tua língua houvesse sido
traidora de teu ato. Se tivesses
feito em silêncio, eu acharia jeito,
depois, de achar bem-feito. Mas agora
repilo a idéia. Assim, desiste e bebe.
Menas *(à parte)* · Só por isso
nunca mais seguirei tua sorte pálida.
Quem algo almeja e não o aceita, quando
lho oferecem, jamais volta a encontrá-lo.
Pompeu · À saúde de Lépido!
Antônio · Levai-o
para terra. Pompeu, falo eu por ele.
Enobarbo · À tua, Menas!
Menas · Enobarbo, salve!
Pompeu · Enchei a taça até que suma toda.
Enobarbo · Ali está um tipo bem forte, Menas.
(Apontando para o criado que sai carregando Lépido.)
Menas · Por quê?
Enobarbo · Ora, homem! Pois vai carregando uma
terça parte do mundo, não estás vendo?
Menas · Bêbeda se acha essa terceira parte.
Se assim o mundo todo se encontrasse,
andaria de rodas.
Enobarbo · Então bebe também; aumenta as rodas.
Menas · Vamos.
Pompeu · Ainda falta muito para que isto
se transforme em festim de Alexandria.
Antônio · Está perto. Batei as taças, oh!
Agora para César!
César · Poderia
passar sem isso agora? É esforço insano
verificar que quanto mais o cérebro
tento lavar, mais ele se me enturva.
Antônio · Sê filho de teu tempo.
César · Não, domina-o;
é como te respondo. Preferira
passar sem comer nada quatro dias,
a beber tanto num.
Enobarbo *(A Antônio)* ·
Meu bravo imperador, não dançaremos
agora a bacanal egípcia, para
chorar a bebedeira?
Pompeu · Vamos, mostra-nos,
camarada, como é.
Antônio · As mãos nos demos,
até que o vinho vencedor nos tenha
mergulhado os sentidos no suave
e delicado Lete.
Enobarbo · As mãos trancemos;
os ouvidos deixemos atordoados
com música bem forte. Nesse em meio,
designarei a todos seus lugares.
Este rapaz dará começo ao canto.
Dirão a um tempo todos o estribilho
com tanta força quanto permitirem
os pulmões resistentes.

Canção.

Vem depressa, Rei do vinho,
nédio Baco em desalinho.
Acabemos com as dietas
em tuas tinas repletas,
e grinaldas de teus ramos
em torno à fronte ponhamos.
Mais vinho! Que vire o mundo!
Mais vinho! Que vire o mundo!

César · Que quereis mais? Pompeu, muito boa noite.
Permiti, caro mano, que vos leve.
Nossos graves cuidados nos censuram
por esta leviandade. Meus senhores,
fiquemos por aqui, pois estais vendo
que em brasa o rosto temos. O fortíssimo
Enobarbo é mais fraco do que o vinho,
fendendo minha língua quanto eu digo.
Estas vestes selvagens, em palhaços
a todos nós mudaram. Que diremos
ainda? Boa noite, Caro Antônio,
dá-me a mão.
Pompeu · Vou levar-vos até a praia.
Antônio · Pois não, senhor; aceito vossa oferta.
Sim, dai-me a mão.
Pompeu · Antônio, arrebatastes-me
a casa de meu pai. Mas pouco importa;
somos amigos. Vamos para o bote.
Enobarbo · Tomai cuidado para não cairdes.
(Saem Pompeu, César, Antônio e criados.)
Menas, não saltarei.
Menas · De forma alguma.
Para o meu camarote. Esses tambores!
essas trombetas! essas flautas! Ouve
Netuno, a despedida barulhenta
que damos a esses grandes companheiros.
Vamos! Barulho, vamos! Que se enforquem!
(Toque de trombetas e tambores.)
Enobarbo · Urra! é o que eu digo. Eis o meu gorro.
Menas · Urra! Meu nobre capitão, avante!
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena I

Planície na Síria.
Entra Ventídio em triunfo com Sílio e outros romanos; Oficiais e soldados.
À frente é trazido o corpo de Pacoro.

Ventídio · Dardos da Pártia, fostes subjugados
e agora vingador a sorte amável
do trespasse me faz de Marco Crasso.
Ponde à frente do exército o cadáver
do filho do monarca. Teu Pacoro,
Orodes, isto paga a Marco Crasso.
Sílio · Nobre Ventídio, enquanto tua espada
com o sangue parto ainda se encontra quente,
persegue os fugitivos, pela Média,
pela Mesopotâmia, nos abrigos
em que eles, dispersados, se acolheram.
Assim, teu grande capitão Antônio
te cingirá a fronte com guirlandas,
carregando-te em carro de triunfo.
Ventídio · Oh Sílio! Sílio! Fiz o suficiente.
Um subalterno — toma nota — nunca
deve fazer qualquer ação brilhante.
Pois Sílio, aprende que é de mais proveito
deixar de fazer algo do que fama
adquirir por um feito, quando ausente
se encontrar nosso chefe. Antônio e César
sempre ganharam mais por seus prepostos
do que por eles mesmos. O tenente
de Antônio, meu antecessor na Síria,
Sóssio, alto nome havendo conquistado
rapidamente, por vitórias múltiplas,
perdeu o favor dele. Quem na guerra
faz mais que o capitão, cedo transforma-se
em capitão do próprio capitão.
A ambição, que é a virtude do soldado,
prefere uma derrota a uma vitória
que venha a desservi-la. Eu poderia
fazer muito mais coisas para Antônio;
mas isso fora ofensa, e nessa ofensa
naufragara meu mérito.
Sílio · Ventídio,
és dotado de certas qualidades
sem as quais um soldado e sua espada
mal podem distinguir-se. Não pretendes
escrever para Antônio?
Ventídio · Humildemente
lhe comunicarei o que em seu nome —
essa palavra mágica da guerra —
pudemos realizar, como, com suas
bandeiras e seus homens mui bem pagos,
do campo escorraçamos os cavalos
jamais batidos dos soldados partos.
Sílio · Onde está ele agora?
Ventídio · Pretendia
ir para Atenas, onde é nosso intento
procurá-la com a pressa permitida
pelo peso do espólio que levamos.
Sigamos logo. Avante!

(Saem.)

Ato III · Cena II

Roma. Um quarto em casa de César.
Entram Agripa e Enobarbo, por lados diferentes.

Agripa · Como! Os manos já foram?
Enobarbo · Assentaram
com Pompeu alguns pontos importantes.
Pompeu já foi; os outros três se ocupam
em selar o tratado. Otávia chora
por deixar Roma; César está triste;
Lépido, desde a festa de Pompeu,
como diz Menas, sofre de icterícia.
Agripa · Como Lépido é nobre!
Enobarbo · Primoroso!
E como ele ama César!
Agripa · Certo! Certo!
Mas também como adora Marco Antônio!
Enobarbo · César? Oh! Ele é o Júpiter dos homens.
Agripa · E Antônio que será? O deus de Júpiter.
Enobarbo · Falais de César? Oh! é sem segundo!
Agripa · Oh Antônio, Antônio! Pássaro da Arábia!

shakespearebrasileiro.org

ENOBARBO · Para elogiarmos César, é bastante
dizermos "César", sem nenhum acréscimo.
AGRIPA · Oh! ele soube dispensar a ambos
os elogios mais extraordinários.
ENOBARBO ·
Mas ama mais a César. Ama a Antônio.
Oh! línguas, corações, pintores, bardos,
poetas, escritores não conseguem
pensar, falar, cantar, plasmar, dar forma,
ah! ao amor que a Antônio ele dedica.
Mas em frente de César, ajoelhai-vos,
caí de joelhos e mostrai espanto.
AGRIPA · Dedica amor aos dois.
ENOBARBO · Eles os élitros
são daquele, que é escaravelho de ambos.
(Trombetas dentro.)
É o toque de montar. Adeus, Agripa.
AGRIPA · Adeus, digno soldado. Muita sorte.
(Saem.)
(Entram César, Antônio, Lépido e Otávia.)
ANTÔNIO · Não mais longe, senhor.
CÉSAR · Levais de mim uma porção bem grande.
Nela me dai condigno tratamento.
Mana, revela-te uma esposa como
penso que és em verdade e como as minhas
mais altas esperanças o desejam.
Meu nobre Antônio, não deixeis que o esteio
de virtude que entre nós dois pusemos,
para firmar de vez nossa amizade,
no aríete se mude, destinado
a sacudir-lhe as bases. Melhor fora
para nós dois que amado nos tivéssemos
sem este traço de união, que virmos
em qualquer tempo a não querer-lhe muito.
ANTÔNIO · Não me ofendais com vossa
desconfiança.
CÉSAR · Tenho dito.
ANTÔNIO · Por mais que vos mostrásseis
exagerado nisso, nunca havíeis
de achar um traço ao menos do que tanto
manifestais receio. Assim, que os deuses
vos amparem, deixando concertados
a vossos fins os corações romanos.
Aqui nos despedimos.
CÉSAR · Adeus. Adeus, também, irmã querida.
Sejam-te os elementos generosos,
deixando-te os sentidos bem-dispostos.
Adeus.
OTÁVIA · Meu nobre mano!
ANTÔNIO · Abril tem ela
nos olhos, primavera dos amores,
que por esse aguaceiro é conduzida.
Fica alegre.
OTÁVIA · Senhor, olhai a casa
de meu marido, e...
CÉSAR · Que disseste,
Otávia?
OTÁVIA · Vou dizer-vo-lo no ouvido.
ANTÔNIO · Ao coração desobedece a língua,
tal como aquela a esta. De igual modo,
no alto da onda mantém-se a plumazinha
do cisne, à maré cheia, sem voltar-se
para lado nenhum.
ENOBARBO *(à parte, a Agripa)* · Será que César
vai chorar?
AGRIPA · Uma nuvem tem no rosto.
ENOBARBO · Isso já fora ultraje num cavalo.
Que não será num homem?
AGRIPA · Enobarbo,
ao ver Antônio a Júlio César morto,
quase rugiu de dor e chorou muito
quando morto em Filipos achou Bruto.
ENOBARBO · Naquele ano ele andava endefluxado.
Chorava o que ele destruiu de grado?
Só se eu também chorar é que hei de crê-lo.
CÉSAR · Não, doce Otávia, mandarei notícias;
o tempo não apaga tua imagem.
ANTÔNIO · Vamos, senhor. Quero lutar convosco
com respeito ao amor. Eis meu abraço.
Deste modo vos solto e vos entrego
à proteção dos deuses.
CÉSAR · Passai bem.
Sede feliz.
LÉPIDO · Que todas as estrelas
te iluminem a estrada.
CÉSAR · Adeus.
(Beija Otávia.)
ANTÔNIO · Adeus.
(Soam trombetas. Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena III

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Alexas.

CLEÓPATRA ·
Onde está o homem?
ALEXAS · Não quer vir; tem medo.
CLEÓPATRA · Vai, vai buscá-lo.
(Entra o mensageiro.)
Vinde aqui, senhor.
ALEXAS · Bondosa Alteza, Herodes da Judéia
a olhar-vos não se atreve senão quando
vos achais bem-disposta.
CLEÓPATRA · É meu desejo
vir a ter a cabeça desse Herodes.
Mas para quem hei de pedi-la, estando
de lá ausente Antônio? Isso, aproxima-te.
MENSAGEIRO · Graciosa majestade!
CLEÓPATRA · Viste Otávia?
MENSAGEIRO · Vi, sim, Rainha venerável.
CLEÓPATRA · Onde?
MENSAGEIRO ·
Senhora, em Roma. Contemplei-lhe o rosto
e vi-a entre o irmão dela e Marco Antônio.
CLEÓPATRA · É tão alta quanto eu?
MENSAGEIRO · Não é, senhora.
CLEÓPATRA · Falar a ouviste? Fala baixo ou alto?
MENSAGEIRO · Ouvi, sim; fala baixo.
CLEÓPATRA · É mau indício;
ele não a amará por muito tempo.
MENSAGEIRO ·
Como! Amá-la? Oh, por Ísis! Impossível.
CLEÓPATRA · É também o que eu penso. Charmian,
fala sossegada e é baixota. E sua
marcha, revela majestade? Pensa nisso,
se é que já contemplaste majestade.
MENSAGEIRO · Ela se arrasta, tanto faz mover-se
como ficar parada, é a mesma coisa.
Parece mais cadáver do que gente,
estátua pura, não dotada de alma.
CLEÓPATRA · Estais seguro disso?
MENSAGEIRO · Salvo se olhos
eu não tiver.
CHARMIAN · Não temos três pessoas.
no Egito que melhor observar saibam.
CLEÓPATRA · Ele sabe o que diz, estou notando.
Então ela carece de atrativos.
Este homem sabe ajuizar as coisas.
CHARMIAN · Otimamente.
CLEÓPATRA · E a idade dela?
Quantos anos terá?
MENSAGEIRO · Ela era viúva,
minha senhora.
CLEÓPATRA · Charmian, escuta: viúva!
MENSAGEIRO · Penso que tem trinta anos.
CLEÓPATRA · E o feitio do rosto, ainda te lembras?
É redondo ou alongado?
MENSAGEIRO · Oh! bem redondo;
chega a ser defeituosa.
CLEÓPATRA · A maior parte
das pessoas assim são abobadas.
E de que cor são os cabelos dela?
MENSAGEIRO ·
Senhora, escura, e tem tão baixa fronte
quanto ela própria desejar pudera.
CLEÓPATRA ·
Recebe este ouro. A mal levar não deves
minha aspereza de antes. Tenho idéia
de encarregar-te novamente disso,
pois vejo que dás conta do recado.
Vai preparar-te. As cartas estão prontas.
(Sai o mensageiro.)
CHARMIAN · É um sujeito capaz.
CLEÓPATRA · Muito, realmente.
Pesa-me, agora, tê-lo molestado.
Por sua descrição essa criatura
não vale grande coisa.
CHARMIAN · Nada, nada,
minha senhora.
CLEÓPATRA · Ele já viu, decerto, majestade,
sabendo, porventura...
CHARMIAN · Se já viu majestade? Ísis me ampare!
Servindo-vos aqui há tanto tempo?
CLEÓPATRA ·
Tenho uma coisa ainda a perguntar-lhe,
boa Charmian. Mas isso pouco importa.
Leva-o para onde eu vou fazer as cartas.
Talvez ainda conciliemos tudo.
CHARMIAN · Garanto-vos, senhora.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato III · Cena IV

Atenas. Um quarto em casa de Antônio. Entram Antônio e Otávia.

Antônio · Não, não Otávia; não é isso apenas.
Isso fora escusável, isso e inúmeros
outros fatos iguais. Recentemente
contra Pompeu abriu de novo guerra;
o testamento fez e leu-o em público.
Falou de mim
mui perfunctoriamente, e quando tinha
de prestar-me homenagem, expressava-se
com frieza e a contragosto, só medindo-me
por bitola acanhada. Quando tinha
boa oportunidade, desprezava-a,
de caso bem pensado, ou mui de leve,
tão-somente, a pegava.
Otávia · Oh caro esposo!
não deis crédito a tudo, ou, caso o derdes,
não leveis tudo a mal. Mulher alguma
mais infeliz — se vier a tomar vulto
tal desinteligência — colocada
se viu entre os dois campos contendores
a rezar pelos dois.
Hão de zombar de mim os deuses plácidos,
quando rezar me ouvirem: "Protegei
meu senhor e marido!" e, destruindo
logo após esse voto, exclamar alto:
"Protegei meu irmão!" Vença o marido,
vença o irmão... um pedido destrói o outro.
Nesses extremos não há meio-termo.
Antônio · Nobre Otávia, coloca o teu afeto
onde ele possa ser mais bem guardado.
Se eu perder a honra, perco-me a mim mesmo.
Prefiro não ser vosso, a pertencer-vos
tão desgalhado assim. Mas acedendo
no que pedis, fareis de medianeira
entre mim e ele. Nesse meio-tempo,
senhora, tratarei dessa campanha
que a vosso irmão irá deixar na sombra.
Se puserdes bastante pressa nisso,
realizados vereis vossos desejos.
Otávia · Obrigada vos fico. O poderoso
Júpiter fez de mim, fraca, tão fraca,
vossa conciliadora. Uma contenda
entre vós, fora como se o universo
viesse a rachar, devendo corpos mortos
soldar a grande fenda.
Antônio · Logo que virdes de onde vem a causa
do dissídio entre nós, para essa banda
fazei pender o vosso desagrado.
Pois nunca poderão ser nossas faltas
tão iguais que mereçam tratamento
igual de vosso amor. Cuidai da viagem.
Vós mesma escolhereis as componentes
de vosso séquito e fareis o cômputo
das despesas que achardes necessárias.

(Saem.)

Ato III · Cena V

O mesmo. Outro quarto.
Entram Enobarbo e Eros, que se encontram.

Enobarbo · Então, amigo Eros!
Eros · Chegaram notícias muito estranhas, senhor.
Enobarbo · Que notícias, homem?
Eros · César e Lépido atacaram Pompeu.
Enobarbo · Ora, isso já é velho. E qual foi o resultado?
Eros · César, tendo-se aproveitado de Lépido na guerra contra Pompeu, recusou-se a reconhecer nele um seu igual, não permitindo que lhe tocasse nenhuma parte da glória desse feito. E sem parar aí, acusa-o, ainda, de haver escrito antes a Pompeu, motivo por que o prendeu, com base na acusação por ele próprio formulada. Assim, o pobre triúnviro está na grade, até que a morte alargue sua prisão.
Enobarbo · Desse modo ficaste — oh mundo, apenas com um par de queixadas, e ainda mesmo que entre elas jogues tudo o que tiveres, entre si hão de moer-se. Onde está Antônio?
Eros · Passeia no jardim — assim — e pisa a erva que acha, a exclamar de quando em quando:

shakespearebrasileiro.org

"Que estúpido, esse Lépido!" o pescoço
do oficial ameaçado que sem vida
deixou Pompeu.
ENOBARBO · Aparelhada nossa
grande esquadra se encontra.
EROS · Para o ataque
contra César e a Itália. Mais, Domício;
meu amo quer falar-vos com urgência.
Depois vos contarei o que ainda falta.
ENOBARBO · Há de ser quase nada. Pouco importa.
Levai-me a Antônio.
EROS · Então, senhor, segui-me.
(Saem.)

Ato III · Cena VI

Roma. Um quarto em casa de César.
Entram César, Agripa e Mecenas.

CÉSAR · Em menoscabo a Roma fez tudo isso,
mas em Alexandria fez pior.
Passou-se assim: em meio à praça pública
em tronos de ouro, sobre uma tribuna
de prata ele e Cleópatra se achavam.
Aos pés deles Cesário se encontrava,
que é filho de meu pai, segundo dizem,
e todos os produtos ilegítimos
a que a lascívia deles dois deu vida.
Então Antônio conferiu a Cleópatra
o governo do Egito e proclamou-a
soberana absoluta não somente
de Chipre e Lídia, mas da baixa Síria.
MECENAS · E isso à vista de todos?
CÉSAR · No recinto
público das ginásticas. O filho
dele foi proclamado Rei dos reis.
A Alexandre ele deu a grande Média,
a Pártia e a Armênia; enfiam, a Ptolomeu
a Fenícia doou, Síria e Cilícia.
Nesse dia Cleópatra vestiu-se
como a deusa Ísis, sendo voz corrente
que desse jeito, muitas vezes, antes
ela audiência já deu.
MECENAS · É necessário
que Roma saiba disso.
AGRIPA · Já bastante
desgostosa com seu descaramento,
de toda estima há de privá-lo logo.
CÉSAR · O povo sabe disso; as queixas dele
já foram feitas.
AGRIPA · A quem ele acusa?
CÉSAR · A César, alegando que, após termos
na Sicília tomado todo o espólio
de Pompeu, a lhe dar nos recusamos
a sua parte da ilha. Alega, ainda,
que eu não lhe devolvi alguns navios
que me havia emprestado. Finalmente,
acha-se estomagado por ter Lépido
perdido o triunvirato e nós nos termos
apossado de todos os bens dele.
AGRIPA · É preciso, senhor, responder a isso.
CÉSAR · Já foi feito. Partiu o mensageiro.
Fiz-lhe ver como Lépido se tinha
mostrado muito cruel e que abusara
de sua autoridade, merecendo,
por isso, tal castigo. Nas conquistas
feitas por mim ele teria parte;
porém que a mesma coisa eu exigia
de sua Armênia e de outros reinos que ele
havia conquistado.
MECENAS · Nunca ele há de
conceder esse ponto.
CÉSAR · Nesse caso
naquele outro também não cederemos.
(Entra Otávia, com seu séquito.)
OTÁVIA · Salve, senhor! Meu caro César, salve!
CÉSAR · Chegar a ver-te um dia repudiada!
OTÁVIA · Nunca assim me chamastes; não há causa.
CÉSAR · Por que vens surpreender-nos desse modo?
Não te apresentas como irmã de César.
A consorte de Antônio deveria
ter como introdutor um grande exército,
servindo-lhe o relincho dos cavalos
de sinal de chegada, muito tempo
antes de ela surgir. Por toda a estrada
carregadas as árvores deviam

shakespearebrasileiro.org

mostrar-se de homens e a curiosidade
definhar por querer o que lhe falta.
Mais, ainda: até a abóbada celeste
chegar devia a poeira, levantada
pela população cheia de júbilo.
Mas como rapariga do mercado
viestes a Roma, assim deixando frustras
as manifestações de meu afeto
que, muitas vezes, sem ser visto, fica
também sem ser amado. Deveríamos
ter ido ao vosso encontro assim em terra
como no mar, as estações enchendo
de saudações crescentes.
Otávia · Meu bondoso
senhor, não vim forçada desse jeito,
mas por livre vontade. Meu marido,
Marco Antônio, ao saber que vos armáveis
para a guerra, instruções deu minuciosas
a meu aflito ouvido. Obtive dele
permissão para vir.
César · Por ele dada
com presteza, por serdes um obstáculo
posto entre ele e a lascívia.
Otávia · Não, bondoso
senhor; não digais isso.
César · Tenho-o sempre
de olho; o vento me traz notícias dele.
Em que lugar ele se encontra agora?
Otávia · Em Atenas, senhor.
César · Não é verdade,
muito enganada irmã; já lhe fez Cleópatra
sinal, chamando-o. A uma prostituta
deu ele seu império, e os reis da terra
ambos, agora, para a guerra incitam.
Assim, já convocou Baco, da Líbia,
o Rei da Paflagônia, Filadelfo,
Abdala, Rei da Trácia, o Rei do Ponto,
Herodes da Judéia, o soberano
da Capadócia, que Arquelau se chama,
Mitridates de Comagene, Amintas
e Polemão, de Licaônia e Média,
e outra lista maior de reis cetrados.
Otávia · Ai de mim, infeliz, que dividido
tenho ora o coração entre dois seres
que reciprocamente se maltratam!
César · Sede bem-vinda. Retardaram vossas
cartas vossa partida. Desejávamos
convencer-nos, também, de quanto tínheis
sido ultrajada, e nós assim, corrido
grande risco com tanta negligência.
Reanimai-vos, sem vos amofinardes
com o presente que sobre vossa dita
tantas preocupações tem atirado.
Sem nos queixarmos, aceitemos quanto
nos impõe o destino no seu curso.
A Roma sois bem-vinda. Sobretudo
vos dedico afeição. Não pode a mente
conceber quanto fostes ultrajada.
Os altos deuses, para vos fazerem
justiça, em seus ministros nos transformam
e a todos que vos prezam. Reanimai-vos
e sede sempre para nós bem-vinda.
Agripa · Sois bem-vinda, senhora.
Mecenas · Mui prezada
senhora, sois bem-vinda.
Todos os corações de Roma, a um tempo,
vos amam e lastimam. Só o adúltero
Antônio, inteiramente mergulhado
em suas ignomínias, vos repele
e seu poder a uma rameira entrega,
que contra nós atroa.
Otávia · É assim, senhor?
César · Decerto. Mana, sois bem-vinda. Tende
paciência, por obséquio, irmã querida!

(Saem.)

Ato III · Cena VII

Acampamento de Antônio, junto do promontório de Actio.
Entram Cleópatra e Enobarbo.

Cleópatra · Certeza podes ter de que haveremos
de ficar quites.
Enobarbo · Mas por quê? Por quê?
Cleópatra · Por desaconselhardes minha vinda
a esta guerra, julgando-a deslocada.
Enobarbo · E daí? E daí?
Cleópatra · Ainda mesmo
que não houvesse sido declarada

shakespearebrasileiro.org

contra nós, por que não comparecermos
em pessoa a esta guerra?
ENOBARBO *(à parte)* · Poderia
dizer que se trouxéssemos cavalos
e éguas para a campanha, ficaríamos
sem cavalos, que as éguas se veriam
a carregar forçadas os cavalos
e os cavaleiros.
CLEÓPATRA · Que é que estás dizendo?
ENOBARBO · Vossa presença embaraçaria Antônio,
reclamar-lhe-ia o coração, o cérebro,
fá-lo-ia perder tempo, justamente
quando nada desviar nos é possível.
Já o acoimam de fútil, comentando-se
em Roma que esta guerra é dirigida
pelo eunuco Fotino e vossas criadas.
CLEÓPATRA · Desapareça Roma e que apodreçam
todas as línguas que de nós falarem.
Tenho função nesta campanha, e como
cabeça de meu reino hei de mostrar-me
soldado de valor. Não me retruques;
não ficarei atrás.
ENOBARBO · Estou calado.
Aí vem o imperador.

(Entram Antônio e Canídio.)

ANTÔNIO · Não te parece
muito estranho, Canídio, que ele tenha,
partindo de Tarento e de Brundísio,
tão velozmente atravessado o Jônio
e tomado Torine? Não ouvistes
falar nisso, querida?
CLEÓPATRA · Os negligentes
é que a celeridade mais admiram.
ANTÔNIO · Excelente resposta, que ficaria
muito bem no melhor dos combatentes,
visando a repreender a negligência.
No mar, Canídio, vou lutar com ele.
CLEÓPATRA · No mar? Que há mais?
CANÍDIO · Por que vai fazer isso,
meu senhor?
ANTÔNIO · Porque fomos desafiados.
ENOBARBO · Meu senhor poderia desafiá-lo,
se assim é, para duelo.
CANÍDIO · Justamente,
e trazê-lo a Farsália, para o embate,
onde Pompeu e César se encontraram.
Propostas que lhe são desfavoráveis
são sempre recusadas. Deveríeis
fazer como ele faz.
ENOBARBO · Vossos navios
estão mal equipados; a maruja
se compõe de azeméis e segadores,
gente alistada compulsoriamente.
Nos navios de César se acham muitos
que já contra Pompeu provados foram.
Seus barcos são ligeiros; mais pesados,
todos os vossos. Não será desonra
nenhuma recusardes um combate
no mar, se forte vos achais em terra.
ANTÔNIO · No mar! No mar!
ENOBARBO · Meu muito digno chefe,
abris mão, desse modo, da absoluta
supremacia que no firme tendes;
enfraqueceis o exército, composto,
em sua maioria, de pedestres
já provados na guerra; sem proveito
vossa fama deixais e a alta experiência,
desviai-vos do caminho que promete
melhor sucesso, para vos lançardes
nos perigos do azar, abandonando
de todo a segurança.
ANTÔNIO · Vou bater-me
no mar.
CLEÓPATRA · Dou-vos sessenta embarcações.
César não tem melhores.
ANTÔNIO · Queimaremos
nosso excesso de barcos. Com os restantes,
bem tripulados, bateremos César,
quando ele vier se aproximando de Actio.
No caso de perdermos, poderemos
desbaratá-lo em terra.

(Entra um mensageiro.)

Que notícias?
MENSAGEIRO · É certo, meu senhor, ele está à vista.
César tomou Torine.
ANTÔNIO · Ele, em pessoa, lá? Não é possível.
É estranho que tivesse tanta força.
Em terra tomarás conta de nossas
dezenove legiões, Canídio, e nossos
doze mil de cavalo. Para bordo!
Vem, minha Tétis.

(Entra um soldado.)

shakespearebrasileiro.org

Soldado · Oh nobre imperador,
não combatais no mar, não ponhais vossa
confiança em pranchas podres. Por acaso
já não confiais neste meu gládio e nestas
extensas cicatrizes? Que os egípcios
e os fenícios mergulhem; nós estamos
afeitos a vencer em terra firme,
lutando pé com pé.
Antônio · Bem, bem, sigamos!
(Saem Antônio, Cleópatra e Enobarbo.)
Soldado · Por Hércules! no entanto, estou convicto
de que tenho razão.
Canídio · Tens, sim, soldado;
mas é que os atos dele já não se acham
guiados pela razão, pois dirigido
vai sendo quem devia dirigir-nos,
e a soldados ficamos reduzidos
de uma mulher, apenas.
Soldado · O comando
de todos os cavalos e dos homens
de pé vos foi confiado, não é verdade?
Canídio ·
Marco Otávio e também Marco Justeio com
Publícola e Célio o mar dirigem.
Nós temos ordem de ficar em terra.
É incrível essa rapidez de César.
Soldado · Em Roma estando ele ainda, suas forças
iam saindo em tão pequenos grupos
que a todos os espiões mistificavam.
Canídio · Quem os comanda, sabereis dizer-me?
Soldado · Um Tauro, dizem.
Canídio · Ah! Conheço o homem.
(Entra um mensageiro.)
Mensageiro · O imperador mandou chamar
Canídio.
Canídio · De novidades está prenhe o tempo;
nasce uma a cada instante.
(Saem.)

Ato III · Cena VIII

Planície perto de Actio.
Entram César, Tauro, oficiais e outras pessoas.

César · Tauro!
Tauro · Senhor?
César · Evita choque em terra; não espalhes
os homens; não provoques a batalha
sem que no mar tenhamos decidido.
Atém-te às instruções aqui exaradas.
Nossa sorte depende deste lanço.
(Saem.)
(Entram Antônio e Enobarbo.)
Antônio · Põe nossos esquadrões naquele lado
do monte, olhando o exército de César.
Divisamos dali todos os barcos.
para agirmos de acordo.
(Saem.)
(Entra Canídio com sua força de terra, e marcha por um lado da cena;
Tauro, tenente de César, marcha pelo outro lado.
Depois de passarem, ouve-se o ruído do combate naval.)
(Alarma. Volta Enobarbo.)
Enobarbo · Está tudo perdido! Tudo, tudo!
Ver isso é-me impossível. A Antoníada.
a capitânia egípcia, juntamente
com seus sessenta barcos, vira bordo,
pondo-se em fuga. Isso me estraga a vista.
(Entra Escaro.)
Escaro · Deuses e deusas e o concílio inteiro!
Enobarbo · Por que essa exclamação?
Escaro · A mais notável
porção do mundo vai ficar perdida,
por simples ignorância. Entre dois beijos
abrimos mão de reinos e províncias.
Enobarbo · E a pugna, como está?
Escaro · De nossa parte,
como a peste, em que a morte é inevitável.
A marafona egípcia — possa a lepra
levá-la de uma vez! — em plena luta,
quando a fortuna, como um par de gêmeos
se comportava, mas o nosso um tanto
maior, ao parecer, tal como a vaca
de Juno, que o tavardo exasperasse,
iça velas e foge.
Enobarbo · Presenciei isso, os olhos me doeram
ante esse quadro, sem que suportassem
contemplá-lo mais tempo.
Escaro · Uma vez ela
virada a barlavento, a nobre ruína
de seu feitiço, Antônio, tatalando

shakespearebrasileiro.org

suas asas marinhas, como pato
no cio, deixa a pugna, no momento
culminante, e empós dela sai fugindo.
Jamais vi ato de tamanho opróbrio.
A experiência, a coragem, a honra nunca
se rebaixaram tanto.
ENOBARBO · Oh céus! Oh céus!
(Entra Canídio.)
CANÍDIO · Nossa sorte no mar está sem fôlego
e naufraga por modo lamentável.
Se nosso general tivesse sido
o que ele sabe ser, à maravilha
tudo, então, nos correra. Seu exemplo
oprobrioso nos serviu de norma,
para também fugirmos.
ENOBARBO · Ah! Chegastes
a esse ponto? Boa noite, então.
CANÍDIO · Fugiram
para o Peloponeso.
ESCARO · Será fácil
chegarmos até lá, onde pretendo
aguardar o que o tempo nos reserva.
CANÍDIO · Vou entregar a César meus cavalos
e todas as legiões. Seis reis a estrada
que vai à rendição já me indicaram.
ENOBARBO · Continuarei a acompanhar a sorte
malferida de Antônio, muito embora
se sente contra mim o entendimento
na corrente do vento.
(Saem.)

Ato III · Cena IX

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Antônio e criados.

ANTÔNIO · Alto! A terra não quer que eu pise nela:
tem vergonha de mim. Amigos, vinde!
De tal modo atrasei-me neste mundo,
que para sempre me desviei da estrada.
Tenho um navio carregado de ouro.
Ficai com ele e dividi-o; as pazes
fazei com César.
CRIADOS · Como! Nós, fugirmos?
ANTÔNIO · Eu não fugi? Não ensinei aos fracos
de que modo correr e virar costas?
Amigos, ide; entrei por um caminho
que de vós não precisa. Abandonai-me.
No porto se acha o meu tesouro; é vosso.
Oh! fui no encalço do que neste instante
me faz ficar corado só de olhá-lo.
Revolta sinto até nestes cabelos,
pois os brancos acusam de imprudência
aos pretos, assacando estes àqueles
só medo e presunção. Amigos, ide.
Vou escrever a alguns amigos para
que a estrada vos aplanem. Por obséquio,
não fiqueis tristes, nem me deis respostas
a contragosto. Aproveitai o aceno
que vos dirijo em tanto desespero.
Abandonai quem a si mesmo deixa.
Ide diretamente para a praia,
lá vos entregarei o barco e o ouro.
Deixai-me alguns instantes, por obséquio.
Fazei isso, vos peço, que, em verdade,
ordens já não sei dar. Por isso, peço.
Dentro de pouco havemos de rever-nos.
(Senta-se.)
(Entra Cleópatra, conduzida por Charmian e Iras; Eros a segue.)
EROS · Senhora, ide falar-lhe, consolai-o.
IRAS · Sim, fazei isso, cara soberana.
CHARMIAN · Fazei, fazei! Que mais?
CLEÓPATRA · Quero sentar-me. Oh, Juno!
ANTÔNIO · Não, não, não, não!
EROS · Senhor, não a estais vendo?
ANTÔNIO · Ora! Ora!
CHARMIAN · Senhora!
IRAS · Minha senhora! Boa soberana!
EROS · Senhor! Senhor!
ANTÔNIO · É certo, meu senhor. Ele, em Filipos
levava a espada como um dançarino,
enquanto eu abatia o magro Cássio
e liquidava o tresloucado Bruto.
Tudo o que ele fazia era por meio
dos tenentes, sem ter nenhuma prática
dos destemidos esquadrões da guerra.
No entanto, agora... Pouco importa.
CLEÓPATRA · Ah! Fica!

shakespearebrasileiro.org

Eros · É a Rainha, senhor: a soberana.
Iras · Senhora, ide falar-lhe. Ele está fora
de si, inteiramente, de vergonha.
Cleópatra ·
Pois que seja. Amparai-me. Oh!
Eros · Muito nobre
senhor, eis a Rainha. Levantai-vos.
A cabeça pendida, a morte dela
se amparará, se não lhe fordes logo
levar algum consolo.
Antônio · Ofendi minha glória enormemente.
Um desvio, privado de nobreza.
Eros · A Rainha, senhor.
Antônio · Para onde, Egito,
me conduziste? Vê como eu afasto
de tua vista meu imenso opróbrio,
olhando para trás de mim e vendo
quanto ficou em ruína e desonrado.
Cleópatra ·
Oh meu senhor, perdoai as minhas velas
medrosas, em excesso. Não pensava
que podíeis seguir-me.
Antônio · Tu sabias
perfeitamente, Egito, que em teu leme
com fio atado o coração eu tinha,
e que me levarias arrastado.
Tinhas consciência da supremacia
que sobre mim exerces e que a um simples
aceno teu eu infringira as ordens
dos próprios deuses.
Cleópatra · Oh! perdão!
Antônio · Agora
será preciso que a esse moço eu mande
proposições humildes, que me valha
de fingimentos e desvios longos,
de traças vergonhosas, eu, que tinha
meio mundo nas mãos, como brinquedo,
e carreiras fazia e desfazia.
Sabias muito bem quanto me tinhas
sob teu domínio, e que esta minha espada
tornada fraca pelo amor, só a este,
em qualquer circunstância, obedecera.
Cleópatra · Perdão! Perdão!
Antônio ·
Não, não chores. Só uma dessas lágrimas vale
mais do que tudo que eu perdesse.
Dá-me um beijo; já estou com isto pago.
Mandaremos nosso preceptor falar-lhe.
Já retornou? Amor, sinto-me agora
como se fosse chumbo! — Tragam vinho!
Aí! Tragam comida! — Sabe a sorte
que quanto mais apanho mais sou forte.

(Saem.)

Ato III · Cena X

Egito. Acampamento de César.
Entram César, Dolabela, Tireu e outros.
César ·
Que entre o enviado de Antônio. Conhecei-lo?
Dolabela · César, é o preceptor dos filhos dele.
Preciso é que ele esteja depenado
completamente, para que nos mande
uma pena tão fraca, ele que tinha,
não há bastantes luas, soberanos
como seus mensageiros.

(Entra Eufrônio.)

César · Entra e fala.
Eufrônio · Tal como sou, da parte vim de Antônio.
Até bem pouco eu era tão pequeno
para seus planos como o fresco orvalho
numa folha de mirto, comparado
com a grandeza do mar.
César · Que seja assim.
Dá logo o teu recado.
Eufrônio · Ele te envia
saudares, como ao dono de sua sorte,
e te pede poder viver no Egito.
Sendo-lhe isso negado, diminui
de muito seu pedido, suplicando-te
que respirar o deixes entre a terra
e ao alto céu, como cidadão de Atenas.
Quanto a ele, só. E agora, quanto a Cleópatra:
ante tua grandeza ela se inclina,
ao teu poder se entrega e de ti pede
deixar para seus filhos o diadema
dos Ptolomeus, de que dispõe tua graça.
César · Dize a Antônio que ouvidos não possuo
para quanto ele diga. A soberana
não ficará sem ser ouvida, sendo-lhe

shakespearebrasileiro.org

concedido o que pede, se ao Egito
ela expulsar seu degradado amigo,
ou lá mesmo o matar. Fazendo ela isso,
não pedirá em vão. Para ambos disse.
EUFRÔNIO · Que te diga a Fortuna.
CÉSAR · Acompanhai-o
com uma escolta pelo Acampamento.
(Sai Eufrônio.)
(A Tireu.) Chegou o momento de experimentares
tua eloqüência. Põe bem depressa nisso.
De Cleópatra separa Marco Antônio.
Concede em nosso nome tudo quanto
te pedir, e oferece o que julgares
conveniente inventar. Nos dias prósperos
as mulheres não são bastante fortes,
mas a necessidade leva à quebra
dos votos a vestal nunca tocada.
Tireu, revela tua habilidade
e faze o edito para o teu trabalho,
que, como lei por tudo respondemos.
TIREU · Partirei, César.
CÉSAR · Vê como é que Antônio
recebe esse revés e nos transmite
teu modo de pensar de como os fatos
possam influir nele.
TIREU · Fá-lo-ei, César.
(Saem.)

Ato III · Cena XI

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Cleópatra, Enobarbo, Charmian e Iras.

CLEÓPATRA · Que fazer, Enobarbo, depois disso?
ENOBARBO · Pensar; depois, morrer.
CLEÓPATRA · Quem é culpado:
Antônio ou nós?
ENOBARBO · Antônio; apenas ele,
que deixou dominar seu apetite,
por completo, à razão. Se desertastes
da grande face da batalha, cujas
filas umas às outras punham medo,
por que razão seguir-vos? O prurido
de seu afeto não devera nunca
no mando dele influir, principalmente
quando o mundo lutava meio a meio.
sendo ele o assunto próprio da contenda.
Não foi menor opróbrio do que perda
correr empós de vossos estandartes
fugitivos, deixando seus navios
de todo atarantados.
CLEÓPATRA · Paz, te peço.
(Entra Antônio com Eufrônio.)
ANTÔNIO · Foi isso que ele disse?
EUFRÔNIO · Foi, senhor.
ANTÔNIO · E a Rainha achará clemência nele,
no caso de querer sacrificar-me?
EUFRÔNIO · Isso mesmo.
ANTÔNIO · É preciso que ela o saiba.
Basta que envies ao mancebo César
esta minha cabeça já grisalha,
para que vejas cheios até a borda
teus desejos de reinos.
CLEÓPATRA · Como! Tua
cabeça, meu senhor?
ANTÔNIO *(a Eufrônio)* · Retorna a César.
Dize-lhe que ele a flor da mocidade
traz em sua pessoa, de que o mundo
alguma coisa espera. Suas moedas,
suas legiões, seus barcos poderiam
a um covarde servir, sobressaindo-se
seus auxiliares tanto sob o mando
de César como sob o de uma criança.
Assim, o desafio a pôr de lado
suas vantagens todas e a medir-se
com meu ocaso, espada contra espada,
nós dois apenas. Vou escrever-lhe isso.
Acompanha-me.
(Saem Antônio e Eufrônio.)
ENOBARBO *(à parte)* ·
Pois não. Seria muito interessante
que o vitorioso César degradasse
sua felicidade, para aos olhos
do público mostrar-se medindo armas
com um espadachim. Vejo que o juízo
dos homens é uma parte diminuta
de sua sorte. As coisas exteriores
as faculdades interiores puxam,

shakespearebrasileiro.org

para o mesmo sofrerem. Sonhar ele —
que tão equilibrado se mostrava —
que César cheio vai mandar resposta
a sua vacuidade! Derrotaste,
César, também o julgamento dele.

(Entra um criado.)

Criado · Um correio de César!
Cleópatra · Como! Agora?
Sem mais formalidades? Damas, vede:
diante da rosa aberta o nariz tapam
os que adoravam o botão fechado.
Fazei-o entrar, senhor.

(Sai o criado.)

Enobarbo *(à parte)* · Em luta franca
nos encontramos, eu e a honestidade.
Querer ser fiel a um louco, é deixar louco
até o próprio dever. Mas quem consegue
manter-se fiel a um senhor caído,
domina o vencedor de seu próprio amo,
e herda um lugar na história.

(Entra Tireu)

Cleópatra · Que manda César?
Tireu · Dir-to-ei à parte.
Cleópatra · São só amigos; fala francamente.
Tireu · Mas amigos, quiçá, também de Antônio?
Enobarbo · Ele tem precisão, de tantos
amigos quanto César; do contrário,
nos dispensara a todos. Concordando
César com isso, correrá meu amo
para ser dele amigo. Quanto aos outros,
bem o sabeis, amigos somos sempre
de quem for ele amigo, isto é: de César.
Tireu · Que seja, então. Oh tu, Rainha ilustre,
César te pede que não consideres
em tua situação senão apenas
que ele é César.
Cleópatra · Adiante. Como príncipe.
Tireu · Ele sabe que é menos por afeto
do que por medo que abraçais Antônio.
Cleópatra · Oh!
Tireu · Apiada-se, por isso, dos estragos
causados em vossa honra e os considera
manchas à força impostas, não buscadas
por vontade.
Cleópatra · Ele é um deus, e, assim, conhece
a verdade integral. Abandonada
não foi minha honra, mas tão-só vencida.
Enobarbo *(à parte)* · Para disso poder obter certeza
vou perguntar a Antônio. Amigo, amigo,
tanta água estás fazendo, que nos basta
deixar-te naufragar, pois tua própria
querida te abandona.

(Sai.)

Tireu · Digo a César
o que dele almejais? Pois ele quase
pede que supliqueis alguma coisa.
Ficaria contente se quisésseis
um cajado fazer da sorte dele,
para vos apoiardes. Mas ao cúmulo
chegara da alegria se me ouvisse
dizer que Antônio abandonastes, para
vos colocardes sob o amparo dele,
o senhor do universo.
Cleópatra · Vosso nome?
Tireu · Tireu me chamo.
Cleópatra · Caro mensageiro,
dizei ao grande César que eu lhe beijo,
por comissão, as mãos conquistadoras.
Comunicai-lhe que disposta me acho
a lhe depor aos pés minha coroa
e, ali mesmo, ajoelhar-me. Revelai-lhe
que seu hálito todo-poderoso
o destino do Egito irá dizer-me.
Tireu · Muito nobre é o caminho que escolhestes.
Quando a sabedoria entra em conflito
com a fortuna, se não ousa aquela
nada além do possível, abalada
não será pelo acaso. Concedei-me
depor em vossa mão minha incumbência.
Cleópatra · O pai de vosso César, muitas vezes,
quando pensava em conquistar impérios,
nesse lugar indigno os lábios punha,
que então choviam beijos.

(Voltam Antônio e Enobarbo.)

Antônio · Como! Graça?
Por Jove atroador! Quem és, maroto?
Tireu · Alguém que apenas executa as ordens
do mais poderoso homem, do mais digno
de ser obedecido.
Enobarbo *(à parte)* · Não escapas da chibata.
Antônio · Aproxima-te! És tu mesma,
víbora! Agora — deuses e demônios! —
sinto que se me escapa a autoridade.
Antes quando eu gritava "Olá"! tal como
criança em jogo, os reis se apressuravam

shakespearebrasileiro.org

gritando: "Que quereis?" Não tendes ouças?
Ainda sou Antônio.

(Entram criados.)

Levai este malandro e chibateai-o!

ENOBARBO *(à parte)* ·
É melhor provocar um leãozinho
do que um leão já velho e moribundo.

ANTÔNIO · Pela lua e as estrelas! Chibateai-o!
Embora fossem vinte dos mais fortes
tributários de César, se os achasse
com tamanho desplante a mão pegando
desta... Sim, qual seu nome, depois que ela
Cleópatra já não é? Azorragai-o,
amigos, até que ele, como criança,
contraia o rosto e compaixão implore.
Levai-o bem depressa.

TIREU · Marco Antônio...

ANTÔNIO · Levai-o logo; e, uma vez bem zurzido,
trazei-o aqui de novo. Esse lacaio
de César vai levar-lhe meu recado.

(Saem criados com Tireu.)

Quando vos conheci, já vos acháveis
meio passada. Ah! Ter deixado em Roma
meu travesseiro, sem pôr nele a marca
da cabeça; privar-me de uma prole
legítima com minha esposa rara,
para abusado assim me ver por uma
mulher que dá atenção a parasitas!

CLEÓPATRA · Meu bondoso senhor...

ANTÔNIO · Sempre fostes versátil. Quando o calo
criamos no vício — oh opróbrio! — os deuses sábios
os olhos nos embuçam, atolando-se
no próprio lodo o nosso claro juízo;
fazem que nossos erros adoremos,
riem de nós, enquanto, mui vaidosos,
marchamos para nossa decadência.

CLEÓPATRA · Como! Chegamos a isso?

ANTÔNIO · Fui achar-vos
como um bocado frio na travessa
do falecido César... Não, apenas
uma migalha para Cneu Pompeu;
sem mencionarmos as ardentes horas
que a fama não marcou e que soubestes
abocar com luxúria. Pois embora
possais saber o que é a temperança —
disso tenho certeza — nunca a vistes.

CLEÓPATRA · Aonde quereis chegar?

ANTÔNIO · Deixar que um tipo
que recebe propinas e responde:
"Que Deus vos recompense!" se mostre íntimo
de minha companheira de folguedos,
dessa mão, timbre real, penhor donoso
de altivos corações! Oh! se eu me achasse
sobre o monte Basan, para mais alto
mugir ainda do que os bois de chifre!
Tenho razões selvagens para tanto.
Moralmente aduzi-las fora como
se um pescoço no laço ao seu carrasco
agradecesse a grande habilidade.

(Voltam os criados com Tireu.)

Foi chibateado?

PRIMEIRO CRIADO · Sim, senhor; de rijo.

ANTÔNIO · Gritou? Pediu perdão?

PRIMEIRO CRIADO · Pediu piedade.

ANTÔNIO · Se teu pai vive, que ele se arrependa
de não teres nascido filha dele.
Enquanto a ti, reflete o que acontece
aos que acompanham César em seu triunfo,
pois só por isso fostes azorragado.
Fica com febre doravante, à vista
das brancas mãos de uma senhora; treme
tão-só de olhar para elas. Vai; retorna
para César e dize como foste
recebido por mim. Vê: vais dizer-lhe
que irritado em excesso ele me deixa,
por altivo mostrar-se e desdenhoso,
a tocar sempre e sempre a mesma música:
o que sou, porém não — o que ele sabe
muito bem — o que fui. Isso me irrita,
o que ora é muito fácil, porque os astros
benfazejos, meus guias até há pouco,
vazias suas órbitas deixaram,
disparando seus fogos tão-somente
nos abismos do inferno. Caso minhas
palavras o exasperem, tudo o que houve,
lembra-lhe que com ele se acha Hiparco,
meu escravo liberto, que, à vontade,
pode ele chibatear, pôr a tormentos,
enforcar... como queira, para quite
ficar comigo. Põe bem depressa nisso.
Fora daqui com essas pisaduras!

(Sai Tireu.)

shakespearebrasileiro.org

Cleópatra · Já terminastes?
Antônio · Ah! nossa terrena
lua sofreu eclipse e só proclama
o declínio de Antônio.
Cleópatra · Dar-lhe-ei tempo
para que se refaça.
Antônio · Poderíeis,
para adular a César, lançar olhos
morteiros para quem lhe amarra os laços?
Cleópatra · Desconheceis-me ainda?
Antônio · Indiferente
serdes comigo? Coração ter frio?
Cleópatra ·
Ah, querido! Se eu for assim, que deste
coração frio o céu granizo faça
e na fonte o envenene, e que a primeira
pedra atingir me venha no pescoço,
com minha vida, a um tempo, se esfazendo.
Caia em Cesário a outra, até que, aos poucos
jazam todos os frutos de meu ventre
sem sepultura, e meus egípcios bravos
nessa alude de pedras, té que as moscas
e os mosquitos do Nilo a todos eles
dêem a tumba das presas.
Antônio · Basta-me isso.
César está em frente a Alexandria,
onde pretendo desafiar-lhe a sorte.
Nossas forças de terra se portaram
nobremente; os navios dispersados
se reuniram de novo e ora navegam,
os mares ameaçando. Onde te achavas,
meu coração? Escutas-me, senhora?
Se eu voltar novamente da campanha
para os lábios beijar-te, recoberto
de sangue me verás. Eu e esta espada
para a lenda entraremos. A esperança
não se apagou de todo.
Cleópatra · És meu valente
Senhor!

Antônio · Sinto-me agora com três vezes
mais coração, com triplicado fôlego,
com músculos dobrados para à luta
me atirar com violência. Quando as minhas
horas eram risonhas e felizes,
a vida os inimigos resgatavam
com simples brincadeiras. Mas agora
os dentes rangerei e para as trevas
mandarei quem me vier barrar o passo.
Vem! Aprestemos outra noite alegre;
convoca os capitães atribulados;
mais uma vez enchamos nossas taças
e zombemos do sino da alta noite.
Cleópatra · Hoje é meu natalício. Imaginara
que iria festejá-lo pobremente.
Mas, uma vez que meu senhor Antônio
voltou a ser, eu também sou Cleópatra.
Antônio · Tudo há de melhorar.
Cleópatra · Dizei aos nobres capitães que venham
falar com meu senhor.
Antônio · Manda chamá-los.
Isso mesmo. Desejo conservá-los.
Essa noite hei de dar-lhes tanto vinho,
que vai jorrar até das cicatrizes.
Vamos, Rainha; ainda temos seiva.
No próximo combate a própria morte
vai amar-me; pretendo concorrência
fazer ao seu pestilencial alfanje.

(Saem todos, com exceção de Enobarbo.)

Enobarbo · Ofuscar pretende ele ora o relâmpago.
Ficar enfurecido é revelar-se
assombrado de medo. Neste estado,
contra o avestruz se atreve a própria pomba.
Verifico também que toda falha
no cérebro dá ânimo à coragem
de nosso capitão. Sempre que presa
faz da razão a própria valentia,
corrói a espada que à defesa serve.
Vou procurar um meio de deixá-lo.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena I

Diante de Alexandria. Acampamento de César.
Entra César, lendo uma carta; Agripa, Mecenas e outras pessoas.

CÉSAR · Chama-me de menino e me repreende,
como se força ele tivesse para
do Egito me expulsar. Meu emissário
foi por ele açoitado. Desafia-me
para um duelo: Antônio contra César.
Pois que o velho bufão fique sabendo
que eu sei de outros caminhos para a morte.
Mas até lá seu desafio apenas
o riso me provoca.
MECENAS · César deve
considerar que quando uma pessoa
tão grande se revela assim furiosa,
é que se sente acuada ao ponto extremo.
Não lhe deis trégua para refazer-se,
mas procurai tirar todo o partido
de sua distração. Jamais a cólera
foi boa guardadora de si própria.
CÉSAR · Dizei aos capitães que amanhã cedo
tencionamos travar a derradeira
das numerosas pugnas da campanha.
Entre nossas fileiras temos muitos
que até bem pouco tempo ainda serviam
a Marco Antônio, em número bastante
para apossar-se da pessoa dele.
Providenciai logo isso. Dai comida
a nossos homens. Temos provimento
e eles bem o merecem. Pobre Antônio!

(Saem.)

Ato IV · Cena II

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Antônio, Cleópatra, Enobarbo, Charmian, Iras, Alexas e outras pessoas.

ANTÔNIO · Domício, não se baterá comigo.
ENOBARBO · É certo.
ANTÔNIO · E por que não?
ENOBARBO · Porque, julgando-se
com sorte vinte vezes mais risonha,
pensa que a luta, assim, travada fora
de vinte contra um.
ANTÔNIO · Em mar e em terra
lutarei amanhã; ou continuo
com vida, ou banharei a moribunda
glória em meu sangue, para que reviva.
Pretendes lutar bem?
ENOBARBO · Hei de bater-me
gritando: "Toma tudo!"
ANTÔNIO · Mui bem dito.
Vamos; chama meus criados. Que haja mesa
liberal esta noite.

(Entram três ou quatro criados.)

Dá-me a mão.
Honesto sempre foste. E eu, também.
E tu, e tu... Vós sempre me servistes
muito bem, tendo reis por companheiros.
CLEÓPATRA *(à parte, a Enobarbo)* ·
Que é que ele quer?
ENOBARBO *(à parte, a Cleópatra)* ·
É uma dessas baldas
que faz nascer do cérebro a tristeza.
ANTÔNIO · Tu também és honesto. Desejara
poder ser dividido em muitos homens,
e que vós num Antônio vos reunísseis,
porque tão bons serviços vos prestasse
como a mim tendes feito.
CRIADOS · Oh! que os deuses
não o permitam!
ANTÔNIO · Caros companheiros:
servi-me ainda esta noite, não poupando
minhas taças. Fazei comigo como
se também um de vós fosse meu reino
e as ordens me acatasse.
CLEÓPATRA *(à parte, a Enobarbo)* · Que quer ele?
ENOBARBO *(à parte, a Cleópatra)* ·
Fazer que os criados chorem.

shakespearebrasileiro.org

Antônio ·
Servi-me ainda esta noite. É bem possível
que vossa obrigação aí termine.
Talvez não me vejais de novo, ou apenas
como a sombra disforme; talvez a outro
senhor ireis servir amanhã mesmo.
Olho-vos como alguém que se despede.
Meus fiéis amigos, não vos mando embora;
como amo, desposei vossos serviços,
de que só pela morte me separo.
Servi-me ainda esta noite duas horas;
mais não peço, e que os deuses vos premiem.
Enobarbo · Senhor, por que deixá-los abatidos?
Olhai, estão chorando, e eu, um grande asno,
julgo também cebola ter nos olhos.
Ora, ora! Não façais de nós mulheres.
Antônio · Ho, ho, ho!
Leve-me a bruxa, se eu pensava nisso.
Nasce a felicidade dessas gotas.
Caros amigos, dais um doloroso
sentido ao meu discurso; quanto eu disse
foi com a intenção apenas de animar-vos,
para a noite com tochas incendiardes.
Sabei, meus corações, que espero muito
do dia de amanhã, e que vos levo
para onde hei de alcançar vida gloriosa,
não a morte com honra. Para a ceia
sigamos, e afoguemos a tristeza.

(Saem.)

Ato IV · Cena III

O mesmo. Diante do palácio.
Entram dois soldados, para ficarem de guarda.

Primeiro Soldado ·
Bom dia, irmão; é amanhã o dia.
Segundo Soldado ·
Que vai decidir tudo. Passai bem.
Ouviste algo estranho pelas ruas?
Primeiro Soldado ·
Não ouvi coisa alguma. Que há de novo?
Segundo Soldado ·
Talvez seja só boato. Boa noite.
Primeiro Soldado ·
Pois não, senhor; o mesmo vos desejo.
(Entram dois outros soldados.)
Segundo Soldado ·
Prestai muita atenção durante a guarda.
Terceiro Soldado ·
Vós também. Boa noite. Boa noite.
(Os dois primeiros soldados se colocam em seus lugares.)
Quarto Soldado · Nós dois, aqui.
(Colocam-se também nos seus.)
Caso amanhã a
[armada
leve a melhor, tenho esperança plena
de que as forças de terra fiquem firmes.
Terceiro Soldado · É um exército bravo e decidido
(Música subterrânea, como de oboés.)
Quarto Soldado ·
Paz! Que barulho é esse?
Primeiro Soldado · Ouvi! Ouvi!
Segundo Soldado ·
Ouvi!
Primeiro Soldado · Música no ar.
Terceiro Soldado · Não, sob a terra.
Quarto Soldado ·
É bom sinal, pois não?
Terceiro Soldado · Não.
Primeiro Soldado · Paz, vos digo.
Por que será essa música?
Segundo Soldado · É o deus Hércules
tão amado de Antônio e que o abandona.
Primeiro Soldado ·
Vamos saber se os outros guardas ouvem
o que estamos ouvindo.
(Adiantam-se para o outro posto.)
Segundo Soldado · Então, amigos?
Soldados ·
Que é que há? Que é que há? Ouvis alguma coisa?
Primeiro Soldado ·
Ouvimos; não é estranho?
Terceiro Soldado · Estais ouvindo,
mestres? Estais ouvindo?
Primeiro Soldado · Acompanhemos
o ruído até onde for a guarda.
Vejamos como acaba.
Soldados · Certo. É estranho.

(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena IV

O mesmo. Um quarto no palácio.
Entram Antônio e Cleópatra, Charmian e outros servidores

Antônio · Eros, minha armadura.
Cleópatra · Dorme um pouco.
Antônio ·
Não, pombinha. Vem, Eros! A armadura!
(Entra Eros, com a armadura.)
Vamos, amigo; veste-me esses ferros.
Se hoje a fortuna não ficar conosco,
é porque a desafiamos. Vamos logo.
Cleópatra · Não, eu o ajudo. Para que serve isto?
Antônio ·
Não, deixa isso, és o armeiro do meu peito.
Errado! Errado!... É assim.
Cleópatra · Devagarinho,
quero ajudar também. Deve ser isto.
Antônio · Muito bem; muito bem. Dá tudo certo.
Vês, bom amigo? Agora vai armar-te.
Eros · Sem demora, senhor.
Cleópatra · Afivelado
não ficou tudo bem?
Antônio · Otimamente.
Quem vier desfazer isto, antes de termos
resolvido gozar de algum repouso,
colherá tempestades. Não tens jeito,
Eros, nenhum; minha Rainha mostra-se
escudeiro mais hábil. Vamos logo.
Oh amor! não te ser possível hoje
ver-me lutar e compreender um pouco
da real atividade! Então verias
um verdadeiro mestre.
(Entra um soldado armado.)
A ti, bom dia.
Bem-vindo sejas. Mostras pelo aspecto
que conheces o ofício dos guerreiros.
Cedo nos levantamos para quanto
dedicamos amor e, mui contentes,
a tarefa iniciamos.
Soldado · Um milheiro
de soldados, senhor, desde bem cedo,
como eu, vestiram-se de ferro e aguardam
à porta vossas ordens.
(Ouvem-se exclamações. Fanfarra.)
(Entram capitães e soldados)
Capitão · Radiosa está a manhã. Muito bom dia, general.
Todos · General, muito bom dia.
Antônio · Boa música, amigos. Esse dia
começa com o espírito de um jovem
que promete ser grande desde cedo.
Assim... Dá-me isso... Bem. Muito bem dito.
Senhora, adeus. Seja qual for meu dia,
eis um beijo marcial. *(Beija-a.)* Fora mostrar-me
passível de censura, digno mesmo
de crítica oprobriosa, por mais tempo
ficar aqui sem cumprimentos baixos.
Como homem de aço vou deixar-te agora.
Os que quiserem ir lutar, me sigam,
pois saberei guiá-los. Bem; adeus.
(Saem Antônio, Eros, o capitão e os soldados.)
Charmian · Por favor, retirai-vos para o quarto.
Cleópatra · Conduze-me. Partiu galantemente.
Oh! se ele e César esta grande guerra
decidissem em luta corpo a corpo!
Então, Antônio... Mas assim... Que seja!
(Saem.)

Ato IV · Cena V

Alexandria. Acampamento de Antônio.
Toque de trombeta. Entram Antônio e Eros; um soldado avança ao encontro de ambos.

Soldado · Que hoje os deuses a Antônio dêem bom dia.
Antônio ·
Ah! quem me dera que eu te houvesse ouvido,
quando instavas, com essas cicatrizes,
para eu lutar em terra!
Soldado · Se o tivesses
feito, os monarcas que se revoltaram

shakespearebrasileiro.org

contra ti, e o soldado que hoje cedo
te abandonou, contigo seguiriam.
Antônio · Quem fugiu hoje cedo?
Soldado · Quem? Pessoa
muito chegada a ti. Chama Enobarbo,
que ele não te ouvirá, ou então, do campo
de César, te dirá: "Não sou dos teus".
Antônio · Que me dizes?
Soldado · Senhor, está com César.
Eros · Senhor, suas canastras e tesouros,
ele deixou aqui.

Antônio · Então partiu?
Soldado · Nada mais certo.
Antônio · Envia-lhe, Eros, tudo,
todo o tesouro. Sim, faze isso logo,
é o que te digo. Escreve-lhe uma carta —
assiná-la-ei — com cordiais adeuses
e cumprimentos, e que faço votos
para que ele jamais tenha motivo
de uma vez mais vir a mudar de mestre.
Oh! minha sorte infausta chegou mesmo
a corromper os bons. Vai. Enobarbo!

Ato IV · Cena VI

Diante de Alexandria. Acampamento de César.
Fanfarra. Entra César com Agripa, Enobarbo e outros.

César · Vai, Agripa; inicia logo a luta.
Meu desejo é que Antônio seja feito
prisioneiro; fazei sabê-lo a todos.
Agripa · Perfeitamente, César.

(Sai.)

César · Aproxima-se
a paz universal. Se o dia de hoje
for venturoso, o mundo de três cantos
levará livre o ramo de oliveira.

(Entra um mensageiro.)

Mensageiro · Antônio está no campo de batalha.
César · Então ordena a Agripa que coloque
todos os desertores na vanguarda,
para que, de algum modo, Antônio gaste
contra si mesmo a fúria.

(Sai César com seu séquito.)

Enobarbo · Alexas desertou; indo à Judéia
a negócios de Antônio, o grande Herodes
persuadiu a passar-se para César,
abandonando seu senhor Antônio.
Como prêmio, enforcá-lo mandou César.
Canídio e os mais que a Antônio abandonaram.
têm tratamento, mas não muito honroso.
Procedi muito mal e disso mesmo
de tal modo me acuso, que impossível
me será readquirir minha alegria.

(Entra um soldado de César.)

Soldado · Enobarbo, mandou-te Antônio toda
tua riqueza, com mais outras dádivas
generosas. O portador achou-me
no meu posto de guarda; neste instante
em tua tenda descarrega as mulas.
Enobarbo · Podes ficar com tudo.
Soldado · Estás pensando
que é pilhéria, Enobarbo? Falo sério.
Farias bem em escoltar teu hóspede
até fora do campo, que eu preciso
cuidar da obrigação. Se não fora isso,
eu próprio o acompanhara. Continua
sendo um Júpiter vosso imperador.

(Sai.)

Enobarbo · Sou o único vilão de toda a terra,
e sinto-o fundamente. Oh Antônio! Antônio!
tesouro inesgotável de favores!
Como não pagarias meus serviços,
se coroas com ouro a vilania?
Partem-me o coração tantos abalos.
Se o remorso veloz não o arrebenta,
há de haver meio mais veloz do que ele.
Mas é certeza: só o remorso basta.
Eu, lutar contra ti? De forma alguma.
Hei de achar uma fossa onde enterrar-me;
a mais imunda é a que convém a última
parte de minha vida.

(Sai.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena VII

Campo de batalha entre os dois acampamentos. Fanfarra. Tambores e trombetas. Entram Agripa e outros.

AGRIPA · Convém recuar, pois avançamos muito.
O próprio César vê-se assoberbado.
Vai muito além de nossa expectativa
a pressão que eles fazem.

(Saem.)

(Alarma. Entram Antônio e Escaro, ferido.)

ESCARO · Oh bravo imperador! Isto, realmente,
é que é saber lutar! Se nós tivéssemos
feito assim desde o início, enxotaríamos
todos eles com a testa amarrotada.
ANTÔNIO · Estás sangrando muito.
ESCARO · Esta ferida
tinha a forma de um T; mas, acrescida
de outra, virou H.
ANTÔNIO · Eles recuam.
ESCARO · Havemos de batê-los, até mesmo
no interior das privadas. Ainda tenho
lugar para levar mais seis gilvazes.

(Entra Eros.)

EROS · Vencemo-los, senhor; nossa vantagem
vale por uma esplêndida vitória.
ESCARO · Risquemos-lhes as costas e agarremo-los
como se faz com as lebres: pelo dorso.
É desporto malhar um fugitivo.
ANTÔNIO · Hei de pegar-te o gênio sempre alegre
e premiar-lhe dez vezes a bravura.
Acompanhai-me.
ESCARO · Irei; embora aos pulos.

(Saem.)

Ato IV · Cena VIII

Junto aos muros de Alexandria.
Fanfarra. Entra Antônio, em marcha militar, seguido de Escaro e de soldados.

ANTÔNIO ·
Forçamo-lo a acolher-se ao próprio campo.
Vá alguém na frente para nossos feitos
anunciar à Rainha. Amanhã cedo,
antes de o sol nos ver, derramaremos
o sangue que deixou de correr hoje.
A todos agradeço. Valorosos
vos mostrardes, lutando não apenas
como se a causa de outrem defendêsseis,
mas cada um, tal como eu, a causa própria.
Outros tantos Heitores parecíeis.
Entrai um pouco na cidade, vossas
esposas abraçai, vossos amigos.
Contai-lhes vossos feitos. Ledas lágrimas
vos limparão de coágulos as chagas,
beijos farão sarar os nobres talhos.

(A Escaro.)

Dá-me a mão.

(Entra Cleópatra, com séquito.)

A esta fada extraordinária
recomendo teus feitos. Recompensem-te
seus agradecimentos. Luz do mundo,
em teus braços aperta-me o pescoço.
Salta-me ao coração com todos esses
adornos, através desta couraça,
e lá te embala no pular glorioso.
CLEÓPATRA · Rei dos reis, heroísmo sem limites,
sorridente escapaste da cilada
gigantesca do mundo?
ANTÔNIO · Meu querido
rouxinol, para a cama os expulsamos.
Então, menina, embora uns fios brancos
já se mostrem no meio dos castanhos,
cérebro temos que alimenta os nervos
e com os moços disputa a primazia.
Contempla este guerreiro; aos lábios dele
concede tua mão. Beija-a, meu bravo.
Hoje ele combateu como se um deus,
por ódio à humanidade, lhe tivesse
tomado a forma para dizimá-los.
CLEÓPATRA ·
Vou dar-te, amigo, uma armadura de ouro;

shakespearebrasileiro.org

pertenceu a um monarca.
Antônio · Ele a merece,
embora de rubis fosse ela cheia,
como o sagrado carro do alto Febo.
Dá-lhe tua mão; faze uma bela marcha
por toda Alexandria, carregando
nossos escudos de tão grandes brechas,
como seus próprios donos. Se pudesse
nosso grande palácio abrigar todos
os seus soldados, juntos cearíamos
e brinde levantaríamos ao dia
de amanhã, que perigo régio apresta.
Trombeteiros, com vosso som metálico
ensurdecei o ouvido da cidade,
de mistura com o rufo dos tambores,
para que o céu e a terra soem juntos
e nossa marcha aplaudam.

(Saem.)

Ato IV · Cena IX

Acampamento de César.
Sentinelas a postos.

Primeiro Soldado ·
Dentro de uma hora, se não nos renderem,
será preciso que nos recolhamos
para o corpo da guarda. Há claridade;
às duas horas da manhã, disseram,
será iniciada a pugna.
Segundo Soldado · O dia de ontem
foi para nós terrível.

(Entra Enobarbo.)

Enobarbo · Noite, serve-me
de testemunha!
Terceiro Soldado · Quem será esse homem?
Segundo Soldado ·
Ficai perto e escutai.
Enobarbo · Oh lua santa,
quando em futuro forem relembrados
com memória odiosa os desertores,
testemunha me sejas de que em tua
face o pobre Enobarbo se arrepende.
Primeiro Soldado ·
Enobarbo!
Terceiro Soldado · Silêncio! Ouçamos mais.
Enobarbo · Oh grande soberana das tristezas
verdadeiras, em mim despeja todos
os vapores pestíferos da noite,
porque a vida, já agora divorciada
de meu querer, em mim não mais se prenda.
Joga meu coração de encontro à rocha
e à dureza de minha grande falta,
que, ressecado estando de tristeza,
vai transformar-se em pó, dando remate,
desta arte, aos pensamentos vergonhosos.
Oh Antônio — mais nobre és do que vilíssima
foi minha deserção — possas em tua alma
perdoar o que te fiz e, após, que o mundo
me inscreva em seu registo como trânsfuga
e ingrato ao próprio dono. Oh Antônio, Antônio!

(Morre.)

Segundo Soldado ·
Vamos falar-lhe.
Primeiro Soldado · Não; fiquemos quietos.
A César pode interessar tudo isso.
Terceiro Soldado ·
Bem; que seja. Parece estar dormindo.
Primeiro Soldado ·
Ou melhor, desmaiou, pois ninguém reza
dessa maneira, quando vai deitar-se.
Segundo Soldado ·
Vamos chamá-lo.
Terceiro Soldado · Olá, senhor, falai-nos!
Meu senhor, acordai!
Segundo Soldado · Estais ouvindo?
Primeiro Soldado ·
A mão da morte já baixou sobre ele.

(Tambor ao longe.)

Ouvi! O rufo dos tambores deixa
despertos os que dormem. Transportemo-lo
para o corpo da guarda. É gente fina.
Já passou nosso quarto.
Terceiro Soldado · Vamos, ainda
pode voltar a si.

(Saem carregando o corpo.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena X

Planície entre os *dois acampamentos.*
Entram Antônio e Escaro, com forças, em marcha.

ANTÔNIO · Hoje os preparativos deles visam
a um combate no mar; não lhes deixamos
boa impressão em terra.
ESCARO · Visam a ambos,
meu senhor.
ANTÔNIO · Desejara que quisessem
brigar no ar e no fogo que eu iria
batê-los até lá. Mas eis o ponto:
a infantaria ficará conosco
na colina mais perto da cidade.
Para o mar já dei ordens. Os navios
o porto abandonaram, colocando-se
onde melhor possamos observá-los
e ver como manobram.

(Saem.)

(Entra César com suas forças, em marcha.)

CÉSAR · Se não nos atacarem, ficaremos
quietos em terra, que é como pensamos
que vai acontecer, pois as galeras
ele equipou com seus melhores homens.
Desçamos para o vale. Sede atento
para quanto nos possa dar vantagem.

(Saem.)

(Voltam Antônio e Escaro.)

ANTÔNIO · Ainda não se chocaram. De onde aquele
pinheiro se alça poderei ver tudo.
Logo virei contar-te o que acontece.

(Sai.)

ESCARO · Nas antenas de Cleópatra construíram
ninhos as andorinhas. Consultados,
os áugures respondem que não sabem,
que não podem falar, fazem carranca,
não se atrevendo a revelar-nos nada.
Antônio ora é valente, ora abatido,
com sobressaltos, sua sorte inquieta
lhe infunde medo ou o deixa reanimado,
conforme considere o que já obteve
ou o que falta alcançar.

(Barulho ao longe, como de batalha naval.)

(Volta Antônio.)

ANTÔNIO · Perdido tudo!
Traiu-me a Egípcia infame; minha esquadra
se passou para o inimigo; os marinheiros
jogam para o ar os gorros e, formando
grupos ali, alegremente bebem
como amigos há muito separados.
Três vezes prostituta! fui vendido
por ti a esse noviço. A ti, somente,
meu coração faz guerra. Dize a todos
que fujam, pois quando eu puder vingar-me
da feiticeira, terei feito tudo.
Dize a todos que fujam. Vai depressa.

(Sai Escaro.)

Oh sol! não mais verei teu nascimento.
Antônio e sua sorte aqui se apartam;
as mãos nos apertamos neste ponto.
Chegaremos a isto? Os corações que vinham
rastejar a meus pés, como sabujos,
aos quais eu sempre fiz todos os gostos,
agora se dispersam, derramando
sobre o flórido César seus perfumes.
E fendido se encontra este pinheiro
que a todos abrigava. Fui traído.
O coração enganador do Egito,
fatal feitiço, cujos olhos sempre
me armavam para a guerra ou me faziam
dela sair, em cujo peito eu tinha
minha coroa, a meta da existência!
tal como uma cigana, me enganaste
de todo jeito e me lançaste ao próprio
coração da desgraça! Eros! Eros!

(Entra Cleópatra.)

Para trás, malefício!
CLEÓPATRA · Por que se acha
com seu amor o meu senhor zangado?
ANTÔNIO · Some de minha vista; do contrário,
dar-te-ei o que mereces, estragando
o triunfo, assim, de César. Que te pegue,
que te exponha aos apupos da canalha!
Vai atrás de seu carro, como a grande
mancha de todo o sexo. Por um óbolo,
pela menor entrada serás vista
como um dos monstros mais característicos;

shakespearebrasileiro.org

e que com suas unhas bem afiadas
a meiga Otávia te lacere o rosto.

(Sai Cleópatra.)

Fizeste bem fugindo, se se pode
dizer assim, por continuares viva.
Fora melhor que presa ora te visses
de minha fúria, que tua morte, apenas,
prevenira muitas. Eros! Eros!
A camisa de Nessus me comprime.
Alcides, meu antepassado, ensina-me
tua cólera! Deixa que nos cornos
da lua eu ponha Licas, e com esta
mesma mão que brandiu a clava ingente
a melhor parte de mim próprio extinga.
Que morra a feiticeira! Ela vendeu-me
para o jovem romano; caio vítima
da conjura dos dois. Morra por isso.
Eros, olá!

(Sai.)

Ato IV · Cena XI

Alexandria. Um quarto no palácio.
Entram Cleópatra, Charmian, Iras e Mardian.

Cleópatra · Auxiliai-me, querida. Ele se acha
mais louco do que o próprio Telamônio,
quando perdeu o escudo. O javali
da Tessália jamais ficou tão bravo.
Charmian · No mausoléu fechai-vos e mandai-lhe
dizer que já morrestes. A alma e o corpo
não lutam com mais força ao se apartarem,
como a grandeza, quando vai embora.
Cleópatra ·
Sim, para o túmulo. Vai, Mardian; dize-lhe
que eu me matei. Deves também contar-lhe
que, ao expirar, minha última palavra
foi "Antônio". Mas, por favor, exprime-te
com bastante ênfase. Vai, Mardian, logo,
e vem contar-me de que modo a nova
recebeu dessa morte. Para o túmulo!

(Saem.)

Ato IV · Cena XII

O mesmo. Outro quarto.
Entram Antônio e Eros.

Antônio · Eros, ainda me vês?
Eros · Sim, nobre chefe.
Antônio · Às vezes contemplamos uma nuvem
que parece dragão; às vezes forma
toma o vapor de leão ou feroz urso,
de cidade com torres, pedra ingente
de promontório azul coroado de árvores,
que oscila sobre o mundo, e nossa vista
deixa atemorizada sem motivo.
Sinais como esses já tens visto muitos;
são fantasmas das tardes enubladas.
Eros · Sim, meu senhor, já vi.
Antônio · O que um ginete
parecia transformar-se, no instante
de refletires, e desaparece
como água na própria água.
Eros · Justamente.
Antônio · Eros, bravo menino, um corpo desses
agora é o teu senhor. Ainda Antônio
sou neste instante, mas durar não pode
muito tempo esta forma que aparece.
Fiz as guerras do Egito. Mas Cleópatra,
no entanto — cujo coração meu era,
pois o meu era dela, e em todo o tempo
que foi meu anexava muitos outros,
um milhão mais... todos perdidos, todos —
ela, Eros, como disse, jogou cartas
com César e roubou minha alta glória,
para triunfar do inimigo. Não, não chores,
meu gentil Eros, pois nos resta ainda
darmos fim a nós próprios.

(Entra Mardian.)

Tua vil ama me roubou a espada!

MARDIAN · Não, Antônio; minha ama te adorava
e a sorte dela entrelaçou com a tua.
ANTÔNIO · Fora daqui, eunuco imundo! Fora!
Ela traiu-me e vai morrer por isso.
MARDIAN ·
Ninguém duas vezes paga à morte a dívida.
A dela já está paga. O que querias
fazer foi feito perto de ti mesmo.
Sua última palavra foi "Antônio!
meu muito nobre Antônio!" um lacerante
gemido em dois partiu de Antônio o nome,
que ficou dividido entre seus lábios
e o coração. Assim perdeu a vida.
sepultando teu nome nela própria.
ANTÔNIO · Então, morreu?
MARDIAN · Morreu.
ANTÔNIO · Eros, desarma-me.
A tarefa do dia está concluída,
precisamos dormir. *(A Mardian.)* Parte com vida;
paga-te isso o trabalho ricamente.
(Sai Mardian.)
Arranca-me tudo isto. Nem o escudo
de Ajaz, de sete folhas, poderia
conter os batimentos com que ao peito
me ataca o coração. Flancos, abri-vos!
Coração, uma vez somente mostra-te
mais poderoso do que teu invólucro,
arrebentando tua frágil caixa.
Depressa, Eros, depressa! O combatente
já se extinguiu. Ide, pedaços soltos;
fostes usados com alguma honra.
Eros, deixa-me só por uns momentos.
(Sai Eros.)
Vou alcançar-te, Cleópatra, e, com lágrimas,
obter o meu perdão. Tem de ser isso;
qualquer tardança, agora, é sofrimento.
Extinta a tocha, deita-te, deixando
de andar por descaminhos. Todo esforço,
de agora em diante estragaria a obra.
Até o próprio vigor se embaraçara
na resistência própria. Põe o selo,
e tudo está acabado. Eros, atende-me! —
Já vou, minha Rainha! — Eros, escuta-me!
Onde as almas repousam sobre flores,
mão com mão nós iremos, e os espectros
deixaremos atônitos com nossa
postura apaixonada. Sem cortejo
vai ficar Dido e seu querido Enéias,
correndo todos para nós. Vem, Eros!
(Volta Eros.)
EROS · Que deseja meu amo?
ANTÔNIO · Desde a morte
de Cleópatra tão baixa é a minha vida
que somente asco tem causado aos deuses.
Eu que com a espada o mundo retalhava
e construía cidades de navios
no glauco dorso de Netuno, agora
me maldigo por ver que sou mais fraco
que uma mulher e por não ter o espírito
nobre daquela que por sua morte
ao nosso César disse: "De mim própria
fui a conquistadora." Prometeste-me,
Eros, que quando fosse necessário —
o que acontece justamente agora —
e nas costas eu visse a inevitável
perseguição do horror e da desgraça,
a um sinal meu a vida me tirarias.
Faze isso. Chegou a hora. Não me feres,
assim fazendo; a César é que frustras.
Põe um pouco de cor nessas bochechas.
EROS · Os deuses que me amparem! Poderia
fazer o que jamais as flechas partas,
apesar de inimigas, conseguiram,
falhando todas o alvo?
ANTÔNIO · Eros, querias
de uma janela da grandiosa Roma
ver teu amo de braços amarrados,
o submisso pescoço assim dobrado,
e fronte baixa ante a vergonha imensa,
enquanto roda à frente dele o carro
do venturoso César, mais relevo
dando com isso à sua humilhação?
EROS · Não desejara vê-lo.
ANTÔNIO · Então vem logo;
um golpe, só, me vai deixar curado.
Saca essa honesta espada, que serviços
tão valiosos já tem prestado à pátria.
EROS · Oh! poupai-me, senhor!
ANTÔNIO · Ao libertar-te,
não me juraste que farias isso
no instante em que o pedisse? Então sê pronto,
para que teus serviços não pareçam
frutos do acaso, apenas, sem propósito.
Saca da espada e vem.
EROS · Bem; nesse caso
virai para o outro lado o nobre aspecto,

shakespearebrasileiro.org

em que o respeito está do mundo todo.
Antônio *(virando-se)* ·
Vem logo, então.
Eros · Já estou de espada em punho.
Antônio · Usa-a depressa para o que a tiraste.
Eros · Meu caro mestre, capitão querido,
meu caro imperador, deixai que eu diga,
antes de dar esse sanguíneo golpe,
deixai que eu diga adeus.
Antônio · Pois, não, amigo; adeus.
Eros · Adeus, meu chefe.
Posso ferir agora?
Antônio · Podes, Eros.
Eros · Então, que seja. Assim fujo à tristeza
de lastimar Antônio.

(Mata-se.)

Antônio ·
Oh! três vezes mais nobre do que eu mesmo.
Meu valente Eros, mostra-me o que eu próprio,
não tu, fazer devia. O gesto altivo
de Eros e da Rainha me fizeram
despertar a nobreza. Mas desejo
ser o noivo da morte e dirigir-me
para ela como para o leito amado.
Que venha, então. E assim, Eros, teu amo
deixará a vida como teu discípulo.
A fazer isto me ensinaste.

(Deixa-se cair sobre a espada.)

Como!
Não morri? Não morri? Olá! A guarda!
Oh! Acabai de vez com minha vida.

(Entram Dercetas e Guardas.)

Primeiro Guarda ·
Quem faz esse barulho?
Antônio · Oh meus amigos,
fiz mal o meu trabalho. Dai remate
a quanto principiei.
Segundo Guarda · Baixou a estrela.
Primeiro Guarda ·
E chega ao fim o tempo.
Todos · Oh! que desgraça!
Antônio ·
Quem me amar, venha dar-me o mortal golpe.
Primeiro Guarda ·
Eu, não.
Segundo Guarda · Nem eu.
Terceiro Guarda · Nenhum de nós, por certo.

(Saem os guardas.)

Dercetas · Tua morte e os desastres afugentam
teus seguidores. Basta que esta espada
leve eu a César e lhe dê a nova,
para por ele ser bem recebido.

(Entra Diomedes.)

Diomedes · Onde está Antônio?
Dercetas · Aqui, aqui, Diomedes.
Diomedes ·
Está com vida? Não respondes, homem?

(Sai Dercetas.)

Antônio · Estais aí, Diomedes? Tira a espada
e vem ferir-me até chegar a morte.
Alto senhor, aqui mandou-me Cleópatra.
Antônio · Quando foi isso?
Diomedes · Agora, meu senhor.
Antônio · Onde ela está?
Diomedes · Fechou-se no sepulcro.
Tomada viu-se de um pressentimento
angustioso do que podia dar-se.
Pois ao certificar-se — o que impossível
será que se confirme — de que tínheis
suspeita de ter ela combinado
qualquer coisa com César — e incurável
era vosso furor — mandou dizer-vos
que se havia matado. Mas, receando
as conseqüências da notícia, logo
me enviou para dizer-vos a verdade.
Mas temo ter chegado muito tarde.
Antônio · Sim, bondoso Diomedes, muito tarde.
Por favor, chama a guarda.
Diomedes · Olá! a guarda
do Imperador! A guarda! vinde logo;
o senhor é que chama!

(Entram quatro ou cinco homens, da guarda de Antônio.)

Antônio · Bons amigos,
levai-me para onde está Cleópatra.
É o último serviço que vos peço.
Primeiro Guarda ·
Que desgraça, senhor, não terdes vida
para a nós todos até o fim dar ordens.
Todos · Que dia carregado!
Antônio · Bons amigos,
não deixeis que o destino amargo ria
de vossas dores. Deve ser bem-vindo
o que venha punir-vos; e punamo-lo,
por nosso lado, recebendo-o alegres.
Levantai-me. Já vos guiei bastante;
agora me arrastai, caros amigos.
Por tudo, agradecido.

(Saem, levando Antônio.)

shakespearebrasileiro.org

Ato IV · Cena XIII

O mesmo. Um túmulo.
Em cima entra Cleópatra com seu séquito. Charmian e Iras.

CLEÓPATRA ·
Oh Charmian! Nunca mais sairei daqui.
CHARMIAN · Consolai-vos, embora.
CLEÓPATRA · Não, não quero.
Será bem-vindo quanto for terrível
e extraordinário. Desprezamos toda
palavra de consolo. Nossa forma
de tristeza, medida por sua causa,
terá de ser proporcionada sempre
com o que a fez nascer.
(Entra, embaixo, Diomedes.)
Então! Morreu?
DIOMEDES · Paira sobre ele a morte, mas ainda
não está morto. Olhai para o outro lado
do vosso monumento; os guardas dele
o trazem para aqui.
(Entra, embaixo, Antônio, carregado pelos guardas.)
CLEÓPATRA · Oh sol, abrasa
a grande esfera em que te moves, deixa
sem luz a estrela deste mundo vário!
Oh Antônio, Antônio, Antônio! Acode, Charmian!
Iras, acode! Amigos aí debaixo,
ajudai a trazê-lo para cima.
ANTÔNIO · Silêncio! Não foi César e sua força
que derrubou Antônio, mas Antônio
de si próprio triunfou.
CLEÓPATRA · Assim devia,
realmente, acontecer. Somente Antônio
conquistaria Antônio. Mas é lástima
que tal se desse.
ANTÔNIO · Morro, Egito; morro.
Só por um pouco aqui detenho a morte,
até que eu possa, de um milhão de beijos,
dar-te nos lábios o último, o mais pobre.
CLEÓPATRA · A descer não me atrevo, meu querido —
Oh meu senhor, perdão! — Não, não me atrevo,
com medo de ser presa. No cortejo
do sobremodo afortunado César
jamais virei a ser qualquer enfeite.
Se as facas, as serpentes e os venenos
tiverem corte, acúleo ou eleito certo,
salva estarei. Vossa consorte Otávia,
com seu gesto tranqüilo e olhos modestos
não vai enaltecer-se, contemplando-me
e torcendo o nariz. Mas vem, Antônio!
Mulheres, ajudai-me! Precisamos
pô-lo aqui em cima. Vinde, bons amigos.
ANTÔNIO · Depressa, senão morro.
CLEÓPATRA · Que exercício!
Como pesais, senhor! A nossa força
mudou-se em pesadume, contribuindo
para aumentar o peso. Se eu tivesse
todo o poder da majestosa Juno,
a resistência de Mercúrio alado,
iria levantar-te, colocando-te
lado a lado de Jove. Vem um pouco.
Quem faz votos é tola. Vem, vem, vem!
(Colocam Antônio no alto, ao lado de Cleópatra.)
Sê bem-vindo, bem-vindo. Vem o espírito
exalar justamente onde viveste.
Reanima-te com beijos; se meus lábios
tivessem tal poder, eu os gastara.
TODOS · Oh! que triste espetáculo!
ANTÔNIO ·
Estou morrendo, Egito; estou morrendo.
Dá-me um pouco de vinho, porque possa
falar ainda um pouco.
CLEÓPATRA · Não, eu falo;
e em voz tão alta farei minhas queixas,
que a senhora Fortuna, sempre falsa,
a roda quebrará, de enraivecida,
pelo que lhe disser.
ANTÔNIO · Uma palavra,
doce Rainha: segurança e honra
procura junto a César.
CLEÓPATRA · Nunca juntas
andam as duas.
ANTÔNIO · Ouve-me, querida:
dos que circundam César, não confies
senão em Proculeio.
CLEÓPATRA · Só confio
nas minhas mãos, no brio muito próprio;
em ninguém junto a César.
ANTÔNIO · Não choreis a mudança lastimosa
que em meu fim se observou; não seja causa

shakespearebrasileiro.org

de vos estristecerdes; mas de minha
sorte anterior alimentai o espírito,
quando eu era o maior senhor do mundo,
o de maior nobreza, que nesta hora
não morre baixamente. Não com medo
ao meu patrício entrego o capacete;
por um romano foi heroicamente
dominado um romano. Meu espírito
já me abandona. Mais, não me é possível.

Cleópatra · Oh! Vais morrer, criatura nobilíssima?
De mim não fazes caso? É então preciso
que eu permaneça neste mundo estúpido
que, privado de ti, valerá tanto
como simples cocheira? Oh! vede, vede,
mulheres, o que passa.

(Antônio morre.)

Derreteu-se
a coroa da terra. Meu Senhor!
Murcha a grinalda dos combates se acha;
o estandarte caiu. No mesmo nível
dos homens estão moços e meninas;
planificou-se tudo, não ficando
na terra nada mais que se destaque
nas visitas da lua.

(Desmaia.)

Charmian · Calma, calma,
minha senhora.

Iras · Nossa soberana
também morreu.

Charmian · Senhora!

Iras · Olá, princesa!

Charmian · Oh princesa! princesa!

Iras · Real Egito!
Imperatriz!

Charmian · Calma, Iras; fica quieta.

Cleópatra · Agora sou uma mulher apenas,
por paixões dominada, como criada
do estábulo, ocupada em vis misteres.
Jogar agora me cumpria o cetro
nos deuses maliciosos e dizer-lhes
que nosso mundo igual ao deles era
enquanto eles privado não nos tinham
de nossa jóia rara. Tudo é nada.
A paciência é estúpida; a impaciência
só fica bem para um cachorro louco.
Será crime correr para a secreta
casa da morte sem chamados sermos?
Mulheres, que fazeis? Vamos? Coragem!
Charmian, que é isso? Nobres raparigas...
Ah! meninas, meninas! Vede: nossa
lâmpada se apagou; estava exausta.
Coragem, bons amigos. Vamos logo
cuidar da morte dele. Após, nos resta
fazer o que for nobre e muito ousado,
segundo a moda altíssima de Roma,
porque de nós possa orgulhar-se a morte.
Vamos embora. Já está frio o invólucro
deste espírito nobre. Oh minhas caras,
vamos embora, vamos! Só nos resta,
depois disto, um auxílio sempre à mão:
um fim rápido e pronta decisão.

(Saem carregando o corpo de Antônio.)

Ato V · Cena I

Alexandria. Acampamento de César.
Entram César, Agripa, Dolabela, Mecenas, Galo, Proculeio e outros.

César · Vai Dolabela, procurá-lo; intima-o
a que se renda e dize-lhe que, estando
tão por baixo, só faz tornar-se objeto
de mofa, por perder todo esse tempo.

Dolabela · César, assim farei.

(Sai.)

(Entra Dercetas com a espada de Antônio.)

César · Que significa
tal coisa, e quem és tu para atreveres-te
a aparecer assim em nossa frente?

Dercetas · Sou chamado Dercetas; no serviço
de Marco Antônio estive, o homem mais digno
de ser mais bem servido. Enquanto esteve
de pé e ordens me dava, foi meu amo,
fazendo eu uso, só, de minha vida
contra seus inimigos. Se quiseres
receber-me tal como eu fui para ele,
assim servirei César; do contrário,

te entrego minha vida.
CÉSAR · Que disseste?
DERCETAS · Digo, César, que Antônio já está morto.
CÉSAR · A queda de uma coisa desse porte
deveria fazer maior barulho.
Em todo o mundo os leões correr deviam
para o meio das ruas, procurando
suas covas os homens da cidade.
O trespasse de Antônio não é um caso
particular, pois esse nome abrange
metade do universo.
DERCETAS · Já está morto,
César; não pelo braço da justiça
pública, nem por ferro assalariado.
A própria mão que em feitos altanados
escreveu sua glória, com a coragem
que o coração lhe dava, lacerado
lhe deixou o coração. Eis sua espada
que eu roubei de seu golpe; podes vê-la
manchada com seu sangue muito nobre.
CÉSAR · Amigos, ficais tristes? Tal notícia —
embora os deuses possam castigar-me —
até os olhos dos reis deixa molhados.
AGRIPA · É estranho que nos force a natureza
a chorar o que mais obter queríamos.
MECENAS · Seus defeitos e méritos se achavam
em perfeito equilíbrio.
AGRIPA · Nunca espírito
mais raro dirigiu a raça humana;
mas com faltas, oh deuses! nos fizestes,
a fim de que pudéssemos ser homens.
César está abalado.
MECENAS · Quando põem
diante dele um espelho desse porte,
forçoso é que se mire.
CÉSAR · Oh Antônio! Antônio!
para isso te segui? Mas lancetamos
certas doenças do corpo. Inevitável
era mostrar-te um dia de declínio,
ou contemplar o teu. Juntos não fora
possível que coubéssemos no mundo.
Mas quero lastimar com estas lágrimas
tão soberanas como o próprio sangue
do coração, que, meu irmão, meu êmulo
no alto de toda empresa, igual no mando,
amigo e companheiro nas batalhas,
o braço deste corpo e o coração
em que meu pensamento se aquecia,
os nossos astros irreconciliáveis
nos hajam dividido, embora fôssemos
tão iguais. Bons amigos, escutai-me.
(Entra um egípcio.)
Não; depois voltaremos a esse ponto.
Nas feições a mensagem traz este homem.
Ouçamo-la. Da parte de quem vens?
EGÍPCIO · Uma pobre mulher egípcia, a minha
senhora e soberana, confinada
a tudo que ora é dela — o próprio túmulo —
deseja conhecer os teus projetos,
porque enveredar possa pela estrada
a que seguir a forçam.
CÉSAR · Tranqüiliza-a.
Por um de nós, dentro de pouco tempo,
vai ter conhecimento da maneira
carinhosa por que será tratada,
pois César descortês não será nunca.
EGÍPCIO · Que os deuses te conservem.
(Sai.)
CÉSAR · Proculeio, vem cá. Vai já dizer-lhe
que não receie humilhação nenhuma.
Dá-lhe o conforto que exigir o gênero
de sua dor, porque ela, em seu orgulho,
por um golpe mortal não nos escape,
pois com sua vida, em Roma, deixaremos
eterno nosso triunfo. Vai e traze-nos
o mais rapidamente que puderes
notícia do que quer que ela houver dito
e de como a tiveres encontrado.
PROCULEIO · César, assim farei.
(Sai.)
CÉSAR · Galo, acompanha-o.
(Sai Galo.)
Onde está Dolabela? Que acompanhe
Proculeio, também.
AGRIPA E MECENAS · Oh Dolabela!
CÉSAR · Não, deixai-o; pois me recordo agora
que o incumbi de um recado. Virá logo.
Vamos à minha tenda. Heis de ver nela
como entrei nesta guerra a contragosto,
como revelo gentileza e calma
nos meus escritos. Vinde, vinde,
para verdes as provas do que digo.
(Saem.)

shakespearebrasileiro.org

Ato V · Cena II

O mesmo. O túmulo.
Entram, em cena, Cleópatra, Charmian e Iras.

Cleópatra · O próprio desespero me inicia
numa vida melhor. É pouca coisa
ser tão-somente César. Ele julga-se
a Fortuna, mas é o seu lacaio,
subserviente a seus gestos. É grandioso
realizar o que a tudo põe remate,
no caso põe grilhões, tranca as mudanças,
faz dormir, sem jamais provar da lama
de que o mendigo e César se alimentam.
(Entram, embaixo, Proculeio, Galo e soldados.)
Proculeio · À Rainha do Egito envia César
muitos saudares e te pede veres
que pedido razoável ele pode
satisfazer-te agora.
Cleópatra · Qual teu nome?
Proculeio · Chamo-me Proculeio.
Cleópatra · Já me tinha
de vós falado Antônio, aconselhando-me
a ter confiança em vós. Mas não se importa
de poder ser burlada quem proveito
nenhum tirar deseja da confiança.
Se quer vosso amo que como mendiga
lhe fale uma Rainha, declarai-lhe
que a majestade, para ser coerente,
não pode menos de pedir-lhe um reino.
Se ele quiser dar a meu filho o Egito
conquistado, ter-me-á, assim, dado tanto
do que é meu mesmo, que hei de, agradecida,
ajoelhar-me a seus pés.
Proculeio · Ficai tranqüila.
Nada temais; estais na mão de um príncipe.
Ao meu senhor vos entregai confiante,
pois sua graça é tanta que se estende
a todos os que dela necessitam.
Permiti que lhe conte o modo brando
por que vos submeteis, e vereis que ele,
qual vencedor, prefere a complacência,
sempre que apelo é feito à sua graça.
Cleópatra · Comunicai-lhe, por favor, que serva
sou de sua fortuna, e que lhe envio
a grandeza por ele conquistada.
A cada hora que passa, aprendo as regras
da obediência e, de grado, neste instante
de frente o contemplara.
Proculeio · Excelsa dama,
vou dizer-lhe isso mesmo. Ficai calma,
pois sei que vossa condição comove
quem foi seu causador.
Galo · Bem vedes como é fácil surpreendê-la.
(Proculeio e dois guardas sobem para o monumento por uma escada, por trás de Cleópatra. Outros guardas tiram as trancas dos portões, patenteando o compartimento inferior do monumento.)
Guardai-a bem, até que César chegue.
(Sai.)
Iras · Real Rainha!
Charmian · Cleópatra, princesa,
estás presa!
Cleópatra · Depressa, mãos bondosas!
(Saca de um punhal.)
Proculeio · Parai, parai, digna senhora! Calma!
(Segura-a e desarma-a.)
Não façais a vós própria essa injustiça;
Amparada aqui fostes, não traída.
Cleópatra · Até mesmo da morte que liberta
da peste nossos cães?
Proculeio · Cleópatra, sede
prudente, não deixando assim frustrada
a generosidade de meu amo,
Com vos fazerdes ora essa violência.
Possa o mundo admirar sua nobreza,
que, com vosso trespasse, ficaria
para sempre abafada.
Cleópatra · Onde estás, morte?
Vem aqui; vem depressa apoderar-te
de uma Rainha que, por certo, vale
bem um monte de crianças e mendigos.
Proculeio · Moderação, senhora.
Cleópatra · De ora em diante
não comerei, senhor, nem beberei.
E se preciso for falar à toa,
não dormirei também. Em ruínas hei de
deixar a mortal casa. Faça César
o que puder. Ficai, senhor, sabendo
que amarrada jamais hei de deixar-me

shakespearebrasileiro.org

mostrar na corte de vosso alto mestre,
nem castigada pelo olhar tranqüilo
daquela Otávia estúpida. Teria
de ser içada e, assim, ficar exposta
à gritante ralé da altiva Roma?
Antes achar amena sepultura
numa vala do Egito; antes na lama
do Nilo me postai, de todo nua,
para que em monstro as moscas me transformem;
antes forca fazerem das pirâmides
altas de minha terra, para delas
ficar dependurada por cadeias.

PROCULEIO · Expandis mais os pensamentos tétricos
do que podeis razão achar em César.

(Entra Dolabela.)

DOLABELA · César, teu amo, sabe, Proculeio,
tudo quanto tens feito. Mandou ordem
para que retomasses. Quanto à Rainha,
fica sob minha guarda.

PROCULEIO · Assim me agrada,
Dolabela, com ela sê bondoso.

(A Cleópatra.)

Direi a César o que desejardes,
se de mim vos servirdes.

CLEÓPATRA · Pois dizei-lhe
que desejo morrer.

(Saem Proculeio e os soldados.)

DOLABELA · Nobre Rainha,
certamente de mim falar já ouviste?

CLEÓPATRA · Não poderei dizer-te.

DOLABELA · Certamente
me conheceis.

CLEÓPATRA · Ora, senhor, que importa
quanto eu já tenha ouvido ou conhecido?
Certamente achais graça quando as crianças
ou as mulheres vos falam de seus sonhos.
É essa vossa pilhéria?

DOLABELA · Não compreendo,
minha senhora.

CLEÓPATRA · Sim, sonhei que havia
um Rei por nome Antônio. Ah! se eu pudesse
mais uma vez dormir para, de novo,
ver um homem como ele!

DOLABELA · Se quiserdes...

CLEÓPATRA · Como o céu tinha o rosto; nele havia
sol e lua, que o giro perfaziam
e a terra iluminavam, este zero
pequenino.

DOLABELA · Criatura soberana...

CLEÓPATRA · Abarcava com as pernas o oceano;
seu braço, levantado, de cimeira
servia para o mundo. A voz tinha ele
como a harmonia das esferas, sempre
que aos amigos falava; mas querendo
fazer tremer o mundo ou amedrontá-lo,
era um trovão atroante. Para sua
munificência não havia inverno;
era um constante outono, que aumentava
a cada novo corte. Seus deleites
eram como o golfinho: o dorso sempre
deixavam ver por sobre as próprias ondas.
Coroas e diademas apertavam-se
em seu séquito, reinos e ilhas eram
quais moedas que do bolso lhe caíssem.

DOLABELA · Cleópatra...

CLEÓPATRA · Imaginais que pode haver um homem,
que houve algum homem como o do meu sonho?

DOLABELA · Gentil senhora, não.

CLEÓPATRA · Mentis, por tudo quanto os deuses ouvem.
Porém que tenha havido ou existir possa
uma pessoa assim, é o que ultrapassa,
de muito, qualquer sonho. À natureza
falta matéria para concorrência
fazer à fantasia. Mas o fato
de um Antônio haver criado, é o maior golpe
da natureza contra a fantasia,
que o descrédito lança em seus produtos.

DOLABELA · Boa senhora, ouvi-me. Vossa perda,
tal como vós, é grande, sendo certo
que acarretais com todo o peso dela.
Que nunca realizado eu ver consiga
nenhum anseio antigo; na ruína
do vosso eu sinto uma tristeza imensa,
que o coração me fere no mais íntimo.

CLEÓPATRA · Obrigada, senhor. Sabeis, acaso,
o que César de mim fazer pretende?

DOLABELA · Desejaria que soubésseis quanto
me repugna dizer-vos.

CLEÓPATRA · Por obséquio...

DOLABELA · Embora seja generoso...

CLEÓPATRA · Pensa
em me levar no triunfo?

shakespearebrasileiro.org

DOLABELA · Sim, senhora;
tenho certeza disso.
(Vozes, dentro: "Abri caminho! Abri caminho! César!")
(Entram César, Galo, Proculeio, Mecenas, Seleuco e criados.)
CÉSAR · A Rainha do Egito está presente?
DOLABELA · Senhora, é o imperador.
(Cleópatra se ajoelha.)
CÉSAR · Não; levantai-vos,
levantai-vos, Egito, por obséquio.
CLEÓPATRA · Senhor, os deuses querem desse modo;
submissa ao meu senhor sou totalmente.
CÉSAR · Abandonai os pensamentos tristes.
Muito embora o relato das ofensas
que nos fizestes tenha sido escrito
em nossa carne, delas nos lembramos
como de fatos casuais, apenas.
CLEÓPATRA · Único árbitro do mundo, não consigo
definir minha causa de maneira
que vos pareça clara; mas confesso
que sobre mim pesavam muitas faltas
que sempre envergonharam nosso sexo.
CÉSAR · Sabei Cleópatra: sempre preferimos
aliviar a agravar. Se vos mostrardes
sensata em relação a nossos planos —
que a respeito de vós são generosos —
benefício achareis nessa mudança;
porém se o peso sobre mim lançardes
de uma crueldade, entrando pela via
seguida por Antônio, dos benéficos
efeitos vos privais de meus projetos
e expondes vossos filhos à ruína
de que pretendo resguardá-los, caso
me reveleis confiança. Aqui despeço-me.
CLEÓPATRA · Podeis atravessar o mundo todo.
Pertence-vos. E nós, vossos escudos
e troféus da vitória, ficaremos
pregados onde quer que vos agrade.
Aqui, nobre senhor...
CÉSAR · Em tudo havemos
de vos ouvir no que respeita a Cleópatra.
CLEÓPATRA *(entregando-lhe um papel)*.
Aqui se encontra a relação das jóias,
do dinheiro e a baixela que eu possuo,
em seu valor exato, sem incluirmos
coisinhas sem valor. Onde se encontra
Seleuco?
SELEUCO · Aqui, senhora.
CLEÓPATRA · É o tesoureiro.
Consenti, meu senhor, que ele vos diga,
nisso empenhando a própria vida, como
nada me reservei. Fala a verdade,
Seleuco.
SELEUCO · Senhora, antes selada ter a boca
do que, sob penhor da própria vida,
dizer uma inverdade.
CLEÓPATRA · Alguma coisa
foi desviada por mim?
SELEUCO · O suficiente
para comprar o que ora declarastes.
CÉSAR · Cleópatra, não coreis; aprovo nisso
vossa sabedoria.
CLEÓPATRA · Vede, César,
oh! vede como a pompa atrai os homens!
Todos os meus, agora vos pertencem;
mas se trocássemos as sortes, todos
os vossos meus seriam. Dementada
me deixa a ingratidão desse Seleuco.
Oh escravo, em que se pode confiar tanto
como no amor comprado! Como? foges?
Fazes bem em fugir, posso afiançar-te.
Mas hei de os olhos arrancar-te, embora
sejam dotados de asas. Vil escravo,
vilão sem alma, cão, canalha raro!
CÉSAR · Acalmai-vos, bondosa soberana.
CLEÓPATRA ·
Oh César, como dói tamanho opróbrio!
Na hora em que concordais em visitar-me,
a mim, tão pequenina: vir meu próprio
servidor aumentar minha desgraça
com a parcela da inveja muito sua.
Digamos, meu bom César, que de lado
tivesse eu posto algumas ninharias
de que as mulheres gostam, coisas simples
e sem valor nenhum, desses objetos
que costumamos dar aos conhecidos.
ou digamos, também, que eu apartasse
qualquer lembrança um tanto mais valiosa
destinada por mim a Lívia e Otávia,
para que a meu favor intercedessem:
poderia ter sido denunciada
por quem houvesse de meu pão comido?
Deuses! isso me faz cair mais baixo
do que já me encontrava. *(A Seleuco.)* Vai-te embora;

shakespearebrasileiro.org

caso contrário, sentirás as brasas
do meu furor por entre a cinza fria
do meu próprio destino. Caso fosses
homem, de mim terias te apiedado.
CÉSAR · Vai-te embora, Seleuco.

(Sai Seleuco.)

CLEÓPATRA · É sabido que nós, os grandes, somos
responsáveis por quanto os outros fazem,
e que, quando caímos, nosso nome
serve para cobrir o alheio mérito.
Por isso somos dignos de piedade.
CÉSAR · No rol não incluiremos da conquista,
Cleópatra, quanto houvésseis apartado,
nem mesmo nada do que declarastes.
Tudo é vosso; disponde disso como
melhor vos aprouver. E podeis crer-me:
César não é um comerciante, vindo
para convosco regatear o preço
do que é vendido pelos comerciantes.
Ficai, portanto, alegre, não fazendo
vossa prisão dos próprios pensamentos.
Cara Rainha, não; pois pretendemos
convosco proceder sempre de acordo
com vossa orientação. Alimentai-vos;
ide dormir. Tanto cuidado temos,
e piedade, de vós, que continuamos
amigo sendo vosso. E agora, adeus.
CLEÓPATRA ·
Meu mestre e meu senhor!
CÉSAR · Não, não! Adeus.

(Fanfarra. Sai César com seu séquito.)

CLEÓPATRA · Ele fala comigo, caras, fala
somente para que eu não continue
nobre comigo mesma. Mas escuta,
Charmian.

(Fala-lhe ao ouvido.)

IRAS · Concluí, minha senhora; o dia
radioso terminou; agora estamos
em plena escuridão.
CLEÓPATRA · Vai lá de novo;
já falei nisso; está providenciado.
Vai logo; apressa-te.
CHARMIAN · Pois não, senhora.

(Volta Dolabela.)

DOLABELA · Onde está a Rainha?
CHARMIAN · Ali, senhor.

(Sai.)

CLEÓPATRA · Dolabela!
DOLABELA · Senhora, preso à jura
que de mim exigistes, que meu zelo
transforma num dever, digo-vos isto:
César pretende atravessar a Síria,
sendo sua intenção, nestes três dias
na frente vos mandar com vossos filhos.
Como puderdes, fazei uso disto.
Como o queríeis, fiz o prometido.
CLEÓPATRA · Sou vossa devedora, Dolabela.
DOLABELA · E eu, vosso servo. Adeus, boa Rainha.
Preciso esperar César.
CLEÓPATRA · Vai; adeus.
De novo, agradecida.

(Sai Dolabela.)

Iras, que dizes
disso tudo? És uma boneca egípcia
e, como eu, vais em Roma ser mostrada.
Escravos artesãos, de avental sujo,
réguas e malhos, hão de levantar-nos
para melhor nos verem. Envolvidas
vamos ser por seus hálitos pesados
que a alimentos grosseiros, só, tresandam,
e que a aspirar forçadas nos veremos.
IRAS · Os deuses nos amparem!
CLEÓPATRA · Não; é certo,
Iras; é mais que certo. Descarados
lictores, como a prostitutas, hão de
vir apalpar-nos, e versistas pífios
nos cantarão fora de metro e rima.
Histriões habilidosos, no tablado
nos improvisarão, representando
nossas festas joviais de Alexandria.
Antônio, bêbedo, há de entrar no palco,
tendo eu de ver algum menino-Cleópatra
de voz fina imitar minha grandeza
com gestos de rameira.
IRAS · Oh grandes deuses!
CLEÓPATRA · Podes acreditar-me.
IRAS · Nunca hei de ver tal coisa; tenho as unhas —
estou certa — mais duras do que os olhos.
CLEÓPATRA ·
Bravo! É o caminho de lograr seus planos
e destruir-lhes o intento mais que absurdo.

(Volta Charmian.)

Agora, Charmian, minhas companheiras,
vinde arranjar-me como a uma Rainha.
Trazei o meu vestido mais custoso.

shakespearebrasileiro.org

De novo terei de ir ao Cidno, para
ver-me com Marco Antônio. Iras, vai logo.
Agora estamos prontas, nobre Charmian.
E quando houveres feito esse serviço,
liberdade te dou para brincares
até o dia do juízo derradeiro.
Traze a coroa e tudo o mais.

(Sai Iras. Ouve-se barulho.)

Que é isso?

(Volta um dos guardas.)

GUARDA · Aí fora está um rústico que insiste
em ver Vossa Grandeza. Traz-vos figos.

CLEÓPATRA · Manda-o entrar.

(Sai o guarda.)

Como uma ação grandiosa
pode ser feita por um meio humilde!
Trouxe-me a liberdade. Continuo
na mesma decisão, sem coisa alguma
de mulher ter em mim. Tal como o mármore,
sou da cabeça aos pés: inabalável.
A lua incerta não é o meu planeta.

(Volta o guarda com o bobo, que traz uma cesta.)

GUARDA · Eis aqui o homem.

CLEÓPATRA · Vai-te embora e deixa-o.
Então, trouxeste o bonitinho verme
do Nilo que, sem dor, põe termo à vida?

BOBO · Trouxe-o, com certeza; mas não serei eu
que vos aconselhe a tocar nele, porque sua picada
é mortal. Os que morrem em conseqüência disso,
raramente, ou nunca, se restabelecem.

CLEÓPATRA · Sabes de alguém que assim morrido
houvesse?

BOBO · Oh! em quantidade! Homens e mulheres
também. Ainda anteontem ouvi falar de um caso:
uma mulher de grande honestidade, mas um tanto
amiga de mentir — o que a mulher nunca deve fazer,
senão por maneira muito honesta — como veio a
morrer da picada e que dores sentiu. Realmente, ela
deu uma ótima informação do verme; mas quem
der crédito a tudo o que as mulheres dizem, não se
salvará com a metade do que elas próprias fazem.
Mas isso é muito falível, o verme é um verme muito
caprichoso.

CLEÓPATRA · Bem, até logo; podes retirar-te.

BOBO · Desejo que tenhais muito prazer com o
verme.

(Depõe a cesta no chão.)

CLEÓPATRA · Adeus.

BOBO ·
Não deveis esquecer, vede bem, que o verme tem
suas manhas.

CLEÓPATRA · Pois não; pois não. Adeus.

BOBO · Vede bem! Não se pode confiar no verme, a
não ser sob a guarda de gente muito experta, porque,
de fato, não há nele sombra de bondade.

CLEÓPATRA · Não te preocupes, que eu saberei
tratar dele.

BOBO · Perfeitamente. Não lhe dês nada a comer, que
ele não vale o que come.

CLEÓPATRA · Será que ele comeria?

BOBO · Não haveis de pensar que eu seja tão
simplório para não saber que o próprio diabo não
come uma mulher. Sei muito bem que a mulher é
prato para os deuses, quando não é o diabo que o
prepara. Mas em verdade, esses malditos diabos
causam muito mal aos deuses com as mulheres,
porque de cada dez que estes aprontam, os diabos
estragam cinco.

CLEÓPATRA · Bem, podes ir embora. Adeus.

BOBO · Sim, por minha fé! Desejo-vos muita alegria
com o verme.

(Sai.)

(Volta Iras com o manto, a coroa etc.)

CLEÓPATRA · Dá-me o manto; coloca-me a coroa.
Anseios imortais em mim se agitam.
Nunca jamais há de molhar-me os lábios
o líquido de nossa vinha egípcia.
Vamos, Iras; depressa! Só parece
que ouço Antônio chamar-me; levantar-se
vejo-o e elogiar meu ato valoroso.
Ouço como ele zomba da ventura
de César, que aos mortais os deuses cedem
para depois justificar sua cólera.
Caro esposo, eis-me aqui! Minha coragem
irá provar que faço jus ao título.
Sou ar e fogo; os outros elementos
cedo à vida inferior. Já concluíste?
Então vem e recebe de meus lábios
o calor derradeiro. Adeus, querida
Charmian; Iras querida, um longo adeus.

(Beija-as; Iras cai e morre.)

Tenho, acaso, nos lábios a serpente?
Como! Caíste! Se te separaste
da natureza assim tão gentilmente,

shakespearebrasileiro.org

é que o golpe da morte é como aperto
de namorado, que machuca um pouco
mas sempre é desejado. Estás tranqüila?
Se assim te foste, é porque ao mundo contas
que digno ele não é de despedida.
CHARMIAN · Nuvem, espalha o teu negrume e chove,
para que eu dizer possa que até os deuses
estão chorando.
CLEÓPATRA · Isto só prova a minha
pusilanimidade. Se primeiro
do que eu ela encontrar o meu Antônio
de cabelos cacheados, ele o beijo
nela dará que para mim é o céu.
Vem, coisinha fatal;
(Aplica a serpente ao seio.)
com o dente agudo
o nó complexo vem soltar da vida.
Fica zangado, tolo venenoso;
termina de uma vez. Oh! se falasses,
chamarias o grande César de asno
sem nenhuma visão.
CHARMIAN · Estrela do nascente!
CLEÓPATRA · Oh, não! Silêncio!
Não vês que ao seio tenho o meu menino,
na ama, a dormir, mamando?
CHARMIAN · Parai! Parai!
CLEÓPATRA · Tão doce como bálsamo,
brando como o ar, gentil... Oh meu Antônio!...
Sim, tu também terás o meu carinho.
(Aplica no braço outra serpente.)
Por que haveria de ficar mais tempo...
(Morre.)
CHARMIAN · ...neste mundo tão vil? Assim, adeus.
Agora, morte, podes vangloriar-te
de que uma rapariga incomparável
em teus braços sustentas. Oh janelas
emplumadas, fechai-vos! Oh radioso
Febo jamais será de novo visto
por uns olhos tão reais. Vossa coroa
ficou pendida; vou endireitá-la
e, após, representar a minha parte.
(Entra um guarda, precipitadamente.)
PRIMEIRO GUARDA · Onde está a Rainha?
CHARMIAN · Falai baixo,
para não despertá-la.
PRIMEIRO GUARDA · César mandou...
CHARMIAN · ...um mensageiro lerdo.
(Aplica em si própria uma serpente.)
Vem depressa. Termina. Mal te sinto.
PRIMEIRO GUARDA ·
Aproximai-vos, ah! Algo se passa.
César foi enganado.
SEGUNDO GUARDA · Dolabela
veio da parte dele, ide chamá-lo.
PRIMEIRO GUARDA ·
Que é que houve por aqui? Oh Charmian!
Charmian!
Achas que foi bem-feito?
CHARMIAN · Foi bem-feito,
digno de uma princesa que descende
de tantos reais monarcas. Ah! soldado...
(Morre.)
(Volta Dolabela.)
DOLABELA · Que aconteceu aqui?
SEGUNDO GUARDA · Morreram todas.
DOLABELA · César, teus pensamentos se confirmam
neste particular. Tu próprio chegas
para ver realizado o horrível ato
que evitar procuraste tanto e tanto!
(Dentro: "Dai passagem a César. Dai passagem!")
(Volta César, com todo o seu séquito.)
DOLABELA ·
Oh senhor! sois um áugur de confiança;
o que receáveis, deu-se.
CÉSAR · Corajosa
foi até o fim. Por ter desconfiado
de nossas intenções, como legítima
soberana, tomou o caminho próprio.
Como morreram? Não percebo sangue.
DOLABELA · Quem por último esteve junto delas?
PRIMEIRO GUARDA ·
Um vil campônio, que lhe trouxe figos
dentro desta cestinha.
CÉSAR · Então, estavam
envenenados.
PRIMEIRO GUARDA · César esta Charmian
até há pouco vivia. Estava pálida
e falou. Encontrei-a endireitando
o diadema da morta. Ela tremia
e caiu de repente.
CÉSAR · Oh muito nobre
fraqueza! Se elas ingerido houvessem
algum veneno, logo o conhecêramos

shakespearebrasileiro.org

pelo inchaço exterior. Mas aparência
tem ela de quem dorme, de quem fosse
prender um outro Antônio nas cadeias
fortes de seus encantos.
Dolabela · Sobre o seio
tem um ponto de sangue, um pouco inchado,
tal como aqui no braço.
Primeiro Guarda · É a marcazinha
de uma áspide; estas folhas de figueira
deixam ver lodo, tal como se encontra
nas cavernas do Nilo em que há serpentes.
César · É bem provável que ela assim morresse.
Seu médico me disse que ela tinha
feito infinitas experiências sobre
os meios de morrer mais facilmente.
O leito carregai; do monumento
o corpo retirai também das criadas.
Sepultada vai ser junto do corpo
do Marco Antônio dela. Nenhum túmulo
jamais encerrará em toda a terra
um tão famoso par. Altos eventos
como este aqui comovem até mesmo
seus próprios causadores. Sua história
tão digna foi causa de chorados serem.
Com solene aparato, nosso exército
o enterro seguirá. Depois, a Roma.
A maior pompa. Dolabela, é que há de
determinar esta solenidade.

(Saem.)